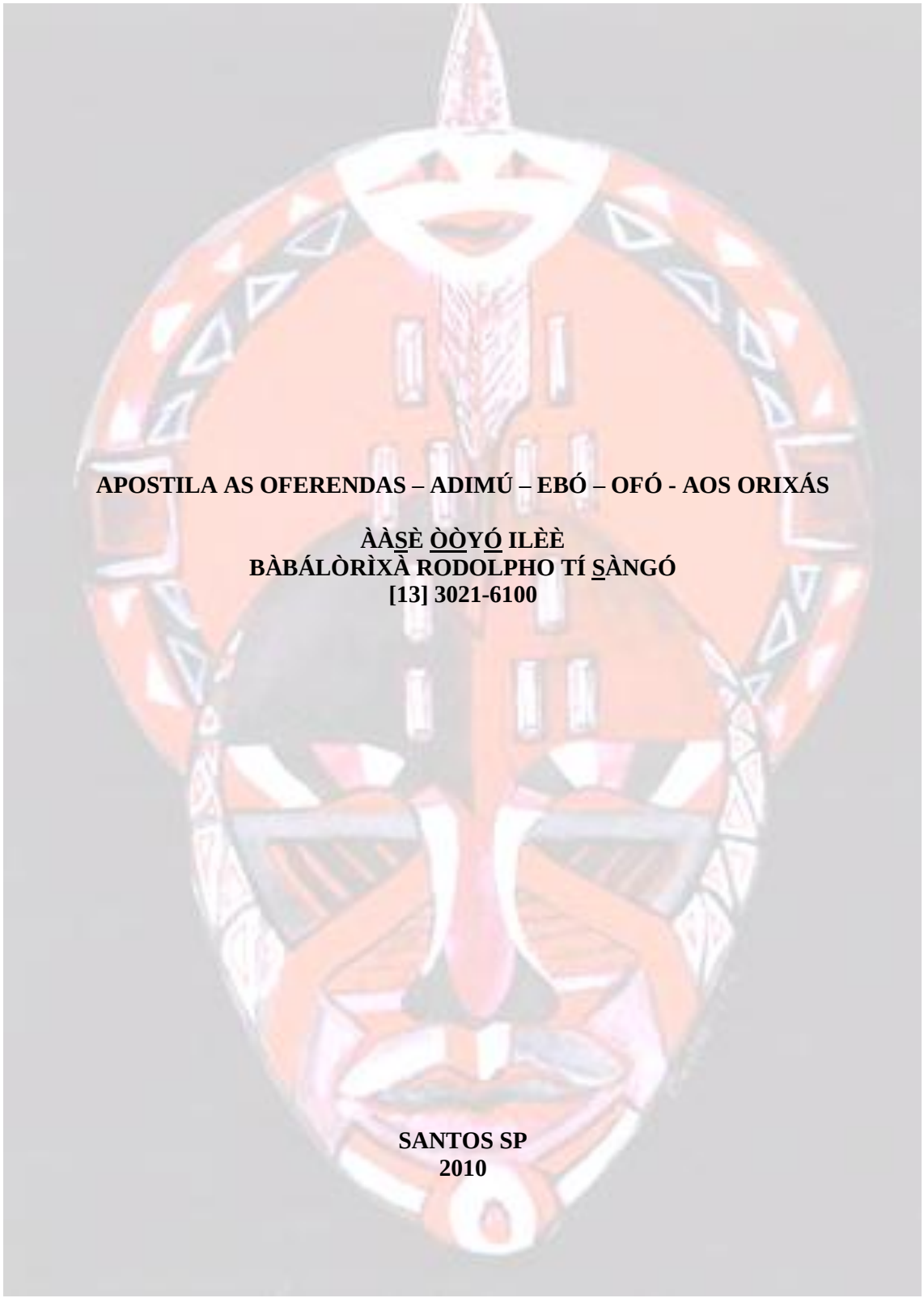


APOSTILA AS OFERENDAS – ADIMÚ – EBÓ – OFÓ - AOS ORIXÁS

ÀÀSÈ ÒÒYÓ ILÈÈ
BÀBÁLÒRÌXÀ RODOLPHO TÍ SÀNGÓ
[13] 3021-6100

SANTOS SP
2010

BÀBÁLORIXA RODOLPHO TÍ XANGÔ. FAÇA PARTE DESTE AXÉ QUE PRIMA PELO DESENVOLVIMENTO DE FORMA RESPEITOSA E EDUCACIONAL PELOS SEUS MEMBROS. ILÊ ALAKETÚ AXÉ ILÊ ÒYÓ OBÁ ÀLÁÀFÍN BARÚ ÀWODÍ ABÍBÒLÁ. CONSULTAS ESPIRITUAIS: [13] 3021-6100 SANTOS/SP. COM BÀBÁ RAFAEL TÍ ÒRÌXÀ AKINJOLÉ
CONTRATE-NOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE TODO SEU ILÊ ASÉ ÒRÌXÁ E CURSOS ADMINISTRADOS, COM OS FUNDAMENTOS NECESSARIOSEM CADA ELEMENTO APLICADO.

CORTE DE OYÓ

Cargos mais importantes da corte de Oyó e sua correspondência com a hierarquia do candomblé de Nação Nagô

Cargos mais importantes da corte de Oyó e sua correspondência com a hierarquia do candomblé de Nação Nagô

O candomblé é, de fato, uma espécie de memória em miniatura da cidade africana que o negro perdeu ao ser arrancado de seu solo para ser escravizado no Brasil.

Vejamos alguns dos cargos mais importantes da corte de Oyó e sua correspondência com a hierarquia do candomblé de Nação Nagô.

Basorun " primeiro ministro e presidente do conselho real, que tinha mais poder que o próprio rei, exercendo também a função de regente quando da morte do rei até a ascensão do sucessor. No candomblé é título dado a homem que ajuda na administração do terreiro, um dos membros do corpo de ministros em terreiros dedicados a Sangò.

Alàápínní " chefe do culto de egungum. No Brasil, igualmente alto sacerdote do culto dos ancestrais.

Balògún " chefe militar. No candomblé, cargo masculino de chefia da casa de Ogún. O falecido oluô Agenor Miranda Rocha, foi, por mais de 70 anos, o Balògún da Casa Branca do Engenho Velho.

Lágùnnòn " embaixador do rei que tinha como encargo o culto ao Orisá Ocô, divindade da agricultura. No candomblé, espécie de ajudante do pai de santo na provisão do terreiro.

Akinikú " chefe dos rituais fúnebres. No Brasil, oficial do axexê, que pode ser um Bàbálorisá ou Yàlorísá ou algum ebômi ou ogã especializado nos ritos mortuários.

Asípa " representante dos governadores das aldeias na corte de Oyó e encarregado do culto ao Orisás Ogún. No Brasil, dignidade masculina.

Isugbin " corpo de tocadores e musicistas do palácio. No candomblé são chamados alabês, nome que na África era dado aos escarificadores, os que faziam os aberês, as marcas faciais identificadoras da origem.

Ìlàrí " corpo de guardas da corte e de mulheres. Adoradores de Osòóssi e Ossain era também uma espécie de mensageiros e provedores reais. No candomblé, sacerdotes que cuidam da casa de Ossain.

Èkejì Oroba Sangò " literalmente, a segunda pessoa do Orisá, cargo sacerdotal da corte do Alafim, sacerdotisa que não incorpora o Orisá, mas que cuida de seus objetos sagrados. No candomblé, equede, todas as mulher não rodante confirmada para cuidar do Orisá em transe e de seus pertences rituais. O cargo, elevado na África, deu às equedes posição de relevo também no candomblé, onde têem o grau de senioridade.

Ìyá-nàsó " mãe do culto do Sangò do rei (divindade pessoal). No Brasil, nome de uma das fundadoras do candomblé e título feminino.

Ìyálémonlé " encarregada de cuidar do assentamento pessoal do rei. Entre nós, quem cuida do assentamento principal do pai de santo.

Ìyá-lé-òrí " mãe dos ritos de oferecimento à cabeça do rei, mantém a representação material da cabeça do rei em sua casa. No candomblé preside o bori.

Ìyálé mondè ou bàbá mondè " Mulher e homem que cultua os espíritos dos reis mortos. Chamam-na também de Bàbá. O alafim dirige-se a ela como "pai", pois elas detêm a autoridade do "pai", como as dirigentes da umbanda brasileira, também chamadas de babá.

Ìyá-le-agbò " prepara os banhos rituais do rei. No candomblé, mulher que cuida dos potes de amassi.

Ìyá-kèré " chefe das mulheres aquela que coroa o Rei

Ilaris ; é ela quem coroa o rei no ato de sua entronização.

A atribuição, mantida, é hoje no candomblé da competência de pais e mães-de-santo que colocam no trono o novo chefe do terreiro nas ocasiões de sucessão.
Muitos outros títulos do candomblé foram tomados de outras cidades e instituições que não a corte de Oyó, mas é inescondível a importância da cidade de Sangò na estruturação dos terreiros brasileiros de origem Yoruba.
De toda sorte, são variadas as adaptações, muitas vezes esvaziando-se o cargo de suas funções originais.
Com o sentido de reforçar a idéia do terreiro de candomblé como sucedâneo da África distante, para legitimar suas estruturas de mando e valorizar sua origem, cargos de tradição africana são recuperados e adaptados com certa liberdade pelos dirigentes brasileiros.
Assim surgiram os obás ou mogbás de Sangò, conselho de doze ministros do culto de Sangò, instituído inicialmente no terreiro Axé Opô Afonjá na década de 1930 por sua fundadora Mãe Aninha Obabií, assessorada pelo babalawô Martiniano Eliseu do Bonfim, e depois reinstalada nos mais diferentes terreiros que têm Sangò como patrono.
Os obás brasileiros de Sangò têm funções diversas daquelas africanas, mas os nomes dos cargos são referências constantes à vida político administrativa dos yorubás antigos.
Eles são divididos em ministros da direita, com direito a voto, e ministros da esquerda, sem direito a voto.
Cada um deles conta com dois substitutos, o otum e o ossi.
O conjunto dos obás da direita criados por mãe Aninha é constituído dos seguintes cargos:
Os da direita são:
Abíódún (nome que designa aquele nascido no dia da festa);
Àre (título que se dá a uma pessoa proeminente da corte);
Àrólu (o eleito da cidade);
Tèla (nome masculino da realeza de Oyó);
Odofun (cargo da sociedade Ogboni);
Kakanfò (título do general do exército).
Os da esquerda são:
Onansòkun (pai oficial do Obá de Oyó);
Aressá (título do Obá de Aresá);
Eleryin (título do Obá de Erin);
Oni Koyí (título do Obá de Ikoyi);
Olugbòn (título do Obá de Igbon);
Sòrun (chefe do conselho do rei de Oyó).
Estes nomes designam hoje postos sacerdotais, dignidades religiosas; na África designavam cargos de homens poderosos que controlavam a sociedade ioruba e suas cidades.
Um rei africano era, antes de tudo, um guerreiro.
Guerras, conquistas, povoamento de novas terras, escravidão, descoberta e renascimento, tudo isso faz parte da história de Sangò, rei e guerreiro, como faz parte das memórias de nossa própria civilização de brasileiros.

CULTURA IORUBÁ
Costumes e Tradições

Nós propomos a mostrar um pouco da cultura e da tradição africanas, especialmente da Nigéria. A idéia surgiu durante aulas particulares de iorubá, ministradas por Michael Ademola Adesoji. Muita coisa foi escrita em português sobre religiões afro-brasileiras, porém muito pouco se refere a tradições e costumes que originaram grande parte das tradições do Candomblé, sem ter a religião como tema principal. Cabe citar os excelentes romances de Antônio Olinto, obras consagradas, que além do enredo básico relatam com muita fidelidade os costumes tradicionais da Nigéria.

Não pretendemos fazer um guia de costumes, nem nos passou pela cabeça em momento algum criticar ou corrigir o que se faz no Brasil já há tantos anos, pois temos consciência, inclusive como praticantes da religião, que as tradições trazidas da África pelos escravos sofreram, como não podia deixar de ser, modificações devido à aculturação, transmissão oral, miscigenação de raças, e principalmente à condição de opressão em que viviam os escravos, que além de terem um idioma completamente diferente do dos colonizadores, não podiam se comunicar livremente entre si e eram tratados como mercadoria. Sem contar que vinham de diversos pontos da África, trazendo costumes e tradições diferentes, já que estamos escrevendo especificamente sobre a Nigéria, região de Ketu, origem do Nagô.

Repetimos que não é nosso pensamento ensinar nada. Queremos apenas prestar uma homenagem aos nossos ancestrais, mostrando aos interessados como se faziam e fazem cultos e rituais, e como surgiram de alguma forma nas religiões afro-brasileiras alguns costumes do dia-a-dia nigeriano.

A idéia original foi compartilhada com o Prof. Michael, que traduziu todos os textos iorubá da pesquisa. Não tenho mais notícias dele, deve ter voltado à sua pátria, mas agradeço muito sua colaboração e o grande apoio que me deu no início.

O que posso dizer do nosso trabalho é que, embora sem a pretensão de ser uma grande obra, foi feito com dedicação e seriedade.

COSTUMES E TRADIÇÕES

Verificamos uma grande semelhança entre os costumes tradicionais dos iorubá - independente de religião, e os rituais nas cerimônias dos candomblés de Ketu, no Brasil. Não pretendemos, nem sequer podemos, discutir fundamentos. Queremos apenas mostrar pontos comuns entre os antigos hábitos dos povos que formavam o grupo iorubá e o comportamento atual dos adeptos da religião trazida para o Brasil. Acreditamos em uma adaptação dos costumes para propiciar a aplicação dos fundamentos.

Cuide de suas maneiras
Cuide de suas maneiras, meu amigo!
A honra pode abandonar nossa casa,
e a beleza, às vezes, acaba.
O rico de hoje pode ser o pobre de amanhã.
A honra é como o mar,
e também a onda da riqueza;
ambas podem escapar de nossa casa.
Mas as boas maneiras acompanham-nos
até ao túmulo.
O dinheiro não é nada, As boas maneiras é que são a beleza da humanidade.
Se você tem dinheiro, mas não se comporta bem, quem irá confiar em você?
Ou, se você é uma mulher muito linda, mas não se comporta de maneira adequada,
quem desejará tê-la como esposa?
Ou, ainda, se você é muito educado, mas engana as pessoas, quem confiará em você para negócios?
Cuide de suas maneiras, meu amigo.
Sem bons modos, a educação não tem valor.
Todos amam uma pessoa que sabe se comportar.
Esta poesia iorubá retrata bem os costumes e a importância que o povo dá à educação e à honra.
TOJÚ ÌWÀ RE
Tojú ìwà re, ore mi!
Olá a ma si lo n'ilé eni,
Ewà a sì ma sì l'ára enia,
Olówó òní 'ndi olòsì b'ó d'ola
Òkun l'ola, òkun nìgbì oro,

Gbogbo won l'ó 'nsí lo nílé eni;
Sùgbon ìwà ni 'mbá'ni dé sàree,
Owo kò je nkan fún 'ni,
Ìwà l'ewà l'omo enia.
Bí o l'ówó bí o kò ní 'wà 'nko,
Tani je f'inú tán o bá s'ohun rere?
Tàbí bí o sì se obìrin rogbodo,
Bí o bá jìnà sí 'wa tí edá 'nfe,
Taní je fe a s'ílé bí aya?
Tàbí bi o je oníjìbìtì enia,
Bí a tile mo ìwé àmodájú,
Taní je gbé 'se aje fún o se?
Tojú ìwà re, 'ore mi,
Ìwà kò sí, eko d'èbgbé,
Gbogbo aiye ni 'nfe 'ni t'ó je rere.

A importância dada ao bom caráter (ìwà pele)

Ìwà é o que caracteriza uma pessoa sob o ponto de vista ético. Para ser feliz uma pessoa deve ter ìwà pele, pois quem tem bom caráter não entra em choque com os seres humanos nem com os poderes sobrenaturais. Esse é o mais importante dos valores morais iorubá, e a essência da fé consiste em cultivá-lo.

A lenda de Ìwà é relatada na literatura de Ifá.

Ìwà era uma mulher de rara beleza com quem Orúnmílà se casou, após ela ter se separado de diversos outros deuses.

Apesar de sua beleza, Ìwà tinha maus costumes e falava demais, sendo ainda preguiçosa e irresponsável.

Depois de algum tempo de casados, Orunmila, não podendo suportar o mau comportamento de sua esposa, mandou-a embora.

Entretanto, quando Ìwà partiu, Orúnmílà percebeu que não podia viver sem ela. Perdeu o respeito dos vizinhos, sua prática divinatória perdeu o valor, seus clientes se afastaram, ficou sem dinheiro, enfim perdeu tudo e foi desprezado por todos.

Tentando achar uma solução, vestiu-se de Egúngún e saiu por aí, à procura de Ìwà. Foi à casa dos 16 odu de Ifá à procura da esposa, cantando na porta de cada um:

"Grande Sacerdote de Ifá de Ajeró,
Adivinho de Ajeró,
Onde você vir Ìwà, diga-me.
É Ìwà, Ìwà que estou procurando.
Se você tem dinheiro, mas não tem Ìwà,
O dinheiro não é seu;
Ìwà é a pessoa que eu procuro.
Se alguém tem filhos, mas não tem Ìwà,
As crianças pertencem a outra pessoa;
Ìwà, Ìwà é quem nós procuramos...
Se temos uma casa, mas não temos Ìwà,
A casa não é nossa, é de outra pessoa.
Ìwà, Ìwà é o que procuramos.
Se você tem roupas, mas tem falta de Ìwà,
As roupas pertencem a outra pessoa.
Ìwà, Ìwà é o que procuramos.
Todas as boas coisas da vida que um homem possui,
Se ele perder Ìwà, elas passam a pertencer a outra pessoa.
Ìwà, é o que estamos à procura!"

(Ogbon inú, awo Alárá;
Dífá fún Alárá, Èjí Osá,
Omo Amúrin kàn dogbon agogo.
Ìmoràn, awo Ajerò, Difá fun Ajerò,
Omo ògbójú koroo jà jále.
Níbo ló gbé ríwà fún un o,
Ìwà, Ìwà là n'wá o, Ìwà.
Ó nó bó o lówó, tóò níwà,
Owo olówó ni.
Ìwà, Ìwà là n'wá o, Ìwà.
Omo la bí,
Tá à níwà, Omo olomo ni.
Ìwà, Ìwà là n'wá o, Ìwà.
Bá a nílé, tá à níwà,
Ilé omílé ni.
Ìwà, Ìwà là n'wá o, Ìwà.
Bá a láso,tá à níwà
Aso, aláso ni.
Ìwà, Ìwà là n'wá o, Ìwà.
Ire gbogbo tá a ni,
Tá à níwà.)

Depois de grande procura Orunmila achou Ìwà casada com Olójo. Quando cantou na porta de Olójo, este foi à porta recebê-lo e recusou-se a devolvê-la. Então eles começaram a brigar. Orúnmilá bateu em Olójo com a perna de uma cabra que havia sacrificado antes de sair de casa. O impacto atirou Olójo a muitas milhas de distância, e Ìwà foi levada de volta para sua casa.

Ao analisar a lenda vemos as várias razões da importância dada a Ìwà.

Primeiro é importante que o bom caráter seja simbolizado por uma mulher. No folclore iorubá as mulheres representam os dois extremos - amor, cuidado, devoção e beleza, versus fraqueza, deslealdade e falsidade. Só as mulheres podem simbolizar essa dualidade, de acordo com o conceito iorubá.

A lenda mostra ainda que o homem deve cuidar de seu caráter tão bem como cuida de sua esposa. Da mesma forma que manter a esposa é obrigação do marido, o bom caráter deve ser uma obrigação para os que têm fé e querem viver de forma correta.

As mulheres são consideradas bruxas e podem até ser mentirosas, mas os iorubá crêem que a sociedade não pode sobreviver sem elas. Da mesma forma, pode ser difícil ter bom caráter, mas não se pode ser feliz sem ele.

Ìwà foi uma mulher que perdeu os bons hábitos. Significa que o homem que quer ter bom caráter deve estar preparado para encarar egbin - coisa suja - e passar por algumas situações desagradáveis, que podem ofender sua dignidade e decência. Mesmo assim não deve se desviar do bom caminho, para não perder a essência e o valor de sua vida.

Os versos equiparam Ìwà aos bens materiais que os homens almejam: dinheiro, filhos, casa e roupas. Um homem que tem bens materiais, mas não tem caráter, provavelmente irá perder tudo para uma pessoa de caráter, que saberá melhor tomar conta desses bens. Ìwà é o atributo de maior valor entre todos, no sistema iorubá.

Vemos que o costume dos zeladores de santo, de transmitir ensinamentos através de lendas (itans) em que os Orixás se comportam como pessoas comuns, com seus defeitos e fraquezas, é também uma herança da cultura tradicional iorubá.

O R E I

Como era escolhido

Somente três meses após a morte de um rei Iorubá é que o Conselho encarregado de escolher o novo rei começava a busca, entre os descendentes das famílias reais.

As pessoas que tinham condições de ocupar o trono eram apontadas pelas famílias, e começavam as pesquisas para a escolha do novo rei.
Primeiro era consultado um Babalawo, para saber qual a indicação de Ifá (oráculo). No jogo de búzios Ifá apontava o nome escolhido, e em seguida o Conselho dava a decisão final, de acordo com as investigações sobre sua vida. Quando finalmente o nome era aceito, ninguém mais podia ir contra a escolha.
Em seguida, a Prefeitura local era informada, para aprovação oficial. Só após todas essas providências era marcado o dia em que o escolhido saberia que tinha sido eleito rei, e seria apresentado ao povo.
Atualmente, nas localidades em que ainda se realiza essa cerimônia, a Prefeitura providencia segurança policial, para evitar tumultos, mas antigamente o próprio povo se encarregava disso.
Todo o povo da localidade comparecia à reunião para apresentação do rei, incluindo todos os candidatos a rei, sem saber quem fora o escolhido. O chefe do Conselho fazia um discurso explicando o motivo da reunião, e, em seguida, um guerreiro ou homem influente no local levantava-se e tirava o chapéu do eleito.
Só nesse momento todos ficavam sabendo quem fora escolhido por Ifá, inclusive o próprio, que ficava muito surpreso, emocionado e feliz.
Em seguida batiam nele com uma folha especial, òkiká, entregavam-lhe um abebe (espécie de leque), e apresentavam-no ao povo, perguntando se gostaram da escolha. Todos respondiam:
Kábíyèsí, k'ádé pe l'orí ki bàtá pe l'ese
(Saudamos o Rei, que a coroa fique por longo tempo em sua cabeça e os sapatos em seus pés).
Ao final da aclamação o novo rei era levado para casa de um membro do Conselho, pessoa influente na localidade, o odofin. Lá ele ficava recolhido por um período de três meses. Passado esse prazo, era banhado, vestido com trajes típicos, sapatos brilhantes, enfeitado com adornos que o deixavam muito bonito, e o povo ia ao seu encontro, em meio a uma grande festa, levando-o para o palácio, onde passaria a morar.
Fazia-se um ritual antes de entrar no palácio: eram apresentadas ao rei três cabaças cobertas, a primeira contendo sal, a segunda, cinzas, e a terceira, óleo de dendê e terra. Alinhavam-se as mulheres de um lado e os homens do Conselho do outro, e o rei escolhia uma cabaça, cujo conteúdo indicava como iria ser o reinado. Se escolhesse o sal, o período seria tranqüilo; as cinzas indicavam que as coisas não iam correr bem, pois eram sinal de mau agouro; já o dendê e terra significavam que haveria fartura na cidade. Antes da cerimônia o rei oferecia um sacrifício aos Orixás, para fazer uma boa escolha, que satisfizesse o povo.
Depois da escolha, se tivesse sido tirada uma cabaça com um bom presságio, todos festejavam e o rei era levado ao trono, e aclamado pelo povo:
Kàbíyèsí
Oba aláse ekeji Òrisà!
Ki ádé pe l'órí, ki bàtá pe l'ese!
Ki ìgbà tíre dára fun gbogbo wa o!
(Salve o rei,
O rei de direito, segundo os Orixás!
Que a coroa dure em sua cabeça e os sapatos nos seus pés!
Que no seu tempo tudo corra bem para nós!) 24
O novo rei percorria o palácio, visitando o túmulo dos reis mortos. Depois voltava para o trono, onde recebia a coroa e os paramentos, que variavam de acordo com a localidade. Só então o rei podia pela primeira vez se dirigir ao povo para agradecer, recebendo muitos presentes de todos (sal, obi, dinheiro etc.), e sendo saudado por suas esposas:
Kábíyèsì.
Oba odúndún aso-òde-dero
Oba a de ki ile petù,...
(Salve o Rei!

Rei recoberto de gentilezas,
O Rei chegou trazendo saúde...)
Após esse dia, o rei submetia-se a diversos rituais espirituais de grande importância, para passar a mandar em todo o povo da cidade, inclusive os mais velhos.
Dessa antiga tradição originaram-se no Brasil os rituais e cerimonias relacionados com a escolha do Pai de Santo, nas casas de Ketu.
A posse das terras
Em princípio, todas as terras de uma localidade pertenciam ao rei. Isso é inclusive citado numa cantiga tradicional: "Ó Rei, que tens a terra, deixa-me ter a terra para andar..."
Antigamente qualquer pessoa que quisesse um terreno teria que pedir ao rei. Atualmente deve dirigir-se à Prefeitura da localidade onde se situa o terreno.
O interessado em possuir um terreno fazia uma doação de obi, vinho de palma, etc., e a prefeitura ficava com uma parte, dividindo o restante com as pessoas importantes da rua onde se situava o terreno pretendido. A doação da terra era feita em cerimônia pública, para construção de uma casa ou uma plantação. O terreno não podia mais ser retomado, a menos que a pessoa cometesse uma falta grave contra os doadores.
O novo dono era obrigado a plantar em suas terras, e devia doar ao governo, todos os anos, uma parte da produção, que era estipulada de acordo com o tamanho do terreno e o tipo de plantação.
De acordo com a tradição, nas cidades iorubá deveria existir uma área de mata, preservada, onde as pessoas iam fazer obrigações para seus Orixás. Este local, de propriedade da Prefeitura, não pode ser invadido, nem pelos caçadores, que só vão lá na época de suas festas religiosas.
Atualmente, entretanto, os costumes mudaram bastante. Algumas cidades como Lagos, Ibadán, Abeokutá e Ilesá não conservam mais o costume de preservar matas sagradas, pois nelas existem minerais valiosos que precisam ser extraídos do solo para o desenvolvimento econômico do país.
No Brasil, nas casas tradicionais de Ketu, existe um local sagrado na mata, onde são cultivadas ervas do culto e onde se faz oferendas e obrigações. Esses locais são preservados, e é proibida a entrada por qualquer outro motivo que não seja de fundo religioso. Devido à falta de espaço, principalmente nas grandes cidades, algumas Casas vão fazer suas obrigações em matas públicas.

HIGIENE E BELEZA

hábito de abrir cicatrizes no rosto
Antiga prática muito difundida entre os iorubá, hoje em dia já não é tão comum, pois com o desenvolvimento cultural e tecnológico perdeu a finalidade, e tende a desaparecer por completo.
A origem desse costume foi na Nigéria Ocidental (povo iorubá), devido à grande quantidade de guerras que havia na região. Os fulani estavam sempre em guerra com os iorubá, e as próprias cidades guerreavam entre si. No meio de uma batalha uma pessoa poderia matar alguém do seu próprio grupo. Já com as marcas no rosto a identificação tornou-se bem mais fácil, e só eram mortos ou aprisionados como escravos aqueles com marcas diferentes, ou os que não tinham marca alguma.
Outro motivo para as marcas era que os escravos, quando não tinham marcas, levavam no rosto a marca de seu dono.
Os grupos familiares também costumavam marcar o rosto para facilitar a identificação de pessoas da mesma família, ao se encontrarem fora da cidade.
Finalmente, algumas pessoas se achavam mais bonitas com cicatrizes no rosto, para "estar na moda".
Atualmente os ijebú e os ijesá não cortam mais marcas no rosto dos recém-nascidos. Em Ondo são feitas marcas somente no rosto do primogênito, enquanto em Oyo existem famílias que fazem as cicatrizes até hoje.
Alguns exemplos das marcas usadas nas diversas cidades do grupo iorubá:
1. Àbàjà meta - três marcas horizontais grandes de cada lado do rosto, ou seis menores.

2. Àbàjà merin - quatro marcas horizontais grandes de cada lado do rosto, ou oito menores.
3. Àbàjà alagbele - um dos modelos anteriores com mais três marcas verticais em cima.
4. Pélé - este tipo de marca é feito para embelezar. São três marcas verticais de cada lado do rosto. Característica da cidade de Ife.
5. Gombo - são três marcas verticais laterais bem grandes de cada lado, da cabeça até ao queixo. São características da cidade de Oyo.
6. Marca da cidade de Ondo - Uma cicatriz vertical, comprida, de cada lado, na frente do rosto.
7. Marca de Ijebú - Três marcas verticais curtas de cada lado do rosto.
8. Àbàjà de Egbá - três marcas verticais em cima de três horizontais.
9. Àbàjà de Ijesà - quatro marcas horizontais de cada lado.
10. Pélé de Èkitì - uma marca vertical de cada lado do rosto (encontra-se também três de cada lado).
11. Àbàjà de Èkitì - nove pequenas marcas horizontais (três a três) com três verticais acima.
12. Ture - diversas marcas verticais finas de cada lado.
Ao encontrar uma pessoa com uma destas cicatrizes, você poderá facilmente identificá-la como nigeriana.
Tudo indica que as “curas” feitas nos filhos de santo foram originadas nesse costume, pois servem também como identificação das pessoas de candomblé.
Beleza do corpo
Antigamente as mulheres iorubá gostavam de embelezar o corpo com tintas e cortes.
Para fazer desenhos no rosto e partes visíveis do corpo era usada a seiva de uma árvore chamada bùje. O nome dessa pintura é ínábùje, e demora muito a sair da pele.
Outros produtos vegetais bastante usados eram o òsùn (tinta vermelha extraída de uma planta) e o lààlì (planta que também dá coloração vermelha, tipo henna). O òsùn era usado nas festas de casamento, nascimento e posse do rei. Nessas ocasiões encontravam-se mulheres pintadas com òsùn dos pés à cabeça, pois achavam que isso as tornava mais bonitas.
Ao dar à luz as mulheres costumavam embelezar seu corpo e o da criança com òsùn. Uma esposa nova na casa também costumava pintar os pés com òsùn à noite, ao deitar, para ficar bonita.
O uso de lààlì é um costume haussá, trazido para a região dos iorubá pelos muçulmanos. A folha era misturada com kanun. As mulheres pintavam os pés e as unhas das mãos e pés, deixando descansar por algumas horas. Depois lavavam o local, e ele ficava cor-de-rosa.
Uma das coisas de que os iorubá mais gostavam eram as marcas. Muitas mulheres faziam cortes no rosto, testa, barriga, costas e até nas nádegas. No rosto usavam uma agulha, e no corpo uma lâmina, colocando no corte um líquido chamado oye dúdú, que fazia com que as cicatrizes ficassem pretas.
Atualmente esse costume está praticamente extinto. Os católicos e os muçulmanos, por exemplo, não o adotam.
Outra forma muito comum de embelezar o corpo era furar as orelhas, nariz ou lábios. Logo ao nascer um bebê do sexo feminino, a mãe furava as orelhas para colocar brincos que, em certas regiões como sul de Benue, terra dos tapa e haussá, eram pedaços de coral, sendo preciso furos bem grandes. Nos lábios e nariz eram usados anéis ou um pedaço grosso de coral.
Destes hábitos, o único que ainda permanece é o de furar as orelhas.
Aqui, mais uma vez, vemos que é uma herança iorubá o costume de pintar os iyawo com produtos naturais (waji, òsùn, etc.) para a festa da saída do seu Orixá.
Cuidados com os cabelos
Outro costume dos iorubá era a raspagem da cabeça para os homens, e os penteados bem elaborados para as mulheres.
Há muito tempo, se o homem não raspasse a cabeça era sinal até de falta de higiene. Atualmente o costume ficou restrito só aos mais velhos. Só entre os haussá o costume ainda é mantido por jovens.

Somente alguns homens deixavam o cabelo crescer, e usavam penteados especiais, que os identificavam como sendo devotos dos orixás: os filhos de Sango, os caçadores de Ode e os olorisá.
Na terra iorubá, ao se encontrar um homem com um penteado especial, deve-se lembrar que pertence à religião dos orixás.
• Cabelos de homem
Antes da colonização inglesa, os iorubá iam raspando a cabeça à medida a que os cabelos cresciam, e espalhavam óleo na careca para ficar brilhando. Os jovens mensageiros do rei, para serem identificados, costumavam raspar um dos lados da cabeça, deixando os cabelos crescidos no outro lado. Era o chamado ìlarì.
Atualmente os homens usam o penteado que mais lhes agradar. Muitos preferem o estilo "black". Alguns usam penteados especiais, como já foi dito, por motivos religiosos.
• Cabelos de mulher
As mulheres costumavam fazer diversos tipos de penteado. Cada estilo tinha um nome, como sukú, alagogo, korobá, etc.
Há três tipos básicos mais usados:
Irun biba - o mais simples, deixa os cabelos soltos. Quando a mulher está com pressa, faz o biba, porque é rápido e pode ser feito sem ajuda. Pode ser usado para sair.
Irun kíkó - cabelos presos, o penteado é executado com linha preta, para a mulher que não tem muitos cabelos. É feito com a ajuda de outra pessoa.
Irun dídì - penteado preso, mais elaborado. Algumas formas de fazê-lo:
Um dos estilos chama-se sùkú. Os cabelos são penteados para cima e presos no alto, juntos.
Outra forma de dídí é o pàtewo (bater palmas). O cabelo é dividido de orelha a orelha e penteado de baixo para cima dos dois lados, até se encontrarem. Quando pronto parece estar batendo palmas. É feito por profissionais.
Outro tipo é o pánúmo (boca fechada). Abre-se o cabelo em volta da cabeça toda e penteia-se de baixo para cima e de cima para baixo, encontrando-se no meio.
Ipàko elede é o cabelo solto, todo penteado para a frente.
Antigamente esses penteados eram muito usados, e até ensinados nas escolas. Depois as jovens passaram a alisar os cabelos, pela influência dos colonizadores de raça branca.
O hábito de raspar a cabeça do iyawo parece não ter nenhuma relação com este costume, pois é adotado para ambos os sexos, e simboliza o nascimento para uma nova vida, semelhante a um recém-nascido.
Vestuário
Antes da colonização os iorubá só usavam roupas típicas, hábito que permanece até hoje, porém com modificações de influência ocidental.
• Trajes sociais masculinos (egbejodá)
Para sair, os homens idosos e ricos usam uma túnica grande, chegando até aos joelhos, chamada dàndógó. É comum seu uso entre chefes de cidades.
Outra túnica típica é o agbádá, largo, bem simples, feito em qualquer tipo de tecido. Costuma ser usado por adultos, mas jovens também podem usar.
Já o gbárìyè é uma túnica sem mangas, com dois bolsos e bordados artísticos na frente.
Há também o bùbá, comprido, de tecido leve, e com mangas curtas ou compridas. É aberto do lado na altura do peito, e fecha com três botões. Serve também para usar como roupa de baixo.
Dànsíkí é outro tipo de roupa que pode ser usada por baixo.
Todas essas roupas são usadas sobre diversos tipos de calça (sòkòtò):
Sányinmotan - tipo de calça apertada nas pernas, que chegava pouco abaixo do joelho. Era usada em situações de trabalho em que a perna da calça pudesse atrapalhar. Hoje em dia não se usa mais.
Soro - é uma calça comprida, até à altura do sapato. A boca não é muito larga. Costuma ser usada com o bùbá.

Kembe - é uma calça tradicional, muito larga desde a cintura até à altura do joelho, depois afinando para baixo até aos pés.

Nenhum iorubá sai com suas roupas tradicionais, sem um chapéu (filà), que pode ser do tipo òrìbì, bentigo, àkete ou eleti aja, que tem pontas laterais, como orelhas de cachorro.

• Trajes femininos

Para sair as mulheres iorubá usam:

Aso ìró - é uma roupa enrolada em torno da cintura até aos pés, como uma canga. Costuma ser usada em cima do bùbá feminino, feito do mesmo tecido. Atualmente esses modelos são feitos em tecidos europeus.

Bùbá feminino - Semelhante ao masculino, mas com mangas mais curtas.

Sìmí é uma roupa para ser usada sob o bùbá. Principalmente quando o bùbá é de renda ou lese, devido à transparência.

Sobre o ombro esquerdo usa-se o iborùn (tipo pano da costa das baianas), que pode ser de tecido inglês ou de aso oke.

Quando as mulheres se vestem com esses trajes típicos, é indispensável usar um turbante (gélé) muito bem trabalhado.

Para completar colocam braceletes, anéis e cordões, pintam o rosto com atike e colocam tiro nas pálpebras.

No vestuário ritual das cerimonias de Ketu, predomina a influência européia, com muitas saias rodadas, lamês, brocados, sendo deixada de lado a autenticidade dos trajes regionais, bem mais simples, porém muito mais bonitos.

COMPORTAMENTO GRUPAL

A criança africana

Normalmente imaginamos as crianças africanas criadas em liberdade, brincando na selva com elefantes e outros animais que só conhecemos do zôo. A realidade, entretanto, é bem diferente. Embora os costumes estejam se transformando rapidamente pela influência européia, a educação dos filhos até hoje segue princípios rígidos.

Assim que uma criança - de ambos os sexos - se mostra capaz de carregar um pacote sem deixá-lo cair, ou de desempenhar pequenas tarefas domésticas, é treinada para fazer serviços de maior responsabilidade, auxiliando os adultos.

A pobreza, aliada aos costumes tradicionais, obriga a criança a ter uma infância pouco “normal” para a nossa cultura. Ela fornece sua parcela de mão-de-obra para o sustento da comunidade, nem que tenha, digamos, quatro anos de idade.

Cada criança é importante para o grupo como contribuição de trabalho, e em algumas tribos, antes da colonização, as crianças que nasciam deficientes eram abandonadas, morrendo de fome e frio. Em alguns locais, até o nascimento de gêmeos alterava a estrutura familiar, e um deles era sacrificado.

Com poucos dias de nascida a criança é amarrada às costas da mãe. Este processo faz com que ela se sinta segura, fique perto do alimento, e ao mesmo tempo seja embalada, enquanto a mãe trabalha. É raro haver um bebê chorão, pois a crença diz que quando o bebê chora é porque a mãe é infiel, e por isso as mães fazem tudo para evitar que seus filhos chorem.

Ao crescer um pouco, a criança passa a ser carregada nas ancas de uma irmã mais velha, ou outra menina da tribo, até aprender a engatinhar, fase que acontece mais cedo nas crianças de raça negra.

Com a colonização pelos países europeus, entretanto, a estrutura primitiva das tribos mudou bastante, e essa influência é marcante no comportamento das crianças. Elas sabem que, se estudarem, vão ter uma vida melhor. Procuram aprender o idioma do país colonizador, e têm como meta fazer um curso superior, de preferência no exterior, voltando, entretanto, depois de formadas, para desempenhar as

funções junto ao seu povo, visando o desenvolvimento do seu país.

Chegam mesmo a procurar trabalhos remunerados para poder comprar livros, e na hora das provas foi constatado seu grande nível de tensão e preocupação, muito maior do que o das crianças americanas da mesma idade.
O sucesso de uma criança na escola é considerado um sucesso de todo seu grupo, e há uma expectativa de que, depois de formada, recompense o grupo ajudando a educar as outras crianças.
As brincadeiras limitam-se geralmente às ocasiões de festa, entre a plantação e a colheita. As crianças ensaiam jogos, músicas e danças para apresentar na festa. Os ensaios são feitos em grupo, à noite, sob o luar.
Também nas grandes cidades, embora não haja esse envolvimento grupal, as crianças têm uma orientação rígida com relação a família, trabalho e estudo.
Nos candomblés de Ketu o trabalho é distribuído entre os filhos, em prol do grupo, as tarefas variam de acordo com tempo de feitura e sexo do Orixá, e os mais velhos têm sempre a obrigação de cuidar dos mais novos.
Educação doméstica
Os iorubá valorizam muito a educação e o respeito dentro de casa, transmitidos de pais para filhos.
• A importância do cumprimento
Pela manhã, ao acordar, o filho tem a obrigação de cumprimentar os pais. Se for do sexo masculino terá que se baixar no chão, e do feminino deverá se ajoelhar, e permanecer na posição até os pais lhe responderem o cumprimento. Há ainda um cumprimento específico para a tarde outro para a noite.
Existem pessoas que têm direito a um cumprimento especial, como fazendeiros, Babalawo, caçadores, ferreiros, e muitos outros. Todas as pessoas que estão trabalhando também são cumprimentadas por quem passa.
Os reis têm direito a um cumprimento especial, já citado anteriormente, que demonstra o grande respeito que o povo lhes dedica. O cumprimento é antigo, mas continua a ser usado até hoje, porque os reis são e serão sempre respeitados.
• Respeito aos mais velhos
Os iorubá geralmente respeitam e exigem respeito uns dos outros. Existe uma regra muito importante: o irmão mais novo não pode chamar o mais velho pelo nome. Deve dizer "meu irmão" ou "minha irmã". Os pais também não podem ser chamados pelo nome.
Na nossa cultura, é normal os pais saírem de manhã para comprar pão e cuidarem de todos os afazeres domésticos, enquanto os filhos dormem.
É comum, também, os filhos se negarem a fazer o que os pais mandam, e alguns até xingam os pais. Na Nigéria isso não acontece, porque a criação é muito mais rígida, e dá-se muita importância à educação dentro de casa. Os filhos desempenham pequenas tarefas, não se negam a fazer o que os pais mandam, e impera a obediência e o respeito.
No Brasil, nas casas de Ketu bem organizadas, que seguem os preceitos, os filhos, ao levantarem ou chegarem da rua, não podem falar com ninguém antes de saudar os Orixás e o pai ou mãe de santo; devem cumprimentar o pai de santo abaixados, e aguardar ordem para se levantar. Cada membro da casa deve ser saudado de acordo com seu cargo na hierarquia, e reinam o respeito e a obediência aos mais velhos.
Escravidão - Erú X Ìwofà
As palavras ìwofà e erú, embora pareçam ter o mesmo sentido - escravidão - têm significados muito diferentes. Ser ìwofà era muito melhor do que ser erú.
• Erú
A diferença de tratamento deve-se à maneira como o dono conseguia aquela pessoa para trabalhar para ele. O erú era o escravo capturado durante a guerra que, adulto ou criança, era obrigado a trabalhar sem parar, sendo maltratado o tempo todo. Se morresse, ninguém se importava.

• Ìwofà

O ìwofà era muito diferente. Tratava-se de uma pessoa alugada por seu pai a alguém rico, em troca de dinheiro. O filho ficava morando com o novo patrão, e trabalhando para ele até o pai poder resgatar a dívida. Antigamente esse sistema era muito usado, e as pessoas que não possuíam filhos ficavam trabalhando, elas próprias, até pagar a dívida.

O ìwofà podia voltar para casa depois de seu pai pagar a dívida. Enquanto estivesse na casa do patrão, o que poderia durar anos, era bem tratado, comia à mesa com a família, ganhava tudo que o filho do dono da casa ganhasse, não trabalhava debaixo de chuva ou com sol demais, tinha um dia de descanso semanal aos domingos, e não podia morrer de forma alguma na casa onde estivesse servindo. Já o erú não podia parar de trabalhar, chovesse ou fizesse sol e, se morresse, ninguém se importava.

Se o pai do ìwofà morresse, ou nunca pudesse terminar de pagar, ele ficava trabalhando e morando com o patrão, como filho, podendo se tornar independente se este resolvesse perdoar a dívida.

A filha mulher também podia ser ìwofà, só que ela só trabalhava para mulheres, nunca para homens.

Este costume é muito antigo e, ao que se sabe, foi totalmente erradicado.

Em algumas roças de candomblé os iyawos que não têm recursos para pagar as despesas com a feitura, ficam durante um bom tempo trabalhando na casa do pai ou mãe de santo, prestando serviços domésticos, e ajudando no culto. Outros, que não dispõem de tempo integral, pedem dinheiro na rua, vestidos com os trajes rituais, para pagar sua dívida.

Adolescência

Em algumas tribos, ao chegar à puberdade, meninas e meninos passavam por rituais de iniciação, compostos de cerimônias, provas e danças, que marcavam sua entrada na vida adulta. Moças e rapazes submetiam-se orgulhosamente aos rituais, por mais penosos que fossem, para serem considerados adultos pelos demais membros do grupo.

A circuncisão fazia parte da iniciação dos rapazes em quase todas as localidades. Eles passavam ainda por muitas outras provas de coragem, como passar a noite numa cabana escura, preparada pelos adultos, ouvindo sons assustadores e vendo "assombrações".

Na região oriental da Nigéria era comum trancar as meninas numa cabana de engorda onde eram alimentadas em excesso durante semanas ou meses, até ao dia da festa, quando apareciam na plenitude de suas formas arredondadas, usando colares vistosos, pintadas com corantes.

Os rapazes, após as cerimônias de iniciação, podiam tornar-se guerreiros ou caçadores. Às moças estava destinada a missão de ser dona de casa e mãe de família.

Costumes familiares

A maioria dos padrões tradicionais de comportamento em família já desapareceu, devido, principalmente, às facilidades da tecnologia moderna.

Em algumas tribos era costume o casal separar-se após o parto, indo a mulher para casa da mãe por um período. Modernamente, por exemplo, a mãe pode estar morando longe, e sem a tradicional separação rompe-se o esquema primitivo de planejamento familiar, e os filhos nascem um atrás do outro.

Nas antigas tribos era adotada a poligamia, desde que o homem pudesse sustentar as mulheres que possuía. Modernamente este sistema gera confusão, e cria mais um problema para o chefe da família.

No campo, a mãe cuidava da lavoura e dos filhos. Hoje a mulher tem que competir com o homem no mercado de trabalho, pois na maioria das vezes ele não tem condições de arcar sozinho com as despesas de toda a família.

Trabalho comunitário

Há uma série de tarefas que não se pode fazer sozinho, e os iorubá se ajudavam mutuamente usando dois processos diferentes: aaro e owe.

Naquela época, mesmo que a pessoa tivesse posses, era necessário a cooperação dos vizinhos, porque as aldeias eram pequenas - cerca de duzentos habitantes, ficavam muito distantes umas das outras, e não havia os modernos meios de transporte.

Aaro - Adultos e jovens costumavam reunir-se para ajudar uns aos outros na tarefa mais comum, que era o trabalho no campo. O aaro consistia em um grupo de fazendeiros se reunir para fazer o trabalho de um deles, depois o do outro, e assim por diante, até terminar o trabalho de todos. Cada fazendeiro conseguia ter mais trabalho feito em um dia, do que se trabalhasse sozinho por uma semana, e sem nenhuma despesa.

Owe - Quando uma pessoa precisava de ajuda para realizar uma tarefa, reunia um grupo de amigos para ajudar e providenciava bastante comida e bebida para todos. Podia ser feito o owe para cortar lenha, construir ou reformar uma casa, etc. O patrocinador gastava sempre muito dinheiro.

Esse costume ainda existe no Brasil, quando são formados mutirões de amigos e vizinhos para construção de casas e outras tarefas, especialmente no interior.

Abikú

Era chamada de abikú uma criança que se acreditava nascer e morrer várias vezes. Por exemplo, quando uma mulher dava à luz um filho e este morria, e ela continuava a ter filhos que morriam cedo ou que nasciam mortas, os iorubá acreditavam tratar-se da mesma criança que morria e voltava. Daí o nome de abikú: bi - nascer, e ku - morrer.

Diz a tradição que os abikú eram crianças que gostavam de escuridão, de andar sozinhas pelas encruzilhadas ou pela beira dos rios ao por do sol. Por isso as mulheres grávidas não deviam sair à noite, nem passar em encruzilhadas, porque se encontrassem uma dessas crianças, ela poderia substituir a criança que estava dentro da barriga, só para fazer a mãe sofrer. Dizia-se que eram crianças que prometiam voltar para o céu num determinado prazo, e então morriam. Não tinham pena nem medo de ninguém, e só faziam maldades. Eles sabiam quando alguém usava um amuleto para evitá-los.

No dia em que decidiam vir à terra, nada os segurava, nem mesmo os feitiços para evitá-los. Só os babalawo antigos e experientes ainda conseguiam controlá-los.

Para conquistar o abikú podiam ser tomadas três medidas.

A primeira era levá-lo a um babalawo poderoso.

A segunda, dar-lhe um nome de perdoar, ou de “prendê-lo a nós”. Com esse tipo de nome ele poderia ficar sensibilizado e resolver ficar. Esses nomes eram, por exemplo:

Durojeye (fica e desfruta do mundo),
Durosinmi (fica e descansa comigo),
Malomo (não vá mais embora), ou
Jokotimi (senta e fica comigo).

Quando mesmo assim a criança morria novamente, ao voltar, davam-lhe um nome que o deixasse com vergonha para ver se assim ele ficava. Um desses nomes é Aja (cachorro).

A terceira coisa que se fazia era para o abiku desaparecer e nunca mais voltar. Cortavam todos os dedos antes de enterrá-lo, ou queimavam-no e jogavam no rio. Dizem que os que voltavam mesmo assim, nasciam sem os dedos, ou com as marcas das queimaduras. Alguns, depois de tantas tentativas, nasciam abobalhados e não morriam mais, para fazer os pais sofrerem. A maioria dos retardados era considerada abikú.

Naturalmente hoje em dia apenas um pequeno número de pessoas acredita em abikú, e sabe-se que a morte contínua dos filhos se dá devido a problemas que já possuem solução na medicina moderna.

A escolha do nome dos filhos

Desde muito tempo os iorubá reuniam a família e os amigos e comemoravam o Dia-de-dar-o-nome aos filhos (Ìkomojáde), costume esse que dura até hoje.

O nome é escolhido de acordo com a família a que a criança pertence, a posição em que nasceu, se chorou muito, etc.

Se uma criança vem ao mundo num dia de festa, ou no Natal e Ano Novo, pode chamar-se Bodunde, ou Abiodun (bi/b' - nascer, odun - festa).
As que nascem na estrada, na rua, podem chamar-se Abiona (ona - estrada), e as que nascem num dia de chuva, Bejide (ejì / ojo - chuva). Já se choveu muito na madrugada do nascimento, pode-se dar um nome derivado de ojo.
Pessoas que nascem em família real, têm os nomes de Adesoji, Ademola, Adeniyi, Adekanmi, Adeniji, e outros formados com a palavra ade (coroa).
As pessoas nascidas num dia de alegria para a família são chamadas Adebayo, Ayodeji, Bolaji, e outros nomes compostos de ayo (alegria) e ola (dignidade, riqueza).
Se morre ao nascer, a criança pode receber os nomes de Popo, Kosoko, Kokumo (não morra mais), e outros, conforme visto em Abiku.
Se uma criança nasce após a morte de seu pai é chamada de Babatunde, ou Babajide. Se nascer após a morte da avó, é chamada de Iyabo.
A criança que nasce quando a mãe não tem menstruação chama-se Ìlórì. Se nasce depois de passados os nove meses, chama-se Omope.
Crianças que necessitam cuidados especiais para se criarem chamam-se Aduke, Abike, Apeke, Alake, Amoke etc.
Se nascem gêmeos, devem chamar-se infalivelmente Taiwo, o que nasce primeiro, e Kehinde o segundo a nascer.
Se forem trigêmeos, o terceiro deve chamar-se Eta-Òkò. O próximo filho do casal, tem que se chamar Idowu.
A lenda diz que Taiwo ou Tayewo (to-aiyé-wò) é o mais novo, e sai na frente para "provar o mundo", a mando de Kehinde, considerado o mais velho (ehin - atrás, de - chegar). Se Taiwo chorar, é sinal de que o mundo é bom, doce como mel, e então Kehinde sai.
Outros nomes são dados de acordo com a tradição familiar, ou quando se pede a gravidez a um orixá:
Família de caçadores: Odewùmi, Odewole, Odeyemi, Odesanmi, etc.
Família de guerreiros: Akinbòde, Akintola, Akinyemi, Akinwumi, e outros.
Família que segue a religião dos orixás: Osagbemi, Aborisade, Abegundé, Omítàdé, e outros.
Homenagem a Sango: Sangotade, Sangobiyi, Sangogbemi, Sangowende, etc.
Homenagem a Ogun: Ogunsolà, Ogundé, Ogunmola, Ogundèlé, etc.
Homenagem a Esu: Esubiyi (nascido pela vontade de Esu), Esutosin (para agradecer a Esu), etc.
Para os iorubá esu não tem a conotação pejorativa, de demônio, que tem entre nós. Esu é um orixá como os outros, e o nome é tradicional, portanto a pessoa usa-o sem problemas.
• Ikómojáde
Há um dia certo para se dar o nome aos bebês iorubá do sexo masculino: sempre nove dias depois do nascimento.
Católicos e muçulmanos dão o nome oito dias após o nascimento, independente do sexo.
No Ikómojáde - o ritual de dar o nome, usa-se orogbo, água, vinho, sal e mel. O chefe da família dá orogbo para o recém nascido comer, para ter vida longa. Depois toca os lábios do bebê com sal e mel, para ele ter uma existência alegre, e em seguida abençoa a criança, e distribui os orogbos para todos comerem.
Por causa da importância dada à escolha do nome, e de sua relação com diversos fatores da vida da família, existe o seguinte provérbio:
"Ile l'ai wò so omo l'oruko" (é a casa que se deve observar primeiro, antes de dar o nome à criança).
Entre os iorubá cada pessoa possui, também, seu oriki (cântico de louvor descrevendo o que a pessoa é, ou o que se espera que a criança venha a ser. Geralmente fala da bravura e honra, se for homem, e da formosura e virtudes, se for mulher).
Mais uma vez, vemos a semelhança entre os costumes tradicionais iorubá e os candomblés de Ketu. Os iyawo, na terceira saída, dão o "nome" que receberam de Ifá na feitura, e que é sempre

relacionado com o seu Orixá - pai ou mãe (em geral nome composto com Oba para os filhos de Sango, Yeye para os de Osun, Ya os de Oya, Iji, os de Obaluaiye, Nã os de Nanã, Iwin os de Osalá, Odo os de Yemoja etc.).

CASAMENTO E MORTE

O Casamento

Antigamente o casamento era um ato muito importante, e as pessoas casavam assim que tinham condições. Se uma pessoa com condições não quisesse se casar, tinha até que sair da cidade, por causa da insistência dos parentes e conhecidos. Tradicionalmente a escolha da noiva era feita antes dela nascer, ou quando era ainda criança.

Se um rapaz quisesse casar, procurava dentre seus vizinhos um senhor honrado, que tivesse algumas esposas. Primeiramente o jovem visitava a família, levando sempre presentes para agradar o dono da casa. Um dia pedia-lhe que, quando uma das esposas ficasse grávida, caso nascesse uma menina, lhe fosse dada como esposa.

Quando uma das esposas engravidava, o rapaz passava a cuidar do casal. Se nascesse uma menina, ele assumia a responsabilidade do bebê, pois já era considerada sua esposa. Durante o crescimento da criança o rapaz devia mostrar aos pais que podia cuidar dela, e que nunca a deixaria passar fome.

Quando ela ficava moça, começavam a se encontrar e conversar, e era marcada a data do casamento. A moça não tinha outra opção, e jamais poderia se separar do marido, pois os pais nunca a perdoariam.

• Ifojúsóde - a escolha da noiva

Com o passar do tempo, surgiu outro modo mais moderno de procurar uma noiva. Quando um rapaz adulto tinha condições para se casar, os pais começavam a procurar-lhe uma esposa, sem ele saber.

Ele, por sua vez, também começava a procurar uma noiva, e seu comportamento mudava. Tomava banho várias vezes ao dia, e passava a cuidar dos dentes, cabelos e unhas. Quando finalmente se apaixonava, contratava uma alárinà (investigadora), uma mulher cuja função era descobrir tudo sobre a moça e sua família, porque para casar precisava ter certeza de que era com a pessoa certa.

Se a moça tivesse mau comportamento, ou em sua família houvesse dívidas, mendigos, leprosos, ladrões ou qualquer fato desabonador, o rapaz desistia do casamento. Se ao contrário, tudo fosse positivo, começava o trabalho de conquista.

A alárinà elogiava o rapaz na frente da moça, e planejava uma forma de fazer com que se encontrassem. Caso a moça gostasse do rapaz, seguiam-se outros encontros, até resolverem casar. Só então a moça autorizava o rapaz a comunicar o namoro aos pais dela.

• Itoro - o pedido de casamento

Primeiro o rapaz falava com seu pai, dizendo que "viu uma flor muito bonita na casa de fulano, e desejava colhê-la", e explicava os entendimentos que já havia tido com a moça. O pai do rapaz ia então à casa da moça, com os membros mais velhos da família, para o pedido de casamento. A esta altura, ela também já havia comunicado ao pai.

Geralmente o pai da noiva marcava uma outra data, para a mãe também estar presente. No dia do pedido o noivo pagava às esposas do pai para banharem a noiva. As famílias e os amigos então se reuniam para o pedido oficial. A família do rapaz levava presentes (vinho, obi, whisky, etc.) para a casa da noiva.

Uma pessoa mais velha chamava os noivos, perguntando à moça se ela gostava do rapaz. Se respondia que sim, eram considerados noivos, e todos bebiam vinho de palmeira para comemorar.

Depois do noivado o rapaz começava a pensar no que iria oferecer como dote ao pai da noiva. No dia da entrega dos presentes, antes de começar a comemoração tudo que o noivo levava era usado para rezar para os noivos. A pessoa mais velha da família da noiva entregava a moça à

pessoa mais velha da família do rapaz, recomendando que ela não deveria apanhar, não deveria passar fome, etc.

Os presentes tradicionais oferecidos pelo rapaz à família da moça eram:
mel, cana de açúcar e sal - que quer dizer que eles iriam ter uma vida alegre, boa;
obi e orogbo - significando que eles iriam ter uma longa vida juntos;
búzios (dinheiro) - significando que iriam ser ricos;
pimenta da costa (atare) - significando fecundidade;
azeite de dendê (epo) - que queria dizer que eles não teriam dificuldades na vida.

Após a reza a moça se preparava para deixar a casa dos pais. A partir desse dia a moça passava a morar na casa do noivo, vivendo como esposa.

Todo o enxoval da noiva era dado pelo noivo, quer em forma de dinheiro para as compras, ou dos objetos que ela iria precisar. Em todo o processo, desde a busca da namorada até o dia do casamento, era sempre o rapaz quem pagava tudo, e a data só era marcada depois de tudo pago. Em algumas localidades, o pai da noiva ainda pedia ao rapaz um dote em dinheiro.

• O canto nupcial (ekun ìyàwo)

O canto nupcial era cantado pelas noivas na véspera do casamento, e faz parte da tradição oral iorubá. O ritual variava de acordo com a localidade, e descrevemos aqui como era na cidade de Oyo, de acordo com pesquisa feita naquele local.

O canto era transmitido de geração a geração, de forma oral. As noivas procuravam mulheres antigas para acrescentar mais versos aos que aprendiam desde a adolescência. Fazem isso por um período de 2 a 3 meses antes do casamento.

O canto nupcial expressava a emoção da noiva sobre as pessoas e coisas que faziam parte de sua vida, especialmente parentes e amigos. Representava seus sentimentos com relação aos parentes, principalmente a mãe. Falava de sua tristeza por ter que ir embora e deixar a família e sua posição na casa. Ia deixar tudo e passar a viver na companhia de um homem a quem pouco conhecia, convivendo com pessoas inteiramente novas para ela. Era um período de incerteza. Por outro lado havia o sentimento de alegria, pois iria se tornar independente e formar sua própria família.

No dia marcado, primeiro a moça cantava para seus pais, ajoelhada, expressando gratidão e rezando para que eles fossem recompensados pelo trabalho que tiveram com ela, e pedindo a bênção, para ser feliz, não ser estéril nem dar à luz um abikú.

Era crença iorubá que a bênção dos pais era essencial no início da nova vida de uma noiva. Pedia-lhes que rezassem para ela ser feliz com os novos parentes. Se um dos pais fosse morto, ia cantar à beira do túmulo, pedindo sua bênção.

Depois saía pela cidade, cantando de casa em casa. Cantava para os parentes e amigos, expressando sua ansiedade, seus medos e incertezas sobre a vida: medo de não saber resolver os problemas tornando-se ridícula ou malquista, medo de ser maltratada ou insultada.

Se no meio do caminho encontrasse uma amiga de infância, deveria cantar lembrando a amizade, as artes que fizeram juntas, dizendo que o que as estava separando não era briga nem inimizade, mas a necessidade de constituir uma nova família.

No canto ela falava discretamente de sua beleza, e do orgulho de ter preservado a virgindade. Tradicionalmente as virgens usavam contas na cintura.

Se encontrasse uma mulher casada estéril, deveria cantar expressando sua simpatia, e rezando para que a outra ficasse fértil. Se encontrasse outra noiva realizando a mesma cerimonia, as duas iniciavam uma competição de canto, como um desafio.

O canto nupcial não tinha rima nem métrica regular. O comprimento de cada verso podia variar, de acordo com a moça. A beleza do canto dependia também da beleza da voz da noiva.

• O ritual do casamento

O ritual do casamento variava de cidade para cidade, mas era sempre à noite que a noiva ia para casa do noivo.

Se a moça fosse de família rica penteava os cabelos de forma diferente e colocava roupas e sapatos da melhor qualidade. Se fosse filha de um rei enfeitava os cabelos, braços e pernas com contas de coral. No caminho era cumprimentada como o próprio rei.
Na hora da noiva deixar a casa do pai, este rezava por ela, e toda a família acompanhava as orações, acompanhando a moça até à rua, em cortejo, que passava pelas casas dos parentes dos noivos, para todos a abençoarem.
Ao sair da casa dos pais a moça recebia um menino ou menina para ficar como seu ajudante (em geral uma irmã ou irmão mais novo). Essa criança passava a executar o trabalho doméstico.
Ao chegar à casa do noivo o rapaz saía, porque a tradição dizia que ela não devia encontrar o noivo dentro de casa. Antes de a moça entrar, o noivo lavava-lhe os pés, para deixar todo o passado do lado de fora e começar uma vida inteiramente nova. Na entrada da porta era colocada uma cabaça, que a noiva devia quebrar com os pés. O número de pedaços em que ela a conseguisse quebrar indicava o número de filhos do casal. Por esse motivo, era sempre comprada uma cabaça bem fina, para se quebrar em muitos cacos.
Ao entrar na casa do noivo, a moça era recebida pela família e levada para um quarto, onde ficava durante três dias. No terceiro dia o marido ia dormir com ela, para saber se já havia conhecido outro homem antes dele. Se a moça não fosse mais virgem, era devolvida à família.
Na manhã do quarto dia a família da noiva ia visitar o casal. Se a moça não tivesse casado virgem, a família do noivo dava-lhes de presente um jarro de vinho pela metade, significando que a mulher era usada. Ela voltava para casa dos pais, e a família ficava coberta de vergonha.
Se a moça fosse virgem, no sétimo dia após o casamento as outras esposas arrumavam tudo, preparavam comida, e todos comemoravam.
A partir daí só se ouvia falar nela após três meses. Havia uma festa em que ela é que fazia a comida, e ela podia sair pela primeira vez para visitar seus pais. Depois desse dia já podia ir às compras, fazer comida para todos, e passava a ser chamada iyawo (esposa), até o marido arranjar mais uma esposa.
Sàráà omo - Doar a filha - tipo de cerimônia de casamento feita pelas pessoas que seguiam a religião muçulmana. O pai criava a filha e planejava doá-la como esposa a um pastor muçulmano, calmo e de bons costumes. O pastor só ficava sabendo na véspera, quando o pai mandava dizer que se preparasse para dar banho em uma esposa. Ele não podia recusar, e tinha que se preparar para recebê-la. O pai da moça dava roupas, sapatos, dinheiro, tudo para os noivos, e havia uma grande festa, após a qual eram considerados marido e mulher.
Havia outro processo de casamento muçulmano que era idêntico ao tradicional yorubá, mudando apenas as rezas. O pai do rapaz fazia o pedido ao pai da moça, e no dia marcado ela era levada, à noite, para casa do noivo, sendo considerados casados.
Atualmente é raro encontrar alguém que ainda siga estes rituais. Modernamente os casamentos são realizados no civil e no religioso, de acordo com a crença e a vontade dos noivos, e é o rapaz que escolhe sua futura esposa.
Casamento católico - cerimônia igual à realizada em qualquer parte do mundo. Na Nigéria quem casar na igreja católica só podia se separar depois de três anos.
Casamento civil - Feito no cartório, o processo é sempre o mesmo, independente de religião. A diferença é que os cristãos juram sobre a Bíblia, os muçulmanos com o Kovan e as pessoas da religião dos orixás juram por Ogun.
Atualmente, nas casas de candomblé brasileiras, a recém-iniciada, chamada iyawo (iyawo), após a feitura, não pode sair da casa de santo por um certo período, que varia de casa para casa.
A morte - os rituais de enterro
Os iorubá acreditavam que ao morrer iriam para outro mundo, semelhante a este. Por esse motivo, os mortos eram muito bem cuidados, para não passarem vergonha quando lá chegassem. O caixão seria a casa do morto no outro mundo.

O povo apresentava dois comportamentos diferentes diante da morte. Se morresse um jovem, ou ocorresse uma morte inesperada, era encarada com tristeza. Já se morresse um velho que teve uma vida próspera, todos festejavam.
Se um jovem morresse subitamente, todos choravam muito, e procuravam descobrir o motivo, chamando até o espírito do morto para dizer se fora ele mesmo (espírito) quem havia levado a pessoa, ou se fora um trabalho feito por alguém.
O corpo era enterrado dentro de casa, e a família fazia muitos trabalhos espirituais, para que o mesmo não acontecesse com outros membros.
Se morresse uma pessoa pobre, sem parentes para pagar o enterro, os conhecidos enrolavam o morto em suas roupas, e cavavam um buraco, fazendo o enterro sem nenhuma despesa. No caso de um mendigo ou um leproso, era enterrado no mato, longe da cidade.
Se uma pessoa morresse ao visitar alguém, deveria ser enterrado na casa onde morreu, pelo dono da casa, que mandava avisar a família do morto.
Uma morte muito triste era a de mulher grávida. A criança deveria ser tirada da barriga, e a mulher, em algumas localidades, era levada para o mato, e encostada a uma árvore.
O corpo de um corcunda (abuké) também não podia ser enterrado dentro de casa. Devia ser levado para o mato, e feito um ritual.
Já os presidiários não eram enterrados. O corpo ficava jogado para os animais comerem. Por causa disso as pessoas evitavam fazer coisas erradas, com medo de morrer na prisão.
Quando uma pessoa morria de sarampo - que era considerado o Orisa Sonponno - a família não podia chorar, para não aumentar a força dele. Todos vestiam roupa de festa, bebiam e dançavam. Não se podia dizer do que a pessoa tinha morrido, só “Baba gbe e lo” (o pai o levou), ou “Baba ti gbe e ni iyawo” (o pai casou com ele). O enterro era feito pelas pessoas que cuidavam do Orisa, e o corpo era enterrado fora de casa, num local que só essas pessoas conheciam.
Quando um raio matava uma pessoa, os filhos de Sango levavam o corpo para um lugar chamado áró, deitavam-no junto ao fogo, e faziam um ritual para tirar o raio e tentar acordar o morto. Conta-se que havia casos em que a pessoa acordava, mas se o raio fosse fulminante, o corpo era enterrado num local desconhecido da família, com todos os pertences do morto e algumas oferendas.
Se alguém caía de cima de uma palmeira, era enterrado no local onde caiu.
Quem morria afogado devia ser enterrado na beira de um rio.
Os caçadores famosos eram enterrados no mato pelos outros caçadores. Eles pegavam todos os pertences de caça do morto, e colocavam-nos numa árvore próxima ao local, arrumados como se fosse uma pessoa, com o chapéu, a bolsa e a arma presos nos galhos da árvore. Ali eram feitas oferendas para o morto.
Ao morrer um rei, ninguém podia comentar o assunto. Só depois de serem feitos os rituais era dado um toque num tambor especial, anunciando à cidade que o rei havia morrido. Em Oyo o corpo do rei era levado para um lugar chamado bara, e até chegar lá o cortejo parava em onze locais diferentes para fazer rituais.
Antigamente o rei era enterrado com doze pessoas: quatro mulheres em baixo, quatro em cima, e dois homens de cada lado do caixão. Eles seriam os empregados do rei no outro mundo. Algumas dessas pessoas chegavam a tomar veneno para serem enterradas com o rei e servi-lo no outro mundo.
• O tratamento do cadáver
As circunstâncias da morte, idade e status social de uma pessoa, eram fatores importantes que ditavam a forma de tratamento do cadáver e a condição das cerimônias do funeral. Quando uma pessoa que teve uma vida longa e respeitável morria de uma forma “boa”, o cadáver era imediatamente enrolado numa esteira, e eram enviadas mensagens aos familiares. Morassem perto ou longe todos os que recebiam a notícia vinham prestar suas últimas homenagens ao morto. Normalmente era nessas ocasiões que as pessoas conheciam os parentes mais afastados:

tios, tias, sobrinhos, e primos de terceiro grau, pois todos se reuniam. Enquanto isso eram feitos os preparativos para lavar o defunto.

O cadáver recebia um banho morno, com sabão e esponja. O cabelo da mulher era bem penteado, e o do homem às vezes completamente raspado, ou penteado e escovado. Era costume o filho mais velho estar presente quando o corpo de seu pai era lavado, e ele deveria ser o primeiro a jogar água. Este costume dava ênfase à importância de ter um filho homem como descendente. O banho do defunto era muito importante, porque eles acreditavam que a pessoa teria que estar limpa para ser admitida na morada dos ancestrais. Se um cadáver não fosse lavado dentro do cerimonial, acreditava-se que ele não teria lugar junto aos ancestrais e o espírito ficaria vagando. Esse espírito era chamado iwin ou iseku.

Depois do banho o cadáver era vestido com roupas adequadas, muito bonitas, em geral todo de branco. Se fosse homem, colocava-se um chapéu branco.

O morto não podia ser vestido de vermelho, caso contrário, ao renascer, seria leproso.

Era então trazido para a sala de estar e colocado numa cama muito bem decorada. Começava a festa, com música e dança. Do lado de fora disparavam-se armas. Representava um sinal de respeito ao morto e uma forma de anunciar ao povo que ocorreu um grande evento.

Como antigamente não havia previsão da duração das cerimônias fúnebres, e poderia ocorrer deterioração, eles tinham métodos muito antigos de preservação, de forma que o corpo poderia ficar dois ou mais dias sem cheirar mal. A idéia era de que o morto não deveria ser enterrado imediatamente, deveria ter a oportunidade de esticar as costas e ter o último descanso na sua morada da terra. Durante esse período as roupas do morto e a decoração da cama onde ele estava deitado eram trocadas, cada uma mais bonita e mais rica do que a outra. Fazia parte das honras rendidas ao morto. As crianças e os parentes próximos davam belos e caros presentes que eram levados pelo morto para o outro mundo.

Muito tempo atrás os túmulos dos iorubá eram cavados dentro de casa, em quartos destinados a esse fim. Os familiares cavavam um buraco de seis a nove metros, fazendo uma espécie de quarto em baixo. Depois colocavam o caixão no buraco e toda a família jogava terra e conversava com o morto, mandando recados para os outros familiares já mortos. Em seguida os homens cobriam o buraco com terra e matavam uma galinha preta em cima.

Atualmente essa prática mudou. Os túmulos são cavados nos compounds familiares.

Os cristãos eram enterrados próximo à igreja, os muçulmanos, na frente de suas casas.

Para os iorubá, enterrar alguém num cemitério comum era deixá-lo de parte e perder contato com ele, porque a veneração normal aos ancestrais, que incluía rituais diversos e rezas, não era adequada para ser feita em lugar público, só podia ser feita em família.

No dia em que o corpo ia ser enterrado, muitas pessoas se reuniam para as últimas homenagens. O enterro normalmente era feito à tarde. O corpo era trazido para fora e colocado num carro (carruagem). Diferentes grupos de dança e canto se apresentavam e eram bem recebidos e remunerados pelos filhos e parentes do morto.

Antes do por do sol a dança parava, e o cadáver, enrolado em lindas e pesadas roupas e numa esteira especial, era levado em solene procissão para o túmulo.

O corpo era colocado cuidadosamente no túmulo, cada parte do corpo arrumada. Eram colocadas junto lindas roupas, peças de prata, dinheiro e tudo que o morto poderia vir a precisar no outro mundo.

Há muito tempo, quando morria um rei ou um chefe importante, escravos e esposas do morto eram enterrados com ele, mas hoje em dia alguns desses costumes antigos mudaram. Não se pode imaginar seres humanos serem enterrados com o chefe morto.

Assim, foi feito um tipo de substituição. Um animal era imolado e o sangue jogado sobre o túmulo. Acredita-se que o animal sacrificado acompanhava o morto para o outro mundo. Antes de fechar o túmulo, muitas das pessoas presentes, principalmente crianças e parentes próximos, rezavam alto e demoradamente enquanto choravam e atiravam terra no cadáver, pedindo-lhe

que fizesse uma coisa ou outra pelos vivos que estava deixando. Também mandavam mensagens para os ancestrais que haviam morrido anteriormente.
Esta é uma evidência viva da crença no outro mundo e no poder dos ancestrais.
Acreditava-se que o morto estaria iniciando uma viagem para uma outra esfera, onde ele ou ela iria ser muito mais poderoso do que antes.
Desta forma, entre os iorubá era normal o cadáver ser tratado cuidadosamente.
A mulher era enterrada com os objetos de que necessitaria de imediato: colares, brincos, roupas, comidas e utensílios; um caçador era enterrado com suas armas; uma pessoa da família real era acompanhado por um séquito de empregados e escravos, que eram executados na ocasião do enterro. Podemos deduzir desta prática que era esperado que os mortos tivessem no outro mundo as mesmas vantagens sociais e econômicas que tinham na terra. Isto sugere também que a vida lá continuava de forma muito semelhante à vida neste mundo.
Acreditava-se ainda que os novos ancestrais iam se encontrar com os antigos, e acontecia uma reunião. Por esse motivo os vivos mandavam mensagens para os antigos. Os iorubá forneciam comida a seus ancestrais e faziam oferendas regulares em seus túmulos. Quanto maiores as oferendas, mais bem colocados os ancestrais, e consequentemente maiores os favores que eles poderiam prestar a seus descendentes vivos.
• Localização do outro mundo
O problema é definir onde esse mundo está localizado. Os antigos nos dão diversas respostas. Alguns acreditavam que os mortos tinham uma longa jornada a cumprir para chegar a sua morada. Era preciso atravessar um rio, e havia um barqueiro que precisava ser remunerado. Havia montanhas para escalar, e um porteiro para abrir o portão. Por esse motivo é que se dizia que o recém-morto precisava acumular energia, participando das comidas e bebidas oferecidas nas cerimônias do velório, antes de embarcar para a longa jornada.
Outros diziam que a morada dos mortos era embaixo da terra, e havia quem achasse que os mortos ficavam num mundo invisível separado do mundo dos vivos por um espaço muito tênue, e que eles estavam bem perto dos vivos. Outro grupo achava que os mortos iam para certos vilarejos antigos e mercados na terra dos iorubá.
Há ainda muitas histórias com relação a pessoas que estiveram à beira da morte, depois ganharam consciência e foram privilegiadas em poder fazer relatos de suas experiências durante o intervalo entre desfalecer e voltar à consciência. Essas histórias incluem bater a uma porta, onde seus ancestrais os mandavam de volta, momento em que se achavam no mundo dos vivos. Há ainda histórias de homens que morreram e apareceram morando em outra vila ou cidade e levando vida normal, até desaparecerem repentinamente, quando sabiam que os moradores da localidade os haviam descoberto. Há depoimentos de pessoas que encontraram esse tipo de morto.
Também crianças que estavam na escola no momento em que um de seus pais faleceu, testemunharam que seu pai ou mãe foi visitá-los e deixar instruções e mensagens importantes. Esses espíritos assumem forma humana. Fica muito difícil fazermos uma afirmação categórica sobre o assunto. Como os antigos, até hoje os iorubá não tentam resolver o problema à luz de uma teoria coerente, preferindo usar diversas abordagens e custando a reconhecer as contradições. Conclui-se que para eles é a “alma” que sobrevive à morte, e se Olodumare é sua fonte, a “alma” volta à fonte, para ser usada de acordo com a vontade do deus maior.
Acredita-se que quando a pessoa que está morrendo diz “Mò nre le” - “Estou indo para casa” quer dizer que ela está voltando ao lugar de onde veio, aos pés de Olodumare.
• Crença nos ancestrais
Até hoje os iorubá acreditam que seus mortos continuam vivendo em outro mundo, crêem na sua existência ativa, e sabem que a morte não finaliza a vida humana, pois a vida na terra se estende a uma outra vida no além, no local chamado de "morada dos mortos".

Quase todas as religiões tendem a ter uma visão holística da morte: além dos componentes físicos tangíveis, o homem possui um elemento intangível e indestrutível, que sobrevive à morte física - é a "alma".

Com relação aos componentes do ser humano, os iorubá acham que a forma física humana (ara) é moldada em barro por Orisanlá. Em seguida Olodumare lhe insufla seu hálito, o chamado emi (espírito). Além do ara e do emi o homem recebe ainda a "alma". O conceito de "alma" é muito complexo e dificilmente é usado no sentido correto.

Por não possuírem vocabulário adequado, os antigos tradutores do iorubá traduziram "alma" como okan (coração) ou emi (espírito). Coração é um órgão tangível, mas a "alma" é intangível, sendo a essência do ser.

Quando um ser humano vai ser criado, ele recebe o espírito e a "alma", além do corpo físico. Quando o corpo físico morre, o espírito e a essência que aqui chamamos de "alma" não acabam, voltam para Olodumare, que é a fonte que dispõe das "almas" segundo sua vontade.

A religião iorubá enfatiza ao mesmo tempo a reencarnação e a continuação da vida em outro mundo semelhante ao nosso. A morte é vista não como extinção, mas como uma mudança de uma vida para a outra. Literalmente, um ancestral é alguém de quem uma pessoa descende, por parte de pai ou mãe, que viveu num tempo passado, como um avô ou bisavô. Porém quando os iorubá falam de ancestrais se referem aos espíritos de seus antepassados com os quais os vivos convivem como filhos, de forma afetiva.

Não é qualquer morto que recebe essa consideração. Para receber esse tratamento esses homens e mulheres devem ter vivido bem, ter tido uma vida longa, ter deixado bons filhos e boas lembranças. Crianças ou jovens que morrem prematuramente, mulheres estéreis e todos os que têm uma morte ruim, por exemplo, uma pessoa morta por Sango, Ayelala ou Soponno, ficam excluídos deste grupo respeitável.

Depois da morte, o pai de um homem torna-se para ele a figura mais importante no mundo dos espíritos. O pai é visto como aquele que une o indivíduo à sua linha de ancestrais. Além dele todos os membros de gerações passadas que estão no mundo dos espíritos são considerados ancestrais dessa pessoa, e ele está ligado a todos eles.

Embora os ancestrais incluam homens e mulheres das gerações anteriores, os ancestrais masculinos são muito mais importantes. Para se tornar um ancestral conceituado, um homem tem que viver bem, morrer bem e deixar bons filhos, que lhe façam rituais de funeral adequados, e que continuem em contato com ele por intermédio de oferendas e orações.

• Julgamento após a morte

Estes fatos levantam a questão do julgamento após a morte. Acreditam que o julgamento ocorre o tempo todo, aqui mesmo na Terra. As divindades que combatem o mal podem punir pessoas, que terão assim uma morte "ruim", mas o julgamento final pertence a Olodumare que decide quem são os bons e os maus. Os bons são privilegiados, indo para o "céu bom", voltando para a essência que é Olodumare, e os maus indo para o "céu mau". O julgamento baseia-se nas ações dos indivíduos na Terra.

Os detalhes do julgamento não nos são contados pelos mais velhos, mas eles têm um ditado importante: "Ohun gbogbo tí a bá se láyé, la óòkúnle rò l'Orun" (Daremos conta no outro mundo de tudo que fizermos na Terra). Só quando alguém é julgado tem a chance de ir para o "céu bom" se reunir com os ancestrais e viver outra vida.

O "céu bom", (céu dos nossos pais) é dividido em diversos países, cidades e vilas, onde grupos diferentes de pessoas vivem juntas, como na Terra. Após o julgamento a pessoa boa tem permissão para ir para o local habitado por seus ancestrais, e a vida continua como aqui. Os bons usam boas roupas, comem boa comida e podem reencarnar e nascer de novo na família.

Se alguém é condenado vai para o "céu dos maus", onde sofre muito. A alma não pode se reunir com os ancestrais, e quando é liberada, finalmente, não tem chance de ter uma vida normal, e é condenada a vagar por locais desertos, comer restos de comida, vermes, e, às vezes, reencarnar em animais e pássaros.

Por ocasião da morte de parentes, as crianças costumam fazer uma saudação de despedida, desejando que o morto "não coma centopéias, não coma vermes, mas que coma junto com os outros, no céu, todas as coisas boas que se comem por lá."
Os filósofos iorubá sempre lembram que se você não quer comer centopéias e vermes, no outro mundo, deve se comportar bem, enquanto está vivo. Os seres humanos são responsáveis por suas ações.
• Reencarnação
Os iorubá acreditam que os ancestrais têm modos diferentes de voltar ao mundo dos vivos. Uma das formas mais comuns é reencarnar na própria família, nascendo como filho ou neto do morto. Acredita-se que os ancestrais escolhem isso devido a seu amor pela família e pelo mundo.
Para os iorubá o mundo é o melhor lugar para viver. Os vivos desejam ver seus mortos reencarnar o mais depressa possível, depois da morte. Reza-se "Bàbá/Iya á yá l'ówóò re o!" (Que seu pai/mãe volte a ser uma criança para você). Às vezes, em seu entusiasmo, dizem: "Bàbá/Iya á tètè yà o!" (Que o pai/ mãe reencarne rápido). O filho que tem a sorte de dar à luz ao pai ou à mãe sente-se particularmente feliz.
Quando nasce uma criança os iorubá consultam o oráculo para descobrir qual o ancestral que reencarnou, mas acredita-se que se uma criança nasce logo após a morte do pai ou avô, é a alma do recém morto que está de volta. O menino recebe o nome de Babatunde (o pai voltou). Uma menina que nasce após a morte da mãe ou da avó se chama Iyabó, ou Yétúnde (a mãe voltou). Não se costuma dar esses nomes a mais de uma criança, após a morte de pais ou avós. Quer dizer, o mesmo pai ou mãe não reencarna diversas vezes, nem em diversos parentes, e sim uma só vez numa determinada criança da família.
Note-se que só os ancestrais bons reencarnam em seus descendentes. Nenhuma família deseja ter a reencarnação de um ancestral que morreu mal. Os maus ancestrais - como já foi dito - reencarnam em animais ou pássaros, e vagam em locais abandonados e desertos. 78
No Brasil quando morre uma pessoa de Santo, especialmente se tiver um cargo na sua roça, são feitos diversos rituais com o morto e seus pertences. Em seguida a casa passa por longo período de rituais. É o chamado asese, de origem iorubá.
• A viúva (opó)
Era costume iorubá a viúva não sair de casa, em hipótese alguma, nem pentear os cabelos, durante três meses. Ela devia dormir em cima do túmulo, e ali chorar três vezes ao dia, durante sete dias. Passados os três meses, raspava a cabeça e fazia vários rituais. Só então podia sair à rua.
• A herança
As esposas, filhos menores, casa, fazenda, e os demais pertences do morto eram divididos como herança. Se não houvesse um testamento escrito, os membros mais velhos da família se encarregavam da partilha.
Os agraciados eram primeiro o filho mais velho, depois a filha mais velha, e assim por diante, até chegar à caçula.

O SOBRENATURAL NO FOLCLORE AFRICANO

As lendas
Apesar do elemento sobrenatural ser muito marcante no folclore, havia na mente do povo uma distinção bem clara entre realidade e fantasia. As lendas do folclore iorubá abrangiam a terra, o céu (òkè Orun), a região sob a terra (ìsàle ile) e a região sob o mar (ìsàle omi).
Nas lendas, duas famílias podiam deixar este mundo e continuar suas lutas no céu, uma mulher poderia alongar a procura de um objeto perdido até ao mundo dos espíritos sob a terra, ou um fazendeiro podia fazer uma plantação de cará sob as águas, na época da seca.
A falta de conhecimento profundo sobre os fenômenos naturais às vezes era responsável pela crença no sobrenatural. Por exemplo, por não terem conhecimento da origem do arco-íris, acreditavam ser uma grande serpente que guardava os tesouros dos deuses.

Ao se sentirem cercados por forças fora do seu controle, conscientes de sua impotência e inferioridade diante da natureza, o medo do desconhecido dava-lhes a certeza da existência de uma força transcendental que não sabiam explicar, mas eram obrigados a aceitar, e atribuíam-na ao sobrenatural. No folclore o povo projetava todos os aspectos do sobrenatural. As lendas refletiam o que as pessoas faziam, o que pensavam, seus valores, alegrias e tristezas. O aspecto mais importante era a intervenção dos deuses, semideuses e espíritos na vida dos seres humanos.

Se uma fazenda produzia mais do que as outras, não era porque o fazendeiro fosse mais trabalhador, e sim porque algo sobrenatural fora infiltrado no solo, ou porque a água da fazenda vinha da terra dos deuses. Se um caçador matasse muitos animais, diziam que era ajuda de um poder sobrenatural.

Dos muitos deuses iorubá, Osonyin, deus das folhas, era o único que aparecia em pessoa para ajudar os seres humanos, quando havia um problema. Ele demorava, mas sua intervenção sempre dava certo. Osonyin era representado de diversas formas: com dezesseis pernas, com quinze, ou mais freqüentemente com uma só perna. A demora em intervir era proposital, pois o suspense era fundamental nas lendas.

A magia era freqüentemente usada nas lendas para livrar as pessoas de situações difíceis, ou para demonstrar sua superioridade. Se uma pessoa de bom caráter corria perigo, sempre era ajudada pelos seres sobrenaturais. Se um inocente fosse acusado e punido por um crime, os deuses ajudavam-no a agüentar o castigo, e mais tarde castigavam os culpados e mostravam a injustiça. Se um órfão fosse maltratado, o espírito de um de seus parentes mortos - geralmente a mãe - vinha ajudá-lo.

Um aspecto muito curioso no folclore iorubá diz respeito às plantas e animais com poderes sobrenaturais. Nas lendas, muitas plantas e animais podiam falar e se comunicar com os seres humanos. Algumas árvores podiam mover-se pela floresta, principalmente entre a meia noite e o amanhecer.

Plantas e animais podiam também assumir forma humana e ir à cidade fazer negócios, nas feiras, ou escolher uma esposa. As pessoas idosas da comunidade podiam reconhecer os homens-árvore pela sua altura excessiva, os homens-serpente por suas mãos pequenas, pele macia e olhos pequenos, e os homens-pássaro pelo pequeno tamanho e a voz aguda.

Os caçadores profissionais, que se embrenhavam nas matas, geralmente acabavam possuindo uma esposa-animal. Eles encontravam seres muito estranhos, inclusive animais que se transformavam em lindas mulheres para escapar da morte. Geralmente eram tão lindas que os caçadores se apaixonavam e casavam com elas. Naturalmente esses casamentos acabavam mal, pois as outras esposas acabavam descobrindo, e ela assumia a forma original, voltando para a floresta e destruindo muitas pessoas.

Existe uma lenda que conta que Iansã se vestia com uma pele de búfalo, e Ode (ou Ogún) a encontrou e escondeu a pele, levando-a para casa. As outras esposas, com ciúme, disseram onde estava a pele, e ela foi embora, destruindo tudo no caminho.

EXEMPLO DE LENDAS DO FOLCLORE IORUBÁ

A princesa e seu marido

Uma princesa chamava seu marido de àwé (amigo), e se recusava a chamá-lo de bàbá (pai), que era a forma tradicional de se chamar os maridos naquela localidade. O marido, aborrecido, levou-a para uma floresta e transformou-se em cobra.

Não se importando, ela continuou a chamá-lo de àwé. Em seguida ele se transformou num leopardo, mas ela não teve medo. depois ele se transformou num rio profundo, mas ela continuou a chamá-lo de àwé. Quando ele se transformou em fogo e começou a cercá-la, ela finalmente gritou: “Bàbá! Bàbá!”, em obediência ao que ele queria.

Onidere

Havia um órfão chamado Onidere que era muito maltratado pelo homem que tomava conta dele. Comia muito pouco, era obrigado a trabalhar muito, a apanhava demais.

O menino aturava tudo com paciência, mas a antipatia do homem transformou-se em ódio, e ele ordenou a Onidere que fosse à floresta e trouxesse ma víbora viva, cultivasse uma terra inculta e pedregosa, e trouxesse a morte, do lugar onde ela mora.
Antes de desempenhar as tarefas o órfão foi até ao lugar onde sua mãe estava enterrada, e evocou seu espírito, cantando uma canção triste. O espírito da mãe deu-lhe poder para desempenhar as três tarefas, e no fim ele ganhou a liberdade.
Mafúèlè
Mafúèlè era uma mulher que sofria de uma malformação congênita e não possuía dentes. Mesmo assim era a esposa favorita de seu marido. As outras esposas, com inveja, armaram um plano para derrubá-la.
Naquela cidade havia o costume de todos os anos sacrificar uma pessoa deformada, na festa da divindade local.
Aproveitando uma longa viagem do marido, as outras esposas convenceram o sacerdote a sacrificar Mafúèlè no dia da festa, já que ela não tinha dentes.
Na véspera da festa a mãe de Mafúèlè - que já era morta, apareceu para ela e fez seus dentes crescerem instantaneamente. Assim ela foi salva da morte pelo espírito da mãe, e as invejosas foram decapitadas, por terem enganado o sacerdote.

AS BRUXAS

Os iorubá acreditam em bruxas. Diz a tradição que ao escrever sobre as bruxas deve-se tomar muito cuidado para não mentir. O que aqui dizemos são as verdades ouvidas dos mais velhos.
Só as mulheres podem ser bruxas. É muito difícil, entretanto, alguém confessar espontaneamente essa condição. Em geral as bruxas são más, mas existem bruxas boas.
Como as pessoas viram bruxas?
Sabe-se que as bruxas são filhas de bruxas.
Quando crianças elas desconhecem sua condição. Só quando chegam à idade adulta é que começam a tomar consciência das suas características diferentes. Quando uma bruxa está para morrer, chama a filha de que mais gosta e transmite-lhe sua força e todos os seus poderes, através da boca.
Algumas mulheres querem ser bruxas, mesmo sem serem filhas de bruxa. Elas procuram entrar para a Sociedade Secreta das Bruxas. Para isso é preciso satisfazer uma série de condições. Algumas conseguem ser aprovadas, e tornam-se bruxas.
A Sociedade Secreta das Bruxas reúne-se de madrugada, para realizar vários rituais. Elas trabalham com o coração, isto é, o corpo fica na cama dormindo e o coração sai. Se acontecer alguma coisa com o coração quando uma bruxa estiver trabalhando, a pessoa morre, pois o corpo que ficou na cama, sem coração, nunca mais acordará.
Por que as pessoas têm medo das bruxas?
Acredita-se que as bruxas são más, invejosas, e podem matar, cegar ou fazer alguém ficar paralítico. Embora nem sempre isso seja verdade, essa crença causa medo na maioria das pessoas.
Hoje em dia com a “moda” das entidades sobrenaturais, como duendes, fadas, gnomos, bruxas, etc. esse medo diminuiu, e a figura da bruxa tornou-se simpática na nossa cultura. Entretanto na cultura africana a idéia de bruxa é bem diferente da nossa.
Como fazer para reconhecer uma bruxa?
Para os iorubá era fácil reconhecer a presença de uma bruxa. Quando aconteciam muitas coisas ruins numa família, os chefes sabiam que era coisa de bruxa, e avisavam a “quem estivesse fazendo isso”, que deveria parar.
Caso continuassem acontecendo coisas más, recolhia-se dinheiro de todas as mulheres da família para fazer uma obrigação, que tinha por finalidade descobrir quem era a bruxa. No dia marcado todas as mulheres deveriam comparecer. O chefe da família rezava e dava-lhes obi para comer. Cada uma devia se ajoelhar, jurar que não era a bruxa e comer o obi. Se alguma

delas fosse bruxa, dentro de três dias começava a falar involuntariamente sobre todo o mal que vinha causando à família ao longo dos anos.

As bruxas descobertas com esse método eram punidas de acordo com o costume de cada localidade.

Será que todas as bruxas eram más?

Existiam bruxas boas, que só usavam bruxaria para ajudar algum membro da família que estivesse precisando, ou alguém doente.

Ninguém sabia que havia uma bruxa na família, mas se alguém a denunciasse, ou se por algum motivo fosse descoberta, o marido testemunhava diante do rei que desde que ela chegou, na sua casa só aconteceram coisas boas, e sua vida melhorou. O rei e todos na cidade passavam a rezar por ela, e era perdoada.

Como as bruxas eram punidas?

Em cada localidade havia uma punição diferente. Dentre as várias maneiras tradicionais de se punir as bruxas, vamos relatar duas:

Havia no mato uma planta chamada “árvore de macaco”. Quem bebesse o suco dessa planta, morreria. Se alguma mulher fosse presa como bruxa, davam-lhe esse líquido para beber. O corpo era levado para uma floresta fora da cidade.

Outra forma era chamar as crianças da cidade para atirar pedras na bruxa, até ela sair da cidade. Em cada cidade as crianças iam fazendo o mesmo, até ela morrer. O corpo era comido pelos cachorros.

As famílias das bruxas ficavam muito envergonhadas, e saiam da cidade, indo viver em outra localidade. Só depois de vinte ou trinta anos é que poderiam voltar a morar naquela localidade sem ter problemas.

Hoje em dia as mulheres não se dedicam mais a fazer bruxarias, mas ninguém pode afirmar que as bruxas estão completamente extintas da terra iorubá...

É interessante procurar conhecer as sociedades religiosas dos iorubá. A Sociedade Gelede, por exemplo, composta de devotos das àje (feiticeiras), é representada pelas Iya-Mi (minha mãe), o que demonstra o grande poder oculto das mulheres.

RELIGIÃO

Como a maioria dos povos antigos, os iorubá eram muito dedicados à sua religião.

É uma religião rica em lendas, que têm a função de normatizar o comportamento individual dentro do grupo, e retratam os orixás com os mesmos defeitos das pessoas comuns, redimindo-os depois por bom comportamento, sofrimento, bravura etc.

Em muitas localidades os rituais de feitura das crianças eram realizados ao nascer. Vale dizer também que cada pessoa tem um único orixá protetor. Não são feitas “qualidades” de santo, nem santo substituto, nem existe “juntó”. Também não acontecem as chamadas “surpresas” quando um orixá “passa na frente do outro”.

Embora tendo o seu orixá protetor desde o nascimento, as pessoas cultuam outros orixás, com diversas finalidades. Esu é cultuado por todos. Todas as pessoas que trabalham com ferro homenageiam Ogun. Os caçadores cultuam Ode, e assim por diante. Todos respeitam Orisa'nlá, que é o orixá mais puro, “todo branco por fora e por dentro”.

O número de divindades é impreciso, mas vai de duzentas a mil e setecentas.

A fama de algumas atravessou continentes, enquanto outras são cultuadas apenas em pequenas localidades, e outras ainda tiveram seus cultos extintos e foram esquecidas.

Quem determina o orixá, o tipo de obrigação, e tudo na vida das pessoas é Ifá - o oráculo, que é filho de Orunmila. Não se faz absolutamente nada importante sem consultar Ifá, e quem não seguir sua orientação, por mais estranha que pareça, vai sofrer graves decepções.

Ifá aprova noivados, marca casamentos, decide sobre sociedades, aconselha sobre filhos, negócios, marcação de datas, enfim nada se faz sem procurar o Oluwo, que consulta Ifá por meio do ikin, do opele Ifa ou dos búzios. Em geral são recomendadas oferendas aos orixás, para que sejam alcançados com sucesso os propósitos da consulta.

Vamos falar um pouco sobre a visão iorubá do criador, Olodumare, e em seguida citar algumas das suas divindades e sociedades religiosas.

O PENSAMENTO IORUBÁ SOBRE O CRIADOR

Os iorubá acreditam num criador supremo, chamado Olodumare ou Olorun, que além de criar o céu e a Terra com todos os seus habitantes, criou também as divindades (orisa ou imole) e os espíritos (ébóra).

Esses seres são de naturezas diversas. Alguns estão com o Criador desde o princípio, antes da criação da Terra, e são chamados de divindades primordiais. Outros são figuras históricas de reis, heróis, guerreiros, etc., que se transformaram em orixás por seus feitos. Outros representam elementos da natureza: árvores, rios, lagos.

Todos os iorubá acreditam na existência de um Ser Supremo. É muito raro encontrar uma pessoa de origem iorubá que seja atéia. Todos professam uma religião, não importa qual.

Os iorubá que seguem a religião dos orixás respeitam o criador de uma tal forma, que nem pronunciam seu nome. Às vezes referem-se a Ele como Baba (pai), ou como Olojo-oni-o (o dono do dia de hoje).

Os diferentes nomes usados para designar o Ser Supremo

No Antigo Testamento vemos que os hebreus não pronunciam o nome de Deus. Eles acreditam que Deus é maior e tem que ser respeitado. Procuram referir-se a Ele usando outro nome - Yaawe. Da mesma forma os iorubá acreditam que o nome do Criador não pode ser mencionado, em sinal de respeito. Preferem dizer Eleda (criador - que criou o céu e a Terra), Elemi (aquele que tem o coração dos seres humanos), e muitos outros nomes.

Olodumare - Nome de origem duvidosa. Os mais velhos dizem que tem a conotação de "Alguém que tem a totalidade da grandeza máxima" ou "A majestade imortal de quem os homens dependem".

Olorun - Significa "Dono do céu", ou "Senhor cuja morada é o céu". Nas orações usam a expressão Olorun-Olodumare (sempre nessa ordem), significando "Deus supremo que mora no céu e que é todo poderoso".

Eleda - Significa "Criador", o Deus Supremo é responsável por toda a criação. É um ser auto-criado, e origem de todas as coisas.

Alàáyè - Quer dizer "Aquele que vive". Sugere que Deus é eterno. Há mesmo um dito popular que afirma: "A ki igbo ikú Olodumare" (Nunca ouvimos falar da morte de Olodumare).

Elemìí - Significa "O dono da vida". Quer dizer que todos os seres devem-lhe a vida. Quando Deus retira a respiração de um ser vivo, este morre. É por isso que ao fazer planos para o futuro os iorubá dizem: "Bi Elemìí kò ba gba a, emi yio se èyi tábi èyiini" - "Se o dono da vida não a tirar, eu farei isto, ou aquilo".

Olojo-oni - Quer dizer "o dono, ou aquele que controla os acontecimentos do dia de hoje". Enfatiza a dependência total do ser humano e seus planos.

Além desses há mais uma infinidade de outros nomes. Podemos concluir que, para os iorubá, o Ser Supremo é o Criador do Céu e da Terra, aquele que tem a majestade eterna e maior grandeza e que determina o destino dos homens. Embora se diga que sua morada é no céu, ele não é inacessível, nem está afastado dos homens. Entretanto não deve ser evocado por qualquer motivo. A função dos orixás é justamente servir de mensageiros entre os homens e Olodumare.

Atributos do Ser Supremo Transcrevemos abaixo alguns títulos pelos quais Olodumare é conhecido, e que podemos identificar em rezas e oriki.

É criador - Em todos os mitos a criação da Terra, do céu, de todos os seres vivos e de tudo que existe, bem como de todos os orixás, é atributo de Olodumare. Quando aparece qualquer outra divindade, não tem poder decisório, nem autoridade. Serve apenas como mensageiro. O povo diz que "Ise Olorun tóbi" - O trabalho de Deus é poderoso.

É único - Significa que não existe outro como ele. Por isso não existem estátuas representando-o. Há símbolos, mas não imagens, porque nada pode ser comparado a ele.

É imortal - O Ser Supremo é eterno. Não se imagina que o Dono da Vida possa morrer. É descrito como "óyígíyigí otá ìkú" - A grande pedra imóvel que nunca morre.
É onipotente - Para ele nada é impossível. É descrito como "Oba a sè kan ma kú" - O rei cujos trabalhos são feitos com perfeição. As coisas que ele aprova são bem sucedidas, mas as que não recebem sua bênção tornam-se difíceis ou impossíveis. Há um ditado que diz: "A dùn íse bi ohun tí Òlodumarè l'owo sí. A sòrò íse bi ohun tí Òlodumarè kò l'owo sí" - Fácil de fazer como aquilo que recebe a aprovação do criador; difícil como aquilo que o criador não aprova.
O povo diz também "Aìsàn ló dùn íwò, a kò rí t'Olojo se" (A doença pode ser curada, mas a morte pré-determinada não se pode evitar), porque crêem que o "Controlador dos Acontecimentos Diários" (outro nome para Olodumare) pré-determinou o que acontecerá a cada pessoa em cada momento da vida, inclusive a morte, e esse dia não pode ser mudado.
Por esse motivo chamam-no também de Olorun Alagbara (deus poderoso), Oba ti dandan re ki isele (rei cujas ordens nunca deixam de ser cumpridas) e Alèwi-Lese (aquele que põe e dispõe como quiser).
É omnisciente - Tem conhecimento de tudo. Tudo sabe, tudo ouve e tudo vê. É chamado de eleti igbo aroye (aquele que sempre ouve as queixas das pessoas), e também A-rinu-rode olumo okan (Aquele que vê o lado de fora e o lado de dentro das pessoas, o desvendador de corações).
É rei e juiz - Olodumare é visto como um rei muito importante e um juiz imparcial. Chamam-no Obá a dake dajo - O rei que senta em silêncio e distribui justiça. Os iorubá acreditam que ele vê tudo: Bí Oba aiye ko ri o, ti oke 'nwo o (Se o rei da terra não vê você, o rei do céu o vê).
É transcendente - O criador é concebido como um ser social, interessado no que acontece com as pessoas. Protege aqueles que viajam, ou que vão dormir. Ouve as pessoas onde quer que elas se encontrem.
O povo iorubá não lhe ergue templos, mas seu nome está sempre no pensamento das pessoas nas orações ou agradecimentos, em ditados e provérbios. Eles sabem que o ser supremo é o criador e governante do universo, enquanto as divindades, criadas por ele, são seus intermediários.
É descrito pelo povo como Atererekaye (aquele que faz o mundo todo sentir a sua presença) ou Ogbigbà tí 'ngbá alailara (o que vem para ajudar aqueles que precisam).
Olodumare e os Orixás
O povo acredita que os orixás são intermediários entre os seres humanos e Olodumare. Quando querem fazer um pedido ou agradecer ao criador, fazem-no a um orixá.

CONHECIMENTOS SOBRE ALGUNS ORIXÁS

ORISA ESU (EXU)

Esu foi um dos filhos de Orunmilá que veio ao mundo em forma de orixá.
Olodumare, Deus Supremo, mandou Orunmilá vir tomar conta do mundo, das pessoas e das coisas.
Nessa época havia muitos orixás, mas Esu era o mais corajoso, inteligente e brigão. Nas reuniões tomava a frente em tudo, e brigava com os outros. Por isso deixavam-no fazer o que quisesse, e concordavam com tudo que dizia. Assim Esu ficou sendo o braço direito de Orunmilá.
Até hoje os iorubá lembram-se primeiro de Esu em tudo o que fazem, para que ele não atrapalhe, e tudo dê certo.
Esu é representado por uma estátua de barro, pedra, madeira ou ferro, com dezessete marcas em forma de olhos, na frente e nas costas. Estas marcas significam a relação Esu/Ifá. Tem ainda sete marcas de um lado e cinco do outro, totalizando doze, possuindo cada uma um significado. Pode-se colocar búzios nas marcas.
O assentamento de Esu é representado por qualquer objeto - imagem, pedra etc., e é colocado no chão. No dia de assentar esse orixá ou nos dias de ritual em sua homenagem, as pessoas dão festas e oferecem comidas.

Quando se sacrifica um animal para Esu, jogam-se as oferendas na cabeça da imagem.
Antigamente os devotos de Esu usavam seres humanos para seus sacrifícios, mas esses rituais foram proibidos há mais de um século.
Há dois lugares específicos para colocar o assentamento: na divisa da cidade (odi ilu), sob uma cabana de folhas chamada koriko, para proteger todos os habitantes, ou em frente das casas, para proteger seus moradores. Nunca se pode colocar Esu dentro de casa. É tabu (ewo). O povo diz que "Esu não tem modos", por isso sua casa deve ficar do lado de fora.
Se não for agradado, Esu faz maldades, por isso sempre é homenageado antes das cerimônias.
Existe uma qualidade, chamada Burukú ou Odaran que é muito mau, e só faz coisas ruins.
Pode-se dar qualquer coisa de presente a Esu: banana, milho, cará, dinheiro, bebidas ou qualquer outra coisa. Os fazendeiros, ao voltarem de suas terras, quando passam pelo assentamento à entrada da cidade, costumam dar uma parte da colheita de presente a Esu.
A única coisa que Esu não aceita é o óleo extraído do caroço do fruto do dendezeiro, chamado adin. Por exemplo, se uma pessoa quer se vingar de alguém, coloca adin na imagem de Esu em nome do outro, e pede que ele seja castigado. Se uma pessoa colocar adin, mesmo sem querer, perto da imagem de Esu, acontece uma série de coisas ruins naquela casa.
Esu pode ser chamado por diversos nomes: Elegbera, Elegbaa, Elegbara, Leegba.
Existem várias qualidades de Esu: Burukú, Odaran - só faz coisas ruins; Ona - Esu do caminho, da estrada; Ori - Esu da cabeça de cada um; Abenuga - não se assenta mais na Nigéria, porque fazia acontecer coisas ruins a quem falasse mal da casa onde estava assentado.
O povo acredita que há relação entre Ifá e Esu, e crê que Esu dá filhos a quem não pode procriar. Quem quer ter filhos procura Ifá e faz um trabalho para Esu, para engravidar. Quando a criança nasce, recebe um nome em homenagem a Esu:
Esutosin (para agradecer a Esu),
Esubayila (aquele que mandou parar a morte - em caso de abiku);
Esubiyi (Esu fez nascer este aqui);
Esudayo (Esu dá felicidade); Esubola (Esu dá riqueza), e assim por diante.
As principais cidades nigerianas onde ainda se cultua e homenageia Esu são: Ondo, Ilesá, Ibini, Ijebú, Abeokutá e Ekití.
ORISA ÒGÚN (OGUM)
Ògún é o orixá da guerra e do ferro. Todos precisamos de Ògún para sobreviver, porque a todo momento usamos ferro para comer, trabalhar, locomover. Além de orixá também é considerado mensageiro.
Diz a tradição que Ògún é filho de Tabùtú e Oróninnà. Sua cidade original, para onde foi quando todos os orixás desceram do céu, é Ile Ife. Era um dos mais importantes caçadores. O que mais gostava de fazer era caçar. Daí sua estreita relação com Osoosi. Todos os objetos que Osoosi usa para caçar são oriundos de Ògún.
Conta a história que há muito tempo, quando os orixás desceram para a Terra, encontraram no meio do caminho uma mata cerrada que não dava para ninguém passar. Orisa'nlá, que vinha à frente, adiantou-se para abrir caminho, mas sua faca de prata, que era muito frágil, quebrou-se. Ògún, com sua faca de ferro que corta tudo, conseguiu abrir caminho na mata para todos passarem.
Por esse motivo, quando desceram à Terra, Ògún recebeu em Ile Ife os títulos de Omo Osin - pessoa importante da cidade, e Osin Imole - importante entre os orixás. Entretanto não quis ser coroado rei, preferindo usar apenas uma pequena coroa de ferro de nome akòró. Por isso chama-se Ògún de Alakòró – dono, ou aquele que usa akòró.
Como gostava muito de lutar e caçar, um dia foi para o alto de uma montanha (orioke), onde havia uma pedreira e uma floresta. Por muito, muito tempo ele ficou no alto da montanha caçando. Depois de vários meses, já cansado, resolveu voltar a Ile Ife.

A vida na floresta, o isolamento e a convivência com os animais tornaram-no um homem bruto. Além disso, estava todo sujo, vestido com mariwo, coberto de sangue dos animais que matara.
Ao descer a montanha foi descrito por alguns Babalawo:
Ojo Ògún nti orioke nbo, Aso ina lo mu borá Ewu eje lo wo sorún...
(no dia em que Ògún desceu a montanha,vestia uma roupa de fogo,estava coberto de sangue...)
Esse é um trecho de seu Oriki mais conhecido.
Em vez de ir para sua cidade, mudou de rumo e foi a para Ire, em Ekiti, estado de Ondo. Lá foi muito bem recebido, deram-lhe comida e bebida. A cidade estava em guerra e Ògún conseguiu livrá-la dos inimigos. Por esse motivo foi aclamado como Onire - dono da cidade de Ire, nome até hoje usado como qualidade de Ògún, tanto na Nigéria quanto no Brasil.
A festa de Ògún na Nigéria é realizada uma vez por ano, e dura sete dias. Os preparativos começam em julho e a festa é realizada em agosto. Vale dizer que ògún em iorubá quer dizer agosto. No dia da festa todas as pessoas que lidam com metais (motoristas, ferreiros, joalheiros) fazem suas oferendas e obrigações para Ògún.
No local destinado ao assentamento de Ògún coloca-se ferro e pedra. Na Nigéria sua comida predileta é cachorro (aja). Come também galinha, obi, cará assado, iyan (purê de cará) e epo. Sua bebida específica é emu (vinho de palmeira). No seu assentamento coloca-se ada (facão), oko (enxada), dinheiro, búzios e mariwo.
Esse local deve ficar ao tempo, dentro ou fora da cidade, no meio de um campo. Em geral no meio de cada cidade há um lugar específico destinado às matanças e obrigações para Ògún no dia da sua festa. A família que desejar pode também ter um local próprio para cultuar Ògún em sua casa. Há dois tipos específicos de tambor para bater para Ògún: bembe e kalakolo.
No dia da festa é feita uma prece, lembrando os mortos daquele ano. Em seguida são ofertados os sacrifícios em nome de todas as pessoas da cidade. Depois há um toque de atabaque, que é o sinal indicando que todos já podem fazer suas obrigações individuais, ao final das quais festejam com danças, muita comida e bebida. Todos os animais sacrificados são comidos pelos participantes da festa. Na abertura da festa é feita uma prece, relembrando todos os mortos daquele ano.
Os caminhos de Ògún são sete (meje) e daí a confusão de, no Brasil, ser dado o nome de Ògún Meje como uma qualidade. Na Nigéria temos:
Alara - come cachorro e toma conta da cidade;
Onire - dono da cidade de Ire, come carneiro;
Ikola - que faz curas (marcas) e come igbin;
Elemoná - come cará assado;
Gbenagbena - é escultor e come cágado;
Akirún - no assentamento leva chifre de carneiro;
Makinde - dono da ferrugem. Fica do lado de fora para fazer o mal, do outro lado da divisa das cidades, ou atrás dos muros das casas.
As cidades nigerianas onde se festeja Ògún são Ondo, Ilesá, Akurs e Ekiti.

ORISA SONPONNO (XAPANÃ)

Sonponno é um orixá muito temido por todos, até por seus filhos. Seu ataque é imprevisível, e o culto é proibido pelas autoridades.
Conta a lenda que ele nasceu de Yemoja, quando ela, violentada por seu filho Orungan, caiu e se transformou no rio Ogun.
Outra lenda diz que Sonponno era uma pessoa que envelheceu muito, perdeu uma perna e usava perna de pau. Em uma festa no céu, ao tentar dançar, caiu e todos riram dele. O orixá então começou a bater nas pessoas com a perna de pau, e quem ele tocava pegava a doença ilé-igbóná (terra quente), um tipo de sarampo, que causa a morte.
As pessoas que pegam essa doença fazem uma oferenda no mato, com a roupa que estavam usando, obi, peixe, igbin e outros animais. Se a pessoa morrer, a família faz o ritual e enterra-a no mato, chamado igbo-dudu (mato escuro).

Antigamente seus filhos mandavam a doença, por meio de ebós, para seus inimigos. Como é uma doença epidêmica, e era muito grande o número de pessoas que a adquiriam, o governo investigou e descobriu as causas. A partir daí o governo proibiu o culto.
Sonponno era cultuado em Ibadan, Abeokutá, Ijebu, Oyo, Osogbô, Ilesá, Ekiti, Ondo e Lagos.

ORISA SANGO (XANGÔ)

Sango era rei de Oyo, antes de ser orixá. Era filho de Oranyan, e tinha várias esposas, dentre as quais se destacavam Oya, Oxun e Obá. Sua casa chamava-se eyeo, ou kàtúngá.
Era muito conhecido por sua força e coragem, mas era também muito mau, de causar medo. Gostava de demonstrar sua força, e quando falava soltava fogo e fumaça pela boca.
Sango tinha ministros, chamados Ijoye. Quando o rei falava, eles deviam ficar calados, porque quem ousasse falar morreria. Certa vez, dois dos ministros brigaram, e Sango, em vez de resolver a questão pacificamente, colocou atare (pimenta da costa) na boca, aumentou a briga, até que um deles morreu.
O povo ficou decepcionado com o rei, e passou a criticá-lo e ficar com raiva dele. Deixaram de respeitá-lo, nem respondiam quando ele falava. E assim Sango perdeu a força e o respeito de todos. Desgostoso, saiu da cidade sem rumo certo. Para sua decepção ninguém o seguiu. Nem seus fiéis escravos Oru e Osumare. Só as três principais mulheres foram atrás dele. Mais decepcionado ficou quando ao olhar novamente para trás, Obá e Osun tinham desistido de segui-lo. Só Oya o acompanhava.
Num ponto da estrada chamado ayan parou e decidiu morrer de uma forma que todos pudessem ver. Havia uma árvore chamada igi-ayan, e Sango se enforcou. Como o local ficava no caminho da cidade de Oyo, as pessoas que passavam viam o rei enforcado na árvore e saiam dizendo: "Oba so!" (o rei se enforcou). A frase se espalhou pela cidade.
Os poucos amigos do rei não gostaram e foram a uma cidade onde se faziam grandes feitiços, para destruir a cidade de Oyo. Com vento, chuvas, enchentes e incêndios, a cidade quase ficou totalmente destruída. Os inimigos de Sango, com medo fizeram muitas oferendas, dizendo "Oba ko so!" (o rei não se enforcou). A situação se acalmou, e Sango passou a ser cultuado como orisa. O local passou a ser chamado de Koso.
Oya, ao ver o amado morto, virou-se para o norte e de seu corpo começou a sair água. Ela se transformou no rio Oya (Níger), o terceiro maior rio da África, cujo delta tem nove braços.
As pessoas encarregadas de cuidar de Sango chamam-se àwòro Sango, ou Onisango. Os mais graduados chamam-se adosu Sango, e usam um penteado diferencial, com os cabelos presos no alto da cabeça, em tranças e enfeitados com búzios. Os menos graduados usam roupa branca e os cabelos trançados para trás, em dias de festa.
Sango é o orisa do ategún (vento destruidor), ojo (chuva), e ina (fogo). No dia de sua festa é obrigatório chover, relampejar e cair pedras do céu. Por esse motivo é chamado orisa Jakutá (briga com a pedra e solta-a). Quando começa a chover ninguém pode ficar na porta de casa, porque pode cair um raio. Acredita-se que o raio é mandado por Sango para ir à procura de um ladrão, e se esbarrar em alguém, pode deixar os adultos paralíticos, e matar as crianças.
Sango come orogbo, (não come obi), galinha, carneiro, galo, cágado, mas sua comida predileta é amalá.
As cidades onde mais se festeja esse orisa são: Oyo, Iseyin, Iwo, Ondo, Ilesa, Abeókutá e Ekití.
Quem pede um filho a Sango e consegue engravidar, dá à criança um nome em homenagem ao orixá:
Sangobiyi - Sango fez nascer este aqui;
Sangowamiwa - Sango veio a mim;
Sangotayo - Sango dá felicidade;
Sangogbami - Sango me salvou.
Sango Pipe
Há diversos mitos sobre o início do culto a Sango. Entretanto todos concordam com a sua origem de rei, filho do primeiro alafin de Oyo, e que mais tarde ele também foi um alafin.

Um dos mais importantes aspectos do seu culto é o Sango-Pipe, um tipo tradicional de poesia oral, para agradar o orixá e inspirá-lo a atender os pedidos de seus filhos. Os artistas cantam seus versos, contando os feitos do orixá. São orikis cantados. O artista saúda o orixá, seu filho e a família a que pertence. O canto é acompanhado do batá, tambor específico do orixá. A dança de Sango chama-se lankú e as pessoas não podem errar os passos no dia da festa.

ORISA YEMOJA (IEMANJÁ)

É o orixá do rio Ogun, na Nigéria, sendo conhecida também como Orisa-Odo, e sua saudação é "Odo-Iya" - Mãe do Rio. O nome Yemoja significa Yeye-omo-eja - mãe dos peixes.

Alguns mitos dizem que é filha de Obatalá e Oduduwa, outros, que é filha de Olokun, orixá do mar. Casou-se com Aginju ou Igbo. O fruto do casamento foi Orúngan.

Era uma mulher honesta, forte e respeitada. Um dia seu filho, já adulto, ficou perturbado - dizem que foi Esu - e passou a tentar matá-la. Naquela época poucas pessoas entendiam de orixá, e ninguém sabia o que fazer para Orúngan voltar ao normal. Um dia ele violentou-a e ela com vergonha fugiu da cidade. O filho seguiu-a para matá-la com uma faca. Antes de ser atingida Yemoja caiu para trás e morreu.

Dos seus seios brotou muita água, formando òsá, a lagoa. De seu corpo saíram muitos orixás: Olosá, Olokun, Osoosi, Osun, e outros menos conhecidos.

O culto desse orixá é realizado principalmente nas cidades de Iró, Idi-Iroko e Mokoloki, onde é feita uma grande festa. São cidades circundadas por rios, e para ir a outras localidades é necessário usar canoas ou barcos. Se alguém cai no rio, pedem a Yemoja para não deixar a pessoa morrer.

Esse culto se prende à seguinte lenda: Todos os anos, na mesma época, sempre no mesmo local, virava um barco e morria muita gente. Os habitantes do local chegaram à conclusão de que era preciso fazer uma oferenda para o orixá do rio. O maior babalawo da região jogou e Ifa pediu que fosse ofertado um barco cheio de presentes para Yemoja.

A festa é realizada perto do final do ano. O barco é chamado Opon Yemoja, e nele são colocados todos os tipos de presente que agradam o sexo feminino: perfumes, espelhos, pentes etc.

Quando alguém quer pedir ou agradecer alguma coisa a Yemoja, oferece sua comida predileta: egbo (canjica), colocada num local de culto a Yemoja, construído na beira de um rio.

O local destinado às oferendas de Yemoja fica situado na beira do rio. Lá são entregues comidas e presentes. Uma vez por ano o povo oferece um barco cheio de presentes a Yemoja, para evitar que os barcos afundem no rio. Daí surgiu o costume brasileiro de oferecer a Yemoja barcos com presentes.

ORISA-NLÁ-OBÀTÁLÁ-OSANLÁ (OXALÁ)

Obatalá é uma das mais antigas divindades criadas por Olodumare. É o orixá que comanda os outros, tem a posição mais alta entre todos.

Seu culto é muito divulgado em toda a terra iorubá, e é chamado por diversos nomes, dependendo da localidade. Em Ile Ife, Ibadan e outros locais é chamado de Orisa-nlá. Em Igbomoso é chamado de Orisa Pópó. Em Ejigbo, Orisa Ìjàyè. Em Ugbo, Orisa Onile. Enbora os nomes sejam diferentes, o modo de cultuar é o mesmo.

Acredita-se que tem o poder de fazer seus filhos ficarem prósperos, dando-lhes bens materiais. Diz-se: Ó gbé omo re, ó so o daje; ó nì kí won rerìnìn, won rerìnrìn. (Ele fica 113
ao lado de seus filhos e torna-os prósperos; dá-lhes motivo para rir e eles riem).

O nome Obatalá significa Oba-ti-ala - Dono do Alá, Dono da Roupa Branca. Orisa-nlá significa Orisa-ti-o-nlá - Santo Grande, ou Rei Maior.

Orisa'nlá é considerado o pai de todos nós. Foi escolhido por Olodumare para ajudá-lo a criar os seres humanos, moldando rostos, membros etc., dando-lhes forma. Por sua posição junto a Olodumare, tem o título de Igbakejí - Segundo da Criação. Por causa da sua obra tem o título de Aterere-Kaye - Criador, ou ainda Eledá.

Mais ainda, é famoso por sua pureza. Mora em um lugar muito limpo, todo branco, e se veste de branco.

As pessoas o saúdam:
Bàntà, Bàntà n'nu àlà!
Ó sùn n'nu àlà
Ó jí n'nu àlà
Ó tinú àlà dìde
Ba ‘nlá! oko Yemòwó!
Òrisa wù mi ní bùdó!
Ibi rè l'orìsa kale
(Imenso de roupas brancas! Dorme de roupa branca, acorda de roupa branca. Ele levanta de roupa branca. Venerável Pai! Esposo de Yemòwó! Me deleita seu modo de ser! É maravilhoso o lugar onde le fica no trono).

Dá filhos às mulheres estéreis, e molda as crianças quando ainda estão na barriga da mãe. É costume dizer-se à futura mãe: "Possa Orisa'nlá fazer uma boa obra de arte." O povo reza para que Orisa'nlá mostre o bom caminho às mulheres grávidas de suas famílias.

Orisa'nlá tem o poder de tornar seus filhos prósperos, fazendo-os aumentar e multiplicar seus bens materiais. Diz-se que "Ele fica ao lado de seus filhos e torna-os prósperos. Dá-lhes motivo para rir, e eles riem."

Olodumare, ou Alase, o Dono do Ase, o Criador, fazia as pessoas como estátuas: um boneco de barro sem detalhes, só a forma externa. Conta-se que era Obatala quem fazia os olhos, nariz, boca, membros, etc. Esta foi a tarefa que ele recebeu de Olodumare.

Por moldar os seres humanos é ainda chamado Alamorere - o Dono do Barro que é Bom. É ainda chamado Adimula - aquele que dá a riqueza e a segurança de vida, porque ele dá paz, alegria e força aos que nele se apoiam.

Orisa'nlá é um orixá famoso por sua pureza. Fica num local muito limpo, todo branco, e veste-se de branco. Para explicar por que algumas pessoas são feias e deformadas, os iorubá dizem que os àfín (albinos), iràrá (anões), asukè (corcundas), aró (aleijados) e odi (mudos) são criados assim para serem dedicados a Orisa'nlá. Foi neles que o orixá mostrou sua força. São considerados "separados para o orixá". Acredita-se que faz seres defeituosos para, ao vê-los, as pessoas agradecerem por terem nascido perfeitas.

Atualmente a maior comemoração desse orixá é feita em Igbo, bairro de Iranje. No local destinado a seu culto há estátuas de homens a cavalo portando espadas. Seus sacerdotes têm poderes sobre cobras, rãs, peixes e panteras.

A tradição oral diz que Orisa'nlá viveu na Terra e casou-se com uma só mulher, Yemowo, boa, sincera e honesta, que não era orixá. Algumas lendas dizem que se casou com Oduduwa, outras, com Nanã, e em algumas tanto Obatalá como Oduduwa são andróginos.

Obatalá e Oduduwa são representados por uma cabaça fechada pintada de branco, sendo Obatalá a parte de cima - o céu e Odudua a de baixo - a Terra.

Orisa'nlá não gosta de brigas, desentendimentos nem de coisas sujas. Tudo que diz respeito a ele deve ser limpo por fora e por dentro, e seus filhos devem ser também honestos e corretos.

Podem usar roupa de qualquer cor, mas é preferível que seja branca. As mulheres usam colares de contas brancas foscas chamados seseefun, argolas e pulseiras de metal branco. A água para as obrigações de Orisa'nlá tem que ser do mesmo dia. Todos os dias, tem que ser colocada água do rio, apanhada de manhã cedo. Essa água deve ser apanhada por uma moça virgem, ou por uma mulher velha que não tenha tido filhos. Ao voltar do rio ela vem batendo um agogô, para avisar que a mensageira do orixá vem vindo, e as pessoas devem virar de costas. Ninguém deve lhe dirigir a palavra e ela não pode falar com ninguém.

Orisa'nlá não gosta de osun (pó vermelho) nem epo (azeite de dendê). Não aceita sangue de bicho nenhum, só o líquido branco do igbin (sangue branco). A comida de Orisa'nlá não deve levar sal nem pimenta. Além de igbin, oferece-se orogbo, côco, egbo, eko funfun (acaçá) em

número de 16 ou 32, enrolados numa folha de ewe-iran (árvore nigeriana), iyan (purê de cará), e obe funfun - sopa feita com ori. O ori, na Nigéria, é uma manteiga vegetal, tirada de uma árvore chamada shea, ou de algodão.
Nas obrigações colocam-se búzios, mel, e um eiyele funfun (pombo branco). Tiram-se algumas penas do pombo, só para enfeitar, e o animal é solto, não é sacrificado.
No dia da festa todos se vestem de branco. As mulheres usam torso e os homens filá. Todos usam contas brancas no pescoço. Nas cerimônias a água é distribuída entre os devotos, e acredita-se que torna as mulheres férteis, e faz muitos outros milagres.
Para louvar sua grandeza os iorubá cantam:
Eni s'oju s'emu
Orisa ni maa sin
Ada ni bo ti ri
Orisa ni maa sin
Eni ran mi w'aiye
Orisa ni maa sin
(Aquele que fez os olhos e a boca, é o orixá que vou adorar. Quem cria como quiser, é o orixá que vou adorar. Criador que me mandou para o mundo, é o orixá que vou adorar).

ORISÁ OKO

Orisa Oko era um ser humano que, por ser muito forte, ao morrer transformou-se em orixá. Seu nome era Ogunjemini, e era caçador. Não caçava feras, nem grandes animais. Só caçava um pássaro de nome etú, que tinha iye (penas) brancas e pretas. Oko, por essa característica, ficou conhecido no mundo todo. Ao envelhecer transformou-se num importante babalawo, e sabia fazer um ebo muito poderoso, chamado afose.
O feitiço consistia em juntar determinadas folhas, algodão usado, camaleão, eko, oju-omi (planta aquática), sabão da costa e outros ingredientes, dentro de um chifre de antílope. Quem tivesse esse chifre, ao tocá-lo com a boca e falar com as pessoas elas passariam a lhe obedecer. Com sua força, Oko dominou as bruxas, e transformou-se numa árvore chamada ìpóió, onde elas eram punidas. A árvore tinha um buraco onde eram colocadas as suspeitas. Se fosse bruxa, só saía a cabeça, se não fosse, a pessoa saía inteira.
A festa desse orixá é realizada uma vez por ano, na época da colheita do cará. O povo só come o cará novo depois que os filhos do Orisa Oko o comerem. Quem desobedece é castigado e seu pescoço incha como uma bola.
No dia da festa as pessoas pintam o rosto com efun. O assentamento desse orixá fica em casa ou no mato. É no mato que se faz o primeiro ritual coletivo, antes das obrigações individuais. Depois todos se reúnem para dançar nas ruas. As pessoas que pedem dinheiro e filhos ao orixá e os que conseguem, dão nomes para homenageá-lo, como Oosàfunmi, Abórìsàde, Ooségbèmi.
Orisá Gulutu
É um pequeno orixá que mora na frente da casa do orixá Oko. É em sua casa que as mulheres fazem as oferendas, antes de comer o cará do orixá Oko. Em seguida levam purê de cará e cará novo, dentro de uma cabaça branca enrolada num pano branco, e percorrem as ruas da cidade. Quem carrega a comida é a esposa do orixá Oko, que é escolhida por ele entre suas devotas. É sempre uma mulher alta e robusta, do tipo que ele gostava quando era ser humano.

ORISÁ IBEJI

Chama-se ibeji quando a mãe dá à luz duas crianças de uma vez, independente do sexo. Antigamente não havia gêmeos. Quando nasceram pela primeira vez, as pessoas ficaram assustadas, com medo, pois acharam que era um a coisa diferente. O povo tinha até medo de ir visitar os gêmeos. Por causa desse medo, todos começaram a dar muitos presentes, comidas, fazer trabalhos etc. e assim Ibeji virou orixá. Orisa Ibeji é quem protege e cuida dos gêmeos que nascem.
Em Ondo, antes da colonização inglesa, as pessoas tinham tanto medo de ter filhos gêmeos, que matavam um ao nascer, para ninguém ficar sabendo. Felizmente esse costume acabou.

Por terem sido transformados em orixá os gêmeos passaram a ser muito respeitados. Quando morre um gêmeo, a família faz uma imagem de madeira representando-o para o outro não ficar sozinho. Acreditam que, se não fizer isso, o morto vem buscar o outro. Tudo que se faz ou se dá para o vivo, dá-se e faz-se também para a estátua, seja roupa, comida, etc.
Na Nigéria dá-se uma grande festa quando nascem gêmeos. Há sempre muita comida, muita bebida e muita dança. Não pode faltar feijão branco cozido (ewa) e azeite de dendê. Fazem bacias cheias de feijão cozido com sal e epo, e todos comem da própria bacia, com a mão.
No dia da festa de Ibeji, a mãe ou outra pessoa que tenha tido gêmeos abre as comemorações, presenteando Esu, para tudo correr bem.
Todos comem, cantam e dançam:
Epo mbe ewa mbe o, (bis)
Aiya mi ko ja, o ni'ye
Aiya mi ko ja lati bi'beji o
Epo mbe ewa mbe o!
“Tendo dendê e feijão, não tenho medo de parir gêmeos, tendo dendê e feijão.”
A mulher, ao parir gêmeos, sai à rua com as crianças no colo, dançando e cantando de porta em porta, e ganhando presentes em todas as casas. Antes ela consulta Ifá, porque alguns Ibeji não querem a comemoração.
Uns preferem que a mãe reúna todos os presentes e os venda na rua, feito camelô, para juntar dinheiro. Geralmente faz-se isso no dia do batizado.
Orisa Ibeji faz a pessoa enriquecer, melhorar de vida, e ganha sempre muitos presentes como agradecimento. Os presentes que se podem dar a Ibeji são brinquedos, roupas, comida, mas sempre em dobro.
Os gêmeos devem chamar-se sempre Taiwo e Kehinde. O primeiro a sair é Taiwo (to-aiye-wò) - que significa “provar o mundo para ver”, e o segundo chama-se Kehinde, “o que vem depois”. É considerado o mais velho, embora nasça por último, e manda no irmão. Acredita-se que Kehinde manda o irmão sair na frente para provar o mundo e ver como é. Se Taiwo chorar, é porque o mundo é doce como mel.
Quando a mulher engravida após ter gêmeos, o filho seguinte deve sempre se chamar Idowu, considerado Esu de Ibeji. Todas as vezes que alguém dá um presente para os gêmeos, dá também para Idowu.
A cidade onde mais se festeja orixá Ibeji é Àgbádárìgì, no bairro de Isokun.
Na Nigéria faz-se ebó para Ibeji de 8 em 8 dias. Ibeji come tudo, mas a comida predileta é: feijão cozido, acará, ekuru, acaçá, doces, cana, frangos, obi, peixes, ratos, igbin, epo e sal, sempre em dobro.
No Brasil, nas casas de culto, faz-se tudo em dobro para Ibeji. Colocam-se as oferendas em dois pratos separados. Em algumas regiões, dão-se doces, brinquedos, em outras, caruru.

ODÙDÙWÀ - ODÙWÀ (ODUDUA)

Recentemente os historiadores vêm tentando mostrar que é um mito a participação de Odùdùwà na criação do mundo.
Da mesma forma o seu sexo é motivo de discussão. Seria “a Grande Mãe” ou o “Grande conquistador”?
Apesar de ter havido muito exagero em torno desse orixá, as evidências mostram que ele realmente existiu e teve grande influência na formação do grupo iorubá, representando a conquista do povo por invasores.
Os mitos de Odùdùwà são agrupados em duas versões principais: cosmológica e política. A cosmológica descreve-o como orixá, e narra como atingiu uma posição superior aos demais deuses. Conta-se que desceu do céu e criou a Terra em Ile Ife, cidade considerada pelos iorubá como centro do mundo e da civilização.
A versão política diz que Odùdùwà veio do leste e se estabeleceu em Ile Ife, lutando contra os seus antigos habitantes, um grupo Igbo, e conquistado a cidade.

Ambas as versões reconhecem a existência de uma civilização anterior à chegada de Odùdùwà. Pela versão cosmológica Olodumare mandou Obatalá, que era rival de Odùdùwà, para criar o mundo. Entretanto este embebedou-se com vinho de palmeira, e descuidou-se. Olodumare mandou então Odùdùwà, que criou a Terra, deixando Obatalá fazer os seres humanos. Com o hábito de beber, Obatalá às vezes se descuidava e fazia criaturas "diferentes" - corcundas, albinos, etc.

ORISA AGEMO (AGEMÓ)

Agemo era uma pessoa muito importante, que virou orixá. Conta a historia que ele envelheceu muito, e em vez de morrer foi para o mato e desapareceu. Até hoje é muito festejado na cidade de Ijebu, seu local de origem.

Tradicionalmente as mulheres e crianças não podiam sair à rua no dia da festa desse orixá, pois quem o encontrasse morreria. Até hoje existe esse costume. As mulheres fazem suas compras antes da festa, porque naquele dia não podem sair.

Se uma mulher de outra cidade encontrar o orixá, deve cobrir o rosto, e será perdoada. As mulheres da cidade, que desejarem fazer-lhe pedidos, também devem ir ao seu encontro com o rosto coberto. Acredita-se, entretanto, que se alguma mulher for ao seu encontro apenas por curiosidade, ela morrerá.

O chefe do culto de Agemo chama-se Nopa ou Ologà. Seus filhos sempre usam a cabeça raspada. O orixá veste mariwo sobre uma roupa fina. Ele é arrumado no mato, num lugar a ele destinado chamado Agbo-Agemo, e vem direto para o palácio, abençoar o rei. Durante a festa ele sempre faz um ritual para acabar com algum problema grave da cidade, como doenças epidêmicas. Em caso de extrema necessidade ele vem à cidade mesmo sem ser o dia da festa. Acredita-se que as pessoas que querem ver Agemo devem ficar de joelhos. A sombra do orixá aparece no céu. As pessoas têm medo de chamá-lo ao vivo para conversar ou receber sua bênção.

Além de Ijébu, esse orixá é festejado também em Musin, Odogbolu, Ago-Iwoye, Ode e outras cidades menores.

ORISA ELÀ (ELÁ)

Elá é um orixá masculino. A história relaciona-o a Orunmilá. Alguns dizem que Elá era filho de Agbonnirègún. Outros que era amigo de Orunmila e filho de Olúorogbo. É considerado um dos orixás mais conceituados e inteligentes.

A festa desse orixá é realizada 16 dias antes da festa de Orunmilá. Tanto na festa de Orunmilá quanto em seu oriki menciona-se Elá. Além disso, há relação entre as oferendas feitas aos dois orixás, que são entregues no mesmo local.

Acredita-se que Elá veio a Terra para corrigir as falhas dos povos. Por isso era chamado de Alatunse Ìle-Aiye. Era muito calmo, e sua presença acalmava as pessoas, em qualquer lugar onde estivesse.

Era um pacificador dos povos. Sua missão na Terra era acabar com as lutas entre eles, mas depois de todos os atos de bondade que praticou, os povos se voltaram contra ele. Ao perceber isso, mandou descer uma corda do céu e subiu por ela, deixando a Terra para sempre.

Depois de sua partida os problemas entre os povos recomeçaram, e eles voltaram a sofrer. Imploraram a Elá para voltar, mas ele nunca mais regressou.

ORÚNMILÀ - O ORISÁ DO ORÁCULO

Orunmilá é uma das principais divindades dos iorubá. É a divindade do oráculo, o segundo em importância depois de Olodumare. No dia da criação estava junto a Olodumare, e este lhe disse tudo que tinha criado. Muito inteligente, aprendeu tudo, e as pessoas passaram a lhe pedir orientação.Um de seus títulos é Ibìkéjì Èdùmàrè - o segundo em importância, logo a seguir a Olodumare.

Foi enviado por Olodumare, junto com Obatalá, para orientá-lo na missão de criar a Terra e os seres humanos.

Depois da criação do mundo Orunmilá passou a andar livremente entre o céu e a Terra, servindo de conselheiro. Um orixá que tem condições de pedir a Olodumare pelos homens, para evitar ou modificar situações desagradáveis.
Foi intitulado Gbaiye-Gborun - aquele que vive no céu e na Terra.
O método pelo qual o oráculo é interpretado chama-se IFÁ.
Ifá não é a divindade do oráculo, é o próprio oráculo. A divindade do oráculo, reconhecida como privilegiada com o conhecimento e a sabedoria é Orunmilá.
O nome Orunmilá significa Orun-mo-olá - "O céu conhece o amanhã", ou Orun-mo-eniti-o-máa-la - "O céu sabe quem vai ficar rico", ou "O céu sabe quem vai sobreviver".
Recebeu de Olodumare força para transmitir a todo o povo a palavra dele, e participou da criação do mundo. Por isso é chamado de Eleri Ipin - Testemunha de Olodumare. Além de inteligente e bom, Orunmilá não mente. O que Ifá diz hoje, repete daqui a dez ou cem anos. É também conhecido por Okítíripì - o que tem meios para se comunicar e pedir a Olodumare.
A noz do caroço de dendê, chamada ekuro, é considerada o próprio Orunmilá. Antigamente quando se achava um ekuro não se podia dizer que era Ifá nem que era Orunmilá, senão a pessoa era castigada com a morte.
No céu seus pais eram Òrokó (pai) e Alájeru (mãe). Seus pais da Terra moravam em Oke-Igeti, e seu pai chamava-se Àgbonnìregún.
Ao descer do céu esteve nos seguintes locais: Usi em Ekiti, Ado em Ibini, Òbókún em Ilésá e Ile-Ife em Oyo, onde resolveu ficar. Por esse motivo podemos achar referências a Orunmilá como Ara-Usi, Ara-Ado, Ara-Òbókún ou Ara-Ife, que significa "pessoa nascida nessas cidades".

• IFÁ

Quando se fala em Ifá a maioria das pessoas confunde com o orixá do oráculo - Orunmilá.
Ifá é o próprio oráculo. Ifá é hereditário. Para poder colocar as mãos em Ifá são necessário muitos anos de aprendizagem. Depois disso a pessoa passa por diversas obrigações, incluindo uma prova com fogo. Quem não recebe Ifá como herança de família, deve aprender desde criança, observando o Babalawo, e recebendo sua força. Por Ifá ser uma força muito grande, muita gente não o deixa sair da família, e não o ensina a ninguém de fora.
Só para começar a aprender, são feitas obrigações com sete, catorze e vinte e um dias, três e seis meses, antes de iniciar o aprendizado. Mesmo assim não pode ver nada. Quando se prepara para começar a ver, o aprendiz faz outras obrigações, e lava o rosto com ervas. Depois de todas as obrigações faz-se uma prova de fogo para ver se a pessoa tem realmente condições para receber Ifá.
Como se vê, é bem diferente e rigoroso do que o que se faz na maioria das casas de candomblé brasileiras.
Ifá serve para ver tudo, para todas as pessoas. Na Nigéria o Babalawo é consultado para tudo: melhor dia para casamento, fecundação, qualidades do noivo, trabalho, doença, sonhos estranhos, e tudo mais. Todas as decisões importantes só são tomadas depois de consultar Ifá: para escolher o rei, abrir casa de santo ou comércio, e tudo mais.
Para ver o presente e o futuro, Ifá tem dois mensageiros: Osonyin, para casos de doença e fazer remédios, e Esu, para todos os demais assuntos. Primeiramente dá-se uma oferenda para Esu, para que tudo corra bem.
A bandeja de madeira trabalhada onde se marca o jogo tem o nome de opon-ifá, e faz parte de uma série de objetos próprios, de uso do Babalawo.

• Os Dezesseis Odu de Ifá

O jogo de Ifá é feito com dezesseis ekuro, e os sinais marcados na areia que fica dentro do opon-ifá. O Babalawo chama Ifá batendo com seu Iroke, que é um objeto especial, de madeira ou marfim. Cada ekuro representa um Odu.
Existem dezesseis Odu. Para se entender o que é Odu, basta pensar em signos, que são bem conhecidos por todos. Os Odu são mostrados também nas caídas dos búzios. Cada pessoa tem o

seu Odu, relativo ao momento de seu nascimento. Os Odu deram origem a orixás, mas o seu Odu não precisa ser necessariamente o que gerou o seu orixá protetor.

Cada Odu tem seus Itan (histórias) e seu oriki (oração), que devem ser conhecidos e interpretados pelo Babalawo para dar a resposta de Ifá à consulta feita. Cada Odu permite dezesseis combinações com os outros, totalizando duzentas e cinquenta e seis jogadas diferentes.

Diariamente o Babalawo dá um pequeno ebo para Ifá, e todos os anos faz uma grande obrigação, seguida de uma festa.

OUTROS MÉTODOS DIVINATÓRIOS

Além do ekuro - chamado de ikin, o oráculo pode ser consultado de outras formas. Também há outros métodos divinatórios sem consulta ao oráculo.

• Opele, ou Agbigba

Conta a história que Opele era empregado de Orunmilá. É considerado o segundo jogo de Orunmilá.

O Opele original é feito da casca da árvore agba-igi. Pode ser feito também do caroço seco do agba, que quando seca parte-se ao meio. Os caroços são unidos com um cordão, como um rosário. O Opele pode ser feito de quatro cordões com quatro metades, ou dois cordões com oito.

O resultado da consulta ao Opele é exatamente o mesmo encontrado no ikin, só que ikin é mais completo. As obrigações que se fazem são as mesmas, mas nem todos que sabem ler ikin lêem o Opele.

• Jogo do Obi

Na Nigéria só o obi abatá, que tem quatro gomos, serve para jogar. Não se pode partir o obi com faca de metal. Só pode ser aberto com faca de madeira ou com a mão. Alguns Babalawo só jogam obi. Um único obi pode ser usado para jogar por muitos anos, até a vida toda. Ele fica seco, escuro, mas responde sempre certo ao Babalawo. Quando este morre, seu filho herda o obi. As obrigações que se fazem para o obi também são as mesmas do ikin.

Há diversas maneiras de se ler as caídas do obi, de acordo com o local. A mais conhecida é ler os gomos abertos e os fechados. Há quem leia pelos gomos macho e fêmea.

• Ile - Jogo feito com Iyanrin

Iyanrin é uma areia muito fina, especial, como se fosse um talco, que fica depositada próximo aos córregos depois da chuva. Deve ser seca e peneirada, para ficar ainda mais fina.

Para ajudar a ler juntam-se 16 pedrinhas, do tamanho de um feijão.

É um jogo muito difícil. O Babalawo marca a areia com o dedo, e joga as pedrinhas para confirmar. A obrigação é a mesma de Ifá, mas só é feita sobre as pedrinhas. Sangue de animais é tabu para este jogo. Sua obrigação não pode de forma alguma levar sangue.

• Owo eyo - Olokun (búzios)

Na Nigéria a maioria das pessoas que joga Olokun é do sexo feminino, porque Olokun é a mulher de Orunmilá. Consta de dezesseis búzios, representando os dezesseis Odu. A maioria das pessoas prefere jogar com os búzios abertos (sem a parte de trás), mas não faz diferença. Os locais onde existem mais jogadoras de búzios são: Osogbo, Oyo e Ogbomoso. Faz-se a mesma obrigação de Ifá, e pode-se colocar eje nos búzios.

• Wo-mi-pe

É uma forma diferente de adivinhar. Não é jogo. O Babalawo olha para a pessoa e diz tudo. Quem tem esse dom passa por muitas obrigações e sacrifícios, para poder ver sem jogar. Essas pessoas são verdadeiros videntes, veem tudo, até os espíritos que estão à volta das pessoas.

Acredita-se que esses espíritos querem enfiar o dedo nos olhos de quem vê, para tirar o dom. Se o adivinho ficar com medo e fugir, perde a visão. Ele tem que enfrentar os espíritos e ficar olhando para eles sem medo.

• Alokun Awó

Também não é um jogo. É a evocação do espírito da pessoa viva, que vai se consultar, para falar do seu futuro, ou de uma pessoa já morta para dizer como foi sua morte, quem o matou, etc. É difícil de se ver, mas a voz do espírito, não a do Babalawo, fala diretamente no ouvido da pessoa.
Estes são os modos tradicionais de saber o presente e o futuro.

Arte de Ifá

As esculturas e objetos de arte de Ifá vão desde nozes e outras coisas naturais, sem adornos, até sofisticadas esculturas em vasilhas, bandejas etc.
Juntamente com os objetos de Ifá encontramos ainda esculturas pertencentes a Ori e Esu, devido à relação entre eles. Esses objetos preservam crenças religiosas relacionadas a valores artísticos, e são um elo básico entre religião e arte.
Para consultar Ifá o Babalawo recita os versos indicados pelo Odu, em resposta às perguntas feitas a Ifá. Orunmilá é o orixá de natureza mais misteriosa. Ifá, o oráculo, não possui forma física. Suas esculturas e aparatos complementam seu clima místico de princípio supremo, que restaura a ordem onde há confusão, acaba com a incerteza e devolve a esperança a quem a perdeu.
ORI, a divindade da cabeça, incorpora passado, presente e futuro de um ser humano. É a essência da personalidade. Como não se sabe o que está contido em cada Ori, é necessário e é responsabilidade de cada um fazer o possivel para ter um Ori saudável. Para isso, consulta-se Ifá, que prescreve os rituais e as oferendas para cada Ori.
Ori é a base de tudo, pois quem não tem um bom Ori não consegue receber a vibração de um orixá.
Além de estar estreitamente ligado a Ifá, Esu é o elemento da possibilidade X incerteza. Seu papel no oráculo é extremamente importante. Por essa razão, Ifá indica com frequência oferendas para Esu, para que tudo corra bem, com harmonia. Além dos dezesseis Odu, existe o décimo sétimo, Oseturá, que é o Odu de Esu.
Muito embora Ifá possa melhorar o Ori de uma pessoa, Esu é indispensável, para manter o equilíbrio e a harmonia do universo.
As esculturas e objetos de Ifá consistem, basicamente, de objetos e equipamentos usados no ato da adivinhação, como:
ikin (noz de dendê),
opele (rosário da adivinhação),
opon-Ifá (bandeja de madeira),
iroke (sino de madeira ou marfim também chamado irofa) e
Adà Òosá e Talabí (pequenas facas de ferro com um sininho no cabo).
Objetos sagrados que são usados pelo sacerdote de Ifá em sua casa:
Igba Odu - caixa fechada ou cabaça contendo os objetos que recebeu na iniciação,
Agere Ifá - taça de madeira esculpida com tampa, para guardar as dezessete nozes sagradas,
Apotí Ifá - caixa de madeira ou baú para guardar material ritual, com um compartimento central e quatro periféricos.
Opá oréré, opá Osoro ou Osun Babalawo - bengala de ferro usada num canto da casa do sacerdote.
Como objetos de uso pessoal usados em ocasiões importantes, de cunho social ou religioso, temos:
Ikute Ifá - bengala enfeitada de contas,
Adé Babalawo - coroa do Babalawo,
Àpoo Jerugbe - bolsa decorada com contas,
Odigbe Ifá - boina de contas e Irukéré - chicote de rabo de cavalo, enfeitado com contas.
Quando se encontram em uma cerimônia importante, os Babalawo acenam seus Irukéré para se cumprimentar, e como demonstração simbólica de sua posição perante a sociedade. O uso dos objetos é considerado uma honra e um privilégio conferidos ao sacerdote de Ifá.

EEGÚN OU EGÚNGÚN

Egúngún é o que o povo chama de Ãrá-Orun-Kìnkìn. Em vida cada pessoa é dirigida por um espírito. Ao morrer, o espírito a acompanha até ao céu. Para evocar os espíritos dos mortos faz-se uma festa uma vez por ano, para chamar Àrá-orun e pedir-lhe para vir à Terra. A festa não tem dia certo.

O espírito não se vê, mas sente-se a presença. É "carregado" por um ser humano do sexo masculino, que é preparado espiritualmente e vestido com uma roupa própria, chamada ago que o cobre da cabeça aos pés, que pode ser branca pintada de azul, de tiras coloridas, etc. dependendo do local.

Eegún usa máscara, que pode ser de madeira, cobrindo a cabeça por completo, com furos para o homem poder respirar. Como fica todo coberto, inclusive as mãos e os pés, ninguém sabe quem ele é.

Após preparado esse homem tem todos os poderes e força espiritual dados por Eegún. Ele pode fazer coisas incríveis, como flutuar, fazer chover, pegar fogo à distância, aumentar de tamanho, curar epidemias, etc.

Cada família tem o seu Eegún, com nomes diferentes. Representa uma pessoa da família que já morreu e volta no dia da festa. Cada cidade também tem os seus Eegún.

No dia de Eegún sair à rua, ninguém pode encostar nem na roupa dele, devido à sua grande força. Quando é necessário, como em casos de seca, epidemia, etc. ele sai pela cidade, para melhorar a situação.

Há um tipo de Eegún que não é incorporação, é folclore. Ele sai pelas ruas da cidade e as crianças correm atrás gritando, e ele bate nelas com uma varinha chamada atori. Nesse caso não há envolvimento de nada sobrenatural.

Nas festas de Eegún todo o povo se reúne. Quando ele chega, faz milagres, dá conselhos, prevê o futuro, e dança ao som dos atabaques. Os Eegún mais velhos e mais fortes sentam e apreciam.

Alguns costumam ir de casa em casa. Ao chegar, os moradores se ajoelham e oferecem-lhe presentes como carneiro, dinheiro, óleo, sal, cabra, mel, etc. Ele então usa todos os presentes para fazer um trabalho para aquela casa, e pede coisas boas para os moradores.

No mato existe um local apropriado para Eegún sair. Chama-se igbàle, e fica num local chamado igbo-oro. Uma pessoa chamada atokun toma conta do local.

A presença de Eegún deixa bem claro que a relação entre os mortos e os vivos existe e não vai acabar.

Em cada localidade existe um tipo de Eegún, com suas peculiaridades. Há vários em Oyo, sendo que um deles, o Elewe, dança ao som de atabaques especiais, chamados bàtá e gangan.

Em Ibadan há um tipo chamado Alápánsánpá e outro chamado Olóòlu, que só sai quando alguma coisa de ruim acontece na cidade, e quando sai não pode ser visto pelas mulheres.

Em Egbá tem Gelede, Elegbódo e Àwùrù, dentre outros.

Em Ekiti recebe o nome geral de Epa, com várias qualidades diferentes, como, por exemplo, Okotorojo, que usa máscara de madeira.

Em Ijeru chama-se Aje, ou Ako Egúngún.

Em Ado recebe o nome de Eegún Ado, e divide-se em Ede e Osasa..

Em Èkó (Lagos) há, por exemplo, Awori e Adimuòrìsa, com a qualidade Eyo.

Em Akoko, perto de Ondo, há uma qualidade de Eegún chamada Apajebúje (mata-feiticeiro-e-come), que sai sempre que acontece algo ruim na cidade. Ele percorre a cidade a pé. Sua roupa é feita de folhas secas de bananeira. Quando ele volta para o mato, após percorrer a cidade, o problema fica resolvido. Se for chuva ela para, se for epidemia, acaba em sete dias.

Em Ikare existe um Eegún que chamado Olomodun, que usa penas na cabeça. Usa um tipo de manto de tiras de pano colorido, enfeitadas com espelhos. Este Eegún só sai no final do ano, e geralmente trabalha para mulheres que não podem ter filhos. No ano seguinte as mulheres que ganharam filhos graças a ele levam as crianças para ele ver.

Mas o mais estranho é um Eegún da tribo dos Tapas, chamado Igúnnú, que chega à altura de 10 a 15 metros.

No Brasil os Egungún eram tradicionalmente cultuados somente na Ilha de Itaparica, na Bahia. Atualmente o culto vem sendo difundido em outros locais.

ORÒ, OU SOCIEDADE OSUGBO

Antigamente os iorubá eram dominados pelos membros da sociedade Orò. Só era importante quem pertencia à sociedade de Orò. Os que não conheciam não eram considerados.

Os membros da sociedade usam roupa preta, como os padres. É uma seita muito forte e fechada. O nome é Osugbo, e seus membros é que anunciam a chegada de Orò.

Orò é um orixá do ara-orun. A origem de Oro é a mesma de Eegún, só que não incorpora, é só o espírito. Orò significa um orixá do céu ou da morte. Os iorubá acreditam que, quando uma pessoa morre, seu espírito pode ser encontrado num local pré-determinado. Como o rosto de Orò não pode ser visto, ele só sai de madrugada, e só os homens podem vê-lo. Ninguém do sexo feminino tem permissão para vê-lo, nem que seja uma criança recém-nascida.

Na sua casa, no mato, só entram as pessoas ligadas à seita, que o trazem para a cidade. Sua voz ecoa pela cidade. Quando está chegando, todos são avisados, para não sair à rua. Se uma mulher estiver na rua por acaso, deve entrar na primeira casa e ficar até o dia seguinte. Se uma mulher insistir em vê-lo de propósito, fica doente, branca, inchada, e morre. Se o vir sem querer, ela faz uma obrigação para tirar Orò e fica boa. O grito típico de Orò é: "Heepa! Heeparipa!" (Orò saiu!), e as pessoas respondem: "Wo o firi, ki o gboju kuro..." ouvindo esses gritos as mulheres ficam sabendo que devem se esconder.

Antigamente era a sociedade Osugbo que dirigia a cidade de Abeokuta. Dela se originou a sociedade Ogboni. Nessa época os pecadores eram punidos pela sociedade com a morte ou a expulsão da cidade.

A festa de Orò é sempre na época da abundância de alimentos na localidade onde ele sai.

Rituais feitos pelos membros da seita de Orò:

Ìrànà - para tirar Esu da cidade ou da cabeça de alguém;

Ìpàde - encontrar o espírito de um morto - o ritual é feito onde a pessoa está enterrada, e um membro da seita veste a roupa do morto.

Orò le e ni ìlù - (Orò, tira ele da cidade) - para tirar uma pessoa má da cidade.

Em cada localidade Orò pode ter um nome diferente. Em Ekiti chama-se Olúa, e em alguns lugares Àtogun e Ereju.

SOCIEDADE GELEDE

É uma das mais famosas organizações artísticas e religiosas dos iorubá. Compõe-se de um grupo de pessoas devotas do culto de aje (feiticeiras), que são chamadas de Iya-mi. Entre os iorubá as feiticeiras representam um aspecto assustador do poder oculto das mulheres.

Junto com os ajogun: iku (a morte) e àrún (a doença), as aje são as forças maléficas que devem ser temidas e agradadas, para não atrapalharem o equilíbrio universal.

Como as feiticeiras são seres humanos que fazem parte da sociedade e possuem atributos humanos, elas podem desempenhar uma dupla função, no plano humano e espiritual.

Por isso os Gelede são devotados a agradar e cultuar as Iya-mi, para terem harmonia, tranquilidade e paz.

As cerimônias Gelede são ocasiões rituais muito importantes em diversas localidades, especialmente em Ketu (sua terra original), Sábee, Ìjìó e Egbado.

A complicada música e dança Gelede tornou-se tão famosa que há um provérbio que diz: "Ojú to wo Gelede, ti dopin iran" - Os olhos que assistiram Gelede viram o máximo em drama.

As lindas roupas, seus complicados movimentos, a sátira das máscaras e cantos, representam um rico aspecto da tradição oral iorubá.

IDIOMA

O iorubá é a língua pátria de mais de 10 milhões de pessoas que vivem na região oeste da Nigéria e adjacências.

Como todos os idiomas, possui algumas variações regionais (dialetos), mas com o passar do tempo foi se desenvolvendo um iorubá padrão, usado na linguagem escrita e ensinado nas escolas. Existem duas formas ligeiramente diferentes desse iorubá padrão, uma da cidade de Oyo e outra da cidade de Lagos.
O iorubá é um idioma tonal, quer dizer, temos que prestar atenção aos sons e à sua entonação (cadência), de cada palavra. Dependendo da entonação uma palavra de grafia igual pode ter vários significados. A função do acento colocado acima das letras é exatamente indicar o tom. Enquanto nos outros idiomas que conhecemos a diferença entre as palavras de grafia igual reside na sílaba tônica (ex. inválido/invalido) em iorubá essa diferença está na entonação. Um exemplo típico é fó (quebrar) e fò (lavar) que pode originar frases como "Quebre este prato" ou "Lave este prato", dependendo unicamente da entonação.
Ao falar iorubá devemos ter em mente que
1. O som das vogais é sempre o mesmo, não varia como em português (bola, boneca).
2. As sílabas são entrecortadas por uma leve respiração (tètè = tè-tè - cedo, kòkò = kò-kò - cacau) enquanto em português a pronúncia é direta (bola, coco).
3. Todas as consoantes são pronunciadas com a mesma energia (Baba (pai), dúdú (escuro))
4. Não existem grupos consonantais nem sílabas acabadas por consoantes.
5. Também não existem ditongos. As seqüências de vogais são pronunciadas como sílabas separadas. Por exemplo, Láìpé = Lá-ì-pé (cedo) é considerado trissílabo, e raúráú = ra-ú-rá-ú (completamente) é polissílabo.

NOMES PRÓPRIOS E TÍTULOS

Nomes Próprios
Modernamente está sendo adotado o sistema europeu, com nomes e sobrenomes numa ordem pré-fixada, devido à necessidade cada vez maior de possuir um registro civil com diversas finalidades: viagens, casamento, morte, eleições etc.
• Sistema primitivo
a. Cada família possuía um oríle, isto é, um nome representando o símbolo do totem do grupo primitivo que a originou. São nomes como erin (elefante). As crianças adotavam o oríle do pai, mas as mulheres casadas mantinham o original de sua família. Cada grupo familiar possuía um grande oriki (tipo de reza exaltando os grandes feitos) em homenagem a esse nome, e recitavam-no em ocasiões especiais.
b. Quem nascia em condições especiais tinha um nome próprio àmútorunwá - "trazido do outro mundo", isto é, era obrigatório ter aquele nome. Os mais comuns são Táíwò = provar o mundo (primeiro gêmeo a nascer), Kehìndé = chegar atrás (segundo gêmeo a sair), Idowú (filho que nascia depois dos gêmeos), Dàda (criança que nascia com muito cabelo), Ìgé (criança que nascia com os pés primeiro), Òjó (quem nascia com o cordão umbilical enrolado no pescoço).
c. Todos recebiam um ou mais nomes àbíso, dados pelos parentes mais velhos uma semana após o nascimento, na cerimônia chamada ìkómojádè, em que a criança aparecia em público pela primeira vez. Estes nomes refletiam o sentimento da família, as circunstâncias, e podiam conter uma referência ao culto praticado pela família. Seu número é infinito.
Como exemplo citamos Babátúndé - "O pai voltou" - nome dado a um menino cujo avô morreu pouco antes dele nascer, porque acreditavam que os avós reencarnavam nos netos. O nome correspondente feminino é Yétúndé ou Ìyábo - "A mãe chegou".
A palavra Adé (coroa) aparecia muito em nomes masculinos de famílias reais. Por exemplo, Adétòkunbo (a coroa voltou do outro lado do mar) quando o pai da criança voltou recentemente do exterior.
Os nomes que se referiam a cultos são aqueles que homenageavam os orixás por terem feito a criança vir ao mundo, por exemplo, Fasina - Ifá abriu o caminho, ou Ògúnkeye - Honra a Ogún. Todo um conjunto de nomes está ligado a abikú, como vimos anteriormente.
Esses nomes abiso tendiam a ser abreviados sem seguir nenhuma regra fixa, por isso não havia muitas pessoas com o mesmo nome.

d. Em certos grupos, além do grande oriki familiar as crianças recebiam pequenos oriki pessoais.

Há restrições ao uso do nome abiso. Por exemplo não se deve chamar por esse nome uma pessoa mais velha, ou com um cargo mais importante.

Exemplo desses nomes:

Àdùke - ela que nós disputamos para cuidar

Akàndé - Ele que tem a vez para vir

Àjàní - Ele, que nós lutamos para ter.

• Modificações

Com o advento do cristianismo e do islamismo, foram usados muitos nomes cristãos, como Samuel, Michael, etc. e islâmicos, como Aminú, Latifatu, etc. em lugar do nome àbíso. Estes passaram a ser vistos pelos convertidos como resquícios do ateísmo. Entretanto atualmente voltaram à moda.

Os sobrenomes usados atualmente são, na maioria dos casos, um dos nomes dos pais ou avós, como se faz entre nós. Na sua origem podem ser um título, como Balógun - Capitão de Guerra, ou um nome de qualquer tipo.

Os iorubá descendentes de escravos de Serra Leoa podem ter nomes ingleses, e famílias que retornaram do Brasil têm nomes portugueses.

Como na maioria dos idiomas, há algumas regras para o uso de nomes. O marido, por exemplo, refere-se à esposa como "minha esposa", pelo primeiro nome ou pelo sobrenome, de acordo com a situação.

Referindo-se a uma pessoa mais velha, além da restrição já citada, é usado um termo de parentesco: Baba Lágbajá (pai fulano-de-tal), Iya Lágbajá (mãe fulana-de-tal).

Lágbajá, Temedu e Làkásegbè são usados como "da Silva" no Brasil.

Títulos

Dependendo da localidade, os títulos de chefes podem ser nomes específicos, como Oni, em Ifé e Awùjale em Ijebu Ode, ou formados de Oni ou Ala (dono de) e o nome do local.

Abaixo do principal chefe há diversos cargos hierárquicos menores. Os nomes podem também ser especiais ou derivados das funções. Como exemplo temos Balógun - chefe da guerra. Seus subordinados são Òtún Balógun - o da direita, para o mais antigo, e Òsì Balogún - o da esquerda, para o seguinte.

A despeito da mudança rápida de padrões, os iorubá ainda dão muita importância aos títulos tradicionais.

No Brasil podemos ver a influência desse costume no Candomblé, onde há títulos hierárquicos para os principais cargos, e também se usa a distinção semelhante para Òtún e Òsì.

MESES DO ANO

Existem duas formas de chamar os meses em iorubá, uma tradicional e outra moderna.

A tradicional só é usada na literatura, enquanto a moderna é usada no dia-a-dia.

Janeiro Sere Osu Kini Odun

Fevereiro Erele Osu Keji Odun

Março Erena Osu Keta Odun

Abril Igbe Osu Kerin Odun

Maio Ebibi Osu Karun Odun

Junho Okudu Osu Kefa Odun

Julho Agemo Osu Keje Odun

Agosto Ogun Osu Kejo Odun

Setembro Owewe Osu Kesan Odun

Outubro Owara Osu Kewa Odun

Novembro Belu Osu Kokanla Odun

Dezembro Ope Osu Kejila Odun

DIAS DA SEMANA (nomes tradicionais)

Domingo Ojo Àiku Dia do Descanso
Segunda-feira Ojo Aje Dia de Lucro
Terça-feira Ojo Isegun Dia da Vitória
Quarta-feira Ojo Riru Dia da Confusão
Quinta-feira Ojo Bo Dia da Criação
Sexta-feira Ojo Eti Dia da Falta
Sábado Ojo Abameta Dia dos 3 Encontros

PROVÉRBIOS E ADIVINHAÇÕES

Os iorubá têm o hábito de propor adivinhações - àlo e citar provérbios - òwe. Ambos são simbólicos e se baseiam na experiência.
O àlo propõe um raciocínio, e o òwe é um exemplo de vida.
Como exemplo de àlo temos:
Á dúró, ó dúró, a bere, o bere, a lé e, lé e, kò lo. Ìdahún: òjìji (Nós paramos, ela pára, nós abaixamos, ela abaixa, nós mandamos embora, ela não vai. Resposta: a sombra).
Òwe - (Provérbios)
Os provérbios iorubá só podem ser ditos pelos mais velhos, pois é necessário muita experiência para saber qual provérbio se aplica a uma situação. Se uma pessoa disser um provérbio na frente de outra pessoa mais velha, imediatamente pede desculpas e a mais velha faz uma prece desejando-lhe longa vida para poder dizer muitos provérbios. Em geral provérbios são conselhos sobre a conduta das pessoas em determinada situação. Uns são auto explicáveis, porém em sua maioria são ditos de forma simbólica, tirados de fábulas.
Há dois tipos de provérbio, os que fazem afirmações sobre a vida, como "O orgulho vem antes de uma queda", e os que generalizam experiências particulares, como "Você pode levar um cavalo até à água, mas não pode fazê-lo beber".

• Exemplo de provérbios

Enia lásán po ju igbe; enia rere han jú ojú.
(As pessoas más são comuns como os arbustos, mas as boas são raras como os olhos.)
Nwon ní kí arúgbó gbà omo pon ó ní sebí nwon mo pé on kò ni ehín. Nwon ní kí ó pa omo je ni?
(Pediram à velha para ajudar a carregar a criança às costas. Ela respondeu: Mas vocês sabem que não tenho dentes. Alguém lhe pediu para comer a criança?)
Eniti kò ní ìyàwó kò mbí àbikú.
(Aquele que não tem esposa não sofrerá a perda dos filhos.)
Oran se ni wò, kò a mo enití ó fe ni.
(Quando temos problemas é que sabemos quem gosta de nós.)
Orí tí yio je Ogedesùn kò ngbá. Bí nwon ngbé igba iyan bo a fun un, yio fo dandan ni.
(Se alguém está destinado a comer bananas, certamente as comerá. Se lhe trouxerem purê de cará a vasilha se quebrará, de qualquer forma, no caminho.)
Olówó pè ìlù o kò jó, ojo wo no o máa rí owó pè tire?
(O rico paga uma orquestra, e você não dança. Mas quando você terá dinheiro para pagar uma?)
A maioria dos provérbios iorubá fala das relações familiares, da posição de destaque dos mais velhos no grupo e das obrigações do indivíduo para com a sociedade.
Alguns costumes e o provérbio correspondente:
- A família é muito organizada, cada membro tendo seus direitos e deveres, até mesmo uma criança é tratada com respeito. Cada um tem seu lugar no grupo.
Owo omode kò tó pepe, t'àgbalágbà kò wo kèrègbè.
(A mão pequena da criança não pode alcançar a prateleira alta; a mão grande do adulto não pode penetrar no orifício estreito da cabaça.)
- Como qualquer sociedade, os iorubá não estão livres dos maus sentimentos, como a inveja.
Opekete ndàgbà, inú adámo mbàje, mo dì baba tán inú mbí won.

(O crescimento da pequena palmeira evita que se lhe corte a palma. Eu me tornei pai e eles têm inveja.)
- Como a mortalidade infantil é muito grande, há um medo constante de que o filho morra jovem.
Omo kò áyolé, eni omo sin l'ó bi mo.
(Só o homem cujo filho sobrevive tem netos.)
- Uma criança é respeitada pela posição ou virtudes do pai.
Ola baba ní ímú ni yan gbendeke.
(É a honra do pai que permite ao filho caminhar com orgulho.)
- O amor e a devoção da mãe são muito exaltados.
Abiyamo se owo kòtu lù omo re.
(A mãe bate em seu filho com a mão em concha.)
- A posição mais importante é a dos velhos.
Àgbà kò sí ìlú bàje
(Quando não há velhos, a cidade se arruina.)
- Uma das virtudes mais importantes é o tato.
A kìí se ojú oníka mesan kà a.
(Nunca seja visto contando os dedos de um homem que só tem nove.)
- Os jovens devem ser humildes e admitir suas faltas.
Elejo kì ímo ejo ro l'ebi k'ó pe lorí ìkúnle.
(Aquele que admite suas faltas não as paga por muito tempo.)
- Os presentes devem ser aceitos sempre de bom grado.
Àwà-yó fi ara re gbodi.
(Aquele que diz: Não queremos mais comida! torna-se impopular.)
- A moderação é uma das virtudes mais elogiadas. Quem aspira alto demais é muito censurado.
Nwon fi o je oba, o nwe Àwúre; o fe je Olorun ni?
(Tendo-se tornado um rei você fica orgulhoso. Você quer tornar-se Deus?)
- Visão é outra qualidade elogiada. Os provérbios criticam aqueles que não podem prever as conseqüências de suas ações.
Obe nké ilé ara re ó ní oùn mba àko je.
(A faca está destruindo sua própria casa, e você pensa que está simplesmente cortando um telhado velho.)

SAUDAÇÕES

Os iorubá dão muita importância às diversas formas de saudação. Além de perguntar sobre a saúde de vários membros da família e fazer referência à hora, as saudações mencionam a circunstância em que se encontra a pessoa cumprimentada.
Quando desejamos cumprimentar alguém de forma informal, familiar, o cumprimento deve ser feito no singular. Quando desejamos um cumprimento formal, polido, ele deve ser feito no plural, mesmo que se dirija a uma só pessoa.
Para chamar a atenção da pessoa que estamos cumprimentando, além de elevar a voz usa-se "O" no final da saudação. Na resposta não é preciso juntar o "O".
Há uma expressão idiomática usada quando duas pessoas não se vêem há muito tempo: "Não faz três dias?" (o três é simbólico); a resposta é sempre a mesma: "Somente um dia!"
Cumprimentos e Saudações
Bom dia E karo (O) (forma polida)
Boa tarde E kasan (O) (plural)
(E ku osan)
O ku osan (singular)
Boa tarde E kurole (depois das 4)
E ku irole
Boa tarde E kuasale

(pessoas de Ife, Osogbo e Oyo)
Boa noite E kale (O)
Até logo O dabo
Até amanhã O dola
Até amanhã O daro (O daaro) (Boa noite)
Resposta: O, O daro, ki Olorun so wa O!
Até outro dia Ó dígbà
Bem-vindo E kabo
(se for a uma casa, a resposta é: O, e kú ilé)
Chegada a casa E kú ilé (na nossa casa)
Resposta: E kabo
Como vai? Se alafia ni?
Como vai? Se dada ni?
Bem obrigado Alafia ni, adupe
Ao acordar Se alafia la jí? / A à jíire bí?
(Não acordamos bem hoje?)
Resposta: A dupe
Outras pessoas da família:
As crianças Awon omode ò ji bí?
(as crianças acordaram bem?)
Resposta: Nwon jí a dupe
Seu pai?/ mãe? Baba nko?/ Iya nko?
Resposta: Ó wà Ou Ó mbe
Seus filhos? Awon omode nko?
Resposta: Nwon wà/Nwon mbe
Fez boa viagem? Se alafia le de?
Chegou bem? Dada ke de bi?
Pessoa que não vemos há muito tempo:
Não faz três dias?Kó tó ijo metá? (Simbólico)
Resposta: Ijo kàn pelu. (Somente um dia)
Bom trabalho! E ku ise (Para pessoas trabalhando, ou para elogiar um trabalho)
Pessoas sentadas E kú íjóko (Quando chegamos)
Pessoas em pé E kú Ìdùró (Quando passamos por alguém em pé esperando)
Gastando E kú ìnáwó (Ao receber um presente, para o anfitrião de festa ou qualquer pessoa que está gastando dinheiro)
Resposta: Kò tó nkànkan (não foi nada - no caso de presente ou dinheiro)
Resposta: E kú àbáse (Obrigado por ter vindo - anfitrião)
Quem sofre perda E kú ìrojú
(Pelas dificuldades que está passando)
Morte de idoso E kú asehìndè (vem da crença que o idoso vai reencarnar breve num bebê da família)
Cumprimentos Para Cargos Específicos
Babalawo Sacerdote De Ifa -Aboru-boye O
Resposta: Aboru-boye bo sise
Ode Caçador - Arepa Ogun!
(ou Arinpa Ogun)
Ogun a fowo jona (Ogun usa as mãos e queima no fogo)
Resposta: Onidiriarepa ni ti Ogun
Alagbede Ferreiro - Aroye O
Resposta: Ogun A gbe o O
(Ogun fica a seu lado)

Ogun alana fun o
Abiyamo Mãe de bebê - E ku ewu omo
(Eu Saúdo Seu Filho)
Resposta: Tire naa a de O
(Que Seja Bem-Vindo)
Agbe Fazendeiro - owo a ya (Tenha boa mão)
Resposta: A dupe O
Agunpe-akope Subidor de palmeira -
Igba a ro O (Sucesso na tarefa)
Resposta: Ase O (É uma ordem)
Awako - Atuko Marinheiro, navegador, canoeiro –
oko a refo O (Boa viagem)
Resposta: Odigba (Até à vista)
Onidiri Cabeleireiro - Oju gboro
(Tenha longos cabelos)
Resposta: Iyemoja a gbe O
(Iemanjá os proteja)
Gbenagbena Carpinteiro - E ku ona
(Bom trabalho)
Resposta: A dupe O
Alàyo Ota Jogador de ayo - Mo ki ota, mo ki ope - Saúdo vocês jogadores
Resposta: Mo wole O
(Rogo sua homenagem)
Oba (Rei) Kabiyesi Alase Ekeji Orisa. Ki Ade Pe Lori, Ki Bata Pe Lese (Salve majestade a pessoa mais importante depois do orixá. Que a coroa fique muito tempo em sua cabeça e os sapatos em seus pés.)
Resposta: A gbe o O
(Que O Rei Nos Proteja)
Ijoye Ministro Ou Oficial - E bo afin (Eu O Saúdo Oficial)
Resposta: A gbe o O (... Nos Proteja) 164
Expressões "Polidas"
Por Favor E jowo
Obrigado A dupe (mo dupe) (Usa-se para agradecer uma saudação)
Obrigado E se E / E seun (Para agradecer algo que a pessoa fez.
Não se usa para saudações)
Muito obrigado E se pupo / A dupe pupo
De nada Ko tope
Desculpe-me Ma binu
Com licença Ago lona
Posso entrar? Àgò onílé O?
Resposta: Àgò yà O
Onde você vai? Níbo lo dà báyi ?
Resposta: Mo nlo si ...ni
(Estou indo a....)

PALAVRAS ESPECIAIS FORMA DE EXPRESSAR SENTIMENTOS

Palavras especiais
Existem palavras que são usadas num sentido especial, além do seu significado normal.
OJÚ - rosto, olho, é usado nas expressões para dizer o lugar exato onde as coisas aconteceram, a parte principal de um objeto, uma arma ou ferramenta. Ojú ojà - o local da feira; Ojú ìbon - o gatilho da espingarda; Ojú ise - função principal; Ojú ijó - local onde as pessoas dançam.

Pode ainda ser usado de forma metafórica: Ojú mi mo - meus olhos clarearam (passei a ver uma coisa tarde demais); Ojú mi wále - minha cara caiu no chão; Ó fa ojú mi móra - ele encheu meus olhos (fez com que eu o notasse); O ó ri pupa ojú mi - você verá o vermelho dos meus olhos (ficarei muito zangado); Ojú mi di owo re - meus olhos estarão nas suas mãos (você deve agir por mim na minha ausência).
ENU - boca. Esta palavra também é usada significando a parte principal de uma ferramenta - obe yi kú l'enu - esta
faca está sem corte. Também pode ser usada de forma metafórica - Enu re tó ile - sua boca atinge o chão (pessoa cuja palavra é de grande importância); Enu re dùn - sua boca é doce (ele tem muita persuasão).
ARA (corpo) X INÚ (barriga por dentro)
Usadas para se referir às partes de um todo. Mo je die l'ara re ou mo je die n'inu re - ambas significam eu comi uma porção de... A diferença é que ara é uma coisa inteira, maior, como carne, etc. e inú é uma composição de coisas pequenas, como ensopado, etc.
Em algumas expressões usa-se também o contraste de ara (corpo) com inú (mente): Ó dun mo mi nínú - agrada-me mentalmente; Ó dun mo mi l'ara - agrada-me fisicamente.
ÌDÍ - parte de baixo, base, nádegas. Muito usado para indicar um lugar de grande atividade - Ìdí moto - estacionamento ou parada de ônibus. Pode ser usado com o sentido de motivo, causa - Mo n'awo pupo n'idi òràn yi - gastei muito dinheiro devido a este negócio.
EHÌN - atrás, costas. Pode significar "do lado de fora". Àwò ràn ehìn ìwé - pintura do lado de fora do livro (capa). Pode ser usado como ausência: "Fizeram isso na minha ausência" - Nwon se e lehin mi (por trás de mim).
OWO (mãos) e ESE (pés) - São usados juntos em expressões como: "Eles o receberam com cordialidade" - Nwon gbà á t'owo t'ese - Eles o receberam das mãos até aos pés.
"Quando se tornaram amigos íntimos"- Nígbàtí owo wo owo, ese wo ese. - quando suas mãos e seus pés se encontraram.
Forma de expressar sentimentos
Os iorubá têm uma forma peculiar de expressar os sentimentos, usando metáforas.
Estou feliz - Inú mi dùn - Estou doce por dentro
Me aborrece - O yo mí lenu - Faz minha boca sair
Estou triste - Ó dún mi nínú - Ele me fere por dentro / Ó dún mi l'okan - Me fere o coração
Estou aborrecido - Inú mi bàje - Estou estragado por dentro
Estou desapontado - Ara mi bàje - Meu corpo está estragado
Estou com dor de estômago - Ìnú nrun mi - Estou partindo por dentro
Estou gripado - Inú nlo mi - Estou balançando por dentro
Estou com sede - Òùngbe ngbe mi - A sede está me secando
Estou com fome - Ebí npá mi - A fome está me matando
Quero chorar - Ekun ngbon mí - As lágrimas estão me balançando
Outras expressões de uso diário:
Quero evacuar – Igbonse ngbon mi
Quero urinar – Ito ngbon mi
Estou com frio – òtutu mù mi
Estou com calor – ooru mu mi
Estou com sono – oorun nkún mi
Estou cansado – ó re mi
Estou com tosse – iko nse mi
Ele é doido – ori re fo

DEDICATÓRIAS

Aniversário:
E kú odun O, e kú ojo-ibi!
Feliz Aniversário, Parabéns!

Natal:
E kú odun O, e kú iyedun. Ki Olodumare se odun ni abo fun gbogbo wa. A se yi, se amodun. Ase
Boas Festas. Que você esteja feliz. Que Olodumare faça este ano ser bom para todos nós. Este ano e o próximo também. Assim seja.
Geral:
Pelu gbogbo àse ati alàfia. Ki Olorun wà pelú ìwo.
Com todo o axé e tudo de bom. Olorun esteja contigo.
Awa iyo mà ranti. Ranti ile ìsedale bàbá wa. Olodumare yio ran ìwo lowo. Àse ati alàfia.
Nós vamos continuar lembrando. Lembrando as origens, costumes e cultura de nossos ancestrais. Que Olodumare lhe estenda a mão. Axe e tudo de bom.

A ORIGEM DE FA - O SISTEMA DAHOMEANO DE ADVINHAÇÃO

Gbadu nasceu após os gêmeos Agbe e Naete. Possui dezesseis olhos e é um deus andrógino. Mawu designou-o a viver no alto de uma árvore de palma, no Orum, a fim de observar os reinos do mar, da terra e do céu. Mais tarde, Mawu lhe diria os deveres que deveria executar. Gbadu está sempre na árvore.
A noite, quando dorme, seus olhos se fecham e depois não pode abri-los sozinho. Legba foi encarregado por Mawu, para escalar a árvore de palma, a cada manhã, para abrir os olhos de seu irmão.
Quando Legba escala a árvore de palma, pergunta primeiro a Gbadu que olhos deseja ter aberto, se os detrás, da frente, da direita ou da esquerda. Ao ouvir a pergunta, Gabdu presta atenção ao reino do mar, da terra e do céu; não quer falar porque outros podem ouvir.
Em resposta a Legba, põe semente da palma em sua mão. Se colocar uma semente, significa que deseja abrir um de seus olhos e se forem duas sementes, Gabdu deseja que dois de seus olhos sejam abertos.
Quando Legba abre seus olhos, ele mesmo olha bem de perto o que está acontecendo no mar e na terra e prometeu a Gbadu, a quem nós também chamamos de Fa, que relataria tudo à ele, inclusive o que acontece no domínio de Mawu, o Orum. E dests maneira aconteceu.
Depois de um tempo, Gbadu começou a gerar crianças. A primeira criança era Minona, uma filha. A segunda criança também era uma filha. Todas as outras crianças eram filhos e foram chamados de: Aovi, Abi, Duwo, Kiti, Agbankwe e Zose.
Um dia, Gabadu confidenciou a Legba que estava incomodado porque Mawu ainda não tinha lhe designado seu trabalho.
O único que conhecia a língua de Mawu era Legba e este prometeu a Gbadu que o ensinaria.
Algum tempo após isto, Legba disse a Mawu que havia uma grande guerra na terra, no mar e no céu e que, se Gbadu ficasse apenas olhando do alto, esses três reinos seriam logo destruídos.
A água do mar não sabia seu lugar e a chuva não soube cair.
Isto estava acontecendo porque os donos daqueles reinos não compreendiam a língua de Mawu.
Mawu perguntou: "O que deve ser feito?". Legba disse que o melhor seria enviar Gbadu à terra.
Mas Mawu respondeu: "Não, deixe Gbadu permanecer aqui, mas darei a compreensão de minha língua à alguns homens na terra, dessa maneira, os homens saberão o futuro e como comportarem-se".
Mawu mandou Legba encontrar três filhos de Gabdu.
Antes que essas crianças de Gabdu fossem para a terra, Mawu entregou as chaves do futuro para Gabdu. Disse-lhe que aquela era uma casa com dezesseis portas e que cada uma correspondia aos olhos de Gabdu.

A árvore de palma em que Gbadu descansou foi chamada de Fa. Assim, quando Gbadu recebeu as chaves, Mawu disse que Legba era o "inspetor" do mundo e que desejava que Gbadu fosse o intermediário entre os três reinos e ela mesma.
Quando os homens desejarem saber o futuro a fim de guiarem suas ações, deveriam pegar as sementes e jogá-las aleatoriamente e isto abriria os olhos de Gbadu que corresponde ao número de sementes e a ordem em que caíram. Porque as sementes abririam o olho que correspondesse a uma porta na casa do futuro, o destino para quem fossem jogadas poderia ser visto.
O que cada casa do futuro continha foi ensinado às três crianças que foram enviadas à terra.
As crianças escolhidas para ligarem a terra Gbadu e Legba, consequentemente a Mawu, foram Duwo, Kiti e Zose.
Trouxeram sementes da palma com elas, mostrando aos homens como usá-las. Ensinaram e disseram a cada homem o que era seu sekpoli (destino). Disseram que o sekpoli é a alma que Mawu deu a tudo, mas antes de chamar esta alma, deve-se abrir os olhos de Gbadu. É necessário saber o número de olhos de Gbadu que estão abertos antes de chamar esta alma, de modo que se um homem souber o número de linhas que o Fa seguiu para ele, sabia seu sekpoli.
Foi dito que nenhum santuário era necessário para a adoração de sekpoli porque o próprio corpo humano já é seu santuário.
Quando os três tinham terminado de ensinar aos homens, voltaram ao céu.
Mais tarde, Mawu enviou todas as crianças de Gbadu à terra. Foram conduzidos por Legba, que os instalou.
Quando voltaram, Zose recebeu o título de Faluwono, também conhecido como Bakonon, que quer dizer "possuidor dos segredos de Fa", que Gbadu tinha lhe dado.
Minona tornou-se uma deusa e reside na casa das mulheres, onde ela tece algodão em seu eixo.
Duwo recebeu o nome de Bokodaho. Reside nas casas de Pa (crianças de Agbadu), enquanto Kiti e Duwo foram ajudar Zose, que é Faluwono, fazer seu trabalho.
Zose joga as sementes da palma. Ele tem somente um pé e, no começo, quando traçava linhas do destino, as pessoas não acreditavam nele.
Seu irmão, Aovi, o azarado, foi encarregado de fazer com que as pessoas respeitassem o culto.
Hoje, se o Fa disser algo e você não fizer, chama-se Aovi para puni-lo. Então você deve respeitar o Fa.
Pa fez uma figura pequena de argila de Legba e colocou-a de um lado de sua casa , Aghannukwe. Abi foi chamado para dar a Minona a mesma função que Aovi tem para o Fa.
Abi é cinzas, combustão. É isso que faz com que as mulheres respeitem Minona.
Quando uma mulher cozinha e Minona está irritada com ela, o fogo queima-a ou sua casa pega fogo.
E é por esta razão, que quando na cerâmica é ateado fogo está se chamando Abi, porque as cinzas, a combustão, são abundantes.
Pouco a pouco as pessoas começaram a compreender o "novo sistema" e porque Aovi é muito severo, o culto passou a ser respeitado.
Assim, o culto do Fa espalhou-se em toda parte.
Um dia, veio na terra visitar o culto do Fa com Gbadu. Como era seu hábito, compartilharam da mesma esteira para dormir. Mas, tarde da noite, levantou-se secretamente e foi à Minona.
Entretanto, Gbadu acordou e descobriu que Legba o tinha enganado com sua própria filha.
Discutiram e foram para o Orum levar o caso a Mawu.
Legba não admitiu que tinha dormido com Minona. Mawu então MANDOU que se despisse.
Quando estava nú, Mawu viu que seu pênis estava ereto e disse: "Você me enganou e deitou-se com sua irmã. Por este motivo eu ordeno que seu pênis SEJA sempre ereto e você não poderá mais saciar-se".
Legba mostrou indiferença a esta punição porque jogou com Gbadu antes que Mawu o repreendesse, ordenando que seu pênis ficasse ereto para sempre, assim já sabia o que ia acontecer.

É por esta razão, que as danças de Legba são semelhantes a este acontecimento, tentando-se ver o que toda mulher tem na mão.

A importancia de ifá em nossas vidas!!!!

O culto a orumilá-ifá é nescesário em nossa religião, porque ifá é o começo de tudo e sem ífá não há orisá. Por isso devemos iniciar ifá antes de qualquer orisá, para isso é necessário o contato com um babalawo (pai do segredo), só ele tem o conhecimento necessário para a iniciação ao culto ifá. Os babalawos são sacerdotes nigerianos, na sua maioria, e de família tradicional no culto a Ifá, por isso devemos ter cuidado na hora de escolher um babalawo.

É necessário certificar-se se o mesmo possui ibá-odú (Cabaça que contém conhecimento da criação dos Odús e, conseqüentemente, da criação da humanidade).

Depois disso o iniciado obterá o seu odú de iniciação que varia de 1 a 256 números de odús existentes no oráculo de Ifá. Após a criação do odú o iniciado saberá o orisá que deverá iniciar em seu orí (cabeça), tornando, assim, sua iniciação completa.

No Brasil erroneamente os babalorisás iniciam pessoas ao culto aos orisás sem primeiro iniciar Ifá, o que causa para o iniciado confusão e dúvidas sobre o seu verdadeiro orisá, porque só um babalawo saberá exatamente qual o verdadeiro orisá do iniciado, através do ikin-ifá (jogo de ifá), usado para criar odú de iniciação infalível na hora de revelar o verdadeiro caminho de ifá.

No Brasil usa-se meridelogun, conhecido popularmente como jogo de búzios, porém sua eficácia é contestável, além de tudo, no Brasil os babalorisás iniciam pessoas aos orisás, sendo que nem eles mesmos são iniciados, o que torna ainda maior o erro e a ineficácia das iniciações.

Por isso devemos consertar estes erros do passado, procurando um babalawo para termos uma nova vida com ifá, vida sem erros, sem dúvidas e sem infortúnios.

Após a experiência com ifá a vida do iniciado mudará porque saberá com certeza como caminhar nesta vida de tantas armadilhas, e também encontrará o equilíbrio entre o bem e o mal, podendo conhecer assim a sua própria natureza humana.

Asé!

IFÁ IBEKEJI OLODUMARÉ (SEGUNDO DE DEUS)

IFÁ ELERIN IPIN (TESTEMUNHO DO DESTINO)

Dentro do culto aos Orixás, o mais importante são as oferendas aos Orixás, que têm por finalidade manter o equilíbrio das relações entre eles e os seres humanos.

É através das consultas ao Oráculo de Ifá, que as pessoas, mesmo as não iniciadas, são informadas a respeito das exigências de seus Orixás e principalmente de Exú, relativas às oferendas que desejam receber.

Nem sempre estas exigências são estabelecidas pela relação anteriormente explicada entre o ser humano e seu Orixá de cabeça, muitas das vezes, é outro Orixá quem se oferece para solucionar um determinado problema ou alguma dificuldade que está sendo vivenciada e, em troca, exige algum tipo de sacrifício em seu louvor.

Algumas vezes, pessoas atormentadas pelas mais diversas tipos de dificuldades, recorrem aos préstimos de algum Orixá, oferecendo algum tipo de sacrifício como penhor de sua confiança e de sua fé, da mesma forma que os católicos recorrem aos seus santos, implorando graças e fazendo promessas que, invariavelmente, são pagas somente após a obtenção da graça solicitada.

Os sacrifícios oferecidos aos Orixás são genericamente denominados "ebós" que se dividem em "ejenbale" (sacrifícios com derramamento de sangue) e "adimús" (sacrifícios incruentos).

Os ebós ejenbale, dividem-se em diversos tipos, exigindo sempre o derramamento de sangue de algum tipo de animal que pode ser uma ave, um quadrúpede ou até mesmo um simples caramujo. Dentre os mais conhecidos, destacamos:

Ebó ejé: Oferenda votiva que tem por finalidade obter determinado favorecimento ou graça de uma Divindade.

Ebó etutu: Sacrifício de apaziguamento. Este tipo de sacrifício é geralmente determinado pelo Oráculo e tem por finalidade acalmar a ira ou o descontentamento de uma entidade qualquer.

Ebó a ye ipin ohun: Sacrifício substitutivo. Tem por finalidade substituir a morte de alguém pela oferenda determinada pelo Oráculo, no Brasil, este sacrifício é vulgarmente conhecido como "ebó de troca".
Ebó ba mi d'iya: Sacrifício que visa atenuar uma punição de morte imposta à uma pessoa por um Orixá ou por um espírito maligno. Neste caso, como no anterior, um carneiro é sacrificado em substituição ao ser humano.
Ebó Ogunkojà: Sacrifício preventivo que pode ser público ou individual. Tem por finalidade evitar qualquer tipo de acontecimento nefasto que ameace a pessoa (individual) ou até mesmo uma cidade ou aldeia (público).
Ebó a d'ibode: Trata-se de um sacrifício propiciatório e preventivo. Este sacrifício é oferecido na fundação de uma casa, aldeia ou cidade e tem por finalidade acalmar os espíritos da terra no local da fundação. Antigamente, este ebó exigia o sacrifício de seres humanos que hoje em dia, foram substituídos por diversos animais.
Como podemos observar, o sacrifício de seres humanos era exigido nos primórdios do culto o que, sem dúvida, seria hoje considerado um absurdo, além de configurar-se, seja em qual for à circunstância, em homicídio, selvageria e falta de respeito ao ser humano.
Da mesma forma, o derramamento do sangue de animais, só deve ocorrer em situações de extrema necessidade e em casos em que não possam ser substituídos por outras oferendas, pois, se os Orixás, acostumados que eram a receberem sacrifícios humanos, concordaram na substituição dos mesmos pelos sacrifícios de animais, é fácil deduzir-se que estes podem também dar lugar a sacrifícios de minerais, vegetais e objetos de seu agrado.
Adentramos uma nova era em que todas as formas de vida adquirem sua valorização máxima e a vida dos animais, da mesma forma que a dos seres humanos, há que ser respeitada e preservada ao extremo. É chegada a hora de darmos um basta ao inútil derramamento de sangue que, ao invés de apaziguar os nossos deuses, só conseguem despertar a sua ira, tornando-os intolerantes e cada dia mais distantes de nós.
É necessário que se desperte nos adeptos do Candomblé a consciência do respeito devido a todas as formas de vida animal, cujo sacrifício só pode ser efetivado em casos excepcionalíssimos e quando todos os demais recursos hajam sido esgotados.
É num itan de Ifá, do Odu Odi Meji, que encontramos a fundamentação para as afirmações anteriormente feitas:
Odi Meji disse: "Metolõfi, por avareza, não quis sacrificar um boi de malhas brancas e a morte veio buscá-lo."
Quando Ifá estava ainda no ventre de sua mãe, pediu que seu pai pegasse um boi malhado de branco e oferecesse em sacrifício, a fim de evitar que dentro de três anos, uma guerra viesse dizimar o seu reino. Seu pai negligenciou o sacrifício e no dia do nascimento de Ifá, seu pai morreu e sua mãe foi capturada como escrava.
Três anos depois, a guerra arrasou o país e Ifá mandou que Ajinoto, a parteira, o encerrasse dentro de uma cabaça, de forma que ninguém o pudesse ver. A parteira foi encarregada também, de avisá-lo logo que alguém passasse por perto, para que ele revelasse ao passante, a causa de seus sofrimentos e os remédios e sacrifícios que resolveriam todos os seus problemas.
Tudo ocorreu da forma como Ifá planejara e o homem que passou naquele local, não hesitou em levar para sua casa, a cabaça onde Ifá havia sido encerrado.
Para deslumbramento de todos, Ifá, de dentro da cabaça, dava conselhos, receitava medicamentos e resolvia os mais difíceis problemas.
Um dia Ifá ordenou que alguém se dirigisse ao mercado onde, pelo preço de quarenta e um caurís, deveria comprar sua mãe que estava sendo vendida junto com outras escravas. "A primeira mulher que for oferecida deve ser comprada, pois esta é minha mãe."
Naquela época Ifá costumava aceitar sacrifícios humanos no festival de Fanuwiwa.

Quando a escrava adquirida no mercado foi trazida, Ifá ordenou que lhe fosse entregue certa quantidade de milho, para que pilasse e transformasse em farinha destinada à preparação o amiwo.
Enquanto pilava o milho, a mulher ouvia os fiéis invocando Ifá:
"Orunmilá! Akefoye! Agbo wi dudu hu do fe to!" (Orunmilá! Akefoye! Se teu nome é Ifá, jamais esquecerás de mim!).
Reconhecendo em Ifá o seu próprio filho, a pobre mulher pôs-se a cantar, em voz alta, a saudação que ouvia:
"Orunmilá! Akefoye! Agbo wi dudu hu do fe to!"
As pessoas contaram a Ifá sobre a mulher que cantava aquela saudação enquanto pilava o milho e Ifá ordenou que ela largasse aquele trabalho e que, no dia seguinte pela manhã, chamasse por ele junto com seus fiéis, para que pudesse mostrar a todos de que forma deveria ser corretamente alimentado. Ordenou ainda, que fosse preparado um akpakpo e dois panos brancos de cabeça denominados kpokun abuta, proibindo a todos de olharem para aqueles objetos.
Como Ifá vivera, até então, fechado dentro de sua cabaça, jamais havia sido visto por ninguém.
Quando todos se afastaram Ifá saiu de sua cabaça coberto por um grande chapéu, vestindo um avental de pérolas e calçando sandálias, indo sentar-se no alto de um tripé de onde gritou:
"Olhem bem, sou eu, Ifá! Ifá que ninguém nunca viu... A mulher que mandei comprar no mercado de escravos deve ser trazida até aqui!"
A mulher foi trazida à sua presença e Ifá mostrou-a a todo mundo dizendo:
"Olhem bem, esta é minha mãe! Quando eu estava no seu ventre determinei que meu pai devesse sacrificar um boi malhado de branco, para evitar malefícios que já estavam previstos. Mas meu pai não atendeu minha orientação e todo o mal acabou por se concretizar. Tanto tempo se passou e eu comprei esta escrava para ser sacrificada em minha honra. Entretanto não a sacrificarei! Não poderia trair minha própria mãe, mesmo que ela me tenha traído."
Dito isto ordenou que cortassem os longos cabelos de sua mãe, que envolvessem sua cabeça com um belo torso branca e que a instalassem sobre a almofada akpakpo. Depois pediu um boi e um cabrito para serem sacrificados. Com a farinha moída por sua mãe mandou preparar um amiwo para ela, que não poderia ser comido em sua presença.
Desta forma, assentada sobre um akpakpo, transformou-se ela em Nã, mãe de um rei.
Aos jovens que prepararam as carnes do boi e do cabrito, assim como o amiwo, ordenou que fosse dado uma parte de cada coisa, para que comessem depois da cerimônia. 1
A velha disse então a seu filho, que se sentia muito envergonhada, pois não merecia tantas honrarias e que naquele dia iria encontrar-se em Ló (local para onde vão os espíritos dos mortos), com seu finado esposo.
"A partir de hoje, quando fizerem uma cerimônia em minha honra, digam: Nã kuagba! (Nã seja bem vinda!), e virei receber as oferendas." - Disse a mulher.
Nã disse ainda, que faria o Sol tornar-se mais brando ou mais quente, comandando-o de cima de seu akpakpo.
A partir de então, realiza-se sempre o ritual de Xe Nã (dar comida à Nã), quando terminam os festivais Fanuwiwa.
Este Itan de Ifá fundamenta a possibilidade de substituição do sacrifício de um ser humano pelo de animais, o que nos leva a concluir a possibilidade da substituição do sacrifício destes por outros tipos de oferendas, partindo da premissa de que o ritual é criado pelo homem e não pelos deuses.
Isto posta passe ao assunto que é, na verdade, o principal objetivo do presente trabalho, a apresentação de uma vasta relação de oferendas incruentas aos Orixás e a outras entidades cultuadas no candomblé.
O assunto será tratado de forma direta, através de um receituário contendo os ingredientes, o procedimento e o objetivo de cada trabalho, assim como à qual entidade deve ser oferecida.

1 - Depois das cerimônias de Nã, aqueles que preparam os alimentos a ela oferecidos, recebem uma pequena parte destes alimentos, parte esta que recebe o nome de kle ou kele e que só pode ser consumida depois que o Vodun for servido. (Este rito acompanha as cerimônias às divindades nagôs sob o nome Atowo e às divindades fon sob o nome de Nudide).
Nome dos Dezesseis Odu principal
Ogbe
Oyẹku
Iwori
Odi
Irosun
Iwọnrin
Ọbara
Ọkanran
Ogunda
Ọsa
Ika
Oturupọn
Otura
Irẹtẹ
Ọsẹ
Ofun

I I
I I
I I
I I
ÈJIOGBÈ
Não-há-lugar-na-Terra-onde-não-possa-encontrar-afelicidade, jogou Ifápara Òdùnkún (Batata Doce) no dia em que ele partia para a Terra de Isu (inhame) e Agbàdó (cereal).
Ifá aconselhou Òdùnkún a fazer ebo para a sua vida ser tão doce quanto Isu e Agbàdó.
Isu e Agbàdó foram saboreados pelas gentes da Terra e eles não é tão doce quanto Òdùnkún.
Foi nesse dia que Òdùnkún dançou e cantou dizendo que podia fazer o ebo novamente e repetir vezes sem conta.
Ifá avisou:
"Não há valor em repetir o ebo.
Òdùnkún cantou e dançou em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá e enquanto Ifálouvava Olodunmaré.
Quando Òdùnkún começou a cantar, Èsú colocou-lhe uma canção na sua boca e Òdùnkún começou a cantar:
Ayé Sènrén ti dun,
o dun ju oyin lo.
Ayé Sènrén ti dun,
o dun ju oyin lo.
Òrísà je aye mi o dun,
Aláyun Gbáláyun.
Òrísà je aye mi o dun,
Aláyun Gbáláyun.
A vida da Batata Doce é tão doce quanto o mel
A vida da Batata Doce é tão doce quanto o mel
Imortais, deixem a minha vida ser doce, o Aláyun Gbáláyun Imortais, deixem a minha vida ser doce, o Aláyun Gbáláyun Comentário: Ifá diz que a pessoa está prestes a iniciar uma viagem.

Ifá diz que há a benção de uma longa vida, abundância e descendência.
Ifá diz que a estrela da pessoa brilhará sobre todos os que encontrarem na sua caminhada.
Ifá diz que a pessoa deve comer batatas doces como medicina para a boa sorte.
Etutu (Oferenda) :
4 eiyelé (pombos),
4 akuko (galos),
1 epo (garrafa de dendê),
1 prato branco,
4 eko (acaçás),
áàdùn (farofa de azeite),
e muitas coisas doces (mel, açúcar, doces)
e 25 nira (moedas),
oferecendo tudo a Obàtálá e Ògún.
Akogi–l'apa–amarrando–ele–próprio–com–corda lançou Ifá para o Difamador em casa, o Difamador na rua e Òrúnmilà no dia em que todos disseram para fazer ebo dentro de casa e fora de casa, na rua.
O Difamador dentro de casa e o Difamador na rua recusaram-se a fazer o ebo.
Òrúnmilà fez o ebo e saiu vitorioso sobre os seus inimigos dentro de sua casa e sobre os inimigos fora de casa.
Òrùnmilà ficou muito feliz e começou a cantar e a dançar em louvor ao Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodumare.
Quando Òrùnmilà começou a cantar, Èsú colocou-lhe uma canção na boca.
Òrùnmilà cantou: Elénìní Ilé, Elénìní òde o.
Elénìní Ilé, Elénìní òde o.
Kini mo ra lowo yin.
Elénìní Ilé, Elénìní òde o.
Difamador em casa, Difamador na rua.
Difamador em casa, Difamador na rua.
O que eu comprei de vocês?
Difamador em casa, Difamador na rua.
Comentário:
Ifá diz que os Imortais insistem na justiça.
Ifá diz que esta pessoa irá receber a benção da abundância.
Ifá diz que há muita gente a difamar esta pessoa, tanto em casa como mo trabalho.
Ifá diz que esta pessoa ascenderá sobre seus inimigos.
Ifá diz que esta pessoa deverá dedicar-se a Ifá.
Etutu (Oferenda):
3 eiyelé (pombos),
1 epo (garrafa de dendê),
3 eko (acaçás),
16 nira (moedas),
e oferecer tudo a Obàtálá e Ogun.
Éèwò (tabus Interdições):
Nozes moídas, cogumelos e roupas pretas.
II II
II II
II II
II II
ÒYEKÚ MÉJÌ
Alegria-recebida-em-casa-não-é-tão-forte-quantoalegria-recebida-na-quinta, jogou Ifá para Onikabidun no dia em que Onikabidum queria aumentar a sua alegria.

Ifá aconselhou Onikabidun para receber 5 enxadas tratadas com medicina deIfá.
Onikabidun levou as enxadas para sua casa.
As pessoas da casa levaram as enxadas para a quinta, e as pessoas da quinta levaram as suas enxadas para a sua casa.
Ambos os grupos se encontraram na estrada entre a casa e a quinta.
As pessoas da quinta disseram que as suas enxadas foram usadas para escavar riquezas.
As pessoas da casa disseram que as suas enxadas foram usadas para sepultar tristezas.
Onikabidun estava muito feliz, ele começou a cantar e a dançar em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodunmare.
Quando Onikabidun começou a cantar, Èsú colocou-lhe palavras na boca.
Assim canta Onikabidun:
Ìyòyò ke wa yo fun mi o.
Ìyòyò ke wa yo fun mi o.
A mi yò nilé, a mi yo lájò.
Ìyòyò Aye e, Ìyòyò.
Júbilo deixe as pessoas virem até mim com alegria.
Júbilo deixe as pessoas virem até mim com alegria.
Alegria em casa, alegria na quinta.
Júbilo deixe as pessoas virem até mim com alegria.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa receberá a benção da alegria.
Ifá diz que qualquer que seja a alegria na vida desta pessoa, ela será redobrada.
Ifá diz que a benção da alegria inclui abundância e crianças.
Ifá diz que as coisas não correrão bem na vida desta pessoa enquanto não fizer ebo.
Ifá diz que a vida desta pessoa anda em zig zag entre a boa e a má sorte.
Ifá diz que esta pessoa tem problemas em aceitar a alegria na sua vida e a sua atitude deve mudar.
Etutu (Oferenda):
4 eiyelè (pombos),
4 abo adìe (galinhas),
1 eku (rato),
1 Eja aro (peixe-gato preto),
1 epo (óleo de dendê),
1 prato branco,
dinheiro (tal como for determinado pelo Awo),
e oferecer tudo aos Ibeji.
O Awo deverá marcar este odu com iyerosun em 5 enxadas para serem guardadas dentro de casa e noutras 5 para serem mantidas fora de casa.
Minha-mão-direita-Oye-minha-mão-esquerda-Oyedois-Oyes-tornam-se-verdade-em-frente-da-tina jogou Ifá para Ape com Cabeça-de-dendê e Alagoro Opero no dia em que Ape não queria perder tudo o que possuía.
Ifá aconselhou Ape a fazer ebo.
Ape fez ebo no dia em que ele guardou as coisas que lhe pertenciam.
Desde esse dia, quando Ape volteia junto às árvores com o filho ao colo, a criança não cai.
Ape está muito feliz, ele começou a cantar e a dançar em louvor do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifálouvava Olodumaré.
Quando Ape começou a cantar, Èsú colocou-lhe palavras na boca.
Ape cantou:
Mo ru iyán, mo ru iyán o.
Ilè edun pa pòjù.
Ilè edun pa pòjù

Mo ru iyán, mo ru iyán o.
Ilè edun pa pòjù.
Eu ofereci arráteis de inhame.
A casa não tem infortúnio.
Eu ofereci arráteis de inhame.
A casa não tem infortúnio.
Comentário :
Ifá diz que a pessoa deve fazer ebo para assegurar que não perderá o que ganhou até agora.
Ifá diz que oferendas de adimu (comida) com úm arrátel de inhame devem ser dadas ao seu Òrisà.
Ifá diz que a pessoa deve "vestir" o assentamento do seu Òrisá pessoal.
Ifá diz que orações devem ser ofertadas para afastar uma inesperada morte ou infortúnio.
Ifá diz que a pessoa tem lutado muito e que receberá a benção da paz.
Etutu (Oferenda):
5 eiyelè (pombos),
4 abo adìe (galinhas),
1 prato branco,
1 epo (óleo de palma),
Iyan (inhame pilado),
Dinheiro (em quantidade estabelecida pelo Awo),
e oferecer aos Ibeji.
Éèwò (tabus Interdições):
Ratos cinzentos, não cobrir a cabeça com folhas quando chove.

II II
I I
I I
II II

ÌWÒRI MÉJÌ

O-almofariz-que-usamos-para-pilar-inhame-não-éusado-para-esburacar-o-velho-e-usado-vaso-tapadodurante-meses jogou Ifá para Olu no dia em que ele queria ir para Ilé Olókun (casa do Deus do Oceano) e a Ilé Olosa (casa da Deusa da Lagoa).
Ifá aconselhou a fazer ebo para a viagem ser abençoada pelos Deuses.
Olu fez o ebo.
Chegou à casa de Olókun e ganhou 3 vezes no jogo ayo (jogo de azar).
Olókun tinha prometido que daria metade da sua fortuna a quem o vencesse a jogar ayo.
Olu foi a casa de Olosa e ganhou-lhe 3 vezes ao jogo ayo.
Olosa tinha prometido que daria metade da sua riqueza a quem a ganhasse a jogar ayo.
Isto foi no dia em que Olu recebeu a benção da abundância.
Olu cantou e dançou em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodunmare.
Quando Olu começou a cantar, Èsú pôs-lhe na boca uma canção.
Olu cantou:
Mo bolu t'ayo mo kan re o.
Mo bolu t'ayo mo kan re o.
Mo bolu t'ayo lóyìnbó o.
Mo bolu t'ayo mo kan re o, o, o, o.
Eu joguei ayo com Olu, eu recebi a benção.
Eu joguei ayo com Olu, eu recebi a benção.
Eu joguei ayo com Olu na casa do estrangeiro.
Eu joguei ayo com Olu, recebi a benção.
Comentário:

Ifá diz que a pessoa deve fazer ebo a pedir à benção que necessita.
Ifá diz que a pessoa deve ter prática em jogos de azar.
Ifá diz que a pessoa deve oferecer um carneiro ao seu Eleda.
Ifá diz que a pessoa encontrará a boa sorte pela mão de um estranho.
Etutu (Oferenda):
1 eiyelè (pombo),
1 abo adìe (galinhas),
1 prato branco,
eko (acaçás)
e dinheiro (em quantidade a ser determinada pelo Awo),
e oferecer tudo a Obàtálá.
O-que-tu-gostas-eu-não-gosto-qual-ficará-entre-nós jogou Ifá para Onimuti Iwori, filhos daqueles que montam cavalos com arrogância em frente de Olu no dia em que iam começar a ser tratadas como se estivessem mortas.
Ifá aconselhou as crianças a fazerem ebo.
As crianças fizeram o ebo.
O adivinho disse que a imagem da pessoa morta nunca foi sepultada.
A partir desse dia as crianças souberam que estavam entre os vivos.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa deve fazer ebo para precaver-se da morte e da doença.
Ifá diz que esta pessoa deve fazer ebo de modo a que o mundo não o trate como se estivesse morto ou moribundo.
Ifá diz que a pessoa deve receber 2 imagens de Ibeji, uma imagem feminina e outra masculina, para colocar no seu oratório pessoal.
Ifá diz que os Ìbeji dar-lhe-ão protecção contra os inimigos, morte e doença.
Etutu (Oferenda):
4 eiyelè (pombos),
4 abo adìe (galinhas),
1 prato branco,
eko (acaçás),
eku (pequeno rato),
1 epo (óleo de dendê)
e 50 nira (moedas)
e oferecer tudo a Ìbeji e Obàtálá.
Éèwò (tabus Interdições):
cão e òri (fruta).

I I
II II
II II
I I

IDÍ MÉJÌ

Os-dois-apoios-que-uso-para-me-sentar-são confortáveis jogouI fá para Onibode Ejiejiemogun no dia em que Onibode Ejiemogun queria ser agraciado com a boa sorte várias vezes ao dia.
Ifá aconselhou Onibode Ejiejiemogun a fazer um ebo para que a boa sorte não passasse a seu lado.
Onibode Ejiejiemogun fez o ebo.
A partir desse dia a boa sorte passou a visitar Onibode Ejiejiemogun várias vezes ao dia.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa receberá benções se o ebo for feito. Ifá diz que esta pessoa acredita que a boa sorte lhe passou ao lado.
Ifá diz que quando, no passado, a boa sorte veio até esta pessoa, escapou-se-lhe entre os dedos.

Ifá diz que esta pessoa continua optimista sobre o futuro e que deve oferecer orações ao Òrisà pedindo que o ajude a alcançar os seus sonhos.
Ifá diz que as constantes orações transformarão os sonhos desta pessoa em realidade.
Etutu (Oferenda):
4 eiyelè (pombos),
todas as comidas (oferenda de comidas secas),
4 eko (acaçás),
1 epo (óleo de dendê),
1 prato branco
e 40 nira (moedas)
e oferecer tudo a Èsú.
Eetalewa-com-gbagdegbagada-olhos jogou Ifá para Òrunmilá no dia em que Òrunmilá carregava o peso dos seus problemas até aos três lugares de reunião da morte.
Ele era o pato a quem chamamos sojiji e o peso dos seus problemas estava sendo carregado para os três lugares de reunião da morte.
Ifá aconselhou Òrunmilá a fazer ebo para a morte, doença e toneladas de problemas não o cumprimentassem nos três lugares de reunião da morte.
Òrunmilá fez o ebo e passou sem problemas nos três lugares de reunião da morte com os seus problemas.
Ambos fizeram a viagem desarmada.
Òrunmilá começou a cantar e a dançar em elogio ao Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodumare.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa deve fazer ebo para que as pedras jogadas pela morte e doença não o alcancem.
Etutu (Oferenda):
3 Ako okuta (pedras duras),
3 eiyelè (pombos),
1 eko (acaçá),
1 àgbo (carneira),
1 prato branco
e dinheiro em quantia determinada pelo Awo,
oferecendo tudo a Èsú.
Éèwò (tabus Interdições):
Se um inhame se partir quando for removido do seu recipiente, não deve ser comido.
Não escavar buracos perto da entrada da cidade.
I I
II II
I I
II II
ÌROSÙN MÉJÌ
Sua-boca-sua-boca jogou Ifá para Apeni no dia em que ele foi ameaçado pelas bocas do mundo.
Ifá aconselhou Apeni a fazer ebo para evitar a morte e a destruição provocadas pelas bocas do mundo.
Apeni fez o ebo.
Apeni foi protegido da morte e da destruição causadas pelas bocas do mundo.
Apeni cantava e dançava e louvava o Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodumare.
Quando Apeni começou a cantar, Èsú pôs uma canção em sua boca.
Apeni cantou:
Enu won, enu won è le pa Àpéni.

Enu won, enu won è le pa Àpéni.
Sua boca, sua boca não pode matar Apeni.
Sua boca, sua boca, não pode matar Apeni.
Comentário:
Ifá diz que esta pessoa deve fazer ebo para ser protegido dos seus inimigos.
Ifá diz que as oferendas devem ser feitas à família Egungun.
Etutu (oferenda):
4 eiyelé (pombos),
4 abo adie (galinhas),
1 epo (óleo de dendê),
akara (acarajés),
moin-moin (bolas de farinha)
e 16 nira (moedas),
e oferecer tudo a Ori e Egungun.
Porogun-de-Igbodu-com-a-base-de-madeira jogou Ifá para Okansusu Irosu no dia em que Okansusu Irosu fez a viagem de casa dos ancestrais para a casa das gentes da terra.
Ifá aconselhou Okansusu Irosu a fazer ebo e que quando Okansusu Irosu moesse inhame ele veria a criança a comê-lo, quando Okansusu Irosu preparasse sopa, ele veria a criança a comê-la.
Okansusu Irosu fez o ebo e viu a criança a comer tudo o que ele cozinhava.
Okansusu Irosu começou a cantar e dançar em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodunmaré.
Assim que Okansusu Irosu começou a cantar, Èsú colocou uma canção na sua boca.
Okansusu Irosu cantou assim:
Baba ma je nikan jé,
iyán ti mo gún.
Baba ma je nikan jé,
Obè ti mo se.
Baba ma je nikan jé.
Pai não me deixe comer sozinho,
os inhames que eu preparei.
Pai não me deixe comer sozinho,
a sopa que eu preparei.
Pai não me deixe comer soxinho.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa ou alguém perto dela procura engravidar.
Ifá diz que fazendo o ebo ele trará a benção de filhos.
Etutu (Oferenda):
iyan (inhame pilado),
eba (sopa),
coisas doces,
1 eiyelé (pombo),
1 abo adie (galinha),
1 prato branco,
1 epo (óleode dendê)
e 35 nira (moedas).
Oferecer a Ori e a Egungun.
Éèwò (tabus Interdições):
Cobra, roupa vermelha.

II II
II II

I I
I I

ÒWÓNRÍN MÉJÌ (OHENREN MÉJÌ)

Ladrão-mas-não-o-ladrão-que-fez-o-awo-levar-nossas-coisas-na-nossa-presença jogou Ifá para a Folhagem Owon no dia em que ela queria ter o poder de um chefe do mar.
Ifá aconselhou a Folhagem Owon a fazer um ebo para assim poder receber a benção da fama.
A Folhagem Owon fez o ebo e tornou-se um chefe.
A Folhagem Owon começou a cantar e a dançar em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodunmaré.
Quando a Folhagem Owon começou a cantar, Èsú colocou-lhe uma canção na boca.
Folhagem Owon cantou assim:
Owon mì jó,
Owon mì yò.
Owon ti mú ota oye b'odò.
Owon mì jó, Owon mì yò.
Owon dança de dia,
Owon canta de dia.
Owon ficou com o poder de um chefe do mar.
Owon dança de dia,
Owon canta de dia.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa deve fazer ebo para que possa receber um importante título ou posição.
Ifá diz que a pessoa tem a cabeça de um líder.
Ifá diz que a pessoa deve assumir a posição de responsabilidade dentro da sua família.
Ifá diz que a pessoa pode ajudar um familiar a resolver um problema.
Etutu (Oferenda):
6 eiyelé (pombos),
6 abo adie (galinhas),
6 eku (ratos pequenos),
6 eja aro (peixe-gato preto),
1 prato branco
e 25 nira (moedas),
e oferecer a Obàtálá e Èsú.
É-a-grande-árvore-que-tem-um-sino-de-latão-escuro-que-debaixo-da-pequenapalmeira-soltou-insultos-dizendo-que-ninguém-devia-puxar-a-cabaçagradualmente-para-além-deles quem jogou Ifá para Ologbo Jigolo (gato preguiçoso), no dia em que Ologbo Jigolo se encontrou atacado por aqueles que atiram pedras.
Ifá aconselhou Ologbo Jigolo a fazer ebo.
Ologbo Jigolo fez o ebo.
A partir desse dia Ologbo Jigolo viajou sem preocupações.
Ologbo Jigolo começou a dançar e a cantar em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodunmaré.
Quando Ologbo Jigolo começou a cantar, Èsú colocou-lhe uma canção na boca.
Ologbo Jigolo cantou:
Òlógbò dúdú esse,
gòòlò ma se lo,
gòòlò ma se bo.
Gato preto, preguiçoso eu irei,
preguiçoso eu voltarei.
Comentário:

Ifá diz que se esta pessoa está planeando viajar ela deverá fazer ebo para se prevenir contra as pedradas, os problemas.
Ifá diz que depois de fazer o ebo esta pessoa deverá usar ervas Eyonu pata atrair coisas boas enquanto viajar.
Etutu (Oferenda):
10 okete (ratazanas),
1 epo (óleo de dendê),
1 prato branco
e 50 nira (moedas),
Oferecer a Obàtálá e a Èsú.
I I
II II
II II
II II
ÒBÀRÀ MÉJÌ
Lavando-a-mão-direita-com-a-mão-esquerda-e-lavando-a-mão-esquerda-com-amão-direita jogou Ifá para Awun (madeira branca) no dia em que ele queria ter a sua cabeça limpa.
Ifá aconselhou Awun a fazer ebo.
Awun fez o ebo.
Isto foi no dia em que Awun recebeu uma cabeça boa.
Awun cantou e dançou em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodunmaré.
Quando Awun começou a cantar, Èsú colocou-lhe uma canção na sua boca.
Awun cantou:
Awún de na,
Awún dèrò.
Orí ire l'Awún nwe.
Awún de na,
Awún dèrò.
Orí ire l'Awún nwe.
Awun chegou,
Awun desembaraçou-se.
É a boa sorte que Awun usa no banho.
Awun chegou,
Awun desembaraçou-se.
É a boa sorte que Awun usa no banho.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa deve ter a sua cabeça limpa para que a mão do Awo possa livrá-la da carga.
Ifá diz que a pessoa deve adorar Ifá para que a sua carga possa continuar aliviada.
Etutu (Oferenda):
4 eiyelé (pombos),
4 abo adie (galinhas),
1 epo (óleo de dendê),
6 iyan funfun (inhame branco),
6 eko (acaçás)
e 50 nira (moedas),
e oferecer a Èsú.
Abarere Awo Odán jogou Ifá para Odán no dia em que ele se preparava para se reestabelecer.
Ifá aconselhou Odán a fazer ebo para que a área tivesse sombra.
Odán fez o ebo.
A área começou a ter sombra.

Odán começou a cantar e a dançar em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodunmaré.
Quando Odán começou a cantar, Èsú colocou-lhe uma canção na boca.
Odán cantou:
Odán nbi,
Odán ti múlè Ibùdó o.
Odán nbi,
Odán ti múlè Ibùdó o.
Odán nasceu,
Odán sobreviveu,
Odán estabeleceu-se.
Odán nasceu,
Odán sobreviveu,
Odán estabeleceu-se.
Comentário:
Ifá diz que é uma boa altura para esta pessoa começar um novo projecto.
Ifá diz que esta pessoa quer movimentar-se na altura certa.
Ifá diz que esta pessoa está prestes a entrar numa relação e que esta relação será boa.
Ifá diz que esta pessoa receberá a benção da abundância e a benção de um bom relacionamento.
Eturu (Oferenda):
4 eiyelé (pombos),
4 abo adie (galinhas),
1 epo (óleo de dendê),
1 prato branco,
4 eko (acaçás)
e 100 nira (moedas),
e oferecer a Èsú.
Éèwò (tabu, Interdições) :
Caçar pássaros pequenos.
II II
II II
II II
I I
ÒKÀNRÀN MÉJÌ
A-madeira-dura-da-floresta-usada-para-fazer-Osunsun-não-dá-sumo-enquanto-aárvore-usada-para-fazer-Atori-faz-desenhos-de-sangue jogou Ifá para Sakoto no dia em que ele viajava para a cidade de Owa.
Ifá aconselhou Sakoto a fazer ebo.
Sakoto fez o ebo.
Quando Sakoto viajava a caminho de Owa encontrou Èsú e deu lhe um acaçá.
Èsú agarrou no acaçá e transformou-se numa mulher.
Èsú transformado numa mulher perguntou a Sakoto o que lhe poderia dar. Sakoto deu à mulher um acaçá.
Èsú agarrou no acaçá e transformou-se numa criança pequena.
Èsú transformado numa criança pequena perguntou a Sakoto o que é que ele lhe daria.
Sakoto deu-lhe um acaçá.
Na viagem Sakoto deu 3 acaçás.
Èsú perguntou a Sakoto para onde ele ia.
Sakoto disse que estava viajando para Owa.
Èsú disse a Sakoto que as gentes de Owa sofriam há muito tempo de uma longa seca.

Èsú apontou um caminho para o ado (pequena cabaça usada para transportar medicamentos) e disse a Sakoto para ir até lá.
Èsú disse que alguém no ado lhe diria: "arranca-me" e os outros ficariam em silêncio.
Sakoto foi instruído a apanhar um dos ado enquanto o resto ficaria em silêncio e que devia cortá-lo por cima.
Èsú disse a Sakoto que quando se aproximasse da entrada de Owa ele deveria colocar o ado em cima da cabeça e anunciar que trazia chuva.
Sakoto fez tal como lhe tinham dito e entrou na cidade dizendo:
"Povo de Owa, eu trago chuva."
Imediatamente começou a chover.
No dia seguinte o Oba de Owa mandou o mensageiro dozer ao seu povo que queria encontrar-se com o estrangeiro que tinha dito que trazia a chuva.
Sakoto foi levado à presença do Oba e o Oba dividiu toda a sua riqueza e pertences, dando metade a Sakoto.
Foi no dia em que Sakoto recebeu as bençãos que tinha pedido.
Sakoto começou a cantar e dançar em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodunmaré.
Quando Sakoto começou a cantar, Èsú colocou-lhe uma canção na boca.
Sakoto cantou:
Sàkòtò mo léwà,
awo ire dun bo n'ife.
Sàkòtò mo léwà,
awo ire dun bo n'ife.
Sakoto é belo,
boa adivinhação é doce de louvar.
Sakoto é belo,
boa adivinhação é doce de louvar.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa vai partir em viagem.
Ifá diz que a pessoa deve fazer ebo para que a viagem lhe traga fama e abundância.
Ifá diz que quando a pessoa chegar ao seu destino será capaz de resolver um problema, o que lhe trará boa sorte.
Ifá diz que a pessoa deve oferecer acaçás a Èsú antes de viajar.
Ifá diz que quando esta pessoa chegar ao seu destino receberá muitos benefícios.
Etutu (Oferenda):
4 eiyelé (pombos),
4 adie (galos),
1 epo (óleo de dendê),
1 prato branco, 4 eko (acaçás)
e 20 nira (moedas),
e oferecer a Ògún e Èsú.
Há-vários-caminhos-para-encontrar-a-terra-dos-ancestrais jogou Ifá para Igbegbe (rato) no dia em que iam vender ratos no mercado.
Ifá aconselhou Igbegbe a fazer ebo para poder ver as coisas claramente.
Igbegbe fez o ebo e ficou com uma visão clara.
Comentário:
Ifá diz que esta pessoa não está vendo as coisas claramente.
Ifá diz que esta pessoa deve fazer ebo para se afastar da confusão.
Etutu (Oferenda):
2 4 eiyelé (pombos),
3 adie (galos),

1 epo (óleo de dendê),
mariwo (pó de folhas de palmeira),
1 prato branco e 25 nira (moedas),
e oferecer a Ògún e Èsú.
I I
I I
I I
II II
ÒGÚNDÁ MÉJÌ
Pó-de-folhas-de-palmeira jogou Ifá para o Tigre no dia em que o Tigre ia caçar.
Ifá aconselhou o Tigre a fazer ebo para ele recolher os frutos dos seus esforços.
O Tigre estava relutante em fazer o ebo.
O Tigre foi à caça e capturou um veado que colocou debaixo de uma palmeira.
Quando estava prestes a comer o veado, pó das folhas de palmeira caíram da árvore e tornaram o veado sagrado.
O Tigre continuou a caçada e capturou um antílope que colocou perto de um formigueiro.
Quando ele ia comer o antílope, ficou coberto de formigas.
O Tigre voltou ao Awo e perguntou o que deveria ser feito para recolher os frutos dos seus esforços.
Ifá aconselhou o Tigre a fazer ebo.
O Tigre fez o ebo.
A partir desse dia, o Tigre come toda a presa que captura na sua caçada.
Comentário:
Ifá diz que esta pessoa deve fazer ebo para recolher os frutos do seu trabalho.
Etutu (Oferenda):
4 eiyelé (pombos),
4 adie (galos),
1 pedaço de couro,
1 epo (óleo de dendê),
1 prato branco,
e 55 nira (moedas),
e oferecer a Ògún e Ifá.
Eluku-não-tem-Oro-e-não-tem-sino-de-metal jogou Ifá para o povo de Idena Magbon no dia em que toda a cidade foi suplicar por boa sorte.
Ifá aconselhou o povo de Idena-Magbon a fazer ebo para que eles pudessem obter boa sorte e assim colocar um fim ao seu desespero.
O povo de Idena-Magbon fez o ebo.
Isto foi no dia em que o povo de Idena-Magbon recebeu a benção da boa sorte.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa deve fazer ebo para se assegurar que a boa sorte vem aos seus caminhos.
Ifá diz que muitas bençãos estão próximas, mas há o risco de serem perdidas se o ebo não for feito.
Etutu (Oferenda):
2 agogo (sinos de metal),
2 eiyelé (pombos),
2 adie (galos),
2 Osunsun (varetas usadas para tocar os agogos)
e dinheiro na quantia determinada pelo Awo.
Os agogo serão marcados com iyerosun.
Um agogo é para o awo e o outro é para a pessoa que recebeu este Odu.
Éèwò (tabus Interdições):

Carregar dinheiro numa bolsa ou carteira abençoada para protecção.
II II
I I
I I
I I
ÒSÁ MÉJÌ
A-roda-dianteira-carrega-o-dinheiro-enquanto-a-roda-traseira-carrega-grãosenquanto-Ògèdègédé-se-mantiver-a-brilhar-no-alto-do-rio jogou Ifá para Òrúnmilà no dia em que ele se preparava para ir para lugares longínquos.
Ifá aconselhou Òrúnmilà a fazer ebo antes de começar a viagem.
Òrúnmilà fez o ebo.
Òrúnmilà ofereceu cachaça a todos os que viajavam com ele.
Quando terminaram de beber, olharam-se uns aos outrose disseram que o homem a quem quiseram prejudicar lhes tinha oferecido bebida.
Disseram todos que já não queriam prejudicar Òrúnmilà.
Desde esse dia Òrúnmilà nunca mais foi prejudicado.
Comentário:
Ifá diz que esta pessoa vai trabalhar para o estrangeiro e que deve ir em frente e aceitar o trabalho.
Ifá diz que esta pessoa deve viajar até à lagoa onde haverá uma brisa (isto é uma referência a um tipo de rompimento numa iniciação).
Ifá diz que esta pessoa tem muitos inimigos.
Ifá diz que se esta pessoa fizer ebo os seus inimigos dar-lhe-ão uma chance no seu coração.
Ifá diz que esta pessoa deve oferecer 2 garrafas de cachaça, uma deve ser dada aos seus inimigos e a outra deve ser dada ao Awo.
Ifá diz que antes de dar o cachaça aos seus inimigos, esta pessoa deve tomar uma bebida da garrafa na presença deles.
Etutu (Oferenda):
4 eiyelé (pombos),
4 adie (galos),
1 epo (óleo de dendê),
4 sacos de farofa,
1 prato branco,
2 oti (garrafas de cachaça ou aguardente)
e 100 nira (moedas),
oferecer tudo a Iyáàmi.
Enquanto-fazemos-tudo-bem-ninguém-diz-nada-quando-nos-enganamos-as-máspessoas-começam-logo-a-falar foi quem jogou Ifá para Ejipabileseigi no dia em que ele procurava fama e fortuna.
Ifá aconselhou Ejipabileseigi a fazer ebo.
Ejipabileseigi fez o ebo.
A partir desse dia Ejipabileseigi foi conhecido como um grande homem.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa deve fazer um ebo em nome dos ancestrais.
Ifá diz que se a pessoa fizer o ebo não perderá o que já tem.
Ifá diz que esta pessoa ajudou muitas outras e que algumas não apreciaram a ajuda.
Ifá diz que a pessoa deve ignorar aqueles que não apreciam o seu trabalho e continuar a fazer boas coisas no mundo.
Ifá diz que o bom trabalho em breve lhe trará boa fortuna.
Etutu (Oferenda):
4 eiyelé (pombos),

4 adie (galos),
obi (noz de kola),
orogbo (kola amarga),
1 prato branco,
1 epo (óleo de dendê)
e 25 nira (moedas).
Éèwò (tabu, Interdições):
Comer sopa directamente da panela.
II II
I I
II II
II II
ÌKÁ MÉJÌ
O-pássaro-voa-no-céu-enquanto-o-desconhecido-viaja-no-mar-enquanto-o-cãovem-buscar-seu-nome foi quem jogou Ifá para Erelu do Mar, o filho do barco do mar, o santuário no alto do mar, no dia em que ele procurava por abundância.
Ifá aconselhou Erelu do Mar a fazer ebo.
Erelu do Mar fez o ebo.
A partir desse dia Erelu do Mar recebeu todas as bençãos que pediu.
Erelu do Mar começou a cantar e a dançar em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodunmaré.
Quando Erelu do Mar começou a cantar, Èsú colocou-lhe uma canção na boca.
Erelu do Mar cantou assim:
Okò mi sí, okò mi gbò.
Okò mi sí, okò mi gbò.
Èbuté ire 1 oko mi lo.
Èbuté ire 1 oko mi lo.
O barco do mar vem, barco do mar agitado.
O barco do mar vem, barco do mar agitado.
É um mar bom onde o barco navega.
É um mar bom onde o barco navega.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa deve fazer ebo se vai partir numa viagem.
Ifá diz que a pessoa deve fazer ebo se ela ganha a vida com um barco.
Ifá diz que a pessoa ficará rica se trabalha com um estranho.
Etutu (Oferenda):
1 prato branco,
1 pequeno barco de madeira (para colocar no prato branco),
ògedè wéère (banana),
eyin (ovo),
1 epo (óleo de dendê),
1 adie (galo)
e dinheiro a ser determinado pelo Awo.
Oferecer a Èsú.
Tu-és-mau-eu-sou-mau jogou Ifá para Agbadu (cobra) que era maciona barriga, no dia em que Agbadu ia ser coroado chefe.
Ifá aconselhou Agbadu a fazer ebo.
Agbadu recusou-se a fazer o ebo.
A partir desse dia, sempre que alguém vê Agbadu, foge.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa passa por um período difícil no seu relacionamento.

Ifá diz que se a pessoa é casada, está a ter problemas no seu casamento.
Ifá diz que esta pessoa está demasiado ansiosa e que isso proporciona as condições para que os seus problemas aumentem.
Ifá diz que há pessoas que a querem ajudar, mas que ela as afasta do seu caminho.
Ifá diz que a pessoa precisa de coragem.
Etutu (Oferenda):
1 ori agbadu (cabeça de cobra),
1 eiyelé (pombo),
1 adie (galo),
1 epo (óleo de dendê)
e dinheiro em quantia a ser determinada pelo Awo.
Oferecer a Èsú.
Éèwò (tabus Interdições):
Macacos cinzentos.
II II
II II
I I
II II
ÒTÚRÚPÒN MÉJÌ
Cabeça-macia-de-palmeira foi quem jogou Ifá para Ikusigbade (morte esqueceme) no dia em que a morte olhava para ela.
Ifá aconselhou Ikusigbade a fazer ebo.
Ikusigbade fez o ebo e recebeu a benção de uma longa vida.
Comentário:
Ifá diz que se esta pessoa está grávida deve fazer ebo para prevenir abiku.
Ifá diz que o bébé prometeu aos outros espíritos que voltaria em breve para a terra dos ancestrais.
Ifá diz que o ebo deve ser feito para que o bébé mude a sua promessa de voltar para junto dos ancestrais antes de crescer.
Etutu (Oferenda):
Mariwo (folhas de palmeira),
1 eiyelé (pombo),
1 adie (galo),
1 epo (óleo de dendê),
1 prato branco
e 50 nira (moedas),
e oferecer aos Ibeji.
Dilui-o-couro-que-cobriu-a-cara-do-Egungun foi quem jogou Ifá para Yaya e Yàyá no dia em que ambos queriam construir uma casa.
Ifá aconselhou Yaya e Yàyá a fazer um ebo.
Yaya recusou-se a fazer o ebo.
Yàyá fez o ebo.
A casa construída por Yaya ruiu.
A casa feita por Yàyá permaneceu de pé o resto da sua vida e ele lá viveu confortavelmente a partir desse dia.
Comentário:
Ifá diz que esta pessoa está procurando um novo lugar para viver.
Ifá diz que esta pessoa deve fazer um ebo para encontrar um lugar confortável para viver.
Etutu (Oferenda):
Adimu aos ancestrais,
Oferecendo a Egungun e Ibeji.

Éèwò (tabus Interdições):
Obi com 3 lados.
I I
II II
I I
I I

ÒTÙRÁ MÉJÌ

Como-a-água-flui-sobre-o-caminho-o-caminho-flui-sobre-o-rio-Eri foi quem jogou Ifá para Muslim das longas vestes no dia em que Muslim das longas vestes tentava seguir o caminho dos ancestrais.
Ifá aconselhou Muslim das longas vestes a fazer ebo.
Muslim das longas vestes fez o ebo.
A partir desse dia as coisas correram suavemente na vida de Muslim das longas vestes.
Comentário:
Ifá diz que a pessoa deve levar uma vida devota para receber bençãos.
Etutu (Oferenda):
4 eiyelé (pombos),
4 adie (galos),
2 terços de grãos,
1 epo (óleo de dendê),
1 prato branco
e dinheiro em quantia a ser determinada pelo Awo.
Oferecer a Obàtálá.
É-o-ovo-que-rejeitou-o-espírito-da-criança-é-o-esperma-que-rejeitou-o-espíritoda-criança quem jogou Ifá para Terra e os poderes destrutivos que vivem na terra, no dia em que a Terra queria ir vender no mercado.
Ifá aconselhou a Terra a fazer ebo para que a Terra não fosse prejudicada pelos poderes destrutivos que vivem na terra.
A Terra fez o ebo.
A partir desse dia, o lucro permaneceu com a Terra.
Comentário:
Ifá diz que esta pessoa deve fazer um ebo para que os ancestrais destrutivos da sua família não lhe roubem a abundância.
Ifá diz que esta pessoa deve fazer uma oferenda ou agrado aos seus companheiros para que eles não se tornem ciumentos, invejosos e destruidores.
Etutu (Oferenda):
1 eiyelé (pombo),
1 adie (galo),
1 prato branco,
1 epo (óleo de dendê)
e 100 nira (moedas)
e oferecer a Obàtálá.
Éèwò (tabus Interdições):
Óleo cru.
I I
I I
II II
I I

ÌRETÈ MÉJÌ

Àmukíkùtù jogou Ifá para o povo de Ipere Amuyo no dia em que eles iam usar aguardente para adormecer as suas crianças.

Ifá aconselhou o povo de Ipere Amuyo a fazer ebo.
O povo de Ipere Amuyo fez o ebo.
A partir desse dia, as crianças de Ipere Amuyo desenvolveram bom carácter.
Comentário:
Ifá diz que esta pessoa terá muitos filhos.
Ifá diz que esta pessoa deve fazer ebo para que eles tenham abundância e bom carácter.
Etutu (Oferenda):
1 adie (galo),
1 eiyelé (pombo),
1 garrafa de óleo de dendê,
1 prato brancoeko (acaçás)
e 40 nira (moedas).
Oferecer a Osun e a Ifá.
O-grão-inferior-da-esquerda-e-o-grão-inferior-da-direita-nunca-discutiram-entre-si foi quem jogou Ifá para Imò Omi no dia em que ela ia abortar.
Ifá aconselhou Imò Omi a fazer ebo.
Imò Omi fez o ebo.
Imò Omi recebeu a benção de ter filhos.
Imò Omi cantou e dançou em honra do Awo, enquanto o Awo louvava Ifá, enquanto Ifá louvava Olodunmaré.
Quando Imò Omi começou a cantar, Èsú colocou-lhe uma canção na boca.
Imò Omi cantou:
Ko de si omo láte,
omo wun ju ileke.
Ko de si omo láte,
omo wun ju ileke.
Não há crianças à venda.
Eu amo crianças mais do que amo os grãos.
Não há crianças à venda.
Eu amo crianças mais do que amo os grãos.
Comentário:
Ifá diz que a mulher que quer ter filhos deve fazer um ebo com as suas jóias e pedir aos ancestrais a benção de ter crianças.
Etutu (Oferenda):
1 eiyelé (pombo),
1 adie (galo),
grãos, eko (acaçás),
1 epo (óleo de dendê),
1 prato branco
e 45 nira (moedas),
e oferecer a Osun e a Ifá.
Éèwò (tabus Interdições):
Galo, espinafres.
I I
II II
I I
II II
ÒSÉ MÉJÌ
Pòròmìsolè jogou Ifá para Òtú no dia em que Òtú viajava para Ijebu.
Ifá aconselhou Òtú a fazer ebo.
Òtú fez o ebo.

A partir desse dia Òtú foi uma pessoa importante.
Comentário:
Ifá diz que esta pessoa deve fazer ebo para ser olhada como uma pessoa importante.
Etutu (Oferenda):
1 eiyelé (pombo),
1 adie (galo),
Acarajés,
1 epo (óleo de dendê),
eko (acaçás)
E 40 nira (moedas),
Oferecendo tudo ao Orí.
Quando-a-noite-cai-as-folhas-da-floresta-transformam-se-enquanto-as-folhas-do Gbòdògi-se-transformam-em-pessoa, foi quem jogou Ifá para Túwase Ihuloko no dia em que Túwase Ihuloko queria que as coisas boas do Orun viessem ter com ele à terra.
Ifá aconselhou Túwase Ihuloko a fazer ebo.
Túwase Ihuloko fez o ebo.
A partir desse dia, as coisas boas do Orun viajaram para a terra.
Comentário:
Ifá diz que a boa sorte desta pessoa está dividida entre a parte espiritual e a parte humana.
Ifá diz que esta pessoa deve fazer ebo para receber as bençãos dos Espíritos da Terra.
Etutu (Oferenda):
4 eiyelé (pombos),
4 adie (galos),
1 epo (óleo de dendê),
1 prato branco
e 30 nira (moedas),
Oferecidos a Orí.
II II
I I
II II
I I
ÒFÙN MÉJÌ (ORAGUN MÉJÌ)
Ogbe-o-estrangeiro foi quem jogou Ifá para Òrisànlá no dia em que Òrisànlá procurava por abundância.
Ifá aconselhou Òrisànlá a fazer ebo.
Òrisànlá fez o ebo.
A partir desse dia Òrisànlá teve todas as bençãos que precisava.
Kiki ire (reza para a boa sorte):
Ogbe funfun kenewen o difa fun Òrisànlá won ni ko rúbo,
Pe gbogbo nkan to n'to ko ni wó,
o rúbó ojo ti gbogbo nkan to N'to ko wo mó niyen.
Ase.
Ogbe o estrangeiro jogou Ifá para Òrisànlá a quem disse para fazer ebo para que tudo o que ele fizesse corresse bem,
Ele fez o ebo e todo o dia recebe as bençãos que necessita.
Possa assim ser.
Comentário:
Ifá diz que esta pessoa deve adorar Obàtálá.
Ifá diz que esta pessoa é um adorador de Obàtálá e que deve fazer ebo de Obàtálá para pedir abundância.
Ifá diz que a oferenda deve ser feita com a recitação deste Odu.

Etutu (Oferenda):
Adimu de Obàtálá.
Todas-as-coisas-aparecem-como-os-espinhos-que-ferem-os-pés foi quem jogou Ifá para Eléjìòràngún no dia em que ele estava no meio dos seus inimigos.
Ifá aconselhou Eléjìòràngún a fazer ebo.
Eléjìòràngún fez o ebo.
A partir daquele dia Eléjìòràngún derrotou os seus inimigos.
Comentário:
Ifá diz que esta pessoa deve fazer ebo para Oro.
Ifá diz que Oro ajudará esta pessoa nos seus esforços para derrotar os seus inimigos.
Eturu (Oferenda):
4 eiyelé (pombos),
4 adi e (galos ou galinhas),
1 epo (azeite de dendê),
1 prato branco,
Eko (acaçás)
E dinheiro, determinados pelo adivinho
E oferecer tudo a Oro.

OFERENDAS A EXÚ

- Para limpeza da casa.

Se pega um coco seco, pinta-se todo com uáji rola-se pela casa de dentro para fora o impulsionando com o pé esquerdo, como se fosse uma bola. Quando chegar na porta da rua, pega-se o coco com a mão esquerda, leva-se à uma encruzilhada aberta de quatro esquinas e ali, atira-se o coco no meio da encruzilhada com força, para que se quebre.

- Para problemas de infidelidade.

Abre-se um coco seco em duas partes. Dentro dele coloca-se um pedaço de papel de embrulho usado, no qual se escreveu, anteriormente, o nome da pessoa infiel. Acrescenta-se 3 grãos de pimenta da costa; um pouco de azeite de dendê; um pouco de mel; milho torrado e pó de peixe defumado. Fecha-se o coco e amarra-se com linha vermelha e linha branca, enrolando-se bem até que o coco fique totalmente envolvido pela linha. Coloca-se o coco diante de Exú e durante 21 dias acende-se uma vela diariamente, pedindo que a pessoa permaneça fiel ao seu parceiro. No vigésimo primeiro dia despacha-se numa encruzilhada. (Quem não tem Exú assentado pode colocar o coco atrás da porta da casa).

- Para problemas de saúde.

Pinta-se um coco seco com efun e depois unta-se todo com ori-da-costa ou, na falta deste, manteiga de cacau. Coloca-se o coco num prato branco diante de Exú e acende-se uma vela pedindo-se pela saúde da pessoa enferma. A vela deve ser substituída todos os dias, à mesma hora, e o pedido reiterado. No sétimo dia, logo que a vela termine, o coco deve ser levado e despachado na entrada de um cemitério.

- Defesa contra inveja e olho-grande.

Coloca-se um coco seco com uma vela acesa em cima, onde deverá permanecer por três dias consecutivos. No terceiro dia, despacha-se numa encruzilhada de quatro esquinas.

- Para desenvolvimento econômico.

Abre-se um coco do qual se corta quatro pedaços mais ou menos iguais. Estes quatro pedaços, depois de bem lavados, são colocados num prato com a parte branca para cima. Sobre cada pedaço de coco coloca-se um pouquinho de mel de abelhas, um pouquinho de azeite de dendê e um grão de pimenta-da-costa. Coloca-se o prato diante de Exú, ou atrás da porta e acende-se uma vela de sete dias. No sétimo dia, despacha-se tudo (inclusive o prato) numa mata.

- Para obter um amor.

Tomar banho de água de rio misturada à água de coco verde durante cinco dias seguidos.

- Para problemas de justiça.

Escreve-se, num papel de embrulho usado, os nomes das pessoas interessadas na questão, dos advogados e do juiz. Abre-se um coco seco pelo meio e coloca-se dentro o papel com os nomes escritos; milho torrado; 21 grãos de pimenta-da-costa; mel de abelhas; azeite de dendê e pó de efun. Fecha-se o coco e enrola-se muito bem enrolado com linha preta e linha branca. Coloca-se num prato diante de Exú, acende-se uma vela que se renova durante 21 dias. No final dos 21 dias despacha-se numa mata.

- Para melhorar a sorte.

Rala-se um coco seco e espreme-se a massa num pano branco. O sumo obtido é misturado a um copo de leite de cabra. Mistura-se com água de rio e toma-se três banhos no mesmo dia, sendo um pela manhã, um à tarde e um à noite.

- Para apaziguar Exú.

Corta-se um coco seco ao meio, no sentido horizontal. Uma das metades é cheia de mel de abelhas, a outra é cheia de aguardente. Arreia-se aos pés de Exú com uma vela acesa. No terceiro dia despacha-se nas águas de um rio.

- Para livrar uma pessoa ameaçada de prisão.

Dois pombos brancos; ori; fita branca; fita vermelha; fita azul e fita amarela.

Numa mata fechada, unta-se as pernas dos pombos com a manteiga de ori; amarra-se um lacinho de cada fita nas suas duas patas; passa-se os bichos no corpo da pessoa e solta-se com vida. É preciso ter muito cuidado para não machucar os animais.

- Para livrar alguém da prisão ou de problemas com a justiça.

Um boneco de pano branco do sexo da pessoa para quem se vai fazer o trabalho. Dentro do boneco, se coloca o seguinte: Um papel com o nome da pessoa; 7 grãos de ataré; 7 grãos de milho torrados; pó de peixe defumado; um pedacinho de couro de onça ou de outro felino de grande porte; um ovo de codorna inteiro e um pedacinho do talo de comigo-ninguém-pode. Costura-se o boneco e se deixa diante de Exú dentro de um alguidar com padê de mel. O padê deve ser renovado a cada sete dias e o boneco permanecerá ali, até que o problema esteja resolvido. Solucionada a questão, o boneco deve ser levado para dentro de uma delegacia de polícia, para ali ser deixado. Na volta oferecem-se a Exú sete roletes de cana, dentro de um alguidar com padê de aguardente.

OFERENDAS A EGUN

- Oguidí.

Coloca-se de molho, numa panela de barro, uma quantidade de farinha de milho bem fina (milharina). Esta farinha deverá permanecer de molho por dois ou três dias até que fermente. Uma vez fermentada, acrescenta-se canela em casca; anis estrelado em pó (Pimpinella anisum, L.),; baunilha (Epidendrum vanilla, L.) e açúcar mascavo. Cozinha-se em fogo lento.

Quando tudo tiver adquirido a consistência de uma massa, retira-se do fogo e enrola-se em folhas de mamona (Ricinus communis, L.). Depois de enroladas e bem amarradas para que não se abram, coloca-se uma panela com água para ferver. Assim que a água estiver fervendo, coloca-se dentro, as trouxinhas, deixando que cozinhem durante quinze minutos, retirando-se em seguida e colocando-se de lado para que esfriem. Quando estiverem frias, retira-se o invólucro de folhas e arruma-se numa travessa de barro, regando-se com bastante mel.

Deve-se fazer sempre, um número de nove oguidís ou então, o número correspondente ao Odu que determinou a oferenda.

Entrega-se a Egun na porta do cemitério ou nos pés de uma árvore seca.

- Olele

Deixar, por 3 dias, uma porção de feijão fradinho (Vigna sinensis, Endl.) de molho na água. No terceiro dia, moe-se o feijão fradinho no liqüidificador usando a menor quantidade de água possível, para que a massa resultante fique bem espessa.

Refoga-se, numa panela à parte, uma cebola, pimentão vermelho, cominho, orégano e tomate. Quando tudo estiver bem refogado, se junta 2 ovos e deixa-se no fogo por mais um tempo, mexendo sempre, com uma colher de pau. Tira-se do fogo e colocam-se, com a colher,

pequenas porções em folhas de mamona, embrulhando-se em forma de trouxinhas. Colocam-se as trouxinhas para ferver durante 25 minutos, depois do que, retira-se da água e deixa-se esfriar. Depois de frias, retira-se as folhas de mamona, arreia-se nos pés de Egun e, no terceiro dia, retira-se e enterra-se num terreno baldio ou dentro de uma mata.
Importante: As comidas oferecidas a Egun não levam sal, com exceção daquelas feitas para o consumo das pessoas, das quais se retira uma pequena porção para oferecer a Egun.

- Oferenda de coco a Egun para prejudicar uma pessoa.

Se pega um coco seco grande, abre-se um dos olhos de forma que se possa introduzir pelo buraco, depois de retirada a água, o seguinte: Um papel com o nome da pessoa, sua foto ou um pedaço de pano de sua roupa, pó de osun; 9 pimentas-da-costa; um pouco de terra de cemitério; um pouco de terra de encruzilhada; um pouco de poeira da casa ou do quintal da pessoa que se quer atingir; um pouco de óleo de cobra; um pedaço de osso humano; um pedacinho do talo da folha de comigo-ninguém-pode; 9 grãos de milho torrado.
Depois que tudo estiver dentro, tapa-se o buraco do coco com um pedacinho de pau ou uma rolha de cortiça. Coloca-se o coco dentro de um alguidar pequeno e arreia-se diante de Egun. Durante 9 dias seguidos, acende-se uma vela às 12 horas, outra às 18 e uma terceira às 24 horas. No fim dos 9 dias, leva-se a um rio e atira-se nas águas.
Este trabalho é muito perigoso e prejudicial, só devendo ser feito em casos extremos.

- Trabalho para afastar um inimigo com a ajuda de Egun

Um galho de irôko (Chlorophora Excelsa) de aproximadamente 1 metro. Numa das extremidades, faz-se, no sentido longitudinal, uma abertura de uns 10 centímetros.
Num papel branco, escreve-se 9 vezes, o nome da pessoa que se deseja afastar.
Um pedaço de pano vermelho; 9 pimentas-da-costa; um pouco de pelo de gato preto; um pouquinho de azougue; um pouquinho de alcatrão; 9 agulhas; 1m. de fita vermelha; 1m. de fita branca; 1m. de fita amarela; 1m. de fita azul; 9 grãos de milho torrado; um pouco de osun; um pouco de uáji; um pedaço de osso humano e um carretel de linha preta.
Colocam-se todos os ingredientes dentro do papel onde se escreveu o nome das pessoas e faz-se um embrulho enrolado, em forma de charuto. Embrulha-se novamente, com o pano vermelho e enrola-se com a linha preta, usando toda a linha do carretel. O embrulho é então, enfiado na fenda aberta na ponta do galho de irôko. Em seguida, prende-se bem, enrolando, primeiro a fita branca, depois a azul, depois a amarela e finalmente, a vermelha, de forma que o embrulhinho fique bem preso ao galho. Isto feito coloca-se o galho num prato branco que será arriado diante de Egun. Durante 9 dias renova-se a vela. No fim dos 9 dias leva-se ao cemitério e espeta-se o galho, com a ponta onde está o embrulho, numa sepultura fresca, pedindo ao Egun ali enterrado que afaste a pessoa para bem distante.

OFERENDAS A OGUN

- Para apaziguar Ogun. Preparam-se sete ecós, coloca-se num alguidar com uma moeda corrente e um grão de ataré em cima de cada um. Depois de arrumados, acrescenta-se azeite de dendê, mel de abelhas e manteiga de cacau derretida. Se junta, dentro do alguidar, bastante milho torrado e rega-se com aguardente. Arria-se diante de Ogun com uma vela de sete dias. Despacha-se numa via férrea.

- Para evitar derramamento de sangue.

Sete peixes frescos, sem serem limpos, apenas lavados em água corrente. Os peixes são arrumados numa travessa de barro com as cabeças voltadas para fora. Sobre eles coloca-se: azeite de dendê; mel de abelhas; ori-da-costa derretido; melado de cana e sete grãos de ataré (um sobre a cabeça de cada peixe). Arria-se nos pés de Ogun, com uma vela acesa, durante algumas horas (o tempo suficiente para que a vela se queime toda). Depois disto, passa-se os peixes na pessoa para a qual se está solicitando a proteção de Ogun. A pessoa deve ficar despida, resguardadas as partes mais íntimas. Terminada a limpeza coloca- se os peixes numa folha de papel pardo e se despacha numa linha de trem.

- Para obter proteção contra qualquer tipo de tragédia.

Um peixe pargo de bom tamanho; azeite de dendê; gin; mel de abelhas; milho torrado; feijão fradinho torrado e ori-da-costa. Coloca-se o peixe numa travessa ou assadeira de barro; cerca-se com o milho e o feijão torrados; tempera-se com os ingredientes relacionados. Arria-se diante de Ogun com velas acesas. Depois de três horas, despacha-se numa mata.

- Para obter uma graça qualquer do Orixá Ogun. 1 inhame-do-norte cozido; arroz cru; ori-da-costa; azeite de dendê; mel de abelhas; melado de cana; 7 pimentas ataré e gin. Amassa-se o inhame cozido e mistura-se a massa obtida com o ori-da-costa e o arroz. Com esta massa, preparam-se, modelando-se com as mãos, 7 bolas que, depois de prontas, serão arrumadas num alguidar de barro onde já se colocou o milho torrado. Acrescentam-se os demais ingredientes e oferece-se a Ogun, diante de seu igbá onde deverá permanecer por sete dias. Despacha-se na mata.

- Para apaziguar Ogun. Para acalmar a ira deste Orixá, basta oferecer-lhe uma melancia aberta e regada com melado de cana.

- Para que Ogun defenda uma casa de malefícios.

Uma faca de aço é colocada no fogo até que fique em brasa. Quando a lâmina da faca estiver acesa, se pega, coloca-se em cima de Ogun e derrama-se sobre ele azeite de dendê de forma que o azeite escorra sobre a ferramenta do Orixá. Esta faca é embrulhada em pano vermelho junto com os seguintes ingredientes: 1 fava de ataré inteira; 7 grãos de milho torrados; sete pedacinhos de coco seco e um pouco de uáji. Envolvem-se tudo, inclusive a faca, no pano vermelho e enrola-se, bem enrolado, com linha verde e linha azul. Somente a lâmina da faca deverá ser enrolada pelo pano e pelas linhas, o que formará uma espécie de bainha. Este fetiche deverá permanecer atrás da porta da casa e, todas as vezes em que Ogun comer, deverá ficar junto com ele, no igbá, durante todo o tempo do orô e enquanto durar o preceito.

- Para agradar Ogun: Se pega 7 ovos de codorna, unta-se com azeite de dendê, mel de abelhas e pó de efun. Coloca-se num prato de barro, espalha-se por cima fumo de rolo desfiado e molha-se com gin. Deixa-se diante de Ogun durante sete dias com uma vela acesa. Despacha-se na mata.

- Para evoluir ou obter uma graça. Se pega uma melancia inteira, corta-se um quadradinho em forma de cubo (sem abrir a fruta); separa-se o cubinho; escreve-se, em papel de embrulho, o que se deseja; coloca-se o papel no buraco feito na melancia; tapa-se o buraco com o próprio pedaço extraído dali; arria-se nos pés de Ogun, deixando ali por 3 dias. Durante estes três dias, acende-se uma vela e pede-se a Ogun o que se deseja. Despacha-se na linha do trem.

- Para obter proteção pessoal de Ogun. Deixar, durante 7 dias, um coco seco dentro do assentamento de Ogun. No sétimo dia, retira-se o coco, quebra-se, retira-se a polpa, descasca-se, rala-se, espreme-se com um pano branco e virgem. Ao sumo obtido acrescenta-se meio litro de leite de cabra, mistura-se num recipiente com água de chuva e água de rio (meio a meio); acrescenta-se ainda: Um copo de água de coco verde; um copo de caldo de cana; sete colheres de mel de abelhas e sete colheres de melado de cana. Mistura-se bem, e deixa-se o recipiente diante de Ogun, por três horas, com uma vela acesa. Depois de decorridas as três horas, toma-se banho com o líqüido (inclusive a cabeça); deixa-se o banho secar no corpo durante meia hora e depois, toma-se banho com água limpa e sabão da costa. A pessoa deve usar somente roupas brancas nos sete dias seguintes e, no mesmo período, terá que acender velas, bater cabeça e rogar a proteção do Orixá.

OFERENDAS A OXOSSI

- Para resolver problemas de justiça.

Num pano branco colocam-se os seguintes ingredientes: 7 grãos de milho torrados; 7 grãos de ataré; 7 pimentas malagueta; pó de peixe defumado; um pedaço de talo de comigo-ninguém-pode; 7 folhas de hortelã e um papel com o nome da pessoa que está sendo tratada.

Faz-se um embrulho com o pano branco, amarra-se bem com barbante virgem, passa-se no corpo da pessoa e deixa-se no igbá de Oxóssi até que o problema esteja resolvido.

Resolvido o problema, a pessoa beneficiada deverá oferecer uma comida seca ao Orixá, de acordo com a orientação obtida no oráculo.

- Para boa sorte.

Numa travessa de barro, colocam-se sete peixes frescos inteiros com as escamas. Por cima coloca-se: milho torrado; melado de cana; azeite de dendê e efun ralado. Deixa-se nos pés de Oxóssi por três horas e, em seguida, leva-se a um mata e arria-se aos pés de uma palmeira ou coqueiro.

- Para problemas de saúde.

Untam-se sete ovos de galinha d'angola com ori-da-costa; coloca-se dentro dum alguidar diante do assentamento de Oxóssi e coloca-se, sobre eles, um pouco de azeite de dendê; melado de cana; licor de anis; fumo-de-rolo desfiado e bastante pó de efun. Todos os dias, durante sete dias, passam-se um dos ovos na pessoa enferma e separa-se para outro alguidar que deverá ficar atrás do igbá. No sétimo e último ovo, coloca-se tudo num pano azul-claro, amarra-se em forma de trouxa, leva-se à uma mata e despacha-se num tronco de árvore seca.

- Para estabilidade financeira.

Oferece-se, a Oxóssi, uma melancia aberta no meio e regada de melado de cana; deixa-se diante de Oxóssi por três dias e despacha-se numa mata.

- Para falta de dinheiro.

Se pega sete cocôs secos, pinta-se de branco (efun) as partes de cima e de azul (uáji) as partes de baixo. Colocam-se os sete cocôs num alguidar grande e, durante sete dias, vai-se passando um coco por dia no corpo, tendo-se o cuidado de separar os cocôs utilizados para outro alguidar. Depois de passar o último coco, enrola-se o alguidar com os sete cocôs num pano azul claro e despacha-se em água corrente. Uma vela de sete dias deverá permanecer acesa durante o tempo em que os cocôs estiverem diante de **Oxóssi.**

- Para obter uma graça qualquer.

Sete romãs (Punica granatum, L.); melado de cana; azeite de dendê; anis estrelado e efun ralado. Colocam-se os romãs abertos dentro de um alguidar e, sobre eles, os ingredientes relacionados. Deixa-se diante de Oxóssi por sete dias com uma vela acesa, depois, despacha-se numa mata.

- Para assegurar boa sorte.

Descasca-se e se frita ligeiramente, em gordura de coco, sete cebolas de casca vermelha. Arrumam-se tudo numa panela de barro e cobre-se com anis estrelado em pó; melado de cana; azeite de dendê; pó de peixe defumado e milho torrado. Arria-se nos pés de Oxóssi com duas velas de sete dias acesas. Depois de sete dias despacha-se na mata sem desarrumar o adimú.

- Para agradar e apaziguar Oxóssi.

Preparam-se sete ecós. Em cada um deles coloca-se um grão de atarê, uma moeda de pequeno valor; uma fava de anis estrelado e uma pitadinha de efun ralado. Arruma-se num alguidar e rega-se com azeite de dendê e um pouco de vinho branco. Entrega-se a Oxóssi com uma vela de sete dias e, depois deste período, despacha-se nos pés de uma amendoeira.

- Para agradar Oxóssi.

Sete espigas de milho verde, grandes e tenras, são assadas na brasa. As folhas que envolvem as espigas são separadas para forrar o alguidar em que será oferecido o adimú. Assim que as espigas forem retiradas do braseiro, ainda quentes, são regadas, uma a uma, com azeite de dendê, gordura de coco, melado de cana, um pouco de licor de romã e pó de peixe defumado. Depois disto arruma-se com as pontas mais finas para cima, no alguidar já forrado com as folhas das espigas. Coloca-se, dentro do alguidar, amendoim torrado e regam-se tudo com vinho branco. Entrega-se a Oxóssi com uma vela de sete dias. No fim de sete dias, despacha-se numa mata.

OFERENDAS A LOGUNEDÉ

- Pamonha que se oferece a Logunedé.

Ralam-se sete espigas de milho verdes bem tenras. À massa obtida acrescenta-se coco ralada e açúcar. Envolve-se a massa nas folhas mais tenras que envolvem as espigas, formando uma

espécie de trouxinha que se amarra em cima com palha da costa. Mergulham-se as trouxinhas em água fervente e retira-se logo em seguida. Deixa-se esfriar, abrem-se as trouxinhas, arruma-se numa travessa ou prato de louça. Ao redor colocam-se fatias de coco seco cortado em tiras, rega-se com bastante mel e oferece-se ao Orixá. Despacha-se numa cachoeira.

- Para agradar Logunedé.

Prepara-se uma massa de milho verde igual à da receita anterior, dispensando-se o açúcar. Refoga-se uma boa quantidade de camarão seco em óleo de milho acrescentando-se cebola branca, pimentão doce, tomate, coentro picadinho, vinho branco e um pouco d'água para fazer o molho. Coloca-se a massa numa tigela e cobre-se com o molho. Enfeita-se com 7 camarões inteiros crus e folhas de hortelã.

- Para obter uma graça.

Se pega um peixe dourado, limpa-se bem, retira-se as escamas e recheia-se com milho verde (grãos); milho torrado; cebola branca picada; pedacinhos de coco seco e 1 obí picado em pedacinhos pequenos. Costura-se o peixe, tempera-se com azeite de oliva e azeite de dendê; orégano em pó; coentro e vinho branco. Coloca-se para assar no forno. Quando o peixe estiver assado, retira-se do forno, coloca-se numa travessa e cerca-se de agrião ligeiramente fervido. Na boca do peixe introduz-se um papel com o pedido da graça que se deseja obter. Cobre-se com bastante mel de abelhas e vinho branco. Arria-se nos pés de Logun e, no dia seguinte, despacha-se num rio de águas limpas.

- Para agradar Logunedé.

Assa-se, num braseiro, 7 espigas de milho verde. Cozinha-se, à parte, uma porção de feijão fradinho misturado com a mesma quantidade de amendoim. Se pega o feijão cozido com o amendoim e coloca-se num alguidar; arrumam-se as espigas assadas com as pontas para fora; rega-se com mel de abelhas; azeite de dendê e vinho branco. Deixa-se por três dias diante do igbá do Orixá e despacha-se dentro de uma mata.

- Para agradar Logunedé.

Cozinha-se uma boa quantidade de milho seco em água pura. Se pega sete camarões graúdos, aferventa-se ligeiramente também em água pura. Prepara-se um molho idêntico ao descrito no adimú número 2. Coloca-se o milho cozido numa travessa ou tigela branca; arrumam-se os camarões em cima e cobre-se com o molho. Enfeita-se com folhas de agrião e rega-se com mel de abelhas e vinho branco. Arria-se diante de Logun e despacha-se, três dias depois, na beira de um rio ou dentro de uma mata.

- Para atrair uma pessoa.

Se pega um coco seco, retira-se a água e abre-se, num dos olhos do coco, um buraco onde possam passar os seguintes ingredientes: Um papel com o nome das pessoas interessadas; sete favas de anis estrelado; sete pedacinhos de lírio florentino; sete colheres de café de água-de-flor-de-laranja; a mesma medida de melado de cana; a mesma medida de mel de abelhas; sete pedacinhos de açúcar cândi; sete gotas de baunilha; sete folhinhas de hortelã; sete pétalas de rosa amarela e sete gotas de essência de rosas. Completa-se com vinho branco. Fecha-se o buraco com um pedacinho de madeira e veda-se com cera de abelhas derretida. Enfeita-se o coco com laços de fitas amarelas e azuis, leva-se à uma cachoeira e coloca-se em baixo da queda d'água. Antes de levar, o coco deve ser apresentado ao Orixá.

OFERENDAS A IYEMANJÁ

- Adimú para se obter uma graça.

Arruma-se sete espigas de milho verde assadas dentro de uma panela de barro com o seguinte: Sete bolas de feijão fradinho cozido, amassado e ligado com farinha de acaçá; sete biscoitos de araruta; sete bananas da terra cortadas no sentido longitudinal e fritas em gordura de ori-da-costa; sete bolas de mingau de milharina adoçado com açúcar mascavo. Depois de tudo arrumado dentro da panela rega-se com bastante mel de abelhas e oferece-se à Iyemanjá, acendendo-se duas velas. Deixa-se de um dia para o outro, embrulha-se num pano branco e leva-se para o mar.

- Para resolver uma situação impossível.
Cozinha-se um inhame grande até que fique bem macio. Coloca-se num recipiente qualquer e amassa-se com um garfo. À massa obtida acrescenta-se: farinha de milho bem grossa; meio copo de melado de cana; um pouquinho de azeite de dendê e um pouco de mel de abelhas. Misturam-se tudo muito bem e modela-se 7 bolas, que são arrumadas numa travessa branca. Sobre as bolas despeja-se bastante melado de cana; pó de efun e pó de peixe defumado. Oferece-se, diante do igbá, com uma vela acesa, deixando por sete dias. Despacha-se na beira do mar.
- Para obter uma graça.
Se pega um melão bem grande, abre-se uma tampa no alto e retira-se a polpa. Colocam-se, dentro da fruta, os seguintes ingredientes: Sete bolinhas de milho vermelho; sete bolas de inhame; sete rodelas cortadas de uma espiga de milho verde; sete peixinhos secos; sete cebolas brancas pequenas; sete bolas de arroz branco cozido; sete bolinhas pequeninas de ori-da-costa; sete colheres de óleo de amêndoa-doce; mel de abelhas e melado de cana. Coloca-se o melão num prato grande ou bandeja forrada com pano branco, diante de Iyemanjá e acendem-se sete velas que devem ser renovadas por sete dias, tempo em que o adimú permanecerá diante do Orixá. Despacha-se na beira do mar.
- Para obter saúde ou estabilidade financeira.
Colocar dentro de uma travessa de barro: Sete pargos frescos bem pequenos; sete grãos de ataré; sete grãos de milho torrado; sete moedas correntes; um pouco de pó de osun; sete agulhas de crochet; um pouco de areia da praia; sete colheradas de azeite de amêndoas; sete colheres de mel de abelhas e sete colheres de melado de cana. Entrega-se à Iyemanjá na desembocadura de um rio com o mar. O mesmo adimú pode ser oferecido à Olokun. Neste caso substituem-se as agulhas de crochet por anzóis e se entrega diretamente nas águas, em alto mar.
- Para que Iyemanjá trabalhe em favor de alguém.
Colocar-se, aos pés de Iyemanjá, uma cesta com frutas variadas, cobre-se tudo com bastantes folhas de beldroega (Planta herbácea, da família das cariofileas). Deixa-se, diante do Orixá, durante sete dias com uma vela votiva acesa. Findo o prazo, leva-se a uma praia e arreia-se na areia com sete velas acesas.
- Para firmar a cabeça de uma pessoa.
Coloca-se a sopeira de Iyemanjá no solo, sobre uma esteira forrada de branco. Em volta coloca-se nove pratos brancos. Dentro de cada prato coloca-se um ovo de pata (cru); um pouco de mel de abelhas sobre os ovos; uma pequena porção de coco ralada e uma pitadinha de pó de efun. Ao lado de cada ovo, dentro dos pratos, acende-se uma vela de sete horas. A pessoa, depois de limpa e lavada com omi eró de folhas frescas de Iyemanjá, veste uma roupa branca e deita-se no quarto do Orixá por uma noite. No dia seguinte colocam-se os ovos dentro de uma cestinha de palha e despacha-se no mar, na sétima onda que bater.
- Para resolver qualquer tipo de problema.
Se pega 21 frutas de diferentes espécies, pica-se em pedaços bem pequenos e mistura-se dentro de uma tigela branca. Prepara-se um cozido com vinte e uns diferentes tipos de legumes bem picados e cozidos em água pura. Separam-se os legumes em outra tigela branca. Cozinham-se, em água sem sal, vinte e uns diferentes tipos de grãos como: milho, canjica, feijões de todos os tipos (menos preto), soja, arroz, etc. e separam-se tudo numa outra tigela. Colocam-se tudo dentro de um balaio, deixando que as coisas se misturem. Por cima coloca-se um pargo fresco de tamanho médio, em cuja boca, introduz-se um obí batá. Enfeitam-se tudo com folhas de beldroegas e vinte e uma rosas brancas. Salpicam-se vinho branco em cima, enfeitam-se com fitas brancas, rendas, etc. Leva-se à praia e entrega-se à Iyemanjá, com muito orô e cantigas do Orixá.
- Para calar a boca de uma pessoa maledicente.
Retira-se um cubinho da casca de uma melancia, com o auxílio de uma faquinha. No buraquinho, introduz-se um papel com o nome da pessoa de língua ferina e tapa-se com o

pedaço que dali foi retirado. Deixa-se, durante quatro dias nos pés do Orixá, depois do que, leva-se a uma linha de trem deixando ali, de forma que a fruta seja esmagada pelo trem.

- Adimú para agradar Iyemanjá e obter sua proteção.

Descasca-se sete cebolas brancas e frita-se, ligeiramente, em azeite de amêndoas. Depois de bem douradas as cebolas, abre-se nelas, com uma faquinha, um buraco onde se introduz um papel com o pedido que se deseja obter e um grãozinho de ataré. Colocam-se as cebolas num prato branco e se acrescenta, sobre elas, os seguintes ingredientes: Mel de abelhas; melado de cana; um pouco de vinho branco; um pouco de vinho tinto suave e bastante milho torrado. Deixa-se, durante sete dias, diante do igbá do Orixá, sempre com velas acesas. Despacha-se na beira da praia.

- Para obter uma graça com ajuda de Iyemanjá.

Numa cesta de vime forrada de pano azul, colocam-se sete peixes fritos em azeite de amêndoa; sete bananas da terra verdes; sete punhados de canjica cozida; sete bolos de arroz; sete pedaços de coco secam; sete ecós; sete oleies e sete moedas brancas. Enfeitam-se tudo com flores brancas e entrega-se à Iyemanjá diretamente na praia, com velas acesas e uma taça de vinho branco.

- Para agradar e apaziguar.

Cortam-se sete romãs ao meio. Dentro de cada um deles se coloca uma moeda e um grão de ataré. Arrumam-se as frutas dentro de uma panela de barro, derrama-se por cima: azeite de dendê, mel de abelhas, melado de cana, vinho branco e sete balas de leite ou de coco. Deixa-se durante sete dias diante do igbá de Iyemanjá e, depois, despacha-se dentro do mar.

- Para apressar a solução de qualquer tipo de problema.

Um peixe pargo bem assado é colocado numa travessa de barro e recoberto com rodelas de banana-da-terra previamente cozidas. Dentro do peixe já estará um papel no qual se escreveu o desejado. Por cima de tudo, derrama-se melado de cana e vinho branco. A panela deve ficar cheia até a borda. Deixa-se, durante sete dias diante de Iyemanjá e depois, despacha-se em pedras onde as ondas do mar estouram.

- Para agradar Iyemanjá.

Forra-se uma travessa de barro ou de louça com folhas de alface e sobre elas arruma-se: 7 ecós; 7 oleles; 7 oguidís; sete acaçás de milho vermelho desembrulhados; sete pedaços de coco seco; sete espigas de milho assadas; sete moedas; sete bolinhas de ori-da-costa. Depois de tudo arrumado na travessa tempera-se com azeite de dendê, mel de abelhas, melado de cana, ataré, pó de efun e vinho branco. Este adimú permanece, durante sete dias, diante do igbá do Orixá com duas velas acesas. Despacha-se nas águas de um rio.

- Para alcançar uma graça impossível

Coloca-se, dentro de um copo de cristal, um papel onde se escreveu o que se deseja obter. Enche-se o copo com melado de cana misturado a vinho branco. Coloca-se diante de Iyemanjá e cobre-se com um pano branco virgem. Por cima colocam-se um prato branco sobre o qual se acenderá uma vela todos os dias, durante 21 dias. Findo este prazo o copo com seu conteúdo, o pano e o prato, serão levados à uma praia e atirados ao mar, o mais longe possível.

OFERENDAS A OXUN

- Para atrair uma pessoa.

Abre-se uma cabaça ao comprido, se limpa bem retirando todas as sementes e as películas de seu interior e se coloca dentro: O nome da pessoa que se quer atrair escrito em papel de embrulho; 5 agulhas de coser; 5 pedacinhos de galho de irôko; 5 grãos de pimenta-da-costa; um pouco de milho torrado; uma pitadinha de pó de osun; uma pitadinha de sal de cozinha; mel de abelhas; suco de um limão galego (Citrus medica, Rissus); pó de peixe defumado e pó de preá defumada. Fecha-se a cabaça unindo as duas partes com um laço de fita amarela; coloca-se sobre um prato branco diante do igbá-Oxun e, durante 25 dias, à mesma hora, acende-se uma vela em cima da cabaça pedindo ao Orixá que traga a pessoa desejada. No vigésimo quinto dia, depois que a vela acabar, despacha-se nas águas de um rio.

- Para obter-se uma graça qualquer.
Num prato branco arruma-se: 5 ovos de galinha crus; 5 folhas de verbena (Lipia citriodora); uma conta de coral; um pedaço de azeviche; um molho de agrião que deverá ser arrumado em volta do prato, formando uma rodilha. Cobrem-se tudo com bastante mel de abelhas, salpica-se pó de efun e arria-se aos pés de Oxun com 5 velas acesas ao redor. Este adimú permanece por cinco dias nos pés do Orixá e é despachado numa cachoeira.
- Para apaziguar Oxun. Um mamão bem maduro aberto ao meio, do qual se retira todas as sementes. Enfeita-se o mamão por dentro e por fora com ramos de salsa; coloca-se dentro do mamão 5 gemas de ovos de galinha e cobre-se com bastante mel de abelhas. Se junta as duas partes do mamão e coloca-se, sobre um prato, diante de Oxun, com duas velas acesas. No dia seguinte despacha-se num rio.
- Para agradar e obter uma graça. Cozinha-se um inhame amassa-se e misturam-se folhas de agrião bem picadinhas. Com a pasta modela-se 5 bolas. Depois de prontas as bolas de inhame, rola-se as mesmas sobre farinha de acaçá até que fiquem bem envolvidas. Numa travessa de barro, arruma-se as 5 bolas de inhame ao redor de um pargo assado ao forno. Sobre cada bola coloca-se uma pimenta ataré, uma moeda, um grão de milho e uma pétala de rosa amarela. Rega-se com um pouquinho de azeite de milho e bastante mel de abelhas, enfeita-se com galhos e folhas de agrião miúdo.
- Balaio para agradar Oxun. Se pega um balaio grande com alça e enfeita-se a gosto com panos, fitas e rendas amarelas. Pronto o balaio, coloca-se dentro dele diversos tipos de frutas, sempre em cinco unidades. Acrescentam-se ainda bastantes caramelos de leite e enfeita-se com folhas de hortelã. No meio das frutas coloca-se uma boneca vestida de amarelo, representando a própria Oxun. Deixa-se diante do Orixá por oito dias, findo os quais, despacha-se numa cachoeira. A boneca ficará, para sempre, junto ao igbá.
- Para obter uma graça. Se pega cinco laranjas lima e, sem descascá-las, corta-se no alto, separando-se as "tampinhas". Sobre cada uma das laranjas coloca-se: Uma fava de anis-estrelado; um pouquinho de pó de lírio-florentino; umas folhinhas de salsa; umas gotinhas de mel de abelhas e uma pitadinha de canela em pó. Repõem-se as tampinhas em toda a laranja e arruma-se num prato do igbá da Oxun. O prato deverá ser colocado sobre a sopeira, no lugar da tampa. Este adimú permanece cinco dias sobre o igbá e é despachado, envolto num pano amarelo, na beira de um rio de águas limpas.
- Para obter uma graça.
O mesmo adimú acima descrito pode ser feito, substituindo-se as laranjas por ovos de galinha. Neste caso, abre-se os ovos em cima, sem que se quebre as cascas em demasia, escorre-se as claras deixando somente as gemas dentro das cascas. Acrescentam-se os mesmos ingredientes dentro dos ovos. Neste caso ferve-se ligeiramente um molho de agrião e, depois de frio, faz-se um ninho que será colocado no prato para abrigar os ovos de forma que não virem para que não se entornem os seus conteúdos.
- Para ocasionar intranqüilidade a um inimigo.
Dentro de um boneco de pano branco (do mesmo sexo da pessoa que se quer atingir) coloca-se: Um papel de embrulho usado com o nome da pessoa escrito cinco vezes; cinco gotas de óleo de rícino; uma folha de irôko; uma folha de urtiga (Urtica urens, L.); cinco agulhas de costura; cinco grãos de ataré; um pouco de lama do fundo do rio e um pouco de azougue. Este boneco fica, durante cinco dias, diante de Oxun, de cabeça para baixo e de costas para o igbá (sem velas acesas). No fim dos cinco dias, retira-se o boneco, embrulha-se em pano preto, leva-se à uma mata e pendura-se, de cabeça para baixo, num galho de árvore seca.

OFERENDAS A NANÃ

- Para agradar Nanã.
Cozinha-se, em água de poço sem sal, 13 espigas de milho verde e deixa-se de lado. Numa panela de barro coloca-se uma cebola roxa picada; cominho em grãos; uma folha de louro; um pouquinho de orégano; um pouco de gengibre ralado e azeite de dendê. Deixa-se ferver por

meia hora e coloca-se, dentro da panela, uma porção de fubá de milho vermelho bem fino. Vai-se mexendo enquanto cozinha, até que engrosse como um mingau. Retira-se do fogo, colocam-se as 13 espigas cozidas com as pontas para cima e, depois de frio, oferece-se à Nanã na mesma panela. Depois de 13 dias, leva-se à um pântano e se enterra com panela e tudo.

- Para problemas de saúde.

Se pega 13 pargos frescos bem pequenos, arruma-se dentro de um prato de barro e tempera-se com azeite de dendê; mel de abelhas; melado de cana e vinho tinto seco. Arria-se diante de Nanã e, depois de 13 dias, passa-se o prato com o adimú no corpo da pessoa enferma, leva-se a um pântano e enterra-se com tudo.

- Para saúde.

Se pega 13 broas de milho, passa-se no corpo da pessoa e vai-se arrumando num alguidar de barro. Depois que todas as broas já estiverem no alguidar rega-se com azeite de dendê e vinho tinto seco, salpicando-se por cima pó de efun. Deixa-se diante do Orixá durante 13 dias, findos os quais, retiram-se as broas, substituindo-as por outras, agindo sempre da mesma forma. As broas retiradas são levadas e despachadas na porta do cemitério. A operação deve ser repetida até que a pessoa fique curada.

- Para obter uma graça.

Se pega 13 cebolas roxas inteiras e frita-se ligeiramente em azeite de dendê. Prepara-se um pouco de pipoca em azeite de dendê, arruma-se a pipoca num alguidar e enfeita-se com as cebolas fritas. Deixa-se nos pés de Nanã por 13 dias. Despacha-se na beira de uma lagoa.

- Para obter a proteção de Nanã.

Torra-se, bem torrada, uma mistura de milho vermelho, feijão fradinho e amendoim. Colocam-se tudo dentro de uma cabaça aberta no pescoço. Cozinha-se uma boa quantidade de canjica e coloca-se dentro da mesma cabaça. Acrescenta-se 13 grãos de ataré; um pouco de milho de pipoca que, depois de torrado, não se tenha aberto; 13 grãos de lelekun; 13 favas de bejerekun; pó de peixe defumado e pó de eku defumado. Fecha-se a cabaça enrolando-a toda com palha-da-costa. Deixa-se por 13 dias diante do Orixá. Depois se pendura atrás da porta de casa ou do local de trabalho.

- Para evolução financeira.

Assa-se, no forno, 13 fatias de berinjela. Depois de assadas unta-se com azeite de dendê; mel de abelhas e ori-da-costa. Arruma-se num alguidar e cobre-se com pipocas. Rega-se com vinho tinto seco. Despacha-se, depois de 13 dias, na beira de um poço que tenha água potável.

- Para agradar Nanã.

13 cebolas roxas descascadas e fritas em azeite doce; 13 espigas de milho verde assadas na brasa; 13 rodelas de aipim cozido com casca; milho torrado e pipoca feita no dendê. Arruma-se, num alguidar, primeiro o milho torrado e as pipocas. Por cima dispõem-se as rodelas de aipim, as espigas e as cebolas. Rega-se com azeite de dendê e deixa-se 13 dias diante de Nanã. Despacha-se no mato.

- Para sorte e proteção de Nanã.

Uma panela de barro média; 13 gemas de ovos de gansa; 13 pimentas-da-costa; 13 búzios; osun; efun; uáji; um pouco de lama de pântano; um pouco de milho torrado; peixe defumado; azeite de dendê; 13 colheres de azeite de amêndoas; os pedidos que se deseja obter escritos em papel de embrulho. Coloca-se o papel dentro da panela e todos os ingredientes por cima; completa-se com canjica branca e deixa-se diante de Nanã por 13 dias. Despacha-se num pântano.

- Para conseguir uma graça.

Metade de uma cabaça bem limpa por dentro; 13 moedas pequeninas; 13 grãos de milho de pipoca que não tenham estourado ao se fazer pipocas para Omolú; 13 pedacinhos de coco secam; 13 sementes de anis estrelado; azeite de dendê; um pouco de melado de cana; azeite de dendê. Escreve-se, num papel qualquer o que se deseja de Nanã. Coloca-se o papel dentro da cabaça e colocam-se todos os ingredientes por cima. Completa-se com canjica branca e rega-se

com água de flor de laranjeira. Deixa-se nos pés de Nanã por 13 dias. Despacha-se nas águas de um rio.

OFERENDAS A OXUMARE

- Para agradar Oxumarê.

Cozinha-se uma batata doce e amassa-se bem, formando uma espécie de purê. Coloca-se a massa dentro de um alguidar de barro e tempera-se com pó de ataré; pó de bejerekun; lelekun e bastante azeite de dendê. Arria-se para Oxumarê e deixa-se por 15 dias. Despacha-se no mato.

- Para obter uma graça.

Com a massa de uma batata doce cozida, modela-se uma cobra dentro de uma travessa de barro. Ao redor da cobra, arruma-se 15 ovos de galinha nos quais se colocou, por uma pequena abertura feita numa das extremidades, os seguintes ingredientes (para cada ovo): 1 grão de ataré; 1 semente de fava de aridã; 1 semente de bejerekun e 1 grão de lelekun. Arreia-se diante do Orixá e despacha-se, no dia seguinte, nos pés de uma árvore frondosa.

- Para apaziguar Oxumarê.

Cozinha-se 5 batatas doce, amassa-se e mistura-se ao purê, pó de aridan e sementes de lelekun. Com a pasta obtida modela-se 15 bolas. Depois de prontas as bolas de batata doce, rola-se as mesmas sobre farinha de acaçá até que fiquem bem envolvidas. Numa travessa de barro, arrumam-se as 15 bolas ao redor de um pargo assado ao forno. Sobre cada bola de inhame coloca-se uma pimenta ataré, uma moeda e um búzio pequenino. Rega-se com azeite de dendê e deixa-se diante de Oxumarê de um dia para o outro. Despacha-se em água corrente.

OFERENDAS A XANGÔ

- Para apaziguar Xangô.

Cozinha-se um inhame-da-costa. Com o inhame cozido e descascado faz-se uma massa à qual se acrescenta: azeite de dendê; mel de abelhas; pó de peixe defumado e orogbô ralado. Depois de bem misturado faz-se seis bolas. Em cima de cada bola se coloca uma moeda de cobre. Arruma-se no centro de uma gamela de madeira e, ao redor, coloca-se seis sapotís (Achras sapota, L.) bem maduros. Deixa-se aos pés do Orixá durante seis dias. Envolve-se num pano vermelho e leva-se aos pés de uma palmeira imperial (Oreodoxa regia).

- Para agradar Xangô. Pega-se seis sapotís maduros, abre-se ao meio, retira-se as sementes e arruma-se numa gamela. Dentro de cada sapotí coloca-se: Seis grãos de milho torrado; seis pedacinhos de coco secam; um orogbô (para cada sapotí); um pouquinho de melado de cana; mel de abelhas; azeite de dendê; um ataré e um pouco de vinho tinto. Deixa-se por seis dias nos pés do Orixá com uma vela acesa, que deve ser renovada todos os dias.

- Para tirar uma pessoa do cárcere.

Um talo de folha de afomã (Ficus Membranacea); um pedaço de galho de cedro (Cedrela mexicana); osun; efun e ori-da-costa. Raspa-se talo de afomã e o galho de cedro. O pó obtido é misturado aos demais ingredientes e com a massa resultante, faz-se uma bola que deverá ficar, por seis dias, dentro da gamela de Xangô. Despacha-se o mais próximo possível do local onde a pessoa estiver detida e, se isto não for possível, no alto de uma pedra de onde se aviste a cidade.

- Para assegurar vitória em questões judiciais.

Embrulham-se, em pano vermelho, seis varetas ou palitos de cedro; seis pimentas ataré; seis grãos de milho torrados; um pouquinho de pó de peixe defumado; um orogbô inteiro e uma folha de cedro. Amarra-se bem amarrado com linha branca e deixa-se dentro da gamela de Xangô. No dia da audiência ou julgamento, a pessoa deve portar o embrulhinho num de seus bolsos.

- Adimú para boa sorte.

Se pega seis ovos de galinha d'Angola e untam-se as cascas com: Azeite de dendê; mel de abelhas; ori-da-costa; pó de efun e pó de osun. Coloca-se numa gamela ou alguidar de barro e sopram-se, em cima, vinho tinto e aguardente de cana. Deixa-se diante de Xangô por seis dias e depois, passam-se os ovos na pessoa, embrulha-se em pano vermelho e despacha-se aos pés de uma palmeira imperial.

- Para obter uma graça.
Compra-se a romã mais bonito que se puder encontrar, abre-se a fruta ao meio no sentido vertical e retira-se, de seu interior, todas as sementes. Coloca-se, no lugar das sementes, um pouquinho de osun; um pedacinho do talo de comigo-ninguém-pode; um pouquinho de raspa de pó de cedro; um pouquinho de raspa de madeira de irôko; seis ataré; um pouquinho de azeite de dendê; mel de abelhas e um pouquinho de canela em pó. Unem-se as duas partes da romã, envolve-se num pedaço de pano vermelho e enrola-se bem, com linha branca. Derrete-se, em banho-maria, uma quantidade de cera de abelhas. Na cera derretida vai-se mergulhando e retirando a bonequinha de pano com a fruta dentro, dando-se voltas para que a cera fique aderida ao tecido. Repete-se a operação até que se transforme numa bolota de cera. Deixa-se secar até que a cera fique bem durinha e, somente então, coloca-se dentro da gamela de Xangô, onde deverá permanecer até que a graça seja alcançada. Depois de atendido o pedido feito ao Orixá, despacha-se a bolota nos pés de uma palmeira real.
- Para agradar Xangô e obter sua proteção.
Arruma-se, numa gamela grande, 12 tomates maduros; 12 laranjas-da-china; 12 bananas-da-terra verdes; um inhame-da-costa; uma cabaça de pescoço; 12 orogbôs; 12 caramelos; 12 fatias de pão e 12 ataré. Regam-se tudo com muito mel de abelhas, vinho tinto e melado de cana. Coloca-se diante de Xangô e deixa-se por 12 dias, renovando a vela diariamente. No fim dos doze dias leva-se a um campo e deixa-se ali.
- Para resolver uma situação impossível.
Gordura de coco, cebola, pimentão vermelho, camarão sêco, cominho, orégano, louro verde, tomates, quiabo, farinha de acaçá e azeite de dendê. Pica-se a cebola, o pimentão, os tomates e os quiabos (estes em rodelinhas bem finas). Coloca-se a farinha para cozinhar, com água, em fogo brando, deixando engrossar um pouquinho. Numa panela à parte coloca-se uma colher de gordura de coco, uma pitada de cominho, uma de orégano, a folha de louro, a cebola picadinha, o pimentão e o tomate. Espera-se cinco minutos e acrescenta-se o camarão sêco, o quiabo e o mingau que foi cozido em separado. Coloca-se um pouco de dendê (se possível a pasta chamada bambarra). Deixa-se cozinhar em fogo brando por aproximadamente uma hora. Quando estiver cozido retira-se do fogo e se derrama tudo numa gamela. Separa-se uma porção num alguidar para ser oferecida a Exú. Depois de entregar-se a parte de Exú, oferece-se o adimú nos pés de Xangô, sacode-se o xeré e vai-se pedindo o que se quer em voz baixa e a cabeça no chão. Acendem-se duas velas e, no dia seguinte, despacha-se aos pés de uma palmeira.
OFERENDAS A YEWÁ
- Para agradar Yewá.
Cozinha-se 16 pedaços de mandioca cortados em cubo. Depois de bem cozidos, coloca-se numa panela de barro onde se acrescenta: Melado de cana; mel de abelhas; canela em casca e 8 favas de anis estrelado. Deixa-se ferver em fogo brando durante vinte minutos. Retira-se do fogo e, depois de frio, coloca-se à Yewá, deixando por sete dias com velas acesas. Despacha-se num rio.
- Para conquistar um amor impossível.
Um coração de cera dentro do qual se coloca os nomes das pessoas interessadas, escritos 7 vezes, um ao lado do outro. O papel, depois de escrito, é enrolado em forma de canudo e atravessado por sete agulhas de cozer. Coloca-se o tubinho dentro do coração de cera e acrescenta-se: Uma folha de abre caminho; uma folha de elevante; sete pétalas de rosa vermelha; um pedaço de talo de comigo-ninguém-pode; um pouco de pó de osun; pó de peixe defumado; milho torrado; azeite de dendê e mel de abelhas. Coloca-se o coração dentro de uma panelinha de barro, completa-se com azeite de oliva e entrega-se ao Orixá, com uma vela de sete dias acesa e pedindo-se o que se quer. Despacha-se num rio.
- Para obter uma graça.
Cozinham-se sete raízes de mandioca pequenas, descascadas. Arruma-se numa travessa de barro e cobre-se com: melado de cana; açúcar mascavo; uma pimenta da costa em cima de cada raiz

de mandioca; pedaços de coco cortados em tiras finas e mel de abelhas. Arreia-se diante de Yewá e despacha-se, sete dias depois, numa lagoa de água doce.

- Para agradar Yewá.

Numa tábua nova e limpa que flutue, coloca-se um pargo sem escamas, do qual foram retiradas todas as entranhas. Dentro do pargo coloca-se: Um papel no qual se escreveu o que mais se deseja na vida; um pouco de pipoca; 7 grãos de pimenta-da-costa; sete pedacinhos de coco seco; osun; lelekun; sete pétalas de rosa vermelha; mel de abelhas e azeite de dendê. Costura-se a barriga do peixe, coloca-se em sua boca um anzol de pesca e arruma-se, em cima da tábua, com sete velas acesas em volta. Entrega-se nas águas de uma lagoa, que sejam tranqüilas, para que a tábua flutue na superfície. Este adimú tem que ser oferecido à noite, com céu estrelado e lua crescente.

- Para se obter uma graça.

Prepara-se uma boa quantidade de pipocas, arroz branco cozido e canjica cozida. Coloca-se, numa travessa de barro, primeiro uma camada de arroz; por cima, uma camada de canjica e, finalmente, a pipoca. Sobre tudo isto, espalha-se uma boa porção de camarões fritos em azeite de dendê (sem limpar, apenas lavados). Rega-se com azeite de dendê e enfeita-se com rodelas de tomate. Arria-se aos pés de Yewá por sete dias com duas velas acesas. Despacha-se, à noite, aos pés de uma árvore que dê flores.

- Para se obter proteção.

Pega-se um peixe de tamanho médio que se limpa e corta em postas. Com a cabeça do peixe prepara-se um pirão de farinha de mandioca, ao qual se acrescenta folhas de coentro e alguns grãos de ataré. As postas são cozidas com pimentão; coentro; anis estrelado em pó e gengibre ralado. À parte, se frita em azeite dendê, sete camarões grandes, com cabeça e casca. Forra-se uma travessa de barro com bastantes folhas de alface, sobre elas derrama-se o pirão depois de frio; arrumam-se as postas de peixe e colocam-se por cima os camarões fritos. Batem-se as claras de sete ovos até que atinjam o "ponto-de-neve" e com isto, cobre-se todo o adimú. No centro, sobre a clara, coloca-se um obi de quatro gomos aberto. Este adimú deve ser entregue à Yewá na beira de um lago ou rio de águas mansas e limpas, em noite de céu estrelado. Os pedidos que forem feitos são endereçados ao firmamento e o adimú, antes de ser arriado, deve ser mostrado aos quatro pontos cardeais, começando-se pelo este, depois o norte, o oeste e o sul.

- Para apaziguar Yewá.

Prepara-se uma papa de milharina vermelha temperada com coentro. Refoga-se em azeite de dendê, cebola branca bem picadinha e uma porção de camarões secos. Coloca-se, numa travessa de barro, primeiro a papa de milharina e, por cima dela, os camarões secos refogados. Rega-se com dendê e enfeita-se com sete ovos cozidos cortados em rodelas. Sobre cada rodela de ovo cozido coloca-se um pouquinho de cebola branca ralada. No meio coloca-se um tomate cortado em quatro, sem as sementes, dentro do qual se coloca um obi de quatro gomos. Arria-se nos pés de Yewá com velas acesas e despacha-se, depois de sete dias, nas margens de um rio de águas limpas.

- Para agradar Yewá.

Torra-se feijão fradinho, milho vermelho e amendoim. Coloca-se num alguidar e cobrem-se com mel de abelhas, vinho branco e canela em pó. Arreia-se aos pés do Orixá ou na beira de um lagoa, com duas velas acesas.

OFERENDAS À OIYÁ

- Adimú para agradar Oyá.

Se frita, no dendê, nove peixes de água doce pequenos. Arruma-se numa travessa de barro. Prepara-se, à parte, um molho com: cebola branca; pimentão vermelho; pimenta do reino; tomate; vinho tinto e camarão seco. Pronto o molho, derrama-se sobre os peixinhos fritos e enfeita-se com folhas de alface. Deixa-se nos pés de Oyá por quatro dias e despacha-se num bambual.

- Para obter proteção de Oyá.

Descasca-se 9 cebolas roxas das pequenas e frita-se, inteiras, em azeite de dendê. Colocam-se as cebolas e o óleo que sobrou da fritura numa panela de barro e, por cima, coloca-se: Milho torrado; feijão fradinho torrado; vários pedacinhos de coco secam; um copo de vinho rosado; um pouquinho de melado de cana; pó de ataré e pó de osun. Entrega-se diante do igbá ou dentro de uma mata.

- Para obter uma graça qualquer.

Escolhe-se 9 berinjelas bem bonitas, abre-se e frita-se, ligeiramente, em azeite de dendê. As berinjelas serão recheadas com o seguinte: Cozinha-se um pouco de feijão fradinho descascado e amassa-se bem amassadinho. À massa de feijão acrescenta-se cebola branca bem picadinha; camarão seco moído; ataré em pó e osun. Misturam-se bem estes ingredientes à massa de feijão fradinho e recheiam-se as berinjelas. Arrumam-se tudo numa travessa de barro, rega-se com azeite de dendê e arria-se nos pés do Orixá. Despacha-se quatro dias depois, no local indicado pelo jogo.

- Para que Oyá trabalhe em uma determinada questão.

Prepara-se um bom molho com pimentão, tomate, cebola, alho e azeite de dendê. Prepara-se 9 acarajés. Sobre cada acarajé coloca-se um grão de ataré e uma moeda de cobre. Arrumam-se os acarajés numa travessa de barro forrada com folhas de bambu e regam-se tudo com o molho. Arria-se aos pés de Oyá e despacha-se, depois de 4 dias num bambual.

- Para que Oyá cale uma pessoa faladeira.

Dentro de uma língua de vaca, coloca-se: 9 grãos de ataré; 9 agulhas; uma pitada de osun; 4 grãos de milho torrado; 4 pedacinhos de casca de irôko e azeite de dendê. Enrola-se a língua muito bem enrolada com linha vermelha; coloca-se num prato ou alguidar de barro e deixa-se aos pés de Oyá por quatro horas sem acender velas. Transcorridas as quatro horas, pega-se a língua, leva-se a um pé de flamboayant(Poinciana regia) e amarra-se num de seus galhos.

- Para afastar uma pessoa sem que haja briga.

Se pega um pé de boi (comprado no açougue); retira-se uma parte do tutano e coloca-se ali: O nome da pessoa que se quer ver pelas costas escrito no mesmo papel em que o pé de boi foi embrulhado; 9 grãos de ataré; 9 agulhas; 9 gotas de azougue; 2 penas de asa de andorinha; uma aleta (nadadeira) de peixe; pó de estrada e areia da praia. Enrola-se o pé num pano vermelho, amarra-se bem amarrado com linha vermelha. Arrumam-se tudo numa travessa de barro e apresenta-se à Oyá, sem arriar. Pede-se o afastamento da pessoa (nunca o seu mal), leva-se para o quintal ou para qualquer lugar fora de casa e enterra-se o embrulho.

- Para dificuldades financeiras.

Prepara-se uma boa quantidade de pipocas feitas no azeite de dendê, coloca-se num balaio e oferece-se à Oyá junto com Obaluaye. Prepara-se, em vasilhas separadas para cada Orixá, uma mistura de vinho seco com canela em pó e mel de abelhas. Acende-se uma vela para cada Orixá e despacha-se na porta do cemitério.

- Para evitar aborto com a proteção de Oyá.

Escolhe-se uma berinjela grande e bonita, corta-se em 9 fatias, frita-se em óleo de amêndoas. Corta-se, ao meio, uma cabaça de pescoço, se limpa por dentro e arrumam-se ali as rodelas de berinjela fritas. Tempera-se com pó de peixe defumado, pó de preá; osun e efun. A cabaça é fechada e amarrada com fita vermelha. Coloca-se num alguidar e deixa-se diante do igbá de Oyá até o final da gravidez. Depois que a criança nascer deve ser mostrada ao Orixá e só então, a cabaça será despachada num pé de akokô.

- Para obter uma graça.

Se frita 9 pedaços de mandioca cortados em rodela (não retirar a casca). Os pedaços de mandioca são fritos em azeite de dendê, em fogo brando para que fiquem bem passadinhos. Num alguidar arruma-se: Os 9 pedaços de mandioca fritos; 9 espigas de milho verde descascadas e limpas; 9 acarajés; 9 obís vermelhos (de quatro gomos); milho torrado; feijão fradinho torrado; azeite de dendê; mel de abelhas e pó de efun. Deixa-se 9 dias diante de Oyá e despacha-se numa praça pública com 9 velas acesas.

- Para ter sucesso numa empreitada.
Prepara-se uma massa idêntica à do acarajé e deixa-se de lado. Prepara-se um molho com cebola roxa; cominho; orégano; camarão seco; vinho tinto e azeite de oliva. Com a massa do acarajé, prepara-se 9 bolinhos com a forma de pãezinhos, sem contudo fritá-los; arruma-se os bolinhos numa travessa de barro e espalha-se o molho por cima. Depois se acrescenta: milho torrado; azeite de dendê; óleo de amêndoas e pimenta-da-costa. Coloca-se o adimú diante do Orixá por 9 dias e despacha-se, depois, dentro de uma mata.
- Para unir duas pessoas.
Corta-se ao meio uma maçã vermelha; retiram-se as sementes e um pouco da polpa, fazendo um buraco onde se introduz: Um papel com os nomes das pessoas; um pedacinho de folha de comigo-ninguém-pode; um pedacinho de abre-caminho; um pouquinho da poeira da frente das casas das duas pessoas. Fecha-se a maçã, amarra-se com fita vermelha dando nove voltas e, em cada volta, um nó. A maçã é colocada num prato e regada com mel de abelhas, depois do que, é oferecida ao Orixá com os pedidos correspondentes. Despacha-se aos pés de um flamboayant depois de quatro dias.
- Para alcançar o impossível.
Colocam-se numa cesta diante de Oyá, os seguintes ingredientes: 9 berinjelas; 9 ecós; 9 acarajés; 9 ovos de galinha d'Angola; 9 espigas de milho verde descascadas; 9 jambos (Eugenia malacenses); 9 obís; 9 pedaços de coco seco e 9 favas de ataré inteiras. Todos os dias, durante 9 dias, a pessoa pega um de cada componente colocado na cesta, passa no corpo, transfere para um alguidar colocado ao lado e acende uma vela pedindo o que deseja. No nono dia pega o alguidar, leva para um bambual e arria ali, com nove velas acesas.
OFERENDAS A OMOLU / OBALUAYE
- Para agradar Omolu.
Cozinha-se, em água de poço sem sal, meio quilo de tremoços (lupinus luteus). Se pega os tremoços já cozidos, coloca-se numa panela de barro e se junta uma cebola roxa picada; cominho em grãos; uma folha de louro; um pouquinho de orégano; um pouco de gengibre ralado e azeite de dendê. Deixa-se ferver por meia hora e coloca-se, dentro da panela, uma porção de fubá de milho vermelho bem fino. Vai-se mexendo enquanto cozinha, até que engrosse como um mingau. Retira-se do fogo e, depois de frio, oferece-se a Omolu na mesma panela. Depois de sete dias leva-se à uma mata e se enterra com panela e tudo.
- Para problemas de saúde.
Se pega 7 arenques defumados, arruma-se dentro de um prato de barro e se tempera com azeite de dendê; mel de abelhas; melado de cana e vinho tinto seco. Arria-se diante de Omolu e, depois de sete dias, passa-se o prato com o adimú no corpo da pessoa enferma, leva-se a uma mata e enterra-se com tudo.
Para saúde.
Se pega 14 pãezinhos de sal frescos, passa-se no corpo da pessoa e vai-se arrumando num alguidar de barro. Depois que todos os pães já estiverem no alguidar rega-se com azeite de dendê e vinho tinto seco, salpicando-se por cima pó de efun. Deixa-se diante do Orixá durante sete dias, findos os quais, retiram-se os pães substituindo-os por outros, agindo sempre da mesma forma. Os pães retirados são levados e despachados na porta do cemitério. A operação deve ser repetida até que a pessoa fique curada.
- Para agradar Omolú.
Cozinha-se uma quantidade de tremoços misturada com a mesma porção de feijão fradinho. Depois de cozida a mistura, coloca-se num alguidar de barro e tempera-se com azeite de dendê, pó de peixe defumado; pó de preá defumado; azeite de amêndoas e vinho tinto. Cobre-se com uma porção de pipocas estouradas em azeite de dendê. Deixa-se diante do Orixá por sete dias e despacha-se no mato.
- Para obter uma graça.

Se pega sete berinjelas, parte-se ao meio e se frita ligeiramente em azeite de dendê. Arrumam-se os 14 pedaços de beringela num recipiente de barro e, sobre cada um, coloca-se uma bolinha de ori-da-costa com um grão de ataré em cima. Tempera-se com azeite de dendê, melado de cana e vinho tinto. Cobre-se com pipocas feitas na areia e arria-se nos pés de Omolú, deixando por sete dias. Despacha-se nos pés de uma árvore dentro da mata.

- Para obter uma graça.

Prepara-se o mesmo adimú descrito no item anterior, substituindo as beringelas por cebolas roxas. O procedimento é absolutamente idêntico.

- Para obter a proteção de Omolu.

Torra-se, bem torrada, uma mistura de milho vermelho; feijão fradinho; feijão preto; tremoços; arroz com casca, amendoim e milho branco. Colocam-se tudo dentro de uma cabaça aberta no pescoço. Acrescenta-se 14 búzios fechados e todos os grãos de ataré contidos numa fava. Coloca-se ainda, pó de osun, uáji, pó de efun, aridã ralada, 14 grãos de lelekun, 14 favas de bejerekun, um pedacinho de carvão vegetal, pó de peixe defumado e pó de cotia defumada. Fecha-se a cabaça enrolando-a toda com palha-da-costa. Deixa-se por 14 dias diante do Orixá e depois, pendura-se atrás da porta de casa ou do local de trabalho.

- Para proteção no trânsito.

O mesmo trabalho descrito acima, usando-se uma cabacinha pequena que possa ser pendurada no retrovisor de um carro. Neste caso, todos os ingredientes podem ser utilizados em uma única unidade, em vez de quatorze.

- Para evolução financeira.

Assam-se no forno 13 pedaços de inhame com casca. Depois de assados unta-se com azeite de dendê, mel de abelhas e ori-da-costa. Arruma-se num alguidar e cobre-se com pipocas. Rega-se com vinho tinto seco. Despacha-se, depois de sete dias, na mata.

- Para agradar Omolu.

Sete cebolas roxas descascadas e fritas em azeite doce; sete espigas de milho verde assadas na brasa; sete rodelas de pão de sal; sete rodelas de aipim cozido com casca; milho torrado; tremoços e pipoca feita no dendê. Arruma-se num alguidar, primeiro o milho torrado e os tremoços. Por cima dispõem-se as rodelas de aipim, as fatias de pão, as espigas e as cebolas. Rega-se com azeite de dendê e cobre-se com as pipocas. Deixa-se sete dias diante de Omolu e despacha-se no mato.

- Para progredir na vida.

Cozinham-se sete bananas da terra, retiram-se as cascas e amassa-se bem com um garfo. À banana amassada adiciona-se mel e um pouquinho de azeite de dendê. Mistura-se bem, sempre amassando e mexendo com um garfo. Coloca-se a massa dentro de um alguidar, arrumam-se por cima sete fatias de pão e cobre-se com pipocas feitas na areia. Tempera-se com azeite de dendê e vinho tinto. Deixa-se nos pés do Orixá de um dia para o outro e despacha-se no mato.

- Para apaziguar Omolú.

Sete frutas-de-conde (Anona squamosa, L.); sete bananas da terra e sete espigas de milho verde sem casca. Arruma-se num alguidar e rega-se com melado de cana e vinho tinto seco. Despacha-se, depois de sete dias, próximo a um formigueiro.

- Para obter uma graça.

Numa cesta de palha arruma-se sete frutas-pão (Artocapus incisa); sete frutas-do-conde; sete espigas de milho secas; setes bananas da terra maduras; sete tamarindos (Tamarinus indica, L.); sete obís e sete orogbôs. Enfeita-se a gosto com folhas de canela-de-velho (Zinnia Elegans) e deixa-se por sete dias diante do Orixá. Despacha-se no mato.

OFERENDAS A OBATALÁ

- Merengue para agradar Obatalá.

Batem-se oito, dez ou dezesseis claras de ovos em neve. Com as clara faz-se um monte sobre o qual se coloca uma pitadinha de efun e, ao redor, um obi branco de quatro gomos aberto, (cada pedaço do obí deve ficar de um lado do prato, em forma de cruz. Arria-se aos pés de Obatalá

pedindo o que se quer. (Para Oxaguian, faz-se com 8 claras, para Oxalufan, com dez ou dezesseis).

- Para apaziguar Obatalá.

Vira-se ao contrário a tampa da sopeira de Obatalá, deixando-a sobre a sopeira. Forra-se o interior da tampa com algodão em rama. Batem-se oito, dez ou dezesseis claras de ovos como na receita anterior. Coloca-se o merengue (claras batidas em neve), sobre o algodão na tampa da sopeira, de modo que forme um monte. Salpica-se pó de efun no alto do monte de claras. Acende-se 8, 10 ou 16 velas brancas. No dia seguinte, recolhe-se o adimú, envolve-se num pano branco, e despacha-se numa mata limpa, em local protegido dos raios solares. A tampa, depois de lavada, fica no seu lugar normal.

- Para reverenciar Obatalá. Cozinha-se uma boa quantidade de canjica, lava-se em água corrente e escoa-se bem, deixando por algum tempo numa peneira, até que fique bem sequinha. Coloca-se numa tigela branca e rega-se com água de flor-de-laranjeira. Cobre-se com algodão em rama. Por cima do algodão, coloca-se um obí branco de quatro gomos aberto.

- Para agradar Obatalá.

Procede-se da mesma forma acima descrita, só que, sobre o algodão, colocam-se quatro de pedaços de coco (sem as películas pretas) e, sobre eles, uma bolinha de ori-da-costa misturada com pó de efun. Pode-se, se quiser cobrir tudo com merengue.

- Para agradar Obatalá.

Prepara-se 8, 10 ou 16 acaçás. Cozinha-se uma boa quantidade de canjica que, depois de bem lavada e escorrida, é colocada numa bacia branca de ágata ou de louça. Arruma-se, sobre a canjica, um número de folhas de saião (Kalanchoe brasiliensis), que corresponda ao número de acaçás que se vai oferecer. Sobre cada folha, coloca-se um acaçá aberto. Em cima de cada acaçá coloca-se um búzio e um pouquinho de mel de abelhas. Deixa-se nos pés do Orixá de um dia para o outro e despacha-se em água corrente limpa. (A bacia volta para casa).

- Para problemas de caminhos fechados. Cozinha-se uma boa quantidade de canjica e separa-se a água em que foi cozida. Coloca-se a canjica numa tigela branca grande. Se pega um igbín, meio metro de morim branco, uma garrafa com água de chuva e uma vela branca grande. Levam-se tudo ao alto de um morro e, num lugar limpo sob a sombra de uma árvore, arria-se a tigela com a canjica sobre o pano branco. Molha-se o igbín, e coloca-se sobre a canjica dentro da tigela. Despeja-se o resto da água sobre o igbín, já sobre a tigela. Acende-se a vela, bate-se cabeça pedindo-se à Obatalá que, assim como aquele igbín vai encontrar seu caminho dentro da mata, que o caminho da pessoa seja aberto para o progresso, a paz e a harmonia. Ao retornar, toma-se banho com a água da canjica cozida misturada com água de poço. Veste-se roupa branca durante três dias e observa-se resguardo de boca e de corpo.

- Para obter uma graça.

Se frita 8, 10 ou 16 peixinhos brancos em óleo de girassol (Heliantus annuus). Cozinha-se arroz branco, como se fosse para comer, sem usar sal. Coloca-se o arroz cozido, depois de frio, num prato branco e sobre ele arrumam-se os peixinhos fritos com as cabeças viradas para fora. No centro, sobre o arroz, coloca-se um pãozinho de trigo inteiro, regado com mel de abelhas. A pessoa que oferece o adimú deve, depois de entregá-lo, comer um pouquinho do arroz, retirando-o do prato, sem usar as mãos, diretamente com a boca.

- Para proteção.

Cozinha-se um inhame-da-costa. Descasca-se, depois de cozido, e amassa-se bem, fazendo uma espécie de purê. Com a massa obtida, modelam-se com as mãos, 8, 10 ou 16 bolas, em cada bola espeta-se uma moeda branca. Derrete-se uma porção de ori-da-costa e escorre-se um pouco do óleo sobre cada uma das bolas de inhame. Acrescenta-se pó de efun e cobrem-se tudo com algodão em rama. Deixa-se nos pés de Obatalá por quatro dias e despacha-se aos pés de uma árvore frondosa, dentro da mata.

- Para recuperar a saúde.

Se pega oito ovos de galinha-d'angola, unta-se com ori-da-costa e pó de efun. Arrumam-se os ovos dentro da tampa da sopeira de Obatalá virada ao contrário. Todos os dias, logo pela manhã, passam-se um ovo na pessoa doente e se coloca num prato no chão. Quando se tiver feito a mesma coisa com o último ovo, embrulha-se num pano branco, leva-se dentro de uma mata e bate-se com o embrulho no tronco de uma árvore bem grande, até sentir que os ovos se quebraram, deixa-se o embrulho aos pés da árvore e sobre ele, uma quantidade de moedas correspondente ao número de ovos utilizados.

- Para resolver qualquer dificuldade.

Pega-se uma fruta pão que se abre em quatro, ao comprido, sem deixar que as partes se separem. Coloca-se a fruta aberta num prato branco, acrescenta-se arroz cru, coco ralado, mel de abelhas e pó de casca de ovos. Cobrem-se tudo com algodão em rama e deixa-se diante de Obatalá por 10 dias, renovando, diariamente, a vela acesa. Despacha-se, envolto em pano branco, no alto de um morro.

- Para tirar uma pessoa da prisão.

Se pega dois pombos brancos, lava-se para que fiquem bem limpinhos (usar na água, ervas de Obatalá), deixam-se os bichos, por três dias, presos numa gaiola em frente ao igbá do Orixá. No terceiro dia, levam-se as aves para o quintal, amarra-se no pé direito de uma delas o nome da pessoa que se deseja ver livre e, na outra, o endereço do local onde está presa. Se solta os pombos sem jogá-los para o alto. Os pombos devem ser colocados no chão até que resolvam alçar vôo, não podem ser enxotados nem espantados, é preciso que permaneça no local o tempo que quiserem.

- Para que Obatalá faça justiça.

Oito dez ou dezesseis espigas de milho verdes bem tenras. Assam-se as espigas num braseiro e, quando estiverem assadas, unta-se com ori-da-costa e mel de abelhas. Coloca-se numa travessa branca, salpica-se bastante pó de efun e pó de lírio fiorentino; cobre-se tudo com algodão e se oferece a Obatalá, no alto de um morro à sombra de um arvoredo, com tantas velas acesas quantas forem as espigas oferecidas.

- Para obter prosperidade.

Retira-se a casca de um coco seco; rala-se a polpa e coloca-se numa tigela grande. Se junta à isso um copo de leite de cabra, oito colheres de mel de abelhas; oito folhas de saião e uma bola de efun desfeita em pó. Bate-se bem a mistura no liqüidificador. Depois de bem batida, coloca-se a mistura num tigelão branco, cobre-se a tigela com algodão em rama e enche-se um prato com arroz branco cru. A tigela com o líquido é colocada dentro do prato, sobre o arroz. Coloca-se, junto ao arroz, uma boa quantidade de moedas. Deixa-se nos pés de Obatalá, de um dia para o outro, com uma vela acesa. No dia seguinte, despeja-se o líquido da tigela num balde, acrescenta-se água de poço e toma-se um banho da cabeça aos pés. O arroz deve ser cozido para ser comido normalmente, com todos os temperos comuns. As moedas são atiradas dentro do poço de onde se retirou a água para o banho.

- Adimú de frutas.

Obatalá é um Orixá que pode ser facilmente agradado com frutas. Dentre as diversas frutas que podem ser oferecidas em seus adimús, destacamos: Coco verde ou seco, (sempre que se oferecer coco seco a Obatalá, é imprescindível que se retire a película escura que fica agarrada à polpa da fruta); uvas brancas ou rosadas; laranja lima; lima da Pérsia; fruta-do-conde; melão; mamão; fruta-pão (uma de suas preferidas); pêssegos; frutas secas como: passas; tâmaras; figos; nozes; avelãs etc. (Observação: as frutas demasiadamente ácidas ou de cascas e polpas vermelhas ou pretas, devem ser evitadas).

O USO DO COCO

Os povos do Caribe (particularmente os cubanos), pela impossibilidade de obterem o obi, passaram a utilizar o coco em sua substituição, inclusive num tipo de jogo denominado "Oráculo de Biaguê", onde quatro pedaços de coco são usados em substituição aos quatro segmentos do obi.

A utilização do coco é de tal forma popularizada, que este vegetal chega a ser chamado de obí, designando-se o verdadeiro obí, como obí-kola. O coco é utilizado como oferenda principal aos Orixás, Eguns, Exús e até mesmo a Ori, entrando em muitas formas de borí.
Quando Obatalá, dono do coco, reuniu todos os Orixás para dar-lhes mando e hierarquia, isto foi feito embaixo de um coqueiro. Obatalá colocou aos pés de cada Orixá uma coco partido, por isso, todos os Orixás têm direito ao coco, embora o coco inteiramente descascado, seja um direito exclusivo de Obatalá.
Todos os Orixás sentaram-se ao redor do coqueiro para ouvirem com muito respeito e atenção as instruções de Obatalá, com exceção de Obaluaye que se mostrou relutante em aceitar as ordens e orientações que lhe eram dirigidas. Obatalá no entanto, conseguiu convencê-lo e, com muita paciência, fez com que acatasse suas ordens e orientações. Desde então, não é possível que se proceda a nenhum ritual sem que se ofereça antes, coco aos Eguns e aos Orixás.

AS OFERENDAS DE COCO.

Sempre que se quiser oferecer coco a Egun, Exú ou Orixá, o seguinte procedimento deve ser adotado:
Escolhe-se um coco maduro, rompe-se a casca externa, retira-se a parte comestível e joga-se a casca grossa fora.
A casca mais fina (espécie de película que fica agarrada à parte branca) é mantida, exceto quando a oferenda é destinada à Obatalá, quando somente a parte branca é ofertada). Corta-se quatro pedaços de tamanhos mais ou menos equivalentes, lava-se bem estes quatro pedaços, coloca-se num prato branco com a parte branca virada para cima e arreia-se no pé do Orixá ao qual se destina o sacrifício. Os mesmos quatro pedaços de coco oferecidos são utilizados no jogo para saber se o sacrifício foi ou não aceito.
Para cada entidade, embora o procedimento seja o mesmo, existe uma saudação diferente, de acordo com o que se segue:
Para Elegbara:
Laroye aki loju Bara Barabá
Exú ború ború, Exú boiyá, Exú boxixe!
Exú Bara Barakikenio!
Para Ogun:
Oun xibiriki ala Oluo kobu kobu,
Oké babá mi siú birikí
Kpalo to ni gba
Osun du rogágo la bo sie!
Para Oxóssi:
Oxóssi Odé mata ata mata
Sí du ró du ró mata!
Para Xangô:
Elueko Asósain a kata jéri jéri.
Kawo Kabiesile!
Ala tutan, ala layi apendé ure
Alafia kisieko tu ni
Yeyeni ogan gelé
Yuo okuré ari kasagun.
Para Ibeji:
Ibeji oro omó kueo Orunla,
Apetebi ajai ainá Alaba igbe, Idoú, Kainde!
Para Iyemanjá:
Iya mi o atara magba mio jójoo ,
Axere Ogun Ayaba igba odún; Omi o Iyemanjá asaiyabi Olokun,
Aboyo, aboyo yogun ewo

Aya balo ewo mi emi boxe
Iya olomi akara biaye
Iyemanjá igbere ekun asayabio
Olokun ya bi elede omó ariku
Alalajara de yuoma kamariku
kamari arun, kamari ejo.
Kamari ofo, kamari yen bipene.
Para Oiya:
Iyansan Orire omá lélu Oiya kojé kofiedeno.
Oiya aji lo da aji me mo omi enti omó kpe aye.
Orunla mio talembe mi lo jekuá jei Iyansan.
Iyansan oro Iku jéri obini dodo.
Para Inle:
Inle Maku e o ara kabo
Atagba ni le aragba
Inle aragbanile.
Para Oxun:
Oxun igba Iyami o!
Igba Iyami o!
Iko bo si Iyami gbasi, Iyami mo.
Iyalode ogbido abala abe de bu omi male ado
Elegbeni kikirisokede
To xe ni kpele kpele Yeye moro.
Para Obatalá:
Obatalá Obatasi
Obada bada badanera
Ye okulaba okualá. Axé Olobo
Axé omó, Axé ku Baba.
Obatalá dibenigba binike
Ala lolaá axé afiju
Oxa ai lala
Abi koko. Ala ru mati le.
(O coco oferecido a Obatalá deve ser completamente branco, ou seja, é imprescindível que a película escura que o envolve seja total e cuidadosamente retirada e que, depois disto, os pedaços a serem oferecidos sejam muito bem lavados até que fiquem imaculadamente brancos).
Para Obaluaye:
Obaluaye ogoro nigá, iba eloni.
Agba litasa Baba Singbe, iba eloni.
Ogoro Xamponan. Ago.
Para os ancestrais (eguns):
Axé Baba adagba,
Axé Babadona Orun
Adiatoto adafun ala kentagbada omó aye.
Agô. 1

1 - As saudações aqui contidas foram coletadas com a colaboração de sacerdotes da Santeria de Cuba, onde o hábito de oferecer-se coco aos Orixás é muitíssimo difundido. O idioma yoruba no qual originalmente seriam feitas sofreu deturpações e modificações através dos tempos, influenciado que foi pelo espanhol, língua oficial daquele país. Tentamos de todas as formas ser o mais fiel possível àquilo que nos foi cedido tão gentilmente, e, por este motivo, publicamos os textos com a ortografia exata dos originais.

LAMPARINAS MILAGROSAS

BÀBÁLORIXA RODOLPHO TÍ XANGÔ. FAÇA PARTE DESTE AXÉ QUE PRIMA PELO DESENVOLVIMENTO DE FORMA RESPEITOSA E EDUCACIONAL PELOS SEUS MEMBROS. ILÊ ALAKETÚ AXÉ ILÊ ÒYÓ OBÁ ÀLÁÀFÍN BARÚ ÀWODÍ ABÍBÒLÁ. CONSULTAS ESPIRITUAIS: [13] 3021-6100 SANTOS/SP. COM BÀBÁ RAFAEL TÍ ÒRÌXÀ AKINJOLÉ

CONTRATE-NOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE TODO SEU ILÊ ASÉ ÒRÌXÁ E CURSOS ADMINISTRADOS, COM OS FUNDAMENTOS NECESSARIOSEM CADA ELEMENTO APLICADO.

Uma forma eficaz de se agradar os Orixás, muito usada na antigüidade, são as lamparinas à eles acesas. As mais tradicionais casas de Umbanda, ainda preservam, embora de forma quase imperceptível, este hábito muito eficiente para a obtenção de graças e favores dos Orixás.
A facilidade de obterem-se velas industrializadas fez com que, gradativamente, este costume fosse abandonado e quase totalmente esquecido. Devemos ressaltar, no entanto, que as lamparinas são também consideradas como adimús, encontrando-se no mesmo nível como oferendas eficazes e que não podem cair no esquecimento, substituídas por velas de parafina que só significam, para os Orixás, a presença do elemento fogo, não representando, portanto, um sacrifício completo como é o caso das lamparinas.
Na tentativa de resgatar este rito, que como tantos outros foram deixados de lado, apresentamos neste trabalho, uma coletânea de lamparinas quase que totalmente esquecidas no Brasil mas que funcionam de forma eficiente e rápida, conforme pudemos verificar nas Santerias de Cuba, no culto de Palo Mayombe, e nas diversas manifestações religiosas afro-americanas existentes no Caribe.
Esperamos estar contribuindo mais um pouco, na substituição do sacrifício animal de forma desregrada e abusiva como vem sendo praticado por sacerdotes que, infelizmente, não conhecem o verdadeiro sentido nem o momento exato em que tais sacrifícios tornam-se insubstituíveis.

LAMPARINAS PARA EGUN

- Para proteção de Egun.

Uma panela média de barro; 9 pimentas-da-costa; um copo de água de chuva; um copo de água de poço; água de rio; 3 colheres de mel-de-abelhas; 3 colheres de melado de cana; 3 colheres de azeite de dendê; uma pitada de pó de peixe defumado; 9 grãos de milho torrado; uma lata de azeite de oliva. Misturar todos os ingredientes dentro da panela de barro deixando o azeite de oliva para o fim. Colocar 9 mechas e acender para Egun. Depois de 9 dias, despachar no cemitério.

- Para afastar um malefício.

Uma cabaça grande; 9 gemas de ovos; 9 grãos de milho torrados; 9 grãos de pimenta-da-costa; 9 grãos de feijão fradinho; um pedacinho de talo de comigo-ninguém-pode; um pedacinho de galho de quebra-mandinga; uma lata de azeite de oliva.
Abre-se a cabaça em cima, se limpa bem retirando todas as sementes de seu interior; colocam-se dentro os ingredientes deixando o azeite de oliva para o final; acende-se uma mecha de algodão e deixa-se, por 9 dias, nos pés de Egun. Despacha-se no cemitério.

- Para boa sorte.

Um recipiente de cristal grosso; 9 colheres de vinho tinto; 9 colheres de vinho branco; 9 colheres de emú (vinho de palma); 9 pedacinhos de coco seco; 9 grãos de ataré; pó de peixe defumado; um pouco de osun; um pouquinho de areia de rio; um pouquinho de terra da frente de casa; uma lata de azeite de oliva.
Arrumam-se tudo dentro do cristal, segundo a ordem da relação acima. Acende-se 9 mechas e deixa-se nos pés de Egun durante 9 dias. Despacha-se no cemitério.

- Para destruir um inimigo

Uma panela de barro de tamanho médio; um pouco de osun; um pouco de efun; um pouco de uáji; pó de peixe defumado; pó de preá defumado; um pouco de azeite de dendê; um pouco de óleo de rícino; um pouco de sumo de folhas de comigo-ninguém-pode (substância venenosa que requer cuidado no manuseio); um pouquinho de terra de cemitério; um pedaço de galho de abre caminho e o nome da pessoa escrito 9 vezes em papel de embrulho grosseiro. Ateia-se fogo ao papel com o nome escrito, já dentro da panela de barro. Colocam-se os ingredientes dentro da panela, sobre as cinzas e completa-se com azeite de oliva. Acende-se 9 mechas deixando que queimem por 9 dias. Despacha-se no cemitério.

LAMPARINAS PARA EXÚ

- Para obter proteção de Exú.

Dentro de uma cabaça bem limpa, coloca-se o seguinte: 7 roletes de cana; milho torrado; 3 moedas; azeite de amêndoas; azeite de dendê; pó de peixe defumado; pó de preá defumada; aguardente de cana e azeite de oliva. Arrumam-se tudo dentro da cabaça, acende-se uma mecha e deixa-se queimar por 7 dias diante de Exú. Despacha-se na encruzilhada.

- Para criar dificuldades na vida de alguém.

Numa cabaça bem limpa coloca-se: Uma foto da pessoa que se pretende prejudicar; 7 colheres de sal de cozinha; o suco de 7 limões; 7 gotas de azougue; 7 gotas de alcatrão; 7 gotas de amônia; um pouco de óleo de rícino e azeite de oliva. Acende-se 3 mechas que deverão queimar por 11 dias diante de Exú, (trocar e completar o azeite sempre que necessário). Despacha-se no cemitério, o mais próximo possível do sino que anuncia a entrada de um enterro.

LAMPARINAS PARA OGUN

- Para obter uma graça.

Uma panela de barro; 7 pimentas-da-costa; 7 grãos de milho torrado; pó de peixe; pó de preá defumado; 7 colheres de mel; um cálice de emú (pode ser substituído por gin); azeite de oliva. Colocam-se tudo dentro da panela; acende-se uma mecha e deixa-se por 7 dias diante de Ogun. Despacha-se na linha do trem.

- Para perturbar a vida de alguém.

Uma panela de barro; azeite de dendê; 7 colheradas de óleo de coco; 7 colheres de alcatrão; 7 gotas de amônia; 7 grãos de milho torrados; 7 pimentas-da-costa; osun; uáji; um pedacinho de talo de comigo-ninguém-pode; o nome da pessoa escrito em papel de embrulho. Primeiro, abre-se o papel com o nome escrito e urina-se sobre ele; coloca-se o papel dentro da panela de barro e arruma-se, por cima, todos os ingredientes relacionados. Completa-se com azeite de oliva, acende-se uma mecha e deixa-se ficar, durante sete dias, diante de Ogun. Despacha-se dentro do cemitério.

- Para obter uma vitória com a ajuda de Ogun.

Abre-se ao meio uma melancia. Da parte de baixo, retira-se toda a polpa e coloca-se dentro: Um pouco de água de poço; sete pedacinhos de folha de espada-de-São Jorge; 7 pimentas-da-costa; 7 favas "chapéu-de-napoleão"; uma fava olho-de-boi; 7 grãos de milho torrados; um pouco de pó de efun; uáji; um cálice de gin; azeite de dendê e azeite de oliva. Coloca-se tudo dentro da metade oca da melancia, completa-se com azeite de oliva, acende-se uma mecha e deixa-se 7 dias diante de Ogun. A outra banda da melancia, é colocada ao lado da lamparina como oferenda ao Orixá. Despacha-se numa rodovia de grande movimento.

LAMPARINAS PARA OXÓSSI

- Para obter a ajuda de Oxóssi

Uma panela de barro de tamanho médio; meio copo de azeite de amêndoas; meio copo de azeite de dendê; 7 colheres de melado de rapadura; um pouco de osun; 7 grãos de milho torrados; pó de peixe defumado; pó de preá defumada; 7 colheres de suco de romã; 7 colheres de licor de anis; 7 grãos de pimenta-da-costa; azeite de girassol. Colocam-se os ingredientes relacionados dentro da panela de barro, completa-se até a borda com o azeite de girassol, acende-se uma mecha e deixa-se queimar por sete dias. Despacha-se nos pés de uma amendoeira.

- Para boa sorte.

Uma panela de barro média; 7 colheres de azeite de amêndoas; 7 grãos de milho torrados; pó de preá defumada; 7 colheres de aguardente; 7 colheres de azeite de dendê; 7 pedacinhos de ori-da-costa; osun; 7 pedaços de açúcar cândi; um pedaço de papel branco contendo escrito o que se deseja do Orixá; azeite de oliva. Coloca-se o papel com os pedidos no fundo da panela e, sobre ele, coloca-se os ingredientes. Completa-se com o azeite de oliva e acende-se 7 mechas, deixando por 7 dias nos pés de Oxóssi. Despacha-se numa mata.

LAMPARINAS PARA LOGUNEDÉ

- Para obter uma graça.

Uma panela de barro; sal de camarão seco; 16 favas de abere; 16 favas de ariô; 16 grãos de milho seco; a gema de um ovo de galinha; um pouco de água de rio e azeite de oliva. Escreve-se

em papel de embrulho a graça que se deseja obter; coloca-se o papel no fundo da panela; arrumam-se todos os ingredientes por cima; completa-se com o azeite de oliva. Acende-se a mecha e deixa-se por cinco dias diante de Logun. Despacha-se nas águas de um rio, no local mais profundo.

- Para resolver uma situação difícil.

Dentro de uma bacia de ágata coloca-se um pouco de água de rio. Dentro desta água coloca-se 5 gemas de ovos de galinha. Se pega uma panela de barro e dentro dela coloca-se água de rio e azeite de oliva. Coloca-se a panela dentro da bacia com as gemas; acende-se uma mecha e arreia-se diante de Logun, deixando por 7 dias. Despacha-se na cachoeira.

LAMPARINAS PARA OXUN

- Para obter proteção de Oxun.

Uma panela de barro; uma pedra imã; água de flor de laranjeira; vinho seco; água de colônia; 5 pedacinhos de ori-da-costa; 5 colheres de café de óleo de amêndoa doce; azeite de oliva. Coloca-se o imã dentro da panela e, por cima, os demais ingredientes. Completa-se com o azeite de oliva, acende-se uma mecha e deixa-se por cinco dias diante de Oxun. Pode-se manter sempre diante do Orixá ou despachar-se numa cachoeira.

- Para que uma mulher fique grávida.

Um melão; um bonequinho de plástico; um pedacinho de talo de abre-caminho; 5 ovos de codorna (somente se utilizam as gemas); 5 colheres de chá de óleo de amêndoa doce; 5 colheres de creme de abacate; 5 gotas de água de colônia; um pouco de osun; 5 colheres de café de suco de salsa; 5 pedacinhos de manteiga de cacau; óleo de girassol. Abre-se uma tampa na parte de cima do melão; retiram-se as sementes; coloca-se o bonequinho com a cabeça para cima; colocam-se todos os demais ingredientes e completa-se com o óleo de girassol. Acende-se uma mecha e deixa-se diante de Oxun por cinco dias. Despacha-se nas águas de um rio.

- Para atrair uma pessoa.

Uma cabaça bem grande; o nome da pessoa que se pretende atrair escrito num lenço branco, novo e perfumado; 5 gemas de ovos de galinha d'Angola; 5 ovos de codorna inteiros; 5 pedacinhos de coco; 5 colherinhas de azeite de amêndoa-doce; 5 colheres de mel de abelhas; um pouco de efun; um pouco de osun; 5 colheres de açúcar mascavo.

Abre-se a cabaça, se limpa seu interior, coloca-se o papel e os demais ingredientes. Completa-se com azeite de oliva e acende-se uma mecha, deixando diante de Oxun durante cinco dias. Despacha-se nas águas de um rio.

- Para que alguém retorne.

Prepara-se, da mesma forma da receita anterior, uma cabaça, dentro da qual se coloca: 5 bolinhos feitos com farinha de milho misturada com mel de abelhas e folhas de salsa bem picadinhas; mel de abelhas; azeite de dendê; 5 favas de aberê e óleo de girassol. Depois de tudo dentro da cabaça, completa-se até a borda com o óleo de girassol, acende-se uma mecha e deixam-se, por cinco dias, nos pés do Orixá. Despacha-se num rio.

LAMPARINAS PARA OIYÁ

- Para proteção.

Uma panela de barro; 9 pimentas-da-costa; pó de peixe defumado; pó de preá defumada; azeite de dendê; melado de cana; 9 pedacinhos de ori-da-costa; 9 agulhas; 9 pedacinhos de coco seco; 9 gemas de ovos de galinha d'Angola; osun; um pouquinho de vinho tinto; um pouquinho de genebra. Completa-se com azeite de oliva e acende-se uma mecha, deixando por 9 dias aos pés de Oyá. Despacha-se num bambual.

- Para defender-se de inimigos.

Uma panela de barro; 9 grãos de feijão fradinho; 9 grãos de milho vermelho; uma pitada de colorau; açúcar mascavo; azeite de dendê; um pouco de água de rosas. Completa-se com azeite de oliva e acende-se uma mecha por nove dias aos pés de Oyá. Despacha-se nos pés de um flamboayant.

- Para obter uma graça.

Uma panela de barro; açúcar mascavo; açúcar cândi; 9 gemas de ovos de codorna; 9 brasas de carvão vegetal acesas; água de rosas. Depois de tudo arrumado na panela, completa-se com azeite de oliva e acende-se uma mecha, deixando-se, por 9 dias, diante do Orixá. Despacha-se num bambual.

LAMPARINAS PARA YEWÁ

- Para alcançar uma graça.

Numa panela de barro coloca-se: Um pouco de terra de formigueiro; uma pitada de osun; 11 pimentas-da-costa; açúcar cândi; açúcar mascavo; açúcar branco refinado; azeite de dendê; mel de abelhas; umas gotinhas de essência de rosas. Completa-se com azeite de oliva; acende-se uma mecha e deixa-se por 11 dias diante de Yewá. Despacha-se aos pés de uma árvore grande.

- Para proteção.

Na metade de uma cabaça bem limpa por dentro, coloca-se: 11 grãos de pimenta-da-costa; peixe defumado; 11 pedacinhos de coco seco; 1 anzol; um ofázinho de metal; 1 obí; um pouco de osun; mel de abelha; um pouquinho de baunilha; 11 pedacinhos de canela em casca; um pedacinho de sabão da costa. Completa-se com azeite de oliva, acende-se uma mecha e deixa-se por 11 dias aos pés de Yewá. Despacha-se numa nascente d'água.

- Para defender-se de inimigos.

Uma panela de barro; 11 grãos de feijão fradinho; 11 grãos de milho vermelho; açúcar mascavo; azeite de dendê; um pouco de água de rosas. Completa-se com azeite de oliva e acende-se uma mecha por 11 dias aos pés de Yewá. Despacha-se nos pés de um flamboayant.

- Para atrair uma pessoa.

Uma cabaça bem grande; o nome da pessoa que se pretende atrair escrito num papel branco; 11 gemas de ovos de galinha d'Angola; 11 gemas de ovos de codorna ; 11 pedacinhos de coco; 11 colherinhas de azeite de amêndoa doce; 11 colheres de mel de abelhas; um pouco de efun; um pouco de osun; 11 colheres de açúcar mascavo. Abre-se a cabaça, se limpa seu interior, coloca-se o papel e os demais ingredientes. Completa-se com azeite de oliva e acende-se uma mecha, deixando diante de Yewá durante 11 dias. Despacha-se nas águas de um rio.

LAMPARINAS PARA OBÁ

- Para obter a proteção de Obá.

Uma panela de barro; uma pedra imã; água de flor de laranjeira; vinho tinto; 15 pedacinhos de ori-da-costa; 15 colheres de café de óleo de amêndoa doce; 1 folha de comigo-ninguém-pode e azeite de oliva.

Coloca-se a folha com o imã dentro da panela e por cima, os demais ingredientes. Completa-se com o azeite de oliva, acende-se uma mecha e deixa-se por 15 dias diante de Obá. Despacha-se no local determinado pelo jogo.

- Para desfazer um malefício.

Numa panela de barro coloca-se: 15 sementes de abóbora; um pouco de farinha de milho vermelho torrada; 15 agulhas de costura; 15 pimentas-da-costa; 15 colheres de vinagre; 15 colheres de suco de limão; osun; uáji; 15 búzios pequeninos e azeite de oliva. Acende-se uma mecha e deixa-se, por 15 dias, nos pés de Obá. Despacha-se no cemitério.

- Para obter diversas graças simultaneamente.

Uma panela de barro média; 15 colheres de azeite de amêndoas; 15 grãos de milho torrado; pó de preá defumado; 15 colheres de azeite de dendê; 15 pedacinhos de ori-da-costa; osun; um pedaço de papel branco contendo, escrito, o que se deseja do Orixá; azeite de oliva. Coloca-se o papel com os pedidos no fundo da panela e, sobre ele, coloca-se os ingredientes. Completa-se com o azeite de oliva e acende-se uma mecha, deixando por 15 dias nos pés de Obá. Despacha-se numa mata.

LAMPARINAS PARA NANÃ

- Para sorte e proteção de Nanã.

Uma panela de barro média; 13 gemas de ovos de gansa; 13 pimentas-da-costa; 13 búzios; osun; efun; uáji; um pouco de lama de pântano; um pouco de milho torrado; peixe defumado; azeite

de dendê; 13 colheres de azeite de amêndoas; os pedidos que se deseja obter escritos em papel de embrulho. Coloca-se o papel dentro da panela e todos os ingredientes por cima; completa-se com óleo de girassol. Acende-se uma mecha e deixa-se diante de Nanã por 13 dias. Despacha-se num pântano.

- Para conseguir uma graça.

Metade de uma cabaça bem limpa por dentro; 13 moedas pequeninas; 13 grãos de milho de pipoca que não tenham estourado ao se fazer pipocas para Omolú; 13 pedacinhos de coco secam; 13 sementes de anis estrelado; azeite de dendê; um pouco de melado de cana; um pouco de lama do fundo de um rio; azeite de oliva.

Escreve-se, num papel qualquer o que se deseja de Nanã. Coloca-se o papel dentro da cabaça e colocam-se todos os ingredientes por cima. Completa-se com azeite de oliva, acende-se uma mecha e deixa-se nos pés de Nanã por 13 dias. Despacha-se nas águas de um rio.

- Para desfazer um malefício.

Numa panela de barro coloca-se: 13 sementes de melão; um pouco de farinha grossa de milho vermelho torrado; 13 agulhas de costura; 13 pimentas-da-costa; 13 colheres de vinagre; 13 colheres de suco de limão; 13 gotas de amoníaco; osun; efun; uáji; um búzio grande e azeite de oliva. Acende-se uma mecha e deixa-se, por treze dias, nos pés de Nanã. Despacha-se no cemitério.

LAMPARINAS PARA IYEMANJÁ

- Para atrair boa sorte.

Uma panela de barro de tamanho médio; um pouquinho de água de flor de laranjeira; um cálice de licor de menta; um copo de água do mar; um pouco de azeite de dendê; um pouco de mel de abelhas; um pouco de melado; 4 agulhas de costura; azeite de girassol. Colocam-se tudo dentro da panela, completa-se com o azeite de girassol e acende-se uma mecha por sete dias. Despacha-se no mar.

- Para obter uma graça.

Um melão; sete gemas de ovos de galinha d'Angola; pó de peixe defumado; um copo de água de rio; um copo de água do mar; 7 grãos de ataré; melado; mel de abelhas; 7 moedas de pequeno valor; azeite de oliva. Abre-se o melão, retira-se a polpa, colocam-se os ingredientes relacionados, completa-se com o azeite de oliva e acende-se uma mecha por sete dias. Despacha-se no mar ou nas águas de um rio.

- Para prejudicar um inimigo.

Uma cabaça; um papel de embrulho com o nome do inimigo escrito sete vezes; 4 agulhas; 4 colheres de vinagre; sete pedras de sal grosso; uma pitada de osun; pó de bambu; um pouco de amônia; um pedaço de pedra de cânfora; 4 colherinhas de chá de óleo de rícino; a mesma quantidade de óleo de castor; 4 colheres de azeite de dendê; 4 grãos de pimenta-da-costa; 4 pedrinhas pequenas de carvão mineral; pó de peixe e de preá defumados; óleo de soja. Abre-se a cabaça pelo pescoço; tiram-se as sementes; coloca-se o papel com o nome; cobre-se com os ingredientes relacionados; completa-se com o óleo de soja; acende-se uma mecha e deixa-se diante de Iyemanjá por quatro dias. Depois, fecha-se a cabaça com a própria tampa, amarra-se com palha da costa e enterra-se na beira de um rio.

LAMPARINAS PARA XANGÔ

- Para evolução na vida.

Uma melancia; água de rio; 6 pimentas-da-costa; azeite de oliva; 6 colheres de azeite de dendê; 6 colheres de azeite de amêndoas; 6 colheres de azeite de coco; 6 pavios ou mechas de algodão. Abre-se a melancia ao meio, no sentido vertical, retira-se a polpa de seu interior e se introduz os ingredientes acima relacionados, começando pela água e deixando o azeite de oliva por último, de forma que fique cheia até em cima. Colocam-se os pavios ou mechas e deixa-se aos pés de Xangô até que se queime todo o óleo. A polpa retirada da melancia, é esfregada no corpo da pessoa que, depois, disto toma banho de água limpa e só então acende a lamparina.

- Para obter uma graça.

Escreve-se num papel o que se deseja obter. Coloca-se o papel numa panela de barro e se junta à ele, os seguintes ingredientes: Pó de peixe defumado; pó de preá defumado; um copo de vinho tinto; um copo de aguardente; 6 pimentas-da-costa; 6 moedas de cobre; vários pedacinhos de coco seco; azeite de dendê; ori-da-costa; 6 colheres de mel de abelhas; um pouco de pó de osun; um pedaço de galho de abre-caminho; um pedaço de casca de irôko; 6 agulhas; 6 colherinhas de óleo de amêndoa doce. Completa-se com azeite de oliva e acende-se uma mecha, deixando-se por seis dias diante de Xangô. Despacha-se aos pés de uma palmeira imperial.

- Para que Xangô dê proteção permanente.

Se limpa uma cabaça grande e, numa de suas partes arruma-se: 12 bolas de inhame enfeitadas com um grão de milho vermelho; 12 grãos de pimenta-da-costa; 12 orogbôs; 12 favas de alibé; 12 favas de ariô; osun; efun; um pouco de lã de carneiro; 12 pedacinhos de ori-da-costa; azeite de dendê; 12 quiabos cortados em rodelinhas; um cálice de vinho tinto. Arrumam-se tudo dentro da cabaça que é, por sua vez, colocada dentro de uma gamela de madeira; completa-se com azeite de oliva, acende-se uma mecha e deixa-se 12 dias diante de igbá de Xangô. Despacha-se nos pés de uma palmeira.

LAMPARINAS PARA OMOLÚ

- Para resolver problemas de saúde.

Em meia cabaça devidamente limpa coloca-se: Azeite de dendê; mel de abelhas; vinho tinto seco; azeite de amêndoa; milho torrado e milho de pipoca. Completa-se com azeite de oliva, acende-se uma mecha que deve ser renovada até que a pessoa melhore. Depois de obtida a graça, enterra-se a cabaça dentro de cemitério.

- Outra para a saúde.

Colocar numa panela de barro: um copo de água de coco verde; um copo de vinho branco; uma pitada de gengibre ralado; alguns grãos de tremoços e um cálice de genebra. Depois de tudo arrumado, completa-se com azeite de oliva, acende-se a mecha e deixa-se diante do Orixá por sete dias. Despacha-se numa mata.

- Para obter uma graça impossível.

Pode-se usar, indiferentemente, uma cabaça ou uma panela de barro. Em seu interior coloca-se: 7 grãos de milho torrados; 7 bolinhas de ori-da-costa; 7 grãos de ataré; uma taça de vinho tinto rascante; canela em pó; azeite de dendê e 1 orogbô. Completa-se com azeite de oliva, acende-se a mecha e deixa-se por 7 dias diante de Omolú. Despacha-se em cima de um formigueiro.

LAMPARINAS PARA OBATALÁ

- Para problemas de saúde.

Se pega um melão, corta-se uma tampa em cima, retiram-se as sementes e a polpa. Dentro do melão coloca-se: 8 gemas de ovos de pomba branca; 8 grãos de canjica crus; 8 moedas brancas; 8 búzios; um pouco de água de flor de laranja; 8 pedacinhos de ori-da-costa; pó de efun; o sumo de 8 folhas-da-fortuna. Completa-se até em cima com azeite de oliva; acende-se uma mecha e deixa-se por oito dias nos pés de Obatalá. Despacha-se aos pés de um algodoeiro.

- Para obter-se uma graça.

Uma panelinha de barro pequena na qual se coloca um papel com o pedido do que se deseja. Sobre o papel coloca-se 10 pedacinhos de ori-da-costa e uma fava de baunilha. Completa-se com azeite de oliva e acende-se uma mecha. Durante 10 dias completa-se o azeite e renova-se a mecha sempre que for necessário. Despacha-se num local alto e arborizado.

- Para agradar Obatalá.

Num copo de cristal grosso, colocam-se quatro dedos de água de flor de laranjeira; 10 gotas de baunilha e azeite de oliva. Acende-se um pavio de lamparina e deixa-se que se queime todo o azeite do copo. Se for preciso, pode renovar o pavio. Não se despacha o copo, apenas a água do fundo é despejada num gramado limpo.

Oráculo de Ifá

A consulta oracular é a forma através da qual o Sacerdote de Ifá pode verificar o que está acontecendo na vida de seu consulente, assim podendo determinar a forma correta de abordar o problema em sua essência, pois temos que abordar a origem do problema, ou seja, a causa e não o efeito.
O Sacerdote de Ifá possui alguns tipos de Oráculos ao seu dispor, através dos quais ele pratica a sua consulta.
O Kaurí ou Èrindílogun: Mais conhecido como búzio, é a forma mais simples e também mais comum de consulta à Ifá, pois podemos proceder a vários questionamentos sobre diversos assuntos, abordando assim cada ponto detalhadamente.
Òpèlè-Ifá: Na história, Òpèlè era um dos mensageiros de Òrúnmìlà e lhe informava quando algo acontecia dentro da cidade. Fatos gerais que afetavam a todos, e às vezes as pessoas o procuravam antes de procurar Ifá e este falava através dele.
É o instrumento divinatório privativo dos autênticos sacerdotes de Ifá.
Os Ikín são os símbolos de Òrúnmìlà aqui na Terra
Òrìsà Apepe: O Òrìsà Apepe é sempre utilizado em emergências ou em situações de pouco tempo, permitindo que seja quase como uma conversa. Utiliza-se um utensílio de madeira adornado com búzio, que transmite vibrações que são interpretados pelo Bàbá Òrìxà Rodolpho tí Xangô.
A Consulta ocorre preferêncialmente com a presença da pessoa, nada melhor que a presença fisica do consulente. Caso seja de outra cidade ou região do Brasil ou até mesmo fora do país pode enviar as suas dúvidas e questionamentos por e-mail através do seguinte endereço: axeileoyo@gmail.com e irá receber as suas repsotas através de e-mail ou se prferir através do meu telefone, entre em contato através do Orkut, por depoimento, ou por este endereço de correrio eletrônico.
Os valores das consultas variam dê acordo com o sistema Oracular a ser utilizado pela preferência do consulente. Entre em contato para saber valores e meios de pagamento. Desde já Obriagado a todos! Boa sorte em seus caminhos...
Contato, e-mail: axeileyo@gmail.com
Tel. [13] 3021-6100
Com Bábá Rafael do Òríxá Akinjolé

Ibá Kàbíyèsí

Oba aláse ekeji Òrisà!

Ki ádé pe l'órí, ki bàtá pe l'ese!

Ki ìgbà tíre dára fun gbogbo wa o!

Kábíyèsì.

Oba odúndún aso-òde-dero

Oba a de ki ile petù.

Orixá venha escutar meu louvor a ti.

ÌBÀ

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Ìbá è iyìn te layè

Deito-me sobre a terra para louvar-lhe Iyìn Escute meu louvor

Ìbá è iyìn sa lorun

Saudações aos ancestrais que estão no céu Iyìn Escute meu louvor

Mo jùbá Égún àiyé esiba orun

Meus respeitos a Égún da vida e aos que estão no céu Iyìn Escute meu louvor

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Ìbá ati yo ojó ati wò òórun

Saudações a saída do dia e ao sol poente, Iyìn Escute meu louvor

Ìbá ìkóríta meta ipade orun

Saudações as encruzilhadas que levam ao céu Iyìn Escute meu louvor

Ìbá òsán gangan Obamakin

Saudações à tarde Obamakin Iyìn

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti. Iyìn Escute meu louvor

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Ìbá kùtúkùtu Obayigbó

Saudações pela manhã Obayigbó Iyìn Escute meu louvor

Ìbá Okukudoru Òrisanlá Osere Magbo

Saudações Okukudoru Òsisanlá Osere Magbo Iyìn Escute meu louvor

Ìbá irun ìmònle ojúkòtun

Saudações aos 400 Orixás da direita Iyìn Escute meu louvor

Ati igba ìmònle ojúkòsi

E aos 200 Orixás da esquerda Iyìn Escute meu louvor

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti. Iyìn Escute meu louvor

Ìbá òtalenirinwo irun ìmònle

Saudações aos 401 Orixás Iyìn Escute meu louvor

To já tàri onà orun gbàngàn

Que vem do céu Iyìn Escute meu louvor

Ìbá olúgbo inún igbó

Saudações aos Orixás da floresta Iyìn Escute meu louvor

Ìbá olúgbohùn ile ódàn

Saudações aos Orixás da voz Iyìn Escute meu louvor

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Ìbá ògéré àfòkoyérí

Saudações aos Orixás da terra Iyìn Escute meu louvor

Ìbá àtetèré-k'àiyé alópò-ìka

Saudações Àtetèré-K’àiyé Alópò-Ìka Iyìn Escute meu louvor

Ìbá Ìyámi Òsòròngá apani máà hágún

Saudações a minha mãe Òsòròngá Apani Máà Hágùn Iyìn Escute meu louvor

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Iyawo

A Palavra Iyawo possui SUA Origem n'uma História conectada com Òrúnmìlà e Viagem SUA A Cidade de Iwo Jima, Que ora relatamos e:

"Certo dia, Òrúnmìlà desejou se personificar in Humano serviços da UM.

Vestiu-se com Folhas de bananeira Como se Fosse maltrapilho um e se dirigiu a Cidade de Iwo Jima.

Ali VIU in Oba imponência SUA Toda, COM SEUS chefes e assistentes, POIs era Época de festa anual.

Sentou-se Frente lhes uma casa do Oba e se Serviu das Sobras de comida fóruns jogavam que.

Ao ver ISSO, a Oba o Entendeu Como Estranho e ordenou hum hum servissem Que prato de comida Para ele.

Mais Tarde, Òrúnmìlà Disse A dormir.

Um Fim de se livrar do Estranho maltrapilho, o Oba ordenou SEUS Servidores preparassem Que hum Lugar Para ele, com um moletom Toda de cama salpicada com fiapos e Sementes de CERTA planta Que provocava comichão.

Òrúnmìlà dormiu Sobre Isto É, quando acordou sentiu coceira UMA Pelo Corpo, correu par o Rio Pará se banhar.

De Manhã Cedo, FOI comeu Oba e Disse Que tinha um elemento Tido sono bom um.

Em seguida, jogou Opele, o rosário divinatório parágrafo Oba, e fez Previsão Para ele, dizendo Que térios Longo Reinado hum e Próspero.

Novamente, Òrúnmìlà continuou com Seu Comportamento Estranho, comendo Sobras de comida, MAS parágrafo predizendo como PESSOAS.

N Seu Terceiro Iwo em Dia, A Filha do Oba começou uma Gostar de Òrúnmìlà, e decidiu se casar com elementos.

Todos ficaram horrorizados, Uma princesa se casar com o Estranho maltrapilho.

Mas insistiu ELA EO Oba Teve de concordar, Dividindo SEUS Òrúnmìlà Bens com, o em forma de dote.

Orunmila, entao, FOI Viver fóruns da Cidade com uma princesa.

Ficou dono Bens de muitos, ter uma Passou assistentes Cavalos e muitos, devido Aos Presentes Que recebeu de Oba.

ASSIM, quando perguntavam como PESSOAS SUA esposa "Quem era, era Òrúnmìlà respondia UMA Que humilhação Que Iwo in sofreu.

Iya Significa humilhação, Iwo E, O Nome da Cidade sofreu humilhação onde.

Como Duas Palavras formam Iya Iwo, e Que Veio se tornar uma iaô.

Desse Diante in Momento OS iorubá se referiam uma noiva de Òrúnmìlà Como Iyawo, Passou, Que ASSIM um ser um Que Palavra definir UMA esposa.

Sobre os Ebós e Oferendas

Os ebós são oferendas feitas para Orixás, Odù, Eguns e outras divindades para diversas finalidades, sejam elas feitas para apaziguar algum problema, sejam feitas em forma de agradecimento de alguma graça atingida, por alcançar algum objetivo ou simplesmente como forma de agradar as divindades que ora está sendo cultuado. O princípio do Candomblé se baseia no ebó, nas oferendas propiciatórias obtendo a redistribuição do Axé e mantendo seu equilíbrio vital.

Através da hierárquica, todo ebó a ser ofertado, para que o Orixá tome conhecimento, devemos invocar a energia de outros Orixás, que tem o papel especifico de servirem de interligação entre nós e as divindades, sendo que sem a aceitação desses, os Orixás a qual estamos ofertando os ebós não saberão de sua existência.

Gostaríamos de salientar que na sempre ao fazer tais oferendas ou Ebós, se faz necessária a presença ou orientação de um zelador (a) para que seja colocado o Axé necessário para cada ato.

Abará

Abará é um dos pratos da culinária baiana e como o acarajé também faz parte da comida ritual do candomblé.

O abará tem a mesma massa que o acarajé: a única diferença é que o abará é cozido, enquanto o acarajé é frito.

O preparo da massa é feito com feijão fradinho, que deve ser quebrado em um moinho em pedaços grandes e colocado de molho na água para soltar a casca. Depois de retirada toda a casca, passa-se novamente no moinho, desta vez deverá ficar uma massa bem fina. A essa massa acrescentam-se cebola ralada, um pouco de sal, duas colheres de dendê.

Quando for comida de ritual, coloca-se um pouco de pó de camarão, e, quando fizer parte da culinária baiana, colocam-se camarões secos previamente escaldados para tirar o sal, que podem ser moído junto com o feijão, além de alguns inteiros.

Essa massa deve ser envolvida em pequenos pedaços de folha de bananeira, semelhante ao processo usado para fazer o acaçá, e deve ser cozido no vapor em banho-maria. É servido na própria folha.

ACARAJÉ.

O acarajé também é um prato típico da culinária baiana e um dos principais produtos vendidos no tabuleiro da baiana (nome dado ao recipiente) usado pela baiana do acarajé para expor os alimentos, que são mais carregados no tempero e mais saborosos, diferente de quando é feita para o Orixá.

A forma de preparo é praticamente a mesma; a diferença está no modo de ser servido: ele pode ser cortado ao meio e recheado com vatapá, caruru, camarão refogado, pimenta (nesse ponto é bom tomar cuidado! As baianas sempre perguntam se a pessoa quer "quente" ou "frio" - com ou sem pimenta), porque usam uma pimenta que realmente não é qualquer um que consegue comer, é quente mesmo.

Ingredientes:

1/2 kg de feijão fradinho

150 g de cebola ralada

1 colher (sobremesa) de sal ou a gosto

1 litro azeite-de-dendê para fritar

Se a família for grande, dobre a receita.

Recheio de camarão:

Refogar por 2 a 3 minutos: 1/2 xícara de azeite-de-dendê, 1 cebola picada, alho a gosto e 100 g de camarão defumado sem casca, cheiro-verde. Caso queira, podem ser acrescentados tomate e coentro.

Abalá

Abalá é um nome comum a dois tipos de comidas rituais votivas, inerentes aos orixás Obá, Xango e Ewá, quando feita de massa de milho verde, ou da massa de carimã votiva ao orixá Nanã. Este alimento ritual é muito apreciado pelo povo do santo e pela maioria dos nordestinos e chamado popularmente de pamonha de milho verde e pamonha de carimã. Embora a palavra abalá seja descrito no dicionário Aurélio como o mesmo que abará, todavia pela primeira vez Raul Lody refere-se a esta iguaria feita com massa de milho verde.

Diferença

Abalá de milho – O milho verde é ralado e à massa resultante é misturada ao leite de coco com parte do bagaço, sal e açúcar. Esta massa é colocada em "palha" da própria casca do milho, atados nas extremidades. As pamonhas são submetidas a cozimento submersas em água fervente por um período de 15 minutos.

Abalá de carimã – O aipim previamente descascado é submergido por um período de quatro dias para obter uma massa chamada de carimã, misturada ao leite de coco com parte do bagaço, sal e açúcar. Esta massa é colocada em "palha de aguedé" (bananeira), atados nas extremidades. As pamonhas são submetidas a cozimento submersas em água fervente por um período de 25 minutos.

Acarajé de Orixá

O acarajé é feito com feijão-fradinho, que deve ser quebrado em um moinho em pedaços grandes e colocado de molho na água para soltar a casca, após retirar toda a casca, passar novamente no moinho, desta vez deverá ficar uma massa bem fina. A essa massa acrescenta-se cebola ralada e um pouco de sal.

O segredo para o acarajé ficar macio é o tempo que se bate a massa. Quando a massa estiver no ponto ela fica com a aparência de espuma, para fritar use uma panela funda com bastante azeite-de-dendê ou azeite doce.

Normalmente usam-se duas colheres para fritar, uma colher para pegar a massa e uma colher de pau para moldar os bolinhos, o azeite deve estar bem quente quando se coloca o primeiro acarajé para fritar. Esse primeiro acarajé sempre é oferecido à Exú pela primazia que tem no candomblé. Os seguintes são fritos normalmente e ofertados aos orixás.

Acaçá

O Acaçá é uma comida ritual do candomblé e da culinária baiana. Feito com milho branco ou milho vermelho, que após ficar de molho em água de um dia para o outro, o milho deve ser moído em um moinho formando uma massa que deverá ser cozida em uma panela com água,

sem parar de mexer, até ficar no ponto. O ponto de cozimento pode ser visto quando a massa não dissolve quando pingada em um copo com água.

Ainda quente essa massa deve ser embrulhada em pequenas porções, em folha de bananeira previamente limpa, passada no fogo e cortada em tamanho igual para que todos fiquem do mesmo tamanho.

Coloca-se a folha na palma da mão esquerda e coloca-se a massa, com o dedo polegar dobra-se a primeira ponta da folha sobre a massa, dobra-se a outra ponta cruzando por cima e virando para baixo, faz o mesmo do outro lado. O formato que vai ficar é de uma pirâmide retangular.

Todos os Orixás recebem o Acaçá como oferenda.

Ado

Ado - é uma Comida ritual feita de milho vermelho torrado e moído em moinho e temperado com azeite de dendê e mel (ou azeite doce), é oferecido principalmente a Orixá Oxum.

Ipeté D'OXUN.

Ipeté de Oxum ou Peté de Oxum é o nome da comida de Oxum, e foi adotado o mesmo nome para a festa que se faz à Oxum anualmente em muitas casas de candomblé, em todo Brasil.

No Opó Afonjá, Mestre Didi conta que esta festa marca o encerramento das festas do ano. Nesse dia não há sacrifício, que já foram feitos nos dias anteriores. Há muita comida, galinha, pernis de porco, além de outras iguarias, que são distribuídas a todos que comparecem. Além daquelas que são feitas para as obrigações dos Orixás e que serão também divididas entre os presentes, que são o adun (fubá de milho com azeite de dendê e açúcar), o ekó (milho branco ralado e cozido, uma espécie de canjica, mais conhecido pelo nome de acaçá), o ixu (inhame), o aruá e o próprio peté.

O Assobá, acompanhado dos Ogans da casa, organiza a arrumação do barracão, colocando bandeirinhas, mariwôs, e folhas que servem de ornamentação, se enfeita o barracão sempre que há festa. Arruma mariwôs também em todas as portas de todas as casas para livrar a todos de aproximação e irradiação de maléficos. Arruma também duas mesas, uma grande para a vasilha do peté e uma menor, para as surpresas.

Como não há sacrifício de animais nesse dia, também não há padê. A festa começa às cinco horas da tarde, com a procissão do peté. Saem todas as filhas de Orixá da casa de Oxum, cada uma com seu balainho, uns contendo o peté, com pratos e talhes, outro contendo adun e ekó. Outras ainda carregam cestas de flores ou bandejas com diversas surpresas. Cantam e dançam em Ijexá, enquanto os foguetes explodem.

Essa procissão é dentro da roça, vai até o Cruzeiro passando em frente à casa dos mortos (Ilê Ibó), fazendo-lhe certa reverência, saudando a antiga Iyalaxé (Aninha). Rumando para o barracão passam pela casa de Xangô, Iyá, Oxalá.

Quando chegam, todas as filhas que conduzem o carrego já estão manifestadas. São as pessoas mais velhas que recolhem e distribuem o peté e as surpresas nos devidos lugares. Nesse momento a Oxum da Iyalaxé senta-se no seu trono e as outras se sentam em cadeiras comuns, metade de um lado e metade do outro, enquanto a comida é dividida.

Depois começa o xirê, com a dança da Oxum mais velha. Só quando ela volta a sentar-se é que todas as outras começam a dançar. E assim a festa se prolonga até a meia-noite, quando é encerrada com a roda de praxe, saudando Oduduá, pedindo paz, saúde e tranqüilidade de espírito a todos do Axé, adeptos e convidados para que no próximo ano estejam todos novamente reunidos para as homenagens aos Orixás.

RECEITA DO IPETÉ:

INGREDIENTES:

Inhames;

Camarões secos;

Cebolas;

Sal;

Gengibre;

Azeite de dendê.

MODO DE PREPERAR:

Descascar e cozinhar os inhames. Ralar as cebolas, ralar o gengibre, socar os camarões secos. Depois de cozido, o inhame deve ser pilado e misturado aos temperos (cebola ralada, camarões secos socados, gengibre ralado, azeite de dendê e sal a gosto), cozinhar mais um pouco até dar o ponto (semelhante ao da massa do acaçá, quando fica soltando da panela e soltando aquelas borbulhas características).

Deixar esfriar e vestir a panela com ojás amarelos e dourados.

Levar ao quarto de Osun, arriar no Peji com as adurá pertinentes à ocasião.

Na hora adequada, após Osun manifestar nos filhos, o Ipeté sai na cabeça da Osun mais velha da casa, roda pelo barracão com as cantigas do ipeté, passa por todas as Osun e Logun Edé manifestados, depois se serve em folhas de mamona, imbaúba ou bananeira (dependendo da casa) aos presentes.

Omolocum

Omolocum - comida ritual do Orixá Oxum, é feito com feijão fradinho cozido, mal amassado, refogado com cebola ralada, pó de camarão, sal, azeite de dendê ou azeite doce.

Enfeitado com camarões inteiros e ovos cozidos inteiros sem casca, normalmente são colocados 5 ovos, 8 ovos ou 16 mas essa quantidade pode mudar de acordo com a obrigação do candomblé.

Amalá

Amalá é comida ritual do Orixá Xangô

É feito com quiabo cortado em rodelinhas finas, cebola ralada, pó de camarão, sal, azeite de dendê ou azeite doce, peito de boi cozido e desfiado, rabada de boi, enfim, pode ser feito de várias maneiras, conforme a casa de candomblé. É oferecido em uma gamela forrada com pirão de farinha de inhame, enfeitado com doze quiabos bonitos, doze abarás, doze acarajés, doze acaçás, doze pedaços de orogbô,doze bolas de arroz, doze bolas de inhame, doze pedaços de maçãs,laranjas, doze cachinhos de uvas rubis, argentina,entre outras coisas possíveis para serem entregues a XANGÔ.

OLUBÓ

Descascada e cortada a raiz levadas do inhame em fatias muito finas, são estas postas a secar ao sol.

Na ocasião precisa são essas fatias levadas ao pilão e aí trituradas e passadas em peneira ou urupema. A água a ferver, derramada sobre o pó, produz o olubó, que é uma espécie de pirão.

Este pirão servirá para forrar a gamela de amalá de XANGÔ.

Caruru

Ingredientes: 1 kg de camarões frescos, 1/4 kg de camarões secos, 1 kg de quiabo, 4 colheres (sopa) de azeite doce, 1 cebola ralada, 1 dente de alho esmagado, 3 tomates picados, Coentro, 1 folha de louro, 3 colheres (sopa) de azeite de dendê, Sal

1) Limpe e lave bem os camarões frescos. Descasque e moa os camarões secos. Raspe com uma faca os quiabos, lave-os e depois os corte em rodelinhas.

2) Leve ao fogo, em uma panela, o azeite doce, a cebola, os tomates, o coentro e o louro. Deixei fritar bem e acrescente os camarões frescos, os secos e o quiabo. Junte o cheiro-verde e deixe cozinhar em fogo brando. Se for necessário, adicione um pouco de água. Quando esteve bem cozido, junte o amendoim, castanhas de caju quebradas. para engrossar. Cozinhe até obter uma pasta bem enxuta. Por último, ponha o azeite de dendê. Como os camarões secos são salgados, verifique se será necessário acrescentar sal ao caruru.

3) Sirva acompanhado de arroz branco simples.

* O CARURU OFERECE-SE À ORIXÁ IBEJI, À ORIXÁ XANGÔ

EFÓ

Corta-se a folha conhecida vulgarmente por língua de vaca, a mostarda, ou a taioba e deita-se ao fogo a ferver com pouca água. Isto feito escoa-se a água, espreme-se a massa daí resultante e coloca-se de novo na mesma vasilha com, cebola, sal, camarões, tudo ralado conjuntamente na pedra, e, finalmente, o azeite-de-doce.

Prepara-se também o efó com garoupa, caso em que esta é cozida à parte.

Ainda mais: como o peixe é assado sem sal, ralam-se os respectivos temperos, em quantidades suficientes e leva tudo ao fogo.

*COMIDA OFERECIDA À NANÃ.

Ebô de Osàálá

Milho branco sem olho e sem casca (canjica branca como conhecida no Sudeste e Sul do Brasil).

Cata-se o milho, tirando os possíveis grãos vermelhos misturados, escolhem-se preferencialmente os maiores. Cozinhar em água pura, sem sal ou qualquer tempero, até ficar bem mole. Pode-se deixar secar todo o caldo ou deixar um pouco, o qual será coado e deixado esfriar (omi toro).

Oferecer a Osàálá à tardinha ou pela manhã bem cedo (Osàálá não deve comer no escuro, ou à noite).

Oferecer o ebô puro, ou regar com mel de abelhas verdadeiro, ou ainda regar com ori (manteiga de karité) derretido. Dependendo da ocasião, pode-se cobrir o ebô com algodão ou com clara de ovo batida em ponto de neve.

Anderé de Nàná

Feijão fradinho, camarão seco socado, cebola ralada, sal, azeite doce ou de dendê, 1 acaçá.

Colocar o feijão fradinho de molho em água. Após amolecer, descascar, grão por grão, com a unha, em silêncio absoluto, ou murmurando bem baixinho cantigas de Nàná. Após descascar todos os grãos, cozinhar em panela de barro e, se possível, em fogareiro ou fogão a lenha, acrescentar o azeite doce ou de dendê, um pouco de sal, a cebola ralada e o camarão seco socado.

Após cozido, colocar num prato de nagé, abrir o acaçá e colocar em cima.

• DIBÔ (com dendê para Ìyá Ogunté) ou Ebo Iya (com azeite doce para as demais Iyemanjas)

Material necessário:

2 kg de milho branco (milho de canjica), sal a gosto, 250ml de Azeite de Dendê ou Azeite Doce, 2 cebolas brancas raladas ou trituradas,300g de camarão seco triturado.

Modo de preparar:

Cozinhar o milho branco em água, e em fogo brando, quando estiver cosido se tiver muita água escorre o suficiente, depois fazer um refogado de azeite camarão e cebola misturada

Mumú ti Iemanjá

Material necessário:

1k de milho branco, 1k de arroz branco, cebola descascadas trituradas ou raladas, um uma colher de sopa de banha de orí (gordura vegetal de origem africana.) sal a gosto.

Modo de preparar:

Cozinhar o milho branco bem cozido depois de catado e escorrer, em outra vasilha cozinhar o arroz em bastante água e depois de cozido escorrer e lavar em água corrente. Fazer um refogado de cebola e banha de orí sal a gosto e refogar cada um separadamente depois colocar em uma única vasilha as duas comidas ocupando a metade da vasilha com cada uma das comidas.Deixar esfriar e esta pronto.

Akukó ti gaari pupa

Oferendas para Exu

Material necessário: UM galo de roça, 1 copo grande de azeite de dendê, 2cebolas grande,250 g. De camarão seco e sal a gosto.

Modo de preparar:

Oferecer o galo para Exu, limpar depenar, depois assá-lo inteiro na brasa, untado com azeite de dendê cebola ralado, camarão e sal, fazer separadamente uma farofa de farinha de mandioca crua e azeite de dendê. Arrumar a farofa numa vasilha de barro colocar o galo em cima da farofa, acompanhado de uma aguardente. E entregar Exu.

Eran ti gaari pupa

Material necessário:

1 alguidar pequeno,500 g.de farinha de mandioca crua,1/2 azeite de dendê, 2 cebolas roxas, 1 bife grande ,pimenta a gosto,1 l.de cachaça. 1 charuto, sal a gosto e uma caixa de fósforo.

Modo de preparar:

Coloque o dendê em uma frigideira, deixe ficar bem quente e passe o bife somente para ficar mal passado, retire o bife e corte a cebola em rodelas doure no azeite de dendê ponha em cima do bife aproveite o dendê quente e jogue a pimenta e a farinha mexa para fazer uma farofa.Depois em ordem, coloque a farofa dentro do alguidar e ponha o bife com as cebolas pôr cima.

Entregue em uma encruzilhada de chão de terra juntamente com uma garra de cachaça aberta e o charuto aceso. Deixar a caixa de fósforos junto.

Adô ti éin

Oferenda para Iyami Oxoranga

Material necessário:

Uma cabaça grande que de para ficar apoiada no fundo, 21 ovos. 300 g.Farinha de acaçá, ½ azeite de dendê.

Modo de fazer:

Com a farinha de acaçá, fazer em mingau bem ralo (Ékó) deixar esfriar.

Cortar a cabaça um pouco acima do meio em forma de panela e limpar.

Colocar dentro da cabaça o mingau depois os ovos e sobre os ovos crus o azeite de dendê. Essa oferenda só pode ser feita em locais onde se cultua essa entidade e por pessoas de responsabilidade dentro desse culto do sexo feminino.

Essa receita não é para se comer porem não poderia deixar de citá-la por pertencer a uma entidade de grande importância ao culto dos Orixás, pois por ser uma entidade muito especial com elas não dividimos as comidas. Essa entidade são mães ancestrais muito respeitada no culto feminino, esta para as mulheres como exu esta para os homens.

Gaari ti obí

Oferendas para Ogum

Material necessário:

7 obís(fruto de origem africana de grande importância no culto Afro Brasileiro encontrado em locais que vende artigos religiosos.) ,1 quilo de farinha crua de mandioca uma vasilha de barro(alguidar), uma vela de 7 dias,e 1 copo médio de azeite de dendê.

Modo de preparar.

Ralar os obís fazer uma farofa de farinha e dendê, depois misturar os obís fazendo seus pedidos. Quando a farofa estiver pronta ascender uma vela para Ogum.

Ewa Dudu ti Ogum

Material necessário:

1 kg de feijão preto, 2 cebolas brancas 250 ml de azeite de dendê sal a gosto.

Modo de preparar:

Cozinhar o feijão em água depois de cosido o feijão e quase seco refogar com as cebolas trituradas e fritas no dendê colocando sal a gosto. Depois de pronto por a comida em um alguidar de barro e oferecer a ogum.

Banha-de-ori

Banha-de-ori - Espécie de gordura vegetal obtida pelo processamento das amêndoas do fruto de uma árvore africana que é vendida nos mercados brasileiros para uso ritual nas casas-de-santo. Diz-se também "banha-de-Oxalá" e "limo-da-costa". A mesma denominação é dada a gordura de origem animal extraída do carneiro.

EBÓ PARA OBTER BOAS OPORTUNIDADES E SER NOTADO

12 folhas de Iroko

01 Amalá completo (12 bolas de inhame, 12 akasás, 12 abarás, 12 bicos de papagaio,12 moedas, 12 orobos, 12 acarajés, 12 cocadas brancas, 12 quiabos inteiros, 12 pedaços de peito bovino, 12 pedaços de rabada, 12 folhas da fortuna.

01 quartinha com agua

03 velas de 12 horas

01 gamela redonda

01 tigela com ajebó (cortado em rodelas e cozido rapidamente com água e banha de ori)

Acender 12 pedras de carvões bem grandes, rodarem todos os cômodos com o carvão aceso, colocá-lo então no lugar onde será arriado o amalá, e por em cima das brasas muito incenso importado, daqueles usados pelos padres em missa.

Trazer então o amalá, cantando louvando e pedindo tudo o que se precisa, peça a Xangô para elevar a sua vida, tirar empecilhos e inimigos ocultos e declarados.

Os orobos serão todos alafiados enquanto se pede as coisas a Xangô, esse amalá é entregue a Oba Aganjú.

As folhas de iroko serão postas embaixo da gamela, fazendo um circulo com as pontas para fora.

Os outros ingredientes todos serão postos em cima do amalá.

As moedas não serão despachadas, e sim guardadas no Xango da pessoa, ou em um pote onde se tenha favas de olho de boi e imã com uma figa.

As velas serão acesas a casa 12 horas, completando assim 36 horas o amalá arriado dentro de casa, após esse tempo a pessoa retira as folhas de Iroko quina e toma banho da cabeça aos pés, e leva o amalá para uma pedreira.

ÈBÓ P/TIRAR QUEIMAÇÃO

MATERIAL

Panela de barro

9 Ovos

9 Cebolas

Dendê

Peneira pequena

Mel

Morim branco

MODO DE FAZER:

Pegue uma panela de barro coloque em sua frente, passe em todo o corpo 9 ovos, e as 9 cebolas, coloque dentro desta panela e cubra com dendê, em seguida coloque a peneira na boca desta panela e derrame o mel, e peça as forças da Terra que tire tudo de ruim de sua vida, ebo, feitiços, olho grande e queimação, e que seus inimigos não possam lhe enxergar. Este ebo será feito em local de mato queimado e/ou seco, e que tenha formigueiro perto, então cubra com o morim branco, e ao chegar em casa tome banho com sabão da costa e/ou sabão de coco.

Após o Ebó prescrito acima se aconselha a fazer o seguinte banho abaixo --->>

BANHO FORTALECER ORI

MODO DE FAZER:

Pegue água de coco verde, quine dentro de uma vasilha com folhas de algodoeiro, elevante, e tome este banho varias vezes sempre ao amanhecer, antes tome banho com sabão da costa e/ou sabão de coco, após feito isto tome banho com as ervas, logo a seguir coloque um akasa em sua cabeça e amarre com um morim branco e fique pôr duas horas, depois leve em um jardim e coloque em baixo de uma arvore.

BANHO FORTALECER ORI

MODO DE FAZER:

Pegue água de coco verde, quine dentro de uma vasilha com folhas de algodoeiro, elevante, e tome este banho varias vezes sempre ao amanhecer, antes tome banho com sabão da costa e/ou sabão de coco, depois de feito isto tome banho com as ervas, logo a seguir coloque um akasa em sua cabeça e amarre com um morim branco e fique pôr duas horas, depois leve em um jardim e coloque em baixo de uma arvore.

EBÓ TÓYA KÓSÌ REMOVER DOENÇAS, PRAGAS, FEITIÇARIAS

Material:

1 Vara de bambu que deverá ser partida, ao comprido, em 4, pega-se 1 parte destes 4 e confecciona-se na ponta deste uma espécie de ponta de flecha, lembre-se embora partida em 4 esta vara continuará com seu comprimento que normalmente chega a 2metros, as vezes até 3.

Pinta-se 1 alguidar número 05 e 1 quartinha com tampa sem alça de Efun, Ossun e Wají.

1 Galinha D‘Angola

1 Ekuru

1 Acaçá

1 Acarajé

1 Aberém

1 Bola de Canjica

1 Bola de Feijão Preto

1 Bola de Arroz

1 Ovo

1 Bola de Farinha

Tudo isso em Tamanho exagerado,

E 1 Bacia de Pipocas.

1 Estoura Balão (Fogos)

Modo de Fazer:

Levar o Filho de Santo no mato, no pé de uma Árvore Frondosa. Entregar na mão direita dele a Galinha D’Angola que será segura pelas Patas. Na mão Esquerda a Vara de Bambu, o Alguidar pintado nos Pés da Árvore e Junto a Quartinha sem nada dentro apenas tampada, e pede-se ao Filho de Santo para imaginar tudo que deseja que saia da Vida dele e do Corpo. E vai se passando todas as comidas começando pelas comidas escuras e terminando com as Pipocas. Ao terminar de passar todas as comidas, o Filho de Santa encosta a Lança de Bambu rente ao Tronco da Árvore, na mão esquerda então, ficará a quartinha. Tira-se a Tampa, pede-se ao Iyawo fale com a boca dentro da quartinha pedindo para sair tudo de ruim da vida dele,tampa-se a Quartinha e manda-se o Iyawo atira-la ao chão para que se quebre. O próprio Iyawo faz um Sarayê com a Galinha em seu Corpo e a Joga bem longe com toda a Força. Neste momento, dá-se na mão do Filho de Santo o Estoura Balão que será apontado para bem longe botando para correrem então todas as mazelas que estavam na vida daquela pessoa. Durante todo o processo deste ebó, canta-se para Omolu.

Ebó para Ògún

Para abrir caminhos, trazer dinheiro, prosperidade

1 inhame do norte assado, 1 alguidar médio, 21 moedas correntes, 21 taliscas de mariwô (folha de palmeira), 1 acaçá branco (bolinho de milho branco misturado com água, envolto em folha de bananeira), 1 acaçá vermelho (igual acaçá branco, porém com farinha de milho amarela), azeite de dendê e mel.

Como Preparar: Asse o inhame na brasa. Se necessário, raspe um pouco para eliminar o excesso de negrume. Colocar dentro do alguidar. Vá enterrando os talos de mariwô e chamando por Ògún, Faça o mesmo com as moedas. Coloque os acaçás, um em cada ponta do inhame. Regue com um pouco de dendê e mel, 1 pitada de sal. acenda uma vela e faça seus pedidos a Ògún. Deve-se colocar no muro, ao lado do portão, ou no chão, na entrada do portão. se você morar em apartamento, coloque dentro de sua casa, atrás da porta de entrada. Deixe 7 dias e após, despachar aos pés de uma árvore frondosa.

Ebó para Ògún

Para abrir caminhos, trazer dinheiro, prosperidade

1 inhame do norte assado, 1 alguidar médio, 21 moedas correntes, 21 taliscas de mariwô (folha de palmeira), 1 acaçá branco (bolinho de milho branco misturado com água, envolto em folha de bananeira), 1 acaçá vermelho (igual acaçá branco, porém com farinha de milho amarela), azeite de dendê e mel.

Como Preparar: Asse o inhame na brasa. Se necessário, raspe um pouco para eliminar o excesso de negrume. Colocar dentro do alguidar. Vá enterrando os talos de mariwô e chamando por Ògún, Faça o mesmo com as moedas. Coloque os acaçás, um em cada ponta do inhame. Regue com um pouco de dendê e mel, 1 pitada de sal. acenda uma vela e faça seus pedidos a Ògún. Deve-se colocar no muro, ao lado do portão, ou no chão, na entrada do portão. Se você morar em apartamento, coloque dentro de sua casa, atrás da porta de entrada. Deixe 7 dias e após, despachar aos pés de uma árvore frondosa.

Presente a Oxun

Para acalmar a pessoa amada

5 batatas inglesas, mel, azeite doce, açúcar mascavo, 2 velas.

Como Preparar: Cozinhe as 5 batatas inglesas sem casca. Deixe esfriarem. Coloque um pouco de mel, azeite doce e açúcar mascavo em um prato de louça vão amassando as batatas com as mãos e misturando tudo. Faça isso pensando na pessoa amada. Dê um formato de coração à massa. Acenda 2 velas amarelas de 30 cm ao lado. Ofereça a Òsún Àpáàrà.

Oferendas a Ogun

Material: 1 inhame; Azeite de dendê; Mel de abelhas; 1 palma de dendezeiro (mariwo), pode ser de coqueiro caso não ache o dendezeiro; 1 vela branca.

Modo de fazer: Asse o inhame. Retire os talinhos das folhinhas da palma do dendezeiro. Depois que o inhame esfriar monte-o enfiando os talinhos em todo o corpo do inhame, escreva o nome da pessoa que se deseja ajudar em um prato branco e coloque o inhame em pé sobre o nome, coloque o mel e um pouco de dendê sobre o inhame e os talinhos. Pede-se o desejado a Ogum. Coloque próximo ao portão da casa que se fez a oferenda.

Ebó para Èsù Lonan

Abrir Seus Caminhos, para tirar feitiço, olho-grande, inveja.

1 metro de morim vermelho, 1 alguidar médio, 7 velas brancas, 1 bife de boi cru, 7 moedas atuais, 7 búzios abertos, 1 farofa de dendê, com uma pitada de sal, 7 limões, 7 acaçás vermelhos, 7 ovos vermelhos, 1 obi.

Como Preparar: Abra o morim em sua frente. Acenda as velas. Passe o alguidar pelo seu corpo e coloque-o em cima do pano. Passe os ingredientes no corpo, pela ordem acima. Por último, abra o obi, e leve-o até a sua boca, fazendo seus pedidos. Deixe-o em cima do ebó. Feche o morim. Este ebó tem que ser despachado em rua de muito movimento, onde tenha muitas casas comerciais.

Oferendas a Exú

Material: Farinha; Azeite de dendê; Mel de abelhas; Farinha de milho branco; Fígado, coração e bofe de boi; Cebola; Camarão seco socado; Um alguidar.

Modo de fazer: Faça uma farofa com dendê, uma com mel e uma com água, separadamente. Faça o acaçá branco cozinhando a farinha de milho em água, deixe a massa bem consistente, depois coloque em um pedaço de folha de bananeira e enrole. Deixe esfriar. Corte os miúdos de boi em pedaços pequenos e coloque para refogar com dendê, cebola, um pouco de sal, o camarão e rodelas de cebolas. Coloque as farofas no alguidar sem misturar muito, ponha o refogado de miúdos sobre a farofa e coloque o acaçá no centro. Oferece-se para Exú pedindo o que se quer. Coloque em uma praça bem movimentada.

Ebó Para Caso de Prisão

Escrever o nome do preso em 21 ovos. Quebrar ao redor da delegacia ou presídio, chamando por Exu Tiriri e pedindo o que quer.

Fazer um caruru para sete crianças. Limpar as mãos na roupa da pessoa e despachar na cachoeira.

Se a pessoa ainda não tiver sido presa, limpe as mãos das crianças na roupa e no corpo da pessoa. Depois, despachar a roupa na cachoeira e dar um banho de cachoeira na pessoa.

Ebó Para Yansã - Oyá Onirá

Material Necessário: 1 Abóbora moranga4 Búzios abertos4 Noz moscada4 Moedas4 Acarajés4 Metros de fitas vermelha / Branca1 Saco de morim

Maneira de Fazer: Fazer um buraco na abóbora, colocar o resto das coisas, depois de passadas no corpo. Tapar a abóbora, amarrar com fitas. Entregar a OYÁ ONIRA no alto de um morro, às 18:00 ou 24:00 horas, acender e pedir tudo de bom.

Ebó Para Resolver Problemas Difíceis

Material Necessário: 2 Acaçás Brancos 2 Ovos Brancos 2 Quiabos 2 Moedas 2 Conchas 1 Oberó

Maneira de Fazer: Passa-se tudo no corpo e coloca-se num Oberó, colocar bastante mel e arriar numa praça e pedir a MEGE ou MEGIOKO que traga tudo de bom e em dobro. Este Ebó tem que ser feito com 2 pessoas, acompanhadas de duas crianças.

Nota: Este Ebó só pode ser feito nas terças-feiras.

Ebó de União

Colocar o nome das duas pessoas dentro de um Obi e enterrar em um pé de planta sem espinhos, colocar bastante mel e fazer os pedidos.

Ebó Para Deixar de Beber

1. Escrever os pedidos na fronha do travesseiro e depois despachar no mar.

2. Sacudir a pessoa com pipocas e um frango numa cova abandonada do cemitério, fazer pedidos e deixar tudo aquilo ali.

3. Torrar a maça de vaca e fazer o pó. Esse pó deverá ser colocado na bebida que a pessoa mais gosta ou comida.

4. Fazer uma infusão de cachaça, camarão pitu e restos das fezes do beberrão. Quando ele beber fará vômitos. Quando vomitar, junte o vômito e enterre numa cova abandonada, acendendo uma vela e fazendo pedidos.

Para Descobrir Um Orixá Que Não Aparece no Jogo

Colocar um Obi com uma moeda corrente dentro de uma folha da costa (saião) e colocar 3 noites debaixo do travesseiro da pessoa. Retirar e colocar no meio do jogo de búzios, pedindo à IFÁ e ORUMILA que apresente o Orixá.

Ebó Para Afastar Egun

Material Necessário: 9 Ovos Brancos 9 Ecurus 9 Acaçás Brancos Canjica Branca Escaldada 9 Velas Brancas Morim Branco

Maneira de Fazer: Passar tudo pelo corpo e pedir à OYÁ EGUNITÁ para afastar todos os males e Eguns. Em seguida, tomar um banho de Abô e acender 7 velas para Omolu, fazendo os pedidos.

Depois, passa-se um pombo pelo corpo da pessoa e se solta. Em seguida, a pessoa deverá tomar 7 banhos durante 7 dias seguidos, cumprindo preceito.

Ervas Necessárias: Dandá-da-costa - ralado Saco-Saco Erva D'Oshóssi Aroeira Branca Funcho

Oferendas Para Oxalá - Prosperidade

Local: Dentro de Casa

Horário: Diurno

Dia da Semana: Sexta-Feira

Material Necessário:

01 Tijela branca e 16 Acaçás

Modo de Fazer: Colocar na tijela branca 16 acaçás, pedindo a OXALÁ ajuda e melhoria de vida, colocar em cima do telhado, pedindo que OXALÁ o ajude e leve-o o alto AXÉ.

Ebó Para Atrair Clientes

Local: Terreiro de Candomblé.

Horário: O que lhe melhor lhe convir.

Dia da Semana: Terça, Quarta ou Quinta-Feira.

Material Necessário:

02 kilos de Milho Vermelho - 07 Moedas - 01 Omolocum - 09 Acarajés e 01 Ajebó.

Modo de Fazer: Colocar dois quilos de milho no fundo de uma panela. Colocar sete moedas. Sair pela manhã antes do sol nascer, fazer a volta jogando pela rua, e gritar por OGUN, entrar no,portão, tirar as moedas e colocar no jogo. Arriar um Omolocum para OXUN e nove acarajés para YANSAN, após vinte e um dias dar um Ajebó para XANGÔ, dentro de casa, com nove moedas, colocar no canto do quintal, as moedas colocar no jogo.

Oferenda a Obaluaiê (Inveja e Olho Gordo)

Local: Terreiro de Candomblé.

Horário: Diurno

Dia da Semana: Sexta-Feira.

Material Necessário:

01 quilo de milho alho 10 orogbôs, 10 moedas correntes e 10 favas de olho de boi.

Modo de Fazer: Fazer do milho alho, pipoca (flores do velho), colocar dentro de um Oberó (aguidá), colocar 10 orogbô, passando um a um pelo corpo, passar em seguida as 10 moedas, uma uma pelo corpo, em seguida passar as favas de olho de boi, pelo corpo pedindo tudo o que quiser. Colocar tudo dentro do Oberó, em cima as pipocas.

Obs: Esta obrigação tem por finalidade segurar sua casa do mal, dos inimigos e dos invejosos. Afastando-se de sua casa e mais quem estiver prejudicando ou perturbando seu lar.

Ebó Para Limpeza da Casa (Moradia)

Local: Dentro de Casa

Horário: Qualquer um

Dia da Semana: Segunda-Feira.

Material Necessário:

01 Pombo branco e 01 metro de fita branca.

Modo de Fazer: Cava-se um buraco e coloca-se uma tigela com ovos gôros, cobrindo-os com prato branco, cobre-se o buraco com uma tampa. Sempre olhar os ovos, para ver se estouram, remove-los e substituí-los.

Obs: Despachar na encruzilhada. Por dentro do barracão em um canto, uma tigela com 07 ovos bons e água com sal grosso. Quando fizer sete dias, despacha-los em uma encruzilhada aberta, fica-se no meio da encruzilhada e joga-se os ovos para trás de si e sai sem olhar para trás, em seguida, coloca-se novos ovos no local.

Oferendas a Logun Edé

Material: Milho vermelho; Feijão fradinho; Azeite de dendê; Cebola; Camarão seco socado; 1 Alguidar; 1 inhame; ovos cozidos; coco; mel de abelhas.

Modo de fazer: Cozinha-se o milho vermelho só em água. Separado, cozinha-se o feijão fradinho, também só em água. Refoga-se o feijão fradinho com azeite de dendê, cebola ralada e camarão seco socado. Coloca-se o feijão em uma metade do alguidar e, na outra, o milho vermelho cozido. Frita-se o inhame e coloca-se por cima em fatias, em volta, enfeita-se com ovos cozidos em rodelas, fatias de coco. Pede-se o que se quer e oferece-se ao Orixá Logun Edé.

Oferendas a Exú

Material: Farinha; Azeite de dendê; Mel de abelhas; Farinha de milho branco; Figado, coração e bofe de boi; Cebola; Camarão seco socado; Um alguidar.

Modo de fazer: Faça uma farófa com dendê, uma com mel e uma com água, separadamente. Faça o acaça branco cozinhando a farinha de milho em água, deixe a massa bem consistente,

depois coloque em um pedaço de folha de bananeira e enrole. Deixe esfriar. Corte os miúdos de boi em padaços pequenos e coloque para refogar com dendê, cebola, um pouco de sal, o camarão e rodelas de cebolas. Coloque as farófas no alguidar sem misturar muito, ponha o refogado de miúdos sobre a farófa e coloque o acaça no centro. Oferece-se para Exú pedindo o que se quer. Coloque em uma praça bem movimentada.

Ebó onã

Miamí(=farofa) Prato de barro grande;

Velas brancas;

kg de farinha de mandioca crua (grossa);

Mel;

Azeite de dendê;

Pinga; água.

Lavar o prato de barro com água e mel. Fazer uma farofa, misturando a farinha e o mel, deixando-a seca e soltinha (não vai ao fogo). Coloque essa primeira farofa no canto do prato, de comprido. Faça a segunda farofa usando dendê, procedendo da mesma forma. Coloque no prato de barro ao lado da primeira farofa, tomando cuidado para não misturar uma com a outra, e deixando espaço para colocar as outras duas farofas. Faça a farofa de pinga, colocando ao lado das outras duas. Por último, a farofa com água. Ao todo são quatro farofas com mel, dendê, pinga e água. Não exagere na dose desses ingredientes, para que as farofas fiquem soltinhas. Obs.: Em algumas nações, faz-se apenas três farofas, sem utilizar o mel. Oferecer o padê, sempre antes de se fazer uma comida para outro orixá. Leve as farofas na boca da mata, em porteiras (não coloque na entrada de cemitérios), ou no cruzamento de caminhos. Acender uma vela ao lado do Miami (essa vela não precisa ser preta ou vermelha), para localização. Faça pedidos de caminhos abertos, prosperidade, fertilidade, evolução, e tudo o que você estiver precisando. Nunca peça pela morte.

FEIJÃO PRETO COM INHAME PARA OGUN

1 alguidar grande;

Velas brancas;

2 kg de feijão preto;

1 inhame bem grande;

Cebola, sal e pimenta;

Toucinho;

Azeite de dendê ou de oliva.

Cozinhe o feijão preto e o inhame, com casca, separadamente.

Refogue o toucinho e a cebola picada no azeite. Junte o feijão, deixando cozinhar por algum tempo. Tempere com sal e pimenta.

Lave o alguidar com água e mel. Arrume sobre ele o feijão temperado. Coloque em cima de tudo o inhame cozido.

Ofereça essa comida num campo bonito e limpo, perto de uma palmeira, acendendo uma vela.

COMIDA TRADICIONAL DE ODÉ

1 alguidar grande;

Velas brancas;

2 kg de milho de galinha;

Coco em tiras;

Azeite de dendê;

Sal.

Cozinhe muito bem os grãos de milho. Escorra a água do cozimento. Leve ao fogo, em uma panela, o azeite de dendê e o milho para refogar. Coloque sal a gosto.

Lave o alguidar apenas com água. Coloque o milho e as tiras de coco para enfeitar.

Essa comida deve ser entregue na mata, junto com uma vela acesa para localizar o prato. Pedir muita fortuna e prosperidade.

16/10/05 excluir

Bàbá Rodolpho

PAPA DE MILHO PARA OXÓSSI

(doce ou salgada)

1 alguidar bem grande;

velas brancas;

algumas espigas de milho verde;

Açúcar mascavo ou sal;

Coco ralado.

Debulhe as espigas, passando os grãos na moenda. Passe essa massa pela peneira para soltar as cascas. Leve para cozinhar com um pouco de água, temperando com sal ou açúcar. Não pare de mexer com a colher de pau, até obter a consistência de uma papa não muito mole.

Ponha tudo no alguidar, enfeitando com coco ralado.

Coloque a papa em cima de uma árvore, acendendo a vela no chão, perto da comida.

ALUÁ DE ODÉ

1 kg de milho;

1 quartilhão médio;

200 g de gengibre;

Açúcar mascavo.

Torre a metade do milho, não deixando estourar, apenas queimar.

As duas metades devem ser colocadas dentro do quartilhão com água e um pouco de açúcar. Deixe fermentando, com o pote tampado, por mais ou menos dez dias. Ninguém pode mexer.

No final do processo, passe tudo num coador. Adicione açúcar a gosto e gengibre amassado. O aluá é uma bebida gostosa e refrescante.

Ofereça essa bebida dentro de um cantil feito de couro de boi ou búfalo. Coloque num galho de árvore, não muito alto, dentro da mata.

MANDIOCA COM FOLHAS DE FUMO PARA OSSAIYN.

1 alguidar grande;

Velas brancas;

14 pedaços de mandioca médios;

14 pedaços de folhas de fumo;

Azeite de oliva;

Sal.

Descasque e cozinhe os pedaços de mandioca, tomando o cuidado para não amolecerem demais. Lave as folhas de fumo e enrole cada pedaço, que já deverá estar frio.

Lave o alguidar em água e mel. Arrume a mandioca, enrolada por cima, de maneira harmoniosa. Regue com azeite e bastante sal.

Leve essa oferenda para a mata ou numa praça que tenha árvores. Não acenda velas de modo algum, esse orixá não suporta o fogo, que destrói suas folhas. Os pedidos que podem ser feitos para Ossaiyn estão relacionados à cura de doenças.

PAPA DE INHAME PARA OSSAIYN

1 alguidar grande;

Velas brancas;

3 kg de inhame;

Folhas de fumo ou café;

Azeite de oliva;

Sal.

Descasque e cozinhe todos os inhames. Depois de amolecerem, amasse-os bem (com as mãos ou pilão).

Lave o alguidar com água e mel e forre com as folhas, também lavadas. Coloque a papa em cima, regando com azeite e adicionando uma boa porção de sal.

A oferenda deve ser feita como está descrito na receita anterior.

Para obter uma graça com auxílio de Egum

Coloca-se, para egum, uma quartinha com água da chuva e uma com água da bica.

Faz-se as orações de reverencia à Egum, pede-se o que se quer e, no dia seguinte, despacha-se o conteúdo das quartinhas na pórta da rua.

Repate-se a operação durante nove dias seguidos.

ODÙ OKARAN MEJI

Òkànràn Méjì é o chefe dos Ibéji, podendo mesmo dizer que ele os simboliza. Os Ibéji que estão aos pés de Òsàlá dependem deste Odù. É ele quem os conduz à terra.

O Bori que as pessoas fazem aos nativos deste Odù será sempre recompesado. É um Odù feminino.

Òkànràn Méjì decediu que ninguém poderia unir a água com uma corda.

A palavra humana foi trazida à terra por Òkànràn Méjì, assim como todas as línguas do mundo.

Òkànràn Méjì é responsável pelos excessos da fala.

É aparentado com Ibéji, Èsù, Òsùmàrè, Obalúwáiyé e Sangó.

As principais são o agogo, igún e ogbó.

Suas cores são vermelho, preto, branco e azul. Também os tons mosqueados.

Òkànràn Méjì representa a magia boa ou má.

Sabendo tratá-lo convenientemente, poderá ser usado para a defesa.

Fala em roubo, ambição, discussão, inimizades, trabalhos feitos, perda de negócios, ruínas, susto e prisão.

Novidades.

A pessoa sempre em dificuldade em realizar negócios em face de interferênciade inimigos invejosos.

Deve-se retirar a pertubação para que Èsù possa trabalhar em sua defesa.

Indica sempre novidades.

Ebós de Odù Òkànràn Méjì

Ao fazer ebó para um doente nos caminhos de Òkànràn Méjì, é imprescindível, seja qual for o ebó, que se leve uma galinha carijó à casa da pessoa deixando-a lá, solta e com vida

HISTÓRIA DA FECUNDAÇÃO DO ODU OKARAN

OLURUM, através de OBATALÁ, fez o homem que era a sua própria imagem e o chamou ISELÉ.

Em razão de ISELÉ viver muito só, sentiu necessidade de uma companheira para poder procriar, procurou então OBATALÁ e narrou o seu pedido. OBATALÁ comovido chamou um EBORÁ dos mais puros e pediu que ajudasse ISELÉ naquilo que precisasse. O EBORÁ ao tomar conhecimento dos fatos não aceitou a determinação de OBATALÁ , revoltando-se. OBATALÁ então, mediante a insubordinação do EBORÁ, fez com que ele descesse para a grande profundeza da terra, arrastando consigo todos os pecados. No interior da terra, o EBORÁ encontrou uma pedra vermelha (laterita) e alimentou-a com um acaçá vermelho. Dali nasceu o ODU OKARAN, parido em conseqüência da revolta, desobediência e insubordinação.

OKANRAN MEJI Odu regido por Èsú. Parece ser agressivo, mas na verdade está apenas lutando para preservar a independência da qual muito se orgulha. Não poupa esforços para atingir seus objetivos, mas deve tomar cuidado para não arrumar inimigos à toa. Seu lado negativo implica grandes sustos na vida, grandes perigos, prisão, roubo, ruína, perda de tudo, ambição e intrigas.

Sentença: Para que o mundo exista, tem que haver o bem e o mal.

OKANRAN MEJI - a disciplina e teimosia

Regente: Exu

Elemento: Fogo

Pessoas com esse ODU são inteligentes, versáteis e passionais, com enorme potencial para a magia. Seu temperamento explosivo faz com que raras vezes atuem com a razão. Têm sorte nos negócios. No amor, extremamente sedutoras, são muito inconstantes e mentem com facilidade. As mulheres têm como ponto vulnerável o útero.

Era um pobre peregrino que vivia migrando. Permanecia em diversos lugares, mas, depois de fazer as plantações, mandavam embora, ficando os donos das terras com tudo o que ele tinha feito.

Por conselho de alguém, esse homem foi um dia a casa de um oluô, que lhe indicou um ebó (oferenda). Tendo tudo preparado, partiu o homem para a grande mata fronteiriça e, lá chegando deu início ao serviço.

Mais tarde, ouvindo um barulho naquele lugar tão impenetrável, assustou-se. Era ogum, o dono dessa mata misteriosa. Chegando perto, ficou ogum espreitando o estranho, até que este, muito amedrontado, implorou misericórdia, perguntando a ogum se queria se servir de alguma coisa servida no ebó. Que falasse sem cerimônia, pois estava tudo a sua disposição.

Ogum aceitou tudo o que havia ali e ficou satisfeito. Perguntou, então, quem era tão perverso a ponto de mandar o peregrino para aquela paisagem impenetrável. O homem contou todos os percalços de sua vida.

Então, ogum, transfigurado, aterrorizante, bradou que ele pegasse o mariô e fosse marcar as casas dos seus amigos, pois ele, ogum, iria aquela cidade à noite destruir tudo o que lá se achasse. Iria arrasar todos os haveres lá existentes, até o solo.

Dito e feito…

Ogum acabou com tudo, exceto as casas e os lugares que tenha sido demarcados pelo homem com a colocação de mariô em cima das portas. Tudo o que havia de riqueza ali ogum deu para ele, tudo mesmo, conforme tinha prometido.

Como agradar Okaran

(Usar apenas uma quantidade de cada elemento)

Colocar em uma cesta ou num alguidar:

Um "Padê" (farofa com mel)

1 BÚZIO

1 PUNHADO DE GIRASSOL

1 MOEDA

1 VELA

1 PUNHADO DE ARROZ COM CASCA

1 QUIABO

1 PUNHADO DE CANJICA

1 PUNHADO DE MILHO TORRADO

1 GRAVETO

1 PEMBA BRANCA

1 PUNHADO DE FEIJÃO FRADINHO TORRADO

1 OVO

1 GARRAFA DE CIDRA

1 PUNHAL

1 ECURU (Bolinho de Farinha)

1 ACAÇÁ (Bolinho de Farinha de canjica, enrolado na folha de bananeira)

1 FOLHA DE MAMONA

Antes de colocar os ingredientes no alguidar, usar primeiro a folha de mamona, que irá forrá-lo, depois vá arrumando, pela ordem, os ingredientes e coloque, por último o punhal, que deverá se localizar sobre o acacá. À medida que for colocando os ingredientes, passe-os em volta do corpo e pouse-os no alguidar. O punhal deverá ser passado do pescoço para baixo, nunca em volta da cabeça.

Onde oferecer:

Num mato ou numa estrada, embaixo de uma árvore sem espinho.

AS PESSOAS QUE CARREGAM ESSE ODU NÃO DEVEM APENAS AGRADÁ-LO. DEVEM NA REALIDADE SE PRECAVER MUITO ESTE ANO, DA SEGUINTE FORMA:

1- EVITAR LUGAR DE TUMULTO

2- NA ESTRADA, CORRER O MENOS POSSÍVEL SE DIRIGIR CARRO OU MOTO

3- EVITAR DISCUSSÕES

4- PROCURAR NÃO PREVARICAR

5- BEBIDA ALCÓOLICA DEVERÁ SER MODERADA

6- CUIDADO COM MATERIAL CORTANTE OU ARMA DE FOGO

7- USAR BASTANTE BANHO DE ERVAS FRESCAS, COMO DE OXALÁ E OXUM; COLÔNIA,

MANJERICÃO, MACASSÁ, SAIÃO, ETC.

Olorun, o Onipotente, Deus no dialeto africano, criou os quatros elementos: a terra, a água, o fogo e o ar. Destes foram gerados os elementais, que geraram todas as coisas vivas sobre o planeta. Foram atribuídos a cada um destes elementos quatro Odus, ou seja, quatro signos interligados dos destinos:

Terra

Odus: Irosun, Egi Laxeborá, Iká Ori e Obará. Representam o caminho da tranqüilidade e da riqueza.

Água

Odus: Egi Okô, Ossá, Egi Ologbon e Oxé. Representam o caminho da dúvida ao triunfo.

Ar

Odus: Onilé, Ofun, Obé Ogundá e Aláfia. Representam o caminho da indecisão até a paz.

Fogo

Odus: Okaran, Odi, Owanrin e Eta Ogundá. Representam o caminho da insubordinação até a guerra.

Diz-se que, nos primórdios dos tempos, não existia separação entre o céu e a terra (orum-aiyé) e que havia uma convivência íntima entre os orixás e os seres humanos; todos podiam ir ao órum e voltar quando desejassem. Porém um certo dia, o homem desonrou seu compromisso com ólorum, pecou contra o supremo ao tocar o que não podia ser tocado ou comer o que não podia ser comido. E assim, o mesmo dividiu o céu e a terra. O privilégio da livre comunicação desapareceu em troca das diferentes formas oraculares estabelecidas e legadas por orunmilá Odús (signos de ifã), são presságios, destinos, predestinação. Os odús são inteligências siderais que participaram da criação do universo; cada pessoa traz um odú de origem e cada orixá é governado por um ou mais odús. Cada odú possui um nome e características próprias e dividem-se em “caminhos” denominados “ese” onde está atado a um sem-número de mitos conhecidos como itàn ifá.

Odus são os signos de Ifá, o resultado do jogo. Segundo as lendas do candomblé africano, os Odus representam os destinos criados por Olorum, com todas as características da vida cotidiana e baseada no comportamento e temperamento humano. Então os Odus, seriam os signos do destino que regem cada orixá, que por sua vez, regem cada homem sobre a terra.

Os odús são os principais responsáveis pelos destinos dos homens e do mundo que os cerca.

Os orixás não mudam o destino da vida e sim executam suas funções dentro da natureza liberando energia para que todos possam dela se alimentar.

O odú é o caminho, a existência do destino o qual o orixá e todos os seres estão inseridos.

Alguém já escutou a seguinte frase?

-com o destino não se brinca…

-sua vida esta escrita…

- seu destino já estava escrito…

E muitas outras frases populares que refere-se a odú. Cada pessoa pode ir de encontro ou seguir um caminho alheio ao destino estabelecido, isso nós dizemos que a mesma está com o odú negativo, ou seja: seu destino sua conduta foge as regras siderais, ou seja, seguiu um caminho negativo dentro do estabelecido.

Nós quando nascemos, somos regidos por um odú de ori (cabeça) que representa nosso "eu" assim como odú de destino, espiritualidade…

Para obter uma graça com auxílio de Egum

Coloca-se, para egum, uma quartinha com água da chuva e uma com água da bica.

Fazem-se as orações de reverencia à Egum, pede-se o que se quer e, no dia seguinte, despacha-se o conteúdo das quartinhas na pórta da rua.

Repate-se a operação durante nove dias seguidos.

ORIKI OLOKUN

Iba Olokun fe mi lo're

Iba Olokun omó re wa se fun oyi o

Olokun nu ni o si o ki e lu re ye toray

B'omi ta 'afi

B'emi ta'afi

Olokun ni 'ka le

Mo juba

Ase, Ase, Ase!

TRADUÇÃO:

Eu saúdo o Senhor dos Oceanos.

Eu saúdo o Senhor dos Oceanos cuja grandiosidade não me cabe entender.

Olokun, minha fé é tão grande quanto a quantidade de água existente nos mares.

Da mesma forma

Permita que haja paz em meus caminhos!

Olokun, espírito imutável

A quem reverencio com muito respeito!

Axé, axé, axé!

O R I K I – S Á N G Ó

SÁNGÓ, OLÚÀSO,AKÁTÁ YERIYERI,OLÓJÚ ORÓGBÓ,

ELÉÈKÉ OBI

OLÚKÒSO,EÉGÚN TÍ N YONÁ LÉNU

OÓSÀ TÍ NBÁ OLÓGBO LERU

SÁNGÓ A B;EGUN JIJÁDÙ EKÚ

ENI F;OJU DI O

SÁNGÓ ALÁSO OSÚN,ONILÉ OLÁ

ONÍNÁLÉNU,

ASODE BÍ OLÓGBÒ

SÀNGIRI-LÀGIRI,

OLÀGIRI KÀKÀ F;IGBA EDUN BÒ

BI WÓN TÍ N PARIWO RE N;ILE

BÉÈ NI WON N PARIWO RÈ L;OGUN

SÁNGÓ ÒNÀ YÀ SÍ MÉJI ,OKO ONÍKELE

PA WÓN PÒ,Ó FI SÓKAN

OKUNRIN OGUN

OKUNRIN KÈKÈ N;IWÁJÚ ONIBÀTÁ

OJÒ PEBORA LÉ GÚRÉGURÉ

ATI LÓJÓ, ÀTI LÉRÙN

KÒ SÉNI TI OLÚKÒSO Ò LÈ PA

A-LÓMO-OLÓMO-MÓLÈ BI A NLÓWU ÌRÌN,

OJÒ SÚ,ÒJÒ Ò SÚ

KÒ SÉNI TI OLÚKÒSÓ Ò LÈ PA

A GBÓMI UM BÍ ÀLÀPÀ

DÁKUN SÁNGÓ MÁ PA MÍ

MÁA SI PÀNIYÀN SÍ MI LÓRUN

BÁ MI SEGÚN OTÁ.

BÁ MI W;ÓMO

MÁA JÈÉ KÍ NDÁRÀN OMODÉ

MÁA JÈÉ KI NDÁRÀN ÀGBÀLAGBÀ.

M ÁA JÈÉ N LÙFIN IJOBA

MÁA JÈÉ N RUN ÌRIN,A RÌN F;ESÈ KO

MÁA JÈÉ N FENU MI KO

SÁNGÓ OLUKÒSO A PA NI MÁ Y;ODÀ

KÁBÍYÈSÍ Ò ¡

OKO MI ABÍTAMÁRA BÍ AHERE

ATÓ-BÁ-JAYÉ Ò Ò Ò Ò ¡

OBA KÒSO ¡

MÁ FI OSÉ RE NÀ ÈMI ÀTI ÀWON EBÍ MI

OLÚKÒSO ATÓBÀJAYÉ , SÓ MI NÍNÚ WWON.

T R A D U C Ã O – ORIKI SHANGO

SHANGO OLÁÀSO, O DRAGÃO FAISCANTE, COM OS OLHOS EM FORMATO DE OROGBO

COM BOCHECHAS REDONDAS COMO OBI

OLUKÒSO,A DIVINDADE QUE LANCA FOGO PELA BOCA

A DIVINDADE QUE ASSUSTA O GATO

SHANGO LUTA PELA POSSE DE EKÚ COM EGUN.

A QUEM O DESRESPEITAR, SHANGO CASTIGARA.

SHANGO QUE VESTE ROUPA VERMELHA. DONO DA CASA DA RIQUEZA

QUE TEM FOGO NA BOCA

ELE QUE CACA COMO UM GATO HÁBIL

ELE QUE RACHA E LASCA PAREDES

MEU DEUS QUE RACHA PAREDES E NELAS PÕE DUZENTAS PEDRAS DE RAIO

DA MANEIRA COMO SE GRITA O NOME DELE NA CIDADE,GRITA-SE O NOME

DELE NA TERRA

SHANGO A RUA ESTA BIFURCADA EM DOIS, ORIXÁ DE QUEM USA KELE

JUNTOU AS ESTRADAS TRANSFORMANDO-AS EM UMA SÓ

HOMEM GUERRIRO

HOMEM IMPORTANTE AOS OLHOS DOS TOCADORES DE BÀTÁ

O VENERÁVEL TOMOU CHUVA E FICOU ATIVO

TANTO NA CHUVA COMO NA SECA,

NÃO HÁ UMA PESSOA QUE SHANGO NÃO POSSA MATAR,

ELE ENROLA NO CHÃO QUEM O OFENDE DA MESMA MANEIRA

QUE SE ENROLA UM NOVELO DE LÃ

AMEACA CHOVER, NÃO AMEACA CHOVER.

NÃO HÁ UMA PESSOA QUE SHANGO NÃO POSSA DESTRUIR

ELE BEBE TODA A ÁGUA DA CHUVA COMO SOPA, PARA

EVITAR A ENCHENTE

POR FAVOR, SHANGO, NÃO ME MATE

E NÃO MATE NINGUEM PERTO DE MIM TAMBÉM

AJUDE-ME A VENCER MEUS INIMIGOS

AJUDA-ME A PROTEGER MEUS FILHOS

NÃO ME DEIXE OFENDER AS CRIANCAS

PROTEJA-ME DE OFENDER OS ADULTOS TAMBÉM

DÁ-ME FORCAS PARA NÃO INFRINGIR AS LEIS DOS HOMENS

PROTEJA-ME PARA QUE EU NÃO TROPECE NA VIDA

PROTEJA-ME PARA QUE EU NÃO FALE COISAS INDEVIDAS

SHANGO, OLUKÒSO, O QUE FERE SEM ARMAS.

VOSSA MAJESTADE!

MEU DEUS, AQUELE CUJO GUARDA-ROUPA É GRANDE COMO

UMA CASA DE FAZENDA

AQUELE QUE É SUFICIENTE PARA A NOSSA VIDA

O REI QUE NÃO SE ENFORCOU

NÃO BATA EM MIM E NA MINHA FAMILIA COM SEU MACHADO

ORIXÁ FORTE O SUFICIENTE PARA NOS PROTEGER NA VIDA

PROTEJA-ME DOS MEUS INIMIGOS.

"Àdúrà Oya"

Oya, ma fina owo re jo wa o.

Oya, não nos queime com o fogo que sai de suas mãos.

So wa deni iyi laye wa.

Faça-nos socialmente importantes.

Asan, ofo, ko ma je tiwa o.

Que não caíamos no vazio.

Pese ilo siwaju ninu ise wa fun wa o.

Faça-nos progredir em nosso trabalho

Ise wa ko ma bi omo araye ninu o.

Que nosso procedimento não ofenda os seres humanos.

Pese owo nla-nla fun wa o.

Dá-nos muito dinheiro.

Oya, ma le wa wo igbo ati odan.

Oya, não nos obrigue a fugir para a floresta

Oya, gbe ire pade wa o.

Oya, leva-nos de encontro a boa sorte.

Fun wa ni ase nla-nla o.

Dá-nos grande axé

Oya, iwo to tarugbo se loge.

Oya, você que pode rejuvenescer o velho.

Se wa loge o.

Faça-nos rejuvenescer.

Ki awa maa yo bi ojo,

Para que tenhamos sempre a aparência do dia,

Ki awon omo araye, o maa yo mo wa o,

Que todos os sseres humanos, se alegrem conosco,

Ki awon omo Orisa, o kun fun owo o,

Que todos os iniciados, tenham sempre muito dinheiro

Ki awon omo Orisa, o maa rise o,

Que todos os iniciados, consigam sempre trabalho,

Ti o ba di amodun, ki a tun pejo, bayi o,

Quando chegar sua festa, que estejamos todos unidos.

Ki a tun fi idunnu bo e o,

Para que façamos seus sacrifícios com alegria.

Ki awon omo Orisa ma fi oju sunkun omo,

Que os iniciados, não percam seus filhos,

Ki awon omo Orisa ma fi oju sunkun aya tabi oko,

Que os iniciados não percam suas esposas e maridos,

Owo, omo, iyi ati alafia ki won kunle gbogbo wa o.

Dinheiro, filhos, respeitabilidade, saúde, que disto estejam repletas as casas de todos nós.

A se yori ni ki a se o.

Que tudo o que quisermos fazer, sejamos bem sucedidos.

E e e pa, Oya!!! ma binu si wa o.

Eeepa Oya!!! Não lança tua ira contra nós.

ORIKÍ OSSAIYN

Agbénigi, òròmodìe abìdi sónsó

Esinsin abedo kínníkínni;

Kòògo egbòrò irín

Aképè nigbà òràn kò sunwòn

Tíotio tin, ó gbà aso òkùnrùn ta gìègiè.

Elésè kan jù elésè méjì lo.

Ewé gbogbo kíki oògùn

Àgbénigi, èsìsì kosùn

Agogo nla se ekpe agbára

Ó gbà wón là tán, wón dúpé téniténi

Aròni já si kòtò di oògùn máyà

Elésè kan ti ó lé elése méjì sare

TRADUÇÃO

Aquele que vive nas árvores e que tem um rabo pontudo como estaca.

Aquele que tem o fígado trasparente como o da mosca.

Aquele que é tão forte quanto uma barra de ferro.

Aquele que é invocado quando as coisas não estão bem.

O esbelto que quando recebe a roupa da doença se move como se fosse cair.

O que tem uma só perna e é mais poderoso que os que têm duas.

Todas as folhas têm viscosidade que se tornam remédio.

Àgbénigi, o deus que usa palha.

O grande sino de ferro que soa poderosamente

Àdúrà Òrìsà N'lá

Kí Òrìsà-nlá Olú àtélesé, a gbénon dídùn là.

(Que o Grande Òrìsà, Senhor da sola dos pés, guie-nos aos benefícios da riqueza!)

NÍ IBODÈ YÌÍ, KÒ SÍ ÒSÁN, BÈÉNI KÒ SÍ ÒRU.

Aqui é a porta do Céu, nela pode-se entrar de dia e de noite.

KÒ SÍ ÒTÚTÙ, BÈÉNI KÒ SÍ OORU.

Nela não há frio, e também não há calor.

OHUN ÀSÍRIÍ KAN KÒ SÍ NÍ IBODÈ YÌÍ.

Aqui, na porta do Céu, nada é segredo.

OHUN GBOGBO DÚRÓ KEDERE NÍNU ÌMÓLÈ OLÓÒRUN.

E nela todas as coisas permanecerão claras diante da luz de Deus.

ÀYÀNMÓ KÒ GBÓ OÒGÙN.

Que o destino não nos faça usar remédios.

ÀKÚNLÈYÀN ÒUN NÍ ÀDÁYÉBÁ.

Que as pessoas adorem de joelhos as coisas do Céu, para encontrar coisas boas na Terra.

ÀDÁYÉBÁ NI ÀDÁYÉ SE.

Que as coisas boas sejam sempre encontradas na Terra.

Ijubá Ifá

Olòjo Oni Mojubá ré

Oludaiye Mojubá ré

Mojubá Omode,

Mojubá Agbá,

Ilé a lánu

Bi ekóló bá jùbá ílè

Kí ibá mi se

Mojubá àwon àgbá méríndílógun

Mojubá babá mi

Mo tún jubá awon ìyá mí

Mojubá Òrúnmilá Ogbayie Gbórun

Ohún ti mó ná wi lojo oní

Korí bée fun mí

Jowo má je kìí dí mo

Ònà kìí dí mo

Ohun ti a ba ti wi fun ogbá l'ogbá ngbá

Ti ìlákòsé ni sé lawujó igbin

Ti ekese ni n'se lawujó òwú

Olojo oní kogbá òro mi yè

Ase, Ase, Ase!

TRADUÇÃO:

Oh! Senhor do dia de hoje!

Eu saúdo o Criador da Terra,

Eu saúdo as crianças,

Eu saúdo os mais velhos !

Se a minhoca pede alimento à Terra, esta concederá ,

Que assim meu pedido seja concedido !

Peço permissão aos dos 16 Odú anciões.

Que meu pedido seja atendido!

Eu saúdo meu pai

E peço permissão a minha mãe

Eu saúdo Orùnmilá

Que vive no céu e na terra

Que o que eu pedir hoje

Se realize para mim

Por favor, não permita que meu caminho seja fechado

Qualquer coisa que eu disser para Ogbá, ele aceitará,

Assim como ilakose é o último da família do caramujo

O que ekese diz é ultima palavra

Senhor do Dia de Hoje, aceite minha palavra e a confirme.

Ase, Ase, Ase!

ORIKÍ OXUMARÊ

Omi ójóó firi bó, omi ójóó firi bó

Omi bó aráayé, omi bó aráayé

(A água da chuva cai depressa, a água da chuva cai depressa, Muito depressa, a água cai sobre a humanidade, a água cai sobre a humanidade)

Àróbó bá eji lè si àun jé lè ìkòkum

Àróbó bá eji lè si àun jé lè ìkòkum

Òun jé lè ìkòhun, àun jé lè ìkòkum ó

(O intermediário que tras a cuva sobre a terra, é ele quem pode abastecer nossos reservátorios, éele quem pode abastecer os nossos reservatórios.)

À róbó ho yi Òsûmàrè!!!!

Sango - Com Tradução a Cada Linha

Sángiri-làgiri,

Que racha e lasca paredes

Olàgiri-kàkààkà-kí Igba Edun Bò

Ele deixou a parede bem rachada e pôs ali duzentas pedras de raio

O Jajú Mó Ni Kó Tó Pa Ni Je

Ele olha assustadoramente para as pessoas antes de castigá-las

Ó Ké Kàrà, Ké Kòró

Ele fala com todo o corpo

S' Olórò Dí Jínjìnnì

Ele faz com que a pessoa poderosa fique com medo

Eléyinjú Iná

Seus olhos são vermelhos como brasas

Abá Won Jà Mà Jèbi

Aquele que briga com as pessoas sem ser condenado porque nunca briga injustamente

Iwo Ní Mo Sá Di O

É em ti que busco meu refúgio.

Sango Ona Mogba Bi E Tu Bá Wó Ile

Se um antílope entrar na casa

Jejene Ni Mú Ewure

A cabra sentirá medo.

Bi Sango Bá Wó Ile

Se Sango entra na casa

Jejene Ni Mú Osa Gbogbo

Todos os Orisa sentirão medo.

Orikis

ORIKI ÈSÚ

Èsù òta òrìsà.

Exú, o guardião dos orixás.

Osétùrá ni oruko bàbá mò ó.

Osétùrá é o nome pelo qual você é chamado por seu pai.

Alágogo Ìjà ni orúko ìyá npè é,

Alágogo Ìjà é o nome pelo qual você é chamado por sua mãe.

Èsù Òdàrà, omokùnrin Ìdólófin,

Exú Òdàrà, o homem forte de ìdólófin,

O lé sónsó sí orí esè elésè

Exú, que senta no pé dos outros.

Kò je, kò jé kí eni nje gbé mì,

Que não come e não permite a quem está comendo que engula o alimento.

A kìì lówó lái mú ti Èsù kúrò,

Quem tem dinheiro, reserva para Exú a sua parte,

A kìì lóyò lái mú ti Èsù kúrò,

Quem tem felicidade, reserva para Exú a sua parte.

Asòntún se òsì lái ní ítijú,

Exú, que joga nos dois times sem constrangimento.

Èsù àpáta sómo olómo lénu,

Exú, que faz uma pessoa falar coisas que não deseja.

O fi okúta dípò iyò.

Exú, que usa pedra em vez de sal.

Lóògemo òrun, a nla kálù,

Exú, o indulgente filho de Deus, cuja grandeza se manifesta em toda parte.

Pàápa-wàrá, a túká máse sà,

Exú, apressado, inesperado, que quebra em fragmentos que não se poderá juntar novamente,

Èsù máse mí, omo elòmíràn ni o se.

Exú, não me manipule, manipule outra pessoa.

Iba Esù Odara

Esu Odara inclino-me.

A Ba Ni Wa Oran Ba O Ri Da

Ele procura briga com alguém e encontra o que fazer.

O San Sokoto Penpe Ti Nse Onibode Olorun

Ele veste uma calça pequena para ser guardião na porta de Deus.

Oba Ni Ile Ketu

Rei da terra de Ketu.

Alakesi Emeren Aji E Aji E M(u) Ògùn

Aquele a quem se convida e que, tão logo acorda, toma um remédio.

A Lun (se) Wa Se Ibini

Ele reforma Benin.

Laguna Jo Igbo Bi Orò

Laguna queima o mato como oro.

Esù Foli Fò O Fi Ókò Fo Oju Anan Re

Esu arrebenta facilmente os olhos de seus sogros com uma pedra.

LA Nyan Hamana

Ele caminha movendo-se com altivez.

Ika Kò Boro Boro

O malfeitor não morre depressa.

Kò Là Kò Rà O Ba Ona Oja Ile Su

Ele faz com que no mercado nada se compre e nada se venda.

Agbo L Ara A Yaba Má Pa (Mo) Abemu

Agbo faz com que a mulher do rei não cubra a nudez de seu corpo.

O Se Firi Oko Ero Oja

Ele se torna rapidamente o senhor daqueles que passam pelo mercado.

Bara Fi Imu Fon Awon Sebi Okò L O Si

Quando Bara assoa o nariz, todo mundo acredita que o trem vai partir.

Ero Palemo Wara Wara

Os passageiros preparam-se rapidamente

ORIKI OLOKUN

Iba Olokun fe mi lo're

Iba Olokun omó re wa se fun oyi o

Olokun nu ni o si o ki e lu re ye toray

B'omi ta 'afi

B'emi ta'afi

Olokun ni 'ka le

Mo juba

Ase, Ase, Ase!

TRADUÇÃO:

Eu saúdo o Senhor dos Oceanos.

Eu saúdo o Senhor dos Oceanos cuja grandiosidade não me cabe entender.

Olokun, minha fé é tão grande quanto a quantidade de água existente nos mares.

Da mesma forma

Permita que haja paz em meus caminhos!

Olokun, espírito imutável

A quem reverencio com muito respeito!

Axé, axé, axé!

O R I K I – S Á N G Ó

SÁNGÓ, OLÚÀSO, AKÁTÁ YERIYERI, OLÓJÚ ORÓGBÓ,

ELÉÈKÉ OBI

OLÚKÒSO,EÉGÚN TÍ N YONÁ LÉNU

OÓSÀ TÍ NBÁ OLÓGBO LERU

SÁNGÓ A B;EGUN JIJÁDÙ EKÚ

ENI F;OJU DI O

SÁNGÓ ALÁSO OSÚN,ONILÉ OLÁ

ONÍNÁLÉNU,

ASODE BÍ OLÓGBÒ

SÀNGIRI-LÀGIRI,

OLÀGIRI KÀKÀ F;IGBA EDUN BÒ

BI WÓN TÍ N PARIWO RE N;ILE

BÉÈ NI WON N PARIWO RÈ L;OGUN

SÁNGÓ ÒNÀ YÀ SÍ MÉJI ,OKO ONÍKELE

PA WÓN PÒ,Ó FI SÓKAN

OKUNRIN OGUN

OKUNRIN KÈKÈ N;IWÁJÚ ONIBÀTÁ

OJÒ PEBORA LÉ GÚRÉGURÉ

ATI LÓJÓ, ÀTI LÉRÙN

KÒ SÉNI TI OLÚKÒSO Ò LÈ PA

A-LÓMO-OLÓMO-MÓLÈ BI A NLÓWU ÌRÌN,

OJÒ SÚ,ÒJÒ Ò SÚ

KÒ SÉNI TI OLÚKÒSÓ Ò LÈ PA

A GBÓMI UM BÍ ÀLÀPÀ

DÁKUN SÁNGÓ MÁ PA MÍ

MÁA SI PÀNIYÀN SÍ MI LÓRUN

BÁ MI SEGÚN OTÁ.

BÁ MI W;ÓMO

MÁA JÈÉ KÍ NDÁRÀN OMODÉ

MÁA JÈÉ KI NDÁRÀN ÀGBÀLAGBÀ.

BÀBÁLORIXA RODOLPHO TÍ XANGÔ. FAÇA PARTE DESTE AXÉ QUE PRIMA PELO DESENVOLVIMENTO DE FORMA RESPEITOSA E EDUCACIONAL PELOS SEUS MEMBROS. ILÊ ALAKETÚ AXÉ ILÊ ÒYÓ OBÁ ÀLÁÀFÍN BARÚ ÀWODÍ ABÍBÒLÁ. CONSULTAS ESPIRITUAIS: [13] 3021-6100 SANTOS/SP. COM BÀBÁ RAFAEL TÍ ÒRÌXÀ AKINJOLÉ
CONTRATE-NOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE TODO SEU ILÊ ASÉ ÒRÌXÁ E CURSOS ADMINISTRADOS, COM OS FUNDAMENTOS NECESSARIOSEM CADA ELEMENTO APLICADO.

M ÁA JÈÉ N LÙFIN IJOBA

MÁA JÈÉ N RUN ÌRIN,A RÌN F;ESÈ KO

MÁA JÈÉ N FENU MI KO

SÁNGÓ OLUKÒSO A PA NI MÁ Y;ODÀ

KÁBÍYÈSÍ Ò ¡

OKO MI ABÍTAMÁRA BÍ AHERE

ATÓ-BÁ-JAYÉ Ò Ò Ò Ò ¡

OBA KÒSO ¡

MÁ FI OSÉ RE NÀ ÈMI ÀTI ÀWON EBÍ MI

OLÚKÒSO ATÓBÀJAYÉ , SÓ MI NÍNÚ WWON.

T R A D U C Ã O – ORIKI SHANGO

SHANGO OLÁÀSO, O DRAGÃO FAISCANTE,COM OS OLHOS EM FORMATO DE OROGBO

COM BOCHECHAS REDONDAS COMO OBI

OLUKÒSO,A DIVINDADE QUE LANCA FOGO PELA BOCA

A DIVINDADE QUE ASSUSTA O GATO

SHANGO LUTA PELA POSSE DE EKÚ COM EGUN.

A QUEM O DESRESPEITAR , SHANGO CASTIGARA.

SHANGO QUE VESTE ROUPA VERMELHA.DONO DA CASA DA RIQUEZA

QUE TEM FOGO NA BOCA

ELE QUE CACA COMO UM GATO HÁBIL

ELE QUE RACHA E LASCA PAREDES

MEU DEUS QUE RACHA PAREDES E NELAS PÕE DUZENTAS PEDRAS DE RAIO

DA MANEIRA COMO SE GRITA O NOME DELE NA CIDADE,GRITA-SE O NOME

DELE NA TERRA

SHANGO A RUA ESTA BIFURCADA EM DOIS,ORIXÁ DE QUEM USA KELE

JUNTOU AS ESTRADAS TRANSFORMANDO-AS EM UMA SÓ

HOMEM GUERRIRO

HOMEM IMPORTANTE AOS OLHOS DOS TOCADORES DE BÀTÁ

O VENERÁVEL TOMOU CHUVA E FICOU ATIVO

TANTO NA CHUVA COMO NA SECA,

NÃO HÁ UMA PESSOA QUE SHANGO NÃO POSSA MATAR,

ELE ENROLA NO CHÃO QUEM O OFENDE DA MESMA MANEIRA

QUE SE ENROLA UM NOVELO DE LÃ

AMEACA CHOVER, NÃO AMEACA CHOVER.

NÃO HÁ UMA PESSOA QUE SHANGO NÃO POSSA DESTRUIR

ELE BEBE TODA A ÁGUA DA CHUVA COMO SOPA, PARA

EVITAR A ENCHENTE

POR FAVOR, SHANGO, NÃO ME MATE

E NÃO MATE NINGUEM PERTO DE MIM TAMBÉM

AJUDE-ME A VENCER MEUS INIMIGOS

AJUDA-ME A PROTEGER MEUS FILHOS

NÃO ME DEIXE OFENDER AS CRIANCAS

PROTEJA-ME DE OFENDER OS ADULTOS TAMBÉM

DÁ-ME FORCAS PARA NÃO INFRINGIR AS LEIS DOS HOMENS

PROTEJA-ME PARA QUE EU NÃO TROPECE NA VIDA

PROTEJA-ME PARA QUE EU NÃO FALE COISAS INDEVIDAS

SHANGO,OLUKÒSO,O QUE FERE SEM ARMAS.

VOSSA MAJESTADE !

MEU DEUS,AQUELE CUJO GUARDA-ROUPAS É GRANDE COMO

UMA CASA DE FAZENDA

AQUELE QUE É SUFICIENTE PARA A NOSSA VIDA

O REI QUE NÃO SE ENFORCOU

NÃO BATA EM MIM E NA MINHA FAMILIA COM SEU MACHADO

ORIXÁ FORTE O SUFICIENTE PARA NOS PROTEGER NA VIDA

PROTEJA-ME DOS MEUS INIMIGOS.

"Àdúrà Oya"

Oya, ma fina owo re jo wa o.

Oya, não nos queime com o fogo que sai de suas mãos.

So wa deni iyi laye wa.

Faça-nos socialmente importantes.

Asan, ofo, ko ma je tiwa o.

Que não caíamos no vazio.

Pese ilo siwaju ninu ise wa fun wa o.

Faça-nos progredir em nosso trabalho

Ise wa ko ma bi omo araye ninu o.

Que nosso procedimento não ofenda os seres humanos.

Pese owo nla-nla fun wa o.

Dá-nos muito dinheiro.

Oya, ma le wa wo igbo ati odan.

Oya, não nos obrigue a fugir para a floresta

Oya, gbe ire pade wa o.

Oya leva-nos de encontro a boa sorte.

Fun wa ni ase nla-nla o.

Dá-nos grande axé

Oya, iwo to tarugbo se loge.

Oya, você que pode rejuvenescer o velho.

Se wa loge o.

Faça-nos rejuvenescer.

Ki awa maa yo bi ojo,

Para que tenhamos sempre a aparência do dia,

Ki awon omo araye, o maa yo mo wa o,

Que todos os sseres humanos, se alegrem conosco,

Ki awon omo Orisa, o kun fun owo o,

Que todos os iniciados, tenham sempre muito dinheiro

Ki awon omo Orisa, o maa rise o,

Que todos os iniciados, consigam sempre trabalho,

Ti o ba di amodun, ki a tun pejo, bayi o,

Quando chegar sua festa, que estejamos todos unidos.

Ki a tun fi idunnu bo e o,

Para que façamos seus sacrifícios com alegria.

Ki awon omo Orisa ma fi oju sunkun omo,

Que os iniciados, não percam seus filhos,

Ki awon omo Orisa ma fi oju sunkun aya tabi oko,

Que os iniciados não percam suas esposas e maridos,

Owo, omo, iyi ati alafia ki won kunle gbogbo wa o.

Dinheiro, filhos, respeitabilidade, saúde, que disto estejam repletas as casas de todos nós.

A se yori ni ki a se o.

Que tudo o que quisermos fazer, sejamos bem sucedidos.

E e e pa, Oya!!! ma binu si wa o.

Eeepa Oya!!! Não lança tua ira contra nós.

ORIKÍ OSSAIYN

Agbénigi, òròmodìe abìdi sónsó

Esinsin abedo kínníkínni;

Kòògo egbòrò irín

Aképè nigbà òràn kò sunwòn

Tíotio tin, ó gbà aso òkùnrùn ta gìègiè.

Elésè kan jù elésè méjì lo.

Ewé gbogbo kíki oògùn

Àgbénigi, èsìsì kosùn

Agogo nla se ekpe agbára

Ó gbà wón là tán, wón dúpé téniténi

Aròni já si kòtò di oògùn máyà

Elésè kan ti ó lé elése méjì sare

TRADUÇÃO

Aquele que vive nas árvores e que tem um rabo pontudo como estaca.

Aquele que tem o fígado trasparente como o da mosca.

Aquele que é tão forte quanto uma barra de ferro.

Aquele que é invocado quando as coisas não estão bem.

O esbelto que quando recebe a roupa da doença se move como se fosse cair.

O que tem uma só perna e é mais poderoso que os que têm duas.

Todas as folhas têm viscosidade que se tornam remédio.

Àgbénigi, o deus que usa palha.

O grande sino de ferro que soa poderosamente

Àdúrà Òrìsà N'lá

Kí Òrìsà-nlá Olú àtélesé, a gbénon dídùn là.

(Que o Grande Òrìsà, Senhor da sola dos pés, guie-nos aos benefícios da riqueza!)

NÍ IBODÈ YÌÍ, KÒ SÍ ÒSÁN, BÈÉNI KÒ SÍ ÒRU.

Aqui é a porta do Céu, nela pode-se entrar de dia e de noite.

KÒ SÍ ÒTÚTÙ, BÈÉNI KÒ SÍ OORU.

Nela não há frio, e também não há calor.

OHUN ÀSÍRIÍ KAN KÒ SÍ NÍ IBODÈ YÌÍ.

Aqui, na porta do Céu, nada é segredo.

OHUN GBOGBO DÚRÓ KEDERE NÍNU ÌMÓLÈ OLÓÒRUN.

E nela todas as coisas permanecerão claras diante da luz de Deus.

ÀYÀNMÓ KÒ GBÓ OÒGÙN.

Que o destino não nos faça usar remédios.

ÀKÚNLÈYÀN ÒUN NÍ ÀDÁYÉBÁ.

Que as pessoas adorem de joelhos as coisas do Céu, para encontrar coisas boas na Terra.

ÀDÁYÉBÁ NI ÀDÁYÉ SE.

Que as coisas boas sejam sempre encontradas na Terra.

Ijubá Ifá

Olòjo Oni Mojubá ré

Oludaiye Mojubá ré

Mojubá Omode,

Mojubá Agbá,

Ilé a lánu

Bi ekóló bá jùbá ílè

Kí ibá mi se

Mojubá àwon àgbá méríndílógun

Mojubá babá mi

Mo tún jubá awon ìyá mí

Mojubá Òrúnmilá Ogbayie Gbórun

Ohún ti mó ná wi lojo oní

Korí bée fun mí

Jowo má je kìí dí mo

Ònà kìí dí mo

Ohun ti a ba ti wi fun ogbá l'ogbá ngbá

Ti ìlákòsé ni sé lawujó igbin

Ti ekese ni n'se lawujó òwú

Olojo oní kogbá òro mi yè

Ase, Ase, Ase!

TRADUÇÃO:

Oh! Senhor do dia de hoje!

Eu saúdo o Criador da Terra,

Eu saúdo as crianças,

Eu saúdo os mais velhos !

Se a minhoca pede alimento à Terra, esta concederá ,

Que assim meu pedido seja concedido !

Peço permissão aos dos 16 Odú anciões.

Que meu pedido seja atendido!

Eu saúdo meu pai

E peço permissão a minha mãe

Eu saúdo Orùnmilá

Que vive no céu e na terra

Que o que eu pedir hoje

Se realize para mim

Por favor não permita que meu caminho seja fechado

Qualquer coisa que eu disser para Ogbá, ele aceitará,

Assim como ilakose é o último da família do caramujo

O que ekese diz é ultima palavra

Senhor do Dia de Hoje, aceite minha palavra e a confirme.

Ase, Ase, Ase!

Um adura para oya !



Adura Oya (na língua Yoruba)

Iyawo Obakoso,

Odo kun ko kun, ko si

eniti Oya ko le gbe lo,

Maa jeki gbe mi lo,

Maa jeki nku iku odo,

Maa jeki nku iku ina,

Iya mi borokinni,

Jowo emi nfe oro lati

Odo re,

Emi nfe alafia,

Emi nfe ailera,

Emi nfe ilosiwaúu,

Iyawo onibon-orun, jowo

somi di oloro.

Ase.

Adura Oia (na língua Portuguesa)

Esposa de Obakoso (Xangô)

O rio enche ou não, não há

ninguém que Oia não leve,

Não deixe o rio me levar.

Não me deixe morrer afogado,

Não me deixe morrer no fogo,

Minha mãe é bonita,

Eu quero prosperidade de você,

Eu quero paz,

Eu quero saúde,

Eu quero progresso,

Esposa de dono da trovoada

no céu (Xangô), favor faça-me rico.

Axé.

Oriki Ògún

ÒGÚN - Com Tradução a Cada Linha

Ògún laka aye

(Ogun poderoso do mundo)

Osinmole

(O próximo a Deus)

Olomi nile fi eje we

(Aquele que tem água em casa, mas prefere banho com sangue)

Olaso ni le

(Aquele que tem roupa em casa)

Fi imo bora

(Mas prefere se cobrir de mariô)

La ka aye

(Poderoso do mundo)

Moju re

(Eu o saúdo)

Ma je ki nri ija re

(Que eu não depare com sua ira)

Iba Ògún

(Eu saúdo Ogun)

Iba re Olomi ni le fi eje we

(Eu o saúdo, aquele que tem água em casa, mas prefere banho de sangue)

Feje we. Eje ta sile. Ki ilero

(Que o sangue caia no chão para que haja paz e tranquilidade)

Ase Axé

Oriki Logun

LOGUN - Com Tradução a Cada Linha

Ganagana bi ninu elomi ninu

Um orgulhoso fica infeliz que um outro esteja contente

A se okùn soro èsinsin

É difícil fazer um corda com as folhas espinhosas da urtiga

Tima li ehin yeye re

Montado de cavalinho sobre as costas de sua mãe

Okansoso gudugu

Ele é sozinho, ele é muito bonito

Oda di ohùn

Até a voz dele é agradável

O ko ele pé li aiya

Não se coloca as mãos sobre o seu peito

Ala aiya rere fi owó kan

Ele tem um peito que atrai as mãos das pessoas

Ajoji de órun idi agban

O estrangeiro vai dormir sobre o coqueiro

Ajongolo Okunrin

Homem esbelto

Apari o kilo òkò tímotímo

O careca presta atenção à pedra atirada certeiramente

O ri gbá té sùn li egan

Ele acha duzentas esteiras para dormir na floresta

O tó bi won ti ji re re

Acordá-lo bem é o suficiente

A ri gbamu ojiji

Nós somente o vemos e o abraçamos como se ele fosse uma sombra

Okansoso Orunmila a wa kan mà dahun

Somente em Orunmila nós tocamos, mas ele não responde

O je oruko bi Soponna /

Ele tem um nome como Soponna /

Soro pe on Soponna e nià hun

É difícil alguém mau chamar-se Soponna

Odulugbese gun ogi órun

Devedor que faz pouco caso

Odolugbese arin here here

Devedor que anda rebolando displiscentemente

Olori buruku o fi ori já igi odiolodi

Ele é um louco que quebra a cerca com a cabeça

O fi igbegbe lù igi Ijebu

Ele bate com seu papo numa árvore Ijebu

O fi igbegbe lú gbegbe meje

Ele quebrou sete papos com o seu papo

Orogun olu gbegbe o fun oya li o

A segunda mulher diz ao papo para usar um pente (para desinchar o papo)

Odelesirin ni ki o wá on sila kerepa

Um louco que diz que o procurem lá fora na encruzilhada

Agbopa sùn kakaka

Aquele que tem orquite (inflamação dos testículos) e dorme profundamente

Oda bi odundun

Ele é fresco como a folha de odundun

Jojo bi agbo

Altivo como o carneiro

Elewa ejela

Pessoa amável anteontem

O gbewo li ogun o da ara nu bi ole

Ele carrega um talismã que ele espalha sobre o seu corpo como um preguiçoso

O gbewo li ogun o kan omo aje niku

Ele carrega um talismã e briga com o filho do feiticeiro dando socos

A li bilibi ilebe

Ele veste boas roupas

O ti igi soro soro o fibu oju adiju

Com um pedaço de madeira muito pontudo ele fere o olho de um outro

Koro bi eni ló o gba ehin oko mà se ole

Rápido como aquele que passa atrás de um campo sem agir como um ladrão

O já ile onile bó ti re lehin

Ele destroi a casa de um outro e com o material cobre a sua

A li oju tiri tiri

Ele tem olhos muito aguçados

O rí saka aje o dì lebe

Ele acha uma pena de coruja e a prende em sua roupa

O je owú baludi

Ele é ciumento e anda "rebolando" displiscentemente

O kó koriko lehin

Ele recolhe as ervas atrás

O kó araman lehin

Ele recolhe as ervas atrás

O se hupa hupa li ode olode lo

Ele anda "rebolando" desengonçado para ir ao pátio interior de um outro

Òjo pá gbodogi ró woro woro

A chuva bate na folha de cobrir telhados e faz ruído

O pà oruru si ile odikeji

Ele mata o malfeitor na casa de um outro

O kó ara si ile ibi ati nyimusi

Ele recolhe o corpo na casa e empina o nariz

Ole yo li ero

O preguiçoso está satisfeito entre os passantes

O dara de eyin oju

Ele é belo até nos olhos

Okunrin sembeluju

Homem muito belo

Ogbe gururu si obè olori

Ele coloca um grande pedaço de carne no molho do chefe

A mò ona oko ko n ló

Ele conhece o caminho runsun redenreden

A mo ona runsun rdenreden

Ele conhece o caminho do campo e não vai lá

O duro ti olobi kò rà je

Ele está ao lado do dono dos obi e não os compra para comer

Rere gbe adie ti on ti iye

O gavião pega o frango com as penas

À noite coisa sagrada, de manhã coisa sagrada /

O bá enia jà o rerin sún

Ele briga com qualquer um e ri estranhamente

O se adibo o rin ngoro yo

Ele tem o hábito de andar como a um bêbado que bebeu

Ogola okun kò ka olugege li òrùn

Sessenta contas não podem rodear o pescoço de um papudo

Olugege jeun si okurú ofun

O papudo come no inchaço de sua garganta

O já gebe si orún eni li oni

Ele quebra o papo do pescoço daquele que o possui

O dahun agan li ohun kankan

Ele dá rapidamente crianças às mulheres estéreis

O kun nukuwa ninu rere

Ele guarda seus talismãs numa pequena cabaça

Ale rese owuro rese / Ere meji be rese

Duas vezes assim coisa sagrada

Koro bi eni lo

Rápido como alguém que parte

Arieri ewo ala

A proibição do pássaro branco é o pano branco

Ala opa fari

Ele mexe os braços fantasiosamente

Oko Ahotomi

Marido de Ahotomi

Oko Fegbejoloro

Marido de Fegbejoloro

Oko Onikunoro

Marido de Onikunoro

Oko Adapatila

Marido de Adapatila

Soso li owuro o ji gini mu òrún

Bem desperto, ele acorda de manhã já com o arco e flecha no pescoço

Rederede fe o ja kùnle ki agbo

Como um louco ele se debate para colocar os joelhos no chão, como o carneiro

Oko Ameri èru jeje oko Ameri

Marido de Ameri que dá mêdo

Ekùn o bi awo fini

Leopardo de pele bonita

Ogbon iyanu li ara eni iya ti n je

Ele expulsa a infelicidade do corpo de alguém que tem infelicidade

O wi be se be

Assim ele diz e assim ele faz

Sakoto abi ara fini

Orgulhoso que possui um corpo muito belo.

Oriki Ossosi

ÒSSOSI - Com Tradução a Cada Linha

Òsoosì.

Oxosse !

Awo òde ìjà pìtìpà.



Ó orixá da luta,

Omo ìyá ògún oníré.

irmão de Ògún Onírè.

Òsoosì gbà mí o.

Oxosse, me proteja !

Òrìsà a dínà má yà.

Orixá que tendo bloqueado o caminho, não o desimpede.

Ode tí nje orí eran.

Caçador que come a cabeça dos animais.

Eléwà òsòòsò.

Orixá que come ewa osooso.

Òrìsà tí ngbélé imò,

Orixá que vive tanto em casa de barro

gbe ilé ewé.

como em casa de folhas.

A bi àwò lóló.

Que possui a pele fresca.

Òsoosì kì nwo igbó,

Oxosse não entra na mata

Kí igbo má mì tìtì.

sem que ela se agite.

Ofà ni mógàfí ìbon,

Ofà é a arma poderosa que o pai usa em lugar de espingarda.

O ta ofà sí iná,

Ele atirou a sua flecha contra o fogo,

Iná kú pirá.

o fogo se apagou de imediato.

O tá ofà sí Oòrùn

Atirou sua flecha contra o sol,,

Oòrùn rè wèsè.

O sol se pos.

Ogbàgbà tí ngba omo rè.

Ó salvador, que salva seus filhos !

Oní màríwò pákó.

Ó senhor do màrìwó pákó !

Ode bàbá ò.

Meu pai caçador

O dé ojú ogun,

chegou na guerra,

O fi ofà kan soso pa igba ènìyàn.

matou duzentas pessoas com uma única flecha.

O dé nú igbó,

Chegou dentro da mata,

O fi ofà kan soso pa igba eranko.

usou uma única flecha para matar duzentos animais selvagens.

A wo eran pa sí ojúbo ògún lákayé,

Arrasta um animal vivo até que ele morra e o entrega no ojubo de Ogum.

Má wo mí pa o.

Não me arraste até a morte.

má sì fi ofà owo re dá mi lóró.

Não atire sofrimentos em minha vida, com seu Ofà.

Odè ò, Odè ò, Odè ò,



Ó Odè! Ó Odè! Ó Odè!

Òsoosì ni nbá ode inú igbo jà,

Dentro da mata, é Oxosse que luta ao lado do caçador

Wípé kí ó de igbó re.

para que ele possa caçar direito.

Òsoosì oloró tí nbá oba ségun,

Oxosse, o poderoso, que vence a guerra para o rei.

O bá Ajé jà,

Lutou com a feiticeira

O ségun.

e venceu.

Òsoosì o !

Ó Oxosse,

Má bà mi jà o.

não brigue comigo.

Ogùn ni o bá mi se o.

Vence as guerras para mim

Bí o bá nbò láti oko.

Quando voltar da mata,

kí o ká ilá fún mi wá.

Colhe quiabos para mim.

Kí o re ìréré ìdí rè.e

e, ao colhê-los, tire seus talos.

Má Gbàgbé Mi O,

Não se esqueça de mim.

Ode Ò, Bàbá Omo Kí Ngbàgbé Omo.

Ó Odè, um pai não se esquece do filho.

Oriki Oba

OBÀ - Com Tradução a Cada Linha

Obà, Obà, Obà.

Obá, Obá, Obá.

Ojòwú Òrìsà,

Orixá ciumento,

Eketà aya Sàngó. terceira esposa de Xangô.

O torí owú,

Ela, que por ciumes,

O kolà sí gbogbo ara. fez incisões em todo corpo.

Olókìkí oko.

Que fala muito de seu marido,

A rìn lógànjó pèlú àwon ayé. que anda nas madrugadas com as ayé.

Obà anísùru, ají jewure.

Obá paciente, que come cabrito logo pela manhã.

Obà kò b'óko dé kòso,

Obá não foi com o marido a Koso,

O dúró, ó bá Òsun rojó obe.

ficou para discutir com Oxum sobre comida.

Obà fiyì fún apá oko rè.

Obá valoriza os braços do marido,

Oní ó wun òun ju gbogbo ará yókù lo.

diz que é a parte de seu corpo que ela prefere.

Obà tó mo ohùn tó dára.

Obá sabe o que é bom.

Oriki Oxum

Òsun Òpàrà - Com Tradução a Cada Linha

Òsun Òpàrà

Yèyé Òpàrà !

Obìnrin Bí Okùnrin Ní Òsun

Oxum é uma mulher com força masculina.

A Jí Sèrí Bí Ègà.

Sua voz é afinada como o canto do ega.

Yèyé Olomi Tútú.

Graciosa mãe, senhora das águas frescas.

Opàrà Òjò Bíri Kalee.

Opàrà, que ao dançar rodopia como o vento, sem que possamos vê-la.

Agbà Obìnrin Tí Gbogbo Ayé N'pe Sìn.

Senhora plena de sabedoria, que todos veneramos juntos.

Ó Bá Sònpònná Jé Pétékí.

Que como pétékí com Xapanã.

O Bá Alágbára Ranyanga Dìde.

Que enfrenta pessoas poderosas e com sabedoria as acalma.

Òsun Iponda

Oliri Pa Koko Eni Pon

Poderosa, não empurre o povo de Iponda.

O Ri Onise Oba Ayi Kase

Ela recebe o mensageiro do rei sem respeitá-lo

O Je Dandan Oloran

Ela aceita as palavras do queixoso

O Fi Aja Wà Inu Eke Wò

Com sua sineta ela fura o ventre mentiroso.

Omo Olu Igbo Soki Redà Omo Ni

Não se pode carregar debaixo do braço o filho da mata de Iponda

Oriki Nana

Nànà - Com Tradução a Cada Linha

Okiti Kata, Ekùn A Pa Eran Má Ni Yan

Okiti Katala leopardo que mata um animal e o como sem assá-lo.

Olu Gbongbo Ko Sun Ebi Eje

Dono de uma bengala, não dorme e tem sede de sangue.

Gosungosun On Wo Ewu Eje

MSalpicado com Osun, seu traje parece coberto de sangue

KO Pá Eni Ko Je Oka Odun

Ele só poderá comer massa no dia da festa, se tiver matado algúem.

A Ni Esin O Ni Kange

Ele tem o cavalo, ele tem o quizo.

Odo Bara Otolu

Rio

Omi a Dake Je Pa Eni

Água adormecida que mata alguém sem preveni-lo

Omo Opara Ogan Ndanu

Filho de Opara

Sese Iba O

Orixá , respeito

Iba Iye Ni Mo Mo Je Ni Ko Je Ti Aruní

Louvo a vida e não a cabeça

Emi Wa Foribale Fun Sese

Venho prosternar-me diante do Orixá.

Oluidu Pe O papa

Presto homenagem aos ancestrais.

Ele Adie Ko Tuka

Aquele que tem frango, não depena vivo

Yeye Mi Ni Bariba Li Akoko

Minha mãe estava primeiramente em Bariba

Emi Ako Ni Ala Mo Le Gbe Agada

Eu o primeiro a poder usar a espada.

Emi A Wa Kiyà Onile Ki Ile

Venho saudar o dono da terra para que ele me proteja.

2 ago

Babá Adajaguara

Oriki Osumare

Osumare - Com Tradução a Cada Linha

Osumare A Gbe Orun Li Apa Ira

Osumare permanece no Céu que ele atravessa com o braço

Ile Libi Jin Ojo

Ele faz a chuva cair na terra.

O Pon Iyun Pon Nana

Ele busca os corais, ele busca as contas nana

O Fi Oro Kan Idawo Luku Wo

Com uma palavra ele examina Luku

O Se Li Oju Oba Ne

Ele faz isso perante seu rei

Oluwo Li Awa Rese Mesi Eko Ajaya

Chefe a quem adoramos

Baba Nwa Li Ode Ki Awa Gba Ki

O pai vem ao pátio para que cresçamos e tenhamos vida

A Pupo Bi Orun

Ele é vasto como o céu

Olobi Awa Je Kan Yo

Senhor do Obi, basta a gente comer um deles para ficar satisfeito

O De Igbo Kùn Bi Ojo

Ele chega à floresta e faz barulho como se fosse a chuva

Okó Ijoku Igbo Elu Ko Li Égùn

Esposo de Ijo, a mata de anil não tem espinhos

Okó Ijoku Dudu Oju E A Fi Wo Ran

Esposo de Ijoku, que observa as coisas com seus olhos negros.

ORIKIS

Os Oríkì (do yorùbá, orí = cabeça, kì = saudar) são versos, frases ou poemas que são formados para saudar o orixá referindo-se a sua origem, suas qualidades e sua ancestralidade. Os Oríkì são feitos para mostrar grandes feitos realizados pelo orixá. Com isso, podemos nos deparar com Oríkì não somente para os nossos Orixás, mas também para pessoas que foram grandes lideres, caçadores, governantes, sacerdotes, reis, rainhas, príncipes e todas as pessoas, em que em um passado distante ou recente fizeram algo de importante para com uma comunidade ou para com o povo. Porém para entendermos bem o significado desses Oríkì, devemos ter bons conhecimentos dos orixás.

Oriki Ossain

OSSANYI - Com Tradução a Cada Linha

Agbénigi, òròmodìe abìdi sónsó

Aquele que vive nas árvores e que tem um rabo pontudo como estaca.

Esinsin abedo kínníkínni;

Aquele que tem o fígado trasparente como o da mosca.

Kòògo egbòrò irín

Aquele que é tão forte quanto uma barra de ferro.

Aképè nigbà òràn kò sunwòn

Aquele que é invocado quando as coisas não estão bem.

Tíotio tin, ó gbà aso òkùnrùn ta gìègiè.

O esbelto que quando recebe a roupa da doença se move como se fosse cair.

Elésè kan jù elésè méjì lo.

O que tem uma só perna e é mais poderoso que os que têm duas.

Ewé gbogbo kíki oògùn

Todas as folhas têm viscosidade que se tornam remédio.

Àgbénigi, èsìsì kosùn

Àgbénigi, o deus que usa palha.

Agogo nla se erpe agbára

O grande sino de ferro que soa poderosamente.

Ó gbà wón là tán, wón dúpé téniténi

A quem as pessoas agradecem sem reservas depois que ele humilha as doenças.

Aròni já si kòtò di oògùn máyà

Àròni que pula no poço com amuletos em seu peito.

Elésè kan ti ó lé elése méjì sáré

O homem de uma perna que exita os de duas pernas para correr.

Oriki Oya/Iansã

Oyà - Com Tradução a Cada Linha

Oyà A To Iwo Efòn Gbé.

Ela é grande o bastante para carrega o chifre do búfalo.

Oyà Olókò Àra.

Oyà, que possui um marido poderoso.

Obìnrin Ogun,

Mulher guerreira.

Obìnrin Ode.

Mulher caçadora.

Oya Òrírì Arójú Bá Oko Kú.

Oyà, a charmosa, que dispõe de coragem para morrer com seu marido.

Iru Èniyàn Wo Ni Oyà Yí N Se, Se?

Que tipo de pessoa é Oyà?

Ibi Oya Wà, Ló Gbiná.

O local onde Oyà está, pega fogo

Obìnrin Wóò Bi Eni Fó Igbá.

Mulher que se quebra ao meio como se fosse uma cabaça

Oyà tí awon òtá rí,

Oyà foi vista por seus inimigos

Tí Won Torí Rè Da Igbá Nù Sì Igbó.

E eles, assustados, fugiram atirando as bagagens no mato

Héèpà Héè, Oya ò!

Eeepa He! Oh, Oyà!

Erù Re Nikan Ni Mo Nbà O.

És a única pessoa que temo

Aféfé Ikú.

Vendaval da Morte

Obìnrin Ogun, Ti Ná Ibon Rè Ní À Ki Kún

A mulher guerreira que carrega sua arma de fogo

Oyà ò, Oyà Tótó Hun!

Oh, Oyà, à Oyà respeito e submissão!

Oyà, A P'Agbá, P'Àwo Mó Ni Kíákíá,

Ela arruma suas coisas sem demora

Kíákíá, Wéré Wéré L' Oyà Nse Ti È

Rapidamente Oyà faz suas coisas

A Rìn Dengbere Bíi Fúlàní.

Ela vagueia com elegância, como se fosse uma nômade fulani

O Titi Tí Nfi Gbogbo Ará Rìn Bí Esin

Quando anda, sua vitalidade é como a do cavalo que trota

Héèpà, Oya Olómo Mesan, Ibá Re Ò!

Eeepa Oya, que tem nove filhos, eu te saúdo!

Oriki Obaluaiye

Obaluayê - Com Tradução a Cada Linha

Orìsà Jìngbìnì

Orixá forte

Abàtà, Arú Bí Ewè Ajó

Abatá que floresce exuberante como as folhas da árvore ajó

Orisá Tí Nmú Omo Mú Ìyá

Orixá que pune a mãe juntamente com o filho

Bí Obaluayê Bá Mú Won Tún

Depois que Obaluaê acabar de castigá-los

O Tún Lè Sáré Lo Bábá

Ainda poderá castigar o pai

Orìsà Bí Àjé

Orixá semelhante a uma feiticeira

Obaluayê mo Ilé Osó, Ó Mo Ilé Àjé

Obaluaê conhece tanto a casa do feiticeiro como a da bruxa

O Gbá Osó L'Ójú,

Desafiou o feiticeiro

Osó Kún Fínrínfínrín

E este correu desesperado

O Pa Àjé Ku Ìkan Soso

Matou todas as bruxas permitindo que apenas uma vivesse

Orìsà Jìngbìnì

Orixá forte

Obaluayê A Mú Ni Toùn Toùn

Obaluaê, que faz as pessoas perderem a voz

Obaluayê SSí Odù Re Hàn Mí

Obaluaê, abra seu odu para mim

Kí Ndi Olówó

Para que eu seja uma pessoa próspera

Kí Ndi Olomo

Para que eu seja uma pessoa fértil.

Oriki Oxalá

Osàlà - Com Tradução a Cada Linha

Obanla o rin n'eru ojikutu s'eru. Obà n'ille Ifon alabalase oba patapata n'ille iranje. O yo kelekele o ta mi l'ore. O gba a giri l'owo osika. O fi l'emi asoto l'owo. Oba igbo oluwaiye re e o ke bi owu la. O yi ala. Osun l'ala o fi koko ala rumo. Obà igbo.

Tradução

Rei das roupas brancas que nunca teme a aproximação da morte. Pai do Paraíso eterno dirigente das gerações. Gentilmente alivia o fardo de meus amigos. Dê-me o poder de manifestar a abundância. Revela o mistério da abundância. Pai do bosque sagrado, dono de todas as bençõe que aumentam minha sabedoria. Eu me faço como as Roupas Brancas. Protetor das roupas brancas eu o saúdo. Pai do Bosque Sagrado.

Oríkì à Osàlà

Kí Òrìsà-nlá Olú àtélesé, a gbénon dídùn là. Ní Ibodè Yìí, Kò Sí Òsán, Bèéni Kò Sí Òru. Kò Sí Òtútù, Bèéni Kò Sí Ooru. Ohun Àsírií Kan Kò Sí Ní Ibodè Yìí. Ohun Gbogbo Dúró Kedere Nínu Ìmólè Olóòrun. Àyànmó Kò Gbó Oògùn. Àkúnlèyàn Òun Ní Àdáyébá. Àdáyébá Ni Àdáyé Se.

Tradução

Que o Grande Òrìsà, Senhor da sola dos pés, guie-nos aos benefícios da riqueza! Aqui é a porta do Céu, nela pode-se entrar de dia e de noite. Nela não há frio, e também não há calor. Aqui, na porta do Céu, nada é segredo. E nela todas as coisas permanecerão claras diante da luz de Deus. Que o destino não nos faça usar remédios. Que as pessoas adorem de joelhos as coisas do Céu, para encontrar coisas boas na Terra. Que as coisas boas sejam sempre encontradas na Terra.

Oriki Xangô

Sango - Com Tradução a Cada Linha

Sángiri-làgiri,

Que racha e lasca paredes

Olàgiri-kàkààkà-kí Igba Edun Bò

Ele deixou a parede bem rachada e pôs ali duzentas pedras de raio

O Jajú Mó Ni Kó Tó Pa Ni Je

Ele olha assustadoramente para as pessoas antes de castigá-las

Ó Ké Kàrà, Ké Kòró

Ele fala com todo o corpo

S' Olórò Dí Jínjìnnì

Ele faz com que a pessoa poderosa fique com medo

Eléyinjú Iná

Seus olhos são vermelhos como brasas

Abá Won Jà Mà Jèbi

Aquele que briga com as pessoas sem ser condenado porque nunca briga injustamente

Iwo Ní Mo Sá Di O

É em ti que busco meu refúgio.

Sango Ona Mogba

Bi E Tu Bá Wó Ile

Se um antílope entrar na casa

Jejene Ni Mú Ewure

A cabra sentirá medo.

Bi Sango Bá Wó Ile

Se Sango entra na casa

Jejene Ni Mú Osa Gbogbo

Todos os Orisa sentirão medo.

2 ago

Babá Adajaguara

Oriki Orunmilà

ORUNMILÀ - Com Tradução a Cada Linha

Iba Olodumare

(Eu saúdo Olodumare, Deus maior)

Iba Orunmila

(Eu saúdo Orunmilá)

Iba Ogun Orisa Ile

(Eu saúdo Ogum, o dono da casa)

Iba Irunmole

(Saúdo os Irunmole, os Orixás)

Iba Ile Ogeere afoko yeri

(Saúdo a terra)

Iba atiyo Ojo

(Saúdo o dia que amanhece)

Iba atiwo Oorun

(Saúdo a noite que vem)

Iba F'olojo oni

(Saúdo o dono do dia)

Iba Eegun Ile

(E saúdo o Egun da casa, nosso ancestral)

Iba Agba

(Saúdo os velhos sábios)

Iba Babalorisa

(Saúdo o pai-de-santo)

Iba Omo Orisa

(Saúdo os filhos-de-santo)

Iba Omode

(Saúdo as crianças)

Awa Egbe Odo Orunmila juba O, Ki iba wa se

(Nós, que cremos em Orunmilá, saudamos e esperamos que)

T'omode ba juba baba re, agbe'le aye pe

(Orunmilá ouça nossa saudação)

Ada se nii hun omo

(O filho que reverencia seu pai tenha longa vida e por nada sofrerá)

Iba kii hun omo eniyan

(Que a nossa saudação a nós poupe sofrimentos)

Akoogba kii hum oloko

(Que as plantas boas não falhem ao agricultor)

Atipa kii hun oku

(Que aos mortos não falte sepultura)

Aso funfun kii hun olorisa

(Que a Orixalá não falte o pano branco)

Kaye o-ye wa o

(Para que o mundo nos seja bom)

Ka riba ti se

(Que nossos caminhos se abram)

Ka, ma r'ija Omo araye O

(Que não vejamos a discórdia dos povos sobre a terra)

Ka'ma r'ija eleye O

(Nem a obra das feiticeiras, Ia Mi Ashorongá)

Ajuba O! A juba O!! A juba O!!!

(Nós saudamos, saudamos, saudamos)

Ase

(Axé)

Oriki Esú

ÈSÚ - Com Tradução a Cada Linha

Èsù òta òrìsà.

Exú, o inimigo dos orixás.

Osétùrá ni oruko bàbá mò ó.

Osétùrá é o nome pelo qual você é chamado por seu pai.

Alágogo Ìjà ni orúko ìyá npè é,

Alágogo Ìjà é o nome pelo qual você é chamado por sua mãe.

Èsù Òdàrà, omokùnrin Ìdólófin,

Exú Òdàrà, o homem forte de ìdólófin,

O lé sónsó sí orí esè elésè

Exú, que senta no pé dos outros.

Kò je, kò jé kí eni nje gbé mì,

Que não come e não permite a quem está comendo que engula o alimento.

A kìì lówó lái mú ti Èsù kúrò,

Quem tem dinheiro, reserva para Exú a sua parte,

A kìì lóyò lái mú ti Èsù kúrò,

Quem tem felicidade, reserva para Exú a sua parte.

Asòntún se òsì lái ní ítijú,

Exú, que joga nos dois times sem constrangimento.

Èsù àpáta sómo olómo lénu,

Exú, que faz uma pessoa falar coisas que não deseja.

O fi okúta dípò iyò.

Exú, que usa pedra em vez de sal.

Lóògemo òrun, a nla kálù,

Exú, o indulgente filho de Deus, cuja grandeza se manifesta em toda parte.

Pàápa-wàrá, a túká máse sà,

Exú, apressado, inesperado, que quebra em fragmentos que não se poderá juntar novamente,

Èsù máse mí, omo elòmíràn ni o se.

Exú, não me manipule, manipule outra pessoa.

Oriki Esú

Esù - Com Tradução a Cada Linha

Iba Esù Odara

Esu Odara inclino-me.

A Ba Ni Wa Oran Ba O Ri Da

Ele procura briga com alguém e encontra o que fazer.

O San Sokoto Penpe Ti Nse Onibode Olorun

Ele veste uma calça pequena para ser guardião na porta de Deus.

Oba Ni Ile Ketu

Rei da terra de Ketu.

Alakesi Emeren Aji E Aji E M(u) Ògùn

Aquele a quem se convida e que, tão logo acorda, toma um remédio.

A Lun (se) Wa Se Ibini

Ele reforma Benin.

Laguna Jo Igbo Bi Orò

Laguna queima o mato como oro.

Esù Foli Fò O Fi Ókò Fo Oju Anan Re

Esu arrebenta facilmente os olhos de seus sogros com uma pedra.

LA Nyan Hamana

Ele caminha movendo-se com altivez.

Ika Kò Boro Boro

O malfeitor não morre depressa.

Kò Là Kò Rà O Ba Ona Oja Ile Su

Ele faz com que no mercado nada se compre e nada se venda.

Agbo L Ara A Yaba Má Pa (Mo) Abemu

Agbo faz com que a mulher do rei não cubra a nudez de seu corpo.

O Se Firi Oko Ero Oja

Ele se torna rapidamente o senhor daqueles que passam pelo mercado.

Bara Fi Imu Fon Awon Sebi Okò L O Si

Quando Bara assua o nariz, todo mundo acredita que o trem vai partir.

Ero Palemo Wara Wara

Os passageiros preparam-se rapidamente

ORIKI ÒGÚN

ÒGÚN - Com Tradução a Cada Linha

Ògún pèlé o !

Ogum, eu te saúdo !

Ògún alákáyé,

Ogum, senhor do universo,

Osìn ímolè.

loder dos orixás.

Ògún alada méjì.

Ogum, dono de dois facões,

O fi òkan sán oko.

Usou um deles para preparar a horta

O fi òkan ye ona. e o outro para abrir caminho.

Ojó Ògún ntòkè bò.

No dia em que Ogum vinha da montanha

Aso iná ló mu bora, ao invés de roupa usou fogo para se cobrir.

Ewu ejè lówò.

E vestiu roupa de sangue.

Ògún edun olú irin.

Ogum, a divindade do ferro

Awònye òrìsà tií bura re sán wònyìnwònyìn.

Orixá poderoso, que se morde inúmeras vezes.

Ògún onire alagbara.

Ògún Onire, o poderoso.

A mu wodò,

O levamos para dentro do rio

Ògún si la omi Logboogba.

e ele, com seu facão, partiu as águas em duas partes iguais.

Ògún lo ni aja oun ni a pa aja fun.

Ogum é o dono dos cães e para ele sacrificamos.

Onílí ikú,

Ogum, senhor da morada da morte.

Olódèdè màríwò.

o interior de sua casa é enfeitado com màríwò.

Ògún olónà ola.

Ogum, senhor do caminho da prosperidade.

Ògún a gbeni ju oko riro lo,

Ogum é mais proveitoso ao homem cultuá-lo do que sair para plantar

Ògún gbemi o.

Ogum, apoie-me

Bi o se gbe Akinoro.

do mesmo modo que apoiou Akinoro.

Ògùn - Com Tradução a Cada Linha

Osinmoleba

O próximo a Deus

Olomi Nile Fi Eje We

Aquele que tem água em casa, mas prefere banho com sangue

Olaso Ni Le

Aquele que tem roupa em casa

Fi Imo Bora

Mas prefere se cobrir de mariwô

La Ka Ayê

Poderoso do mundo

Moju Re

Eu o saúdo

Ma Je Ki Nri Ija Re

Que eu não depare com sua ira

Iba Ògún

Eu saúdo Ogun

Iba Re Olomi Ni Le Fi Eje We

Eu o saúdo, aquele que tem água em casa,mas prefere banho de sangue

Feje We. Eje Ta Sile. Ki Ilero

Que o sangue caia no chão para que haja paz e tranqüilidade

Ase Osinmoleba O próximo a Deus Olomi Nile Fi Eje We Aquele que tem água em casa, mas prefere banho com sangue Olaso Ni Le Aquele que tem roupa em casa Fi Imo Bora Mas prefere se cobrir de mariwô La Ka Ayê Poderoso do mundo Moju Re Eu o saúdo

Na cultura yoruba a morte é encarada com naturalidade, o povo deste território tem uma forma bem clara para definir esse momento, a morte não representa o fim, ela representa sim o começo de um novo ciclo.

A morte não é o fim da vida, existe outro mundo paralelo ao nosso, conhecido como orun (céu),que é dividido em nove partes.

Este local para o povo yoruba é a morada dos orisas e dos antepassados, sendo assim o contato entre o orun(céu) e o aiye (terra) acontece de forma constante.

O fato de poder ir e vir são um privilégio, somente espíritos com um caráter exemplar serão escolhidos para serem cultuado como egungun.

Continuar voltando a terra para ver seus descendentes é um prazer, participar da vida da comunidade ou da família possibilita ao individuo eternizar-se,entrar para historia e ser louvado por seus descendentes.

Tenho assistido algumas discussões sobre esse tema com surpresa,a desinformação sobre esse assunto é muito grande,existe uma aura de mistério confundida com mentiras e interesses que distancia muito os iniciados da verdade,imagina¬-se então o que acontece com o público leigo que ignora completamente a realidade.

Passarei agora a uma analise dos fatos sempre considerando a visão do povo yoruba de forma tradicional e não a conhecida visão afra brasileira.

Não existe egungun do orisa Ogun ou de Osun Ou de Obatala,esse é um erro bastante comum,existe sim um espírito de um ancestral (egungun) que um dia foi feito para um determinado orisa,ou não.

Não existe comida de orisa que se serve para um determinado egungun,existe sim pratos tradicionais de um povo que podem ser servidos ou não,de acordo com a preferência do antepassado.

Não existe interditos de egungun,como sal e cor vermelha,tais interditos deixam de existir no momento da morte do individuo.

É possível sim que um espírito feminino seja homenageado após a sua morte em um ritual de egungun.

È permitido sim a permanência de mulheres nos rituais para egungun,eu não acredito quais seriam os objetivos de tais rituais que não fossem os de manter a família e a estrutura de um povo sem que a presença da mulher deixe de ser fundamental.

Todas as casas que cultuam orisa devem ter sim um assentamento de egungun, todo tem antepassados.

Sim é necessário o culto de egungun e orisa assim como de iya mi no mesmo local, um ritual se completa com o outro, até por que estamos prestando homenagens a espíritos evoluídos e de grande compreensão,espírito desinformado não merece tais rituais e sim outros.

Uma pessoa com cargo de Babalorisa sim pode ser um iniciado em Egungun,e outros cultos como o de Iya mi e de Baba Oro,sem nenhum problema,como disse anteriormente os rituais se completam pois todos temos antepassados femininos e masculinos .

Uma pessoa deve sim cultuar egungun de sua família, assim como o egungun da família de orisa a qual ela foi iniciada; cultuar um egungun de alguém que não tem nada em comum com vc é no mínimo desperdício para não dizer total desinformação.

Assentamento de egungun sim pode ser feito em casa alugada,quando a pessoa vai mudar para outro lugar tem um ritual que deve ser feito com uma parte da terra do local,e o assentamento jamais deve ser desfeito e sim transferido.

Toda pessoa um dia pode ser um egungun cultuado sim,o que vai diferenciar quem merece ou não ser cultuado é a finalidade do assentamento,para ser mais claro se eu quero um amigo que vai me orientar,não assentarei o espírito de um qualquer.

Existe sim um odu que autoriza a abertura de um buraco no chão para culto dos antepassados, não mencionaremos aqui por razões óbvias, mas todo ritual em nossa religião consta dos versos dos odus de Ifa.

Sim um egungun assim como um orisa não necessita de um número exato de animais para ser assentado, acontece que o homem esta tão pretensiosa que administra os rituais sem mesmo questionar a divindade e suas preferências.

Quanto à questão da roupa volto a dizer de forma bem clara, quem quiser acreditar em historia de faz de conta que assim o faça, somente quem conhece os rituais de preparação de uma roupa de egungun sabe a importância da mesma na preservação dos membros ali envolvidos.

Quanto ao fato de usar egungun para fazer maldade, eu sei que faz parte da historia humana lançar mão de tudo que é possível para atingir seus intentos, mas é bem verdade que se amamos um egungun e o respeitamos jamais pediremos para interferir em nosso beneficio causando qualquer tipo de dificuldade ao outro,é claro que isso faz parte da formação da pessoa e não de uma religião específica,algumas pessoas não merecem ter o acesso a tais informações mas isso é uma outra história.

BABA EGUNGUN OLOMO KI NSUN O

MAA SUN KI O MAA GBAGBE ILE

MA FI OWO DIGI IGBAGBE MU LORUN

UM ANCESTRAL QUE POSSUI FILHOS E DEVOTOS NAO DORME

NÃO DORME E NAO ESQUECE SUA CASA

NO ORUN , MEU PAI , JAMAIS ABRACE A ARVORE DO ESQUECIMENTO (JAMAIS ESQUEÇA DAS PESSOAS QUE TE LOUVAM).

Diferenças e semelhanças entre cultos

Existe certo desconforto por parte de algumas pessoas em falar da morte e isso acontece em todas as culturas.

Bem, vamos dentro do nosso entendimento da cultura Yoruba assim como de sua religião tentar explicar, o que a maioria das pessoas desconhece.

Para a religião yoruba o fato de poder voltar em espírito para contatar com seus parentes e amigos deve ser motivo de alegria para toda pessoa, pois é cultuado o espírito que em sua vida demonstrou um crescimento e uma desenvoltura digna de proteger e orientar seus descendentes e admiradores.

Existe um momento especial onde o então oku (morto) passa ser chamado por outro nome em yoruba e é reconhecido como um egungun, esse fato é compreendido por nós como o momento em que o ser é divinizado e suas características positivas são exaltadas, e suas poucas características negativas são despachadas com sua vida pregressa, essa segunda parte que é bem conhecida nos rituais fúnebres de nossa religião.

Comparando com alguns espíritos de outras religiões existentes em nosso país, no culto a egungun nós cultuamos as qualidades que destacaram aquele individuo em vida, após sua morte e os demais cultuam o espírito como um todo com suas qualidades e defeitos.

É bem verdade que esse processo de divinização também depende do grau de evolução espiritual do elemento a ser cultuado e não só do ritual que é desenvolvido após sua morte,se é que podemos dizer assim,pois para nós isso só representa um novo começo.

A confusão existente nesse meio é tão grande que as pessoas de um modo geral não distinguem, um isan de um àtòrí, bem parecido com o que acontece em ifa que as pessoas não conseguem identificar a diferença de um caroço de dendê e um ikin.

Gostaria de propor um debate sobre essas questões haja vista que quando criamos essa comunidade a idéia é trocar informações com os nossos amigos.

Gostaria de ouvir a opinião de nossos colegas, pois alguns pontos importantes do culto a egungun ainda não abordamos, como a cabeça e a roupa parte importantíssima do ritual de divinização do egungun assim constituindo seu assentamento.

Yamis cultuadas no Brasil

Prezados amigos, venho aqui mais uma vez trazer um tema bastante controverso: Yamis cultuadas no Brasil. Pode um culto extremamente fechado (na própria África) e matriarcal, estar sendo realizado aqui no Brasil, sem que ao menos exista uma sacerdotisa em nossas terras? Pode um Babalawo, sendo homem operar estas forças? Gostaria de ponderar que louvar, é bem diferente de operar certos rituais. O que vocês acham disso, certo ou errado?

Pode sim, desde que a pessoa seja homem ou mulher tenha o conhecimento e prepararo para tal. Temos que desmistificar um pouco a questão das Iyamis, pois o culto a "qualquer" Òrìsá, é tão perigoso quanto ao delas, só como exemplo, temos ESU ÒRÌSÁ que por sua dinâmica é altamente exigente em seu culto. O que esta acontecendo é que tem gente inventando o problema para vender a solução. Lembrem-se da frase que "macaco velho não mete a mão em cumbuca", se eu não tenho preparo para fazer algo, tenho que procurar alguém que tenha, mas que tenha mesmo, por isto é importante averiguar as credenciais do Sacerdote antes.

Nosso irmão Elesiré, membro desta comunidade, tem excelentes artigos sobre as Iyamis, seria importante seu parecer neste tópico.

Pois é amigo, concordo com vc em parte, mas minha experiência e ensinamentos, mostraram-me que o culto as Yamis é muito desconhecido no Brasil e mesmo na África, muito fechado.

Creio não podermos comparar muito com o culto aos Orixás e mesmo Esù que estão mais incorporados a dinâmica brasileira, permitindo assim, que diversas religiões de matriz africana venham a utilizá-los, obtendo de forma geral maior benefício que malefício.

Ajá as mães feiticeiras dividem-se em: Yami Osoronga funfun, Yami Osoronga Pupa e Yami Osoronga Dudu. Deixo aqui o espaço para os mais velhos discorrerem sobre o assunto.

Muito se tem falado sobre Iya mi,mas pouco se tem divulgado dos detalhes do culto a esse orisa,na verdade pouco se pode divulgar e isso todos compreendem,quando alguém tenta falar um pouco mais imediatamente vira alvo de criticas quase sempre feitas por pessoas que nem são iniciadas.

Nas famílias que cultuam Iya mi,muitos homens são iniciados e participam ao contrario do que é divulgado no Brasil, a presença masculina é muito importante,e homens e mulheres participam de forma harmoniosa dos rituais.

O que se pode divulgar é que as pessoas pactuadas a partir do primeiro imule têm acesso a algumas informações que a maioria nem imagina, isso acontece tanto para homens como para mulheres.

Quando o imule é feito com Iya mi, a pessoa ao contrario do que se pensa desperta uma energia que ela já possui,que somente com um ritual adequado e conduzido por pessoa habilitada justifica essa relação homem divindade trazendo benefícios para o individuo.

Jamais esse ritual pode ser chamado de iniciação, e muito menos de feitura; em uma iniciação o individuo recebe algo que esta faltando, e em uma feitura ele exalta o que já possui, mas em um imule ele assume um compromisso com sua origem seu passado e seu futuro,aflorando assim o desconhecido mas existente principio.

Não mencionarei a ordem dos imules aqui por razões já conhecidas, mas em um deles o individuo enfatiza o seu compromisso com a terra e em outro um com a sua origem.

Posteriormente existirá um contato com forças através de uma representação que será alterada conforme a evolução do individuo diante dos pactos assumidos, seguindo rituais de compromisso até que em um desses é determinado o completo afastamento de algumas atividades.

O então pactuado para seguir em frente devera sair do país, pois só em território yoruba poderá concluir seus compromissos.

È verdade que algumas pessoas falam em sete ou até em nove imules, eu não gostaria de abordar aqui a quantidade nem a ordem dos mesmos, mas em alguns casos eles podem ser interrompidos por orientação de Ifa ou poderão ser feitos em uma ordem mais rápida,sempre visando o bem estar do individuo e o cumprimento de regras previamente estipuladas aonde fica bem claro que só a orientação de Ifa poderá determinar o caminho a ser seguido,pois em alguns casos até a ordem dos imules pode ser alterada.

Algumas pessoas desconhecem mas existe vários tipos de imules inclusive com os outros orisas,sempre buscando a proteção e o beneficio do pactuado.

Eni ti o jin si koto ko ara ehin logbon, adaniloro fi agbara k’o.

Aquele que cai em buraco ensina aos que vêm atrás a terem cuidado.

Íre,o

EWÒ = INTÉRDITOS

EWÒ (EUÓ) são os intérditos que todos nós temos, dentro do culto tradicional Yorùbá uma pessoa descobre seus intérditos na iniciação de Ifá, onde o deus do destino apresenta ao individuo aquilo que ele pode ou não pode vestir, fazer, comer e etc...

Tudo isso está totalmente relacionado ao ORÍ da pessoa, e não ao òrìsà que ela deve cultuar. Pois algumas vezes o que pode ocorrer por coecidência é uma pessoa de Obàtálá não poder

consumir epo púpà (azeite de dendê), não pelo fato de ser devoto de Obàtálá e sim pelo fato de que esse elemento é prejudicial a sua energia vital.

Além de Ifá, os òrìsà também transmitem intérditos aos seus devotos, pois ao fim da iniciação é realizado o jogo onde é apurado o odù de nascimento da pessoa naquele òrìsà, e é nesse odù que o sacerdote deve buscar as orientações para a melhora da vida do recém iniciado.

É preciso lembrar que o ewò é individual, pois de fato aquilo que faz mal para mim pode fazer um grande bem para você, e generalizar ewò é algo complicado.

Existem alguns Ewò coletivos, no culto de Obàlúwàiyé por exemplo os iniciados são terminantemente proibidos de praguejarem ou envenenarem as pessoas, no de Oya o carneiro é intérdito para todos os iniciados, tanto o banho de Èjé como o consumo de sua carne (salvo apenas sob orientação de Ifá).

Os devotos de Obàtálá são proibidos de consumirem alimentos com dendê na frente do ojubo dessa divindade. E todos são terminantemente proibidos de beber emu (vinho de palma) com o risco de ficarem doentes e impotêntes.

ORINS SASANHA

IBÀ BOBO!

OS ORINS EWE.

ÀLÀGBÉ

ODUNDUN (OXALÁ)

ODUNDUN BABA TERÓ LÉ

ODUNDUN BABA TERO LÉ

BABA TERÓ LÉ

MALÉ TERO LÉ

ODUNDUN BABA TERO LÉ.

ÀLÀGBÉ

ÌPESÁN (SANGO)

ÌPESÁN ELEWA

ÈIYÉ T´ALO KÉ MASE SO.

(BIS)

lori ewe òdé /ossayn / omolú

afifá buru

afifá buru (ODÈ)

atitwo àlá

afifá buru

ajáunã fururu

ajáunã fururu

oyjô ará inã (ÒSSÀNYN)

ajaunã fururu

ákòsá golosó

akòsá golosó

ê peregun ê kesélewé

akòsá golosó mi òró (ÒMOLÚ)

akòsá bòsériyn

akòsá bòsériyn

ê peregún ê keselewê

aòsá bòsériyn mi òró

Sassanha

Fèle be nitobè o

Fèle be nitobè o ...ojo lé

Fèle be nitobè o

Fèle be nitobè

Oka kum mo kun o òfé lé bé

Fèle be nitobè o

Tàwa nì

Tà nì iyàbà o

Tàwa nì

Tà nì iyàbà o

Eró Iroko isò

Eró Iroko isò

Osibàtà lá oro kè itá o

Osibàtà lá oro kè eró mi

Sawrere ki àsé

Abertura de sassanha

Tetekun marawo danixenilé

Tetekun massawo danixenile

Eranko massawo danixenile´

Tetekun massawo danixenilé

Afipaburu afipaburu atifolá Afipaburu etc...(acima)

Q iguiadaromio ado igui igui adaromi

E ado igui igui a aguman

o igui igui adaromi

Ewe kilofoguman loman ewue oguman

Ewu assa e oguman lomanewue oguman

Ewe kilofoguman sinsà ewue o asinssà

Ewu assa ewua sinssà loà ewue o asinssà

(falta a acentuação correta)

Reza de Força

Embora não seja um korin ewe essa oração invoca a proteção de Ogun através da força do Osibatá.

"Ojú oro ni leke omi

Osibatá ni leke odo

Ogun Alare je yin leke

Awon otá ni dede"

"Que as águas me protejam dos olhos maus e das palavras ruins

Assim como o rio proteje o Osibatá

Que Ogun Alare me defenda do mal e dos meus inimigos"

Peço ao Senhor do Aço que proteja a todos! ASÉ! ASÉ! ASÉ!

EWÉ BOYÍ -Bétis cheiroso / pimenta de macaco

Folha de força, que acalma, apazigua...

Opeére Osayin s”ibu

Kúrú ìde akàkà

Opeére Osayin s”ibu Bàbá

Kúrú ìde akàkà

Opéeré de osoiyn voa profundo

O pequenino não muda a natureza

Opeeré de Osoiyn voa profundo, Pai

O pequenino não muda a natureza

Obs: Opeére é uma ave africana que está ligada ao culto de Ossayin. Assim como Eyé, voa e informa ao seu Senhor tudo que acontece na Floresta Sagrada.

Ewe Ábèbè Òsún- Erva capitão- Tradução livre

Hydrocotyle bonariensis- Folha muito apreciada pela Senhora das Águas, Òsún. Erva de muito asé e que traz muita prosperidade.

Ábèbè ni gbo wa

Ábèbè ni n'bó

Ewe ábèbè

Ábèbè ni gbo wa

Ábèbè ni n'bó

Ewe ábèbè

É a folha de Abebe que iremos ouvir

Folha que cultuamos sobre a ení

Folha do Abebe

Àgo yà. E wolé. E kàábò- Entre, seja bem vindo

Iroko.

Iroko kokoio

Iroko ara do igui

Ara do igui kokoio

Iroko ara de de ban

Ara de de ban ara de dè ban

Iroko ara de dè ban

ajaa korukotun ajaa korukotun inon aye teteregun igbo imole

ajaa korukotun essa é uma cantiga que se refere a uns dos familiares de osonyin!

Asa O!

Folha da Amizade- Piriquiteiro- Trema micrantha

Ewe Oferé- Folha que une, traz alegria... Unidos somos fortes... Quem não precisa de um amigo?

"Ewe oferé

Oferé je je o

Ewe oferé

Oferé je je o

Ewe oferé "

"A folha do Oferé vai nos dar boa sorte"

Ewe Itá/ Ewe Étipónlá (Repostando)

Aí vai o korin ewe para a folha do ewe itá (pitanga - Eugenia pitanga). Na verdade essa cantiga também serve para a folha de étipónlá, conhecida como erva-tostão ou agarra-pinto (Boerhaavia difussa).

Ifá owó Ifá omo

Ewé étipónlá 'bà Ifá orò

Itá owo Itá omo

Ewé étipónlá 'bà Ifá orò

Orunmilá é quem traz boa sorte e dinheiro

A folha de erva-tostão é abençoada por Orunmilá

Folha de pitanga é quem traz boa sorte e dinheiro

A folha de erva-tostão é abençoada por Orunmilá

outra versão:

A fí pa burúrú,a fí pa burúrú

Etiponlá wa fi pá burúrú

Ita owó, ita omo

Etiponlá wa fi pá burúrú

Nós utilizamos para acabar com as complicações

Etiponlá que nós usamos para acabar com as complicações

A folha de Ita atrai dinheiro, Ita atrai filhos

Etiponlá que nós usamos para acabar com as complicações

Quando cantamos essa cantiga é costume se arrastar as folhas desses ewe no chão da entrada do barracão até a ení do iyawo, para trazer prosperidade e proteção para todos da casa. Também é comum espalhar suas folhas pelo chão do barracão durante o sirè, demonstrando assim a sua importância.

Ewe Ábèbè Òsún-

Erva capitão (Hydrocotyle bonarien)- Folha muito apreciada pela Senhora das Águas, Òsún. Erva de muito asé e que traz muita prosperidade. Sua aparencia lembra o abebe que Osun sempre traz consigo.

Ábèbè ni gbo wa

Ábèbè ni n'bó

Ewe ábèbè

Ábèbè ni gbo wa

Ábèbè ni n'bó

Ewe ábèbè

Tradução livre:

É a folha de Abebe que iremos ouvir

Folha que cultuamos sobre a ení

Folha do Abebe

Ewé Ogbó -Cipó de leite, orelha de macaco

Ewé Ogbó -Cipó de leite, orelha de macaco

A folha de ogbó (Periploca nigrescens) é uma das mais importantes, dentro das casas de Candomblé, sendo considerada uma folha de orò (utilizada para todos). Assim como a folha do Amúnimúyè (Centratherum punctatum- balainho de velho) é utilizado junto com outras folhas para facilitar o transe, principalmente em casos em que o orixá tem dificuldade em "tomar a cabeça" do filho.

Conta um itan que quando Oyá espalhou as folhas que Ossanyìn guardava dentro de sua cabaça, essa foi a primeira folha que Odé (Ososi) pegou pra si. Sendo assim ela representa um dos seus principais fundamentos. Tradicionalmente o Ogbó está associado a todos os orixás masculinos (oboró) e a terra (é um ewé igbó), sendo por excelência atribuída a Ossanyìn. Suas folhas costumam ser empregadas nas casas de culto aos orixás em trabalhos específicos para a cura de casos de epilepsia, o que vem sendo estudado no meio científico, onde há relatos da sua ação no mecanismo de contração muscular. Devido sua importância cantamos sempre para essa folha, fato que é constatado em seus korin ewé:

Ewé ogbó Iroko

Ewé gbogbo orisá

Ewé ogbó Iroko Babá

Ewé gbogbo orisá

A folha de ogbó que abraça Iroko

Folha de todos os orixás

Folha que se enrosca no Iroko, Pai

Folha de todos os orixás

Ewé ogbó Iroko

Ewé ogbó sé ó gbèje

Ewé ogbó Iroko Babá

Ewé ogbó sé ó gbèje

A folha de ogbó que abraça Iroko

É a folha que ele aceitou (comer)

Folha que se enrosca no Iroko, Pai

É a folha que ele aceitou

Ewé ogbó àsà ki ó kójé

Ewé gbogbo orisá

Ewé ogbó àsà ki ó jé Babá

Ewé gbogbo orisá

A folha de ogbó conhece a tradição

Folha que é para todos os orixás

A folha de ogbó conhece a tradição, Pai

Folha que é para todos os orixás

Orisa wérewére

Ewe ogbó t'a w' esè

Ewe ogbó t'a ewe awo

Ewe ogbó t'a w'esè

Lentamente, orixá

Folha com que nós lavamos os pés

Folha ligada ao nosso culto (segredo)

Folha com que nós lavamos os pés

Canta-se para Osun, mas serve para outras Iyagbás também.

Omi Imalé n'ile (ní ewe) awo

Omi Imalé aseke b'ewe

Omi Imalé n'ile (ní ewe) awo

Omi Imalé aseke omo

Oju odo aseke oju orò

Osibata oro oloke omi

Omi imalé aseke omo

Tradução:

"A mãe dos espíritos das águas tem folhas para o culto,

A mãe dos espíritos das águas preparou uma grossa sopa de folhas

A mãe dos espíritos das águas tem folhas para o culto,

A mãe dos espíritos das águas preparou uma grossa sopa para os seus filhos

Dentro d'água preparou a sopa com ojú odo (aguapé), ojú oro (alface-d'água) e osibatá (flor-de-lótus),

Senhora das águas altas (cachoeiras),

Senhora das águas da vida preparou uma grossa sopa de folhas para os seus filhos

Iya Omí Inmolé

Òsányìn!

Nkò da se,

Eléwé me dà se,

Baba aròni me dà se,

Wa fún mi.

Eléwé wá fun mi, l'àse o.

Òsányìn wá fun mi, l'àse o.

Mé dà se.

Òsányìn mé dà se.

Tradução

Ossain,

não faço nada sozinho.

Ó senhor das folhas,

ó Pai Aròni, não faço nada sozinho.

Venha me dar,

ó senhor das folhas, venha me dar axé.

Ossain, venha me dar axé

Não faço nada sozinho.

Ossain, não faço nada sozinho.

Adura

Asé o! Asá!

Owérenjèjé, Ewé Jejé, Ewé Àse (Abrus precatorius)

Jequiriti, olho-de-pombo, tento-miúdo, olho de saci, olho- de-exú

Trepadeira nativa da Mata Atlântica e de Florestas do Caribe, essa folha possui imenso prestígio entre os adeptos do Candomblé, pois é uma das principais folhas de Esú e Osaiyn. Algumas pessoas costumam brincar que enquanto Ogún se veste com o mariwo, Ossaiyn se veste com o owérenjèjé. Outro nome que recebe é Ewé Àse (folha do poder), denotando assim sua grande força e motivo pelo qual merece destaque. Embora seja considerada a primeira folha do orò, durante o ritual da Asà Òsányìn é a folha que deixamos para cantar por último, momento em que, logo após, se canta para Esú Odara. O tento miúdo guarda muitos mistérios consigo, pois, ao mesmo tempo em que permite que o Esú individual (Bara) dê caminhos aos homens também pode trazer muita confusão e discórdia, quando empregada de forma incorreta.

São muito usados dentro da Santeria na forma de Omí eró, os negros cabinda a chamam pelo nome de Nfingu e utilizam suas folhas para acalmar a tosse, maceradas com vinho de palma ou simplesmente mastigando-as. Entretanto, o jequiriti é extremamente tóxico, uma vez que de suas sementes é extraída uma grande quantidade de proteínas venenosas, entre elas a abrina, que possui ação parecida com o veneno da víbora. Suas propriedades toxicológicas e fisiológicas são capazes de aglutinar hemácias, sendo altamente letais em pequenas quantidades.

Na fitoterapia, suas folhas costumam ser aplicadas em solução sobre a pele, em caso de eczemas cutâneos e para tratar conjuntivite (1 mL de líquido da semente em 100 mL de água). As sementes servem como contraceptivo oral, misturadas com outros ingredientes. É importante observar que a ingestão de suas sementes cruas pode causar dor abdominal, náusea, vômito, diarréia, calafrios, vertigem, desmaios e sangramento retal. Alguns estudos revelaram que a abrina quando aplicada na forma de injeção subcutânea pode causar convulsão e morte devido à paralisia cardíaca. Por isso devemos ter muito cuidado com a utilização desse poderoso ewe, que é extremamente quente (gún).

Korin ewe (Jequirití)

Owérenjèjé Owérenjèjé

Ewé pákún obarìsà

Ìbà ni bàbá

Ìbà ní yèyé

Ìbà ‘ba mi s’omo

S’omo mà ‘rò

A fi ipa nla d’àsé

K’orò ko ba

Ògún Akóro Oba Aláyé

Òdé Àrólé Oba Aláyé

Òsun Èwùjí Ìyá Aláyé

Yemojá Àòyó Ìyá Aláyé

Oba Alado Oba Aláyé

Bàbá Àjàlé Oba Aláyé

Òrìsà gbogbo Oba Aláyé

Owérenjèjé Owérenjèjé

Folha poderosa do orixá

A benção é do pai

A benção é da mãe

A benção, pai que acolhe o filho

Que os filhos façam devidamente o ritual

Aquele que usa grande força para ordenar

Que o ritual não falhe

Saudamos Ogum, Rei do Mundo

Saudamos Oxossi, Rei do Mundo

Saudamos Oxum, a Mãe do Mundo

Saudamos Iemanjá, a Mãe do Mundo

Saudamos Xangô, Rei do Mundo

Saudamos Oxalá, Rei do Mundo

Saudamos todos os orixás, Reis do Mundo

Ewêronjejê, ewêronjejê

Maladiorixá Baracobatalá

Igbare babá igbá ô

Igbá Yeyê igbá ô

Iyá moro abewá gbogbo orisá

Tum tum tum ô tum Tum

Menem indá ke ninjô ki feromá

Da ki ninjô labo ejé

Omon ikú ô lesse babá

Ewe si ewápegi, Ewe si ewápegi

Orolufan Ganjú laê

Ewe si ewapegi

Oni sebewá, Oni sebewá

Babá Igbô Oni sebewá

Ogbó (orelha de macaco)

Aquela que permite que todos os orixás nos ouçam:

"Ewé ogbó kini kini ole

Ogbó kini kini moyó

Ogbó Barú faru labá

Babá Barú faru lawo"

sassanha/ macassá

Alguém conhece uma sassanha para o macassá?

Awùrépépé - Agrião do pará

Cantemos então:

Awùrépépé

Pèlépèlé beó

Folha nos abençoe sensatamente

Ou ainda:

Osaiyn Aláwo wa

Sawùrépépé orisá ewé

Òsányìn, Guardião de nosso culto

Suplicamos sua benção, orixá das folhas

orin ti efón

osun tade Osun taade oo

Ora yeye o ni axaulé

osun lade o

Ora yeye o

Oni axaulé

Yeye o,mi aye olorisa turi efón

Yeye o,mi aye olorisa turi efón

Orun axé uelé

e un axé kodun

Orun axé ulé

Tori efón

un axé kodun

Iya mi Osun miwá

Ibá Awure axé ijexa

Iya Mi Osun miwá,Iba awure axé ijexa

Mofori balé fun baba Oke Oloroke

Mofori alé fun baba oke Oloroke

Tani bute tanu bute

Oloroke Oloroke

Tani bute tanu bute

Oloroke Oloroke

Ire Loroke Loroke

Oba taue xê

Ire Loroke Loroke

Oba taue xê

Oke loke erun malé

Kini Oloke

kini oloke kini oloke

baba Oloke eun male

A FORMA DE DESPACHAR OS EBÓS, ANUNCIANDO OS NOMES DOS MENSAGEIROS DOS RECADOS, FALA-SE:

OXÉ-TURA-WAGBATÈTÈ - VENHA RECEBER DEPRESSA

OGUN - DAGBE -DE WÀ GBA TÈTÈ - CHEGUE PARA RECEBER

WORUN -OFUN -WÀ GBA TÈTÈ - VENHA RECEBER DEPRESSA OWORUN

SERE - O GBA - TÈTÈ - RECEBA DEPRESSA OTURÁ -

AYKÓ WA GBA TÉTÉ - VENHA RECEBER DEPRESSA

OTURUPON - OKARAN - WA GBA TÈTÈ - VENHA RECEBER DEPRESSA

OKARAN - OIERU - WA GBA TÈTÈ - VENHA RECEBER DEPRESSA

Sobre os Ebós e Oferendas

Os ebós são oferendas feitas para Orixás, Odù, Eguns e outras divindades para diversas finalidade, sejam elas feitas para apaziguar algum problema, sejam feitas em forma de agradecimento de alguma graça atingida, por alcançar algum objetivo ou simplesmente como forma de agradar as divindades que ora está sendo cultuado. O princípio do Candomblé se baseia no ebó, nas oferendas propiciatórias obtendo a redistribuição do Axé e mantendo seu equilíbrio vital.

Através da hierárquica, todo ebó a ser ofertado, para que o Orixá tome conhecimento, devemos invocar a energia de outros Orixá, que tem o papel especifico de servirem de interligação entre nós e as divindades, sendo que sem a aceitação desses, os Orixá a qual estamos ofertando os ebós não saberão de sua existência.

Gostaríamos de salientar que na sempre ao fazer tais oferendas ou Ebós, se faz necessária a presença ou orientação de um zelador(a) para que seja colocado o Axé necessário para cada ato.

Casamento

Materiais necessários:

Uma fotografia do casal;

Uma tigela branca;

1 par de alianças;

½ kg de açúcar cristal;

½ kg de arroz com casca;

½ metro de fita cor de rosa;

Duas velas, brancas.

Maneira de fazer:

No fundo da tigela colocar a fotografia e por cima as alianças. Cobrir com o açúcar cristal, cobrindo tudo com o arroz. Em seguida unir as duas velas e amarra-las com a fita. Acender as velas, pedindo a YEMONJA união e casamento.

Amaração

Materiais necessários:

Uma Batata doce, grande;

1 Carretel de linha verde;

1 Carretel de linha branca;

Uma tigelinha;

mel;

Água de Flor de Laranjeira;

Açúcar Cristal;

Duas Velas de Sete Dias.

Maneira de fazer:

Pegar a batata doce, cortar sem separar, longitudinalmente, e colocar dentro o seu nome escrito por cima do/da, outro/outra,a lápis, 8(oito)vezes. Amarrar com a linha verde e branca e colocar dentro de uma tigelinha, regando com mel, àgua de flor de laranjeira, açúcar cristal e acender duas velas de sete dias, colocando uma de cada lado da tigelinha e dizer:" OSÙMÀRÈ!, assim como o senhor não vive sem FREKEN, fulano/fulana não viver;a sem mim. OSÙMÀRÈ!, assim como as cobras se arrastam, fulano/fulana há de se arrastar para mim. Após sete dias enterrar.

Acabar com briga em casa.

Materiais necessários:

1 Pombo branco;

1 Metro de fita branca;

1 Imã;

Azogue;

7 Moedas correntes;

Mel;

Água mineral;

1 Obi

Uma tesourinha.

Maneira de fazer:

Amarrar a fita no pé do pombo, passar, simbòlicamente na casa e solta-lo, afastado do portão.

Após 7 dias, colocar atrás da porta, que é mais usada, uma quartinha de barro e dentro dela 1 imã, azogue, 7 moedas correntes, lavadas, mel, água mineral e uma tesourinha

aberta. Pegar um OBI, abri-lo com a unha, tirar o broto com os dentes, jogar o OBI até que dê ÀLÁFIÀ.

Para acalmar filhos.

Materiais necessários:

Uma canjica;

12 quiabos;

Algodão;

Água mineral;

Mel;

Açucar cristal;

Duas velas.

Maneira de fazer:

Acender a vela e num papél liso escrever, a lápis, seu nome por cima do nome da criança.

Cozinhe a canjica, escorra, e coloque, por cima, o papel com os nomes, pedindo..., por cima do papél coloque ,também, um Ajabó com os nomes escritos 8 vezes, cobrindo tudo com algodão, deixando no alto, com uma vela acesa, pedindo a XÀNGÓ para acalmar a cabeça de ..., o anjo da guarda de ... parar de perturbar, etc... .

" Maneira de fazer o AJABÓ: 12 quiabos cortados em cruz, bem pequenas, água mineral, mel e açucar cristal. Bater bem, com a mão direita, pedindo a XÀNGÓ ".

Saúde/Pronta Recuperação

Materiais necessários:

Uma tigela branca;

Açúcar cristal;

Milho de canjica;

Algodão;

Uma vela de 7 dias

Maneira de fazer:

Cozinhar uma canjica com açúcar cristal. Escrever, a lápis, 8 vezes o nome da pessoa doente, colocar na tigela e cobrindo com a canjica(fria). Em seguida cobrir a canjica com algodão, acendendo ao lado a vela, pedindo a ÒÒSÀÀLÀ saúde e pronta recuperação.

Salvar uma vida

Materiais necessários:

Um pedaço de pano branco, virgem;

Uma vela;

Uma moeda,lavada;

1 quiabo;

1 ôvo branco.

Procedimento:

Com o pedaço de pano fazer uma trouxinha, colocando dentro a vela, a moeda o quiabo e o ôvo. Em seguida, passar a trouxinha na pessoa da cabeça para os pés, de uma só vez, não pode retornar. Colocar a trouxinha na porta de uma igreja cujo santo seja masculino. Ao chegar em casa, tomar um banho com água de flor de laranjeira.

Para o marido ser fiél.

Materiais necessários:

Um pouco de leite de peito de mãe recém parida.

Maneira de fazer:

Despeje o leite em uma vasilha, fique de cócora sôbre uma mesa e lave suas partes íntimas. Após esta operação, derrame o líquido em um copo. Logo após coloque-o na geladeira.Quando surgir uma oportunidade dar ao seu marido para beber, adicionado ao café. O líquido restante dar a um animal que goste muito de você . Exemplo: gato ou cachorro.

Marido sair de casa.

Materiais nacessários:

Um pouco do cabelo dêle;

Um pouco de unha dêle;

1 saquinho de pano, virgem;

Pimenta do reino.

Maneira de fazer:

Coloque no saquinho os cabelos , as unhas e misture com pimenta do reino. Enterre o saquinho num formigueiro.

Pessoa sair da vida sem brigas ou confusão.

Materiais necessários:

Uma vela de 7 dias;

1 miolo de boi;

Uma tigela;

Mel;

Água-de-flor de laranjeira;

Vinho brando doce.

Acender a vela e lavar o miolo de boi para tirar todo o sangue, colocar na tigela o nome da pessoa, escrito 9 vezes, a lápis, e o miolo por cima. Colocar por cima mel, água-de-flor de laranjeira e o vinho branco.

Passados sete dias, retirar o papél com o nome, desmancha-lo, bem, em baixo de uma bica e , despachar o miolo num mato limpo.

Para fazer duas pessoas brigarem.

Materiais necessários :

2 bifes;

1 Carretel de linha branca;

1 Carretel de linha preta;

Pimenta malagueta.

Maneira de fazer :

Escreva, a lápis, o nome da primeira pessoa em um papel branco sem pauta, estique o bife sôbre uma mesa ou pia da cozinha, colocando o papél com o nome sôbre o bife, e Enrolando o bife de maneira que o nome fique bem preso dentro dele, enrolando, bem apertado com alinha branca. Proceda da mesma maneira com o outro nome, enrolando com a linha preta. Despeje a pimenta e os dois enrolados de carne em uma bacia ou tigela, deixe por três dias, a contar do dia seguinte. Dar um dos enrolados de carne para um cachorro e o outro para um gato. A pimenta que ficar no recipiente, jogar em um lugar distante de sua casa.

Para chamar clientes.

Materiais necessários :

Três galhos de alecrim;

Pó de sândalo;

Uma bacia de plástico;

Um litro de água benta;

Meio quilo de arroz.

Maneira de fazer :

Despejar a água benta dentro de uma bacia e em seguida o arroz. Com as mãos lave o arroz de maneira que a água fique com a cor branca. Com um o escorredor de arroz, separe a água em um outro recipiente. Adicione a água do arroz o pó de sândalo.

Proceda da seguinte maneira: Salpique dentro do seu local de comércio a água preparada, da porta para dentro e em todos os cantos. Feche o local de comércio e, no outro dia, ao abri-lo, com galhos de Alecrim, varra o arroz da porta para dentro e para o centro,rezando: " Meu Santo Antônio caminhante ,que caminha o mundo inteiro, traga para o meu comércio gente que tenha muito dinheiro".

Em seguida recolha o arroz e coloque na bacia anteriormente usada, levando para uma praça bem movimentada, lá deixando.

Trazer fartura, dinheiro, sorte, etc...

Materiais necessários:

1 Alguidar nº 5;

1 Par de mãos abertas, de cera;

7 Moedas;

1 Imã;

Arroz com casca;

Farinha de kibe;

Semente de girasol.

Maneira de fazer:

Dentro do alguidar colocar o par de mãos voltadas para cima; na mão direita colocar as 7 moedas, na esquerda o imã e em volta o arroz com casca, a farinha de kibe e as sementes de girasol. Oferecer a ODÉ e OYÁ para ... .

Trocar uma vez por ano na lua crescente ou cheia.

Para reconquistar um amor.

Materiais necessários:

1 côco;

1 litro de mel.

Maneira de fazer:

Abra o côco e retire toda a água. Coloque 21 vezes o nome, a lápis, da pessoa amada. Coloque 21 vezes o seu nome. Encha o côco com mel, fechando com uma rolha o orifício e enterre no fundo do quintal.

Para prender a pessoa amada.

Materiais necessários:

1 Pedaço de tecido suado;

1 Carretel de linha branca.

Maneira de fazer:

Pegue um pedaço de tecido suado da pessoa amada, meia, camisa ou cueca, e faça um boneco.

A mesma coisa deve ser feita com uma peça de roupa da pessoa que está fazendo. Junte os dois bonecos e enrolando a linha reze a seguinte oração:

"Minha beata Santa Catarina que sois bela como o sol, formosa como a lua e linda como as estrêlas, entraste na casa do Padre Santuário com 50 mil homens, ouvistes todos, vós os abrandastes, assim peço-vos Senhora, que abrandais o coração de fulano para mim. Fulano, quando tu me vires, esmerarás por mim. Se não me vires, por mim chorarás e suspirarás, assim como a Virgem Santíssima chorou por seu bendito filho. Fulano, debaixo do meu pé esquerdo eu te arremato, seja com duas seja com quatro, que parto o coração de fulano. Se estiveres dormindo não dormirás, se estiveres comendo não comerás, se estiveres conversando não conversarás; não sossegarás, enquanto comigo não vieres falar, contar o que souberes e dar o que tiveres. Me amarás entre todas as mulheres do mundo, e eu para ti parecerei uma rosa fresca e bela".

Para marido voltar para casa.

Materiais necessários:

1 Santo Antônio de madeira.

Maneira de fazer:

Se o seu marido foi embora há muito tempo, compre um Santo Antônio de madeira que o filho seja solto. O Santo você deixa em casa e o filho você leva numa igreja e deixa lá. Coloque a foto do marido embaixo do Santo e, até êle voltar, acenda uma vela fazendo a seguinte oração:

"Meu beato Santo Antônio de Pádua, eu, Fulana, a vossos pés prostrada, vos peço pelo hábito que vestistes, pelo cordão que existes, pela coroa que abristes, pela religião que professastes, pela hóstia e cálice que contastes, pela obediência que tivestes ao Padre São Francisco, pelo sermão que pregastes, pela Ave Maria que pedistes, pelo gozo que tivestes quando livrastes vosso Pai da frondosa morte injusta. Assim vos peço meu beato e glorioso Santo Antônio, debaixo da obediência de meu Senhor Jesus Cristo, que este meu pedido seja feito o mais breve possível, que fulano não coma, não beba, não durma, não pare nem descanse, enquanto não fizer o meu pedido e vos peço, mais pelos três dias que andastes nas matas de bulhões em busca de vosso santo breviário. Vós, meu glorioso beato Santo Antônio, não parastes nem sossegastes enquanto não o haveis de parar nem sossegar enquanto não fizeste o meu pedido. Pela obediência que fizeram os peixes do mar ouvirem as vossas santas palavras, pela resistência que tivestes as tentações do demônio, pela suma devoção que tivestes a Conceição de Maria Santíssima, pela pureza da mesma Senhora, pela claridade que nesta vida obrastes, pelos

pobres, pelas almas de vossos pais, padrinhos, tutores, pelos muitos milagres que neste mundo fizestes, pela alma do purgatório, pela anjo no púlpito. Em vosso Santo lugar, pela glória que gozais em companhia das três pessoas, pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela ressurreição gloriosa me queres favorecer em ouvir os meus rogos, vos prometo mandar dizer uma missa de vosso agrado, reparando pelo que vos tenho pedido e regado, pelo infinito amor do mesmo Deus de sua mãe Maria Santíssima, espero alcançar feliz despacho da vossa proteção o que vos peço e rogo. Amem".

Quando o seu marido tiver voltado, vá na igreja que fez a novena, pegue o filho e de para Santo Antônio de volta, agradeça, assista a missa e peça para o Santo que o seu marido não se afaste de novo.

Maneira de fazer:

Escreva vinte e uma vezes, a lápis, o nome do marido e da amante, colocando dentro do repolho. Enrole o repolho com o pedaço de pano preto ou roxo e jogue em um lugar que tenha lama podre.

TER CHARME :

- 12 camélias brancas.

- Pratos de louça grandes, brancos e fundos (número ímpar).

- 03 chuchus cortados ao meio e fazer um buraco no centro (colocar leite de coco com leite moça).

- 01 pemba branca raspada e uma azul.

- Bastante açúcar branco no meio do chuchu.

- 01 camélia branca no meio de cada chuchu.

- 01 vidro de perfume “ femme ” (cabeça feita).

- 01 gota do perfume em volta de cada flor e uma fita amarrada em laço em cada uma.

- 01 pedra brilhante.

- 01 chave amarela de porta.

- Despachar ao luar.

EBÓ PARA AUMENTAR O MOVIMENTO NO COMÉRCIO

. 01 pote com tampa pintado de purpurina e cheio de moedas até a boca(número ímpar).

. Plantar uma árvore pequena em um vaso de barro, cheio de areia até aboca.

. Colocar o pote ao lado árvore.

. Pendurar notas de todos os valores nos galhos.

. Na boca da vasilha que está a árvore, colocar contas de cristal detodas as cores.

. Flores vermelhas, rosas vermelhas.

. Perfume “ cabeça feita ’’ esparramado na vasilha (árvore).

. Em cada galho, colocar uma estrela e uma fita cor de rosa.

. 01 sininho.

. 07 cordas de violão em cada galho.

Despachar à beira mar em noite de lua cheia,

pedindo o que deseja.

EBÓ PARA A BELEZA

- 01 copo de leite.

- Água de colônia.

- Água de junquilho.

- Catanha do Pará.

- Passar tudo no liquidificador.

- Colocar em um vidro branco com fita azul e por cima semente da castanhade gambá (sem amarrar).

- Despachar no mar.

Para o amor

vai precisa de

07 maçãs vermelhas

07 Botões de Rosas vermelhas

07 Velasd vermelha e Branca

04 galhos de pitangueira

Mel,mas so pode ser puro

07 papéis com os nomes escritos a lápis

Coloque os nomes em cada maçã.

Forme um circulo de maçãs numa bandeja.

Ponha as velas e os galhos de pitangueira por fora do circulo de maçãs.

despeje mel por cima e despache no mato acendendo as velas e fazendo seus pedidos e oferecendo para Yansã.

Para amarrar

material:

1 Batata doce grande

1 Carretel de linha verde

1 Carretel de linhad branca

Uma tigela pequena

mel puro

agua de Flor de Laranjeira

Açucar Cristal

Duas Velas de Sete Dias

pegar a batata doce, cortar sem separar,e colocar dentro o seu nome escrito por cima do da,pessoa outro/outra,a lápis, 8 vezes. Amarrar com a linha verde e branca e colocar dentro de uma tigelinha, regando com mel, agua de flor de laranjeira, açúcar cristal e acender duas velas de sete dias, colocando uma de cada lado da tigelinha e dizer: OSÙMÀRÈ!, assim como o senhor não vive sem FREKEN, fulano/fulana não vivera sem mim. OSÙMÀRÈ assim como as cobras se arrastam, fulano/fulana há de se arrastar para mim. Após sete dias enterrar em algum local de pouco movimento.

Para casar

Materiais necessários

Uma fotografia do casal

Uma tigela branca

1 par de aliançasd

½ kg de açúcar cristal

½ kg de arroz com casca

½ metro de fita cor de rosa

Duas velas, brancas.

No fundo da tigela colocar a fotografia e por cima as alianças.cobrir com o açúcar cristal, cobrindo tudo com o arroz. Em seguida unir as duas velas e amarra-las com a fita. Acender as velas, pedindo a YEMANJÁ união e casamento.

Para ter um amor

Materiais

1 côco

1 litro de mel

Maneira de fazer

Abra o côco e retire toda a água,coloque 21 vezes o nome completo da pessoa com a data de nascimento a lápis, da pessoa amada. Coloque 21 vezes o seu nome da mesma forma escrito por cima do da pessoa. Encha o côco com mel, fechando com uma rolha o orifício e enterre no fundo do quintal

Ebó de encantamento

1 mamão maduro

1 metrop de Fita rosa e branca

Cravo

1 Vela de 3 dias amarela

1 litro de mel puro

cortar o mamão no meio colocar os nomes regado a mel, em cima de um prato branco, amarrar com as fitas e enfeitar com os cravos após por na beira de um campo ou beira de algum corrego.

COMANDAR, ORDENAR, SER O CHEFE.

- 07 soldadinhos iguais.

- 01 outro um pouco maior.

- 04 cervejas brancas e 03 pretas, todas abertas.

- 01 cerveja com 07 charutos amarrados no gargalo com uma fita vermelha e um cravo vermelho.

- Junto às garrafas, colocar os pedidos.

- Oferecer às entidades que foram militares graduados, pedindo forças, poder êxito em tudo.

- Colocar em cada cerveja um cravo branco com fita branca.

- Na cerveja com o cravo vermelho, colocar 01 coroa de louro e em volta 7 charutos e algumas palmas.

CONCEBER FILHO :

- 01 lenço azul de seda para embrulhar 01 alguidar.

- 07 cogumelos brancos, sem cortar e fresquinhos.

- Um pouco de areia.

- 01 dália ou crisântemo colocado no meio do alguidar dentro da areia, pintado com purpurina misturada.

- Enterrar o alguidar na areia e colocar algumas flores ao redor com cogumelos.

- Em um novo alguidar, colocar 01 laço de fita amarela e branca.

- 01 guaraná.

- 01 leite moça, com 03 punhados de açúcar dentro.

- 01 orquídea branca e 01 rosa.

- 01 colar de contas de cristal azul, fino para cristalizar as coisas, 02 gramas de essência de cravo.

- 01 pemba chamada obi raspada.

- Pó de pemba.

- 01 perfume cabeça feita.

- 02 ímãs de aço. Despachar no mar.

CONSEGUIR COISAS QUE SE QUER :

- 01 coração de cera grande e pintado de vermelho.

- 01 orquídea branca natural.

- Contas vermelhas de cristal.

- 01 caneta azul nova.

- 01 pemba azul.

- 01 garrafa de vinho do Porto.

- Guardar isso por algum tempo e quando conseguir o que quer, despachar com ímã de aço e mercúrio.

- 02 punhados de areia do mar em uma tigela de barro grande ou alguidar dourado.

- Deixar descansar e depois plantar com os pedidos dentro, 02 punhados de alpiste.

- Se brotar (nascer), irá conseguir o que quer.

DINHEIRO :

- Em uma jarra prateada colocar :

- Olho de boto.

- 01 garrafa de guaraná.

- Azougue.

- 03 colheres de perfume cabeça feita dentro da jarra.

- 02 estrelas de aço com fitas amarradas.

- 01 estrela do mar colorida.

- 01 pedra bruta semi-preciosa sem ser lapidada.

- 01 espelho no fundo.

- Colocar os pedidos.

- Também algumas moedas simbólicas.

- 01 ímã de aço.

- Água de rosa.

- Búzio do mar, caramujos, pó de prata, azeite de dendê com mel e 01 cacho de uvas brancas.

- Em volta da jarra 01 lenço azul de seda.

- Guardar por um mês em casa e depois despachar no mar.

EMPREGO :

- 01 chapéu pequeno.

- 01 colher de pau.

- 01 garrafa de licor de pêssego.

- 01 m de fita amarela e 01 de vermelha. Unir as duas fitas e dar três nós nas pontas fazendo os pedidos.

- Colocar dentro do licor com a colher amarrada no gargalo da garrafa de licor.

- Despachar no mar.

- Martini com 12 gotas de limão.

- Enfiar 07 contas brancas de louça em um cordão de nylon.

- Enfiar mais 03 contas pequenas e dar um nó.

- Pedir o que deseja.

- Novamente dar outro nó.Tornar a fazer o pedido.

- Pegar uma espada de aço.

- Colocar tudo dentro da bebida.

- Tirar um pouco (salvar as entidades).

- Jogar uma colher de pemba amarela raspada dentro do Martini.

- Despachar à beira mar.

CONTROLAR OU CONQUISTAR (PESSOA) :

- Untar com óleo de jalapa 01 pedaço da mesma planta.

- Escrever sobre uma folha de papel marrom o nome da pessoa a quem se deseja controlar ou conquistar.

- Molhar o papel em " óleo para vencer ".Ao secar o papel, enrrolá-lo na planta jalapa e amarrar com fio de linha malva.

CONSTRUÇÃO (IMÓVEL) :

- 07 PEDRINHAS BRANCAS.

- Em cada uma delas amarrar uma fita de uma das sete cores.

- Coloca-la dentro de uma tigela com um punhado de areia branca e outra de açúcar cristal.

- 07 cartões brancos.

- 01 sabonete verde.

- 01 pouco de areia dentro de 01 l da bebida cinzano.

- 01 outro punhado deixar à parte dentro de uma vasilha com mel.

- Colocar em um canto da praia e oferecer à JOÃO DA PRAIA.

AMOR :

- Calda dourada.

- No meio da calda colocar 01 rosa branca bem aberta, 01 colher de mel, os pedidos, cravo, canela em pó, pó de cobre, 01 pedra artificial de vidro, perfume cabeça feita, 01 estrela do mar, mais duas rosas, sendo que uma junto a um papel com seu nome e o que faz e um pouquinho de açúcar amarelo, uma pemba amarela, 01 chave,contas alaranjadas.

- Tudo deve ser posto em uma vasilha transparente, com 03 gotas de azougue.

- Tampar e despachar em um lago ou no mar.

CRIAÇÃO DE GALINHAS :

- 01 ovo de chocolate grande com um furo no meio onde possa passar uma semente de obi.

- 01 gema de ovo de galinha. Purpurina sobre a gema (sem parti-la). Depois coloca-la dentro do ovo. Colocar também purpurina dourada.

- Óleo de gambá.

- 03 gotas de óleo de amêndoa.

- Gotas de mercúrio.

- Raiz de erva tostão.

- Colocar ovo em um canto e sem deixar a gema furar, pedindo que aumente a produção de ovos na granja.

- Colocar uma flor de obi ralada bem fininha.

- Tampar com uma flor de cravo vermelha.

- Tudo deve ser posto em um vidro, junto com os pedidos. Para estabilidade, pode ser colocado uma flor de cravo e uma de sempre viva.

- Despachar em mar bem calmo.

CALOR NA RELAÇÃO :

- Mel e caroço vermelho de amendoim.

- Açúcar cristal.

- 01 copo de coco ralado.

- Chuchu com dois buracos no meio e uma rosa vermelha.

- 03 botões de rosa no centro.

- 01 espelho pequeno.

- 01 carambola picada, e os pedidos.

- 01 perfume sândalo.

- 01 pemba verde e uma pemba rosa misturadas.

- Colocar tudo em uma vasilha de barro.

DEIXAR VÍCIOS :

- 01 vidro de boca larga.

- 03 m de fita verde e 03 de fita vermelha.

- Fazer uma trança e passar no mel, pedindo tudo que deseja (fixar o pensamento na cura que se deseja alcançar).

- 01 corrente de aço partida em 04 partes.

- 01 campari e um guaraná juntos.

- 01 copo.

- 07 varinhas que deverão ser queimadas juntas, com os pedidos para que todo o mal se vá para sempre.

- Despachar em água corrente.

DESFAZER FEITIÇOS AMOROSOS :

- 01 copo de leite de coco.

- 01 pemba branca.

- Essência de mil flores.

- 01 litro de vinho branco.

- 01 litro de cachaça.

- 05 colheres de suco de limão galego.

- 19 gotas de mel.

- 09 tijolinhos de amor – amor.

- 09 confeitos de amendoim.

- 01 copo de groselha.

- 01 guaraná.

- 06 dálias brancas.

- 01 vidro de purpurina prateada.

- Óleo de banana.

- 01 vidro com tampa.

- 01 moeda antiga (pataca).

- Colocar uma pedra branca.

- Despachar em água doce.

ABRIR CAMINHOS :

- 01 prato novo e sem uso.

- Colocar purê de batatas no prato.

- Palmas brancas.

- 01 pedaço de pano branco (1 m).

- Perfume de rosa.

- 01 garrafa de vinho.

- 01 pratinho de arroz sem sal.

- 02 pãezinhos.

- 02 garrafas de vinho moscatel abertas.

- 03 copos.

- 01 bolo de batata cozida com mel e 01 bola de gude amarela em cima (colocar em 01 pirex azul).

- Os pedidos e os nomes de quem quer beneficiar.

- Despachar à beira mar.

- 01 prato com favas brancas (cozidas e temperadas com alho, cebola e bastante azeite).

- 01 colher nova.

- Arroz branco e sem tempero.

- Colocar tudo junto em 01 prato com toucinho defumado.

- 01 licor suave aberto.

- Groselha em copos.

- 01 pano branco como toalha (1m).

- 01 garrafa de vinho aberta.

- 02 pãezinhos cortados em fatias.

- 03 pratinhos de papelão juntos.

- Despachar em campo aberto.

ABRIR CAMINHOS E PARA VENDAS EM GERAL :

- Pó de folha de abre caminho.

- 01 garrafa de cachaça aberta.

- Colocar dentro de um vidro.

- 01 colar verde.

- 01 laço de fita vermelha no gargalo da garrafa.

- Pipoca em um pires branco.

- Despachar em um areial.

ABRIR CAMINHOS, TRAZER DINHEIRO, PROSPERIDADE :

- 01 inhame do norte assado, 21 moedas correntes, 21 taliscas de mariwô (folha da palmeira), 01 acaçá branco (bolinho de milho branco misturado com água, envolto em folha de bananeira), 01 acaçá vermelho (igual ao branco , porém com farinha de milho amarela), azeite de dendê e mel.

- Assar o inhame na brasa (se for preciso raspar um pouco para tirar o excesso queimado). Colocar no alguidar. Enterrar os talos de mariwô e chamando Ogum. Fazer o mesmo com as moedas. Colocar os acaçás (um em cada ponta do inhame). Regar com um pouco de azeite de dendê e mel, 01 pitada de sal.

- Acender uma vela vermelha e fazer seus pedidos a Ogum.

- Colocar este despacho no muro, ao lado do portão.Se a pessoa morar em apartamento, colocar dentro de sua casa, atrás da porta de entrada.

- Depois de 07 dias, despachar sob uma árvore bem frondosa.

ACALMAR A PESSOA AMADA :

- 05 batatas inglesas, mel azeite doce, açúcar mascavo, 02 velas amarelas de 30 cm.

- Cozinhar as batatas sem casca. Após esfriarem colocar um pouco de mel, azeite doce e açúcar mascavo em um prato de louça. Ir amassando as batatas com as mãos e misturar tudo. Enquanto faz isso, pensar na pessoa amada. Deixar a massa em forma de coração. Acender as duas velas, oferecer e pedir ajuda à Oxum Àpáàrà.

ACALMAR QUALQUER PESSOA :

- Preparar um boneco de pano ou louça.

- Lava-lo em chá de cambará cereja, enquanto chama o nome da pessoa por 03 vezes.

- Enrolar o boneco com cipó-de-S.Francisco.

- Em 01 caixa que caiba o boneco, colocar flor de laranjeira. Colocar o boneco dentro.

- Fazer a oração: “ Peço que todos os males e nervosismo de (nome da pessoa) fiquem nesta caixinha. Esse boneco e esse cordão vão sempre levando todos os males e (nome da pessoa) se libertará de todos os males e desses pesadelos, assim seja “.

- Despachar em uma balsa ou em uma ponte elevadiça.

ACALMAR UMA SITUAÇÃO :

- Talco em uma vasilha e 02 esponjas azuis.

- Sândalo em pó.

- Óleo para cabelo e brilhantina.

- 01 pratode macarrão feito em água mineral, com um molho grosso (feito com 07 tomates). Depois de pronto e sobre ele, uma colher de azeite doce.

- 01 pedaço de lingüiça.

- 01 pemba branca raspada.

- Enfeitar com azeitonas e folhas de louro.

- Cubrir a tigela com 01 m de pano branco.

- As esponjas e o talco devem ser colocados ao lado.

- 01 lenço de cabeça.

- Ofertar e despachar à beira mar.

ADOÇAR ALGUÉM :

- 01 pequena caneca de smalte branca.

- 01 laço feito com fita branca.

- 01 pente.

- Pedidos por escrito e à lápis.

- Despachar na mata.

- Balas de coco brancas (em número ímpar).

- Pedaços de fumo de corda (idem).

- Despachar na mata.

FAZENDEIROS OU DONOS DE TERRA QUE PRECISAM DE AJUDA :

- 02 caixas de charutos com terra da fazenda (ou propriedade) dentro.

- Fincar na terra 7 charutos. 05 m de fita fina e verde.

- 01 ímã de aço.

- 02 garrafas de cerveja preta e 01 de branca (em uma colocar purpurina dourada, na outra prateada com açúcar verde).

- 04 guaranás.

- 01 garrafa de leite puro.

- 01 maço de cigarros.01 caixa de fósforos.

- Tudo colocado sobre 01 m de pano verde.

- 03 velas verdes e 01 amarela (coloca-las dentro de um prato com mel).

- Colocar este prato dentro de um defumador ou queimador.

ALGUÉM ABRIR O JOGO (SEGREDOS, CONFIDÊNCIAS, ETC) :

- 01 mesa redonda de madeira ou plástico.

- Um pano verde claro com rendas brancas na borda.

- 01 baralho que deve ser aberto sobre a mesa (completo), como se fosse haver jogo .

- 01 língua de papel pintado com lápis cor de rosa.

- 02 chaves.

- 02 cadeados abertos.

- 01 maço de cigarro minister.

- 01 cinzeiro azul.03 velas verdes acesas.

- 01 garrafa de conhaque aberta.

- 03 copos.

- 01 caderno.

- 01 caneta nova.01 pemba azul.

- Deixar na mesa as velas acesas dentro de um prato branco com mel.

- Despachar na mata.

PARA QUE ALGUÉM SE DECIDA :

- Uma toalha branca que deverá ser desfiada e em pedações para isolar.

- 07 chaves de aço.

- 01 boneco envolto em uma capa.

- Colocar tudo dentro de uma caixa.

- Colocar farofa de farinha, azeite de dendê .

- Colocar em um alguidar, junto com uma pá de madeira com cabo longo.

- Sementes de girassol.

- Flores de gerânio.

- 01 fita azul e outra branca juntas, com as pontas amarradas.

- 01 bandeira do Estado.

- 01 carvão pintado de vermelho.

- 05 guaranás abertos e copos.

- Perfume “ Musk “.

- Alfavaca .

- Mel.

- 01 maçã em um prato com açúcar (deixar ela bem mergulhada).

- 20 orquídeas.

- 01 ímã de aço.

- Despachar à beira mar ou em algum lago.

AMOLECER O CORAÇÃO DE ALGUÉM :

- 01 MAMÃO MADURO. Corta-lo ao meio.

- Colocar açúcar, o nome da pessoa e o que deseja.

- 01 parte deixar à beira mar e a outra em água doce com um copo de vinho tinto e um prato branco com beijos e rosas juntos.

ARRUMAR EMPREGO :

- Vários pés de moleque em um prato.

- 01 ventarola de papel de seda.

- 07 guaranás abertos.

- 01 doce molinho em outro prato com os pedidos.

- 07 bolinhas de gude vermelhas (ou em qualquer número ímpar).

- 01 prato de canjica adoçada com mel e queijo.

- Farinha de amendoim torrado.

- 01 flor artificial.

- Despachar em uma nascente.

Ebó para Ògún

Para abrir caminhos, trazer dinheiro, prosperidade

1 inhame do norte assado, 1 alguidar médio, 21 moedas correntes, 21 taliscas de mariwô (folha de palmeira), 1 acaçá branco (bolinho de milho branco misturado com água, envolto em folha de bananeira), 1 acaçá vermelho (igual acaçá branco, porém com farinha de milho amarela), azeite de dendê e mel.

Como Preparar: Asse o inhame na brasa. Se necessário, raspe um pouco para eliminar o excesso de negrume. Colocar dentro do alguidar. Vá enterrando os talos de mariwô e chamando por Ògún, Faça o mesmo com as moedas. Coloque os acaçás, um em cada ponta do inhame. Regue com um pouco de dendê e mel, 1 pitada de sal. acenda uma vela e faça seus pedidos a Ògún. Deve-se colocar no muro, ao lado do portão, ou no chão, na entrada do portão. se você morar em apartamento, coloque dentro de sua casa, atrás da porta de entrada. Deixe 7 dias e após, despachar aos pés de uma árvore frondosa.

PRESENTE A OXUN

Para acalmar a pessoa amada

5 batatas inglesas, mel, azeite doce, açúcar mascavo, 2 velas.
Como Preparar: Cozinhe as 5 batatas inglesas sem casca. Deixe esfriarem. Coloque um pouco de mel, azeite doce e açúcar mascavo em um prato de louça, vá amassando as batatas com as mãos e misturando tudo. Faça isso pensando na pessoa amada. Dê um formato de coração à massa. Acenda 2 velas amarelas de 30 cm ao lado. Ofereça a Òsún Àpáàrà.

Oferendas a Ogun

Material: 1 inhame; Azeite de dendê; Mel de abelhas; 1 palma de dendezeiro (mariwo), pode ser de coqueiro caso não ache o dendezeiro; 1 vela branca.

Modo de fazer: Asse o inhame. Retire os talinhos das folhinhas da palma do dendezeiro. Depois que o inhame esfriar monte-o enfiando os talinhos em toda o corpo do inhame, escreva o nome da pessoa que se deseja ajudar em um prato branco e coloque o inhame em pé sobre o nome, coloque o mel e um pouco de dendê sobre o inhame e os talinhos . Pede-se o desejado à Ogum. Coloque próximo ao portão da casa que se fez a oferenda.

Ebó para Èsù Lonan

Abrir Seus Caminhos, para tirar feitiço, olho-grande, inveja.

1 metro de morim vermelho, 1 alguidar médio, 7 velas brancas, 1 bife de boi cru, 7 moedas atuais, 7 búzios abertos, 1 farofa de dendê, com uma pitada de sal, 7 limões, 7 acaçás vermelhos, 7 ovos vermelhos, 1 obi.

Como Preparar: Abra o morim em sua frente. Acenda as velas. Passe o alguidar pelo seu corpo e coloque-o em cima do pano. Passe os ingredientes no corpo, pela ordem acima. Por último, abra o obi, e leve-o até a sua boca, fazendo seus pedidos. Deixe-o em cima do ebó. Feche o morim. Este ebó tem que ser despachado em rua de muito movimento, onde tenha muitas casas comerciais.

Oferendas a Exú

Material: Farinha; Azeite de dendê; Mel de abelhas; Farinha de milho branco; Fígado, coração e bofe de boi; Cebola; Camarão seco socado; Um alguidar.

Modo de fazer: Faça uma farofa com dendê, uma com mel e uma com água, separadamente. Faça o acaçá branco cozinhando a farinha de milho em água, deixe a massa bem consistente, depois coloque em um pedaço de folha de bananeira e enrole. Deixe esfriar. Corte os miúdos de boi em pedaços pequenos e coloque para refogar com dendê, cebola, um pouco de sal, o camarão e rodelas de cebolas. Coloque as farofas no alguidar sem misturar muito, ponha o refogado de miúdos sobre a farofa e coloque o acaçá no centro. Oferece-se para Exú pedindo o que se quer. Coloque em uma praça bem movimentada.

Ebó Para Caso de Prisão

Escrever o nome do preso em 21 ovos. Quebrar ao redor da delegacia ou presídio, chamando por Exu Tiriri e pedindo o que quer.

Fazer um caruru para sete crianças. Limpar as mãos na roupa da pessoa e despachar na cachoeira.

Se a pessoa ainda não tiver sido presa, limpe as mãos das crianças na roupa e no corpo da pessoa. Depois, despachar a roupa na cachoeira e dar um banho de cachoeira na pessoa.

Ebó Para Yansã - Oyá Onirá

Material Necessário:1 Abóbora moranga4 Búzios abertos4 Noz moscada4 Moedas4 Acarajés4 Metros de fitas vermelha / Branca1 Saco de morim

Maneira de Fazer: Fazer um buraco na abóbora, colocar o resto das coisas, depois de passadas no corpo. Tapar a abóbora, amarrar com fitas. Entregar a OYÁ ONIRA no alto de um morro, às 18:00 ou 24:00 horas, acender e pedir tudo de bom.

Ebó Para Resolver Problemas Difíceis

Material Necessário:2 Acaçás Brancos 2 Ovos Brancos 2 Quiabos 2 Moedas 2 Conchas 1 Oberó

Maneira de Fazer: Passa-se tudo no corpo e coloca-se num Oberó, colocar bastante mel e arriar numa praça e pedir a MEGE ou MEGIOKO que traga tudo de bom e em dobro. Este Ebó tem que ser feito com 2 pessoas, acompanhadas de duas crianças.

Nota: Este Ebó só pode ser feito nas terças-feiras.

Ebó de União

Colocar o nome das duas pessoas dentro de um Obi e enterrar em um pé de planta sem espinhos, colocar bastante mel e fazer os pedidos.

Ebó Para Deixar de Beber

1. Escrever os pedidos na fronha do travesseiro e depois despachar no mar.

2. Sacudir a pessoa com pipocas e um frango numa cova abandonada do cemitério, fazer pedidos e deixar tudo aquilo ali.

3. Torrar a maça de vaca e fazer o pó. Esse pó deverá ser colocado na bebida que a pessoa mais gosta ou comida.

4. Fazer uma infusão de cachaça, camarão pitu e restos das fezes do beberrão. Quando ele beber fará vômitos. Quando vomitar, junte o vômito e enterre numa cova abandonada, acendendo uma vela e fazendo pedidos.

Para Descobrir Um Orixá Que Não Aparece no Jogo

Colocar um Obi com uma moeda corrente dentro de uma folha da costa (saião) e colocar 3 noites debaixo do travesseiro da pessoa. Retirar e colocar no meio do jogo de búzios, pedindo à IFÁ e ORUMILA que apresente o Orixá.

Ebó Para Afastar Egun

Material Necessário:9 Ovos Brancos 9 Ecurus 9 Acaçás Brancos Canjica Branca Escaldada 9 Velas Brancas Morim Branco

Maneira de Fazer: Passar tudo pelo corpo e pedir à OYÁ EGUNITÁ para afastar todos os males e Eguns. Em seguida, tomar um banho de Abô e acender 7 velas para Omolu, fazendo os pedidos.

Depois, passa-se um pombo pelo corpo da pessoa e solta-se. Em seguida, a pessoa deverá tomar 7 banhos durante 7 dias seguidos, cumprindo preceito.

Ervas Necessárias:Dandá-da-costa - ralado Saco-Saco Erva D'Oshóssi Aroeira Branca Funcho

Oferendas Para Oxalá - Prosperidade

Local: Dentro de Casa
Horário: Diurno
Dia da Semana: Sexta-Feira

Material Necessário:
01 Tijela branca e 16 Acaçás

Modo de Fazer: Colocar na tijela branca 16 acaçás, pedindo a OXALÁ ajuda e melhoria de vida, colocar em cima do telhado, pedindo que OXALÁ o ajude e leve-o o alto AXÉ.

Ebó Para Atrair Clientes

Local: Terreiro de Candomblé.
Horário: O que lhe melhor lhe convir.
Dia da Semana: Terça, Quarta ou Quinta-Feira.

Material Necessário:

02 kilos de Milho Vermelho - 07 Moedas - 01 Omolocum - 09 Acarajés e 01 Ajebó.

Modo de Fazer: Colocar dois quilos de milho no fundo de uma panela. Colocar sete moedas. Sair pela manhã antes do sol nascer, fazer a volta jogando pela rua, e gritar por OGUN, entrar no,portão, tirar as moedas e colocar no jogo. Arriar um Omolocum para OXUN e nove acarajés para YANSAN, após vinte e um dias dar um Ajebó para XANGÔ, dentro de casa, com nove moedas, colocar no canto do quintal, as moedas colocar no jogo.

Oferenda a Obaluaiê (Inveja e Olho Gordo)

Local: Terreiro de Candomblé.
Horário: Diurno
Dia da Semana: Sexta-Feira.

Material Necessário:
01 quilo de milho alho 10 orogbôs, 10 moedas correntes e 10 favas de olho de boi.

Modo de Fazer: Fazer do milho alho, pipoca (flores do velho), colocar dentro de um Oberó (aguidá), colocar 10 orogbô, passando um a um pelo corpo, passar em seguida as 10 moedas, uma uma pelo corpo, em seguida passar as favas de olho de boi, pelo corpo pedindo tudo o que quiser. Colocar tudo dentro do Oberó, em cima as pipocas.

Obs: Esta obrigação tem por finalidade segurar sua casa do mal, dos inimigos e dos invejosos. Afastando-se de sua casa e mais quem estiver prejudicando ou perturbando seu lar.

Oferenda a Oyá Onirá (Bons Negócios)

Local: Alto de um morro
Horário: Diurno
Dia da Semana: Quarta-Feira.

Material Necessário:
01 abóbora, 04 búzios abertos, 04 nóz moscada, 04 moedas correntes, 04 metros de fita branca, 04 metros de fita vermelha, 01 papel com seu nome e da pessoa com quem quer realizar o negócio e mel de abelha.

Modo de Fazer: Corta-se a abóbora moranga em cima e, coloca tudo dentro do saco, colocando em seguida o saco dentro da abóbora, fecha-se a abóbora e amarra-se com fitas brancas e vermelhas, coloca no alto de um morro e entrega a Yansán Onirá.

Obs: Entrega-se a Yansán pelos caminhos de Obará.

Ebó Para Limpeza da Casa (Moradia)

Local: Dentro de Casa
Horário: Qualquer um
Dia da Semana: Segunda-Feira.

Material Necessário:
01 Pombo branco e 01 metro de fita branca.

Modo de Fazer: Cava-se um buraco e coloca-se uma tigela com ovos gôros, cobrindo-os com prato branco, cobre-se o buraco com uma tampa. Sempre olhar os ovos, para ver se estouram, remove-los e substituí-los.

Obs: Despachar na encruzilhada. Por dentro do barracão em um canto, uma tigela com 07 ovos bons e água com sal grosso. Quando fizer sete dias, despacha-los em uma encruzilhada aberta, fica-se no meio da encruzilhada e joga-se os ovos para trás de si e sai sem olhar para trás, em seguida, coloca-se novos ovos no local.

Para Conseguir Um Bom Emprego

Um Galo Para Xangô Airá

Local: Pedreira
Horário: 18:00 horas
Dia da Semana: Quarta-Feira.

Material Necessário:
01 frango branco novo, 12 quiabos, 01 cebola, camarão seco, azeite doce e 06 acaçás brancos.

Modo de Fazer: Sacrificar o frango, tirar as tripas e limpar bem o frango com os Axés, depois colocar os miúdos dentro da barriga do frango, junto com os quiabos e a cebola e, bastante camarão. Fazer uns espetos e fechar o frango com eles. Colocar para cozinhar, depois de cozido, passar azeite doce até ficar dourado. Oferecer o galo e os acaçás.

Obs: Para que este trabalho saia, é necessário que se leve um fogareiro para a pedreira e as panelas.

Vinho Para Impotência Sexual

Local: Quintal de Casa
Horário: Qualquer um
Dia da Semana: Qualquer um

Material Necessário:
Mel de abelha, vinho mosacatel, gengibre e raiz de jurubeba.

Modo de Fazer: Ralar a raiz de gengibre e, misturar a raiz de jurubeba, também ralada, adicionar o vinho moscatel e o mel de abelhas, deixar tudo em infusão durante sete dias. Enterrar no fundo do quintal, deixando enterrado durante três meses. Após os três meses retirar o litro e começar a beber um cálice por dia, antes das refeições, mas antes fazer um Ebó.

EBÓ

Material Necessário:
10 Velas brancas, 10 acaçás brancos, 10 acarajés, 10 carretéis de linha branco, 02 metros de morim branco, 01 saco de estopa (linha) e 04 metros de cadarço

Obs: Passar o Ebó no corpo da pessoa e depois despachar no mar.

Ebó Para Impedir Que Uma Pessoa Faça Mal a Outra

Local: Dentro de Casa
Horário: Qualquer Um
Dia da Semana: Segunda-Feira.

Material Necessário:
Nome da pessoa que quer fazer o mal - 01 cebola, 02 pires virgens e 01 garrafa de pinga.

Modo de Fazer: Coloca-se o nome da pessoa dentro do pires, e em cima do nome coloca-se a cebola, joga-se a pinga em cima e cobre-se com o outro pires, pedindo para que a pessoa esqueça que você existe.

Ebó Para Ocultar Trabalhos e Não Serem Vistos Através dos Búzios

Quando estiver o trabalho, cobre-se a pessoa e o trabalho com 1 metro de morim branco virgem, enquanto o faz. Depois pode aproveitar o pano para outro trabalho qualquer.

Ebó de União de Casal

Local: Quarto do Orixá
Horário: 2 Horas da manhã
Dia da Semana: Segunda-Feira.

Material Necessário:
02 corações frescos, mel de abelha, 04 velas brancas, palha da costa, 02 palitos grandes (suficientes para atravessar os corações) e 01 oberó, nome do casal

Modo de Fazer: Abre-se uma das artérias de um coração por cima e, coloca-se o nome dentro. O outro coração fica intacto, junta-se os dois corações dentro do oberó e atravesse-os com os dois palitos separados um mais em cima que o outro. Prepara-se

duas cordinhas com palha da costa, amarra-se os dois corações, dando um laço de cada lado, a entrada dos palitos e nas saídas, coloca-se este trabalho no mesmo dia na mata, ao pé de uma árvore, acende-se as três velas e fa-se o pedido ao entregar. Quando estiver fazendo este trabalho acender uma vela no ronkó, além disso, vai tirando as cantigas de Oxóssi.

Ebó de União

Local: Terreiro de Candomblé
Horário: Diurno
Dia da Semana: Sexta-Feira

Material Necessário:
Canjica cozida, 01 tigela branca, mel de abelha, 02 pombos brancos, 16 bolinhos de inhame e os nomes do casal.

Modo de Fazer: Cozinhar a canjica, por na tigela branca, colocar por cima o mel de abelha mais 16 bolinhos de inhame, dentro da canjica os nomes do casal. Matar um casal de pombo, mais mel, acender uma vela de 7 dias.

Ebó Para Resoluções Rápidas

Local: Entrada
Horário: Noturno
Dia da Semana: Segunda-feira

Modo de Fazer: Torrar feijão fradinho no azeite de dendê, colocar em um alguidar ou em folha de mamona, arriar em estrada de barro.

Ebó Para Trazer Uma Pessoa

Local: Casa da Pessoa
Horário: Diurno
Dia da Semana: Segunda-feira

Material Necessário:
01 Pinto novo sem asa, o nome da pessoa que deseja que volte, mel de abelha e uma panela de barro.

Modo de Fazer: Falar no ouvido do pinto o nome da pessoa sete vezes. Colocar no bico o nome da pessoa com bastante mel de abelha, enterrar tudo na panela de barro no quintal de casa e oferecer a Exú. Depois tomar um banho de Erva Doce, alfazema, açúcar Cristal, Nome da Pessoa. Do pescoço para baixo.

Ebó Para Tirar Influências Negativas (Exú)

Local: Casa da Casa
Horário: Qualquer Um
Dia da Semana: Qualquer um, exceto Sexta-feira

Material Necessário:
03 Ovos, 01 cebola e 02 garrafas de água.

Modo de Fazer: Passar tudo no corpo da pessoa e despachar em uma mata fechada.

Ebó Exú Para Afastar Más Influências (1)

Local: Cemitério
Horário: Meia-Noite
Dia da Semana: Segunda-feira

Material Necessário:
Um galo preto, verduras de todas as qualidades, um pedaço de carne seca, um pedaço de carne de porco salgada, 07 bolinhos de farinha e água com carvão, 07 farofas de azeite-de-dendê, 07 farofas de mel de abelha, 07 velas brancas, 1 metro de morim branco, Duburu, feijão preto cozido, feijão preto torrado, milho vermelho e galhos de aroeira.

Maneira de Fazer: Passar pelo corpo da pessoa todos os ingredientes acima descriminados, obedecendo a mesma ordem. Deixar tudo no local que fizer o Ebó. Levar a pessoa imediatamente para tomar banho de Abô.

Ebó Exú Para Afastar Más Influências (2)

Local: Cemitério
Horário: Meia-noite
Dia da Semana: Segunda-feira

Material Necessário:
Um casal de galinhas brancas. Além de todos os ingredientes acima mencionados. A maneira de fazer é a mesma do Ebó acima.

Oferendas a Odé

Material: 1 milho verde com casca; Milho vermelho em grãos; Coco; 1 alguidar.

Modo de fazer: Cozinhe o milho vermelho e coloque dentro do alguidar, desfie a palha do milho verde deixando apenas o milho descoberto e as palhas desfiadas penduradas, desfiar sem arrancar a palha do milho. Corte o coco em fatias finas e enfeite sobre o milho cozido, coloque o milho verde em pé sobre o coco, apontado para cima e com as palhas escondendo os grãos e o coco que ficarão em baixo. Coloque em cima da casa ou em um lugar alto pedindo à Oxóssi o que se quer.

Oferendas a Ossain

Material: Batata doce; Cebola; Azeite de dendê; 1 alguidar

Modo de fazer: cozinha-se a batata-doce apenas em água. Depois, descasca-se e amassa-se feito purê. Aí, mistura-se num refogado de cebola ralada com azeite de dendê e coloca-se tudo no alguidar. Coloque próximo a plantas e faça seus pedidos.

Oferendas a Obaluaiê

Material: Milho de pipocas; Areia de praia; 1 alguidar; 1vela branca.

Modo de fazer: Este é o prato mais comum oferecido à Obaluaie ou Omolu. Coloque a areia de praia em uma panela e deixe esquentar, depois de quente coloque o milho de pipoca para estourar nesta areia. Quando estiver estourado, coloque o milho no alguidar e está pronta a oferenda, faça seus pedidos à esse grande Orixá.

Oferendas a Xangô

Material: 12 quiabos; mel de abelhas; azeite de oliva; água; 1 tigela branca.

Modo de fazer: Corte os quiabos em rodelas finas, coloque na tigela com água, ponha um pouco de mel e um pouco de azeite por cima e mexa com as mãos até que se forme uma baba viscosa, enquanto estiver amassando com as mãos vá pedindo o que se quer à Xangô, Depois coloque em um lugar alto .

Oferendas a Oxumarê

Material: Feijão fradinho; Milho vermelho em grãos; Cebola; Azeite de dendê; 1 prato colorido.

Modo de fazer: Cozinha-se o feijão fradinho em água. Separadamente, cozinha-se o milho vermelho também em água. Depois, juntar o feijão e o milho, misturar bem e depois colocar num refogado de cebola ralada e azeite de dendê que deverá estar pronto. Coloque no prato e coloque próximo as plantas oferecendo a Oxumarê e fazendo seus pedidos.

Oferendas a Obá

Material: Feijão fradinho; Cebola; Camarão seco socado; Azeite de dendê; Farinha de mandióca; 1 Alguidar; Flores e velas coloridas.

Modo de fazer: Cozinha-se o feijão fradinho em água. Depois,mistura-se num refogado de cebolas raladas, camarão seco socado, azeite de dendê e água. Por cima coloca-se a farinha de mondioca, fazendo um pirão e coloca-se no alguidar. Deixe esfriar e enfeite

com flores por cima do prato. Coloque nas margens de um rio e acenda as velas coloridas pedindo o que se quer a Obá. Sendo por muitos divindade interligada ao amor.

Oferendas a Oxun

Material: 5 batatas doces brancas; mel de abelhas; velas amarelas; prato branco; fitas coloridas.

Modo de fazer: Coloque as batatas para cozinhar em água até que fiquem bem molinhas. Deixe esfriar e amasse estas batatas com mel pedindo o que se quer. Tenha muita concentração em amassar, depois de amassado, coloque no prato e molde um coração com a massa. Depois enfeite com flores e fitas. Ofereça à Oxum em uma lagoa ou riacho. Esta oferenda é muito eficaz em casos amorosos.

Oferendas a Logun Edé

Material: Milho vermelho; Feijão fradinho; Azeite de dendê; Cebola; Camarão seco socado; 1 Alguidar; 1 inhame; ovos cozidos; coco; mel de abelhas.

Modo de fazer: Cozinha-se o milho vermelho só em água. Separado, cozinha-se o feijão fradinho, também só em água. Refoga-se o feijão fradinho com azeite de dendê, cebola ralada e camarão seco socado. Coloca-se o feijão em uma metade do alguidar e, na outra, o milho vermelho cozido. Frita-se o inhame e coloca-se por cima em fatias, em volta, enfeita-se com ovos cozidos em rodelas, fatias de coco e coloca-se bastante mel de abelhas por cima. Pede-se o que se quer e oferece-se ao Orixá Logun Edé.

Oferendas a Exú

Material: Farinha; Azeite de dendê; Mel de abelhas; Farinha de milho branco; Figado, coração e bofe de boi; Cebola; Camarão seco socado; Um alguidar.

Modo de fazer: Faça uma farófa com dendê, uma com mel e uma com água, separadamente. Faça o acaça branco cozinhando a farinha de milho em água, deixe a massa bem consistente, depois coloque em um pedaço de folha de bananeira e enrole. Deixe esfriar. Corte os miúdos de boi em padaços pequenos e coloque para refogar com dendê, cebola, um pouco de sal, o camarão e rodelas de cebolas. Coloque as farófas no alguidar sem misturar muito, ponha o refogado de miúdos sobre a farófa e coloque o acaça no centro. Oferece-se para Exú pedindo o que se quer. Coloque em uma praça bem movimentada.

Ebós

Os Ebós são oferendas feitas para Orixás, Odús e outras divindades para diversas finalidades, sejam elas feitas para apaziguar algum problema, sejam feitas em forma de agradecimento de alguma graça atingida, por alcançar algum objectivo ou simplesmente como forma de agradar às

divindades que se cultuam. O princípio do Candomblé baseia-se no Ebó, nas oferendas propiciatórias obtendo a redistribuição do Axé e mantendo o seu equilíbrio vital.

Abaixo seguem alguns Ebós que o poderão ajudar em algumas situações da sua vida, no entanto, sempre que possível, é preferível recorrer a alguém que tenha fundamento no Candomblé para os realizar de forma correcta.

Ebó para Ògún

Para abrir caminhos, trazer dinheiro, prosperidade

1 inhame assado, 1 alguidar médio, 21 moedas correntes, 21 taliscas de mariô (folha de palmeira), 1 acaçá branco (bolinho de milho branco misturado com água, envolto em folha de bananeira), 1 acaçá vermelho (igual a acaçá branco, porém com farinha de milho amarela), azeite de dendê e mel.

Como Preparar: Asse o inhame na brasa. Se necessário, raspe um pouco para eliminar o excesso de negrume. Colocar dentro do alguidar. Vá enterrando os talos de mariô e chamando por Ogum, Faça o mesmo com as moedas. Coloque os acaçás, um em cada ponta do inhame. Regue com um pouco de dendê e mel, 1 pitada de sal. Acenda uma vela e faça os seus pedidos a Ogum. Deve-se colocar no muro, ao lado do portão, ou no chão, na entrada do portão. Se você morar num apartamento, coloque dentro da sua casa, atrás da porta de entrada. Deixe 7 dias e após, despachar aos pés de uma árvore frondosa.

Presente para Oxum

Para acalmar a pessoa amada5 batatas inglesas, mel, azeite doce, açúcar mascavo, 2 velas.

Como Preparar: Cozinhe as 5 batatas inglesas sem casca. Deixe esfriarem. Coloque um pouco de mel, azeite doce e açúcar mascavo em um prato de louça, vá amassando as batatas com as mãos e misturando tudo. Faça isso pensando na pessoa amada. Dê um formato de coração à massa. Acenda 2 velas amarelas de 30 cm ao lado. Ofereça a Oxum Aparà.

Ebó para Exú Lonan

Abrir Seus Caminhos, para tirar feitiço, olho-grande, inveja1 metro de pano vermelho, 1 alguidar médio, 7 velas brancas, 1 bife de boi cru, 7 moedas actuais, 7 búzios abertos, 1 farofa de dendê, com uma pitada de sal, 7 limões, 7 acaçás vermelhos, 7 ovos vermelhos, 1 obi.

Como Preparar: Abra o pano em sua frente. Acenda as velas. Passe o alguidar pelo seu corpo e coloque-o em cima do pano. Passe os ingredientes no corpo, pela ordem acima. Por último, abra o obi, e leve-o até a sua boca, fazendo seus pedidos. Deixe-o em cima do Ebó. Feche o pano. Este Ebó tem que ser despachado numa rua de muito movimento, onde tenha muitas casas comerciais.

Oferenda a Exú

Material: Farinha; Azeite de dendê; Mel de abelhas; Farinha de milho branco; Fígado, coração e bofe de boi; Cebola; Camarão seco socado; Um alguidar.

Modo de fazer: Faça uma farofa com dendê, uma com mel e uma com água, separadamente. Faça o acaçá branco cozinhando a farinha de milho em água, deixe a massa bem consistente, depois coloque em um pedaço de folha de bananeira e enrole. Deixe esfriar. Corte os miúdos de boi em pedaços pequenos e coloque para refogar com dendê, cebola, um pouco de sal, o camarão e rodelas de cebolas. Coloque as farofas no alguidar sem misturar muito, ponha o refogado de miúdos sobre a farofa e coloque o acaçá no centro. Oferece-se para Exú pedindo o que se quer. Coloque numa praça bem movimentada.

Padê para Exú

Ingredientes:

- 01 pcte. de farinha de milho amarela

- 01 vidro de azeite de dendê

- 01 cebola grande

- 01 bife

- 03 charutos

- 01 caixas de fósforo

- 01 garrafa de aguardente

- 07 pimentas vermelhas

Modo de preparo: Em um alguidar coloque a farinha de milho e um pouco de dendê, com as mãos faça uma farofa bem fofa sempre mentalizando seu pedido. Corte a cebola em rodelas e refogue ligeiramente no dendê, faça o mesmo com o bife. Cubra o padê com as rodelas de cebola e no centro coloque o bife, enfeite com as sete pimentas. Ofereça a Exú o padê não esquecendo dos charutos e da aguardente.

Frutas para Oxóssi

Modo de preparo: Em um alguidar ou cesta coloque 7 tipos de frutas bem bonitas (exceto abacaxi, mimosa, limão) enfeite com folhas de goiaba e côco cortado em tirinhas.

Omolokum de Logun

Ingredientes:

- 500g. de feijão fradinho

- 500g. de milho

- 01 cebola

- 4 ovos

- azeite de oliva Modo de Preparo: Coloque o feijão fradinho para cozinhar com cebola e azeite de oliva. Em outra panela cozinhe o milho. Depois do feijão fradinho cozido amasse-o bem até formar uma pasta. Em uma travessa coloque o omolokum (massa do feijão fradinho) de maneira que ocupe a metade da travessa e na outra metade coloque o milho cozido, regue com oliva e enfeite o omolokum com os quatro ovos cortados em quatro, e o milho enfeite com côco cortado em tirinhas.

Abacate para Ossaim

Ingredientes:

- 01 abacate

- 500g. de amendoim

- 250g. de açúcar

- fumo em corda

- 7 folhas de louro Modo de preparo: Corte o abacate no meio e tire a semente, coloque as duas parte numa travessa com a polpa virada para cima. Numa panela misture o amendoim e o açúcar e mexa até derreter o açúcar, derrame essa mistura sobre o abacate. Enfeite com pedaços de fumo em corda e as 7 folhas de louro.

Serpente de Oxumaré

Ingredientes:

- 500g. de batata doce

- dendê

- Feijão fradinho Modo de preparo: Depois de cozinhar a batata doce descasque regue com dendê e amasse-a até formar uma massa homogênea. Em um alguidar molde duas serpentes em forma de círculo, sendo que a cauda de uma encontre-se com a cabeça da outra. Com o feijão fradinho forme os olhos e enfeite o restante do corpo com alguns grãos de feijão fradinho (a seu critério), regue com dendê e ofereça ao orixá.

Moranga para Obá

Ingredientes:

- 01 moranga

- 500g. de camarão limpo

- um maço de língua de vaca

- 01 cebola

- dendê Modo de preparo: Cozinhe a moranga inteira. Depois de cozida abra um circulo em cima da moranga, tire a tampa e as sementes. Corte a língua de vaca em tiras (como se corta couve), refogue com cebola, dendê e os camarões, coloque o refogado dentro da moranga e ofereça a Obá.

Feijoada para Omolú

Ingredientes:

- 500g. de feijão preto

Ingredientes para feijoada

- dendê

- 01 cebola

- côco Modo de preparo: Prepare uma feijoada normal, porém tempere-a com cebola e dendê, coloque a feijoada num alguidar e enfeite com côco cortado em tirinhas.

Pipoca para Obaluaiyê

Ingredientes:

- 300g. de milho pipoca

- 01 bisteca de porco

- dendê

- côco

- areia de praia/na falta areia fina de construção peneirada. Modo de preparo: Em uma panela ou pipoqueira, aqueça bem a areia da praia, coloque o milho pipoca e estoure normalmente, Coloque num alguidar. Frite a bisteca no dendê e coloque sobre a pipoca, enfeite com côco cortado em tirinhas.

Feijão para Ogum

Ingredientes:

- 500g. de feijão Preto

- 01 cebola

- 01 vidro de dendê

Modo de preparo: Cozinhe o feijão e tempere-o com cebola refogada no dendê, coloque em um alguidar e enfeite com os camarões fritos no dendê. Faça seus pedidos e ofereça a Ogum.

Manjar para Iemanjá

Ingredientes:

- 250g. de creme de arroz

- 01 pescada inteira

- azeite de oliva Modo de preparo: Faça um mingau com o creme de arroz e água e uma pitada de sal. Limpe a pescada e asse-a na oliva. Coloque o mingau numa travessa de louça deixe esfriar e coloque a pescada assada sobre o manjar, regue com oliva.

Ebó para Nanã

Ingredientes:

- 500g. de quirerinha branca

- 01 côco

- azeite de oliva Modo de preparo: Cozinhe a quirerinha com bastante água para que ela fique meio “papa”, tempere com oliva, coloque em uma tigela de louça, descasque , rale o côco com ele cubra a quirerinha.

Ebó para Oxalá

Ingredientes:

- 500g. de canjica branca

- 01 cacho de uva itália (uva branca)

- Azeite de oliva. Modo de preparo: Cozinhe a canjica, coloque numa tigela branca, tempere com oliva mel e um pouco de açúcar, enfeite com o cacho de uva.

Ebó Para Iansã - Oyá Onirá

Material Necessário:1 Abóbora moranga, 4 Búzios abertos, 4 Noz moscada, 4 Moedas, 4 Acarajés, 4 Metros de fitas vermelha / Branca, 1 Saco de pano.

Modo de Fazer: Fazer um buraco na abóbora, colocar o resto das coisas, depois de passadas no corpo. Tapar a abóbora, amarrar com fitas. Entregar a OYÁ ONIRA no alto de um morro, às 18:00 ou 24:00 horas, acender e pedir tudo de bom.

Ebó Para Resolver Problemas Difíceis

Material Necessário:2 Acaçás Brancos, 2 Ovos Brancos, 2 Quiabos, 2 Moedas, 2 Conchas, 1 Oberó

Maneira de Fazer: Passa-se tudo no corpo e coloca-se num Oberó, colocar bastante mel e arriar numa praça e pedir a MEGE ou MEGIOKO que traga tudo de bom eem dobro. Este Ebó tem que ser feito com 2 pessoas, acompanhadas de duas crianças.Nota: Este Ebó só pode ser feito nas terças-feiras.

"EBÓ ODÙ ÒKÒNRAN PARA ATRAIR POSITIVIDADE"

* Elementos utilizados no Ebó Odù Òkònran.

1 - Alguidar grande, coberto c/ ewe Lara (FOLHAS DE MAMONAS)

1 - Punhado de ègbò (canjica)

1 - Punhado de dèbùrù (pipoca)

1 - Punhado de farofa de dendê

1 - Punhado de farofa de mel

1 - Punhado de farofa de água

1 - Inhame comprido e grosso

1 - Gomo de cana, cortado em 7 pedaços.

1 - Akasa alagbara (GRANDE)

1 - Ado Norteje alagbara

1 - Bolo de arroz alagbara

1 - Bolo de farinha alagbara

1 - Banana da terra assada na brasa

1 - Banana da terra cozida com sal

1 - Espiga de milho assada na brasa

1 - Espiga de milho cozida com sal

1 - Punhado de amendoim cozido

1 - Punhado de amendoim cozido e passado no dendê

1 - Punhado de amendoim torrado

1 - Ovo cozido será colocado em cima de tudo ao lado esquerdo do presente.

1 - Quiabo levemente aferventado, grande e reto.

1 - Punhado de lasca de coco

1 - Aberen alagbara

1 - Charuto de melhor qualidade

1 - Caixa de fósforos aberta

1 - Moeda corrente

1 - Garrafa de Gim.

1 - Vela que acende

1 - Búzio alagbara

PARTES ESPECIAIS EBÓ ÒDÚ ÒKÒNRÀN:

1 Fazer um xinxim com 100 gr de cada um dos seguintes elementos: bofe, coração, rim, fígado de boi, tudo será cortado bem miúdo e temperado com sal, cebola ralada em liquidificador ficando igual a suco, e dendê, o qual será colocado em cima de uma folha de ewe lara, por cima de tudo.

2 Fazer um bife grande e grosso, passado ligeiramente no dendê quente, retira-se o bife e fritam-se rodelas de cebolas e camarões secos, grandes, nos resíduos do dendê da frigideira, e põe por cima de bife.

3 Fazer um bagre com as barbatanas e as guelras, e do qual só se tira a tripa, porém se tiverem ovas, reserva-se e quebram-se os ferrões da cara, que se guarda. Assa-se o peixe na brasa untando com dendê e sal, fazer uma farofa de dendê com rodelas de cebolas e camarões secos, que vai à barriga do peixe depois de assado. A moeda e o búzio vão em cima de cada um dos três elementos.

4 Fazer um inhame assado comprido e grosso partido ao meio uma banda, assam-se na brasa, e untado com dendê e sal e a outra banda, cozinha-se com sal e depois fazer uma bola grande untada com dendê, e em cima da bola leva um pedaço de carvão.

CONSIDERAÇÕES:

1 Os ferrões do bagre guarda-se na casa de Èsú em local reservado pelo Babalawo, ou pessoa de sua confiança.

2 A moeda e o búzio devem ficar em poder da pessoa que esta participando do presente do inicio ao final. E na hora de colocar no presente, passa-se mel nas mãos para pegá-los e com eles dentro das mãos, sopram-se por 3 vezes fazendo os pedidos antes de colocar no presente, a moeda e búzio vão em cima do xinxim.

3 Caso do uso do peixe, este deve ser colocado em cima de uma folha de ewe lara, em cima do presente, e a cabeça deve ficar de frente para quem está entregando o presente, e com a barriga para baixo.

4 Em cima do alguidar, colocar 3 fitas de 1 metro cada sendo, preto, vermelho e branco, soltas em forma de triângulo, a vermelha fica a direita, a preta a esquerda e no meio a branca.

5 O local de entrega do presente, será em uma encruzilhada aberta, em cima de uma toalha branca e ao lado do presente colocar a garrafa de cachaça. a vela acesa, o charuto aceso e a caixa de fósforo aberta.

6 Fazer os Oriki de Okonran e Ofo Ifá

7 De todos os elementos que se ofereceu a Okonran, reserva-se em pouco para os Esu Odara, Ona, Orita e Osetura da casa, fazendo os Oriki de Esu e Ofo Ifá.

8 Após o retorno será dado comidas secas para os seguintes Orisa: Sango, Oya e Osaala da casa.

Elementos utilizados no ebó odù Okonran

1 - Alguidar

1 - Inhame da costa cru, dividido em 7 partes.

1 - Miamí de az. Dendê

1 - Miamí de Mel

1 - Miamí de Água

1 - Velas

1 - Meu (vinho de palma)

MODO DE FAZER:

Serão arrumados dentro do alguidar todos os miamí, por cima será colocados os 7 pedaços de Inhame da costa crus, será oferecido em uma encruzilhada aberta, acenda as velas ao redor do alguidar, e a cerveja será oferecido a Ògún, faça seus pedidos ao odú.

Elementos utilizados no ebó odù Okonran.

3 - Akasa

7 - Caroços de pimenta

7 - Gotas de Dendê

7 - Gotas de Mel.

MODO DE FAZER:

Este ebó é feito da seguinte maneira, em um dos Akasa são colocadas as 7 pimentas dentro, e em outro Akasa será colocado as 7 gotas de dendê, e no último akasa será colocado as 7 gostas de mel. Serão levados em praça pública onde tenha movimento, o Akasa de pimenta será arriado a esquerda da praça, o Akasa de dendê será arriado a direita da praça, e o Akasa de mel será arriado no meio desta praça, fazendo os pedidos a este odù.

Elementos utilizados no ebó odù Okonran.

1 - Alguidar

1 - Boneco feito de pano branco

21 - Akasa

21 - Moedas

21 - Tachinhas

7 - Velas

2 - Doces

1 - Obi

1 - Metro de morim branco.

MODO DE FAZER:

Arrume todos os elementos dentro do Boneco, coloque-o dentro do alguidar, e embrulhe o alguidar com o morim branco, e será arriado em caminho de mato, com todas as velas acessas ao seu redor, faça seus pedidos ao odù.

Elementos utilizados no ebò Okonran.

1 - Palmo de morim branco

1 - Akasa Branco

1 - Vintém Branco

1 - Vela

1 - Ovo

1 - Bola de Farinha grande

1 - Prato Branco.

MODO DE FAZER:

Será colocada a bola de farinha dentro do prato branco, e dentro da bola de farinha, coloque o ovo, a moeda, e o morim, leve a um pé de bananeira arriar o prato, acender a vela e, pedir coisas boas a este odù.

ÈBÓ ÒDÚ ÒKÒNRÀN PARA CORTAR NEGATIVIDADE.

Elementos utilizados no Ebo Odu Okonran:

1 - Alguidar grande

1 - Balaio

1 - Faca de pão cabo de madeira

1 - Pemba preta

1 - Pemba vermelha

1 - Pemba branca

1 - Akasa Branco

1 - Akasa Vermelho

1 - Bolo de Egun

1 - Pade de Mel

1 - Pade de Dendê

1 - Pade de Cachaça

1 - Pedaço de Algodão

1 - Charuto

1 - Prego

1 - Ado Norteje

1 - Ovo

1 - Vela

1 - Cebola

1 - Frango

1 - Pedra de carvão em brasa

1 - Bandeira branca

1 - Espada de Pau

1 - Chapéu de Palha

1 - Quiabo

1 - Metro de morim preto/branco/vermelho.

1 - Bola de Tapioca

1 - Agbara

1 - Ekuru

1 - Agberen

1 - Obi

1 - Moeda

1 - Búzio fechado

1 - Cx. De Fósforo.

1 - Carretéis de linhas, preto/vermelho/branco

1 - Metro de corda de sisal

1 - Punhado de Canjica

1 - Punhado de pipoca

Folhas de Aroeira e/ou São Gonçalinho

Modo de Fazer:

Pegue primeiramente o alguidar, de na mão da pessoa para segurar, antes bata o alguidar nos 4 pontos cardeais da pessoa que esta fazendo o ebo, depois ponha o no chão desenhe o signo do odú, por cima dos morins, passe no corpo da pessoa somente 8 elementos dos acima citados, sempre cruzando a pessoa sendo feito da direita para esquerda, quando se esta encaminhando o lado negativo começa-se sempre do lado direito para esquerda no corpo da pessoa, e ir colocando os elementos dentro do alguidar, no final passa-se canjica, abre-se o obi, e crava a bandeira branca no meio do ebo, também cruze-se a pessoa com esta bandeira, para que os ventos fortes levem os maus presságios deste odú, o ebo será levado em uma encruzilhada e/ou estrada de barro, e falando assim com o odú: Odú Okanran eu não estou te despachando, eu estou lhe cultuando, ao virar as costas, passe nesta pessoa semente de girassol e arroz em casca, milho de galinha torrado e feijão fradinho torrado, fazendo assim que a pessoa tenha caminhos de prosperidades.

Elementos utilizados no Ebo Odu Okonran:

1 - Alguidar Grande

1 - Bife

1 - Charuto

1 - Caixa de fósforos

1 - Pemba branca

1 - Punhado de èbò

1 - Punhado de pipoca

1 - Akasa branco

1 - Bolo de arroz

1 - Bolo de farinha

1 - Ado Norteje

1 - Ekuru

1 - Ovo

1 - Quiabo cru

1 - Vela que não acende e passa-se do pescoço para baixo

1 - Erva

1 - Garrafa de cachaça

MODO DE FAZER:

Todo o Ebo Odu serão feitos dentro da ordem colocada acima, e sempre será feito ao final do dia, ou seja, bem ao cair da tarde, em locais sempre predeterminados pelo jogo de búzios, e por pessoas que tenham os devido conhecimentos a respeito do que está sendo feito, e para que o propósito seja conseguido pelas pessoas.

Elementos utilizados no ebó odù Okonran.

1 - Frango

1 - Charuto

1 - Miamí de Dendê

1 - Miamí de Cachaça

1 - Miamí de Mel

1 - Ado Nortejé

1 - Vela

1 - Akasa Vermelho

1 - Ado Norte Branco

1 - Alguidar Branco.

MODO DE FAZER:

Coloque dentro do alguidar, um pouco de cachaça, dendê, sal, água e mel, corte o frango cantando p/Èsù, deixando o èjé cair dentro do alguidar, após a morte do animal, arrume-o dentro do alguidar com os pés virados para frente, abri-lo pelas costas, passar os elementos no corpo da pessoa, da cabeça aos pés, e colocar tudo dentro do frango, será oferecido em uma encruzilhada bem distante de sua casa, a qual a pessoa que tomou o ebó nunca mais irá passar perto.

Elementos utilizados no ebó odù Okonran.

1 - Pemba de Efún

1 - Alguidar

1 - Metro de Morim Preto

1 - Metro de Morim Vermelho

1 - Metro de Morim Branco

1 - Bolo de Farinha

1 - Ado Nortejé

1 - Quiabo

1 - Ovo

1 - Bolo de Arroz

1 - Punhado de Deburu (pipoca)

1 - Akasa Branco

1 - Punhado de Egbò (canijica)

MODO DE FAZER:

O alguidar será pintado todo com a pemba de efún, colocá-lo no chão na frente da pessoa, passe os morins no corpo todo da pessoa, e forrá-los dentro do alguidar, sendo: primeiro o preto, vermelho e branco, passe os demais elementos, e arrume-os dentro do alguidar, no final que

passar o ebó fazer somente um nó com as pontas dos morins, será arriado em uma encruzilhada e será feito somente com a mão esquerda.

Elementos utilizado no ebó odù Okonran.

7 - Velas

7 - Folhas de Mamonas

8 - Miamí de Mel

7 - Charutos

7 - Caixas de Fósforos

7 - Garrafas de Cachaça

7 - Moedas

1 - Pedaço de morim branco, sendo o comprimento da pessoa

7 - Akasa Branco

1 - Cerveja

1 - Inhame Do Norte.

MODO DE FAZER:

Este ebó será feito em uma encruzilhada, bem no centro, passe o morim no corpo da pessoa e forre no chão, depois a pessoa fica de pé no meio do morim, coloque 3 miamís ao lado direito, 3 miamís ao lado esquerdo, e 1 miamí na frente da pessoa, quanto ao Oitavo miamí, será dividido entre as folhas de mamonas que serão colocadas no chão ao redor da pessoa, em seguida passe os outros elementos, colocando um em cada folha, ao terminar o ebó, tirar a pessoa do meio do círculo e ela deverá seguir por outro caminho sem olhar para traz, e ao chegar em casa despacha a porta e a pessoa tomará banho de ervas frescas. Quanto o Inhame Do Norte será arriado numa estrada p/Ògún com o paliteiro de mariwo e cerveja.

EBÓ DE OKANRAN MEJI:

Um peixe fresco,Um carretel de linha branca, um de linha vermelha e um de linha preta;

um punhado de cinzas de carvão, um charuto, um obi, uma cachaça, ½ dendê, ½ mel e

um akunko(Galo) preto.

Passam-se tudo no corpo e arruma-se dentro de um alguidar. As linhas são desenroladas passando sobre os ombros da pessoa, de trás para frente e vão sendo jogadas dentro do alguidar. Sacrifica-se o akunko para Egun e coloca-se dentro do alguidar.

Cobre-se tudo com epô, oti mel, espalha-se as cinzas por cima e despacha-se numa estrada de movimento.

EBÓ DE EJIOKO

Um akunko, duas penas de papagaio, dois aros de ferro, dois obís, duas favas de ataré, dendê, mel, oti e pó de efun. Passa-se o akunko no cliente e sacrifica-se para Exú. Arruma-se tudo dentro de um alguidar e deixa-se diante de Exú de um dia para o outro. As penas e os aros de ferro ficam no Exú, o resto é despachado no lugar indicado pelo jogo.

EBÓ DE ETAOGUNDÁ

Um akunko; um peixe fresco; um pedaço de carne bovina; oti; epô pupá; mel; um pano preto. Passa-se tudo no corpo do cliente, sacrifica-se o akunko para Exú; embrulha-se tudo no pano e despacha-se no lugar determinado pelo jogo.

EBÓ DE IROSUN MEJI

Quatro omo adie ou akunko kekere, um flecha, um bastão de madeira, quatro tipos diferentes de cereais torrados. Passa-se tudo no corpo do cliente e coloca-se o bastão e a flecha nos pés de Exú e os cereais dentro de um alguidar. Sacrificam-se os omo adie para Exú e colocam-se dentro do alguidar, por cima dos cereais. Despacha-se em água corrente. (A flecha e o bastão ficam para sempre com Exú).

EBÓ DE OXE MEJI

Um peixe vermelho, cinco búzios, cinco ovos, cinco obís, cinco folhas de akokô, uma cabaça e areia de rio. Corta-se a cabaça no sentido horizontal e coloca-se areia de rio dentro. Passa-se o peixe na pessoa e arruma-se dentro da cabaça, sobre a areia. Passam-se os demais ingredientes e vai-se arrumando em volta do peixe, dentro da cabaça. (Os ovos são crus e não podem ser quebrados). Tampa-se a cabaça com sua parte superior e embrulha-se com um pano colorido. Pendura-se o embrulho no galho de uma árvore na beira de um rio.

EBÓ DE OBARA MEJI

Um akunko, uma adie, seis abaninhos de palha, seis obís, seis acaçás, um pedaço de corda do tamanho da pessoa, um alguidar grande, mel, oti, epô, seis velas. Passa-se tudo na pessoa e sacrificam-se para Exú. Colocam-se tudo dentro do alguidar (o akunko por cima da adie), arrumam-se as demais coisas em volta e a corda ao redor de tudo (dentro do alguidar). Cobre-se com mel, epô e oti e acendesse as velas em volta. Este ebó tem que ser feito e arriado nos pés de uma palmeira.

EBÓ DE ODI MEJI

Uma adie carijó, sete espigas de milho verde, sete tipos diferentes de cereais torrados, sete chaves, sete moedas e sete pedaços de rapadura.

Passa-se tudo na pessoa e arruma-se dentro de uma panela ou alguidar de barro. Sacrifica-se a adie em cima do ebó e coloca-se o seu corpo sobre ele. Despacha-se num caminho de subida (no início da subida).

EBÓ DE EJIONILE

Uma adié branca, uma vara de madeira do tamanho da pessoa, canjica cozida, oito ovos crus, um pedaço de pano branco, oito acaçás, oito búzios, algodão em rama e um alguidar. Passam-se tudo no corpo do cliente e arruma-se no alguidar que já foi anteriormente forrado com algodão. Amarra-se o pano na vara de madeira que deve ser fincada no solo como uma bandeira. Arreia-se o alguidar com o ebó na frente da bandeira. Passa-se a adie no cliente, com muito cuidado para não machucá-la, apresenta-se a Exú e solta-se com vida. Este ebó é para ser feito num lugar bem alto, de frente para o local onde nasce o Sol, de manhã bem cedo.

EBÓ DE OSÁ MEJI

Um akunko, nove agulhas, nove taliscas de dendezeiro, nove bolos de farinha, nove cabacinhas pequeninas, nove acaçás, nove grãos de ataré, nove moedas, nove penas de ekodidé, algodão, pó de efun e um alguidar. Sacrifica-se o akunko para Exú e coloca-se dentro do alguidar. Arruma-se tudo em volta do akunko. Nas pontas das taliscas de dendezeiro, enrola-se um pouco de algodão como se fosse um cotonete. Molha-se o algodão enrolado nas taliscas, no ejé do akunko e depois passa-se no pó de efun. As taliscas e as penas de ekodidé não vão dentro do alguidar, devem ser espetadas no chão, formando um círculo ao redor do mesmo, no local em que for despachado. Neste ebó não se passa nada no corpo do cliente. Despachar na beira da praia sem acender velas. Na volta, todas as pessoas que participaram têm que tomar banho de folhas de elevante e defumar-se com pó de canela.

EBÓ DE OFUN MEJI

Uma tigela branca grande, canjica, uma toalha branca, dez velas brancas, dez acaçás, um obi de quatro gomos, água de flor de laranjeira, pó de efun, algodão em rama e um igbín vivo. Levam-se tudo ao alto de uma montanha e ali, embaixo de uma árvore bem copada, faz-se o seguinte: Primeiro reza-se a saudação de Ofun Meji, depois, forra-se o chão com a toalha branca; no meio da toalha, coloca-se a tigela com a canjica, coloca-se os quatro gomos do obi sobre a canjica, um de cada lado; coloca-se os dez acaçás em volta da tigela; em cada acaçá espeta-se uma vela, cobre-se a tigela com o algodão, derrama-se sobre ele a água de flor de laranjeira e cobre-se com o pó de efun. Passa-se o igbín na pessoa e manda-se que ela o coloque, com suas próprias mãos sobre a tigela. Derrama-se um pouco de água de flor de laranjeira sobre o igbín que deverá permanecer vivo. Só então acende-se as velas e faz-se os pedidos. A cada pedido formulado diz-se: “Hekpa Babá”. Na volta para casa deve-se falar o mínimo necessário e, a pessoa que passou pelo ebó tem que guardar resguardo de dez dias e vestir-se de branco durante o mesmo período.

EBÓ DE OWÓNRIN MEJI

Dois obís, duas solas de sapatos velhos (da própria pessoa), dois bonequinhos de pano, dois pedaços de pano, sendo um branco e um amarelo, uma casinha de cera, duas pencas de bananas, dois saquinhos de confete, e um akunko para Exú. A roupa que a pessoa estiver vestindo na hora

do ebó, tem que sair no carrego, que será despachado nos pés de uma árvore frondosa. Feito o ebó, o cliente se vestirá de branco por dois dias.

EBÓ DE EJILA XEBORA

Um akunko, dois irelês, doze folhas de babosa, doze pedacinhos de ori-da-costa, doze pedaços de coco seco, doze grãos de ataré, um alguidar, doze folhas de mamona, doze búzios, um charuto de boa qualidade, dendê, mel, oti, pó de peixe defumado, pó de ekú defumado, doze grãos de lelekun e pó de efun.

Sacrifica-se o akunko para Exú e coloca-se dentro do alguidar. Passa-se no corpo do cliente e vai-se arrumando no alguidar, em volta do akunko, as folhas de babosa e os búzios. Rega-se com mel, oti e dendê, cobre-se com pó de peixe e pó de ekú. Pega-se as folhas de mamona e, sobre cada uma delas coloca-se um pedaço de coco, em cima de cada pedaço de coco um pedacinho de ori, um grão de ataré e um de lelekun e com isto se faz doze trouxinhas. Passam-se as trouxinhas no cliente e vai-se arrumando no alguidar. Por fim, passa-se os Irelês e solta-se com vida. O ebó é arriado dentro de uma mata e o charuto, depois de aceso, é colocado em cima de tudo.

EBÓ DE EJIOLOGBON

Um peixe fresco, 13 pãezinhos, um alguidar, um pedaço de pano preto, um pedaço de pano branco, pó de peixe e de ekú defumado, dendê, mel e vinho tinto. Passa-se o peixe na pessoa e coloca-se dentro do alguidar, passa-se os pães na pessoa e arruma-se em volta do peixe. Rega-se tudo com mel, dendê e vinho. Salpica-se os pós sobre tudo. Passa-se o pano preto nas costas da pessoa e coloca-se dentro do alguidar. Passa-se o pano branco na frente e com ele embrulha-se o alguidar. Despacha-se nas águas de um rio ou de uma lagoa.

EBÓ DE IKÁ MEJI

Um akunko, duas quartinhas com água, 14 grãos de milho, 14 grãos de ataré, 14 favas de bejerekun, 14 grãos de lelekun, um alguidar, um pano branco, 14 moedas, uma mecha de pavio de lamparina, um obi, um orógbó, 14 ovos e 14 acaçás.

Enchem-se as quartinhas com água de poço, sacrifica-se o akunko para Exú e arruma-se no alguidar. Passa-se os demais ingredientes na pessoa e vai-se arrumando dentro do alguidar, (os ovos são quebrados). Derrama-se a água das quartinhas, uma sobre o ebó e a outra na terra. Despacha-se em água corrente. (As quartinhas não precisam ser despachadas).

EBO DE OGBEOGUNDA

Um alguidar cheio de pipoca, dentro do qual se sacrifica um akunko branco. No mesmo alguidar coloca-se: Um orógbó, um obi, uma fava de ataré, mel, dendê, vinho branco, uma faquinha pequena, um caco de louça, uma pedra de rua, uma pedra de rio, uma pedra do mar e um bonequinho. Arreia-se tudo num caminho de terra que saia num rio. Não se passa nada no corpo do cliente e é ele quem deve arriar o ebó e fazer os pedidos enquanto acende 14 velas ao redor. (Os pedidos são feitos a Exú).

EBÓ DE EJIGBE OU ALÁFIA

Um peixe pargo, um prato branco fundo, um obi branco de quatro gomos, canjica, 16 moedas, 16 búzios, efun e mel de abelhas. Passa-se o peixe no corpo do cliente e coloca-se no prato onde já se colocou a canjica. Arrumam-se as moedas e os búzios em volta. Abre-se o obi e coloca-se um pedaço em cada lado. Rega-se tudo com mel de abelhas e cobre-se com pó de efun. Entregar num local com bastante sombra, dentro de uma mata. Resguardo de 24 horas.

LENDA DO OBI

OLODUNMARE Chama OS Homens parágrafo retornarem Seu Lar AO, porém

NEM MESMO uma Morte e Capaz de apagar como Lembranças OS Feitos de

Grandes Homens.

Obi hum e Elemento Muito Importante de Vodun não Culto, Orisa e Nkisse. A noz de cola, Obi, E o Símbolo da Oração Céu não.

Hum e Alimento básico, e Toda Vez Que e oferecido Seu Consumo e sempre precedido preces por.

Foi revelou Quem Orunmila Como uma noz de cola FOI criada.

Quando descobriu Que OLODUNMARE como divindades estavam Umas lutando contra como Outras, pingos de Ficar Claro Que era o Esu

Responsável Por ISSO, ELE decidiu convidar a Mais de Quatro moderadas divindades (Paz, Prosperidade, a Concórdia e Aiye, a Única divindade feminina passado), parágrafo ACORDO in entrarem

Sobre a Situação ...

Eels deliberaram longamente Sobre o Motivo de OS Mais Jovens

SO nao respeitarem Mais velhos Mais, Como Ordenado Pelo Deus

Supremo.

Todos começaram entao um Rezar Pelo Retorno da unanimidade e Equilíbrio. Enquanto estavam rezando Pela Restauração da Harmonia, OLODUNMARE fechou e abriu SUA Mão Direita apanhando o ar.

Em seguida fechou e abriu SUA Mão Esquerda, apanhando de novo o ar. Pós ISSO, ELE FOI parágrafo fóruns, mantendo SUAS Mãos Fechadas e plantou o Conteúdo das Duas Mãos no Chão.

SUAS Mãos haviam apanhado sem ar como ORACOES e como marca Ele plantou. Não

mês seguinte dia, Uma Árvore havia crescido não havia Lugar Onde Deus

plantado como ORACOES apanhara marca Ele Que nenhum ar.

Ela Cresceu rápidamente, e DEU floresceu Frutos q uando como Frutas

Colheita n º amadureceram, começaram uma CAIR sem solo.

Aiye pegou-as e como Levou parágrafo OLODUNMARE, e uma marca Ele Disse Para ela

Que fossa e preparasse como Frutas do Jeito Que Mais LHE agradasse.

Primeiro, tostou ELA como Frutas, elasticidade e textura SUA mudaram, Que como o deixou ruim com gosto.

Nenhum Outro dia, a pega E mais Frutas como cozinhou, e mudaram ELAS de cor e nao podiam comidas serviços. Enquanto ISSO FOI Outros

Fazendo tentativas, não FORAM TODAS entanto mal sucedidas.

Craveiro entao comeu OLODUNMARE parágrafo Dizer Que uma Missão de Descobrir

Como preparar como Nozes Impossíveis eram.

Ninguém Quando o sabiá Que fazer, ELENINI, uma divindade que

Obstáculo se apresentou Como Voluntária Guardar Pará como Frutas.

Todas As Frutas entao FORAM colhidas Dadas uma ELA.

ELENINI partiu entao uma Cápsula, limpou e lavou como Nozes e como

com guardou como Folhas Frescas n º ficassem Por Que Dias catorze.

DEPOIS, ELA começou como um canto Cruas Nozes.

Ela esperou Mais Dias catorze E Depois Disso Que Percebeu como

Nozes Frescas e estavam vigorosas.

Epidêmico ISSO, ELA Levou como Frutas OLODUNMARE e um par Disse Que Todos

O Produto das preces, Obi, pódios serviços ingerido cru SEM softwares antigos

Perigo.

Que Deus decretou entao, ja Que tinha Sido ELENINI, uma velha Mais

divindade Casa em Suá Quem CONSEGUIU O Segredo decodificar fazer

Produto das ORACOES, como Nozes serviços deveriam dali Por Diante, nao

hum somente Alimento do Céu, also mas, fossem Onde apresentadas, deveriam servi semper oferecidas Primeiro AO Mais

Velho Sentado sem fazer Grupo Meio, e serviços Deverià Seu Consumo semper precedido preces por.

OLODUNMARE Que proclamou algo, Como hum Prece do Símbolo, uma

Árvore somente em Lugares Onde cresceria como PESSOAS

Mais velhos respeitassem os.

Naquela reuniao do conselho Divino, a Primeira noz de cola OBI

Pelo Próprio OLODUNMARE partida e tinha Duas Peças.

Elementos UMA pegaram e DEU O Outro parágrafo ELENINI, uma divindade Antiga Mais

Presente. A Próxima noz de cola tinha Três Peças, como cais Quais representavam divindades como Masculinas Três disseram Que como

ORACOES Que Nascer fizeram uma Árvore da noz de cola.

A Próxima tinha Quatro Peças e incluía Aiye ASSIM, A Mulher Única

Que estava PRESENTE NA cerimónia.

A Próxima tinha Cinco Peças e incluiu Orisa.

A Próxima tinha SEIS Peças representando uma harmonia, o Desejo

das divinas ORACOES.

A noz de cola com SEIS Peças FOI dividida entao e Distribuida empreendedorismo Todos nenhum conselho.

Aiye entao Levou uma noz de cola de um parágrafo Terra, Onde SUA Presença e

Marcada preces e Por Onde ELA tão germinação in floresce e comunidades Humanas Onde EXISTE Respeito Pelos Mais velhos,

Pelos Ancestrais e Onde uma Tradição e glorificada.

IBA OSUN

Iba Osun.

Iba!

Iba ni mo se,

Mo juba aye o,

Mo juba agba,

Mo juba Osun Makinde o,

Omo ijesa,

Irunmale mo juba o,

Iba a je o,

Ore yeye o,

Iba a je o,

Iba Orisa Osun,

Eni lo lo bo,

Mo juba, Osun,

Iba a je o,

O yeye o,

Iba a je o,

Iba Orisa,

Kekere Ode mo juba o,

Osun Iponda mo juba,

Osun Opara mo juba,

Osun Ade-Oko mo juba,

Iba a je o,

E ba ta mi lore ayo, aa terra!

Saúdo os mais velhos, que conhecimentos superiores aos meus!

Saúde Oxum Makinde,

Cidadã Ijesa,

Irunmale, minhas saudações,

As saudações serão r,

Eu te saúdo, Orixá,

Quem voltou é quem foi,

Minhas saudações a você Oxum,

As saudações serão recompensadas,

Oh graciosa mãe!

As saudações serão retribuídas por Oxum,

Saudações a você Orixá!

Oh Logunede, jovem caçador, eu te saúdo!

Oxum Iponda, eu te saúdo!

Oxum Opara, eu te saúdo!

Oxum Ade-Oko, eu te saúdo!

Minhas saudações serão aceitas por todas as qualidades de Oxum,

Presenteie-me com felicidade, prosperidade e alafia,

Presenteie-me com felicidade, prosperidade e alafia,

Eu fui divulgar o culto de Oxum na feira.

Arroz-de-hauçá

Cozido o arroz n'água sem sal, mexe-se com a colher de madeira até que se torne delido, formando um só corpo, e, em seguida, adiciona-se um pouco de pó-de-arroz para assegurar a consistência.

Prepara-se, depois, o molho em que entram como substâncias a pimenta-malagueta seca, cebola e camarões, tudo ralado na pedra.

Leva-se o molho ao fogo com azeite-de-cheiro e um pouco d'água, até que esta se evapore.

Como complemento ao arroz-de-hauçá, o africano frigia pequenos pedaços de carne de charque que eram espalhados sobre o arroz juntamente com o molho.

Bolas de inhame

Despido da casca, lava-se o inhame com limão e coze-se com pouco sal. Em seguida é pisado em pilão e da massa se formam bolas grandes, que são servidas com caruru ou efó.

Latipá

Latipá ou Amori

Era feito com as folhas inteiras da mostardeira, as quais, depois de fervidas, temperavam como o efó e deitavam em frigir no azeite-de-cheiro.

Uma cobra e um poço feito de batata doçe no obero de barro

Batata doce

Este é o prato preferido do meu pai. É óbvio que têm que ser instruido por uma babalorixá, essa batata doce tem que ter formato de serpente e em seus olhos feijão branco e com certeza um toque de carinho e muito amor, têm que ser regada com mel. Sua cor de vela pode ser a branca que é uma vela universal que pode ser utilizada para todos os orixás. Axé e paz.

PARA SE RECOLHER PESSOAS SÃO NECESSÁRIOS EBÓS PROPICIATÓRIOS.

Os ebós de 1 a 6 ou 7, são de preparação para recolher novatos.

Entretanto Se há uma pessoa do santo que precisa abrir caminhos, etc. pode ser usado.

E B Ó DE CAMINHO (PARA LIMPEZA E PREPARAÇÃO)

Fazer em estrada.

Se fizer no barracão tem que saber varrer.

1° CAMINHO DE EBÓ

- PAMBUNJILA

Material:

- 1m morim preto
- 1m morim vermelho
- 2m morim branco (1m para cobrir a pessoa)
- 1 alguidar grande, número 8
- 11 velas brancas
- 1 pemba branca
- 1 caxixi (ou maraca pequena)
- 1 padê pequeno de dendê
- 1 padê pequeno de oti
- 1 padê pequeno de mel (se for o caso)
- 1 padê pequeno de água
- 7 ovos de cor
- 1 copinho de feijão preto

- 1 copinho de feijão roxo
- 1 copinho de feijão fradinho
- 1 copinho de amendoim cru
- 1 copinho de milho de galinha
- 1 copinho de arroz branco
- 1 copinho de semente de girassol (as sementes são levemente torradas)
- Um pouco de sal grosso
- 1 casal de frangos brancos
- 1 faca virgem com cabo de madeira
- 1 doce escuro (bananada, mariola)
- 7 acarajés
- 7 acaçás brancos
- 7 acaçás amarelos (milho de canjica vermelho) Os dois enrolados em mamona roxa.
- Doburu de dendê
- Canjica branca cozida
- 7 buchas de pólvora com algodão, sal e açúcar.
- 7 gotas de azougue (mercúrio metálico)
- 1 vassourinha de piaçava (ou vassourinha de relógio amarrada)
- 7 folhas grandes de mamona roxa (+- 2 palmos)
- 7 fios compridos de palha da costa

Modo de Fazer:

Quem ajuda a passar este ebó tem que estar amarrado.

Forrar o chão com os morins preto, branco, vermelho, no sentido vertical ao cliente, da direita para a esquerda, colocando o alguidar nas pontas do morim branco.

Colocar a pessoa de frente para o alguidar, com os pés no morim branco.

Acender as 4 velas, em torno da pessoa, no sentido horário. 2 3 1 4

Colocar as 7 folhas de mamona roxa à frente dos morins, da direita para a esquerda do cliente.

Cruzar com a pemba o rosto e braços de todos (pai de santo, etc.) para transfigurar as pessoas depois tira, para não ser reconhecido.

Cobrir o ori da pessoa com morim.

Passar os padês na ordem dada.

Ir colocando no alguidar e um pouco em cada folha de mamona, fazendo tudo no sentido horário sempre.

Passar os ovos no sentido horário, e quebrar dentro do alguidar,

NO SENTIDO ANTI-HORÁRIO.

Passar os ingredientes torrados e colocar dentro do alguidar.

Passar todo o resto, exceto o caxixi e os frangos, e ir colocando dentro do alguidar.

Reservar apenas as buchas de pólvora, a faca, a vassourinha e a palha da costa.

Pegar o casal de frangos.

Começar pelo sexo do primeiro santo da pessoa.

Passar o bicho em todo o corpo, da cabeça aos pés.

Cortar no alguidar, com a faquinha virgem.

Cortar o pescoço, pingar ejé nas folhas.

Esperar o bicho morrer no alto.

Dividir nas 7 folhas do seguinte modo:

1ª cabeça

2ª coxa, contra-coxa, pé esquerdo

3ª asa esquerda inteira

4ª coxa, contra-coxa e pé direito

5ª asa direita inteira partir o frango ao meio, na horizontal.

6ª parte traseira do frango

7ª parte dianteira do frango

Sacrifica-se o outro bicho, usando o mesmo processo, e coloca-se:

7ª cabeça

6ª coxa, contra-coxa, pé esquerdo

5ª asa esquerda inteira

4ª coxa, contra-coxa e pé direito

3ª asa direita inteira partir o frango ao meio, na horizontal.

2ª parte traseira do frango

1ª parte dianteira do frango

Passar as gotas de azougue na pessoa, do pescoço para baixo.

Pegar o caxixi (ou maraca) e bater do lado da pessoa, até bater 7 vezes no chão e jogar no alguidar, de cabo para cima.

A vassoura também colocar no alguidar de cabo para cima.

A roupa velha deverá ser virada do avesso e colocada no alguidar.

Com a palha da costa amarrar cada folha, formando uma trouxinha.

Embrulhar o alguidar com o morim que está no chão.

Um ogã confirmado irá correr 7 encruzilhadas (de preferência de terra) deixando uma trouxinha e uma vela acesa em cada uma. (As encruzilhadas sempre para a direita).

Na última deixar o restante do ebó.

Enquanto o ebó estiver sendo entregue na rua, a pessoa que passou o ebó deverá tomar banho da cabeça aos pés com sabão da costa e com jawa = agbo, em seguida colocar roupas claras e descansar.

2° CAMINHO DE EBÓ - EBÓ DE MACAIA (MATA)

(PODE SER DIRECIONADO PARA CAMINHO DE CABOCLO)

Material:

1m de morim branco

4 velas brancas

1 padê pequeno de dendê

1 padê pequeno de mel (para filhos de Oxossi, açúcar, melado ou Karo)

1 padê pequeno de água

1 padê pequeno de água de flor de laranja (pode ferver a flor, ou cidreira, ou capim limão, ou água de melissa)

- 7 ovos brancos
- 1 pedacinho de fumo de rolo desfiado
- doburu de dendê
- 7 acaçás amarelos (canjica vermelha - cozinha a canjica e mói)
- 7 acaçás brancos (na Bahia se faz acaçá com maizena)

Enrolar os acaçás em folha nova de bananeira (queimar antes)

- milho de galinha cozido
- canjica cozida
- 1 pombo de cor clara
- 1 retrós vermelho
- 1 retrós branco
- 4 buchas de pólvora simples, sem açúcar nem sal.

Modo de fazer:

Ao chegar na entrada da mata, no lado esquerdo de quem entra, arriar os padês.

Sobre os padês colocar 21 moedas correntes.

Acender uma vela e oferecer aos guardiões da entrada da mata.

Em seguida, ao pé de uma árvore frondosa, acender uma vela pequena.

Colocar as moedas (2, 14 ou 15) e oferecer a Katende.

Pode levar uma comida para Ossain.

Escolher uma clareira dentro da mata, acender 4 velas em cruz, cobrir a pessoa com morim branco (ou colocar uma folha de mamona branca na cabeça).

Passa-se o ebó da cabeça aos pés na frente e nas costas.

Por último passar o pombo.

Pegar só pelos pé.

Rezar (toda vez que falar "Tata" roda o pombo na cabeça).

Pedir para a pessoa cuspir 3 vezes no bico do pombo.

Soltar o pombo para o interior da mata.

Dar uma volta com a linha desfiada, junta, ao redor da cintura (o chakra umbilical) é que desembaraça tudo.

Desenrolar as linhas na frente, aos pés da pessoa.

Ir pedindo caminhos abertos, paz, progresso, etc.

Em seguida queimar as 4 buchas em forma de cruz.

A primeira na frente, e gira em sentido horário.

Ao retornar todos passam por banhos de sabão da costa, jawa e água de canjica.

(todos os que vão ajudar no ebó devem usar sempre contra-egun).

Colocar roupas claras e descansar.

Pokó ndemba = obé = navalha = ximan (Congo)

É bom ralar efun e soprar por cima de todas as comidas de Lemba.

macho = diahla;

fêmea = muhatu

Com folhas de maracujá (uma das folhas rituais de wunji) ALUÁ 1/2 KG DE CANJICA 5L DE ÁGUA 4 RAÍZES DE GENGIBRE RALADAS 2 RAPADURAS RALADAS (OU MELADO) Colocar a canjica de molho por 3 dias com o gengibre e a rapadura.(coberto), gerando uma semifermentação. Após 3 dias coar e beber. Se quiser pode colocar frutas. jawa = agbo Nos ebós, em vez de cobrir a pessoa com morim, pode-se usar mamona. Para pessoas da linhagem de Lemba, trocar tudo que levar dendê por azeite doce, nos ebós. Ao passar ebó andar sempre em círculo, no sentido horário. Se voltar desanda o ebó. Banho fresco = amaci; agbo = banho já passado, desintegrado Omi = água = menha (Angola) = Maza (Congo) Ao assentar Kitembu assentar junto Katendê e Angorô. Tem que haver conexão com o chão. A forma da grelha não é importante. Orixá não gosta de sal, Exu gosta. Deve-se temperar sempre o padê com sal. Para rasgar pano em ebó deve ser usado o pokó para dar o primeiro talho, e as mãos para rasgar. Se no meio do ebó o santo virar, deixa-se, e continua o ebó. Só não pode ficar virado no caso de ebó com ponto de fogo e ebó iku. Para enrolar acaçá não se usa folha de banana figo. Couve é quizila de Ogun. Alface só se dá para Oyá e Egún Quem é feito deve evitar comer os axés (na feijoada, por exemplo.) 3° CAMINHO DE EBÓ - NGIJI (RIO) Serve para abrir caminhos de pessoa de Oxun, Logun, Oyá, Oxossi Material: □ 1m morim branco □ 1 broa de milho (substituir por fruta pão)

□ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ 6 acaçás brancos 6 acaçás amarelos (todos os acaçás enrolados em folha de bananeira) 6 ekuru 6 bolas de inhame cozido 6 bolas de farinha de mesa

crua 6 ovos brancos 1 padê de dendê (todos os padês em pequena quantidade - 1 copinho) 1 padê de mel 1 padê de vinho branco (ou vinho de palma) 1 padê de água 6 palmas brancs 1 pouco de doburu em areia de rio canjica branca cozida 5 patinhos novos, claros 1 pombo pintado claro Modo de fazer: Colocar a pessoa de frente para a correnteza (zelador fica de costas). Cobrir a cabeça da pessoa com o morim (preferível folha de mamona). Passar os padês da cabeça aos pés na ordem dada. A seguir as bolas de farinha, depois os ovos, jogados por cima da pessoa. Passar os ekurus, as bolas de inhame, o doburu, os acaçás amarelos e brancos, a canjica, partir a broa em 6 pedaços passar e jogar nas águas. Pegar os patinhos pelos pés, com as asas livres, passar na aura da pessoa e soltar nas águas. Passar as palmas. Pegar o pano ou mamona que está na cabeça da pessoa e cortar em 5 tiras, soltando nas águas. Tirar a pessoa para a margem do rio, de costas para o rio. Passar o pombo no corpo, da cabeça aos pés. Se a pessoa estiver virada entregar o pombo na mão da divindade, que irá soltá-lo. Se não, a pessoa cospe no bico do pombo e ele será solto. 4° CAMINHO DE EBÓ - NBIGIJI (CACHOEIRA) Material: □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ 1 padê de mel (ou açúcar para filhos de Oxossi) 1 padê de vinho branco 1 padê de água 7 ovos brancos 7 bolas de farnha de mesa 7 bolas de arroz branco 7 bolas de miolo de pão 7 acarajés leves (feitos com azeite doce) 1/2 kg feijão fradinho cozido 7 acaçás amarelos 7 acaçás brancos (todos os acaçás enrolados em folha de bananeira) doburu feito no azeite doce canjica branca cozida 7 doces claros (suspiro, cocada, etc.) 1m morim branco

□ □ □ □ □ 1 lençol branco 1 toalha de banho branca virgem 1 roupa branca limpa 4 velas brancas 7 palmas amarelas Modo de fazer: Colocar a pessoa de frente para a cachoeira se [possível sobre uma pedra. Acender em volta as 4 velas brancas, no sentido horário. Cobrir a pessoa com morim. A seguir passar os padês da cabeça aos pés, os ovos e o resto do ebó. Por último oferecer as flores às água, uma a uma, sempre pedindo coisas boas para a pessoa (cada flor um pedido). Limpar a pessoa com o morim e rasgá-lo ao meio, jogando-o às águas. Logo em seguida levar a pessoa para o banho de cachoeira, na queda d'água mesmo, onde serão louvadas as forças do santo da pessoa. Enrolar no lençol para trocar de roupa. Tem que haver critério. Se for mãe de santo passando ebó num homem, levar alguém para passar, e vice-versa. A roupa que passou pelo ebó será rasgada e jogada nas águas. Enxugar-se na toalha virgem e vestir roupas limpas. Ao retornar ao barracão passar por banhos de Ọṣẹdudu e jawa (agbo). Santos das águas cachoeira - Osun rio revolto - Oyá, Obá rio calmo - Logun entroncamento de rio, lagos - Yemoja Pororoca, pedras - Yewá. Doquem se alimenta no cajapriku Vela de cera pode ser usada em tudo, menos para Oxossi. Não tem nada a ver com egun. 1 vela chega para todos os orixás no quarto de santo. Não é preciso uma infinidade de velas. A faca virgem dos ebós quando é para iyawo - levar de volta, lavar e guardar para cortar para os exus da pessoa. Se não for iyawo lavar e dar para a pessoa guardar. Não se deve jogar fora para não inquizilar Ogum. Idés, moedas, búzios, obi, orogbo, de presentes não se despacham. Os búzios guardar para outros presentes, e vai energizando. Moedas servem de talismã. obi, orogbo, ralar e fazer pó. Sementes idem. Padê para filhos de Oxalá colocar azeite doce, óleo de palma, algodão ou amêndoa) Os legumes dos ebós devem levar um pouco de farinha ou fubá para tirar a resina, que é quizila do ebó. Abóbora é quizila de Kaiangu e couve é quizila de Ogun. Azougue em quantidade vende na B. Herzog - R. Miguel Couto.

5° CAMINHO DE EBÓ - KALUNGA - MAR (serve também para pessoa de Yemojá ou que tem enredo de Osá) Material: 1m morim branco 9 acaçás brancos 9 acaçás amarelos (todos os acaçás enrolados em folha de bananeira) 1 manjar com leite de coco e açúcar 9 bananas prata 9 pêras 9 maçãs verdes (ou outras frutas, menos jaca e carambola) 9 goiabas (branca ou rosa) 1 mamão pequeno 9 moedas correntes pipoca leve (sem dendê - com areia, pura ou azeite doce) 9 palmas brancas canjica branca cozida 1 faca virgem 9 velas brancas Modo de fazer: Colocar a pessoa de frente para o mar (mar calmo) bem próximo à água. Acender as 9 velas por trás da pessoa. Cobrir a cabeça da pessoa com morim ou mamona. Passar da cabeça aos pés os acaçás (passa, desenrola, despacha); o doburu; dividir o manjar em 9 e passar (sujando mesmo); passar as moedas 1 por 1 despachando e fazendo um pedido bom para a pessoa (9 pedidos ou 9 vezes um pedido); com a faca cortar as frutas em pedaços e passar na pessoa; a faca não se joga fora. É lavada de acordo com o caso (ver); passar a canjica; passar as 9 palmas e jogar no mar, oferecendo a Kaiala. Limpar a pessoa toda, por cima do ori opede coisas boas. Rasgar o morim (ou mamona) em 9 com o auxílio da faca. Jogar no mar, pedindo sempre. Tirar a pessoa: 1 passo com o pé direito e girando 9 vezes no sentido horário. A pessoa que passou pelo ebó deve evitar ir ao mar por 9 meses. 6° CAMINHO DE EBÓ - KUEFÀ - IKU - MORTE Material: 1m morim preto 1m morim vermelho 2m morim branco 1 alguidar grande (10) 11 velas brancas 7 buchas de pólvora 7 bonequinhos de pano preto (identificar o sexo dos bonecos de acordo com o sexo da pessoa) 7 facas pequenas, com cabo de madeira, sem serra 7 amarradinhos de vassourinha (ou 7 piassavas) 1 pemba branca 1 padê de dendê (Lemba: azeite doce, óleo de algodão, palma ou amêndoas) 1 padê de cachaça 1 padê de vinho tinto ou rosé

 1 padê de vinagre 1 padê de cebola (ralada) 1 padê de mel (Oxossi - melado de cana) 7 ovos brancos 7 efurás enrolados em mamona (bolas de feijão fradinho) 7 bolas de farinha com olhos de carvão 1 miolo de boi 1 língua de boi 1 rim de boi 1 bife de fígado de boi 1 pedaço de bofe de boi 1 coração de boi inteiro 1 costela de boi cortada em 7 sem separar os pedaços 7 sardinhas inteiras 7 qualidades de legumes picados com um pouco de fubá ou farinha (Kaiangu evitar abóbora) 7 qualidades de verduras (Ogun evitar couve) 7 qualidades de feijão cru (1 copinho) 1 copinho de sal grosso 1 copinho de arroz com casca 1 copinho de amendoim 1 copinho de girassol 1 copinho de alpiste 1 copinho de milho de galinha cozido pipoca de dendê (menos Lemba) 7 acaçás amarelos 7 acaçás brancos (todos enrolados em folha de mamona) 1 pouco de arroz branco cozido 50g canjica branca cozida 1 casal de frangos brancos 7 gotas de azougue roupa suada da pessoa Modo de fazer: Arrumar os morins, preto, branco, vermelho. As pontas do branco por cima. Em volta acender 4 velas. Passar os padês na ordem; as bolas de farinha e feijão fradinho. Ir arrumando tudo no alguidar. Acender as 7 velas, passar na aura da pessoa, quebrar e colocar no alguidar. Passar os 7 ovos, quebrando no alguidar. Passar as sardinhas (pede para quebrar quizila, praga). Passar os legumes; as verduras; passar os miúdos na ordem; (quando a pessoa está passando por problemas de fofoca de linguarudos, chamar o ogã, e abrir a língua ao meio na vertical após passar na pessoa); Passar a costela - (7 caminhos de saúde (não pode partir) cabeça, braços, pernas, frente, costas) - passa em volta da cabeça, membros, corpo. Passa os feijões, o sal, o amendoim, o girassol, na ordem até o arroz cozido. Passar as vassourinhas como se estivesse limpando o corpo da pessoa, pedindo ao orixá da pessoa.

Arrumar tudo no alguidar, os bruxinhos de pano; juntar as 7 faquinhas e rezar pedindo proteção em nome de Ogum, limpar os caminhos, etc. Colocar as faquinhas no alguidar de cabo para cima. Pegar a canjica, louvar Lemba e passar, (passando também no zelador); ralar bem a pemba e soprar na pessoa.

Enredo de entrega: Abrir os azougues, passar cabeça da pessoa com o vidro, despejar no alguidar. s outros deixa correr no corpo da pessoa. Preparar os frangos: Começa com o do mesmo sexo da pessoa. Faz a reza de axé dos bichos. Passa na cabeça, lados, bate de leve no chão, frente, costas (bate de leve - não é para matar o bicho) Copar - a menga cai no alguidar. Fazer o ebó na rua (estrada de terra é melhor, chão de barro, caminho de cachoeira, etc.) Ao terminar de preparar a pessoa, toma banho. Não podendo cercar com um lençol, virar todos de costas, soltar a pólvora e ir embora. No barracão deixar preparado um banho para todos: folhas de algodão, betis cheiroso, boldo, elevante. Serve aroeira, S. Gonçalinho, pelegun, mariwo (arruda, guiné mangueira, umbaúba) A pessoa deve usar umbigueira e preceito por 3 dias. ROTEIRO DO CURSO ORIGEM DO CULTO SAUDAÇÕES NOÇÕES DE ANGOLA O NÚMERO 7 OS SACRAMENTOS ORDEM DE BARCO CHÃO DE ANGOLA LOCAIS SAGRADOS NOMES DOS SANTOS ENCANTAMENTOS CRONOLOGIA CENTROS MAGNÉTICOS CURAS NSABAS CÂNTICOS DE RODA CÂNTICOS DE SACRIFÍCIO CÂNTICOS DE LOUVAÇÃO LEVANTAMENTO DE KOTA (EKEDJI) E KAMBONDO (OGÃ) OBRIGAÇÃO DE 7 ANOS NGOROSI MASSANGUÁ AMENGUÈ (RITUAL DE DAR OBI À CABEÇA) RITUAL DE FEITURA EBÓS UAFU ZÁ-KUIZA RITUAL DE 14 ANOS PRESENTE DE OBARÁ Filhos de Oya MELÃO PÊSSEGO EM CALDA

      DOCES CLAROS BÚZIOS IDÉS CANJICA OBI OROGBO MOEDAS CLARAS Cortar o melão em 6, arrumar sobre a canjica. No centro os doces. As metades de pêssego entre as fatias de melão. Os búzios sobre o pêssego e os idés e moedas sobre o melão. O obi e orogbo (Descascado) - partir em 2 e jogar. Deixar num lugar alto por 6 dias Depois o obi e orogbo deixa secar e vira pó As sementes pode colocar num saquinho atrás da porta, ou pode fazer pó. As frutas e o resto - numa planta Quem mora em casa deixa secar tudo e faz um pó. Outro presente geral: abóbora acaçás canjica areia idés búzios doces 7° CAMINHO DE EBÓ - BRANCO (Para Iyawo - pode também usar para Lemba) Tudo é sacramentado com iyęfun Ralar primeiramente ou mais pedras de iyęfun. 1 padê de açúcar (farinha e açúcar) colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa 1 padê de iyęfun colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa 7 legumes brancos cortados colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa 7 bolas de acaçá branco colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa 7 bolas de arroz colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa doburu colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa canjica branca cozida

 colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa SACRAMENTOS DO CULTO ANGOLA No Culto Angola os sacramentos são sete: MASSANGUÀ - Ritual de batismo de água doce (menha) na cabeça (mutuè) do iniciado (ndumbi), usando-se ainda o kesso (obi). 2. NGUDIÀ MUTUÈ - (Bori) - ritual de colocação de forças (kalla (Angola) = aşę = muki (Congo)), através do sangue (menga) de pequenos animais. 3. NGUECÈ BENGUÈ KAMUTUÈ - ritual de raspagem, vulgarmente chamado de feitura de santo. 4. NGUECÈ KAMOXI MUVU - ritual

de obrigação de 1 ano (kamoxi - dofono - 1); (muvu = ano). 5. NGUECÈ KATÀTU MUVU - ritual de obrigação de 3 anos (nguecè = obrigação); (katàtu = 3). Nessa ocasião faz-se o ritual de mudança de grau do santo. 6. NGUECÈ KATUNU MUVU - ritual de obrigação de 5 anos - preparação idêntica a 1 ano. 7. NGUECÈ KASSAMBÀ MUVU - ritual de obrigação de 7 anos - quando o iniciado receberá o cargo , passado na vista do público, sendo elevado ao grau de Tata Nkisi (zelador) ou Mametu Nkisi (zeladora). Obrigação só para rodantes, porque kota (ekedi) e kambondo (ogã) já estão prontos na feitura. Em Angola quem passa cargo são os enredos de Oxum. Isto é, não é preciso ser filho de Oxum, mas é Oxum quem autoriza aquela pessoa a receber o cargo. Após 7 anos as obrigações se renovarão a cada ano, com rito de obi ou bori, conforme o caso, repetindo-se as obrigações maiores de 7 em 7 anos para renovar, e conservar o indivíduo forte, transformando-o em KUKALA NI NGUZU - um ser forte. KUENHA KELÈ - sacramento realizado 3 meses e 21 dias após a feitura (tirada de kele), quando o santo soltará a KUZUELA = ilà. ORDEM DE BARCO DO CULTO ANGOLA 1° - KAMOXI 2° - KAIARI 3° - KATATU 4° - KAKUANAM 5° - KAKATUNO 6° - KASSAGULU 7° - KASSAMBÀ

TÍTULOS HIERÁRQUICOS 1.TATA NKISI - zelador 2. MAMETU NKISI - zeladora 3. TATA NDENGE - pai pequeno 4. MAMETU NDENGE - mãe pequena (há quem chame de Kota Tororò, mas não há nenhuma comprovação em dicionário, origem desconhecida) 5. TATA NGANGA LUMBIDO - Ogã guardião das chaves da casa 6. KAMBONDOS - ogãs 7. KAMBONDO KISABA - ou TATA KISABA - ogã responsável pelas folhas 8. TATA KIVANDA - (aşogun) - sacrificador dos animais 9. TATA MULOJI - ogã preparador dos encantamentos com as folhas e cabaças 10. TATA MAVAMBU - ogã ou filho de santo que cuida da casa de Exu (homem. Zeladora deve ter um, porque mulher não pode cuidar. Mulher só mexe depois que não menstrua mais). 11. MAMETU MUKAMBA - cozinheira da casa 12. MAMETU NDEMBURO - mãe criadeira da casa (ndemburo = runko) 13. KOTA - em outras nações ekeji Todos os mais velhos, que já passaram de 7 anos mesmo sem dar obrigação, ou que ficaram na casa são também chamados de Kota. 14. TATA NGANGA MUZAMBÙ - babalawo - pessoa preparada para jogar búzios 15. KUTALA - herdeiro da casa 16. MONA NKISI - filho de santo MONA MUHATU WÀ NKISI - filha de santo (mulher) MONA DIALA WÀ NKISI - filho de santo (homem) 17. TATA NUMBI - não rodante que trata de Baba Egun - OJE. Geral: Muzenza - dança do iniciado

Uma das modificações quando o santo muda de grau é a posição das mãos. Quando é novo coloca as mãos do lado direito (santo homem) ou do lado esquerdo (santa mulher). Com 3 anos coloca as mãos para trás abaixo da cintura, e depois coloac as mãos para trás acima da cintura. MONA MUKI AMASE - (dijina) Mona = filho; muki = força; amase = águas Pedir o nome do orixá: ORIŞA ORUKQ = NZAMBI APONGO MARAE KATU MANDARA DEKÁ - RITUAL SÓ PARA O HERDEIRO DO TERREIRO POR OCASIÃO DE FALECIMENTO DO DONO DA CASA. CUIA = KIJINGÙ = QDUN EJE A ordem do Barco no Angola já foi vista. ORDEM DE BARCO NO KETU Dofono Dofonitinho Fomo Fomotinho Gamo Gamotinho Vimo Qualquer barco só pode ser de 7. Se houver 8 iyawo, o oitavo é dofono de outro barco. Rei de Jeje - Bessém Rei de Angola - Kitembu (Tempo) Rei de Ketu - Xangô (Alafin de Oyo) Ajeun = Adonu = Ngudia 3 pilares de Jeje : Bessém, Ajunsun, Saboadã. Numa casa pode ter Hangolo e Hangoloméa. O que não pode ter é do mesmo sexo.

 Tempo traz Obaluaiye Tempo traz os encantamentos do Angola INZO ou SENZALA (Angola) = ILE (Ketu) = ABAÇÁ ou KUE (Jeje) a - e - i - o - u não se encontra com consoantes no início de palavras. apenas se coloca para representar o som.

 Não se despacha Xangô nem Oxalá de filhos mortos. Coloca-se na casa apropriada junto aos santos dos zeladores já falecidos (igba vira igbó) Quem bola deve ser deitado de bruços com a mão esquerda na terra para absorver energia e a mão direita para cima. IFURU ou OXOFURU - Qualidade de oxalá que pega outras cores, não se raspa, se cultua no escuro, à luz de velas, em local com paredes cobertas por panos coloridos. ESTRUTURA FÍSICA DO BARRACÃO NO ANGOLA O barracão da nação Angola recebe dentro do culto o nome de INZO (nzo) (também SENZALA) - O termo Inzo é oriundo da língua Kimbundu, no dialeto umbundu, e quer dizer CASA ou TERREIRO. Divide-se em várias partes rituais e outras litúrgicas, com nomes próprios do culto Angola, como veremos a seguir: SAMBILÈ - Espaço na casa onde se fazem os rituais públicos e danças ritualísticas, etc (Barracão) ANGOMI DUILO - Cumeeira LAMBURU - Chão da casa INZO PAMBUNJILA - Casa de Exu LEMBACI - quarto destinado aos santos do zelador, junto com o santo do primeiro ogã e da primeira ekeji. KASSIMBA - poço INDEMBURO - runkò INZO JAWÀ - Casa do agbo onde ficam os porrões de agbo dos filhos. PAGODÒ ou KATUJI - banheiro (baluwé) INZO KITEMBU - Casa de Tempo INZO YOMBETÀ - casa dos numbes (eguns) INZO KALUNGOME - Casa dos santos de pais de santo mortos, também Oxalá e Xangô dos filhos. (ILE IGBOSAIN) fica situado em locais mais isolados da roça. JUREMA ou ALDEIA - Local dos assentos dos caboclos INZO MUZAMBÚ - Quarto preparado para o jogo de búzios.

 INZO KASSUBENKA ou GONZEMO - Quarto dos assentamentos dos filhos da casa PEPELE - Local dos ngoma (atabaques). NGOMA: Conjunto dos 3 atabaques. Rum = ngoma; rumpi = ajeongoma; lé = gonguê 24.6.00 Moedas para o culto têm que ter figura humana. É louvada uma figura de egun. É energizada (antigamente se plantava no chão um cadáver (de inimigo no Angola, de parente no complexo iorubá) Xangô deve ser alimentado no meio do barracão. Ele é também dono da cumeeira, e deve pegar as forças de cima e de baixo. Ketu planta Tetun; Jeje, Intoto; Angola, ver na apostila (são 3) Planta-se energias ligadas ao dono da terra, Kavungo. O oxu (vulgarmente chamado adôxo) no Ketu = Kuntunda (Angola) = Afexun (Jeje) A comida dos orixás se serve fria, porém a comida de Xangô se serve morna, e a de Baru quente. Dizer que Xangô abandona o filho quando morre porque tem medo da morte é lenda. Xangô não gosta de frio, por isso se afasta. Só se coloca na cumeeira Oxalá, Xangô, Oxun, Yemojá. Não se coloca santo de cabeça na cumeeira. Se por exemplo for de Xangô com Yemanjá coloca Oxalá e Oxum. Pelo arquétipo escolhe os santos que vão para a cumeeira. Por exemplo, se for regido pelos 4, escolhe qualidades diferentes. Pessoa de Lemba + Danda que carrega Zazi e Kaiala, coloca uma outra qualidade, nos caminhos de Airá (Osi e Bonã), no Angola Luango e Luvango. Angomi Duilo é o equilíbrio com o Lamburu. chão leva as 16 favas dos orixás, e as demais coisas. No chão comem eguns. As obrigações de chão e cumeeira devem ter uma periodicidade relativa com o movimento da casa. Entretanto em todo dia de toque deve ser colocada pelo menos uma canjica na cumeeira. A canjica calçada com quiabos é ótima opção (ver receitas) Quando se raspa um total de 7 filhos deve-se abrir o chão e energizar de novo. No barracão só existe o Bara do zelador. O

nosso Bara fica na nossa casa. Kassimba - poço ritual - faz-se obrigações para Nanã no Angola.

 O culto a Oxumarê no poço é de Jeje. Jeje não tem Nanã. Existe uma Oxum do poço, mas ela precisa ser assentada num poço à parte, quando for o caso. O único ogã que joga é o Agoxan Logun = Ajaunsi (Jeje) KITEMBU - TEMPO Para assentar Kitembu (Tempo) cava-se um buraco profundo (aprox. 1m) para enterrar o bambu da bandeira. Quando se planta Tempo alimenta-se a terra. Tem que colocar os elementos vitais: mel, dendê, azeite doce (óleo de algodão, de amêndoas), água, sal, favas básicas para a casa (santo da casa, vida, prosperidade e divina). Não se coloca Aridan, porque apodrece muito rápido e tem que ser despachada, por isso não deve ser enterrada (se deixar Aridan bichada sem despachar acaba com a casa). Copar um frango, tirar as penas e chamuscar no fogo untado com dendê (só chamuscar, fica cru - a primeira vez tem que ver alguém fazer primeiro). Esse frango é pendurado num galho da árvore que fica perto de Tempo (de preferência cajazeiro ou jenipapo). Ele seca, mumifica e não apodrece se tudo for feito direito. Ao lado do assentamento de Tempo coloca-se Ossain e Oxumarê. Amarra-se no bambu a bandeira de tempo, de morim. A bandeira é amarrada com palha da costa, não é costurada. Amarra-se no meio do bambu 1 ou 7 saquinhos de morim com sementes propiciatórias (milhos, feijões, arroz) No alto do bambu amarra-se uma cebola com palha da costa (macho ou fêmea dependendo do sexo do zelador). Dura de 3 semanas a 2 meses amarrada. Só coloca outra quando trocar a bandeira (de longe parece uma cabaça pequena) O bambu é untado com azeite doce ou dendê de acordo com o orixá da casa. Numa bacia prepara-se o ibosé , que vai para o chão escorrendo pelo bambu. O frango vai para cima da árvore chamuscado. Reza, suspende o assentamento. Quando entra para a casa um filho de Tempo coloca-se um otá numa tigela, dá-se a obrigação e depois coloca-se o otá no Tempo da casa. Só vai sair dali para a casa do filho, quando for plantar Tempo lá.

 Ao plantar Tempo, costuma-se amarrar 7 tiras de morim na árvore. No osé as tiras são retiradas e entregues na mata num balaio de pipocas, etc. Esse morim é o encantamento junto aos Baba Egun de Tempo, é o lado Iku de Kitembu. Todas as vísceras de todas as matanças de uma casa são colocadas num lugar "ancestre". Não se joga fora. O assentamento de Boiadeiro na Jurema, pode ser feito num tronco, com o chapéu, um gamela redonda. ATABAQUES Todas as vezes que o ogã da casa der obrigação, os atabaques devem ir junto. Os atabaqus são oborizados na inauguração da casa. Os laços dos atabaques significam: rum = orixá da casa; Rumpi = juntó; Lé = Oxalá (sempre). Quando alguém dá um tombo num atabaque tem que obrigatoriamente dar um frango para ele. Todas as vezes que se trocar o couro, o velho não vai para o lixo. O de Angola fica junto a Tempo, os demais vão para a cachoeira. É bom utilizar o couro das matanças de obrigações feitas na casa para encourar atabaques. Os atabaques devem ser periodicamente colocados ao sol e untados com óleo de amêndoas ou azeite doce. para energizar. Embora dê menos trabalho, não se deve passar dendê, porque o Lé pertence a Oxalá. Quando o ogã começa a se machucar no atabaque é porque está com problemas (sexo, álcool, etc.) O ogã ao pegar no atabaque para bater deve passar omieró nas mãos. (Não é agbo, é erva fresca: elevante, macaçá, etc.) Era costume colocar uma quartinha com omieró e uma bacia junto aos atabaques. No chão do Angola estão as energias dos ancestrais (Bukulu ou Akua Ukulu) = Baba Egun ("energias que comem a carne e devolvem os ossos") A coluna que se coloca no meio do barracão nas casas de Jeje

representam fisicamente a energia vital existente entre a cumeeira e o chão. Não há necessidade, é apenas uma representação. Esse local entre a cumeeira e o chão é o melhor lugar para se dar obrigação.

 Excremento de boi - elemento básico da cultura Jeje. O estrume de boi é a verdadeira folha curtida. Banho de Karu - mel, estrume de boi, ervas, espanta qualquer egun. Tata Numbi - Tem que ser de Kaiangu, Kavungu, Se não tiver colocar alguém de Ogun ou Oxossi, que deve ser devidamente preparado, com umbigueira, contra-egun, fazer obrigações, limpeza etc.) Ainda sobre atabaques: O atabaque come com o ogã do santo a que pertence, o alabê ou o zelador, ou na inauguração do barracão. O atabaque fica deitado com o couro para dentro do runkó, coberto de branco. Acende-se uma vela para cada um, uma quartinha com água para cada um, comida seca para cada um. Com a mão direita passa ibosé no couro. A casa deve ter 2 conjuntos de atabaques preparados, para evitar surpresas desagradáveis, se por exemplo o couro rebentar no meio de uma cerimônia. Semanalmente, ou todas as vezes que for ser tocado acende-se uma vela embaixo do atabaque, ele vai para o sol, recebe banho de ervas, é untado com azeite, etc. Atabaque de Candomblé não é para tocar Umbanda, e vice versa. Quebrou, manda consertar. Não se despacha (Bairro Centenário em Caxias conserta e fabrica) O couro em Angola é pendurado na árvore do Tempo. Nos demais é colocado na cachoeira O prazo mínimo sempre que se recolhe o atabaque é de 3 dias. Nanã e Oyá Onira só viram em mulher. Ogiyan, Ossain, Oxumarê e Tempo só podem ser primeiro santo. Para Oxumarê se dá casal de gansos, ou marrecos, ou patos. Cores de Zumbá: azul e branco - das lagoas lodaçais de águas paradas - mais à superfície roxo e branco - no meio das águas lilás e branco - lodo das profundezas da lagoa pelos movimentos: mais ágil - azul e branco, médio - roxo, mais lentas - lilás também pelo conjunto: com Oxalá - azul e branco, outros orixás - roxo, com obaluaiye lilás.

 Nanã com Ogum - faz ibosé para Ogun, assenta Oxalá no meio, depois Nanã. Intercala Oxalá para não dar problema. MAGINAS NKISI NGOLA NOMES RITUALÍSTICOS DO ANGOLA EXU MACHO: FÊMEA: PAMBUNJILA MUJILO (MAVAMBU É QUALIDADE DE MUJILO!) OGUM OXOSSI OSAIN OMOLU/OBALUAIYE OXUMARE MACHO FÊMEA NKOSI ou PANZO NGUNZO (O RESTO SÃO QUALIDADES) KATENDÊ ou MENE PANZO KAV'UNGU HANGOL'O (BESSÉM) HANGOLOMÈA (FREQUÉM) ZAZI ou KAMBARANGUANJI KITEMBU ou KIDEMBU TELEKOMPENSU KAIANGÙ DANDA ou DANDALUNDA KAIALA MINA LUGANDO MINA NGANJI ZUMBA ou ZUMBARANDÀ LEMBÀ WUNJI MALEMBA CORES DAS DIVINDADES BANTÙ SANGO (TEMPO) (LOGUNEDÉ) OYA OXUM YEMOJÁ IOBA (OBÁ) YEWÁ (cobra branca) NANÃ (em Jeje é masc.) OXALÁ IBEJI OGIYAN PAMBUNJILA e MUJILO PRETO, PRETO E VERMELHO, CINZA E BRANCO. NKOSI NGUNZU KATENDÊ AZUL ESCURO VERDE VERDE E BRANCO ou ROSA E BRANCO

 KAVUNGU preto e branco) PRETO VERMELHO E BRANCO (os KATU (Jaguns) são HANGOL'O HANGOLOMÈA ZAZI e branco) PRETO E AMARELO AMARELO E VERMELHO ou VERDE E AMARELO (quando este santo for duplo prevalecem as cores preto e amarelo (kele alternado) VERMELHO E BRANCO (os Luango e Luvango são marrom

 KITEMBU branca). MARROM, VERDE E BRANCO (podem ainda ser usadas as cores branco, amarelo, e vermelho. A qualidade KITEMBU MAWILA só pega a cor TELEKOMPENSU KAIALA azul escuro) VERDE (fosco) E AMARELO (cristal) CRISTAL INCOLOR (quando for SAVACY intermediar com KAIANGU DANDA MINA LUGANDO MINA NGANJI ZUMBÁ nota) VERMELHO (as 'VANJU' - cor marrom) CRISTAL AMARELO CORAL (LARANJA) CORAL E AMARELO AZUL E BRANCO (podem levar lilás ou roxo, por idade - ver LEMBÁ WUNJI MALEMBÁ BRAJÁ morrer vai na boca. GUIAME MIJELOGUM XUMBETÁ MERINDELOGUM DELOGUM TATELOGUM BRANCO LEITOSO CORES VARIADAS BRANCO C/SEGI AZUL ESCURO (come com Ogum) FIOS DE CONTAS OXUMARÊ, TEMPO, NANÃ, OBALUAIYE RUNGEF (RUNGEBRE) é de Jeje somente. Recebe na cuia. Recebe na boca, e ao 1 volta - 1 ano de santo 3 voltas 7 voltas 8 voltas 16 voltas 21 voltas - Zelador homem

COMPRIMENTO: 4 DEDOS ABAIXO DO UMBIGO. KELE - CONFORME TAMANHO DO PESCOÇO (o espaço entre firmas ou búzios é sempre múltiplo de 7. Só se usa na feitura e com 7 anos, a menos que a pessoa seja nova na casa. Há keles que são diferentes (Ex. Oxumarê) ESTÁGIOS DE NKISI (QUALIDADES) O Nkisi é um só. Qualidades são estágios. Relacionam-se aos 4 elementos: terra, fogo, água e ar. PAMBUNJILA TÍTULO: TATA MUBIKA (Pai Trabalhador) ou NGANGA NJILA (Senhor dos Caminhos) Existem 24 linhagens de Exu macho. QUALIDADES: KOROBÒ KUJANJO KIJANJA KUMBAKO SINGANGARA SIGATANA INGUÈ MAWÈ APAVENAN MAVILE MAVAMBO MANAKÒ GANGAIÒ ALUVÀ BIOLATAN MARABO MALUNGU MANAWELE MAVILUTANGU(*) MALAGÒ ALUVAIÀ TIBIRIRI KAJA ENGANGA MAVÙ (*) Encarregado de levar o padê A cultura Angola é diferente da Iorubá. No Angola um orixá pode responder diferente (ex. Pessoa de Katubelanguanje (tipo Jagun) pode responder Obaluaiê ou Oxalá.) MUJILO TÍTULO: MAMETU MUBIKA (Mãe Trabalhadora) ou YASÓBA NJILA Caminhos ou Senhora dos Caminhos) Existem 4 linhagens de Exu fêmea. QUALIDADES: KAKURUKAIA (ou KAKARUKAIA) JILA MAVILE JILA MAVAMBO JILA MANAKÒ NKOSI TÍTULO: TATA HOXE (Pai Cavalgador) QUALIDADES: MUKUMBI BIOLE MINIKONGO TOLODE MALEMBE KONGO MUKONGO SINAVURIE (**) KAMINDERE (Mais Velha dos EMBAMBIE (*) BAMBI MALÈ TOLA AMINIBU ou KAJA MUKONGO TARAMENE TARIULÈ

KAMBINDA ARONDI NKOSI MAVAMBO NGÓ KONSENZA PALAXO KARIRI (*) Os que têm Bambi = azul anil (**) Quer dizer CAMINHO FELIZ, pessoas felizes. Sinavuru = Felicidade (***) Semelhante a Xorokê. Come com Exu. (***) MUGOMESSÀ NGUNZU TÍTULOS: TATA MUKONGO (Pai Caçador) QUALIDADES: BARANGUNANJE BARANGUANJE KITALA MUNGONGO SANDANGUANJE TATA KEWALA GONGOBILA MUTAKALAMBO (**) TAWÀ MUGONGO MUHANGUE (NH) MUSSAMBURA HINGUÈ GANGOLA KAIZA TALA MUZANGUÈ (*) Semelhantes a Iboalama (**) O mais velho de todos (***) Adora daçar KATENDE TÍTULOS: TATA KISABA - TATA NSABAS (Pai das Folhas) QUALIDADES: KATENDENGANGA GANGAFUN GANGAMIN KAMUNKEN AMOKU KAFILEKONGO GANGATAMBESSI ABUKE MAUN MARAGANDÚ MARANGOMBE (*) (*) Todo Ogã que mexe com folhas

deve assentar um Marangombe. Por isso ele se chama Kixikarangombe. KAVUNGU TÍTULOS: TATA NGOMA (Pai Senhor) ou TATA MUXINO OXI (Pai Rei da Terra) (AKUA NGANGA MOXI - Senhor dono da terra) QUALIDADES: NSUMBU (*) ANGOSSARA DUNDE SALE (**) DUNDARÁ (**) MALAIZO KINGONGO (***) KAFUNAN KASSUENZO KAKAWANI KATEN KATULÈ* KIMBONGO KATUIZO(****)* KATURA GONGUÈ * KALELE KATULEMBARASSIMA* SUMBUNANGUÈ KAFUNGÈ KATUBELANGUANGE* KAWUNDEN * Os KATU - cor clara - preto e branco - têm idade - comem com Lembá (*) Ligado à vida MUTALAMBÔ (*) KASSANGUANJE KUTALA (*) KABILA INDARO (***) ARIRÈ TAWAMIN

(**) (***) (****) Os que têm DUN no nome são perigosos. Ligado à morte como Xapanã Izo = fogo - ligado a Pambunjila e Kaiangu HANGOL'O TÍTULO: TATA NHOKA (Pai Serpente) QUALIDADES: TATARA KUNDE ZINGALA AIYNÈ GANGA VULÀ (*) ou Maranvaia MALANVAIA (*) KOKODÒ HANGOLOMÈA TÍTULO: MAMETU NHOKA (Mãe Serpente) QUALIDADES: SIMBENGANGA GOROMÈA (*) JAWTÀLE TUMAZA (**) (*) ou Goloméa (**) da água ZAZI ou KAMBARANGUANGE TÍTULO: TATA KINUMINU - Pai Relâmpago QUALIDADES: KAMBARANGUANGE ARÁ ZAZI MOBONA (*) MAKUDIANDEMBU LUANGO (**) LUVANGO (***) ZAZI KINAMBO ZAZI MAKULE ZAZI NGUELE ZAZI KIANGO NJEREWÀ ZAMBELE MASSANGANGA KARIOLÉ MONAKAIA (****) ZAMBARA KATUBELANCI (*****) (*) Semelhante a Baru - fica ao tempo, em local sem cobertura (**) Branco - semelhante a Ayrá Osi. (***) Vermelho - semelhante a Ayrá Bonan (****) seria filho de Kaiala (*****) Come com Kavungu KITEMBU TÍTULO: TATA ZARÁ - Pai das Estações (Kitembu = Vento) QUALIDADES: AMURAXÓ MAVILA MAVULU EKISIKO JAMUKANGUE MAKURA EWÀZILE MAWILA LEMBURA (*) ZALU (**) APOKAN (***) OSSIN (****) POLOKUN (*****) GONGOA

(*) (**) (***) (****) (*****) Ligado a Lemba ligado a feitiço - encanto IMBUIM ligado a feitiço - encanto ISSASSERIN ligado a feitiço - encanto APAN ligado a feitiço - encanto EBULIN KAIANGU TÍTULO: MAMETU MUJINDA - Mãe das Tempestades QUALIDADES: NDEMBURE BAMBOROSSENA KATAMBA LEMBOADINAN NSINAVULU MAVANJU KARAMOSE (*) GURIMAN DAMINAJO SITAMBA (*) Muito quente. Pior do que Bagan. DANDA ou DANDALUNDA INDA MATAMBA SINAVANJU MUIGANGÁ SIMBELE TÍTULO: MAMETU DIZANGA NGIJI - Mãe das lagoas e rios Deusa das lagoas de águas limpas. QUALIDADES: KISSIMBE (*) TERERE DANDA SIMBE DANDEWARÁ DANDARA DANDA MAIOMBE DANDA DABI KAMBALASINDA (**) MAIMBANDA (***) JANJAQUARA TAKUMBIRA KUIA BEKÓ KITA LOMIN KISSALUNDA DANDA DILA (*) semelhante a Iya Pondá (**) gosta muito de dançar (***) gosta de dançar com Telekompensu KAIALA TÍTULO: MAMETU KIMAZA - Mãe das Águas QUALIDADES: KAIJALA KAIMERA TUNDERENAN ABILUNDA VANULÉ ABITÉ KAVITÉ SIVITE (*) Semelhante a Yemojá Ogunté SAVACY (*) NAVITÉ MUXEKE ZUMBÁ ou ZUMBARANDÁ TÍTULO: MAMETU DIZANGA - Mãe das Lagoas (Nos vários níveis das águas, desde a superfície ao fundo lodoso) QUALIDADES: AJAOSI TAKULANDA SIBUKE KAMBALANDA (*) KUABÒ KARANA NAJETU NASSUELE NAJURE BEJERUNDÀ MAJULÈ DIJELÚ

(I)NDUÁ KARAIZA ZAMBARANE (*) Próxima a Oxum (**) Tem a ver com Kavungu ZUMBÁ ZUMBARANGUANJE(**) ZUMBÁ na cultura Bantu, NANÃ na cultura Iorubá, sendo equiparada à figura da avó africana. Sendo este nkisi anterior à idade do ferro, esta é a razão da proibição do uso de ferro ou aço nas suas obrigações. Diz-se que ela não pode VER ferro ou aço. Par resolver essa quizila deve haver no barracão um outro local onde se coloca mariô em toda a volta e na porta uma quartinha com uma fava de Ogum dentro. O bicho é cortado nesse quarto, canta-se para o bicho, não se grita o orixá. Bate o ibosé, leva para o quarto onde está o orixá já batido. O ibosé faz-se numa bacia de ágata com água, mel, azeite doce, acaçá, corta-se o bicho, bate-se e só depois se apresenta ao orixá. OU: os animais usados nas obrigações deste santo devem ser sacrificados com uma faca de bambu (*), (ou baobá, ou concha tipo shell, chata). A faca de bambu é denominada no culto de IGUI. Pode ser usada também um instrumento feito da espinha central do peixe POKUINAN. Esse instrumento é chamado IGUIMOKINAN, devido ao nome do peixe. É com essa faquinha que se raspa a cabeça quando necessário. Haja vista que o uso da navalha (POKO NDEMBA = Faca de cabelo) é terminantemente proibido no ritual de Zumbá. Também as curas. Prepara-se um pó ritualístico e faz-se só o sinal, sem cortar. Para filhos de Zumbá e Abiku. O primeiro ejé para o otá é das curas, mas nesse caso os otás são alimentados com a saliva (sangue branco) (**) Devido à razão de seus princípios, fundamentos e funções este santo acaba sendo temido pelas pessoas do culto, já que dizem que espalha a morte (erradamente). ZUMBÁ é ligada saúde, mente, estudos, menos à morte. Suas cores principais são o branco combinado com o roxo ou com o azul escuro, demonstrando a situação das cores em relação às qualidades. Este santo domina as lagoas na sua superfície e também no fundo lodoso. Dentro do culto do Candomblé (no runkó - ndemburo) ZUMBÁ e NKOSI não habitam o mesmo ambiente. A junção dessas duas forças num ambiente tem consequências desastrosas tanto para a pessoa que recebe a obrigação como para a casa. COMENTÁRIOS: (*)Zumbá e Xapanã são santos perigosos, porque respondem na saúde. O mesmo tipo de faca é usado para os Xapanã (Nsumbus). Também não se usa aço nem ferro, porque eles são anteriores à idade do ferro. Para Ogum a faca deve ficar envolta no morim, só se mostra na hora do corte, com a ponta para baixo, para não chamar Ogum para a briga. (**) Da mesma forma, a primeira água vai com a saliva do pai de santo, tanto no obi como no Bori.

Para Zumbá e Iku mulher não corta, só em último caso. E deve ficar amarrada. Pra Egun e Exu mulher só pode cortar se não menstruar mais. Pambunjila e Bara não gostam de mulher. Mulher só pode cortar para exu de Umbanda. GERAL: Para louvar santo de Angola: PEMBELE...! (Viva! Salve!) Pembele Mukongo ! Salve o Caçador! Pembele Muximo! Salve o Rei da Terra! e assim por diante. Para pedir o nome do santo em Jeje = VODUN RUIN Angola = SUNA NKISI! = Seu nome, Santo! (ver outra forma) Oferecer comida: Jeje = ADONUM = R. VODUN MOJURUÁ Angola = NGUDIA ou GUDIA = R. AWETO ou GUDIAXÉ Bênção - MAKUIU ou OKUMBENJELA - R.; MAKUIU NZAMBI ou OKUMBENJELA NZAMBI Minhoca - menor serpente No Olubajé a comida de Xangô sai da roda e vai ser colocada no Tempo. No culto Ngola Zazi está ligado a elementos minerais, principalmente rochas. É justiceiro, pune quem erra. Oya Bagan - só de Jeje. "Oya ti abe mi a Gelede" - ligada a Gelede. Tempo recebeu o título de Rei do Ngola, sendo um dos jinkisi mais importantes. As mudanças climáticas eram muito importantes para a vida comunitária. Havia tempo de pesca,

tempo de caça, plantio, de acordo com as estações. As pessoas seguiam o que indicava a bandeira do Tempo. O povo tornou-se nômade. KAINGU - Este poderoso nkisi está associado ao culto aos numbis e também aos fundamentos de carrego dos mortos. Também ao culto dos ancestrais. (Corisco ventos - chama do fogo) MINA LUGANO (OU MINA LUGANDO, OU MINA LUANGO) OBÁ - IYÓBA (NINFA) TÍTULO: KIAHELA NGÚSU - Rainha da Força QUALIDADE: KIAHELA NGÚSU MINA AGANJI - YEWÁ TÍTULO: MONA LOMÉ - Filha Doce QUALIDADE: MONA LOMÉ

TELEKOMPENSU - LOGUN (IJEXÁ) - AJAUNSI (JEJE) TÍTULO: MONA MUCHINO - Filho do Rei QUALIDADES: KULOESSA (*) (*) Pescador (**) Caçador (***) Das águas KUTOMBÉSSA (**) MAIONGUÊ (***) LEMBA - LEMBAENGANGA - LEMBARENGANGA TÍTULO: TATETU DIKUMBI (ou TATA DIKUMBI) - Pai do Sol QUALIDADES: ZAMBI APONGO LEMBAENGANGA LEMBÁ OU MALEMBÁ (*) GANGA ZUMBÁ (**) GANGA MALEMBÁ KASSULEMBÁ GANGA JIOKÁ NBIOKÁ GANGA KAMENEMENEN SINGANGA EMAN KASSUTÉ AKRIZILÊ (***) GANGA BENUN AJALUPONGO GANGA KAZUMBÀ LEMBA MAFURÀ (*) Semelhante a Ogiyan (**) Ligado a Zumbá (***) Usa cabaça MINA LUGANO (OBÁ) Ninfa, cultuada junto a Zazi e Kaiangu. Alimento: amalá, acarajé, pupunha (coloca o feijão fradinho de molho, descasca, mói, cebola ralada, quiabo moído. Bate, faz bolinhos e frita no dendê). Come em gamelas redondas. É o único nkisi que usa gamela redonda, os outros comem em gamela oval. Folhas: de Oyá - pára-raio, erva prata, saião, romã. Não tem quizila com nenhum orixá. É lenda. Seu número é 15. Come quente. Mora nas matas fechadas, traz na mão uma arma de limpar algo, tipo uma lança de madeira (da palha do coqueiro). Pode colocar um arpão. Outro que usa lança de madeira de coqueiro, grande, é Jagun. Na outra mão usa xaxará. MINA AGANJI (YEWÁ) Ninfa. Conta a lenda que só deve ser feita em virgens. Os pés não podem aparecer. A saia deve ser bem comprida e com uma renda cobrindo os pés. Não vira em homem, só em mulher. Não usa adê. Usa torso (vermelho, branco, ouro). Tem enredo com Danda e Hangol'o. LEMBÁ - LEMBAENGANGA - LEMBARENGANGA

É conhecido como Tatetu Dikumbi - Pai do Sol. É cultuado ao amanhecer. Não se corta para ele de madrugada. Pega o raiar do dia. É representado pelo sol, e a iniciação é feita com a pessoa virada de frente para o nascer do sol, que o angolano diz ser a luz da sabedoria. Este nkisi está ligado ao culto do sol, tendo como cores no panteon angolano o amarelo e o branco. Tem muita ligação com Zumbá. ENREDOS DAS QUALIDADES DE JINKISI PAMBUNJILA PAMBUNJILA DA FOLHA. Na hora de dar a folha ao assentamento de um Bara louva esta qualidade KUJANJO PAMBUNJILA LOUVADO NA MATANÇA. Antes das rezas de matança grita este pambunjila KIJANJA Caminhos do bará de Kavungu / Zumbá KUMBAKÓ Zumbá/ Kavungu SINGANGARA Kaiangu / Danda SIGATANA Zumbá / Kavungu INGUÉ Danda / Ngunsu MAWÈ Lembá / Kaiala APAVENAN Lembá / Nkosi MAVILE Nkosi / Kitembu / Kaiala MAVAMBO Nkosi / Ngunsu MANAKÒ Katende / Ngunsu GANGAIÒ Katende / Ngunsu ALUVÀ Nkosi / Kaiangu BIOLATAN Nkosi / Lembá / Danda MARABO Zazi / Kaiangu / Mina Lugano MALUNGU Ngunsu / Mina Lugano MANAWELÉ Zazi / Mina Lugano MAVILUTANGU(*) Recebe o padê MALAGÒ Mina Aganji / Telekompensu / Lembá ALUVAIÀ Hangol'o / Hangoloméa TIBIRIRI Zazi / Hangol'o / Hangoloméa KAJA ENGANGA Kaiangu MAVÙ Kavungu / Zumbá KOROBÒ A nação Ngola é a única que se

preocupa com os astros (fases da lua). Quando chega uma visita importante só se dobra couro nas casas de Ketu. Ngola e Jeje convidam a pessoa com um ritual. KUKUANA (OLUBAJÉ IORUBÁ) (ZANDRÓ JEJE) Se vamos fazer a homenagem num dia determinado, devemos começar as rezas 7 dias antes. (Sendo dia 16, começa dia 10). NÃO IMPORTA A NAÇÃO, tem que completar os 7 dias. Kavungu responde no 7, logo ficam 9 búzios fechados. Para resolver a quizila do 9, fazer um balaio com comidas de Kiala, com 9 acarajés para Kaiangu.

Todos os filhos da casa que sejam de Oluaê devem cortar para o santo no penúltimo dia (véspera da festa). Pode ser um frango, não precisa bicho grande. Nos 7 dias que precedem a Kukuana todos os filhos da casa deverão ir ao orô de Kavungu. No meio do barracão o zelador arria um balaio de doburu, com um buzanguê com água ao lado. Cada pessoa da casa chega, toma banho, acende uma vela em volta do balaio e senta em volta do balaio. Os banhos podem ser de BALAINHO ou CANA DO BREJO ou CANELA DE VELHO ou JENIPAPO ou BARBA DE VELHO ou ABIU ou SAPOTI (uma erva só basta, qualquer uma). Na Goméia e numa casa da Bahia lançou-se o costume de ir visitar 7 casas, uma por noite, com o balaio na cabeça. Hoje não se faz mais isso. O zelador senta ao lado do balaio e começa a rezar para o seu santo (da casa). É fundamental a reza de Kavungu que transcrevemos abaixo. REZA DE KAVUNGU: A FAKOTI EWI EWI MANUKENUN TATA KAVUNGU SINAVURUSY KE DEMINANGUANGE ORO KENUN NGOROSSY, EWI EWI MANUKENUN TATA KAMBONDO TATA KAVUNGU SINAVURUSSI KE DEMINANGUANGE ORO KENUN (Costuma-se cantar ERRADAMENTE: A faca da cotia Ewi, ewi manuquenu Tatetu Kaviungo Sinavuruce Ke deminanguange Oro Kenun) Após as rezas o zelador passa doburu do cesto em todos os filhos. Cada um toma a bênção e vai para sua casa. No final faz-se uma trouxa com o doburu e coloca-se junto a Kitembu até o final da Kukuana. No sétimo dia, nas casas de Ngola, são feitos 2 rituais. RITUAL INTERNO:

O zelador com uma pessoa de confiança faz comida pra: Pambunjila, Nkosi, Ngunsu, Katende, ZAZI, Hangolô, Kavungu, Kitembu, Telekompensu, Lembá, Kaiangu, Danda, Kaiala, Zumbá, Mina Lugano, Mina Aganji, Wunji. Dentro do ndemburo coloca um buzanguê e em volta pratinhos pequeninos com as comidas. Amarra-se uma fita correspondente a cada nkisi no pescoço da quartinha, e coloca-se no pratinho da comida correspondente. Pambunjila pode ser vermelho e preto ou BRANCO. Esse ritual fica montado desde o dia da matança. Filho de santo não mexe. Se for fazer toque, com assistência, na cozinha prepara-se a comida ritual para o povo. Deve levar tempero. Faz-se de 10 a 16 pratos. Claro que se não houver toque faz só o ritual interno. HAVENDO TOQUE TEM QUE TER: (tudo temperado) 1. Alguidar de padê 2. feijão fradinho cozido 3. feijão preto 4. canjica 5. acarajé 6. bolas de acaçá com leite de coco, ou com cebola e sal 7. peixe (sem ser depele) 8. camarão 9. espigas de milho cozidas 10. carne de porco (come quem puder) 11. ovos cozidos 12. batata doce cozida 13. batata baroa cozida 14. Doburu feito na areia ou no dendê, dependendo de quem for a casa 15. inhame cozido 16. amalá OU ajabó OU kadraká OU canjica com quiabo - frutas em geral e flores Os filhos de santo entram com as comidas, tudo em alguidar número 4 para ficar mais bonito, com um ojá estampado amarrado no alguidar. Vão formando a roda. O filho que carrega a comida de Zazi, ao passar pela porta, sai de fininho e deposita o alguidar em Kitembu. As comidas devem ser servidas em folha de mamona BRANCA. Deve ser conversado com os filhos e os santos deles a tradição de cada casa, os filhos trazem a comida. No final, na hora d suspender, os santos viram

e levam as comidas que sobraram, formando a mesma roda, cada santo com a comida que a pessoa trouxe. As rezas NGOROSSI sempre são repetidas 3 vezes, não importa a finalidade. NGOROSSI: 1. PARA ARRIAR A COMIDA NO NDEMBURO: AÊ SAMBAN GOLÊ KUKUANA LELÊ SAMBAN GOLÊ

AÊ SAMBANGOLÊ KUKUANA LELÊ SAMBANGOLÊ 2. NGOROSSI PARA ARRIAR AS COMIDAS NA RODA E SERVIR: DIANDÊ MAKULÊ MAKULÉ TÁLA MULAKO DIANDÊ MAKULÈ MAKULE TÁLA MULAKO 3. NGOROSSI PARA LEVANTAR A KUKUANA (COM ADJÁ) AÊ LAGÔ LAGÔ NILÈ AÈ LAGÒ LAGÒ NILÈ A comida retorna ao roncó ou direto a Kitembu, dependendo da facilidade do barracão. Nada é jogado fora. Todo o resto das comidas, servidas ou não é colocado num cesto em Kitembu. Junta-se as comidas do roncó, as matanças, o doburu dos 7 dias. É o carrego da Kukuana, que deve ser levado e colocado em mata limpa ou nas águas de uma cachoeira. (O carrego da Kukuana foi deixado junto a Kitembu. Os demais, junto ao pé de iroko) PARA LEVANTAR O CARREGO 3 CANTIGAS - servem para qualquer ocasião em que se levanta comida. 1 - A primeira cantiga encanta a comida, energiza 2 - a segunda é para despertar - bate-se levemente com a vasilha no chão 3 vezes. 3 - para levantar com a dança ritual, e ir dançando entregar. Se for, por exemplo, de carro, ao sair do carro para entregar continua a rezar e dançar. PARA ENCANTAR A COMIDA: (Zelador abaixado, com adjá tocando, repete a reza 3 vezes). IZA DOBARÁ BOSSINAN DOÉ (^) BOSSINAN DAÓ (^) BOSSINAN DOÉ (^) KÜE DAO (^) RUN RUN PARA DESPERTAR:

MÒÒ (^) BIOE(^) MOBIJI BIAMUREXÁ PARA LEVANTAR: (Pode ser qualquer obrigação (bori, 7, 3, 14), a pessoa recolhida levanta e vem junto até à porta. Obrigação de 7 coloca na cabeça.) Essa reza é para qualquer comida levantada em qualquer ritual. AÊ JANIPÒPÒ (^) KÉ MI BAMBOXI KÉ MI BAMBOXÊ REZAS (3) PARA OFERECER COMIDA (NA HORA QUE ACABA DE COZINHAR) 1. IXÉ OIÁ TIMBÁ LARÉ ÒÒ (^) IXÉ OIÁ TIMBÁ LARÉ Ò (^) 2. NKISI NI (N)GUDIA OIÁ GANGOLOMÉA (R) NKISIS NI (N)GUDIA OIÁ GANGOLOTÁ (R) 3. TALA JÁ NSI, ERÒ (^) KUOGÁ NJÉ ERÒ (^) KUOGÀ. TELÚRICO = DA TERRA TELÚRGICA = DOS SERES CELESTIAIS NGOLA - veio da Mesopotâmia (Babilônia - fenícios, assírios e camdeus) (tem origem na Lemúria e Atlântida) Mohamed Pasolin - fenício - viajou muito por mar, chagou a Madagascar, andou Moçambique, Zimbabwe, Zâmbia, até Ngola e Congo. Ensinou Kasubenka Kasubenká = Oráculo Ngola, como o Ifá Yorubá. Jogo de Búzios. Formou apelejis (sacerdotes) ENREDO DAS QUALIDADES DE NKOSI (TOBO NO JEJE) MUKUMBI (E) BIOLE (^) EMBAMBIE BAMBI MALÈ Kaiala MINIKONGO TOLODE TOLA AMINIBU MALEMBE (Ligado à agricultura) - Katende Pambunjila / Lemba / Zazi Ngunsu Ngunsu Pambunjila / Lemba Ngunsu Danda (qualidade antiga - quando Nkosi estava na descendente e passou nas terras de Zumbá) KONGO MUKONGO ou KAJA MUKONGO Ngunsu / Katende SINAVURIE(^) Ngunsu / Telekompensu / Kaiangu KAMINDERE (^) Kaiangu TARAMENE(^) Aganji / Danda TARIULÈ Kavungu KAMBINDA Kavungu ARONDI Pambunjila NKOSI MAVAMBO Pambunjila (= Xorokê)

NGÓ(') Hangolo / Hangoloméa KONSENZA Wunji PALAXO(') Kitembu MUGOMESSÀ Kitembu / Katende / Kavungu KARIRI Zazi / Mina Lugando RELAÇÃO ENTRE

QUALIDADES Zumbá Nassuelè Nkosi Biolê Come com Lembá Come com Zazi Nguelê Come com Lemba Akrizilê (que usa cabaça) Come com Pambunjila Inguè (ou Kaja Mukongo) Come com Ngunsu Tawà Mugongo e Kitala Mungongo Come com Pambunjila Mavambu Come com Kavungu Katulé Nkosi Kongo Mukongo Nkosi Mavambu Nkosi Tariulé GERAL Quando se assenta Oluaê deve-se assentar Nanã; Oxum Pondá - Ogum; Ogum Oxossi. Qualidade de santo é um estágio daquele santo próximo ao outro. Lemba Akrizilê - usa cabaça - é perigoso - ligado a Iku - sua comida deve levar acaçá no fundo da vasilha, e deve ser tratado com todo o cuidado. Para arriar comida para Nkosi no barracão, o cará é sempre descascado, e sempre colocado em pé. Na rua pode colocar com casca e deitado (para cortar demanda). É sempre oferecido inteiro e assado. deve ficar cru por dentro (assar ou cozinhar aprox. 10 minutos). Na comida de santo os legumes devem ser cozinhados com casca e depois descascados. Quando se usam elementos ligados à terra, batata doce, inhame, cará, pode ser usado também o aipim. Bolinhos de aipim cozido amassado fritos no dendê é comida de Obaluaiyê. VOCABULÁRIO AKAN = AKUA UKULU = BAKULU = "AWETO"(^) = APAXI OTOZI = OTOZI = IEPE(') = APAXI IEPÉ = ALUBOSA = AIÓ = OJÁ ANCESTRAIS ANCESTRAIS (PLANTADOS) "OBRIGADO" - AGRADECIMENTO FRONTE DIREITA DIREITO ESQUERDO FRONTE ESQUERDA ALOBAÇA - CEBOLA ALHO

AKUÁ NGANGA = BRUXO, FEITICEIRO BAMBI = FRIO BUZANGUE (^) = QUARTINHA BOTÈS = CHAKRAS BATUKOTÉ = FESTA RITUAL BATUKENJE(^) = RODA DE SANTO BUNZI = COR ANIL BENBI = BELDROEGA - ERVA PARA PAMBUNJILA IMBUÁ = CACHORRO MUCÁ KUENDESSÁ = CAMINHADOR LUTETÈLE (') = CANA DISSANGA = CANECA HÀLA (ÁLA) = CARANGUEJO KIHÚBA = (QUIHÚBA) CARRAPATO MUÁMBA = CARRETO MACÁLA = CARVÃO TUCABÚLU = COELHO GUÉNDULU = COENTRO GUIUGUIÁ = COGUMELO QUIRIRI = COITO NGÓGI (J) = CORDA NBURI = CORDEIRO BÍNGA = CORNO (CHIFRE) NGÁNDU = CROCODILO NVÚLA = CHUVA MULEMBO = DEDO NGULUNGÚ = VEADO KAFUNDANKA = PÓLVORA GINÁ = PIOLHO TÚBIA = FOGO KITTULÚ = FLOR KITEMBU = VENTO NZACHI = TROVÃO KILÚ = SONO NGULÚ = PORCO KUFFUÁ = MORRER MATENA = CAFÉ MUCHITU = MATO OCUTANHINHA = LUZ KIRIMA = COR LARANJA NGANDÚ = LAGARTO RITENDE = LAGARTIXA DILENGUE = CONTRA EGUN DENGUE = MINGAU DIKELENGO = GARGANTA (ORIGEM DA PALAVRA KELE) KESSO = DIKÉSSO = MAKÉSSO = MAKASSO = DIKASSO = OBI MA = PLURAL ANGOLA DI = PLURAL CONGO DIKAJAJA = OBI - EM REP. CAMARÕES (SEMI-BANTUS) DIEMBE(^) = POMBO

DIEMBE DIKOLÁ = POMBA ROLA (P/OXUM) DIEMBE MAVAMBO = POMBO PARA PAMBUNJILA DIXISA = ESTEIRA RITUAL DE TABOA - DO PESSOAL MAIS NOVO DIBÚLA = ESTEIRA RITUAL DE PALHA DE ARROZ - DOS MAIS VELHOS DIZANGA = LAGOAS DIKUMBI = SOL DIALA = SANTO MASCULINO (OBORÓ) DIZUNGO = RITUAL DE SAÍDA DIKUTU = UMBIGO DIMBA NKISI = OBRIGAÇÃO RECEBIDA PELO ORIXÁ DENTRO DO RONCÓ DIKAMBELÉ = FESTA RITUAL COM CÂNTICOS (ORIGEM DE CANDOMBLÉ) HÔXE = CAVALGADOR HOMBO = CABRITO IPARUBÓ = CORTE DE ANIMAIS NZO = CASA OXI = IXI = TERRA IKÓ = ACAÇÁ ITÁRI = AÇO IBÉRÍ = BACIA DE ÁGATA JAWÁ = ABÔ (AGBO) KIANDÚ = CADEIRA KIALÚ =

BANQUINHO KAXITÓ = PATO KAFEJÈ = BOLA DE ARROZ OU ACAÇÁ DURO QUE PROTEGE O ORI, RITUAL DE RONCÓ. KARAMUNAN = INHAME CARÁ KATUÁ KUALUNDA = NASCER DA LUA KAFUÁ KUALUNDA = POR DA LUA KATUÁ DIKUMBI = NASCER DO SOL KAFUÁ DIKUMBI = POR DO SOL KATUÁ = NASCER, RAIAR, DESPONTAR KAFUÁ = POR-SE Os componentes da roda de santo devem girar no sentido anti-horário. Os orixás rodam no sentido horário. POMBO ELEVA A OBRIGAÇÃO DADA A EXU. PODE SER DE QUALQUER COR) SAIÃO - FÊMEA - FOLHA REDONDA; MACHO - FOLHA COMPRIDA. USA-SE NO ORI DE ACORDO COM O SEXO DO ORIXÁ. KAFEJÉ - RITUAL DE RONCÓ - BOLA DE ARROZ OU ACAÇÁ DURO QUE PROTEGE O ORI (RENOVAÇÃO SIMBÓLICA DO OXU - OXU RITUAL) LEVA NA OBRIGAÇÃO OBI (DE 2 OU 4) OU OROGBO, QUARTINHA COM ÁGUA, ARROZ, CANJICA E KAFEJÉ. PROTEGE O ORI COM SAIÃO MACHO OU FÊMEA. TODOS OS MAIS VELHOS MASTIGAM UMA BANDA DO OBI, COLOCA NO KAFEJÉ A MASSA MASTIGADA E O CORAÇÃO DO BICHO (POMBO OU CONQUÉM). NO ORI COLOCA-SE SÓ A FOLHA E O KAFEJÉ EM CIMA, AMARRA-SE COM UM OJÁ. NA MESA DO BORI BASTA TER CANJICA E ARROZ. NA MANHÃ SEGUINTE TIRA O KAFEJÉ E COLOCA NA CANJICA. TODOS VÃO COMER UM POUCO DE ARROZ, CANJICA E BEBER UM POUCO DA ÁGUA.

 CASO SEJA UMA PESSOA AINDA NÃO INICIADA, NA QUARTINHA COLOCASE UM OTÁ PARA A PESSOA E O PEDAÇO DO OBI QUE SOBROU. FICA ALI PARA SEMPRE. CANTIGA DE CORTAR CABRITO MÈ MÈ MÈ KONGO DIMBANDÁ TUDIÁ (2 VEZES) KAMBONDO INGURA HOMBO KONGO DI MBANDÁ TUDIÁ KESSO (') = KURUPIRA = KUZUELA (') = GRITA) KATUJI = KUENHA KELLE = FEITURA) KIJINGU = KUTUNDA = KALLA = KIXIKARANGOMBI KIXIKARA = NGOMBI = KARAMBOLO (^) = KILÚ = KALUNGOME = KIAMUFUMALE = KIAKUTUÍMA = KANGULA = KUMBI NGOMA = KÚKU = KIRINKU = KIRIRI = KIHUBA = KAMOXI = KAIARI = KATATU = KAKUANÁ = KAKATUNO = KASSANGULU = KASSAMBÁ = LUKUAKU = LUKU = LAMBURÚ = OBI IKODIDÉ ATO DE SOLTAR A FALA DO ORIXÁ - ILÁ (O QUE O SANTO BANHEIRO QUEBRA DE KELÊ (CERIMÔNIA APÓS 3 MESES DE CUIA ADOXO AXÉ, FORÇA, MUKI (Congo) = OGÃ. RUNTÓ (Jeje). TOCAR COURO DE BOI GALO SONO MORTO PERFUMADO (Título de Danda) PODEROSA (Título da Oyá da Deise) TESOURA SOM DOS ATABAQUES, TOQUE DOS OGÃS AVÔ BATATA ATO SEXUAL CARRAPATO DOFONO DOFONITINHO FOMO FOMOTINHO GAMO GAMOTINHO VIMO PÉS E PEITO DOS PÉS MÃOS E PALMAS DAS MÃOS CHÃO

LUTETELÉ = CANA LEKRIN = ALECRIM MULEMBO = DEDO MUCHITU = MATO MAJINA = NOME DIJINA = O QUE SAI DO NOME (EX.: Mawila e Kissimbe = digina Mawimbe) MAMETU = MÃE MUJINDA = TEMPESTADE MAMETU MUJINDA = TÍTULO DE KAIANGU MUKONGO = CAÇADOR MUBIKA = TRABALHADOR MESU DUÍLO = TESTA MUTUÈ (^) = CABEÇA MUKIADIME = AGRICULTOR (FORTE) MUXIMA = CORAÇÃO (TRIBAL) PUMBULU = CORAÇÃO NO IDIOMA MUKÍ = FORÇA (CONGO) MUAGONGO = SÉTIMA VÉRTEBRA (também leva cura) MAKWIU = BÊNÇÃO MAKÉSSO = OBI MENHA = ÁGUA (Angola - Kimbundu) MAZA = ÁGUA

(Congo - Kikongo) MASSANGUÁ = BATISMO MULÉLE = ALÁ (DE LEMBA) MUKATU = SANTO FEMININO MAAMBA = O PRÓPRIO SANTO (ASSENTAMENTO DO SANTO) MAGANGA = PESSOA VIRADA - UNIÃO DA MATÉRIA + SANTO MUNGUÁ = SAL MANJULOPÒ = AZEITE DE DENDÊ MAJULUNDU = AZEITE DOCE (AMÊNDOAS, ALGODÃO, MENOS OLIVA) MATEMA = CAFÉ MUGINHA = ALGODÃO MUENHO = ALMA MANDANKU = ARANHA MUBANKA = BORBOLETA MAVULÚ = VINHO MAKANU = BOCA MAKU = BAÇO MAKALA = CARVÃO NBURI = CARNEIRO NGOGI (J) = CORDA NBUÁ = CACHORRO NGUNDÁ = BRIGA NANACHE = ABACAXI NHUKI = ABELHA NKULOLÓKA = PADRINHO NZAMBI = DEUS NZO = CASA

NGANDU = CROCODILO NVULA = CHUVA NGULUNDU = VEADO NGULU = PORCO NUENE = ELE OU ELA NBUTU = NAÇÃO NGIJI = RIOS OU CACHOEIRAS NDANJI = RAIZ NHOKA = SERPENTE NGOMA = SENHOR (ATABAQUES = NGOMA Zazi, etc.) NBACHI = TARTARUGA NDUMBI = INICIADO NBINDA = CABAÇA NDEMBURO = RUNCÓ NKISI = DIVINDADE (ORIXÁ, VODUN, ETC.) NZACHI = TROVÃO NUMBI = EGUN NTAMBI = QUALQUER CERIMÔNIA FÚNEBRE (SIRRUM, AXEXE, ETC.) NSABAS = FOLHAS OKUTAINHA = LUZ OTUZI = DIREITO ODABÉ DUILO= NUCA OKUBENJELA = BENÇÃO (PEDIR) OKUBENJELA NZAMBI = DEUS TE ABENÇOE (OLODUMARE BUKUN RE) ORÔLELE = OROGBO OKUBEZA = ADORADOR OXI = TERRA (CHÃO) NGOMI = PLANETA (VISÃO GLOBAL - CÉU + TERRA) PUMBULU = CORAÇÃO (ÓRGÃO) POKÓ NDEMBA = NAVALHA NDEMBA = CABELO PAGODÔ = KATUJI - BANHEIRO PUEMA = BOM MUXIMA PUEMA = BOM CORAÇÃO (PESSOA BOA) PÉNTU = BERIMBAU RITENDE = LAGARTIXA RIKUSSUKA = VERMELHO RUTA = ARRUDA SAMBORO (^) = CANTIGA SANJI = GALINHA SUNA = NOME (QUALQUER NOME, NÃO É SÓ DE SANTO) EX.: ORUKÓ) IPARUBÓ = IBOSÉ - MATANÇA TUBIÁ = FOGO TATA = PAI TARIMBA = CAMA TUASAKIDILA (TUASSAKIRILA) = SEJA LOUVADO TUASAKIDILA NZAMBI = DEUS SEJA LOUVADO TUKABULU = COELHO

TIMO = GLÂNDULA ESPIRITUAL. DURA DO NASCIMENTO ATÉ AOS 7 ANOS, LOCALIZADA NO TÓRAX (ESPINHELA CAÍDA) UAKONGO MUTUÉ (^) = CENTRO DA CABEÇA UAFUZA KUIZA = VAI E VEM DA MORTE (ABIKU) UAÍBA = O MAL (OU PESSOA MÁ) UIKI = SAL UEMBÁ = SAL XIMAN = NAVALHA (KIKONGO) XIKILÉLA = COR PRETA ZARÁ = ESTAÇÕES CLIMÁTICAS ZATÁLA = ALFACE ZUMBÁ = ROXO GBERE (^) = CURAS MÔNÁCONGÉ (ê) = PÓ SAGRADOS NKISI DIALA = CURAS MASCULINAS - INCISÕES VERTICAIS (7) NKISI MUHATU = CURAS FEMININAS - INCISÕES HORIZONTAIS (8) CURAS - GBERÊ A introdução de forças de forças no corpo (kalla) é feita através dos bhotés, que são interligados no corpo através de pequenas incisões feitas com a ximan, sempre no sentido de cima para baixo, sempre rezando, sempre pedindo muita força e saúde para a pessoa, colocando nos cortes pos sagrados (monákongê). O ritual do OBERÊ é feito com a ximan: no centro da cabeça, no peito, nas costas, sobre a sétima vértebra, nos braços, nos pés e sola dos pés, e em alguns casos na língua. Nos nkisi diala as incisões são feitas no sentido vertical, em número de 7. Para os nkisi muhatu são feitas no sentido horizontal, em número de 8. MONAKONGÊ A monakonge deve ser preparada em cuia de cabaça (nbinda) ou najé, em noite de lua crescente ou nos 3 primeiros dias

da lua cheia. Na preparação da monacongê é obrigatório o manuseio masculino ou uma senhora de 80 anos ou mais (sem kiriri). Após seu preparo receberá obrigações (deixa a cabaça na comida do nkisi da casa, junto a um buzanguê com água durante 3 dias) A obrigação é ligada ao santo da casa. É costume no Candomblé, geralmente no mês de junho, se fazer uma fogueira para Zazi Luango, se colocando os elementos. Depois queimar tudo peneira-se as cinzas em peneira bem fina e guarda-se para juntar quando for fazer a monakonge. DIZUNGU NKISI RITUAL DE SAÍDA DE SANTO

Após o período de 21 dias no ndemburu, depois de realizado o sacrifício animal, no benguè do ndumbi, será feita a apresentação do santo no salão do barracão (sambile). PRIMEIRA SAÍDA A primeira saída é realizada com o ndumbi vestido de branco, com calçolu e saia comprida se for nkisi muhatu, e saiote de for nkisi diala, tendo no peito um akan atado para a frente com laço para nkisi muhatu, e laçarote para trás se for nkisi diala, tendo no centro da cabeça (mutuè) uma massa cônica confeccionada com ingredientes da própria obrigação, colocando-se no centro desta massa uma pequena pena de galinha d'angola. (O cone tem um furinho no meio, que faz conexão com a cabeça), e um grão de areia, que significa ser um elemento que nasce para progredir e construir outros da mesma espécie. Esta massa cônica recebe no Ngola o nome de Kutunda. O iniciado recebe ainda, no centro da testa, uma pena vermelha de um pássaro africano chamado Okan, podendo ser substituída por pena vermelha de papagaio. Na cultura Bantu esta pena recebe o nome de Kurupira (em outras nações ikó odidé). O iniciado sairá todo pintado de branco, com uma tinta confeccionada com menha di jawa e iyefun ralado. A pintura é realizada em forma de pequenas bolinhas, usando-se para isso a pena de galinha d'angola da primeira matança do iniciado, com a ponta cortada. Durante o ato da primeira saída, 4 iniciados no culto seguram um muléle (alá) branco cobrindo no salão a trajetória que o santo fará da porta do quarto de santo até à porta de entrada do barracão, até à firma da casa e até aos couros, retornando finalmente ao quarto de santo. Durante esse trajeto a mametu ndenge ou o tata ndenge do iniciado conduzirão uma dixisa forrada, que será esticada para o iniciado deitar na mesma e bater paó (patéwó) na porta de entrada, no centro e aos pés dos atabaques, sendo que naqueles momentos os atabaques param de tocar para que todos os presentes ouçam o som do paó do iniciante. O ato da primeira saída é feito sob a entonação da seguinte cantiga: É MUZENZA MUZENZA KIOBÁ É MUZENZA MUZENZA E AÔ É MUZENZA MUZENZA KIOBÁ É MUZENZA MUZENZA LÊ KONGO OBS: A pintura da primeira saída é dedicada ao nkisi Lembá, Deus da criação, razão porque a pintura é feita no branco, sendo que as bolinhas brancas representam a galinha d'angola, que segundo os mitos foi o primeiro ser material a pisar no planeta, simbolizando também este animal a própria via criada por aquela divindade.

SEGUNDA SAÍDA A segunda saída do iniciado representa a apresentação do santo, sendo dedicada a Kutunda (oxú). Nesta saída são adicionadas ao corpo do iniciado pinturas com outras cores. (É bom ter sempre uma pessoa de plantão no ndemburu com um abano, para abanar o santo toda vez que voltar). Cores: Pega potinhos com menha di jawa e iyéfun e dilui as tintas. azul - waji vermelho - osun ou beterraba amarelo - yerosun verde - espinafre dá um tom muito bom. Para os santos da linhagem Lembá (fun) considerados essência branca, exclui-se a cor vermelha. Esta saída também é realizada com a roupa branca, devendo o santo sair com uma folha de pelegun verde em cada mão, trazendo no pescoço as contas brancas, o mokan, e nos

braços as impulsas e s senzalas com búzios. Para santo diala, 7 búzios verticais. Para santo muhatu 8 búzios horizontais. Nesta segunda saída o santo simplesmente dará uma volta dentro do salão. Durante este ato é entoada a seguinte cantiga: MUZENZA DI LEKONGO E AÔÔ EÁ EÁ EAÔ (BIS) MUZENZA DI LEKONGO E AÔ TERCEIRA SAÍDA É designada de DIZUNGU SUNA NKISI. Esta saída é realizada com o santo vestido com roupa estampada (nas cores do santo). (sem kurupira, sem pintura, sem kutunda) Este ato é a parte culminante do dizungu, pois simboliza dentro do culto o nascimento do nkisi (o santo nasce na realidade na hora de dar o nome). Seria o sopro vital (ofu), o momento em que o santo grita a suna no salão, pedida pelo padrinho ou madrinha, pessoas essas escolhidas entre os visitantes da casa considerados ilustres dignatários do culto. O momento que antecede a tirada do nome realiza-se dentro do quarto de santo preceitos litúrgicos de que trataremos a seguir. Antes da saída para o nome é sacrificado um pombo branco (diembe) para Zambiapongo, sobre o mutuè do iniciado, colocando-se no centro do mutuè o colar de penas do pescoço do pombo, fixando-o no centro do mutuè (o pombo fica montado lá dentro no assentamento de Lemba, com o peito virado para baixo). Logo após esse ato será confeccionada uma mistura na dilonga (fundamento para soltar a fala do iniciado), composta de: acaçá diluído, vinho moscatel, um pouco de mel (depende do santo), um pouco do abô da casa, um pouco do ibosé (há quem coloque obi ralado). Pega um ovo, estala a ponta, abre uma tampinha, o

santo pega o ovo, leva à boca, bebe e bebe também o conteúdo da dilonga. Aí solta a fala. O santo estará pronto para azuelar (falar). Cantiga para esta terceira saída: BEREKETÚ, BEREKINAN E AÔ EÁ EÁ EAÔ BEREKETÚ, BEREKINAN E AÔ Recolhe-se o santo. QUARTA SAÍDA Recebe o título de BATUKAJÉ ou BATUKOTÉ - é a festa - louvação com cânticos. Neste ato o santo sai paramentado com as roupas apropriadas em cores de sua preferência, que o caracterizam, e com suas ferramentas, para receber o Batukoté (louvações). Sai com a zeladora, o pai ou mãe pequena, mãe criadeira e madrinha ou padrinho. (Padrinho e madrinha deveriam participar de todas as obrigações, acompanhando aquele santo dali em diante). Eles dançarão junto com o santo as cantigas em louvação ao mesmo. Pra esta quarta saída escolhe-se uma das cantigas abaixo, para puxar o santo para o salão: 1 - SAKE LAZENZA É MAWÒ É MAWÒ É FUNJEKE SAKE SAKE LAZENZA É MAWÒ É UM AGANGUÈ (Ritmo - Kongo) 2 - A È ZENZE À È ZENZA MUZENZA DE LEKONGO UN XAUENDÁ (ritmo Muzenza) 3 - TOTÉ TOTÉ DI MAIONGA MAIONGAMBE (^) Esta mesma cantiga serve para o banho TOTÉ TOTÉ DI MAIONGA MAIONGOLE (^) GOLE = ESTAR NO BANHO GAMBE = ESTAR NA DANÇA MAIONGA = BANHO OU MOVIMENTO DO CORPO

 XAORÔ DO INICIADO - SANTO DIALA - LADO DIREITO; SANTO MUHATU - LADO ESQUERDO RETORNO AO NDEMBURO Depois que o nkisi é trazido para o meio do sambilê com uma das cantigas acima, são entoados os cânticos próprios de louvação àquela divindade. Durante o trajeto de suas danças a divindade angolana cantará os seus mitos, devidamente acompanhada pelo séquito do responsáveis por aquele evento. Após o término das louvações os símbolos de mão que durante as danças foram entregues a pessoas ilustres presentes, são devolvidos ao santo, que fará um caminho de retorno, dançando até o ndemburu, ao som de uma das cantigas abaixo. Cantigas para o nkisi voltar ao ndemburu: 1. (Congo) BROKOIÒ BROKOIÒ BROKOIÒ BROKOIÒ ('), BROKOIÒ (') (') TARUANDÁ ('),

BROKOIÒ (') (') TARUANDÈ (^) 2. (Muzenza) EWÀ GANGUÈ (^), EWÀ GANGUÈ (^), EWÀ GANGUÈ (^), EWÀ GANGUÈ (^), AKAIZO (^) EWÀ GANGUÈ (^) 3. (Barravento) GUIANU NZAMBI APONGODÈ (^) UN SEKESSÈ (^) UN SEKESSÈ (^) UN SEKESSÈ (^) (A Kitanda é no dia seguinte, após sair o urupy.) REZA PARA QUANDO A PESSOA BOLAR 1a. vez) 2a. vez) BOLÒ BOLÒ NA KUATEZÁ (OU KUATEZÔ) NSUMBUÈ! (^)(resposta) (da segunda vez em diante) BOLÒ, BOLÒ NA KUATEZALA NSUMBUÈ ! Quando alguém bola, se não souber cuidar a pessoa pode morrer. O metabolismo se altera, a pessoa esfria. Durante o acontecimento da bolação vira-se a pessoa bolada de barriga para o chão, colocando-se o braço direito para trás no chão com a palma da mão voltada para cima, e o braço esquerdo também no chão, à frente da cabeça, que deverá

estar de lado, formando o braço um ângulo de 90° no cotovelo, com a palma da mão voltada para baixo, cobrindo-se a pessoa com um mulèle branco. A mão direita dá energia, a esquerda absorve. Faz o encontro aiye/orun. COMO CARREGAR A PESSOA QUE BOLOU PARA O NDEMBURO O dono da casa segura a cabeça, e a pessoa será suspensa do chão por 3 vezes, por 2 ou 3 pessoas, de preferência kambonos, sendo conduzida com a cabeça à porta de entrada, fazendo-se 3 movimentos de ida e vinda, depois ao lamburu, depois aos couros (ngomas) e finalmente à porta do ndemburo, repetindo-se sempre os 3 movimentos de ida e vinda. Obs.: Se a pessoa bolada entrar no ndemburo com a cabeça à frente, indicará que a mesma não permanecerá recolhida. Já se entrar com os pés à frente indicará imediato recolhimento. Em Salvador, por exemplo, corta-se logo o cabelo, e já fica recolhida. UTILIZAÇÃO DE CORES NA CULTURA BANTU Existem 7 cores primitivas, que misturadas entre si formam outras cores, que são chamadas de secundárias. Essas cores são usadas pelos jinkisi em seus rituais. Essas cores são usadas em contas, roupagem dos iniciados, etc. Cores para identificar e caracterizar, dando origem às suas espécies e qualidades. As cores produzem, de acordo com sua intensidade, energias diferentes, que se refletem nos corpos físicos. As cores primitivas têm valores próprios, que são os seguintes: VERMELHO Indica pensamento potente, sentimento apaixonado e virilidade física. Atua no sistema emocional. A debilidade desta cor é representada pelo tom ROXO. ALARANJADO Mostra gozo, sentimento alegre e saúde robusta. Atua no racional. A debilidade desta cor indica o predomínio do AZUL CELESTE. AMARELO Indica lógica, intuição, desejo de saber, sabedoria, sensibilidade. Atua no sistema reprodutor. Sua debilidade assinala o predomínio do ANIL. Por exemplo, uma grávida com problemas não deve usar cor anil. VERDE Indica otimismo, confiança, sistema nervoso equilibrado. Atua junto ao sistema nervoso, próximo à coluna vertebral. Na debilidade manifesta-se com o ALARANJADO. ANIL Indica pensamento concentrado, tranquilidade. Atua na cabeça, principalmente no centro da mesma. Na debilidade desta cor predomina o AMARELO. ROXO

Denota misticismo, devoção, boa digestão e assimilação. Atua no plexo solar e no estômago. Na sua debilidade acentua-se o VERMELHO. BRANCO Reunião das outras 6 cores primitivas. Indica fluxo espiritual elevado, paz, sabedoria e harmonia. Sua debilidade é o PRETO, que indica ausência de cor. Como é fácil de se ver, a debilidade de uma cor ressalta as vibrações da cor que lhe é oposta, daí os temperamentos variados, as personalidades diferentes, os caracteres, os valores morais, etc. Os sete centros magnéticos chamados chakras pelos esotéricos e bhotés pelos angolanos, vibram de maneira a produzir em sua essência cores que ressaltam suas vibrações e as mesmas são assimiladas como um envoltório do corpo físico. GERAL: Imãs

levantam. A posição do sol também é importante. Esses detalhes afetam a saúde. Antigamente usava-se no roncó a moringa com água com um imã dentro, para imantar a água. No roncó, na esteira, o local da cabeça direcionado para o nascer do sol, e ímãs embaixo da esteira, na direção da cabeça, cobertos com folhas. Há casas antigas onde nesse local já tem ímã plantado. Para saúde podemos usar lâmpadas, cristais, etc.) PONTOS ICNOGRÁFICOS - são um tipo de "pontos riscados". Cada orixá tem um ponto icnográfico. (Vai trazer para nós). Esses pontos devem ser colocados no roncó embaixo da esteira, cobertos com as folhas. ICNOGRAFIA Planta de um edifício. Arte de traçar essas plantas. ICONOGRAFIA Arte de representar por meio de imagem. Conhecimento e descrição de imagens. JUREMA - a fava serve para socar e colocar dentro do cachimbo. Dizem que a semente socada é alucinógena. Serve para colocar na bebida e em atin de caboclos. Serve para Ossain. Colocar dentro do cachimbo. ENREDOS DAS QUALIDADES DE NGUNSU BARANGUNANJE (^) - Pambunjila - Danda BARANGUANJE - Zazi - Danda MUTALAMBÒ (^) - Kavungu - Kitembu KITALA MUNGONGO (MUGONGO) - Danda - Kaiangu SANDANGUANJE - Zazi - Danda KASSANGUANJE - Zazi - Danda - Nkosi TATA KEWALA - Kaiangu - Mina Aganji - Mina Lugano GONGOBILA - (Gongobira) - Danda - Telekompensu

KUTALA Kavungu MUTAKALAMBO (^) TAWÀ MUGONGO KABILA MUHANGUE (NH) (^) MUSSAMBÚRA INDARO (^) HINGUÈ (^) GANGOLÁ ARIRÈ (^) KAIZA TALA MUZANGUÈ (^) TAWAMIN - Hangolò - Mina Aganji - Mina Lugano - Kavungu - Lembá Nkosi Katende Kaiala Zumbá Nkosi - Zazi Katende - Kavungu - Zumbá Lembá - Kavungu - Danda Zazi - Danda - Lemba Zazi - Nkosi - Danda Nkosi Nkosi - Danda - Kaiangu LEVANTAMENTO DE KIXIKARANGOMBE (KAMBONDO) E KOTAS Os Kambondos (ou Kgombe) e as Kotas são suspensos durante uma festividade, pelo santo da casa, que os apontará para o exercício das funções. O Kambondo será suspenso pelos braços entrelaçados de outros Kambondos ou Zeladores presentes, já que as Kotas são suspensas na cadeira pertencente ao santo do Tatetu ou Mametu da casa. O ato de levantamento é realizado com a entoação de cantigas próprias para aquele evento. Depois dos mesmos serem suspensos, estarão prontos para receber a confirmação. Na confirmação receberão o título de acordo com as funções que passarão a exercer na casa. SAMBORÔ DE LEVANTAMENTO (CANTIGAS OU REZAS DE LEVANTAMENTO) 1. (Kabula) KONGO MONUGANDU MUIZANGÀ DIMBÈ É DI KOLA KONGO NA MUXIMA O DIMBÊ DIDEÔ R.:(bis) OIÀ È, OIÀ È KONGO MONUGANDU MUIZANGÀ DIDEÒ 2. È MI KAKURUKAJÈ KAKURUKAJUÈ OI A MILONGA (OU MAIONGA) SAMBORÔ DE RECOLHIMENTO (PARA RECOLHER) KATENDE PÉ PÉ MANAN OKANDEME É DI KAKURUKAJE SAMBORÔ DIZUNGU NKISI KAMBONDO, KOTA

1. (Kongo) KERE KERE KE BANDA ATOIZÁ BANDA KE (^) AME(^) 2. AE(^) SENZE AE(^) SENZÁ TATA DI MAKONGO (ou KOTA, se for o caso) UN XAUENDÁ SAMBORÔ PARA CONVIDAR PARA DANÇAR (TAMBÉM SERVE PARA PEDIR SILÊNCIO) BANDA XAUERÁ, AÈ BANDA XAUERÁ DONGUÈ (^) KOROMIM MAWO BERERE (^) BANDA XAUERÁ DONGUÈ SAMBORO (^) PARA AGRADECIMENTO BANDA XAUERÁ BANDA XAUERÁ AÈ TATETU BANDA XAUERÁ BANDA XAUERÁ AÈ MAMETU SAMBORO PARA DANÇAR 1. MAIANGO UN XAUERÀ AGO(^) MAIANGO UN XAUERÀ AGOLE (^) 2. KONGO UM GANDU ORE RE (^) A cantiga que se segue serve

para saudar todos os kambondos suspensos e confirmados que estejam presentes, e também os santos que os suspenderam. KAMBONDO NIBO KAODÉ (^) OIA KOTA MEJE KAODE (^) COM O NEME DE SAKE KAMBONDO NIBO KAODE OIA "NKISI" MEJE KAODE(^) SAMBORO DE DESPEDIDA E AGRADECIMENTO (bis) AI AI AI ELÒ (^) KAMBONDO È TATA

DA MUXIMA AGÒ AGO TATETU, AGO MAMETU, KAMBONDO E TATA DA MUXIMA AGO (^) KISABA NKISI (Com o obi pergunta-se ao orixá qual a sua folha certa) KISABA NUMBI (FOLHAS DE EGUN) 1. AMENDOEIRA 2. ALFACE 3. AIPO 4. AVELÓS 5. QUARANA DE LEITE 6. BAMBU 7. BELDROEGA BRANCA 8. CRAVO ROXO (LILÁS) 9. TAIOBA ROXA 10.AMOREIRA 11.FIGUEIRA DO INFERNO 12.ARREBENTA CAVALO DE ESPINHO Em qualquer festa se dá comida para Numbi KISABA PAMBUNJILA 1. ARREBENTA CAVALO DE ESPINHO 2. ARRUDA GRAÚDA (MACHO) 3. BATE TESTA 4. BELDROEGA ROXA 5. BRINCO DE PRINCESA (TIPO DE PAPOULA MIÚDA) 6. PAPOULA VERMELHA 7. PAPOULA ROXA 8. CANSANÇÃO ROXO 9. CARRAPATEIRA ROXA (MAMONA ROXA) 10.CHAPÉU TURCO 11.XIQUE-XIQUE (CACTUS) 12.CORREDEIRA 13.FEDEGOSO 14.FIGUEIRA 15.GUARAREMA (PAU D'ALHO) 16.JURUBEBA 17.MALVARISCO 18.MANGUEIRA (QUALQUER UMA) 19.MATO PASTO 20.PINHÃO ROXO 21.RODA DE EXU (URTIGA MANSA - SEM PELO) 22.URTIGA BRAVA (COM PELO) 23.VASSOURINHA DE RELÓGIO

24.VASSOURINHA PRETA 25.FOLHA DA FORTUNA ROXA 26.JAMELÃO 27.PÓ DE MICO A fava vermelha preta pequena é de Mujilu A fava vermelha e preta maior chamada tento é de Pambunjila KISABA NKOSI 1. 2. 3. 4. 5. 6. AÇOITA CAVALO AMENDOIM ANGICO (DA CASCA FAZ BEBIDA DE BOIADEIRO) AROEIRA BICO DE PAPAGAIO BRIO DE ESTUDANTE (DA RAIZ SE EXTRAI TINTA AZUL COM QUE SE FABRICA WAJI) 7. CAJAZEIRO 8. CANJERANA 9. CARQUEJA 10.DENDEZEIRO 11.DRACENA VERDE (PAU D'ÁGUA - PELEGUN) 12.ERVA TOSTÃO 13.ESPADA DE OGUM 14.OFICIAL DE SALA 15.EUCALIPTO GRAÚDO (OU MACHO) 16.HELICÔNIA 17.JABOTICABA 18.JAMBO 19.JUCÁ (PAU-FERRO) 20.GUARABÚ 21.PATA DE VACA 22.PINGO DE LACRE 23.PITANGA BRANCA 24.CANDEIA BRANCA 25.INHAME BRANCO 26.SÃO GONÇALINHO 27.TAIOBA BRANCA 28.TRANSAGEM (PARECE UMA ALFACEZINHA, DÁ NO CHÃO) 29.VASSOURINHA DE IGREJA 30.MURICI 31.CANSANÇÃO BRANCO 32.MANGUEIRA (ESPADA) 33.LANÇA D'OGUN 34.PINHÃO BRANCO 35.CALISTÊNIO FÊNICO Na cesta de frutas, coloca-se no meio uma manga espada. Para Kavungu um abacaxi ou sapoti. Chiclete é feito da seiva de sapoti.

KISABA NGUNSU 1. 2. 3. 4. ACACIA JUREMA ALECRIM DE CABOCLO ALFAVACA DO CAMPO ARRUDA MIÚDA 5. BREDO DE SANTO ANTÔNIO (*) (PEGA PINTO - PARECIDO COM CARURU) 6. CAIÇARA 7. CAPIM LIMÃO 8. ERVA CURRALEIRA 9. DESATA NÓ (CURA TOMBO) 10.ERVA MOURA (ANILEIRA) 11.ESPINHO CHEIROSO (*) 12.GOIABEIRA 13.PITANGA (CHÁ PARA GRIPE) 14.GROSELHA 15.GUINÉ PIPIU (PEQUENO) 16.GUAXIMBA ROSA 17.JACUATIRÃO 18.MANACÁ BRANCO 19.RABO DE TATU 20.MALVA ROSA (PARA AFECÇÕES DA BOCA, GENGIVAS, NEVRALGIA) 21.CIRTOPODIUM (SUMARÉ) 22.CAMBARÁ 23.PARIPARÓBA (CAAPEBA) 24.ABRI

CAMINHO (COLOCA NO FERRO DE OGUN PARA ENCANTAR COM OXOSSI) 25.LÍNGUA DE VACA (ENROLA-SE O EFÓ DE ZUMBÁ) 26.PATCHULI 27.PINDOBA 28.ARCO DE PIPA 29.JOÁ 30.TIRA TEIMA 31.DRACENA RAJADA 32.BAUNILHA 33.JIBÓIA (*) FOLHAS DE FUNDAMENTO - NÃO PODE FALTAR KISABA KATENDE 1. AMENDOIM (MANDOBI) 2. ANGÉLICA (ENCANTAMENTO, BANHOS P/ PROBLEMAS DIFICULDADES) 3. ANIS 4. AROEIRA 5. BILREIRO (JITÓ) - VERDADEIRA FOLHA DA VIDÊNCIA 6. CAFERANA (ALUMÃ OU BOLDO LISO - LEMBÁ E KAVUNGU) 7. CAJAZEIRO 8. CAFÉ AMOROSOS,

9. CAROBINHA DO CAMPO 10.CELIDÔNIA (PARA LAVAR OS OLHOS E RECEBER O JOGO) 11.ERVA DE PASSARINHO (EM ÁRVORE E ESPINHO NÃO SERVE, SÓ EM FRUTÍFERA). KISABA NKISI KISABA KATENDE 12.AMENDOIM (MANDOBI) 13.ANGÉLICA (ENCANTAMENTO, BANHOS P/ PROBLEMAS AMOROSOS, DIFICULDADES) 14.ANIS 15.AROEIRA 16.BILREIRO (JITÓ) - VERDADEIRA FOLHA DA VIDÊNCIA 17.CAFERANA (ALUMÃ OU BOLDO LISO - LEMBÁ E KAVUNGU) 18.CAJAZEIRO 19.CAFÉ 20.CAROBINHA DO CAMPO 21.CELIDÔNIA (PARA LAVAR OS OLHOS E RECEBER O JOGO) 22.ERVA DE PASSARINHO (EM ÁRVORE E ESPINHO NÃO SERVE, SÓ EM FRUTÍFERA). 23.ERVA DE CABRITO 24.ERVA DE SANTA LUZIA (USADA PARA OS OLHOS) 25.FOLHA DO JUÍZO (OGBÓ) 26.JENJIROBA (FAVA DE SANTO INÁCIO - FAVA DE ASSENTAMENTO QUE PERTENCE A TODOS OS ORIXÁS - ENTRA NA MASSA) 27.FOLHA DE FUMO (BOA PARA PUXAR FURÚNCULOS) 28. JENIPAPO (FOLHA SAGRADA DE KATENDE) 29.LÁGRIMA DE NOSSA SENHORA 30.FOLHA DE MOBÓ 31. JACINTO (NARCISO - FOLHA DE MAIOR FUNDAMENTO -AGUÉ, KATENDE, OSANYIN) 32. PITEIRA IMPERIAL (FUNDAMENTO PARA ASSENTAMENTO) 33.PELEGUN VERDE 34.PAU DE COLHER 35. OFERÉ (UMA DAS PRINCIPAIS FOLHAS DE KATENDE) 36.ARAÇÁ (UMA GOIABA PEQUENINA) 37.ABÓBORA D'ANTA 38.ZANGA TEMPO (ANTÚRIO - PARA QUEDA DE CABELO 39.CABACEIRA NSABAS ZAMBIRI KAVUNGU 1. 2. 3. 4. 5. 6. ABIEIRO (O FRUTO É O PRINCIPAL DE KAVUNGU) ABOMINA (FOLHA DO DINHEIRO) AGAPANTO LILÁS ALOES COMPRIDO (BABOSA) AKOKO MACHO ARATICUM DE AREIA (MALELEÔ)

7. BARBA DE VELHO 8. BALAIO DE VELHO (BALAINHO) 9. BELDROEGA VERMELHA (NSUMBU CAMINHOS DE XAPANÃ) 10.CAJUEIRO 11.QUARANA (CANEMA, ERVA LEITEIRA - SÓ SERVE PARA SACUDIMENTO. NEM BANHOS NEM PARA BEBER. MATA) 12.CARRAPATEIRA BRANCA 13.CASADIN 14.CANELA DE VELHO 15.CIPÓ CHUMBO (BOM PARA OS RINS) 16.COTIEIRA 17.ANDASSU 18.DOURADINHA DO CAMPO 19. ERVA DAS LAVADEIRAS (MELÃO DE SÃO CAETANO - FAZ UMA COROA QUANDO O SANTO FICA INDO E VINDO) 20.ESPINHEIRA SANTA 21.ERVA DE BICHO 22.JERVÃO ROXO 23.JENIPAPO 24.JURUBEBA SEM ESPINHO 25.JABORANDI 26.VELAME DO CAMPO 27.VELAME DE BODE 28.MANJERICÃO ROXO 29.MOSTARDA 30.FEDEGOSO DE VAGEM 31.PANACÉIA (AZOUGUE DE POBRE) 32.PARIETÁRIA VIDRO 33.PAU D'ALHO 34.PICÃO DA PRAIA 35.PIMENTA DE SAPO (ERVA MOURA) 36.KITOCO 37.SABUGUEIRO 38.URTIGA MAMÃO (BANHO SÓ DO PESCOÇO PARA BAIXO)

39.ZÍNIA (FOLHA E FLOR) 40.SETE SANGRIAS (BOM PARA O CORAÇÃO) 41.PARA TUDO (PIFÁFIA PANICULATA - A RAIZ DÁ BOM FORTIFICANTE MASCULINO) 42.BROMIL 43.SAPOTI 44.BEM COM DEUS 45.(CANELA DE VELHO TAMBÉM SERVE, MAS NÃO É DAS MAIS FORTES) NSABAS ZAMBIRI HANGOL'O / HANGOLOMÉA 1. 2. 3. 4. 5. ALCAPARREIRA ANGELICÓ (CIPÓ MILHOMENS) PAPO DE PERU (CASSAÚ - PARA ERISIPELA) MALELEÔ (ARATICUM) AFOMAN (ERVA DE PASSARINHO)

6. ERVA CAVALINHA 7. ERVA CONDESSA 8. PELEGUM RAJADO 9. ERVA DE SANGUE (OU SANGUE LAVOU) 10.LÍNGUA DE VACA 11.CANA DO BREJO 12.DEDO DE MOÇA 13.GUACO CHEIROSO 14.ERVA DAS SERPENTES (MELÃO DE SÃO CAETANO) 15.GRAVIOLA 16.MALVARISCO 17.INGÁ BRAVO 18.CIPÓ CABELUDO 19.CIPÓ CABEÇA DE PREGO 20.CIPÓ CRAVO 21.CIPÓ CABOCLO 22.GUANDO 23.FOLHA DE CHUCHU NSABAS ZAMBIRI ZAZI 1. ALFAVACA ROXA 2. CAFERANA (ALUMÃ) 3. FALSO JABORANDI (APERTA RUÃO) 4. BATIMÓ (BARBA TIMÃO) 5. VENCE DEMANDA (BETIS CHEIROSO - BOA PARA AXEXÊ) 6. ELEVANTE GRAÚDO ROXO (BRANDA MUNDO) 7. PARIPARÓBA (CAAPEBA - PARA O FÍGADO) 8. CARRAPETA (BILREIRO - PARA VIDÊNCIA) 9. COLÔNIA 10.ERVA GROSSA 11.ERVA DE SÃO JOÃO 12.FOLHA DA FORTUNA BRANCA 13.HORTELÃ MIÚDA 14.QUARANA (SÓ PARA SACUDIMENTO) 15.PAU DE COLHER 16.MÃE BOA 17.MANJERICÃO ROXO 18.MANJERONA (NÃO ENTRA NO JEJE - É QUIZILA) 19.MULUNGÚ 20.PANACÉIA 21.PÁRA-RAIO 22.PAU PEREIRA (O CHÁ TIRA PIOLHOS) 23.URUCUM 24.UMBAÚBA VERMELHA 25.TAIOBA BRANCA 26.NÊGA MINA 27.ERVA SANTA (QUIZILA BRAVA DE EFON) 28.MAMINHA DE PORCA 29.XEKERÊ (NÃO PODE FALTAR NO ADOXU) 30.QUEBRA PEDRA

GERAL MOBÓ, OGBÓ, AHOHO, AKOKO - SÃO FOLHAS SAGRADAS DO CULTO AFRO Babosa, Jaborandi e Zanga-tempo são bons para o cabelo. chá de folha de amora - excelente para reposição hormonal fortificante masculino: raiz de para tudo, obi e aniz estrelado 2 de novembro - deve-se louvar os mortos - usar o atin certo, da pessoa, fazer uma boa defumação (guiné, bagaço de cana, enxofre, pó de chifre (assaféti) defuma de dentro para fora, com folha de saião na cabeça com um pano, ou amarrado com contra-egun. Passa o atin, nas curas, na casa de santo passa também o fundo do abô nas curas, passa doburu e o filho vai para casa. Usar roupa clara, suspender uma canjica. Folha de jenipapo - serve para os filhos de Obaluaiê forrar a vasilha do doburu Andará - fava principal de Zazi Cruzwaldina (creolina) - usada em defumador antigamente pó de ouro serve para defumar de fora para dentro; mel, açúcar, cravo sem cabeça, mate queimado, canela, louro, cidreira defumar de dentro para fora usa-se casca de cebola, de alho. a cabeça do cravo é chamada pimenta de Exu. 28 de outubro - dia de S. Simão e S. Judas - Também se louva Xangô. NSABAS KITEMBU (Tempo - Rei de Ngola) 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. AGAPANTO ALAMANDA ANDASSÚ COTIEIRA AROEIRA CAJUEIRO CAJAZEIRO CAPIM XIGUI AMOR DO CAMPO 10. COENTRO (Para a casa de Angola) 11.ESPINHEIRA SANTA 12.GAMELEIRA (qualquer uma, preferência a branca) 13. JENIPAPO (folha ritual) 14.JURUBEBA SEM ESPINHO 15.MANGUE CEBOLA 16.MUSGO 17.BARBA DE VELHO 18.PARACARI 19.PITEIRA IMPERIAL 20.PINGO DE LACRE 21.SABUGUEIRO 22.TABACARANA 23.TAPIRIRA (FRUTA DE POMBA) 24.TROMBETA BRANCA 25.MELANCIA

NSABAS KAIANGU (OYÁ) 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. ALTÉIA ASSA PEIXE ARAÇÁ AKOKÔ FÊMEA BAMBU BELDROEGA VERMELHA CAMBUCAZEIRO CAMARÁ (quando vemos na mata aquela extensão de árvores com flor amarela) 9. CAMBUÍ 10.CORDÃO DE FRADE 11.ESPIRRADEIRA VERMELHA (tem flor bonita e cheirosa. É veneno, não pode por na boca) 12.EUCALIPTO FÊMEA (redondo) 13.FLAMBOIAN 14.FOLHA DE FOGO 15.GENEUNA 16.GERÂNIO 17.GIGOGA VERMELHA (AGUAPÉ) 18.ELEVANTE ROXO 19.DORMIDEIRA 20. ERVA SANTA (NÊGA MINA) 21. LOURO 22.MACASSÁ 23.MANJERICÃO ROXO 24.MARAVILHA (OU BONINA - VERMELHA, LILÁS, LARANJA) 25.AMOR AGARRADINHO (OU MIMO DE VENTO) 26.MORANGUEIRO 27.ROMÃ (TAMBÉM A FRUTA) 28.PITANGA VERMELHA 29.PAPOULA VERMELHA 30.UMBAÚBA VERMELHA 31.PAPOULA BRANCA 32.ALMEIRÃO 33.VASSOURINHA BRANCA 34.PELEGUN RAJADO 35. PARA RAIO 36. ERVA PRATA NSABAS DANDALUNDA (OXUM) 1. ASSAFRÃO (URUCUM) 2. AMOR DO CAMPO 3. AGRIÃO 4. ALAMANDA 5. ALMEIRÃO 6. ALFAVAQUINHA (ORIRI) 7. ALTÉIA 8. ANDUZEIRO (ERVILHA DÁNGOLA - GUANDO)

9. ARAPOCA BRANCA 10. ARNICA 11.AZEDINHA (TREVO COM FLOR AMARELA) 12. CAJÁ MIRIM (SIRIGUELA - CAJAPRIKU) 13.CAMARÁ AMARELO 14.CAMOMILA 15. XIBATÁ 16.CANA FÍSTULA (OU CHUVA DE OURO) 17.ERVA CIDREIRA 18. ERVA DE SANTA LUZIA 19.FOLHA DA COSTA BRANCA (SAIÃO) 20.GIGOGA AMARELA 21.IÚCA 22.DOURADINHA DO CAMPO 23.IPÊ AMARELO 24.MACASSÁ (CATINGA DE MULATA) 25.MÃE BOA 26. MAL-ME-QUER 27.MARCELA 28.MASTRUÇO 29.MATRICÁRIA 30.ERVA DE SANTA MARIA 31.MONSENHOR AMARELO 32. ORIPEPÊ 33.TINHORÃO 34. ABEBÉ DE OXUM 35.JOÁ DE CAPOTE 36. PARIETÁRIA 37. PATCHULI NSABAS KAIALA (YEMOJÁ) 1. ALTÉIA 2. ANIZ 3. ARATICUM DE BREJO 4. ARAÇÁ 5. COLÔNIA 6. CAVALINHA 7. ERVA DE SANTA MARIA 8. GALEATA (ALCAPARRA) 9. GOLFO 10. GRAVIOLA 11.JASMIM BRANCO 12.JEQUITIBÁ ROSA 13.LÁGRIMA DE NOSSA SENHORA 14.MÃE BOA 15.MUSGO MARINHO 16.MESINHA 17. ALGA MARINHA

18.NENUFAR 19.OLHOS DE SANTA LUZIA 20.PATA DE VACA 21. TRAPOERABA AZUL (MARIANINHA) 22.UNHA DE VACA 23.UMBAÚBA PRATEADA 24. TROMBETA Quando em casa de Angola acontecem barraventos estranhos, para desmanchar feitiço, quina o coentro, lava o ferro de Kitembu e borrifa o barracão). dá comida a Oxum na folha de Xibatá. Encontra-se xibatá em torno do autódromo da Barra, nos canais de Seropédica) Roda de Xangô é um ritual de ketu, do Axé Opo Afonjá, só participam pessoas com mais de 7 anos, com obrigação feita. Mulher só usa adja. Xeré é para homem. Em casa de Xangô só segura o xeré o dono da casa ou o pai de santo dele. Mesinha é uma erva que serve para curar impotência no início Oripepê só se usa a folha para Oxum. A flor é de Exu - Tem em volta da Câmara dos Vereadores) Balainho - flor de Nanã, folha de Obaluaiê Trapoeraba azul serve para problemas menstruais e excesso de secreção) Filha de Oxum deve no dia do casamento tomar banho com folha de monsenhor amarelo Para encantamentos de amor nos caminhos de Kaiangu - amor agarradinho. (com frutas vermelhas picadas, perfumes, acarajés, mel) Homem depois dos 40 deve tomar amor do campo, bloqueia a próstata, para não crescer e dar câncer Na melancia usam-se as folhas e as sementes assa peixe cura asma que não seja

crônica, como a de criancinhas) Akokô macho tem a folha mais redonda, fêmea tem a folha comprida Akokô pega de galho. Descasca o galho com canivete, deixa a rebarba, coloca sementes de milho ou alpiste num algodão com água, amarra ali com um plástico. Ele enraíza Existem diversos tipos de beldroega, chamados às vezes de 11 horas. Onze horas é uma plantinha de folha comprida, só. As beldroegas têm a folha redondinha, e flores de cores diversas. Cambuí é folha de fundamento de Kaiangu, usada também para confirmar Ogã NSABAS TELEKOMPENSU (LOGUN) 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. FRUTA DE CONDE FOLHA DE CHUCHU PELEGUM RAJADO BARBA TIMÃO CAMARÁ AMARELO FOLHA DA INDEPENDÊNCIA PARREIRA BRANCA CAMBARÁ AMARELO

9. ANGICO 10. IPÊ AMARELO 11. JUNTA-SE UMA FOLHA DE OXUM E OUTRA DE OXOSSI. NSABAS MINA LUGANO (OBÁ) 1. RABO DE GALO 2. NA FALTA JUNTA-SE FOLHAS DE KAIANGU E ZAZI NSABAS MINA AGANJU (YEWÁ) 1. OLHOS DE SANTA LÚCIA 2. PODE TAMBÉM JUNTAR FOLHAS DE DANDA E KAIALA NSABAS ZUMBÁ 1. AGAPANTO LILÁS 2. ALFAVACA ROXA 3. ASSA PEIXE ROXO 4. AVENCA 5. CIPRESTE 6. ERVA CIDREIRA 7. ERVA MACAÉ 8. LÁGRIMAS DE NOSSA SENHORA 9. MACASSÁ 10. MANACÁ ROXO 11. LÍNGUA DE VACA COMPRIDA 12. ANGELIM AMARGO (MORCEGUEIRA) 13. QUARESMA 14. ORELHA DE LEBRE 15. UNHA DE VACA 16. CASUARINA 17. TAIOBA ROXA 18. MOSTARDA 19. SABUGUEIRO 20. ABACATEIRO 21. JITIRAMA 22. TRAPOERABA VERMELH 23. GIGOGA VERMELHA 24. CIPÓ CHUMBO Primeiro colocar numa praça limpa presente para Iku. Se tiver barracão coloca atrás do portão. - folhas de alface - no meio feijão fradinho cozido. Para Oworin: • 11 búzios abertos • 11 moedas • 11 acaçá ou bolas de canjica • 1/2 kg feijão fradinho cozido • 1 obi rosa • flores brancas

• • 1 vela quartinha com água Coloca o feijão na tigela (forrada com louro, etc.) as bolas em cima. Os búzios abertos nas bolas as moedas idem Jogar para os 4 caminhos de Odu da cabeça, para ver quem recebeu o presente. Deixa 3 dias e coloca em praça ou outro local bem limpo Se não tiver obi pode usar cebola. • • A língua de vaca é a folha em que se enrola o efó de Nanã. PARA PROCURAR NA WEB: MBUNDU MUSELE OLUÑANEKA KWAÑAMA KIMBUNDU OMUMBWI TCHOKWE LWENA TYINGANGELA KIKONGO OLORI - Dono da cabeça EMI - Nosso eu (HÁLITO) Tudo passa pelo emi e a saliva. IPORI - Fonte geradora de energia de cada ser SALIVA - SANGUE BRANCO Tudo que se faz no ori reza-se, fala-se alguma coisa. NSABAS LEMBA 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. ALECRIM DE CABOCLO ALECRIM DE HORTA ALECRIM DO MATO ALECRIM DO CAMPO ALECRIM DO NORTE ALFAVACA BRANCA ALFAZEMA ALGODOEIRO ANIZ ESTRELADO BARBA DE VELHO (TB JAGUM) BAUNILHA TAPETE (BOLDO) CAAPEBA CAMOMILA COLÔNIA CARNAÚBA CHAPÉU DE COURO

18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. CINCO FOLHAS (CINCO CHAGAS) ESPIRRADEIRA BRANCA ESPINHEIRA SANTA FOLHA DA COSTA (SAIÃO) GIRASSOL HORTELÃ DA HORTA (HORTELÃ MIÚDA PARA CULINÁRIA) JASMIM BRANCO ELEVANTA BRANCO LÍRIO DO BREJO MANJERICÃO BRANCO MALVA CHEIROSA MANJERONA NEVE BRANCA PATCHULI POEJO TAMARINDEIRO MONSENHOR BRANCO ERVA CIDREIRA (CAPIM LIMÃO - CAPIM

SANTO) DAMA DA NOITE (FOLHA MIÚDA) NSABAS WUNJI 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. ANIZ DOCE EUCALIPTO MIÚDO GUACO CHEIROSO LARANJEIRA (TODAS) MAL-ME-QUER JASMIM DE CABO (TODAS AS CORES) MARACUJÁ PALMA BRANCA ERVA DOCE MACAÇÁ FOLHAS DE ORI 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. □ □ □ □ □ □ EUCALIPTO ELEVANTE POEJO BOLDO ALGODÃO MANJERICÃO MACAÇÁ SAIÃO TODAS AS DE OXALÁ E YEMOJÁ A alfazema não deve ser usada por pessoas de santo diala. Mulher de santo diala esfria com alfazema chama homem para mulher de santo muhatu saião cobre qualquer orixá A malva cheirosa é usada para dor de dente A manjerona é quizila de Jeje

□ caroço do tamarindeiro seco e triturado é um pó de fundamento de Oxalá □ A Dama da Noite de folha miúda é boa para banhos de encantamento no caminho de Oxalá SAMBORÔ IPARUBÓ REZAS (CANTIGAS) PARA SACRIFÍCIO SACRIFÍCIO - quinar ervas, dar ossé, matança, etc. 1. SAMBORÔ PARA TEMPERAR OS BENGUÈ (ASSENTAMENTOS) Usa-se: sal - dendê - mel - acaçá - bebidas - água Quando usar os elementos que não sejam a água: 'AKÜETU SAMBANGOLA SARARANDU AKÜETU SAMBE (^)!" Quando for a água (menha), põe-se na boca e vai da boca para o assentamento. "MANGA SALE(^)! MANGA SALE (^)! MAMANGUERÓ, MAMANGUELÓ MANGÀSALE (^)! R: SALE, SALE MAMANGUERO, MAMANGUELO" Quando for água pega a quartinha da obrigação, põe água na boca. Água é imprescindível a qualquer assentamento. O elemento vital água entra em tudo. Pode colocar um pouquinho de agbo na água. O otá passa-se nas curas. Quinar - cada um deve quinar suas ervas. Junta a energia, o suor da mão, com o sangue verde. Sangue branco humano - saliva. Por isso se põe a água na boca e joga-se no assentamento. Para tudo que cuia de exu coloca-se atare na boca 2. SAMBORÔ PARA LAVAR OS BICHOS • • • • Coloca uma vasilha de barro (oberó) ou ágata (ibéri) com água e um pouco de sal (para tirar o carrego), uma vela e um copo com água. Começa a lavar os pés, a cabeça, o peito, as costas e o rabo. Só segura e lava os bichos pessoa de santo muhatu. A água é jogada logo na rua. REZA: "ARUE(^) SALE (^) MANO SAMBÁNGOLÈ (^) (BIS) PERERE (^) KOMASA DONI PAÒ! (BIS)"

Quando o bicho morre antes da matança colocar 1 acaçá embaixo de cada pata, ou de cada asa, passa na porta de exu, bate, para poder sair. 3. REZA PARA ENFEITAR OS BENGUÈ DE PAMBUNJILA COM BICHOS DE PENAS(TAMBÉM OS CATIÇOS) Já depois de mortos. 'PAGONAN, PAGONAN, ZAMBE (^) R: PAGONAN, PAGONAN, INAN 'PAGONAN, PAGONAN, ZAMBE (^) R: PAGONAN" Antes da matança os ferros são limpos, passado dendê, depois da matança são enfeitados com penas. 4. REZA PARA ENFEITAR OS BENGUÈ DOS OUTROS JINKISI COM BICHOS DE PENAS "ORONI POPO ORONI POPO (^) KUABÒ (alto) (') ORONI POPO KUAJÉ (baixo) ORONI POPO" SAMBORO (^) IPARUBO (‘) HOMBO MÈ, MÈ, MÈ KONGO DI MBANDA TUDIÀ (BIS) KAMBONDO NGURA HOMBO KONGO DI MBANDA TUDIÀ MÈ, MÈ, MÈ KONGO DI MBANDA TUDIÀ (BIS) LAMBARANGUANGE, TATETU, MAMETU KONGO DI MBANDA TUDIÀ OUTRO SAMBORO IPARUBA HOMBO ESPECÍFICA PARA A LINHAGEM FUN (LEMBA, KAIALA, DANDA) SÓ SERVE PARA HOMBOS BRANCOS SÓ USADA PELOS MAIS VELHOS TATA KAMBONDO ODÁ MBURO MÈ, MÈ, MÈ KONGO DI MBANDA TUNDIRÀ (BIS) TATA KAMBONDO ODA LUMBO A NZAMBI O ato de sacrificar o cabrito requer seriedade e conhecimento. Usa-se uma corda nova Corta mas não solta a cabeça.

Quando morre segura a cabeça e corta na vértebra certa. Aí é outra reza: SAMBORO PARA RETIRADA DO MUTUE DE BICHOS DE 4 PATAS

KONGO DI MBANDA Ò, RÈ(^),RÈ(^). Nas obrigações de feitura, 7, 14, etc. dá a cabeça na mão do santo para ele fazer o que deve. A cabeça do bicho deve ser separada pela terceira vértebra, retirando-se a carne que envolve a mesma com a faca. Em seguida corta-se e libera a cabeça. Com a cabeça na mão oferece ao santo, rezando. SAMBORÔ PARA OFERECIMENTO DO MUTUÈ AO NKISI (ESTA REZA SERVE PARA QUANDO O SANTO BEBE SEJA LÁ O QUE FOR, ÁGUA, ETC.) E(^), MONÁ GAMBELE (^) KURIÀ KURIADÒ (^) SAMBORO PARA RETIRADA DE PATAS, RABO, PELE COM PELOS, ETC. ERAN LÉKE LÉKE, NKISI LEKEWÒ! corta-se as patas nas articulações dos joelhos (nas juntas. não pode quebrar osso), na seguinte ordem: 1. pata dianteira direita 2. pata traseira esquerda 3. pata dianteira esquerda 4. pata traseira direita Em seguida o rabo. A pele com pelos que será colada nos benguè. Os pelos retirados são fundamentos. Por último o escroto ou a mama. Na ocasião em que se abre o animal retira-se inteira uma pele branca e transparente que recobre o estômago e o intestino do bicho, pele essa popularmente chamada de bandeira, céu, alma ou renda, que deverá ser colocada aberta sobre o assentamento que recebeu a matança. SAMBORO IPARUBÒ KARAMBÒLO Tem 3 estágios: 1. Para retirar as penas do pescoço com pokó. Não se corta. Rezar 3 vezes no mínimo. POKOIÒ (') MI KABANDO (^) DENDE(^) BURU NANGUÈ (^) 2. Para o primeiro corte. Deixa a faca, escorre o sangue pela faca, direciona KARAMBOLO (^) BATÚLA SANJI NZAMBI EUÁ TORORO(^)

3. Para aprofundar o corte, até acabar KARAMBOLO(^) JANJÀ INGUÈ JÁ MUTUÈ OIA TOKOROTOKO SAMBORO IPARUBÒ SANJI 1. Para qualquer bicho de pena, para limpar as penas do pescoço POKOIÒ MI KABANDÒ DENDÈ BURU NANGUÈ 2. Corta e libera a cabeça na mesma reza BATULA LA SANJI BATULA IÈ (DI) SANJI BATULA SAMBORO IPARUBÒ KONKÉM (KOKÉM) Tem que preparar o bicho. Tem que tapar os olhos com 2 folhas da costa e enrolar o bicho no ojá branco Proibido o uso de faca Pegou em konkém tem que fazer culto à terra. Primeiro sangue - perigoso - vai para a terra (desperta a ancestralidade, a menga alimenta) Tem que fazer ibosé - água, ikó, mel, azeite doce ou dendê, batido por pessoa de santo fêmea Mulher não deve copar, por causa da dureza da força do pescoço do bicho Fica molhando o pescoço no ibosé 1. Preparação para colocar as folhas e envolver no atacã DIAN IAN ETÚ KONKEM 2. Para verter a menga para a ancestralidade e benguès NKISI GUDIÁ GUDIÁ KONKEM 3. Ibosé em tigela ou vasilha com menha fresca, majudidum, uemba ou uiki, ikó. Há situações em que se coloca vinu, DILONGA TARA JINJIN AZUN KERERE DILONGA TARA JINJIN KERE, KERE Numa obrigação grande, tocar as curas da pessoa, em ordem, com o pescoço da konkém.

Angola fêmea - (tô fraco) - testa, nuca, fronte direita, fronte esquerda, tórax, coração, sétima vértebra, sola dos pés. Angola macho (grita, não fala tô fraco) - peito, sola do pé direito, e o resto é igual. konkém - rajadinha etu - branca dassá - muito velha SAMBORO IPARUBÒ KAXITÓ 1. Prepara o pescoço cantando 3 vezes POKOIO MI KABANDO DENDE BURU NANGUE 2. DILONGA TARA JINJIN DIUM KAXITÓ! DILONGA TARA JINJIN DIUM KAXITÓ! Algumas casas fazem culto à terra ao copar pato para determinadas qualidades de Obaluaiê. A pele do pé do pato, entre os dedos, é quizila e tem que ser cortada. SAMBORO

PARA CULTO À TERRA KURUPA UN ABEREWÈ È UN ABERERÉ (BIS) SAMBORO IPARUBO NBACHI (CÁGADO) □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ Só seguram o bicho pessoas feitas, de preferência ogãs. Não pode ter risos nem brincadeiras Puxa o pescoço com o laço de palha da costa Segura o bicho coloca o laço em posição, reza batendo no casco com o facão. Quando ele põe o pescoço para fora, laça e puxa para a frente. Corta em cima dos assentamentos e otás. O certo seria faca de pedra. Pedra é fundamento de Zazi. (Ardósia) Usando pokó comum, passar mel na lâmina. Cortou hoje, só depois de 7 anos. Só se corta para obrigação de 7 anos em diante. Mulher não deve cortar. Deve preparar um ogã. Reza para preparar o pescoço: POKOIO MI KABANDO DENDE BURU NANGUE (3 vezes no mínimo) Reza para cortar:

È MANO GANGÁ KEWAZILE(^) EMBAKASSE (^) O sacrifício para este animal oferecido a Zazi só pode ser feito ao amanhecer, nas primeiras horas da claridade. Jamais poderá ser cortado à noite. Oxalá, Zazi e Oguiã só estão ali ao amanhecer. O animal deverá ser enrolado em folhas de taioba branca ou inhame branco, podendo este sacrifício ser executado com faca virgem untada com mel ou pedra cortante, usando-se palha da Costa para puxar o pescoço. Só depois de 7 anos. Não se dá para iyawo. O cágado, como qualquer animal de 4 patas, deverá ser calçado com frangos da cor correspondente à qualidade do santo. Entretanto receberá para cada pata um mínimo de 3 frangos, pois o que determina o ato de calçar o cágado são as unhas. Depois de executado o iparubó, a cabeça, patas e rabo serão arrumados no bengué do nkisi. Após retiradas as partes que vão para o bengué, o nbachi será aberto pelas laterais de baixo, que formarão uma tampa. (serrinha dente 18), retirando-se o restante do corpo. Este, excluindo os intestinos, servirá como carne para fazer um amalá para o nkisi, servido na parte de cima do casco. Faz-se o amalá rápido, enfeita com quiabo com as cabeças para cima, coloca em cima o coração cru, quase mexendo. Arria-se no benguê ainda quente, ou entrega-se nas mãos do nkisi se estiver virado. Três dias depois, quando suspender, a cabeça, patas e rabo são amarrados com palha da costa e pendurados para secar. Depois de algum tempo socar e fazer um pó. Acrescenta-se pó da fogueira de Ayrá, dandá, sândalo, etc. Quem é d Xangô e tem mais de 7 anos, tem que ter recebido aos 7 anos uma cabaça com pó de nbachi. O casco, depois de limpo e lavado com agbo fica próximo ao benguê do santo, ou pode ser usado para tapar a gamela. Obs.: Este tipo de animal só pode ser usado de 7 em 7 anos, não podendo ser usado para feitura de ndumbi (iyawo, alako), só depois de 7 anos. SAMBORO IPARUBÓ DIEMBE (^) (POMBOS DIVERSOS, MENOS POMBA ROLA) DIEMBE, DIEMBE, SANJE O DIEMBE SANJE DIEMBE, DIEMBE, SANJE, O DIEMBE, RUN DIANDEMBE AMÈ!(^) (DIEMBE, DIEMBE SANJE, O DIEMBE) Envolve em pano banco, os olhos tapados com 2 folhas de saião. Louvar NSLO, no caso de diembe branco (fundamento Bate Folha). SAMBURE IPARUBÒ DIEMBE QUANDO FOR PARA PAMBUNJILA

DIEMBE MAVAMBO } DIEMBE MAVAM BIE (^) } BIS SAMBORO IPARUBO DIEMBE DIKOLA POMBA ROLA (PARA OXUM) DIEMBE DIKOLA DIKOLA DIEMBE DIEMBE DIKOLA RUNDIANDEMBE AMÈ! Obs.: da mesma forma que o cágado, o pombo requer para seu sacrifício grande seriedade e profundo conhecimento por parte de quem executa o ato. Primeiramente o diembe será tocado no mutuê da pessoa. Será tocado no mesu duílo (testa), no odabé duilo (nuca), no apaxi otusi (fronte direita), no aopaxi iepé (fronte esquerda), no uakongo mutue (chakra coronário), no pumbulu (manúbrio - altura do coração), muagongo (sétima vértebra), luku luku (palmas das mãos) e lukuaku (peito dos pés). Antes de cortar leva ao tempo,

mostra ao alto para o lado do nascer do sol (kutuá kuá luanha), sopra três vezes, pede para morrer tudo de ruim e nascerem boas perspectivas, ritual para cima (que nasça saúde, nasça coisas boas), depois volta o pombo para o por do sol (kufuá kuá dikulumbi) soprando também 3 vezes na direção da cabeça da pessoa, pedindo que morra tudo de ruim, o sofrimento, morra ali. Não esquecer de enrolar o pombo com pano branco, 2 folhas de saião nos olhos, puxar com a mão para a frente. SAMBORO IPARUBO KITEMBU CORTE DE BICHO PARA TEMPO Kitembu come o sangue e também a carne. Prepara o pescoço: POKOIO MI KAMBANDO DENDE BURU NANGUE Tem que ter perto de Tempo uma árvore seja tamarindo, jenipapo, iroko, cajazeiro. O bicho fica ali mesmo. Tem que ser feito com fundamento, porque vai ficar inteiro e não pode dar bicho. Seca inteiro tipo múmia. O frango fica pendurado na árvore. Reza para o corte: KOKO NI KASSANJE INGORA KOKO NI KAMILONGA (BIS) AI, AI, UN, KAMILONGA Obs.: Como o nkisi Kitembu é o rei da nação Ngola, possui o mesmo cantiga exclusiva para sacrifícios. Esta reza é para todos os bichos de penas ofertados a este nkisi.

O peru é o seu principal fundamento, podendo ser ofertado qualquer outro animal. O peru de Tempo é branco. O pincel (tufo de pelo do meio das penas do peito do peru) de Tempo deve ser colocado no fio de contas. Dizem que só o macho tem. SAMBORO(^) IPARUBO(') GERAL PARA BICHOS DE PENAS PARA TODOS OS NKISI Serve para todos, por isso é rápida, boa para quem está começando. a decorar. 1. Limpar o pescoço POKOIO MI KABANDO DENDE BURU NANGUE! 2. Sacrificar VORUNA, VORUNA SANJI VORUNA, VORUNA SANJE (^)! SAMBORO PARA LAVAR A CABEÇA COM SABÃO DA COSTA OU ERVAS DE MUTUÊ (NA CACHOEIRA, NO AXÉ, ETC.) È (^) MUTUÈ (^) LELÈ (^) KUMBATÁ È NSUMBUÈ (^) MONAMÈ (^) È (^0 MUTUÈ (^) LELE (^) KUMBÁ È SIMBUÈ (^) SAMBORO PARA RETIRADA DE NDEMBA (ANGOLA) OU MUKUNA (CONGO) Pegando em navalha para tirar o cabelo não pode deixar de rezar o tempo todo, até acabar de raspar. DAMI NAKONGO NDEMBURE ERUMENE, KATULA IZO (Primeira vez. As outras é o nome do Nkisi) KÜENDA MUKUNAN (OU NDEMBA) ERU MENE SAMBORO PARA SE OFERECER OU FAZER PERGUNTA AO KESSO (KESSO, DIKASSO, MAKESSO - HÓSTIA SAGRADA DO CANDOMBLÉ = OBI) (NUMA TRIBO DE CAMERON É CHAMADO DIKAJAJA) KÉSSO MAKÉSSO NKESSUE (^) KESSO MAKESSO NZAMBIE (^) O kesso antes de ser oferecido ao mutuè deverá ser aberto, retirando-se o embrião com faca própria ou com os dentes. Não e usa faca nem navalha. Tem quem use a unha. O embrião será entregue a Exu de preferência do lado de fora do portão. Pode colocar no padê do Exu da pessoa. Depois de aberto tocar a cabeça nos 4 cantos com o kesso. Em seguida soprar o kesso 3 vezes em direção ao nascer do sol e 3 vezes em direção da testa da pessoa. Para jogar o kesso usa-se um prato de barro coberto com pemba branca ou efun ralado.

Joga-se o obi para dar alaafia = Banda le Kongo Quando se juntam zeladores seja para o que for, coloca-se na mesa uma quartinha com água e um obi. Dá-se para o mais velho. Ele joga ága nos 4 cantos, reza, abre o obi, tira o embrião e joga. Obi branco - ngudia mutue O kesso para ori é o de 4 gomos (obi abata) Fora-se o pratinho com folhas, se não tiver efun ou pemba. Joga-se o obi. Possíveis caídas: OO OO SIM OO 00 PROVÁVEL OO O0 TALVEZ O0 00 NÃO 00 (O = aberto) 0 0 (0 = fechado) NÃO Jogou, deu BANDA LE KONGO, divide, dando pedacinhos às pessoas mais velhas do que quem está recebendo a obrigação, para mastigar. A massa resultante desse kesso mastigado é colocada no centro do mutuè, sobre uma folha de saião (sexo do saião

pode ser de acordo com o sexo do nkisi). Quando a pessoa for de Zazi substituir o kesso por orolelê. Oferecer também uma comida, uma canjica, e rezar: MUTUÈ KONGO OREO (^) KOLOBOXÉ (') E KOLOBO (^) Essas cantigas devem ser entoadas todas as vezes que se levar comida ao alto da cabeça. Essas cantigas não são usadas só para obi, mas também para ervas colocadas na cabeça, em alguns casos banha de ori, e também objetos (assentamentos, obrigações). Tudo que se leva no alto da cabeça. Deká = transmissão de cargo de pai de santo (por morte, etc) É fundamental fazer as obrigações no tempo certo (aos 28 anos, era dada obrigação das cabaças) ENTREGA DE CUIA - OBRIGAÇÃO DE 7 ANOS NGUECE (^) KASSAMBA (Á) MUVU (Ú) A muzenza passa por uma série de rituais de obrigação, como obrigações de 1, 3 e 5 anos, visando prepará-la para o recebimento do KIJINGU (grau sacerdotal), que acontece com a obrigação de 7 anos: nguece (^) kassamba (') muvu ('). Como a obrigação de 7 anos representa a iniciação de um novo grau, justamente o grau sacerdotal, que confere ao homem o título de Tata Nkisi, e à mulher o grau de Mametu Nkisi, obriga uma série de fundamentos litúrgicos, começando pelos ebós, feitos no mínimo em número de 3. Como exemplo: ebó de rua (exu), ebó iku (saúde), ebó branco (saúde, misericórdia). Logo depois dos ebós, o futuro(a) sacerdote(isa), ao som das cantigas (oros) próprias, será recolhido ACORDADO, ao ndemburo, onde passará por rituais que vão permitir elevar-se a um novo grau. Dentro do ndemburo serão também realizados rituais de ngudia mutuè, com sacrifício de um casal de diembè e um casal de etù, tendo-se o cuidado anterior de fazer sacrifícios de frangos e frangas ao casal de Pambunjila e Mujilo, que foram assentados anos atrás, na ocasião da obrigação de feitura. Depois do ngudia mutuè realizado, 7 dias após, serão alimentados os benguè, devendo no mínimo ser copados 3 bichos de 4 patas, destinados ao primeiro santo, ao segundo santo e a Oxalá (Lembá).

Na CUIA DE 7 ANOS inclui-se: konkém macho e fêmea para todos eles. É uma cuia de cabaça (de preferência que fique em pé), bem grande. É confeccionada com a metade de baixo de uma cabaça arredondada. Representação material de céu x terra = duilo x ixi = orun x aiye, levando no seu interior os apetrechos que o futuro zelador irá usar dali por diante, em rzão do novo grau aquirido, tais como: KANGULA - TESOURA XIMAN - NAVALHA KESSO - OBI OROLELÊ (OU OROLÊ) - OROGBO PÓS - DA PAZ, DO MAL (C/CARVÃO), EFUN, OSUN, WAJI NDUQUE OU NDUKE - PÓ DO BEM = NOSSO PÓ MADOQUE - PÓ DO MAL BÚZIOS, FOLHA PRINCIPAL DO NKISI, POKÓ PARA SACRIFÍCIO DALI POR DIANTE Dentro pode forrar a cuia com tecido bom ou laise. Em cima vai a urupemba. Em cima de tudo uma toalha branca, como se fosse um ala (mulele(')) Todos os bichos de 4 patas são calçados. (4 frangos, 1 konkem, 1 diembe) A entrega da cuia é realizada no sambilê, às vistas do público. Nas nações Angola o ritual de obrigação de 7 anos requer um período de 21 dias para complementos de aprendizado e ascensão de grau, ocasião em que receberá no pescoço o kele de sua feitura inicial, sendo sua cabeça raspada com a ximan (ou poko nemba), por 3 vezes: 1 - o cabelo não serve para nada. É aquele que levou tinta, henê, essas coisas. 2 - raspado com sabão da costa, coado, é dado ao santo 3 - dado ao segundo santo. Daí por diante, nas outras obrigações, não mais passará pelo ritual de raspagem. Katubelanguanje = Jagun Há pessoas que resolvem também cortar para Exu. Normalmente catiço dá problema. Dá a festa do catiço 12 meses depois, e copa. Não há uma obrigatoriedade de sacrificar-se somente 3 bichos de 4, podendo este número ser aumentado e estendido a 7 assentamentos Quando se

tem casa aberta, inclui-se também Tempo, Ossain e Oxumarê. O nkisi Kitembu só pode ser assentado na própria casa da pessoa. Filho de Tempo que fez 7 anos e vai abrir casa, vai assentar o Tempo da casa. Prepara 2 otás, dá de comer lá fora, coloca um dos otás alimentado, solto dentro de uma sopeira no ndemburo. Não existem 2 filhos de Tempo no mesmo espaço. Na obrigação dá sacrifício animal para os assentamentos. Na obrigação de 7 anos a pessoa só não recebe os rituais de pintura nem de kutunda (adoxu), rituais que pertencem ao recém-iniciado (muzenza - ndumbe), e pelos quais deve ter passado quando foi feita. A quebra do kele sacerdotal acontecerá 21 dias depois da entrega da cuia, em um ritual simples, sem sacrifício animal. (kelê de 7 anos = símbolo de obediência. O do iniciado é para segurar a fala, o ilá). SAMBORO DE KUENHA KELE

KUENHA = QUEBRAR (Convida-se os padrinhos) NZAMBI Ê NZAMBI Ê KUENHA, KUENHA KELÊ Ê A entrega da cuia acontece num ritual de 5 saídas. O ritual de raspagem de cabeça na obrigação de 7 anos representa o nascimento da pessoa para assumir o cargo, o mais importante dentro do culto, sendo que este ritual é próprio da cultura angolana, sendo realizado com a pessoa em estado normal, sem a possessão do nkisi. SAMBORÔ PARA O KIJUNGU (rezas para a entrega de cuia) SAMBORO PARA RECOLHIMENTO AO NDEMBURO È, AÈ, AÈ, KOSENZE (^) KATULANDIRÁ (BIS) KOSENZE(^) (MAMETU OU TATETU) KOSENZE(^), KATULANDIRÁ (O certo seria usar a roupa da primeira saída como muzenza, como despedida) PRIMEIRA SAÍDA Esta saída inicial retorna a pessoa ao seu tempo de muzenza, sendo este ato a despedida simbólica desse grau inicial. O futuro sacerdote(isa) virá vestido com roupa branca, com um akan (atakan = pano que encobre o peito) da mesma cor, usando o kelê, descalço, com a cabeça raspada, e acordado. Como acontece na feitura, a mãe pequena da casa (ou pai pequeno = mametu ou tatetu ndenge), sairá à frente, trazendouma dixisa forrada, colocando-a na porta de entrada, centro do barracão (lamburu), e aos pés das ngomas, sendo que os futuros sacerdotes se deitam na dixisa em cada um desses lugares, acompanhando o ato com sequÊNCia de paós. SAMBORO PARA A PRIMEIRA SAÍDA: È MUZENZA MUZENZA KIOBÁ È MUZENZA MUZENZA MAKONGO (ritmo: kongo) Será cantada o tempo todo, até retornar ao ndemburo. SEGUNDA SAÍDA

Representa o ato da entrega do kijingu (grau). Normalmente acontece do(a) dono(a) da casa fazer um pequeno discurso alusivo às qualidades da pessoa durante o período de muzenza. Momentos antes da cuia o zelador dono da casa coloca no pescoço da pessoa a conta que confere o grau sacerdotal, chamada xumbetá (enquanto novato usa aquele fio grande, que depois a cuia vai para o jogo). O xumbetá pode ser feito com 7 firmas do santo, um fio simples, pode até ser curto. Daí em diante não usará mais dilogun, mokan nem senzalas (passam a ser usadas pelo santo). O ato da entrega da cuia é um ritual realizado com o futuro zelador(a) vestido de branco, com chinelos de muzenza (chinelo comum), sendo que as mulheres usarão camisu e pano da costa, e os homens calça e camisa branca. Na hora em que a cuia com a urupemba coberta são entregues ao novo sacerdote, o nkissi o apossa, confirmando assim a obrigação e o novo grau. Homem e mulher devem cobrir a cabeça com um pano de cabeça (tobosso). A entrega da cuia é feita com a seguinte cantiga: SAMBORÔ PARA ENTREGA DA CUIA (ritmo kongo) IZA MAKONGO DIAMBURE(^) IZA MAKONGO DIAMBURÁ AÈ, AÈ IZA MAKONGO DIAMBURÁ Rungebre - é da cultura jeje. Para poder ser usado, nasce da saliva do médium. Só depois de 7 anos. Coloca na boca, depois põe no pescoço. Quando morre coloca

na boca (jeje). Depois que o nkisi se manifesta os tata ngoma cantam cantigas de agradecimento ao santo presente. Embora o rungebre seja da cultura jeje, foi estendido por concessão às outras nações. Não se pode esquecer que este fio é da vida e da morte. Nasce na boca do iniciado e vai ao túmulo com ele. É confeccionado com contas (missangas) terracota, 23 corais, 1 segui azul e uma pequena firma de terracota. TERCEIRA SAÍDA A terceira saída acontece com o santo vestido de estampado, exceção feita a Lembá, que virá vestido de branco, terá um akan atado ao peito, observando-se que o akan com laço para a frente é para santo feminino, e para trás, santo masculino. A cabeça estará envolta com um tobosso (^) trançado, trazendo o santo 2 folhas de pelegun nas mãos. As cantigas entoadas nesta saída são relativas ao novo grau adquirido, por santos com mais de 7 anos. primeira cantiga (louvando) DI MUXIMA KEU AME(^) KATENDEÒ SIMBENGANGA (bis) AI, KIMEMENSOÈ SIMBENGANGA DI MUXIMA KEU AME KATENDEÒ SIMBENGANGA segunda cantiga

EWÀ GANGUÈ DANDURE(^), DANDURÁ DI MAMETU/TATETU KEUANDÀ terceira cantiga AÈ, ZENZÈ, AÈ ZENZÁ TATETU/MAMETU DI MAKONGO UN XAUENDÀ quarta cantiga ABASSALÀ DI NGOLÁ EWÀ GANGUÈ È BUKE LALÀ EWÀ GANGUÈ Após as louvações feitas nesta saída o santo do novo zelador retornará ao ndemburo (quarto de santo), ao som da seguinte cantiga: SALÈ, LEMAN (NKISI) TARUANDÈ(^) SAMBANGOLÈ(^) SALE, LEMAN TARUANDE(^) SAMBANGOLÁ QUARTA SAÍDA Esta saída indica a grande homenagem ao santo. É a saída do Batukajé (xirê), quando o santo é vestido com suas roupas próprias, caracterizando sua origem e qualidade, usando fios próprios do grau adquirido, tipo xumbetá, trazendo nas mãos seus símbolos e na cabeça o filá, adê, coroa, tobosso, conforme o caso. Há alguns que ainda usam peitaças de cobre ou latão. Nesta saída está se informando a necessidade de paramentos. Em algumas casas ainda se usa buquê de flores para santo fêmea. Na ocasião são cantadas cantigas que falam de suas lendas, de sua louvação, e agradecimento por sua presença. Depois de realizado todo o batukajé, retira-se mais uma vez o santo para o ndemburo, cantando-se cantiga própria. Cantiga 1: SALE, LEMAN TARUANDÈ SAMBANGOLÈ SALE, LEMAN TARUANDÈ SAMBANGOLÀ Cantiga 2: GUIENU NZAMBI APONGO DÈ(^) UN SEKESSE(^), UM SEKESSE(^) UN SEKESSE(^) Cantiga 3: = ERRADA = È DI È È È È DI È È Á TATA MANU É PAI SEREPEPE É FILHO DE GANGAZUMBA ORIXAXÁ (Está tudo errado!!!!!!!!) Cantiga 3 certa: È, DI È È È È, DI È È A (bis) TATA MANEPÁ SEREPEPÉ (') UNFI UN GANGA ZUMBÁ ORIEXÁ EÁ TATETU/MAMETU ALUIZÔ EWÀ GANGUÈ quinta cantiga ABASSALÀ DI NGOLÁ È BUKE LELÈ(^)

QUINTA E ÚLTIMA SAÍDA Talvez a mais importante, porque é justamente a que consagra o novo grau sacerdotal. Possui cantigas próprias de louvação ao novo tatetu ou mametu, evocando o grau. O novo sacerdote(isa) sairá do ndemburo acordado, sem transe. Virá vestido de branco com um abadá com as contas do grau, pano de cintura (muinha ou kinhonga), com a cabeça coberta com um tobosso, chinelos próprios para este ato ou sapatos brancos. A sacerdotisa se apresentará com saia própria para o evento, de bata para fora da saia, tobosso branco, com uma alça para cima do lado direito se o santo for masculino, e duas alças para cima se o santo for feminino, usando também as contas do grau recebido, pano de cintura e chinelos ou sandálias de salto. Durante o ato de sua saída são entoadas também cantigas relativas ao cargo, momentos em que receberão homenagem, e dançarão. Só quem usa arco de metal no pescoço é a família

Oxossi (Logun, Karê). Ngunsu branco = Inle PRESENTE PARA OKARAN Num alguidar ou folha de mamona, colocar um padê com 7 fatias ou 7 bolas de inhame. Jogar com maçã, em 4 sem tirar sementes, colocar os 4 pedaços virados, como uma flor, no meio do padê. Colocar numa árvore, numa praça. MESA ESOTÉRICA PARA ENERGIZAR E TRAZER BONS FLUIDOS baralho, com ouros aberto virado para cima taças com milho, arroz, girassol, 3 cereais 3 velas coloridas pequenas carta de tarô taça com água e otás pirâmide de moedas objetos como baralho, dados, idés, folhas CANTIGAS PARA QUINTA SAÍDA ERRADO: EGBOMI UN KAIANGO (^) XIKI XIKI UN ANGOLÈ (^) EGBOMI UN KAIANGO XIKI XIKI UN ANGOLÁ 1. CERTO: SUBSTITUIR EGBOMI, QUE NÃO É ANGOLA, PELO CARGO: MAMETU/TATETU/TATA UN KAIANGO (^) XIKI XIKI UN ANGOLÈ (^) MAMETU/TATETU/TATA UN KAIANGO XIKI XIKI UN ANGOLÁ ERRADO: Ò XIKIME (^) KURIÁ GAMBE (^) EGBOMI UN KAIANGO

Ò XIKIME KURIA GAMBE EGBOMI UN KAIANGO 2. CERTO: Ò XIKIME (^) KURIÁ GAMBE (^) MAMETU/TATETU/TATA UN KAIANGO Ò XIKIME KURIA GAMBE MAMETU/TATETU/TATA UN KAIANGO 3. OIÁ OIAE (^) KALINGUELENGU Ò KADE (^) TATETU OIÁ OIAE KALINGUELENGU Ò KADE (^) MAMETU ERRADO: EGBOMI È, È, È, EGBOMI DUNDUN EUÁ EGBOMI À DUNDUN AMÈ(I) EGBOMI À DUNDUN EUÁ 4. CERTO: MAMETU/TATETU È, È, È, MAMETU/TATETU DUNDUN EUÁ MAMETU/TATETU À DUNDUN AMÈ MAMETU/TATETU À DUNDUN EUÁ 5. EXCLUSIVO PARA HOMEM: (RITMO KONGO) INDÒ (^), IO, IO (^) INDO (^) FINDO (^) MALÁ TATETU TARAMENSÒ (') INDO FINDO MALÁ 6. EXCLUSIVO PARA MULHER: (CERTO) INDO (^) IÁ IA ÍNDO FINDO MALÁ MAMETU TARAMENSÒ INDO FINDO MALÁ ERRADO: INDO (^) IYÁ, IYA ÍNDO FINDO MALÁ MAMETU TARAMENSÒ INDO FINDO MALÁ Depois de executadas as louvações ao novo zelador, ele(a) será sentado(a) no kialú = cadeira (qualquer cadeira se chama kialu), que pertence a ele e que poderá passar a usar naquela casa ou em outra que abrir (leva a cadeira). Nela só senta além da pessoa, o pai de santo e o ogã dele. Como a nação de Angola é rica em rezas, o ato de sentar-se pela primeira vez na cadeira como zelador é precedido por uma cantiga de louvação. O pai de santo faz o ato de sentar a pessoa 3 vezes, até que senta.

REZA PARA SENTAR: KONGO DI MBANDA AÊ! KONGO DI MBANDA AE! (reza até sentar) Terminada a reza e o ato de sentar, será entoada uma nova reza referente à troca de bênçãos com os novos zeladores. Enquanto troca bênçãos reza: NGOROSSI MONA TANDAIÒ OLÒ (^) OLÒ (^) MONA DIRIRÁ AÈ MAKWIU TATETU/MAMETU (há quem diga AÈ MAKWIU MITATA) Na quinta saída, para se puxar o santo do ndemburo para o sambile, reza-se: KERE, KERE KE BANDA ATOIZÁ BANDA KE AMÈ (bis) Terminados os pedidos de bênção ao novo zelador, irá cantar-se o final do batukajé, com cantigas de Lemba. REZA DE FUNDAMENTO (ACELERA A APROXIMAÇÃO DO NKISI DO TATETU/MAMETU) KAJA NKISI KE AMÈ KAJA NKISI GANGA RUN AÈ, AÈ, KAJA NKISI GANGA RUN BENGUÉ KAIANGU Básico: igba completo chifre de búfalo moedas pedras cabaças colher de pau búzios idés cristal favas abano okutá coral peças de cobre ervas colher - o jogo determina a quantidade abano - o jogo determina o tipo okuta - de cachoeira cabaça - nem todos usam o resto é enfeite. KAVUNGU

cuscuzeiro estanho tatalecum lanças orolelê okuta búzios dandá da costa guizos azeviche cobre pimenta da costa aridan cabaças folhas de abiu (ou sapoti) ARIDAN - é perigoso. Tem que cortar, tirar a semente, jogar fora num lugar bem longe NGUNZU - LIGADO A KATENDE Tudo para eles leva 6 camadas de tabatinga. NGUNZU búzios okutá ayó idés Tem que fazer a massa bem mexida com: desata nó espinho cheiroso patchuli caiçara sumaré capim cidreira favas raladas: patchuli sorte dandá aridan s/semente bejerecum tatarecum waji efun osun O importante para esses 2 nkisi é a massa. NKOSI (3 ou 7) tabatinga caroço de dendê mangnês pata do mar moedas favas ferro breu pó de ferro búzios ímã aroeira idés okutá ZAZI (em geral no número 12) na gamela moedas de cobre oxê (direita do sto.) pilão de 2 bocas panacéia elevante roxo BENGUÉ KAIALA (AZIRI - YEMOJÁ) IGBA COMPLETO OKUTÁ - OTÁ BRANCO, DE FORMA OVAL ALONGADA okutá fava andará vinténs chave xeré (esquerda do sto.) adê bayanin orolele ervas: manjericão roxo guararema roxo

9 CONCHAS 9 BÚZIOS ABERTOS 9 IDÉS - ABERTOS PARA SANTO FÊMEA 9 MOEDAS PRATA 9 ESPELHOS 1 IBASIN (CORRENTE) 9 PEIXES DE METAL BRANCO 1 KESSO 1 OROLELE 9 COLHERES DE PAU FAVA ZUMBÁ (ZUMBARANDÁ) OKUTÁ REDONDO, GRANDINHO, CLARO, POROSO. 13 IDÉS ABERTOS DE OPRATA, NÍQUEL OU COBRE, DE ACORDO COM A QUALIDADE 1 PEDAÇO DE CORAL COMUM 13 VINTÉNS - PRATA OU COBRE 13 BÚZIOS ABERTOS (FICAM AO REDOR DO OTÁ) 1 KESSO ROXO (VIDA) 1 OROLELÊ (REPRESENTA A MORTE) FVA DE CIPRESTE FAVA DIVINA FAVA DE ZUMBÁ (PAU FERRO) COLHERES DE PAU - 1 OU 13 IGBA COMPLETO DE BARRO BRANCO (NAJÉ) LEMBÁ (LEMBARENGANGA - LEMBAENGANGA -NDALA KARITANA) IGBA COMPLETO DE LOUÇA BRANCA (PODE TAMBÉM COLOCAR EM NAJÉ) 10 IDÉS DE CHUMBO FECHADOS 10 BÚZIOS ABERTOS 10VINTÉNS 10 FAVAS 1 PEDAÇO DE MARFIM CRISTAL DE ROCHA 10 COLHERES DE PAU 1 DIVINO 1 KESSO 1 OKUTÁ BRANCA LISA KITEMBU (7) 1 VASO (NO BRASIL ASSENTA-SE NA TABATINGA SANTO MACHO EM VASO E SANTO FÊMEA EM PORCELANA, POR TRADIÇÃO APENAS) FERRAMENTA TABATINGA DE POÇO TABATINGA CLARA (A TABATINGA DE POÇO É ARENOSA, A CLARA É PASTOSA) ÁGUAS: POÇO, RIO, NASCENTE, CHUVA (USA TODAS OU UMA DELAS)

ERVAS DO SANTO FAVAS DO SANTO 7 BÚZIOS 7 MOEDAS VINTÉNS ÍMÃS PARA BARRACÃO: 1 OU 7 SAQUINHOS, COM 7 CEREAIS DIFERENTES PARA A PESSOA: 7 CEREAIS PARA MISTURAR NA MASSA 7 QUALIDADES DE BEBIDA SEMENTES QUE NÃO PODEM FALTAR NA MASSA: MELANCIA E AROEIRA VAI COLOCANDO PRIMEIRA CAMADA, SEMENTES, FAVAS, SEGUNDA CAMADA, ETC. IBEJI OU ERÊ (DEVE SER ASSENTADO DESDE A FEITURA) AOS 7 ANOS TEM QUE ARRUMAR DIREITO PANELA OU ALGUIDAR MÉDIO, FORRAR COM TABATINGA FAVA DE ERÊ VERMELHA FAVA DIVINA FAVA DE GENGIROBA FAVA DE LEMBÁ FAVA DO SANTO DO MUTUÊ DA PESSOA KESSO BRANCO RALADO OROLELÊ RALADO DANDÁ RALADO METAL: OURO, BRONZE, PRATA, CHUMBO (SE FOR ERÊ DE OGUN LEVA PEDACINHOS DE FERRO) MOEDAS COBRIR TUDO COM TABATINGA, POR CIMA FAVA RALADA DE PICHULIN, BEJERECUM E NOZ MOSCADA, OSUN, EFUN, WAJI EM CIMA AS FOLHAS DO ORIXÁ DA PESSOA OUTRA CAMADA DE

TABATINGA EM CIMA 7 MORINGUINHAS OU 8 PANELINHAS (SEXO DO ERÊ) ENTRE ELAS BÚZIOS, TUDO CRAVADO NA TABATINGA NO MEIO UM PORRÃOZINHO PEQUENO. SE QUISER ARRUMAR EM CIMA DE UM PORRÃO E ENFEITAR COM FITAS COLORIDAS HANGOL'O - MÉA ALGUIDAR - VASO - PANELA 2 OTÁS (NO FERRO ENFIAR 2 CABAÇAS COM FUNDAMENTO MACHO E FÊMEA) FOLHAS NO ASSENTAMENTO: GUACO CHEIROSO CALEDÔNIA ERVA DE PASSARINHO (SEM ESPINHO) DEDO DE DEUS AFOMÃ

CIPÓ CRAVO FORRA-SE TUDO COM TABATINGA, COLOCA-SE FAVAS RALADAS: PICHURIN, NOZ MOSCADA, BEJERECUM, DIVINA, DANDÁ DA COSTA, ANDARÁ (POR CAUSA DO ENREDO DE XANGÔ) RALAR TAMBÉM EFUN, OSUN, WAJI, OBI E OROGBO DESCASCADO, AS FAVAS CALÇAM O ASSENTAMENTO. POR CIMA UMA FINA CAMADA DE TABATINGA. MAIS UMA CAMADA, ENFIAR 14 IMÃS OUTRA CAMADA, ENFEITAR EM CIMA E COLOCAR O FERRO, 1 OTÁ ALONGADO, FAVA DE HANGOLO (CACHINHO DE FLORZINHAS AMARELAS, OU FLMBOYAN) FAVA DE IFÁ (OPELÉ OU OUTRA PEQUENA) 14 BÚZIOS ABERTOS ATRÁS DO FERRO UM CHOCALHO DE COBRA 14 MOEDAS 14 IDÉS DE FERRO OURO E PRATA (ENTERRADO) DO OUTRO LADO O SEGUNDO OTÁ PEQUENO REDONDO CAVAR NA FRENTE DO FERRO UM BURACO DE 2 POLEGADAS E PLANTAR UMA CABEÇA DE COBRA VIRADA PARA A FRENTE AO ACABAR PEGAR UMA LARANJA AZEDA, CORTAR EM 4 E ARRUMAR OS GOMOS. É A PREPARAÇÃO PARA COPAR. ABRIR UM OBI ROXO DE 2 (GBANJÁ) E COLOCAR EM CIMA SEM O EMBRIÃO NO OSSÉ COLOCAR NO FERRO A FLOR E A RAIZ DE CANA DO BREJO. BICHOS: (QUALQUER COR, MENOS PRETO) 1 CASAL DE GANSOS, CALÇADOS COM FRANGOS E 2 FRANGAS OU 1 CASAL DE MARRECOS OU 1 CASAL DE PATOS, EM ÚLTIMO CASO. SE CORTAR CABRITOS, 1 CASAL DE CAPRINOS, CALÇADOS COM 4 FRANGOS E 4 FRANGAS. TUDO SEMPRE EM IBOSÉ. AO SE CORTAR GANSO TIRA-SE A PELE COM A CABEÇA. ABRE-SE OS DEDOS DOS PÉS HÁ OCASIÕES EM QUE HANGOLO COME JIA - DOENÇA GRAVE, PARA LEVANTAR A PESSOA. JIA É BICHO DE ZUMBÁ. obs.: O FERRO DE OGUN NO OSSÉ ENFEITA-SE COM AROEIRA E ABRE CAMINHO. PARA SABER O SEXO DE HANGOLÔ NA HORA, COM O SANTO EM TERRA, COLOCA-SE UMA BACIA COM ÁGUA E 2 QUARTINHAS, UMA COM ASA E OUTRA SEM ASA. O SANTO VAI BEBER NA BACIA, DEPOIS DIRIGE-SE PARA A QUARTINHA DO SEU SEXO. Podemos encontrar Danda no 5, 8, 10, 16 Katende e Ngunsu é igual, só muda o número Aganji e Lugano respondem no 15, mas há possibilidade de encontrar Aganji no 2 (tudo isso é visto no jogo) No 2 temos Yewa, Ogun, Oxalá, Ibeji

Iya Omin = Oxum do 16 = 1 + 5 + 10 BENGUÉ PAMBUNJILA VULTO - ENCANTADO BÚZIOS OKUTÁS MOEDAS ORIGEM - PALHA PARA KAVUNGU, CABAÇA, ETC. CABAÇAS FAVAS DA ORIGEM IMÃ(S) MASSA: COMO EXU É ÚNICA, A MASSA NÃO TEM CAMADAS. USA-SE ALGUIDAR, BACIA, PRATÃO. TABATINGA CLARA DIEMBE, FRANGO OU IGBIN KESSO OROLELE SAL KURUPIRA (EKODIDÉ) O VULTO PARTICIPA DAS OBRIGAÇÕES DE 7, 14, 21. SÓ LEVA UMA ÚNICA MATANÇA DEPOIS USA-SE O IGBOSÉ DO ORIXÁ. COMIDA DA ORIGEM: ACARAJÉ, OU DOBURU, ETC. FRUTAS DOCES, BEBIDA DOCE PAMBUNJILA É O MAIS VELHO

DO PANTEÃO. POIS A ORDEM DOS ODU É DECRESCENTE. O MAGMA PRODUZIU OS ELEMENTOS ENXOFRE, BREU, MANGANÊS, CARVÃO, COQUE. EM ALGUMAS OCASIÕES COLOCA-SE A FUSÃO DESSES ELEMENTOS - O FERRO. YANGI = YOMBE OU YOMBI PIMEIRO A ENTRAR NA PESSOA, ENTRA NO CORPO DA MÃE AOS 45 DIAS DA FECUNDAÇÃO. ALAKETU - SENDO DE OXALÁ, PLANTA O YANGI NO FUNDO DO QUINTAL, E LÁ SÓ ENTRA A IYA BASE E O ZELADOR. AOS 9 MESES AO NASCER, COM O PRIMEIRO CHORO - SOPRO VITAL - ORIXÁ. CÂNTICOS PAMBUNJILA 1. PAMBUNJILA JÀ MUKONGUÈ IÀ IÀ ORERE PAMBUNJILA JÀ MUKONGUÈ IÀ IÀ ORERE. PAMBUNJILA KUJÀ KUJANJO 2. PAMBUNJILA AÈ

PAMBUNJILA AÈ PAMBUNJILA JÀ MUKONGUÈ PAMBUNJILA AÈ 3. PAMBUNJILA AÈ PAMBUNJILA AÈ PAMBUNJILA A NGANGA PAMBUNJILA JÁ KONGUÈ INVOCAÇÃO 1. SINGANGA GANGAIÔ GANGAIÔ LEKUE PAMBUNJILÈ SINGANGA GANGA IÔ GANGAIÔ LEKUE PAMBUNJILA 2. SINGANGARA AÈ SINGANGARA AÈ SINGANGARA À (N)GNGA SINGNGARA JÀ KONGUÊ 3. TENDA TENDA Ò TENDA IÒ INDO RERE EÀ RESP.: TENDA IÒ O TENDA IÒ 4. AÈ PAMBUNJILÈ AÈ PAMBUNJILÁ AÈ PAMBUNJILÈ PAMBUNJILÈ, PAMBUNJILÁ QUALIDADE: MAVILE 1. MAVILE, MAVAMBO INDO, INDO KENÃ INDO, INDO KENÃ 2. MAVILEMALEMBE NKOMPENSOÈ NKOMPENSOA 3. MAVILE MUNGANGA O KIRANDA È O KIRANDA E Ò 4. MAVILE MAVAMBO REKENKENSOE, HA HA HA REKENKENSOE

5. BIOLE, BIOLE, BIOLA., TA E DE MI DE MANAKO BIOLE, BIOLE, BIOLA, TA E DE MI DE MALAGO ENCANTAMENTO NA LEI KONGO KIBANDA SISSA SISSA RUKAIA KIBANDA (FEITIÇO) SISSA SISSA RUKAIA KIBANDA RUAKANJE CANTIGAS CONTINUAÇÃO (Toque: muzenza) KANJANJA KANJANJA DE KAKAMENE DE KAMUJIRE, KANJANJA KANJANJA DE KAKAMENE DE KAMURENDE KANJANJA ORI, ORI, ORI TIBIRIRI MAVU, TIBIRIRI TIBIRIRI (Exu ligdo ao fogo e à terra) TIBIRIRI, TIBIRIRI MONA IXI TIBIRIRI TIBIRIRI MONA IZO (Kongo) MALUNGUM NZAMBÈ (^) O INGRETALA TANDÈ(^) MALUNGUN NZAMBÈ(^) RESP: MBELÈ(^) MAIONGÈ(^) MONÁ WELÉ RESP: MAIONGÈ(^) FAIA MALOKO SALOIÈ É LUBIDI LOKU BATÁ FÁIA MALOKO É LUBIDI LOKU BATÁ (3 VEZES) Cantiga específica para ligação de Ogun e Exu:

MAVAMBU E MAVU AÈ AÈ MUKUMBI É (qualidade d Nkosi da agricultura) MUKUMBI É MAVU AÈ AÈ MAVAMBU É Reza (cântico) de Exu Mavambo (muito séria) MAVAMBO, MAVAMBO DI AMBURE (^) KATULÁ TULAMBÍ, KATULAMBÔ MAVAMBO, MAVAMBO DI AMBURÈ(^) KATULAMBÍ KATULAMBO(^) MAVAMBO, MAVAMBO DI AMBURÈ AÈ AÈ MUKUMBI È (bis) Para acordar exu para o jogo, para colocar uma bebida na porteira, para roda, etc. TOMALÁ ZÉKÚ ZÉKU È À ZEKURIÁ ((bis) - (Näo serve para padê) Para despachar padê: MAVÍLE KONGO JÀ KOTAILÈ RESP: MAVILÈ (bis) - Ir cantando até acabar COMO CONVERSAR COM O NKISI, SAUDAR CONVERSAR, SAUDAR (encantar, acordar) LOUVAR (Para todos pode dizer PEMBELE!)

PAMBUNJILA KIUÁ NGANGA PAMBUNJILA (viva o andarilho dos caminhos) NKOSI IUNA KUBANGA KUTA KUETU NKOSI (Nkosi, aquele que briga por nós) KATENDE

KATENDE MÚKUA-XI UNSABA (Viva Katende, o habitante das folhas) NGUNZU KABILA UKONGO KUALA ENIOSO (Salve o caçador que caça para nós) TELEKOMPENSU MUTONI KAMONA TELEKUMPENSU (pescador menino, Telekumpensu) ZAZI A KU MENEKENE USOBA NZAZI (Salve o rei dos raios) KAVUNGU KAVUNGU MUXIMO OXI (Kavungu, Rei da Terra) HANGOL'O NGANA HONGOL'O KIAMBOTE (Belo senhor do arco-íris) KITEMBU KITEMBU DIA BANGANGA TALENU (Salve a divindade do ar) WUNJI NVUNJI KUKALA PAFUNDI (Vunji está feliz) KAIANGU MAMETU MUKUA ITA MATAMBA ((Viva a mãe e grande guerreira) (Pode trocar Matamba pela qualidade de Kaiangu)). DANDA MAMETU KIAMBITE MAZA MAZENZA (Oh bela mãe das águas doces) KAIALA MAMETU MUKUA-XI KIANDA (Salve a mãe que mora nas águas) ZUMBA MAMETU IXI KUZULA (Mãe da Terra molhada (lama)) LEMBA KUBETA MAKU KUKALA UIZA LEMBA DILE (Batam palmas, salve o senhor da paz) KIUÁ UNZILA NKOSI È KIUÁ KATENDE KIUÁ MUKONGO MUANZA È NZAZI È PEMBELE KAVUNGU HONGOL'O È KITEMBU È OU KITEMBU ZARA NVUNJI È KIUÁ KAIANGU KISSIMBI È (qualidade) DANDALUNDA KIAMBOTE! KUXIMANA abençoar) NZUMBA È NGANA LEMBA!(Olufã) NGANA ZAMBI! (Senhor) KAIALA (pedir para KIAMBOTE - ligado a beleza, pode ser usado para Kaiangu, Telekumpensu, Danda, Kaiala...

REZAS PARA PEMBA: 1. A primeira representa a ancestralidade, não é soprada, é jogada no chão, no meio do barracão. PEMBÈ(^), PEMBÁ NGURA ZILÈ(^) PEMBE(^) R: MONA, MONA KE(^) AME(^) 2. Soprado para cima no barracão. Só vai ao portão se desconfiar de alguma coisa. NGURA ZILE(^) PEMBE(^) MONA MONA AUE(^) PEMBE(^) 3. Caminhos da mata e de Lembá PEMBA(ê) DI TAMANANGUÁ PEMBE(^) PEMBÁ PEMBA(ê) DI LEMBE(^) LEMBÁ PEMBE(^) PEMBÁ 4. Acabando de soprar LOUVAÇÃO KE(^) PEMBE(^), KE PEMBÁ (BIS) LEUI LEUI (reza-se com força pedindo força à terra) 5. KE PEMBE(^), KE PEMBE(^) KE PEMBE MONA GOIAMIM GANGOSO (ossô) KE PEMBÁ MONA GOIAMIM GANGOSO ABÁ KE PEMBÁ MONA GOIAMIM GANGOSO (ossô) 6. O KE PEMBE O KE PEMBE IZA D'ANGOLA (Tumba Junsara) (Bate Folha: KASSANGE) IZA DI ANGOLA O KE PEMBE SAMBA ANGOLA Depois de soltar a pemba. PEMBA RUIM Pemba ruim, notícia ruim. Soprar a pemba para fora. Todos balançam as mãos para a frente. A mãe de santo vai até à porta. REZA PARA PEMBA RUIM SAIOZAN KE PEMBO È(^) SAIOZAN MONA(^) SALE(^) (dança com as mãos para a frente como Kaiangu) FOGO Quando se mexe com fogo tem que tomar cuidado. Serve para limpar a casa, devolver demanda. Quando se acende tuia não deve ser em papel, deve ser em algodão, e nunca sozinha, sempre com outra coisa (açúcar, sal, carvão), dependendo da finalidade.

O fogo (para ebó também) é precedido por 3 cantigas do fogo. No Angola Kaiangu é associada diretamente ao fogo. Ao cantar juntam-se os 2 dedos indicadores, para juntar as polaridades.

1. EZO MATAMBA NGOLA NKREN KRENZOC NGREZO 2. NA MATAMBA SAMBA NGOLA ÁGUA (rezas de segurança da casa) 1. ÒKATAMBA È GANGA È KATAMBA È DE TERE(^) KALUNGA 2. Para esfriar a casa IZA TARA MERULA KALUNGA DI LERO(^) È(^) KREZO(BIS) 3. MATAMBA NGOLA NGOLE(^) MATAMBA NGOLA NGOLÁ MATAMBA NGOLA NGOLE(^) KREZO, MATAMBA NGOLA NGOLÁ IZA TARA MEZULA KALUNGA DI LERO È 3. GANGA KATÚMBA È GANGA SIÚBA È (bis)

CANTIGAS DE NKOSI (CHAMAR NKOSI PARA ENTRAR PARA COMER) 1. NKOSI, MUKUMBI TÁRA MENSÁ DANGE(^) GOIA È È È GOIA È È È 2.KE MUZENZALA SENZA NKOSI KAMUREDE ATUREMO KE MUZENZALA SENZA NKOSI KAMUREDE IA NKOSI 3. NKOSI MUKUMBI TÁRA MENSÁ KAIÁ KOSENZÁ NKOSI KOSENZÁ NKOSI KOSENZÁ 4. NLUANDE(^) NKOSI KONGO TALANDE(^) NLUNDE NKOSI KONGO TALANDA È 5. È AÈ AÈ BANDA MIM KONGO É DE TÁRA KOLE(^) È DE TARA MENE(^) 6. convida a ir aos atabaques BAND MINIKONGO AÈ AÈ AÈ AÈ BANDA MINIKONGO E MINIKONGO E KAJÁ NGOMA 7. (enredo com Oxum) Chama para guerra TABALA SIMBE, NTABALA(N)JO(^) R: AÈ NKOSI É NTABALA (N)JO r: AÈ NKOSI É NTABALA (N)JO 8. NKOSI TANO LÈ TANO LÈ MARWÒ NKOSI TANO LÈ TANO LÈ MAIONGÀ 9. NKOSI BAMBE È IA NKOSI NKOSI BAMBE TUREMO(^) IA O NKOSI 10. está na guerra NKOSI BIOLE(^) NBIOLÁ NKOSI BIOLE NBIOLA NKOSI BIOLE NBIOLÁ ME KAJÁ MUGONGO NKOSI BIOL NBIOLÁ 11. NKOSI DI BREGEDE SAMBANGOLÁ SAMBANGOLÈ(^) NKOSI DI BEREGEDE SAMBANGOLÁ

SAMBANGOLÈ(^) CANTIGAS PARA NGUNSU 1. OLO BRANGUANJE NGUNSU DE BANA KURÁ OLO BARANGUANJE NGUNSU DE BANA KURÁ 2. LANDANGUANJE KASSANGUANJE KE AME (R) IA SINDA LUKAIA LANDANGUANJE KASSANGUANJE KE AME (R) IA SINDA LUKAIA 3. (ANTIGA) KALUNGA NO XAUERÁ È A RUE KALUNGA NO XAUERÁ È A ZINGÉ 4. È BAMBI È È BAMBI È A IZA TAWÁ È BAMBI A IA TAWA MIM È BAMBI È A IZA TAWÁ 5. AUENDA KANJIRA MUGANGA NGANGA AÈ TUMBA Ò TAWAMIN A È TAWAMIN 6. KABILA KEWALA TALA MUZAMBE(^) MANAN MUREWÀ UN TATA KAMBONDO DE LUANDA È MANAN JIMBE JIMBE A DANDA LUNDA E ORERE 7. KASA KASA (TRIBO) NO KAUNDÉ BULAIÈ BULA IÒ KASA, KASA NO KAUNDÉ NGUNSU È MUTALAMBO(^) 8. AÈ GONGOBILA, DILÈ(^) AÈ GONGOBILA (BIS) 9. GONGOBILA MUTALÈ GONGOBILA MUTALÈ Ò 10. ADE KUTALA ZINGE(^) IA ZINGE(^) O (^) (BIS) AO IZA KUTALA KAIZA KURA AI AI, AI AI ADE KUTALA ZINGE ADE KUTALA ZINGE IA ZINGE O KEMIN FAREWÀ KEMIN FAREWÀ AO IZA KUTALA KAIZA KURA AI AI, AI AI (dá a volta na cantiga para encher barracão) 11. A KOKE(^) GANGA LE KONGO A KOKE IA, IA SI, SI, AKOKE IA IA A KOKE GONGOBILA A KOKE IA IA SI SI AKOKE IA IA 12. GONGOBILA MUTALE(^) NSIMBE KOKE, IA, IA AE AE NSIMBE KOKE IA IA 13. NGUNSU È TALA NO MUZAMBE(^) NGUNSU È TALA NO ARERE(^) 14. ARUÉ(^) KABANDO(^) LAMBARANGUANJE MAKUO(^) SUBAÈ(') TAWAMIN 15. TAWAMIN TAWAMIN NGUNSU E MUTALAMBO (bis) 16. KILUMATA, KILONDIRÁ NGUNSU E MUTALAMBÒ AÈ AÈ NGUNSU E MUTALAMBO(^)

SUSU, KE, AME, AME GERAL: KASA - UMA TRIBO (NÃO TEM NADA A VER COM CAÇAR) JIMBE - DINHEIRO MUTALAMBO - SEMELHANTE A IBO - EMPALHADO KUTALA - HERDEIRO KUTALA - TAMBÉM SE ASSEMELHA A IBO - EMPALHADO CANTIGAS DE KATENDE 1. KATENDEN GANGA KURUZU KATULA DINGOMA TUREMÒ(^) KATENDEN GANGA KURUZU KATENDEN GANGA TURAMÒ(^) 2. KAMUKEM KEBOIAMIN PIKINININ KAFILÈ KONGO (BIS) 3. MBUKÉ KEBOIAMIN PIKINININ KAFILEKÒ (BIS) 4. KATENDÈ À BIBI KOIA (BIS) È AMÈ À BIBI KOIA (BIS) 5. KATENDE NLANDEJINA LUANDE(^) NKATENDE(^), NLANDEJINA 6.

PANZO, PANZO È PANZUE (^) PANZO PANZO NZAMBI, È (^) 7. KATENDÈ À LESIKONGO (BIS) MA, MA, MAUÈ(^) NKATENDE(^) (BIS) CANTIGAS DE HANGOLÓ 1. SUSU, KE FAIA, FAIA 2. (Kongo) AI, AI, AI, VULAIO(^) VULAIO KONGO ASA KE MASA VULAIO 3. VULAIO(^), VULAIO(^) RESP. GANGA KULÁ VULAIO, KENAN, KENAN REP. GANGA VULÁ 4. Ligada a Danda AYNÉ AYNÉ HANGOLO(^) ZINHÒ(^) KE DANDA LUNDA SESÈ (') 5. Ligado a Nkosi E A BANDA KOKODO(^) KOKODO INAWÈ(^), AÈ(^), AÈ(^) R.: KOKODO(^) 6. HANGOLÒ ASUA NO KALUNGA NO KAINDÈ(^) (BIS) 7. HANGOLÒ(^) ZINHÒ(^) R. SIMBENGANGA JAUTALÈ SIMBENGANGA HANGOLOMÉA SIMBENGANGA JAUTALE 8. HANGOLO MARAVAIA KE PEMBE(^) HANGOLO MARAVAIA KE PEMBE(^) IÁ SAMBANGOLÈ(^) 9. HANGOLÒ MARAVAIA NO SERERE(^) R. NO SERERÈ(^) CANTIGAS KAVUNGU 1. Fundamento com Oxalá IE, IE, KAFUNJE(^) KATU, LEMBA, BORASINA KOSENZALA 2. KUENDA KUENDA (limpando)

KAFUNGÈ(^) KALUNGA JAWÀ DIMBE(^) KUENDA KUENDA KAFUNJE HANGOLOMÉA ADÈ(^) JAWÀ (é cântico de barrcão, mas algumas pessoas cantam como reza para ebó contra problemas de pele) 3. NSUMBUÈ, NSUMBU NANGUÈ (^) (BIS) NSUMBU, SAMBU KUENDA O LEMBA DILÈ(^) MAOKE FITA, FITA MAOKE SAMBU KUENDA 4. NSUMBU, È, È, È(^) NSUMBU È POPO DI MONÀ (BIS) 5. AÈ, AÈ SI KAFUNAN AÈ, AÈ SI KAFUNAN KAFUNJE KOMBE LOJÀ TATETU SI KAFUNAN 6. XAUERE(^), XAUERE(^) KAFUNJE KUMBELOJÀ XAUERE(^), XAUERE(^) KAFUNJE KUMBELOJÀ 7. KUMBE, KUMBE LASIN (BIS) KUMBE KUMBE LAJO 8. (Como se fose Azoani) E MALA, E MALA IZO(^) È È KAKAWANE È MALA IZO(^) 9. INDO IÒ IÒ INDO FINDO EMALA TATETU TARAMESSÓ KAFUNJE FINDO EMALA 10. (Funfun = Katu) KATULEMBO RÀSINI KOSENZALA IÈ IÈ KAFUNJE E KOSENZALA IÈ IÈ KAFUNJE. 11. LEMBA È È ME, KATU, IZO LEMBA È È ME, KATU E À FAIA MAMETU KAINDO(^) (Bate Folha) (FAIA MAMETU KAIANGO(^) - T. Jusara) KAMBONDO KUNDÈ KAMBA LEMBA DILE FAIA MAMETU KAIANGO(^) KAMBONDO KUANDE(^) KAMBA MANDU KAIÁ 12. MONA KUÉRA SAMBUE (^) A NGELE(^) MONA KUÉRA SAMBUE(^) NKAFUNJE(^) CANTIGAS DE KAIANGU Para Kaiangu de qualquer idade 1. EÀ MATAMBA È TATA EME EÀ MATAMBA È TATA EME 2. EÀ DA MUIGANGA È TATA EME EÀ EÀ MATAMBA È TATA EME 3. EÁ EÁ EAÈ E A MATAMBA DI KAKURUKAJE ZINGE EÁ EÁ EAÈ E Á MATAMBA DI KAKURUKAJE ZINGE EÀ EÀ E TATA EME EÀ EÀ MATAMBA E TATA EME 4. NDAMBURE, NDAMBURE MAVANJU NDAMBURE MAVANJU ELESIKÒ, MAVANJU

5. E NSIMBE, IE IE A È BAMBURUSENA É NSIMBE IE IE (bis) (pode cantar KISIMBI IE IE) 6. NDAMBURE, NDAMBURE AVANJU NDAMBURE AVANJU BAMBORUSENA, AVANJUE 7. SINA AVANJU ORO SINA AVANJUÈ KONGO LE LUANDA ORO SINA AVANJUE SINA AVANJU ORO SINA AVANJUE ORO BAMBURUSENA ORO SINA AVANJUE 8. Para santo velho (esta cantiga serve para rum de qualquer santo feito, mudando o mametu por tatetu se for o caso) INDO IO IO INDO FINDO EMALÁ MAMETU TARAMESÒ INDO FINDO EMALÁ 9. EÀ DIN DIN E À DINDAIÁ MATAMBA DIARUE MATAMBA DIARUAIA 10. EÀ JANJA KALUNGA JINJE KAMUNAN DENDE KE KE MIKÉ NBANDA EÀ MATAMBA MIKÉ NBANDA 9. ERRADA: ZAMBE QUE MANDA ANDÁ

KAIANGO ANDANDO MATOU BOADI CERTA: NZAMBI KIMBANDA MONÁ KAIANGU KAPANZO MAKOBOADI CANTIGAS DE DANDA 1. DANDALUNDA MAIMBANDA KOKE (^) DANDA LUNDA MAIM BANDA KO KE (^) Á (bis) 2. DANDALUNDA UN TERERE (^) UN TERERE (^) 3. DANDALUNDA UN AXOKUE (^) UN AXOKUE (^) 4. DANDALUNDA EUÁ SAMBE (^) DANDA SAMBE (^) 5. DANDALUNDA EUA IZO (^) DANDA EUA IZO (^) 6. (Serve tb para Telekompensu) SOE (^), SOE (^) DANDA LUNDA SOE (^) 7. TELEKOMPENSUE TELEKOMPENSUÁ TELEKOMPENSUÊ DANDALUNDÁ 8. MONA MONA KUIÁ KUIÁ MONA MONA KUIÁ BEKÒ 9. DANDE(^), DANDE(^) O DANDEUARÁ O ME ZAMBE EUA DANDE(^) DANDE(^) O DANDEUÁRA 10. KISSIMBI KISSIMBI È KISSIMBI MONA ME

KISSIMBI MONA ME KISSIMBI È 11. SAMBÁ SAMBÁ MONA ME TAKUMBIRA KENAN (bis) UN SAMBA Ó SAMBA MONA ME TAKUMBIRA KENAN 12. (Kongo) AXOKE(^), AXOKE(QUÊ) EÁ DANDÁ AXOKE(^), DANDALUNDA AXOKE(^) DANDÁ 13. DANDALUNDA KE (^), KUARÁ DANDALUNDA KE (^) JANJO(^) 14. Cantiga que é para Oxum em Bate Folha e para Yemojá em Tumba Junçara CANTIGAS DE VUNJI 7. E, E, E, Ò NGANGA VUNJI DITAMARAKA O NGANGA 8. AÈ AÈ SAKELA MONA VUNJI SAKELA MONA KESANJI SAKELA MONA VUNJI 9. VUNJI MABI DILE, DILE VUNJI MABI 10. VUNJI MONA ME VUNJI NAVULÔ 11. SUNA VUNJI AME MONA VUNJI AME (bis) CANTIGAS DE KAIALA: 1. VUNJI MONA ME (BIS) KABILA DINGOMA VUNJI KAUELE, KAUELE KABILA DINGOMA ATOIZA 2. VUNJI A, VUNJI A VUNJI DITAMARAKA TATETU VUNJI, VUNJI A 3. DANDA VUNJI KABILA DINGOMA (BIS) VUNJI DANDA VUNJI 4. KAUELE SIMBE KAUELE SUZI (bis) 5. AI, AI, AI VUNJI, KAMUNAN KESANJI VUNJI, KAMUNAN MONA ME 6. AÈ SAKUELA VUNJI MONA ME (bis) 1. MIKAIA SELU BANDA SELU BINDA DA MAN MAN IE MIKAIA SELU BANDA SELU BINDA DE MAN MANIE O MIKAIA È 2. KEVE, KEVE KAIA (bis) MAMAN INGOMA SEGINGOMA ENU TATA, AME, KAIA 3. SAMBA NGUELE SAMBA NGUELE MARUÈ (bis) 4. SAMBA NARUÊ SAMBA NARUÊ KAIA (bis) 5. KONGO SAVASI E A TUNDE RENÈ KONGO SAVASI E A TUNDE RANAHN (bis)

AÈ AÈ KONGO SAVASI RENÈ 6. KAIALA NAVITÈ NAJÈ AKISI KONGO (bis) 7. KAIALA ABITE KAIA, MA, KISIKO (bis) 8. AÈ KONKUETO AÈ KONKUETO OIÔ (bis) MIKAIA KONKUETO MIKAIA KONKUETO OIÔ 9. KAIALA VANULE SIVITE, KAIA (bis) CANTIGAS DE TELEKOMPENSU 1. TELEKOMPENSU E (^) TELEKOMPENSU Á TELEKOMPENSU E (^) DANDA LUNDÁ 2. MONA MUCHINU É MAIONGE (^) MAIONGE (^), MAIONGÁ MONA MUCHINO É MAIONGE, MAIONGE SALE (^) 3. MAZA, MAZA KULOESA (qualidade) MAZA, MAZA DILE MAZA, MAZA,KULOESSA 4. AÈ MUKONGO MUKONGO KAÍZA È AÈ MUKONGO KUTOMBESA AÈ 5. MU MUANHU MUSSAMBE (^), MUSSAMBÊ TATETU MUSSAMBE (^) 6. NZACHI, MUCHITU EKOMPENSULE NZACHI, MUCHITU, NGÚZU, MUCHITU 7. DANDA, DANDA O KUABA, OKUABÁ MONA MUCHITU OKUABA OKUABÁ 8. MULÉLE E (^) MULÉLE LEMBÁ MULÉLE E (^) NZO (^) E (^) Á (inzo) 9. È È KISSIMBI (Mãe Pondá) È È KUTALA (Pai Ibolama)) È MAIM BANDA È MAIM BANDA KOKE (^) 10. DANDA MAIONGE (^) KABILA DILE (^) (bis) CANTIGAS DE LEMBA 1. O NGANGA MOXI, LEMBA O NGANGA MOXI, Ò 2.LEMBA NZAMBI APONGO PARA KENAN R: O INDO,

INDO 3. NZAMBI NAKUA TESA R: AWETO (BIS) 4. LEMBÁ, LEMBÁ DILE LEMBÁ EDI KANAMBURA IA VEODI IAIÀ 5. MANAUE O LEMBÈ Ò LEMBÀ (BIS) 6. NZAMBI, NZAMBI KE NZAMBI (BIS) NZAMBI APONGO DE O KE NZAMBI, O KE NZAMBI 7. SIGANGA E SIGANGA EMAN GANGA KAMENEMENEN GANGA JIOKA

8. KASUTE È KASUTE LEMAN OXI MUGANGA KASUTE LEMAN OXI MUGANGA KASUTE LEMAN OXI MUGANGA LEMBÁ IZO 9. AE, AE, KASUTE, LEMAN KASUTE LEMBÁ KASUTE LEMAN 10. EDI, IE, E, E, EDI, IE E A, TATA MONAPÁ SEREPEPE NFI DI GANGA ZUMBA È È LEMBÁ CÂNTICOS DE MINA LUGANO 1. NZAZI, NZAZI MAKULÈ (^), LUGANO 2. JANJA AWÈ KALUNGA LUGANO NKRENKRE(N)SOE (^) (bis) 3. KIMBANDA, KALUNGA KIAHELA, NGUSU, È (bis) 4. INDO IA, IA INDO FINDO EMALA KATAMBA, INDO IÒ IÒ LUGANO, INDO IA, IA CANTIGAS DE MINA AGANJI 1. È È AGANJI È È È AGANJI È (n)AGANJKI (n)AXOKUE (n)AGANJI (n)LEMBA È (bis) 2. E À DANDA KAIALA MONA LOMÉ (bis) 3. SAMBA, SAMBA MONA LOMÉ r: AÈ MAMETU (bis) 4. NZAMBI A MOXI LELE AGANJI NZAMBI À MOXI LELE AGANJI 5. NSEKESSE, AGANJI È EUA IZO (bis) 6. NSEKESSE AGANJI, È MONA LOMÈ NSEKESSE, AGANJI È MONA IZO CANTIGAS DE KITEMBU 1. KITEMBU È NGANA NZMBI (bis) EÀ KISIMBI PE PE PE E À MAIONGA KITEMBU È 2. MIRU KITEMBU MIRU KITEMBU MIRU KITEMBU INGE KITEMBU, MIRU 3. KITEMBU È RE RE E A KITEMBU APEROLÁ KITEMBU MAVILA LEMBA È O KITEMBU È 4. KITEMBU MAVULU MAKINAN DINAN EKISIKO KITEMBU MAVULU MAKINAN DINAN JAMUKANGE 5. KITEMBU MAKURA DILÈ E DA MURAXÒ KITEMBU MAKURA TATA E DA MURAXÒ XO XO E DA MURAXO, AI AI

E DA MURAXÒ AI AI 6. È A KITEMBU E A LAMBADA MAKURADILE E À KITEMBU E À LAMBADA MAKURE 7. KITEMBU D'ANGOLÈ AMOLA FAIA, NO KONDEME AÈ KITEMBU AMOLA FAIA NO KONDEME 8. KITEMBU MAVILA KASANJE EAZILÈ CANTIGAS DE ZAZI 1. ARUE GANGA È NO BOIAMIN GANGA E ARUE GANGA È NO BOIAMIN GANGÁ 2. SINGANGA È È LUANGO SINGANGA È È LUANGO 3. ZAZI KE VE NWE D'ANGOLA ZAZI MALAKAIA ZAZI KE AMASI (bis) 4. O, O, O, O, MIKARIOLÉ MASANGANGA ASANGANGA MIKARIOLÉ 5. OLÒ KOMBELA ZAZI KOMBELA ZAZI KOMBELA ANGOLA 6. LESI, LESI MSANGANGA MI, KARIOLÉ 7. O ZAZI È O ZAZI A O ZAZI È MNHANGOLE MANHANGOLÁ 8. ZAZI KINANBO AÈ AÈ KUMBEL ZAZI, Ò ZAZI È 9. (sem origem definida) VALE LE, VALELE VALELE LELE LUÁ (bis)

GERAL: KISSIMBI - TIPO IEIE PONDÁ SESSU COME COM PONDÁ NO ENCONTRO DE DOIS RIOS AVANJU E BAMBORUSENA SÃO TIPO BAALE QUANDO VAI ALIMENTAR ESSAS QUALIDADES TEM QUE ALIMENTAR EGUN. NUM BORI DESSE SANTO VAI SE FAZER UM BALAIO PARA EGUN. BATE 3 VEZES DO LADO DE FORA E LEVA PARA A RUA - NO CAMINHO OU NO BAMBUZAL ENREDOS DAS QUALIDADES DE KATENDE KATENDENGANGA = MANANGANDÚ = KAVUNGU HANGOL'O, HANGOLOMÉA AMOKÉ (amoqué) = KITEMBU ABUKÉ = NGUNZU, KAIALA MARANGOMBE = (complicado, tem que assentar para filhos que vão mexer com folhas) = DANDA, VUNJI, TELEKOMPENSU GANGAMIN = KAFILEKONGO = MAUN =

KAMUKÉN = GANGATAMBESI = GANGAFUN = PAMBUNJILA NKOSI AGANJI, LUGANO, ZAZI ZUMBÁ, LEMBÁ ZAZI KAIANGU ASSENTAMENTO DE DANDA PODE VIR PELO 5 / 8 / 10 / 16 Objetos na quantidade do odu: BÚZIOS ABERTOS CONCHAS DE RIO MOEDAS AMARELAS IDÉS ABERTOS (amarelos, exceto se vier pelo 10 que serão de prata, alpaca ou inox) 1 de cada: 1 OTÁ oval ou alongado 1 IBASIN (correntinha ou palha da costa com coisas penduradas) PARA COLOCAR DO LADO DE FORA DO IGBA 1 PEIXE DE METAL 1 FAVA SUCUPIRA (ABEBÉ DA OXUM) 1 PEDAÇO DE CASCA DE TRAKAJÁ OU TARTARUGA FÊMEA 1 KÉSO e 1 OROLELÊ

(sempre abertos. O obi é sagrado, dá permissão e confirmação) Coloca num prato com um copo d'água, salpica N S L O por cima do prato. Despacha o umbigo na rua à direita de quem sai, ou no padê. Depois de jogar passa na água e coloca no assentamento. ENREDOS DE ZAZI ZAZI MOBONA (TIPO BARU) = PAMBUNJILA ZAZI KINAMBO = NKOSI KAMBARANGUANJE ARA = NGUNSU MASSANGANGA = KATENDE, HANGOL'O KATUBELANSI = KAVUNGU KARIOLÉ = TELEKOMPENSU, KATENDE, HANGOL'O ZAZI KIANGU = KAIANGU MONA KAIA = KAIALA ZAMBARÁ = ZUMBÁ LUANGO = LEMBÁ LUVANGO = LEMBÁ, MINA LUGANO, MINA AGANJI NJEREWÁ = VUNJI, DANDA MAKUDIANDEMBU = KITEMBU ZAZI MAKULE = KITEMBU ZAZI NGUELE = NKOSI, ZAZI (LEVA 2 OTÁS, COME COM ELE MESMO) Nkosi Ngó = qualidade de Nkosi complicada. Come com Katende Maun. Usa verde, o fio de contas azul deve ser fechado ou enfeitado com firma verde. Angola Bantu ASSUNTOS GERAIS - DICAS ngudia - comer - ajeun Bantu - no Rio de Janeiro. Não teve desembarque na Bahia. Foram os primeiros a chegar ao Brasil, em 1675. Todas as palavras africanas que influenciam a língua portuguêsa são bantu. DIKELENGO - garganta - origem da palavra KELÊ No sul da África quase tudo é Angola. Kimbundo mais 274 dialetos Os negros bantu sabiam cultivar, plantar. O PENSADOR - Símbolo de Angola. Na Europa Rodin copiou a idéia e ficou famoso. NSABAS ZAMBIRI = ervas sagradas = ewe orisa Sempre se forra a vasilha em que se oferece comida com folhas de mamona BRANCA, (mamona roxa serve para Exu), colônia, bananeira. Quando se oferece frutas para Exu deixa-se sempre os caroços. Para Orixá tira-se os caroços. Não se pode descascar o cará para Ogun com ferro nem aço. Só metal. Não se usa faca. Pode descascar com colher ou com uma moeda. CARÁ = karamunan Numa casa de Santo só existe um feito na casa: BARÁ - OXUMARÊ - OSSAIN - XANGÔ BARU - TEMPO - XANGÔ (Quando o filho faz 7 anos leva seu santo, e aí a casa pode ter outro filho feito daquele santo. Os que vêm de fora já feitos, tudo bem. O Bará só pode ter o da casa. Dos filhos coloca-se apenas o otá, e quando ele abrir a sua casa o zelador leva o otá e assenta o Bará.

A casca do igbin vai para Exu (okoto) Não pode ser segundo santo de ninguém: OYÁ ONIRA - OXUMARÊ - LOGUN - OBÁ - OGIYAN (é meji com OGUN ALAGBEDÉ). OLUFON pode, porque ele sempre age como segundo. O cará para Ogun - presente é colocado em pé, ligação aiye - orun. Deitado é para guerrear, demanda, etc. Livro bom sobre Bantu - Real Gabinete Português de Leitura - estante 22 prateleira S, volume 27 - José Redinha Dicionário de Angola Bantu - de um frei italiano nsabas zambiri O Tata Kisaba (ogã de folhas) é recolhido na esteira forrada com 16 qualidades de folha. A faca (pokó) das nsabas é recolhida junto, faz as mesmas obrigações, durante 21 dias. Tata pokó = axogun - deve receber curas nas mãos. KATTA = AXÉ KATENDE - OSONYIN Só homem pode colher as folhas. Cada folha é tirada de um

jeito. Folhas quentes demais têm que ser arrancadas. Há horários específicos para se colher as folhas. ex.: Pelegun - rajado = Logun, Orunmilá. verde : ao amanhecer é frio (Oxossi, Oxalá) às 12h é quente (Oya, Exu, Ogun) no fim da tarde para Egungun, sacudimentos, etc. O pelegun usado nas saídas de Iyawo, na mão do iyawo, deve ser colhido ao amanhecer. OGBÓ, MOBÓ, OBI, AKOKO, MULUNGU, LOKO = ao serem colhidas as folhas devem descansar ao pé da árvore antes de ir para a roça. Coloca-se num cesto, respinga-se água e cobre-se de branco. Deixa de um dia para o outro. 12h faz-se a ponte aiye x orun. É hora boa para rezar O akoko não deve ser colocado no bolso ou bolsa, porque não deve deixar esfarelar. Romã - folha de Oyá para decoração, não para banho. O cará para Ogun deve ser pouco assado, o interior deve ficar sempre semi-cru. Camarão seco com sal não serve para Oxalá e Iansã. (assar no forno sem sal, com a porta aberta. Para secar camarão - no forno, sem tempero, com a porta aberta. Há quem faça com louro. CEBOLA - REDONDA É FÊMEA E COMPRIDA É MACHO Ao fazer acarajé, parte-se uma cebola ao meio. A parte da raiz fica no Tempo e a de cima vai para a frigideira. Também dois pedacinhos pequeninos de carvão, ou pó de carvão, faz-se o mesmo. Bate-se o acarajé andando e sem falar. Para Xangô Airá tira-se todos os carocinhos do quiabo. Toda a comida de Xangô deve ser forrada com acaçá, mingau de farinha ou canjica.

Xangô Baru - leva farinha de mesa Xangô ligado a Oxalá - leva acaçá Não se deve dar rabada em amalá. Só para cortar feitiço. Comida de Xangô - quiabo com ponta para cima = livrar de pemba, etc. quiabo com ponta para baixo = agradecer Coco: sem pele = Oxalá, Kavungu, Kitembú (Tempo) com pele = Oxossi Bandeirinha de morim não se costura, se fura o pano com a varinha de mariwo. Para orixá não se dá nó. Ao fazer comida para Xangô ninguém em volta deve brincar, nem conversar fiado. O amalá verdadeiro deve ser servido no casco do ajapá. tat'etu - nosso + pai Kav'ungo = pai da Terra Forrar vasilhas para os orixás = mamona, colônia, bananeira (BANANA D'ÁGUA NÃO SERVE). Toda pessoa canhota não deve cortar para orixá. É excelente para cortar para Exu. Tem que identificar a positividade e positivar a m ão. (Yin - Yang) Ao abençoar alguém sempre coloca a mão direita, mesmo sendo canhoto. Acaçá e canjica servem de Exu a Oxalá. Para o milho cozinhar bem, colocar pedacinhos de mamão verde. Iyaba coloca a mão do lado esquerdo, aboró do lado direito Oxumarê: HANGOLÔ - (SAUDAÇÃO: HANGOLOMENHA = SENHOR SERPENTE DAS ÁGUAS) Não existe HANGORÔ porque R só se encontra com I, não com A, E, O, U) Os ovos nas comidas são sempre colocados de bico para cima. Existem 3 tipos de omolokun: Para KAIALA (Yemojá) - feijão inteiro, por cima um peixe cioba ou olho de cão. Para KAIANGU (Oyá) - Feijão inteiro, 9 ou 11 ovos em cima. Para DANDA (Oxum) - Feijão socado, 5 ovos em cima, ou 8, ou 16, dependendo do enredo. NGUDIA NKISI = AJEUN ORISA = COMIDAS DE SANTO NGUDIA PAMBUNJILA - EXU 1. NGUDIA PAMBUNJILA (pambu = andarilho; njila = dos caminhos) = EXU (para Exu de ZUMBA, KATENDE, KITENGO, ANGORÔ, KAVUNGO = Nanã, Ossain, Tempo, Oxumarê, Obaluaiê) - Santos de terra ligados a Oxalá - não levam dendê (orisa funfun) FARINHA DE MESA, AÇÚCAR, 7 PÊRAS CORTADAS EM CRUZ Forrar um alguidar com mamona, bananeira, colônia (sempre se forra o alguidar com folhas). Misturar a farinha com o açúcar e enfeitar com os pedaços das pêras. 2. NGUDIA PAMBUNJILA (para Exu de LEMBA e KAIALA (ou KAITUMBA) = Oxalá e Yemojá - Ori, povo das águas FARINHA DE MESA, AZEITE DOCE OU ÓLEO DE AMÊNDOAS, UVAS VERDES No alguidar forrado misturar a farinha com o azeite e cobrir com as uvas. 3. NGUDIA

PAMBUNJILA (para Exu de KAIANGO, ZAZE (menos LUANGO e LUVANGO), NKOSI, Xangô (menos Airá), Ogun e Oxossi, e Xapanã) e alguns KAVUNGO = Oyá, FARINHA DE MESA, DENDÊ, 7 MAÇÃS VERMELHAS CORTADAS EM ALAFIA

No alguidar forrado colocar a farinha misturada com o azeite e enfeitar com as maçãs. 4. NGUDIA PAMBUNJILA (para Exu de KAVUNGO) Doburu estourado normalmente, regado com dendê. 5. NGUDIA PAMBUNJILA (para acalmar qualquer Exu) CANJICA BEM COZIDA TEMPERADA COM DANDÁ RALADO E FRUTAS DOCES 6. NGUDIA PAMBUNJILA (para Exu Fêmea - em Angola - Mavambo, etc.) 7 FLORES DE CORES DIVERSAS Fazer um padê completo: farinha, azeite, mel, dendê, sal. Colocar as pétalas por cima. 7. NGUDIA PAMBUNJILA (Para todos os Exus de Angola, menos os ligados aos santos fun). 7 BOLAS DE ACAÇÁ, 7 BOLAS DE FUBÁ, 7 BOLAS DE ARROZ. TEMPERAR POR CIMA COM DENDÊ NGUDIA NKOSI (OGUN) 1. NGUDIA NKOSI NKOSI MAVAMBU = XOROKÊ (JÊJE) Um alguidar forrado com mamona (ewe lara). Colocar dentro farofa de dendê. Enfiar no centro um cará assado descascado, virado para cima, enfeitado com 7 fibras de mariwo. 2. NGUDIA NKOSI Forrar alguidar com mamona, encher de mingau duro de acaçá. Cortar um cará assado descascado em 7 fatias horizontais, enfiar as rodelas no acaçá. 3. NGUDIA NKOSI (OU MUKUMBE) Colocar de molho milho de galinha ou milho vermelho, de um dia para o outro. Escorrer bem. Em frigideira grande ferver dendê. Quando estiver bem quente fritar o miklho, cebola ralada, e camarão inteiro limpo (seco ou fresco) (sem cabeça, ferrão, etc.) 4. NGUDIA NKOSI Num alguidar forrado, encher com canjica branca bem cozida e colocar no centro um cará assado, descascado, enfeitado com fibra de mariwo. (7 - 14 - 21) serve para todas as qualidades de Ogun. 5. NGUDIA NKOSI Bolas de inhame chinês, recheadas de camarão frito e cebola ralada (do tamanho de bolas de ping-pong). Serve para servir em festa, para o orixá trazer no cesto e dar a todos.

6. NGUDIA NKOSI Cozinhar feijão cavalo só na água, não deixar desmanchar. Escorrer bem e fritar no dendê com cebola ralada e camarão. 7. NGUDIA NKOSI Um alguidar forrado, dentro mingau de acaçá duro. No centro um cará assado com casca. Enfeitar com 7 fibras de mariwo e em volta colocar doburu. NGUDIA NGUNSÚ - OXOSSI 1. NGUDIA NGUNSÚ Um alguidar forrado cheio de milho cozido, enfeitado com fatias ou pedacinhos de coco. 2. NGUDIA NGUNSÚ Um alguidar forrado, milho cozido e amendoim cozido. Só para pessoas antigas de santo (mais de 7 anos) porque o amendoim é quente. 3. NGUDIA NGUNSÚ Para INLE (Oxossi do branco). Alguidar forrado cheio de canjica cozida formando um montinho. Cobrir com milho verde ralado. (mais ou menos 6 espigas). Escorre como uma cobertura. 4. NGUDIA NGUNSÚ Alguidar forrado (pode ser com a palha do milho) cheio de mingau de acaçá duro. enfiar 6 espigas cruas descascadas em pé no acaçá. 5. NGUDIA NGUNSÚ Feijão fradinho cozido por 15min., sem desmanchar. Escorrer e fritar no dendê ou azeite doce (conforme o caso), com cebola ralada e camarão. 6. NGUDIA NGUNSÚ 1 alguidar forrado cheio de canjica, 2 cocos verdes. Tira-se a tampa dos cocos, e coloca-se um com a própria água e outro cheio de canjica. Junto uma quartinha com a água do outro coco. Acender 2 velas. _ Comida boa para amarrar o santo a você, para juntar o santo da pessoa.

NGUDIA KATENDE - OSSAIN 1. NGUDIA KATENDE Alguidar forrado, cheio de mingau de acaçá. Por cima bastante fumo de rolo picado (Rachando ao meio os pedaços de fumo, na

vertical, fica umas cobrinhas muito bonitas). 2. NGUDIA KATENDE Alguidar forrado, acaçá, e por cima 14 bolas de batata baroa cozida, amassada. (Pode enfeitar as bolas com pedacinhos de fumo) 3. NGUDIA KATENDE Alguidar forrado, acaçá, por cima 14 bolas de batata doce cozida amassada. (Pode enfeitar as bolas com pedacinhos de fumo) 4. NGUDIA KATENDE Um alguidar forrado, mingau de acaçá, 14 bolas de inhame chinês com um pedaço de fumo em cada uma. 5. NGUDIA KATENDE - BÁSICA Alguidar forrado. Dentro bastante batata doce cozida e amassada. Por cima doburu. 6. NGUDIA KATENDE Alguidar forrado, cheio de pipoca e fumo picado misturados. Esta comida e a próxima (6 e 7) são boas para deixar na entrada da mata quando for colher folhas. 7. NGUDIA KATENDE Tigela branca com mel, azeite doce, dendê, oti, fumo de rolo picado e moedas. NGUDIA KATENDE - Na mata Numa vasilha de louça colocar 14 dentes de alho inteiros, com casca, 14 moedas, mel, cachaça e fumo desfiado. Gritar: NSABAIÈ (UNSABAIE) = Ewe, asa!

NGUDIA ZAZI - XANGÔ 1. NGUDIA ZAZI 1 kg de quiabo cortado sem as cabeças e o rabinho, azeite doce e água. Levar ao fogo. Acrescentar cebola ralada, camarão limpo, gengibre ralado. Deixar cozinhar bem. Quando estiver bem cozido colocar dentro de gamela forrada com folha de mamona e uma camada de acaçá. 2. NGUDIA ZAZI 1 kg de quiabo cortado sem cabeça e sem rabinho. Dendê, um pouco de água, camarão limpo, cebola ralada, gengibre ralado. Cozinhar bem e colocar em gamela forrada e com mingau de farinha de mesa. 3. NGUDIA ZAZI Quiabos (24) cortados sem cabeça e sem rabo. 1 copo pequeno de água. 1 pouco de açúcar cristal ou mascavo. Bater com energia com a mão ou colher de pau, até formar uma papa uniforme (não vai ao fogo) Serve também para banho em filhos de Zazi doentes. 4. NGUDIA ZAZI KADRAKÁ - comida Jeje. 1 camada de mingau de farinha de mesa 1 camada de mingau de fubá 1 camada de mingau de acaçá 1 camada de arroz cozido 1 camada de canjica cozida 12 quiabos inteiros Numa gamela ou tigela arrumar com 6 quiabos de ponta para cima e 6 de ponta para baixo. 5. NGUDIA ZAZI 500 g de quiabo cortado, cebola, gengibre, dendê, noz moscada ralada. Fritar tudo e servir em gamela forrada com acaçá. NGUDIA KAVUNGU 1. NGUDIA KAVUNGU Para Obaluaiê branco, tipo Jagun

Alguidar forrado, dentro bastante canjica e doburu por cima. 2. NGUDIA KAVUNGU Alguidar forrado. No fundo milho de galinha cozido. Colocar por cima um refogado de azeite doce, cebola ralada, camarão e rodelas de inhame chinês coido. 3. NGUDIA KAVUNGU Para pedir paz e saúde Alguidar forrado, bastante purê de batata doce, colocar popr cima doburu, no centro uma bandeira branca de morim. 4. NGUDIA KAVUNGU Alguidar forrado, mingau de acaçá e doburu. Enfeitar com elos de coco sem pele. 5. NGUDIA KAVUNGU (serve para quase todas as qualidades de Kavungu) Refogar bastante chicória (3 maços), azeite doce, cebola ralada, camarões frescos limpos. Colocar canjica cozida em tigela ou alguidar forrado. Por cima colocar o refogado. 6. NGUDIA KAVUNGU Em alguidar forrado colocar amendoim torrado e moído misturado com milho de galinha torrado. Por cima encher de doburu. 7. NGUDIA KAVUNGU (Comida de maleme) Alguidar forrado, colocar doburu e em cima 7 bolas de inhame chinês. Em cada bola, uma bandeira de morim branco com fibra de mariwo. NGUDIA KITEMBÚ (OU KIDEMBÚ) 1. NGUDIA KITEMBÚ - comida básica, de emergência Um alguidar forrado, colocar mingau de acaçá, doburu por cima. 2. NGUDIA KITEMBÚ Alguidar forrado, mingau de acaçá com milho bem cozido por cima (colocar pedacinhos de mamão verde para o milho cozinhar bem).

3. NGUDIA KITEMBÚ Alguidar forrado, mingau de acaçá, cobrir com feijão fradinho cozido. 4. NGUDIA KITEMBÚ (só dura no máximo 2 dias) Alguidar forrado, canjica cozida misturada com doburu. 5. NGUDIA KITEMBÚ Alguidar forrado, colocar doburu enfeitado com fatias de coco sem casca. 6. NGUDIA KITEMBÚ - OFERENDA DE TEMPO Uma louça forrada (ou alguidar), 7 bolas de fubá, 7 bolas de tapioca (para cada pacote um copo de requeijão de água - não vai ao fogo), 7 bolas de arroz, Arrumar intercalado. Pode enfeitar com frutas doces. 7. NGUDIA KITEMBÚ - OFERENDA DE TEMPO 7 bolas de batata doce cozida, 7 bolas de inhame chinês, 7 bolas de acaçá, tudo arrumado intercalado. Pode enfeitar com frutas doces (sempre pode). NGUDIA HANGOLO - BESSÉM - OXUMARÉ (HANGOLO - HANGOLOMÉA) (SAUDAÇÃO: HANGOLOMENHA = SENHOR SERPENTE DAS ÁGUAS) 1. NGUDIA HANGOLO Num alguidar forrado colocar mingáu de acaçá e enfiar 14 ou 15 buchinhas. (As buchinhas de banho, pequenas, são o alimento preferido de Oxumarê. Encontra-se em muro de linha de trem). 2. NGUDIA HANGOLO Em alguidar forrado colocar milho de galinha bem cozido. Por cima coloacr 14 fatias de batata doce crua. 3. NGUDIA HANGOLO Em alguidar forrado colocar canjica bem cozida com 14 fatias de batata baroa cozida por cima. 4. NGUDIA HANGOLO

Num alguidar forrado colocar feijão preto cozido só na água (pouco cozido - 20 min.) misturado com milho de galinha cozido. 5. NGUDIA HANGOLO Num alguidar forrado colocar milho de galinha cozido temperado com refogado de cebola ralada, camarão e gengibre, feito no dendê. 6. NGUDIA HANGOLO Num alguidar forrado colocar 14 bolas de batata doce com 1(ou mais) doburu enfiado enfeitando. 7. NGUDIA HANGOLO Num alguidar forrado colocar canjica branca bem cozida enfeitada com 14 folhas de louro. NGUDIA DANDA (ou Dandalunda) (Danda = nome do orixá; Lunda = lugar de origem do culto) 1. NGUDIA DANDA Numa vasilha de louça forrada espalhar feijão fradinho cozido bem socado ou moído (fazer uma pasta), temperado com cebola e camarão. Colocar por cima 5 ovos em pé (de bico para cima). 2. NGUDIA DANDA Numa louça limpa forrada colocar pasta de feijão fradinho. Temperar com cebola ralada e camarão e colocar 8 ovos em pé. 3. NGUDIA DANDA Numa louça limpa e forrada colocar pasta de feijão fradinho temperado com cebola e camarão, 16 ovos cozidos em pé. Pode ser ovos de tartaruga. Serve para Iya Omin - grande enredo com Orunmilá. Só para zeladores de Oxum ligados a Orunmilá. 4. NGUDIA DANDA (para recolhimento de filhos, etc. - Pode dar também para Yemojá) Numa vasilha de louça forrada colocar canjica branca cozida, jogando por cima refogado de cebola e camarão no azeite doce. 5. NGUDIA DANDA

Numa tigela forrada colocar mingáu de acaçá. Por cima um refogado de azeite doce, cebola ralada e uma pitada de gengibre ralado e camarão. 6. NGUDIA DANDA - IPETÉ QUENTE Refogar no azeite de dendê quente cebola ralada, camarão, gengibre ralado, noz moscada. Juntar inhame chinês cozido e amassado. Baixar o fogo e ir mexendo e pingando dendê até formar um creme. Despejar numa vasilha forrada. 7. NGUDIA DANDA - IPETÉ DOCE OU IPETÉ FRIO Refogar camarão, cebola ralada e gengibre ralado em bastante azeite doce. Colocar inhame chinês cozido e amassado. Mexer até fazer um creme. Despejar na vasilha forrada. 8. NGUDIA DANDA - XIN XIN DE GALINHA Cozinhar uma galinha ou franga cortada em pedaços, gengibre e dendê. Oferecer em tigela de louça forrada. sem sal. Desfiá-la, acrescentar cebola, camarão, UTILIZAÇÃO DE KESSO / OROLELÊ (obi e orogbo) ZAZI - não Kesso KAVUNGU - não Kesso - Só existe um que pega - Não se deve dar. LEMBA - Kesso e Orolelê

Obaluaiê é santo terra, Obi é ligado a ar; Orogbo é ligado a terra. Tem gente que diz que obi é ligado à vida e orogbo é ligado à morte .x.x.x. KETU ANGOLA JEJE Esu Pambunjila Legba Ogun Nkosi Tobo Ososssi Ngunsu Otobi Sango Zazi Sobo Osonyin Katende Agué Obaluaiye Kavungu Ajunsun --Terekonpensu Ajaunsi --Kitembu (Tempo) ---Osun Danda Aziri Oya Kaiangu Vodunjó Yemoja Kaiala Aziri Tobossi Osumare Hangolo Bessén Hangoloméa Frekuén Dokuén Nanã Zumba --Orisanlá Lembaenganga Olissa Ogiyan Lemba Olissasy --Wungi --Yewa Aganji ou Minaganji Oba Minalugamo NGUDIA KAIANGU - OYÁ IJEXÁ Logun

1. NGUDIA KAIANGU Numa tigela forrada coloque feijão fradinho cozido inteiro. Por cima 9 ovos cozidos de ponta para cima. Tempere com refogado de cebola e camarão feito em azeite doce ou dendê. Pode colocar gengibre, louro, canela, dandá ralado. 2. NGUDIA KAIANGU Numa tigela forrada colocar feijão fradinho cozido, 11 ovos em pé de ponta para cima. Por cima coloque refogado de cebola e camarão. Em volta 11 folhas de louro. 3. NGUDIA KAIANGU Numa vasilha forrada coloque canjica cozida. Por cima uma espiga de milho crua, cortada em 9 gomos. 4. NGUDIA KAIANGU - ABARÁ Feijão fradinho cozido amassado, enrolado em folha de bananeira, amarrado com palha da costa ou fiapos da própria bananeira (imbira). Cozinhar no cuscuzeiro ou no vapor em panela com escorredor de macarrão em cima. Oferecer 9 ou 11 a Oyá. 5. NGUDIA KAIANGU - Para Onira Em vasilha forrada colocar feijão fradinho cozido, misturado com milho de galinha cozido. 6. NGUDIA KAIANGU Numa vasilha forrada coloque mingau de acaçá. Por cima feijão fradinho cozido inteiro. 7. NGUDIA KAIANGU - ACARAJÉ Deixar de molho uma boa quantidade de feijão fradinho cru. No dia seguinte descascá-lo. Socar no pilão ou moer em máquina. Ralar cebola e gengibre. Misturar tudo batendo bem com colher de pau, até formar bolhas, utilizando rezas próprias. Fritar em azeite de dendê bem quente, tendo dentro a metade de cima de uma cebola e um pequeno pedaço de carvão. Como Kaiangu é santo de tempo o acarajé deve ser batido ao tempo. Não leva água, só o líquido da própria cebola e do feijão. A metade de baixo da cebola é colocada numa tigela para Tempo. Com o dendê e o carvãozinho fazer um padê para Exu de Oyá. Geral: Comida de santo não leva sal. Faz-se a comida e quando é para oferecer para o povo, coloca-se sal. O verdadeiro azeite para o santo é o óleo de caroço de algodão. Como é difícil de encontrar coloca-se azeite doce. Toda a comida de santo pode levar tempero a gosto, de cordo com o sant: dandá ralado, noz moscada, louro, canela, gengibre, etc. Oxossi (Ngunsu) e Oyá (Kaiangu) aceitam espiga de milho. O abará (receita de Kaiangu) também serve para Obá e Xangô. Carvão é energia, ciclo vital, por isso se coloca no acarajé de Oyá. Comidas como Ipeté e Acarajé só se faz em dia de festa. No dia-a-dia existem diversas comidas, como as que apresentamos aqui. Ao fazer o acarajé para Kaiangu, fazer 7 acarajés pequenos para entregar aos pés do santo. 7 - caminho das 7 cidades, 7 eguns.

CHAKRAS Coronário Frontal Laríngeo Cardíaco Gástrico Esplênico(Umbilical) Genérico (Básico) BOTHÉS LOCAL UAKONGO/MUTUÉ Centro da cabeça DIBOMO Meio da testa entre os olhos DIKELENGU Garganta PUMBÚLU Meio do peito (coração) DIKUTU Estômago (Plexo solar) TUMBÚ Umbigo DIVUMU Baixo Ventre .x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x PREPARO DO PEIXE CIOBA: Numa frigideira colocar bastante azeite doce. Quando estiver bem quente APAGA O FOGO e passa o peixe dos dois lados. O peixe para santo é INTEIRO. Nada de mandar limpar, aparar as barbatanas, etc.

Em qualquer comida de Kaiala (Yemojá), o tempero: Pó de sândalo e pó de cravo da Índia (sem bolinha), mistura, põe na mão e sopra na comida. Cravo da Índia deve ser retirada a bolinha. Na casa de santo, dá pra Exu. Em casa, joga no lixo. Batata doce, inhame, etc. para santo: CozInha com casca, depois descasca. O milho que sobra do doburu deve ser guardado, pois serve para comida de Nanã (D'jacuba) Como cortar o repolho para as folhas ficarem em forma de concha? Cortar por trás, tirando o miolo. As folhas se soltam em concha sem estragar. Para recolher alguém que carrega Nanã, como fazer para não colocar o 13 no roncó? Faz a comida com os elementos normais, em numero de 13. No bori pega 1 elemento de todos os que levaram 13, e entrega a Tempo. Lá dentro ficam 12, e quebra a quizila. Canjica vermelha com leite de coco = comida de Obá. NGUDIA TELEKOMPENSU - LOGUNEDÉ 1. NGUDIA TELEKOMPENSU Em alguidar ou tigela forrada colocar feijão fradinho bem cozido junto com amendoim cozido. Temperar com azeite doce e cebola ralada. 2. NGUDIA TELEKOMPENSU Cozinhar junto canjica branca e canjica vermelha. Temperar com azeite doce. 3. NGUDIA TELEKOMPENSU Feijão fradinho bem cozido, socado. Formar 8 bolas e intercalar com 8 ovos cozidos. Temperar com azeite doce. 4. NGUDIA TELEKOMPENSU (predileta) Cozinhar fubá (mais ou menos duro - 1 copo de fubá, 2 copos de água), formar 8 bolas. Temperar com refogado de azeite doce, cebola e camarão. 5. NGUDIA TELEKOMPENSU 6 espigas de milho cruas, bem raladas (ralo novo ou de plástico, para não mudar a cor da papa), misturar a papa com canjica cozida. Temperar com açúcar mascavo ou açúcar cristal ou rapadura ralada. 6. NGUDIA TELEKOMPENSU (comida africana) 1 kg de inhame de bolinha (chinês) cozido. Descascar. Formar 8 bolas e enrolar na palha de milho. 7. NGUDIA TELEKOMPENSU 1 peito de frango cozido desfiado. Temperar com dendê, cebola ralada, camarão e gengibre ralado.

NGUDIA KAIALA - YEMOJÁ 1. NGUDIA KAIALA Numa tijela forrada colocar canjica cozida, temperada com azeite doce, camarão e cebola ralada. 2. NGUDIA KAIALA Arroz (agulhinha ou maranhão) branco bem cozido, temperado com azeite doce, cebola ralada e camarão. 3. NGUDIA KAIALA Arroz branco cozido, por cima 9 fatias de inhame cozido, descascado. 4. NGUDIA KAIALA Canjica bem cozida (escorrer e passar água para tirar a goma). Em cima 9 fatias de inhame cozido descascado. 5. NGUDIA KAIALA Canjica bem cozida, com 9 bolas de acaçá por cima. 6. NGUDIA KAIALA 9 bolas de arroz branco bem cozido, e 9 bolas de acaçá, intercaladas. 7. NGUDIA KAIALA (comida de roncó, ma também pode servir de presente em 2 de fevereiro, por exemplo). Uma travessa forrada com arroz cozido. Em volta flores brancas. No meio um peixe cioba. Temperar com azeite doce, cebola e camarão. (Ver como se prepara o peixe) NGUDIA ZUMBÁ - NANÃ 1. NGUDIA ZUMBÁ Alguidar forrado. colocar 13 bolas de batata doce cozida e descascada (1 kg). Enfeitar com doburu em volta das bolas. 2. NGUDIA ZUMBÁ Alguidar forrado. colocar 13 bolas de batata barôa cozida e descascada (1 kg). Enfeitar com doburu em volta das bolas. 3. NGUDIA ZUMBÁ 500g de farinha da acaçá. Cozinhar e fazer 13 bolas. Enfeitar com doburu. 4. NGUDIA ZUMBÁ Num alguidar grande colocar 13 folhas e repolho roxo cru, em forma e concha. Dentro de cada folha colocar um punhado de doburu. PREENcher o centro com doburu. 5. NGUDIA ZUMBÁ Um alguidar de doburu. em cima 13 rodelas de beterraba cru. 6. NGUDIA ZUMBÁ Um alguidar cheio de canjica bem cozida. Em cima enfiar em pé 13 rodelas de beterraba ou beringela. 7. NGUDIA ZUMBÁ - (D'JACUBA) Torrar amendoim, milho alho,

farinha de mesa, e moer. Colocar uma pitada de sal outra de açúcar. Misturar tudo e oferecer a Kaiala. NGUDIA WUNJI

1. NGUDIA WUNJI Numa tigela ou alguidar colocar arroz branco bem cozido, temperado com açúcar cristal, leite de coco e canela. 2. NGUDIA WUNJI Mingau de milho verde ralado, misturado com coco ralado, açúcar cristal e cravo sem cabeça. 3. NGUDIA WUNJI Banana prata caramelada. Faz a calda de açúcar (como calda de pudim) passa 7 bananas. 4. NGUDIA WUNJI Banana prata, uvas verdes, maçã, pêra, goiaba - cortadas, sem casca e sem semente. Servir em forma de salada de frutas, com açúcar cristal por cima. 5. NGUDIA WUNJI Numa vasilha forrada com folhas de maracujá (uma das folhas rituais de wunji), colocar canjica cozida temperada com mel. 6. NGUDIA WUNJI Numa vasilha forrada, colocar farinha de acaçá cozida com leite de coco e açúcar cristal, em forma de mingau. 7. NGUDIA WUNJI Numa vasilha forrada, colocar feijão fradinho bem cozido, temperado com azeite, cebola ralada e camarão fresco. Em volta enfeitar com folhas de louro. NGUDIA LEMBA - ORIŞA'NLÁ 1. NGUDIA LEMBA Em travessa, tigela, cabaça, etc. Colocar canjica bem cozida coberta com 10 folhas perfeitas de saião. 2. NGUDIA LEMBA Em travessa, tigela, cabaça, etc. Colocar canjica bem cozida com 10 bolas de arroz por cima. 3. NGUDIA LEMBA Em travessa, tigela, cabaça, etc. Colocar mingau de acaçá bem consistente (1 copo de água para 2 de farinha). Por cima colocar 10 bolas de inhame chinês. 4. NGUDIA LEMBA Em travessa, tigela, cabaça, etc. Colocar mingau de tapioca com coco ralado sem pele por cima. Pode colocar mel, açúcar, azeite doce, óleo de algodão ou óleo de palma. 5. NGUDIA LEMBA Em travessa, tigela, cabaça, etc. Colocar canjica bem cozida coberta com 10 bolas de sagu. 6. NGUDIA LEMBA (mungunzá) Colocar canjica branca de molho por 1 dia. Escorrer, acrescentar bastante leite de coco e açúcar e cozinhar bem (meis ou menos 2 horas). Quando começar a secar espalhar em travessa baixa, colocar cravo sem cabeça por cima e oferecer a Lemba. 7. NGUDIA LEMBA Em travessa, tigela, cabaça, etc. Colocar arroz branco bem cozido com leite de coco, açúcar e gengibre ralado. Para se recolher pessoas são necessários ebós propiciatórios.

Os ebós de 1 a 6 ou 7, são de preparação para recolher novatos. Entretanto Se há uma pessoa do santo que precisa abrir caminhos, etc. pode ser usado. E B Ó DE CAMINHO (PARA LIMPEZA E PREPARAÇÃO) Fazer em estrada. Se fizer no barracão tem que saber varrer. 1° CAMINHO DE EBÓ - PAMBUNJILA Material: 1m morim preto 1m morim vermelho 2m morim branco (1m para cobrir a pessoa) 1 alguidar grande, número 8 11 velas brancas 1 pemba branca 1 caxixi (ou maraca pequena) 1 padê pequeno de dendê 1 padê pequeno de oti 1 padê pequeno de mel (se for o caso) 1 padê pequeno de água 7 ovos de cor 1 copinho de feijão preto 1 copinho de feijão roxo 1 copinho de feijão fradinho 1 copinho de amendoim cru 1 copinho de milho de galinha 1 copinho de arroz branco 1 copinho de semente de girassol (as sementes são levemente torradas) Um pouco de sal grosso 1 casal de frangos brancos 1 faca virgem com cabo de madeira 1 doce escuro (bananada, mariola) 7 acarajés 7 acaçás brancos 7 acaçás amarelos (milho de canjica vermelho) Os dois enrolados em mamona roxa. Doburu de dendê Canjica branca cozida 7 buchas de pólvora com algodào, sal e açúcar. 7 gotas de azougue (mercúrio metálico) 1 vassourinha de piaçava (ou vassourinha de relógio amarrada) 7 folhas grandes de mamona roxa (+- 2 palmos) 7 fios compridos de palha da costa

Modo de Fazer: Quem ajuda a passar este ebó tem que estar amarrado). Forrar o chão com os morins preto, branco, vermelho, no sentido vertical ao cliente, da direita para a esquerda, colocando o alguidar nas ponta do morim branco. Colocar a pessoa de frente para o alguidar, com os pés no morim branco. Acender as 4 velas, em torno da pessoa, no sentido horário. 2 3 1 4 Colocar as 7 folhas de mamona roxa à frente dos morins, da direita para a esquerda do cliente. Cruzar com a pemba o rosto e braços de todos (pai de santo, etc.) para transfigurar as pessoas (ou coloca desodorante Barla) depois tira, para não ser reconhecido. Cobrir o ori da pessoa com morim. Passar os padês na ordem dada. Ir colocando no alguidar e um pouco em cada folha de mamona, fazendo tudo no sentido horário sempre. Passar os ovos no sentido horário, e quebrar dentro do alguidar, NO SENTIDO ANTI-HORÁRIO. Passar os ingredientes torrados e colocar dentro do alguidar. Passar todo o resto, exceto o caxixi e os frangos, e ir colocando dentro do alguidar. Reservar apenas as buchas de pólvora, a faca, a vassourinha e a palha da costa. Pegar o casal de frangos. Começar pelo sexo do primeiro santo da pessoa. Passar o bicho em todo o corpo, da cabeça aos pés. Cortar no alguidar, com a faquinha virgem. Cortar o pescoço, pingar ejé nas folhas. Esperar o bicho morrer no alto. Dividir nas 7 folhas do seguinte modo: 1ª cabeça 2ª coxa, contra-coxa, pé esquerdo 3ª asa esquerda inteira 4ª coxa, contra-coxa e pé direito 5ª asa direita inteira partir o frango ao meio, na horizontal. 6ª parte traseira do frango 7ª parte dianteira do frango Sacrifica-se o outro bicho, usando o mesmo processo, e coloca-se: 7ª cabeça 6ª coxa, contra-coxa, pé esquerdo 5ª asa esquerda inteira 4ª coxa, contra-coxa e pé direito 3ª asa direita inteira partir o frango ao meio, na horizontal. 2ª parte traseira do frango 1ª parte dianteira do frango Passar as gotas de azougue na pessoa, do pescoço para baixo. Pegar o caxixi (ou maraca) e bater do lado da pessoa, até bater 7 vezes no chão e jogar no alguidar, de cabo para cima. A vassoura também colocar no alguidar de cabo para cima. A roupa velha deverá ser virada do avesso e colocada no alguidar. Com a palha da costa amarrar cada folha, formando uma trouxinha. Embrulhar o alguidar com o morim que está no chão. Um ogã confirmado irá correr 7 encruzilhadas (de preferência de terra) deixando uma trouxinha e uma vela acesa em cada uma. (As encruzilhadas sempre para a direita). Na última deixar o restante do ebó. Enquanto o ebó estiver sendo entregue na rua, a pessoa que passou o ebó deverá tomar banho da cabeça aos pés com sabão da costa e com jawa = agbo, em seguida colocar roupas claras e descansar. 2° CAMINHO DE EBÓ - EBÓ DE MACAIA (MATA) (PODE SER DIRECIONADO PARA CAMINHO DE CABOCLO) Material: 1m de morim branco 4 velas brancas 1 padê pequeno de dendê 1 padê pequeno de mel (para filhos de Oxossi, açúcar, melado ou Karo) 1 padê pequeno de água

 1 padê pequeno de água de flor de laranja (pode ferver a flor, ou cidreira, ou capim limão, ou água de melissa) 7 ovos brancos 1 pedacinho de fumo de rolo desfiado doburu de dendê 7 acaçás amarelos (canjica vermelha - cozinha a canjica e mói) 7 acaçás brancos (na Bahia se faz acaçá com maizena) Enrolar os acaçás em folha nova de bananeira (queimar antes) milho de galinha cozido canjica cozida 1 pombo de cor clara 1 retrós vermelho 1 retrós branco 4 buchas de pólvora simples, sem açúcar nem sal. Modo de fazer: Ao chegar na entrada da mata, no lado esquerdo de quem entra, arriar os padês. Sobre os padês colocar 21 moedas correntes. Acender uma vela e oferecer aos guardiões da entrada da mata. Em seguida, ao pé de uma árvore frondosa, acender uma vela pequena. Colocar as moedas (2, 14 ou 15) e oferecer a Katende. Pode levar uma comida para Ossain. Escolher uma clareira dentro da mata,

acender 4 velas em cruz, cobrir a pessoa com morim branco (ou colocar uma folha de mamona branca na cabeça). Passa-se o ebó da cabeça aos pés na frente e nas costas. Por último passar o pombo. Pegar só pelos pé. Rezar (toda vez que falar "Tata" roda o pombo na cabeça). Pedir para a pessoa cuspir 3 vezes no bico do pombo. Soltar o pombo para o interior da mata. Dar uma volta com a linha desfiada, junta, ao redor da cintura (o chakra umbilical é que desembaraça tudo. Desenrolar as linhas na frente, aos pés da pessoa. Ir pedindo caminhos abertos, paz, progresso, etc. Em seguida queimar as 4 buchas em forma de cruz. A primeira na frente, e gira em sentido horário. Ao retornar todos passam por banhos de sabão da costa, jawa e água de canjica. (todos os que vão ajudar no ebó devem usar sempre contra-egun). Colocar roupas claras e descansar. Pokó ndemba = obé = navalha = ximan (Congo) É bom ralar efun e soprar por cima de todas as comidas de Lemba. macho = diahla fêmea = muhatu com folhas de maracujá (uma das folhas rituais de wunji) ALUÁ 1/2 KG DE CANJICA 5L DE ÁGUA 4 RAÍZES DE GENGIBRE RALADAS 2 RAPADURAS RALADAS (OU MELADO) Colocar a canjica de molho por 3 dias com o gengibre e a rapadura.(coberto), gerando uma semi-fermentação. Após 3 dias coar e beber. Se quiser pode colocar frutas. jawa = agbo Nos ebós, em vez de cobrir a pessoa com morim, pode-se usar mamona. Para pessoas da linhagem de Lemba, trocar tudo que levar dendê por azeite doce, nos ebós.

Ao passar ebó andar sempre em círculo, no sentido horário. Se voltar desanda o ebó. Banho fresco = amaci; agbo = banho já passado, desintegrado Omi = água = menha (Angola) = Maza (Congo) Ao assentar Kitembu assentar junto Katendê e Angorô. Tem que haver conexão com o chão. A forma da grelha não é importante. Orixá não gosta de sal, Exu gosta. Deve-se temperar sempre o padê com sal. Para rasgar pano em ebó deve ser usado o pokó para dar o primeiro talho, e as mãos para rasgar. Se no meio do ebó o santo virar, deixa-se, e continua o ebó. Só não pode ficar virado no caso de ebó com ponto de fogo e ebó iku. Para enrolar acaçá não se usa folha de banana figo. Couve é quizila de Ogun. Alface só se dá para Oyá e Egún Quem é feito deve evitar comer os axés (na feijoada, por exemplo.) 3° CAMINHO DE EBÓ - NGIJI (RIO) Serve para abrir caminhos de pessoa de Oxun, Logun, Oyá, Oxossi Material: □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ 1m morim branco 1 broa de milho (substituir por fruta pão) 6 acaçás brancos 6 acaçás amarelos (todos os acaçás enrolados em folha de bananeira) 6 ekuru 6 bolas de inhame cozido 6 bolas de farinha de mesa crua 6 ovos brancos 1 padê de dendê (todos os padês em pequena quantidade - 1 copinho) 1 padê de mel 1 padê de vinho branco (ou vinho de palma) 1 padê de água 6 palmas brancs 1 pouco de doburu em areia de rio canjica branca cozida 5 patinhos novos, claros 1 pombo pintado claro Modo de fazer: Colocar a pessoa de frente para a correnteza (zelador fica de costas). Cobrir a cabeça da pessoa com o morim (preferível folha de mamona). Passar os padês da cabeça aos pés na ordem dada. A seguir as bolas de farinha, depois os ovos, jogados por cima da pessoa. Passar os ekurus, as bolas de inhame, o doburu, os acaçás amarelos e brancos, a canjica, partir a broa em 6 pedaços passar e jogar nas águas. Pegar os patinhos pelos pés, com as asas livres, passar na aura da pessoa e soltar nas águas. Passar as palmas. Pegar o pano ou mamona que está na cabeça da pessoa e cortar em 5 tiras, soltando nas águas. Tirar a pessoa para a margem do rio, de costas para o rio. Passar o pombo no corpo, da cabeça aos pés. Se a pessoa estiver virada entregar o pombo na mão da divindade, que irá soltá-lo. Se não, a pessoa cospe no bico do pombo e ele será solto. 4° CAMINHO DE EBÓ - NBIGIJI (CACHOEIRA)

Material: 1 padê de mel (ou açúcar para filhos de Oxossi) 1 padê de vinho branco 1 padê de água 7 ovos brancos 7 bolas de farnha de mesa 7 bolas de arroz branco 7 bolas de miolo de pão 7 acarajés leves (feitos com azeite doce) 1/2 kg feijão fradinho cozido 7 acaçás amarelos 7 acaçás brancos (todos os acaçás enrolados em folha de bananeira) doburu feito no azeite doce canjica branca cozida 7 doces claros (suspiro, cocada, etc.) 1m morim branco 1 lençol branco 1 toalha de banho branca virgem 1 roupa branca limpa 4 velas brancas 7 palmas amarelas Modo de fazer: Colocar a pessoa de frente para a cachoeira se [possível sobre uma pedra. Acender em volta as 4 velas brancas, no sentido horário. Cobrir a pessoa com morim. A seguir passar os padês da cabeça aos pés, os ovos e o resto do ebó. Por último oferecer as flores às água, uma a uma, sempre pedindo coisas boas para a pessoa (cada flor um pedido). Limpar a pessoa com o morim e rasgá-lo ao meio, jogando-o às águas. Logo em seguida levar a pessoa para o banho de cachoeira, na queda d'água mesmo, onde serão louvadas as forças do santo da pessoa. Enrolar no lençol para trocar de roupa. Tem que haver critério. Se for mãe de santo passando ebó num homem, levar alguém para passar, e vice-versa. A roupa que passou pelo ebó será rasgada e jogada nas águas. Enxugar-se na toalha virgem e vestir roupas limpas. Ao retornar ao barracão passar por banhos de ọṣẹdudu e jawa (agbo). Santos das águas cachoeira - Osun rio revolto - Oyá, Obá rio calmo - Logun entroncamento de rio, lagos - Yemoja

Pororoca, pedras - Yewá. Doquem se alimenta no cajapriku Vela de cera pode ser usada em tudo, menos para Oxossi. Não tem nada a ver com egun. 1 vela chega para todos os orixás no quarto de santo. Não é preciso uma infinidade de velas. A faca virgem dos ebós quando é para iyawo - levar de volta, lavar e guardar para cortar para os exus da pessoa. Se não for iyawo lavar e dar para a pessoa guardar. Não se deve jogar fora para não inquizilar Ogum. Idés, moedas, búzios, obi, orogbo, de presentes não se despacham. Os búzios guardar para outros presentes, e vai energizando. Moedas servem de talismã. obi, orogbo, ralar e fazer pó. Sementes idem. Padê para filhos de Oxalá colocar azeite doce, óleo de palma, algodão ou amêndoa) Os legumes dos ebós devem levar um pouco de farinha ou fubá para tirar a resina, que é quizila do ebó. Abóbora é quizila de Kaiangu e couve é quizila de Ogun. Azougue em quantidade 5° CAMINHO DE EBÓ - KALUNGA - MAR (serve também para pessoa de Yemojá ou que tem enredo de Osá) Material: 1m morim branco 9 acaçás brancos 9 acaçás amarelos (todos os acaçás enrolados em folha de bananeira) 1 manjar com leite de coco e açúcar 9 bananas prata 9 pêras 9 maçãs verdes (ou outras frutas, menos jaca e carambola) 9 goiabas (branca ou rosa) 1 mamão pequeno 9 moedas correntes pipoca leve (sem dendê - com areia, pura ou azeite doce) 9 palmas brancas canjica branca cozida 1 faca virgem 9 velas brancas Modo de fazer: Colocar a pessoa de frente para o mar (mar calmo) bem próximo à água. Acender as 9 velas por trás da pessoa. Cobrir a cabeça da pessoa com morim ou mamona. Passar da cabeça aos pés os acaçás (passa, desenrola, despacha); o doburu; dividir o manjar em 9 e passar (sujando mesmo); passar as moedas 1 por 1 despachando e fazendo um pedido bom para a pessoa (9 pedidos ou 9 vezes um pedido); com a faca cortar as frutas em pedaços e passar na pessoa; a faca não se joga fora. É lavada de acordo com o caso (ver); passar a canjica; passar as 9 palmas e jogar no mar, oferecendo a Kaiala. Limpar a pessoa toda, por cima do ori opede coisas boas. Rasgar o morim (ou mamona) em 9 com o auxílio da faca. Jogar no mar, pedindo sempre.

Tirar a pessoa: 1 passo com o pé direito e girando 9 vezes no sentido horário. A pessoa que passou pelo ebó deve evitar ir ao mar por 9 meses. 6° CAMINHO DE EBÓ - KUEFÀ - IKU - MORTE Material: 1m morim preto 1m morim vermelho 2m morim branco 1 alguidar grande (10) 11 velas brancas 7 buchas de pólvora 7 bonequinhos de pano preto (identificar o sexo dos bonecos de acordo com o sexo da pessoa) 7 facas pequenas, com cabo de madeira, sem serra 7 amarradinhos de vassourinha (ou 7 piassavas) 1 pemba branca 1 padê de dendê (Lemba: azeite doce, óleo de algodão, palma ou amêndoas) 1 padê de cachaça 1 padê de vinho tinto ou rosé 1 padê de vinagre 1 padê de cebola (ralada) 1 padê de mel (Oxossi - melado de cana) 7 ovos brancos 7 efurás enrolados em mamona (bolas de feijão fradinho) 7 bolas de farinha com olhos de carvão 1 miolo de boi 1 língua de boi 1 rim de boi 1 bife de fígado de boi 1 pedaço de bofe de boi 1 coração de boi inteiro 1 costela de boi cortada em 7 sem separar os pedaços 7 sardinhas inteiras 7 qualidades de legumes picados com um pouco de fubá ou farinha (Kaiangu evitar abóbora) 7 qualidades de verduras (Ogun evitar couve) 7 qualidades de feijão cru (1 copinho) 1 copinho de sal grosso 1 copinho de arroz com casca 1 copinho de amendoim 1 copinho de girassol 1 copinho de alpiste 1 copinho de milho de galinha cozido pipoca de dendê (menos Lemba) 7 acaçás amarelos 7 acaçás brancos (todos enrolados em folha de mamona) 1 pouco de arroz branco cozido 50g canjica branca cozida 1 casal de frangos brancos 7 gotas de azougue roupa suada da pessoa

Modo de fazer: Arrumar os morins, preto, branco, vermelho. As pontas do branco por cima. Em volta acender 4 velas. Passar os padês na ordem; as bolas de farinha e feijão fradinho. Ir arrumando tudo no alguidar. Acender as 7 velas, passar na aura da pessoa, quebrar e colocar no alguidar. Passar os 7 ovos, quebrando no alguidar. Passar as sardinhas (pede para quebrar quizila, praga). Passar os legumes; as verduras; passar os miúdos na ordem; (quando a pessoa está passando por problemas de fofoca de linguarudos, chamar o ogã, e abrir a língua ao meio na vertical após passar na pessoa); Passar a costela - (7 caminhos de saúde (não pode partir) cabeça, braços, pernas, frente, costas) - passa em volta da cabeça, membros, corpo. Passa os feijões, o sal, o amendoim, o girassol, na ordem até o arroz cozido. Passar as vassourinhas como se estivesse limpando o corpo da pessoa, pedindo ao orixá da pessoa. Arrumar tudo no alguidar, os bruxinhos de pano; juntar as 7 faquinhas e rezar pedindo proteção em nome de Ogum, limpar os caminhos, etc. Colocar as faquinhas no alguidar de cabo para cima. Pegar a canjica, louvar Lemba e passar, (passando também no zelador); ralar bem a pemba e soprar na pessoa. Enredo de entrega: Abrir os azougues, passar cabeça da pessoa com o vidro, despejar no alguidar. s outros deixa correr no corpo da pessoa. Preparar os frangos: Começa com o do mesmo sexo da pessoa. Faz a reza de axé dos bichos. Passa na cabeça, lados, bate de leve no chão, frente, costas (bate de leve - não é para matar o bicho) Copar - a menga cai no alguidar. Fazer o ebó na rua (estrada de terra é melhor, chão de barro, caminho de cachoeira, etc.) Ao terminar de preparar a pessoa, toma banho. Não podendo cercar com um lençol, virar todos de costas, soltar a pólvora e ir embora. No barracão deixar preparado um banho para todos: folhas de algodão, betis cheiroso, boldo, elevante. Serve aroeira, S. Gonçalinho, pelegun, mariwo (arruda, guiné mangueira, umbaúba) A pessoa deve usar umbigueira e preceito por 3 dias.

ANGOLA LOCAIS SAGRADOS NOMES DOS SANTOS ENCANTAMENTOS CRONOLOGIA CENTROS MAGNÉTICOS CURAS NSABAS CÂNTICOS DE RODA CÂNTICOS DE SACRIFÍCIO CÂNTICOS DE LOUVAÇÃO LEVANTAMENTO DE KOTA (EKEDJI) E KAMBONDO (OGÃ) OBRIGAÇÃO DE 7 ANOS NGOROSI MASSANGUÁ AMENGUÈ (RITUAL DE DAR OBI À CABEÇA) RITUAL DE FEITURA EBÓS UAFU ZÁ-KUIZA RITUAL DE 14 ANOS PRESENTE DE OBARÁ Filhos de Oya   MELÃO PÊSSEGO EM CALDA DOCES CLAROS BÚZIOS IDÉS CANJICA OBI

 OROGBO MOEDAS CLARAS Cortar o melão em 6, arrumar sobre a canjica. No centro os doces. As metades de pêssego entre as fatias de melão. Os búzios sobre o pêssego e os idés e moedas sobre o melão. O obi e orogbo (Descascado) - partir em 2 e jogar. Deixar num lugar alto por 6 dias Depois o obi e orogbo deixa secar e vira pó As sementes pode colocar num saquinho atrás da porta, ou pode fazer pó. As frutas e o resto - numa planta Quem mora em casa deixa secar tudo e faz um pó. Outro presente geral: abóbora acaçás canjica areia idés búzios doces 7° CAMINHO DE EBÓ - BRANCO (Para Iyawo - pode também usar para Lemba) Tudo é sacramentado com iyęfun Ralar primeiramente ou mais pedras de iyęfun. 1 padê de açúcar (farinha e açúcar) colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa 1 padê de iyęfun colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa 7 legumes brancos cortados colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa 7 bolas de acaçá branco colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa 7 bolas de arroz colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa doburu colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa canjica branca cozida colocar iyęfun na mão direita e soprar na pessoa SACRAMENTOS DO CULTO ANGOLA No Culto Angola os sacramentos são sete: MASSANGUÀ - Ritual de batismo de água doce (menha) na cabeça (mutuè) do iniciado (ndumbi), usando-se ainda o kesso (obi). 2. NGUDIÀ MUTUÈ - (Bori) - ritual de colocação de forças (kalla (Angola) = aşę = muki (Congo)), através do sangue (menga) de pequenos animais.

 3. NGUECÈ BENGUÈ KAMUTUÈ - ritual de raspagem, vulgarmente chamado de feitura de santo. 4. NGUECÈ KAMOXI MUVU - ritual de obrigação de 1 ano (kamoxi - dofono - 1); (muvu = ano). 5. NGUECÈ KATÀTU MUVU - ritual de obrigação de 3 anos (nguecè = obrigação); (katàtu = 3). Nessa ocasião faz-se o ritual de mudança de grau do santo. 6. NGUECÈ KATUNU MUVU - ritual de obrigação de 5 anos - preparação idêntica a 1 ano. 7. NGUECÈ KASSAMBÀ MUVU - ritual de obrigação de 7 anos - quando o iniciado receberá o cargo , passado na vista do público, sendo elevado ao grau de Tata Nkisi (zelador) ou Mametu Nkisi (zeladora). Obrigação só para rodantes, porque kota (ekedi) e kambondo (ogã) já estão prontos na feitura. Em Angola quem passa cargo são os enredos de Oxum. Isto é, não é preciso ser filho de Oxum, mas é Oxum quem autoriza aquela pessoa a receber o cargo. Após 7 anos as obrigações se renovarão a cada ano, com rito de obi ou bori, conforme o caso, repetindo-se as obrigações maiores de 7 em 7 anos para renovar, e conservar o indivíduo forte, transformando-o em KUKALA NI NGUZU - um ser forte. KUENHA KELÈ - sacramento realizado 3 meses e 21 dias após a feitura (tirada de kele), quando o santo soltará a KUZUELA = ilà. ORDEM DE BARCO DO CULTO ANGOLA 1° - KAMOXI 2° - KAIARI 3° - KATATU 4° - KAKUANAM 5° - KAKATUNO 6° - KASSAGULU 7° - KASSAMBÀ TÍTULOS HIERÁRQUICOS 1.TATA NKISI - zelador 2. MAMETU NKISI - zeladora 3. TATA

NDENGE - pai pequeno 4. MAMETU NDENGE - mãe pequena (há quem chame de Kota Tororò, mas não há nenhuma comprovação em dicionário, origem desconhecida) 5. TATA NGANGA LUMBIDO - Ogã guardião das chaves da casa 6. KAMBONDOS - ogãs 7. KAMBONDO KISABA - ou TATA KISABA - ogã responsável pelas folhas

 8. TATA KIVANDA - (aşogun) - sacrificador dos animais 9. TATA MULOJI - ogã preparador dos encantamentos com as folhas e cabaças 10. TATA MAVAMBU - ogã ou filho de santo que cuida da casa de Exu (homem. Zeladora deve ter um, porque mulher não pode cuidar. Mulher só mexe depois que não menstrua mais). 11. MAMETU MUKAMBA - cozinheira da casa 12. MAMETU NDEMBURO - mãe criadeira da casa (ndemburo = runko) 13. KOTA - em outras nações ekeji Todos os mais velhos, que já passaram de 7 anos mesmo sem dar obrigação, ou que ficaram na casa são também chamados de Kota. 14. TATA NGANGA MUZAMBÙ - babalawo - pessoa preparada para jogar búzios 15. KUTALA - herdeiro da casa 16. MONA NKISI - filho de santo MONA MUHATU WÀ NKISI - filha de santo (mulher) MONA DIALA WÀ NKISI - filho de santo (homem) 17. TATA NUMBI - não rodante que trata de Baba Egun - OJE. Geral: Muzenza - dança do iniciado Uma das modificações quando o santo muda de grau é a posição das mãos. Quando é novo coloca as mãos do lado direito (santo homem) ou do lado esquerdo (santa mulher). Com 3 anos coloca as mãos para trás abaixo da cintura, e depois coloac as mãos para trás acima da cintura. MONA MUKI AMASE - (dijina) Mona = filho; muki = força; amase = águas Pedir o nome do orixá: ORIŞA ORUKǪ = NZAMBI APONGO MARAE KATU MANDARA DEKÁ - RITUAL SÓ PARA O HERDEIRO DO TERREIRO POR OCASIÃO DE FALECIMENTO DO DONO DA CASA. CUIA = KIJINGÙ = ǪDUN EJE ORIGEM DO CULTO CULTO BANTU Os negros Bantú no Brasil - foram trazidos em grande número para o Rio de Janeiro, e em menor número para Recife, Espírito Santo e São Paulo. Ao contrário do que muitos pensam, os negros Bantú não desembarcaram na Bahia. Os negros que vieram da África para a Bahia eram de origem nigeriana. Na época da escravidão muitos negros, de diversas nações, fugiam e se juntavam em quilombos e senzalas, na Bahia. Por esse motivo deu-se a mistura de costumes e dialetos de diversas culturas africanas.

Os navios Boa Viagem, Arsênia e muitos outros, vindos de Angola (Ngola) e Moçambique, traziam escravos Bantu dos portos de Molembo e Cambinda diretamente para o Rio de Janeiro, que era na época o maior porto do mundo em escambo (captura e venda de escravos). De meados de 1680 a 1830, entraram no porto do Rio de Janeiro 1576 navios negreiros. Pelas últimas pesquisas antropológicas concluiu-se que durante esse período vieram para o Rio de Janeiro aproximadamente 700.000 escravos Bantú. O negro escravizado, sofrido, não tinha como cultuar suas tradições, nem livros para perpetuar seus mistérios e filosofia, que aos poucos foram se perdendo. Tudo era passado de boca para ouvido, de pai para filho, e perdeu-se muita coisa. Toda essa dificuldade que o negro Bantú - como nenhum outro - passou, permitiu que muitas raízes fossem destruídas e ocasionou interpretações tortuosas do culto. E para dificultar mais ainda, os senhores de escravos forçavam a conversão ao catolicismo, sincretizando e deturpando grande parte da tradição. NOÇÕES DA CULTURA BANTÚ Formavam tribos distintas na cultura Bantú: Congo, Angola, Zâmbia, Zimbabwe, etc., que estiveram durante muito tempo sob o domínio de povos da Europa. Essas tribos, de diversas regiões diferentes, têm como exemplo as tribos de Angola, Angolão, Angola Paketá, Angola Moketão, Congo

Angola, Congo, Muxicongo, Benguela, Cambinda, Aruanda, Luanda, Makúa, Kassange, Eassange, Munjolo, Rebolo, Anjico, e povos menores de diversas tribos da contra-costa, formando assim cultos diferentes que permitem uma prática variada e diversificada entre as nações Bantú. Além disso não podemos esquecer que além da língua mãe, que é o KIMBUNDU, existem ainda cerca de 274 dialetos diferentes. Os negros Bantú eram os preferidos entre os de todas as nações, por serem excelentes agricultores, já cultivando na África o café e a cana de açúcar. Por isso foram trazidos em maior número para o Brasil. Apesar disso os negros Bantú tiveram que ser distribuídos por fazendas de vários estados, pois estes negros estando em grupo eram muito difíceis de escravizar, pois eram muito arredios. Essa divisão por diversas regiões dificultou a unidade de seu ritual, que acabou se misturando, tornando sua doutrina mais difícil de ser agrupada e estudada. O mesmo não aconteceu com os negros Ketú, que tiveram seu axé reunido no estado da Bahia, podendo ter maior acesso e assimilação do seu culto e divulgação de suas tradições. Mesmo com todas essas dificuldades o negro Bantú influenciou a cultura brasileira, deixando herança na mitologia, religião, culinária, música e dança. Colaboraram em grande parte com o ritual folclórico brasileiro, como o congo de ouro, a congada (que lembra a rainha Ginga de Angola), o maculelê, a capoeira, o maracatu, o samba, e ainda artes manuais dos hábeis Bantús. Grande parte da cultura Bantú e seu acervo foi destruída quando o ministro Rui Barbosa queimou s obras dos arquivos que falavam dos Bantú, obras escritas pelos Apelegís (sacerdotes) da cultura Bantú, discriminando a raça, que ainda nos dias atuais é criticada pelos herdeiros de outras nações de candomblé, esquecendo-se que a cultura Bantú é a portadora dos grandes segredos da força da natureza: é a cultura Bantú a dona dos segredos das KISABA ZAMBIRI (Folhas sagradas). NOÇÕES DE ANGOLA CÉU E TERRA PARA O ANGOLA O culto Ngola estuda o mundo dividido em duas partes distintas: DUÏLO (céu - infinito - orun iorubá), mundo imaterial onde habitam os Jinkisi (plural de Nkisi). IXI ou OXI (Terra - aiye iorubá), mundo físico, habitação dos seres humanos, dos animais, vegetais e minerais. Ao redor do IXI existem nove centros universais paralelos, divididos em três camadas: quatro centros superiores onde habitam os ancestrais e os destinos; quatro centros inferiores onde habitam as forças elementares que se comunicam com os seres - forças essas chamadas no culto Ngola de NKISI; e uma camada intermediária responsável pela união das outras duas, ligada à encarnação do ser humano na Terra e seu carma a ser cumprido. ancestrais e destino encarnação e carma Nkisi - (orixás) - mais acessíveis

(((((((((Em razão dos nove centros universais paralelos que se situam ao redor do globo terrestre, chamados de ANGOMI DUÍLO, o número 9 passa a ter uma importância fundamental para o culto Ngola, haja vista que todo culto africano é altamente cabalístico (sem estudo acadêmico), baseando-se de certa maneira na numerologia representando os fenômenos divinos. Podemos citar que o próprio período de gestação sofre influência direta do ANGOMI DUÍLO (centros universais paralelos) , pois esse período obedece normalmente a 9 fases lunares iguais, ou seja 9 meses, e justamente no 45º dia de gestação ocorre a implantação do ser espiritual ao feto e à mãe, ocasião em que o PAMBUNJILA (exu ancestral - Yombe = Yangi = 1º Exu) será também acoplado ao novo ser, trazendo para ele um direcionamento na face da Terra (IXI), desde o seu surgimento até sua morte física, fazendo cumprir seu destino. No momento do 45º dia de gestação processa-se no novo ser o que o angolano chama de IADALIN - essência vital (kundalini), que vai ser completada com o sopro vital divino - OFU, no momento do

nascimento, o choro da vida. Podemos observar ainda que a soma dos valores absolutos de 45 é 9, associando mais uma vez aos 9 centros universais paralelos de força magnética ao redor do Globo Terrestre. O IADALIN é representado pelo eixo da coluna vertebral que vai da cabeça ao cóccix - perto do ânus. Ao redor da coluna vertebral existem correntes magnéticas que se movimentam em direções opostas, de cima para baixo e de baixo para cima, chamadas de Ida e Pingala, que movimentam os centros magnéticos que se acham localizados no MUKÚTU-TOBO - perispírito, o duplo etérico. Esses centros magnéticos são chamados esotericamente de chakras e pelos africanos do povo de Ngola de BOTHÉ (plural kibothé). É por eles que é introjetado no ser humano o KALLA (MUKI - ase iorubá), a força magnética invisível portadora de energias vitais. Os bothés estão localizados, como vimos, no perispírito e são representados materialmente pelos plexos do corpo humano, centro da cabeça, centro da testa entre os olhos, pescoço abaixo da epiglote, região pré-cordiana (próximo ao coração), estômago, região umbilical e região genital. O corpo físico para o angolano é chamado de MUKÚTU-MOKÚN, e é onde se concentra todo um conjunto de energias universais. Ú O ser humano representa o centro do universo. Nele habitam todas as formas de energia existentes, e partindo desse princípio o ser humano possui em sua essência a energia de todos os JINKISI, predominando na cabeça o Nkisi principal, o condutor de sua vida terrena, seu Nkisi particular, responsável por suas características de temperamento, caráter e muitas vezes até por seu tipo biofísico. GERAL O QUE OCORRE COM: 1. GESTANTE QUE FAZ ABORTO IYA SANSARA - Guardião dos céus. O bebê está determinado no Duílo. Fica um dublê lá em cima, e tudo que afeta o de baixo afeta o de cima. No aborto, como houve interrupção, ele vai ser mandado de novo, vai retornar. Com o bebê não há nenhum problema. Foi criado sim um enredo para aquela barriga. Tornou-se uma barriga IKU, que traz os enredos da morte. O próximo filho não deve nunca ser raspado. A mulher deve usar um tratamento na próxima gravidez. Na Angola usa-se uma cabacinha com pós pendurada na cintura. 2. PESSOA DE SANTO QUE MORRE E É ENTERRADA COM TUDO O OXU é como uma rolha ritual. Ao morrer abre-se tudo, oxu e curas. Se não a energia não se liberta, fica presa, e fica ruim. As almas começam a voltar como outras coisas. KISABA ZAMBIRI (Kisaba zambiri - folhas sagradas)

KATENDE (correspondente iorubá Ossain, Osonyin) é o NKISI responsável pela mata. O recolhimento das nsabas (kisaba = folhas) é tarefa particular de um Tata Kisaba (ogã), pessoa que é devidamente preparada para esta função, com obrigações e ensinamentos. Somente as ervas das matas têm poder ritualístico, pois quem dá força (kalla) às folhas é Katende, e ele mora no interior das matas. Não têm valor as folhas colhidas em quintais ou locais urbanizados. Na entrada da mata deve-se oferecer comidas, moedas, fumo de rolo e bebidas próprias, ao Nkisi das matas, para que ele fique satisfeito e não pregue peças ao Tata Kisaba, não escondendo as nsabas nem fazendo o grupo se perder. As nsabas vão sendo colhidas, e durante a colheita não pode haver conversas entre os participantes. Só homens podem participar. Durante todo o tempo devem ser entoadas cantigas em louvor de Katende. O Tata Kisaba levará nas mãos um POKÓ (facão) utilizado somente para essa finalidade. Umas nsabas são cortadas, outras devem ter os galhos quebrados, outras ainda são arrancadas. No dia anterior à entrada na mata deve ser obedecido um preceito. Os participantes devem evitar bebidas alcoólicas, sexo e carne vermelha. Algumas nsabas são colhidas na madrugada ao raiar do dia, outras ao nascer do

sol, e outras ainda ao por do sol ou mesmo à noite, de acordo com o ritual e o Nkisi a que se destina. Determinadas kisaba como as folhas do OGBÓ, do MOBÓ, do OBI, do AKOKO, do MULUNGU e do LOKO (Gameleira) não podem ser retiradas e imediatamente levadas para a casa de candomblé, devendo ficar algumas horas aos pés da árvore de que foram retiradas. Respinga-se água em cima, cobre-se com pano branco. Esse ato chama-se ELUÁ DINSABA - deixar a folha adormecer. As kisaba de Nkisi são divididas em três grupos: 1. As ritualísticas - são as que se destinam aos enfeites rituais 2. As litúrgicas - são utilizadas na preparação dos banhos e nas preparações rituais 3. As terapêuticas - são as que servem para fazer remédios para curas físicas. ASSUNTOS GERAIS - DICAS • • ngudia - comer - ajeun Bantu - no Rio de Janeiro. Não teve desembarque na Bahia. Foram os primeiros a chegar ao Brasil, em 1675. Todas as palavras africanas que influenciam a língua portuguêsa são bantu. DIKELENGO - garganta - origem da palavra KELÊ No sul da África quase tudo é Angola. Kimbundo mais 274 dialetos Os negros bantu sabiam cultivar, plantar. NSABAS ZAMBIRI = ervas sagradas = ewe orisa Sempre se forra a vasilha em que se oferece comida com folhas de mamona BRANCA, (mamona roxa serve para Exu), colônia, bananeira. Quando se oferece frutas para Exu deixa-se sempre os caroços. Para Orixá tira-se os caroços. • • • • • • •

• Não se pode descascar o cará para Ogun com ferro nem aço. Só metal. Não se usa faca. Pode descascar com colher ou com uma moeda. (Quando o filho faz 7 anos leva seu santo, e aí a casa pode ter outro filho feito daquele santo. Os que vêm de fora já feitos, tudo bem. O Bará só pode ter o da casa. Dos filhos coloca-se apenas o otá, e quando ele abrir a sua casa o zelador leva o otá e assenta o Bará. Tata Kisaba (ogã de folhas) é recolhido na esteira forrada com 16 qualidades de folha. A faca (pokó) das nsabas é recolhida junto, faz as mesmas obrigações, durante 21 dias. Tata pokó = axogun - deve receber curas nas mãos. KATTA = AXÉ KATENDE - OSONYIN Só homem pode colher as folhas. Cada folha é tirada de um jeito. Folhas quentes demais têm que ser arrancadas. Há horários específicos para se colher as folhas. ex.: Pelegun - rajado = Logun, Orunmilá. verde : ao amanhecer é frio (Oxossi, Oxalá) às 12h é quente (Oya, Exu, Ogun) no fim da tarde para Egungun, sacudimentos, etc. pelegun usado nas saídas de Iyawo, na mão do iyawo, deve ser colhido ao amanhecer. OGBÓ, MOBÓ, OBI, AKOKO, MULUNGU, LOKO = ao serem colhidas as folhas devem descansar ao pé da árvore antes de ir para a roça. Coloca-se num cesto, respinga-se água e cobre-se de branco. Deixa de um dia para o outro. akoko não deve ser colocado no bolso ou bolsa, porque não deve deixar esfarelar. Romã - folha de Oyá para decoração, não para banho. Para Xangô Airá tira-se todos os carocinhos do quiabo. Toda a comida de Xangô deve ser forrada com acaçá, mingau de farinha ou canjica. Xangô Baru - leva farinha de mesa Xangô ligado a Oxalá - leva acaçá tat'etu - nosso + pai Kav'ungo = pai da Terra Forrar vasilhas para os orixás = mamona, colônia, bananeira (BANANA D'ÁGUA NÃO SERVE). Toda pessoa canhota não deve cortar para orixá. É excelente para cortar para Exu. Tem que identificar a positividade e positivar a mão. (Yin - Yang) Ao abençoar alguém sempre coloca a mão direita, mesmo sendo canhoto. Acaçá e canjica servem de Exu a Oxalá. Para o milho cozinhar bem, colocar pedacinhos de mamão verde. Iyaba coloca a mão do lado esquerdo, aboró do lado direito Oxumarê: HANGOLÔ - (SAUDAÇÃO: HANGOLOMENHA = SENHOR SERPENTE DAS ÁGUAS) Não existe HANGORÔ porque R só se encontra com I, não com A, E, O, U) Os ovos nas comidas são sempre colocados de bico para cima. Existem 3

tipos de omolokun: Para KAIALA (Yemojá) - feijão inteiro, por cima um peixe cioba ou olho de cão. Para KAIANGU (Oyá) - Feijão inteiro, 9 ou 11 ovos em cima. Para DANDA (Oxum) - Feijão socado, 5 ovos em cima, ou 8, ou 16, dependendo do enredo. Geral: • Comida de santo não leva sal. Faz-se a comida e quando é para oferecer para o povo, colocase sal. • verdadeiro azeite para o santo é o óleo de caroço de algodão. Como é difícil de encontrar coloca-se azeite doce.

• • • • • • Toda a comida de santo pode levar tempero a gosto, de cordo com o santo: dandá ralado, noz moscada, louro, canela, gengibre, etc. Oxossi (Ngunsu) e Oyá (Kaiangu) aceitam espiga de milho. abará (receita de Kaiangu) também serve para Obá e Xangô. Comidas como Ipeté e Acarajé só se faz em dia de festa. No dia-a-dia existem diversas comidas, como as que apresentamos aqui. Ao fazer o acarajé para Kaiangu, fazer 7 acarajés pequenos para entregar aos pés do santo. PREPARO DO PEIXE CIOBA: Numa frigideira colocar bastante azeite doce. Quando estiver bem quente APAGA O FOGO e passa o peixe dos dois lados. • peixe para santo é INTEIRO. Nada de mandar limpar, aparar as barbatanas, etc. • Em qualquer comida de Kaiala (Yemojá), o tempero: Pó de sândalo e pó de cravo da Índia (sem bolinha), mistura, põe na mão e sopra na comida. • Cravo da Índia deve ser retirada a bolinha. Na casa de santo, dá pra Exu. Em casa, joga no lixo. • Batata doce, inhame, etc. para santo: CozInha com casca, depois descasca. • milho que sobra do doburu deve ser guardado, pois serve para comida de Nanã (D'jacuba) • Como cortar o repolho para as folhas ficarem em forma de concha? Cortar por trás, tirando o miolo. As folhas se soltam em concha sem estragar. • Para recolher alguém que carrega Nanã, como fazer para não colocar o 13 no roncó? Faz a comida com os elementos normais, em numero de 13. No bori pega 1 elemento de todos os que levaram 13, e entrega a Tempo. Lá dentro ficam 12, e quebra a quizila. • Canjica vermelha com leite de coco = comida de Obá. • Pokó ndemba = obé = navalha = ximan (Congo) • É bom ralar efun e soprar por cima de todas as comidas de Lemba. • com folhas de maracujá (uma das folhas rituais de wunji) • Nos ebós, em vez de cobrir a pessoa com morim, pode-se usar mamona. • Para pessoas da linhagem de Lemba, trocar tudo que levar dendê por azeite doce, nos ebós. • Ao passar ebó andar sempre em círculo, no sentido horário. Se voltar desanda o ebó. • Ao assentar Kitembu assentar junto Katendê e Angorô. Tem que haver conexão com o chão. A forma da grelha não é importante. • Para rasgar pano em ebó deve ser usado o pokó para dar o primeiro talho, e as mãos para rasgar. • Se no meio do ebó o santo virar, deixa-se, e continua o ebó. Só não pode ficar virado no caso de ebó com ponto de fogo e ebó iku. • Para enrolar acaçá não se usa folha de banana figo. • Couve é quizila de Ogun. • Alface só se dá para Oyá e Egún • A faca virgem dos ebós quando é para iyawo - levar de volta, lavar e guardar para cortar para os exus da pessoa. Se não for iyawo lavar e dar para a pessoa guardar. Não se deve jogar fora para não inquizilar Ogum. • Idés, moedas, búzios, obi, orogbo, de presentes não se despacham. Os búzios guardar para outros presentes, e vai energizando. Moedas servem de talismã. obi, orogbo, ralar e fazer pó. Sementes idem. • Padê para filhos de Oxalá colocar azeite doce, óleo de palma, algodão ou amêndoa) • Os legumes dos ebós devem levar um pouco de farinha ou fubá para tirar a resina, que é quizila do ebó. • Abóbora é quizila de Kaiangu e couve é quizila de Ogun. • Azougue em quantidade vende na B. Herzog - R. Miguel Couto. • Muzenza - dança do iniciado

• • • Uma das modificações quando o santo muda de grau é a posição das mãos. Quando é novo coloca as mãos do lado direito (santo homem) ou do lado esquerdo (santa mulher). Com 3 anos

coloca as mãos para trás abaixo da cintura, e depois coloca as mãos para trás acima da cintura. MONA MUKI AMASE - (dijina) Mona = filho; muki = força; amase = águas Pedir o nome do orixá: a - e - i - o - u não se encontra com consoantes no início de palavras. apenas se coloca para representar o som. Não se despacha Xangô nem Oxalá de filhos mortos. Coloca-se na casa apropriada junto aos santos dos zeladores já falecidos (igba vira igbó) Quem bola deve ser deitado de bruços com a mão esquerda na terra para absorver energia e a mão direita para cima. IFURU ou OXOFURU - Qualidade de oxalá que pega outras cores, não se raspa, se cultua no escuro, à luz de velas, em local com paredes cobertas por panos coloridos. Moedas para o culto têm que ter figura humana. É louvada uma figura de egun. É energizada (antigamente se plantava no chão um cadáver (de inimigo no Angola, de parente no complexo iorubá) Xangô deve ser alimentado no meio do barracão. Ele é também dono da cumeeira, e deve pegar as forças de cima e de baixo. Ketu planta Tetun; Jeje, Intoto; Angola, ver na apostila (são 3) Planta-se energias ligadas ao dono da terra, Kavungo. O oxu (vulgarmente chamado adôxo) no Ketu = Kuntunda (Angola) = Afexun (Jeje) A comida dos orixás se serve fria, porém a comida de Xangô se serve morna, e a de Baru quente. Dizer que Xangô abandona o filho quando morre porque tem medo da morte é lenda. Xangô não gosta de frio, por isso se afasta. Só se coloca na cumeeira Oxalá, Xangô, Oxun, Yemojá. Não se coloca santo de cabeça na cumeeira. Se por exemplo for de Xangô com Yemanjá coloca Oxalá e Oxum. Pelo arquétipo escolhe os santos que vão para a cumeeira. Por exemplo, se for regido pelos 4, escolhe qualidades diferentes. Pessoa de Lemba + Danda que carrega Zazi e Kaiala, coloca uma outra qualidade, nos caminhos de Airá (Osi e Bonã), no Angola Luango e Luvango. Angomi Duilo é o equilíbrio com o Lamburu. chão leva as 16 favas dos orixás, e as demais coisas. No chão comem eguns. As obrigações de chão e cumeeira devem ter uma periodicidade relativa com o movimento da casa. Entretanto em todo dia de toque deve ser colocada pelo menos uma canjica na cumeeira. A canjica calçada com quiabos é ótima opção (ver receitas) Quando se raspa um total de 7 filhos deve-se abrir o chão e energizar de novo. No barracão só existe o Bara do zelador. O nosso Bara fica na nossa casa.

REZAS E CANTIGAS 1. SAMBORÔ PARA TEMPERAR OS BENGUÈ (ASSENTAMENTOS) Usa-se: sal - dendê - mel - acaçá - bebido - azeite doce - água Quando usar os elementos que não sejam a água: 'AKÜETU SAMBANGOLA SARARANDU AKÜETU SAMBE (^)!" 2. SAMBORÔ PARA TEMPERAR OS BENGUÈ COM MENHA Quando for a água (menha), põe-se na boca (do zelador e da pessoa) e vai da boca para o assentamento.

"MANGA SALE(^)! MANGA SALE (^)! MAMANGUERÓ, MAMANGUELÓ R: SALE, SALE MANGÀSALE (^)! MAMANGUERO, MAMANGUELO" Quando for água, pega a quartinha da obrigação, põe água na boca. 3. REZA PARA LAVAR OS BICHOS PÉS, CABEÇA, PEITO, COSTAS, RABO: "ARUE(^) SALE (^) MANO SAMBÁNGOLÈ (^) (BIS) PERERE (^) KOMASA DONI PAÒ! (BIS)" (Bacia de ágata ou alguidar grande, água e sal, 1 vela do lado). Só santo muhatu. Diala não lava bicho, não segura bicho para lavar. -14. SAMBORO IPARUBÒ KARAMBÒLO (GALO) 1. Para retirar as penas do pescoço com pokó. Não se corta. Rezar 3 vezes no mínimo. POKOIÒ (') MI KABANDO (^) DENDE(^) BURU NANGUÈ (^) 2. Para o primeiro corte. Deixa a faca, escorre o sangue pela faca, direciona PARA O CHÃO E DEPOIS OS BENGUÉ. No chão vai atrair o bakulu (egun) . KARAMBOLO

(^) BATÚLA SANJI NZAMBI EUÁ TORORO(^) 3. Para aprofundar o corte, até acabar KARAMBOLO(^) JANJÀ INGUÈ JÁ MUTUÈ OIA TOKOROTOKO 4. SAMBORO IPARUBÒ SANJI (GALINHA) 1. Para qualquer bicho de pena, para limpar as penas do pescoço POKOIÒ MI KABANDÒ DENDÈ BURU NANGUÈ 2. Corta e libera a cabeça na mesma reza BATULA LA SANJI BATULA IÈ (DI) SANJI BATULA -25. SAMBORO(^) IPARUBO(') HOMBO (CABRA/CABRITO)

MÈ, MÈ, MÈ KONGO DI MBANDA TUDIÀ (BIS) KAMBONDO NGURA HOMBO KONGO DI MBANDA TUDIÀ MÈ, MÈ, MÈ KONGO DI MBANDA TUDIÀ (BIS) LAMBARANGUANGE, TATETU, MAMETU KONGO DI MBANDA TUDIÀ 6. SAMBORO IPARUBÒ KONKÉM (KOKÉM) (DASSA NO JÊJE) (ETU =GUGURUKUTU = SANJI NGOLA) 1. Preparação para colocar as folhas e envolver no atacã. Prende a cabeça entre o dedo médio e o indicador. (Konkem deveria ser oferecida a qualquer santo). DIAN IAN ETÚ KONKEM 2. Para verter a menga para a ancestralidade e benguès (alimentar os benguè) NKISI GUDIÁ (GU)DIÁ KONKEM -33. Ibosé em tigela ou vasilha com menha fresca, vai mergulhando o pescoço para esfriar a menga. (Cruza toda a cabeça da pessoa, pingar no acaçá que está na cabeça da pessoa). Canta enquanto o bicho estiver vivo. Não se deixa bicho vivo no chão. DILONGA TARA JINJIN AZUN KERERE DILONGA TARA JINJIN KERE, KERE 7. SAMBORO IPARUBÒ KAXITÓ (PATO) 1. Prepara o pescoço cantando 3 vezes POKOIO MI KABANDO DENDE BURU NANGUE Abre os dedos do pé do bicho com faca virgem. Pato: chão, Yemojá, Egun, Hangoló em alguns casos. Hangolô - ganso, marreco ou pato. Corta pelo bico. Em Congo põe palha na boca, e corta no pescoço. DILONGA TARA JINJIN DIUM KAXITÓ! DILONGA TARA JINJIN DIUM KAXITÓ! -48. SAMBORO PARA CULTO À TERRA

Bichos de penas para Kavungu devem passar por culto à terra. Também quando se oferece bichos de penas ao chão (senão o ancestre não recebe). Só participam pessoas antigas no santo. Primeiro reza no fundamento do chão segurando pelos pés a angola já preparada, e apontando para a porta e roda os 4 cantos. Pato para o chão - tem culto à terra; pato para Kaiala - não tem culto à terra. KURUPÀ UN ABEREWÈ È UM ABERERE (BIS) Tem gente que vira no santo. 9. SAMBORO IPARUBO TUKABULU (COELHO) Oferece-se coelho a Ngunsu, Telekompensu e Lembá (coelho branco e cabra mocha) Coelho é mais barato, tem menos sangue, exige menos sacrifício, é mais leve. Tem tudo que o cabrito tem, só que é menor. Deve-se deixar uma das patas dianteiras para o porrão. È TUKABULÚ KONGO DI NBANDA KURIÀ (BIS) -510. SAMBORO IPARUBO NBACHI (CÁGADO) 1. Prepara o pescoço, amarrando com palha da costa. Reza para preparar o pescoço: POKOIO MI KABANDO DENDE BURU NANGUE (3 vezes no mínimo) 2. Reza para cortar: È MANO GANGÁ KEWAZILE(^) NBACHI È (BIS) (È MANO GANGÁ KEWAZILE(^) EMBAKASSE (^)) (confirmar) 11. SAMBORO IPARUBÒ NGULÙ (PORCO) NGULÙ KONGO DI 'MBANDÀ TUDIÀ (bis) -612. SAMBORO IPARUBÓ DIEMBE (^) (POMBO) (Pombos diversos, branco ou de cor, menos pomba rola) Katende também usa diembe. Usa akan e saião nos olhos. Cruza a cabeça da pessoa, o peito e todas as curas com o pombo. Levanta o pombo, oferece a Lembá nos 4 cantos, sobra a cabeça do diembe junto ao ori da pessoa.

DIEMBE, DIEMBE, SANJI O DIEMBE O DIEMBE SANJI DIEMBE, DIEMBE, SANJI, O DIEMBE, RUN DIANDEMBE AMÈ!(^) 13. SAMBORO IPARUBO DIEMBE DIKOLA Pomba Rola (Para Oxum) DIEMBE, DIKOLA DIKOLA DIEMBE DIEMBE DIKOLA RUN DIANDEMBE AMÈ! 14. SAMBORO IPARUBÒ DIEMBE PAMBUNJILA DIEMBE MAVAMBU } DIEMBE MAVAMBIE (^) } BIS -715. SAMBORO IPARUBÓ ZIMBU (IGBIN) NZAMBI E NZAMBI E ZIMBU DIOCHI MUENHU LEMBA DILE (Muenhu = aquilo que cobre ou alma) 16. SAMBORO IPARUBO KITEMBU corte de bicho para Tempo Prepara o pescoço: POKOIO MI KAMBANDO DENDE BURU NANGUE Reza para o corte: KOKO NI KASSANJE NGORA KOKO NI KAMILONGA (BIS) AI, AI, UN, KAMILONGA -817. SAMBORO(^) IPARUBO(') GERAL Para bichos de penas para todos os nkisi 1. Limpar o pescoço POKOIO MI KABANDO

DENDE BURU NANGUE! 2. Sacrificar (só não serve para angola e pombo, porque não leva corte) VORUNA, VORUNA SANJI VORUNA, VORUNA SANJI! -9REZA PARA ENFEITAR OS BENGUÈ DE PAMBUNJILA COM BICHOS DE PENAS(TAMBÉM OS CATIÇOS) Já depois de mortos. 'PAGONAN, PAGONAN, ZAMBE (^) R: PAGONAN, PAGONAN, INAN 'PAGONAN, PAGONAN, ZAMBE (^) R: PAGONAN" Antes da matança os ferros são limpos, passado dendê, depois da matança são enfeitados com penas. REZA PARA ENFEITAR OS BENGUÈ DOS OUTROS JINKISI COM BICHOS DE PENAS "ORONI POPO ORONI POPO (^) KUABÒ (alto) (') ORONI POPO KUAJÉ (baixo) ORONI POPO" OUTRO SAMBORO IPARUBO HOMBO SÓ SERVE PARA HOMBOS BRANCOS TATA KAMBONDO ODÁ MBURO MÈ, MÈ, MÈ KONGO DI MBANDA TUNDIRÀ (BIS) TATA KAMBONDO ODA LUMBO A NZAMBI -9.ASAMBORO PARA RETIRADA DO MUTUE DE BICHOS DE 4 PATAS KONGO DI MBANDA Ò, RÈ(^),RÈ(^). SAMBORÔ PARA OFERECER O MUTUÈ AO NKISI (ESTA REZA SERVE PARA QUANDO O SANTO BEBE E(^), MONÁ GAMBELE (^) KURIÀ KURIADÒ (^) SAMBORO PARA RETIRADA DE PATAS, RABO, PELE COM PELOS, ETC. ERAN LÉKE LÉKE, NKISI LEKEWÒ! -9.B-

17. SAMBORO PARA LAVAR A CABEÇA com sabão da costa ou ervas de mutuê (na cachoeira, no axé, etc.) È (^) MUTUÈ (^) LELÈ (^) KUMBATÁ È NSUMBUÈ (^) È MONA MÈ (^) È (^) MUTUÈ (^) LELE (^) KUMBÁ È NSUMBUÈ (^) 18. SAMBORO PARA SE OFERECER OU FAZER PERGUNTA AO KESSO OU OROLELÊ KÉSSO MAKÉSO NKESO E (^) KESSO MAKESO NZAMBI E (^) 19. SAMBORO PARA RETIRADA DE NDEMBA (CONGO) OU MUKUNAN (ANGOLA) DAMI NAKONGO NDUMBURE ERUMENE, KATULA IZO (Primeira vez. As outras é o nome do Nkisi) KÜENDA MUKUNAN (OU NDEMBA) ERU MENE 20. SAMBORO NGUDIA MUTUÈ - Para oferecer comida ao mutuè MUTUÈ KONGO OREO (^) KOLOBOXÉ (') E KOLOBO (^) -1021. SAMBORO DE KUENHA KELE (tirada de kele) NZAMBI Ê NZAMBI Ê KUENHA, KUENHA KELÊ Ê 22. SAMBORO ALUBOSA ALUBOSA TORÔ TORODÊ ARUÈ SALEMAN NSAMBANGOLÈ -1123. SAMBORÔ DE LEVANTAMENTO (CANTIGAS OU REZAS DE LEVANTAMENTO) DE KOTA E KAMBONDO 1. (Kabula) KONGO MONUGANDU MUIZANGÀ DIMBÈ É DI KOLA KONGO NA MUXIMA O DIMBÊ DIDEÔ R.:(bis) OIÀ È, OIÀ È KONGO MONUGANDU MUIZANGÀ DIDEÒ

2. (alternativa) KONGO NKASSANJE NGOLA KAKURUKA KAKURUKAIO Resp.: AI, AI, NKAKURUKAIO 3. (È MI KAKURUKAJÈ KAKURUKAJUÈ OI A MILONGA (OU MAIONGA)) 24. SAMBORÔ DE RECOLHIMENTO (PARA RECOLHER)(Joga folhas para o ogã pisar) 1. KATENDE PÉ PÉ PE MANAN MANAN OKANDEME É DI KAKURUKAJE (bis) -1225. PARA SAÍDA DE KOTA E KAMBONDO SAMBORÔ DIZUNGU NKISI KAMBONDO, KOTA 1. (Kongo) KERE KERE KE BANDA ATOIZÁ BANDA KE (^) AME(^) 2. AE(^) SENZE AE(^) SENZÁ NTATA DI MAKONGO (ou KOTA ou MAKOTA, se for o caso) NXAUENDÁ 26. SAMBORÔ PARA CONVIDAR PARA DANÇAR OGÃS E ZELADORES (TAMBÉM SERVE PARA PEDIR LICENÇA) BANDA XAUERÁ, AÈ BANDA XAUERÁ DANGUÈ (^) Resp.: (Resposta daquele que entra) KOROMIN MAWO BERERE (^) BANDA XAUERÁ DONGUÈ 27. SAMBORO (^) PARA AGRADECIMENTO BANDA XAUERÁ BANDA XAUERÁ AÈ TATETU BANDA XAUERÁ BANDA XAUERÁ AÈ MAMETU -1328. SAMBORO PARA DANÇAR 1. MAIANGO NXAUERÀ AGO(^)

MAIANGO NXAUERÀ AGOLE (^) 2. KONGO NGANDU ORE RE (^) 3. Ò JIRÈ, O JIRÁ NKAMBONDO KE AMA Resp.: AI AI NKAMBONDO KE AMA. 4. O XIKIME KURIA GAMBÉ A KOTA (Tata, Kambondo, etc.) NKAIANGO 5. OIA, OIA E KALINGUELENGU O KADE TATETU OIA OIA È KALINGUELENGU O KADÈ MAMETU A cantiga que se segue serve para saudar todos os kambondos suspensos e confirmados que estejam presentes, e também os santos que os suspenderam. KAMBONDO NIBO KAODÉ (^) ÈA KOTA MEJE KAODE (^) Pode cantar com o nome do santo do ogã KAMBONDO "NKISI" KAODE ÈA KOTA "NKISI" KAODE(^) (dependendo de ser Kota ou Kambondo) -1429. SAMBORO DE DESPEDIDA E AGRADECIMENTO AI AI AI ELÒ (^) KAMBONDO È TATA DA MUXIMA EÒ (bis) AÈ TATETU, AÈ MAMETU, Resp.: KAMBONDO E TATA DA MUXIMA EÒ (^) 30. REZA PARA SENTAR NO KIALÚ (Repete 3 vezes, o santo leva a pessoa, pega pelos ombros e finge que vai sentar. Senta na terceira vez) KONGO DI MBANDA AÊ! KONGO DI MBANDA AE! (reza até sentar) 31. REZA PARA PEDIR A BÊNÇÃO AOS ZELADORES PRESENTES E DAR ADOBÁ E PEDIR A BÊNÇÃO AO OGÃ QUE ESTÁ SENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NGOROSI MONA TANDAIÓ OLO MONA DIRIRÁ

AWE MAKUIU TATETU (ou mametu, ou Kota, ou Kambondo) (há quem diga AÈ MAKWIU MITATA) -15REZAS REFERENTES À OBRIGAÇÃO DE 7 ANOS 31. SAMBORO PARA RECOLHIMENTO AO NDEMBURO (A reza de saída do ndumbe que é a de recolhimento dos 7 anos.) È, AÈ, AÈ, KOSENZE (^) KATULONDIRÁ (BIS) KOSENZE(^) (MAMETU OU TATETU) KOSENZE(^), KATULONDIRÁ 33. SAMBORO PARA A PRIMEIRA SAÍDA: È MUZENZA MUZENZA KIOBÁ È MUZENZA MUZENZA MAKONGO (ritmo: kongo) A ENTREGA DA CUIA É FEITA COM A SEGUINTE CANTIGA: 34. SAMBORÔ PARA O KIJUNGU (ritmo kongo) IZA MAKONGO DIAMBURE(^) IZA MAKONGO DIAMBURÁ AÈ, AÈ IZA MAKONGO DIAMBURÁ -1635. TERCEIRA SAÍDA primeira cantiga (louvando) DI MUXIMA KE AME(^) KATENDEÒ SIMBENGANGA (bis) AI, KIMEMENSOÈ SIMBENGANGA DI MUXIMA KE AME KATENDEÒ SIMBENGANGA segunda cantiga DANDURE(^), DANDURÁ DI MAMETU/TATETU KE ANDÀ terceira cantiga AÈ, ZENZÈ, AÈ ZENZÁ TATETU/MAMETU DI MAKONGO

UN XAUENDÀ quarta cantiga EWÀ GANGUÈ EWÀ GANGUÈ EWÀ GANGUÈ EÁ TATETU/MAMETU ALUIZÔ EWÀ GANGUÈ -17quinta cantiga ABASSALÀ DI NGOLÁ È BUKE LELÈ(^) (bis) ABASSALÀ DI NGOLÁ È BUKE LALÀ (bis) Nesta altura pode fazer um xirê relativo àquele santo 36. REZA PARA RETORNO AO NDEMBURO Após as louvações feitas nesta saída o santo do novo zelador retornará ao ndemburo (quarto de santo), ao som da seguinte cantiga: SALÈ, LEMAN (NKISI) TARUANDÈ(^) SAMBANGOLÈ(^) SALE, LEMAN TARUANDE(^) SAMBANGOLÁ -1837. QUARTA SAÍDA Depois de realizado todo o batukajé, retira-se mais uma vez o santo para o ndemburo, cantando-se cantiga própria. Cantiga 1: SALE, LEMAN TARUANDÈ SAMBANGOLÈ SALE, LEMAN TARUANDÈ SAMBANGOLÀ Cantiga 2: GUIENU NZAMBI

APONGO DÈ(^) NSEKESSE(^), NSEKESSE(^) NSEKESSE(^) Cantiga 3 È, DI È È È È, DI È È A (bis) TATA MANEPÁ SEREPEPÉ (') NFI DI GANGA ZUMBÁ ORIEXÁ -1938. CANTIGAS PARA QUINTA SAÍDA 1.KOTA/MAMETU/TATETU/TATA UN KAIANGO (^) XIKI XIKI UN ANGOLÈ (^) MAMETU/TATETU/TATA UN KAIANGO XIKI XIKI D' ANGOLÁ 2. Ò XIKIME (^) KURIÁ GAMBE (^) MAMETU/TATETU/TATA UN KAIANGO Ò XIKIME KURIA GAMBE MAMETU/TATETU/TATA UN KAIANGO 3. (RITMO KONGO) INDÒ (^), IO, IO (^) INDO (^) FINDO (^) MALÁ TATETU/MAMETU TARAMENSÒ (') INDO FINDO MALÁ 4. OIÁ OIAE (^) KALINGUELENGU Ò KADE (^) TATETU OIÁ OIAE KALINGUELENGU Ò KADE (^) MAMETU 5. MAMETU/TATETU È, È, È, MAMETU/TATETU DUNDUN EUÁ MAMETU/TATETU À DUNDUN AMÈ MAMETU/TATETU À DUNDUN EUÁ -20REZA PARA SENTAR: Mesma de Kota e Kambondo) 39. Na quinta saída, para se PUXAR O SANTO DO NDEMBURO para o sambile, reza-se: KERE, KERE KE BANDA ATOIZÁ BANDA KE AMÈ (bis)

40. KUIXANA - REZA DE FUNDAMENTO DO BATE FOLHA (ACELERA A APROXIMAÇÃO DO NKISI DO TATETU/MAMETU): KAJA NKISI KE AMÈ KAJA NKISI GANGA RUN AÈ, AÈ, KAJA NKISI GANGA RUN -21SAÍDA DE SANTO (DIZUNGU NKISI) 41. O ato da PRIMEIRA SAÍDA é feito sob a entonação da seguinte cantiga: É MUZENZA MUZENZA KIOBÁ É MUZENZA, MUZENZA E AÔ É MUZENZA MUZENZA KIOBÁ É MUZENZA, MUZENZA LÊ KONGO 42. SEGUNDA SAÍDA Nesta segunda saída o santo simplesmente dará uma volta dentro do salão. Durante este ato é entoada a seguinte cantiga: MUZENZALA DI LEKONGO E AÔÔ EÁ EÁ EAÔ (BIS) MUZENZALA DI LEKONGO E AÔ 43. TERCEIRA SAÍDA (Para dar o nome) 1. BEREKETÚ, BEREKINAN E AÔ EÁ EÁ EAÔ BEREKETÚ, BEREKINAN E AÔ . 2. È AÈ AÈ KOSENZÈ KATULONDIRÁ (bis) KOSENZE EAÒ KOSENZE KATULONDIRÁ (bis) -22QUANDO O SANTO DÁ O NOME 44. REZA PARA O MOMENTO APÓS A SUNA 1. NZAMBI, NZAMBI KE NZAMBI (bis) NZAMBI APONGO DE KE NZAMBI KE NZAMBI 2. NZAMBI NA KUATEZALA Resp.: AWETO 3. NZAMBI È KIZAMBI TATA KIMBANDO

NZAMBI È KINZAMBI EAÈ A seguir pode cantar umas 3 cantigas de salão do Nkisi. 45. REZA PARA GUARDAR O SANTO APÓS O NOME NAMBI KIMBANDA MONA KAIANGO KAPANZO MA KOU BOADI -2346. QUARTA SAÍDA Pra esta quarta saída escolhe-se uma das cantigas abaixo, para puxar o santo para o salão: 1 - SAKE LAZENZA É MAWÒ É MAWÒ É FUNJE KE SAKE SAKE LAZENZA É MAWÒ É UM AGANGUÈ

(Ritmo - Kongo) 2 - A È ZENZE À È ZENZA MUZENZA DE LEKONGO UN XAUENDÁ (ritmo Muzenza) 3 - TOTÉ TOTÉ DI MAIONGA MAIONGAMBE (^) 47. CANTIGA PARA MAIONGA (BANHO) (Semelhante à no. 3 da quarta saída) TOTÉ TOTÉ DI MAIONGA MAIONGOLE (^) -24 48. CANTIGAS PARA O NKISI VOLTAR AO NDEMBURU: 1. (Congo) BROKOIÒ ('), BROKOIÒ (') BROKOIÒ (') TARUANDÁ BROKOIÒ ('), BROKOIÒ (') BROKOIÒ (') TARUANDÈ (^) 2. (Muzenza) EWÀ GANGUÈ (^),EWÀ GANGUÈ (^), EWÀ GANGUÈ (^), EWÀ GANGUÈ (^), AKAIZO (^) EWÀ GANGUÈ (^) 3. (Barravento) GUIANU NZAMBI APONGODÈ (^) UN SEKESSÈ (^) UN SEKESSÈ (^) UN SEKESSÈ (^)

(A Kitanda é no dia seguinte, após sair o urupy.) 49. REZA PARA QUANDO A PESSOA BOLAR 1a. vez) BOLÒ BOLÒ NA KUATEZÁ (OU KUATEZÔ) Resp.: NSUMBUÈ! (^) 2a. vez) (da segunda vez em diante) BOLÒ, BOLÒ NA KUATEZALA NSUMBUÈ ! -25REZAS DE SEGURANÇA DA CASA 50. CANTIGAS DA ÁGUA 1. Ò KATAMBA È GANGA È KATAMBA È DE TERE(^) KALUNGA AÈ KATAMBA È GANGA È KATAMBA È DE TERE KALUNGA 2. Para esfriar a casa AIZA TARA MEZULA KALUNGA DI LERO(^) È(^) AIZA TARA MEZULA KALUNGA DI LERO È 3. GANGA KATÚMBA È GANGA SIÚBA È (bis) -2651. CANTIGAS DO FOGO No Angola Kaiangu é associada diretamente ao fogo Ao cantar juntam-se os 2 dedos indicadores, para juntar as polaridades. 1. EZO (^) MATAMBA NGOLA NKREN KRENZOC(ê) NGREZO(é), EZO(^) (bis) 2. NA MATAMBA SAMBA NGOLA KREZO(BIS) 3. MATAMBA NGOLA NGOLE(^) MATAMBA NGOLA NGOLÁ MATAMBA NGOLA NGOLE(^) KREZO, MATAMBA NGOLA NGOLÁ -2753. REZAS PARA PEMBA:

1. A primeira representa a ancestralidade, não é soprada, é jogada no chão, no meio do barracão. Firma a cumeeira, os 4 cantos e o portão. PEMBÈ(^), PEMBÁ NGURA ZILÈ(^) PEMBE(^) R: MONA, MONA KE(^) AME(^) 2. Soprado para cima no barracão. Só vai ao portão se desconfiar de alguma coisa. NGURA ZILE(^) PEMBE(^) MONA MONA AUE(^) PEMBE(^) 3. Caminhos da mata e de Lembá PEMBA(ê) DI TAMANANGUÁ PEMBE(^) PEMBÁ PEMBA(ê) DI LEMBE(^) LEMBÁ PEMBE(^) PEMBÁ 4. Acabando de soprar, LOUVAÇÃO KE(^) PEMBE(^), KE PEMBÁ (BIS) LEUI LEUI (reza-se com força pedindo força à terra. O zelador levanta a mão despachando a negatividade) O KE PEMBE O KE PEMBA IZA D'NGOLA (Tumba Junsara) (Bate Folha: IZA KASSANGE) IZA D'NGOLA O KE PEMBE SAMBA ANGOLA Depois de soltar a pemba. -2854. REZA PARA PEMBA RUIM SAIOZAN KE PEMBO È(^) SAIOZAN MONA(^) SALE(^) -28.ASAMBORO NKISI PAMBUNJILA 1. PAMBUNJILA JÀ MUKONGUÈ IÀ IÀ O RERE PAMBUNJILA JÀ MUKONGUÈ IÀ IÀ O RERE. PAMBUNJILA KUJÀ KUJANJO 2. PAMBUNJILA AÈ PAMBUNJILA AÈ PAMBUNJILA JÀ MUKONGUÈ PAMBUNJILA AÈ 3. PAMBUNJILA AÈ PAMBUNJILA AÈ PAMBUNJILA A NGANGA

PAMBUNJILA JÁ KONGUÈ (Tumba Junsara) (Bate Folha: PAMBUNJILA AÈ) INVOCAÇÃO 4. SINGANGA GANGAIÔ GANGAIÔ LEKUE PAMBUNJILÈ SINGANGA GANGA IÔ GANGAIÔ LEKUE PAMBUNJILA -295. SINGANGARA AÈ SINGANGARA AÈ SINGANGARA À (N)GANGA SINGANGARA JÀ KONGUÊ 6. TENDA TENDA Ò TENDA IÒ INDO RERE EÀ RESP.: TENDA IÒ O TENDA IÒ 7. AÈ PAMBUNJILÈ AÈ PAMBUNJILÁ AÈ PAMBUNJILÈ PAMBUNJILÈ, PAMBUNJILÁ QUALIDADE: MAVILE

8. MAVILE, MAVAMBO INDO, INDO KENÃ INDO, INDO KENÃ 9. MAVILE MALEMBE NKOMPENSOÈ NKOMPENSOA 10. MAVILE MUNGANGA O KIRANDA È O KIRANDA E Ò -3011. MAVILE MAVAMBO REKENKENSOE, HA HA HA REKENKENSOE 12. BIOLE, BIOLE, BIOLA., TA E DE MI DE MANAKO (^) BIOLE, BIOLE, BIOLA, TA E DE MI DE MALAGO (^) ENCANTAMENTO NA LEI KONGO (Dança-se em volta do padê, de lado, com a mão direita levantada)

13. KIBANDA SISSA SISSA RUKAIA KIBANDA (FEITIÇO) SISSA SISSA RUKAIA KIBANDA SISSA RUAKANJE (Toque: muzenza) 14. KANJANJA KANJANJA DE KAKAMENE DE KAMUJIRE, Resp. KANJANJA 15. KANJANJA DE KAKAMENE DE KAMURENDE KANJANJA -3116. ORI, ORI, ORI TIBIRIRI MAVU, É TIBIRIRI TIBIRIRI (Exu ligado ao fogo e à terra) 17. TIBIRIRI, TIBIRIRI Resp.: MONA IXI TIBIRIRI TIBIRIRI Resp.: MONA IZO (Kongo) 18. MALUNGUN NZAMBÈ (^) O (I)NGRETALA TANDÈ(^) MALUNGUN NZAMBÈ(^) Resp: (A)MBELÈ(^) 19. MAIONGÈ(^) MONÁ WELÉ Resp: MAIONGÈ(^) 20. Para despachar padê: MAVÍLE KONGO JÀ KOTAILÈ Resp: MAVILÈ (bis) - Ir cantando até acabar de despachar PARA DAR DE BEBER A EXU Para acordar exu para o jogo, para colocar uma bebida na porteira, para roda, etc. Qualquer hora de dar uma bebida para Exu 21. TOMALÁ ZÉKÚ ZÉKU È À ZEKURIÁ ((bis) - (Näo serve para padê) -32Reza (cântico) de Exu Mavambu (muito séria) 22. MAVAMBU, MAVAMBU DI AMBURE (^) KATULÁ TULAMBÍ, KATULAMBÔ MAVAMBU, MAVAMBU DI AMBURÈ(^) KATULAMBÍ KATULAMBO(^) 23.MAVAMBO, MAVAMBO DI AMBURÈ

AÈ AÈ MUKUMBI È (bis) 24. FAIA MALOKO SALOIÈ É LUBIDI LOKU BATÁ FÁIA MALOKO SALOIÈ É LUBIDI LOKU BATÁ (3 VEZES) Cantiga específica para ligação de Ogun e Exu: 25. MAVAMBU E MAVU AÈ AÈ MUKUMBI É (qualidade de Nkosi da agricultura) MUKUMBI É MAVU AÈ AÈ MAVAMBU É -33CANTIGAS DE NKOSI (CHAMAR NKOSI PARA ENTRAR PARA COMER) 1. NKOSI, MUKUMBI TÁRA MENSÁ DANGE(^) GOIA È ÀE GOIA È ÀE 2. KE MUZENZALA SENZA NKOSI KAMUREDE ATUREMO KE MUZENZALA SENZA NKOSI KAMUREDE IA NKOSI 3. NKOSI MUKUMBI TÁRA MENSÁ KAIÁ KOSENZÁ NKOSI KOSENZÁ NKOSI KOSENZÁ 4. NLUANDE(^) NKOSI KONGO TALANDE(^) NLUANDE NKOSI KONGO TALANDA È 5. È AÈ AÈ BANDA MINI KONGO É DE TÁRA KOLE(^) È DE TARA MENE(^) -346. convida a ir aos atabaques BAND MINIKONGO AÈ AÈ AÈ BANDA MINIKONGO AÈ MINIKONGO KAJÁ NGOMA (atabaque -rum - chamando) 7. (enredo com Oxum e Oyá) Chama para guerra TABALA SIMBE, NTABALA (N)JO(^) R: AÈ NKOSI É NTABALA (N)JO R: AÈ NKOSI

É NTABALA (N)JO (dança até o chão. Santo velho pode dançar) 8. NKOSI TANO LÈ TANO LÈ MARWÒ NKOSI TANO LÈ TANO LÈ MAIONGÀ 9. NKOSI BAMBI È IA NKOSI NKOSI BAMBI TUREMO(^) IA NKOSI 10. está na guerra (muzenza) NKOSI BIOLE(^) MBIOLÁ NKOSI BIOLE MBIOLA NKOSI BIOLE MBIOLÁ ME KAJÁ MUGONGO NKOSI BIOLE MBIOLÁ -35Reza de gente velha: 11. NKOSI DI BEREGEDE SAMBANGOLÁ SAMBANGOLÈ(^) NKOSI DI BEREGEDE SAMBANGOLÁ SAMBANGOLÈ(^) -36CANTIGAS PARA NGUNSU 1. OLO BARANGUANJE NGUNSU DE BARA KURÁ OLO BARANGUANJE NGUNSU DE BARA KURÁ 2.

LANDANGUANJE KASSANGUANJE KE AME (R) IA SINDA LUKAIA LANDANGUANJE KASSANGUANJE KE AME (R) IA SINDA LUKAIA 3. (ANTIGA)KALUNGA NO XAUERÁ È A RUE KALUNGA NO XAUERÁ È A ZINGÉ 4. È BAMBI È È BAMBI È A IZA TAWÁ È BAMBI A IZA TAWA MIM È BAMBI È A IZA TAWÁ

5. AUENDA KANJIRA MUGANGA NGANGA AÈ TUMBA Ò TAWAMIN A È TAWAMIN -376. KABILA KEWALA TALA MUZAMBE(^) MANAN MUREWÀ UN TATA KAMBONDO DE LUANDA È MANAN JIMBE JIMBE A DANDA LUNDA E ORERE 7. KASA KASA (TRIBO) NO KAUNDÉ BULAIÈ BULA IÒ KASA, KASA NO KAUNDÉ NGUNSU È MUTALAMBO(^) 8. AÈ GONGOBILA, DILÈ(^) AÈ GONGOBILA (BIS) 9. GONGOBILA MUTALÈ GONGOBILA MUTALÈ Ò -3810. ADE KUTALA ZINGE(^) IA ZINGE(^) O (^) (BIS) AO IZA KUTALA KAIZA KURA AI AI, AI AI ADE KUTALA ZINGE ADE KUTALA ZINGE IA ZINGE O KEMIN FAREWÀ KEMIN FAREWÀ AO IZA KUTALA KAIZA KURA AI AI, AI AI (dá a volta na cantiga para encher barracão) 11. A KOKE(^) GANGA LE KONGO A KOKE IA, IA SI, SI, AKOKE IA IA A KOKE GONGOBILA A KOKE IA IA SI SI AKOKE IA IA 12. GONGOBILA MUTALE(^) NSIMBE KOKE, IA, IA AE AE NSIMBE KOKE IA IA 13. NGUNSU È TALA NO MUZAMBE(^)

NGUNSU È TALA NO ARERE(^) -3914. ARUÉ(^) KABANDO(^) LAMBARANGUANJE MAKUO(^) SUBAÈ(') TAWAMIN 15. TAWAMIN TAWAMIN NGUNSU E MUTALAMBO (bis) 16. KILUMATA, KILONDIRÁ NGUNSU E MUTALAMBÒ AÈ AÈ NGUNSU E MUTALAMBO(^) -40CANTIGAS DE KAVUNGU 1. Fundamento com Oxalá IE, IE, KAFUNJE(^) KATU, LEMBARASINA KOSENZALA 2. (dizia-se que o quarto do agbo era de Hangol'o) KUENDA KUENDA (limpando) KAFUNJÈ(^) KALUNGA JAWÀ DIMBE(^) KUENDA KUENDA KAFUNJE HANGOLOMÉA ADÈ(^) JAWÀ (é cântico de barracão, mas algumas pessoas cantam como reza para ebó contra problemas de pele) 3. (louva a vida e a morte) NSUMBUÈ, NSUMBU NANGUÈ (^) (BIS) NSUMBU, SAMBU KUENDA È LEMBA DILÈ(^) MAOKE FITA, FITA MAOKE SAMBU KUENDA 4. NSUMBU, È, È, È(^) NSUMBU È POPO DI MONÀ (BIS) -415. AÈ, AÈ SI KAFUNAN AÈ, AÈ SI KAFUNAN KAFUNJE KOMBE LOJÀ TATETU SI KAFUNAN 6. XAUERE(é), XAUERE(é)

KAFUNJE KUMBELOJÀ XAUERE(é), XAUERE(é) KAFUNJE KUMBELOJÀ 7. KUMBE, KUMBE LASIN (BIS) KUMBE KUMBE LAJO 8. (Como se fose Azoani - ligado a Ngunzu e ao fogo)) E MALA, E MALA IZO(^) È È KAKAWANE È MALA IZO(^) 9. Só para filhos com mais de 7 anos INDO IÒ IÒ INDO FINDO EMALA TATETU TARAMESSÓ KAFUNJE FINDO EMALA -4210. LEMBA È È ME, KATU, IZO LEMBA È È ME, KATU E À FAIA MAMETU KAINDO(^) (Bate Folha) (FAIA MAMETU KAIANGO(^) - T. Jusara) KAMBONDO KUNDÈ KAMBA LEMBA DILE FAIA MAMETU KAIANGO(^) KAMBONDO KUANDE(^) KAMBA MANDU KAIÁ 11. MONA KUÉRA NSUMBUE (^) A NGELE(^) MONA KUÉRA NSUMBUE(^) NKAFUNJE(^) -43CANTIGAS DE HANGOLÓ 1. SUSU, KE FAIA, FAIA SUSU, KE, AME, AME 2. (Kongo) AI, AI, VULAIO(^) VULAIO KONGO ASA KE MASA VULAIO 3. GANGA VULA VULAIO(^), VULAIO(^) RESP. GANGA VULÁ VULAIO, KENAN, KENAN REP. GANGA VULÁ 4. Ligada a Danda

AYNÉ AYNÉ HANGOLO(^) ZINHÒ(^) KE DANDA LUNDA SESÈ (') 5. Ligado a Nkosi E A BANDA KOKODO(^) KOKODO INGUÈ(^), AÈ(^), AÈ(^) R.: KOKODO(^) INGUE -446. HANGOLÒ ASUA NO KALUNGA NO KAIEDÈ(^) (BIS) HANGOLÒ(^) ZINHÒ(^) R. SIMBENGANGA JAUTALÈ SIMBENGANGA HANGOLOMÉA SIMBENGANGA JAUTALE 7. HANGOLO MARAVAIA KE PEMBE(^) HANGOLO MARAVAIA KE PEMBE(^) EÁ SAMBANGOLÈ(^) 8. HANGOLÒ MARAVAIA NO SERERE(^) R. NO SERERÈ(^) 9. AI, AI TATETU HANGOL'O ANUMENDO GAMBOADINHA GAMBOADINHA HANGOLO ANUMEANDO

MAKURIÁ NZAMBIRI KIA MINKISI (COMIDAS SAGRADAS DOS MINKISI)

As pessoas perguntam o porque das tradições religiosas Bantu e Nagô sendo diferentes, em relação aos seus povos, cultos, costumes, fundamentos, línguas, vestimentas, Divindades, etc..., porque as comidas e ofertas sagradas seriam iguais??

Digo que com certeza existem diferenças, mas de certa forma também semelhanças!!

As diferenças existem nos nomes dos pratos, nos nomes das comidas e iguarias e nas rezas (jingorosi/Asambe)..... pois são línguas e costumes diferentes, também é diferente o modo do preparo e os recipientes onde serão colocadas as comidas para a oferta (kibane).

Na cultura dos povos Bantu, diferentemente da cultura Nagô Yorubá não se usa louça, pois a mesma é de origem européia.

A tradição dos nativos Bantu antecede a descoberta da louça e as comidas sagradas (Makuriá Nzambiri), são servidas no barro, em cabaças, madeira ou até mesmo utilizando-se de folhas de mamona branca (baiki mundele) e banana (dihonjo), pois nossos Minkisi são os próprios elementos da natureza, a própria energia que emana da mãe natureza (Mam'etu Utukilo), dispensando assim o uso de quaisquer utensílios que não sejam de origem natural.

Nas questões das semelhanças, além do fato das misturas que existem em muitas casas de Angola com os cultos Nagô Yorubá/Ketu, fazendo assim um cardápio erroneamente único, existem as semelhanças na própria África, que falarei a seguir.

As semelhanças já existiam em África, no plantio de seus alimentos e também nos costumes alimentares, que são bem semelhantes em todo continente africano, talvez assim tenha surgido essa igualdade nas ofertas das comidas aos Deuses e Divindades, pois a mesma mandioca e os mesmos grãos que eram plantados em Benin (hoje Nigéria), também eram plantados em Luanda e Mbanza, os dendezeiros eram abundantes em todo continente e o mel adoçava toda África.

Postarei agora, comidas sagradas (Makuriá Nzambiri) dos Minkisi conforme as tradições dos povos Bantu, sendo uma receita para cada Nkisi.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA PAMBU NJILA

(Comida Sagrada de Pambu Njila)

NOME DO PRATO: EBEGU

Prato preparado com fubá de arroz cozido em água e sal até formar uma papa, que depois de cozida será adicionada a uma farofa de azeite de dendê, o produto obtido será juntado às carnes cruas das obrigações realizadas para Pambu Njila, sendo tudo colocado em pratos (malonga) aos pés do assentamento desses Nkisi.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA NKOSI

(Comida Sagrada de Nkosi)

NOME DO PRATO: OKELELE

Feijão fradinho pilado ou passado em moenda, temperado com folhas de hortelã, coentro, cebola (lúmbua) ralada e azeite de dendê.

A massa obtida será enrolada em forma de pequenas bolas, colocadas em folhas de bananeira e cozidas em vapor de água.

Serão servidas em vasilhas de barro forradas com folhas de mamona branca (baiki mundele).

NKUDIÁ NZAMBIRI IA MUTAKALOMBO

(Comida Sagrada de Mutakalombo)

NOME DO PRATO: MASAMBALA

Prato preparado com canjiquinha de milho vermelho cozida em água e sal, temperado com coentro, alfavaca e cebola (lúmbua) ralada. Depois de bem cozida, colocar em vasilha de barro forrado com folhas de mamona.

Enfeitar com amendoim torrado (Ngiguba), fatias de goiaba (Kimbambule), coco ralado e cipó barba de velho ou cipó chumbo (kamusoso)

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KATENDE

(Comida Sagrada de Katende)

NOME DO PRATO: KIKUA NI KIBABA

Comida feita com milho vermelho cozido ou torrado no azeite de dendê (maji ma ndende), colocado em vasilhame de barro forrado com folhas de mamona, tendo por cima uma batata doce cozida aberta ao meio horizontalmente e ao seu redor fatias de goiaba (Kimbambule) e fumo de rolo (kifuke ia kupunda) desfiado, tudo regado com mel de abelhas.

NKUDIÁ IA NZAMBIRI IA NZAZI

(Comida Sagrada de Nzazi)

NOME DO PRATO: KIBOLO

Prato preparado com quiabos cozidos em rodelas não muito finas, temperado com sal, cebola ralada, folhas de louro e camarões (makosa) secos.

Depois de bem cozidos, pôr em vasilha de madeira e adicionar uma papa feita com farinha de arroz ou farinha de acaçá (mukunga), podendo nesta comida serem misturadas as carnes dos animais que foram utilizados nos rituais para essa Divindade.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KAVUNGU

(Comida Sagrada de Kavungu)

NOME DO PRATO: KUSUANGALA NI DIHONJO....

Prato preparado com pirão de arroz, temperado com folhas de maravilha, louro, mastruço, cebola ralada e sementes de coentro piladas, um pouco de pimenta da costa e azeite de dendê. Colocar em uma vasilha de barro forrada com folhas de mamona, bananas da terra cortadas em rodelas e ligeiramente fritas em óleo branco, depois polvilhar com canela em pó, colocando por cima o pirão anteriormente apurado.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KITEMBU/NTEMBU

(Comida Sagrada de Kitembu)

NOME DO PRATO: DIHANGUA NI KANJELE

Cozinhar uma abóbora vermelha abri-la por cima e retirar ramas e sementes.

Recheá-la com camarões secos cozidos em água temperada com folhas de louro, hortelã e coentro. Depois refogar em azeite de dendê juntamente com castanhas de caju, amendoim, cebola batida e um pouco de vinho tinto.

Servir em vasilha de barro, forrada com folhas de mamona branca e cipó chumbo.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA ANGORO

(Comida Sagrada de Angoro)

NOME DO PRATO: MBONZO

Cozinhar batatas doces em rodelas não muito finas, temperando durante o cozimento com canela em casca, cravos e uma pitada de pimenta da costa em pó e pó de aridan.

Escorrer e seca-las bem, depois fritar as rodelas de batatas doce em azeite de dendê e servi-las em travessa de barro ou em uma cabaça cortada ao meio, forrada com folhas de mamona branca ou guaco, podendo acrescentar ainda um pouco de melado de cana.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA ZUMBÁ

(Comida Sagrada de Zumbá)

NOME DO PRATO: DOVLÓ

Prato feito com feijão fradinho cozido em água e sal, temperado com folhas de salsa e funcho. Depois retirar as peles dos feijões, os mesmos serão refogados com azeite de dendê e camarões, acrescenta-se carne cozida de peixe de água doce.

São colocadas pequenas porções em folhas de taioba que depois serão recozidas em banho Maria.

Colocar em vasilha de barro forrada com folhas de taioba.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA NVUNJI

(Comida Sagrada de Nvunji)

NOME DO PRATO: KIVÚDIA

Prato feito com quiabos cortados ao longo em cruz, refogados com azeite de dendê, cebola, folhas de mostarda, camarões, água e sal. Depois de quase pronto, acrescenta-se amendoim e castanha de caju.

Servir em vasilha de barro forrada com folhas de laranjeira (muxi-mindéle).

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KAIANGO/MATAMBA

(Comida Sagrada de Kaiango/Matamba)

NOME DO PRATO: MAKANZÁ

Bolo feito com massa de feijão fradinho, cebola (lúmbua), farinha de camarão (kazeia makosa), sendo acrescentados camarões secos fritos no azeite de dendê (maji ndende) bem quente.

Depois de esfriar servir em vasilha de barro forrado com folha de banana.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA DANDALUNDA/NDANDA

(Comida Sagrada de Dandalunda/Ndanda)

NOME DO PRATO: DIKENDE

Massa de feijão fradinho temperada com ervas aromáticas, cebola ralada, camarões secos e gengibre ralado.

Enrolar em folhas de bananeira e cozinhar ao vapor da água.

Servir em uma cabaça cortada ao meio e forrada com erva de Santa Maria (kixiriximba)

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KUKUETO/KAITUMBA/SAMBA

(Comida Sagrada de Kukueto/Kaitumba/Samba)

NOME DO PRATO: KUBALUMUKA KAITUMBA

Prato com arroz cozido com cebola e camarões, temperado com azeite de dendê e coentro, tendo por cima uma tainha frita no azeite de dendê ou simplesmente cozida.

Servir em prato de barro forrado com folhas de colônia (kididi kiá utunge).

NKUDIÁ NZAMBIRI IA LEMBÁ DIANGANGA/LEMBÁ

(Comida Sagrada de Lembá Dianganga/Lembá)

NOME DO PRATO: MATETE

Prato feito com milho branco bem cozido em um chá forte de erva doce e canela em casca com leite de coco e açúcar, mexendo-se bem até formar uma massa consistente.

Enfeitar com coco ralada e servir em uma cabaça cortada ao meio forrada com folhas do algodoeiro (mujinha)

Algumas considerações sobre as Folhas Sagradas(Ewé)

Ko si ewé kosi Orisa

"Sem folhas não há Orisa"

MAKURIÁ NZAMBIRI KIA MINKISI (COMIDAS SAGRADAS DOS MINKISI)

As pessoas perguntam o porque das tradições religiosas Bantu e Nagô sendo diferentes, em relação aos seus povos, cultos, costumes, fundamentos, línguas, vestimentas, Divindades, etc..., porque as comidas e ofertas sagradas seriam iguais??

Digo que com certeza existem diferenças, mas de certa forma também semelhanças!!

As diferenças existem nos nomes dos pratos, nos nomes das comidas e iguarias e nas rezas (jingorosi/Asambe)..... pois são línguas e costumes diferentes, também é diferente o modo do preparo e os recipientes onde serão colocadas as comidas para a oferta (kibane).

Na cultura dos povos Bantu, diferentemente da cultura Nagô Yorubá não se usa louça, pois a mesma é de origem européia.

A tradição dos nativos Bantu antecede a descoberta da louça e as comidas sagradas (Makuriá Nzambiri), são servidas no barro, em cabaças, madeira ou até mesmo utilizando-se de folhas de mamona branca (baiki mundele) e banana (dihonjo), pois nossos Minkisi são os próprios elementos da natureza, a própria energia que emana da mãe natureza (Mam'etu Utukilo), dispensando assim o uso de quaisquer utensílios que não sejam de origem natural.

Nas questões das semelhanças, além do fato das misturas que existem em muitas casas de Angola com os cultos Nagô Yorubá/Ketu, fazendo assim um cardápio erroneamente único, existem as semelhanças na própria África, que falarei a seguir.

As semelhanças já existiam em África, no plantio de seus alimentos e também nos costumes alimentares, que são bem semelhantes em todo continente africano, talvez assim tenha surgido essa igualdade nas ofertas das comidas aos Deuses e Divindades, pois a mesma mandioca e os mesmos grãos que eram plantados em Benin (hoje Nigéria), também eram plantados em Luanda e Mbanza, os dendezeiros eram abundantes em todo continente e o mel adoçava toda África.

Postarei agora, comidas sagradas (Makuriá Nzambiri) dos Minkisi conforme as tradições dos povos Bantu, sendo uma receita para cada Nkisi.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA PAMBU NJILA

(Comida Sagrada de Pambu Njila)

NOME DO PRATO: EBEGU

Prato preparado com fubá de arroz cozido em água e sal até formar uma papa, que depois de cozida será adicionada a uma farofa de azeite de dendê, o produto obtido será juntado às carnes cruas das obrigações realizadas para Pambu Njila, sendo tudo colocado em pratos (malonga) aos pés do assentamento desse Nkisi.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA NKOSI

(Comida Sagrada de Nkosi)

NOME DO PRATO: OKELELE

Feijão fradinho pilado ou passado em moenda, temperado com folhas de hortelã, coentro, cebola (lúmbua) ralada e azeite de dendê.

A massa obtida será enrolada em forma de pequenas bolas, colocadas em folhas de bananeira e cozidas em vapor de água.

Serão servidas em vasilhas de barro forradas com folhas de mamona branca (baiki mundele).

NKUDIÁ NZAMBIRI IA MUTAKALOMBO

(Comida Sagrada de Mutakalombo)

NOME DO PRATO: MASAMBALA

Prato preparado com canjiquinha de milho vermelho cozida em água e sal, temperado com coentro, alfavaca e cebola (lúmbua) ralada. Depois de bem cozida, colocar em vasilha de barro forrado com folhas de mamona.

Enfeitar com amendoim torrado (Ngiguba), fatias de goiaba (Kimbambule), coco ralado e cipó barba de velho ou cipó chumbo (kamusoso)

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KATENDE

(Comida Sagrada de Katende)

NOME DO PRATO: KIKUA NI KIBABA

Comida feita com milho vermelho cozido ou torrado no azeite de dendê (maji ma ndende), colocado em vasilhame de barro forrado com folhas de mamona, tendo por cima uma batata doce cozida aberta ao meio horizontalmente e ao seu redor fatias de goiaba (Kimbambule) e fumo de rolo (kifuke ia kupunda) desfiado, tudo regado com mel de abelhas.

NKUDIÁ IA NZAMBIRI IA NZAZI

(Comida Sagrada de Nzazi)

NOME DO PRATO: KIBOLO

Prato preparado com quiabos cozidos em rodelas não muito finas, temperado com sal, cebola ralada, folhas de louro e camarões (makosa) secos.

Depois de bem cozidos, pôr em vasilha de madeira e adicionar uma papa feita com farinha de arroz ou farinha de acaçá (mukunga), podendo nesta comida serem misturadas as carnes dos animais que foram utilizados nos rituais para essa Divindade.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KAVUNGU

(Comida Sagrada de Kavungu)

NOME DO PRATO: KUSUANGALA NI DIHONJO....

Prato preparado com pirão de arroz, temperado com folhas de maravilha, louro, mastruço, cebola ralada e sementes de coentro piladas, um pouco de pimenta da costa e azeite de dendê. Colocar em uma vasilha de barro forrada com folhas de mamona, bananas da terra cortadas em rodelas e ligeiramente fritas em óleo branco, depois polvilhar com canela em pó, colocando por cima o pirão anteriormente apurado.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KITEMBU/NTEMBU

(Comida Sagrada de Kitembu)

NOME DO PRATO: DIHANGUA NI KANJELE

Cozinhar uma abóbora vermelha, abri-la por cima e retirar ramas e sementes.

Recheá-la com camarões secos cozidos em água temperada com folhas de louro, hortelã e coentro. Depois refogar em azeite de dendê juntamente com castanhas de caju, amendoim, cebola batida e um pouco de vinho tinto.

Servir em vasilha de barro, forrada com folhas de mamona branca e cipó chumbo.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA ANGORO

(Comida Sagrada de Angoro)

NOME DO PRATO: MBONZO

Cozinhar batatas doce em rodelas não muito finas, temperando durante o cozimento com canela em casca, cravos e uma pitada de pimenta da costa em pó e pó de aridan.

Escorrer e seca-las bem, depois fritar as rodelas de batatas doce em azeite de dendê e servi-las em travessa de barro ou em uma cabaça cortada ao meio, forrada com folhas de mamona branca ou guaco, podendo acrescentar ainda um pouco de melado de cana.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA ZUMBÁ

(Comida Sagrada de Zumbá)

NOME DO PRATO: DOVLÓ

Prato feito com feijão fradinho cozido em água e sal, temperado com folhas de salsa e funcho. Depois retirar as peles dos feijões, os mesmos serão refogados com azeite de dendê e camarões, acrescenta-se carne cozida de peixe de água doce.

São colocadas pequenas porções em folhas de taioba que depois serão recozidas em banho Maria.

Colocar em vasilha de barro forrada com folhas de taioba.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA NVUNJI

(Comida Sagrada de Nvunji)

NOME DO PRATO: KIVÚDIA

Prato feito com quiabos cortados ao longo em cruz, refogados com azeite de dendê, cebola, folhas de mostarda, camarões, água e sal. Depois de quase pronto, acrescenta-se amendoim e castanha de caju.

Servir em vasilha de barro forrada com folhas de laranjeira (muxi-mindéle).

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KAIANGO/MATAMBA

(Comida Sagrada de Kaiango/Matamba)

NOME DO PRATO: MAKANZÁ

Bolo feito com massa de feijão fradinho, cebola (lúmbua), farinha de camarão (kazeia makosa), sendo acrescentados camarões secos fritos no azeite de dendê (maji ndende) bem quente.

Depois de esfriar servir em vasilha de barro forrado com folha de banana.

NKUDIÁ NZAMBIRI IA DANDALUNDA/NDANDA

(Comida Sagrada de Dandalunda/Ndanda)

NOME DO PRATO: DIKENDE

Massa de feijão fradinho temperada com ervas aromáticas, cebola ralada, camarões secos e gengibre ralado.

Enrolar em folhas de bananeira e cozinhar ao vapor da água.

Servir em uma cabaça cortada ao meio e forrada com erva de Santa Maria (kixiriximba)

NKUDIÁ NZAMBIRI IA KUKUETO/KAITUMBA/SAMBA

(Comida Sagrada de Kukueto/Kaitumba/Samba)

NOME DO PRATO: KUBALUMUKA KAITUMBA

Prato com arroz cozido com cebola e camarões, temperado com azeite de dendê e coentro, tendo por cima uma tainha frita no azeite de dendê ou simplesmente cozida.

Servir em prato de barro forrado com folhas de colônia (kididi kiá utunge).

NKUDIÁ NZAMBIRI IA LEMBÁ DIANGANGA/LEMBÁ

(Comida Sagrada de Lembá Dianganga/Lembá)

NOME DO PRATO: MATETE

Prato feito com milho branco bem cozido em um chá forte de erva doce e canela em casca com leite de coco e açúcar, mexendo-se bem até formar uma massa consistente.

Enfeitar com coco ralado e servir em uma cabaça cortada ao meio forrada com folhas do algodoeiro (mujinha).

GOSTARIA DE FAZER UM COMENTÁRIO SOBRE AS COMIDAS SAGRADAS!

Algumas pessoas acham que quando ofertamos uma comida para uma determinada Divindade, seja Nkisi/Mukixi (Angola ou Kongo Angola–Bantu) ou Orisá (Nagô Yorubá–Ketu), essas Divindades vêm de alguma forma para saborearem essa comida. Na verdade é tudo uma questão energética.

A terra e a água são fontes de pura energia, para nós são as próprias Divindades..... são delas que vêm os alimentos, que também são energias.....essas energias (alimentos), são levados ao fogo (que também é um elemento energético).

Os alimentos em contato com o calor do fogo, juntamente com os temperos que são acrescentados, fazem com que ocorra uma fusão energética.

Essa energia exalada em forma de aroma (cheiro, odor) junto com as cantigas (Mimbu - plural de Muimbu) e as rezas (Jingolosi - plural de Ngolosi), que também são energias, que vêm em forma de pensamentos e palavras que saem para o espaço energético através da boca..... ligam o alimento ofertado com a Divindade à quem estamos agradando e agradecendo, fazendo com que

nossos pedidos se misturem à essas energias, que se propagam no universo energético, que fatalmente nos devolverá, em forma de êxitos.

Desde os tempos antigos e remoto ouvimos dizeres, sortilégios, bem feitos com nossas Ervas Sagradas, temos referências de muitas em nossas vidas atribuídas em tudo que passamos a Ingerir, digerir, sentir, tais sensações despertam diversas sensações, como Bem-estar, vibrações que passam por nossos músculos a cada sentido que se choca com nosso corpo físico, sim a Energia da Natureza, a Energia do Orisa, a energia do Mundo.

Existem diversas folhas com diversas finalidades e combinações, nomes e considerações dos nomes, fato que muito impressiona a quem as manipulam dentro de Asé. Temos que ter muitas consciência de como usá-las para que não sejamos pegos de surpresa por energias que são invocadas quando a maceramos, quando colocamos o sumo da Erva em contato com nosso corpo, quando a colhemos.

Ewé, assunto este muito diversificado, muito delicado porque cada nação traz seu ritual porém folha é para mesma finalidade, trazer energias boas e positivadas, tirar energias ruins e maléficas em muitos casos, trazer resposta de algo se é necessário para o individuo que a usa.

ISABA NZAMBIRI - FOLHAS SAGRADAS

A religião afro Bantu, com seus cultos aos Minkisi, faz uso em seus fundamentos das folhas e ervas sagradas provenientes da natureza viva e seu uso é de extrema importância em todos os seus rituais religiosos.

Postarei algumas folhas e ervas sagradas respectivas à cada Nkisi

FOLHA = KISABA.....plural – ISABA (Kimbundu)

FOLHA = EKAIA.....plural – MAKAIA (Kikongo)

ISABA NZAMBIRI IA PAMBU NJILA

(Folhas Sagradas de Pambu Njila)

BAVU KISASA = Palmatória do mato.

TUBIA = Cansação.

NZINGAPÉ = Folha do dendezeiro.

DULULU = Fedegoso macho.

ULUKAJI = Tamarindo.

MUKAJU = Cajueiro.

MUMANGA = Mangueira.

BAÍKI = MAMONA (Roxa).

XIKUKUNILA = Jaqueira.

MUXERI = Fruta-pão.

NKISI NKOSI

MUEKI RIZANGA = Cana do Brejo.

NDUKU NGULU = Bredo de Porco.

MUMANGA = Mangueira.

NGUMBA = Corana.

NZINGAPÉ = Folha do Dendezeiro.

MABAIÁ = Balieira.

Ó SINKÔSI = Espada de SÃO JORGE (redonda)

PÓKÓ NKOSI = Nativo Verde (Peregun).

NGOZU = São Gonçalino.

NKISI NGUZU// MUTAKALOMBO

UZINDUNGO = Erva do Oxossi

Ó SINKÔSI = Espada de São Jorge (redonda)

PÓKÓ NKOSI = Nativo verde (Peregun)

KAMUSOSO = Cipó chumbo

IANGU DIEMBE = Erva pombinha (quebra pedra)

MASÂNGO = Folha do milho

RIÉ = Folha de coqueiro

NKISI KATENDE

KAMUSOSO = Cipó chumbo

MUEKI RIZANGA = Cana do brejo

UZINGAPÉ = Folha do dendê

IFELI = Café

IANGU NJILA = Erva de passarinho

N’GAIM = Berdoeja

UZINDUNGO = Erva de Oxossi

NKISI NZAZI

BUBILO = Parasita

KIMGOMBÔ = Folha do Quiabo

DISU DIEMBÊ = Olho de pombo

KIRIMA = Cajazeira

TOLO = Arueira

OXI = Pinhão de praia

TUBIAXÓ = Coco de Maroto

LUNDO = Coité

NKISI KAVUNGU//NSUMBU

BUTANU = Cinco chagas

N’JILA = Erva de passarinho

DULULU = Fedegoso

BAMBI = Cordão de frade

M’BONGÔ = Alecrim

UZINGAPÉ = Folha do dendê

BAIKI MUNDELE = Mamona branca

ULUKAJI = Tamarindo

MUKAJÓ = Cajueiro

N’GAIM = Berdoeja

MUMUNIÊ = Umbaúba

NKISI HONGOLO

MUMANGA = Mangueira

XIKUKUNILA = Jaqueira

MUXERI = Fruta pão

KINEMAM = Canela de velho

DIRINA SANJI = Língua de galinha

MUKAJÓ = Cajueiro

NGUMBA = Corana.

NKISI ZUMBARANDÁ

MUMANGA = Mangueira

BUTANU = Sete Chagas

NGAIM = Berdoeja

DULULU-ATU = Fedegoso Fêmea

MUXERI = Fruta-pão

ULUKAJI = Tamarindo

MBONGÔ = Alecrim

LUNDO = Coité

MUMUNIÊ = Umbaúba

MUEU-KIA NKULU = Balaio de Velha

LUZENZESU-KIA NKULU = Canela de Velho

NKASI-MASIKA = Dama da Noite

KISANGA = Lágrimas de Nossa Senhora

NDAKA IA NJENDE = Língua de Vaca

KANDA IA NJENDE = Pata de Vaca

NKISI NVUNJI

MUXI-MINDÉLE = Laranjeira

KIANGU UIKI = Erva doce

DIKANDA MUNDELE = Palma Branca

UILALA = Flor de Maravilha

HÊA = Maracujá

KITARI = Marcela do Campo

KIRIMA = Cajazeira

NKULU SANJI = Capim Pé de Galinha

NKISI KAIANGO//MATAMBA

ITEI = Arnica

KITANDU = Samambaia do Mato

KIBUBILO = Parazita

TUBIAXÓ = Coco de Maroto

RITANGA = Folha da Abóbora

MAKASÁ = Catinga de Mulata

MAKANHA = Negra Mina

JIMBONGO = Fortuna

ILÚMBUA = Manjerona

KINGOMBÔ = Folha do Quiabo

* Também usa-se para essa Divindade, folhas de pitanga e erva de Santa Bárbara.

NKISI DANDALUNDA//NDANDA

BUDANDÁ = Samambaia de jardim

INSIÊ = Alfavaca de cobra

MAKO DANDÁ = Palma do lago

RIDUMBA = Alfavaca cheirosa

KITARI = Marcela do campo

TAMBUKA-KA = Manjericão miúdo

RISUMBA AVULU = Colônia

KUXIMA = Folha da costa (saião – macaça – oriri)

KIXIRIXIMBA = Erva de Santa Maria

UNKABU-MUTANGI = Brio de estudante

MUKOKOLO = Alcaparreira

KINSANGA = Lágrimas de Nossa Senhora

MUXI-MINDÉLE = Laranjeira

IANGU DIEMBE = Erva Pombinha (Quebra Pedra)

NKISI KUKUÊTO//KAITUMBÁ

KUXIMA = Folha da costa (saião)

ANGÔ = São João

RISUMBA AVULU = Colônia

TAMBUKAKA = Manjericão miúdo

NGEBIA = Folha do Rio

MULUNGU = Neve branca

DILONGA MASANA = Copo de leite

MAJENDE = Hortelã

UANDANDA IA FUTA = Véu de mimo

KAMUKETE = Cavalinha

MAMA PUENA = Mãe boa

JINSEBU KIAKALUNGA = Musgo marinho

NKISI LEMBÁ DIANGANGA//LEMBÁ

ANGO = São João

KITULA = Lírio cheiroso

KUXIMA = Folha da costa (saião)

TULULU = Tapete

TAMBUKA = Manjericão

RISUMBA AVULU = Colônia

RIALU = Folha da fortuna

KUAZA = Urtiga branca

MESU UA NZAMBI = Olhos de Deus

AUÓTE OU MUJINHA = Folha de algodão (algodoeiro)

INSIÊ = Alfavaca de cobra

*ALGUMAS FOLHAS USADAS PARA NVUMBI

Bananeira, mamona branca, urtiga branca, bambu, erva de passarinho e amora.

Abaixo aqui deixo alguns de meus conhecimentos em Ewé e que Ossanyin ouça sempre nossas Aduras (Rezas):

Nome Yorubá- Àbámodá

Nome científico - Bryophillum calcinum/ Kalanchoe pinnata

Nome popular- Folha da Fortuna, folha grossa, Milagre de São Joaquim

Considerações: Usadas em Cerimônias em Ilè Ifé, Terra de Ifá, para Obatalá e Yemowo conhecidas nas terras de Orisas como Erun odundun, Kantí-Kantí, Kóropòn segundo Pierre Verger.

Alguns de seus nomes tem significado importante, Àbámodá significa "o que vc deseja vc faz",mas caso necessária para outras atribuições como substituta do Odundun (Folha-da-Costa), deve ser chamada erú odundun cujo nome significa "Escravo de Odundun", é uma folha muito positiva e considerada de muito prestígios pelos adeptos, em suas folhas nascem brotos nas bordas cujas este representam sinal de prosperidade, fato esse de ser importante na composição do Àgbo.

No Brasil considerada do Orisa Sango por muitos Zeladores porém muitos a usam para os Orisas Funfun Como Osala e Ifá.

Uso medicinal- Diurético e sedativa, combate nevralgias, encefalias, dores de dente afecções das vias respiratórias, externamente contra doenças de pele, feridas. furúnculos, dermatoses em geral

Nome Yorubá-Ajobi,Ajobi Pupá, Ajobi oilé

Nome científico- Schinus therebenthifolius

Nome popular- Aroeira-comum, aroeira vermelha, pimenta do Peru

Considerações:

Encontradas em regiões nordeste sudeste e Sul, nos candomblés jeje-nagôs são usadas nos sacrifícios de animais quadrúpedes forrando-se o chão com ela, agrada muito o Orisa para o sacrifício. As Crenças enraizadas dizem que pela manha esta Ewé pertença a Ogun a tarde

pertença a Esu e ainda sirva para vestir Ossanyin. Seus galhos são utilizados para ebós e sacudimentos. uso na medicina: Anti-Reumático,sua resina serve para combater bronquites crônicas casca quando cozida, indicada contra feridas, tumores , inflamações em geral, corrimentos e diarréias.

Nome Yorubá-Ajobi Funfun, Ajobi jinjin

Nome Científico- Lithaea molleoides

Nome Popular-Aroeira branca, aroeira de fruto do mangue, aroeirinha.

Considerações:

Encontradas nos estados do nordeste ao sul principalmente, usada em sacudimentos, sendo considerada uma folha gún(quente), utilizadas em banho de descarrego porém seu uso é muito restrito pois não se deve levar esta folha a cabeça para banho. Em algumas casas é proibido seu uso pois dizem as crenças, que está folha desprende emanações perigosas a quem dela se aproxima necessitando uma cautela significativa para colhê-la, reações, como perturbações na pele e nos olhos,

Uso na medicina:

Excitante e diurética , o cozimento da casca serve para combater diarréias infecções das vias urinarias.....

Algumas informações tiradas do livro de Estudo Ewé Orisa de José Flávio Pessoa de Barros, conhecedor nato das folhas

Nome Yorubá- Akòko

Nome científico- Newboldia laevis Seem

Nome popular-Acoco

Considerações:

Origem África, considerada arvore abundante, provedora de Propriedade, assim diz as explicações no livro Ewé Orisa de José Flavio Pessoa de Barros, Atribuída ao Orisa Ossanyin e Ogun, esta Arvore na África acomoda em suas sombras assentamentos do Orisa Ogun onde seu culto é Extenso ,na cidade de Iré .

Também usada no culto aos Ancestrais goza de muito prestigio em nossa Religião.

Nome Yorubá- Amúnimúyè

Nome científico- Centratherum punctatum

Nome popular- Balainho de velho, perpétua

Considerações:

“Planta considerada misteriosa devida atribuição de seu nome cujo “significa “ apossa-de de uma pessoa e de sua Inteligência”, por isso usada na iniciação e no agbò de Orisa seu objetivo facilitar o transe do Iyawo que está pra nascer, porém esta folha detém este nome pela relação que tem com uma Lenda e que Ossanyin da um preparo para Ossossi beber, no qual depois caiu em um esquecimento profundo passando acima morar nas matas com Ossanyin. Ressalto que este preparo vai muitos outros ingredientes no entanto está Ewé seria considerada indispensável junto a outras.

Nome Yorubá- Apáòká

Nome científico- Artocarpus integrifolia

Nome popular- Jaqueira

Considerações:

No livro Ewé Orisa esta arvore de Origem Indiana medra em diversas regiões inclusive África e Brasil.

Apáòká significa Opa= cajado, cetro+ Oká= serpente africana, nome de uma entidade fito mórfica considerada a mãe de Ososssi, cultuada em uma Jaqueira.É uma arvore Sagrada, suas folhas são usadas para assentar Esú e em banhos para os filhos de Sango, porém seus frutos não devem ser consumidos por esses iniciados

Seu nome na África Tapónurin cita Verger. uso medicinal: Os caroços da Jaca assados ou cozidos são afrodisíacos, a folha é usada como estimulante, antidiarréico, antiasmático e expectorante.

Citação de Joje Flávio Pessoa de Barros.

Nome Yorubá- Étipónlá

Nome cientifica- Boerhaavia difussa L.

Nome popular- Erva Tostão, bredo de porco, pega pinto, tangaraca

Considerações:

Encontrada em todo território nacional atribuída a Sango e Oya goza de grande prestígio nos terreiros como planta "contrafeitiços", ao atribuí-la ao banho deve se ter cautela pois em demasia pode provocar reações alérgicas no corpo.reverenciada nos rituais de folha com korin (Ifá owó ifá omo, Ewé Étipónlá 'Bà Ifá orò' cujo significado diz:" Ifá é dinheiro, Ifá são filhos, a folha de Étipónlá é abençoada por Ifá " uso medicinal: combate afecções renais e das raízes desta Planta se faz um vinho que é diurético e regularizador das funções hepáticas.

Nome Yorubá- Ewé Ogbó

Nome cientifica- Periploca nigrescens

Nome popular- Cipó-de-leite, orelha de macaco, folha de leite, Rama de leite.

Considerações:

Planta trazida do continente africano pelo povo Nagôpara o Brasil, encontra-se em florestas sombreadas ou nos próprios terreiros de Candomblé.

Todos os iniciados podem usá-la sem restrição, porém seu dever que é tirar a consciência do filho de santo só é ativado quando combinados com outras folhas.

Dizem os mais velhos que a estória dos Orisas narra esta folha como a primeira a se liberada por Ossanyin quando se fez o Vento de Oya, passando a ser folha de Ossossi, porém em algumas outra nações ela é quista com folha principal de Osala, citação de minha pessoa.

Uso Medicinal: Tratar Epilepsia. Outros nomes que são atribuídos a ela são, Ogbó funun, Ogbó pupa, Asogbókan, Asóbomo e gbólogbòlo, cita Verger.

Nome Yorubá: Ewé Ojúùsajú

Nome cientifico: Petiveri Alliacea L.

Nome Popular: Guiné, guiné pipiu, erva-guiné, erva de alho.

Considerações:

Folha encontrada em todo território nacional, porém Verger diz que está Ewé foi levada do Brasil para Nigéria.

Usada para defumações e sacudimentos de pessoas e de casas cujo ação é contra Eguns e "Esus" negativos e em banhos para lavar fios de conta e até cabeça de filhos de santo, atribuída a Ossossi e a caboclos.

Na África usada por Babalawos para combater feitiços e obter respeito de "Yami" cita Verger.

Os filhos de Osala e Yemonja em cuba são proibidos de usar esta folha, pois é considerada Ewó em suas origens.

Uso medicinal:

Contra dores de cabeças, enxaquecas, nervosismo e falta de memória, porém em muita quantidade pode atingir as vistas chegando provocar até perda da visão pois é uma Ewé tóxica principalmente a Raiz.

A Tintura que se obtém desta Ewé tem uso externo em fricções no combate a paralisia em geral e reumatismo e a raiz usada contra dor de dente.

Salvo Professor José Flavio Pessoa de Barros

Nome Yorubá- Ewé Lárà Funfun

Nome cientifico- Ricinus communis L.

Nome popular- Mamona, Mamona Branca, mamoneira, Palma de Cristo.

Considerações:

De origem Africana que era encontrada no Antigo Egito. Ocorre com muita fartura em todo território nacional.

Folha com diversas finalidades nas festividades como Olubajé ritual de Obalwuayie, Sassanhe, Ebós etc...

Atribuída a Osala é uma folha muito usada pelos adeptos, sendo indispensável em alguns rituais.

Uso medicinal:

As folhas cozidas com sal podem aliviar o inchaço dos pés, e contra prisão de ventre uma vez que esta Ewé possui uma semente que paralelamente é absorvido dele o óleo de Rícino, é purgativo.

NKISI PAMBU NJILA - KIUÁ NGANA PAMBU NJILA! (VIVA O SENHOR DOS CAMINHOS!) - KIUÁ NJILA!

Falarei sobre o Nkisi/Mukixi Pambu Njila, não de raças ou qualidades, pois no culto e tradição religiosa dos povos Bantu, que é diferente da tradição dos povos Nagô Yorubá, não temos raças nem qualidades e sim Divindades (Mahamba) específicas, únicas e independentes, cada qual ocupando seu próprio caminho na natureza e também no universo.

Nossos Minkisi (Plural de Nkisi - Origem Kongo) e nossos Jinkisi (Plural de Mukixi - Origem Angola) em África Bantu, eram cultuados e ainda são em algumas poucas regiões africanas, de forma separada, cada Divindade é cultuada e adorada em sua própria tribo e ou região, não sendo cultuada mais que uma Divindade por aldeia, tribo, região ou comunidade.

Apesar de todas as Divindades pertencerem ao grande conjunto dos povos Bantu, (Panteão Bantu) as diferenças existem e foram mantidas aqui no Brasil, pois devemos saber que temos Divindades de origem Kongo (Nkisi - pl. Minkisi) e Divindades de origem Angola (Mukixi - pl. Jinkisi), que fazem parte do mesmo conjunto de povos e regiões denominados Bantu, porém existem diferenças nos nomes das Divindades, nas línguas e nos cultos!

Por vários fatores, o culto religioso as Divindades de origem Afro Bantu, tiveram mudanças em nosso país, pois aqui cultuamos em uma única casa (inzo) diversas Divindades, ou seja, Divindades que eram únicas e absolutas em suas tribos, hoje no Brasil, dividem uma mesma casa, um mesmo espaço físico com várias outras Divindades, e com isso, criamos aqui no Brasil, o que muitos chamam de "CLÃ" familiar...Divindades parecidas, porém diferentes, que possuem caminhos no universo e natureza com algumas semelhanças, passaram à ser cultuadas num mesmo espaço (tribo), formando assim, uma espécie de grupo familiar.

Darei um exemplo mais comum de Divindades semelhantes: Tauami, Ngunzu, Kabila, Mutalambo, Mutakalombo, Kongobila e outras.... São apenas Divindades parecidas, mas não iguais, que são cultuadas na mesma Ndanji (raiz), na mesma casa (Inzo) e também no mesmo "quarto", onde Divindades de origem Kongo, se misturam com Divindades de origem Ngola, mantendo o laço por pertencerem ao grande conjunto de tribos e povos Bantu (PANTEÃO BANTU).

Voltando à Divindade Pambu Njila, essa Hamba masculina da cultura Bantu, é comparada por muitos erroneamente, ao Orisá Esú dos povos Nagô/Yorubá.

O elemento de Pambu Njila é o fogo (Tubia), Nkisi/Mukixi que conhece todos os atalhos, todos os caminhos e está com seu filho em todos lugares que ele possa ir, pois não há portas fechadas para essa Divindade.

Esse Nkisi ou Mukixi/Mukisi, está ligado diretamente aos caminhos, estradas, fronteiras, ruas, vielas, becos, encruzilhadas, atalhos, subidas, descidas, enfim... essa Divindade está em todos os movimentos de ligação de ir e vir, de mudanças, novos rumos, recomeços e etc...

É o Senhor dos Caminos (Ngana Pambu Njila), tendo muita importância nos rumos que escolhemos para nossas vidas.

Ele é o intermediário entre os seres humanos e os outros Minkisi ou Jinkisi de nossas nações religiosas. Na língua KIMBUNDU, a palavra PAMBU, tem o significado de encruzilhada, atalho, fronteira e a palavra NJILA, significa caminho, estrada.

A encruzilhada para os nativos Bantu, possui sentidos mágicos, representa o centro do universo, onde a mesma retém grande força energética. A encruzilhada é a cruz dos povos Bantu, simbolizando vários caminhos, diversos sentidos, indo e vindo, ligando o Bantu à diversas escolhas e dando novas oportunidades na vida, através de novos caminhos.

Pambu Njila é, e sempre será o primeiro à ser louvado e homenageado. Ele come, bebe e recebe homenagens e louvações primeiro que qualquer outro Nkisi/Mukixi, pois é ele quem guarda (kanzenzu), a porta da casa (inzo) de Ngola ou Kongo Ngola e também tem a função de avisar as outras Divindades da cultura Bantu, que as cerimônias religiosas terão seu início.

Essas Divindades masculinas têm seus assentamentos (kuxikama/kunda) nas portas de entrada dos templos de Ngola e Kongo Ngola, para que justamente guardem, zelem e vejam todos que entram para o ritual de candomblé.

Sobre os colares (masanga) ritualísticos desse Nkisi ou Mukixi, normalmente usamos as cores vermelho e preto fosco, mas essas cores são oriundas de misturas entre culturas de nações diferentes que ocorreram aqui no Brasil, essa questão hoje se difere de raiz para raiz.

Em África Bantu, existem registros que a cor que simbolizava a Divindade Pambu Njila, era o cinza, mas existe grande dificuldade para encontrar missangas nessa tonalidade aqui no Brasil. Também é usado para esse Nkisi, o vermelho cristalizado e o branco transparente. Essas cores

simbolizam os opostos, sendo o vermelho, o fogo e o branco transparente, a água (mas essas questões sobre as cores que menciono, não são de costume e tradição aqui no Brasil).

Essa Divindade masculina, atua na musculatura, no tônus muscular, na potência e vigor do físico.

Espero que o relato acima possa ajudar a esclarecer sobre esse Nkisi ou Mukixi, tão confundido e mal interpretado por muitos aqui no Brasil, sendo até mesmo confundido erroneamente com a entidade Pomba Gira da Umbanda... Um verdadeiro absurdo, que devemos nos manter atentos as essas situações inventadas de formas inconcequentes.

NKISI NKOSI - LUNA KUBANGA MUETO - NKOSI Ê! = AQUELE QUE BRIGA (GUERREIA) POR NÓS!

NKOSI = LEÃO

Nkisi Nkosi, Divindade Bantu de origem Kongo, é comparado erroneamente ao Orisá Ogum dos Nagô Yorubá.

Nkosi =Leão - na língua kikongo dos povos Bakongo (plural de Kongo).

Divindade (Hamba) com seus campos de atuação na natureza e universo, ligados a agricultura, pastorear animais, as estradas e caminhos, no sentido de abrir, andar para frente, ir em frente e também é muito admirado e louvado por sua coragem, por defender seus filhos e os fracos e indefesos.

No culto e tradição religiosa dos povos Bantu, nossas Divindades são únicas e independentes, não existindo raças e nem qualidades, por isso temos Divindades ligadas às situações citadas acima (agricultura, pastorear, caminhos, coragem ....) cada uma ocupando seu espaço individual na natureza...

Nkosi....Aquele que guerreia (briga) por nós, por seus filhos, pois traz consigo a nobreza da defesa, de defender os indefesos através de sua coragem!

Na língua Kimbundu (dos Angolanos), Divindade é chamada de Mukixi/Mukisi (plural - Jinkisi) e para os angolanos, a Divindade semelhante ao Nkisi Nkosi (dos Congoleses), é conhecida, chamada e cultuada, pelo nome de "Hoxi ou Hoji", que também significa "Leão" (do Kimbundu).

Hoxi ou Hoji, é conhecido em África Bantu pelos nativos Angolanos como " o leão devorador de almas".... Divindade temida por muitos nativos Angolanos!

No culto de origem Bantu, quando um filho (mona ou muana) é confirmado (Kundula) para o cargo de kambondo e recebe o nobre título de Tata Pokó (pai da faca) aqui no Brasil, e se sua cabeça (mutuê) pertencer à Nkosi ou Hoxi, DEPENDENDO DA RAIZ, ele realmente fará jus ao seu título, será uma referência na casa (inzo) à qual pertence, pois Nkosi ou Hoxi é o dono das armas de corte e ferramentas agrículas como: faca, facão, foice, enxada, pá, tesoura, punhal, navalha e etc...

Nas casas (jinzo) religiosas das nações Kongo Angola e/ou Angola, a casa (inzo) de Nkosi ou de Hoxi, onde se cultuam seus assentamentos (kuxikama/kunda), são exclusivas para eles, uma vez que esses Minkisi e/ou Jinkisi, não admitem dividir suas casas com outras Divindades!

O campo de atuação desse Nkisi ou Mukixi/Mukisi no corpo físico e na natureza humana é o plexo solar, nos desejos, emoções e raciocínio.

OBS: A forma de culto postada nesse texto muda de raiz para raiz, pois falo de uma forma geral dos cultos Bantu à essas Divindades, não separando por tradições das casas ou raizes em nosso país.

NKISI KATENDE - KIUÁ NGANA KATENDE.... KIUÁ

NKISI KATENDE.....KIUÁ NGANA KATENDE!

Katende (Ka = pequeno - Tende = lagarto - Pequeno Lagarto)...

Essa Divindade se assemelha em alguns aspectos com o Orisá Ossayn da cultura Nagô Yorubá, apesar dessa comparação ser equivocada!

Essa comparação surgiu aqui no Brasil e é feita por nossos próprios adeptos e por pessoas de outras culturas religiosas!

Os cultos de origem Bantu, sempre tiveram o costume e a tradição de serem muito fechados, sendo assim, a falta de conhecimento fez com que essa Divindade fosse tida como o senhor das folhas sagradas e comparada ao Orisá Ossayn dos Yorubá.

A Divindade responsalvel pelas folhas, plantas e ervas sagrada, pela manipulação e segredos das mesmas é outra, porém como disse acima, nosso culto é fechado e esse é um de nossos segredos!

O Nkisi Katende é o protetor dos animais das florestas, principalmente os de pequeno porte e também os répteis.

Essa Divindade dos povos Bantu, das nações Ngola e Kongo Ngola, tem grande importância para a fauna do planeta e também na proteção e manutenção dos animais selvagens das florestas.

Divindade do retiro, vive isolada de tudo e todos, bem no interior das matas e florestas, também é conhecido como a Divindade protetora dos jacarés.

Possui o poder absoluto sobre os repteis e aninais selvagens de pequeno porte das florestas, com isso, estabelece-se a germinação da mesma!

Esse Nkisi atua nos caminhos da saúde física e mental do ser humano.

NGUNZU//MUTAKALOMBO

Ngunzu e Mutakalombo, falaremos sobre essas duas Divindades e não de outras Divindades semelhantes, pois as Divindades do panteão Bantu, diferem-se dos Orisá (Orixás) Nagô/Yorubá. Nossos Minkisi/Jinkisi não possuem raças nem qualidades, são únicos e independentes..... Como já foi dito na primeira postagem sobre Pambu Njila, lá em África Bantu, nossas Divindades eram cultuadas e louvadas por regiões, cada tribo cultuava uma única Divindade..... aqui no Brasil, por necessidade, nossas Divindades passaram a ser cultuadas em uma unica casa (INZO) e assim grupos familiares de Divindades parecidas, acabaram surgindo, pois foi necessário o culto das mesmas em uma mesma casa, em um mesmo espaço físico.

Nesse grupo de Divindades semelhantes, existem Divindades que caçam em terra, que caçam em água, que pescam, que pastoreiam animais, que estão ligadas a agricultura, no plantio e também na colheita, assim sendo, são atribuidos a esses Deuses, o poder sobre ter ou não, os alimentos necessarios para o abastecimento das tribos..... são louvados e evocados para que a tribo sejá abençoada, com a fartura dos alimentos e também com a carne da caça!

Cada uma dessas Divindades são únicas.....Se diferem também em suas origens, pois temos Divindades oriundas do Kongo e outras Divindades oriundas de Ngola.

No caso da Hamba (Divindade) Ngunzu das tradições Bantu, essa Divindade é comparada em alguns aspectos ao Orisá Oxossi dos Nagô Yorubá -Ketu.

Por ser uma Divindade caçadora (Mukongo), abastece com fartura de carnes o povo de sua tribo.... "o mukongo (caçador) que se alimenta da própria Mutakalomba Xitu (carne de caça)".

Os nativos Bantu que tinham Ngunzu como seu Deus, antes de saírem para tentarem a sorte nas florestas em busca da caça, faziam louvações e ofertas a essa Divindade para que suas empreeitadas nas florestas fossem coroadas de êxito, e assim sendo poderiam abestecer toda tribo em abundância.

Mahamba (Divindades) que habitam as florestas (Nfinda) e montanhas (Mulundu)....

Divindades conhecidas entre os nativos Bantu, como os SENHORES DA ESCURIDÃO, pois seus reinos ficam no interior das densas florestas, onde, devido a intensa vegetação e árvores gigantescas, os raios do sol não penetram.

Divindade hábil/astuto (Uarimuka). Quando toma seu filho em possessão, sua mukini (dança - bailado) se dá a impressão que está em plena caça.

Ngunzu e Mutakalombo, estão ligados a força dos caçadores e caça, para a subsistência através da alimentação dos povos Bantu, através da carne.

Divindade que atua na base da espinha, é nela que se situa a parte do equilíbrio.

NKISI NZAZI - A KU MENEKENE USOBA NZAZI! (SALVE O REI DOS RAIOS!) - NZAZI Ê A!

NKISI NZÁZI (O SENHOR DOS RAIOS)

Seu nome se origina da palavra Nzaji, que quer dizer raio, razão pela qual essa Divindade está associada ao fogo, bem como intimamente ligada aos trovões, raios e as pedras segmentadas formadas pelo choque causado pelas descargas elétricas naturais, ao tocarem o solo.

O Nkisi Nzazi se assemelha em alguns aspectos, com o Orisá Xangô, dos Nagôs.

Ainda dentro das idéias religiosas Afro Bantu, quando em uma aldeia uma casa é atingida por um raio, a família é banida da comunidade, pois acreditam que tal fato ocorreu devido à erros graves cometidos por aquelas pessoas.

Também é atribuída à essa Hamba (Divindade) o sentido da justiça, de modo à punir severamente os falsos, traidores e criminosos, muitas vezes até com a morte.

Esse Nkisi atua com ênfase no mundo psíquico dos seres humanos.

NKISI KAVUNGU - NGANA KAVUNGU MATEBA KUKALA KUIZA! PEMBELE KAVUNGU - O SENHOR DOS MISTÉRIOS ESTÁ CHEGANDO! EU TE SAÚDO KAVUNGU!

NKISI KAVUNGU / NSUMBU

Divindade (Hamba) considerada o Deus da terra entre os povos de origem Ngola/Kongo!

Tradução da palavra Kavungu = Mistérios.

Ngana Kia Kavungu (Senhor dos Mistérios).

Essa Divindade dos povos bantu, se assemelha em alguns aspectos com o Orisá Obaluwayê/Omolu dos Nagô Yorubá.

Nkisi ligado aos tubérculos (raízes comestíveis) e aos cereais, razão pela qual também recebe o título de Nsumbu (Grande Senhor da Terra), devido sua importância perante a comunidade, tendo ainda sobre seu domínio muitas folhas comestíveis.

Esta Divindade está intimamente relacionada com os processos das epidemias, segundo conceitos Bantu, entretanto, também está sob seus domínios a cura para estes males, atuando como um verdadeiro médico (Kimbanda, Musaki, Ndongixi).

Recebe nomes que se diferenciam de uma região para outra, como: Malaizo, Kaviundeme, Ndunda, Kinkongo, Kaviungu e outros.

Muitas pessoas entendem esse Nkisi como disseminador de doenças, tanto endêmicas como epidêmicas, tendo o poder de quando corretamente evocado de saná-las, age também interferindo positiva ou negativamente nas doenças da pele e dos ossos e nas emanações do corpo físico como morbidez, dores e outros males como a varíola, catapora, sarampo, sendo que muito de suas ervas sagradas atuam nas curas destes males.

Manifesta-se diretamente no baço e atua sobre os ossos dos seres humanos.

NKISI KITEMBU/NTEMBU.... NZARIA KITEMBU - KITEMBU IO! (GLÓRIA KITEMBU - KITEMBU DO TEMPO!)

A palavra Kitembu ou Ntembu pode ser traduzida como VENTO, por este motivo a Divindade que recebe este nome está diretamente ligada às mudanças climáticas, portanto o título de TATA NZARIA (Pai dos Climas).

Esta Hamba também é conhecida em algumas regiões de língua Kimbundu pelo nome de ABANGANGA, APANAGANGA, MAVULU, MAVUNGU, NZALÚ, SANGOLE, assim como em regiões do Kongo recebe nomes como MPEVELU, MPEMO, LUVEVUMUKU, MUELA.

Segundo os povos de línguas Kimbundu, essa Divindade está ligada ao cultivo de inúmeras plantações, proporcionando condições favoráveis para a semeadura e colheita.

Age influenciando nas direções dos ventos, nas marés, no controle das chuvas, nas mudanças climáticas, em especial nas abruptas, de modo que os plantios são sempre feitos após consultar essa Divindade, que de certo modo atua na subsistência alimentar tribal, razão pela qual muitos aqui no Brasil, lhe atribuem erroneamente o nobre títulos de Rei da Mbutu (nação) Ngolo/Kongo.

É a Divindade da vida, do crescimento e da evolução.

Kitembu/Ntembu é o grande pai dos povos Bantu, é homenageado em todas as Jinzo (casas) das nações Ngola e Kongo Ngola, com um mastro bem alto, com uma bandeira branca na ponta, simbolizando a Mpemba, que quando balança como o vento, indica a direção que os povos Bantu devem seguir. Nkisi/Mukixi CONSIDERADO O GRANDE PAI (TATA) e NÃO O REI (SOBÁ), como muitos no Brasil afirmam!

O Nkisi/Mukixi Kitembu atua sobre as funções digestivas e respiratórias dos seres humanos.

Segundo conceitos Bantu, essa Divindade rege as quatro estações do ano:

VERÃO.....NTEMBU MURUNGANGA

OUTONO.....NTEMBU APANANGA

INVERNO.....NTEMBU MAUÍLA

PRIMAVERA....NTEMBU MUÍLU

NKISI HONGOLO - É SIMBOLIZADO PELO ARCO-IRIS (HONGOLO) QUE REPRESENTA A SERPENTE SAGRADA DOS CÉUS - NGANA KALABASA - HONGOLO LE!

NKISI HONGOLO

Representa a serpente sagrada dos céus, que é simbolizada pelo arco-íris. A palavra Hongolo (Arco-íris) é oriunda do Kimbundu (língua Angolana) ou Nkongolo (arco-íris), oriundo do Kikongo, língua dos povos bakongo (plural de Kongo).

É comparado erroneamente por muitos, ao Orisá Osumaré dos Nagô Yorubá. Segundo conceitos Bantu, essa Hamba (Divindade) está diretamente ligada ao equilíbrio do próprio planeta, fazendo a ligação energética entre céu e terra.

Ainda nos dias atuais, as serpentes despertam medo e curiosidade entre as pessoas, por isso que, essa Divindade está cercada de mistérios e ocultismos entre os povos afros Bantu, razão que além de ser muito respeitada é fortemente cultuada.

Apesar de ser uma Divindade masculina, apresenta um sentido andrógeno, pois em um de seus caminhos de atuação no universo e na natureza, esse Nkisi/Mukixi comporta uma dualidade, que se consiste nos princípios macho e fêmea. Ndála (masculino) e Indalá (feminino) e auto procriação, de modo a agir por esses princípios no domínio da sexualidade e da perpetuação das espécies. Atua sobre o emocional dos seres humanos e domina predominantemente as partes sexuais masculinas.

NKISI ZUMBÁ - KIUÁ MAMA IXI KUZULA! (VIVA A MÃE DA TERRA MOLHADA!) - ZUMBÁ Ê, ZUMBÁ !

ZUMBÁ

Vista como a mais velha das divindades femininas, sendo reverenciada como KUKU UA MUHATU (AVÓ), o que é denotado no temperamento as vezes meio rabugento de suas filhas, embora, a grandeza do coração, humildade e responsabilidade, sejam inimitáveis.

Suas filhas às vezes apresentam um ar um tanto mórbido, que disfarça sua vitalidade e força interior, que mascarando certa lentidão, não deixa transparecer o alto domínio na execução de suas tarefas, que são realizadas com muito esmero.

Seus cultos se direcionam para lagos e lagoas de águas salobras e para suas respectivas flora e fauna.

Guardam os segredos da longevidade e das transformações de um modo geral.

Divindade que é comparada por muitos com o Orisá Nanã dos povos Nagô Yorubá.

Esse Nkisi tem grande atuação na defesa imunológica do corpo humano.

Uma de suas saudações: KIUÁ NENGUA IXI ONOKÁ DIZANGA, ZUMBÁ! (Salve velha senhora da terra molhada das lagoas, Zumbá!)

NKISI NVUNJI - NVUNJI KUKULA PAFUNDI - KIUÁ NVUNJI! (NVUNJI ESTÁ FELIZ - VIVA NVUNJI!)

NVUNJI

Divindade que apresenta um temperamento jovial, que traz um título de nobreza chamado de IZUJI TAMARAKÁ, que quer dizer ALEGRIA QUE VEM DO ALTO.

Sua principal função e trazer o reequilíbrio das funções vitais nos filhos após o ato de possessão de seu Nkisi/Mukisi, principalmente nos iniciados com menos de sete anos de obrigações.

Tem como seu principal elemento o AR.

Podem e devem ser iniciados com rituais de feitura na cabeça (KIMBA MUTUE) ou de confirmação (UNDU) das Makota (plural de Kota) e nos Tumbondu (plural de Kambondu), quando for o caso.

Possui forte influência sobre determinadas glândulas celebrais dos seres humanos.

SAUDAÇÃO: KIWÁ NVUNJI PAFUNJI MABASA, KIWÁ! (Salve Nvunji, felicidade dos gêmeos, salve!)

postado por tata kiretauã às 13:04 0 comentários links para esta postagem

NKISI KAIANGO//MATAMBA - KIUÁ MAMA MUKUA - ITA MATAMBA (VIVA MÃE GUERREIRA)

KAÍANGO//MATAMBA

Dentro dos cultos afro-bantu, em especial das nações Ngola/Kongo, essa HAMBA (Divindade) recebe na maioria das regiões onde tem seus cultos (MUSAMBU) a designação honorífica de MAM'ETU MUNJINDA, que quer dizer NOSSA MÃEZINHA DAS TEMPESTADES, em razão de estar implicitamente ligada aos fenômenos dos ventos ocasionados pelas grandes tempestades e durante as ocorrências destas fortes chuvas, há o surgimento dos relâmpagos que estão intrinsicamente associados ao NKISI TARIÁ NZAJI (PAI DOS RAIOS E TROVÕES - NZAZI), ainda nas regiões dos povos Bantu foi criado o LUSAMBU (MITO), da união entre estas duas importantes Divindades.

Realmente existe ligação, pois o campo de atuação desses Minkisi na divina natureza caminham juntos na atmosfera, ou seja o Nkisi Kaíango é a tempestade com seus ventos e a Divindade Nzazi, raios e trovões.

O Nkisi Kaíango em algumas regiões de língua Kikongo, também está associado aos Minkisi Nsumbu e Kavungu com forte ligação, pois Kaíango representa também o fogo das profundezas da terra, o fogo em brasa, larvas vulcânicas.

Essa Divindade tem para alguns povos de origem Bantu, o crédito de ter participação na criação do mundo, quando tudo era fogo em brasas e houve o resfriamento e a transformação para o estado sólido através dos ventos.

O Nkisi Kaíango tem semelhanças com o Orisá Iansã dos Nagô/Yorubá.

Essa Divindade age de maneira incisiva nas cordas vocais dos seres humanos.

Nos cultos Ngola/Kongo as Divindades são evocadas e reverenciadas com saudações próprias das línguas faladas nas regiões onde acontecem seus cultos, portanto, KAÍANGO tem sua KUIXANA (o mesmo que oriki dos povos Yorubá/Nagô), com referência as suas funções dentro do culto e desta forma é saudada e evocada com a seguinte expressão: KIUÁ NENGUA SIAVANJU, KIUÁ KAÍANGO, que exprime (SALVE A GRANDE SENHORA DOS VENTOS DA MORTE, SALVE KAÍANGO)

NKISI NDANDALUNDA - NENGUÁ MAZA MAZENZA - NDANDA Ê!

NDANDALUNDA//NDANDA

Divindade ligada as tartarugas e peixes de águas doces, representa o encontro das águas entre dois rios, o que muitas vezes causa o fenômeno chamado de POROROCA.

Ndandalunda em algumas regiões Bantu de língua Kikongo, é conhecida por ter forte ligação com a lua e sua influência no ser humano com suas fases (nova, cheia, crescente, minguante).

Essa Hambá (Divindade) tem algumas semelhanças com o Orisá Osún dos povos Yorubá.

Nas culturas religiosas dos povos Bantu, existem Divindades com características semelhantes, mas de procedências distintas, Congolesas e Angolanas.

O nome Ndanda se origina de uma raiz (DANDÁ DA COSTA), a palavra Ndanda, do Kimbundu significa "PLANTA DA QUAL SE FAZ ESTEIRA", seriam Divindades de origem Angolana da aldeia de Lunda, porém Divindades que atuam no mesmo campo da natureza, mas que são oriundas das terras do kongo, são chamadas de NDANDALUNDA.

O termo "Danda" na língua Kikongo, significa "Banhar".....

No culto Bantu, os Minkisi pertencem a um mesmo clã familiar, porém são distintos em seus campos de atuações e ao contrário do que muitos imaginam, Ndandalunda não representa toda água doce do planeta. Existem outras Divindades distintas do mesmo clã familiar, que correspondem a essa representação da natureza.

Ndandalunda exerce fortes influências nas gestações dos animais e dos humanos, apenas na fase de gestação, pois a procriação e fertilidade pertencem ao Nkisi Lembáriangangá (Lembá).

Suas filhas geralmente são pessoas de baixa estatura e perfeitas para ocuparem o cargo denominado de KOTA RIFULA, cozinheiras das comidas sagradas (Makuria Nzambiri) das Divindades, dentro das casas de culto Bantu.

Suas aparências gentis, frágeis, escondem uma forma metódica e explosiva em seus comportamentos quando provocadas.

NDANDALUNDA ..... Atua no equilíbrio das funções endócrinas dos seres humanos.

Uma de suas saudações: KIUÁ NENGUA KUABEKO AMANZI! (Salve a grande senhora que nos concede fartura das águas sagradas!)

DIVINDADE KUKUETU/KAITUMBÁ ..... MAMA KAITUMBÁ - KIUÁ NENGUÁ KIA JIMAZA! (OH MAMA KAITUMBÁ - VIVA SACERDOTIZA DAS ÁGUAS!)

KUKUETU

Divindade das grandes águas, isto é, dos mares e oceanos, tida segundo a visão afro Bantu como o útero materno, gerador de todas as espécies, inclusive a raça humana.

Exerce fortes influências sobre a fauna e flora marinhas.

Considerada uma grande mãe poderosa dos seres e de inúmeras outras Divindades, governando com sabedoria e soberania o seu vasto reino de águas salgadas, onde recebe ainda nomes como Kaitumbá, Kaiaiá e o nobre título de MAM'ETU MAZA MA MÚNGUA, que quer dizer: Nossa mãe da água salgada.

Essa Divindade Bantu é muito comparada erroneamente, ao Orisá Iemonjá dos povos Nagô Yorubá.

Suas filhas são empreendedoras, dinâmicas, belas e inteligentes, expandindo simpatia e amor sem discriminações a ricos ou pobres.

Essa Divindade atua de forma precisa na glândula pineal dos seres humanos.

Uma de suas saudações: KIUÁ KUKUETU, MAM'ETU IA MAZA MÚNGUA, KIUÁ!

(Salve Kukuetu, nossa mãezinha das águas salgadas, salve!)

LEMBÁ RIANGANGA - OU - DIANGANGA ..... NKISI LEMBA - KALA EPII ! SAKULA LEMBADILE - PEMBELE ! (QUIETOS ! AÍ VEM O SENHOR DA PAZ - EU TE SAÚDO !)

LEMBÁ DIANGANGA

A grande Divindade masculina do panteão afro Bantu, exprime a claridade emitida pela luz solar, estando o nascimento do sol diretamente ligado a vinda desta magnífica Divindade a terra, estando a mesma relacionada ao nascedouro da inteligência (KILUNJI) humana.

Essa Divindade Bantu é comparada por muitos ao Orisá Osalá dos povos Nagô Yorubá, comparação desnecessária, pois Lembá é um Nkisi/Mukixi de tradição, culto e adoração dos povos de origem Bantu e o Orisá Osalá é uma Divindade de culto e tradição dos povos Nagô Yorubá, portanto, Divindades diferentes, povos, línguas, costumes, fundamentos, rituais e cultos religiosos diferentes.

O campo de atuação de LEMBÁ no universo, está ligado também de forma direta, a procriação e a fertilidade.

Quando da ocasião dos recolhimentos para a realização das obrigações e rituais, suas rezas (ASAMBE) costumam ocorrer as 06:00 horas, hora do nascimento do sol que passa a iluminar o dia incidindo seus raios sobre o planeta.

Lembá é a divindade da claridade, da luz, o que se torna evidenciado na preferência de sua cor branca, representativa da pureza e da paz que transmite aos seus adeptos.

Senhor da grande sabedoria e dos domínios sobre as espécies, em especial, a raça humana.

Esse Nkisi/Mukixi atua diretamente sobre a glândula hipófise dos seres humanos.

SAUDAÇÃO: KALA EPI SAKULA UEMBU LEMBÁ DIANGANGA! MPEMBELE!

(Quietos aí vem o senhor da paz! Nós te saudamos!)

SABA NZAMBIRI - FOLHAS SAGRADAS

A religião afro Bantu, com seus cultos aos Minkisi, faz uso em seus fundamentos das folhas e ervas sagradas provenientes da natureza viva e seu uso é de extrema importância em todos os seus rituais religiosos.

Postarei algumas folhas e ervas sagradas respectivas à cada Nkisi

FOLHA = KISABA.....plural – ISABA (Kimbundu)

FOLHA = EKAIA.....plural – MAKAIA (Kikongo

ISABA NZAMBIRI IA PAMBU NJILA

(Folhas Sagradas de Pambu Njila)

BAVU KISASA = Palmatória do mato.

TUBIA = Cansação.

NZINGAPÉ = Folha do dendezeiro.

DULULU = Fedegoso macho.

ULUKAJI = Tamarindo.

MUKAJU = Cajueiro.

MUMANGA = Mangueira.

BAÍKI = MAMONA (Roxa).

XIKUKUNILA = Jaqueira.

MUXERI = Fruta-pão.

NKISI NKOSI

MUEKI RIZANGA = Cana do Brejo.

NDUKU NGULU = Bredo de Porco.

MUMANGA = Mangueira.

NGUMBA = Corana.

NZINGAPÉ = Folha do Dendezeiro.

MABAIÁ = Balieira.

Ó SINKÔSI = Espada de SÃO JORGE (redonda)

PÓKÓ NKOSI = Nativo Verde (Peregun).

NGOZU = São Gonçalino.

NKISI NGUZU// MUTAKALOMBO

UZINDUNGO = Erva do Oxossi

Ó SINKÔSI = Espada de São Jorge (redonda)

PÓKÓ NKOSI = Nativo verde (Peregun)

KAMUSOSO = Cipó chumbo

IANGU DIEMBE = Erva pombinha (quebra pedra)

MASÂNGO = Folha do milho

RIÉ = Folha de coqueir

NKISI KATENDE

KAMUSOSO = Cipó chumbo

MUEKI RIZANGA = Cana do brejo

UZINGAPÉ = Folha do dendê

IFELI = Café

IANGU NJILA = Erva de passarinho

N'GAIM = Berdoeja

UZINDUNGO = Erva de Oxossi

NKISI NZAZI

BUBILO = Parasita

KIMGOMBÔ = Folha do Quiabo

DISU DIEMBÊ = Olho de pombo

KIRIMA = Cajazeira

TOLO = Arueira

OXI = Pinhão de praia

TUBIAXÓ = Coco de Maroto

LUNDO = Coité

NKISI KAVUNGU//NSUMBU

BUTANU = Cinco chagas

N'JILA = Erva de passarinho

DULULU = Fedegoso

BAMBI = Cordão de frade

M'BONGÔ = Alecrim

UZINGAPÉ = Folha do dendê

BAIKI MUNDELE = Mamona branca

ULUKAJI = Tamarindo

MUKAJÓ = Cajueiro

N'GAIM = Berdoeja

MUMUNIÊ = Umbaúba

NKISI HONGOLO

MUMANGA = Mangueira

XIKUKUNILA = Jaqueira

MUXERI = Fruta pão

KINEMAM = Canela de velho

DIRINA SANJI = Língua de galinha

MUKAJÓ = Cajueiro

NGUMBA = Corana.

NKISI ZUMBARANDÁ

MUMANGA = Mangueira

BUTANU = Sete Chagas

NGAIM = Berdoeja

DULULU-ATU = Fedegoso Fêmea

MUXERI = Fruta-pão

ULUKAJI = Tamarindo

MBONGÔ = Alecrim

LUNDO = Coité

MUMUNIÊ = Umbaúba

MUEU-KIA NKULU = Balaio de Velha

LUZENZESU-KIA NKULU = Canela de Velho

NKASI-MASIKA = Dama da Noite

KISANGA = Lágrimas de Nossa Senhora

NDAKA IA NJENDE = Língua de Vaca

KANDA IA NJENDE = Pata de Vaca

NKISI NVUNJI

MUXI-MINDÉLE = Laranjeira

KIANGU UIKI = Erva doce

DIKANDA MUNDELE = Palma Branca

UILALA = Flor de Maravilha

HÊA = Maracujá

KITARI = Marcela do Campo

KIRIMA = Cajazeira

NKULU SANJI = Capim Pé de Galinha

NKISI KAIANGO//MATAMBA

ITEI = Arnica

KITANDU = Samambaia do Mato

KIBUBILO = Parazita

TUBIAXÓ = Coco de Maroto

RITANGA = Folha da Abóbora

MAKASÁ = Catinga de Mulata

MAKANHA = Negra Mina

JIMBONGO = Fortuna

ILÚMBUA = Manjerona

KINGOMBÔ = Folha do Quiabo

* Também usa-se para essa Divindade, folhas de pitanga e erva de Santa Bárbara.

NKISI DANDALUNDA//NDANDA

BUDANDÁ = Samambaia de jardim

INSIÊ = Alfavaca de cobra

MAKO DANDÁ = Palma do lago

RIDUMBA = Alfavaca cheirosa

KITARI = Marcela do campo

TAMBUKA-KA = Manjericão miúdo

RISUMBA AVULU = Colônia

KUXIMA = Folha da costa (saião – macaça – oriri)

KIXIRIXIMBA = Erva de Santa Maria

UNKABU-MUTANGI = Brio de estudante

MUKOKOLO = Alcaparreira

KINSANGA = Lágrimas de Nossa Senhora

MUXI-MINDÉLE = Laranjeira

IANGU DIEMBE = Erva Pombinha (Quebra Pedra)

NKISI KUKUÊTO//KAITUMBÁ

KUXIMA = Folha da costa (saião)

ANGÔ = São João

RISUMBA AVULU = Colônia

TAMBUKAKA = Manjericão miúdo

NGEBIA = Folha do Rio

MULUNGU = Neve branca

DILONGA MASANA = Copo de leite

MAJENDE = Hortelã

UANDANDA IA FUTA = Véu de mimo

KAMUKETE = Cavalinha

MAMA PUENA = Mãe boa

JINSEBU KIAKALUNGA = Musgo marinho

NKISI LEMBÁ DIANGANGA//LEMBÁ

ANGO = São João

KITULA = Lírio cheiroso

KUXIMA = Folha da costa (saião)

TULULU = Tapete

TAMBUKA = Manjericão

RISUMBA AVULU = Colônia

RIALU = Folha da fortuna

KUAZA = Urtiga branca

MESU UA NZAMBI = Olhos de Deus

AUÓTE OU MUJINHA = Folha de algodão (algodoeiro)

INSIÊ = Alfavaca de cobra

*ALGUMAS FOLHAS USADAS PARA NVUMBI

Bananeira, mamona branca, urtiga branca, bambu, erva de passarinho e amora.

Odu Ifa

DIZ-SE QUE, NOS PRIMÓRDIOS DOS TEMPOS, NÃO EXISTIA SEPARAÇÃO ENTRE O CÉU E A TERRA (ORUM-AIYÉ) E QUE HAVIA UMA CONVIVÊNCIA ÍNTIMA ENTRE OS ORIXÁS E OS SERES HUMANOS; TODOS PODIAM IR AO ÓRUM E VOLTAR QUANDO DESEJASSEM. PORÉM UM CERTO DIA, O HOMEM DESONROU SEU COMPROMISSO COM ÓLORUM, PECOU CONTRA O SUPREMO AO TOCAR O QUE NÃO PODIA SER TOCADO. E ASSIM, O MESMO DIVIDIU O CÉU E A TERRA. O PRIVILÉGIO DA LIVRE COMUNICAÇÃO DESAPARECEU EM TROCA DAS DIFERENTES FORMAS ORACULARES ESTABELECIDAS E LEGADAS POR ORUNMILÁ.

Odús (signos de Ifá) são presságios, destinos, predestinação. Os odús são inteligências que participaram da criação do universo; cada pessoa traz um odú de origem e cada orixá é governado por um ou mais odús. Cada odú possui um nome e características próprias e dividem-se em "caminhos" denominados "ese" onde está atado a um sem-número de mitos conhecidos como itàn Ifá.

Os odús são os principais responsáveis pelos destinos dos homens e do mundo que os cerca.

Os orixás não mudam o destino da vida e sim executam suas funções dentro da natureza liberando energia para que todos possam dela se energizar e encontrar seu caminho,

O odú é o caminho, a existência do destino o qual o orixá e todos os seres estão inseridos.

Alguém já escutou a seguinte frase ?

-com o destino não se brinca...

-sua vida esta escrita...

-seu destino já estava escrito...

E muitas outras frases populares que refere-se a odú.

Cada pessoa pode ir de encontro ou seguir um caminho alheio ao destino estabelecido, neste caso seu destino e sua conduta fogem as regras siderais (seguiu um caminho diferente dentro do estabelecido). Geralmente nestes casos, as mesmas tentem a sofrer decepções em sua vida em geral (amor, trabalho,família, saúde, mortes prematuras, etc) São nesses casos que a espiritualidade pode ajudar, porém tudo que é natural e de conformidade com o destino, não deve ser modificado.

Nós quando nascemos, somos regidos por um odú que representa nosso "destino" assim como o nosso caminho.

Através de ifá, podemos averiguar o porque das situações serem adversas as de sua vontade e se a mesma está em um caminho diferente ao destinado ou escolhido.

O destino das pessoas e tudo o que existe podem ser desvendados por meio da consulta a ifá, o oráculo, que se manifesta pelo jogo. Ifá tem seu culto específico e o mais alto cargo do culto de ifá é o de Olwo, título concebidos a alguns babalaôs. Ifá é o orixá da adivinhação e para tudo deve ser consultado. Existem alguns tipos de jogo utilizado por Babalorixás e Ialorixás que não são os mesmos métodos do opelé ifá (utilizado pelos babalaôs em consulta a Ifá), como o rosário de ifá, o jogo de búzios (meridilogun), etc.

No jogo de búzios (mais comum meridilogun) quem fala é exú, são dezesseis búzios que podem ser jogados também pelos babalorixás e yalorixás. A consulta a ifá é uma atividade exclusivamente masculina, mas as mulheres passaram a poder pegar nos búzios porque oxum fez um trato com exu, conseguindo dele permissão para jogar.

O jogo de opelé ifá baseia-se num sistema matemático, em que se estabelece 256 combinações resultantes dos 16 odús usados no jogo de búzios multiplicado por 16. Nada se faz sem que antes se consulte o oráculo, quanto mais séria a questão a ser resolvida, maior a responsabilidade da pessoa que faz o jogo.

Narram algumas lendas que ifá girou pelo mundo, deixando legados e ensinamentos a vários povos de como manter comunicação com os deuses no órun (céu), passando pelos árabes onde não foi aceito e vindo a se estabelecer definitivamente na áfrica, junto aos povos iorubás onde manteve seu legado ensinando aos sacerdotes como restabelecer a comunicação com seus antepassados. Assim, aperfeiçoando um dos mais avançados métodos de consulta existente.

OKARAN

Personalidade: São criativos, persistentes e de excelente memória. Possuem forte intuição, são maus gostam de ficar sós, possuem aparência descuidada, são egoístas e medrosos.

Tendem ao egoísmo e ao individualismo. RESPONDE ESU.

Era um pobre peregrino que vivia migrando. Permanecia em diversos lugares, mas, depois de fazer as plantações, mandavam embora, ficando os donos das terras com tudo o que ele tinha feito.

Por conselho de alguém, esse homem foi um dia a casa de um oluô, que lhe indicou um ebó (oferenda). tendo tudo preparado, partiu o homem para a grande mata fronteiriça e, lá chegando deu início ao serviço.

Mais tarde, ouvindo um barulho naquele lugar tão impenetrável, assustou-se. Era ogum, o dono dessa mata misteriosa. Chegando perto, ficou ogum espreitando o estranho, até que este, muito amedrontado, implorou misericórdia, perguntando a ogum se queria se servir de alguma coisa servida no ebó. Que falasse sem cerimônia, pois estava tudo a sua disposição.

Ogum aceitou tudo o que havia ali e ficou satisfeito. Perguntou, então, quem era tão perverso a ponto de mandar o peregrino para aquela paisagem impenetrável. O homem contou todos os percalços de sua vida.

Então, ogum, transfigurado, aterrorizante, bradou que ele pegasse o mariô e fosse marcar as casas dos seus amigos, pois ele, ogum, iria aquela cidade à noite destruir tudo o que lá se achasse. Iria arrasar todos os haveres lá existentes, até o solo.

Dito e feito...

Ogum acabou com tudo, exceto as casas e os lugares que tenha sido demarcados pelo homem com a colocação de mariô em cima das portas. Tudo o que havia de riqueza ali ogum deu para ele, tudo mesmo, conforme tinha prometido.

ÉJÌÒKÒ

Personalidade - são geniosos e exigentes. Impõem a sua vontade, por isso também adquirem muitos inimigos. São alegres e felizes porém quando nada lhes sai a contento, tornam-se sofredores. Possuem muito bom coração. São corajosos, briguentos, possuem iniciativa própria, são ambiciosos.

Responde Obaluaiye/Omulu

Dizem as histórias que havia diversos príncipes que disputavam o poder. Também havia outros fidalgos oriundos de diversas cidades. Entre estes, havia tela-okô, que era desprovido de todos os meios de subsistência.

E lá um dia, enquanto roçava, bem no lugar onde havia colocado o ebó que ele tinha feito conforme a maneira decretada, tela-okô bateu com a enxada num forno enorme, que se abriu, causando-lhe grande espanto. Chamou os companheiros que estavam mais afastados, dizendo que tinha afundado no buraco da riqueza.

Mas, em seguida, tendo ele reconhecido ser deveras um verdadeiro tesouro da fortuna o que encontrara, mudou repentinamente, dizendo que o que tinha encontrado era apenas um buraco cheio de orobôs, e que estes eram tão alvos que pareciam tratar-se de moedas.

Claro que através deste caminho de odú, entende-se que jamais devemos revelar de onde provem nossas riquezas e não o tanto o que temos, afim de evitar invejosos, perseguidores e ladrões.

ËTÀÒGÙNDÁ

Personalidade- são pessoas conscientes que sua forca de vontade é importante para o sucesso, persistência e coragem para tirar melhor proveito das situações, pessoas que usam muito a razão; em seu lado negativo, traz a mentira, falsidade, fingimento, avareza e falsa modéstia.
Responde Ogun

Dizem ter existido um senhor que, depois de ter estado muito bem, ficara num estado tão precário que, devido à extrema miséria em que se achava, viu-se forçado a procurar todos os meios para não pôs termo à própria existência.

Mas, tendo feito o que lhe determinaram fazer e tendo esperado a melhoria das suas coisas da vida sem ter algum resultado benéfico, foi-se para o mato com uma corda, a fim de se enforcar.

Foi quando, de súbito, viu um pobre leproso que estava pelejando para botar a água de um igbin (caramujo) na cabeça. O homem que estava prestes a cometer a ação de suicidar-se, com grande admiração e louvor, levantou as mãos para o céu, agradecendo a olorum (deus). Ele, que se julgava muito melhor do que aquele indigente leproso em semelhante estado de saúde, voltou para casa bastante satisfeito e confortado com o que vira.

Em pouco tempo, foi chamado para ocupar o trono de seu pai, que falecera. Nessa ocasião, não se esqueceu daquele leproso que estava ali abandonado. Assim que foi levado ao trono, mandou buscar o seu companheiro de infortúnio naquele mau dia. Assim, ficaram ambos bem...

ÌRÒSÙN

Personalidade: as pessoas deste odú pecam e sofrem por não guardarem segredo, exceto quando lhes é conveniente- são faladoras generosas e francas; orgulhosas e exaltadas. Gostam de ajudar o próximo, inclinam-se ao ocultismo e aos mistérios.

Responde Iyemoja

Em um certo tempo um homem que se achava em situação tão precária e em tal aperto, que não via de lado algum qualquer milagre que pudesse salvá-lo.

Ele resolveu ir até a casa de um oluô fazer o ebó (oferenda) indicado.

Feito tudo...lá se foi ele para um lugar reservado, acendeu o fogo, em seguida colocou as pimentas maduras no lume e pôs-se a receber fumaça nos olhos.

Em um dado momento, ia passando um príncipe reinante e herdeiro do trono. Observando aquela cena de sofrimento espontâneo, admirou-se do tal sujeito,que, no dizer dele, estava procurando o meio mais curto possível para pôr termo à existência. O príncipe, condoído com aquilo, o fez chegar aos seus pés e indagou dele o que havia ou o que queria dizer aquilo. Sem demora, o homem historiou a razão daquele ato de castigar a si próprio. Tratava-se de compromissos inadiáveis, que ele não podia cumprir. Disse o príncipe que, tendo pena dele, não consentiria tal cena. Também sem hesitação, o príncipe mandou-lhe uma verdadeira fortuna, com o qual o homem poderia viver toda a sua vida, sem o menor vexame.

ÒSÉ

Personalidade: as pessoas deste odú gostam de muito prazer; são pessoas bem influentes, charmosas, ambiciosas e perigosas, principalmente no amor. Só pensam em lucro, são precipitadas no agir; perdem grandes oportunidades por existirem inimigos ocultos que

impedem as vitórias. Tem o dom da feitiçaria. São aplicados no trabalho. Sentimentais, amantes das descobertas e de experiências místicas e científica. São choronas e um pouco fanáticas.

Conta-se que um filho de orixalá que se chamava dinheiro, que se dizia ser tão poderoso que poderia dominar até mesmo a morte.

Responde Osun

Este, fez uma oferenda indicada pelo babalaô e saiu maquinando como poderia trazer preza a morte, conforme prometera diante de todos. Deitou-se na encruzilhada e as pessoas que passavam na estrada deparavam com um homem espichado no meio do caminho.

Diziam uns:

-Xi ! Está este homem esticado com a cabeça para a casa da morte, e os pés para a banda da moléstia e os lados do corpo para o lugar da desavença.

Ouvindo tais palavras dos transeuntes, levantou-se o homem e disse, então, com ironia:

-Já sei tudo o que era preciso conhecer. Estou com os meus planos já feitos.

E lá de foi ele direto para a fazenda da morte. Chegando no local, começou a bater os tambores fúnebres de que a dona da casa(sra. Morte) fazia uso quando queria matar as pessoas indicadas para morrer. Ela tinha uma rede preparada e, quando a morte aproximou-se, apressada , afim de saber quem estava tocando os seus tambores, o homem envolveu-se na rede e levou logo ao maioral orixalá.

Dizendo-lhe estas palavras:

Aqui está a morte que eu lhe prometi trazer em pessoa à vossa presença.

Orisalá, então lhe disse essas palavras:

-Vai-te embora com a morte e tudo de melhor e de pior que possa haver no mundo, pois tu és o causador de tudo o que há de bem e de mal. Some-te daqui e as levas embora e, então, poderão possuir tudo e conquistar o universo inteiro.

ÒBÀRÀ

Personalidade: pessoas com temperamento um tanto estourado, são de extrema sinceridade; são um pouco tagarelas com habito de contar tudo o que irá ser feito, evitando assim a concretização dos planos. Despertam antipatia e inveja das pessoas. São justas e tendem a possuir bens.

Responde Sango, Logunede, Ososi

Dizem que no principio do mundo, 15 dos 16 odus seguiram todos à casa do Oluwo, afim de procurar os meios que os fizessem mudar de sorte, mas nenhum deles fez o que foi determinado pelo Oluwo. Obará um dos dezesseis odus existentes,não se encontrava no grupo na ocasião em que os demais foram consultar o oluô. Sendo ele, porém, sabedor do ocorrido, apressou-se em

fazer o que o oluô determinara. E que os demais odús não fizeram por simples capricho da sorte. Obará com afinco fez o máximo que pode para conseguir seu desejo, dada a sua condição precária (de pobreza).

Como era de costume, os 15 odús de cinco em cinco dias iam à casa de Olofin, e nunca convidavam obará , por ser ele muito pobre, tanto que olhavam para ele sempre com menosprezo. Pois, então, foram a casa de olofim, jogaram e até altas horas do dia não acertaram o que queriam que Olofin adivinhasse e, com isso, acabou que todos eles se retiraram sem ter sido satisfeita sua curiosidade. Olofin, com desprezo, ofereceu uma abóbora a cada um deles, e eles, para não serem indelicados levaram consigo as abóboras ofertadas.

No caminho, porém, alguém se lembrou apontando para a casa de obará, de fazer ali uma parada, embora alguns fossem contra, dizendo que não adiantaria dar semelhante honra a obará, pois ele era um homem simples que nunca influía em nada.

Mas um deles, mais liberal, atreveu-se a cumprimentar obara-meji com estas palavras:

-Obará, bom dia ! Como vais de saúde? Será que hás de comer com estes companheiros de viajem?

Imediatamente respondeu ele que entrassem e se servissem da comida que quisessem. Dito isso, foram entrando todos, eles que já vinham com muita fome, pois estavam desde a manhã sem comer nada na casa de olofim.

A dona da casa foi ao mercado comprar carne para reforçar a comida que tinha em casa e, em poucas horas, todos almoçaram à vontade. Depois, obará convidou todos para que se deitasse para uma madorna, pois estavam todos cansados e o sol estava ardente. Mais tarde, eles se despediram do colega e lhe disseram:

-Fica com estas abóboras para ti . E lá se foram satisfeitos com a gentileza e a delicadeza do colega pobre e, até então, sem valia.

Mais tarde, quando Obará procurou por comida, sua mulher o censurou por sua fraqueza e liberalidade, dizendo que ele tinha querido mostrar ter o que não tinha, agradando a eles que nunca olharam para ele, e nunca ligaram nem deram importância ao colega.

Porém as palavras de obará eram simples e decisivas.

-Eu não faço mais do que ser delicado aos meus pares, estou cumprindo ordens e sei que fazendo estes obséquios, virá à nossa casa prosperidade instantânea.

Finda explicação, Obará pegou uma faca e cortou uma abóbora, surpreendendo-se com a quantidade de ouro e pedras preciosas que havia dentro dela. Surpreso, e com muita felicidade, viu que em uma abóbora havia lhe dado o título de odú mais rico, porém logo percebeu que havia mais outras 14 abóboras a serem abertas e em cada uma delas havia outras riquezas em igual quantidade.

Obará comprou tudo que precisava, palácio e até cavalos de várias cores.

Daí que estava marcado o dia para todos os odús irem novamente à conferencia no palácio de olófim, como era de costume, já muito cedo, achavam-se todos no palácio, cada um no seu posto junto a olofim.

Quando obará veio vindo de sua casa com uma multidão que o acompanhava, até mesmo os músicos de uma enorme charanga. Enfim, todos numa alegria sem par. De vez em quando, obará mudava de um cavalo para outro em sinal à nobreza.

Os invejosos começaram a tremer e esbravejar, chamando a atenção de olofim que indagou o que era aquilo. Foi então que lhe informaram que era obará. Então perguntou olofim aos demais odús o que tinham feito com as abóboras que presenteara a eles. Responderam todos que haviam jogado no quintal de obará. Disse então olofim que a sorte estava destinada a ser do rico e próspero obará. O mais rico de todos os odús.

ÒDÍ

Personalidade: são pessoas comunicativas e fácil amizade, são sempre traídos por amigos, são sentimentais, tem forte poder intuitivo e psíquico. Quando espiritualizadas atingem posição de destaque na vida. Fora isso levam a vida em duras penas, tendo dificuldade de conviver com os impulsos. São desconfiados e ciumentos, possuem sorte para o jogo. Gostam de adivinhar ...

Responde Esu e Omulu, Osala

Conta-se a história de um homem que era escravo e um dia se viu abraçado em um eminente perigo. Este homem foi amarrado por dele terem dito que cometera um crime. Segundo as leis daquela terra, botou o homem num caixão grande todo pregado e deitaram a caixa rio abaixo. Por uma dessas coincidências que sempre acontecem no destino* das criaturas, a correnteza lançou o caixão na praia duma cidade cujo o rei estava morto e enterrado, e onde os súditos ainda estavam guardando luto.

Acontece que ali havia muitos príncipes com direito a sucessão imediata, mas sobre todos pesava alguma grave acusação, de forma que não se sabia como haviam de decidir o complicadíssimo problema da sucessão do rei morto, como nunca acontecera na história do dito povo. Depois de muito cogitar do assunto, foi decidido que marcassem um prazo para surgisse uma pessoa estranha àquela nação que assumiria o governo e seria o rei daquela terra daí em diante.

Dito e feito, esse homem, que tinha antes do cativeiro feito uma oferenda que o babalaô determinaram, veio ele se esbarrar, dentro do caixão, na praia de ibim, onde o acolheram e imediatamente o elegeram rei daquele povo. Assim ficou ele sendo o venturoso rei de uma nação. Onde só o destino (odú) poderia dar tamanha sorte.

EJONILÊ

Personalidade: são pessoas trabalhadoras, gostam de tudo rápido, exige anseio, limpeza; pessoas impulsivas; pessoas de espírito livre; enjoam de tudo facilmente; paixões violentas, são curiosos, adoram viajar. Responde Osala, Ososi

Naquele tempo, mandaram todas as árvores fazerem oferendas a olorum (deus), mas nenhuma deu importância ao conselho. Somente a cajazeira fez a oferenda. Daí por diante, todas as árvores morreram sem delongas quando estavam deitadas, exceto a cajazeira, que mesmo deitada, caída ao chão, sempre grela e renasce.

ÒSÁ

Personalidade: são pessoas autoritárias, teimosas, brigonas; tendem a ter discórdias e rancores, possuem boas intuições e são voltados a grandes projetos de realização pessoal. São daquelas pessoas que só acreditam vendo, porém quando acreditam possuem forte tendência a lidar com o espiritual, são muito críticos metódicos e individualistas. Osala protege muito os seus filhos. Respondem - Iyami Osoronga, Osun, Oya e Iyemoja

Conta-se que no princípio mandaram orumilá fazer uma oferenda citada, porém, ele não o fez. Orisanla, sim, fez tudo conforme havia sido determinado. Num certo dia, veio muita gente que fugia apavorada, mas o chefe e maioral do lugar como deveriam ser, recebeu todos e os salvou das perseguições e eles, em gratidão, entregaram-lhe tudo de valor que cada um trazia consigo, assim Orisanla ficou muito próspero no devido tempo. Ou quando chegara sua vez de ter tal fortuna.

ÒFÚN

Personalidade: são pessoas importantes com grandes sensos comunitários e de profundo saber prático, experientes, rancorosos, teimosos, vingativos, com senso de justiça muito imparcial, tendem obter sucesso após meia idade, são envelhecidos internamente, aparentam possuir muita calma e paciência.

O sucesso material depende do sucesso espiritual. Responde Osala (todos)

Um dia foi marcado uma reunião entre todos os orixás, cada um tratou de realizar as oferendas especificas afim que tudo transcorresse muito bem, orixalá tratou logo de preparar a sua. Findando a feitura da oferenda, entregaram a orixalá panos brancos para ele fazer um vestuário e penas de papagaio da costa para ele colocar em sua cabeça. Assim feito tudo, chegou o dia da grande reunião em que todos os orixás se apresentaram.

Orisanla (Osala) apareceu de uma forma tão maravilhosa em suas vestes novas, como se fosse iluminado pelos raios do sol. Assim, todos foram se curvando diante de tamanho brilho da aurora nascente, juraram fidelidade e lhe deram tudo o que possuíam, com a palavra de o adorarem para sempre...

ÒWÓRIN

“Personalidade: são pessoas de certa forma ‘perigosas”, obstinados por sucesso, felizes quando buscam profissões liberais que atuam junto ao público. Possuem muita energia, disposição; estão em constante movimento, agito. São muito nervosos. Possuem sorte na vida, porém são extremamente vingativos e defendem-se atacando. Responde Egungun (Egun), Oya.

Em certo dia, uma mulher muito fiel a Orisa fora numa fonte lavar roupa levando consigo sua criancinha. Lá havia outra mulher invejosa que, vendo que ela estava distraída com a sua ocupação, tentou lançar a criancinha da outra numa bacia d'água. Mas outra mulher ainda, ouvindo o chorinho da criança, correu para ali e a tirou de dentro d'água, salvando-a do perigo, antes mesmo de sua mãe se der conta. Do horror que acontecia.

Assim se vê o ponto onde uma pessoa má pode chegar... E também o quanto podemos contar com a ajuda e proteção através de oferendas específicas.

EJÍLÀSEGBORA

Personalidade: são pessoas barulhentas, intrigantes, gostam de intrigas, orgulhosas, vaidosas ao extremo, prepotentes, autoritários, volúveis e sovinas.

Gostam de manipular as pessoas e as situações. Possuem forte tendência a obter altas posições na sociedade, possuem tendências a vícios, difícil de arrepender de suas atitudes, a vitória faz parte de sua vida, venha como vier. Porém também não estão livres do fracasso, pois assim como se sobe, também se pode descer.

RESPONDE SÀNGÓ

EJÍOLOGBÓN

PERSONALIDADE: são teimosos, rancorosos, humildes, impacientes, zelosos, dóceis, conservadores. Possuem difícil trato, são bastante introspectivos. Em geral são pessoas com temperamento e aparência de pessoas masi velhas.

Tem pavor da morte. Aparentam possuir uma felicidade que na verdade inexiste.

RESPONDE NANAN E PROBLEMAS COM ANCESTRALIDADE ACENTUADAS

ÌKA

Personalidade: Fazem boas amizades, são desconfiados, traiçoeiros. Possuem muita sorte relacionada ao dinheiro. São muito ativas, estão sempre em movimento (ação).

São pessoas equilibradas, preocupam-se com o bem estar de outrem, possuem muita liderança e facilidade de aprendizado, portanto adoram aprender e a ler (inteligentes)

Responde Osumare

OBÈÒGÙNDÁ

Personalidade: são pessoas com grandes dificuldades em relacionamentos amorosos, levam vida agitada, são batalhadoras; possuem personalidade forte e exigente. São muitas vezes incompreendidas e vingativas.

Também são muito trabalhadoras e portanto são favorecidas nos negócios, (com pouco lucro, sucesso) mas com muita luta tendem a vencer.

Responde Osun, Ogun e Oba.

ALÁFIA

NÃO POSSUI REGÊNCIA DE ORISA DEFINIDA. PORTANTO NÃO PODE SER ASSOCIADO A NENHUM ORISA.

SÃO PESSOAS QUE ALCANÇAM TRIUNFO EM TUDO, LUCROS, HERANÇAS, VIAGENS, FELICIDADE, BOAS PROPOSTAS.

SÃO PESSOAS QUE SEMPRE PRECISAM DE ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL.

QUALIDADE DE ORIXÁS

“Sobre as Qualidades de Orixas”

Existe sem duvida no Brasil uma questão muito polêmica sobre as multiplicidades dos orisas chamada por todos de qualidade de orisa

Para melhor entendimento é que na África não há qualidade de orisa; ou seja, em cada região cultua-se um determinado orisa que é considerado ancestral dessa região e, alguns orisas por sua importância acabam sendo conhecido em vários lugares como é o caso de Sàngó, Orumila, etc.

É de se saber que Esu é cultuado em todo território africano, da forma que Osun da cidade de Osogbo é Osun Osogbo, da região de Iponda é a Osun de Iponda, Ogún da região de Ire é Ogún de Ire (Onire: chefe de ire), do estado de Ondo é Ogún de Ondo,etc. Na época do tráfico de escravos veio para o Brasil diversas etnias

Ijesas, Oyos, Ibos, Ketus,etc e cada qual trouxe seus costumes juntos com seus orisas digamos particulares, e após a mistura dessas tribos e troca de informações entre eles cada sacerdote ou quem entendia de um determinado orisa trocaram fundamentos e a partir daí surgem todos esses aspectos, e essa quantidade de orisa presente aqui no Brasil, sendo que o orisa é o mesmo com origens diferenciadas.

É claro que por ter origens diferenciadas seus cultos possuem particularidades religiosas e até mesmo culturais por exemplo Oyá Petu tem seus fundamentos assim como Oyá Tope terá o seu, isso nada mais é, que uma passagem do mesmo orisa por diversos lugares e cada povo passou a cultuá-lo de acordo com seus próprios costumes. Um exemplo mais nítido é que aqui fazemos muitos pratos para Osun com feijão fradinho, entretanto num determinado país nãohá esse feijão portanto foi substituído por um grão semelhante e assim puderam continuar com o culto a Osun sem a preocupação de importar o feijão fradinho.

Outro exemplo de orisa transformado em qualidade no Brasil é Osun kare, Kare é uma louvação à Osun quando se diz: Kare o Osun! A palavra kare também é uma espécie de bairro na África, logo Osun cultuada em kare é Osun kare, e por vai surgindo desordenadamente essa quantidade de orisa aqui no Brasil. Imagine um rio que atravessa todos territórios Nigerianos e em suas margens diversos etnias que num determinado local algumas pessoas diria que ali é a morada de Osun Ijimu (cidade de Ijumu na região dos Ijesa), mais para frente em Iponda diria aqui é a

morada de Osun Iponda, mais para frente, em Ede esse rio terá o culto de Ologun Ede, o chefe de guerra de Ede segundo sua mitologia, e serão diversos orisas cultuados num mesmo rio por diversas etnias com pequenas particularidades. Isso acontece com todos orisas e suas mitologias fazem alusão a essas passagens e constantes peregrinação de seus sacerdotes quer por viajens comercias ou por guerras intertribais sempre espalharam seus orisas em outras regiões.

Outro fato interessante é títulos que algumas divindades possuem e foram transformadas em qualidades, por exemplo, Ossosi akeran, akeran é um titulo de um determinado caçador (ancestral) com isso vamos à próxima edição analisar esses fatos e informar todas as qualidades de orisa da nação keto que o sacerdote pode ou não mexer de acordo com o conhecimento de cada um, pois o nosso dever é informar sem a pretensão de nunca ser o dono da verdade Na próxima edição vamos diferenciar, títulos de nomes de cidades, nomes tirados de cânticos que as pessoas insistem em dizer que é qualidade de orisa.

Sobre a multiplicidade dos orisa.

Vamos separar a qualidade como é chamada no Brasil (em Cuba chama-se caminhos), dos títulos e de nomes tirados de cantigas como insistem pseudo sacerdotes. Já sabemos que os orisa são venerados com outros nomes em regiões diferentes como: Iroko (Yoruba), Loko (Gege), Sango (Oyo), Oranfe (Ife), isso torna o culto diferente. Temos também o segundo nome designando seu lugar de origem como Ogun Onire (Ire), Osun Kare (Kare),etc, também temos os orisa com outros nomes referentes as suas realizações como Ogun Mejeje refere-se as lutas contra as 7 cidades antes dele invadir Ire, Iya Ori a versão de Iyemanja como dona das cabeças, etc. Há portanto uma caracterização variada das principais divindades, ou seja, uma mesma divindade com vários nomes e, é isso que multiplica os orisas aqui no Brasil.

Vamos começar com Esu o primogênito orisa criado por Olorun de matéria do planeta segundo sua mitologia, ele possui a função de executor, observador, mensageiro, líder, etc. Alem dos nomes citados aqui que são epítetos e nomes de cidades onde há seu culto, ele será batizado com outros nomes no momento de seu assentamento, ritual especifico e odu do dia. Não será escrito na grafia Yoruba para melhor entendimento do leitor.

Oba Iangui: o primeiro, foi dividido em varias partes segundo seus mito.

Agba: o ancestral, epíteto referente a sua antiguidade.

Alaketu: cultuado na cidade de ketu onde foi o primeiro senhor de ketu.

Ikoto: faz referencia ao elemento ikoto que é usado nos assentos esse objeto lembra o movimento que esu faz quando se move do jeito de um furacão.

Odara: fase benéfica quando ele não está transitando caoticamente.

Oduso: quando faz a função de guardião do jogo de búzios.

Igbaketa: o terceiro elemento, faz alusão ao domínios do orita e ao sistema divinatório.

Akesan: quando exerce domínios sobre os comércios.

Jelu: nessa fase ele regula o crescimento dos seres diferenciados. Culto em Ijelu.

Ina: quando e invocado na cerimônia do ipade regulamentando o ritual.

Ona: referencia aos bons caminhos, a maioria dos terreiros o tem, seu fundamento reza que não pode ser comprado nem ganhado e sim achado por acaso.

Ojise: com essa invocação ele fará sua função de mensageiro.

Eleru: transportador dos carregos rituais onde possui total domínio.

Elegbo: possui as mesmas atribuições com caracterizações diferentes.

Ajonan: tinha seu culto forte na antiga região Ijesa.

Maleke: o mesmo citado acima.

Lodo: senhor dos rios, função delicada dado a conflitos de elementos

Loko: como ele é assexuado nessa fase tende ao masculino simbolizando virilidade e procriação.

Ogiri Oko: ligado aos caçadores e ao culto de Orumila-Ifa.

Enugbarijo: nessa forma esu passa a falar em nome de todos os orisas.

Agbo: o guardião do sistema divinatório de Orumila.

Eledu: estabelece seu poder sobre as cinzas, carvão e tudo que foi petrificado.

Olobe: domina a faca e objetos de corte é comum assenta-lo para pessoas que possuem posto de Asogun.

Woro: vem da cidade do mesmo nome.

Marabo: aspecto de esu onde cumpre o papel de protetor Ma=verdadeiramente, Ra=envolver, bo=guardião. Também chamado de Barabo= esu da proteção, não confundi-lo com seu marabo da religião Umbandista.

Soroke: apenas um apelido, pois a palavra significa em português aquele que fala mais alto, portanto qualquer orisa pode ser soroke.

Ogún, Òsòósí e Ode lembrando que nem todos caçadores tomaram o titulo de Òsòósí e, na África, Òsòósí em certas regiões é feminino tomando o aspecto masculino no antigo reino de Ketu. Ode que dizer caçador, porém, nem todos Ode's são Òsòósí; Ijibu Ode, Ikija, Agbeokuta, são alguns lugares onde houve seu culto, pois seu culto, expandiu-se mesmo aqui no Brasil onde ele é lembrado como rei de Ketu, Ogún em outro aspecto foi chefe dos caçadores (Olode) entregando essa função mais tarde para seu irmão caçula Òsòósí para partir em buscas de suas inúmeras batalhas.

Já em certas mitologias o caçador passa a ser sua esposa Òsòósí L`Obirin Ogun, ou seja, Òsòósí é a esposa de Ogún, segundo o verso desse mito.

Isso afirma o chamado enredo de santo aqui no Brasil quando se diz que para assentar Òsòósí temos que assentar Ogún e vice versa. Era costume africano quando os caçadores tinham que partir em busca de suas presas, louvarem Ogún para que tudo desse certo, de òrìsà secundário na África Òsòósí, passou a uma condição importantíssima no Brasil sendo òrìsà patrono da nação Keto, senhor absoluto da cerimônia fúnebre do asesé, alguns cânticos fazem alusão a essa condição: Ode lo bi wa, ou seja, o caçador nos trouxe ao mundo. Eis alguns nomes de Ogún/Òsòósí/Ode conhecidos, sobretudo no Brasil e seus aspectos, características, origem e particularidades:

Ogún Olode: epíteto do òrìsà destacando sua condição de chefe dos caçadores.

Ogún Je Ajá ou Ogúnjá como ficou conhecido: um de seus nomes em razão de sua preferência em receber cães como oferendas, um de seus mitos o liga a Osagìyán e Ìyémojá quanto a sua origem e como ele ajudou Osalá em seu reino fazendo ambos uns tratos.

Ogún Meje: aspecto do òrìsà lembrando sua realização em conquistar a sétima aldeia que se chamava Ire (Meje Ire) deixando em seu lugar seu filho Adahunsi.

Ogun Waris: nessa condição o òrìsà se apresenta muitas vezes com forças destrutivas e violentas. Segundo os antigos a louvação patakori não lhe cabe, ao invés de agradá-lo ele se aborrece. Um de seus mitos narram que ele ficou momentaneamente cego.

Ogún Onire: Quando passou a reinar em Ire, Oni = senhor, Ire = aldeia.

Ogún Masa: Um dos nomes bastante comum do òrìsà, segundo os antigos é um aspecto benéfico do òrìsà quando assim ele se apresenta.

Ogun Soroke: apenas um apelido que Ogún ganhou devido a sua condição extrovertida, soro = falar, ke= mais alto. Nossa historia registra o porquê o chamam assim.

Ogún Alagbede: nesse aspecto o òrìsà assume o papel de pai do caçador e esposo de Ìyémojá Ogunte (uma outra versão de Ìyémojá) segundo um de seus inúmeros mitos.

Há vários nomes de Ogún fazendo alusão a cidade onde houve seu culto como Ogún Ondo da cidade de Ondo, Ekiti onde também há seu culto, etc. O òrìsà possui vários nomes na África como no Brasil e com isso ganha suas particularidades e costumes.

Ode/Ososi.

Há uma síntese sobre esse orisa na edição anterior, eis então suas várias formas de se apresentar:

Ososi akeran = um titulo do orisa;

Ososi Nikati = um de seus nomes;

Ososi Golomi = um de seus nomes;

Ososi Fomi = um de seus nomes;

Ososi Ibo = um de seus mitos o liga a Ossaniyn;

Ososi Onipapo = um dos antigos, tem culto a mais de um século no país;

Ososi Orisambo = possui seu assentamento diferente dos demais;

Ososi Esewi/Esewe = seu mito o liga a Ossaniyn e as vezes a Osala segundo os "antigos";

Ososi Arole = uns de seus epítetos;

Ososi Obaunlu = segundo registro há um assentamento deste orisa aqui no Brasil desde 1616 no ase de D.

Olga de alaketu é considerada o patrono de ketu;

Ososi Beno = um dos mais antigos, detalhe tem assento aqui em São Paulo, cidade considerada emergente para tradições do candomblé Keto, com poucas casas antigas.

Ososi DanaDana = aquele que ateou fogo ou roubou, um epíteto dos mais perigosos dado ao caçador.

Ode Wawa = epíteto do caçador;não se tem notícia do seu culto no Brasil;

Ode Wale = epíteto do caçador, não se tem notícia de seu culto no Brasil;

Ode Oregbeule = é um Irunmale, portanto acima do orisa foi um dos companheiros de Odudua em sua chegada na terra segundo sua mitologia;

Ode Otin = outro caçador confundido com Ossosi, sua lenda o identifica ora como uma caçadora ora como um caçador, contudo sua ligação com Ossosi é fato, Otin se apresenta sempre junto com ele a ponto de confundi-los;

Ode Karo = um do caçadores que também mora as margens de um rio é irmão de Igidinile.

Ode Ologunede = o chefe de guerra de Ede, titulo ganhado quando seu pai o entregou aos cuidados de Ogún;

Olo = senhor, gun = guerra, Ede = um lugar na áfrica. É filho de outro caçador chamado Erinle tendo como mãe Osún Iponda. O posto de asogun, a priori, surge desse mito que o liga a Ogún companheiro de seu pai.

Possui outros nomes como Omo Alade, ou seja, o príncipe coroado. Não há qualidades de Logun como acreditam alguns tais como locibain, aro aro, etc., são apenas nomes tirados de cânticos, aliás aro quer dizer tanta coisa menos nome de orisa. O nome Ibain é de outro caçador homenageado nos cânticos de Ologun, esse caçador inclusive é o verdadeiro proprietário dos chifres tão importantes no culto. Oba L`Oge é outro nome para esse orisa. É da região de Ijesa;

Ode Erinle = outro caçador confundido com Ososси no Brasil. Seu assento é completamente diferente dos demais, pois Erinle ou Inle é um orisa do rio do mesmo nome, o rio Erinle que corta a região de Ilobu na Nigéria. Encontram-se seus mitos no odu Okaran-Ogbe e Odi-Obara. Sua esposa é Abatan, pois é considerado médico e ela enfermeira, seu culto antecede o de Ossayn, o pássaro os representam. Ibojuto é a sua própria reencarnação representada pelo bastão que vai a seu assentamento e tem a mesma importância do Ofa de Ossosi. Tem uma filha chamada Aguta que às vezes se apresenta como irmã ou como filha sendo sua mãe Ainan. Ode Otin se apresenta como sua filha, às vezes e ai é representado por uma enguia. Ainda temos Boiko como seu guardião, Asão seu amigo e Jobis seu ajudante. No Brasil o ligam a Osún e a Iyemanja, pois segundo sua lenda é pela boca dela que ele fala, Erinle é um orisa andrógino e considerado o mais belo dos caçadores;

Ode Ibualama = outra versão para Erinle quando ele se apresenta mais ao fundo do rio, há um templo com esse nome na África fazendo alusão ao seu fundador. Aliás há vários templos mas todos são de um orisa só: Erinle nessa situação o caçador traça um outro caminho e pactua seus mitos com Omolu, Osumare, Nana,etc. A montagem de seu Igba (cuia) também difere de um simples alguidar com um ofa para cima como é comum as pessoas não esclarecidas assim fazer.

Ossaniyn, Omolu, Oluaye, Osumare, Nanan e Iroko.

Ossaniyn = Também chamado Baba Ewe, Asiba, que são epítetos do orisa. Possui seu próprio sistema divinatório; o orisa exerce suas funções interligadas a Esu composto ao mesmo tempo em que ele. Kosi ewe, kosi orisa: Sem folhas, sem orisa.

Osumare = Chamado Araka seu epíteto. É o orisa do arco-íris e da transformação, não deve ser confundido com o vodun Becem que se apresenta como Dangbe, Bafun, Danwedo todos da família Danbira e cultuados em outra nação.

Omolu / Obaluaye = É como se apresenta o orisa sapata transmutando-se para formas conhecidas tais como: Agoro, Telu, Azaoni, Jagun, Possun, Arawe, Ajunsun, Afoman, etc, cada qual com suas particularidades.

Nanan = apresenta-se nas formas conhecidas como: Iyabahin, Salare, Buruku, Asainan, sem culto no Brasil. É sempre bom lembrar que muitos nomes são de lugares onde se cultua o orisa. Por exemplo: Ajunsun é o Rei de Savalu, assim como Dangbe é o Rei do Gege, portanto são nomes que dão origem as suas formas. :

Iroko = orisa da gameleira (no Brasil), controla a hemorragia humana.

Iyabas são os orisá feminino.

Oba = orisa guerreira é única em seu aspecto.

Iyewá = orisa guerreira única em seu aspecto.

Osún Opara = a orisa se apresenta jovem e guerreira.

Osún Iponda = jovem e guerreira, da cidade de Iponda.

Osún Ajagura = jovem e guerreira, nação nagô - Oyo, Pernambuco.

Osún Aboto = aspecto maduro da orisa.

Osún Ijimun = aspecto idosa e dada as feitiçarias, ligação com Iami Eleye.

Osún Iberin = aspecto maduro da orisa, nessa forma não desce nas cabeças.

Osún Ipetu = aspecto maduro da orisa.

Osún Ikole = seu mito a liga a Iemanjá e Ode Erinle, transformou-se numa ave.

Osún Popolokun = Conta os antigos que não vem mais, será?.

Osún Osogbo = ela deu oringem ao nome da cidade de Osogbo.

Osún Ioke = Se apresenta como caçadora.

Osún Kare = Um de seus títulos, Kare tem seu próprio nome que poucos conhecem.

Iyeyeo Ominibu = epíteto da Osún.

Iyemoja Ogunte = orisa se apresenta jovem e guerreira.

Iyemoja Iyasesu = assume a maternidade de Sàngó é ranzinza e respeitável.

Iyemoja Saba = uma das formas da mãe.

Iyemoja Maleleo = não se obteve noticias desse aspecto no Brasil.

Iyemoja konla = seu mito conta que ela afoga os pescadores.

Iyemoja Ataramaba = Nessa forma ela está no colo de sua mãe olokun.

Iyemoja Ogunde = aspecto da orisa cultuado no Nagô em Pernambuco.

Iyemoja Iyá Ori = nessa forma ela assume todas as cabeças mortais.

Iyamase = forma de quando ela é definitivamente mãe de Sàngó.

Iyemoja Araseyn = fuxico com Ossayn.

Oyá Leseyen = uma das Igbales que mora no próprio Lesseyen.

Oyá Egunita = orisa Igbale.

Oyá Foman = orisa Igbale.

Oyá Ate Oju = orisa Igbale aspecto dificil de Oyá quando caminha com Nana.

Oyá Tope = uma de suas formas.

Oyá Mesan = um de seus epítetos.

Oyá Onira = rainha da cidade de Ira.

Oyá Logunere = uma de suas formas.

Oyá Agangbele = esse caminho mostra a dificuldade quando a geração de filhos.

Oyá petu = nesse aspecto ela convive com Sàngó.

Oyá Arira = uma de suas formas.

Oyá Ogaraju = uma das mais antigas no Brasil.

Oyá Doluo = eró ossayn; culto Nagô.

Oyá Kodun = eró com Osaguian.

Oyá Bamila = eró Olufon.

Oyá Kedimolu = eró Osumare = Omolu.

O LESSAYN: O CORAÇÃO DE UM TERREIRO DE EGUN.

Na frente da mata sagrada, em meio a árvores e arbustos de várias espécies, guardada, silenciosa, misteriosa, presa e agarrada a terra como uma árvore onde seus pilares se transformam em raízes, está uma casinha singela, um pequeno templo, mas que contém entre as suas paredes e telhado um inimaginável poder e guarda, cuida, e esconde um grande segredo, o segredo de evocar os espíritos dos ancestrais e seus poderes de realização, o seu àse.

Neste templo apenas homens e anciões imponentes, compassados, silenciosos, observadores, que se comunicam e falam apenas pelo olhar, só eles é que podem entrar, só eles penetram neste segredo, só eles dominam este poder conservado de geração em geração por um pacto de silêncio, pacto este firmado a muito tempo atrás em terras Yorubás.

Mas o que é este templo que faz com que tudo cresça, floreça, se desenvolva em potência e beleza ao seu redor?

Este templo é o Ilé Awo, a casa do segredo, aparentemente constitui uma edificação muito simples, a mais precária de todo o conjunto arquitetônico do terreiro, pois é a que esta sempre sofrendo modificações e ampliações, pois sempre precisa de novos espaços para comportar os novos assentos dos novos Égún à medida que os Ojés falecem e tem os seus

àse fixados nestes assentos.

Constitui em uma casa feita de blocos cerâmicos aparentes, e com paredes mal aparelhadas e aprumadas cobertas com telhados ora feitos de telhas de fibrocimento ora de telhas cerâmicas artesanais (Ver Fig.01). Aparenta uma edificação sem importância e insignificante para um olhar desatento, fora deste universo cultural complexo que se baseia em outros conceitos e valores.

Todavia o Ilé Awo constitui a principal edificação do terreiro. Ela é a mais importante, é o centro de todo o terreiro, constitui o Axis mundi de todo o conjunto. Disto, num primeiro momento advêm uma questão primordial, o que é o belo para o nagô? O que é o belo para a sociedade do culto aos Égún?

Belo para o nagô, para os membros da sociedade do Omo Ilé Agboulá, é à noite que anuncia o inicio das festas de Bàbá1, o céu limpo e estrelado, que anuncia as bênçãos de Bàbá, a presença do maior número possíveis dos filhos de Bàbá, todos vistosamente vestidos, com as suas melhores roupas, as mulheres com suas batas2 exuberantes.

Belo, são as músicas que saem dos atabaques que chegam a todos os cantos de Ponta de Areia tocados pelas crianças ávidas de mostrar para a sociedade que estão evoluindo e aprendendo para satisfazer o Bàbá, para que eles não decepcionem quando este lhe pedir suas músicas prediletas.

Belo, são as flores trazidas pelos filhos da casa para dá de presente a Babá, a ornamentação caprichosa feita especialmente para a festa, com standarts, faixas, ramos, com as folhas no piso purificando o espaço do barracão.

1 Bàbá em Yorubá significa pai, nomeclatura também utilizada para denominar os Égún.

2 Endumentária especifica utilizada pela hierarquia das mulheres.

Belo, são as cantigas e as danças das mulheres de todos os postos ali juntas abrindo a festa, preparando a casa para Bàbá, e tão belo quanto, são os mais jovens e crianças acompanhando o ritmo e as letras das cantigas dos mais velhos.

Belo, são as comidas feitas especialmente para atender o gosto de cada Bàbá, para lhe satisfazer. Belo é a presença de Bàbá, entre seus filhos, todos reunidos e cantando alegres por estarem com os seus ancestrais, seus pais, e tão Belo é a felicidade de Bàbá ao estar na presença de seus filhos, a dançar e abençoar a todos os presentes, transmitido suas energias positivas.

Belo, são os seus conselhos, suas recomendações e repreensões; são suas indumentárias coloridas, cheias de apetrechos dos mais diversos, com espelhos, búzios, contas, rigorosamente e delicadamente bordadas pelas suas filhas com os emblemas mais diversos que revelam que eles eram em vida, são suas ferramentas que trazem a mão e os seus tronos esculpidos que lhes afagam.

Belo, são os respeitados sacerdotes, os Ojés, que levam os pedidos da sociedade e trazem as vontades e conselhos dos Bàbá, pois eles são os únicos que entendem os que os Bàbá falam, e tão belo, são as varas sagradas que trazem a mão, pois elas é que guiam os Bàbá, os orientam no mundo, servindo ainda para separar os mortos dos vivos.

Belo, é o abrir do barracão, o amanhecer, a aurora, o cheiro da terra molhada do orvalho, com a Casa de Sàngó, recebendo os primeiros raios do sol nascendo na soleira de sua porta; com Èsú, em sua casa, atento na entrada, montando guarda para que tudo ocorra bem, vigiando aqueles que estão indo embora, e zelando-os lá fora para que eles possam voltar.

Belo, é o Ilé Ìyá Egbé, com as portas e janelas abertas, onde as mulheres mais velhas entram para descansar depois de fazerem as comidas, cantarem e dançarem para Bàbá.

Belo, é o contentamento, a satisfação e a harmonia de Onílè, Ògún e Ìròkò, a avistar de longe os filhos da casa que se vão após cumprirem suas obrigações com eles e os ancestrais. Belo, é o portão do terreiro que se fecha, na certeza que seus filhos voltarão para terem com seus pais, para que juntos novamente possam festejar a vida.

Portanto o belo para o nagô está atrelado a tudo aquilo que o liga, revela e manifesta a

dimensão do sagrado em toda a sua carga simbólica e energética, aquilo que dinamiza a existência pela sua função utilitária sagrada de coloca-lo em contato com as divindades e os seus ancestrais. O belo é tudo o que é útil e dinâmico, ou seja, respectivamente, o que possibilita o sagrado e o desenvolve, o belo torna-se tudo cujo esforço e harmonia revela o sagrado.

Para os integrantes da sociedade de cultos aos Égún, cada galho, ramo e folha das árvores sagradas; cada assento de divindades e ancestrais; cada porta, telha, bloco de todas as edificações; cada espaço livre e fechado é individualmente belo em si mesmo, e é belo em suas inter-relações, no seu conjunto, que é o Omo Ilé Agboulá, pois ele é o que possibilita a manifestação do sagrado, que torna possível a vinda dos ancestrais, os Égún, do Òrun para o Àiyé, que faz com que o Àse, se preserve, se desenvolva e cresça para ser distribuído e usufruído por todos os seus filhos.

Assim como o Ilé Awo, todas as demais edificações do terreiro são muito simples do ponto de vista construtivo e formal para um olhar arquitetônico ocidental e erudito, mas para o nagô, e notadamente para os membros do Omo Ilé Agboulá, são todos extremamente belos, pois estão harmonicamente dispostas e equilibradas com o cosmo, pois materializam a sua concepção de mundo e é o suporte e o continente de seu sistema dinâmico.

O Ilé Awo assumi uma dimensão de importância ainda maior, central e hegemônica sobre todo o terreiro, pois constitui na ‘’morada’’ dos Égún e é de onde eles voltam para o Àiyé, de lá é que eles advêm do Òrun para se encontrarem com seus descendentes. O Ilé Awo, a casa do segredo, chamado também de casinha ou casa de Égún, tem que ser construída na área mais reservada e privada do terreiro, por causa dos rituais secretos da sociedade. Encontra-se no Omo Ilé Agboulá atrás do da entrada dos fundos do Ilé Nlá (barracão) envolvido pela mata sagrada e pelos assentos dos Òrìsà que possuem vinculo direto com os Égún. Tem como principio fundamental e irrestrito o fato de alguns de seus espaços internos serem em piso de terra, de chão batido, para que possa se estabelecer o contato direto com

o solo, a terra mãe de onde os mortos surgem do Òrun para o Àiyé (Ver Fig.02).

A casa do segredo é composta de duas partes: a ante-sala e o Ìgbàlé. A ante-sala é onde se reúne o conselho dos Ojés Agbás3, compostos por nove membros (simbolizando cada espaço do Òrun) onde são discutidas as questões internas e externas referentes aos membros da sociedade, é onde todos os assuntos religiosos são discutidos e resolvidos, onde as decisões dos Ojés são tomadas, onde os iniciados, os Amuisan, são feitos Ojés e por fim onde são realizadas as cerimônias e rituais secretos de culto aos Égún acessível apenas aos Ojés, de todas as hierarquias, sendo que alguns deles ficam dias longe de suas famílias enclausurados cumprindo todas as suas obrigações litúrgicas. A ante-sala do Ilé Awo constitui, portanto a sala social dos Ojés, e só a eles é permitido o acesso, é totalmente fechado a não-iniciados e a iniciados de ritos incompletos, e as mulheres da sociedade. Dentro dela encontra-se o assento de Èsú e também o assento de Òsànyn4. O Èsú que guarda e zela a porta de entrada do Ilé Awo é um Èsú Ona, tem como função especifica, proteger os Ojés e a casa do segredo. O Èsú Ona é o supremo senhor dos caminhos podendo de acordo com a situação fecha-los ou abri-los. Abri e fecha a casa para as boas e más energias respectivamente, ele é grande controlador dos caminhos que conduzem a fortuna, as coisas boas, assim como os elementos ruins e totalmente malignos.

O Èsú Ona fiscaliza todo o fluxo de entrada e de saída, todo o tráfego. Sua função é a mesma que na África, pois tanto lá como aqui, ele continua sendo o senhor absoluto das

3 São os Ojés Anciãos, os mais antigos do terreiro.

4 Òrìsà das plantas, ervas e folhas medicinais, fundamental para que os rituais se realizam, pois contém o segredo do àse presente nas folhas.

portas das casas, templos e palácios, e o guardião dos portões da cidade. Suas representações tanto na África como aqui na Bahia, estavam nas passagens, nas portas, também ocorriam nos caminhos que guiavam as vilas, aldeias, campos e cidades e principalmente nas encruzilhadas, notadamente as de três caminhos.

O assento de Òsànyn, que é a divindade das plantas medicinais e litúrgicas se encontra dentro da ante-sala do Ilé Awo porque nenhuma cerimônia secreta que manipula ervas sagradas pode ser feita sem a sua presença, pois ele é o detentor do àsé fixada nas folhas. O nome das plantas, o seu emprego, manipulação e as palavras que despertam seus poderes constituem um dos elementos mais secretos da sociedade dos Égún, cuja presença fortalece e desprende o àsé das plantas para a realização dos rituais e oferendas aos ancestrais.

A segunda parte do Ilé Awo, e a mais importante desta e de todo o terreiro é o Ìgbàlé, onde estão todos os segredos fundamentais do culto aos Égún. Neste espaço estão todos os paramentos, emblemas, e indumentárias, os Òpás5 dos Égún, conforme o mito de origem do culto aos Égún:

De quatro em quatro dias (uma semana iorubana), Iku (a Morte) vinha à cidade de Ilê-Ifé munida de um cajado (Òpá iku) e matava indiscriminadamente as pessoas. Nem mesmo os Orixás podiam com Iku. Um cidadão chamado AmeiyÉgún prometeu salvar as pessoas. Para tal, confeccionou uma roupa feita com várias tiras de pano, em diversas cores, que escondia todas as partes do seu corpo, inclusive a própria cabeça, e fez sacrifícios apropriados. No dia em que a Morte apareceu, ele e seus familiares vestiram as tais roupas e se esconderam no mercado.

Quando a Morte chegou, eles apareceram pulando, correndo e gritando com vozes inumanas, e ela, apavorada, fugiu deixando cair seu cajado. Desde então a Morte deixou de atacar os habitantes de Ifé. Os babalawos (adivinhos e sacerdotes de Òrunmilá) disseram a AmeiyÉgún que ele e seus familiares deveriam adorar e cultuar os mortos por todas as suas gerações, lembrando como eles venceram

a Morte. Égún é a terminação do nome de AmeiyÉgún, e é como

hoje são conhecidos os ancestrais do seu clã (Égún ou Égúngún).

É a vitória da vida pós-morte: como no mito em que a vida venceu a

morte, da mesma forma os Égúns se apresentam, hoje, cobertos de

panos e portando um cajado. (FILHO, 1986, p. 43 a 49).

5 Cetros, batões, varas indispensáveis nos cultos aos Égún, símbolo de ancestralidade masculina.

Somente os Ojés Agbás, entre todos os Ojés, possuem o direito e o poder de entrar no

Ìgbàlé, pois são os mais antigos e devidamente preparados para lidar com os Égún e

manipular os seus objetos sagrados, são os detentores dos mais profundos segredos do

culto. Nele se desenvolvem todos os preparativos e ritos secretos de oferendas, adoração e

invocação dos Égún.

Na África, notadamente na Nigéria e no Benin (antigo Daomé) o Ìgbàlé era considerado uma

enorme clareira no âmago de uma floresta secreta de onde saiam os Égún nas festas

anuais e eram habitadas pelos Àra-òrun, como revela o mito nagô da origem dos oiê

(cargos) masculinos:

Havia na cidade do Oyó um fazendeiro chamado Alapini, que tinha

três filhos chamados Ojéwuni, Ojésamni e Ojérinlo. Um dia Alapini foi

viajar e deixou recomendações aos filhos para que colhessem os

inhames e os armazenassem, mas que não comessem um tipo

especial de inhame chamado ‘ihobia’, pois ele deixava as pessoas

com uma terrível sede. Seus filhos ignoraram o aviso e o comeram

em demasia. Depois, beberam muita água e, um a um, acabaram

todos morrendo.

Quando Alapini retornou, encontrou a desgraça em sua casa.

Desesperado, correu ao babalawô, que jogou Ifá para ele. O

sacerdote disse que ele se acalmasse, e que após o l7º dia fosse ao

ribeirão do bosque e executasse o ritual que foi prescrito no jogo. Ele deveria escolher um galho da árvore sagrada àtòrì e fazer um bastão (assim é feito o ixan). Na margem do ribeirão, deveria bater com o bastão na terra e chamar pelos nomes dos seus filhos, que na terceira vez eles apareceriam. Mas ele também não poderia esquecer de antes fazer certos sacrifícios e oferendas. Assim ele o fez, seus filhos apareceram.

Mas eles tinham rostos e corpos estranhos, era então preciso cobrilos para que as pessoas pudessem vê-los sem se assustarem. Pediu que seus filhos ficassem na floresta e voltou à cidade. Contou o fato ao povo, e as pessoas fizeram roupas para ele vestir seus filhos.

Deste dia em diante ele poderia ver e mostrar seus filhos a outras pessoas, as belas roupas que eles ganharam escondiam perfeitamente sua condição de mortos.

Alapini e seus filhos fizeram um pacto: em um buraco feito na terra pelo seu pai (ojubô), no mesmo local do primeiro encontro (igbo igbalé), ali seriam feitas as oferendas e os sacrifícios e guardadas as roupas, para que eles as vestissem quando o pai os chamasse através do ritual do bastão. Seguindo o pacto e as instruções do babalawo, de que sempre que os filhos morressem fosse realizado o ritual após o l7º dia, pais e filhos para sempre se encontraram. E, para os filhos que ainda não tiverem roupas, é só pedir às pessoas que elas as farão com imenso prazer. (FILHO, 1986, p. 43 a 49).

No Omo Ilé Agboulá, assim como todo os demais terreiros de Égún no Brasil, o Ìgbàlé recebe a denominação de Lèsànyìn, Iilé+ésán+yin, (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.171) que é a casa de adoração de Oya Ìgbàlé (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.165), a mãe e

senhora do mundo dos mortos, cujo título africano é Iyãsan, Iyá-mèsàn-òrun, (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.166), a mãe dos nove espaços do òrun (Mésàn-òrun). O Lèsànyìn, portanto, é o espaço do culto de todos os filhos de Oya (Iyãsan), os chamados Ará-òrun e os Égún.

Dentro do Lèsànyìn possui como um dos primeiros assentos fundamentais o de Oya Ìgbàlé, pois é ela que controla o mundo dos mortos, a qual em todas as festas do calendário litúrgico, oferendas e reverências lhe são prestados cujo ápice é o dia de finados no mês de novembro dedicado totalmente a ela, e a todos os seus filhos, os mortos.

Oya Ìgbàlé é no culto aos Égún a única e exclusiva Òrìsà feminina cultuada e venerada pela sociedade dos Égún, composta exclusivamente por homens que contém o segredo em comum da evocação dos Égún, e reverenciada pelos próprios Égún. Inúmeros são os mitos que estabelecem a relação de Oya Ìgbàlé com os Égún. No primeiro deles revela a origem de Égún como filho de Oya vinculando a seu tabu alimentar:

Oiá lamentava-se de não ter filhos. Esta triste situação era conseqüência da ignorância a respeito de suas proibições alimentares. Embora a carne de cabra lhe fosse recomendada, ela comia a de carneiro. Oiá consultou um babalaô, que lhe revelou o seu erro, aconselhando-a a fazer oferendas, entre as quais deveria haver um tecido vermelho. Este pano, mais tarde, haveria de servir para confeccionar as vestimentas dos Égúngún.

Tendo comprido essa obrigação, Oiá tornou-se mãe de nove crianças, o que se exprime em ioruba pela frase: ‘’Iyá Omo mésàn’’, origem de seu nome Iansã. Assim que a roupa de Égúngún foi criada, formou-se, em torno dessa ‘’novidade’’, uma sociedade composta exclusivamente de mulheres com o objetivo de enfrentar a preponderância dos homens. Mas elas exageraram e aproveitaramse

da confusão provocada pela aparição dos Égúngún, nas ruas da cidade, para enganar impunemente seus maridos. Estes, exasperados, conseguiram descobrir seu segredo, apoderaram-se da sociedade e reservaram-na aos homens, delas excluindo as mulheres para sempre.

O segundo o mito também revela a origem de Égún, mas como sendo o nono filho de Oya ressaltando todo o seu poderoso poder genitor:

Oía não podia ter filhos. Procurou o conselho de um babalaô. Ele revelou-lhe que somente teria filhos quando fosse possuída por um homem com violência. Um dia Xangô a possuiu assim e dessa relação Oiá teve nove filhos. Desses filhos, oito nasceram mudos. Oiá procurou novamente o babalaô. Ele recomendou que ela fizesse oferendas. Tempo depois nasceu um filho que não era mudo, mas tinha uma voz estranha, rouca, profunda, cavernosa. Esse filho foi Égúngum, o antepassado que fundou cada família. Foi Égúngum, o ancestral que fundou cada cidade. Hoje, quando Égúngum volta para dançar entre seus descendentes, usando suas ricas máscaras e roupas coloridas, somente diante de uma mulher ele se curva. Somente diante de Oiá se curva Égúngum.

Portanto, este mito revela porque Oya Ìgbàlé é cultuada ao lado dos Égún, pois ela é a senhora dos nove Òrun, simbolizados pelos nove filhos do mito dos quais os oitos primeiros representam os Àra-òrun, os habitantes do Òrun, e o nono representa os Égún vinculando também a sua forma de falar característica. Oya Ìgbàlé também é herdeira do principio poder feminino, o segredo da gestação, da criação da vida, pertence à esfera do sangue vermelho, do àsé, que é à base de origem de Égún.

O terceiro mito descreve como Oya Ìgbàlé cria a sociedade dos Égún, e também as origens

das roupas, a forma de falar rouca e cavernosa como o do macaco marrom da Nigéria, o Ijimeré, de agir e de dominar os Égún, assim como o culto aos Égún e sua sociedade foram tomadas das mulheres pelos homens:

No começo do mundo, a mulher intimidava o homem desse tempo, e o manejava com o dedo mindinho. É por isso que Oya (conhecida mais comumente nos cultos afro-brasileiros sob o nome de Iyansan) foi a primeira a inventar o segredo ou a maçonaria dos Égúngún, sob todos os seus aspectos. Assim, quando as mulheres queriam humilhar seus maridos, reuniam-se numa encruzilhada sob a direção de Iyasa. Ela já estava ali com um macaco que tinha domado, preparado com roupas apropriadas ao pé do tronco de um igi, árvore, para ele fazer o que fosse determinado por Iyansan por meio de uma vara que ela segurava na mão, conhecida com o nome de isan.

Depois de cerimônia especial, o macaco aparecia e desempenhava seu papel seguindo as ordens de Iyasan. Isso se dava diante dos homens que fugiam aterrorizados por causa dessa aparição.

Finalmente, um dia, os homens resolveram tomar providências para acabar com a vergonha de viverem continuamente sob o domínio das mulheres. Decidiram então ir a Òrunmilá (deus do oráculo de Ifá) a fim de consultar Ifá para saber que poderiam fazer para remediar uma tal situação.

Depois de ter consultado o oráculo, Òrunmilá lhes explicou tudo o que estava acontecendo e que eles deveriam fazer. Em seguida ele mandou Ogun fazer uma oferenda, ebo, compreendendo galos, uma roupa, uma espada, um chapéu usado, na encruzilhada, ao pé da referida árvore, antes que as mulheres se reunissem. Dito e feito, Ogun chegou bem cedo a encruzilhada e fez o preceito com os galos de acordo com o que Òrunmilá ordenou. Em seguida, ele pôs a roupa, o chapéu e pegou a espada em sua mão. Mais tarde, durante o dia, quando as mulheres chegaram e se reuniram para celebrar os ritos habituais, de repente, viram aparecer uma forma terrificante. A aparição era tão terrível que a principal das mulheres, isto é, que estava a frente, Iyasan, foi a primeira a fugir. Graças a força e poder que tinha, ela desapareceu para sempre da face da

terra.

Assim, depois desta época, os homens dominaram as mulheres e são senhores absolutos do culto. Proibiram e proíbem sempre as mulheres penetrar no segredo de toda a sociedade de tipo maçônico. Mas, segundo o provérbio, é a exceção que faz a regra, os raros exemplos de sociedades secretas as quais eram autorizadas a participar em território Yorubá continuaram a existir em circunstancias especiais. Isso explica por que Iyasan-Oya é adorada e venerada por todos na qualidade de Rainha e Fundadora da Sociedade secreta dos Égúngún na terra.

Mas o cargo de detentora e senhora do mundo dos mortos e de todos os seus habitantes foi um presente dado por Obaluaê10, filho de Nanã Buruku, e como tal o senhor original do mundo dos mortos, foi dado em sinal de gratidão a Oya pelos seus feitos durante as festas, o sirê, dos Òrìsà, como conta os dois mitos seguintes:

Chegando de viagem a aldeia onde nascera, Obaluaê viu que estava acontecendo uma festa coma presença de todos os Orixás. Obaluaê não podia entrar na festa, devido a sua medonha aparência. Então ficou espreitando pelas fretas do terreiro. Ogum, ao perceber a angustia do Orixá, cobriu-lhe com uma roupa de palha que ocultava sua cabeça e convidou-o a entrar e aproveitar a alegria dos festejos. Apesar de envergonhado, Obaluaê entrou, mas ninguém se aproximava dele. Iansã tudo acompanhava com o rabo do olho. Ela compreendia a triste situação de Omulu e dele se compadecia. Iansã esperou que ele estivesse bem no centro do Òrìsà que trás e cura as doenças, era tido na África como o deus da varíola e das doenças contagiosas, também chamado de Omolu.

Òrìsà patrona dos pântanos, da lama, é uma das Òrìsà mais antigas entre as divindades femininas.

É a festa, a reunião dos Òrìsà, tanto no Àiye quento no Òrun.

barracão. O xirê estava animado. Os Orixás dançavam alegremente com suas equedes. Iansã chegou então bem perto dele e soprou suas roupas de mariô, levantando as palhas que cobriam suas pestilência. Nesse momento de encanto e ventania, as feridas de Obaluaê pulavam para o alto, transformadas numa chuva de pipoca, que se espelharam brancas pelo barracão. Obaluaê, o deus das doenças, transformou-se em um jovem, num jovem belo e encantador. Obaluaê e Iansã Igbalé tornaram-se grandes amigos e reinaram juntos sobre o mundo dos espíritos, partilhando o poder único de abrir e interromper as demandas dos mortos sobre os homens. (PRANDI, 2005, p. 206).

Certa vez houve uma festa com todas as divindades presentes. Obaluaê chegou vestido seu capucho de palha. Ninguém o podia reconhecer sob o disfarce e nenhuma mulher quis dançar com ele. Só Oiá, corajosa, atirou-se na dança com o Senhor da Terra. Tanto girava Oiá na sua dança que provocava o vento. E o vento de Oiá levantou as palhas e descobriu o corpo de Obaluaê. Para a surpresa de todos era um belo homem. O povo o aclamou por sua beleza. Obaluaê ficou mais que contente com a festa, ficou grato. E, em recompensa, dividiu com ela o seu reino. Fez de Oiá a rainha dos espíritos dos mortos, Rainha que é Oiá Igbalé, a condutora dos Égúns. Oiá então dançou e dançou de alegria. Para mostrar a todos seu poder sobre os mortos, quando ela dança agora, agita no ar o

inruquerê, o espanta-mosca com que afasta os Égúns para o outro

mundo. Rainha Oiá Igbalé, a condutora dos espíritos. Rainha que foi sempre a grande paixão de Omulu. (PRANDI, 2005, p. 308).

No Lèsànyìn encontram-se os dois elementos litúrgicos essenciais do culto: assentos individuais e específicos de cada Égún Àgbà, os Égún mais antigos, devidamente preparados para serem invocados individualmente, pois foram realizados e compridos todos os rituais de preparação para a sua invocação antes da morte do Ojé Àgbá e durante os sete anos após o falecimento deles, que será o novo Égún a ser cultuado; e o assento que é a representação coletiva dos ancestrais, de todos os mortos, os òku-òrun, o chamado Òpá-Kòko. Os assentos individuais dos Égún Àgbá do Lèsànyìn são assim descritos:

Os assentos individuais dos Égún são continentes de barro com larga boca que contém uma mistura de barro e àse, de folhas e outros elementos, especifica para cada Égún que enche totalmente o interior, transbordando do recipiente, formando um montículo incrustados de cauris. Esses ‘’assentos’’ individuais estão dispostos sobre um banco feito de terra, baixo e estreito, chamado pepele. (SANTOS, Juana, 1998, p. 203).

Logo o elemento barro simbolizando a terra, que a morada dos Égún é a proto-matériamassa no qual os homem são moldados, feitos, pois o corpo é um pedaço de barro moldado por Obàtálá, e da qual depois de cumprirem o seu destino no Àiyé, depois de cumprir o seu ciclo devem restituir-la, é o elemento que compõem tanto o recipiente, o continente, os potes de barro de formas especiais com bocas larga como o próprio conteúdo cheio de àse diferentes para cada Égún.

Acompanhando cada assento de Égún há também o assento do seu Èsú, o chamado Èsú òjíséebo, ou Èsú Elebo, que é o transportador e patrono das oferendas, é o supremo senhor de todas as oferendas, além de ser o mensageiro e tradutor entre os Égún e os Ojés, sem eles nenhuma comunicação entre os homens e as entidades sobrenaturais seria possível.

Em frente a cada assento individual dos Égún Àgbá existe um buraco profundo feito no chão de terra batida denominado de Ojúbo (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.173), e é nele (além do próprio assento) que em todas as festas e cerimônias internas do Lèsànyìn são depositados as oferendas, os sacrifícios, e as comidas especificas de cada Égún no inicio dos rituais. Cada Ojúbo é rodeado por uma série de Isan (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.173), que são uma espécie de Òpá (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.172) que são varas, cetros e bastões sagrados usados nos rituais dispostos em volta dele formando um cone, protegendo com o seu àse a entrada do Ojúbo.

O Isan é uma vara muito fina devidamente sacralizada de cerca de um metro e meio feitas de árvores sagradas, notadamente de nervura de folhas de palmeiras, o Igi-òpe, Elacis Guineensis (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.173) ou galhos de Àtòri, Gglyphaea Lateriflora (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.173), são utilizadas para invocar os Égún, guia-los e impedi-los de tocarem os Àra-àiye, os vivos, pois homem algum, nem mesmo os Ojés Àgbá, podem tocar nas roupas de Égún durante os rituais porque elas contêm em seus trajes a morte e energias maléficas.

Os assentos dos Égún Àgbá são cuidados e zelados por um Ojés Àgbá especifico devidamente preparado nos seus gostos prediletos, seja comida, oferendas e sacrifícios, no seu conhecimento do seu ségi ou Ké, o jeito de falar do Égún (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.183), tornando-se o seu tradutor para os vivos, ou seja, em todo o conhecimento especifico daquele Égún.

O assento coletivo dos ancestrais masculinos da sociedade que representam todos aqueles que não atingiram o grau de Ojés Àgbá e conseqüentemente não foram devidamente preparados durante a vida para que depois da morte fossem invocados como Égún, são os Òku-òrun os mortos, e são simbolicamente representados pelo Òpá-Kòko. O Òpá-Kòko constitui o elemento fundamental do culto e do terreiro Omo Ilé Agboulá, pois ele é o elemento que estabelece a ligação entre os nove espaços do Òrun entre si e entre eles e o

Àiyé, simbolizando, portanto, o próprio Òpó-òrun oun àiye, o pilar e o eixo do mundo nagô.

No Lèsànyìn ainda está plantado o àse da casa, que é transmitido e distribuído para cada assento de Égún, Òrìsà, Ilé Òrìsà, e cada membro do culto, do Ojé Agbá ao Amuisan, e é o portal de passagem para o Òrun de onde advêm os Òku-òrun, os mortos.

O Òpá-Kòko é um tronco preceitual, um bastão sagrado e ritual com um galho grosso da árvore sagrada nagô Akókó (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.167), tão sagrada que sua folha era utilizada para consagrar reis, fincada na terra saindo de um Ojúbo no qual são feitas as oferendas a todos os Òku-òrun da casa. São os símbolos por excelência dos ancestrais masculinos. A importância do Òpá tanto na África quanto no Brasil é destacado por Deoscoredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi, que é o Alapini do culto aos Égún no Brasil:

Na África, diante dos grandes templos, há um lugar especial onde os ancestrais são cultuados. Ali fica o Òpá, que os representa coletivamente. Os Òpá, varas bastões ou cetros rituais, são de importância vital no culto dos Égúngún. Uma cantiga entoada pelos Égúngún, na Bahia, permite-nos inferir a importância atribuída ao Òpá:

Olórun

Olórun Olóòpá

Olórun

Olórun, o supremo deus, é o senhor do Òpá. É como se Olórun tivesse delegado parte de seu poder ao Òpá. (SANTOS, Deoscoredes, 1981, p. 173).

O Ilé Awo, contendo a ante-sala e o Lèsànyìn, constitui a edificação central do terreiro e é o ponto de referencia de todas as demais, constitui num elemento condicionador de localização dos demais espaços e construções do terreiro. Constitui em si, como um todo,

uma edificação detentora de somatórios de poderosas energias, de uma multiplicação de Àsé.

Sendo a própria edificação sacralizada através de ritos específicos para desempenhar esta função, assim uma telha, um bloco, uma argamassa, uma ripa sequer não pode ser retirada, substituída ou colocada sem que sejam realizados os devidos ritos de proteção, contenção e sacralização, sem que seja feito o seu fundamento, fixação de Àsé para desempenho de uma dada atividade.

O recinto de acesso do Ilé Awo, de onde saem os Égún, que compreende também a varanda dos Ojés (Ver Fig.03), que é o seu espaço de socialização está voltado para o oeste, ou seja, para o poente o Ìwò-õrun, que pertence á esfera do domínio do passado, dos mortos, dos ancestrais, materializa a concepção nagô do ciclo que se fechou, do destino cumprido, da matéria restituída, da existência genérica dos Òku-òrun e da existência individualizada constituídas no Égún.

ROTEIRO ÀDÚRÀ ÀWON ÒRÌSÀ ÌBÀ

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Ìbá è iyìn te layè

Deito-me sobre a terra para louvar-lhe Iyìn Escute meu louvor

Ìbá è iyìn sa lorun

Saudações aos ancestrais que estão no céu Iyìn Escute meu louvor

Mo jùbá Égún àiyé esiba orun

Meus respeitos a Égún da vida e aos que estão no céu Iyìn Escute meu louvor

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Ìbá ati yo ojó ati wò òórun

Saudações a saída do dia e ao sol poente, Iyìn Escute meu louvor

Ìbá ìkóríta meta ipade orun

Saudações as encruzilhadas que levam ao céu Iyìn Escute meu louvor

Ìbá òsán gangan Obamakin

Saudações à tarde Obamakin Iyìn

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti. Iyìn Escute meu louvor

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Ìbá kùtúkùtu Obayigbó

Saudações pela manhã Obayigbó Iyìn Escute meu louvor

Ìbá Okukudoru Òrisanlá Osere Magbo

Saudações Okukudoru Òsisanlá Osere Magbo Iyìn Escute meu louvor

Ìbá irun ìmònle ojúkòtun

Saudações aos 400 Orixás da direita Iyìn Escute meu louvor

Ati igba ìmònle ojúkòsi

E aos 200 Orixás da esquerda Iyìn Escute meu louvor

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti. Iyìn Escute meu louvor

Ìbá òtalenirinwo irun ìmònle

Saudações aos 401 Orixás Iyìn Escute meu louvor

To já tàri onà orun gbàngàn

Que vem do céu Iyìn Escute meu louvor

Ìbá olúgbo inún igbó

Saudações aos Orixás da floresta Iyìn Escute meu louvor

Ìbá olúgbohùn ile ódàn

Saudações aos Orixás da voz Iyìn Escute meu louvor

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Ìbá ògéré àfòkoyérí

Saudações aos Orixás da terra Iyìn Escute meu louvor

Ìbá àtetèré-k'àiyé alópò-ìka

Saudações Àtetèré-K'àiyé Alópò-Ìka Iyìn Escute meu louvor

Ìbá Ìyámi Òsòròngá apani máà hágún

Saudações a minha mãe Òsòròngá Apani Máà Hágùn Iyìn Escute meu louvor

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

Èrí wo yá, èrí-okàn, è iyín òrìsà mámà nle o

Venha rapidamente testemunhar, e tornar consciência, Orixá venha escutar meu louvor a ti.

ÀDÚRÀ TI EGÚNGÚN

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espírito

mònriwo Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún! Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espírito

mònriwo Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún!

Egúngún a yè,

kíì sé bo òrun Egúngún

para nós sobrevive, a ele saudamos e cultuamos

Mo júbà rè Egúngún mònríwo

Apresento-vos meus respeitos, ó espírito

maríwo Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo Todos os espírito

mònriwo Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún!

A kíì dé wa ó, a kíì é Egúngún

Nós vos saudamos quando chegais até nós, vos saudamos

Egúngún Won gbogbo ará asíwájú awo

A todos os ancestrais do culto

Won gbogbo aráalé asíwájú mi

A todos os ancestrais da minha família

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espíritos

mònriwo Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o Ó Egúngún!

Mo pè gbogbo ènyin

Todos os espíritos

maríwo Si fún mi ààbò àti ìrònlówó

Eu chamo a todos vós para virem dar-me proteção e ajuda

Agó, kìì ngbó ekún omo rè

Agó ao ouvir o choro dos filhotes, Ilè mo pè o Terra, eu vos chamo! Gbogbo mònríwo Todos os espírito do mònriwo Ilè mo pè o Terra, eu vos chamo! Egúngún o Ó Egúngún! Ki o ma ta etí wéré Responde rapidamente Bàbá awa omo re ni a npè o Ó pai, somos teus filhos e te chamamos Ilè mo pè o Terra, eu vos chamo! Gbogbo mònríwo Todos os espírito do mònriwo Ilè mo pè o Terra, eu vos chamo! Egúngún o Ó Egúngún! Ki o sare wá jé wa o Vem logo nos ouvir Ki o gbó ìwùre wá Ouve nossas rezas Ilè mo pè o Terra, eu vos chamo! Gbogbo mònríwo Todos os espírito do mònriwo Ilè mo pè o Terra, eu vos chamo! Egúngún o Ó Egúngún! Má jè a ríkú èwe Livra-nos da mortalidade “infantil” Má jè a ríjà Èsú Proteja-nos da ira de Èsú Má jè a

ríjà Ògún Proteja-nos da ira de Ògún Má jè a rija omi Proteja-nos da ira das águas Má jè a rija Soponná Proteja-nos da ira de Soponná

Ilè mo pè o Terra eu vos chamo! Gbogbo mònríwo Todos os espírito do mònriwo Ilè mo pè o Terra eu vos chamo! Egúngún o Ó Egúngún Mo tumba, bàbá Egúngún Eu vos peço abenção, Pais Espíritos Ilè mo pè o Terra eu vos chamo! Egúngún o Ó Egúngún

ÀDÚRÀ TI ÌYÁMI ÒSÒRÒNGÁ

Ìyá kéré gbo ìyámi o Pequeninas mães, ó idosas mães Ìyá kéré gbohùn mi Pequeninas mães, ouçam minha voz Ìyá kéré gbo ìyámi o Pequeninas mães, ó idosas mães Ìyá kéré gbohùn mi Pequeninas mães, ouçam minha voz Gbogbo Eléye mo Ìgbàtí Todas as senhoras dos pássaros quando eu Ìgbàmú ile Cumprimo a terra Ìyá kéré gbohùn mi Pequeninas mães, ouçam minha voz Gbogbo Eléye mo Ìgbàtí Todas as senhoras dos pássaros da noite Ìgbàmú ile Todas as vezes que comprimo a terra Ìyá kéré gbohùn mi Pequeninas mães, ouçam minha voz

ORÍKÌ TI ÈSÚ

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò Èsú escute o meu louvor à Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò Èsú escute o meu louvor à o ti o ti Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o Èsú escute o meu louvor à ti Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o Èsú escute o meu louvor à ti Èsú láaróyè, Èsú láaróyè Èsú láaróyè, Èsú láaróyè Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o Èsú escute o meu louvor à ti Èsú Láàlú Ogiri Òkò Ebìtà Okùnrin Èsú Láàlú Ogiri Òkò Ebìtà Okùnrin Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o Èsú escute o meu louvor à ti Èsú òta òrìsà Èsú inimigo de Orixá Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o Èsú escute o meu louvor à ti Osétùrá l'oruko bàbá mó ó Oxeturá é o nome pelo qual é chamado por seu pai Alágogo ìjà l'oruko ìyá npè o Alágogo Ìjà, é o nome pelo qual sua mãe o chama Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o Èsú escute o meu louvor à ti Èsú Òdarà, omokùnrin Ìdólófin Èsú bondoso, filho homem da cidade de Ìdólófìn O lé sónsó sórí orí esè elésè Aquele que tem a cabeça pontiaguda fica no pé das pessoas Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o Èsú escute o meu louvor à ti Kò jé, kò jé kí eni nje gbe e mì Não come e não permite que ninguém coma ou engula o alimento Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o Èsú escute o meu louvor à ti A kìì lówó láì mu ti Èsú kúrò Quem tem riqueza reserva para Èsú a sua parte A kìì láyò láì mu ti Èsú kúrò Quem tem felicidade reserva para Èsú a sua parte

ÀDÚRÀ TI ÒGÚN

Ògún dà lé ko Ògún constrói casa sozinho Eni adé ran A mando do Rei Ògún dà lé ko Ògún constrói casa sozinho Eni adé ran A mando do Rei Ògún to wa do Basta Ògún, nas instalação de nosso vilarejo Eni adé ran A mando do Rei Ògún to wa do Basta Ògún, na instalação de nosso vilarejo Eni adé ran A mando do Rei

ÀDÚRÀ TI ODE

Pa kó tòrí san gbo dídé, (aja in pa igbó) Fisga, mata e arrasta ferozmente sua presa, (o cão morto na floresta) Ode aróle o Ele é o caçador herdeiro Aróle o oni sa gbo olówo Hoje o herdeiro exibe sua riqueza Ode aróle o nkú lode Ele é o caçador herdeiro que tem o poder de atrair a caça para a morte.

ÀDÚRÀ TI ÒSÓNYÌN

Meré-meré Òsónyìn ewé o e jìn Habilmente Òsónyin as folhas vós destes Meré-meré Òsónyìn ewé o e jìn Habilmente Òsónyin as folhas vós destes Meré-meré ewé o e jìn ngbe non Habilmente as folhas vós destes secas no caminho Meré-meré ewé o e jìn ngbe non Habilmente as folhas vós destes secas no caminho E jìn meré-meré Òsónyìn wa lê Vós deste habilmente Òsónyìn a nós a magia

ÀDÚRÀ TI OMOLÚ

Omolú ìgbóná ìgbóná zue Omolú, Senhor da Quentura Omolú ìgbóná ìgbóná zue Sempre febril produz saúde Eko omo vodun maceto Educa o filho Vodun Maceto Eko omo vodun na je Vodun educa o filho castigando Ìjòni le o Nàná Nàná ele é capaz de provocar queimaduras Ìjòni le o Nàná ki mayò Ele é capaz de provocar queimaduras, Nana, e se enche de alegria Nàná ki mayò ki n a lode Nana ele se enche de alegria do lado de fora

Fèlèfèlè mi igba nlo, ajunsun wale És capaz de fazer definhar em vida, Ajunsun, até secar Meré-meré e no ile isin Habilmente ele enche a nossa casa de escravos Meré-meré e no ile isin Habilmente ele enche a nossa casa de escravos E n sinbe meré-meré osú láyò Primeiramente o erguemos habilmente osú que cobre a terra E n sinbe meré-meré osú láyò Primeiramente o erguemos habilmente osú que cobre a terra Oba alá tun zue obi osùn Rei que nasceu como o sol, Pai do Vermelho Oba alá tun zue obi osùn Rei que nasceu como o sol, Pai do Vermelho Iya lóni Neste dia Otù, àkóba, bi ìyá, húkó, káká, beto Doença, infelicidade, sofrimento, tosse, dificuldades, aflição Otun zue, obi, osùn Suplico-lhe diariamente, Pai do Vermelho Bara ale so ran ale so ran Rei do corpo suplico-lhe rastejando Bara otun zue obi osùn Rei do corpo suplico-lhe diretamente, Pai do vermelho.

ÀDÚRÀ TI YÈWÁ

Pèlé ‘nbo Yèwá a níre o Delicadamente cultuamos Yèwá por estarmos felizes Pèlé ‘nbo Yèwá a níre o Delicadamente cultuamos Yèwá por estarmos felizes Òrìsà yin a ‘nbo Yèwá Orixá estamos cultuando-vos Yèwá Yèwá a níre o Yèwá estamos felizes.

ÀDÚRÀ TI NÀNÁ

E kò odò, e kò odò fó Encontro-lhe no rio, encontro-lhe no leito do rio E kò odò, e kò odò fó

Encontro-lhe no rio, encontro-lhe no leito do rio E kò odò, e kò odò fó Encontro-lhe no rio, encontro-lhe no leito do rio E kò odò, e kò odò fó Encontro-lhe no rio, encontro-lhe no leito do rio Kò odò, kò odò, kò odò e Encontro no rio, encontro no rio, encontro-lhe no rio Dura dura ní kò gbèngbè Esforçando-me para não afundar na travessia do grande rio Mawun awun a tì jô n Lentamente como uma tartaruga trancada suplicando perdão Saluba Nana, saluba Nàná, saluba. Saluba Nàná, saluba Nàná, saluba.

ÀDÚRÀ TI ÒSÙMÀRÈ

Òsùmàrè e sé wa dé òjò Òsùmàrè é quem nos traz a chuva Àwa gbè ló sìngbà opé wa Nós a recebemos e retribuímos agradecidos E kun òjò wa É o bastante a chuva para nós Dájú e òjò odò Certamente vossa chuva é o rio Dájú e òjò odò s'àwa Certamente vossa chuva é o rio, para nós.

ÀDÚRÀ TI SÒNGÓ

Oba ìró l'òkó Rei do Trovão Oba ìró l'òkó Rei do Trovão Yá ma sé kun ayinra òje Encaminha o fogo sem errar o alvo, nosso vaidoso Òje (Aganju/Ogodo/Afonjá) òpó monja le kòn (Aganju/Ogodo/Afonjá) alcançou o Palácio Real Okàn olo l'Oyá Ùnico que possuiu Oyá Tobi fori òrìsà Grande Líder dos Orixás Oba sorun alá alàgba òje

Rei que conversa no céu e que possui a honra dos Òje Oba sorun alá alàgba òje Rei que conversa no céu e que possui a honra dos Òje

ÀDÚRÀ TI OYÁ

E ma odò, e ma odò Eu vou ao rio, eu vou ao rio Lagbó lagbó méje Do seu modo encontrado nos arbustos reparte em sete O dundun a soro Vós que fala através do Dundun Balè hey. Tocando o solo te saúdo.

ÀDÚRÀ TI ÒSÚN

E njì tenú ma mi o

Vós que gentilmente me dá muitos presente

Tenú màmà ya

Calmamente sem aflição

Ìyá Ìbejí di Lógun àyaba omi ro

Mãe dos gêmeos que vem a ser mãe de Lógun, Rainha das águas pingando

Ìbejì kórì ko jo

Os gêmeos adornam vários k'òrì sem queimar

Àyaba ma pákútá màlà ge sá

Rainha me faz guisado em pequenas panelas deslumbrantemente corte com espada

Iya mi yèyé (Òsogbo/Ipondá/Opara/Kare).

Me encaminhe mamãe querida de (Òsogbo/Ipondá/Opara/Kare).

ÀDÚRÀ TI ÒBÀ

Òbà mo pe o o Òbà eu te chamo Òbà mo pe o o Òbà eu te chamo Sare wa je mi o Venha logo me atender Òbà ojowu aya Sàngó sare

Òbà, mulher ciumenta esposa de Sàngó, venha correndo Wa gbo àdúrà wa o Ouvir a nossa súplica Enì n wa owó, ki o fún ni owó A quem quer dinheiro, dá dinheiro Enì n wa omo, ki o fún ni omo A quem quer filhos, dá filhos Enì n wa àláfíà, ki o fún ni àláfíà A quem quer saúde, dá saúde Sare wa je mi o. Venha logo me atender.

ÀDÚRÀ TI YEMONJA

Yemonja gbé rere ku e sìngbà Yemonja, traz boa sorte repentinamente retribuindo Gbà ní a gbè wí Receba-nos e proteja-nos em vosso rio To bo sínú odò yin Cultuamos-vos sufientimente em vosso rio Òrìsà ògìnyón gbà ní odò yin. Orixá comedor de inhames novos, receba-nos em vosso rio.

ÀDÚRÀ TI ÒÒSÀÀLÁ

Bàbá esá rè wa Pai dos ancestrais, venha nos trazer boa sorte Ewa agba awo a sare wa . Belo ancião do mistério venha depressa A je águtan Comedor de ovelha A sare wa ewa agba awo Venha depressa belo ancião do mistério Iba Òrìsà yin agba ògìnyòn. Saudações Orixá escutem-me ancião comedor de inhame pilado.

ÀDÚRÀ TI ÒRÚNMÌLÀ

Òrúnmìlà Ajànà Òrúnmìlà Ajànà Ifá Olókun

Ifá Okókun A sòrò dayò Que faz o sofrimento tornar-se alegria Eléri ìpín O testemunho do destino Okìtìbíri ti npa ojó ikú dà O poderoso que protela o dia da morte Òrúnmìlà jíre lóni. Òrúnmìlà você acordou bem hoje?

ÀDÚRÀ TI ORÍ

Orí ení kini sàka ení Cabeça que está purificada na esteira Orí ení kini sàka yan Cabeça que está purificada na esteira caminha soberbamente Orí olóore ori jè o A cabeça do vencedor vencerá A saka yìn ki ya n’to lo ko A cabeça limpa que louvamos mãe permita que façam uso dela A saka yìn ki ègbón mi gbè A cabeça limpa que louvamos meu mais velho conduzirá Ìta nù mo bo orí o. Ar livre e limpo oferendo a cabeça.

ÀDÚRÀ TI ELÉDA

Àwa nà wúre eléda wa Nós temos bos sorte repartida pelo Senhor da Criação Àwa nà wúre eléda wa Nós temos bos sorte repartida pelo Senhor da Criação Mo adúpe wúre ati odúnmódún Eu agradeço pedindo abenção a muitos anos Mo adúpé wúre ati èsú mòsu Eu agradeço pedindo abenção a essência do meu Criador Mo adúpé wúre iba gbogbo Eu agradeço pedindo abenção e saudando a todos Àwa nà wùre eléda wa. Nós temos boa sorte repartida pelo Senhor da Criação.

ÀDÚRÀ TI OLOJÓ ÒNÌ

Ijò yí olùwa ìyè ijó yí Persistente Senhor do Dia e da vida Ijò yí olùwa ìyè ijó yí Persistente Senhor do Dia e da vida Má jé kó bàjé Não me permita aprender a corromper Má jé kó aro Não

me permita aprender tristezas Má je kó bàjé o Não me permita aprender a corromper-me Ìyé ijó yí, ìyè ijò yí Senhor do Dia e da vida, Senhor do Dia e da vida.

OFÒ TI ÀSE

Àse Òrìsà lenu mi o Força de Orixá em minha boca Àse Òrìsà lenu mi Força de Orixá em minha boca Gbogbo ohun mo tí wi Toda minha voz é entendida Níki irun ìmònle oba o e sentida pelos 400 Espíritos Reais Àse Òrìsà lenu mi. Força de Orixá em minha boca.

Este material é parte integral do CD de Rezas, denominado ÀDÚRÀ ÀWON ÒRÌSÀ. Não deve ser vendido separadamente. Produção: CETRAB – Centro de Tradições Afro-Brasileiras Realização: Marcelo Monteiro Ode Araofa, Apoio Cultural: Espaço Cultural e Loja Tenda da Íris. Telefones para contato: 3685-0380 – 261-6153

ÀDÚRÀ TI ORÍ

Orí ení kini sàka ení

Cabeça que está purificada na esteira

Orí ení kini sàka yan

Cabeça que está purificada na esteira caminha soberbamente

Orí olóore ori jè o

A cabeça do vencedor vencerá

A saka yìn ki ya n'to lo ko

A cabeça limpa que louvamos mãe permita que façam uso dela

A saka yìn ki ègbón mi gbè

A cabeça limpa que louvamos meu mais velho conduzirá

Ìta nù mo bo orí o.

Ar livre e limpo oferendo a cabeça.

Asè

OFÒ TI ÀSE

Àse Òrìsà lenu mi o

Força de Orixá em minha boca

Àse Òrìsà lenu mi

Força de Orixá em minha boca

Gbogbo ohun mo tí wi

Toda minha voz é entendida

Níki irun ìmònle oba o

e sentida pelos 400 Espíritos Reais

Àse Òrìsà lenu mi.

Força de Orixá em minha boca.

Asè

ÀDÚRÀ TI EGÚNGÚN

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espíritos do mònriwo

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún!

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espíritos do m ò nriwo

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún!

Egúngún a yè, kîi sé bo òrun

Egúngún para nós sobrevive, a ele saudamos e cultuamos

Mo júbà rè Egúngún mònríwo

Apresento-vos meus respeitos, ó espírito do maríwo

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espíritos do m ò nriwo

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún!

A kîì dé wa ó, a kîì é Egúngún

Nós vos saudamos quando chegais até nós, vos saudamos Egúngún

Won gbogbo ará asíwájú awo

A todos os ancestrais do culto

Won gbogbo aráalé asíwájú mi

A todos os ancestrais da minha família

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espíritos do m ò nriwo

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún!

Mo pè gbogbo ènyin

Todos os espíritos do maríwo

Si fún mi ààbò àti ìrònlówó

Eu chamo a todos vós para virem dar-me proteção e ajuda

Agó, kìì ngbó ekún omo rè

Agó ao ouvir o choro dos filhotes,

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espíritos do m ò nriwo

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún!

Ki o ma ta etí wéré

Responde rapidamente

Bàbá awa omo re ni a npè o

Ó pai, somos teus filhos e te chamamos

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espíritos do m ò nriwo

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún!

Ki o sare wá jé wa o

Vem logo nos ouvir

Ki o gbó ìwùre wá

Ouve nossas rezas

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espíritos do m ò nriwo

Ilè mo pè o

Terra, eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún!

Má jè a ríkú èwe

Livra-nos da mortalidade “infantil”

Má jè a ríjà Èsú

Proteja-nos da ira de È s ú

Má jè a ríjà Ògún

Proteja-nos da ira de Ògún

Má jè a rija omi

Proteja-nos da ira das águas

Má jè a rija Soponná

Proteja-nos da ira de So p o nná

Ilè mo pè o

Terra eu vos chamo!

Gbogbo mònríwo

Todos os espíritos do m ò nriwo

Ilè mo pè o

Terra eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún

Mo tumba, bàbá Egúngún

Eu vos peço abenção, Pais Espíritos

Ilè mo pè o

Terra eu vos chamo!

Egúngún o

Ó Egúngún

Asè

ÀDÚRÀ TI ÌYÁMI ÒSÒRÒNGÁ

Ìyá kéré gbo ìyámi o

Pequeninas mães, ó idosas mães

Ìyá kéré gbohùn mi

Pequeninas mães, ouçam minha voz

Ìyá kéré gbo ìyámi o

Pequeninas mães, ó idosas mães

Ìyá kéré gbohùn mi

Pequeninas mães, ouçam minha voz

Gbogbo Eléye mo Ìgbàtí

Todas as senhoras dos pássaros quando eu

Ìgbàmú ile

Cumprimo a terra

Ìyá kéré gbohùn mi

Pequeninas mães, ouçam minha voz

Gbogbo Eléye mo Ìgbàtí

Todas as senhoras dos pássaros da noite

Ìgbàmú ile

Todas as vezes que comprimo a terra

Ìyá kéré gbohùn mi

Pequeninas mães, ouçam minha voz

Asè

ORÍKÌ TI ÈSÚ

ÀDÚRÀ TI OLOJÓ ÒNÌ

Ijò yí olùwa ìyè ijó yí

Persistente Senhor do Dia e da vida

Ijò yí olùwa ìyè ijó yí

Persistente Senhor do Dia e da vida

Má jé kó bàjé

Não me permita aprender a corromper

Má jé kó aro

Não me permita aprender tristezas

Má je kó bàjé o

Não me permita aprender a corromper-me

Ìyé ijó yí, ìyè ijò yí

Senhor do Dia e da vida, Senhor do Dia e da vida.

Asè

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Èsú láaróyè, Èsú láaróyè

Èsú láaróyè, È s ú láaróyè

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Èsú Láàlú Ogiri Òkò Ebìtà Okùnrin

Èsú Láàlú Ogiri Òkò E bìtà O kùnrin

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Èsú òta òrìsà

Èsú pedra (mineral) de Orixá

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Osétùrá l'oruko bàbá mó ó

Oxeturá é o nome pelo qual é chamado por seu pai

Alágogo ìjà l'oruko ìyá npè o

Alágogo Ìjà, é o nome pelo qual sua mãe o chama

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Èsú Òdàrà, omokùnrin Ìdólófin

Èsú bondoso, filho homem da cidade de Ìdólófìn

O lé sónsó sórí orí esè elésè

Aquele que tem a cabeça pontiaguda fica no pé das pessoas

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Kò jé, kò jé kí eni nje gbe e mì

Não come e não permite que ninguém coma ou engula o alimento

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

A kìì lówó láì mu ti Èsú kúrò

Quem tem riqueza reserva para È s ú a sua parte

A kìì láyò láì mu ti Èsú kúrò

Quem tem felicidade reserva para È s ú a sua parte

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Asòntún se òsì láì ní ítijú

Fica dos dois lados sem constrangimento

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Èsú àpáta somo olómo lénu

Èsú, montanha de pedras que faz o filho falar coisas que não deseja

O fi okúta dípò iyó

Usa pedra em vez de sal

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Lóògemo òrun a nla kálù

Indulgente filho do céu cuja grandeza está em toda a cidade

Pàápa-wàrá, a túká máse sà

Apressadamente fragmenta o que não se junta nunca mais

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

Èsú máse mi, omo elòmíran ni o se

Èsú não me faça mal, manipule o filho do outro

Èsú máse, Èsú máse, Èsú máse

Èsú não faça mal, È s ú não faça mal, È s ú não faça mal

Iyìn o, iyìn o Èsú n má gbò o

Èsú escute o meu louvor à ti

ORIKI ÈSÚ

Èsù òta òrìsà.

Exú, o inimigo dos orixás.

Osétùrá ni oruko bàbá mò ó.

Osétùrá é o nome pelo qual você é chamado por seu pai.

Alágogo Ìjà ni orúko ìyá npè é,

Alágogo Ìjà é o nome pelo qual você é chamado por sua mãe.

Èsù Òdàrà, omokùnrin Ìdólófin,

Exú Òdàrà, o homem forte de ìdólófin,

O lé sónsó sí orí esè elésè

Exú, que senta no pé dos outros.

Kò je, kò jé kí eni nje gbé mì,

Que não come e não permite a quem está comendo que engula o alimento.

A kìì lówó lái mú ti Èsù kúrò,

Quem tem dinheiro, reserva para Exú a sua parte,

A kìì lóyò lái mú ti Èsù kúrò,

Quem tem felicidade, reserva para Exú a sua parte.

Asòntún se òsì lái ní ítijú,

Exú, que joga nos dois times sem constrangimento.

Èsù àpáta sómo olómo lénu,

Exú, que faz uma pessoa falar coisas que não deseja.

O fi okúta dípò iyò.

Exú, que usa pedra em vez de sal.

Lóògemo òrun, a nla kálù,

Exú, o indulgente filho de Deus, cuja grandeza se manifesta em toda parte.

Pàápa-wàrá, a túká máse sà,

Exú, apressado, inesperado, que quebra em fragmentos que não se poderá juntar novamente,

Èsù máse mí, omo elòmíràn ni o se.

Exú, não me manipule, manipule outra pessoa.

Esù - Com Tradução a Cada Linha

Iba Esù Odara

Esu Odara, inclino-me.

A Ba Ni Wa Oran Ba O Ri Da

Ele procura briga com alguém e encontra o que fazer.

O San Sokoto Penpe Ti Nse Onibode Olorun

Ele veste uma calça pequena para ser guardião na porta de Deus.

Oba Ni Ile Ketu

Rei da terra de Ketu.

Alakesi Emeren Aji E Aji E M(u) Ògùn

Aquele a quem se convida e que, tão logo acorda, toma um remédio.

A Lun (se) Wa Se Ibini

Ele reforma Benin.

Laguna Jo Igbo Bi Orò

Laguna queima o mato como oro.

Esù Foli Fò O Fi Ókò Fo Oju Anan Re

Esu arrebenta facilmente os olhos de seus sogros com uma pedra.

LA Nyan Hamana

Ele caminha movendo-se com altivez.

Ika Kò Boro Boro

O malfeitor não morre depressa.

Kò Là Kò Rà O Ba Ona Oja Ile Su

Ele faz com que no mercado nada se compre e nada se venda.

Agbo L Ara A Yaba Má Pa (Mo) Abemu

Agbo faz com que a mulher do rei não cubra a nudez de seu corpo.

O Se Firi Oko Ero Oja

Ele se torna rapidamente o senhor daqueles que passam pelo mercado.

Bara Fi Imu Fon Awon Sebi Okò L O Si

Quando Bara assoa o nariz, todo mundo acredita que o trem vai partir.

Ero Palemo Wara Wara

Os passageiros preparam-se rapidamente

ÀDÚRÀ TI ÒRÚNMÌLÀ

Oriki Orunmilà

ORIKI ORUNMILÀ

Iba Olodumare

(Eu saúdo Olodumare, Deus maior)

Iba Orunmila

(Eu saúdo Orunmilá)

Iba Ogun Orisa Ile

(Eu saúdo Ogum, o dono da casa)

Iba Irunmole

(Saúdo os Irunmole, os Orixás)

Iba Ile Ogeere afoko yeri

(Saúdo a terra)

Iba atiyo Ojo

(Saúdo o dia que amanhece)

Iba atiwo Oorun

(Saúdo a noite que vem)

Iba F'olojo oni

(Saúdo o dono do dia)

Iba Eegun Ile

(E saúdo o Egun da casa, nosso ancestral)

Iba Agba

(Saúdo os velhos sábios)

Iba Babalorisa

(Saúdo o pai-de-santo)

Iba Omo Orisa

(Saúdo os filhos-de-santo)

Iba Omode

(Saúdo as crianças)

Awa Egbe Odo Orunmila juba O, Ki iba wa se

(Nós, que cremos em Orunmilá, saudamos e esperamos que)

T'omode ba juba baba re, agbe'le aye pe

(Orunmilá ouça nossa saudação)

Ada se nii hun omo

(O filho que reverencia seu pai tenha longa vida e por nada sofrerá)

Iba kii hun omo eniyan

(Que a nossa saudação a nós poupe sofrimentos)

Akoogba kii hum oloko

(Que as plantas boas não falhem ao agricultor)

Atipa kii hun oku

(Que aos mortos não falte sepultura)

Aso funfun kii hun olorisa

(Que a Orixalá não falte o pano branco)

Kaye o-ye wa o

(Para que o mundo nos seja bom)

Ka riba ti se

(Que nossos caminhos se abram)

Ka, ma r'ija Omo araye O

(Que não vejamos a discórdia dos povos sobre a terra)

Ka'ma r'ija eleye O

(Nem a obra das feiticeiras, Ia Mi Ashorongá)

Ajuba O! A juba O!! A juba O!!!

(Nós saudamos, saudamos, saudamos)

Ase

(Axé)

ÀDÚRÀ TI ELÉDA

Àwa Nà Wúre Eléda Wa

Nós Temos Boa Sorte Repartida Pelo Senhor Da Criação

Àwa Nà Wúre Eléda Wa

Nós Temos Boa Sorte Repartida Pelo Senhor Da Criação

Mo Adúpe Wúre Ati Odúnmódún

Eu Agradeço Pedindo Abenção A Muitos Anos

Mo Adúpé Wúre Ati Èsú Mòsu

Eu Agradeço Pedindo Abenção A Essência Do Meu Criador

Mo Adúpé Wúre Iba Gbogbo

Eu Agradeço Pedindo Abenção E Saudando A Todos

Àwa Nà Wùre Eléda Wa.

Nós Temos Boa Sorte Repartida Pelo Senhor Da Criação.

Òrúnmìlà Ajànà

Òrúnmìlà Ajànà

Ifá Olókun

Ifá Okókun

A sòrò dayò

Que faz o sofrimento tornar-se alegria

Eléri ìpín

O testemunho do destino

Okìtìbíri ti npa ojó ikú dà

O poderoso que protela o dia da morte

Òrúnmìlà jíre lóni.

Òrúnmìlà você acordou bem hoje?

ÀDÚRÀ TI OLOJÓ ÒNÌ

Ijò yí olùwa ìyè ijó yí

Persistente Senhor do Dia e da vida

Ijò yí olùwa ìyè ijó yí

Persistente Senhor do Dia e da vida

Má jé kó bàjé

Não me permita aprender a corromper

Má jé kó aro

Não me permita aprender tristezas

Má je kó bàjé o

Não me permita aprender a corromper-me

Ìyé ijó yí, ìyè ijò yí

Senhor do Dia e da vida, Senhor do Dia e da vida.

Asè

ÀDÚRÀ TI ÒSÓNYÌN

Meré-meré Òsónyìn ewé o e jìn

Habilmente Òsónyin as folhas vós destes

Meré-meré Òsónyìn ewé o e jìn

Habilmente Òsónyin as folhas vós destes

Meré-meré ewé o e jìn ngbe non

Habilmente as folhas vós destes secas no caminho

Meré-meré ewé o e jìn ngbe non

Habilmente as folhas vós destes secas no caminho

E jìn meré-meré Òsónyìn wa le

Vós deste habilmente Òsónyìn a nós a magia

Adúrá Awon Òrìsà - Yemonja

ÀDÚRÀ TI YEMONJA

Yemonja gbé rere ku e sìngbà

Yemonja traz boa sorte repentinamente retribuindo

Gbà ní a gbè wí

Receba-nos e proteja-nos em vosso rio

To bo sínú odò yin

Cultuamos-vos sufientimente em vosso rio

Òrìsà ògìnyón gbà ní odò yin.

Orixá comedor de inhames novos receba-nos em vosso rio.

ORIKI ODÉ

ÒSÓÒSI. Awo `ode ìjà pìtìpà.

Omo ìyá ÒGÚN ONÍRÉ. ÒSÓÒSI gbà mí o.

Òrìsà a dinà má yà.

Ode tí nje orí eran. eléwà òsòòsò.

Òrìsa tí ngbélé imò, gbe ilé ewé.

A bi àwò lóló.

ÒSÓÒSÌ kì nwo igbó, kí igbo má mì tìtì.

Ofà ni mógàfí ìbon, oo ta ofà sí iná, iná kú pirá.

O tá ofà sí oòrùn, oòrùn rè wèsè.

Ogbàgbà tí ngba omo rè.

Oní màríwò pákó. Ode bàbá ò.

Odè ojú ÒGÚN, O fi kan soso pa igba ènìyàn.

Ode nú igbó, o fi ofà kan soso pa igba eranko.

A wo eran pa si ojúbo ÒGÚN lákayé, má wo mi pa o.

Má sì fi ofà owo re dá mi lóró.

Odè ò, Odè ò, Odè ò, ÒSÓÒSI ni nbá Odè inú igbo fà, wípé kí ó de igbó re.

ÒSÓÒSÌ oloró tí nba ségun, o bá ajé jà, o ségun.

ÒSÓÒSI o. Má bà mi jà o.

ÒGÚN ni o bá mi se o.

Bí o bá nbò láti oko. Kí o ká ilá fún mi wá.

Kí o re ìréré ìdí rè. Má gbàgbé mi o, Odè ò, bàbà omo kí ngbàgbé omo.

TRADUÇÃO:

Oxosi! Ó orixá da luta, irmão de Ogún Onire.

Oxosi, me proteja!

Orixá que tendo bloqueado o caminho, não o desimpede.

Caçador que come a cabeça dos animais.

Orixá que come ewa osooso.

Orixá que vive taanto em casa de barro como casa de folhas.

Que possui a pele fresca..

Oxosi não entra na mata sem que ela se agite.

Ofá é a arma poderosa que o pai usa em lugar da espingarda.

Ele atirou a sua flecha contra o fogo, o fogo se apagou de imediato.

Atirou sua flecha contra o sol, e o sol se pôs.

Ó salvador, que salva seus filhos!

Ó senhor do màriwó páko!

Meu pai caçador chegou na guerra, matou duzentas pessoas com uma única flecha.

Chegou dentro da mata, usou uma única flecha para matar duzentos animais selvagens.

Arrasta um animal vivo até que ele morra e o entrega no ojubo de ÒGÚN.

Não me arraste até a morte.

Não atire sofrimentos em minha vida com seu Ofá.

Ó ODÉ! ó ODÉ!, ó ODÉ!

Dentro da mata é OXOSI que luta ao lado do caçador para que ele possa cacar direito.

OXOSI, o poderoso, que vence a guerra para o rei.

Lutou com a feiticeira e venceu. Ó OXOSI, não brigue comigo.

Vence as guerras para mim, quando voltar da mata, colhe quiabos para mim , e se colhe-los, tire seus talos.

Não se esqueça de mim.

Ó ODÉ, um pai não de esquece do filho.

Ibá Òde Aye.

Ibá Emi Orisa.

Ibá Awo Orisa.

Ibá Omo Orisa.

Mo Juba O Oba Ketu.

Mo Juba O Emi Baba Òde Asè.



ASÈ

Saudo o Caçador da terra.

Saudo segredo dos Orixás.

Saudo Meu Orixá.

Saudo ao filho do Orixá.

Meu Respeito ao Rei de Ketu.

Meu Respeito ao Meu Pai Caçador

Axé.

ÈRE ÌBEJÌ

Owó omodé ò to Pepe

Ti àgbálagbà ò wo akèrègbè

Isé èwe be àgbà,

Ki ó má se kò mó,

Gbogbo wa ni a nísé a Jo mbe araa wa.

TRADUÇÃO:

As mãos das crianças não atingem o teto

As dos adultos não conseguem entrar no jarro

Quando as crianças pedem favores a adultos,

Que eles não recusem mais,

Pois um dia ambos precisarão um do outro.

Oyà

Oyà A To Iwo Efòn Gbé

Oyà Olókò Àra

Obìnrin Ogun

Obìnrin Ode

Oya Òrírì Arójú Bá Oko Kú.

Iru Èniyàn Wo Ni Oyà Yí N Se, Se?

Ibi Oya Wà, Ló Gbiná

Obìnrin Wóò Bi Eni Fó Igbá

Oyà tí awon òtá rí

Tí Won Torí Rè Da Igbá Nù Sì Igbó

Héèpà Héè, Oya ò!

Erù Re Nikan Ni Mo Nbà O

Aféfé Ikú

Obìnrin Ogun, Ti Ná Ibon Rè Ní À Ki Kún

Oyà ò, Oyà Tótó Hun!

Oyà, A P'Agbá, P'Àwo Mó Ni Kíákíá,

Kíákíá, Wéré Wéré L' Oyà Nse Ti È

A Rìn Dengbere Bíi Fúlàní

O Titi Tí Nfi Gbogbo Ará Rìn Bí Esin

Héèpà, Oya Olómo Mesan, Ibá Re Ò!

Ela é grande o bastante para carrega o chifre do búfalo

Oyà, que possui um marido poderoso

Mulher guerreira

Mulher caçadora

Oyà, a charmosa, que dispõe de coragem para morrer com seu marido.

Que tipo de pessoa é Oyà?

O local onde Oyà está, pega fogo

Mulher que se quebra ao meio como se fosse uma cabaça

Oyà foi vista por seus inimigos

E eles, assustados, fugiram atirando as bagagens no mato

Eeepa He! Oh, Oyà!

Éssa única pessoa que temo

Vendaval da Morte

A mulher guerreira que carrega sua arma de fogo

Oh, Oyà, à Oyà respeito e submissão!

Ela arruma suas coisas sem demora

Rapidamente Oyà faz suas coisas

Ela vagueia com elegância, como se fosse uma nômade fulani

Quando anda, sua vitalidade é como a do cavalo que trota

Eeepa Oya, que tem nove filhos, eu te saúdo!

ODURA OLOOKE

Ah,olooke se eyi o

eniyan ko o

ise eleduwa ni

ko se ba

mo ji gini,mo rin gini

mo rin gini gini wo ja

mo ba awon agbagba meta

agbagba meta to ti Ile-ife bo

mo ni bawo ni won se n se nibi

wo ni ire ni ko je temi

beeri mi ke yo mo mi

sese lo omode yo mo eye

mo di odindin mo wo lo mo.

Omi dudu

Omi dudu

omi dudu fo ju jo aro

o fi oju jo aro

ko le ran aso

ko le ran aso

ko le ran awo

ko le fi ipa ran ebi awa]

Momori bale

Baba mi

Mon maa kare oke lere

Baba mi

Mon maa kare oke lere

Omo Olooke a to bo ro ré

Baba mi

Mon maa kare oke lere

Baba mi

Mon maa kare oke lere•

Mo fi ori bale

fun baba Oke

Oloroke

fun baba Oke

Oloroke

ORIKI OLOOKE

Òkè ládéokín ajíbíse

Òkè gbogbo è lomo

Dúdú n kóóró

A ní nla ìfun àjànàkú

A wá láyá ijá korikori

Òkú erin ti í ba àràbà lérú

Òkè ládéokín a bi aso kolà

Òkè ládéokín eléwú mònà mònà

Ayibíowú omo lájogun

Òkè kéé kèè kéé

Ni yíkè yíkè i yí

Ta ní lè yí sóbí

Ta ní lè yí Elegbaa

Ta ní lè yí Tèngbá

Ajíbíse Òkè baba Siè

Egbe akankú e jòwó

E má je kí Olooke o re òwu

Olooke ti ó re òwu kò dé

Olooke ti ó re òwu kò bò

E bá mi gbé omo Olooke

Lantí Lantì

Òkè kò ní ilé tíè lótò

Ìdí Obàtálá ní í gbé

Òkè ládéokín eléwú mònà mònà

Jojololá Ajíbíse

Òkè gbogbo è lomo

O orin que segue é para tirar Olooke no barracão ou para tirar uma Pessoa para receber um cargo da casa de Olooke.

Neste momento só as mulheres podem cantar e as mesmas vão jogando seus Iborun ou pano da costa Branco no chão formando uma pasarela para o grande Orisa passar e as mesmas permanecem sempre agachadas e com olhar baixo.

Laye Olugbon

Iborun a lo

Oro n lo

Laye aresa

Iborun a lo

Oro n lo

Ori a e lo ta de lo ta de

Atare a loko losun

Fa doko ikiko

Eleda iluran

Eniya gbo o

Eleda iluran

Laye olugbon

Mo gbe iborun meje

laye aresa

mo gbe iborun mefa

laye akanda

Mo ra koko, m ora aran

mo egbirin baba aso

afi ole,lo le pe ile yi o dun

mo tu ju gbogbo won lo

AS FOLHAS E OS ORISAS

Ataare

Da mesma forma como no oráculo de Ifá os (Odù) são organizados dentro de um sistema classificatório, no culto a Osanyin, os vegetais, também, estão inseridos nesse sistema, e devemos considerar o fato que o orisa assim como as folhas e outros elementos da natureza nascem de uma obra de Olodumare que nós identificamos como odu,essa é a razão por que a mesma folha servem a mais de um orisa.

iroko

Ábèbè Òsún = Erva Capitão

Abéré = Picão Preto

Ábitólá = Cambará

Àfòmón = Erva de Passarinho

Àgbá = Romã

Àgbàdó = Milho

Àgbaó = Imbaúba

Agbéye = Melão D'Água

Àgbon = Coqueiro

Àgogo = Figueira do Inferno

Àjóbi, Àjóbi Oilé, Àjóbi Pupá = Aroeira Comum, Aroeira Vermelha

Àjóbi Funfun = Aroeira Branca

Akan = Cará Moela

Akòko = Acoco

Jokonije = Jarrinha

Alékèsì = São Gonçalinho

Àlùbósà = Cebola

Àlúkerésé = Dama da Noite

Àlùmóm = Boldo Paulista

Àmù = Sete Sangrias

Apáòká = Jaqueira

Àrìdan = Aridan

Àrùsò = Alfazema

Àsíkùtá e Efin = Malva Branca

Ata = Pimenta Malagueta

Ataare = Pimenta da Costa

Atopá Kun = Arruda

Àtòrìnà = Sabugueiro

Awùrépépé = Agrião do Para, Pimenta D'Água

Bàlá = Taioba

Balabá = Lirio do Brejo

Bánjókó = Bem me Quer

Bàrà = Melancia

Bejerekun = Pindaíba

Bujè = Jenipapeiro

Dandá = Junquinho

Dankó = Bambu

Efínfín = Alfavaca

Efínrín Kékéré = Manjericão

Ègé = Mandioca

Ègúsi = Melão

Èkèlegbara = Perpétua

Ekun = Sapê

Elégédé = Abóbora

Èpà = Amendoim

Eré Tuntún = Levante

Eró igbin = Erva de Bicho

Èsìsì = Urtiga

Etába ou Asá = Tabaco

Étipónlá = Erva Tostão

Ewé Bàbá = Boldo

Ewé Bíyemí = Quebra Pedra

Ewé Boyí = Bétis Cheiroso

Ewé Gbúre = Bredo

Ewé Idá Òrìsà = Espada de São Jorge

Ewé Inón = Folha Fogo

Ewé Isinisini = Mastruz

Ewé Iyá = Pariparoba

Ewé Kúkúndùnkú = Batata Doce

Ewé Lárà Funfun = Mamona

Ewé Lorogún = Abre Caminho

HEVIOSO

As informações mais antigas que encontrei sobre os Voduns do panteão do trovão, datam do final do séc. XV e princípio do séc XVI.

Nas aldeias lacustres, nos arredores do atual Allada, era cultuado o Vodum Setohoun (espírito da laguna).

Quando Setohoun chegou a aldeia de Hevie (reviê), os nativos o batizaram com o nome de Hevioso ou Hebyoso (na minha opinião Hevioso seria o mais correto, visto a sua tradução ser: hevi: nome da cidade e oso ou so: raio = raio de Hevie).

Em Dahomey ele recebeu o nome de Xevioso, quando chegou trazido por uma nativa da aldeia de Hevie.

Na cidade de Mahi era cultuado o Vodum Djiso (djisô) na tribo Djétovi. Nesta mesma cidade, também eram cultuados os Voduns: Gbame-so (bamé-sô) que tudo indica ser o mesmo Bade que conhecemos no Brasil; Akhombe-so (acrombé sô); Ahoute-so (aroutêsô) e Djakata-so (djacatá-sô).

Vale assinalar que em toda a região do Dahomey atual Benin, até os dias de hoje, todos esses Voduns inclusive o Orixá Shango são chamados de SO (sô), que quer dizer raio.

Sogbo era e ainda é, para o povo daometanos a grande deusa, mãe de todos os Voduns So e irmã de Hevioso. Junto com seu irmão lidera a família.

A partir do meado do séc. XVI o culto desses Voduns se espalhou por todas as regiões do Dahomey. Com essa expansão, novos Voduns foram surgindo. Vejamos alguns deles:

Adantohun (adantôrrum) (seria o que conhecemos como Soboadan?!)

Ahuangan (arruangam)

Alansan (alansam)

Kasu Kasu (cassu cassu)

Saho (sarrô)

Aden (feminina)

Gbwesu (buêssu)

Akele (aquêlé)

Besu (bêssu)

Ozo (ôzô)

Kunte (cuntê) feminina

Naete (naêtê) feminina)

Beyongbo (beionbó) (feminina)

Avehekete (averequéte)

Dawhi (dauri)

Hungbo (rumbó)

Salile (salilê)

Agbe (abê) (feminina)

Ahuangbe (arruambé)

Contam os vodunos e Hunos que devido as tribos litorâneas que prestavam culto aos xwala-yun (deuses do mar) adotarem o culto a So, Agbe e Naete foram designadas a se estabelecerem no mar junto ao grande Vodum Hun e que a partir daí, o culto dos dois panteões se fundiram nos cultos.

Ao nível de Brasil, por tudo que pude constatar em minhas pesquisas, não vi muita diferença entre nosso culto e o dos africanos. A maioria dos So que existem no Benin existe aqui também.

No Brasil é comum as pessoas chamarem todos os Voduns do panteão do fogo de “Sobo”.

Vejamos alguns Voduns e suas características:

Kasu Kasu (cassucassu) - Guerreiro que defende as aldeias e ou casas de santo onde é cultuado. Os inimigos têm pavor de Kasu. Dizem que quando em luta ele cospe fogo sobre os inimigos. Quando em guerras, Kasu coloca-se a frente da aldeia e ou casa de santo e abre seus braços

criando assim um obstáculo que impede os inimigos de atacar. A tradução de seu nome é barreira.

Sogbo (sobo) - Vodum feminina considerada a mãe de todos os So. Faz trovejar para alertar os homens que os deuses julgadores e da justiça estão insatisfeitos e que o trovejar é sinal do castigo que está por vir.

Djakata-so (djacatásô) - Muito forte. Em sua ira arranca as árvores e as joga sobre os inimigos e aldeias. Defende seus filhos mesmo que eles estejam errados, só não podem errar com ele.

Hevioso (reviossô) - Seus raios rasgam os céus acompanhados dos trovões, destruindo cidades inteiras e fulminando os inimigos. Dizem os Hunos que é preciso oferecer sacrifícios ao deus do trovão para aplacar sua fúria. Ele odeia ladrões e malfeitores e os mata. Quando esta, satisfeito, Hevioso dá a chuva e o calor que tornam férteis a terra e o homem.

Akholongbe (acrolombé) - Ataca os inimigos ou castiga o homem enviando granizo, ë faz os rios transbordarem. É ele quem controla a temperatura do mundo. Quando está calmo e satisfeito, ajuda o homem dando-lhe bons movimentos financeiros.

Ajakata (ajacatá) - O grande guardião dos céus. Somente ele possui as chaves que permite a entrada dos homens nos céus. Quanto aborrecido envia as chuvas torrenciais.

Gbwesu (buêssu) - É uma das mais calmas, é o murmúrio dos trovões no horizonte.

Akele (aquêlé) - É quem puxa as águas do mar para o céu e a transforma em chuva.

Alasan (alassam) - Talvez o mais velho de todos. Ensinou ao homem o culto de So.

Gbade (badé) - Jovem, guerreiro, brigão, implicante, muito barulhento. Adora beber e quando o faz arruma bastante confusão deixando todos atordoados. Adora esconder as coisa (pertences) e se diverte em ver as pessoas procurando. No trovão ouve-se sua voz gritando para que os homens consertem o que está errado. Sua morada são os vulcões.

Adeen (adêêm) - É ela quem faz escurecer os céus e envia os relâmpagos que fulminam. Sua mãe Sogbo ralha com ela dizendo: - Ahunevi anabahanlan! (não mate as pessoas).

Aden (adêm) - Vodum masculino do panteão do trovão, que veste roupa branca. Dá as chuvas finas que faz as árvores frutificarem e, em conseqüência, é guardião das árvores frutíferas. É o mesmo Vodum Adaen conhecido no Brasil. Em um combate, mata os inimigos pelas costas, não a traição. Todo cuidado é pouco para lidar com esse Vodum, pois a primeira vista ele não demonstra seus desagrados.

Ahuanga (arruanga) - Vodum masculino muito velho e grande feiticeiro do panteão do trovão, filho de Saho. Em um salto transforma–se em fogo para proteger seus adeptos e queimar seus inimigos, depois disso desaparece numa moringa. Tudo que é seu é enterrado.

Auanga (auangá) - Vodum masculino do panteão do trovão, irmão de Avehekete. Habita as lagunas marinha. Suas águas engolem os ladrões.

São muitos os Voduns desse panteão.

Os So ou Sobos não gostam de malfeitores e ladrões de um modo geral eles se irritam e matam esses elementos.

A água da chuva depositada nos telhados é um dos seus maiores beko (becó (kisilas)). Também não gostam de feiticeiros e bruxos e se esses se meterem com seus protegidos Ele os fulmina.

Os akututos (eguns) não constituem um beko para esses Voduns, mas eles também não gostam muitos dos mesmo. Quando é necessária a presença de um deles para afastar esses espíritos, se fazem presente e com muita energia os afugentam.

Sua principal dança é o hundose (rundôssé (Brasil)) e o dogbahun (dôbarrum (África)). Pela descrição dessas ultima, acredito que seja o mesmo hundose que conhecemos no Brasil.

Sosiovi (sôssiôvi) é nome do chocalho de So ou Sobo.

Sokpe (sopé) é o machado de Hevioso, feito com pedras de raio.

Os Sos ou Sobos representam vida, saúde, prosperidade e vitórias.

AIYRA

Ayrà ou Xangô Aiyra, (como é cultuado em candomblés no Brasil) normalmente confundido com Xangô, na verdade é um orisá próprio, que pertence à família de Xangô em Oyó, Nigéria. Este Orisa veste-se de branco, tem profundas ligações com Osalà, e é o grande homenageado durante a festa do fogo (Isire Ina Aiyra) .

AIYRA.

Aiyra não usa coroa, mas um eketé branco. Suas comidas votivas são temperadas com dendê e com banha de ori africana. Come quiabos, assim como Xangô e toda a sua família.

Segundo os mitos, Osalá permaneceu injustamente preso durante sete anos no reino de seu filho, Xangô, sem que este soubesse do fato. Grandes calamidades ocorreram em todo o reino devido a essa injustiça e quando Xangô finalmente descobriu o que havia acontecido com o próprio pai, resgatou-o da prisão e ordenou que fossem organizadas grandes festas em todo o reino, em sua homenagem. A festividade conhecida hoje como Águas de Osalá remonta a esse acontecimento.

No entanto, Osalá estava muito alquebrado, ferido e entristecido. Apesar de toda a atenção que recebeu, a única coisa que desejava era retornar ao seu próprio reino, em Ifé, onde Iyemoja, sua esposa, o aguardava. Xangô não podia acompanhá-lo pois precisava colocar em ordem o próprio reino e pediu a Aiyra que fizesse isso em seu lugar. Foi assim que Aiyra tornou-se o companheiro de Osalá, pois a viagem foi muito longa já que Osalà andava muito devagar (conta-se também que Aiyra carregava Osalà nas costas) pelo fato de ainda estar se recuperando dos ferimentos que adquirira durante os sete anos de prisão. Durante o dia, eles caminhavam. À noite, Osalà sentia frio e precisava descansar. Para aquecê-lo e distraí-lo dos próprios pensamentos, Aiyra mandava que acendessem uma grande fogueira no acampamento. Osalà

observava o fogo e Aiyra passava longas horas contando-lhe histórias do povo de Oyó. Desse modo, tornou-se tradição acender a fogueira no dia do Orosise à Aiyra e à viagem que fez em companhia de Osalà.

AIYRA UNTILÈ

É o filho rebelde de Obatalá. Aiyra Untilè foi um filho muito difícil, causando dissabores a Obatalá. Um dia, Obatalá juntou-se a Odudua e ambos decidiram pregar uma reprimenda em Untilè. Estava Untilè na casa de uma de suas amantes, quando os dois velhos passaram à porta e levaram seu cavalo branco. Aiyra Untilè percebeu o roubo e sabedor que dois velhos o haviam levado seu cavalo predileto, saiu no encalço. Na perseguição encontrou Obatalá e tentou enfrentá-lo. O velho não se fez de rogado, gritou com Untilè, exigindo que se prostrasse diante dele e pedisse sua benção. Pela primeira vez Aiyra Untilè havia se submetido a alguém. Aiyra tinha sempre ao pescoço colares de contas vermelhas. Foi então que Obatalá desfez os colares de Aiyra Untilè e alternou as contas encarnadas com as contas brancas de seus próprios colares. Obatalá entregou a Untilè seu novo colar, vermelho e branco. Daquele dia em diante, toda terra saberia que ele era seu filho. E para terminar o mito, Obatalá fez com que Aiyra Untilè o levasse de volta a seu palácio pelo rio, carregando-o em suas costas. Nesta qualidade, Aiyra Untilè dá a seu devoto um ar altivo e de sabedoria, prepotente, equilibrado, intelectual, severo, moralista, decidido.

AIYRA IYGBONA

É considerado o pai do fogo, tanto que na maioria dos terreiros, no mês de junho de cada ano, acontece a fogueira de Aiyra, rito em que Iygbona dança acompanhado de Iansã, pisando as brasas incandescentes. Conta o mito que Iygbona foi criado por Dadá, que o mimava em tudo o que podia. Não havia um só desejo de Iygbona que Dadá não realizasse. Um dia Dadá surpreendeu Iygbona brincando com as brasas do fogão, que não lhe causavam nenhum dano. Desde então, em todas as festas do povoado, lá estava Aiyra Iygbona, sempre acompanhado de Iansã, dançando e cantando sobre as brasas escaldantes das fogueiras. Nessa qualidade, os seguidores de Aiyra têm espírito jovem, perigoso, violento, intolerante, mas são brincalhões, alegres, gostam de dançar e cantar.

AIYRA OSI

É o eterno companheiro de Osogyian. Um dia, passando Osogyian pelas terras onde vivia Aiyra Osi, despertou no jovem grande entusiasmo por seu porte de guerreiro e vencedor de batalhas. Sem que Osogyian se desse conta, Aiyra trocou suas vestes vermelhas pelas brancas dos guerreiros de Osogyian, misturando-se aos soldados do rei de Ejibô. No caminho encontraram inimigos ao que Osi, medroso que era, escondeu-se atrás de uma grande pedra. Osogyian observava a disputa do alto de um monte, esperando o momento certo de entrar nela, mas, para sua surpresa, percebeu que um de seus soldados estava de cócoras, escondido atrás da pedra. Sorrateiramente Osogyian interpelou seu soldado e para sua surpresa deparou-se com Aiyra que chorava de medo, implorando seu perdão, por haver enganado o grande guerreiro branco. Osogyian, por sua bondade e sabedoria, compadeceu-se de Aiyra Osi. No entanto, como punição pela mentira de Aiyra, decidiu que naquele mesmo dia o jovem voltaria à sua terra natal

vestindo-se de branco e nunca mais usaria o escarlate, devendo dedicar-se a arte da guerra para poder seguir com ele em suas eternas batalhas. Os filhos de Aiyra Osi são considerados jovens guerreiros, lutam pelo que querem, mas as vezes deixam-se enganar pela impetuosidade. São calmos, não tidos a trabalhos intelectuais, são amorosos, alegres e sentimentais.

AIYRA MODÉ

É considerado o pai das águas quentes, pouco difundido nos terreiros, este Aiyra vem acompanhado de Osun Iyponda. Conta o mito que Modé vestiu-se de Osun para ser confundido durante uma busca para prende-lo, sendo assim, geralmente ele é cultuado sendo "Iyagba", seus animais são fêmeas e seus filhos geralmente mais delicados, ardilosos que choram com facilidade para chegarem ao seu alcance.

AINDA EXISTEM AIYRA OLOGERE & AIYRA LOJO (POUCO DIFUNDIDO NO BRASIL)

São muitas as invocações ou qualidades de Xangô, que, como vimos se juntas às outras tantas de Aiyra. Em diferentes países e regiões da diáspora africana em que a religião dos Orisas sobreviveu e prosperou, há diferentes variantes das qualidades dos Orisas, pois cada grupo, geograficamente isolado, ao longo do tempo, acabou por selecionar esta ou aquela passagem mítica do Orisa. Muitas foram esquecidas, outras ganharam novos significados. Cada qualidade é representada por diferentes cores e outros atributos, de modo que, pelas vestes, contas e ferramentas, ritmos e danças, é possível identificar a qualidade que está sendo festejada, principalmente no barracão de festas dos terreiros. Não só por esses aspectos, mas também pelas oferendas votivas e pelos animais que são sacrificados em favor da divindade.

DADÁ AJAKÁ = BAYANNI DADA

Dadá Ajaká, filho mais velho de Oranian, irmão consanguíneo de Sango, reinava então em Oyo. Ele amava as crianças, a beleza, e as artes. De caráter calmo e pacífico, não tinha a energia que se exigia de um verdadeiro chefe dessa época. Dadá é o nome dado pelos yorubás às crianças cujos cabelos crescem em tufos que se frisam separadamente.

Sango o destronou e Dadá Ajaká exilou-se em Igboho (Nigéria), durante os sete anos de reinado de seu meio-irmão. Teve que se contentar, então, em usar uma coroa feita de búzios, chamada adé baáyàni (pronuncia-se Adê Baiani), ou "Coroa de Dadá". No Terreiro do Gantois na Bahia é reverenciado e cultuado como Baiani, onde se realiza uma festa anual.

Bayànnì é vista como a irmã mais velha de Sango, que governou Oyó como regente, depois da ineficaz de Dada Àjaká, irmão mais velho de Sango, governante ineficaz para época. A palavra Bayànnì é uma concentração da expressão Babá yàn mi, "Papai escolheu-me", refere-se à crença de que o ancestral masculino escolheu-a para retornar à vida na forma corporal de Bayànnì. Sendo assim, esta seria a razão da coroa de búzios que usa, um símbolo de continuidade em termos de reencarnação.

Depois que Sango deixou Oyo, Dadá Ajaká voltou a reinar. Em contraste com a primeira vez, ele mostrou-se agora valente e guerreiro, voltou-se contra os parentes da família materna de Sango, atacando os tapas.

Histórico (1)

Ajaká foi 2º Aláàfin de Oyó, o Oba Ajaká, meio irmão de Sàngó, que era muito pacifico, apático e não realizava um bom governo.

Sàngó cresceu nas terras dos Tapas (Nupe),local de origem de Torosí, sua mãe. Tempos depois, com seus seguidores se estabeleceu em Oyó, num bairro que recebeu o mesmo nome da cidade que viveu, Kòso e com isso manteve seu título de Oba Kòso. Sàngó percebendo a fraqueza de seu irmão e sendo astuto e ávido por poder, destrona Ajaká e torna-se o terceiro Aláàfin de Oyó.

Ajaká, também chamado de Dadá, exilado, sai de Oyó para reinar numa cidade menor, Igboho, vizinha de Oyó. Por ter sido deposto, não poderia mais usar a coroa real de Oyó, e passa então a usar neste seu outro reinado outra coroa (ade), que escondesse seus olhos envergonhados e jura que somente irá tira-la quando ele puder usar novamente o ade que lhe foi roubado. Esta coroa que Dadá Ajaká passa a usar, é rodeada por vários fios ornados de búzios no lugar das contas preciosas do Ade Real de Oyó, e esta chama-se Ade Bayánni (ver fotos no site)*. Dadá Ajaká então casa-se e tem um filho que chama-se Aganju, que vem a ser sobrinho de Sàngó.

Sàngó reina durante sete anos sobre Oyó e com intenso remorso das inúmeras atrocidades cometidas e com o povo revoltado, ele abandona o trono de Oyó e se refugia na terra natal de sua mãe em Tapa. Após um tempo, suicida-se, enforcando-se numa árvore chamada de àyòn (àyàn) na cidade de Kòso. Com o fato consumado, Dadá Ajaká volta à Oyó e reassume o trono, retira então o Ade Bayánni e passa a usar o Ade Aláàfin, tornando-se então o quarto Aláàfin de Oyó. Após sua morte, assume o trono seu filho Aganju, neto de Òrànmíyàn e sobrinho de Sàngó, tornando-se o quinto Aláàfin de Oyó.

XANGÔ

Obá é palavra da língua iorubá que designa rei. Obá é também um dos epítetos do orixá Xangô (não confundir Obá, rei, soberano (oba), com o orixá Obá (Òbà), que é uma das esposas de Xangô).

Segundo a mitologia, Xangô teria sido o quarto rei da cidade de Oió, que foi o mais poderoso dos impérios iorubás. Depois de sua morte, Xangô foi divinizado, como era comum acontecer com os grandes reis e heróis daquele tempo e lugar, e seu culto passou a ser o mais importante da sua cidade, a ponto de o rei de Oió, a partir daí, ser o seu primeiro sacerdote.

Não existem registros históricos da vida de Xangô na Terra, pois os povos africanos tradicionais não conheciam a escrita, mas o conhecimento do passado pode ser buscado nos mitos, transmitidos oralmente de geração a geração. Assim, a mitologia nos conta a história de Xangô, que começa com o surgimento dos povos iorubás e sua primeira capital, Ilê-Ifé, fala da fundação de Oió e narra os momentos cruciais da vida de Xangô:

“Num tempo muito antigo, na África, houve um guerreiro chamado Odudua, que vinha de uma cidade do Leste, e que invadiu com seu exército a capital de um povo então chamado ifé. Quando Odudua se tornou seu governante, essa cidade foi chamada Ilê-Ifé. Odudua teve um filho chamado Acambi, e Acambi teve sete filhos, e seus filhos ou netos foram reis de cidades importantes. A primeira filha deu-lhe um neto que governou Egbá, a segunda foi mãe do Alaqueto, o rei de Queto, o terceiro filho foi coroado rei da cidade de Benim, o quarto foi Orungã, que veio a ser rei de Ifé, o quinto filho foi soberano de Xabes, o sexto, rei de Popôs, e o sétimo foi Oraniã, que foi rei da cidade Oió, mais tarde governada por Xangô.

“Esses príncipes governavam as cidades que mais tarde foram conhecidas como os reinos que formam a terra dos iorubás, e todos pagavam tributos e homenagens a Odudua. Quando Odudua morreu, os príncipes fizeram a partilha dos seus domínios, e Acambi ficou como regente do reino de Odudua até sua morte, embora nunca tenha sido coroado rei. Com a morte de Acambi, foi feito rei Oraniã, o mais jovem dos príncipes do império, que tinha se tornado um homem rico e poderoso. O obá Oraniã foi um grande conquistador e consolidou o poderio de sua cidade.

“Um dia Oraniã levou seus exércitos para combater um povo que habitava uma região a leste do império. Era uma guerra muito difícil, e o oráculo o aconselhou a ficar acampado com os seus guerreiros num determinado sítio por um certo tempo antes de continuar a guerra, pois ali ele haveria de muito prosperar. Assim foi feito e aquele acampamento a leste de Ifé tornou-se uma cidade poderosa. Essa próspera povoação foi chamada cidade de Oió e veio a ser a grande capital do império fundado por Odudua. O rei de Oió tinha por título Alafim, termo que quer dizer o Senhor do Palácio de Oió.

“Com a morte de Oraniã, seu filho Ajacá foi coroado terceiro Alafim de Oió. Ajacá, que tinha o apelido de Dadá, por ter nascido com o cabelo comprido e encaracolado, era um homem pacato e sensível, com pouca habilidade para a guerra e nenhum tino para governar. Dadá-Ajacá tinha um irmão que fora criado na terra dos nupes, também chamados tapas, um povo vizinho dos iorubás. Era filho de Oraniã com a princesa Iamassê, embora haja quem diga que a mãe dele foi Torossi, filha de Elempê, o rei dos nupes. Esse filho de Oraniã tinha o nome Xangô, e era o grande guerreiro que governava Cossô, pequena cidade localizada nas cercanias da capital Oió.

“Xangô um dia destronou o irmão Ajacá-Dadá, e o exilou como rei de uma pequena e distante cidade, onde usava uma pequena coroa de búzios, chamada coroa de Baiani.

“Xangô foi assim coroado o quarto Alafim de Oió, o obá da capital de todas as grandes cidades iorubás.

“Xangô procurava a melhor forma de governar e de aumentar seu prestígio junto ao seu povo. Conta-se que, para fortalecer seu poder, Xangô mandou trazer da terra dos baribas um composto mágico, que acabaria, contudo, sendo sua perdição. O rei Xangô, que depois seria conhecido pelo cognome de o Trovão, sempre procurava descobrir novas armas para com elas conquistar novos territórios. Quando não fazia a guerra, cuidava de seu povo. No palácio recebia a todos e julgava suas pendências, resolvendo disputas, fazendo justiça. Nunca se quietava. Pois um dia mandou sua esposa Iansã ir ao reino vizinho dos baribas e de lá trazer para ele a tal poção

mágica, a respeito da qual ouvira contar maravilhas. Iansã foi e encontrou a mistura mágica, que tratou de transportar numa cabacinha.

“Xangô um dia destronou o irmão Ajacá-Dadá, e o exilou como rei de uma pequena e distante cidade, onde usava uma pequena coroa de búzios, chamada coroa de Baiani.

“Xangô foi assim coroado o quarto Alafim de Oió, o obá da capital de todas as grandes cidades iorubás.

“Xangô procurava a melhor forma de governar e de aumentar seu prestígio junto ao seu povo. Conta-se que, para fortalecer seu poder, Xangô mandou trazer da terra dos baribas um composto mágico, que acabaria, contudo, sendo sua perdição. O rei Xangô, que depois seria conhecido pelo cognome de o Trovão, sempre procurava descobrir novas armas para com elas conquistar novos territórios. Quando não fazia a guerra, cuidava de seu povo. No palácio recebia a todos e julgava suas pendências, resolvendo disputas, fazendo justiça. Nunca se quietava. Pois um dia mandou sua esposa Iansã ir ao reino vizinho dos baribas e de lá trazer para ele a tal poção mágica, a respeito da qual ouvira contar maravilhas. Iansã foi e encontrou a mistura mágica, que tratou de transportar numa cabacinha.

“A viagem de volta era longa, e a curiosidade de Iansã sem medida. Num certo momento, ela provou da poção e achou o gosto ruim. Quando cuspiu o gole que tomara, entendeu o poder do poderoso líquido: Iansã cuspiu fogo!

“Xangô ficou entusiasmadíssimo com a nova descoberta. Se ele já era o mais poderoso dos homens, imaginem agora, que tinha a capacidade de botar fogo pela boca. Que inimigo resistiria? Que povo não se submeteria? Xangô então passou a testar diferentes maneiras de usar melhor a nova arte, que certamente exigia perícia e precisão.

“Num desses dias, o obá de Oió subiu a uma elevação, levando a cabacinha mágica, e lá do alto começou a lançar seus assombrosos jatos de fogo. Os disparos incandescentes atingiam a terra chamuscando árvores, incendiando pastagens, fulminando animais. O povo, amedrontado, chamou aquilo de raio. Da fornalha da boca de Xangô, o fogo que jorrava provocava as mais impressionantes explosões. De longe, o povo escutava os ruídos assustadores, que acompanhavam as labaredas expelidas por Xangô. Aquele barulho intenso, aquele estrondo fenomenal, que a todos atemorizava e fazia correr, o povo chamou de trovão.

“Mas, pobre Xangô, a sorte foi-lhe ingrata. Num daqueles exercícios com a nova arma, o obá errou a pontaria e incendiou seu próprio palácio. Do palácio, o fogo se propagou de telhado em telhado, queimando todas as casas da cidade. Em minutos, a orgulhosa cidade de Oió virou cinzas.

“Passado o incêndio, os conselheiros do reino se reuniram, e enviaram o ministro Gbaca, um dos mais valentes generais do reino, para destituir Xangô.

“Gbaca chamou Xangô à luta e o venceu, humilhou Xangô e o expulsou da cidade. Para manter-se digno, Xangô foi obrigado a cometer suicídio. Era esse o costume antigo. Se uma desgraça se

abatia sobre o reino, o rei era sempre considerado o culpado. Os ministros lhe tiravam a coroa e o obrigavam a tirar a própria vida.

“Cumprindo a sentença imposta pela tradição, Xangô se retirou para a floresta e numa árvore se enforcou.

"Oba so!", "Oba so!"

"O rei se enforcou!", correu a notícia.

“Mas ninguém encontrou seu corpo e e logo correu a notícia, alimentada com fervor pelos seus partidários, que Xangô tinha sido transformado num orixá. O rei tinha ido para o Orum, o céu dos orixás. Por todas as partes do império os seguidores de Xangô proclamavam:

"Oba ko so!", que quer dizer "O rei não se enforcou!"

“Esses príncipes governavam as cidades que mais tarde foram conhecidas como os reinos que formam a terra dos iorubás, e todos pagavam tributos e homenagens a Odudua. Quando Odudua morreu, os príncipes fizeram a partilha dos seus domínios, e Acambi ficou como regente do reino de Odudua até sua morte, embora nunca tenha sido coroado rei. Com a morte de Acambi, foi feito rei Oraniã, o mais jovem dos príncipes do império, que tinha se tornado um homem rico e poderoso. O obá Oraniã foi um grande conquistador e consolidou o poderio de sua cidade.

“Um dia Oraniã levou seus exércitos para combater um povo que habitava uma região a leste do império. Era uma guerra muito difícil, e o oráculo o aconselhou a ficar acampado com os seus guerreiros num determinado sítio por um certo tempo antes de continuar a guerra, pois ali ele haveria de muito prosperar. Assim foi feito e aquele acampamento a leste de Ifé tornou-se uma cidade poderosa. Essa próspera povoação foi chamada cidade de Oió e veio a ser a grande capital do império fundado por Odudua. O rei de Oió tinha por título Alafim, termo que quer dizer o Senhor do Palácio de Oió.

“Com a morte de Oraniã, seu filho Ajacá foi coroado terceiro Alafim de Oió. Ajacá, que tinha o apelido de Dadá, por ter nascido com o cabelo comprido e encaracolado, era um homem pacato e sensível, com pouca habilidade para a guerra e nenhum tino para governar. Dadá-Ajacá tinha um irmão que fora criado na terra dos nupes, também chamados tapas, um povo vizinho dos iorubás. Era filho de Oraniã com a princesa Iamassê, embora haja quem diga que a mãe dele foi Torossi, filha de Elempê, o rei dos nupes. Esse filho de Oraniã tinha o nome Xangô, e era o grande guerreiro que governava Cossô, pequena cidade localizada nas cercanias da capital Oió.

“Xangô um dia destronou o irmão Ajacá-Dadá, e o exilou como rei de uma pequena e distante cidade, onde usava uma pequena coroa de búzios, chamada coroa de Baiani.

“Xangô foi assim coroado o quarto Alafim de Oió, o obá da capital de todas as grandes cidades iorubás.

“Xangô procurava a melhor forma de governar e de aumentar seu prestígio junto ao seu povo. Conta-se que, para fortalecer seu poder, Xangô mandou trazer da terra dos baribas um composto mágico, que acabaria, contudo, sendo sua perdição. O rei Xangô, que depois seria conhecido

pelo cognome de o Trovão, sempre procurava descobrir novas armas para com elas conquistar novos territórios. Quando não fazia a guerra, cuidava de seu povo. No palácio recebia a todos e julgava suas pendências, resolvendo disputas, fazendo justiça. Nunca se quietava. Pois um dia mandou sua esposa Iansã ir ao reino vizinho dos baribas e de lá trazer para ele a tal poção mágica, a respeito da qual ouvira contar maravilhas. Iansã foi e encontrou a mistura mágica, que tratou de transportar numa cabacinha.

"Xangô um dia destronou o irmão Ajacá-Dadá, e o exilou como rei de uma pequena e distante cidade, onde usava uma pequena coroa de búzios, chamada coroa de Baiani.

"Xangô foi assim coroado o quarto Alafim de Oió, o obá da capital de todas as grandes cidades iorubás.

"Xangô procurava a melhor forma de governar e de aumentar seu prestígio junto ao seu povo. Conta-se que, para fortalecer seu poder, Xangô mandou trazer da terra dos baribas um composto mágico, que acabaria, contudo, sendo sua perdição. O rei Xangô, que depois seria conhecido pelo cognome de o Trovão, sempre procurava descobrir novas armas para com elas conquistar novos territórios. Quando não fazia a guerra, cuidava de seu povo. No palácio recebia a todos e julgava suas pendências, resolvendo disputas, fazendo justiça. Nunca se quietava. Pois um dia mandou sua esposa Iansã ir ao reino vizinho dos baribas e de lá trazer para ele a tal poção mágica, a respeito da qual ouvira contar maravilhas. Iansã foi e encontrou a mistura mágica, que tratou de transportar numa cabacinha.

"A viagem de volta era longa, e a curiosidade de Iansã sem medida. Num certo momento, ela provou da poção e achou o gosto ruim. Quando cuspiu o gole que tomara, entendeu o poder do poderoso líquido: Iansã cuspiu fogo!

"Xangô ficou entusiasmadíssimo com a nova descoberta. Se ele já era o mais poderoso dos homens, imaginem agora, que tinha a capacidade de botar fogo pela boca. Que inimigo resistiria? Que povo não se submeteria? Xangô então passou a testar diferentes maneiras de usar melhor a nova arte, que certamente exigia perícia e precisão.

"Num desses dias, o obá de Oió subiu a uma elevação, levando a cabacinha mágica, e lá do alto começou a lançar seus assombrosos jatos de fogo. Os disparos incandescentes atingiam a terra chamuscando árvores, incendiando pastagens, fulminando animais. O povo, amedrontado, chamou aquilo de raio. Da fornalha da boca de Xangô, o fogo que jorrava provocava as mais impressionantes explosões. De longe, o povo escutava os ruídos assustadores, que acompanhavam as labaredas expelidas por Xangô. Aquele barulho intenso, aquele estrondo fenomenal, que a todos atemorizava e fazia correr, o povo chamou de trovão.

"Mas, pobre Xangô, a sorte foi-lhe ingrata. Num daqueles exercícios com a nova arma, o obá errou a pontaria e incendiou seu próprio palácio. Do palácio, o fogo se propagou de telhado em telhado, queimando todas as casas da cidade. Em minutos, a orgulhosa cidade de Oió virou cinzas.

"Passado o incêndio, os conselheiros do reino se reuniram, e enviaram o ministro Gbaca, um dos mais valentes generais do reino, para destituir Xangô.

“Gbaca chamou Xangô à luta e o venceu, humilhou Xangô e o expulsou da cidade. Para manter-se digno, Xangô foi obrigado a cometer suicídio. Era esse o costume antigo. Se uma desgraça se abatia sobre o reino, o rei era sempre considerado o culpado. Os ministros lhe tiravam a coroa e o obrigavam a tirar a própria vida.

“Cumprindo a sentença imposta pela tradição, Xangô se retirou para a floresta e numa árvore se enforcou.

"Oba so!", "Oba so!"

"O rei se enforcou!", correu a notícia.

“Mas ninguém encontrou seu corpo e logo correu a notícia, alimentada com fervor pelos seus partidários, que Xangô tinha sido transformado num orixá. O rei tinha ido para o Orum, o céu dos orixás. Por todas as partes do império os seguidores de Xangô proclamavam:

"Oba ko so!", que quer dizer "O rei não se enforcou!"

"Oba ko so!", "Oba ko so!".

“Desde então, quando troa o trovão e o relâmpago risca o céu, os sacerdotes de Xangô entoam: "O rei não se enforcou!" "Oba ko so! Obá Kossô!" "O rei não se enforcou".”

(Cf. Prandi, Mitologia dos orixás.)

Assim narram os mitos, e a morte de Xangô nada mais é do que a afirmação dos antigos costumes africanos. Sua morte teria sido injusta e por isso o Orum o acolheu como imortal. A expressão “Obá Ko so” é evidentemente dúbia. Tanto pode significar “Rei da cidade de Cossô”, o que de fato Xangô também era como “O rei não se enforcou”, frase que poderia ser também traduzida por “O Rei vive”, ou “Viva o Rei”, forma que é mais comum na nossa tradição ocidental. A versão verdadeira não importa: divinizado, transformado em orixá, o obá Xangô, o Alafim de Oió, alcançou a imortalidade, deixou de ser humano, virou deus. “Obá Kossô”, “Viva o Rei” é a fórmula pela qual, até hoje, em todos os templos dos orixás, é glorificado o nome de Xangô, o rei de Oió, o orixá do trovão, senhor da justiça.

De todos os orixás que marcam a saga da cidade de Oió, nenhum foi mais reverenciado que Xangô, mesmo quando Oió passou a ser apenas um símbolo esfumaçado na memória dos atuais seguidores das religiões dos orixás espalhados nos mais distantes países da diáspora africana do lado de cá e do lado de lá do oceano. E há muitos elementos para estribar essa afirmação.

No seu auge, o império de Oió englobava as mais importantes cidades do mundo iorubá, tendo assim o culto a Xangô, que era o orixá do rei ou obá de Oió, portanto o orixá do império, sido difundido por todo o território iorubano, o que não era muito comum, pois cada cidade ou região tinha os seus próprios orixás tutelares e poucos eram os que recebiam culto nas mais diversas cidades, como Exu, Ossaim e Orunmilá. O fato é que o apogeu da dominação da cidade de Oió sobre as outras resultou numa grande difusão do culto a Xangô. Durante muito tempo a força militar de Oió protegeu os iorubás de invasões inimigas e impediu que seu povo fosse

caçado e vendido por outros africanos ao tráfico de escravos destinado ao Novo Mundo, como acontecia com outros povos da África.

Quando o poderio de Oió foi destruído no final do século XVIII por seus inimigos, tanto a capital Oió como as demais cidades do império desmantelado ficaram totalmente desprotegidas, e os povos iorubás se transformaram em caça fácil para o mercado de escravos. Foi nessa época que o Brasil, assim como outros países americanos, passou a receber escravos iorubás em grande quantidade. Vinham de diferentes cidades, traziam diferentes deuses, falavam dialetos distintos, mas tinha todos algo em comum: o culto ao deus do trovão, o obá de Oió, o orixá Xangô.

Isso explica a enorme importância que Xangô ocupa nas religiões africanas nas Américas, pois foi exatamente nesse momento histórico da chegada dos iorubás que as religiões africanas se constituíram nas Américas, isto é, no século XIX. Particularmente no Brasil, os escravos recém-chegados eram trazidos não mais para o trabalho nas plantações e nas minas do interior, onde ficavam dispersos, mas sim nas cidades, onde eram encarregados de fazer todo o tipo de serviço urbano, morando longe de seus proprietários, vivendo em bairros com grande concentração de negros escravos e libertos, e tendo assim maior liberdade de movimento e organização, podendo se reunir nas irmandades católicas, com novas e amplas oportunidades para recriarem aqui a sua religião africana.

Nascido da iniciativa de negros iorubás que se reunia numa irmandade religiosa na igreja da Barroquinha, em Salvador, o primeiro templo iorubá da Bahia foi, emblematicamente, dedicado a Xangô. Seus ritos, que em grande parte reproduziam a prática ritualística de Oió, acabaram por moldar a religião que viria a se constituir no candomblé, e cuja estruturação hierárquica sacerdotal em grande parte reconstituía simbolicamente a organização da corte de Oió, isto é, a corte de Xangô como verá adiante. Emblemas que na África eram exclusivos do culto a Xangô foram generalizados entre nós para o culto de todos os orixás, como o uso do colar ritual de iniciação chamado quelê.

Por estranha ironia, a nação de Xangô na Bahia acabou recebendo o nome de Queto, que é a cidade de Oxóssi, e não o nome de Oió, cidade de Xangô, como era de se esperar. Mas essa denominação deve ter ocorrido muito tempo depois da fundação da Casa Branca do Engenho Velho, o primeiro terreiro de Xangô, de cujo chão Oxóssi é o dono, e que serviu de modelo a todo o candomblé. A denominação nação queto deve ter se dado já no século XX, quando angariavam grande prestígio e visibilidade dois terreiros que também fazem parte do núcleo de templos fundantes do candomblé: o terreiro do Gantois, dissidente da Casa Branca, e dedicado a Oxóssi, que era o orixá da cidade do Queto, e o terreiro do Alaketu, cuja fundação é atribuída a duas princesas originárias da cidade do Queto, e que também eram do grupo da Barroquinha. A expressão “nação queto” para designar o ramo do candomblé de origem iorubá que se constituiu a partir da linhagem da Casa Branca do Engenho Velho é recente e não era usada antes de 1950. O nome mais comum era nação nagô, ou jeje-nagô. A própria Mãe Aninha, que fundou outro templo dissidente da Casa Branca, o Axé Opô Afonjá, e que, como o próprio nome indica, também é dedicado a Xangô, costumava dizer nos anos 1930: “Minha casa é nagô puro”.

Mas no Rio Grande do Sul, até hoje a expressão “nação Oió”, ou “Oió-ijexá” designa os terreiros de batuque de origem iorubá. A marca de Xangô continua ali muito presente.

Em Pernambuco, a primazia de Xangô acabou por dar nome a toda a religião dos orixás, que naquele e em outros estados do Nordeste é conhecida como xangô.

No Maranhão, dois templos de tradições diferentes disputam o posto de casa fundante do tambor-de-mina: a Casa das Minas, de culto exclusivo aos voduns dos povos fons ou jejes, e a Casa de Nagô, que, como o próprio nome aponta, dedica-se ao culto dos orixás, os deuses nagôs ou iorubás, além de cultuar também voduns e encantados. Ao contrário da Casa das Minas, que não teve terreiros descendentes e hoje se encontra em franco processo de extinção, a Casa de Nagô é a origem de vasta linhagem de terreiros, que se espalharam pelo Maranhão e Pará e chegaram até o Rio de Janeiro e São Paulo, ou mais além. A Casa das Minas de Tóia Jarina, de Diadema, é originária dessa matriz. Pois o patrono da Casa de Nagô não é outro senão Badé, nome pelo qual Xangô é reverenciado nos templos do tambor-de-mina.

Longe daqui, no Caribe, a palavra xangô também dá nome à religião dos orixás praticada em Trinidad-Tobago, nome que também pode ser observado entre populações americanas de origem caribenha na costa Atlântica do sul dos Estados Unidos.

Em Cuba, onde a santeria é tão viva e diversificada como o candomblé brasileiro, são muitos os indícios da supremacia ritual de Xangô. Talvez o mais emblemático seja o fato de que, durante a iniciação ritual, apenas os sacerdotes dedicados a Xangô, segundo a tradição cubana, têm o privilégio sobre todos os demais de receber na cabeça o sangue sacrificial, o que indicaria que o orixá do trovão tem precedência protocolar, e seu tambor é o mais sagrado instrumento musical da santeria.

Onde quer que tenha se formado alguma manifestação americana da religião dos orixás, seja o candomblé, o xangô, o batuque, o tambor-de-mina, a santeria cubana, ou o xangô caribenho, a memória do orixá Xangô, o obá de Oió, manteve o realce que o orixá do império detinha na África. Como obá, Xangô também era o mais alto magistrado de seu povo, o juiz supremo. Sua relação com o ministério da justiça fez dele, entre os seguidores das religiões dos orixás, o senhor da justiça. Num mundo de tantas injustiças, desigualdades sociais, marginalização, abandono e falta de oportunidades sociais de todo tipo, como este em que vivemos, o orixá da justiça ganhou cada vez maior importância. Seu prestígio foi consolidado. Reiterou-se a posição de Xangô como o grande patrono do candomblé e grande protetor de todo aquele que se sente de algum modo injustiçado.

Onde quer que tenha se formado alguma manifestação americana da religião dos orixás, seja o candomblé, o xangô, o batuque, o tambor-de-mina, a santeria cubana, ou o xangô caribenho, a memória do orixá Xangô, o obá de Oió, manteve o realce que o orixá do império detinha na África. Como obá, Xangô também era o mais alto magistrado de seu povo, o juiz supremo. Sua relação com o ministério da justiça fez dele, entre os seguidores das religiões dos orixás, o senhor da justiça. Num mundo de tantas injustiças, desigualdades sociais, marginalização, abandono e falta de oportunidades sociais de todo tipo, como este em que vivemos, o orixá da justiça ganhou cada vez maior importância. Seu prestígio foi consolidado. Reiterou-se a posição

de Xangô como o grande patrono do candomblé e grande protetor de todo aquele que se sente de algum modo injustiçado.

A importância de Xangô na constituição do candomblé, que é brasileiro, pode ser identificada também quando examinamos as estruturas hierárquicas e a organização dos papéis sacerdotais do candomblé em comparação com o ordenamento dos cargos da própria corte de Oió, a cidade de Xangô. Não há dúvida que as sacerdotisas e sacerdotes que fundaram os primeiros templos de orixá no Brasil tinham grande intimidade com as estruturas de poder que governavam a cidade do Alafim. O candomblé é, de fato, uma espécie de memória em miniatura da cidade africana que o negro perdeu ao ser arrancado de seu solo para ser escravizado no Brasil.

Vejamos alguns dos cargos mais importantes da corte de Oió e sua correspondência com a hierarquia do candomblé de nação nagô.

Basorun - primeiro ministro e presidente do conselho real, que tinha mais poder que o próprio rei, exercendo também a função de regente quando da morte do rei até a ascensão do sucessor. No candomblé é título dado a homem que ajuda na administração do terreiro, um dos membros do corpo de ministros em terreiros dedicados a Xangô.

Alààpínní - chefe do culto de egungum. No Brasil, igualmente alto sacerdote do culto dos ancestrais.

Balògún - chefe militar. No candomblé, cargo masculino de chefia da casa de Ogum. O falecido oluô Agenor Miranda Rocha, foi, por mais de 70 anos, o balogum da Casa Branca do Engenho Velho.

Lágùnnòn - embaixador do rei que tinha como encargo o culto ao orixá Ocô, divindade da agricultura. No candomblé, espécie de ajudante do pai-de-santo na provisão do terreiro.

Akinikú - chefe dos rituais fúnebres. No Brasil, oficial do axexê, que pode ser um babalorixá ou ialorixá ou algum ebômi ou ogã especializado nos ritos mortuários.

Asípa - representante dos governadores das aldeias na corte de Oió e encarregado do culto ao orixá Ogum. No Brasil, dignidade masculina.

Isugbin - corpo de tocadores e musicistas do palácio. No candomblé são chamados alabês, nome que na África era dado aos escarificadores, os que faziam os aberês, as marcas faciais identificadoras da origem.

Ìlàrí - corpo de guardas da corte e de mulheres. Adoradores de Oxóssi e Ossaim, eram também uma espécie de mensageiros e provedores reais. No candomblé, sacerdotes que cuidam da casa de Ossaim.

Èkejì òrìsà - literalmente, a segunda pessoa do orixá, cargo sacerdotal da corte do Alafim, sacerdotisa que não incorpora o orixá, mas que cuida de seus objetos sagrados. No candomblé, equede, todas mulher não-rodante confirmada para cuidar do orixá em transe e de seus pertences rituais. O cargo, elevado na África, deu às equedes posição de relevo também no candomblé, onde têem o grau de senioridade.

Ìyá-nàsó - mãe do culto do Xangô do rei (divindade pessoal). No Brasil, nome de uma das fundadoras do candomblé e título feminino.

Ìyáalémonlé - encarregada de cuidar do assentamento pessoal do rei. Entre nós, quem cuida do assentamento principal do pai-de-santo.

Ìyá-lé-òrí - mãe dos ritos de oferecimento a cabeça do rei, mantém a representação material da cabeça do rei em sua casa. No candomblé preside o bori.

Ìyá mondè ou bàbá - Mulher que cultua os espíritos dos reis mortos. Chamam-na também de Bàbá. O alafim dirige-se a ela como "pai", pois elas detêm a autoridade do "pai", como as dirigentes da umbanda brasileira, também chamadas de babá.

Ìyá-le-agbò - prepara os banhos rituais do rei. No candomblé, mulher que cuida dos potes de amassi.

Ìyá-kèré - chefe das mulheres ilaris; é ela quem coroa o rei no ato de sua entronização. A atribuição, mantida, é hoje no candomblé da competência de pais e mães-de-santo que colocam no trono o novo chefe do terreiro nas ocasiões de sucessão.

Muitos outros títulos do candomblé foram tomados de outras cidades e instituições que não a corte de Oió, mas é inescondível a importância da cidade de Xangô na estruturação dos terreiros brasileiros de origem iorubá. De toda sorte, são variadas as adaptações, muitas vezes esvaziando-se o cargo de suas funções originais.

Com o sentido de reforçar a idéia do terreiro de candomblé como sucedâneo da África distante, para legitimar suas estruturas de mando e valorizar sua origem, cargos de tradição africana são recuperados e adaptados com certa liberdade pelos dirigentes brasileiros. Assim surgiram os obás ou mogbás de Xangô, conselho de doze ministros do culto de Xangô, instituído inicialmente no terreiro Axé Opô Afonjá na década de 1930 por sua fundadora Mãe Aninha Obabií, assessorada pelo babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim, e depois reinstalado nos mais diferentes terreiros que têm Xangô como patrono. Os obás brasileiros de Xangô têm funções diversas daquelas africanas, mas os nomes dos cargos são referência constante à vida político-administrativa dos iorubás antigos. Eles são divididos em ministros da direita, com direito a voto, e ministros da esquerda, sem direito a voto. Cada um deles conta com dois substitutos, o otum e o ossi.

O conjunto dos obás da direita criados por mãe Aninha é constituído dos seguintes cargos: Abíódún (nome que designa aquele nascido no dia da festa); Àre (título que se dá a uma pessoa proeminente da corte); Àrólu (o eleito da cidade); Tèla (nome masculino da realeza de Oió); Odofun (cargo da sociedade Ogboni); Kakanfò (título do general do exército). Os da esquerda são: Onansòkun (pai oficial do obá de Oió); Aressá (título do obá de Aresá); Eleryin (título do obá de Erin); Oni Koyí (título do obá de Ikoyi); Olugbòn (título do obá de Igbon); e Sòrun (chefe do conselho do rei de Oió). Estes nomes designam hoje postos sacerdotais, dignidades religiosas; na África designavam cargos de homens poderosos que controlavam a sociedade ioruba e suas cidades.

Um rei africano era, antes de qualquer coisa, um guerreiro. Guerras, conquistas, povoamento de novas terras, escravidão, descoberta e renascimento, tudo isso faz parte da história de Xangô, rei e guerreiro, como faz parte das memórias de nossa própria civilização de brasileiros. Mas Xangô é mais que história da África e mais que história do Brasil. Seu duplo machado visa a justiça para cada um dos dois lados que se opõem na contenda, suas pedras-de-raio são o santuário guardião das esperanças de tanta gente que padece em conseqüência das mazelas de nossa sociedade: desemprego, falta de oportunidades, incompreensão e dificuldade no trabalho, escassez de meios de sobrevivência, perseguição e disputas insanas, inveja, complicações legais de toda sorte, e tantas outras coisas ruins. Apelar a Xangô, para o devoto, é buscar alento, realimentar esperanças, prover-se de forças para a difícil aventura da vida.

Mas no terreiro em festa, sob o roncar frenético dos tambores, a dança de Xangô não é tão somente demonstração de energia e de força marcial, de cadência e de vitalidade, mas igualmente harmonia, graça e sensualidade. Xangô é duro, mas também se compraz com o bom da vida. O paladar de Xangô lembra as qualidades do bom glutão que não dispensa jamais o prazer da boa mesa, tanto que até nos faz pensar nele como um rei gordo e guloso. Tanto é assim que suas oferendas votivas devem ser sempre servidas em grande quantidade, pois Xangô aprecia que seus súditos comam muito e bem.

Seu prato predileto é o amalá, comida feita à base de quiabo, camarão, pimentas de várias qualidades, e tantos outros condimentos que são verdadeiras iguarias, utilizados pelas filhas-de-santo que muito apreciam e disputam a preparação da comida para os deuses. A comida servida no terreiro serve também para “reunir gente”, e Xangô é o orixá que mais as acolhe, pois toda corte é repleta de súditos e não seria diferente no terreiro, onde há sempre muita gente, muita dança e muita comida.

Além de orixá comilão, Xangô também é o grande amante e teve muitas mulheres como contam seus mitos. Um deles relata que Xangô era um rei poderoso, um dia apareceu em seu reino um grande animal que devorava a todos, homens, mulheres e crianças. Xangô, acompanhado de suas três mulheres resolveu enfrentar o animal monstruoso. Xangô amava suas esposas, mas amava também todos os homens e mulheres que o acercavam, e nada mais natural do que defendê-los de tal criatura. O ser monstruoso rugia e toda a terra tremia. Xangô não quis soldados para vencer o animal. Xangô lançou chamas de sua boca e derrubou o animal matando-o depois num só golpe com seu oxé. Vitorioso, Xangô cantou e dançou, estava feliz. Dali em diante foi ainda mais amado pelos homens e mulheres de seu povo e por todos aqueles que ouviram falar de seu feito.

No Brasil, o aspecto erótico da representação de Xangô foi muito atenuado em comparação a Cuba, onde seus gestos de dança insinuam relações sexuais e seus objetos de forma fálica enfatizam seu gosto pelo sexo. Mas mesmo entre nós é o orixá de muitas esposas. Tantas mulheres e tantas paixões carnais não reforçam e é a confirmação de que a vida pode ser plena das doçuras e gozos do amor? O que queremos dizer é que Xangô não nos remete tão somente aos aspectos sérios, circunspectos e duros dos compromissos do dia-a-dia, mas nos faz lembrar, sim, o tempo todo, que a vida é muito boa para ser vivida, e por isso mesmo temos que lutar por

ela sem descanso. É por essa razão que o fiel sempre pede passagem para o rei, gritando para o povo reunido em festa: “Deixai passar, deixar passar Sua Majestade”, “Kaô, kaô Kabiessi”.

Qualidade é o termo usado no candomblé para designar as múltiplas invocações ou avatares dos orixás, assim como no cristianismo, no caso de Nossa Senhora e Jesus Cristo, as qualidades referem-se a cultos específicos do orixá, em que são invocados aspectos diversos da sua biografia mítica, o que inclui as diferentes idades, as suas lutas e aventuras, sua glorificação e deificação etc.

No candomblé, os orixás dividem-se em vários orixás-qualidade, e se se acredita que cada ser humano, que é considerado filho ou descendente mítico do orixá, origina-se de um dos orixás-qualidade. Essas qualidades procuram dar conta do arquétipo de cada orixá, uma vez que se baseiam em mitos, e é por meio do oráculo do jogo de búzios que o pai ou mãe-de-santo determina de qual delas o filho-de-santo se origina.

Vejamos uma descrição de algumas qualidades que são objeto de diferenciação no culto de Xangô na liturgia de alguns terreiros afro-brasileiros.

Qualidade é o termo usado no candomblé para designar as múltiplas invocações ou avatares dos orixás, assim como no cristianismo, no caso de Nossa Senhora e Jesus Cristo, as qualidades referem-se a cultos específicos do orixá, em que são invocados aspectos diversos da sua biografia mítica, o que inclui as diferentes idades, as suas lutas e aventuras, sua glorificação e deificação etc.

No candomblé, os orixás dividem-se em vários orixás-qualidade, e se se acredita que cada ser humano, que é considerado filho ou descendente mítico do orixá, origina-se de um dos orixás-qualidade. Essas qualidades procuram dar conta do arquétipo de cada orixá, uma vez que se baseiam em mitos, e é por meio do oráculo do jogo de búzios que o pai ou mãe-de-santo determina de qual delas o filho-de-santo se origina.

Vejamos uma descrição de algumas qualidades que são objeto de diferenciação no culto de Xangô na liturgia de alguns terreiros afro-brasileiros.

AGODÔ

Sincretizado com São Jerônimo em terreiros onde o sincretismo ainda é observado; é aquele que, ao lançar raios e fogo sobre seu próprio reino, o destrói, como contado no mito apresentado neste trabalho. Gente de Agodô é do tipo guerreira, violenta, brutal, imperiosa, aventureira, amante da ordem e da justiça, mesmo que isso implique numa justiça pautada em seu próprio benefício.

OBACOSSÔ

Em sua passagem pela cidade de Cossô, Xangô recebe o nome de Obacossô, ou seja, o rei de Cossô. Conta o mito que, depois de passar pela terra dos tapas, Xangô refugiou-se na cidade de Cossô, mas a dor de haver destruído seu povo, levou o rei a suicidar-se. No momento da morte de Xangô, Iansã chegou ao Orum e, antes que Xangô se tornasse um egum, pediu a Olodumare

que o transforme num orixá. Assim Xangô foi feito orixá pelo pedido de sua mulher Iansã. Os filhos de Obacossô são serenos, tiranos, cruéis, agressivos, severos, amorosos, moralistas.

JACUTÁ

É o senhor do edun-ará, a pedra de raio. Conta o mito que o reino de Jacutá foi atacado por guerreiros de povos distantes, num dia em que seus súditos descansavam e dançam ao som dos tambores. Houve muita correria, muita morte, muitos saques. Jacutá escapou para a montanha seguido de seus conselheiros, donde apreciava o sofrimento de seu povo. Irado, o rei chamou sua mulher Iansã, que, chegando com o vento, levou consigo a tempestade e seus raios. Os raios de Iansã caíram como pedras do céu, causando medo aos invasores, que fugiram em debandada. Mais uma vez, Jacutá fora acudido por Iansã, e mais, sua eterna amante deu-lhe, dessa feita, o poder sobre as pedras de raio, o edun-ará. Gente de Jacutá tem espírito de um velho pensador, justiceiro, incansável, brutal, colérico, impiedoso, preocupado com a causa dos outros.

AFONJÁ

Patrono de um dos terreiros mais tradicionais e antigos da Bahia, o Axé Opô Afonjá, é o Xangô da casa real de Oió. Nesse avatar Xangô Afonjá é aquele que está sempre em disputa com Ogum. Um dos mitos que relata tal passagem nos conta que Afonjá e Ogum sempre lutaram entre si, ora disputando o amor da mãe, Iemanjá, ora disputando o amor de suas eternas mulheres, Oiá, Oxum e Oba. Lutaram desde o começo de tudo e ainda lutam hoje em dia. No entanto, naquele tempo, ninguém vencia Ogum. Ele era ardiloso, desconfiado, jamais dava as costas a um inimigo. Um dia, Afonjá cansado de tanto perder as batalhas para Ogum, convidou-o para ter com ele nas montanhas. Afonjá sempre apelava para a magia quando se sentia ameaçado e não seria diferente daquela vez. Ao chegar no pé da montanha de pedra, Afonjá lançou seu machado oxé de fazer raio e um grande estrondo se ouviu. Ogum não teve tempo de fugir, foi soterrado pelas pedras de Afonjá. Xangô Afonjá venceu Ogum naquele dia e somente naquele dia. Por essas características que o mito mostra, filhos de Afonjá tem um espírito jovem e sábio, são feiticeiros, libertinos, tirânicos, obstinados, galantes, autoritários, orgulhosos, e adoram uma peleja.

BARU

Conta o mito em que Xangô recebe de Oxalá um cavalo branco como presente. Com o passar do tempo, Oxalá voltou ao reino de Xangô Baru, onde foi aprisionado, passando sete anos num calabouço. Calado no seu sofrimento, Oxalá provocou a infertilidade da terra e das mulheres do reino de Baru. Mas Xangô Baru, com a ajuda dos babalaôs, descobriu seu pai Oxalá preso no calabouço de seu palácio. Naquele dia, ele mesmo e seu povo vestiram-se de branco e pediram perdão ao grande orixá da criação, terminando o ato com muita festa e com o retorno de Oxalá a seu reino. Assim seus descendentes míticos agirão sempre como um jovem desconfiado, ambicioso, elegante, teimoso, hospitaleiro, galante; neste avatar, e somente neste, Xangô surge como um rei humilde e solidário com a causa de seu povo.

Airá

Em alguns terreiros de candomblé cultua-se um grupo de qualidades de Xangô que recebe o nome de Airá. Também se acredita que Airá seja um orixá diferente de Xangô e que participa de alguns de seus mitos. O mais comum é considerar-se Airá como um Xangô branco. Vejamos algumas das subdivisões de Airá.

Airá

Em alguns terreiros de candomblé cultua-se um grupo de qualidades de Xangô que recebe o nome de Airá. Também se acredita que Airá seja um orixá diferente de Xangô e que participa de alguns de seus mitos. O mais comum é considerar-se Airá como um Xangô branco. Vejamos algumas das subdivisões de Airá.

Airá Intilé

É o filho rebelde de Obatalá. Airá Intilé foi um filho muito difícil, causando dissabores a Obatalá. Um dia, Obatalá juntou-se a Odudua e ambos decidiram pregar uma reprimenda em Intilé. Estava Intilé na casa de uma de suas amantes, quando os dois velhos passaram à porta e levaram seu cavalo branco. Airá Intilé percebeu o roubo e sabedor que dois velhos o haviam levado seu cavalo predileto, saiu no encalço. Na perseguição encontrou Obatalá e tentou enfrentá-lo. O velho não se fez de rogado, gritou com Intilé, exigindo que se prostrasse diante dele e pedisse sua benção. Pela primeira vez Airá Intilé havia se submetido a alguém. Airá tinha sempre ao pescoço colares de contas vermelhas. Foi então que Obatalá desfez os colares de Airá Intilé e alternou as contas encarnadas com as contas brancas de seus próprios colares. Obatalá entregou a Intilé seu novo colar, vermelho e branco. Daquele dia em diante, toda terra saberia que ele era seu filho. E para terminar o mito, Obatalá fez com que Airá Intilé o levasse de volta a seu palácio pelo rio, carregando-o em suas costas. Nesta qualidade, Airá Intilé dá a seu devoto um ar altivo e de sabedoria, prepotente, equilibrado, intelectual, severo, moralista, decidido.

Airá Ibonã

É considerado o pai do fogo, tanto que na maioria dos terreiros, no mês de junho de cada ano, acontece a fogueira de Airá, rito em que Ibonã dança acompanhado de Iansã, pisando as brasas incandescentes. Conta o mito que Ibonã foi criado por Dadá, que o mimava em tudo o que podia. Não havia um só desejo de Ibonã que Dadá não realizasse. Um dia Dadá surpreendeu Ibonã brincando com as brasas do fogão, que não lhe causavam nenhum dano. Desde então, em todas as festas do povoado, lá estava Airá Ibonã, sempre acompanhado de Iansã, dançando e cantando sobre as brasas escaldantes das fogueiras.

Nessa qualidade, os seguidores de Airá têm espírito jovem, perigoso, violento, intolerante, mas são brincalhões, alegres, gostam de dançar e cantar.

Airá Osi

É o eterno companheiro de Oxaguiã. Um dia, passando Oxaguiã pelas terras onde vivia Airá Osi, despertou no jovem grande entusiasmo por seu porte de guerreiro e vencedor de batalhas. Sem que Oxaguiã se desse conta, Airá trocou suas vestes vermelhas pelas brancas dos guerreiros de Oxaguiã, misturando-se aos soldados do rei de Ejibô. No caminho encontraram

inimigos ao que Osi, medroso que era, escondeu-se atrás de uma grande pedra. Oxaguiã observava a disputa do alto de um monte, esperando o momento certo de entrar nela, mas, para sua surpresa, percebeu que um de seus soldados estava de cócoras, escondido atrás da pedra. Sorrateiramente Oxaguiã interpelou seu soldado e para sua surpresa deparou-se com Airá que chorava de medo, implorando seu perdão, por haver enganado o grande guerreiro branco. Oxaguiã, por sua bondade e sabedoria, compadeceu-se de Airá Osi. No entanto, como punição pela mentira de Airá, decidiu que naquele mesmo dia o jovem voltaria à sua terra natal vestindo-se de branco e nunca mais usaria o escarlate, devendo dedicar-se a arte da guerra para poder seguir com ele em suas eternas batalhas.

Os filhos de Airá Osi são considerados jovens guerreiros, lutam pelo que querem, mas as vezes deixam-se enganar pela impetuosidade. São calmos, não tidos a trabalhos intelectuais, são amorosos, alegres e sentimentais.

São muitas as invocações ou qualidades de Xangô, que, como vimos, se juntam às outras tantas de Airá. Em diferentes países e regiões da diáspora africana em que a religião dos orixás sobreviveu e prosperou, há diferentes variantes das qualidades dos orixás, pois cada grupo, geograficamente isolado, ao longo do tempo, acabou por selecionar esta ou aquela passagem mítica do orixá. Muitas foram esquecidas, outras ganharam novos significados. Cada qualidade é representada por diferentes cores e outros atributos, de modo que, pelas vestes, contas e ferramentas, ritmos e danças, é possível identificar a qualidade que está sendo festejada, principalmente no barracão de festas dos terreiros. Não só por esses aspectos, mas também pelas oferendas votivas e pelos animais que são sacrificados em favor da divindade.

O culto se multiplica, o poder de Xangô se expande. Faces diferentes para outras faces. Diz um oriki:

Òlò áwá la wulú

Olodó òlò odó

Oyá walé ni ilè Irá

Xangô walé ni Kosó.

Senhor do som do trovão

Senhor do pilão

Oiá desaparece na terra de Irá

Xangô desaparece na terra de Cossô

Xangô de Oió, Xangô de Cossô. Da África e das América. Xangô é um e é muitos, mas, como indica o sentimento dos devotos, essa multiplicidade pode ser reunida numa só pessoa: Xangô. É o mesmo que dizer, nas palavras de pai Pércio de Xangô, babalorixá do Ilê Alaketu Axé Airá: É tudo Xangô.

Awón orín agbo Xangô – Cânticos da roda de Xangô

Canticos para Onilê

Os 5 primeiros cânticos louvam a Onilê

Onilé mo djubá o

Ibá Orixá

Ibá Onilé

É pagbô o

É pagbô a tangálá

A tangálá nilé kô rô o

É pagbo érú djédjé

Toto nilé kô rô o

Aye kúrú

Onilé kêrê

Onilé kêrê lôdô

Onilé kêrê o

Onilé ku ewu o

É o inan

Kini pawodí

Canticos da Roda

1

Adufé o

É pe yá dodê

Adufé o

É pe yá dodê

2

Iyá orunmalé yó

Iyá orunmalé yó

Iyá omi má lode ódárá

Iyá omi má fantilé ómón

É pe janimá robá

Iyá wa dodê

Adufé o

3

Adufé xadéré

Ó fáran si

Adufé xádéré

Ó fáran si

Iyá ómó dundun Awoyo

Adufé Xádéré

Ó fáran si

4

Adufé ni mo gbá

Sunalé

Adufé ni mo gbá

Sunalé

O yio ro lê unpê

Adufé ni mo gbá

Sunalé

5

Yemanjá wa ko

Yemanjá wa ko

Ago pa imón

Ago pa imón



Adufé kó djé maa o

Aro si wa le o

6

Béré kini

kini ke onikarugbô

Féré ni o sí o

7

Oní dádá

Agô láárin

Oni dádá

Ago láárin

8

Dádá má sókun món

Dádá má sókun món

É ru Ixélé bé lórun

Dádá fun mi lôwô

Ka su maa rin

9

Bayanni gidigi

Bayanni óla

Bayanni gidigi

Bayanni ólá

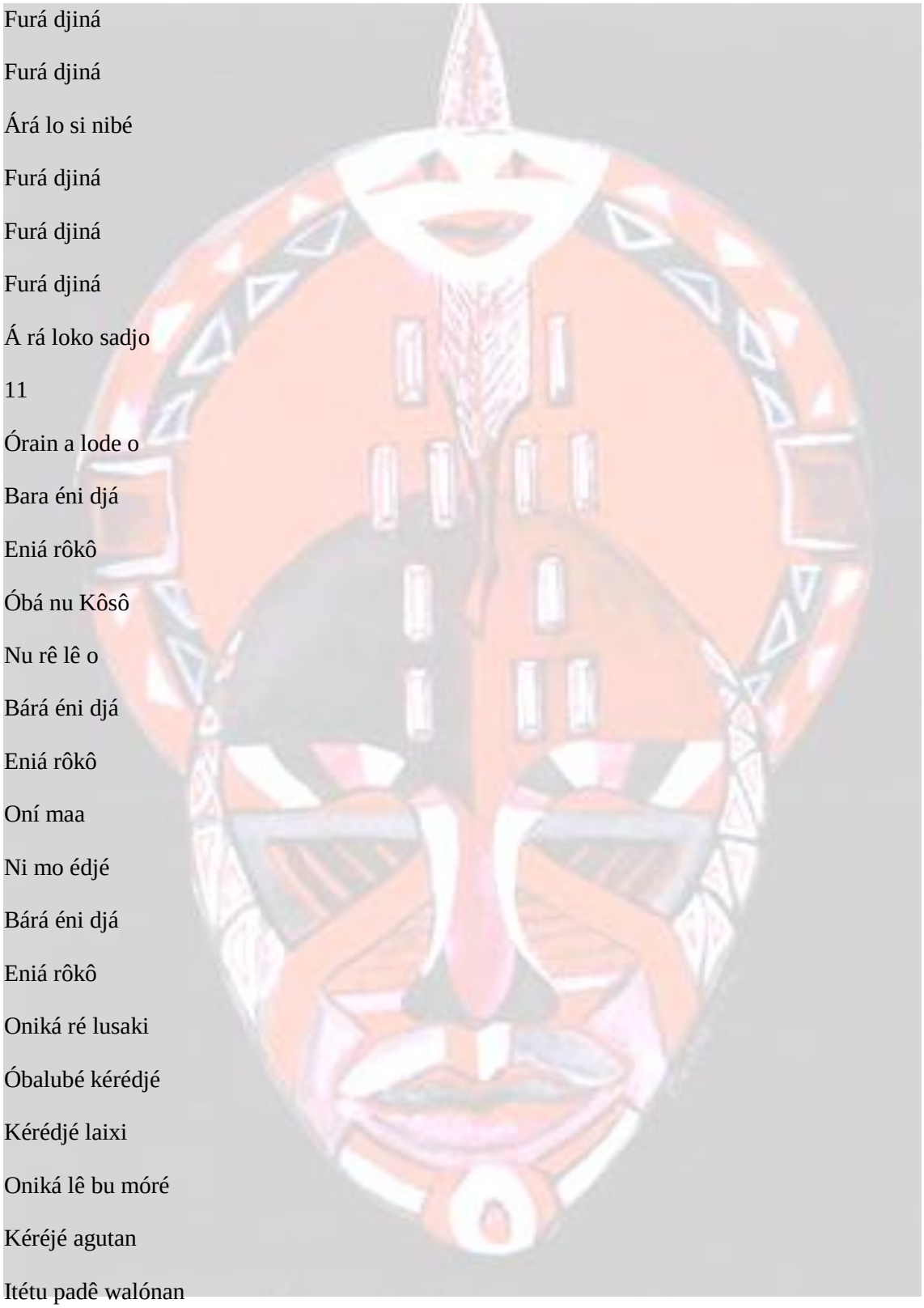
Bayanni gidigi

Bayanni ade (owo)

10

BÀBÁLORIXA RODOLPHO TÍ XANGÔ. FAÇA PARTE DESTE AXÉ QUE PRIMA PELO DESENVOLVIMENTO DE FORMA RESPEITOSA E EDUCACIONAL PELOS SEUS MEMBROS. ILÊ ALAKETÚ AXÉ ILÊ ÒYÓ OBÁ ÀLÁÀFÍN BARÚ ÀWODÍ ABÍBÒLÁ. CONSULTAS ESPIRITUAIS: [13] 3021-6100 SANTOS/SP. COM BÀBÁ RAFAEL TÍ ÒRÌXÀ AKINJOLÉ
CONTRATE-NOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE TODO SEU ILÊ ASÉ ÒRÌXÁ E CURSOS ADMINISTRADOS, COM OS FUNDAMENTOS NECESSARIOSEM CADA ELEMENTO APLICADO.

furá djiná e



Furá djiná

Furá djiná

Árá lo si nibé

Furá djiná

Furá djiná

Furá djiná

Á rá loko sadjo

11

Órain a lode o

Bara éni djá

Eniá rôkô

Óbá nu Kôsô

Nu rê lê o

Bárá éni djá

Eniá rôkô

Oní maa

Ni mo édjé

Bárá éni djá

Eniá rôkô

Oniká ré lusaki

Óbalubé kérédjé

Kérédjé laixi

Oniká lê bu móré

Kéréjé agutan

Itétu padê walónan

Oniká si rê lê

Ibô si Órain

A lodê o

Bárá éni djá

Eniá rôkô

12

Óbá Xéré

La Férrintin Óbá

Óbá Xéré

La férrintin Óbá

Óbá férrintin Óbá

òbá unwaiyê bé lórun

Óbá xéré la férrintin

Óbá unwaiyê bé lórun

Óbá Xéré la férrintin

13

Óbá kere kere wadô

Osi é rolê

Iyá lodô masê

É ko ke ré lanú

Soko iyagbá

Iyá lodô Másê

14

Airá odjô

Mo pe rêsê

A mo pe rêsê

15

A unwawurê

A unwa Orixá

A unwawurê

A unwa Orixá

Óbálubé óbá ladô

Óbá ladô ri Xó

Fun aiyê

Óbá ladô ri Xó

Fun aiyê

Óbá ladô rixó

Fun aiyê

16

O lô ti rê

Lô ti pá

É tábí éxin

O lô ti pá

Ópé o dodê

17

Irú wo

Ko maa bo níbô

Alaafin Orixá

Aladô

Ko maa bo nibo

É ko pa

18

BÀBÁLORIXA RODOLPHO TÍ XANGÔ. FAÇA PARTE DESTE AXÉ QUE PRIMA PELO DESENVOLVIMENTO DE FORMA RESPEITOSA E EDUCACIONAL PELOS SEUS MEMBROS. ILÊ ALAKETÚ AXÉ ILÊ ÒYÓ OBÁ ÀLÁÀFÍN BARÚ ÀWODÍ ABÍBÒLÁ. CONSULTAS ESPIRITUAIS: [13] 3021-6100 SANTOS/SP. COM BÀBÁ RAFAEL TÍ ÒRÌXÀ AKINJOLÉ
CONTRATE-NOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE TODO SEU ILÊ ASÉ ÒRÌXÁ E CURSOS ADMINISTRADOS, COM OS FUNDAMENTOS NECESSARIOSEM CADA ELEMENTO APLICADO.

Lésé é ko iná

Éru djédjé éru dj´dj´

Lésé é ko iná

Éru djédjé

Lokê odô

Lésé é ki iná

Éru djédjé éru djédjé

Lésé é ki iná

Éru djédjé

Óbá xororo

19

É dja gbê ko umbêrê

É ko imón é ko imón

É djá gbe ko umbêrê

É ko imó

É ko pa nidjé

É dja gbê ko umbêrê

É ko imón é ko imón

É dja gbê ko umbêrê

É ko imón

É ko pa

20

Óbá mi kê xôrô

Xô umbé

Óbá xôrôrô

Óbá mi kê xôrô

Xo umbéÓbá xôrôrô

Observações:

"A roda de Xangô é composta de 20 estrofes. As 5 primeiras não numeradas referem-se às cantigas de Onilé. Algumas casas, cantam para Onilé, após a estrofe #0, para encerrar o toque de batá.

"De 1 a 10, dança-se de frente da roda, movimentando as mãos em circulo, como se estivessem mexendo 2 panelas. Quando se fala em Oní dádá movimenta-se a cabeça de uma lado para o outro; as pessoas se curvam para o centro da roda, voltando a posição anterior.

"Após o #11 o toque muda de compasso. A manifestação do Orixá se processa após o #14, passando o toque a ser mais rápido, culminando com o alujá.

"A roda se encerra com o #20. O que se cantar depois é questão particular de cada casa.

ADURÁ SANGO

OLUKOSO! ATU WON KA NIBI WON GBE NDANA IROA LE BABALAWO MAA DURO KO IFA,A TI LOJO ATI LERUN,KO SENI TI SANGO KO LE PA A F'ENI TI KOGILA KOLU, A F'ENI TI ESU NSE LO MAA FE KOLU ESULO MAA FE KOLU SANGOA F'ENI TI SANGO YIO PA LO MA KO LU SANGOOLUKOSO OKO OBA, OYA, OSUNA GBO EDE GBO ENAOBA KOSO OKO MI, BALE MI OGIRI GBEDUN KO JE KOLU E LONA ODI O

Tradução

OLUKOSO! Ele que separa as pessoas quando há intrigas Ele que persegue o Babalawo, sem que o mesmo tenha tempo para pegar o seu IFA Tanto na chuva quanto na seca, Não há uma pessoa que SANGO não possa perseguir Só uma pessoa com força anormal, Só uma pessoa que ESU estiver manipulando e que tiver coragem de confrontar-se com ESU é que terá coragem de confrontar-se também com SANGO Só quem quiser ser morto por SANGOÉ que vai enfrentá-lo OLUKOSO, marido de OBA, OYA e OSUN,Que conhece todas as línguas OBA KOSO, meu Senhor, Meu Senhor, o dono dos tambores reais Jamais me aproximarei de ti para te ofender

ADURÁ SANGO

SANGO MO LERI SANGO,MO LERI, O O AGBEDE GBEYO ONISANGO DEWA NUMO HE E EMO FI JE E ONI SANGO DEWA NUMO HE E EMO FI JE E

Tradução

SANGO,Tenho testemunhas SANGO, Tenho testemunhas Aquele que entende várias línguas Os que cultuam SANGO derramaram feijão Eu peguei e comi Os que cultuam SANGO derramaram feijão Eu peguei e comi

"...Ninu awon ORISA, SANGO OLUFINRAN, Odu Ifa ti o ro wa si ode aye n la n pe ni OKANRAN MEJI - Kabiyesi. Bi Odu Ifa yi ba si ti ohun ni owo awon Babalawo nigba ti won ba n dafa igba meta ni won o se "Kabiyesi" fun SANGO OLUFINRAN OBA-KO-SO. Oun ni eni ti won se Kabiyesi fun nigbaa lailai, ko to di wipe awon Oba, Oba miii to tun je EBORA bii re, ki won to to moo ko iru asa 'yi..." "...Entre os outros ORISA, está SANGO OLUFINRAN. O Odu IFA que o acompanhou ao mundo é chamado OKANRAN MEJI - Kabiyesi! Se este Odu IFA aparecer quando requisitado, são três as vezes que terão que saudar Kabiyesi para SANGO OLUFINRAN, o Rei de Koso. Ele foi a primeira pessoa a que eles saudaram Kabiyesi, nos velhos tempos, antes do resto dos Reis, que eram EBORA como ele, aprenderem este tipo de costume..."O texto acima é parte do relato "Os Orisa e Odu que os acompanhou com seu Esu", recolhido por Juana Elbein dos Santos e Deoscoredes M. dos Santos e apresentado na monografia "Esu Bara Laroye - a comparative study". Por ele somos remetidos à questão da chegada de SANGO ao aiye e sua condição particular de realeza.

Quanto a condição de nascimento dentro do ODU OKANRAN MEJI não parece haver qualquer dúvida, seja entre os seguidores de SANGO, seja entre aqueles que o tem pesquisado. Muitos são os Itan desse ODU que confirmam essa idéia. Dúvida quanto a esta questão, se existe, diz respeito à natureza de SANGO - divino ou humano. A grande parte dos mitos nos conduzem à idéia de uma natureza humana em SANGO. Sua passagem pela terra encontra registro histórico na oralidade Iorubá e nos parece possível que pelo papel desempenhado no processo civilizatório do homem enquanto ele se sedentariza, na formação das estruturas sociais e na representação do surgimento de lideranças institucionalizadas, SANGO bem pode representar a "divinização" de um ancestral da humanidade, assumindo ao longo do tempo seu papel dentro da cosmogonia Iorubá.Não nos parece que o reconhecimento dessa origem diminua em grau ou qualidade sua importância e significado na religião. Não nos esqueçamos que nossa religião também se assenta sobre o fundamento da ancestralidade. Um Itan do ODU OKANRAN MEJI conta dessa forma a chegada de SANGO na terra, trazendo também uma mensagem de superação das dificuldades através do culto à IFA ORUNMILA, Senhor do Destino:

"SANGO veio ao mundo sob este signo No momento em que ele veio ao mundo Ele não era senão um pequeno medroso Ele tinha medo de um galo que canta De um cabrito que bale Ele tremia por nada Ele próprio compreendeu que Não poderia viver com semelhantes angústias E foi consultar IFA".

ERVAS:

Teté =Bredo sem espinhos

Orin-rin = Alfavaquinha

Odum-dum = Folha da costa

Jacomijé = Jarrinha

Bamba =Folha de mibamba

Alapá =Folha de capitão

Pepê = Folha de loko

Oicô = Folha de caruru

Xerê-obá = Chocalho de xangô

Oxé-obá = Birreiro

Monan = Parietária

Aferé = Mutamba

Obô = Rama de Leite

Odidí =Bico-de-papagaio

Obaya = Beti-cheiroso - macho ou fêmea

O que levou ao colapso o velho império Oyo? Uma versão popular da história oral é que o império caiu porque o alafim Awole (1789-c.1796), fraquíssimo imperador que sucedeu ao alafim Abiodun (c.1774-1789), rogou uma praga no povo iorubá!

Awole fora removido do cargo e, como previsto pela constituição do império, teve que cometer suicídio. Segundo a lenda, seus chefes o depuseram do cargo porque queriam que o império começasse a participar do lucrativo comércio de escravos. A constituição do império demandava a unanimidade entre o imperador e o Oyo Mèsì (seu importante Conselho de Chefes). Oyo Mèsì tinha oito membros e não sete como erroneamente foi informado por muitos escritores, estes são: Basorun, Agbakin, Samu, Alápìíni, Lágùnà, Akinnikú, Asípa e Onàa-Modéékè.

Depois, as decisões do Oyo Mèsì e do alafim tinham que ser tomadas unanimemente, muito embora o alafim não fosse, estritamente falando, um membro do conselho executivo. Isso acontecia porque o Oyo Mèsi deliberava independentemente do imperador, somente depois que chegavam às suas conclusões eles as apresentaria ao imperador. Se houvesse uma disputa irreconciliável entre o alafim e o Oyo Mésí, o alafim seria deposto do cargo porque o Oyo Mèsì era visto como a voz do povo.

Ademais, no dia-a-dia os assuntos do império eram conduzidos por eunucos que a literatura inapropriadamente se refere como "escravos". Estes eunucos, chamados Ìlàrí, eram dirigidos por três eunucos muito poderosos: Ona Efá (eunuco do meio), Otun Efá (eunuco da direita) e Òsì Efá (eunuco da esquerda). Em todas as questões essenciais, estes eunucos eram mais poderosos que a Oyo Mèsì porque eram responsáveis pelas questões administrativas do império. Eles também eram coletores de impostos e enviados que viajavam por todo o império (ver Law, 1971-1977, para mais detalhes dos problemas constitucionais do velho império Oyo).

Outra lacuna do poder é que não havia separação real entre religião e Estado. O imperador e o Oyo Mèsì eram os mais altos líderes das divindades mais importantes da religião iorubá. O alafim era reverenciado como representante de Xangô, o deus iorubá do trovão, do raio e da

justiça. Cada um dos oito membros do Oyo Mèsì eram também líderes de uma importante divindade iorubá. Por exemplo, o Basorun, que era o líder do Oyo Mèsì, era também o sumo sacerdote de Orun. Orun era a divindade pessoal de todos os imperadores Oyo. Porém, perto do fim do império, alguns chefes de alta patente aceitaram versões radicais e fanáticas do islã.

Qualquer imperador que não pudesse conseguir a unanimidade entre ele e Oyo Mèsì era deposto e tinha que cometer suicídio. Essa previsão fora inserida na constituição como uma medida "democrática" para proteção contra a autocracia real. Ainda segundo a lenda, antes de cometer suicídio, Awole proferiu a maldição: "o povo será escravizado por toda a Terra". Após proferir a maldição, ele disparou uma flecha para o Norte, Leste e Oeste e esmagou no chão um pote contendo poderes ocultos. "Assim como ninguém remenda o pote esmagado, ninguém será capaz de reverter minha maldição sobre o povo iorubá". Isto é o que se conhece por Ègún Awóle, a irreversível maldição de Awóle.

Há, naturalmente, uma melhor explicação para o porque do colapso do império. Essa explicação diz respeito a vários problemas constitucionais inerentes ao império.

A constituição continha certas medidas que tornavam difícil, senão impossível, para um dirigente fraco sobreviver muito tempo como imperador. Para começar, embora os títulos de alafim e da Oyo Mèsì fossem hereditários, a constituição continha tendências democráticas que estavam em conflito com esses cargos hereditários. Por exemplo, suponha-se que os membros da Oyo Mèsì fossem a "boca" do povo porque suas opiniões eram moderadas e formadas por vários grupos sociais e organizações dentro da sociedade. Uma dessas organizações era a poderosa sociedade Ogbóni. Os Ogbónis eram mais ou menos cortes de apelação em cada cidade-estado do império. Embora a cidade de Oyo fosse a capital, ela também funcionava como qualquer outra dentro da confederação que era o império. A cidade de Velho Oyo tinha seu próprio Ogbóni que limitava os poderes do Oyo Mèsì.

Depois, as decisões do Oyo Mèsì e do alafim tinham que ser tomadas unanimemente, muito embora o alafim não fosse, estritamente falando, um membro do conselho executivo. Isso acontecia porque o Oyo Mèsi deliberava independentemente do imperador, somente depois que chegavam às suas conclusões eles as apresentariam ao imperador. Se houvesse uma disputa irreconciliável entre o alafim e o Oyo Mésí, o alafim seria deposto do cargo porque o Oyo Mèsì era visto como a voz do povo.

Ademais, no dia-a-dia os assuntos do império eram conduzidos por eunucos que a literatura inapropriadamente se refere como "escravos". Estes eunucos, chamados Ìlàrí, eram dirigidos por três eunucos muito poderosos: Ona Efá (eunuco do meio), Otun Efá (eunuco da direita) e Òsì Efá (eunuco da esquerda). Em todas as questões essenciais, estes eunucos eram mais poderosos que a Oyo Mèsì porque eram responsáveis pelas questões administrativas do império. Eles também eram coletores de impostos e enviados que viajavam por todo o império (ver Law, 1971-1977, para mais detalhes dos problemas constitucionais do velho império Oyo).

Outra lacuna do poder é que não havia separação real entre religião e Estado. O imperador e o Oyo Mèsì eram os mais altos líderes das divindades mais importantes da religião iorubá. O alafim era reverenciado como representante de Xangô, o deus iorubá do trovão, do raio e da

justiça. Cada um dos oito membros do Oyo Mèsì eram também líderes de uma importante divindade iorubá. Por exemplo, o Basorun, que era o líder do Oyo Mèsì, era também o sumo sacerdote de Orun. Orun era a divindade pessoal de todos os imperadores Oyo. Porém, perto do fim do império, alguns chefes de alta patente aceitaram versões radicais e fanáticas do islã.

Depois, as decisões do Oyo Mèsì e do alafim tinham que ser tomadas unanimemente, muito embora o alafim não fosse, estritamente falando, um membro do conselho executivo. Isso acontecia porque o Oyo Mèsi deliberava independentemente do imperador, somente depois que chegavam às suas conclusões eles as apresentariam ao imperador. Se houvesse uma disputa irreconciliável entre o alafim e o Oyo Mésí, o alafim seria deposto do cargo porque o Oyo Mèsì era visto como a voz do povo.

Ademais, no dia-a-dia os assuntos do império eram conduzidos por eunucos que a literatura inapropriadamente se refere como "escravos". Estes eunucos, chamados Ìlàrí, eram dirigidos por três eunucos muito poderosos: Ona Efá (eunuco do meio), Otun Efá (eunuco da direita) e Òsì Efá (eunuco da esquerda). Em todas as questões essenciais, estes eunucos eram mais poderosos que a Oyo Mèsì porque eram responsáveis pelas questões administrativas do império. Eles também eram coletores de impostos e enviados que viajavam por todo o império (ver Law, 1971-1977, para mais detalhes dos problemas constitucionais do velho império Oyo).

Outra lacuna do poder é que não havia separação real entre religião e Estado. O imperador e o Oyo Mèsì eram os mais altos líderes das divindades mais importantes da religião iorubá. O alafim era reverenciado como representante de Xangô, o deus iorubá do trovão, do raio e da justiça. Cada um dos oito membros do Oyo Mèsì eram também líderes de uma importante divindade iorubá. Por exemplo, o Basorun, que era o líder do Oyo Mèsì, era também o sumo sacerdote de Orun. Orun era a divindade pessoal de todos os imperadores Oyo. Porém, perto do fim do império, alguns chefes de alta patente aceitaram versões radicais e fanáticas do islã.

Portanto, havia um conflito em sua lealdade para com a estrutura político-religiosa do império. Por um lado, eram cobrados pelo islã a renunciar e forçosamente a derrubar a religião iorubá e todas as suas instâncias. Porém, por outro lado, em razão de seus cargos tinham o dever de manter as medidas constitucionais e religiosas que se fundavam em uma religião que eles não mais aceitavam!

Um dos mais importantes inimigos do alafim Awole e que orquestrou sua deposição era Àfonjá, o Bale (governante) da cidade de Ìlorin. Àfonjá era também Are-Ona-Kaka-n-fo, quer dizer líder do exército provincial do império.

Porque Àfonjá descendia, por parte de mãe, de uma das famílias reais de Oyo, ele nutrira a ambição de tornar-se alafim no lugar do fraco Awole. Infelizmente para Àfonjá, apesar de ter apoio do Oyo Mèsì em seu golpe de Estado contra o alafim Awole e de ser a seleção de novos imperadores uma de suas principais responsabilidades, a Oyo Mèsì não selecionou Àfonjá como imperador após o suicídio de Awole. Ao contrário, selecionou Adébo, um dos príncipes de Awole.

Contudo, a escolha de Adébo era inconstitucional! A constituição não permitia príncipes que fossem sucessores diretos de seus pais no trono. De fato, nos tempos antigos, o príncipe mais velho teria que cometer suicídio toda vez que o imperador reinante morria. A razão era muito simples. Todo alafim era visto como um semideus - especificamente o representante de Xangô (deus do raio, do trovão e da justiça). Como semideus, o alafim era reverenciado e ele raramente aparecia em público. Nestas raras ocasiões, sua face era sempre envolta por um véu de pelotas de sua coroa pesadamente adornada.

Por ser o alafim um semideus que não estava em contato com seus cidadãos, o filho mais velho, todo alafim reinante tinha o importante título de Aremo. O Aremo, para todos fins e propósitos, tinha mais influência na sociedade em que seu pai era o imperador porque ele era a face pública do governante, da autoridade e do poder. Ele também era os "olhos" e "ouvidos" de seu pai, o alafim, na sociedade. Em muitos casos, o Aremo era mais temido que o próprio alafim. Era por esta razão que, nos tempos antigos, todo Aremo deveria cometer suicídio quando seu pai morresse. O novo imperador seria selecionado então de uma das casas governantes de Oyo.

Àfonjá não aceitara docilmente a eleição de Adébo. Como ele era o Are-Ona-Kaka-n-fo, comandava um exército que era maior que o permanente da capital. Junto com alguns de seus aliados, Àfonjá repudiou sua lealdade à autoridade do alafim como líder do velho império Oyo. O império finalmente foi tomado por guerras civis. Entre a deposição do alafim Awole (por volta de 1796) e o colapso final do império, em torno de 1840, não houve nada menos que doze guerras civis de grandes proporções no império.

O significado desse meio século de guerras para a dispersão do povo iorubá não deve ser perdido de vista. Antes de 1789, quando Awole sobe ao trono de velho Oyo, os povos iorubás não foram escravizados em números significativos porque a "confederação" de cidades-estado e reinos que formavam o império tinham um dos exércitos mais fortes da África Ocidental. Porém, entre mais ou menos 1800 e 1870, os iorubás tornaram-se o maior número de escravos a serem "exportados" das costas da África. Pois, além do fato de muitos senhores da guerra iorubá venderem seus cativos (que também eram iorubás) como escravos, os Nupe e os Bariba (que eram vizinhos dos iorubás a Norte e a Nordeste) também capturaram e venderam um incontável número de iorubás como escravos. Jihadistas também pilharam cidades iorubás em busca de escravos.

Esses terríveis anos de incessante guerra civil são, de fato, duplamente significativos. Embora a exportação de escravos africanos para as Américas terminasse por volta de 1870-1875, um incontável número de iorubás foi vendido como escravo entre essas datas. Primeiro, muitos foram capturados como escravos durante os 50 anos das guerras civis iorubás (±1790-1840). Além disso, a queda final império fez da terra dos iorubás território livre para caçadores de escravos que vinham da Europa e dos Estados africanos vizinhos. E, na verdade, houve senhores da guerra iorubá e sùmomí (seqüestradores profissionais) que pilharam as cidades e aldeias atrás de cativos que eram vendidos aos europeus como escravos. De fato, a captura de iorubás como escravos continuou até bem depois da abolição oficial do comércio transatlântico de escravos.

De maneira simples, os iorubás foram exportados em grandes números para fora da África Ocidental um pouco antes, durante e um pouco depois dos últimos dias do comércio de escravos

- para a controvérsia em torno das estimativas sobre o número de africanos exportados como escravos ver Inikori (1976a e 1976b) e Curtin (1969 e 1976).

Xangô é sem dúvida um dos principais e mais festejado Orixás do Panteão Africano.

Seu culto, trasladado da África para o Continente Americano, difundiu-se de tal forma que talvez seja hoje muito mais cultuado nos países americanos como Brasil, Cuba, Argentina, Venezuela, Martinica e USA, do que na própria África.

Xangô pode ser descrito sob dois aspectos diferentes: personagem histórica e divindade do panteão africano.

Na África a influência das religiões dos colonizadores fez com que o aspecto divino deste Orixá, como de quase todos, fosse relegado a um plano secundário e hoje os nigerianos ressaltam ou simplesmente só conhecem o personagem histórico, transferindo para ele, os atributos do Orixá.

Esta atitude reflete a ação subversiva dos missionários que tentam de todas as formas desestabilizar qualquer religião, descaracterizando seus deuses.

A reputação do deus-do-trovão foi, e ainda é, sistematicamente abalada através de publicações vendidas em proveito das Sociedades das Missões (católicas) Africanas de Lyon e da Church Mission Society (protestante), que mão tinham, ambas, interesse em proclamar a glória de um deus pagão.

Como prova disto o Reverendo Epega chega a interpretar o dia da semana consagrado a Xangô (Ijo jàkúta – o dia do atirador de pedras), como significando "o dia em que Xangô foi apedrejado até a morte pelos revoltados contra ele" numa interpretação que poderia ser considerada "engraçada" não fosse nitidamente subversiva.

Historicamente, Xangô foi o terceiro rei de Oyó (Aláàfin Òyó), filho de Oraniam e Torosi.

Sua mãe, Torosi, era filha de Elempê, rei de Tapá, e o casamento selou uma aliança entre este reino e o de Oyó.

Xangô cresceu em Tapá, terra de sua mãe e, já adulto transferiu-se para Kosô, onde foi repudiado por seu gênio violento e tirânico.

Imperioso, o jovem príncipe impôs-se pela força e, uma vez estabelecido seu domínio, transferiu-se, com seu povo, para Oyó, fundando um vilarejo ao qual deu o nome de Kossô e desta forma, adquiriu o título de Oba Kòso.

Com a morte de Oranian, seu primogênito Dadá Ajaká, meio irmão de Xangô, assumiu o trono.

Notando que seu irmão não possuía a energia que se exigia de um rei, Xangô o destronou, expulsando-o para Igboho, onde Ajaká permaneceu por quase oito anos.

De caráter calmo e pacífico, amante das artes e da poesia, Ajaká aceitou a situação, satisfazendo-se em usar uma coroa totalmente revestida de búzios chamada adé baáyàní.

Quando Xangô teve que se afastar de Oyó, Ajaká reassumiu o trono e mudando de atitude, revelou-se num grande chefe-guerreiro, atacando o reino de Tapá e abrindo guerra contra os parentes maternos de seu irmão.

A existência do Xangô histórico é comprovada por diversos autores mas Frobenius refere-se à existência de um outro Xangô, denominado Sàngo Mési, que viveu numa época bem posterior à morte de Sàngo Aláàfín Òyó.

Os iniciados, no entanto, não podem confundir o Xangô Orixá com o seus homônimos históricos, não só pelo absurdo que isto representa como também e principalmente, pelo fato de que esta postura relega uma divindade a um plano de hierarquia inferior na escala espiritual.

Contestamos veementemente a possibilidade de um ser humano, por mais especial que tenha sido ascender, depois de morto, à condição de Orixá.

A divinização dos ancestrais humanos ocorre no âmbito do culto de Egungun, onde, aqueles que merecem tal honrariam, são elevados ao status de Babá Egun, o que não é o caso do Orixá Xangô e de nenhum outro Orixá.

Em seu aspecto divino, Xangô transcende à existência de qualquer rei que, talvez por devoção, tenha adotado o seu nome. Da mesma forma, sua existência antecede à da raça humana.

O Orixá Xangô é justiceiro e viril. Costuma punir os malfeitores e mentirosos lançando, sobre eles ou suas propriedades, raios destruidores.

Entre os yorubas a morte pelo raio é considerada infamante e uma casa atingida por ele é tida como alvo da cólera de Xangô.

Os sacerdotes de Xangô costumam procurar, nos locais onde caia um raio, profundamente enterrado no solo, o èdùn àrá (pedra de raio), considerada como emanação de Xangô e sua representação material, onde está contido todo o seu Axé.

Xangô tem preferência pelo sacrifício de carneiros, animal cuja chifrada tem a rapidez do raio.

O símbolo de Xangô é o osé, machado de lâmina dupla que seus elégùn trazem nas mãos quando são tomados pelo Orixá.

Nas cerimônias de Xangô, seus devotos costumam agitar o séré, chocalho feito com uma cabaça de cabo longo no interior do qual são colocados diversos elementos considerados como axé do Orixá.

Sendo um símbolo fálico, o xerê, cujo som pretende reproduzir o ruído da chuva, não pode ser agitado por mulheres.

Segundo Verger, em Sakete e Ifanbim, na Nigéria, existem diversos egbé Sàngó, sociedade chefiadas por eleguns de Xangô, representantes de várias famílias.

"Quando uma dessas famílias organiza uma cerimônia de oferendas ao seu Xangô particular, os membros dos outros egbé vêm todos participar da festa..."

Essas cerimônias podem durar cinco, nove ou dezessete dias e começam e terminam, sempre, no dia da semana yoruba de quatro dias, consagrado a Xangô, o "ijo jàkútá" .

É ainda Verger que nos informa que: "Os dignatários de egbé Sàngó reúnem-se no primeiro compartimento: Mógbà Sàngó, Iyá Sàngó (Iyá Egbé), Balé Sàngó, Arupe, Seriku, Jagunjagun, Baba Egbé, Asoju Oba, Esinla, etc.

"No segundo compartimento encontra-se o odó, o pilão de Xangô"...

Na África, os iniciados de Xangô, independente de seus sexos, usam os cabelos trançados numa série de linhas paralelas que vão da testa até a nuca.

"Okó nlá bá ojú omi jé.

Okó nse bálabàla,

Gbòòrò gbòòrò okó.

Gbándú gbándú òbò."

Um grande pênis perturba a superfície da água

O pênis é viscoso.

Comprido é o pênis.

Larga é a vagina.

Estes são versos cantados pelos seguidores de Xangô que, longe de atentarem contra a moral, ressaltam a virilidade do grande Orixá.

Xangô goza de popularidade tanto entre os adeptos do candomblé quanto da umbanda onde é sincretizado com São Jerônimo.

Este Orixá é tão importante nos cultos afro-brasileiros que existe, no norte do país um culto com seu nome.

Da mesma forma que na África e em Cuba, no Brasil os ritmos próprios de Xangô são o alujá e nibobé e sobre o tema existe uma obra da autoria do Prof. José Flávio Pessoa de Barros intitulada "A Fogueira de Xangô" que descreve minuciosamente a cerimônia de mesmo nome.

No Brasil acredita-se na existência de doze Xangôs que seriam as seguintes:

Dadá,

Afonjá,

Obalubé,

Agodô ou Ogodô,

Oba Kossô,

Jakutá,

Aganju,

Baru,

Oranian,

Ayrá Intilé,

Ayrá Igbonam,

Ayra Adjaosi,

Ayra Mofé.

Sabemos, no entanto, que a maioria deles é membros da família de Xangô e não "qualidades" deste Orixá.

Da mesma forma que na África, no Brasil seu fio de contas é composto de miçangas brancas e vermelhas e adornado com corais também vermelhos.

Sàngo dé! Sàngo dé!

Káwóó Kábiyèsi!"

Xangô está chegando!

Venham admirar o Rei!

Em Cuba Xangô é considerado um dos Orixás mais importante no culto da santeria. Naquele país, independente de ser considerado um Orixá masculino é sincretizado com Santa Bárbara.

Segundo as lendas contidas nos ensinamentos secretos de Ifá, Xangô é aquele que morreu na praça e ressuscitou em casa.

Xangô recebeu de Olofin o poder de saber tudo aquilo que os homens falam em segredo.

Xangô não permite que as cerimônias de Egun se realizem sem que seja preceituado antes pois ele é o pano que encobre a morte e, por esta razão, os panos vermelhos, sua cor por excelência estão sempre presentes nos rituais à Egungun e nos ebós de Ikú e de Egun.

Quando Xangô se ajoelha no campo não é para colher inhames e sim para desenterrar sua coroa, o Edun Ará (pedra de raio), que ele mesmo enterrou.

Xangô é chamado de "Elitimó" que significa que é possuidor de conhecimento e de olhos brilhantes como o fogo.

Possui três mensageiros que são: Araúa (o trovão), Manamana (o raio) e Biri Aymejé (a escuridão).

O poder de Xangô é confirmado na sentença que diz:

"Ile bogbo Sango loiye." (Xangô faz brilhar todos os lugares da Terra).

Esta sentença fala com absoluta clareza da relação de Xangô com o raio e com o fogo, que todos os homens conhecem e que brilham na escuridão.

Xangô combate desde o alto da árvore "odan" de onde salvou a vida de Oduduwa eliminando seus inimigos com o seu Oxe.

Xangô conhece o remédio para a cura da lepra e foi ele que preparou o primeiro assentamento de Osain sobre um edun ará.

A mão do pilão de Xangô é sagrada e deve ser consagrada sendo enterrada e recebendo sacrifícios.

Xangô possui o caráter do leopardo e do tigre que se lavam com o sangue do carneiro.

Na terra de Ibakan, Xangô se banha com epô e mora na copa de um arabá.

Possui um atributo denominado Lakin Xekun que com o alento que produz, tanto mata quanto cura.

Para aplacar a fúria de Xangô existe um segredo que consiste em oferecer-lhe um adimú num prato onde se pintou um círculo de uáji misturado com otí. Isto faz lembrar ao Orixá o tempo em que, ainda menino, era criado por sua irmã que, para distraí-lo, preparava tinturas com material extraído do pé de índigo.

A casa de Xangô é abençoada por Osain e por Orixaokô e segundo se afirma, é maior que o oceano.

Para Xangô não existem caminhos fechados. Existe uma sentença que afirma:

"Sango ni ona gba dadagi lasa" (Xangô é como um louco que vai à todas as partes abrindo os caminhos).

Xangô é chamado de "Ogangô" e enfeitado com plumas de avestruz.

Aprecia muito os figos, quer sejam frescos, quer sejam secos.

Em suas seguranças não pode faltar a folha de odan (jaguey macho). Xangô foi o primeiro Orixá a preparar seguranças com vegetais colhidos dentro da floresta. Os vegetais colhidos por Xangô

eram cortados com o edun ará, por este motivo, as madeiras usadas na preparação de seus axés devem ter as pontas queimadas.

Gosta de inhame com muito epô, o dia consagrado a ele é a quarta feira mas aprecia muito os domingos.

Quando vem em Ejilaxebora, proíbe fumar pois neste caminho Xangô cozinhou inhames com o ar expelido por suas narinas.

Gosta muito da luz do dia e costuma recolher-se à noite.

Os otás de Xangô não devem ser originários de matas ou planícies, acredita-se que as pedras recolhidas neste lugares e consagradas a ele, atraem desgraças. Uma sentença yoruba afirma que "Xangô recolhe uma pedra na floresta e o sangue corre". Para ele consagra-se exclusivamente pedras do mar ou dos rios, além, é claro, das pedras de raio.

Deve-se colocar, sempre, no igbá de Xangô, uma pedra de antimônio porque, diz a lenda, seus olhos são deste metal.

Uma lenda de origem fon afirma que a verdadeira mãe de Xangô é Torini, filha de Elempe, rei de Nupe Tapá. Sua mãe teria morrido por ocasião do seu parto.

A primeira esposa de Xangô, antes mesmo de Oyá, foi Omó Sandá, do povo Minapopo.

Em Cuba não se verifica a existência de ‘qualidades" de Xangô, existindo, todavia, diferentes Orixás que fazendo parte de uma grande família da qual Xangô é o chefe, são cultuados em paralelo, fazendo parte do seu "carrego". São membros da família de Xangô:

OGUE:

Ogue é um Orixá que sempre acompanha Xangô como se fosse uma espécie de ajudante de ordens deste Orixá. É assentado dentro de um par de chifres de boi que vive diante do Igbá de Xangô.

Segundo uma lenda nagô, Xangô roubou Ogue de Ogun, apossando-se, definitivamente, dele.

ABOKUN

Abokun é um Orixá muito exigente e casto, irmão e companheiro de Xangô. É assentado num boneco de madeira montado num cavalo do mesmo material. O boneco leva, na mão direita, um oxe.

Tanto o boneco quanto o cavalo em que está montado levam, em seu interior, diferentes elementos sagrados.

ABOKEYE

Este é um Orixá feminino, filha de Abokun e natural de terra Tapá. Vive nas montanhas e seu fio de contas é feito com miçangas brancas e firmas azuis. Come galinha, pombo, inhame e

igbín, é acompanhada, sempre, por dois espíritos denominados respectivamente, Abokun Soro e Abokun Lo. Segundo se acredita, os filhos deste Orixá são médios videntes, poder que lhes é dado pelos espíritos acima referido que, afirma-se, vivem no plano astral.

BAIYANI

Baiyani é a patrona do ventre feminino. Seus fios de contas são confeccionados com contas vermelhas, contas brancas e búzios. Enfia-se duas contas vermelhas, duas brancas até completar oito contas e então coloca-se um búzio antes de começar-se a enfiar um outro grupo de oito contas alternadas, duas vermelhas e duas brancas.

É assentada numa sopeira de madeira toda adornada de búzios por fora.

DADÁ AJAKÁ

Segundo as lendas, Dadá Ajaká, seria irmão mais velho de Xangô e portanto, legítimo herdeiro da coroa de Oió. Seu nome – Dadá - é uma referência aos cabelos excessivamente anelados que possuía e fazia questão de exibir.

Segundo se afirma Ajaká era voltado para a poesia, sendo, por este motivo, considerado hoje, o patrono dos poetas.

Este Orixá, assim como Xangô, vive numa gamela sobre um pilão e sua coroa, da mesma forma que a de Baiyani, é inteiramente revestida de búzios, não podendo faltar, dentro do seu igbá uma mão de 21 búzios devidamente consagrados. A gamela de Dadá Ajaká deve possuir quatro abas ou "orelhas", sendo que cada uma delas fica direcionada a um dos quatro pontos cardeais.

Aira, Oramfé ou Xangô?

Quando falamos de Religião Africana, principalmente das que vieram a influenciar nas Américas, estamos na realidade falando em um espaço geográfico limitado a 04 países, Nigéria, Benin (antigo Dahomé), Gana e Togo, num raio de, no máximo, 150 quilômetros.

Nesse pequeno espaço estão concentradas as 16 regiões, onde destacamos as Regiões Fon, Mahi, Nagô, Egbado, Egba, Yorubá, Ijexá e Fula. Dentro delas, encontramos espalhadas as conhecidas cidades de Oyó, Ifé, Abomey, Ketou, Ibadan, Osogbo, Ilesá, Dassa Zoume e tantas outras que geram a enorme discussão e duvidas sobre a linguistica, origens e domínios dos deuses africanos que são cultuados aqui no Brasil. Estas são as tão conhecidas e citadas “nações”, que, aqui no Brasil, uma quer ser mais africana que a outra, dizendo que seus rituais são os mais puros ou melhores, enfim a ladainha que muitos conhecem.

Estas brigas são antigas, porém na África as brigas davam-se por conquistas políticas e sociais. Durante as criações e conquistas de cidades aparecem as mitologias divinas misturando-se com o histórico. Estas misturas muitas vezes se parecem tão homogêneas que até mesmo em pesquisa a documentos históricos na Biblioteca do Congresso Americano o mitológico passa a ter um caracter real e não lendário. Cada região africana possuía a sua identidade religiosa, o que existiam eram características de uma divindade, mas não um nome comum a todas as regiões. A característica de deus do trovão é dada para a divindade Aira na cidade de Savê na

Região Mahi, região situada no Benin, antigo Dahomé, para Oramfé na cidade de Ifé na Região Ijexá e para Xangô na cidade de Oyó na Região Yorubá, regiões situadas na Nigéria.

O yorubá citado aqui não é o yorubá lingüístico, falo do yorubá geográfico. Aproveito também para salientar que é errado dizer que todo africano ou Orixá surgiu de regiões que falavam o yorubá, é certo dizer que o yorubá é o dialeto que está presente na maioria das regiões, porém na delimitação que coloco nas primeiras linhas deste texto existem mais de 200 dialetos diferentes e que também vieram para o Brasil e como conseqüência influenciaram muitas das ditas “nações puras”. Existem muitas “nações” no Sudeste e Nordeste do Brasil que dizem falar yorubá, mas na realidade tem influência lingüística do dialeto nagô.

Sabedores que a mitologia dos Orixás são histórias e lendas com caracter político, econômico e social. Tenho uma interpretação particular de uma lenda muito conhecida entre todos os africanistas, onde Obá se auto-mutila pelo amor de Xangô:

Entre as regiões nigerianas Ijexá e Yorubá, encontram-se dois rios. Na Região Ijexá entre tantas cidades importantes ficava a cidade de Ifé fundada por Odudua, onde Oxum era reverenciada como Deusa, do outro lado dos rios, em direção ao Dahomé estava a Região Yorubá, onde ficava cidade de Oyó que era reinada por Xangô. Creio que estes povos brigavam pela domínio dos rios. Podem ter ocorrido diversas batalhas até chegar ao domínio final que, no meu entender, ficou com a Região de Yorubá. Por que? Quando Xangô na mitologia casa-se com Oxum, representa um domínio das forças Yorubás sobre as forças Ijexás, tendo assim o final de uma batalha, mais além, a mitologia mostra que Oxum domina Obá, que é a terceira mulher de Xangô, enganando-a sobre a maneira de fazer com que Xangô a amesse como amava as suas outras mulheres, fazendo com que Obá se auto-mutile, mostrando ai uma superioridade dos Ijexás nesta batalha contra os Yorubás.

Voltando para a mitologia: No momento em que Xangô descobre tal atitude das duas deusas se revolta de tal maneira que as deusas correm em direção ao mato e transformam-se em rios com os nomes de Obá e Oxum. Porém, em nenhum momento a mitologia nos diz que Xangô se separou de uma ou de outra. O que a mitologia nos diz é que elas ainda são as mulheres de Xangô, que ainda estão sob o seu domínio, pertencentes a Oyó, na Região Yorubá.

Uma outra interpretação ou tradução para este termo Obakoso, visto ser de uma grande amplitude e complexidade a idéia/intenção inseridas nas saudações de qualquer orixá, quando se fala em língua iorubana, acho que as duas conclusões tenham reflexões lógicas.

Obakòso= Saudação a Xangô

"Salve o Rei de Kòso"

Kòso: Colina situada na cidade de Oyò, na qual, conta um dos mitos de Xangô, ele tenha enforcado-se. Atualmente existe o Palácio Real do Alafin, neste local.

Enforcar-se na Cultura Iorubá é um gesto de grande coragem. Antes matar-se a ser preso pelos inimigos e ser submetido a segregação.

Zumbi dos Palmares, para muitos estudiosos, teria tido a mesma atitude. O negro apresentado, no Recife, não seria Zumbi dos Palmares.

A história de Yorubá

O termo Yorubá descreve um número de povos semi-independentes ligados levemente pela geografia, pela língua, pela história e pela religião. Os Yorubás da Nigéria do sudoeste e seus vizinhos de Benin e de Togo somam ao todo quinze milhões. A maioria vive dentro das beiras da correia tropical da floresta mas o restante do poderoso reino de Oyo inclui os grupos que vivem nas franjas das savanas do norte. A evidência arqueologica sugere que os antepassados dos Yorubás podem ter vivido nesta mesma área da África desde épocas pré-históricas. Em meados do século 18, o comércio dos escravos para asAméricas afetou dramaticamente toda a África ocidental. Os escravos Yorubás recolonizaram-se no Brasil e em Cuba, onde os elementos da cultura Yorubá e a linguagem ainda podem ser encontrados. As cidades e estados tradicionais de Yorubá foram divididos em vinte e cinco complexos, reinos centralizados. Destes, Ile-Ifé é reconhecido universalmente como a cidade mais sênior, mais ritual e mais importante de Yorubá. Acredita-se que a fundação de Ifé data aproximadamente do ano de 850 D.C. Apenas o reino rival de Oyo, ao noroeste de Ifé, foi fundado aproximadamente em 1350 DC. O Oni de Ifé e o Alafin de Oyo são ainda os reis mais respeitados de Yorubá na Nigéria. Outros reinos principais eram Ijeshá e Ekiti ao nordeste; o Shabe, o Ketu, o Egbado, o Ijebu, e o Awori ao sudoeste e o Ondo, o Owo e o Itsekiri ao sudeste. Por séculos, o Yorubá viveu nas cidades grandes, densamente povoadas, onde podiam praticar o comércio especializado que fornecia bens e serviços para a sociedade. A maioria ia ao campo durante partes do ano para colher mercadorias de consumo tais como inhame e mandioca em fazendas familiares. Cada cidade estado mantinha sua própria interpretação da história, das tradições religiosas e do estilo original da arte, contudo todos reconheciam a soberania ritual de Ifé, honravam o santuário dos deuses de Yorubá e procuravam soluções para os problemas da vida diária com os herbalistas de Yorubá e os sacerdotes das divindades

Os deuses de Yorubá

A religião tradicional de Yorubá é centralizada em torno de um santuário de divindades denominado orishás. Quando uma criança nascia, um sacerdote ou o babalaô eram consultados para determinar que orishá a criança deveria seguir. Os adultos de Yorubá frequentemente honravam diversas destas divindades. De acordo com a tradição, o deus superior, Olorun ou Olodumaré, pediu a Orishalá para descer do céu para criar a primeira terra em Ile-Ifé. Orishalá se atrasou e enviou seu irmão mais novo Oduduwá para realizar a tarefa. Pouco depois, dezesseis outros orishás vieram à terra para criar os seres humanos e viverem na terra com eles.

Os descendentes de cada uma destas divindades espalharam a cultura de Yorubá e os princípios religiosos por toda as terras de Yorubá. Respeitar a primacia ritual da cidade sagrada de Ifé legitimiza uma hierarquia real e o santuário básico divino de Yorubá.

Algumas divindades são primordiais, oriundas de quando Oduduwá criava a terra e outros são heróis ou heroínas que levaram uma impressão importante aos povos. Divindades podem também ser fenômenos naturais, tais como montanhas, montes e rios que influenciaram a

história e as vidas dos povos. Das centenas de deuses adorados pelo Yorubá, os mais populares são Sango (deus do trovão e do relâmpago), Ifá (conhecido também como Orunmila, deus da divindade), Eshu (o mensageiro) e Ogun (deus do ferro e da guerra).

O homem e os deuses de Yorubá

Ifá é o oraculo das divindades que mediam os deuses e os homens. Os deuses comunicam as causas no processo da divindade e os sacerdotes podem sugerir as ações que evitam o infortúnio. Através da divindade de Ifá um indivíduo ou uma cidade inteira pode obter soluções aos problemas difíceis e restaurar boas relações entre sí e os deuses. Eshu-Elegbá é o mensageiro dos deuses, é o mais novo, mais ágil e compreensivo, mas causa problemas para aqueles que negligenciam com os outros deuses. É Eshu que entrega os sacrifícios que foram prescritos pela divindade de Ifá a Olorun, o deus superior distante. Eshu e Ifá são conseqüentemente íntimos na manipulação dos destinos dos homens. Eshu é a única divindade atuante de Yorubá. É a face de Eshu que é representada em muitas placas da divindade de Ifá, ocasionalmente em objetos usados pelos cultos restantes. Caracteristicamente, com sua natureza contraditória, os dançarinos de Eshu (Ogo Elegbá) atuam freqüentemente com a cabeça baixa. Eshu é alto, com cabelos curtos, considerado como o sinal de ligação de sua amizade com Ifá. Em uma história, Ifá fingiu que estava inoperante a fim testar a devoção daqueles em torno dele. Foi decepcionado por todos, exceto por Eshu. Mesmo que o deus trapaceiro estivesse no processo de raspagem da cabeça, superou a tristeza com a notícia e apressou-se a ficar ao lado de Ifá em sua cama com a metade do cabelo raspada. Ifá reconheceu a lealdade de seu amigo e pediu-lhe que deixasse seu cabelo crescer para sempre neste estilo metade-raspada. As figuras de Eshu são decoradas geralmente com grânulos e búzios, mas o deus pode também ser simbolizado por um pedaço simples de pedra talhada. A escultura de pedra figurativa da coleção de Meyer pode ser uma parte excepcionalmente rara do santuário, descrevendo Eshu sentado em um tamborete. Moldado resumidamente, em estilo compacto, somente metade de seu comprimento é descolorado, supondo-se sido enterrado parcialmente na terra.

Este Orixá representa tudo aquilo que sai. É a larva incandescente do vulcão, derramando-se de forma descontrolada sobre a terra, queimando e destruindo tudo o que encontra em seu caminho. É filho de Oroinã (a Voz do Vulcão) e de Arainã (O magma no interior da terra).

Está incluído na família de Xangô, embora não seja, na realidade, uma "qualidade" deste Orixá.

Encontramos num itan do Odu Iwori Meji, uma narrativa, segundo a qual, Aganjú, por não conseguir controlar sua incandescência, não podia aproximar-se de seus súditos para impor-lhes ordens e disciplina e, desta forma, seu reino vivia no mais absoluto caos, cada um fazia o que bem entendia e a desordem levava tudo à destruição inevitável.

Sabedor da existência de um poderoso monarca que não podia governar seu próprio reino, Xangô resolveu procurá-lo para colocar-se à sua disposição. Foi assim, que depois de dias incontáveis de viagem solitária, Xangô chegou ao reino de Aganjú.

Quando estava bem próximo, ainda no interior da floresta, Xangô ouviu vozes e, por medida de segurança tratou de esconder-se entre as árvores, para poder observar, sem ser notado, o que estava acontecendo.

Esgueirando-se, Xangô aproximou-se o mais que pode do local de onde provinham as vozes e viu, com grande espanto, um homem enorme, cujo corpo era constituído de larva incandescente.

Este estranho ser, deitado no colo de Oxun, vociferava, esbravejava e debatia-se furiosamente, enquanto a Iyagbá, jogando água sobre seu corpo em brasa, tentava acalmá-lo carinhosamente.

"Acalme-se – dizia Oxun – quanto mais zangado, mais destrutivo você fica".

"Mas como posso ficar calmo se meu reino está numa desordem total?" Reverberava o gigante que, pelas características, Xangô já identificara como sendo Aganjú.

Foi então que, pressentindo a presença de um estranho. Aganjú bradou irritado:

"Quem está aí escondido entre as árvores? Mostre-se ou incendiarei tudo!"

Calmamente, Xangô saiu de seu esconderijo e, mostrando-se, falou:

"Sou eu, Xangô, Rei de Oió! "

"E quem te deu permissão para aproximar-se de meus domínios?" Perguntou Aganjú indignado.

"Permissão?" - Zombou Xangô – "e quem disse que eu preciso de permissão de alguém para ir onde me der vontade? Sou Xangô, rei de Oió e vou aonde quero e quando quero!"

Cada vez mais furioso Aganjú respondeu: ‘Você não sabe a que perigo está se expondo com tanta ousadia! Sabe que posso transformá-lo em cinzas agora mesmo?"

"Transformar a mim, em cinzas? Mas como se posso, sempre que quero transformar-me em fogo? Logo se vê o quanto você é estúpido!"

E imediatamente, para espanto de Aganjú, Xangô transformou-se numa grande labareda.

"Está vendo? Também sou fogo, mas só quando quero." Mostrou o Orixá.

Sem nada entender, Aganjú, humilhado, limitou-se a perguntar:

"Afinal, o que você quer de mim? O que veio fazer no meu reino?"

"Vim oferecer-lhe ajuda"... – disse Xangô - ..."somente eu posso resolver os seus problemas".

"Mas como, resolver meus problemas?" Perguntou Aganjú novamente irritado.

Oxun, que a tudo assistia, limitava-se a jogar água sobre o gigante enfurecido, na tentativa de acalmá-lo. Divertia-se com a ousadia de Xangô e de alguma forma podia prever aonde o rei de Oió queria chegar.

"Não é verdade que o seu reino está em decadência devido a desordem que lá impera?" – perguntou o intruso – "Não é verdade ainda que sempre que você tenta se aproximar de alguém, para transmitir a sua vontade acaba incinerando o infeliz? "

"Sim, sim"... – balbuciou o outro, substituindo a ira pela curiosidade- ..."mas, de que maneira você pode em ajudar?"

"É muito simples" – afirmou Xangô, sentando-se sobre o que restava de um tronco de árvore calcinado por seu interlocutor. – "Basta que façamos um acordo que, diga-se de passagem, é muito mais interessante para você do que para mim".

Desconfiado, Aganjú perguntou: "Que tipo de acordo?"

"É simples..." - continuou Xangô - ...como você mesmo viu, posso, como você, transformar-me em fogo vivo. A diferença está no fato de que tenho absoluto poder de controle sobre este fenômeno, ao contrário do que acontece com você, que não consegue controlar o seu próprio poder. Desta forma, se me for dada autorização, poderei transmitir sua ordens aos seus súditos, sem causar-lhes nenhum dano."

O Filho do Vulcão pensou um pouco e, novamente acometido pela desconfiança, pediu uma explicação:

"Mas o problema é só meu e do meu povo... qual é o seu interesse em colocar meu reino em ordem?"

Brincando com seu machado de lâmina dupla, Xangô continuou em sua explanação.

Sou rei de um país vizinho e temo que a desordem existente em seu reino alastre-se por toda a vizinhança e chegue aos meus domínios como uma doença contagiosa. É por isto que resolvi oferecer-lhe ajuda. Nenhum outro interesse, a não ser o de manter a segurança de meu próprio reino me traria diante de você".

Oxun, que já entendera as verdadeiras intenções do rei de Oió, limitava-se a esboçar um sorriso misterioso e mal disfarçado. Conhecia a fama de Xangô, sabia o quanto era astuto e que, por traz de tudo o que afirmava o visitante, alguma outra intenção estava escondida.

"Pois bem - disse Aganjú - ... e de que forma pagarei pelos seus serviços. Quanto me custará a intermediação que você me propõe fazer entre meu povo e seu rei?"

"Nada! Não lhe custará absolutamente nada!" - Afirmou Xangô desviando o olhar dos olhos abrasadores de Aganjú – Apenas exigirei que você passe a usar as mesmas insígnias que eu uso. Deves, a partir do momento em que nosso trato for oficialmente formalizado, adotar os mesmos símbolos que me representam e que, a partir de então, passarão também a representá-lo. O Oxe, machado de lâmina dupla, o xeré, chocalho que imita o ruído do trovão, fenômeno que também domino serão, a partir de então, símbolos comuns a nós dois. Desta forma, seu povo, ao ver em minhas mãos as mesmas insígnias usadas por você, não contestará a minha autoridade e, reconhecendo os atributos, acatarão as ordens que a eles eu irei transmitir."

"Qual é a sua opinião Oxun?" Perguntou Aganjú à Iyagbá que já o deixara sozinho indo sentar-se ao lado de Xangô.

"Acho que é uma boa proposta e que você não pode perder esta chance de salvar seu país da destruição."

Enquanto expressava sua opinião, Oxun acariciava, maliciosamente, as tranças que adornavam a cabeça do Obá de Oió.

De um salto, Aganjú pôs-se de pé, no que foi imitado por Xangô. Aproximando-se pacificamente de seu novo aliado, abraçou-o com força enquanto dizia solenemente:

"Aceito a sua ajuda e comprometo-me, a partir de hoje, a usar os símbolos do seu poder."

Depois de retribuir o abraço do novo aliado, Xangô entregou-lhe um xeré e um oxe, partindo em seguida em direção ao reino de Aganjú onde, através do pacto formalizado, passaria a reinar, impondo suas leis e ordens, independente da vontade de seu legítimo rei.

É por isto que Aganjú usa as mesmas insígnias de Xangô que, usando de astúcia, assumiu, com o seu consentimento, o domínio sobre o seu povo.

REZAS E LOUVAÇÕES DE XANGÔ

ORIKI SANGO

Sango olukoso

Baalé ori Oya.

Má báa mi já.

N’o sí nínu wón.

A bitamóra bí ahere,

Ó bonibode se pínpin n’pin

Má fi osé re na mi.

N’ò sí nínu won, ba mi Segun awon ota mi.

Sango o bóniyan j’iyan igángán pomo ré síloro,

Aní séré Ogun léiinjú

A kógboona - kálúú.

Má ba mi já .

N’o sí nímú won. Omó oworan ti won ku lose,

A bi gbogbo ara wa sígásígá.

Sango a fà wón ya bi agbádo oojó.

O gbóná ó ju na ló.

TRADUÇÃO

Xangô é o deus que não se enforcou.

Homem, marido de Oyá.

Não brigue comigo!

Não faço parte deles!

Aquele cujo guarda-roupas é grande

Como uma casa de fazenda.

Ele que divide os impostos com quem os recolhe.

Não faço parte deles!

Ajude-me a vencer os meus inimigos.

Xangô que come o inhame espinhoso com quem o preparou

E deixou seu filho sem proteção.

Que tem olhar de guerreiro.

Ele causa problemas na cidade.

Não brigue comigo!

Eu não faço parte deles.

Homem forte que espanta a morte com o seu machado.

Xangô com o corpo todo trêmulo.

Xangô que rasga como quem abre a palha do milho fresco.

Ele é quente. Muito mais quente que o fogo.

O corpo de Ifá é composto de cem diversificadas figuras, Orodu, cada um associado com um corpo grande dos versos independentes conhecidos como Ese Ifá. O deus, Ifá, tem sua atenção chamada pelo babalaô com um atabaque cônico, feito às vezes de marfim (Irokê-Ifá). Um copo (Agerê-Ifá) moldado com uma cena de um destes versos como uma casa para as nozes de palma sagradas. Através do jogo de dezesseis destas nozes (Ikin) em uma placa pulverizada de

divindade (Opon Ifá) e estudo das marcas deixadas no pó, o sacerdote pode determinar qual dos cem odus deve ser recitado. Citando então uma série de versos deste capítulo, até que o cliente reconheça um como significativo. Depois de diversos jogos efetuados é que um texto significativo começará a se formar.

Os acessórios da divindade de Ifá são armazenados em uma bacia grande (Igerê do Opon) com a placa própria que se assenta sob ela. Para seduzir as forças representantes do espírito, as bacias e placas são enfeitadas freqüentemente com a face de Eshu ou podem ser mais elaborada, moldadas com uma série dos painéis que representam freqüentemente outros deuses e forças principais do espírito. Os assuntos dos painéis do relevo não são ligados narrativamente, são essencialmente os emblemas conhecidos que resumem os conceitos sobrepostos que repercute continuamente durante todo o culto de Yorubá, o caçador, o suplicante, o pássaro, o guerreiro, a serpente, o camaleão, o ato da procriação. O número dos painéis do relevo variará de acordo com a importância da concessão. A projeção em quatro tons no alto de algumas bacias recorda o forma da coroa real usada pelos reis de Oduduwa.

A cabeça é um conceito importante na arte e no ritual de Yorubá. É descrito um sacerdote de Ifá com sua metade da cabeça raspada recordando a história da ligação especial da amizade entre Eshu e Ifá. Significa também um sacerdote oficializando uma ceremonia de iniciação. Um Yorubá raspa habitualmente a cabeça em ocasiões rituais porque se acredita que os espíritos entram e deixam uma pessoa através de sua cabeça. A cada ser humano foi dada uma cabeça ou o destino antes do nascimento que somente pode ser previsto e arbitrado com a divindade. Entretanto, cada pessoa tem também a habilidade de utilizar a potencia desta cabeça interna (Inu do Ori) e conseguir seu potencial total na vida.

Diz-se que o carater e a personalidade são emanados desta cabeça interna. Seu manifesto físico é um remanescente pequeno do principal (Ibori) que é mantido em um maior, a coroa, como recipiente, ou na casa do principal (Ile Ori). Ambos são não figurativos, feitos de couro e amarrados com búzios. Quanto mais bem sucedido um indivíduo é na vida, mais búzios poderá utilizar em seu recipiente. Uma casa da cabeça de um rei é, consequentemente, sempre muito grande e elaborada. Na morte a escultura inteira será desmontada e dispersada.

Na coleção de Meyer descreve-se um sacerdote de Ifá que carrega um grupo de trabalho (Osun, Orere do Opa) em sua mão direita e em um bastão de prestígio em sua mão esquerda. Seu estilo de cabelo metade raspada indica que oficializa uma iniciação e pode ser uma referência à história da origem da amizade entre Ifá e Eshu.

O grupo de trabalho simboliza a potencialidade da divindade sobre a morte e outras forças destrutivas, porque se acredita que se um galo for sacrificado ao grupo de trabalho, a morte estará enganada e aceitará a ave no lugar ser humano. A cabeça, as asas e os pés do galo são amarrados ao centro como alimento espiritual para a potência do grupo de trabalho. Um solitário pássaro de metal é posto no no alto, soldado a um disco liso que descansa na parte invertida do fundo dos cones ou sinos ocos, metálicos. Outro grupo de sinos decora o comprimento do grupo de trabalho. Este pássaro é uma ligação simbólica entre a terra e o céu. Os dezesseis pássaros que cercam um outro grupo de trabalho, aquele de Osayin deus da medicina herbácea, representam as várias forças espirituais agressivas e malevolentes com que o

homem deve lidar. Mas o pássaro solitário do grupo de trabalho de Ifá representa a potência muito mais elevada, a alma rápida e decisiva da divindade, que protege o sacerdote e seus clientes enquanto procuram desvendar os desejos e motivos ocultos dos deuses.

OS REIS DE YORUBÁ

Os reis Yorubá devem incorporar diretamente descendentes do deus Oduduwa, conhecidos como Oba. Sòmente a eles é permitida a regalia secreta de Yorubá, usar a coroa adornada de contas e carregar uma escova adornada. Trabalhos manuais é uma prerrogativa real associada à realeza, assim como tecidos com texturas especiais (Kente) são usados pelos reis de Asante da Ganhia central. Os reis ricos de Yorubá mantêm famílias de especialistas em contas para fazer suas vestimentas reais. Como acréscimo os elementos destas vestes são utilizados por sacerdotes e devotos do deus do trovão, Sango e da agricultura, Oko, ambos ligados à realeza pelos mitos originais de Yorubá. Os trabalhos típicos dos especialistas em contas incluem entrelaçar um padrão em zig-zag, uma face frontal com marcas étnicas sob os olhos e um pequeno pássaro. Os padrões entrelaçados são o símbolo da liderança, da autoridade real eterna ou interminável. São representados, às vezes, por duas serpentes que mordem-se ou comem-se, significando que a morte de pessoas é o nascimento de outras. O padrão do zig-zag dos triângulos fornece uma tensão visual e o movimento reforçado e alternando de cores e, em alguns objetos, uma colocação assimétrica perfeita.

A forma é similar àquela existente na parte posterior da víbora do Gabão, uma serpente africana bonita, mas muito venenosa que o deus do ferro, Ogun, possa carregar sem medo. A face abstraída que é bordada livremente em muitos trajes reais e pode se referir a Oduduwa, antepassado de todos os reis de Yorubá, a Eshu, mensageiro dos deuses, ou ao inventor de seus grãos. O motivo particular do pássaro representa Okin, um pássaro esbranquiçado minúsculo com uma longa cauda branca que o distingue como rei dos pássaros. Os pássaros, tais como esse encontrado sobre o grupo do Orerê de Opá, são associados também com a divindade, a medicina e a magia. O herbalista e o adivinho, assim como o rei, devem incorporar as potências contraditórias da destruição, da cura e da harmonia a fim controlá-los e manipulá-los

O DEUS REI XÀNGÔ

No mito de Yoruba, Xàngô governou uma vez como o quarto Alafin de Oyo. Após sua vida extraordinária e morte controversa, seus amigos reverenciaram-no como um deus. Seu culto obteve o apoio real do Alafin de Oyo, que é considerado como seu descendente. O culto de Xàngô teve um papel importante na fixação da lealdade da pessoa ao Alafin nos dias do império de Oyo.

Os devotos de Xàngô consideram-no como a incorporação do grande potencial criativo, infelizmente indiciado trágicamente para exceder seus próprios limites e ter destruído desse modo o que tinha criado. Esta dedicação à potência sobre a vida e a morte e acreatividade é refletido nos santuários de Xàngô, tal como encontrado na composição de Baale Koso, em Oyo, que é abundante em entalhes, cerâmicas e outras artes finais. Um almofariz bem esculpido, um recipiente ritual, uma figura ou grupo de dançarinos são detalhes que melhoram o foco da atenção dos adoradores nos atributos importantes do deus e aprimoram o encanto do espírito nos

santuários. As imagens pequenas dos gêmeos (Ere Ibeji) também são armazenadas freqüentemente nos santuários, porque a legenda indica que Xangô era seu próprio gêmeo.

No ano de 1910 Frobenius examinou a foto do interior de um santuário de Xàngô em Ibadan, imprimiu-o e escreveu que "Um rebaixo soberbo e profundo fez uma abertura na fileira de colunas fantasticamente esculpidas e brilhantemente pintadas. As colunas continham esculturas com homens cavalo, homens que escalam árvores, macacos, mulheres e deuses de todas as espécies de figuras mithológicas. A câmara escura posterior revelou um teto na cor vermelha grandioso, suportes com os machados de pedra neles esculpidos, com figuras de madeira, búzios suspensos..."

Os entalhes dos homens cavalo, com arcos e botinas em seus lados, são descritos em muitos objetos incluindo pergaminhos, portas e máscaras festivas, tais como a máscara de Epa. Os impérios de Oyo durante três séculos de domínio militar dependeram profundamente das vitórias de sua cavalaria. Os grandes cavalos de guerra, que custavam até cento e vinte mil búzios cada tiveram que ser importados de regiões ao norte da savana. Os veneradores de Xàngô podem ser chamados para segui-lo de muitas maneiras, sua maioria é ensinada por seus pais e familiares, outros por consultas a sacerdotes. Às vezes os homens e as mulheres são possuídos ou chamados por Xangô em sonhos. Muitos dos devotos são mulheres e os sacerdotes masculinos vestem-se como mulheres. A maioria das esculturas e figuras de madeira associadas à Xangô descrevem-no também como fêmea.

O símbolo de Xangô, o machado de pedra talhada ou Oshe Xangô, acredita-se ser energizado com potência protetora. É usado como um emblema da sociedade nos cultos. Xangô é um deus que possui os seus devotos incorporando-se em suas cabeças. Quando um sacerdote for incorporado pelo espírito do deus, dançará com um bastão em sua mão esquerda, um machado de pedra talhada será elevado por cima do bastão, simbolizando uma mudança dramática e representando o sacerdote e a divindade simultaneamente. Enquanto se move, um coral de mulheres faz elogios a Xangô acompanhadas por uma orquestra de atabaques desafinados, errantes, em ritmos destacados. Repentinamente os sacerdotes acenarão com seus bastões ferozmente, ameaçando a audiência, imitando os movimentos dos relâmpagos que chicoteiam das nuvens tempestuosas e logo em seguida recuam silenciosamente.

Os machados de pedra neolítica ou as pedras trovão de Xàngô são presos ao alto em uma bacia de madeira (Arugbe Xàngô). Em algumas áreas, um almofariz invertido serve como suporte (Odo Xàngô). O som dos inhames que estão sendo macerados em um almofariz assemelha-se ao barulho dos trovões. Invertendo o almofariz, os sacerdotes esperam sossegar a potência destrutiva de Xàngô. Os lados do almofariz ritual é moldado com emblemas e figuras associadas a Xàngô, os sacerdotes mantêm um chocalho de casca de abóbora (Sherê) usado chamar a divindade e um cão, símbolo da fidelidade e velocidade na floresta.

As mulheres ajoelharem-se prendendo seus seios respeitosamente, oferecer-se uma ave nos agradecimentos ou manter-se uma bacia cheia com nozes de cola é um fato popular na arte de Yorubá. As figuras nestas poses são conhecidas como Olumeye, que significa "Quem sabe, honra" e são encontrados nos altares de muitos santuários de Yorubá. O modelo apresentado é de uma nova noiva ajoelhando-se, com seu cabelo enfeitado, vestida em tradicional estilo

denominado Agogo. As cintas de grânulos na cintura significam a virgindade. Como sustentação decorativa na entrada em um santuário de Xangô, a mulher pode ser vestida como as sacerdotisas que adornam os painéis relativos às danças (Yata Xangô).

CONSULTAS COM BÀBÁLÒRÌXÀ RODOLPHO TÍ XÀNGÒ

ÒRÙNMÌLÀ BÀBÁ IFÁ

-TESTEMUNHOU A CRIAÇÃO DO DESTINO DE TODOS OS SERES (ORISA E SERES HUMANOS) CRIADOS POR DEUS (OLÓDÚMÁRÈ).

-PRIMEIRO ORISA A MANUSEAR O ORÁCULO DO DESTINO CHAMADO IFA.

OLÓDÚMÁRÈ TAMBÉM CRIOU OS SERES HUMANOS.

OS SERES HUMANOS HERDARAM DE OLÓDÚMÁRÈ:

SUA POSITIVIDADE E SUA NEGATIVIDADE

TUDO QUE FAZEM DÁ CERTO.

HÁ PESSOAS QUE NASCEM COM MAIS ENERGIA NEGATIVA.

-POSSUEM PROBLEMAS E DIFICULDADES PARA VENCER NA VIDA.

-TUDO QUE POSSUEM VÊM COM MUITO ESFORÇO.

“ TODOS ESSES SEGREDOS DO SER HUMANO SÃO TRANSMITIDOS POR IFÀ”

IFÀ É A FORMA DE ADIVINHAÇÃO APRESENTADA POR ORUNMILA IFÁ.

“AOS SACERDOTES, SÃO ATRIBUÍDOS TAMBÉM PODERES MÁGICOS, ENTRE ELES, O DE CURAR”

A MAGIA EXERCE FUNÇÃO MUITO IMPORTANTE NAS CRENÇAS AFRICANAS.

-UMA PROTEÇÃO EFICAZ CONTRA FEITIÇOS. ALÉM DE QUEM AS USA SÃO PORTADORES DE BOA SORTE, PROTEÇÃO PARA TODA A FAMÍLIA, PROSPERIDADE, SAÚDE, LONGEVIDADE, CONTRA INIMIGOS, AMOR, VIRILIDADE, ETC...

CONTATE O BÀBÁLÒRÌXÀ RODOLPHO TÍ XÀNGÓ PARA UMA CONSULTA

ÒRÙNMÌLÀ:

ÒRÙNMÌLÀ É A DIVINDADE DA ADIVINHAÇÃO E SABEDORIA NO PANTEÃO DA RELIGIÃO YORUBA.

É A TESTEMUNHA DE DEUS (ÒLÒDÙNMÀRÈ) QUANDO ESTE CRIOU E CONSTRUIO O UNIVERSO.

ÒRÙNMÌLÀ CONHECE, PORTANTO O DESTINO DE TODAS AS COISAS E SERES VIVENTES, COMO SE ORIGINARAM, COMO ESTÁ, E COMO TERMINARAM. RECEBENDO OU CONFERINDO A ÒRÙNMÌLÀ, AS PESSOAS PODEM CONHECER SEU DESTINO, TANTO NO MUNDO FÍSICO, COMO O ESPIRITUAL, SABER QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE LHE AMEAÇARAM, E COMO LIVRAR- LAS ATRAVÉS DE SACRIFÍCIOS, ENTRE OUTRAS COISAS MAIS.

NOMES DE ÒRÙNMÌLÀ:

ÒRÙNMÌLÀ, ÒRÙNMÌLÀ, ÒRÙNMÌLÀ, IFA, ELERI IKPIN ODE.

O COLAR E O IDE DE ÒRÙNMÌLÀ É VERDE E AMARELO, E DEVE SER POSTO SOMENTE POR UM SACERDOTE DE IFA. ISTO SIGNIFICA O PACTO QUE FEZ ÒRÙNMÌLÀ COM A MORTE, PARA QUE NÃO TOCASSE A SEUS FILHOS SENÃO QUANDO ÒRÙNMÌLÀ OPINE QUE SEU DESTINO NA TERRA A FINDO. QUANDO SE ROMPE O IDE OU COLAR (ILEKE), DEVE-SE CHAMAR IMEDIATAMENTE A SEU BÀBÁ DE IFA, POIS ESTA EM PERIGO DE MORTE.

O DIA DE ÒRÙNMÌLÀ É O 4 DE OUTUBRO, PARA O QUAL SE DEVERÁ TRAZER DOIS COCOS, UM INHAME, DUAS VELAS, UM DIREITO, E QUALQUER PRESENTE, FRUTAS, BOLOS OU COMIDAS, QUE A PESSOA CONSIDERE A CASA DE SEU BÀBÁ DE IFA.

A RELAÇÃO COM ÒRÙNMÌLÀ:

NÃO SE PENSE QUE IFA É NUMA RELIGIÃO UNIVERSAL QUANTO À PESCA DE SEGUIDORES E CONVERTIDOS.

O CENTRO DE IFA SÃO OS REENCARNADOS DOS SEGUIDORES ORIGINAIS DE ÒRÙNMÌLÀ E SEUS ODÚS S E OMOLUWOS, QUE VIERAM DO CÉU.

NEM TODOS PODEM VOLTAR-SE SEGUIDORES DE ÒRÙNMÌLÀ, A NÃO SER QUE SE ESCOLHAM ESPECIFICAMENTE.

ÒRÙNMÌLÀ, NÃO PROCURA CONVENCER A ALGUÉM PARA PERTENCER A IFA. DE FATO, MUITAS PESSOAS VÊM A ELE QUANDO TÊM PROBLEMAS DIFÍCEIS, E COM FREQÜÊNCIA APARECEM PROBLEMAS QUE PARECEM INSUPERÁVEIS. SE UMA PESSOA É AFORTUNADA, TERÁ UM MEIO DE SABER QUE ESTE DESTINADO A SER UM SEGUIDOR DE ÒRÙNMÌLÀ.

A UMA VARIEDADE DE MANEIRAS EM QUE UM PODE ASSSOCIAR-SE COM ÒRÙNMÌLÀ.

PARA SER UM AWO OU SACERDOTE DE ÒRÙNMÌLÀ DEVE SER UM HOMEM ÍNTEGRO, CAVALHEIRO, RESPEITOSO DA GENTE E DA NATUREZA, NÃO TER VÍCIOS DE NENHUMA ÍNDOLE, SER COMEDIDO EM SUAS OPINIÕES, PACIENTE, JUDICIOSO, ESTUDIOSO DOS ENSINOS DE IFA E PRATICÁ-LAS, PERSEVERANTE E HUMILDE.

TUDO ISTO DEVE SER AVALIZADO PELOS SIGNOS DE MÃO DE ÒRÙNMÌLÀ E EM SEU COROAMENTO DO ÒRÌSÀ OU EM LAVATÓRIO DO ÒRÌSÀ (QUE SÃO OS GUERREIROS ÈSÙ, OGUN E OSOSI, POIS O FILHO DE OGUN NÃO PODE SER BABALAWO, SACERDOTE DE IFA), E SE SEU ÒRÌSÀ LHE CONCEDE O PRIVILÉGIO DE PASSAR À TERRA DE IFA.

COMO UM FATO IMPORTANTE, A CERIMÔNIA DE MÃO DE ÒRÙNMÌLÀ NOS INDICA ENTRE OUTRAS COISAS QUAL É O CAMINHO DE UMA PESSOA NA RELIGIÃO, SÃO CASOS QUE NÃO TENDO RECEBIDO ESTA CERIMÔNIA, À PESSOA LHE COROAM SEU ÒRÌSÀ E DEPOIS IFA, COM OS CONSABIDOS PROBLEMAS QUE LHE ARCA (DESTRUIÇÃO DA SAÚDE, PERDIDA DA EVOLUÇÃO ECONÔMICA, DIVÓRCIOS ETC.) E AOS QUE LHE FIZERAM ESTE DESASTRE.

QUANDO NUM ATEFA DE AWOFAKA (MÃO DE ÒRÙNMÌLÀ) OS SIGNOS SÃO MEJIS, OU SÃO COMBINAÇÕES QUE REBAIXAM O PERMITIDO NO ORÁCULO DO CARACOL ESTA PESSOA DEVE PASSAR A IFA, ASSIM É TAMBÉM NO ITAN (SENTENÇA) DO ÒRÌSÀ DA PESSOA; NO ENTANTO EM NOSSA CASA DE IFA SEMPRE SE LHE PERGUNTA NA CERIMÔNIA DO ITA, AO ÒRÌSÀ DA PESSOA, SE O DEIXA A PASSAR À TERRA DE IFA.

A FALTA DO ACIMA MENCIONADO SE PAGA COM A VIDA AOS QUE FAZEM AS COISAS MALFEITAS, ISTO SE VÊ NO SIGNO OYEKUN BERDURA E OSHE MEJI, ONDE OLOFIN COMANDO A IKU A DECAPITAR A TODOS OS BÀBÁLÒRÌSÀS E ÌYÁLÒRÌSÀS QUE COMETERAM FALTAS E O ÚNICO QUE FOI SALVO FOI O IYAWO.

NO PASSADO A IMPORTÂNCIA DE FAZER CERIMÔNIAS DE MÃO DE ÒRÙNMÌLÀ AOS MENINOS RECÉM NASCIDOS, ERA PARA HABILITAR A SEUS PAIS PARA SABER, QUE CAMINHO O MENINO DEVIA SEGUIR NA VIDA. OITO DIAS DEPOIS DE QUE UM MENINO NASCIA OS AWOS (SACERDOTES DE IFA), QUE SE ESPECIALIZA NOS ODÚS DOS MENINOS RECÉM NASCIDOS SE CONVIDAVAM A LER A VIDA DO MENINO.

EM ALGUMAS PARTES DA ÁFRICA, O ODÚS (SIGNO) QUE APARECE AO MENINO NA CERIMÔNIA É O MESMO QUE MAIS TARDE SE USA PARA SEU PRÓPRIO IFA.

QUANDO NESTA CERIMÔNIA O ODÚS QUE SAI DE IFA LHE DIZ AOS PAIS, QUE O MENINO VAI ABANDONAR AOS PAIS PREMATURAMENTE (ABIKU). QUASE INVARIAVELMENTE, SE LHE FAZ IFA MUITO TARDIO EM VIDA, COMO UMA CONTRA DA MORTE INTEMPESTIVA.

EM MUDANÇA, QUANDO AS PESSOAS ADULTAS TROPEÇAM COM PROBLEMAS SÉRIOS (DOENÇA, PERDIDA, TRAGÉDIA ETC.) NO CURSO DE SUAS VIDAS.

SE UMA PESSOA É UM AWO POTENCIAL, ÒRÙNMÌLÀ PODE APARECER-LHE NUM SONHO OU FAZ QUE SEU ÒRÌSÀ LHE REVELE O CAMINHO, PORQUE EXPERIMENTA DIFICULDADES POR NÃO TER DESCOBERTO QUAL É SEU ÒRÌSÀ ,

SÓ ÒRÙNMÌLÀ ATRAVÉS DE SEUS SACERDOTES DE IFA (BABALAWOS, AWOSES, OLUWOS) SÃO OS ÚNICOS QUE PODEM FAZER A CERIMÔNIA DE CONHECER QUEM É O ÒRÌSÀ DE UMA PESSOA E SÓ NUM ATEFA DE ÒRÙNMÌLÀ.

HÁ PESSOAS QUE VÊM A ESTE PONTO DE REALIZAÇÃO (RECEBER MÃO DE ÒRÙNMÌLÀ OU IFA) SÓ QUANDO ESTÃO ENTRE A VIDA E A MORTE.

FORA DA IGNORÂNCIA, HÁ NEÓFITOS QUE OBTÊM ALÍVIO DE SEUS PROBLEMAS, POUCO DEPOIS DE SUA INICIAÇÃO EM IFA (MÃO DE ÒRÙNMÌLÀ); AS VEZES SE TENTA CONCLUIR QUE ÒRÙNMÌLÀ RECRUTA A SEUS SEGUIDORES CRIANDO-LHES PROBLEMAS.

ISSO É CERTAMENTE UM ATO DE INGRATIDÃO PORQUE ÒRÙNMÌLÀ, NÃO CRIA PROBLEMAS A SEUS SEGUIDORES. É SÓ QUANDO O ÒRÌSÀ DE UMA PESSOA DESCOBRE NO CÉU QUE SEU FILHO VAI EXPERIMENTAR CERTOS PROBLEMAS EM VIDA QUE ELE (O ÒRÌSÀ) APELA PELO APOIO DE ÒRÙNMÌLÀ, PARA ESTAR A MÃO DE ASSISTÍ-LOS QUANDO ESSES PROBLEMAS OCORREM.

ONDE DEVE ESTAR ÒRÙNMÌLÀ EM NOSSAS CASAS:

DEVE PROCURAR-SE UM LUGAR IMPORTANTE NA CASA ONDE SE SINTA SUA PRESENÇA, MAS QUE NÃO POSSA SER TOCADO OU OFENDIDO.

NÃO PODE ESTAR EM DORMITÓRIOS, BANHEIROS, COZINHAS, LUGARES ONDE UM REI NÃO DEVA ESTAR.

COMO SE ATENDE A ÒRÙNMÌLÀ:

ATENDE-SE CADA 25 DIAS, PARA O QUAL A PESSOA DEVERÁ ESTAR LIMPA, O QUE QUER DIZER, SEM TER TIDO SEXO PELO MENOS 24 HORAS ANTES, NÃO TER A MENSTRUAÇÃO, NÃO TER INGERIDO ÁLCOOL, DROGAS, NÃO ESTAR DE MAU HUMOR, ETC.

SE COLOCA A ÒRÙNMÌLÀ NUMA ESTEIRA COBERTA COM UM PANO BRANCO, ACENDEM-SE DUAS VELAS AOS LADOS, COLOCA-SE UM POUCO DE MEL NA MÃO DIREITA E AZEITE DE DENDE NA ESQUERDA: AGACHA-SE A CABEÇA E SE TOMA A ÒRÙNMÌLÀ (OS IKINS), E SE LHE REZA A MOJÙBÀ:

ÒRÙNMÌLÀ ALA KUALOSIÑA ONAWE ODÚS DUWA

AKUANI EBORA, EYILE MERIWE,

FOBATI FOBAYE FOBAKUE

ELERI IKPIN ODE

AMAMO QUE FI EDENO

KI KU MAKUA, KIARON MAWE MIRE

KIOFO KOTE WEYO BABA OWADI ASHE.

SE LHE VAI ROGANDO E JOGANDO-LHE O SOPRO OU O ALENTO E PEDINDO-LHE COM HUMILDADE.

QUE PASSA DEPOIS DA CERIMÔNIA DE MÃO DE ÒRÙNMÌLÀ:

SEGUNDO O COSTUME EM NOSSA CASA DE IFA, À PESSOA SE LHE DÁ UM CADERNO COM TODAS AS RECOMENDAÇÕES QUE DEU ÒRÙNMÌLÀ NO ITAN OU LEITURA DO DESTINO (ODÚ).

AQUI SE DETALHAM OS SACRIFÍCIOS (EBOSES) OU CERIMÔNIAS ADICIONAIS A REALIZAR PELA PESSOA, QUE DEVERIAM REALIZAR-SE O ANTES POSSÍVEL PARA QUE O POSITIVO QUE TENHA OS SIGNOS QUE SAÍRAM SE REALIZEM E O NEGATIVO SE AFASTE O MAIS RAPIDAMENTE POSSÍVEL. ISTO É SUMAMENTE IMPORTANTE, POIS NÃO SE PENSE QUE POR TER RECEBIDO A ÒRÙNMÌLÀ E AOS GUERREIROS, JÁ TODO IRA BEM, POIS NÃO É ASSIM. ESTA RELIGIÃO CONSISTE EM CONSULTAS, CERIMÔNIAS E SACRIFÍCIOS CONSTANTES, PARA QUE NOSSA VIDA NA TERRA SEJA O, MAS FELIZ POSSÍVEL.

PORTANTO, PERGUNTEM A SEU BÀBÁ QUE DEVEM FAZER PARA RESOLVER O INDICADO POR ÒRÙNMÌLÀ.

AS MULHERES AO RECEBER MÃO DE ÒRÙNMÌLÀ SE TRANSFORMAM EM APETEVI DE ÒRÙNMÌLÀ, QUE SIGNIFICA QUE SÃO ESPOSAS DE ÒRÙNMÌLÀ. E A SAUDAÇÃO DOS BABALAWOS OU AWOSES PARA COM ELAS E:

APETEVI IBORU, APETEVI IBOYÁ, APETEVI IBOSHESHE.A RESPONSABILIDADE QUE ASSUMEM É QUE DEVERÃO ESTAR PRONTOS PARA QUALQUER CERIMÔNIA DE IFA QUE TENHAM SEUS BÀBÁS PARA PÔR-SE ÀS ORDENS E AJUDAR NA CERIMÔNIA.

ÒRÙNMÌLÀ É FILHO DE OBATALÁ E YEMÚ. SEUS MELHORES AMIGOS SÃO SEUS IRMÃOS SÀNGÔ E ÈSÙ.

QUANDO OBATALÁ DESCOBRIU ÒRÙNGÃ QUERENDO VIOLAR A SUA MÃE, SUA IRA FOI TANTA QUE ORDENOU MATAR A TODOS OS VARÕES. QUANDO NASCEU SÀNGÔ E ÈSÙ COMPASSIVOS O LEVOU ESCONDIDO A SUA IRMÃ MAIOR PARA DO QUE O CRIASSE. DEPOIS NASCEU ÒRÙNMÌLÀ E COM O MESMO PROPÓSITO DE SALVÁ-LO, ÈSÙ LHE ENTERROU NO PÉ DA ÌRÒKÒ E LHE LEVAVA COMIDA TODOS OS DIAS.

COM O TEMPO O VELHO OBATALÁ ADOECEU E ÈSÙ PROCUROU CORRENDO A SÀNGÔ, O GRANDE CURANDEIRO, PARA QUE O CURASSE. QUANDO SÀNGÔ CUROU A SEU PAI, ÈSÙ IMPLOROU O PERDÃO DE SÀNGÔ E DE ÒRÙNMÌLÀ A OBATALÁ.

O PERDÃO FOI CONCEDIDO E ENTÃO SÀNGÔ, CHEIO DE ALEGRIA CORTOU A ÌRÒKÒ E COM ELA APLAINOU UM TABULEIRO (OPO IFÁ) ESPLÊNDIDO E SE O PRESENTEOU A SEU IRMÃO ÒRÙNMÌLÀ, A QUEM DEU TAMBÉM O PODER DA ADIVINHAÇÃO.

DESDE ENTÃO ÒRÙNMÌLÀ É O DONO DO TABULEIRO (OPO IFÁ), O ADIVINADOR DO FUTURO E O CONSELHEIRO DOS HOMENS, ALÉM DE SER O INTÉRPRETE DO ORÁCULO DE IFÁ.

ÒRÙNMÌLÀ É UM ÒRÌSÀ MAIOR, AO REDOR DO QUAL SE FORMOU TODO UM COMPLEXO RELIGIOSO QUE O SINGULARIZA FRENTE A TODOS OS DEMAIS ÒRÌSÀS. ÒRÙNMÌLÀ É O PRINCIPAL CONSELHEIRO DOS HOMENS PORQUE LHES REVELA O FUTURO E LHES PERMITE INFLUIR SOBRE ELE. É O POSSUIDOR DO SEGREDO DE IFÁ, O ORÁCULO SUPREMO MEDIANTE O QUAL SE COMUNICA COM TODOS.

PERSONIFICA À SABEDORIA E A CAPACIDADE DE ESCLARECER SOBRE TODO DESTINO, POR ADVERSO QUE ESTE SEJA. TAMBÉM SE LHE CONSIDERAM UM GRANDE MÉDICO E DONO DOS QUATRO VENTOS.

QUEM NÃO SIGA SEUS CONSELHOS, PODE SER VÍTIMA DOS OSOGBOS INDUZIDOS POR ÈSÙ.

SUA FESTA É O 4 DE OUTUBRO MAS LHE PERTENCEM TODOS OS DIAS DO ANO.

SUAS CORES SÃO O VERDE E O AMARELO.

PARA SER SACERDOTE DE IFÁ OU BABALAWO NÃO É IMPRESCINDÍVEL SER INICIADO NO ÒRÌSÀ AINDA QUE NORMALMENTE O SEJAM. SEU PODER É TÃO GRANDE QUE QUANDO RECLAMA A ALGUÉM PARA SER SEU FILHO, O INDIVÍDUO TERÁ QUE ABANDONAR O CULTO A QUALQUER OUTRO ÒRÌSÀ E DEDICAR-SE POR COMPLETO A ÒRÙNMÌLÀ.

O PRIMEIRO PASSO PARA SER BABALAWO É "RECEBER A MÃO DE ÒRÙNMÌLÀ" E SÓ PODE PASSAR POR ISSO AQUELES A QUEM SE O SUGERIU A ADIVINHAÇÃO.

SUAS OFERENDAS SÃO O PREÁ, A GALINHA NEGRA, A POMBA E O VEADO.

PROTEGE A SEUS FILHOS DA LOUCURA.

SEU SANTO CATÓLICO É SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

DESEJO EXPRESSAR MINHAS FELICITAÇÕES DE CONTRIBUIR INFORMAÇÃO PARA QUEM VISITAM ESTA PÁGINA.

É UM GRANDE CONTEÚDO O QUE TRANSCREVO, QUE NO ENTANTO APRESENTAM ALGUNS DETALHES QUE NÃO SERÃO DO AGRADO E CONHECIMENTO DE ALGUNS. ÒRÙNMÌLÀ, NÃO TEM NENHUM SANTO CATÓLICO,

DEVENDO SITUAR-NOS QUE ESTAMOS FALANDO DE DUAS RELIGIÕES TOTALMENTE INDEPENDENTES EM SUA ESTRUTURA, A YORUBA E O CATOLICISMO. QUE CONQUANTO SEJA VERDADEIRO, EM ALGUM TEMPO OS ESCRAVOS AFRICANOS NA AMÉRICA TIVERAM QUE OCULTAR SUAS DIVINDADES DEPOIS COM NOMES DE DIVINDADES DE OUTRA RELIGIÃO, PARA NÃO SEREM FLAGELADOS E ATORMENTADOS, COM O QUE CIRCUNSTANCIALMENTE PRODUZIU ESSE SINCRETISMO, HOJE EM DIA QUE JÁ NÃO TEMOS PORQUE OCULTAR A NOSSAS DIVINDADES YORUBAS PELO MENOS AQUI NA AMERICA, PELO QUE NO PESSOAL, JÁ NÃO VIVO AFEIÇOADO A ESSES ELEMENTOS CIRCUNSTANCIAIS.

ADICIONALMENTE AINDA NÃO SE SABE QUE TENHA CHEGADO BABALAWO ALGUM COMO ESCRAVO, SUA CHEGADA FOI POSTERIOR A ESSA ÉPOCA.

POR RESPEITO AOS ÒRÌSÀS, TAMBÉM DEVO FAZER OUTRA PONTUAÇÃO A SUA EXPOSIÇÃO, QUE NO AWOFACAM EM ÒRÙNMÌLÀ (MÃO DE ÒRÙNMÌLÀ) CONHECE-SE; SE A PESSOA TEM CAMINHO DE IFÁ, MAS DEVE SER NO ITA DE YOKO-OSHA, QUE O ÒRÌSÀ REGENTE DA PESSOA, ATRAVÉS DE SUA DILOGUN (CARACOL), E DE BOCA DO OBA TER O QUE OUTORGA PERMISSÃO E DETERMINA APARTIR DE QUANDO PODE FAZER IFÁ SE É O CASO.

MINHA CONTRIBUIÇÃO COM RESPEITO AO TEMA QUE PROPONHO SERIA. ENTRE OUTROS NOMES QUE MENCIONA APARECE ELERÍÌPIN QUE EM YORUBA SIGNIFICA "TESTEMUNHA DA CRIAÇÃO", E ESTE APARECE EM VÁRIOS REZAS E ORIKIS YORUBAS FAZENDO REFERÊNCIA POR ISSO QUE ÒRÚNMÌLÀ É TESTEMUNHA DA CRIAÇÃO, QUE ESTA DESCRITO NO ODÚS N DE IFÁ OYEKUN BATUTU.

PORTANTO GUARDA OS SEGREDOS DE ORUN COMO NOS ENSINA O ODÚS. E SÓ ATRAVÉS DO OPON NEM ÒRÙNMÌLÀ SE PODE CONHECER O ÒRÌSÀ REGENTE DE QUALQUER PESSOA, COMO NOS ENSINA ÒLÒDÙNMÀRÈ NO ODÚS, OSA, IROSUN, TAMBÉM SE LHE MENCIONA COMO IBÌKEJÌ OLÓDUMARÈ QUE SIGNIFICA QUE É O SEGUNDO AO COMANDO DE ÒLÒDÙNMÀRÈ.

QUE ÒRÙNMÌLÀ SIGNIFICA, SABEDURIA E ENTENDIMENTO DA EXISTÊNCIA.

E COMO O ODÚS NO OTURANIKO, MENCIONA AO CONHECIMENTO DE IFÁ COMO A SABEDORIA É A RIQUEZA MAIS REFINADA DA PESSOA.

ASSIM COMO O ILÈKÈ, E IDE DE ÒRÙNMÌLÀ É VERDE E GRENÁ.

EBÓ OYA ONIRA

1 Abóbora moranga

4 búzios aberto

4 nós moscada

4 moedas 4 acarajés

4 metros de fita vermelha

4 metros de fita branca

1 saco de morim

Fazer um buraco na ab ó bora, depois de passar no corpo da pessoa coloca-se dentro com as fitas, por num saco de morim. Entregar a Oya Onira, no alto do morro 18 horas ou 24 horas, acender velas e fazer os pedidos.

EBÓ ENCANTAMENTO (AMARRAÇÃO)

1 mamão

Fita rosa e branca

Cravo

Vela de 3 dias

Partir o mamão no meio colocar os nomes regado a mel, em cima de um prato branco, amarrar com as fitas e enfeitar com os cravos após por num campo ou rio.

EBÓ ENCANTAMENTO (AMARRAÇÃO)

2 ilés (pombo) casal

1 punha

1 prato branco

2 metros de morim

Mel

Os nomes da pessoa por os nomes no prato, atravessar o punhal no pescoço do casal de pombo, ao mesmo tempo deixando o ej é (sangue) cair em cima dos nomes misturado ao mel, enrolar tudo no morim e pendurar numa árvore bem frondosa.

EBÓ ENCANTAMENTO (AMARRAÇÃO)

1 Obi

Mel

1 vaso de planta sem espinho

Fita branca e amarela

3 vezes o nome um por cima do outro

Açúcar

Abrir o obi em duas partes, por os nomes, mel, açúcar, amarrar com as fitas por dentro do vaso e plantar, todo dia em jejum regar a planta e ir chamando o nome de fulano(a), quando conseguir a pessoa levar num rio ou na praia, entregar a Ogum.

PARA OGUM TRAZER UMA PESSOA DE VOLTA

1 oberó

Farofa de mel

Canjica por cima do padê

1 acará aberto no meio (em cada banda colocar 3 vezes o nome da pessoa)

1 miolo de boi (colocar por cima do acará) regar com azeite doce e a çúcar

3 velas

1 garrafa de vinho doce

Oferecer a Ogun para que traga Fulano(a) de volta

EBO UNIÃO

1 panela de barro

2 quilos de canjica

Dendê

Mel

Azeite doce

1/2 It de leite de coco

Camarão seco

9 velas

Moedas correntes

Pedidos a Yemonj á , Ogum, união , amor, saúde e paz.

EBÓ AMARRAÇÃO

1 obi

Mel

1 vaso de planta sem espinho

Fita branca e amarela

3 vezes o nome um por cima do outro

Açúcar

Abrir o obi em duas partes, por os nomes, mel, a çú car, amarrar com as fitas por dentro do vaso e plantar, todo dia em jejum regar a planta e ir chamando o norne de fulano(a), quando conseguir a pessoa levar num rio ou na praia, entregar a Ogum.

EBÓ DE SEPARAÇÃO (2)

2 alguidás

Pólvora

1 casal de bruxo

21 vezes o nome escrito (dos dois)

Jogar a pólvora no alguidar com o casal no meio, tampar com outro alguidar, põe fogo e deixa queimar, põe e no bale (cemit é rio) ou encruzilhada.

EBÓ DE SEPARAÇÃO (3)

O nome da pessoa no coité, soca junto com pimenta malagueta, põe cachaça, após joga-se café fervendo por trás de uma porta onde tenha bastante sujeira, só despache após ver o resultado.

EBÓ DE SEPARAÇÃO (4)

1 garrafa de cachaça, 7 vezes o nome dentro , tampa-se, leva em uma encruzilhada ou num mato que não tenha bananeira. Ofereça a Exu Mularnbo e diz: " COMO ESSA GARRAFA ROLAR, QUE ROLE COM FULANO(A) DA VIDA DE .....(NOME), ROLAR DE MANEIRA

QUEBRE A GARRAFA, E VIRE-SE DE COSTA E VAI EMBORA.

EBÓ PARA TOMAR NOJO OU RAIVA DA PESSOA E SE AFASTAR

1 miolo de boi inteiro

1 ovo

1 boneco de pano (com alguma coisa pessoal da pessoa)

1 vela

Procurar uma á rvore seca, fazer um buraco no p é da á rvore, por o boneco por cima do miolo (o boneco sentado) e colocar o ovo e enterrar, acender uma vela e dizer assim: " COMO ESTA Á RVORE N Ã O GERMINA, ESTE MIOLO VAI APODRECER E ESTE OVO VAI GORAR ASSIM QUE O FULANO(A) SENTE POR MIM VAI SECAR."

ABERTURA DE CAMINHO (CHAMAR CLIENTE)

7 velas

7 folhas de mamona Padê de dendê e de mel akaçá

Feijão fradinho torrado Milho Torrado Deburu

Dar um frango ao exú da casa, só o ejé, por um pouco de padê de dendê, feijão fradinho, milho vermelho, deburú, akaçá em cada folha e por uma parte do frango em cada folha; cabeça, 1 pé, outra um rabo, a asa, outra 1 pedaço do pescoço, a cabeça na rua da casa virada para a rua principal e o resto ir distribuindo em cada encruzilhada, na volta vir jogando padê de mel na ma até a porta de cassa chamando cliente, dinheiro e etc.. Por no Ogum 1 prato de feijão fradinho 1 prato de milho vermelho

EBO CLIENTE

7 folhas de mamona com; padê de mel, dendê,

7 akaçás vermelho

7 akaçás branco

7 moedas

1 obi roxo partido em 7, colocar em 7 encruzilhadas pedindo abertura de caminho.

EBÓ OKARÃ ESU

7 padès diferente

3 akaçás

7 acarajés

7 punhados de deburú

7 velas

Vá metro branco, preto e vermelho

1 frango

EBÓ DE ESÚ NA RUA

cartucho de pólvora

garrafa de cachaça ou champanhe

CHARUTOS, CIGARROS.

ABERTURA DE CAMINHO (CHAMAR CLIENTE)

7 velas

7 folhas de mamona padé de dendê e de mel

akaçá

Feijão fradinho torrado Milho Torrado Deburu

Dar um frango ao exú da casa, só o ejé , por um pouco de pàdé de dendê , feijã o fradinho, milho vermelho, deburú , akaçá em cada folha e por uma parle do frango em cada folha; cabeça, 1 pé , outra um rabo, a asa, outra 1 pedaço do pescoço, a cabeça na rua da casa virada para a rua principal e o resto ir distribuindo em cada encruzilhada, na volta vir jogando pàdé de mel na rua até a porta de cassa chamando cliente, dinheiro e etc. Por no Ogum 1 prato de feijão fradinho 1 prato de milho vermelho

EBÓ CLIENTE

7 folhas de mamona com; p à d é de mel, dend ê ,

7 akaçás vermelho

7 akaçás branco

7 moedas

1 obi roxo partido em 7, colocar em 7 encruzilhadas pedindo abertura de caminho.

Ebós

Ebó Para Fins Amorosos
Tendo um coração de boi, parta-o em quatro pedaços. Regue-o generosamente com mel de abelha, tendo o nome da pessoa visada dentro. Coloque o coração assim preparado dentro de um alguidar e ofereça a Ogum, em um Terça-feira.

Ebó Para Atrair Clientes
Fumo de rolo e açúcar. Defume o local dentro para fora e de fora para dentro. Repita este processo e não tarda seus efeitos surpreendentes.

Ebó Para Solucionar Problemas
Torre feijão fradinho no azeite de dendê. Coloque-o na folha de mamona.

Ebó Para Se Livrar De Pessoa Indesejável
Cave um buraco, coloque o nome da pessoa ali dentro, e jogue sete punhados de terra por cima.

Ebó Para Problemas Renais e Hérnia
Coloque em uma quartinha, perfume, mel de abelha, e ao lado acenda uma vela branca. Toda Quinta-feira renove.

Amalá de Oxalá
Cabras, galinhas e pombos brancos. Canjica e acaçá de arroz com mel. Há também o "boi de Oxalá", espécie de caracol comestível. Suas bebidas: água, leite, mel e sumos de ervas.

Amalá de Ogum
Galos vermelhos, inhame assado acompanhado de feijão fradinho ou acarajé, ou ainda feijoada acompanhada de cerveja branca.

Amalá de Oxóssi
Porcos, galos e outros animais, de caça preferencialmente. Espigas de milho cozidas com mel, feijão preto, inhame, feijão fradinho torrado e milho cozido com coco raspado. Bebida: mel, aluá, garapa, vinho doce, licores de frutas, além de outras bebidas fermentadas.

Amalá de Xangô
Galos vermelhos e carneiros. Caruru de quiabo, acarajé comprido e feijão preto acompanhado de farofa e arroz. Aluá e cerveja preta.

Amalá de Omulu
Bode, galo e porco. Aberém, o doburu e latipá. Bebida: sumo extraído de suas próprias ervas, vinho tinto, azeite de dendê e mel

Amalá de Ibêji
Frango(a) de leite. Caruru de quiabos, doces diversos, pirulitos, bolos, tortas doces, tudo isso enfeitado com fitas de cetim de cores bem vivas e diversificadas. Bebidas: refrigerantes, sucos, aluá, garapa e similares. Juntamente a tudo isso é bom que se coloque adequadamente, artigos de festas infantis, como: apito, chapéu de aniversário, brinquedinhos e outros.

Amalá de Yemanjá
Patas, galinhas e cabras brancas. Milho branco com mel, angu, manjares brancos, arroz e comidas brancas de um modo geral. Bebida: Sumo extraído de suas próprias ervas, champanha clara e a também a água mineral puríssima.

Ebó para o Amor

Material:
07 Maçãs vermelhas
07 Botões de Rosas vermelhas
07 Velas Vermelha e Branca
04 galhos de pitangueira
Mel
07 Papéis com os nomes escritos
Coloque os nomes em cada maçã.
Forme um círculo de maçãs numa bandeja.
Ponha as velas e os galhos de pitangueira por fora do círculo de maçãs.
Despeje mel por cima

Despache no mato acendendo as velas e fazendo seus pedidos e oferecendo á Yansã.

Ebó de Oxum para Prosperidade

Numa tigela de vidro coloque os ingredientes, obedecendo a ordem a seguir:

08 Moedas;
01 Punhado de Farinha de Milho;
Mel;
Água até a proximidade da borda da tigela;
Perfume;
Pétalas de Flores Amarelas.

Deixe em sua casa ou no local de trabalho durante 07 dias. Despache num verde, reaproveite as moedas e a tigela de vidro.
Peça á Oxum properidade e fartura.

Para Afastar Pessoas Indesejáveis

Torre numa panela velha os seguintes ingredientes:
07 Grãos de Milho;
07 Grãos de Feijão;
07 Grãos de Amendoim:
03 Pimentas;
Os nomes das pessoas indesejáveis escritos num papel.
Chame pelas pessoas enquanto mexe na panela.
Depois de torrado, triture até se transformar em pó.
Assopre numa encruzilhada mandando as pessoas para longe de sua vida.

Para Conseguir seus Objetivos

Pegue uma tigela de vidro e coloque no fundo um papel com seus objetivos escritos. Coloque mel por cima. Encha a tigela com água e 08 flores brancas. Guarde por 08 dias. Despache no verde. Faça todos os seus pedido á Oxalá.

Para Estreitar Laços de Amizade e Melhorar o Relacionamento Familiar

Material
Camjica Amarela cozida;
04 Quindins;
08 Balas de Mel;
Os nomes escreitos num papel.
Arrume tudo numa bandeja e despache na praia fazendo seus pedidos á Oxum.

Banho para Yemanjá Ajudar a Conquistar as Coisas que Deseja

Material

Água morna
FOlhas de Pata de Vaca;
Folhas de Tapete de Oxalá (boldo);
Mel
Flores Brancas

Lave as folhas uma a uma, coloque-as numa bacia com água e de frente para a bacia macere as folhas esfregando uma na outra, pensando positivamente em seu objetivos. Acrescente 08 gotas de perfume. Tome o bnaho do pescoço para baixo.

Neutralizar Pessoas Fofoqueiras

Escreva o nome da fofoqueira num papel, enrole-o e coloque dentro de uma pimenta dedo-de-moça.
Numa quarta-feira, deixe a pimenta fora de casa (no sereno, mas onde ninguém veja).
Na sexta-feira, torre a pimenta, e transforme-a em pó. Jogue um pouco de pó nas costas da fofoqueira.

Separar a Rival de Seu Amado

01 Maçã vermelha;
01 Lâmina de barbear;
01 Pedaço de papel;
01 Vidro de boca larga e com tampa;
Azeite de dendê.

Faça na Lua Minguante. Crave a lâmina no lato da maçã. Em um dos lados do papel escreva o nome da rival e no outro do seu amado. Coloque o papel com os nomes na lâmina.
Ponha a maçã dentro do vidro e encha-o com dendê.
Feche o vidro, despache no verde ou quebre-o num cruzeiro. Saia sem olhar para trás.

OS MANDAMENTOS DE IFÁ

Os conceitos constantes do presente documento representam a herança moral que nos foi legada por nossos ancestrais, consistindo em 16 Mandamentos de Ifá, transmitidos oralmente no dialeto original e traduzidos para o castelhano, idioma em que se encontram escritos nos antigos livros sagrados das seculares sociedades de Ifá de Cuba e que devem agora chegar ao conhecimento de todos aqueles que, de alguma forma, se interessem por nossa religião.

É necessário que, de posse destes conhecimentos, possam todos aqueles que adotaram uma postura desonesta, corrompendo os ditames de Ifá e usando a religião tão somente para usufruírem vantagens financeiras, possam refletir e, retomando a senda do bem, exaltar o sagrado nome de Orunmilá, divulgando-o dentro do respeito e religiosidade esperados de um verdadeiro sacerdote.

Os mandamentos de Ifá nascem no Odu Ikafun e ninguém pode gabar-se de sua autoria.

Itan do Odu Ikafun:

Quando os Maiores (os Irunmole) chegaram a Terra, fizeram todos os tipos de coisas erradas que foram avisados que não fizessem.

Então, começaram a morrer um atrás do outro e, desesperados, puseram-se a gritar e a acusar Orunmilá de está-los assassinando.

Orunmilá então defendeu-se dizendo que não era ele que os estava matando.

Orunmilá disse que os maiores estavam morrendo porque não cumpriam os mandamentos de Ifá.

Então IFÁ disse: A habilidade de comportar-se com honra é obedecer aos mandamentos de Ifá, o que é de sua inteira responsabilidade.

A HABILIDADE DE COMPORTAR-SE COM HONRA E OBEDECER AOS MANDAMENTOS DE IFÁ É MINHA RESPONSABILIDADE TAMBÉM..

Sentença: Eni da ile á bá ilé lo.

Os 16 mandamentos de Ifá.

(Os mandamentos de Ifá nascem no Odu Ikafun)

1º Mandamento - Eles, os 16 Maiores, caminhavam em busca da Terra Prometida, Ile Ifé, a Terra do Amor, para pedirem Ire Ariku (o bem da longevidade) ao Deus Supremo, Olofin. Então perguntaram a Orunmilá: “Viveremos vida longa como foi prometido por Olodumare quando foi feita a consulta através do oráculo de Ifá?” E eles (os adivinhos), responderam: “Aquele que pretende vida longa, que não chame a esúrú” (tipo de inhame parecido com pequenas batatas)”. (Chamar esúrú significa falar do que não se sabe).

Significado do 1º mandamento:

O sacerdote não deve enganar ao seu semelhante acenando com conhecimentos que não possui.

Interpretação:

O sacerdote não deve dizer o que não sabe, ou seja, passar ensinamentos incorretos ou que não tenham sido transmitidos pelos seus mestres e mais velhos. É necessário o conhecimento verdadeiro para a prática da verdadeira religião.

Mensagem:

Quem abusa da confiança do próximo, enganando-o e manipulando-o através da ignorância religiosa, sofrerá graves conseqüências pelos seus atos. A natureza se incumbirá de cobrar os erros cometidos e isto se refletirá em sua descendência consangüínea e espiritual.

2º Mandamento - "Eles avisaram aos Maiores que não chamassem a todos de esúrú". (Chamar a todos de "esúrú" é considerar todas as coisas como contas sagradas).

Significado do 2o Mandamento:

O sacerdote deve saber distinguir entre o ser profano e o ser sagrado, o ato profano e o ato sagrado, o objeto profano e o objeto sagrado.

Interpretação:

Não se pode proceder a rituais sem que se tenha investidura e conhecimento básico para realizá-los. Chamar a todos de esúrú é considerar a todos, indiscriminadamente, como seres talhados para a missão sacerdotal, o que é uma inverdade ou, o que é pior, uma manipulação de interesses. Da mesma forma que nem todas as contas servem para formar-se o eleké (colar) de um Orixá (como as contas sagradas), nem todos os seres humanos nasceram fadados para a prática sacerdotal.

Mensagem:

Para ser um sacerdote de Ifá, são necessários inúmeros atributos morais, intelectuais, procedimentais e vocacionais.

A simples iniciação de um ser profano, desprovido destes atributos básicos e essenciais, não o habilita como um sacerdote legítimo e legitimado.

Da má interpretação e inobservância deste mandamento resulta a grande quantidade de maus sacerdotes que proliferam hoje em dia dentro do Culto de Orunmilá.

Ai observa-se a diferença entre "ser bàbáláwo" e "estar bàbáláwo". Aquele que se submete à iniciação visando tão somente o status de bàbáláwo, jamais será um verdadeiro sacerdote de Orunmilá. "Estará" bàbáláwo, cargo adquirido pela iniciação, mas jamais "será" bàbáláwo, condição imposta por sua vocação, dedicação e desprendimento. Cabe ao sacerdote que procede a iniciação escolher, com muito critério, aqueles que são realmente dignos do sacerdócio.

3º Mandamento - Eles avisaram que não chamassem forças, da forma errada "ódidé". (Uma referência às aves noturnas e misteriosas, que se nutrem de sangue. Dar maus conselhos e orientações erradas é expor as pessoas aos perigos de energias maléficas e sem controle).

Significado do 3o mandamento:

O sacerdote nunca deve desencaminhar as pessoas dando-lhes maus conselhos e orientações erradas.

Interpretação:

É inadmissível que um sacerdote se utilize do seu poder e do seu conhecimento religioso para, em proveito próprio, induzir ao erro aqueles que o seguem. Ao agirem desta forma, assumem a

postura das aves noturnas que, nas trevas, saciam suas necessidades com o sacrifício e o sangue dos outros.

Mensagem:

Uma das mais importantes funções do sacerdote é orientar seu discípulo, conduzindo-o ao caminho correto, ao encontro do "irê" (boa sorte), de acordo com os ditames estabelecidos por seu Odu pessoal e seus Orixás de cabeça.

Quem chega aos pés de Orunmilá para consultar seu oráculo em busca de soluções, deve ser orientado pelo sacerdote corretamente, independente do interesse deste como olhador.

A pessoa que chega com um problema deve ter seu problema solucionado e não vê-lo acrescentado de outros criados artificialmente com o fito de proporcionar a quem a consulta, vantagens financeiras ou possibilidade de conquistas e abusos.

4º Mandamento - Eles avisaram que não dissessem que as folhas sagradas do arabá (Ceiba Pethandra), são folhas da árvore "oriro".

(Tudo deve ser feito de acordo com os ditames e os preceitos religiosos. A simples troca de uma simples folha pode ocasionar conseqüências maléficas ou tornar sem efeito um grande ebó da mesma forma que as folhas do arabá não são iguais às folhas de oriro).

Significado do 4º Mandamento:

O sacerdote não pode, em nenhuma condição, utilizar-se de falsos recursos, fornecendo coisas sem validade religiosa como elementos de segurança ou de culto.

Interpretação:

Os procedimentos litúrgicos devem ser observados integralmente e a ninguém cabe o direito de fazer "isto" por "aquilo" quando em "aquilo" é que está a solução.

Mensagem:

Aquele que se utiliza de meios escusos e enganosos contra seus semelhantes, será culpado do crime de abuso de confiança. Usando de artifícios e mentiras contra as pessoas inocentes e de bom coração, o sacerdote provoca o descontentamento de Orunmilá e a conseqüente ira de Elegbara, e isto não é bom. Cada entidade espiritual possui um nome individual, de acordo com a determinação de Olofin (Deus). Da mesma forma, cada Exú Elegbara possui nome e identidade própria, assim como atributos específicos. É inadmissível, portanto, que esta Entidade tão sagrada e importante dentro do culto, seja assentada e entregue de maneira irresponsável, e que aqueles que a recebem permaneçam ignorantes do seu nome, qualidade, forma de tratamento e especificidade de função.

Sentença: "Orunmilá é aquele que nos olha com amor, não façamos por onde possa nos olhar com desprezo".

5º MANDAMENTO - ELES AVISARAM QUE, NÃO DEVERIAM MERGULHAR FUNDO, AQUELES QUE AINDA NÃO SOUBESSEM NADAR. (O “saber” é fundamental para quem quer “fazer”. Para tanto, é necessário o “poder”, que só a iniciação pode outorgar).

Significado do 5o Mandamento:

O sacerdote não pode proceder a liturgias para as quais não seja habilitado através do processo iniciático ou cuja prática desconheça ou domine apenas parcialmente.

Interpretação:

O BABALÁWO NÃO DEVE OSTENTAR UMA SABEDORIA QUE NA VERDADE NÃO POSSUA. PROCURAR SABER NÃO AVILTA, MAS, PELO CONTRÁRIO, EXALTA O SER HUMANO. O SABER É CONDIÇÃO BÁSICA PARA QUE SE POSSA FAZER.

Mensagem:

Tudo deve ser feito integralmente e com legitimidade total. Se houver dúvidas sobre algum procedimento, deve-se pesquisar profundamente sobre ele. Cabe ao sacerdote ensinar tudo o que sabe àqueles que o cercam e que nele confiam. A sonegação de ensinamentos corretos e completos implica na responsabilidade da prática de suicídio cultural.

Da mesma forma, buscar orientação em quem sabe, nada tem de humilhante e enaltece tanto àquele que busca como ao que fornece a orientação.

A verdadeira sabedoria consiste na consciência da própria ignorância. Só os tolos se exibem e sabem tudo!

Sentença: Deus não deu ao ignorante o direito de aprender sem antes tomar de quem sabe a obrigação de ensinar. (Da sabedoria oriental)

6º MANDAMENTO - ELES AVISARAM QUE FOSSEM HUMILDES E NUNCA, JAMAIS, AGISSEM COM EGOÍSMO. (HUMILDADE E DESPRENDIMENTO SÃO ATRIBUTOS INDISPENSÁVEIS DE UM VERDADEIRO SACERDOTE).

Significado do 6o Mandamento: O bàbáláwo não deve ser vaidoso de seus poderes, mas consciente deles. Não deve agir somente visando o próprio benefício, existe para servir e não para ser servido.

Interpretação:

A vaidade transforma o homem fraco de espírito num pavão que faz questão de exibir sua bela plumagem sem a consciência de que é a sua beleza que, despertando a atenção de terceiros, irá provocar a sua morte.

NO ODU OGUNDAKETE, ENCONTRAMOS ITANS QUE FALAM DO EXIBICIONISMO DO PAVÃO QUE, OSTENTANDO A BELEZA DE SUA PLUMAGEM, ATRAI PARA SI A ATENÇÃO DE TODOS QUE, DEPOIS DE SACRIFICÁ-LO, TRANSFORMAM SUAS

PENAS EM BELOS LEQUES E ADORNOS. O VERDADEIRO SACERDOTE, O ELEITO DE ORUNMILÁ, NÃO SE PREOCUPA EM EXIBIR SEU PODER NEM O SEU SABER EM DISPUTAS VÃS E INCONSEQÜENTES. ACUMULA EM SI UMA GRANDE CARGA DE SABEDORIA QUE TRANSMITE COM DEDICAÇÃO A QUEM MERECE SABER.

Mensagem:

O exibicionismo é um dos maiores defeitos num ser humano e inadmissível num sacerdote. Já dizia o velho jargão: “Num burro carregado de açúcar, até o suor é doce”. É assim que, aos olhos do sábio, parecem os exibicionistas: “burros carregando açúcar”.

7º Mandamento - Eles avisaram que não entrassem na casa de um Arabá (título daquele que resguarda os segredos da chefatura de Ifá), com má intenção. (As boas intenções devem prevalecer acima de tudo. A casa do Arabá é o templo onde a iniciação é obtida).

Significado do 7º Mandamento:

A iniciação não pode ser motivada por interesses que não sejam puramente religiosos.

Interpretação:

As verdadeiras intenções do iniciando devem ser cristalinas como a água pura, e desprovidas de qualquer outro objetivo que não seja servir à humanidade através de Orunmilá.

Querer iniciar-se no culto por simples vaidade, para obter status social ou ostentar títulos sacerdotais é profanar o sagrado.

Mensagem:

Aquele que profana o sagrado tabernáculo de Ifá, movido por qual for o motivo, pagará com duras penas o sacrilégio praticado.

Ninguém adentra impunemente o Igbodu Ifá.

O conhecimento corresponde à responsabilidades que nem todos estão preparados para assumir.

É muito melhor errar por não saber do que saber e persistir no erro.

O conceito mais amplo simboliza a atitude de um predador que esconde suas garras procurando adquirir a confiança e os conhecimentos de sua vítima para ter base de agir no momento mais propício aos seus objetivos.

A mesma responsabilidade assume aquele que inicia pessoas que não possuam os requisitos básicos exigidos para tal, visando aí, a simples vantagem financeira.

8º Mandamento - Eles avisaram que não deveriam usar as penas “ekodidé” para limparem os seus traseiros.

(A pena do ekodidé é um dos símbolos mais sagrados dentro do culto e, por este motivo, jamais deverá ser profanada).

Significado do 8o Mandamento:

Os sagrados fundamentos não podem ser usados com objetivos vãos. Os tabus devem ser integralmente observados sob pena de severas conseqüências.

Interpretação:

O sacerdote deve submeter-se de bom grado às interdições impostas por seu Odu pessoal, assim como aos tabus de seu Olori.

A observância destes ditames está diretamente ligada ao estado de submissão às deidades cultuadas.

As obediências totais às orientações de Ifá conduzem o homem à plenitude das bênçãos.

Utilizar-se dos sagrados conhecimentos de forma leviana corresponde à profanar o sagrado.

A figura aqui utilizada representa muito bem tal atitude. “Limpar o traseiro com penas ekodidé” é o mesmo que usar coisas sagradas com objetivos condenáveis e fúteis.

Não se deve utilizar o poder da magia para prejudicar a quem quer que seja.

A prática do mal, invariavelmente, apresenta resultados mais rápidos, mas conduz a caminhos tortuosos que não têm volta.

Da mesma forma, aquele que se utiliza destes poderes visando unicamente auferir vantagens econômicas, está em desacordo com os sagrados ditames e será responsabilizado por isto.

9º Mandamento - Eles avisaram que não deveriam defecar no epô.

(A sujeira e a falta de higiene são incompatíveis com o rito).

Significado do 9º mandamento:

O epô (azeite de dendê) corresponde ao sangue vegetal. Elemento sagrado e indispensável no ritual, há de ser sempre muito puro e limpo.

Da mesma forma, tudo deve ser limpo, os instrumentos, os ambientes, os assentamentos, as pessoas e, principalmente, as atitudes.

Não se admite, sob nenhuma hipótese, a falta de limpeza e de higiene em qualquer aspecto, quer seja físico, ambiental ou moral.

Mensagem:

O sacerdote deve ser escrupuloso com tudo.

Seus instrumentos litúrgicos, os assentamentos das entidades cultuadas, seu corpo, suas atitudes e seu caráter hão de permanecer, sempre, impecavelmente limpos.

Nenhum Orixá admite a sujeira, seja ela física ou moral.

10º Mandamento - Eles avisaram que não deveriam urinar dentro do afó.

(O afó é o local onde se fabrica o azeite de dendê em terra yorubá).

Significado do 10º Mandamento:

Tudo aquilo que antecede a um rito e que a ele faça referência, deve ser realizado com limpeza e religiosidade.

Interpretação:

Da mesma forma que o ritual deve ser cercado de cuidados de limpeza, a confecção das comidas e oferendas deve seguir os mesmos princípios.

Preparar as comidas ritualísticas é também um rito e deve ser realizadas em total circunspecção e concentração religiosa.

Mensagem:

Durante a preparação das oferendas e comidas ritualísticas a atitude de quem dela participa deve ser a mesma de quem participa do ritual em si.

É inadmissível que, neste momento sagrado, as pessoas estejam consumindo bebidas alcoólicas, falando coisas vulgares, discutindo, brigando ou tentando exibir seus conhecimentos, humilhando a quem sabe menos.

A postura será sempre sacerdotal, o silêncio e a concentração devem ser mantidos e, ensinar a quem não sabe ou a quem sabe menos, é uma obrigação sagrada.

11º MANDAMENTO - ELES AVISARAM QUE NÃO SE DEVE RETIRAR A BENGALA DE UM CEGO. (a bengala de um cego substitui seus olhos e indica os obstáculos que se interpõem em seu caminho). Significado do 11º mandamento: o sacerdote não pode prevalecer-se de sua carga de conhecimento para humilhar ou confundir a ninguém. O sacerdote há de ter o mais profundo respeito pelos que sabem menos. Ninguém tem o direito de descaracterizar o que os outros sabem e acreditam. Abalar a fé de quem sabe pouco ou nada sabe, é retirar a bengala de um cego, deixando-o sem qualquer orientação nas trevas em que caminha.

Interpretação:

Mensagem:

UMA DAS MAIS IMPORTANTES MISSÕES DO SACERDOTE É ENSINAR E ORIENTAR. MUITAS VEZES SURGEM PESSOAS QUE NADA SABEM E JULGAM SABER. É NESTE MOMENTO QUE O SÁBIO AFLORA NO SACERDOTE E A

ORIENTAÇÃO CORRETA E O ENSINAMENTO CERTO SÃO PASSADOS, COM DOÇURA, SUTILEZA E HUMILDADE, SEM MELINDRAR A QUEM OS RECEBE E SEM PROVOCAR CONFUSÕES EM SUA CABEÇA. TUDO DEVE SER ENSINADO COM CLAREZA E LÓGICA. ASSIM, O BABALAWO, NO EXERCÍCIO DE SEU SACERDÓCIO, ASSUME TAMBÉM A MISSÃO DE MESTRE.

12º Mandamento - Eles avisaram que não se retira um bastão de um ancião.

(O bastão do ancião representa o acúmulo de experiências adquiridas nos longos anos em que viveu).

Significado do 12º Mandamento:

Deve-se respeitar e tratar muito bem ao mais velhos, principalmente os mais antigos na religião.

Interpretação:

O respeito aos mais velhos é um dos principais fundamentos de uma religião onde, reconhecidamente, antigüidade é posto.

Faltar-lhes com o devido respeito e atenção é como retirar-lhes o bastão em que se apóiam.

Aquele que sabe respeitar, acatar e amar aos seus mais velhos, sem dúvida receberá o mesmo tratamento quando também caminhar apoiado no seu próprio bastão.

Mensagem:

Os velhos, pelas experiências vividas, representam verdadeiros mananciais de sabedoria onde cada um deve procurar beber um pouco, saciando a sede de saber.

São livros sagrados, cujas páginas devem ser lidas com paciência e carinho.

Uma religião que, durante séculos incontáveis, teve seus fundamentos transmitidos oralmente, deve valorizar, sobremaneira, aqueles que são depositários destes conhecimentos.

Um velho, por mais obtuso que possa parecer à primeira vista, sempre terá algo, obtido nos longos anos vividos, a ensinar.

Devemos lembrar sempre que, se antigüidade é posto, saber é poder!

13º Mandamento - Eles avisaram que não se deitassem com a esposa de um Ogboni.

("Ogboni" é um título que significa juiz ou magistrado, representa uma pessoa digna de respeito).

Significado do 13º Mandamento:

As autoridades devem ser respeitadas integralmente.

Interpretação:

O “Ogboni” da sentença representa, genericamente, as autoridades e as leis por elas estabelecidas.

O Sacerdote, como homem de bem, deverá pautar sua vida de acordo com os ditames das leis dos homens e das sagradas leis de Ifá.

Mensagem:

O homem religioso não pode viver à margem da lei e da sociedade da qual deve fazer parte como célula importante.

Pugnar pela obediência às leis é uma das obrigações de um sacerdote que, neste sentido, deve também orientar os seus seguidores.

Da mesma forma, as leis de Ifá, devem ser observadas integralmente e a ninguém cabe o direito de manipulá-las em benefício próprio ou de outrem.

14º Mandamento - Eles avisaram que nunca se deitassem com a esposa de um amigo. (Não se deve trair um amigo). Significado do 14º Mandamento: Os amigos devem ser respeitados e uma amizade não pode ser traída.

Interpretação:

“Deitar com a esposa de um amigo” é a maior injúria que o sacerdote pode praticar contra esta pessoa. A sentença busca valorizar o sentimento de amizade que deve ser pautado sempre, no respeito mútuo e na reciprocidade ética, que em hipótese alguma, podem ser esquecidos.

Mensagem:

“Um amigo vale mais do que um parente”. Esta afirmativa da sabedoria popular fundamenta-se no fato de que os parentes nos são impostos pelo destino, ao passo que, os amigos, cabe-nos escolher dentre as inúmeras pessoas que surgem no decorrer de nossas vidas. Se elegemos, de livre e espontânea vontade, os nossos amigos, por que traí-los? Por que não dar a eles o mesmo tratamento que gostaríamos que nos dessem? Conservar as amizades tratá-las com respeito e carinho é, acima de tudo, uma demonstração de sabedoria. As amizades devem ser cultuadas e ninguém deve criar animosidade entre amigos colocando em risco uma relação que pode representar um grande tesouro. “Mais vale um amigo na praça do que dinheiro no banco”. (Da sabedoria popular).

15º Mandamento - Eles avisaram que não semeassem discórdias religiosas.

Significado do 15º Mandamento:

Não se deve usar a religião para motivar a separação e a guerra entre os homens.

Interpretação:

A religião tem por finalidade única unir os homens através de Deus. Não é concebível, portanto, que possa ser utilizada como elemento apartador dos seres humanos. Mesmo no âmbito de uma

mesma religião pode-se verificar a atuação de pessoas que, de forma nefasta e visando seus próprios interesses, jogam uns contra os outros, semeando a desconfiança e a discórdia entre sacerdotes, irmãos e adeptos.

Mensagem:

Muitas guerras, incorretamente denominadas "guerras santas", têm feito derramar o sangue de inocentes, enlutando famílias e propagando a dor e o pranto. A motivação religiosa que as incentiva é, no entanto, uma máscara para o seu motivo real: a obtenção do poder. O verdadeiro sacerdote deve pugnar pela união dos homens, independente de seu credo religioso. Deus é um só e todos os homens são seus filhos e, por conseqüência, irmãos entre si. Da mesma forma, os sacerdotes de uma mesma religião devem agir dentro de uma ética que os impeça de falarem mal uns dos outros, utilizando-se de meios condenáveis para atrair os seguidores de seus coirmãos.

16º MANDAMENTO - ELES AVISARAM QUE NUNCA FALTASSEM COM O RESPEITO OU QUISESSEM DEITAR-SE COM A ESPOSA DE UM OUTRO SACERDOTE.

(Todos aqueles que possuem cargos religiosos são importantes e dignos de respeito).

SIGNIFICADO DO 16º MANDAMENTO: OS SACERDOTES, INDEPENDENTE DE FUNÇÕES E HIERARQUIA, DEVEM RESPEITAR-SE MUTUAMENTE.

Interpretação:

Uma única palavra pode sintetizar o 16o mandamento de Ifá: "Ética".

Mensagem:

A falta de ética entre os sacerdotes de nossa religião, muito tem colaborado para o seu enfraquecimento e falta de credibilidade pública. O sacerdote dotado de postura ética, jamais abre a boca para apontar erros e defeitos em seus irmãos. Se os constata, procura corrigi-los de forma sutil e, se possível, despercebida aos olhos alheios, sem alardear aquilo que considera errado.

Muitas pessoas tentam encobrir os próprios erros e esconder a própria incompetência, apontando, de forma espalhafatosa, o erro e a incompetência dos outros. Esta é uma atitude incorreta que só tem prejudicado e impedido um maior desenvolvimento da nossa religião.

Pode-se ouvir todas as noites, em programas de rádio produzidos e apresentados por sacerdotes e sacerdotisas do culto aos Orixás, verdadeiros absurdos praticados em nome de nossa religião. As pessoas que se ocupam neste tipo de divulgação deveriam refletir um pouco mais sobre sua atuação, na maior parte das vezes exageradas e motivadas por problemas de ordem pessoal, e os malefícios que produz, não somente aos alvos de suas críticas, mas na religião dos Orixás como um todo que, a cada denúncia feita pelo ar, cai no descrédito e na execração pública.

Cada denúncia divulgada publicamente representa uma nova arma para o arsenal dos detratores de nossa religião.

A seleção será feita, naturalmente, por Orunmilá e os Orixás, através da ação de Exú. Só a eles cabe julgar o que é certo e o que é errado. Só a eles cabe separar o joio do trigo.

COMO E PORQUE SER IFÁ

A religião não é apenas uma, são centenas.

IFÁ é única.

A religião é para aqueles que necessitam que alguém lhes diga o que fazer, querem ser guiados.

IFÁ é para os que prestam atenção à sua Voz Interior.

A religião tem um conjunto de regras dogmáticas.

IFÁ te convida a raciocinar sobre tudo, a questionar tudo.

A religião ameaça e amedronta.

IFÁ lhe dá Paz Interior.

A religião fala de pecado e de culpa.

IFÁ lhe diz: “aprende com o erro”.

A religião reprime tudo, te faz falso.

IFÁ transcende tudo, te faz verdadeiro!

A religião faz acreditar em deus

IFÁ é Tudo. Portanto você é DEUS interior

A religião inventa.

IFÁ descobre.

A religião não indaga nem questiona.

IFÁ questiona tudo.

A religião é humana, é uma organização com regras.

IFÁ não tem regras exageradas e absurdas.

A religião é causa de divisões.

IFÁ é causa de UNIÃO.

A religião lhe busca para que acredite.

IFÁ você tem que buscá-la.

A religião segue os preceitos de um livro sagrado.

IFÁ busca o sagrado em todos os livros.

A religião se alimenta do medo.

IFÁ se alimenta da Confiança e da Fé.

A religião se ocupa com o fazer.

IFÁ se ocupa com o SER.

A religião nos faz renunciar ao mundo.

IFÁ nos faz viver, não renunciar a ele.

A religião é adoração.

IFÁ é MEDITAÇÃO.

A religião sonha com a glória e com o paraíso.

IFÁ nos faz viver a glória e o paraíso aqui e agora.

A religião vive no passado e no futuro.

IFÁ vive no presente, TRAÇANDO NOSSO FUTURO

A religião crê na vida eterna.

IFÁ nos faz CONSCIENTE da vida eterna.

A religião promete para depois da morte.

IFÁ é encontrar DEUS em NOSSO INTERIOR durante a vida.

A religião faz adeptos pelo medo do fogo do inferno.

IFÁ mostra caminhos para se chegar à plenitude DIVINA.

ORUMILÁ /IFÁ

A importância de Orumilá é tão grande que chegamos a concluir que se um homem fizer algum tipo de pedido ao todo poderoso Olorum (Deus, o Senhor dos Céus), esse pedido só poderá chegar até Ele através de Orumilá e/ou Exú, que são somente eles dois dentre todos os Orixá os que têm a permissão, o poder e o livre acesso concedido pôr Olorum de estar junto a Ele, quando assim for necessário.

Ainda vale ressaltar que somente Orumilá e Exú possuem para si um culto individual, onde são feitos adorações totalmente específicas para os mesmos, também são eles os únicos que podem possuir para somente o seu culto um sacerdote específico. Isso só é possível pôr causa dos

poderes delegados pelo todo poderoso a eles, pois os demais Orixá são totalmente dependentes de Ifá e Exú, enquanto que eles não dependem de nenhum dos Orixás para desenvolverem sua própria evolução, ou seja, o culto à Ifá e Exú não dependem do culto aos Orixá, entretanto o culto aos Orixá dependem totalmente de Ifá e Exú.

Orumilá é o senhor dos destinos, é quem rege os o plano onírico (sonhos), é aquele que tudo sabe e tudo vê em todos os mundos que estão sob a tutela de Olorum, ele sabe tudo sobre o passado, o presente e o futuro de todos habitantes da Terra e do Céu, é o regente responsável e detentor dos oráculos, foi quem acompanhou Odudua na criação e fundação de Ilé Ìfé, é normalmente chamado em suas preces de:

Elérí Ìpín - "o testemunho de Deus"

Ibìkéjì Olódúmarè - "o vice de Deus"

Gbàiyégbòrún - "aquele que está no céu e na terra"

Òpitan Ìfé - "o historiador de Ìfé"

Acredita-se que Olorum passou e confiou de maneira especial toda a sabedoria e conhecimento possível, imaginável e existente entre todos os mundos habitados e não habitados à Orumilá, fazendo com que desta forma o tornasse seu representante em qualquer lugar que estivesse.

No Terra Olorum fez com que Orumilá participasse da criação da terra e do homem, fez com que ele auxiliasse o homem a resolver seus problemas do dia a dia, também fez com que ajudasse o homem a encontrar o caminho e o destino ideal de seu orì. No Céu lhe ensinou todos os conhecimentos básicos e complementares referente todos os Orixá, pois criou um elo de dependência de todos perante Orumilá, todos devem consultá-lo para resolver diversos problemas, com pôr exemplo, a vinda de Oxalá à terra para efetuar a criação de tudo aquilo que teria vida na mesma, porém o grande Orixá não seguiu as orientações prescritas pôr Ifá, e não conseguiu cumprir com sua obrigação caindo nas travessuras aplicadas pôr Exú, ficando esta missão pôr conta de Odudua.

Também Orumilá fala e representa de maneira completa e geral todos os Orixás, auxiliando pôr exemplo, um consulente no que ele deve fazer para agradar ou satisfazer um determinado Orixá, obtendo desta forma um resultado satisfatório para o Orixá e para o consulente.

Orumilá sabe e conhece o destino de todos os homens e de tudo o que têm vida em nosso mundo, pois ele está presente no ato da criação do homem e sua vinda a terra, e é neste exato instante que Ifá determina os destinos e os caminhos a serem cumpridos pôr aquele determinado espírito.

É pôr isso que Orumilá tem as respostas para toda e qualquer pergunta lhe é feita, e que ele têm a solução para todo e qualquer problema que lhe é apresentado, e é pôr esta razão que ele têm o remédio para todas as doenças que lhe forem apresentadas, pôr mais impossível que pareça ser a sua cura.

Todos nós deveríamos consultar Ifá antes de tomarmos qualquer atitude e decisão em nossas vidas, com certeza iríamos errar menos, os Iorubás consultam Ifá antes de tomarem qualquer decisão, com pôr exemplo, antes de um casamento, antes de um noivado, antes do nascimento e até mesmo na hora de dar o nome a criança, antes da conclusão de um negócio, antes de uma viagem, etc.

Além disto tudo, Orumilá é também quem tem a vida e a morte em suas mãos, pois ele é a energia que esta mais atuante e mais próxima de Olorum, podendo ele ser a única entidade que tem poderes para suplicar, pedir ou implorar a mudança do destino de uma pessoa.

Não é Orixá, encontra-se num plano mítico e simbólico superior ao dos outros orixás. Se Olorum é o ser supremo dos Iorubás, o nome que dão ao Absoluto, Orumilá é a sua emanação mais transcendente, mais distanciada dos acontecimentos do mundo sub-lunar.

Na tradição de Ifé é o primeiro companheiro e "Chefe Conselheiro" de Odudua quando da sua chegada à Ifé. Outras fontes dizem que ele estava instalado em um lugar chamado Òkè Igèti antes de vir fixar-se em Òkè Itase, uma colina em Ifé onde mora Àràbà, a mais alta autoridade em matéria de adivinhação, pelo sistema chamado Ifá. É também chamado Àgbónmìrégún ou Èlà. É o testemunho do destino das pessoas.

Os babalaôs (pais do segredo), são os porta vozes de Orumilá. A iniciação de um babalaô não comporta a perda momentânea de consciência que acompanha a dos orixás. É uma iniciação totalmente intelectual. Ele deve passar um longo período de aprendizagem, de conhecimentos precisos, em que a memória, principalmente, entra em jogo. Precisa aprender uma quantidades de Itans (histórias) e de lendas antigas, classificadas nos duzentos e cinqüenta e seis odú (signos de Ifá), cujo conjunto forma uma espécie de enciclopédia oral dos conhecimentos do povo de língua Iorubá.

Cada indivíduo nasce ligado a um Odu, que dá a conhecer sua identidade profunda, servindo-lhe de guia por toda vida, revelando-lhe o Orixá particular, ao qual deverá ser eventualmente dedicado. Ifá é sempre consultado em caso de dúvida, antes de decisões importantes, nos momentos difíceis da vida.

INICIAÇÃO DE IFÀ

A iniciação existem de duas formas de iniciação:

(1) Iniciação Comum = “OMO IFA”

(2) Iniciação para sacerdote = “AWO IFA”

INICIAÇÃO COMUM - é geralmente para a pessoa que não vai tornar-se sacerdote de Ifá, mas precisa de Ifá para mostrar o caminho em sua vida e poderá ser do sexo masculino ou feminino existindo nenhuma discriminação.

A iniciação para Orunmila é feita durante o tempo mínimo de 3(três) podendo chegar a até 17 (dezessete) dias, sendo que no terceiro dia (ITA-FA), Orunmila Ifa revela qual o odu da pessoa, que passará a ser um(a) Omo Ifa, e é através deste odu que o babalawo poderá determinar os

etutus que esse(a) Omo Ifa, deverá receber além do Oruko (nome) que esta passará a ser chamada.

Obs. A este tipo de iniciação podem submeter-se **todas as pessoas**, pois tanto umbandistas, candomblecistas quanto cristãos e muçulmanos, dirigem-se a Ifa para pedir a iniciação. Estes são iniciados, contudo sem abandonar suas antigas práticas religiosas. Ifa não é preconceituoso e abrange outros grupos sociais, sem desestruturar as suas respectivas linhagens iniciais.

ASSENTAMENTO DE IFÁ

Esta pessoa tem acesso a Ifa depois da iniciação através do "Sacerdote de Ifá", ele receberá o Agere Ifá que é o assentamento do Ifa e as orientações a respeito dos Oses que poderão ser semanal, mensal ou anual de acordo ao Odu da pessoa.

Esu Ifa - Ao iniciar, a pessoa recebe também o assentamento de Esu Ifa e é necessário se ter assentado porque Esu é a única entidade (Orisa) que pode ajudar ou prejudicar a pessoa, até o próprio Ifa é alinhado com ele.

Depois da iniciação, a pessoa é responsável pelos seus assentamentos individuais e ela poderá cultuá-los sob as orientações do Sacerdote.

INICIAÇÃO PARA O SACERDÓCIO

AWO IFA

Para esta iniciação, de qualquer forma, é necessário que se tenha passado primeiro por uma iniciação em Ifa, para que se saiba o caminho da pessoa. Através do odu que sair no ITA (terceiro dia do Ifá) é que se saberá se o (a) Omo Ifa será um sacerdote ou uma sacerdotisa e se assim o for o Sacerdote irá orientá-lo(a) no caminho de Ifa, preparando-o(a) para o sacerdócio.

IPINUDU: é a obrigação feita para Omo Ifa se tornar Awo Ifa, sendo permitido somente aos homens esta obrigação.

IPINNUDUN AWOLORISA, é a obrigação feita somente por mulheres, Omo Ifa, que serão futuramente Iyalorisa, isso quer dizer que ela vai ter o seu Ile Ifa e somente através do odu que sair para ela, é possível se determinar o Orisa que ela vai ser iniciada. Constatado o nome do Orisa, é que se pode dar o nome de sua casa.

Por exemplo:

Se o odu dela é ligado a Osun, ela vai ser iniciada na Osun e a casa dela poderá se chamar Ile Olosun.Obs: Ela pode por determinação ou regra da sua casa mandar o filho ou a filha passar ou não por Ifá antes do Orisa.

Em nossa tradição não se inicia a outros Orisás sem passar pela iniciação de Orunmila Ifa. Assim, os Olorisas que possuem tal caminho no culto dos Orisas, devem sempre, antes de iniciar seus Eleguns, Yaos, Oyes, Alayan, passá-los pela iniciação do Ifá para poderem obter o

Odu individual deste adepto e através do Sacerdote serem orientados sobre qual o melhor caminho da iniciação do(s) filho(s).

CUMPRIMENTO NO AXÉ ÒYÓ ILÈ

Quando uma pessoa se torna Sacerdote significa que Ifá está encostado nele e é ele quem enfrenta qualquer negatividade que uma pessoa ou "Omo Ifa" carrega, por isto ele merece um grande respeito e não pode ser chamado pelo nome. A partir do momento que ele é preparado para brigar por sua liberdade, ele torna-se seu pai e deve ser chamado de Baba abreviação de Babalawo.

Obs.: Ele não pode ser chamado pelo nome.

Cumprimento no dia a dia:

Baba, Aboru boye

Tradução:

Baba, saudação

Resposta do Baba:

A boye bosise A gbo a to

Tradução:

Tudo de bom pra você, tenha boa saúde e prosperidade.

(Geralmente com a cabeça no chão).

A boru

A boye

A bosise

Ifá determina o caminho

Dentro de sua história Orunmilà é um dos Ifá que Olodumare (Deus Supremo) mandou ao mundo para ser seu representante. Através dele os humanos sabem o amanhã. Pra alguns ele estava junto de Olodumare quando este criou o ser humano, por isso que o chamamos de Eleri Ìpin - aquele que vê o destino - porque ele sabe tudo com sua inteligência podendo intervir junto a Olodumare. Ifá é o intermediário entre o homem e Olodumare, por isso é chamado também de Okitiripi a pa ojo iki da, aquele que pode mudar o dia da morte.

Seu nome correto é Òrun mó oolà (sabe o amanhã) ou Òrun mó eniti o màa la (sabe se a pessoa vai se salvar). Quando veio ao mundo residiu perto da cidade de Ekìtì, foi para Ado-Ekìtì e depois para Ijesa-Obòkun e finalmente fixou-se em Ile-Ifé.

Ifá conta com Osayin como seu auxiliar em seus feitos, por isso Osanyi é considerado o rei das folhas. Quando Ifá estava ocupado, mandava Osanyi em seu lugar. Outro que fica próximo dele é Èsú.

Òrúnmilà é uma entidade que Òlodùmaré mandou para a Terra para ajudar a resolver os problemas dos homens. Orunmila usava Ifá para adivinhar os problemas do homem. Esse Ifá se chama Ikin - parece um caroço de dendê - e ele usava dezesseis ikin para fazer a advinhação. Cada um desses ikin representa um odú.

Odú de Ifá

Èjiogbè

Òyèkú méji

Èdí méji

Òbarà mèji

Ònkonròn mèji

Iròsun mèji

Ìwòrì mèji

Ògundá méji

Òsá mèji

Òsé mèji

Ologbon mèji

Òrète méji

Òturà méji

Orangìn méji

Eká méji

Todos esses odú são diferentes entre si e possuem outros dezesseis.

Há algum tempo atrás não se fazia nada na sociedade Yorubá sem consultar antes Ifá. Habitualmente consulta-se Ifá antes de contrair matrimônio e para tirar duvidas a respeito de quaisquer negócios.

A importância de Ifá

Quando nasce uma criança faz-se o jogo para saber o que ela traz consigo, e até seu nome é escolhido por Ifá, bem como sua comida.

Se ao dormir alguém sonhar com algo que o incomoda, a maneira de tranqüilizar-se é perguntar a Ifá.

Ifá não tem uma data fixa para suas festividades, ele mesmo escolhe seu dia.

Usa-se em suas oferendas mariwo, ratos, peixes, cabras, igbin (caracol), galinhas, inhames, obís, etc.

Agbigba ou Òpèlè

Na história, Òpèlé era um dos mensageiros de Òrunmilà quando algo acontecia dentro da cidade. Fatos gerais que afetavam a todos, e às vezes as pessoas o procuravam antes de procurar Ifá e este falava através dele. Quando Olódùmarè foi embora da Terra, o deixou com uma das maneiras de consultá-lo, o Òpèlè- Ifá.

Obì

Algumas pessoas recorrem ao obí para consultar Ifá. A semente utilizada para tal deve possuir quatro partes, duas machos e duas fêmeas. Cada caída tem um significado, e quem sabe ver através deste, já obtém a resposta a cada jogada, como é feito no Ifá.

Ilè - Terra

É outra forma de adivinhação, porém pouco conhecida, mas é uma opção forte e real, pois é sobre a terra que se faz tudo na vida, é onde se constrói uma casa, assassina-se alguém, pratica-se a bondade e a maldade. Nada é feito no mundo que não seja sobre a terra.

O jogo de Ile parece-se com o de Ierosun - pó amarelo dedicado a Ifá - mas não é o mesmo, os produtos usados em outros Ifá podem ser os mesmos para este, porém ele não aceita sangue em seu ritual.

Olokun - Búzios

No Brasil existem muitas pessoas que utilizam esse tipo de Ifá, é o chamado jogo de búzios. Na Àfrica a maioria das pessoas que jogam búzios são mulheres.

Em cidades como Osogbo Oyo, Ògbomóso, existem muitos que praticam esse tipo de adivinhação, como também em Ijebu, Abeokuta, Òwò e Ekiti.

Este é um Ifá forte, pois em algumas regiões Olokun é esposa de Orunmilà (em outras é um Òrisa masculino) e lhe são atribuídos os mesmos nomes que a ele.

Wo - mi - péé

Este tipo de adivinhação só é utilizado por algumas pessoas que possuem uma força extraordinária, podendo ver o futuro e o passado do consulente. O sacerdote deste tipo de Ifá faz rituais nos próprios olhos, mas o problema é que ele não pode ter medo de nada, pois algumas entidades são vistas, não podendo o sacerdote temê-las.

Utiliza-se um espelho mágico.

Olokun Awo

Este tipo de Ifá é feito dentro de uma louça branca e limpa e junto dele trabalha uma criança vestida com panos pretos, auxiliando o sacerdote.

O JOGO DE BÚZIOS

"O jogo de búzios tem por finalidade identificar nosso Orixá (Ori=Cabeça (física e astral) + Ixá=guardião); ou seja , problemas de plano astral, espiritual, material e suas soluções". O jogo de búzios é uma leitura divinatória e esotérica por excelência, utilizado como consulta, quer seja; para identificar nosso orixá (ori= cabeça + ixá=guardião), que é a mesma figura do anjo de guarda; a situação material, astral e espiritual, principalmente com relação a problemas e dificuldades.

Portanto de uma forma definitiva - ninguém "fala" ao nosso ouvido, nem Exú e tampouco Oxum, os quais tem forte influência sobre o jogo, mas não desta forma, se assim fosse, não seria necessário jogá-los.

A leitura esotérica divinatória está diretamente ligada à Òrúnmìlà, cujos babalorixás, são seus porta-vozes, outras lendas africanas, mostram a ligação do jogo de búzios com Exú, Oxum e Oxalá. No capítulo destinado à Ifá e Odù, consta essa estreita relação entre Exú e Ifá.

O jogo de búzios é exclusivo dos candomblecistas praticantes e reconhecidamente iniciados, fora isso É FARSA, É MENTIRA, É ENGODO.

Os búzios são jogados em número de dezesseis, que correspondem aos dezesseis odús principais, quer sejam: okaran (exú), ejioko (ogum, ibeji), etaogunda (obaluayiê, ogun), iorosun (yemanjá, oya), oxê (oxum), obara (Oxossi, logunedé e xangô), odí (omolu oxosse e oxalá), egionile (oxaguian), ossá (oyá, yewa e yemanjá), ofum (oxalufan), owarim (oyá, oguy e exu), egilexebora (xangô, oba, iroko), egioligibam (nanã), iká (ossain e oxumare), obeogundá (ogun, ewá e obá) e alafia (orixalá, isto é, todos os outros Orixás funfun). Duas formas são as mais utilizadas, sobre a urupema (peneira (totalmente aboolido em ketou)), ou sobre erindilogun (fio de contas), que em alguns casos, nele constam os dezesseis orixás cultuados atualmente no Brasil; igualmente constam desta parafernália: uma otá, uma vela branca, um adjá (espécie de sineta) usado para saudar os orixás, abrir o jogo e convocar o eledá do consulente para que permita uma boa leitura; água; indispensável os fios de Oxalá e Oxum; um côco de ifá; moedas; favas; obi; orobô; um imã; uma fava (semente) especial que represente no jogo o eledá consultado, aforante a isso um preparo do babalorixá, e os orôs (rezas) necessários.

Para uma boa leitura de búzios, três situações são fundamentais:

1) Conhecimento e aprendizado.

2) Autorização, através de ritual próprio, o qual é ministrado por sacerdote responsável, tendo o iniciado passado por completo, com seriedade e merecimento, seu período de iniciação, que são no mínimo 7 anos.

3) Seriedade do consultor e do consulente.

Esses são pré-requisitos básicos para uma leitura honesta e imparcial.

Muito importante, quem "responde" no jogo de búzios é o orixá do consulente, ele é quem determina a formação dos búzios para serem analisados, é uma espécie de permissão, do orixá, para que a situação do seu filho seja exposta.

A forma de jogo mais usual, é a da leitura por odú, feita pela quantidade de búzios "abertos" ou "fechados", em que o babalorixá, deverá efetuar várias jogadas para uma leitura mais completa, em alguns jogos, cada queda corresponde a um único odú-orixá.

O porquê e para que se consultam os búzios ? Pelo mesmo princípio que se vai ao médico, só vai quem está doente ou para uma avaliação de rotina, da mesma forma, que só toma remédio quem está doente, só se deve fazer algo, se houver alguma necessidade.

O futuro - é grande questão dos consulentes, no jogo de búzios, pode-se fazer "perguntas", cujas respostas não são detalhadas, mas de uma maneira geral é sim ou não, provável e se não fosse assim não haveria babalorixá pobre neste mundo, o futuro a Deus pertence, esta é uma frase sábia que alguém com muita propriedade disse um dia. O futuro depende muito dos nossos atos presentes, o exercício do nosso livre arbítrio é constante, nada está definitivamente marcado ou decidido, a partir do instante que exercemos nossa vontade, podemos modificar a todo instante nosso futuro; exemplos simples: se alguém fica doente e acha que é o destino, vai morrer, mas, se procurar um médico, vai se curar; o futuro foi alterado; assim alguém que perca seu emprego, se ficar em casa, vai passar fome, se sair e procurar um emprego, terá grande chance de conseguir e novamente alterar seu futuro; e assim com tudo na vida; uma grande questão é que muitas pessoas acham que seu orixá, anjo da guarda ou Deus, tem saber de tudo, das suas necessidades, dos seus problemas e simplesmente resolvê-los, antes assim fosse, porém, mais uma vez é necessário que o nosso livre arbítrio e o nosso querer, tem que ser constante em nosso dia a dia. Não podemos esperar que as pessoas "adivinhem" ou saibam o que estamos querendo ou precisando, se não falarmos, se não nos comunicarmos, é evidente que se tem uma forma de fazê-lo, sempre podemos dizer o que pensamos e precisamos, mas de uma forma correta, não agressiva, coerente. Sempre temos duas chances em cada situação que nos apresenta, o de sim e o de não, se tentarmos, porém se não tentarmos, só resta o não. O jogo de búzios, costumo dizer que é uma ciência exata, sabe-se ou não, não cabe meio termo, quem sabe, talvez, ou a leitura é a expressão de uma realidade presente ou não, a forma de checar se um jogo está correto, começa pela identificação do orixá, a cada orixá corresponde um estereotipo de caráter e personalidade ao seu "filho", que ao lhe relatar não pode errar ou fugir das suas principais características, que o babalorixá checa com o consulente, se tudo corresponde, as demais situações do jogo também estarão corretas. Porém se observe, que um leitor de jogo de búzios necessariamente tem que conhecer sobre as características que os orixás imprimem aos seus "filhos" características estas, que em alguns casos para o mesmo orixá, tem variantes, pela sua qualidade apresentada, ou ainda, difere determinadas características, se o "filho" for do sexo masculino ou feminino, há que se reconhecer uma situação um pouco complexa, e não poderia ser de outra forma, com todas essas variantes é um jogo prostituído, isto é, usado de forma inescrupulosa, leviana, por pessoas totalmente estranhas ao processo, pelos ignorantes que se

julgam conhecê-lo. Com relação ainda à esta situação, é muito comum alguns iniciados ou até mesmo sacerdotes, que não se preocuparam muito com o aperfeiçoamento, estudo mais detalhado, prática exaustiva, incorrem num erro, de conhecer uma pessoa de determinado orixá, e classificar suas características como definitivas para aquele orixá, e sempre que ver alguém com aquelas características, achar que aquela pessoa, também será daquele orixá, generalizando para sempre todos estes casos e situações; o erro: esta pessoa que conheceram, pode estar com o orixá errado, pois quem lhe atribuiu este orixá, não era competente, este é um fato muitíssimo comum.

É uma forma de leitura divinatória, que não massifica, isto é, uma situação vale para muitos, como no caso do horóscopo, mas usada de forma individual, como exemplo, o caso de gêmeos, dois ou mais, nascem no mesmo dia, e no entanto, caráter e personalidade em muitos casos, totalmente diversos

Os Odus

Costumo dizer que Odu é a energia que tem a capacidade de mudar nossos destinos aqui no ayie. Eles são em número de 16 e possuem cada qual, o seu filho chamado de OMO ODU (OMO=FILHO) somando um total de 256 configurações.

Eu não tenho visto difundir que nosso destino muda a cada 16 dias aqui na Terra.

São eles:

OKARAM

1 búzio aberto- o Orixá EXU é quem reponde por este odu

Quando cai este odu para um consulente é aviso de desgraça, perda financeira, tudo de ruim. Este deverá fazer um ebó urgentemente.

Orisá belo e puro, não aceitou as determinações, desobedeceu as ordens de Olorum e o mesmo ordenou que descesse a uma fossa com todos seus pecados desta desobediência foi gerado o Odú Okaran .

MEGIOKO

2 búzios abertos .O orixá Ogun responde por este Odu.

Quando este odu cai para um consulente significa guerras, demanda, enfim tudo que esteja relacionado a disputas em casa, no trabalho ou mesmo no serviço. Também que tudo isto será vencido por Ogun, este deverá receber oferendas.

Sua fecundação:

Gerado da união de Ose e Ejonile afirma-se que não tem pecado , odú da vitória pertence a Ogun simboliza o ferro, se lança com valentia e coragem.

ETAOGUNDA

3 búzios abertos- quem responde por este odu é o Orixá Obaluae.

Quando cai este odu para um consulente significa doenças, também guerras, demandas etc

Esse Odú foi gerado com peixe, morim branco, areia de praia, sem pecado, odú de Omolu trás a morte, inimiga e desgraça.

Ireti Megi e o odú da terra e do domínio terrestre a morte em si pertence a Oyeka meji este odu convive com longevidade e a nudez, trouxe as doenças para o Aiye (Planeta Terra) como furúnculos, lepra, varíola etc.

IROSSUN

4 búzios abertos- quem responde nesta caída é yemanjá

Nesta caída o jogo fala sobre falsidades, fofoca, traição.

Olorum chamou Isalé e mandou raspar um pouco de Osum, pó tirado de uma árvore sagrada, muito usado nos iatins dos terreiros de candomblé, colocar num brejo e assim foi gerado sem pecado original.

OSE

5 búzios abertos - quem responde nesta queda é o orixá Oxun.

Nesta queda oxum fala sobre o amor.

Uma observação minha é que na minha experiência vimos quase cem por cento das pessoas tentando agradar oxun para conseguir amor, eu, particularmente, pego o caminho do amor pelo Orixá Oxaguiã e venho obtendo ótimos resultados, pois como diz o oriki de oxun ELA CUIDA PRIMEIRA DE SUAS JÓIAS PARA DEPOIS CUIDAR DE SEUS FILHOS, na minha interpretação é que a maior jóias dela seria o amor. Na minha concepção ela teria o caminho para proteger as gestantes e os fetos.

Aqui em casa quando cai este odu, eu tenho uma interpretação diferente das demais casas, sem querer causar polêmicas, pra mim esta caída significa ILUSÃO AMOROSA.

Este Odu foi gerado de 5 espelho, um pano bem alvo na beira do rio concebido sem pecado , desta concepção a 1 a filha foi O s um Ajimu a mais valha das Osun, este odu não tem partes negativas e seus ebós são para agradar e não despachar.

OBARÁ

6 búzios abertos- Os orixás que respondem por este odu são; XANGO, OXOSSI, EXU E LOGUN EDE, apesar de eu mesmo, no capitulo CABALA, deste site falar dos filhos deste odu, deixei de falar que todos nós somos um pouquinho filhos dele, pois quando falamos que Exu responde por ele, falamos do Exu Bara e este não seria o Orixá e sim o Bara que nasce e morre com cada ser humano, seria o exu existencial de cada ser individualmente.

Significado:

Fartura, guerra, fuxico, traição, porém se num jogo cair duas vezes seguida, significa perda e não ganho.

Este Odu representa riqueza foi gerado de um bloco de ouro, fez fecundação com Edjilasebora , nasceu Araim , que não vem na cabeça de ninguém, ARAIN gerou os 12 Sango.

ODI

7 búzios abertos- quem responde por este odu são os orixás Obaluaiye, Oxalufon e Exu.

Significado:

Quando cai este odu, siginifica miséria, perda de posição social, doenças etc. se cair duas vezes seguidas é morte de uma mulher na família do consulente, deve se orientar o consulente para que este não use roupa muito colorida, não emprestar ou usar roupas emrpestadas, não usar travesseiros que não seja o seu, deve-se recorrer a ebó com urgência.

Este Odu foi fecundado de água e farofa, níquel, metal branco e eletro de prata, odi enamorou-se de Eta Ogundá, desta união nasceu Yemonjá e Osoguiã, de Odí e Ode nasceu Osumarê e de Eta Ogundá Yemonjá e Nibeim deste nasceram Ogum Toroninan e Abajulei Ogum Já ; Odu voltado para os órgão sexuais da mulher e tudo que se refere aos órgãos da mulher.

Odi meji representa a mulher e ensinou aos seres humanos a ter relações sexuais, trouxe para terra todas as margens e os cursos d'água, protege os partos. Ibeji veio ao mundo trazido por Odi Meji

EJIONILE

8 búzios abertos- quem responde por este odu são os orixás OXOSSI e OXOGUIÃ

Significa fofoca, traição em todos os sentidos.

Este odu é o primeiro na ordem de chegada na terra, este assunto será abordado como um outro assunto nesta página.

Isele levou um bicho de 4 pés ao alto de uma montanha para oferecer em holocausto, daí foi fecundado Ejionilé, representa Eji Onilé (Dono da terra e dono do mundo) Kisila com taioba e Inhame.

OSSA

9 búzios abertos-quem responde nesta queda são Oya e Yemoanjá.

Este Odu foi gerado da união da papoula vermelha e A s o Pupa (roupa vermelha) agitados ao vento, quando saí Ossá p/ uma grávida, deve-se fazer ebó com urgência sob pena de abortar, sacrificar bicho para Yamin Osoronga para acalma-lo.

OFUN

10 búzios abertos - quem responde por este odu é Oxalufon, quando este odu cai numa mesa de jogo, deve-se levantar três vezes em respeito ao grande orixá funfun (Orinxalá) e sopra-se um pó, imaginário, em direção a rua. Não se deve pronunciar o nome OFUN perto de uma pessoa que não tenha sido iniciada no santo devemos chamá-lo de BABA EPA.

Ele sozinho quer dizer problema de barriga, gravidez ou toda doença relacionada ao sangue como A.V.C (vulgarmente conhecido como DERRAME) ou enfarte.

Iselé pegou Ofum. Espécie de argila, raspou, misturou com orvalho e neblina, assim foi gerado este Odu. Reje o sangue , a abertura dos olhos, dono dos órgão internos.

OWARIN

11 búzios abertos - quem reponde por este odu é Oya e Exu

Quando cai esta queda significa que o consulente está carregado de uma energia negativa, precisa com urgência de ebó, geralmente quando este odu cai na primeira caída para um consulente esta está depressivo, nervoso etc, em suma com uma influência forte de egun e exu. Geralmente os filhos deste odu quando são homens são desprovidos de fé.

Este Odu é o responsável pelas doenças, criador das cores, os rochedos e montanhas, uniu-se a Omulu, O s um, Ibeji ,a morte .quando cai este Odu significa que temos doença ou egum em cima do consulente. Quando cai, temos que fingir soprar um pó, imaginário, em direção a rua.

EDJILASEBORA

12 búzios abertos - orixá XANGO

Fala em condenação, se o consulente estiver respondendo a um processo judicial, fala em separação conjugal etc.

É representado por uma corte de 12 ayabas onde seis delas condenam e seis absolvem.

Quando este odu fala temos que levantar e jogar água na rua pedindo para as seis yabas que estão condenando absolvam.

Este Odu simbolizado por uma fogueira foi fecundado sem pecado original, gerou Songo , muito velho .

EJIOlLOGBON

13 búzios abertos- Nana e Obaluaiye responde nesta queda significa morte, porém como no tarot e coincidentemente na carta de número 13, significa a morte, porém essa morte quase nunca está relacionada a morte física, quase sempre está falando da morte de uma fase da vida, como o término de uma fase boa ou ruim

Os filhos deste odú trás ajé feiticeiro. Quando cai em um jogo se refere a questão de justiça, traição ou separação ou ainda algo condenatório dos orixás ao consulente, pois também fala da corte de S ongo representada por 12 yabas, onde seis condenam e seis absolvem.

IKA

14 búzios abertos-IBEJI-OXUMARE E EWA falam nesta jogada.

Significa o renascimento para uma nova fase na vida do consulente

O aparecimento deste odú foi para destruir Iselè que se achou muito importante perante a Orumilá, motivo pelo qual foi destruído, com o aparecimento deste odú Iselé sumiu desastrosamente, neste odu foi criada a piedade e o amor Iká Meji é o responsável pelos abortos é um odú do fogo, responsável pelas mortes das crianças. Odú ligado a Ibeji, S ango, Nana e Osumare .

OBEOGUNDA

15 búzios abertos

Odú feminino concebido de akaçás brancos e amarelos, próxima a uma montanha de minério de ferro, este odú gerou o primeiro Ogum.

ALAFIA –

16 búzios abertos - responde todos os orixás

Significa ORIRIN, ou seja, a parte positiva de cada odú . Este Odú foi concebido sem pecado.

EXU (o mensageiro dos Orixás)

O PERFIL DO ORIXÁ

Exu é a figura mais controvertida dos cultos afro-brasileiros e também a mais conhecida. Há, antes de mais nada, a discussão se Exu é um Orixá ou apenas uma Entidade diferente, que ficaria entre a classificação de Orixá e Ser Humano. Sem dúvida, ele trafega tanto pelo mundo material (ayé), onde habitam os seres humanos e todas as figuras vivas que conhecemos, como pela região do sobrenatural (orum), onde trafegam Orixás, Entidades afins e as Almas dos mortos (eguns).

Esse Orixá (ou Entidade) não deve ser confundido com os eguns , apesar de transitar na mesma Linha das Almas (uma das três linhas independentes) sendo o seu dia a segunda-feira; ficando sob o seu controle e comando, os Kiumbas (espíritos atrasadíssimos na evolução). Exu é figura de status entre os Orixás, que apesar de ser subordinado ao poder deles, constitui uma figura tão poderosa que freqüentemente desafia as próprias divindades. Sua função e condição de figura-limite entre o astral e a matéria, se revelam em suas cores, o negro e o vermelho, sendo esta última a vibração de menor freqüência no espectro do olho humano, abaixo do qual tudo é negro, há ausência de luz.

Seus aspectos contraditórios também podem ser analisados sob outro ponto de vista: o negro significa em quase todas as teologias o desconhecido; o vermelho é a cor mais quente, a forte iluminação em oposição à escuridão do negro. Até em suas cores, Exu é o símbolo das grandes contradições, do amplo terreno de atuação.

Os Exus são considerados entidades poderosas, mas nem sempre conscientes dessa força, desconhecendo seus limites e suas conseqüências ao envolver os seres humanos vivos. Assim ao utilizar-se de suas vibrações, um iniciado precisa tomar cuidado para não permitir que Exu, mesmo com o propósito de ajudá-lo, provoque um descontrole energético que possa ser prejudicial ao ser humano.

Sua função mítica é a de mensageiro - é o que leva os pedidos e oferendas do homens aos Orixás, já que o único contato direto entre essas diferentes categorias só acontece no momento da incorporação, quando o corpo do ser humano é tomado pela energia e pela consciência do seu Orixá pessoal (quando a consciência de quem carrega o Orixá desaparece). É Exu quem traduz as linguagens humanas para a das divindades. Por isso, é imprescindível para a realização de qualquer ritual, porque é o único que efetivamente assegura em uma dimensão (ayé ou orum) o que está acontecendo na outra, abrindo os caminhos para os Orixás se aproximarem dos locais onde estão sendo cultuados.

O poder de comunicar e ligar, confere à ele também o oposto; a possibilidade de desligar e comprometer qualquer comunicação. Possibilita-se a construção, também permite a destruição. Esse poder foi traduzido mitologicamente no fato de Exu habitar as encruzilhadas, passagens, os diferentes e vários cruzamentos entre caminhos e rotas, e ser o senhor das porteiras, portas entradas e saídas. Isso não entra em contradição com o fato de Ogum, o Orixá da guerra, ser considerado o senhor dos caminhos. Além da grande afinidade entre as duas figuras míticas (que são irmãos, de acordo com as lendas), Ogum é responsável pelo desbravamento, pelo desmatar e o criar de novos caminhos, pela expansão do reino, enquanto Exu é o senhor da força que percorre esses caminhos.

Como, então, essa imagem de menino brincalhão, mesmo que imprudente, se coaduna com a imagem popular que associa Exu ao Diabo? Mesmo em cultos de Umbanda (alguns) Exu é freqüentemente considerado um representante do mal, das forças perigosas e não totalmente recomendáveis.

Qual a visão está correta?

A rigor, ambas ou nenhuma delas. Exu realmente brinca e se diverte, possibilitando brincadeiras e prazeres aos seres humanos. Também mexe com forças terríveis, provoca acontecimentos dramáticos, causando o mal.

Em termos históricos, as culturas africanas que cultuam os Orixás - muito diversificadas, conseqüência evidente de uma sociedade dividida em raças, tribos, muito pouco centralizada para os parâmetros ocidentais - são muito mais antigas que as que conhecemos. Há lendas de Orixás que se explicam como respostas socialmente criativas a acontecimentos perdidos num

longínquo passado, como a substituição do matriarcado pelo patriarcado, o surgimento do primeiro conceito de sociedade agrária, em oposição a uma cultura nômade e caçadora.

Assim, como encontrar uma figura que representa o mal numa cultura onde não existe a dicotomia bem-mal? A moralidade ou imoralidade portanto, não está nas figuras dos Orixás, nem principalmente em Exu, mas sim nas interpretações que nós, ocidentais, fazemos a respeito de seus desígnios.

Para a cultura africana, politeísta, onde os deuses brigam entre si, cada um tomando atitudes radicalmente opostas às dos outros, não existe um certo e um errado, mas vários. Cada ser humano é filho de dois Orixás e, para ele, suas atitudes serão as mais corretas, enquanto um filho de outro Orixá deverá manter postura diferente, mas adaptada ao arquétipo de comportamento associado ao seu próprio Orixá.

Outra razão de confusão vem do fato de os negros terem chegado ao Brasil na condição de escravos, tratados como subumanos e sem os mínimos direitos.

Nenhuma hipótese havia, portanto, para que Exu e outras figuras míticas do Candomblé e da Umbanda, fossem aceitas como independentes: os negros tinham de ser convertidos ao Deus Único , aos mitos cristãos.

Uma divindade africana ao ser capturada pelas explicações católicas, teria no máximo o status de santo, divindade menor, praticamente humana, na teologia cristã.

Como precisavam de um Diabo, os jesuítas encontraram na figura de Exu, o Orixá que poderia, meio forçadamente, vestir a sua roupa, provavelmente porque sendo o mais humano dos Orixás, à ele se pede interferência nas questões mais mundanas e práticas, o que resulta que a maior parte das oferendas do culto vá, para ele.

Exatamente por isso, Exu era a divindade que protegia, na medida do possível, os negros dos repressivos senhores. Era para Exu que pediam desgraças para seus senhores.

Dois outros fatores associam Exu ao Demônio; o fogo - elemento do Diabo e também freqüente nos cultos e oferendas para o mensageiro dos Orixás africanos - e o sexo, território considerado tabu pelos católicos, e o prazer - em geral, as atividades favoritas de Exu. A sensualidade desenfreada costuma ser atribuída à influência de Exu, que significa a paixão pelo gozo, sendo freqüentemente representado em estatuetas, como figura humana sorridente, debochada.

Para completar os tabus que marcavam Exu como uma figura que subvertia o conceito de faça o bem e será recompensado, faça o mal e será punido - já que ele podia fazer qualquer coisa e alterar qualquer resultado - mas um fator fez com que fosse não só usado como o Diabo mas reconhecido como sua própria encarnação por parte dos jesuítas: Exu gosta de sangue.

É costume que, em oferendas, o sangue de animais seja o último ingrediente.

Como, porém, essa base filosófica africana foi esquecida na prática pelos brasileiros, existe certo temor e preconceito com relação a Exu. Isso se revela no temor que os babalorixás (sacerdotes que dirigem a Umbanda ou um Candomblé) têm em identificar alguém como filho

de Exu, ou seja, como pessoas cuja energia básica é a mesma do mensageiro dos deuses. Reforçam-se assim, os mitos de desgraça que ronda a figura de Exu.

A Pomba-gira, figura comum nos cultos de Umbanda e presente em diversos Candomblés, dada a grande intercomunicação entre as duas vertentes, não passa, de um Exu Feminino, onde estão em destaque o senso de humor debochado, a voluptuosidade e sensibilidade desenfreada, usando cabelos soltos, saias rodadas e vaidosas flores na cabeça. Sua dança é uma gira frenética, desenfreada, violenta até, com quase nenhum controle - sem compostura , de acordo com a visão ocidental.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE EXU

São muitas as pessoas que têm Exu, como fonte energética principal, mas são poucas as que o sabem. É comum um certo temor do pai-de-santo em comunicar ao iniciado que é um filho de Exu (englobado na Linha das Almas), após a confirmação do jogo de búzios. Acontece que os mitos ocidentais e orientais de perigo e desgraça que andam junto de Exu, fazem com que a pessoa que está sob a égide desse Orixá seja considerada uma perseguida da sorte, marcada pelo destino, e são comumente apontados como sofredores, como se ligados ao mal ou ao padecimento.

O arquétipo psicológico associado aos filhos de um Orixá é a síntese das características comportamentais que fazem parte de cada Orixá e que são atribuídas aos seus filhos. Não deve ser encarado como camisa de força que limite os seres humanos, mas guias de comportamento. Essas guias de comportamento ou matrizes , são os Orixás.

No caso dos filhos de Exu, suas características principais seriam a ambivalência e o relativismo, a falta de posturas morais rígidas e inabaláveis, preferindo certo apego à maleabilidade e ao pragmatismo que faz cada situação ser encarada como totalmente independente de outra, cada uma, portanto, merecendo uma saída diferente

ORI

ORI MI O!

SE RERE FUN MI!

MEU ORI!

SE ALEGRE COMIGO!

Para termos idéia quanto a importância e precedência do ORI em relação aos demais ORISA, um Itan do ODU OTURA MEJI, ao contar a história de um ORI que se perdeu no caminho que o conduzia do ORUN para o AIYE, relata: "... OGUN chamou ORI e perguntou-lhe, "Você não sabe que você é o mais velho entre os ORISA? Que você é o líder dos ORISA?'..." . Sem receio podemos dizer, "ORI mi a ba bo ki a to bo ORISA", ou seja, "Meu ORI, que tem que ser cultuado antes que o ORISA" e temos um oriki dedicado à ORI que nos fala que " Ko si ORISA ti da nigbe leyin ORI eni", significando, "... Não existe um ORISA que apóie mais o homem do que o seu próprio ORI...".

Quando encontramos uma pessoa que, apesar de enfrentar na vida uma série de dificuldades relacionadas a ações negativas ou maldade de outras pessoas, continua encontrando recursos internos, força interior extraordinária, que lhe permitam a sobrevivência e, inclusive, muitas vezes, mantém resultados adequados de realização na vida , podemos dizer, "ENIYAN KO FE KI ERU FI ASO, ORI ENI NI SO NI", ou seja, "as pessoas não querem que você sobreviva, mas o seu ORI trabalha para você", trazendo, essa expressão, um indicador muito importante de que um ORI resistente e forte é capaz de cuidar do homem e garantir-lhe a sobrevivência social e as relações com a vida, apesar das dificuldades que ele enfrente. Esta é a razão pela qual o BORI, forma de louvação e fortalecimento do ORI utilizada em nossa religião, é utilizado muitas vezes, precedendo ou, até, substituindo um EBO. Isso se faz para que a pessoa encontre recursos internos adequados, esta força interior de que falamos, seja à adequação ou ajustamento de suas condições frente às situações enfrentadas, seja quanto ao fortalecimento de suas reservas de energia e conseqüente integração com suas fontes de vitalidade.

É importante dizer que é o ORI que nos individualiza e, por conseqüência, nos diferencia dos demais habitantes do mundo. Essa diferenciação é de natureza interna e nada no plano das aparências físicas nos permite qualquer referencial de identificação dessas diferenças. . Sinalizando essa condição, talvez uma das maiores lições que possamos receber com respeito à ORI possa ser extraída do Itan ODU OSA MEJI, que reproduzimos a seguir e que é a resposta que foi dada por IFA para Mobowu, esposa de OGUN, quando ela foi lhe consultar:

"ORI buruku ki i wu tuulu.

A ki i da ese asiweree mo loju-ona.

A ki i m' ORI oloye lawujo.

A dia fun Mobowu Ti i se obinrin Ogun.

ORI ti o joba lola, Enikan o mo Ki toko-taya o mo pe'raa won ni were mo.

ORI ti o joba lola, Enikan o mo."

TRADUÇÃO

"Uma pessoa de mau ORI não nasce com a cabeça diferente das outras.

Ninguém consegue distinguir os passos do louco na rua.

Uma pessoa que é líder não é diferente E também é difícil de ser reconhecida.

É o que foi dito à Mobowu, esposa de OGUN, que foi consultar IFA.

Tanto esposo como esposa não deviam se maltratar tanto, Nem fisicamente, nem espiritualmente.

O motivo é que o ORI vai ser coroado E ninguém sabe como será o futuro da pessoa."

Para os yoruba o ser humano é descrito como constituído dos seguintes elementos: ARA, OJIJI, OKAN, EMI e ORI.

ARA é corpo físico, a casa ou templo dos demais componentes. OJIJI é o "fantasma" humano, é a representação visível da essência espiritual. OKAN é o coração físico, sede da inteligência, do pensamento e da ação. EMI, está associado a respiração, é o sopro divino. Quando um homem morre, diz-se que seu EMI partiu.

ORI é o ORISA pessoal, em toda a sua força e grandeza. ORI é o primeiro ORISA a ser louvado, representação particular da existência individualizada (a essência real do ser). É aquele que guia, acompanha e ajuda a pessoa desde antes do nascimento, durante toda vida e após a morte, referenciando sua caminhada e a assistindo no cumprimento de seu destino.

ORI em yoruba tem muitos significados - o sentido literal é cabeça física, símbolo da cabeça interior (ORI INU). Espiritualmente, a cabeça como o ponto mais alto (ou superior) do corpo humano representa o ORI.

Enquanto ORISA pessoal de cada ser humano, com certeza ele está mais interessado na realização e na felicidade de cada homem do que qualquer outro ORISA. Da mesma forma, mais do que qualquer um, ele conhece as necessidades de cada homem em sua caminhada pela vida e, nos acertos e desacertos de cada um, tem os recursos adequados e todos os indicadores que permitem a reorganização dos sistemas pessoais referentes a cada ser humano. Reforçando esta questão temos um oriki que nos diz

"ORI lo nda eni

Esi ondaye ORISA lo npa eni da

O npa ORISA da

ORISA lo pa nida

Bi isu won sun

Aye ma pa temi da

Ki ORI mi ma se ORI

Ki ORI mi ma gba abodi"

TRADUÇÃO

"ORI é o criador de todas as coisas

ORI é que faz tudo acontecer, antes da vida começar

É ORISA que pode mudar o homem

Ninguém consegue mudar ORISA

ORISA que muda a vida do homem como inhame assado

AYE*, não mude o meu destino

Para que o meu ORI não deixe que as pessoas me desrespeitem

Que o meu ORI não me deixe ser desrespeitado por ninguém

Meu ORI, não aceite o mal."

(* AYE - conjunto das forças do bem e do mal)

Como foi dito, não existe um ORISA que apoie mais o homem do que o seu próprio ORI: um trecho do adura (reza) feito durante o assentamento de um IGBA-ORI diz:

"KORIKORI,

Que com o ase do próprio ORI,

O ORI vai sobreviver

KOROKORO

Da mesma forma que o ORI de Afuwape sobreviveu,

O seu sobreviverá. ..

Ele será favorável a você.

Tudo de que você precisa,

Tudo o que você quer para a sua vida,

É ao seu ORI que você deverá pedir.

É o ORI do homem que ouve o seu sofrimento..."

O que é então ORI, de que a natureza é constituído e qual o seu papel na vida do homem? Em primeiro lugar, acredita-se que o corpo humano é constituído de duas partes: a cabeça e o suporte - ORI e APERE. Acredita-se que este corpo adquire existência na medida em que recebe de OLODUNMARE o sopro vivificador - o EMI.

Este sopro foi o agente do processo da criação em seu primeiro momento e tem sido o responsável pela geração e continuidade de toda a vida no universo.

Este modelo descrito e de entendimento abrangente para todas as formas de vida é repetido no ser humano. A cabeça e o seu suporte, ORI-APERE são formados a partir dos elementos matrizes, enquanto o ORI-INU, interior, representa, na sua constituição, uma combinação de elementos, porções de matéria-massa que é particularizada durante o processo de modelagem de cada ORI. Ele é único e, por conta disso, particulariza e dá individualização à existência. Essa

combinação "química" definirá parte das relações do homem com o mundo sobrenatural e a religião, na medida em que determina o seu ELEDA, ORISA - símbolo do elemento cósmico de formação, a que chamamos, adiante, de IPORI, daquele ORI-INU em particular.

No Brasil vimos, com certa frequência, o ELEDA ser chamado de ORISA-ORI, simplificação da relação aqui exposta. ELEDA segundo Juana Elbein dos Santos em Os Nagô e a Morte, "se refere à entidade sobrenatural, à matéria-massa que desprendeu uma porção da mesma para criar um ORI, consequentemente Criador de cabeças individuais..."

Segundo a autora também, "A espécie de material com o qual são modelados os ORI individuais indicará que tipo de trabalho é mais conveniente, proporcionando satisfação e permitindo a cada um alcançar prosperidade. Indica também as interdições - EWO - aquilo que lhe é proibido comer, por causa do elemento com o qual o seu ORI foi modelado".

Ou seja, os EWO representam a proibição de que o indivíduo "coma" alimentos que contenham a mesma "matéria" da qual foi retirada uma porção para modelagem do seu ORI. A não observância da interdição traduz-se por uma disfunção energética de consequências profundamente negativas para o equilíbrio do indivíduo, seja do ponto de vista orgânico, seja do ponto de vista do mundo emocional, seja quanto as suas condições de realização do "programa" particular de existência.

Falamos até aqui sobre a natureza e a constituição do ORI. Agora, qual o seu papel na vida do homem? O conceito de ORI está intimamente ligado ao conceito de destino pessoal e à instrumentalização do homem para a realização deste destino. Um Itan do ODU OGUNDA MEJI, nos dá a exata dimensão da matéria quando nos relata sobre a correspondência entre o ORI e o homem e a relação de causa e efeito existente nesta correspondência:

"...ORI, eu te saúdo!

Aquele que é sábio,

Foi feito sábio pelo próprio ORI.

Aquele que é tolo,

Foi feito mais tolo que um pedaço de inhame,

Pelo próprio ORI..."

No ODU OGBEYONU (Ogbe Ogunda) vamos encontrar ainda, "...Quando acordo pela manhã coloco minha mão no ORI. ORI é fonte de sorte. ORI é ORI!...". e um oriki dedicado à ORI, mostrando o papel que ORI tem na vida de cada pessoa quanto as suas relações interpessoais, suas relações com as outras pessoas, e as suas condições de realização e progresso em todos os empreendimentos da vida, nos diz:

"ORI mi

Mo ke pe o o

ORI mi

A pe je

ORI mi

Wa je mi o

Ki ndi olowo o

Ki ndi olola

Ki ndi eni a pe sin

Laye

O, ORI mi

Lori a jiki

ORI mi lori a ji yo mo

Laye"

TRADUÇÃO

Meu ORI

Eu grito chamando por você

Meu ORI,

Me responda

Meu ORI,

Venha me atender

Para que eu seja uma pessoa rica e próspera

Para que eu seja uma pessoa a quem todos respeitem

Oh, meu ORI!

A ser louvado pela manhã,

Que todos encontrem alegria comigo"

Toda existência no universo da Criação se processa em dois planos: O mundo visível, o AIYE, universo concreto que habitamos, e o mundo invisível, ORUN, onde habitam os seres sobrenaturais e os " duplos" de tudo o que se encontra manifestado no AIYE. Não são, como é possível pensar, mundos independentes ou rigidamente separados. Na realidade podemos

afirmar que o AIYE é, antes de mais nada, uma "projeção" da realidade essencial que tem existência e se processa no ORUN.

Como diz a Profa. Dra. Iyakemi Ribeiro, em seu livro "Alma Africana no Brasil: os iorubás", "Para o negro-africano o visível constitui manifestação do invisível. Para além das aparências encontra-se a realidade, o sentido, o ser que através das aparências se manifesta. Sob toda manifestação viva reside uma força vital: de Deus a um grão de areia, o universo africano é sem costura. (Erny, 1968:19) Universo de correspondências, analogias e interações, no qual o homem e todos os demais seres constituem uma única rede de forças."

É necessário entender, assim, que AIYE e ORUN constituem uma unidade e, enquanto expressões de dois níveis de existência, são inseparáveis e complementares. Essa unidade é simbolizada pelo IGBA-ODU, cabaça formada de duas metades unidas onde a parte inferior representa o AIYE e a parte superior representa o ORUN. No interior, os "elementos indispensáveis à existência individualizada". Poderia ser representada por uma figura e sua imagem refletida no espelho - há plena identidade entre elas, uma é apenas a imagem invertida da outra.

Podemos dizer nessa figuração que o AIYE é a imagem refletida do ORUN. Essa analogia provavelmente explica a situação conhecida de que os ODU, quando vieram do ORUN para o AIYE, tiveram sua ordem de precedência invertida. Ou seja, muito embora no AIYE considere-se EJIOGBE MEJI como o mais antigo dos ODU, todo Babalawo saúda OFUN MEJI, ou ORANGUN MEJI como é também conhecido, em sua realeza, dizendo: eepa ODU!, louvando assim sua antiguidade e sua precedência efetiva.

Temos assim que toda existência no AIYE reflete uma realidade anterior existente no ORUN. A existência no AIYE implica em processar-se uma "modelagem" anterior no ORUN, a partir da qual porções de matérias-massas que constituem a base da existência genérica são tomadas em fragmentos particulares e vão constituir a manifestação dessa existência em forma individualizada no AIYE.

Esses elementos matrizes possuem, por conseqüência, dupla existência: uma parcela presente no ORUN e a outra parcela dando vitalidade ou formação às diferentes partes que formam a "realidade" individualizada de vida. A esses fragmentos particulares retirados da massa genitora chamamos IPORI e é ele, IPORI, que determinará o ORISA que cada indivíduo cultuará no AIYE, condicionando também sua instrumentalização particular na relação com a vida e o repertório possível de escolhas que possa realizar.

Aqui é importante reforçarmos que ORUN não tem o mesmo significado que céu, assim como AIYE não tem a mesma representação que terra. ORUN - AIYE nos trazem conceitos muito diferentes do binômio céu - terra a que possamos ter nos acostumado pelas condições sincréticas que a religião dos ORISA terminou por apresentar no Brasil. Ao par céu - terra corresponde os conceitos de SANMO - ILE.

A RESPEITO DO DESTINO HUMANO

Podemos perceber que a compreensão sobre o papel que ORI desempenha na vida de cada homem está intimamente relacionado à crença na predestinação - na aceitação de que o sucesso ou o insucesso de um homem depende em larga escala do destino pessoal que ele traz na vinda do ORUN para o AIYE. A esse destino pessoal chamamos KADARA ou IPIN e é entendido que o homem o recebe no mesmo momento em que escolhe livremente o ORI com que vai vir para a terra.

ORI desempenha um papel importante para os seguidores de IFA. Nele acredita-se que escolhemos nossos próprios destinos. E nós o fazemos mediante os auspícios do ORISA IJALA MOPIN. A esfera de ação de IJALA é junto a OLODUNMARE e é ele que sanciona as escolhas de destino que fazemos. Essas escolhas são documentadas pelas divindades que chamamos de ALUDUNDUN. Um verso de IFA explica esta questão: "

"Você disse que foi apanhar o seu ORI.

Você sabia onde Afuwape apanhou o seu ORI?

Você poderia ter ido lá para apanhar o seu.

Nós pegamos nossos ORI nos domínios de IJALA,

Assim somente nossos destinos diferem"

IJALA é responsável pela modelação da cabeça humana, e acredita-se que o ORI e o ODU - signo regente de seu destino que escolhemos, determina nossa fortuna ou atribulações na vida, como foi dito. IJALA, embora notável em sua habilidade, não é muito responsável e, por isso, muitas vezes modela cabeças defeituosas: pode esquecer de colocar alguns acabamentos ou detalhes desnecessários, como pode, ao levá-las ao forno para queimar, deixá-las por um tempo demasiado ou insuficiente.

Tais cabeças tornam-se assim, potencialmente fracas, incapazes de empreender a longa jornada para a terra, sem prejuízos. Se, desafortunadamente, um homem escolhe uma dessas cabeças mal modeladas, estará destinando a fracassar na vida.

Durante sua jornada para a terra, a cabeça que permaneceu por tempo insuficiente ou demasiado no forno, poderá não resistir à ação de uma chuva forte e chegará mais danificada ainda. Todo o esforço empreendido para obter sucesso na vida terrena terá grande parte de seus efeitos desviada para reparar tais estragos.

Pelo contrário, se um homem tem a sorte de escolher uma das cabeças realmente boas, tornarem-se próspero e bem sucedido na terra, uma vez que sua cabeça chega intacta e seus esforços redundam em construção real de tudo aquilo que se proponha a realizar.

O trabalho árduo trará, ao homem afortunado em sua escolha, excelentes resultados, já que nada é necessário dispender para reparar a própria cabeça. Assim, para usufruir o sucesso potencial que a escolha de um bom ORI acarreta, o homem deve trabalhar arduamente. Aqueles, entretanto que escolheram um mau ORI têm poucas esperanças de progresso, ainda que passem o tempo todo se esforçando.

Sendo estes os pressupostos, retomamos as perguntas: Como saber se a escolha do próprio ORI foi boa ou má? Pode um homem conhecer as potencialidades da própria cabeça ou da cabeça de outrem?

O Jogo divinatório de IFA possibilita que a pessoa tome conhecimento dos desígnios do próprio ORI, saiba a respeito do ORISA ou IRUNMALE que deve ser cultuado e conheça seus EWO - proibições quanto ao consumo de alimentos, uso de cores e condutas morais.

Muitas referências são feitas às relações entre ORI e o destino pessoal. O destino descrito como IPIN ORI - a sina do ORI - pode ser dividido em três partes: AKUNLEYAN, AKUNLEGBA E AYANMO.

AKUNLEYAN é o pedido que você fez no domínio de IJALA - o que você gostaria especificamente durante seu período de vida na terra: o número de anos que você desejaria passar na terra, os tipos de sucesso que você espera obter, os tipos de parentes que você deseja.

AKUNLEGBA são aquelas coisas dadas a um indivíduo para ajudá-lo a realizar esses desejos. Por exemplo: uma criança que deseja morrer na infância pode nascer durante uma epidemia para garantir a morte dele ou dela.

AYANMO é aquela parte do nosso destino que não pode ser mudada: nosso gênero (sexo) ou a família em que nascemos, por exemplo

Ambos, AKUNLEYAN e AKUNLEGBA podem ser alterados ou modificados quer para bom ou para mau, dependendo das circunstâncias.

Assim o destino descrito como IPIN ORI - a sina do ORI pode sofrer alterações em decorrência da ação de pessoas más chamadas como ARAYE - filhos do mundo, também chamadas AIYE - o mundo ou ainda, ELENINI - implacáveis (amargos, sádicos, inexoráveis) inimigos das pessoas.

Entre estes encontram-se as AJE - bruxas, os OSO - feiticeiros, os envenenadores e todos aqueles que se dedicam a práticas malignas com intuito de estragar qualquer oportunidade de sucesso humano.

Sacrifício e ritual podem ajudar a melhorar as condições desfavoráveis que podem ter resultados destas maquinações maléficas imprevisíveis.

Todo ORI, embora criado bom, acha-se sujeito a mudanças. Vimos que feiticeiros, bruxas, homens maus e a própria conduta podem transformar negativamente um ORI, sendo sinal dessa transformação uma cadeia interminável de infelicidades na vida de um homem a despeito de seus esforços para melhorar.

O ORI, entidade parcialmente independente, considerado uma divindade em si próprio, é cultuado entre outras divindades, recebendo oferendas e orações. Quando ORI INU está bem, todo o ser do homem está em boas condições.

Como foi dito, nossos ORI espirituais são por eles mesmos subdivididos em dois elementos: APARI-INU e ORI APERE - APARI-INU representa o caráter (natureza), ORI APERE representa o destino.

Um indivíduo pode vir para a terra com um destino maravilhoso, mas se ele ou ela vem com mau caráter (natureza), a probabilidade de desempenho (cumprimento, execução) desse destino é severamente comprometida.

O destino também pode ser afetado, então, pelo caráter da própria pessoa. Um bom destino deve ser sustentado por um bom caráter.

Este é como uma divindade: se bem cultuado concede sua proteção. Assim, o destino humano pode ser arruinado pela ação do homem. IWA RE LAYE YII NI YOO DA O LEJO, ou seja, - "Seu caráter, na terra, proferirá sentença contra você".

No ODU de OGBEOGUNDA, IFA diz:

"Um pilão realiza três funções

Ele tritura inhame

Ele tritura índigo

Ele é usado como uma tranca atrás da porta

Foi feito um jogo adivinhatório para Oriseku, Ori-Elemere e Afuwape

Quando eles foram escolher seus destinos nos domínios de IJALA - MOPIN

Foi solicitado para eles que realizassem rituais

Somente Afuwape realizou os rituais que foram solicitados

Ele, em consequência, tornou-se muito afortunado

Os outros lamentaram, disseram que se soubessem onde Afuwape escolheria seu ORI, eles teriam ido até lá para escolher os seus também.

Afuwape respondeu que, embora seus ORI fossem escolhidos no mesmo lugar, seus destinos é que diferiam."

A questão que aí se apresenta é que somente Afuwape mostrou bom caráter. Respeitando sua crença e realizando seus sacrifícios, ele trouxe as bençãos potenciais de seu destino para a efetiva realização. Seus amigos Oriseku e Ori-Elemere falharam em mostrar bom caráter pela recusa em realizar seus rituais e, por isso, suas vidas sofreram as consequências.

O nome IPIN está igualmente associado à ORUNMILA, conhecido como ELERI-IPIN - o Senhor do Destino e que é aquele que esteve presente no momento da criação, conhecendo todos os ORI, assistindo o compromisso do homem com seu destino, os objetivos de cada um

no momento de sua vinda para o AIYE, o programa particular de desenvolvimento de cada ser humano e sua instrumentalização para o cumprimento desse programa.

ORUNMILA conhece todos os destinos humanos e procura ajudar os homens a trilhar seus verdadeiros caminhos. Temos, assim, que um dos papeis mais importantes de IFA em relação ao homem, além de ser o intérprete da relação entre os ORISA e o homem, é o de ser o intermediário entre cada um e o seu ORI, entre cada homem e os desejos de seu ORI. Apenas como registro, é preciso entender que esse mesmo papel ORUNMILA tem na relação com os demais ORISA, sendo o intermediário entre cada um e o seu ORI. E ORUNMILA, Ele mesmo, consulta IFA!

Nos momentos de crise, a consulta ao oráculo de IFA permite acesso a instruções a respeito dos procedimentos desejáveis, sendo considerados bons procedimentos os que não entram em desacordo com os propósitos do ORI.

O ser que cumpre integralmente seu IPIN-ORI (destino do ORI), amadurece para a morte e, recebendo os ritos fúnebres adequados, alcança a condição de ancestral ao passar do AIYE para o ORUN.

Há a crença na existência de duas áreas ocupadas por espíritos dos mortos: ORUN RERE - o bom "céu", habitado pelas divindades e ancestrais, e ORUN APAADI - o "céu" de muitas infelicidades, habitado pelos infelizes que sofreram má sorte e pelos maus, julgados pelo Ser Supremo, segundo o ser caráter. Estes últimos ficam condenados à solidão e ao esquecimento, sem direito a lembrança ou a aparecerem em sonhos e visões - morrem totalmente.

ORUN RERE, por outro lado, é prazeroso e sereno, vivendo os espíritos numa comunidade composta de parentes e amigos. Podem também permanecer junto aos familiares e intervir em suas atividades diárias, sendo-lhes permitido reencarnar em alguma criança nascida no âmbito familiar.

A respeito do ORI, resta ainda lembrar que trata-se de uma divindade pessoal, a mais interessada de todas no bem estar de seu devoto. Se o ORI de um homem não simpatiza com sua causa, aquilo que ele deseja não pode ser concedido nem por OLODUNMARE, nem pelos ORISA.

Da mesma forma se o caráter de um indivíduo é mau, sua escolha de destino pode não se realizar. Se nossa situação é realmente de um mau destino, e não é uma consequência de nosso caráter ou comportamento, então nosso ORI-APERE precisa ser apaziguado.

Oferendas prescritas ou rituais devem ser realizados para nos trazer de volta a um alinhamento saudável.

Considera-se vital para todo homem recorrer a IFA, sistema divinatório de consulta a ORUNMILA, a intervalos regulares para tomar conhecimento do que agrada ou desagrada o próprio ORI. Enquanto intermediário entre a pessoa e as divindades (entre as quais o próprio ORI)

IFA não apenas informa sobre os desejos divinos mas também conduz os sacrifícios ofertados às divindades para que estas possam cumprir seu papel: ajudar os ORI a conduzirem as pessoas à realização do próprio destino.

Se as coisas estão indo mal em sua vida, antes de apontar um dedo acusador para as bruxas, para feitiços ou para seus inimigos, examine sua natureza.

Se Você tem por hábito maltratar as pessoas ou não considerar seus sentimentos, não procure qualquer felicidade ou sorte em sua vida, não importando o quanto Você possa ser bem sucedido materialmente.

Se, por outro lado, Você ajuda os outros e dá felicidade a eles, sua vida será cheia, não só de riquezas mas também de alegria e felicidade. No entanto, lembre-se, é decididamente muito mais fácil alterar seus destino do que sua natureza.

"Por toda parte onde ORI seja próspero, deixe-me estar incluído,

Por toda parte onde ORI seja fértil, deixe-me estar incluído,

Por toda parte onde ORI tenha todas as coisas boas da vida, deixe-me estar incluído.

ORI, coloque-me em boa situação na vida,

Que meus pés me conduzam para onde as coisas me sejam favoráveis.

Para onde IFA está me levando eu nunca sei

Jogaram para Assore no início de sua vida.

Se há qualquer condição melhor do que aquela em que estou no presente,

Que possa meu ORI não falhar em colocar-me nela.

Meu ORI, me ajude! Meu ORI, faça-me próspero!

ORI é o protetor do homem antes das divindades."

BORI (BO ORI)

BORI é o ritual de "dar comida" ou alimentar o ORI (bo ORI). Deve ser sempre precedido de um jogo que defina sua necessidade e, ao mesmo tempo, oriente o sacerdote sobre os procedimentos particulares para o caso, os ingredientes a serem utilizados naquela situação e o encaminhamento adequado a ser dado para aquela necessidade.

Assim, pode-se realizar um BORI apenas com um ou dois obi e água ou com todo um conjunto de alimentos e a louvação de objetos-símbolos especialmente sacralizados para a ocasião

É importante entender que sempre que se louva algum tipo de alimento no ORI de alguém está se procedendo a alimentação daquele ORI.

O BORI pode se apresentar como necessário para alguém em função de algumas situações.

Entre elas:

• como processo de religação do ORI com o seu duplo no ORUN,

• como resposta à condições de "stress" ou fragilização das estruturas psicológicas do indivíduo resultantes de situações particulares de vida,

• como ritual propiciatório ou complementar a um ebo,

• como ritual propiciatório a processos iniciáticos,

• como resposta a uma necessidade espiritual resultante de feitiço ou destino,

• como indicação de algum Odu (IFA), a partir da interpretação das condições ligadas ao personagem mítico que se apresenta em um dos Itan correspondentes ao Odu.

Pode-se, no geral das situações, estabelecer um ritual básico a ser seguido, não significando isso que o sacerdote deva entender esse ritual básico como limitador da sua ação ou fórmula a ser seguida em todos os casos e situações.

É importante lembrar sempre que o uso e a combinação dos elementos a serem utilizados deve levar em conta as propriedades excitantes (gun) ou calmantes (ero) de cada elemento que está sendo manipulado.

Ori Um dia, Òlorun convocou os Irúnmonle para transmitir o Àsè do destino a cada um deles. Todos os Òrisà queriam o asè e foram procurar seus adivinhos para saber como fariam para obter esta força.Então foi recomendado que, ao levantar antes do sol nascer, cada um deveria oferecer um Obì e com ele jogar.O único que conseguiu acordar antes do sol nascer foi Orí, e fez o que havia sido prescrito.Os outros Òrisà só conseguiram acordar depois que o sol havia nascido, e , Orí já se encontrava diante de Òlorun aprendendo a manipular o destino.Os outros Òrisà ficaram inconformados e foram procurar Eledunmare e este concordou em transmitir o mesmo Àsè a eles também; Então chamou Orí e juntos transmitiram Àsè aos Òrisà.A Sàngó ficou o domínio dos raios e ventos, a Oyà, as tempestades, raios e ventanias, a Osun a fertilidade, as águas, a riqueza, a Ògún o domínio das guerras, da caça, dos metais e dos caminhos, etc...Ficou assim ,Orí , o único detentor de todos os poderes inclusive o de manipular o destino, tornando-se o Òrisà mais importante em relação aos outros Òrisà.Orí transmitiu seu Àsè à cabeça de cada Imonlè, que a partir de então passaram a ser cultuados como Òrisà e assim como até hoje .”A partir deste itan entendemos que cada ser criado por Eledunmare possui o seu Orí, seu destino, algo que é individual, é como a impressão digital de cada ser.É Orí que detém o poder desde antes do ser tomar forma, é ele o primeiro a vir ao mundo quando do momento do nascimento e que o acompanha até mesmo após a morteSe meu Orí não permitir que eu seja ajudado(a), eu não serei.Se meu Orí não permitir que meu Òrisà receba oferenda, ele não receberá.Se meu Orí não permitir que eu trilhe determinado,eu não o farei.Assim sendo, Orí é importantíssimo, o primeiro a ser cultuado, todos os dias pela manhã eu seguro minha cabeça e recomendo a meu Orí que me permita realizar meus intentos.

SIGNIFICADO DE ORÍ Por seu grau de importância, nas esculturas africanas, a cabeça é desproporcionalmente maior que seu corpo Orí, cabeça física, é a parte essencial do corpo humano, quando Nos referimos a funções vitais, é encarregado ainda de sediar a percepção – através dos cinco sentidos além da razão e emoção. É o receptáculo e difusor das idéias, opiniões, emoções e sofrimentos do indivíduo.Relativo ao culto, já percebe que também é à parte primor –dial na concepção de destino – sorte e infortúnio, e é onde a personalidade encontra-se acolhida.Uma das formas de demonstração de reconhecimento de sua Importância, é o seu culto, que se faz através de orações matinais e oferendas regulares.Toda força que uma pessoa tem está na cabeça. Espiritualmente ela é dividida e ORÍ ODE – cabeça física e ORÍ INÚ – cabeça interior. A primeira, possui atributos relativos a sabedoria medicinal e a parte de Orí que se presta aos rituais de iniciação, a segunda tem como fi-nalidade absorver a sabedoria divina- ligada a Ifá – e é a essência da personalidade.Orí tem atribuiçãoes genéricas, mas cada um possui a sua individualidade. Olóri rere – cabeça boa que recebeu Orí bom e Olorí buruku – cabeça fraca cujo destino pode ser sinuoso. Vale ressaltar que nenhum Orí é essencialmente mau, o destino é fator que pode afetá-lo.Criado por ÀJÀLÀ, Orí Inú é a essência espiritual, é imortal e controla Orí ODE . É o Orí Inú que determina as condições de Orí Ode, que muitas vezes podem ser contrárias às do Òrisà . Orí inú e Orí ode detém fatores contraditórios em sua natureza e o objetivo do culto de Orí, em especial, o Bori, é preservar o equilíbrio. O bom Orí é o fatopr determinante da vida do homem sobre a terra.

SIGNIFICADO DOS ELEMENTOS UTILIZADOS NO BORÌ

O ebò oferecido a cabeça (BORI) é encaminhado a Olódùmàrè, através de Esù, sob a forma de uma “menssagem codificada” onde cada elemento utilizado tem um significado lógico, pertencente a cadeia hierárquica da vida dentro do Universo de acordo com a variedade de Àsè : Negro , Branco , e Vermelho , agindo em relação direta com a nescessidade de cada ser.

OBÌ ABATA– (vegetal, vermelho e branco) – De uso fundamental no ritual, é considerado o primeiro alimento do imonlè.Busca o seu poder oracular, além de fazer uso de sua finalidade principal."Obì existe para alimentar todo o ser“. Obì proporciona força e vida longa.o

ÒRÒGBÒ –(vegetal, branco) – Também utilizado como alimento do imonlè, garante a saúde e a força do ser . “ÀRÙN KÁRÙN KÌ Í WO INÚ ÒRÒGBÒ “ – Adoença nunca entra em òròg bò.o

OMI-(água)(mineral, branco) – A água é a representação da fertilidade feminina, veículo de ligação e comunicação com o imonlè. É o que garante a harmonia ou a calmaria.Não há oferenda sem água.o

OTIN-(gin)(vegetal, branco)– Sua representação refere-se a força do sêmen masculino. Transformação da matéria (Egúngun).o

EPO –(dendê)(vegetal , vermelho) – È o elemento apaziguador que representa a fertilidade feminina, o poder de gestação das ÌYÁ-ÁGBÀ A força dinâmica dos descendentes.

ÒYIN-(mel)(vegetal, vermelho)– Elemento de riqueza, de beleza e de doçura. Quando mel, sangue das folhas recolhido pelas abelhas, através de um sistema de união e rígida hierarquia.

No caso do melado de cana, apesar de ser um elemento de riqueza, e de doçura, está intrinsecamente relacionado a descendência por se tratar de um processo de transformação de matéria original .

EKÒ-(acaçá)(vegetal,branco)- Pasta branca preparada a base de farinha de milho branco, simbolizando a fecundidade e a descendência genérica. Sendo reunida para nova formação, representa a matéria original transformada. Como oferenda identifica o SER.

ÒRI-(vegetal, branco) – Vitex Doniana VERBENACEAE. A madeira é marrom bem clara. Há flores cabeludas, amareladas ou brancas com corola e lóbulos azul-purpúreos. As frutas maduras se assemelham a ameixas pretas. O le-af fervidoé comido como um legume.o

OSÙN-(vegetal , vermelho)- Pó vermelho, extraído da árvore Dracena Mannii AGAVACEAE através da ação natural dos cupins ou da serragem que representa a fecundidade e a descendência genérica. É uma árvore de abundantes ramos. As flores são cheirosas e de pétalas grandes. Há frutas vermelhas.o EFUN -(mineral , branco)- Giz ou pó de giz freqüentemente usado na adoração a Òrisàálà. Redondos bolos de giz . Representa a serenidade do amanhecer e a relação do homem com a terra.

WÁJI, ÈLÚ OU ARO -(vegetal , negro)- Lonchucarpus Cyanescens, tinta azul em forma de pó petrificado de origem vegetal o qual busca a representação do sangue negro, simbolizando a noite e a relação de ancestres ligados a própria escuridão. As partes frescas são contundi- Das a uma polpa, fermentada, seca e vendida nesta forma, as folhas somente são secadas ao sol e são usadas em um estado quebradiço.

IYEROSUN-(vegetal , vermelho)- Pó produzido pelo trabalho de um tipo de cupim ou da serragem da árvore sagrada BAPHIA NÍTIDA, Leguminosae Papilionoideae . É neste pó que são riscados os símbolos dos Odu, veiculando a sabedoria de Ifà compreendida por Olódumàré.

As favas sementes, detêm características diversas e propriedades que transcedem a sabedoria do ser desprovido do conhecimento de Orumilà.Como por exemplo podemos citar as que são mais utilizadas neste caso :

AYO/OSO -Tem a finalidade de agregar o poder feiticeiro.

ALIBÈ - Atrair proteção, relativa ao poder de Sàngó.

ABERE - Atrair riqueza/abundância, relativa ao poder de Osun.

ÀRIDÒN – Atrair saúde.

ÒPELÈ - Simboliza o mensageiro de Ifá .

ATAARE – Pimenta da Costa. Força/Asè de realização determinante daquilo que se pretende “ATAARE NÍ K’O MÁA TARÍ IBI KÚRÒ L’ÓNÀ “ – “Ataare diz que o mal deve sempre ser afastado para longe do meu caminho “

As Frutas - assim como as favas, também possuem características individuais e propriedades diversas. É nescessário se ter a sabedoria de Orunmilà para identificá-las. Observe ÒGÈDÈ , denominação dada a banana, significa encantamneto. Fruta de interior macio “ÒGÈDÈ ABO KI Í J’AYÉ ÌNIRA.

ÈSO KAN - Maçã

ÈSO ÒRÒ - Pêra

ÀJARÀ –Uvao

NJE GBÍGBE – (comidas secas) - Referem-se, basicamente ao alimento do ancestral que no caso deste trabalho – Orí – tem uma relação com o Ser Individual.o

Os demais elementos, são igualmente utilizados a partir da sua rela- ção de significado, com as necessidades elementais para aquele determinado Orí.

OWO EYO (búzios) – Que representavam riqueza, tendo sido inclusive, usado como moeda durante determinado tempo, e descendência onde seu uso reporta aos primórdios a ação atual da soberania temporal. O objetivo de seu uso é manter rela~ção de ancestralidade.

OWO (moeda) - Representa riqueza na atualidade. Busca a relação do descendente com o seu ancestral. Em quanto o búzio faz relação ancestral com seu descendente.

Os animais possuem suas representações específicas:

ADIE (galinha) – PROSPERIDADE, FILHOS, CASAMENTO

AKUKO (galo) – BOA SAÚDE, TIRAR DESGRAÇAS, VENCER

ETU (galinha d’angola) – PROSPERIDADE

IGBIN (caracol) - PLACIDEZ

EYELE (pombo) DINHEIRO, SORTE, SAÚDE, VIDA LONGA

EJA (peixe) - TRAZ A RELAÇÃO DA ABUNDÂNCIA NA QUANTIDADE DE ESCAMAS E FERTILIDADE PELA NATUREZA REPRODUTIVA.

OGUM

O PERFIL DO ORIXÁ

Divindade masculina ioruba, figura que se repete em todas as formas mais conhecidas da mitologia universal. Ogum é o arquétipo do guerreiro. Bastante cultuado no Brasil, especialmente por ser associado à luta, à conquista, é a figura do astral que, depois de Exu, está mais próxima dos seres humanos. Foi uma das primeiras figuras do candomblé incorporada por outros cultos, notadamente pela Umbanda, onde é muito popular. Tem sincretismo com São

Jorge ou com Santo Antônio, tradicionais guerreiros dos mitos católicos, também lutadores, destemidos e cheios de iniciativa.

A relação de Ogum com os militares (é considerado o protetor de todos os guerreiros) tanto vem do sincretismo realizado com São Jorge, sempre associado às forças armadas, como da sua figura de comandante supremo ioruba. Dizem as lendas que se alguém, em meio a uma batalha, repetir determinadas palavras (que são do conhecimento apenas dos iniciados), Ogum aparece imediatamente em socorro daquele que o evocou. Porém, elas (as palavras) não podem ser usadas em outras circunstâncias, pois, tendo excitado a fúria por sangue do Orixá, detonaram um processo violento e incontrolável; se não encontrar inimigos diante de si após te sido evocado, Ogum se lançará imediatamente contra quem o chamou.

Ogum não era, segundo as lendas, figura que se preocupasse com a administração do reino de seu pai, Odudua; ele não gostava de ficar quieto no palácio, dava voltas sem conseguir ficar parado, arrumava romances com todas as moças da região e brigas com seus namorados.

Não se interessava pelo exercício do poder já conquistado, por que fosse a independência a ele garantida nessa função pelo próprio pai, mas sim pela luta.

Ogum, portanto, é aquele que gosta de iniciar as conquistas mas não sente prazer em descansar sobre os resultados delas, ao mesmo tempo é figura imparcial, com a capacidade de calmamente exercer (executar) a justiça ditada por Xangô. É muito mais paixão do que razão: aos amigos, tudo, inclusive o doloroso perdão: aos inimigos, a cólera mais implacável, a sanha destruidora mais forte.

Segundo as pesquisas de Monique Augras, na África, Ogum é o deus do ferro, a divindade que brande a espada e forja o ferro, transformando-o no instrumento de luta. Assim seu poder vai-se expandindo para além da luta, sendo o padroeiro de todos os que manejam ferramentas: ferreiros, barbeiros, tatuadores, e, hoje em dia, mecânicos, motoristas de caminhões e maquinistas de trem. É, por extensão o Orixá que cuida dos conhecimentos práticos, sendo o patrono da tecnologia. Do conhecimento da guerra para o da prática: tal conexão continua válida para nós, pois também na sociedade ocidental a maior parte das inovações tecnológicas vem justamente das pesquisas armamentistas, sendo posteriormente incorporada à produção de objetos de consumo civil, o que é particularmente notável na industria automobilística, de computação e da aviação.

Assim, Ogum não é apenas o que abre as picadas na matas e derrota os exércitos inimigos; é também aquele que abre os caminhos para a implantação de uma estrada de ferro, instala uma fábrica numa área não industrializada, promove o desenvolvimento de um novo meio de transporte, luta não só contra o homem, mas também contra o desconhecido.

É pois, o símbolo do trabalho, da atividade criadora do homem sobre a natureza, da produção e da expansão, da busca de novas fronteiras, de esmagamento de qualquer força que se oponha à sua própria expansão.

Tem, junto com Exu, posição de destaque logo no início de um ritual. Tal como Exu, Ogum também gosta de vir à frente. A força de Ogum está tanto na coragem de se lançar à luta como na objetividade que o domina nesses momentos (e o abandona nos momentos de prazer e gozo).

É fácil, nesse sentido, entender a popularidade de Ogum: em primeiro lugar, o negro reprimido, longe de sua terra, de seu papel social tradicional, não tinha mais ninguém para apelar, senão para os dois deuses que efetivamente o defendiam: Exu (a magia) e Ogum (a guerra); segundo Pierre Verger. Em segundo lugar, além da ajuda que pode prestar em qualquer luta, Ogum é o representante no panteão africano não só do conquistador mas também do trabalhador manual, do operário que transforma a matéria-prima em produto acabado: ele é a própria apologia do ofício, do conhecimento de qualquer tecnologia com algum objetivo produtivo, do trabalhador, em geral, na sua luta contra as matérias inertes a serem modificadas .

Ogum gosta do preto no branco, dos assuntos definidos em rápidas palavras, de falar diretamente a verdade sem ter de preocupar-se em adaptar seu discurso para cada pessoa.

Ogum gosta de dormir no chão, precisa que o corpo entre em contato sempre direto com a natureza e dispensa roupas elaboradas e caras, que possam ser complicadas de vestir ou que exijam muito espaço na mochila. Não tem compromisso com ninguém, nem com seus próprios objetos.

A violência e a energia, porém não explicam Ogum totalmente. Ele não é o tipo austero, embora sério e dramático, nunca contidamente grave. Quando irado, é implacável, apaixonadamente destruidor e vingativo; quando apaixonado, sua sensualidade não se contenta em esperar nem aceita a rejeição. Ogum sempre ataca pela frente, de peito aberto, como o clássico guerreiro.

Existem sete tipos diferentes de Ogum, mas Ogum Xoroquê merece um destaque específico, pois é um Orixá masculino duplo, ou seja possui duas formas diferentes de manifestação. É associado à irmandade e afinidade estreita de Ogum com Exu, pois passa seis meses do ano como Ogum e os outros como Exu, sendo considerado guerreiro feroz, irascível e imbatível.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OGUM

Não é difícil reconhecer um filho de Ogum. Tem um comportamento extremamente coerente, arrebatado e passional, aonde as explosões, a obstinação e a teimosia logo avultam, assim como o prazer com os amigos e com o sexo oposto.

Os homens e mulheres que têm Ogum como seu Orixá de cabeça, vão ter comportamentos diferentes, de acordo com os segundos e terceiros Orixás que os influencia ajuntós (adjutores). De qualquer forma , terão alguns traços comuns: são conquistadores, incapazes de fixar-se num mesmo lugar, gostando de temas e assuntos novos, conseqüentemente apaixonados por viagens, mudanças de endereço e de cidade. Um trabalho que exija rotina, tornará um filho de Ogum um desajustado e amargo. São apreciadores das novidades tecnológicas, são pessoas curiosas e resistentes, com grande capacidade de concentração no objetivo em pauta; a coragem é muito grande, a franqueza absoluta, chegando mesmo à falta de tato.

OXÓSSI

O PERFIL DO ORIXÁ

Numa visão antropológica, os Orixás são vibrações de energia, cada uma numa faixa própria, com as quais os seres humanos se identificam, o que justifica a existência de filhos de diferentes Orixás. Assim os filhos de Oxóssi, são aqueles cujo metabolismo básico e características de personalidade herdadas geneticamente mais se identificam com uma matriz, o próprio Oxóssi, que se manifesta em ambientes como florestas cerradas, parques onde animais são preservados, espaços enfim, de contato entre o homem e os animais.

Numa visão teológica, os Orixás são divindades a serem respeitadas e cultuadas por seus filhos, que com eles entrariam em contato através de diferentes rituais disseminados na cultura tribal africana e que no Brasil estão agrupados sob o rótulo de uma religião, a Umbanda e o Candomblé. Cada divindade possui lendas que justificam seu destino e principalmente o arquétipo de comportamento à ela associado.

A Umbanda cultuada no Brasil é uma síntese de diversas manifestações diferentes da África, unindo preceitos e práticas que no continente negro se manifestam em povos isolados.

Há, porém, uma corrente predominante, a dos iorubas ou nagôs. Sua visão do mundo material e sobrenatural foi a que mais se espalhou, tanto no centro-sul da África, como no Brasil, e os Orixás mais populares são dela originados. Os rituais Jeje , do Daomé (atual República do Benin), também encontraram espaço, principalmente porque tiveram de lutar contra mitos antagônicos dos iorubas; na verdade, o Daomé foi, há muitos séculos, dominado politicamente por um povo de civilização mais recente, os iorubas. Assim como Roma se comportou em relação aos mitos gregos, assimilando-os gradativamente e adaptando-os as suas próprias necessidades, os iorubas assimilaram usos, costumes e Orixás daomeanos, como Nanã, Iroco, Omolu e outros. Uma diferença, porém, sempre existiu para quem se propusesse a analisá-los.

Os mitos iorubas manifestavam grande vitalidade, envolvendo personalidades extrovertidas como Exu. Já os Orixás daomeanos são mais frios, vindos de uma cultura mais hierarquizada, onde os deuses são vistos de maneira um pouco ameaçadora e coercitiva; não costumam ter o senso de humor dos iorubas, sua flexibilidade, onde contendas difíceis às vezes são resolvidas por palavras hábeis. O mundo dos daomeanos é mais soturno, discreto, perigoso.

Nesse sentido, dois Orixás iorubas fogem da tradição básica: o mago Oçanhe, o solitário senhor das folhas, e Oxóssi, o caçador. Ambos são irmãos de Ogum na maior parte das lendas e possuem em comum o gosto pelo individualismo e o ambiente que habitam; a floresta virgem, as terras verdes não cultivadas.

A floresta é a terra do perigo, o mundo desconhecido além do limite estabelecido pela civilização iorubana, é o que está além do fim da aldeia. Os caminhos não são traçados pelas cabanas, mas sim pelas árvores, o mato invade as trilhas não utilizadas, os animais estão soltos e podem atacar livremente. É o território do medo.

Oxóssi é o Orixá masculino ioruba responsável pela fundamental atividade da caça. Por isso na África é também cultuado como Ode , que significa caçador. É tradicionalmente associado à lua e, por conseguinte, à noite, melhor momento para a caça. Oxóssi e Oçanhe têm na floresta o

próprio fim, nela se escondem. O primeiro para capturar os animais, o segundo para poder estudar sozinho e recolher as folhas sagradas.

Oxóssi e Oçanhe representam as formas mais arcaicas de sobrevivência, a apologia da caça em detrimento da agricultura, a apologia da magia e do ocultismo em detrimento da ciência.

Ao mesmo tempo, Oxóssi está mitologicamente muito próximo de Ogum, como conciliando o novo e o velho, as novas atividades com as tradicionais. Na Umbanda, recebe o título de Rei das Matas, sendo à ele consagrada a cor verde. Já no Candomblé, a cor verde é consagrada a Oçanhe por sua proximidade com as folhas, ficando o azul para Oxóssi, um azul pouco mais vivo e claro que o de Ogum, numa transição cromática.

Outro dado que identifica e aproxima Oxóssi de Ogum, é o fato de ambos representarem atividades e possuírem temperamentos próprios de uma mesma faixa etária, a juventude (mas não a adolescência, pois são mitos adultos, viris), onde a energia se expressa fisicamente.

Assim como o irmão ligado à guerra, Oxóssi é um Orixá que vive ao ar livre e está sempre longe de um lar organizado e estável. Seu combate cotidiano, entretanto, está nas matas, caçando os animais que vão garantir a alimentação da tribo, sendo por isso consagrado como protetor dos caçadores e eterno provedor da subsistência do gênero humano. Protege tanto o que mata o animal como o próprio animal, já que é um fim nobre a morte de um ser para servir de alimento para outro. Protege os antagonistas, o caçador, e a caça, pois são seres do mesmo espaço, a floresta. Por isso Oxóssi nunca aprova a matança pura e simples, para ele a morte dos animais deve garantir a comida para os humanos ou os rituais para os deuses, sendo símbolo de resistência à caça predatória. O conceito de liberdade e independência para Oxóssi é muito claro. Sua responsabilidade principal com relação ao mundo é garantir a vida dos animais para que possam ser caçados. Em alguns cultos de Umbanda, também se atribui à ele o poder sobre as colheitas, já que agricultura foi introduzida historicamente depois da caça como meio de subsistência.

Segundo Pierre Verger, o culto a Oxóssi é bastante difundido no Brasil mas praticamente esquecido na África. A hipótese do pesquisador francês é que Oxóssi foi cultuado basicamente no Keto, onde chegou a receber o título de rei. Essa nação, porém foi praticamente destruída no século XIX pelas tropas do então rei do Daomé. Já no Brasil, o Orixá tem grande prestígio e força popular, além de um grande número de filhos. Seus símbolos são ligados à caça: no Candomblé, possui um ou dois chifres de búfalo dependurados na cintura. Na mão, usa o eruquerê (eiru) , que são pelos de rabo de boi presos numa bainha de couro enfeitada com búzios.

O mito do caçador explica sua rápida aceitação no Brasil, pois identifica-se com diversos conceitos dos índios brasileiros sobre a mata ser região tipicamente povoada por espíritos de mortos, conceitos igualmente arraigados na Umbanda popular e nos Candomblés de Caboclo, um sincretismo entre os ritos africanos e os dos índios brasileiros, comuns no Norte do País.

Talvez seja por isso que, mesmo em culto um pouco mais próximo dos ritos tradicionalistas africanos, alguns filhos de Oxóssi o identifiquem não com um negro, como manda a tradição, mas com um Índio. Seu objeto básico é o arco e a flecha, o ofá e o damatá .

Oxóssi é o que basta a si mesmo. A ele estiveram ligados alguns Orixás femininos, mas o maior destaque é para Oxum, com quem teria mantido um relacionamento instável, bem identificado no plano sexual, coisa importante tanto para a mãe da água doce como para o caçador, mas difícil no cotidiano, já que enquanto ela representa o luxo e a ostentação, ele é a austeridade e o despojamento.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OXÓSSI

O filho de Oxóssi apresenta arquetipicamente as características atribuídas do Orixá. Representa o homem impondo sua marca sobre o mundo selvagem, nele intervindo para sobreviver, mas sem alterá-lo. Oxóssi desconhece a agricultura, não muda o solo para ele plantar, apenas recolhe o que pode ser imediatamente consumido, a caça.

No tipo psicológico a ele identificado, o resultado dessa atividade é o conceito de forte independência e de extrema capacidade de ruptura, o afastar-se de casa e da aldeia para embrenhar-se na mata, afim de caçar. Seus filhos, portanto são aqueles em que a vida apresenta forte necessidade de independência e de rompimento de laços. Nada pior do que um ruído para afastar a caça, alertar os animais da proximidade do caçador. Assim os filhos de Oxóssi trazem em seu inconsciente o gosto pelo ficar calado, a necessidade do silêncio e desenvolver a observação tão importantes para seu Orixá.

Geralmente Oxóssi é associado às pessoas joviais, rápidas e espertas, tanto mental como fisicamente. Tem portanto, grande capacidade de concentração e de atenção, aliada à firme determinação de alcançar seus objetivos e paciência para aguardar o momento correto para agir. Sua luta é baseada na necessidade de sobrevivência e não no desejo de expansão e conquista. Busca a alimentação, o que pode ser entendido como sua luta do dia-a-dia. Esse Orixá é o guia dos que não sonham muito, mas sua violência é canalizada e represada para o movimento certo no momento exato. É basicamente reservado, guardando quase que exclusivamente para si seus comentários e sensações, sendo muito discreto quanto ao seu próprio humor e disposição.

Os filhos de Oxóssi, portanto, não gostam de fazer julgamentos sobre os outros, respeitando como sagrado o espaço individual de cada um. Buscam preferencialmente trabalhos e funções que possam ser desempenhados de maneira independente, sem ajuda nem participação de muita gente, não gostando do trabalho em equipe. Ao mesmo tempo , é marcado por um forte sentido de dever e uma grande noção de responsabilidade. Afinal, é sobre ele que recai o peso do sustento da tribo.

Os filhos de Oxóssi tendem a assumir responsabilidades e a organizar facilmente o sustento do seu grupo ou família. Podem ser paternais, mas sua ajuda se realizará preferencialmente distante do lar, trazendo as provisões ou trabalhando para que elas possam ser compradas, e não no contato íntimo com cada membro da família. Não é estranho que, quem tem Oxóssi como Orixá de cabeça, relute em manter casamentos ou mesmo relacionamentos emocionais muito estáveis.

Quando isso acontece, dão preferência a pessoas igualmente independentes, já que o conceito de casal para ele é o da soma temporária de duas individualidades que nunca se misturam. Os filhos de Oxóssi compartilham o gosto pela camaradagem, pela conversa que não termina mais, pelas reuniões ruidosas e tipicamente alegres, fator que pode ser modificado radicalmente pelo segundo Orixá (ajuntó). São pessoas tipicamente extrovertidas, gostando de viver sozinho, preferindo receber grupos limitados de amigos. É portanto, o tipo coerente com as pessoas que lidam bem com a realidade material, sonham pouco, têm os pés ligados à terra.

OÇANHE

O PERFIL DO ORIXÁ

OÇANHE* é o Orixá masculino de origem nagô (ioruba) que como Oxóssi, habita a floresta. É bastante cultuado no Brasil, sendo conhecido por diversos nomes, Oçãe, Oçãim, Oçanha, Oçânim e Oçonhe, a forma mais popular. Por causa do som final da palavra, é freqüentemente confundido com uma figura feminina. Não é um dos Orixás que possuem mais filhos-de-santo: pelo contrário, seus filhos são do tipo raro, bem menos numerosos em qualquer sociedade.

* Embora mais usuais, evitar as variações com dois SS.

É o Orixá da cor verde, do contato mais íntimo e misterioso com a natureza. Seu domínio estende-se ao reino vegetal, às plantas, mais especificamente às folhas, onde corre o sumo. Por tradição, não são consideradas adequadas pelo Candomblé mais conservador, as folhas cultivadas em jardins ou estufas, mas as das plantas selvagens, que crescem livremente sem a intervenção do homem. Não é um Orixá da civilização no sentido do desenvolvimento da agricultura, sendo como Oxóssi, uma figura que encontra suas origens na pré-história.

As áreas consagradas a Oçanhe nos grandes Candomblés, não são jardins cultivados de maneira tradicional, mas sim os pequenos recantos, onde só os sacerdotes (mão de ofá) podem entrar, nos quais as plantas crescem da maneira mais selvagem possível. Graças a esse domínio, Oçanhe é figura de extrema significação, pois praticamente todos os rituais importantes utilizam, de uma maneira ou de outra, o sangue escuro que vem dos vegetais, seja em forma de folhas ou infusões para uso externo ou de bebida ritualística.

Segundo algumas lendas, Oçanhe era dono de todos os vegetais. Esse poder concentrador, porém, fazia os outros Orixás dependerem dele em quase todos os litígios. Como os orgulhosos deuses do panteão africano raramente se submetem a qualquer tipo de autoridade, a rebelião era latente, até Iansã, a senhora dos ventos, libertar uma forte corrente de ar (ou mesmo um furacão, conforme a versão), fazendo as folhas voarem. Com isso, elas foram divididas entre todos os Orixás, de acordo com a esfera da atividade humana que controlassem. Algumas plantas, entretanto, continuaram sob o domínio de Oçanhe, justamente as mais secretas, utilizadas tanto nos processos de cura, como nos de adivinhação.

Seja filho de Oxalá ou de Nanã, ou de qualquer outro Orixá, uma pessoa sempre tem de invocar a participação de Oçanhe ao utilizar uma planta para fins ritualísticos, pois, se os vegetais foram para o domínio de outras divindades, a capacidade de retirar delas sua força energética básica, continua sendo segredo de Oçanhe .Por isso não basta possuir a planta exigida como ingrediente

de um prato a ser oferecido ao Orixá, ou de qualquer outra forma de trabalho mágico no Candomblé. A Colheita das folhas já é completamente ritualizada, não se admitindo uma folha colhida de maneira aleatória. Antes de tocá-la, o sacerdote (mão de ofá) tem de colocar no chão, dinheiro ou outros objetos secretos de culto como oferenda para a divindade, que assim assegura que a vibração básica da folha permaneça, mesmo depois de ela ter sido afastada da planta e, portanto do solo que a vitalizava.

Se cada ser humano é individualizado pela soma das características e presenças energéticas de seus próprios Orixás (ELEDÁ = PAI, MÃE, 1 o e 2 o Juntós) também troca energia com as outras fontes que regularizam e ditam normas de seu relacionamento com as outras áreas do conhecimento.

Oçanhe tem uma aura de mistério em torno de si e a sua especialidade, apesar de muito importante, não faz parte das atividades cotidianas, constituindo-se mais numa técnica, um ramo do conhecimento que é empregado quando necessário o uso ritualístico das plantas para qualquer cerimônia litúrgica, como forma condutora da busca do equilíbrio energético, de contato do homem com a divindade. Essa é a justificativa para o pequeno número de filhos de Oçanhe.

AS CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OÇANHE

A pessoa cujo Orixá de cabeça seja Oçanhe é considerada pelo culto um filho do Orixá, ou seja, alguém que carrega manifestações de temperamento e uma visão de mundo coerente com as de energia-base, que é o próprio Orixá.

Segundo o pesquisador francês Pierre Verger, um apaixonado pelo Candomblé, que é inclusive um iniciado, o arquétipo psicológico associado a Oçanhe é o das pessoas de caráter equilibrado, capazes de controlar seus sentimentos e emoções.

Os filhos de Oçanhe são aqueles que não permitem que suas simpatias e antipatias subjetivas e individuais intervenham em suas decisões ou influenciem as suas opiniões sobre pessoas e acontecimentos.

Essa capacidade de discernimento frio e racional, porém, é o responsável pela sua falta de interesse. O tipo de Oçanhe é o mais reservado, pouco intervindo em questões que não lhe digam respeito. Não é introvertido, mas não se faz notar pela atividade social. Certa aura de mistério ou pelo menos uma reserva sobre o próprio passado, podem estar presentes, sem chamar a atenção e evitando que alguém conheça detalhes sobre sua vida pregressa, a qual geralmente esconde alguma falta importante do passado, possivelmente já esquecida.

O filho de Oçanhe, tem certa atração pela religiosidade e pelos aspectos ritualísticos da realidade em geral. A ordem, os costumes, as tradições e os gestos marcados e repetitivos, o fascinam, não no sentido especificamente reacionário das pessoas que querem a repetição das mesmas e imutáveis relações sociais ad eternum , mas nos que elas tem de místico, de teatral. É, conseqüentemente, meticuloso, nunca se deixando levar pela pressa ou pela ansiedade, pois é, caprichoso.

LENDA DE ERINLÉ

O Ori dos bichos de Oxossi.

O Ori(cabeça) dos animais de Oxossi são um Ewo(uma interdição)deste Orixá. "Oxossi não come a cabeça dos bichos"!

Vamos descrever o mito que explica porque não se oferece o Ori(cabeça) dos bichos à Oxossi.

Comemorando uma caçada vitoriosa, Oxossi deu uma grande festa. Matou um boi e colocou a cabeça na porta do palácio.

Todos os Orixás se faziam presentes na grande festa; Oxum com sua faceirice encantava à todos; Yemanjá com sua elegância, coberta de jóias; Xangô dançava freneticamente ao som dos tambores...

Os bandidos da aldeia vizinha souberam da grande festa dada por Oxossi e se puseram à espreita, aguardando o momento certo para saquear o palácio.

Avançaram, mas quando chegaram na entrada do Palácio a cabeça do boi mugiu, avisando à presença dos inimigos, os quais foram imediatamente pegos e mortos, ficando o palácio salvo do saque.

Desse dia em diante, Oxossi exigiu que não se oferecesse cabeças em seus rituais. E em consideração passou a cultuar o boi como um animal sagrado.

Conhecer as próprias características significa poder evitar situações desagradáveis e alcançar mais rapidamente os objetivos.

Os filhos de Odé estão sempre em atividade. Não gostam de ver ninguém mal e lutam pelo bem estar de todos. São fartos, generosos, desconfiados e dotados de uma incrível velocidade de raciocínio, o que os levam a tomarem muitas decisões preciptadas, das quais, geralmente, logo se arrependem.

Odé representa a prosperidade através do esforço e do trabalho. É o Orixá que indica o melhor caminho que temos à seguir.

No candomblé existem muitas divergências, em torno do Odu que mais influencia os filhos de Oxossi. Alguns Sacerdotes dizem ser o Odu Yrosun, outros dizem ser Oshe, outros Obara e, ainda ha quem diga ser Odi.

Vamos começar falando sobre "dois" importantes fundamentos de Odé Inle.

Na África, Erinle tinha seu próprio culto.

No Brasil, Erinle foi incorporado ao culto de Oxossi (Osoosi).

A fundamentação de Odé Inle envolve muitos detalhes, mas nesta mensagem falaremos apenas de "dois” detalhes, dos seus muitos fundamentos.

O primeiro é que este Orixá não come bode nem pombo.

Sendo seus bichos preferidos: tatu, konken, galos e juriti.

O segundo é que Odé Inle come sempre junto com uma qualidade de Oxun (Osun).

Ficando o assentamento desta Oxun, embaixo do de Inle.

Como dito anteriormente, nesta mensagem falamos apenas de "dois", dos muitos detalhes da fundamentação de Erinle.

Orunmilá consultou Ifá, antes de deixar Ifé, para ir a um país de vales.

Os adivinhos lhe disseram: "Neste país de vales, onde pretendes ir, encontrarás um bom amigo.

Deves fazer oferendas antes de partir, para que tua viagem seja feliz.

Orunmilá fez as oferendas.

Ele ofereceu quatro pombos e oito mil búzios da costa.

Quando ele chegou lá, quando Orunmilá chegou naquele país de vales, ele tornou-se amigo de Erinlê.Erinlê é um caçador.

Erinlê é também um guerreiro. Erinlê é, além de tudo, um orixá.

Esta amizade foi grande. Erinlê tomou dinheiro emprestado a Orunmilá.

O montante deste empréstimo foi de doze mil búzios.

Quando chegou a hora de Orunmilá retornar à casa de Ifé, Erinlê teria de reembolsar o empréstimo.

Mas ele não tinha dinheiro.

Ele sentiu vergonha e foi consultar Ifá.

Onde poderei encontrar este dinheiro?

Os adivinhos lhe aconselharam a oferecer um carneiro, um galo e um cachorro.

Disseram-lhe, ainda, que deveria oferecer vinte e um sacos de búzios da costa.

Erinlê exclamou:

"Ah! Já devo doze mil búzios! Onde poderei encontrar todas estas coisas?"

Erinlê tinha um talismã nas mãos.

A qualquer momento ele poderia, graças a este talismã, transformar-se em água.

Quando ele assim o desejasse.

Erinlê foi, então, ao lugar onde costumava caçar.

Pôs o talismã no chão e entrou terra adentro.

Neste lugar havia uma jarra com água.

Seus filhos o procuraram durante muito tempo.

Eles foram consultar Orunmilá para que ele examinasse o caso.

Orunmilá lhes disse: "Façam oferendas para encontrar vosso pai.

Talvez não o vereis mais, Mas encontrarão um sinal dele."

Disse-lhes, ainda, Que oferecessem sete cachorros, sete carneiros, sete galos e Vinte e um sacos de búzios da costa.

Os filhos de Erinlê fizeram as oferendas. Orunmilá lhes dissera, também, que deveriam ir com os carneiros, os cães e os galos, chamar pelo pai.

E eles foram.

Percorreram todos os lugares onde Erinlê costumava ir.

Quando chegaram ao local onde Erinlê entrara terra adentro, Encontraram seus instrumentos de caça: Fuzil lança arco e flechas.

Todo o material que ele usava para caçar.

E, bem no meio disso tudo, eles viram a jarra com água.

Esta água começou a escorrer. Esta água era abundante.

Os filhos saudaram o pai assim:

"Oh! Erinlê, o caçador, retorne à casa! Nós oferecemos carneiro, cachorro e galos!"

E chamaram Erinlê, sem descanso.

Quando eles ofereceram estas coisas, o rio os seguiu no caminho de casa.

Erinlê lhes disse para deixar os galos livres, no lugar onde os encontraram.

Os galos que naquele dia eles deixaram livres, são os galos que Erinlê cria perto de seu rio, até hoje.

Ninguém ousa matá-los.

Certa vez, pessoas ignorantes mataram alguns.

Mas os galos ressuscitavam sempre.

Dede que o prato estivesse pronto, Os galos saltavam da tigela, Batiam novamente suas asas – Puf! Puf! Puf! E iam empoleirar-se numa árvore Akô, Cantando de novo seu cocoricô!

No mesmo momento em que Erinlê, o rio, se pôs a correr, Oxum preparava-se para partir da cidade de Ijumu.

Ela também se pôs a correr.

E eles se encontraram perto de Edé.

Ali onde se encontraram, o leito destes rios é suave – eles estão felizes.

E o curso de ambos tornou-se um mesmo.

Juntos, eles correm para a lagoa.

Inlè-Ibualama ou Erinlè - escultura de Carybé em madeira, em exposição no Museu Afro-Brasileiro, Salvador, Bahia, Brasil

Inlè-Ibualama ou Erinlè – na cidade do estado de Osun na Nigéria, onde passa o rio Erinlè, há um orixá da caça com o mesmo nome.

Segundo Verger, seu templo principal é em Ilobu, onde dois cultos teriam se misturado: o culto do rio e o do caçador de elefantes, que por diversas ocasiões, viera ajudar os habitantes de Ilobu a combater seus adversários.

O culto a Erinlè realiza-se às margens de diversos lugares profundos (Ibu) do rio.

Cada um desses lugares recebe um nome, mas é sempre Erinlè que é adorado sob todos esses nomes.

Um desses lugares profundos de Erinlè é chamado de Ibùalamo (Ibualama) nome pelo qual também é cultuado no candomblé da Bahia, durante sua dança traz nas mãos o símbolo de Oxóssi, o arco e a flecha de ferro, e uma espécie de chicote (bilala), com o qual ele fustiga a si mesmo.

Ele recebe oferendas de acarajé, de inhames, bananas, milho, feijão assado, tudo com azeite de dendê.

O culto de Erínlè nasce no Odu de Òkànràn Ogbè.

Seu culto está centrado ao redor do rio Erínlè, um rio tributário do rio Òsun, que atravessa a cidade de Ìlobùú (Ilú Òbú ou cidade de Òbú), localizada ao sul da Nigéria Ocidental, na estrada de Ogbomoso para Osogbo (está situada aproximadamente dez milhas a oeste de Osogbo).

Ele é a divindade patrona de Ìlobùú.

Ìlobùú é um centro de comércio para o inhame, milho, mandioca, óleo de dendê, abóbora, feijão, quiabo e está em uma área de savana habitada principalmente pelos Yoruba.

Òbú é um tipo de giz nativo (efun) e é comestível.

É usado para temperar comida e era um dos temperos principais, muito antes do sal, da mesma forma que o aró-àbàje (uma tintura azul comestível) é usado para temperar comidas como o ekuru aró.

Tido como filho de Ainá, Erínlè é considerado por muitos como filhos mítico de Yemoja e de Olokun.

É um Òrìsà caçador, pescador e um médico, por conta do seu grande conhecimento da floresta e da flora.

Este Òrìsà, enquanto médico dominou, antes que Osányìn, o poder da botânica.

Não é incomum para os sacerdotes de Erínlè carregarem um cajado (òsù) semelhante ao que carregam os sacerdotes de Osányìn e de Ifá devido à importância deles como curandeiros medicinais.

Sabe-se que ele conhece o poder curativo do Eja aro.

Essa medicina nasce em Òkànràn Òfún.

O peixe seco (eja aro) é conhecido em Nupe e isso é revelado pelo caminho de Òkànrànsodè descrito abaixo e na conexão entre Erínlè e o exilado rei da Nupela.

Há muitas variações no nome pelo qual Erínlè é conhecido.

Assim, ele é comumente conhecido como Erínlè dentro de Egbado, Erínlè em Ìlobùú, Enlè em Okuku.

Em Cuba e Trinidade ele é conhecido como Inlè ou Erínlè "Ajaja".

Ajaja é um título honorífico que significa "Ele que come cachorro", "o que é feroz".

No Brasil, no Candomblé Ketu, ele é conhecido como Inlè e Òsóòsì Ibualama.

Erínlè quer dizer elefante (Erin) em-o-terra (ilè) ou terra-elefante.

Erínlè é considerado por alguns como uma divindade hermafrodita, mas ele é adorado principalmente como uma divindade masculina em Yorùbá.

Ele é pensado por alguns estudiosos como sendo o aspecto masculino de Yemoja Mojelewu. O que parece consenso é que Erínlè mora na floresta com os irmãos Osányìn, Ògún e Òsóòsì, no cultivo com Òrìsà Oko, nas águas com Yemoja, Otin e Òsun.

A residência verdadeira dele seria o ponto onde o rio encontra o oceano, onde docemente se misturam as águas doces e salgadas.

No Candomblé Ketu é considerado que Erínlè tem dois caminhos ou aspectos.

Um aspecto é considerado um velho caçador, Òsóòsì Ibualama. O outro caminho é mais jovem e mais delicado e bonito, normalmente chamado Inlè.

Na tradição Iorubá, Erínlè é acompanhado por Ibojuto e Abátàn.

Abátàn (ou Abàtà = pântano) é a divindade da baixada.

Abátàn normalmente é considerado como a companheira feminina de Erínlè mas alguns reconhecem Abátàn como masculino.

Quando Erínlè é assentado dentro da cerimônia de iniciação, Abátàn também é assentada. Ela tem canções e oríkì separados.

Abátàn come com Erínlè e participa de todas as suas oferendas e sacrifícios.

Erínlè seria acompanhado por Abátàn, sua contraparte feminina.

Duas divindades que se unem como um, embora distintos, eles funcionam juntos, como uma unidade.

Há um equilíbrio, dando uma visão instantânea do caráter de Erínlè, uma mistura perfeita de energias masculina e feminina.

Além disso, na tradição Iorubá, considera-se que a família de Erínlè se compõe de:

Abátàn - sua esposa,

Boyuto - guardião de Erínlè e Abátàn, Otin - filha de Erínlè e Abátàn,

Jobia - filho de Asipelu, ajudante de Erínlè,

Olóògùn Èdè (Lògùn Èdè), o "senhor" (dono) do medicamento (medicina) de Èdè - filho de Erínlè com Osun, e, por último, Asao - duplo de Erínlè.

Na Nigéria, Erínlè tem muitas manifestações ou caminhos, conhecidos como ibú: Ojútù, Álamo, Owáálá, Abátàn, Ìyámòkín, Àánú.

É o oríkì de cada ibú que distingue entre os caminhos diferentes ou manifestações de Erínlè, como um se apresentando na sua coragem, outro como um caçador, outro ainda no poder presente na profundidade do rio.

São cantados oríkì individuais a Erínlè no seu festival anual da mesma forma como também são invocados coletivamente.

O awo - ota - Erínlè ou otun Erínlè é o nome dos recipientes usados dentro do culto de Erínlè (em Okeho é adicionalmente conhecido como aawe - Erínlè, onde tem uma forma totalmente diferente das encontradas em Ìlobùú e na maior parte da Yorùbá). Potes fechados que guardam pedras e água são predominantemente associados com divindades fluviais femininas, como aqueles encontrados nos cultos de Yemoja e Òsun.

O awo - ota - Erínlè é o recipiente tradicional para guardar os ota de Erínlè.

Sacerdotes de Erínlè dançam em procissão como parte do festival anual de Erínlè em muitas partes de Nigéria.

Para o festival, sacerdotes trazem com eles o próprio awo - ota - Erínlè para o festival no rio de Ìlobùú.

Quando a possessão acontece, Erínlè dança com o awo - ota - Erínlè colocado no alto da cabeça.

O òpá òrèrè (osu/cajado com o pássaro de ferro) de Erínle representação para os seus seguidores da importância de Erínlè como curandeiro.

A divindade mais amplamente conhecida com o mesmo símbolo é Osányìn.

O cajado é feito de ferro.

Sempre é mantido em pé.

Pássaros de ferro empoleiram-se no topo.

A maioria dos exemplos mostra um grande pássaro central cercado por pássaros menores.

Não há diferenças significativas entre os cajados de Erínlè e de Osányìn encontrados na Nigéria, cada cajado é uma peça autorizada e única e assim os estilos variam imensamente.

Porém há dois desenhos comuns do cajado de Osányìn feitos dentro da perspectiva dos awo em Yorùbá.

É comum se ver um cajado relativamente curto com um grande pássaro em seu topo e com 16 pássaros menores, em um arranjo circular, que olham para o pássaro mais alto, central.

Lá também pode ser encontrado um òpá/osu Osányìn alto, com um só e único pássaro e quatro cones de metal invertidos, as aberturas deles coberta por disco de metal para guardar medicamentos; seguro levemente na parte mais baixa do cajado (este cajado também é encontrado na tradição Iorubá, sua especificação é considerada um requisito de Odù).

Deve ser acentuado que os cajados de Erínlè e Osányìn nas terras Yorùbá são encontrados em muitas variações no número de pássaros, formas e estilos.

Foi sugerido que os 16 pássaros menores representam a divindade Odù e os Olódù de adivinhação.

As curvas graciosas destes pássaros estáticos também podem ser confundidas com um agrupamento permanente de folhas de metal.

Tais folhas, que não morrem, são uma lembrança visual forte para Osányìn e os medicamentos de Erínlè!

O pássaro de coroamento é, segundo muitos, um símbolo do poder sobre/pacto de Osányìn e Erínlè com as Ìyáàmi.

São os medicamentos herbários de Erínlè e Osányìn que podem neutralizar ou contrapor-se aos ataques pelos aspectos negativos de Ìyáàmi.

Eleye significa "mulheres que possuem e são pássaros", sendo os pássaros os mensageiros de Àjé/Ìyáàmi.

Estes mensageiros também podem ser vistos em muito da estatuária religiosa e do simbolismo real, como por exemplo, no alto da coroa dos Oba.

Ìyáàmi é em essência o as feminino primordial, que pode ser potencialmente benéfico ou maléfico (em condições criteriosas).

Os símbolos de pássaro lembram aos líderes e congregações que ninguém está acima das forças invisíveis que precisam ser apaziguadas.

As Ìyáàmi representam a gênese, as guardiãs e as doadoras do àse na terra.

Boyuto ou Ibojuto é encontrado em todos os santuários Iorubá para Erínlè.

É descendente do òpá Erínlè encontrado entre os Yorùbá.

Boyuto leva seu nome de uma das qualidades ou caminhos de Erínlè.

Este aspecto de Erínlè está ligado à profundidade impressiva do rio Erínlè.

É dito que nesta profundidade é encontrado o reino mítico de Erínlè, chamado Ode Kobaye.

Esta profundidade escura do redemoinho é chamada Ojuto.

Acredita-se assim, profundamente, que as duas casas históricas (ilé pètésì) teriam sido tragadas para cima (emergido) dentro das correntes coloridas de índigo.

Do fundo do ibu Ojuto, assim é acreditado, bandos (escoltas) de pombos voam para acima das águas e desaparecem no ar.

Boyuto ou Ibojuto é também conhecido comumente com osu de Erínlè.

Òkànràn Ogbè - O nascimento do culto de Erínlè

Um Itan do Odu Ònkànràn Ogbè conta a história de um homem Nùpe (Tápà) com o nome de Àyònù que veio para a região de Ílobùú.

Ele era o herdeiro da coroa em sua terra natal porém devido a algumas manobras políticas o título lhe foi usurpado e ele foi forçado a fugir da cidade - ele teria sido morto para destruir a possibilidade de qualquer reivindicação futura à coroa.

Àyònù veio para Ìlobùú para caçar e ajudar a um caçador nativo que tinha uma estranha aparência.

O amigo percebeu que Àyònù, embora se mostrando apto nas habilidades da caça e agudo em aprender todos os segredos possíveis, não vivia sua vida conforme um caçador.

Àyònù contou sua história para o amigo caçador.

O amigo era Erínlè mas ele não o conhecia pelo nome porque os caçadores não mencionam nomes no mato para não serem afetados por nenhum dos espíritos animais.

Caçadores referem-se uns aos outros simplesmente como Àwé.

Erínlè, por seu turno, contou para Àyònù sobre sua casa, um palácio que ele tinha embaixo da terra.

Ele golpeou o chão com a palma de sua mão, a terra abriu-se e os dois desceram para o palácio subterrâneo.

Erínlè tinha estado caçando por um longo tempo e, assim, ele decidiu fazer um pacto com Àyònù.

Erínlè prometeu para Àyònù um nova coroa para recompensá-lo pelo título que ele havia perdido em sua terra natal.

Ele disse para Àyònù que, por tanto tempo quanto ele continuasse a lhe trazer comida de caça, ele o compensaria com um título novo.

Erínlè também prometeu que a guerra nunca afetaria o reino dele.

Erínlè e Àyònù consolidaram seu pacto e Erínlè retirou-se para seu palácio na terra.

Ele disse para Àyònù que se ele precisasse dele novamente deveria chamá-lo golpeando a terra com a palma da sua mão.

Àyònù nunca mais viu seu amigo novamente.

Àyònù construiu sua casa lá e logo outros caçadores vieram viver com ele, seguidos por fazendeiros.

Uma cidade tinha sido estabelecida e disse: ire! Desde esta época a cidade de Ìlobùú nunca foi invadida ou afligida por guerra, mesmo durante o tumultuoso século dezenove marcado por muitos anos de conflitos civis na Yorùbá.

Àwá ti Erínlè fi sodi o

Nós cultuamos Erínlè dentro de nossa fortaleza,

o Àwá ti Erínlè fi sodi

Nós cultuamos Erínlè dentro de nossa fortaleza, o Ogun ò jà jà

A guerra não pode nos atacar,

Kógun ó jà¹loòbú

A guerra não pode nos atacar e afetar Loòbú.

Àwá ti Erínlè fi sodi

Nós cultuamos Erínlè dentro de nossa fortaleza

Porque a guerra e a escravização tiveram pouco efeito sobre o povo de Ìlobùú a fama de Erínlè espalhou-se através daos Yorùbá e o seu culto foi a partir daí estabelecido, expandindo-se além de sua região de origem.

Erinlé, Inlé (do iorubá Erinle), ou Ibualama é o orixá da caça de Ijexá, onde passa um rio do mesmo nome.

Erínlè quer dizer "elefante" (Erin) "na terra" (ilè) ou "terra do elefante".

Seu templo principal é em Ilobu, onde, segundo Ulli Beier, dois cultos teriam se misturado: o culto do rio e o do caçador de elefantes que, em diversas ocasiões, viera ajudar os habitantes de Ilobu a combater seus adversários.

Seu símbolo, de ferro forjado, é um pássaro fixo sobre uma haste central, circundada por dezesseis outras hastes sobre as quais se encontra também um pássaro.

O culto de Erinlé realiza-se às margens de diversos lugares profundos do rio, chamados ibù. Cada um desses lugares recebe um nome, mas é sempre Erinlé que é adorado sob todos esses nomes.

Um desses lugares profundos é chamado Ibùalám? (Ibualama), um dos nomes pelo qual é conhecido no Brasil, embora geralmente considerado uma qualidade de Oxóssi.

Erinlé recebe oferendas de acarajé, inhames, bananas, milho, feijão assado, tudo regado com azeite-de-dendê.

O culto de Erínlè está centrado ao redor do rio Erínlè, afluente do rio Òsun, que atravessa a cidade de Ìlobùú (Ilú Òbú ou cidade de Òbú), localizada ao sul da Nigéria Ocidental, na estrada de Ogbomoso para Osogbo (situada aproximadamente 16 km a oeste de Osogbo).

Ele é a divindade padroeira de Ìlobùú, um centro de comércio para o inhame, milho, mandioca, óleo de dendê, abóbora, feijão, quiabo que está em uma área de savana habitada principalmente por iorubás.

Òbú é um tipo de giz nativo (efun) comestível, usado para temperar comida.

Era um dos temperos principais antes do sal, da mesma forma que o aró-àbàje (uma tintura azul comestível) é usado para temperar comidas como o ekuru aró.

Tido por alguns como filhos de Ainá, Erínlè é considerado por outro como filho mítico de Yemoja e de Olokun.

É um orixá caçador, pescador e um médico, por conta do seu grande conhecimento da floresta e da flora.

Enquanto médico dominou, antes de Ossãe, o poder da botânica.

Não é incomum para os sacerdotes de Erínlè carregarem um cajado (òsù) semelhante ao que carregam os sacerdotes de Ossãe e de Ifá devido à sua importância como curandeiros medicinais.

Ele conhece o poder curativo do Eja aro.

Essa medicina nasce em Òkànràn Òfún.

O peixe seco (eja aro) é conhecido na terra dos Nupes e isso é revelado pelo caminho de Òkànrànsodè descrito abaixo e na conexão entre Erínlè e o exilado rei dos Nupes.

Há muitas variações no nome pelo qual Erínlè é conhecido.

Assim, ele é comumente conhecido como Erínlè dentro de Egbado, Erínlè em Ìlobùú, Enlè em Okuku.

Nas Américas, Erínlè é às vezes considerado hermafrodito, mas na terra iorubá é adorado principalmente como uma divindade masculina.

Ele é pensado por alguns estudiosos como o aspecto masculino de Yemoja Mojelewu.

O que parece consenso é que Erínlè mora na floresta com os irmãos Osányìn, Ògún e Òsóòsì, no cultivo com Òrìsà Oko, nas águas com Yemoja, Otin e Òsun.

Sua verdadeira residência seria o ponto onde o rio encontra o oceano, onde docemente se misturam as águas doces e salgadas.

Erínlè tem muitas manifestações ou caminhos, conhecidos como ibú: Ojútù, Álamo, Owáálá, Abátàn, Ìyámòkín e Àánú.

É o oríkì de cada ibú que distingue entre os caminhos diferentes ou manifestações de Erínlè, como um se apresentando na sua coragem, outro como um caçador, outro ainda no poder presente na profundidade do rio.

São cantados oríkì individuais a Erínlè no seu festival anual da mesma forma como também são invocados coletivamente.

O awo, ota Erínlè ou otun Erínlè, é o nome dos recipientes usados dentro do culto de Erínlè (em Okeho é adicionalmente conhecido como aawe Erínlè, onde tem uma forma totalmente diferente das encontradas em Ìlobùú e na maior parte da terra iorubá).

Potes fechados que guardam pedras e água são predominantemente associadas com divindades fluviais femininas, como aqueles encontrados nos cultos de Yemoja e Òsun.

O awo - ota - Erínlè é o recipiente tradicional para guardar os ota de Erínlè.

Sacerdotes de Erínlè dançam em procissão como parte do festival anual de Erínlè em muitas partes de Nigéria.

Para o festival, sacerdotes trazem com eles o próprio awo - ota - Erínlè para o festival no rio de Ìlobùú.

Quando a possessão acontece, Erínlè dança com o awo - ota - Erínlè colocado no alto da cabeça.

No Brasil, no Candomblé Ketu, esse orixá é chamado Oxóssi Inlê ou Oxóssi Ibualama e considerado apenas uma "qualidade" de Oxóssi.

Considera-se que Erínlè tem dois caminhos ou aspectos.

Um aspecto é considerado um velho caçador, Òsóòsì Ibualama.

O outro caminho é mais jovem e mais delicado e bonito, normalmente chamado Inlè.

Sob o nome de Ibualama, é objeto de um culto praticado no Brasil, principalmente na Bahia, onde, durante as danças, traz nas mãos o símbolo de Oxóssi, o arco e a flecha de ferro, assim como o amparo, um açoite formado por três tiras largas de couro, com o qual fustiga a si mesmo.

Em Cuba e Trinidade Erínlè é conhecido como Inlè ou Erínlè “Ajaja”.

Ajaja é um título honorífico que significa “Ele que come cachorro”, “o que é feroz”. É acompanhado por Ibojuto e Abátàn.

Abátàn (ou Abàtà = pântano) é a divindade da baixada.

Abátàn normalmente é considerado como a companheira feminina de Erínlè mas alguns reconhecem Abátàn como masculino.

Quando Erínlè é assentado dentro da cerimônia de iniciação, Abátàn também é assentada. Ela tem canções e oríkì separados.

Abátàn come com Erínlè e participa de todas as suas oferendas e sacrifícios.

São duas divindades que se unem como um.

Embora distintos, funcionam juntos, como uma unidade.

Há um equilíbrio, dando uma visão instantânea do caráter de Erínlè, uma mistura perfeita de energias masculina e feminina.

A familia de Erínlè se compõe de: Abátàn - sua esposa, Boyuto ou Ibojuto, guardião de Erínlè e Abátàn, Otin, filha de Erínlè e Abátàn, Jobia, filho de Asipelu, ajudante de Erínlè, Olóògùn Èdè (Lògùn Èdè), o "senhor" (dono) do medicamento (medicina) de Èdè, filho de Erínlè com Osun, e, por último, são, o duplo de Erínlè.

Havia um caçador chamado Erinlé, o grande caçador de elefantes.

Um dia uma mulher passava perto de um rio e ali perto, junto ao bosque, avistou o caçador.

Ele pediu a ela que lhe desse água para beber, a mulher entrou no rio até a altura dos joelhos e, quando se inclinou para apanhar água, ouviu de Erinlé a ordem de que entrasse mais fundo.

Mais fundo no rio entrou a mulher, mas percebendo que o rio ia afogá-la, saiu imediatamente da água, com medo de ser morta.

Ela ouviu então a voz do caçador, que era o próprio rio, reclamando que ela não trazia oferenda alguma, ela queria recolher sua água, mas nada lhe dava em troca.

Ninguém pode entrar no rio profundo sem trazer presentes, tempos depois, quando Erinlé foi cultuado como orixá, seus seguidores o chamaram de Ibualama, que quer dizer "Água Profunda".

Eníbúmbú, olódò-odò, olómi-omi

O culto de Erínlè nasce no Odu de Òkànràn Ogbè.

Seu culto está centrado ao redor do rio Erínlè, um rio tributário do rio Òsun, que atravessa a cidade de Ìlobùú (Ilú Òbú ou cidade de Òbú), localizada ao sul da Nigéria Ocidental, na estrada de Ogbomoso para Osogbo (está situada aproximadamente dez milhas a oeste de Osogbo).

Ele é a divindade patrona de Ìlobùú.

Ìlobùú é um centro de comércio para o inhame, milho, mandioca, óleo de dendê, abóbora, feijão, quiabo e está em uma área de savana habitada principalmente pelos Yoruba.

Òbú é um tipo de giz nativo (efun) e é comestível.

É usado para temperar comida e era um dos temperos principais, muito antes do sal, da mesma forma que o aró-àbàje (uma tintura azul comestível) é usado para temperar comidas como o ekuru aró.

Tido como filho de Ainá, Erínlè é considerado por muitos como filho mítico de Yemoja e de Olokun.

É um Òrìsà caçador, pescador e um médico, por conta do seu grande conhecimento da floresta e da flora.

Este Òrìsà, enquanto médico dominou, antes que Osányìn, o poder da botânica.

Não é incomum para os sacerdotes de Erínlè carregarem um cajado (òsù) semelhante ao que carregam os sacerdotes de Osányìn e de Ifá devido a importância deles como curandeiros medicinais.

Sabe-se que ele conhece o poder curativo do Eja aro.

Essa medicina nasce em Òkànràn Òfún.

O peixe seco (eja aro) é conhecido em Nupe e isso é revelado pelo caminho de Òkànrànsodè descrito abaixo e na conexão entre Erínlè e o exilado rei da Nupe.

Há muitas variações no nome pelo qual Erínlè é conhecido.

Assim, ele é comumente conhecido como Erínlè dentro de Egbado, Erínlè em Ìlobùú, Enlè em Okuku.

Em Cuba e Trinidade ele é conhecido como Inlè ou Erínlè "Ajaja".

Ajaja é um título honorífico que significa "Ele que come cachorro", "o que é feroz".

No Brasil, no Candomblé Ketu, ele é conhecido como Inlè e Òsóòsì Ibualama.

Erínlè quer dizer elefante (Erin) em-o-terra (ilè) ou terra-elefante.

Erínlè é conhecido como um Òrìsà extremamente rico, que se veste de forma refinada, com artigos de vestuário adornados com grandes quantidades de búzios, contas de coral e plumagem de caças.

Ele concede abundância na forma de fertilidade, como também tesouros do oceano e dos rios.

Ele representa os presentes da terra, do mar e dos rios, pescando e caçando.

Erínlè é considerado por alguns como uma divindade hermafrodita, mas ele é adorado principalmente como uma divindade masculina em Yorùb.

Ele é pensado por alguns estudiosos como sendo o aspecto masculino de Yemoja Mojelewu.

O que parece consenso é que Erínlè mora na floresta com os irmãos Osányìn, Ògún e Òsóòsì, no cultivo com Òrìsà Oko, nas águas com Yemoja, Otin e Òsun.

A residência verdadeira dele seria o ponto onde o rio encontra o oceano, onde docemente se misturam as águas doces e salgadas.

É muito incomum para uma divindade habitar os dois mundos: o da terra e o da água.

O culto de Erínlè simboliza um amálgama desses dois mundos, freqüentemente esferas dissociadas de existência.

Ele usa as ervas de Osányìn para curar.

Ele tem a coragem de Òsóòsì para caçar, em terra e no mar.

simbolismos normalmente só encontrados em cultos dedicados às divindades fluviais femininas, em particular Yemoja e Òsun.

Seu culto também combina elementos do caçador/terra.

Como tal, sua identidade inclui dois mundos e isso é muito particular em Erínlè.

Há um elemento de Exú, guardião dos limites, mas seu próprio sistema de culto é muito bem definido, separado e único, completamente diferente de Elegbara.

No Candomblé Ketu é considerado que Erínlè tem dois caminhos ou aspectos.

Um aspecto é considerado um velho caçador, Òsóòsì Ibualama.

O outro caminho é mais jovem e mais delicado e bonito, normalmente chamado Inlè.

Na tradição Iorubá, Erínlè é acompanhado por Ibojuto e Abátàn.

Abátàn (ou Abàtà = pântano) é a divindade da baixada.

Abátàn normalmente é considerado como a companheira feminina de Erínlè mas alguns reconhecem Abátàn como masculino.

Quando Erínlè é assentado dentro da cerimônia de iniciação, Abátàn também é assentada.

Ela tem canções e oríkì separados.

Abátàn come com Erínlè e participa de todas as suas oferendas e sacrifícios.

Erínlè seria acompanhado por Abátàn, sua contraparte feminina.

Duas divindades que se unem como um, embora distintos, eles funcionam juntos, como uma unidade.

Há um equilíbrio, dando uma visão instantânea do caráter de Erínlè, uma mistura perfeita de energias masculina e feminina.

Além disso, na tradição Iorubá, considera-se que a familia de Erínlè se compõe de: Abátàn - sua esposa, Boyuto - guardião de Erínlè e Abátàn, Otin - filha de Erínlè e Abátàn, Jobia - filho de Asipelu, ajudante de Erínlè, Olóògùn Èdè (Lògùn Èdè), o "senhor" (dono) do medicamento (medicina) de Èdè - filho de Erínlè com Osun, e, por último, duplo de Erínlè. Na Nigéria, Erínlè tem muitas manifestações ou caminhos, conhecidos como ibú: Ojútù, Álamo, Owáálá, Abátàn, Ìyámòkín, Àánú.

É o oríkì de cada ibú que distingue entre os caminhos diferentes ou manifestações de Erínlè, como um se apresentando na sua coragem, outro como um caçador, outro ainda no poder presente na profundidade do rio.

São cantados oríkì individuais a Erínlè no seu festival anual da mesma forma como também são invocados coletivamente.

O awo - ota - Erínlè ou otun Erínlè, é o nome dos recipientes usados dentro do culto de Erínlè (em Okeho é adicionalmente conhecido como aawe - Erínlè, onde tem uma forma totalmente diferente das encontradas em Ìlobùú e na maior parte da Yorùbá).

Potes fechados que guardam pedras e água são predominantemente associadas com divindades fluviais femininas, como aqueles encontrados nos cultos de Yemoja e Òsun.

O awo - ota - Erínlè é o recipiente tradicional para guardar os ota de Erínlè.

Sacerdotes de Erínlè dançam em procissão como parte do festival anual de Erínlè em muitas partes de Nigéria.

Para o festival, sacerdotes trazem com eles o próprio awo - ota - Erínlè para o festival no rio de Ìlobùú.

Quando a possessão acontece, Erínlè dança com o awo - ota - Erínlè colocado no alto da cabeça.

òpá òrèrè (osu/cajado com o pássaro de ferro) de Erínlè é a representação para os seus seguidores da importância de Erínlè como curandeiro.

A divindade mais amplamente conhecida com o mesmo símbolo é Osányìn.

O cajado é feito de ferro.

Sempre é mantido em pé.

Pássaros de ferro empoleiram-se no topo.

A maioria dos exemplos mostra um grande pássaro central cercado por pássaros menores.

Não há diferenças significativas entre os cajados de Erínlè e de Osányìn encontrados na Nigéria, cada cajado é uma peça autorizada e única e assim os estilos variam imensamente.

Porém há dois desenhos comuns do cajado de Osányìn feitos dentro da perspectiva dos awo em Yorùbá.

É comum se ver um cajado relativamente curto com um grande pássaro em seu topo e com 16 pássaros menores, em um arranjo circular, que olham para o pássaro mais alto, central. Lá também pode ser encontrado um òpá/osu Osányìn alto, com um só e único pássaro e quatro cones de metal invertidos, as aberturas deles coberta por disco de metal para guardar medicamentos; seguro levemente na parte mais baixa do cajado (este cajado também é encontrado na tradição Iorubá, sua especificação é considerada um requisito de Odù).

Deve ser acentuado que os cajados de Erínlè e Osányìn nas terras Yorùbá são encontrados em muitas variações no número de pássaros, formas e estilos.

Foi sugerido que os 16 pássaros menores representam a divindade Odù e os Olódù de adivinhação.

As curvas graciosas destes pássaros estáticos também podem ser confundidas com um agrupamento permanente de folhas de metal.

Tais folhas, que não morrem, são uma lembrança visual forte para Osányìn e os medicamentos de Erínlè!

O pássaro de coroamento é segundo muitos, um símbolo do poder sobre/pacto de Osányìn e Erínlè com as Ìyáàmi.

São os medicamentos herbários de Erínlè e Osányìn que podem neutralizar ou contrapor-se aos ataques pelos aspectos negativos de Ìyáàmi. Eleye significa "mulheres que possuem e são pássaros", sendo os pássaros os mensageiros de Àjé/Ìyáàmi.

Estes mensageiros também podem ser vistos em muito da estatuária religiosa e do simbolismo real, como por exemplo, no alto da coroa dos Oba.

Ìyáàmi é em essência o àse/awo feminino primordial, que pode ser potencialmente benéfico ou maléfico (em condições judiciosas).

Os símbolos de pássaro lembram aos líderes e congregações que ninguém está acima das forças invisíveis que precisam ser apaziguadas.

As Ìyáàmi representam a gênese, as guardiãs e as doadoras do àse na terra.

Boyuto ou Ibojuto é encontrado em todos os santuários Iorubá para Erínlè.

É descendente do òpá Erínlè encontrado entre os Yorùbá.

Boyuto leva seu nome de uma das qualidades ou caminhos de Erínlè.

Esta qualidade de Erínlè está ligada a profundidade impressiva do rio Erínlè.

É dito que nesta profundidade é encontrado o reino mítico de Erínlè, chamado Ode Kobaye.

Esta profundidade escura do redemoinho é chamado Ojuto.

Acredita-se assim, profundamente, que as duas casas históricas (ilé pètésì) teriam sido tragadas para cima (emergido) dentro das correntes coloridas de índigo.

Do fundo do ibu Ojuto, assim é acreditado, bandos (escoltas) de pombos voam para acima das águas e desaparecem no ar. Boyuto ou Ibojuto é também conhecido comumente como o osu de Erínlè.

Òkànràn Ogbè - O nascimento do culto de Erínlè

Um Itan do Odu Òkànràn Ogbè conta a história de um homem Nùpe (Tápà) com o nome de Àyònù que veio para a região de Ìlobùú.

Ele era o herdeiro da coroa em sua terra natal, porém devido a algumas manobras políticas o título lhe foi usurpado e ele foi forçado a fugir da cidade - ele teria sido morto para destruir a possibilidade de qualquer reivindicação futura à coroa.

Àyònù veio para Ìlobùú para caçar e ajudar a um caçador nativo que tinha uma estranha aparência.

O amigo percebeu que Àyònù, embora se mostrando apto nas habilidades da caça.

Òkànràn Ogbè - O nascimento do culto de Erínlè

Um Itan do Odu Òkànràn Ogbè conta a história de um homem Nùpe (Tápà) com o nome de Àyònù que veio para a região de Ìlobùú.

Ele era o herdeiro da coroa em sua terra natal porém devido a algumas manobras políticas o título lhe foi usurpado e ele foi forçado a fugir da cidade - ele teria sido morto para destruir a possibilidade de qualquer reivindicação futura à coroa.

Àyònù veio para Ìlobùú para caçar e ajudar a um caçador nativo que tinha uma estranha aparência.

O amigo percebeu que Àyònù, embora mostrando-se apto nas habilidades da caça e agudo em aprender todos os segredos possíveis, não vivia sua vida conforme um caçador.

Àyònù contou sua história para o amigo caçador.

O amigo era Erínlè mas ele não o conhecia pelo nome porque os caçadores não mencionam nomes no mato para não serem afetados por nenhum dos espíritos animais.

Caçadores referem-se uns aos outros simplesmente como Àwé.

Erínlè, por seu turno, contou para Àyònù sobre sua casa, um palácio que ele tinha embaixo da terra. Ele golpeou o chão com a palma de sua mão, a terra abriu-se e os dois desceram para o palácio subterrâneo.

Erínlè tinha estado caçando por um longo tempo e, assim, ele decidiu fazer um pacto com Àyònù.

Erínlè prometeu para Àyònù um nova coroa para recompensá-lo pelo título que ele havia perdido em sua terra natal.

Ele disse para Àyònù que, por tanto tempo quanto ele continuasse a lhe trazer comida de caça, ele o compensaria com um título novo.

Erínlè também prometeu que a guerra nunca afetaria o reino dele.

Erínlè e Àyònù consolidaram seu pacto e Erínlè retirou-se para seu palácio na terra. Ele disse para Àyònù que se ele precisasse dele novamente deveria chamá-lo golpeando a terra com a palma da sua mão. Àyònù nunca mais viu seu amigo novamente.

Àyònù construiu sua casa lá e logo outros caçadores vieram viver com ele, seguidos por fazendeiros.

Uma cidade tinha sido estabelecida e eles consultaram Ifá.

Os adivinhos lançaram Òkànràn Ogbè e Òrúnmìlà disse: ire! Desde esta época a cidade de Ìlobùú nunca foi invadida ou afligida por guerra, mesmo durante o tumultuoso século dezenove, marcado por muitos anos de conflitos civis na Yorùbá.

Àwá ti Erínlè fi sodi o

Nós cultuamos Erínlè dentro de nossa fortaleza, o.

Àwá ti Erínlè fi sodi

Nós cultuamos Erínlè dentro de nossa fortaleza, o.

Ogun ò jà jà

A guerra não pode nos atacar,

Kógun ó jà¹loòbú

A guerra não pode nos atacar e afetar Loòbú.

Àwá ti Erínlè fi sodi

Nós cultuamos Erínlè dentro de nossa fortaleza.

Porque a guerra e a escravização tiveram pouco efeito sobre o povo de Ìlobùú a fama de Erínlè espalhou-se através da Yorùbá e o seu culto foi a partir daí estabelecido, expandindo-se além de sua região de origem.

Seu assento é completamente diferente dos demais, pois Erinle ou Inle é um orisa do rio do mesmo nome, o rio Erinle que corta a região de Ilobu na Nigéria.

Encontram-se seus mitos no odu Okaran-Ogbe e Odi-Obara.

Sua esposa é Abatan, pois é considerado médico e ela enfermeira, seu culto antecede o de Ossayn, o pássaro os representam.

Ibojuto é a sua própria reencarnação representada pelo bastão que vai a seu assentamento e tem a mesma importância do Ofa de Ossosi.

Tem uma filha chamada Aguta que às vezes se apresenta como irmã ou como filha sendo sua mãe Ainan.

ODE OTIN se apresenta como sua filha, às vezes e ai é representado por uma enguia.

Ainda temos Boiko como seu guardião, e seu amigo e Jobis seu ajudante.

No Brasil o ligam a Osún e a Iyemanja, pois segundo sua lenda é pela boca dela que ele fala,

Erinle é um orisa andrógino e considerado o mais belo dos caçadores;

Ode Ibualama = outra versão para Erinle quando ele se apresenta mais ao fundo do rio, há um templo com esse nome na África fazendo alusão ao seu fundador.

Aliás, há vários templos, mas todos são de um Orixá só: Erinle nessa situação o caçador traça outro caminho e pactua seus mitos com Omolu, Osumare, Nanã, etc.

A montagem de seu Igba (cuia) também difere de um simples alguidar com um ofa para cima como é comum as pessoas não esclarecidas assim fazer.

O Culto de Erínlè Nasce não Odu de Òkànràn Ogbè. estabele Seu Culto centrado AO Redor do rio Erínlè, hum rio tributário do rio Òsun, Que atravessa uma Cidade de Ìlobùú(Ilú Òbú UO Cidade de Òbú), localizada Ao Sul da Nigéria Ocidental, Na estrada de Ogbomoso parágrafo Osogbo (ESTA situada aproximadamente dez Milhas um oeste de Osogbo). Elementos e uma divindade patrona de Ìlobùú. Ìlobùú hum e Centro de Comércio n. o inhame, milho, mandioca, Óleo de dendê, abóbora, feijão, ESTA E UMA in quiabo área de savana habitada principalmente Pelos iorubá. Òbú hum e Tipo de Giz nativo (efun) e e comestível. E USADO parágrafo temperar comida e era hum dos principais temperos, Muito pingos do Sal, da MESMA forma Que o aró-àbàje (UMA tintura azul comestível) e USADO parágrafo temperar comidas Como aró ekuru o.

Tido Como Filho de Ainá, Erínlè e Por muitos considerados Mítico Como Filho de Yemoja e de Olokun. E Um Orixá caçador, pescador e Médico hum, Por Conta do Seu grande Conhecimento da Floresta e da flora. Este Orixá, enquanto dominou Médico, Antes que Osányìn, o Poder da botânica. Nao e INCOMUM parágrafo OS Sacerdotes de Erínlècarregarem hum cajado (Osu) semelhante Ao Sacerdotes os que carregam de Osányìn e de Ifá devido uma importância DELES Como curandeiros Medicinais.

Sabe-se Que elementos Conhecem o Poder curativo do Eja aro. Essa medicina Nasce in Òkànràn Òfún. O peixe seco (eja aro) e in conhecido Nupeland e ISSO e Revelado Pelo Caminho de Òkànràn sodè descrito Abaixo e nd Conexão Entre Erínlè EO exilado rei da Nupeland.

Traduza muitas Variações não nomo Pelo qua Erínlè e conhecido. ASSIM, elementos e comumente conhecido Como Erínlè Dentro de Egbado, Ìlobùú in Erínlè, Enlè in Okuku. Em Cuba e Trinidad e elemento conhecido Como UO Inlè Erínlè "Ajaja". Ajaja hum e Título honorífico Que Significa "Que marca Ele vem cachorro", "O Que e Feroz". No Brasil, não Ketu Candomblé, elementos e conhecido Como Inlè e Òsóòsì Ibualama. ErínlèQuer Dizer elefante (Erin) em-o-terra (ile) OU terra-elefante.

Erínlè e considerado Por alguns Como UMA divindade hermafrodita, MAS elementos e adorado principalmente Como UMA divindade masculina in Yorùbáland. Elementos e Pensado Por alguns estudiosos Como Sendo o Aspecto masculino de Yemoja Mojelewu. O Que Parece Que Consenso e Erínlè mora na Floresta com os Irmãos Osányìn, Ogún e Òsóòsì, com Orisa Oko, Nas Águas com Yemoja, Otin e Òsun. A Verdadeira dele seria o Ponto Onde o rio Encontra o oceano, Onde docemente reside e se misturam como Águas doce e salgada.

Não Candomblé Ketu e considerado Que Erínlè Dois Caminhos Aspectos dez ou. E um aspecto considerado hum velho caçador, Òsóòsì Ibualama. O Outro Caminho Jovem e Mais e Mais Delicado e bonito, normalmente chamado Inlè.

Na Tradição Iorubá, Erínlè e acompanhado Por Ibojuto e Abátàn. Abátàn (OU Abata = Pântano) e uma baixada da divindade. Abátàn normalmente e considerado Como uma Companheira feminina de Erínlè Mas alguns reconhece Abátàn Como masculino. Quando Erínlè e assentado Dentro da cerimónia de iniciação,Abátàn assentada e also. Canções temperatura Ela e oríkì Separados. Abátàn vêm com Erínlè e de participação em TODAS SUAS oferendas e sacrifícios.

Erínlè Seria acompanhado Por Abátàn, contraparte feminina SUA. Duas divindades Que se hum Como desemprego, embora Distintos, funcionam Juntos enguias, Como Unidade UMA. Traduza Equilíbrio hum, Dando UMA Instantânea Visão do carater de Erínlè, Uma Mistura Perfeita de Energias masculina e feminina.

«Além Disso, Na Tradição Iorubá, consi-se Que uma familia de Erínlè se compõe de: Abátàn - Esposa Sua,Boyuto - Guardião de Erínlè e Abátàn, Otin - FILHA de Erínlè e Abátàn, Jobia - Filho de Asipelu, Ajudante de Erínlè, Olóògùn Ede (Logun Ede), o "senhor" (dono) do Medicamento (medicina) de Ede - Filho de Erínlècom Osun, e, Por último, Asao - duplo de Erínlè. Na Nigéria, Erínlè muitas temperatura Manifestações Caminhos UO, conhecidos Como ibu: Ojútù, Álamo, Owáálá, Abátàn, Ìyámòkín, Àánú. E o oríkì de Cada ibu Que distingue Entre OS Caminhos Diferentes OU Manifestações de Erínlè, hum Como se apresentando NA SUA Coragem, Outro caçador hum Como, Outro Ainda não PRESENTE NA Poder profundidade do rio. São Cantados oríkì indivíduos uma Erínlè nenhum festival Seu anual da MESMA forma Como also São invocados coletivamente.

O awo - ota - Erínlè OU Erínlè Otún, e O Nome dos recipientes Usados Dentro do Culto de Erínlè (in Okeho e adicionalmente conhecido Como aawe - Erínlè, TEM UMA Onde forma Totalmente Diferente das encontradas in Ìlobùú E Na Maior Parte da Yorùbá). Potes fechados Pedras Que guardam e Água São Predominantemente Associadas com divindades fluviais Femininas, Como aqueles encontrados nsa cultos deYemoja e Òsun. O awo - ota - Erínlè e Recipiente o tradicional par Guardar OS ota de Erínlè. Sacerdotes deErínlè dançam em Procissão Como Parte do festival anual de Erínlè in contraditório de muitas Nigéria próprio. Pará o festival, trazem com Sacerdotes enguias o awo - ota - Erínlè par o festival no Rio de Ìlobùú. Quando Acontece uma possessão, Erínlè dança com o awo - ota - Erínlè Colocado no Alto da Cabeça.

O òpá Orere (osu/ cajado com o Pássaro de ferro) de Erínlè e uma Representação n º OS SEUS Olha você da importância de Erínlè Como curandeiro. A mais divindade amplamente conhecida

com o MESMO Símbolo eOsányìn. O cajado e Feito de ferro. Sempre mantido pé e em. Pássaros de ferro empoleiram-se não topo. A maioria dos Exemplos Mostra hum grande Pássaro central Por Menores cercado Pássaros. Nao HÁ Diferenças significativas Entre OS cajados de Erínlè e de Osányìn encontrados nd Nigéria, CADA UMA cajado e autorizada e Peça Única e ASSIM OS estilos variam imensamente. Porém HÁ Dois COMUNS Desenhos do cajado de Osányìn Feitos Dentro da Perspectiva dos awo in Yorùbá. Comum e se ver hum cajado relativamente Curto com hum grande Seu Pássaro in com 16 e topo Menores Pássaros, Arranjo hum in Que, Olham circular n. o Pássaro Mais alto, central. also Lá serviços PoDE encontrado òpá / um osu Osányìn alto, e com hum tão Único Pássaro Quatro cones e Invertidos de metal, como Aberturas Por discoteca Coberta DELES do Pará Guardar Medicamentos metal; Levemente Seguro nd Parte Mais baixa do cajado (cajado e also this Na Tradição encontrado Iorubá, SUA especificação e considerada hum Requisito de Odù).

DEVE serviços acentuados Que OS cajados de Erínlè e Osányìn NAS terras Yorùbá São muitas in encontrados Variações sem numero de Pássaros, Formas e estilos. Que OS sugerido foi 16 Menores Pássaros representam uma divindade Odù e OS Olódù de adivinhação. Como Curvas graciosas Pássaros Destes estáticos also podem serviços um confundidas com Agrupamento Permanente de Folhas de metal. Folhas Tais, Que não morrem, São uma Lembrança visual forte par Osányìn e os Medicamentos de Erínlè!

O Pássaro de coroamento e, Segundo muitos, o simbolo eh do Poder Sobre / pacto de Osányìn e Erínlè com aÌyáàmi. São OS herbários Medicamentos de Erínlè e Osányìn neutralizar OU Que podem contrapor-se EAo Ataques Pelos Aspectos Negativos de Ìyáàmi. Significa Eleye "Mulheres Que possuem e São Pássaros", Sendo SO OS Pássaros Mensageiros de Aje / Ìyáàmi. also Mensageiros Estes serviços podem Vistos in Muito da estatuária religiosa e do simbolismo real, Como Por Exemplo, nenhum alto da Coroa dos Oba. Ìyáàmi o E Essência in àse / awo feminino primordial, Que PoDE serviços potencialmente benéfico Malefico UO (judiciosas condições em) . Os Símbolos de Pássaro Lembram EAo e Líderes congregações Que Ninguém estabele Acima das Forças Invisíveis Que apaziguadas serviços precisam. Como Ìyáàmi representam uma gênese, como e guardias como doadoras do àse nd terra.

Boyuto OU Ibojuto e Todos los encontrado OS Santuários Iorubá parágrafo Erínlè. E descendente do òpá Erínlè encontrado Entre OS Yorùbá. Boyuto Leva Seu Nome de UMA das qualidades OU Caminhos de Erínlè.This Qualidade de Erínlè estabele ligada uma profundidade impressiva do rio Erínlè. Dito e Que Nesta profundidade e encontrado o Reino Mítico de Erínlè, chamado Ode Kobaye. "This Escura profundidade do redemoinho e chamado Ojuto. Acredita-se ASSIM, profundamente, Que como Casas Históricas Duas (ilé pètésìteriam) Sido tragadas parágrafo Cima (emergido) Dentro das Correntes Coloridas de índigo. Do Fundo do ibu Ojuto, acreditado e ASSIM, bandos escoltas) de Pombos voam (n º Acima das Águas e desaparecem sem ar. " (Baba Erínlè de Ìlobùú Falando com RF Thompson nenhum local de rio Erínlè, in Ílodúù, 1994). Boyuto OU Ibojuto also e conhecido comumente com osu de Erínlè.

Òkànràn Ogbè - O Nascimento do Culto de Erínlè

Um Itan do Odu Ònkànràn OGBè Conta a História De Um Homem Nupe (TAPA) com o nomo de Àyònù Que Veio um parágrafo Região de Ìlobùú. marca Ele era o Herdeiro da Coroa SUA in

terra natal porém devido um ALGUMAS Manobras Políticas usurpado o Título LHE FOI FOI Forcado elementos e um Fugir da Cidade - térios elementos Sido morto parágrafo DESTRUÍR uma possibilidade de futura reivindicação QUALQUÉR à Coroa.

Àyònù Veio parágrafo Ìlobùú par ajudar e caçar um caçador hum nativas Que tinha UMA estranha aparência.O amigo Percebeu Que Àyònù, embora mostrando-se apto NAS Habilidades da Caça e agudo Aprender Todos los OS Possíveis Segredos, nao vivia SUA Vida caçador Conforme hum. Àyònù Contou SUA História par o amigo caçador. O amigo era Erínlè Mas o elemento nao CONHECIA Pelo Nome PORQUE Os Caçadores mencionam nao nomos no mato parágrafo Serém afetados nao Por softwares antigos dos Espíritos animais. Caçadores referem-se uns EAo Outros Simplesmente Como espanto. Erínlè, Seu turno por, parágrafo Contou Àyònù Sobre Sua Casa, hum palácio Que elementos tinha embaixo da terra. Elementos golpeou o Chão com uma palma de SUA Mao, terra abriu-E SE OS desceram Dois parágrafo o Palácio Subterrâneo.

Erínlè tinha Estado caçando Por hum e tempo Longo, ASSIM, UM elemento decidiu Fazer pacto com Àyònù.Erínlè parágrafo Prometeu Àyònù hum nova Coroa parágrafo Recompensa-lo Pelo elemento Título Que havia Perdido in terra natal SUA. Elementos Disse parágrafo Àyònù Que, Por Tanto Tempo QUANTO elementos continuasse uma LHE TRAZER comida de Cacá, o elemento com hum compensaria Título novo. Erínlè Que Prometeu tambem um Guerra Nunca afetaria o Reino DELE. Erínlè e Àyònù consolidaram Seu pacto e Erínlèretirou-se Seu parágrafo palácio na Terra. Elementos Disse parágrafo Àyònù Que elementos se precisasse DELE Novamente Deveria Chama-lo golpeando uma terra com uma palma da SUA Mao. Àyònù Nunca Mais VIU Novamente Seu amigo.

Àyònù construiu SUA la Casa Outros Caçadores e logo vieram com elementos Viver, fazendeiros Seguidos por.UMa Cidade tinha Sido estabelecida e consultaram Ifá enguias. Os adivinhos lançaram Òkànràn Ogbè eÒrúnmìlà Disse: ira! Desde esta Época, uma Cidade de Ìlobùú nunca invadida foi afligida, mesmo durante o tumultuoso Século dezenove, marcado por muitos anos de Conflitos Civis no Yorùbá.

Awá ti Erínlè fi sodi o

Nós. cultuamos Erínlè Dentro de Nossa Fortaleza,

o Awá ti Erínlè fi sodi

Nós. cultuamos Erínlè Dentro de Nossa Fortaleza,

Ogun o ò ja ja

A Guerra nao PoDE atacar nsa,

Kógun ó ja ¹ loòbú

A Guerra nao PoDE atacar nsa e Loòbú afetar.

Awá ti Erínlè fi sodi

Nós. Cultuamos Erínlè Dentro de Nossa Fortaleza, o.

Porque a Guerra teve escravização tiveram pouco efeito sobre o povo de Ìlobùú uma fama de Erínlè espalhou-se através dos Yorùbás e o seu culto foi dai estabelecido, expandindo-se além de sua Região de Origem.

Ibualama

Ibualama um e Orixá proveniente de Efan (Ijexá).

Numa Guerra Entre Efan e Ketu, Efan derrotada e Ibualama foram levados à Ketu passando um ser cultuado Por seus moradores, ao Lado de Oxossi.

Ibualama Significa "profunda água".

Elementos e o Pai de Logun-Odé Cuja Mãe Oxum e Iyáponda, Família oriunda de Efan.

Ibualamo da familia dos Odé orixá Seu e Culto está Ligado um Obaluaiye e Oxalá. Segurando na Mão Duas Ibilalá, Traz Ofa e ogue e pendurados Como símbolos de Caça. No Brasil Seu Culto deveria Acontece em Dezembro, e separado ao Culto de Oxossi que é realizado no dia de Corpus Christi.

Usa muitos búzios e palha da costa em suas indumentárias.

Seus animais sagrados incluem o porco e de todos os animais ligados á Caça e Pesca.

Prata e o Seu Preferido metal.

Otim

Orixá feminino, ela participação em conjunto em toda obrigação de Odé.

Seu dia da Semana é Segunda Feira, sua cor é o Azulão, Azul e Branco.

Saudação: Okê - okebamo - okebambo.

Otim é cultuado junto com Odé.

Protetores das matas, dos animais silvestres e selvagens.

Os Filhos de Otim São Quase inexistentes, Pois na Mitologia, Otim não teve filhos na terra assim dando a Cabeças dos seus Filhos para ODE.

Erinlé x Ibualamo são o mesmo Orisá, sendo que Ibualamo ele é um caminho de Erinlé. Na nação Efón só se cultua 3 caminhos de Erinlé :

Ibú Alámo – Esse camiho é ligado as aguas e a Osun.Ele tem caminhos com Omolu e Osalá.

Ibu sain – Ligado a Ossayn e as Ya Ajés

Ibu Eleyele – Ligado a Osalá e as Ya Mi Ajé.

Independente de caminhos em geral, Erinlé tem ligação com Ogun,Otin,Yemanjá,Ossayn,Osagyan,Osalufan e Osun.

Cantigas de Erinlé

Ijesá:

Awure Baba Erinlé

Awure Oba Ilobu

****

Arawrá Erin Baba

Orisá Baba Omi

Arawrá Erin Baba

Orisá Baba Omi

Ritimo aguerê de Ossayn…Cantiga Erinlé

Fárá Odé Ibu

Odé Ilobu

Fárá Odé Ibu

Odé Ilobu

****

Odé Erinlé

Ibu Sayn

Odé Erinlé

Ibu atan

IYÁ ODÉ OTÍN

O PERFIL DO ORIXÁ

Otin - Orixá da caça, companheira de Odé (a mãe de Odé chama-se Iyá Odé Apáòka, cujo culto realiza-se em um pé de jaqueira), vive no mato em sua companhia, esta Iyagbá é pouco cultuada no Brasil, seu culto é mais conservado nas nações de Batuque no Sul do país. È raro encontrar filhos de Otin; é um Orixá feminino que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é a carne de

porco.

As filhas de Odé Otin são aquelas cujo metabolismo básico e características de personalidade herdadas geneticamente mais se identificam com uma matriz, a própria Odé Otin, que se manifesta em ambientes como florestas cerradas, parques

onde animais são preservados, do contato do homem.

Dois Orixás iorubas que não apreciam contato com muita gente é: o mago Ossaiyn, o solitário senhor das folhas, e Odé Otin, a caçadora. Possui em comum o gosto pelo individualismo e o ambiente que habitam; a floresta virgem, as terras

verdes não cultivadas.

A floresta é a terra do perigo, o mundo desconhecido além do limite estabelecido pela civilização iorubana, é o que está além do fim da aldeia. Os caminhos não são traçados pelas cabanas, mas sim pelas árvores, o mato invade as trilhas não utilizadas, os animais estão soltos e podem atacar livremente. É o território do medo.

Odé Otin é um Orixá feminino responsável pela fundamental atividade da caça. É tradicionalmente associado à lua e, por conseguinte, à noite, as Iyá mi Ajés e os pássaros da noite, pois a noite é o melhor momento para a caça. Odé Otin e Ossaiyn têm na floresta o próprio fim, nela se escondem. O primeiro para capturar os animais, o segundo para poder estudar sozinho e recolher as folhas sagradas.

Otin mora nas águas com Iyemanjá, Erinle e Oxum e na floresta com os irmãos

Ossaiyn, Ògún e Odé, no cultivo com Òrìsà Oko Odé Otin e Ossaiyn representam as formas mais arcaicas de sobrevivência, a apologia da caça em detrimento da agricultura, a apologia da magia e do ocultismo em detrimento da ciência.

No Candomblé, a cor verde é consagrada a Ossaiyn por sua proximidade com as folhas, ficando o azul para Odé Otin, um azul pouco mais vivo e claro que o de Ogum, numa transição cromática.

Outro dado que identifica e aproxima Odé Otin de Ogum, é o fato de ambos representarem atividades e possuírem temperamentos próprios de uma mesma faixa etária, a juventude (mas não a adolescência, pois são mitos adultos, viris), onde a energia se expressa fisicamente.

Odé Otin é um Orixá que vive ao ar livre e está sempre longe de um lar organizado e estável. Seu combate cotidiano, entretanto, está nas matas, caçando os animais que vão garantir a

alimentação da tribo, sendo por isso consagrado como protetor dos caçadores e eterno provedor da subsistência do gênero humano.

Protege tanto o que mata o animal como o próprio animal, já que é um fim nobre a morte de um ser para servir de alimento para outro. Protege os antagonistas, a caçadora, e a caça, pois é seres do mesmo espaço, a floresta. Por isso Odé Otin nunca aprova a matança pura e simples, para ele a morte dos animais deve garantir a comida para os humanos ou os rituais para os deuses, sendo símbolo de resistência à caça predatória. O conceito de liberdade e independência para Odé Otin é muito claro. Sua responsabilidade principal com relação ao mundo é garantir a vida dos animais para que possam ser caçados. Em alguns cultos, também se atribui à ela o poder sobre as colheitas, já que agricultura foi introduzida historicamente depois da caça como meio de subsistência.

Orixá tem grande prestígio e força popular, além de um grande número de filhos.

Seus símbolos são ligados à caça: no Candomblé, possui um ou dois chifres de búfalo dependurados na cintura. Na mão, usa o eruquerê (eiru), que são pelos de rabo de boi presos numa bainha de couro enfeitada com búzios, um ofá arco e flecha, uma lança.

O mito da caçadora identifica-se com diversos conceitos dos índios brasileiros sobre a mata ser região tipicamente povoada por espíritos de mortos, conceitos igualmente arraigados, num sincretismo entre os ritos africanos e os dos índios brasileiros.

Talvez seja por isso que, mesmo em culto um pouco mais próximo dos ritos tradicionalistas africanos, alguns filhos de Odé Otin o identifiquem não com uma negra, como manda a tradição, mas com uma Índia. Seu objeto básico é o arco e a

flecha, o ofá. E o odématá. Odé Otin é o que basta a si mesmo. A ela estão ligados alguns Orixás femininos, mas o maior destaque é para Oxum, Iyemanjá, Iyansã.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE IYÁ ODÉ OTÍN

O filho de Odé Otin apresenta arquetipicamente as características atribuídas do Orixá. Representa a marca sobre o mundo selvagem, nele intervindo para sobreviver, mas sem alterá-lo. Odé Otin desconhece a agricultura, não muda o solo para ele plantar, apenas recolhe o que pode ser imediatamente consumido, a caça.

No tipo psicológico a ela identificado, o resultado dessa atividade é o conceito de forte independência e de extrema capacidade de ruptura, o afastar-se de casa e da aldeia para embrenhar-se na mata, a fim de caçar. Seus filhos, portanto são aqueles em que a vida apresenta forte necessidade de independência e de rompimento de laços. Nada pior do que um ruído para afastar a caça, alertar os

animais da proximidade da caçadora. Assim os filhos de Odé Otin trazem em seu inconsciente o gosto pelo ficar calado, a necessidade do silêncio e desenvolver as observações tão importantes para seu Orixá.

Geralmente Odé Otin é associado às pessoas joviais, rápidas e espertas, tanto mentais como fisicamente. Tem, portanto, grande capacidade de concentração e de atenção, aliada à firme determinação de alcançar seus objetivos e paciência para aguardar o momento correto para agir. Sua luta é baseada na necessidade de sobrevivência e não no desejo de expansão e conquista. Busca a alimentação, o

que pode ser entendido como sua luta do dia-a-dia. Esse Orixá é o guia dos que não sonham muito, mas sua violência é canalizada e represada para o movimento certo no momento exato. É basicamente reservada, guardando quase que exclusivamente para si seus comentários e sensações, sendo muito discreta quanto ao seu próprio humor e disposição.

Os filhos de Odé Otin, portanto, não gostam de fazer julgamentos sobre os outros, respeitando como sagrado o espaço individual de cada um. Buscam preferencialmente trabalhos e funções que possam ser desempenhados de maneira independente, sem ajuda nem participação de muita gente, não gostando do trabalho em equipe. Ao mesmo tempo, é marcada por um forte sentido de dever e

uma grande noção de responsabilidade. Afinal, é sobre ela que recai o peso do

sustento da tribo.

Os filhos de Odé Otin tendem a assumir responsabilidades e a organizar facilmente o sustento do seu grupo ou família. Podem ser maternais, mas sua ajuda se realizará preferencialmente distante do lar, trazendo as provisões ou trabalhando para que elas possam ser compradas, e não no contato íntimo com cada membro da família. Não é estranho que, quem tem Odé Otin como Orixá de cabeça,

relute em manter casamentos ou mesmo relacionamento emocional muito estável.

Quando isso acontece, dão preferência a pessoas igualmente independentes, já que o conceito de casal para ela é o da soma temporária de duas individualidades que nunca se misturam. Os filhos de Odé Otím compartilham o gosto pela camaradagem, pela conversa que não termina mais, pelas reuniões ruidosas e tipicamente alegres, fator que pode ser modificado radicalmente pelo segundo Orixá (ajuntó).

São pessoas tipicamente extrovertidas, gostando de viverem sozinhos, preferindo receber grupos limitados de amigos. É, portanto, os tipos coerentes com as pessoas que lidam bem com a realidade material, sonham poucos, têm os pés ligados a terra.

Iya Nbanba

Do Tradicionalismo à Diáspora, tem se perdido o culto à muitas divindades, deidades, entidades e algumas já estão a beira do desconhecido. Existe um numero infinito de divindade que desconhecemos. Raros são os Terreiros de Candomblé, que cultuam uma magnífica divindade de nome Iya ApaOka, tambem conhecida como Iya Pakoka, Iya Nbanba, Iya Mó, entre tantos outros epítetos. Divindade esta de grande importância dentro do Candomblé de Nação Ketu, já que a mesma teve uma forte influência durante a fundação da cidade de Ketu.

Os mitos Yorùbá, nos revela que esta Ìyágba, também conhecida como Ìyá Nbanba, Ìyá Mo, ÌyáÒdé ,entre tantos outros epítetos, vivia juntamente com outras duas irmãs, Ìyá Mepere e Ìyá Bokolo, muito antes da fundação da cidade de Ketu, em uma cova situada abaixo do Òpó méta, três robustos troncos de mogno-da-guiné (1), conhecido em Yorùbá com o nome de Ògànwó.

As três irmãs selaram um pacto de nunca dar o nascimento a uma criança neste mundo, porém, Ìyá Apáòka não cumpre o prometido e juntamente com Òrìsà Oko dá a luz a um menino que mais tarde recebe o nome de Erinlè. Inlè como também é conhecido, funda a Cidade de Ìlobùú (2), entre outras obras na Terra, retorna ao orun e regressa novamente ao àiyé no mesmo seio familiar, onde desta vez recebe o nome de Òdé . Este é um dos grandes segredos da ligação entre Inle e Òdé. Aquele que possui Inlè deverá ter como complemento Òdé, mas não necessariamente o inverso.

Aqui no Brasil, por diversas razões, houve a necessidade de uma redefinição e, conseqüentemente, foi feita a substituição do mogno-da-guiné pela jaqueira (3), denominada em Yorùbá de Tapónurin onde também foi designado o nome de apáòka em razão de ser a morada da divindade do mesmo nome. De suma importância, devo ressaltar que a jaqueira é uma árvore originária da Índia e introduzida na Bahia por volta do século XVIII. Suponho que o tamanho e o porte da jaqueira, foram de fundamental importância para a efetiva substituição. Todas as árvores são sagradas por natureza, embora para que se possa prestar culto a esta divindade a mesma deverá receber os ritos litúrgicos onde consiste em plantar o àse ou acomodar os segredos de Ìyá Apáòka; depois de ser sacralizado, o tronco desta é adornado com um laço de tira branca e uma talha de três alças da qual sustenta um arco e flecha em ferro forjado. Nos Terreiros de Candomblé, esta árvore divide o espaço com espécies variadas, como também "assentamentos" e emblemas de certos Òrìsà, num local denominado Ãbo (4) de Òsóòsì Oru Gboru Òdé (5) do qual representa a "floresta africana", de fundamental importância, pois a mesma não se encontra dissociada da vivência cotidiana dos africanos em geral. Anualmente, esta árvore recebe o sacrifício de animais com a finalidade de revitalização de seu àse, ocasião esta que a torna objeto de um culto especial. Quanto ao culto à Ìyá Mepere e Ìyá Bokolo, não se encontram vestígios, esta perdido na diáspora, assim como inúmeras outras divindades.

Notas:

1. Khaya grandifoliola, Khaya ivorensis, Khaya senegalensis, Família Meliaceae, árvore típica da Costa do Marfim, Camarões e Nova Guiné, também conhecida pelo nome de Mógno Africano)

2. Cidade do estado de Osun, sudoeste da Nigéria, encontra-se ao longo de um tributário do rio Oshun e na estrada de Ogbomosho e Oshogbo. Ilobu é um centro comercial e seus principais produtos são o inhame-da-costa, milho, mandioca, abóboras, feijões, óleo-de-plama e Okra - um tipo de grão típico das savanas.

3. Artocarpus intergrifolia L.f.

4. Refúgio, amparo, resguardo, asilo, proteção, segurança, defesa, salva-guarda, escudo. Muitos na diáspora usam o termo Igbó do qual significa floresta, bosque, grota.

5. Termo que designa e saúda o clã dos caçadores.

O culto ao Orisá Jagun

Jagun Orisá Agbara Ese Egi Iroko

Itans de Jagun

(Histotias de Jagun orisá)

Segundo lendas e itans, conta-se que Jágun; Guerreiro dos Exércitos de Obatala que foi enviado as Terras de Omolú, para lutar pela Paz em nome de Oxalá. Por isso ele é cultuado em algumas nações como "Qualidade de Omolú", por ter passado vários anos em terras de Omolú. Pois o culto de Jagun nasceu no Ekiti Efon por esse morivo,Jagun é cultuado no Asé Efon como um Orisa separado de Omolu.Pois antes dele ter ido para as terras de Omolu ele ja tinha seu culto no Ekiti onde era sua terra natal.Assim tambem conta seus itans que Jagun teve passagem nao só nas terras de Omolu,mais tambem nas terras de Ifé (Terra de Ogun) e Egibo(Terra de Osagyan).Pela orden de Oseturá,Jágun responde no Odú Ejionilê (oitavo Odu) Odú regido por Oxaguiã, Odú no qual também respondem outros Guerreiros Brancos como Ogun-Já e Oxaguiã Ajagunãn.Pela ordem de chagada dos odus,sistema de Ifá culto de Jagun nasceu no Odu Okaran.

Os filhos de Jágun, tem aparência jovem, são autoritários, arrogantes, guerreiros, justiceiros, briguentos e agitados, fortes na adversidade, costumam fazer tudo a sua maneira, ouvem conselhos dos outros, mas costumam seguir sua própria vontade...São pessoas trabalhadoras, gostam de tudo rápido, exigem asseio, limpeza; pessoas impulsivas; pessoas de espírito livre; enjoam de tudo facilmente; são dados á paixões violentas e passageiras, são curiosos, adoram viajar. Possuem grande proteção espiritual, boas amizades e, quase sempre, caminhos abertos. Possuem comportamento delicado, são honestas, dedicadas e atenciosas. Vivem com grandes esperanças, estão sempre apaixonadas, são sonhadoras, sofrem e se desdobram para ajudar e defender os amigos. Quando são repudiados ou sofrem algum tipo de traição podem se tornar extremamente vingativas e amargas. Apesar de serem guerreiras e obstinadas, as pessoas de Jágun, as vezes se isolam preferindo ambientes calmos e tranquilos. A personalidade dos filhos de Jágun é um misto de caracteristicas de Ogun, Omolú e Oxaguiã.

Jágun é uma palavra Yorubá, e significa: Guerreiro, Soldado.

Jagun é um Orisa abicioso luta para conquistar posição alta sem ver de que maneira...Apesar de ser Orixá Funfun (branco), é considerado e cultuado como Santo de Guerra, "santo quente", carrega uma lança prateada na mão e um facão ao adaga e muitas das vezes dependendo do caminho de Jagun ele usa até um ofá nas mãos,pois conta se um itan que Osala o nomeia como o guerreiro de todas as armas veste-se somente de branco,e se for usa Azê ou Capuz de palha é aberto no rosto por se tratar de um Guerreiro,sendo que geralmente Jagun prefere apenas usar um torço. Usa contas brancas rajadas de preto dependendo da qualidade intercalada com contas branca gosta tambem de contas feitas de buzios e marfin. Jágun é Orixá Jovem,quase chega ser um menino adolecente de Obatalá .. Ligado a Obatala (Rei no pano branco), tem caminhos com Ogun Já, Oxaguiã - Ajagunãn, e Ayrá. Tem caminhos também com Yemanjá e quase todas as Yabas pois elas acalmao sua furia.Quem traz Jágun ao barracão é Oxaguiã. Ele é considerado o

"protetor" e "guardião" de Oxalufã. Carrega consigo o Odú Ejionilê. Por ser considerado Orixá Funfun (branco) não leva azeite de dendê, e sim azeite doce e as vezes mel e de preferencia a banha de Ori suas comidas são todas brancas, aceita pipocas feitas na areia, bolas de inhame cozido, bolas de arroz, acaçá, obí funfun (claro), come tambem do Ebô (canjica) de Oxalá, assim como seus bichos tambem devem ser todos brancos, por ser ligado a ao rei do pano branco (Obatalá). Jágun dança com outros Orixás, acompanha na dança; Ogun e principalmente Oxaguiã e Oxalufã. A dança de Jágun é extremamente guerreira, começa com movimentos lentos, dança empunhando sua lança e adaga seu momento de "extâse" é quando salta e se sacode todo empunhado a lança de um lado para outro, tamanha é sua fúria guerreira nessa hora. Segundo as lendas, a lança prateada de Jágun, durante as batalhas e guerras, além de ser usada para proteção contra os males e feitiçarias e abrir os caminhos, deixava seus inimigos cegos após serem feridos por ela. Jagun tambem assim como Ogun ele é um grande caçador,assim como Ogun é caçador, que por sinal foi ele quem ensinou seu irmão Ossossi a caçar ele nao deixa tambem de ser um guerreiro,assim é Jagun é o grande guerreiro mas tambem um bom caçador.E algumas de sua cantigas relata isso.

Conta o itan de Ogi-Ogbé/Okaran que existiam 3 irmãos: Já, Jágun e Ajagunãn. Eram 3 Guerreiros que pertenciam aos exércitos de Obatalá, lutavam e venciam todas as guerras e batalhas em nome de Oxalá e eram os Guardiões deste Orixá. Eram chamados de os Guerreiros Brancos, por se vestirem somente com trajes brancos em homenagem a Obatalá. Eram considerados invencíveis, por sua bravura e coragem, nunca perderam uma batalha sequer. Sempre muito unidos nunca se separaram. Masum belo dia os tres irmãos gurreiros,foi guerria contra cidade de Osun.Osun como uma grande sabedoro dos poderes de Ya mi,foi avisada por ela quem seu reino seria atacado.Osun ficou muito desesperada e foi até Ifá para saber oque faria.Orumila mandou ela fazer um ebó,que sacrifica-se 8 Igbis a Osala e com o casco fize-se um pó e sopra-se nas terras de Osogbo.Assim Osun fez,quando os guerreiros chegaram para invadir as terras eles ficaram tontos e se perderam um do outro.Aí que Jagun foi para as terras de Omolu,Já para as terras de Ifé Ogun,e Ajagunã para as terras de Osagyan. Mas mesmo assim os 3 irmãos sempre estão juntos, respondem um pelo outro, eles continuam a ser Guerreiros Brancos ou seja são considerados Orixás Funfun, e sempre ligados a Obatalá, seus caminhos sempre se cruzam...os 3 irmãos Guerreiros continuam nas batalhas, sempre guerreando pela Paz. Dando essa caracteristica guerreira aos seus filhos. E por isso que o culto a Jagun foi assimilado ao de Omolu,mas sendo que depois disso conta se o Itan que ele vieu alguns anos nas terras de Omolu e que la encontrou uma linda mulher que tambem nao era das terras mas estava la por outros motivos,e se apaixonou por ela,tiveram filhos e se amam até hoje,essa linda mulher era Yewá.La tambem ele se juntou com o Orisa Osayn que por essa amizade passou ser um grande curandeiro e em tempos de guerra ele que cuidava dos guerreiros feridos com as porçoes e ervas magicas que Osayn o ensinou.Jagun teve uma trajetoria muito grande e bonita nas terras de Omolu,mas ele depois de anos retornou as terras do Ekiti-Efon,onde Osun era rainha e Osagyan grande gurreiro e protetor do palacio e cidade de Osun.Conta tambem que Jagun foi as terras de Osogbo,para destruir a cidade e buscar Osun,pois Osun tinha sua cidade onde era rainha Ekiti Efon,entao por ordem de Olooke ele fui busca-la.Depois isso tudo ter acontecido,Jagun anos nas terras de Omolu,Osagyan trouxe Osun de volta para Ekiti-Efon,por isso muitos acabaram se icvocando ao falar que foi Osagyan que deu as terras de Ekiti para Osun,mas nao foi isso ele

apenas trouxe Osun de volta a terra de onde ela nasceu e era dona junto com Olooke seu pai.Orisá Olooke vendo o prejuizo que Jagun teve e o tempo que ficou em outras terras,ele por causa de seu pedido de buscar Osun,ele intitulou Jagun Olu Efon,(Guerreiro senhor de Efon)em forma de lhe retribuir o tempo que Jagun ficou afastado de sua terra que tanto amava (Ekiti - Efan).

Caminhos do Orisá Jagun

1°Jagun Elewé :

Ligado a familia Unjí,esse caminho é o caminho que Jagun passou nas terras de Sapata e encontrou Orisá Ossayn e aprendeu a magia da cura e das folhas.Caminha com Ossayn.Sua ferramenta é um opere Ossayn prateado mas sem as folhasFaz Oro com Ossayne ligado a Erinlé e Ogun Já.Nesse caminho ele é muito guerreiro e ligado a cura e os misterios de magia de Ya Mi Osoronga.

2°Jagun Alagba ou Jagun Abagba :

Esse caminho de Jagun é muito melindroso,pois ele tem muita ligaçao com Ya Mi e Baba Egun.Pessoas desse caminho pelo menos tem que se tomar Bori ou Obi com Ejé dois vezes no ano.È um caminho muito quente,tem ligaçao com Yewá pois ele foi sua esposa e é bom arruma todas as Yagbas para acalma-lo,alias todos os caminho é bom serca com muito Orisá Omi e Ossalá.Esse caminho é Ligado a Ajagunã e Já.Ele leva uma mão de pilão nas costas e mora no quarto de Orinssala ou em um quarto com Ajagunã/Betiode ou Betioco dependendo do Odu da pessoa e Já.Para mecher com esse Orisa independente de caminho tem que tratar bem de Ya mi E Egun e Esú.Esse caminho de Jgaun usa tres ikeles um de Buzios,um de conta e outro de Branco de Osala.

3°Jagun Odé Ou Jagun Olodé :

Ligado aos Odés.Inclusivel mora no quarto dos Odés.Ligado a Ogun e Ossossi.Ele usa um Ofá prateado.Faz Orô com Ossossi e Ogun Já. Mas se arruma: Ossossi,Otin e Logun Edé, Erinlé,Iya Otin ,Ajagunan Betiodé e Ogun..Ou seja ele é ligado a todos os Odés e mais ele sai também no abado de Ossossi e nos mariows de Ogun.

4°Jagun Igbona :

Ligaçao com Ayrá,nessa faze Jagun era lento como um igbí,que por isso Ayrá esquentou o casco do igbí para esquentalo E por isso nessa Faze de Jagun é muito quente por se ligado aos Orisás do fogo.Ayrá e Oyá.

5°Jagun Agbá funfun :

Ligado a Osalufan,Yemanja e Osaguian..Esse caminho tem que fazer bastante oro a Ayrá pois ele é guerreiro mais é bem lento ....

6°Jagun Ajojí ou Jagun Seji Lonan :

Ligado a Ogun,muito sanguinario..Ele é muito quente e guerreiro,nessa fazer Jagun usa mario ou abre caminho mara acalma-lo.Faz orô com Ogun,esse caminho leva um ikele e umbigueira de ferro.Ligado a Esú Ona também..

7° Jagun Aisan :

Esse caminho de Jagun é totalmente Femea ou seja Yagba,esse caminho ele se cobre de palha ou mario.quase não se faz mais.Assim conta -se o itan que ele nesse caminho seria femea.E por mais um motivo que muitas pessoas confundirao Jagun c/ Oluaye por esse caminho usar palha.Esse caminho só se arruma não se faz em Ori.

JAGUN É UM ORISÁ MUITO TEMPERAMENTAL E JOVEM É BOM TER MUITA CAUTELA PARA ZELAR POR ESSE ORISÁ POIS SUA FURIA É MUITO GRANDE.JAGUN É FUNFUN COMO OLOKE,AJAGUNÃ,JÁ E OUTROS SÓ QUE NADA O IMPEDE DE USA UM POUCO DE (EPÔ)DENDE SÓ MENTE QUANDO ELE VAI COMER BICHO DE 4 PÉ.DEIXAND CLARO QUE NÃO SÃO TODOS CAMINHOS DE JAGUN QUE ACEITA EPÔ (DENDE)MAS O CERTO É O MELHOR FORA O SEU LABÉ É USA BANHA DE ORI E MUITO EFUN.SUAS CONTAS NÃO SÃO ESPCIFICAS,MAS ELE ADORA KAURIS(BUZIOS BRANCO) E MARFINS,QUE POR SINAL O PERTENCE.JAGUN COME FAISÃO,PAVÃO,PERU,POMBO,COQUEM,GALOS,CARNEIROS,CABRITOS NOVOS E CLARO O IGBI,POIS ESSE NÃO NÃO PODE FALTA PARA NENHUM DOS CAMINHOS ATE POR QUE SUA MASSA QUE VAI DENTRO DE SEU IGBA, LEVA O EJÉ BRANCO DO IGBÍ E O CASCO VAI PENDURADO NO SEU IKELE DE BUZIOS

IJUBÁ JAGUN

Baba Mi Jagun Mojubare

Meu pai Jagun meus repeitos

Iba Aseda

Saudaçoes

Iba Asé Orisá Jagun Aye

Saudaçoes Senhor Guerreiro do mundo

Jagun Mo pé o

Jagun vos chamo

Asé Mi Jagun

Força meu pai

Ayó Asé Asé

Felicidades,bençao,bençao

Iba oo

Benção

Ago Mi Orisa Ago

Perdao me Orisa perdao

Ago Mi Jagun Ago

Perdao meu guerreiro perdao

Ire o Asé Baba Mi

Benção meu pai

Asé o Asé o Asé ooo!!!!

Força, Força, força

Saudação: Jagun Arawra Jagun Epa " Jagun Olu Efon Epa Jagun

Sakpatá

Para o povo Jeje, Sakpatá foi trazido para o Dahomey, por Agajá, no século XVIII, vindo da cidade de Dassa Zoumé, mais precisamente, da aldeia de Pingine Vedji.

Todos os Voduns, pertencentes ao panteão de Sakpatá, são da família Dambirá.

Nesse panteão temos vários Voduns. O mais velho que se tem notícia é Toy Akossu, no transe, ele se mantém deitado na azan (esteira). Dizem os mais velhos, que Toy Akossu é o patrono dos cientistas, ele dá à eles inspirações para a descoberta das fórmulas mágicas que curarão as doenças e as pestes. Ele é a própria "doença e cura", como também um excelente conselheiro.

Toy Azonce é um outro Vodum velho, porém mais novo que Toy Akossu. Seu assentamento fica em local bem isolado do Kwe, sendo proibido tocá-lo. Somente UMA pessoa designada por ele mesmo pode tratar desse assentamento. É Toy Azonce quem sempre faz todas as honras para seu irmão Toy Akossu, quando ele está em terra.

Toy Abrogevi é um Vodum velho, filho de Toy Akossu, que gosta de comer quiabo com dendê, paçoca de gergelim e fumar cachimbo de barro. Toy Abrogevi gosta muito de Badé e se tornou muito amigo dele. Foi com Badé que aprendeu a comer e a gostar de quiabo.

São tantos Voduns desse panteão que seria praticamente impossível descrever cada um aqui.

Esses Voduns são rigorosos no que tange a moral e os bons costumes. Nunca admitem falhas morais dentro dos kwes e, quem faz essa fiscalização para eles é Ewá, filha de Toy Azonce.

As cores de contas e roupas usadas por esses Voduns podem variar de acordo com o gosto de cada um. Todos usam roupas feitas de palha da costa sendo umas mais curtas e outras mais compridas. Sakpatá usa todas as cores e o estampado, sempre com a presença das cores escuras.

Símbolo fortemente ligado a Sakpatá, a palha da costa é a fibra da ráfia, obtida de palmas novas, extraídas de uma palmeira cujo nome científico é raphia vinifera. No Brasil, recebe o nome de Jupati. A palmeira é considerada a "esteira da Terra".

A palha da costa, tendo sua origem na palmeira, ganha o simbolismo universal de ascensão, de regenerescência e da certeza da imortalidade da alma e da ressurreição dos mortos. Um símbolo da alma. Além de proteger a vulnerabilidade do iniciado, sua utilização também é reservada aos deuses ancestrais, numa reafirmação de sua ancestralidade, eternização e transcendência.

Os Sakpatás podem trazer nas mãos o xaxará, ou o bastão, a lança, o illewo ou ainda, uma pequena espada. A maioria deles gostam de manter o rosto coberto pela palha da costa, outros gostam de mostrar o rosto. Todos gostam muito de usar búzios e chaorôs (guizos).

O búzio simboliza a origem da manifestação, o que é confirmado pela sua relação com as águas e seu desenvolvimento espiralóide a partir de um ponto central. Simboliza as grandes viagens, as grandes evoluções, interiores e exteriores.

É associado às divindades ctonianas, deuses do interior da terra. Por extensão, o búzio simboliza o mundo subterrâneo e suas divindades.

O chaorô (guizo), tem simbologia aproximada a do sino, sobretudo pela percepção do som. Simboliza o ouvido e aquilo que o ouvido percebe o som, que é reflexo da vibração primordial. A repercussão do chaorô é o som sutil da revelação, a repercussão do Poder divino na existência. Muitas vezes têm por objetivo fazer perceber o som das leis a serem cumpridas.

Universalmente, tem um poder de exorcismo e de purificação, afasta as influências malignas ou, pelo menos, adverte da sua aproximação. Sem dúvida, simboliza o apelo divino ao estudo da lei, a obediência à palavra divina, sempre uma comunicação entre o céu e a terra, tendo também o poder de entrar em relação com o mundo subterrâneo.

O lakidibá, fio de conta de Sakpatá, é feito do chifre do búfalo. Tem o sentido de eminência, de elevação, símbolo de poder, um emblema divino. Ele evoca o prestígio da força vital, da criação periódica, da vida inesgotável, da fecundidade. Devemos lembrar que chifre, em hebraico "querem", quer dizer, ao mesmo tempo, chifre, poder e força.

O lakidibá não sugere apenas a potência, é a própria imagem do poder que Sakpatá tem sobre a vida e a morte. Na conjunção do lakidibá e do deus Sakpatá, descobrimos um processo

de anexação da potência, da exaltação, da força, das quatro direções do espaço, da ambivalência.

Encontramos o lakidibá em duas cores: preto e branco. Ele também contém a bondade, a calma, a força, a capacidade de trabalho e de sacrifício pacífica do chifre do búfalo, de onde se origina. Rústico, pesado e selvagem, o búfalo é também considerado divindade da morte, um significado de ordem espiritual, um animal sagrado.

Na África, o búfalo (assim como o boi), é considerado um animal sagrado, oferecido em sacrifício, ligado a todos os ritos de lavoura e fecundação da terra.

O lakidibá é entregue ao adepto somente na obrigação de sete anos.

Presença certa em tudo ligado a Sakpatá, o duburu (pipoca) representaria as doenças de pele eruptivas, cujo aspecto lembra os grãos se abrindo. Jogar o duburu assumi o valor e o aspecto de uma oferenda, destreza e resistência. O ato de jogar se mostra sempre , de modo consciente ou inconsciente, como uma das formas de diálogo do homem com o invisível. Tem por alvo firmar uma atmosfera sagrada e restabelecer a ordem habitual das coisas, é fundamentalmente um símbolo de luta, contra a morte, contra os elementos hostis, contra si mesmo.

Os narrunos para esses Voduns devem sempre ser feitos com o sol forte e cada um deles especifica o que querem comer. Isso quer dizer que, não existe uma única maneira de agradá-los. Eles não gostam de barulho de fogos de artifícios.

Uma vez por ano, os Kwes fazem um banquete para as Divindades do Panteão de Sakpatá, onde devemos comer dançar e cantar junto com os Voduns.

Os demais Voduns do panteão da terra, sempre são convidados a compartilhar desse banquete. Os jejes acreditam que, com essa cerimônia oferecida a essas divindades, todas as doenças são despachadas do caminho do Kwe e de seus filhos.

Esse banquete é colocado dentro do peji ou do quarto onde mora Sakpatá e os demais Voduns de seu panteão. Toda a comunidade vêm saudar o Deus da varíola e seus descendentes, comer e dançar junto com eles e, ali mesmo, é servido o banquete para todos os presentes.

Após essa cerimônia, Sakpatá e os demais Voduns, vestem suas roupas de festa e vão para a Sala (barracão) comemorarem seu grande dia, junto com a comunidade que os aguardam. Quando entram na Sala, todos gritam louvores à eles, dançam e cantam, louvando o Deus da varíola, que traz a cura de todas as doenças.

Suas danças e cânticos lembram sempre os doentes, as doenças e a cura das mesmas. Algumas falam das lutas que esses Voduns enfrentaram com a rejeição das comunidades com sua presença e outras falam das vitórias que tiveram sobre todas as comunidades que a eles vieram pedir ajuda.

Os Sakpatás trabalham muito e têm um importantíssimo papel nas feituras de Voduns. Do início ao fim de uma ahama (barco de yaô), eles atuam com rigidez e vigor, mantendo o bom

andamento, principalmente dos bons costumes morais e, cobram "feio" caso alguém cometa alguma falha. Eles são, na verdade, as testemunhas de uma feitura. Após a feitura, se um filho negar alguma coisa que tenha sido feita, eles são os primeiros a cobrarem desse vodunci a mentira que ele está dizendo, assim como também cobram a quebra de segredos.

Todas as folhas refrescantes para ferimentos pertencem a esses Voduns.

Vale alertar que existem Orixás e Inkices também ligados a cura e doenças, porém, não são os mesmos deuses que os Voduns da família Dambirá, da nação Jeje. Muitas confusões são feitas e, encontramos várias bibliografias relatando origens, especificações e costumes que nada têm a ver com o Vodum Sakpatá.

OMOLU / OBALUAÊ

(o senhor das doenças)

PERFIL DO ORIXÁ

Esta pesquisa se dedica ao Orixá da Doença ou Orixá da Varíola. Ambos os nomes surgem quando nos referimos à esta figura, seja Omolu seja Obaluaê. Para a maior parte dos devotos do Candomblé e da Umbanda, os nomes são praticamente intercambiáveis, referentes a um mesmo arquétipo e, correspondentemente, uma mesma divindade. Já para alguns babalorixás, porém, há de se manter certa distância entre os dois termos, uma vez que representam tipos diferentes do mesmo Orixá.

São também comuns as variações gráficas Obaluaê , Abalaú, Obaluaiê e Abaluaê .

Em termos mais estritos, Obaluaê é a forma jovem do Orixá Xapanã , enquanto Omolu é sua forma velha. Como porém, Xapanã é um nome proibido tanto no Candomblé como na Umbanda, não devendo ser mencionado pois pode atrair a doença inesperadamente, a forma Omolu é a que mais se popularizou e acabou sendo confundida não apenas com a forma mais velha do Orixá, mas com sua essência genérica em si. Esta distinção se aproxima da que existe entre as formas básica de Oxalá: Oxalá (o Crucificado), Oxaguiã a forma jovem e Oxalufã a forma mais velha.

A figura de Omolu-Obaluaê, assim como seus mitos, é completamente cercada de mistérios e dogmas indevassáveis. Em termos gerais, a essa figura é atribuído o controle sobre todas as doenças, especialmente as epidêmicas. Faria parte da essência básica vibratória do Orixá tanto o poder de causar a doença como o de possibilitar a cura do mesmo mal que criou.

Em algumas narrativas mais tradicionalistas tentam apontar-se que o conceito original da divindade se referia ao deus da varíola , tal visão porém, nos parece uma evidente limitação. A varíola não seria a única doença sob seu controle, simplesmente pôr ser a epidemia mais devastadora e perigosa que conheciam os habitantes da comunidade original africana, onde surgiu Omolu-Obaluaê, o Daomé.

Assim, sombrio e grave como Iroco, Oxumarê (seus irmãos) e Nanã (sua Mãe), Omolu-Obaluaê é uma criatura da cultura jeje, posteriormente assimilada pelos iorubas. Enquanto os Orixás

iorubanos são extrovertidos, de têmpera passional, alegres, humanos e cheios de pequenas falhas que os identificam com os seres humanas, a figuras daomeanas estão mais associadas a uma visão religiosa em que distanciamento entre deuses e seres humanos é bem maior. Quando há aproximação, há de se temer, pois alguma tragédia está para acontecer, pois os Orixás do Daomé são austeros no comportamento mitológico, graves e conseqüentes em suas ameaças.

A visão de Omolu-Obaluaê é a do castigo. Se um ser humano falta com ele ou um filho-de-santo seu é ameaçado, o Orixá castiga com violência e determinação, sendo difícil uma negociação ou um aplacar , mais prováveis nos Orixás iorubas.

Pierre Verger, nesse sentido, sustenta que a cultura do Daomé é muito mais antiga que a ioruba, o que pode ser sentido em seus mitos: A antiguidade dos cultos de Omolu- Obaluaê e Nanã (Orixá feminino), freqüentemente confundidos em certas partes da África, é indicada por um detalhe do ritual dos sacrifícios de animais que lhe são feitos. Este ritual é realizado sem o emprego de instrumentos de ferro, indicando que essas duas divindades faziam parte de uma civilização anterior à Idade do Ferro e à chegada de Ogum .

Como parte do temor dos iorubas, eles passaram a enxergar a divindade (Omolu-Obaluaê) mais sombria dos dominados como fonte de perigo e terror, entrando num processo que podemos chamar de malignidade de um Orixá do povo subjugado, que não encontrava correspondente completo e exato (apesar da existência similar apenas de Oçanhe). Omolu-Obaluaê seria o registro da passagem de doenças epidêmicas, castigos sociais , já que atacariam toda uma comunidade de cada vez.

Existe uma grande variedade de tipos de Omolu-Obaluaê, como acontece praticamente com todos os Orixás. Existem formas guerreiras e não guerreiras, de idades diferentes, etc., mas resumidos pelas duas configurações básicas do velho e do moço. A diversidade de nomes pode também nos levar a raciocinar que existem mitos semelhantes em diferentes grupos tribais da mesma região, justificando que o Orixá é também conhecido como Skapatá, Omolu Jagun, Quicongo, Sapatoi, Iximbó, Igui.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OMOLU-OBALUAÊ

Ao senhor da doença é relacionado um arquétipo psicológico derivado de sua postura na dança: se nela Omolu-Obaluaê esconde dos espectadores suas chagas, não deixa de mostrar, pelos sofrimentos implícitos em sua postura, a desgraça que o abate. No comportamento do dia-a-dia, tal tendência se revela através de um caráter tipicamente masoquista.

Pierre Verger define os filhos de Omolu como pessoas que são incapazes de se sentirem satisfeitas quando a vida corre tranqüila para elas. Podem até atingir situações materiais e rejeitar, um belo dia, todas essas vantagens por causa de certos escrúpulos imaginários. São pessoas que, em certos casos, se sentem capazes de se consagrar ao bem-estar dos outros, fazendo completa abstração de seus próprios interesses e necessidades vitais.

No Candomblé, como na Umbanda, tal interpretação pode ser demais restritiva. A marca mais forte de Omolu-Obaluaê não é a exibição de seu sofrimento, mas o convívio com ele. Ele se manifesta numa tendência autopunitiva muito forte, que tanto pode revelar-se como uma grande

capacidade de somação de problemas psicológicos (isto é, a transformação de traumas emocionais em doenças físicas reais), como numa elaboração de rígidos conceitos morais que afastam seus filhos-de-santo do cotidiano, das outras pessoas em geral e principalmente os prazeres. Sua insatisfação básica, portanto, não se reservaria contra a vida, mas sim contra si próprio, uma vez que ele foi estigmatizado pela marca da doença, já em si uma punição.

Em outra forma de extravasar seu arquétipo, um filho do Orixá , menos negativista, pode apegar-se ao mundo material de forma sôfrega, como se todos estivessem perigosamente contra ele, como se todas as riquezas lhe fossem negadas, gerando um comportamento obsessivo em torno da necessidade de enriquecer e ascender socialmente.

Mesmo assim, um certo toque do recolhimento e da autopunição de Omolu-Obaluaê serão visíveis em seus casamentos: não raro se apaixonam por figuras extrovertidas e sensuais (como a indomável Iansã, a envolvente Oxum, o atirado Ogum) que ocupam naturalmente o centro do palco, reservando ao cônjuge de Omolu-Obaluaê um papel mais discreto. Gostam de ver seu amado brilhar, mas o invejam, e ficam vivendo com muita insegurança, pois julgam o outro, fonte de paixão e interesse de todos.

Assim como Oçanhe, as pessoas desse tipo são basicamente solitárias. Mesmo tendo um grande círculo de amizades, freqüentando o mundo social, seu comportamento seria superficialmente aberto e intimamente fechado, mantendo um relacionamento superficial com o mundo e guardando sua intimidade ara si própria. Não raro são pessoas que julgam. Ter características detestáveis, que vivem criticando, motivo de vergonha. O filho do Orixá oculta sua individualidade com uma máscara de austeridade, mantendo até uma aura de respeito e de imposição, de certo medo aos outros. Pela experiência inerente a um Orixá velho, são pessoas irônicas. Seus comentários porém não são prolixos e superficiais, mas secos e diretos, o que colabora para a imagem de terrível que forma de si próprio.

Um último, mas importante detalhe; em diversas de suas lendas, o Orixá da varíola é apresentado como uma divindade que perdeu uma perna. Isso se refletiria em seus filhos como um defeito congênito em uma das pernas ou a tendência a sofrer, durante sua vida, por um problema de relativa gravidade em seus membros inferiores, a partir de quedas ou desastres que podem ou não ser curados e ultrapassados.

TOHOSSOU:

Vodum Protetor dos Deficientes Físicos e Mentais

Por séculos, em todo o mundo, as crianças nascidas em circunstâncias especiais, eram mortas pois eram segregadas e rotuladas como seres de mau agouro, diabos ou que perpetuavam a miséria e o sofrimento de suas famílias, tornando-se assim, um estôrvo para seus pais. Eles eram assassinados, conforme estabelecido pelo grupo, para serem poupados de uma vida com olhares fixos e rejeições sociais.

Não havia nenhuma recompensa em sacrificar uma vida familiar cuidando dessas crianças carregadas de circunstâncias tão especiais.

Esta situação também estava presente na cultura dahomeana, até que um Vodum especial, nomeou Tohossou para encarregar-se de mudar essa situação.

Os Tohossous são congregados de antepassados reais que surgiram durante o reinado do Rei Akaba, o segundo rei do Dahomey (1685-1708). Eram conhecidos como "as crianças e o guardião dos três rios", um lugar onde todos os antepassados viviam, e todos que morriam passavam a viver neste sagrado reino subaquático.

Este Tohossou foi considerado muito poderoso e, frequentemente, era chamado para batalhas quando tudo já havia falhado, pois era um vencedor certo com uma rajada de sua poderosa espada.

O Tohossou é agrupado com o "Neusewe" dahomeano, grupo da maioria dos mais antigos antepassados, hoje conhecido como "Loko".

A primeira criança nascida com má formação física e a fazer parte desse grupo foi Zomadonu, filho mais velho Acoicinacaba.

Zomadonu é quem comanda este poderoso grupo de Trowo (espíritos ancestrais) . Para este grupo eram feitos sacrifícios e honras especiais.

Infelizmente, foi durante o reinado do rei Glele que deu-se a maior perseguição às famílias dessas crianças. Elas eram sacrificadas afim de poupar o reinado e suas famílias.

O mais significativo, é que esses antepassados reais eram, frequentemente, ignorados e negligenciados pelos próprios reis. Muitas tentativas foram feitas por esses antepassados para atrairem a atenção dos reis em incentivá-los a dar-lhes as homenagens como era a tradição, mas os reis se recusavam veementemente, então esses antepassados se tornaram enfurecidos.

Um dia, irritados, desceram na corte real, nos corpos dos adultos fisicamente mal formados e começaram a destruição, a devastação e a exalarem um cheiro forte e desagradável e, acima de tudo, muita confusão e desespero, destruindo a corte e vilas inteiras.

Imediatamente o rei chamou os bakonons de Fa para verificarem qual era o problema e o que poderia ser feito para acalmar esses espíritos poderosos e irritados.

Após um consulta cuidadosa, Tohossou começou a falar. Além de exigirem que todos os reis erguessem um santuário ao Vodum maior, Zomadonu, para que eles lhes pagassem as devidas homenagens, exigiram também que a repercussão da "fama" que os física e mentalmente abalados tinham fosse cessada. Declarou ainda que daquele momento em diante eles eram os seus guardiões protetores. Por último, propôs que, aqueles que nascessem naquelas condições, suas famílias deveriam erguer um pequeno santuário em suas casas e, os que assim fizessem, seriam recompensados e abençoados com prosperidades especiais.

Hoje, no Benin e em Togo, as crianças que nascem com má formação física ou deficiências mental têm uma cerimônia especial e, em suas casas, um pequeno altar é consegrado aos Tohossous.

Assim, em vez de trazerem desgraças financeira e emocional às suas famílias, trazem bençãos.

Aqueles que ficam incapacitados devido a idade, ferimentos ou doenças, também ficam sob a proteção dos Tohossous.

NANÃ

Nanã é considera por todos os adeptos do Culto Vodum como a grande Mãe Universal que criou o mundo e deu vida aos Voduns. É chamada carinhosamente de vó Misan (missam).

Senhora da lama, matéria primordial e fecunda da qual o homem em especial, foi tirado. Mistura de água e terra, a lama une o princípio receptivo e matricial (a terra) ao princípio dinâmico da mutação e das transformações. Sua ligação com a água e a lama, associa Nanã à agricultura, a fertilidade e aos grãos (vide simbologia dos grãos e favas).

Nanã tem os mais variados nomes de acordo com o dialeto usado: Bouclou, Buukun, Buruku, etc. Em Dahomey, na cidade de Domê onde está localizado seu principal templo, Ela é conhecida como Nanã Buruku (lê-se, buluku).

No Brasil, também existem variações de nomes para Nanã: Buruku, Naê Naité, Yabainha, Naê, Anabiocô, etc.

Nanã representa a dogbê (vida) e a doku (morte). Ela recebe em seu seio os ghedes (mortos) e os prepara para o leko (lêcô - retorno, renascimento)

Quando uma mulher não consegue engravidar, recorre a Nanã que ensina a "fórmula mágica", o remédio de ervas que deve tomar, os ebós e oferendas que devem ser feitos.

Se um doente recorre a Nanã, imediatamente obtém o remédio curador.

Na África quando uma família ou alguém obtém um favor de Nanã, fica com o compromisso de oferecer um membro da família ao culto de Nanã e esse, após sua iniciação, receberá na frente de seu nome a palavra Nanã; assim como a criança que nasce com a ajuda da Grande Mãe também. Todos os sacerdotes e sacerdotisas de Nanã têm na frente de seus nomes a palavra Nanã.

Nanã é a maior conhecedora do uso terapêutico das ervas. Alguns de seus sacerdotes e sacerdotisas são preparados para serem curandeiros. Em Ghana existe a Sociedade dos Jou-Jou, em Allada e Dahomey a Sociedade do Bo, etc.. Nessas sociedades as pessoas escolhidas são preparadas para a prática da medicina através das ervas. Nanã diz que além do uso terapêutico das folhas e de alguns produtos animais, as doenças devem que ser tratadas em sua origem espiritual, para que a cura seja concretizada. É lastimável que no Brasil essa parte do culto a Nanã não tenha sido trazida. Em outros países como Estados Unidos, Canadá, Jamaica e Haiti encontraram essa prática.

O Culto de iniciação de uma filha ou filho de Nanã requer uma série de cuidados especiais, tanto na África, como no Brasil. Para mim, esse é o mais difícil culto de Vodum. Nanã Buruku não é feita na cabeça de ninguém.

Existem vários Voduns da linhagem de Nanã Buruku, que são feitos nos iniciados. Todos esses Voduns seguem a tradição de Nanã Buruku e são tão exigentes quanto Ela.

Para iniciar um processo de feitura de uma Nanã, é exigido a abstinência de sexo, bebidas alcoolicas e outros prazeres carnais, pelo menos dois meses antes (na África são exigidos 3 meses), de todos que irão participar do processo de renascimento do iniciado. Nesse período, são feitos vários ebós no iniciado e alguns poucos nos participantes e na casa de santo.

A bogami (bôgâmi - menstruação) é outro beko de Nanã. Se durante o processo de iniciação a vodunsi ficar menstruada, deve ser afastada imediatamente de Nanã e ficar reclusa em um lugar especial, fora do templo, até que cesse esse período.

Na África as mulheres menstruadas são proibidas de entrar no Templo de Nanã ou de participar de qualquer preceito, seja de rituais ou simplesmente fazer uma comida de santo. Nanã diz que a bogami é um sangue impuro e aconselha as mulheres não cozinharem para seus maridos nesse período.

Por ter muita ligação com egungum é necessário saber tratar muito bem de Buku, entidade assistente de Nanã e Sakpata. Em uma feitura, não é permitido a sua presença, mas, ele deve ficar aposto, sua função será tomar conta de todos, para que nenhuma exigência da Grande Mãe seja desobedecida, principalmente a abstinência de sexo.

Assim como Buku, Legba Aghamasa (agramassá) devem ser tratados corretamente para garantir a paz, tranqüilidade e segurança nos rituais e preceitos. Ebós e oferendas específicas devem ser feitos para essas duas entidades.

Os ancestrais dos Voduns, do iniciado, dos participantes e da casa de santo não podem ser esquecidos em hipótese alguma!

Antes, durante e depois da iniciação de uma Nanã devemos fazer muitos ebós, oferendas e preceitos. Uma Nanã bem feita é caminho de prosperidade e crescimento para a casa de santo, do iniciado e dos participantes.

De acordo com a Vodum Nanã que está sento feita ou cultuada é que se determina, se comerá bichos macho ou fêmea. Existem Voduns dessa linhagem que não comem bicho de quatro pés, outros preferem comer somente o Igby. Nanã Buruku, por exemplo, não gosta de muito kun (sangue)

Vários textos têm sido publicados, citando o carneiro como o bicho oferecido a Nanã, mas, se observarmos as fotos que acompanham esses texto, veremos que se trata de cabra e cabritos. O sacrifício de carneiro é o maior beko (kisila) de Nanã. Para essa Vodum, o carneiro é um bicho sagrado e não deve ser sacrificado.

O não uso da faca e outros metais nos nahunos e preceitos de Nanã devem-se ao fato de Ela ser muito mais velha que esses metais. Por seu caráter conservador, quando o ferro e outros metais apareceram, ela preferiu manter o que já conhecia em seus ritos.

Vejamos abaixo alguns dos Voduns da linhagem de Buruku. e algumas curiosidade ligadas a Grande Mãe.

Nanã Densu ou apenas Densu – Segundo os Fons esse Vodum é um deus andrógino e seria o lado macho ou marido de Buruku. É muito cultuado nos rituais de Mami Wata onde é considerado o maior de todos os deuses, os Fons o compara a Olokun.

Muitos antropólogos têm atribuído erronêamente Densu a um deus hindu, devido seus fetíches e assentamentos apresentarem três cabeças.

Esse Vodum é muito rico e farto. Costuma presentear seus adeptos com suas riquezas.

Não é feito na cabeça de ninguém.

Nanã Asuo Gyebi (assuô giêbi) – Vodum masculino velho, que habita os rios. Muito popular em Ghana e tido como o protetor das crianças africanas que foram escravizadas. Esse Vodum pediu aos seus sacerdotes que o levasse para os países onde os africanos foram escravizados afim de que pudesse resgatar suas crianças. Ele já foi assentado em templos de Akonedi nos Estados Unidos e no Canadá.

Nanã Esi Ketewa (êssi quetêuá) – Vodum feminina muito velha, cultuada em Ghana, Cotonou e Allada. Dizem os mais velhos que essa Vodum morreu de parto e que por isso a missão dela é proteger e tratar as mulheres grávidas assim como seus filhos

Nanã Adade Kofi (adadê côfi) – Vodum masculino, tem a função de proteger e defender todos os templos de Nanã. É um Vodum guerreiro, ligado ao ferro e outros metais. Cultuado em Ghana, Allada, Cotonou, Porto Novo, etc. É o Vodum da força e perseverança. Sua espada é usada pelos adeptos de Nanã, para prestarem juramentos de obediência, submissão e devoção a Grande Mãe.

Nanã Tegahe (têgarê) – Vodum feminina jovem, cultuada em Ghana. Tem o poder de tirar feitíços das pessoas e lugares. Tem grande conhecimento no uso terapêuticos e ritualísticos das ervas. Muito alegre e faceira, gosta de dançar e cantar, mas fica muito séria e aborrecida quando encontra malfeitores e ladrões; ela os mata.

Nanã Obo Kwesi (obó cuêssi) – Vodum feminina guerreira, cultuada na região Fanti em Ghana. Protege e ajuda os kuhatô (pobres) e os azon (doentes). Detesta quem faz aze (azê - bruxarias) ou qualquer mau a um ser humano.

Nanã Tongo ou Nanã Wango (tongô/uangô) – Vodum feminina, cultuada em Togo. Grande curandeira, trata das pessoas com ervas, ebós e gri-gris. É uma grande Azeto (azétó - feiticeira) e seu culto talvez seja um dos mais complexo. Em seus nahunos, os sacerdotes prostam-se no chão ao lado dos bichos mortos e fingem estarem mortos também, assim permanecem até que Wango incorpore em um deles e os ressuscite. Todos levantam, os bicho são suspensos e preparados.

Nanã Tongo dança com muita alegria, vestida em suas roupas confeccionadas com as peles dos bichos sacrificados para ela. Seus adeptos costumam presentear Wango com muitas jóias,

enfeites, roupas e talismãs que a agradam. Antes de começar os nahunos para Wango, corujas são atadas às árvores.

Nanã Akonedi Abena – Vodum feminina jovem, cultuada em diversas partes da África. Seu principal templo fica em Later, cidade de Ghana. Quando Akonedi chega ela percorre a vila, esconde-se em arbustos e sobe em telhados à procura de feitíços, feiticeiros e malfeitores. Atende os moradores locais, fazendo libações e curando os doentes. Em Ghana é considerada a Deusa da Justiça

Seu corpo é coberto com um pó branco sagrado, usa saia de palha, seu rosto é descoberto, na cabeça usa um torço, no corpo muitos brajás e nas mãos trás um feixe de lenha.

Sua dança é selvagem e desenvolve-se dentro de um quadrado divino, dividido em outros quadrados menores feito com riscos do mesmo pó que cobre seu corpo. Esse conjunto de quadrado também é usado por suas sacerdotisas durante as danças.

Seu assentamento fica em um buraco dentro da terra, ficando somente a tampa deste aparecendo.

Os sacerdote e adeptos de Akonedi carregam-na nos ombros numa espécie de desfile, para que todos possam admirar e louvar a grande deusa da Justiça. Terça-feira é o dia consagrado a essa Vodum.

O Culto de Akonedi foi levado para alguns países, a pedido dos governantes desses. Quem levou o culto de Akonedi para o novo mundo foi a maior autoridade religiosa do culto, Nanã Oparebea Akua Okomfohemma, falecida em 1995.

Mmoetea – Aldeia de pigmeus que vivem nas florestas de Ghana. Formam uma sociedade secreta especializada no uso das ervas para diversos fins. Desenvolveram a capacidade de curar qualquer doença física, mental e espiritual. Trabalham com os espíritos da natureza e seu maior deus é Nanã. Os espíritos da floresta deram aos Mmoeta o poder de ler a mente dos homens e dos animais. São grandes curandeiros e poderosos feiticeiros.

Buku – Assistente de Nanã e Sakpata que mata os doentes infectados pela varíola. “Toma conta e presta conta” do comportamento moral das pessoas durante os cultos de Nanã e Sakpata.

Legba Aghamasa – Vodum Legba masculino, reina nos portais da morte onde reside Nanã Buruku.

Odom – Bolsa feita com pele de cabra não curtida, enfeitada com búzios, penas e sangue. Nessa bolsa são colocados os gris-gris venenoso e não venenoso que decidem uma questão de justiça. Quando duas pessoas brigam pela mesma “coisa” e recorrem a Nanã para saber quem tem razão, sua sacerdotisa pede um galo a cada um dos queixosos, quando esses animais chegam, esses gris-gris são oferecidos aos animais. O galo que comer o venenoso, o dono dele perde a causa. Além desses gri-gris, outros segredos de Nanã são guardados na Odom.

A Odom fica sempre nos pés do assentamento de Nanã, nunca vai a público e não pode jamais ser tocada por homens.

Abuk (abuquê) – De acordo com a cultura Fon, foi a primeira mulher a surgir. Patrona das mulheres e dos jardins, seu fetíche é uma pequena serpente. (teria alguma coisa a ver com Nanã?!!)

Asase (assassê) – Deusa da criação dos homens e receptadora dos mesmos na morte. Cultura Ashanti. (Seria a mesma Buruku?!)

Atori (atôli) – Vara ou haste simbólica de Nanã, representa seus filhos mortos e os ancestrais.

Todos esses Voduns usam muitos kpolis (quipôlis - búzios) e palha, dificilmente cobrem seus rostos.

Falar ou escrever sobre Nanã é uma tarefa das mais difíceis, pois são tantas as história a ser contadas, que somente um livro poderia caber.

Todos os adeptos do Culto Vodum devem prestar muita reverência a Nanã. Em seus cânticos e danças devemos nos alegrar e nos sentirmos honrados em poder, aqui no Brasil, participar dessa parte que na África é reservada somente aos seus sacerdotes e sacerdotisas.

Aho bo boy Naê!!

NANÃ

O PERFIL DO ORIXÁ

Esta é uma figura muito controvertida do panteão africano. Ora perigosa e vingativa, ora praticamente desprovida de seus maiores poderes, relegada a um segundo plano amargo e sofrido, principalmente ressentido, Nanã possui não dois lados, como tantos Orixás, mas sim um Orixá dentro do outro, um conceito que foi sendo gradativamente substituído por outro, dando margem a muita confusão e contestação no jeito de se defini-la.

Nanã, é um Orixá feminino de origem daomeana, que foi incorporado há séculos pela mitologia ioruba, quando o povo nagô conquistou o povo do Daomé (atual República do Benin) , assimilando sua cultura e incorporando alguns Orixás dos dominados à sua mitologia já estabelecida.

Resumindo esse processo cultural, Oxalá (mito ioruba ou nagô) continua sendo o pai e quase todos os Orixás. Iemanjá (mito igualmente ioruba) é a mãe de seus filhos (nagô) e Nanã (mito jeje) assume a figura de mãe dos filhos daomeanos, nunca se questionando a paternidade de Oxalá sobre estes também, paternidade essa que não é original da criação das primeiras lendas do Daomé, onde Oxalá obviamente não existia. Os mitos daomeanos eram mais antigos que os nagôs (vinham de uma cultura ancestral que se mostra anterior à descoberta do fogo). Tentou-se, então, acertar essa cronologia com a colocação de Nanã e o nascimento de seus filhos, como fatos anteriores ao encontro de Oxalá e Iemanjá.

Muitas pesquisas apontam ainda que os iorubas começaram a ter um conceito de Deus Supremo antes inexistente, e que esse conceito pode (fato não comprovado) ser conseqüência da

influência dos maometanos do norte da África sobre a população negra mais próxima. Assim Nanã assume, como outros Orixás femininos, o conceito de maternidade como função principal.

É neste contexto, a primeira esposa de Oxalá, tendo com ele três filhos: Iroco (ou Tempo), Omolu (ou Obaluaê) e Oxumarê .

Pierre Verger aponta que Nanã, no culto daomeano, teria um posto hierárquico semelhante ao de Oxalá ou até mesmo do Deus Supremo Olorum . Neste contexto, era uma figura feminina mas às vezes também alguém acima das distinções macho e fêmea, pois constituía, num par completo, pai e mãe unificados de todas as coisas, fossem os seres humanos, fossem os Orixás.

Nanã faz o caminho inverso da mãe da água doce. É ela quem reconduz ao terreno do astral, as almas dos que Oxum colocou no mundo real. É a deusa do reino da morte, sua guardiã, quem possibilita o acesso a esse território do desconhecido.

A senhora do reino da morte é, como elemento , a terra fofa, que recebe os cadáveres, os acalenta e esquenta, numa repetição do ventre, da vida intra-uterina. É, por isso, cercada de muitos mistérios no culto e tratada pelos praticantes da Umbanda e do Candomblé, com menos familiaridade que os Orixás mais extrovertidos como Ogum e Xangô, por exemplo.

Muitos são, portanto os mistérios que Nanã-terra esconde, pois nela entram os mortos e através dela são modificados para poderem nascer novamente. Só através da morte é que poderá acontecer para cada um a nova encarnação, para novo nascimento, a vivência de um novo destino – e a responsável por esse período é justamente Nanã. Ela é considerada pelas comunidades da Umbanda e do Candomblé, como uma figura austera, justiceira e absolutamente incapaz de uma brincadeira ou então de alguma forma de explosão emocional. Por isso está sempre presente como testemunha fidedigna das lendas. Jurar por Nanã, por parte de alguém do culto, implica um compromisso muito sério e inquebrantável, pois o Orixá exige de seus filhos-de-santo e de quem o invoca em geral a mesma e sempre relação austera que mantém com o mundo.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE NANÃ

Uma pessoa que tenha Nanã como Orixá de cabeça (mãe no Eledá), pode levar em conta principalmente a figura da avó: carinhosa às vezes até em excesso, levando o conceito de mãe ao exagero, mas também ranzinza, preocupada com detalhes, com forte tendência a sair censurando os outros. Não tem muito senso de humor, o que a faz valorizar demais pequenos incidentes e transformar pequenos problemas em grandes dramas. Ao mesmo tempo, tem uma grande capacidade de compreensão do ser humano, como se fosse muito mais velha do que sua própria existência. Por causa desse fator, o perdão aos que erram e o consolo para quem está sofrendo é uma habilidade natural. Nanã, através de seus filhos-de-santo, vive voltada para a comunidade, sempre tentando realizar as vontades e necessidades dos outros.

Às vezes porém, exige atenção e respeito que julga devido mas não obtido dos que a cercam. Não consegue entender como as pessoas cometem certos enganos triviais, como optam por certas saídas que para um filho de Nanã são evidentemente inadequadas. É o tipo de pessoa que

não consegue compreender direito as opiniões alheias, nem aceitar que nem todos pensem da mesma forma que ela.

Suas reações bem equilibradas e a pertinência das decisões, as mantém sempre no caminho da sabedoria e da justiça.

Todos esses dados indicam também serem os filhos de Nanã, um pouco mais conservadores que o restante da sociedade, desejarem a volta de situações do passado, modos de vida que já se foram. Querem um mundo previsível, estável ou até voltando para trás: são aqueles que reclamam das viagens espaciais, dos novos costumes, da nova moralidade, etc.

Quanto à dados físicos, são pessoas que envelhecem rapidamente, aparentando mais idade do que realmente têm.

YEWA

Yewa é um vodum feminino da família Dambirá. Filha de Toy Azonze e Dambala, irmã de Boçalabê nasceu para ser o símbolo da pureza e da beleza dos deuses. Do nascimento a fase adulta Yewa viveu na família de Dan onde representava a faixa branca do arco-íris onde também mora Ojiku. Recebeu de Dan Wedo o poder da vidência, da riqueza, e todos os corais que existiam no mar que ela pegava com seu arpão.

A beleza física de Yewa encantava a todos que olhassem em seus olhos, mas essa nunca se encantava com ninguém pois era o símbolo da virgindade e da pureza. Muitos homens se apaixonaram por ela e todos foram punidos pelos deuses pois sabiam que era proibido amar a grande Virgem.

Yewa adorava ver o por do sol e sempre saía a passear pelos campos floridos acompanhada por dois bravos guardiões que não permitiam que ninguém se aproximasse dela. Era um casal de gansos branco, lindos e majestosos. Certo dia, estava Yewa a apreciar o por do sol, quando uma galinha, se aproveitando da distração dos gansos, aproximou-se e ciscou muita terra sobre as vestes brancas de Yewa, essa se enfureceu e amaldiçoou a galinha e daí para frente nunca mais quis ver uma em sua frente como também resolveu mudar suas roupas para as cores do por do sol.

Certo dia, Yewa avistou um belo homem, um guerreiro e se encantou por ele.

Yewa enfrentou e desafiou todos os deuses por amor a esse homem e teve como castigo o exílio. Foi expulsa da família de Dan e considerada a cobra má. Durante seu exílio, Yewa teve que fugir e esconder-se da fúrias dos deuses.

Em sua primeira fuga, Yewa contou com a ajuda de um grande caçador e guerreiro, Odé, que a escondeu nas profundeza das matas escuras, em terras yorubanas.

Vendo-se em um lugar sombrio e sem recursos de sobrevivência a sua disposição, Yewa aceitou um ofá que Odé ofereceu-lhe. Aprendeu a caçar junto com ele e com os demais caçadores.

A beleza de Yewa encantava e perturbava Odé e aos demais que viviam nas matas, pois eles sabiam que não podiam se apaixonar por ela, temiam a fúrias dos deuses. Odé então, fez para Yewa uma coroa de dans e folhas de palmeiras desfiadas. Mandou que ela a coloca-se, assim ninguém se aproximaria dela com medo das dans e as folhas desfiadas da palmeira esconderiam sua beleza contagiante. Yewa gostou do presente pois viu nesse, a possibilidade de esconder-se dos deuses e livrar-se de sua fúria.

Com o uso dessa coroa Yewa pode sair da escuridão das matas e ir apreciar o que mais ela amava e representava ... o por do sol. Faltava-lhe seus guardiões, pediu ajuda a Odé e esse caçou para ela um casal de gansos negros, pois foram os únicos que encontrara. E assim, Yewa passou a ver e a viver o por do sol novamente em seu exílio.

Passado um tempo, Toy Azonze foi aos deuses pedir por sua filha Yewa que já tinha sido por demais castigada. Depois de muitos pedidos e oferendas aos deuses, esses concederam a Azonze a guarda de Yewa que deveria morar com ele. Azonze embrenhou-se nas matas a procura de sua filha e a encontrou junto a Odé.

Como agradecimento por tudo que fez por Yewa, Toy Azonze deu a Odé um par de chifres e o poder de chamá-lo e aos espíritos da caça quando assim precisasse.

Yewa foi morar no reino dos mortos junto com Azonze e com esse passou a exigir o cumprimento da moral e dos bons costumes. Em sua nova morada Yewa recebeu o caracolo/aracolê onde guarda os segredos dos ancestrais e os invoca quando é necessário, e o eruxim com o qual espanta os egum para o caminho de Oya. Sempre que possível, Yewa engana Eku e salva uma vida.

Yewa é um Vodum raríssimo de ser encontrado no TA (cabeça) de alguém. A feitura de Yewa deve ser sempre em TA de virgens e nunca em TA de homens.

Por ter o poder da vidência, Yewa tem o poder de nos livrar do "olho grande" e das invejas. Quem sabe cuidar desse Vodum, se livra facilmente dos invejosos.

Encontramos Yewa tanto nas águas quanto nas matas e mundos subterrâneos (aquático e terrestre), mas seu local preferido é sempre o horizonte, onde o por do sol faz o encontro dos dois mundos e o céu se encontra com a terra, "Isso é Yewa" dizem os antigos.

Ojiku é um Vodum Dam que sempre é muito confundido com Yewa, assim como Boçalabê que é sua irmã. Ojiku é considerado a Cobra branca e Boçalabê é uma Vodum das água doces, muito confundida com Oxum. Em muitas pesquisas e entrevistas que fizemos pudemos constatar a confusão e controvérsias que as pessoas fazem em relação a Yewa e esses dois Voduns.

VODUM DAN/BESSEN

Aido Wedo(aidô uêdô) e Dambala são para o povo Jeje os maiores deuses.

Aido Wedo é o arco-íris e Dambala a sua imagem refletida nas águas oceânicas.

O Dangbé é a serpente sagrada que representa o espírito de Vodum Dan.

Na África esse Vodum é conhecido como DA.

Dada - Termo pelo qual o Vodum Dan é louvado. A coroa de Dan é chamada de Coroa de Dada.

Dan tanto pode ser um Vodum masculino quanto pode ser um Vodum feminino, porém para tratá-lo, fazê-lo ou assentá-lo temos que cuidar sempre do casal. Como dizem os antigos "cobra não anda sozinha, seu parceiro esta sempre por perto".

Dambala também é conhecida como Daidah (daídar) – A "Cobra–Mãe". Essa Vodum não pode ser feita em mais de duas pessoas num mesmo país. Os velhos vodunos contam que ela é originária da Palestina. Em uma outra versão, encontramos Daidah como Lilith, a primeira mulher de Adão.

No Brasil encontramos cerca de 48 Voduns Dans, na África encontramos muito mais que isso. Essa família é muito grande.

Dan é um Vodum muito exigente em seus preceitos, muito orgulhoso e teimoso. Quando tratado corretamente, dá tudo aos seus filhos e a casa de santo, mas se tratado de maneira errada ou se for esquecido castiga severamente. Vodum Dan é muito fiel a casa e a mãe/pai de santo que o fez.

Os símbolos de Dan, são: o arco-íris, a serpente pithon, o traken ou draka, patokwe, o dahun , a ..takara. e o ason (assôm). Seu principal atinsa (atinsá) dentro de uma casa de Santo é denominado Dan-gbi , que é onde o arco-íris se encontra com a terra ("panela lendária do tesouro!"). Dan usa muitos brajás feitos de búzios. As aighy (aigri), são importantissimas em seus assetamentos e atinsas.

Para nós, Vodum Aido Wedo é o verdadeiro deus da vidência, é ele junto com Vodum Fa, quem dá aos bakonos o poder do oráculo, assim como deu a Yewa e a Legba.

Aido Wedo e Dambala são quem sustentam o mundo e quando eles se agitam provocam catástrofes como os terremotos. Eles fazem parte da criação do mundo, pois vieram ajudar Nana Buluku nessa tarefa.

Nos arcos-íris da lua e do sol também encontramos Voduns Dan.

Ao se iniciar um filho de Dan, preceitos são feitos para que esse Vodum venha sempre em forma humana e nunca em forma de serpente, pois entendemos que na forma humana ele é menos perigoso e entende melhor os homens, podendo assim atender suas necessidades e suprí-las. Na forma de serpente torna-se muito perigoso.

De modo geral os filhos de Dan são muito chegado a doenças, principalmente de olhos. São pessoas vaidosas, ambiciosas, "perigosas", espertas e inteligentes. São muito dedicados ao santo e dificilmente saem da casa onde foram feitos.

Vestem branco em sua grande maioria. Alguns usam cores verde bem clarinho, prateado, ou tecido liso com o arco-íris estampado. Seus fios de conta variam de acordo com cada Vodum, não existe um modelo padrão.

Sua louvação principal é: A Hho bo boy = "Salve o rei cobra" (Hho = rei, bo boy = Dans, serpentes, cobras).

Abaixo citarei alguns Voduns Dans.

Aido Wedo

-(encontramos várias formas de escrever o nome dele) - Deus do Arco-íris

Dambala

-esposa de Aido-Wedo, seu reflexo nas águas.

Dan-Ko

-muito ligada e, por vezes confundida, como Oxalá. Conhecida no Brasil como Dan Inkó.

Ojiku

-masculino, mora junto com Yewa na parte branca do arco-íris e reina no arco-íris da lua, também junto com Yewa.

Frekwen

-feminina, guardiã do arco-íris em volta do sol. Também conhecida como Frekenda.

Bosalabe

-toqüeno, feminina, irmã gêmea de Bosuko, irmã de Yewa. Muito alegre e faceira, mora nas águas doce. Muito confundida com Oxum. também conhecida como Vodum Bosa (bôssá).

Ijykun

-feminina, mora nas enseadas. Muito confundida com Yewa.

Bosuko

-masculino, toqueno, gêmeo com Bosa

Akotokwen

-masculino, considerado o pai de muitos Dans.

Afronotoy

-masculino, mora no rio.

Vocabulário

traken ou draka

-ferramenta pequena que Dan tras nas mãos

dahun

-conjunto de 3 tambores brancos paramentados com rafia lilás

takara

-arma que Dan tras nas mãos, parecendo um pequena espada, com feitio próprio.

ason (assôm)

-chocalho feito com uma cabaça e com as vertebras de cobra

aigry (aigri)

-pedras que representam o excremento de Dan e são deixadas por ele no chão, à sua passagem; di-zem que elas valem peso de ouro. Um mito nos conta que os excrementos de Dan transformam os grãos de milho em búzios.

Culto de Dan em Ouidah

1 - Dan no Benin - Ouidah

O culto de Dangbé conheceu seu apogeu em Ouidah, onde está seu templo até os dias de hoje. Os Dadas, seus adeptos, anualmente, faziam sacrifícios de bois, cabritos e frangos para a python. Atualmente, devido à escassez de animais para sacrifício, os adeptos arriscam-se caçando roedores

Logo que um não adepto descobre uma Dangbé em sua casa, previne o sacerdote Dangbénon ou a uma pessoa que conheça os costumes deste réptil. Eles pegam a cobra como um fetiche em suas mãos ou ao redor do pescoço e levam-na, silencioso e concentrado, até o templo. Eles acreditam que a picada da python traz imunidade contra qualquer veneno

Dan é, freqüentemente, representado por uma serprente (python) ou um arco-íris.

A primeira vista, alguns historiadores comentam tratar-se de ofiolatria. Mas a serpente de que se trata aqui é um espírito que habita o espaço e cujo deslocação determina os ciclones. Dan apreende-se do princípio vital do qual depende os seres humanos para manterem-se vivos e a terra em equilíbrio.

Para escapar de Dan, basta friccionar o corpo com boldos de cebola ou xingá-lo com palavras bem grosseiras. Ainda sob a forma humana, Dan pode entrar em casas. Os que o acolhem são recompensados com tesouros, mas, quem o afasta, é amaldiçoado.

Dan é muito guloso, grande apreciador de bananas e óleo de palma. Recebe estas oferendas na frente de um pequeno par de assentamentos que representam Dan macho e Dan fêmea

Sua morada é o firmamento, onde se encontra sob a forma de arco-íris (Aido Wedo). Não se mostra nunca sem sua fêmea. Conta-se que há dois arco-íris, mesmo que só consigamos ver um, e que antes de sua ascensão, teria vivido 41 anos no nosso mundo.

A configuração dos países, o lugar das cidades, os acidentes geográficos (montes, vales), são os vestígios de sua estada prévia em nosso mundo e o arco-íris, vestígios de sua estada remota.

Os homens (sobretudo os caçadores) que Dan quer enriquecer, conduzem-no por uma força invisível ao local onde é chamado o rabo do arco-íris e são induzidos a tocarem na terra. Os homens têm como efeito desta força invisível, um desejo de fazerem uma profunda escavação no que acham ouro, pérolas, toda sorte de tesouros.

Dan protege nomeadamente o Danson, o Dansi e o Dannou. A pessoa consagrada ao Dangbé é um Dangbési.

2 - A Floresta Sagrada

A floresta foi consagrada pelo rei Kpassé, Ouidah, onde fizeram um círculo mágico, silencioso, transparente ao ar. Os grandes deuses fixam seus duros olhos. Heviosso, Dan, Sakpata. E também os Voduns reais como Dâguessou, protetor do rei Ghézo, com seus poderes contidos em pequenas cabaças, fetiches em forma de bracelete.

À entrada, o grande Legba figura numa expressão profana sob os irokos centenários, Tokougagba conta com os irmãos e todo o panteão dos Voduns.

E toda a rota dos escravos é demarcada por esculturas de pedra, limite de uma memória fascinante e triste.

Alguns segmentos Jeje no Brasil, não concordam que se deva tratar do casal de Dans. Outros usam esse procedimento somente para alguns Dans.

Pelo que aprendi e pelo que lemos sobre o culto de Dan no Benin, podemos constatar que o correto é tratar do casal realmente.

Culto de Dan no Haiti

Vodum Dan (Haiti)

O Haiti pertenceu ao índios de Taino, antes do encontro com Columbus. Muito da cultura (filosofia e prática) do povo Taino, foram absorvidos, mas tarde, à Vodou, como mostra o retrato místico do panteão da serpente, realizado como um deus Afro-Taino.

Para os haitianos, Danbala, a divina serpente patriarcal, é um espírito antigo da água associado com a chuva, a sabedoria e a fertilidade. Aprece entrelaçado, geralmente, com sua esposa Ayida Wedo, o arco-íris.

Danbala é sincretizada com St. Patrick (quem dominou as serpentes), outras vezes com Moisés, o patriarca dos dez mandamentos cristão. Em muitos templos, uma bacia com água é permanentemente mantida para este Lwa. Muitas representações desta divindade incluem o principal alimento sacrificial de Danbala - um ovo.

As bonecas de Voodoo

Um objeto simpático, foram usadas em muitas culturas, desde os primórdios tempos. O homem pré-histórico foi conhecido criando bonecas que representavam sua caça, para enfraquecê-las antes de saírem para caça-las. Os reis e antigos guerreiros também usavam a "força" destas bonecas antes de irem ao encontro de seus inimigos, nas grandes batalhas. Hoje, os praticantes de Voodoo e as bruxas utilizam este objeto mágico e obtêm resultados rápidos e eficazes para uma variedade de finalidades. Entretanto, as bonecas Voodoo não possuem nenhuma mágica, elas são usadas como uma ferramenta para canalizar energias pessoais para um objetivo específico.

Danbala

O espírito de Danbala é a serpente e o arco-íris, uma força de vida. Aido Hwedo, um macho, é descrito às vezes, como uma criatura, serpente e arco-íris, que engole sua própria cauda. No Haiti, onde os ritos ancestrais e os cultos público se fundiram, Danbala Hwedo e seu marido se fundiram e foram consagrados um deus superior na hierarquia espiritual. Transformou-se no mais velho e respeitado de todos os Lwas. Juntos, formam o grande arco-íris que cobre o oceano. Alternadamente, o arco-íris e seu reflexo na água, que fazem o movimento de giro em um círculo. Alguns dizem que Danbala tem um pé firmado no fim do arco-íris, na umidade da água, e o outro pé plantado firmemente nas montanhas do Haiti. Danbala move-se assim, entre os opostos da terra e da água, como as serpentes, unido-os em sua rotação, movimentos urobóricos, gerando a vida. Danbala cava túneis também através da terra, como as serpentes, conectando a terra acima com as águas abaixo.

Antes de se casarem, seus seguidores oferecem-lhe sacrifícios.

OXUMARÊ

PERFIL DO ORIXÁ

Oxumarê é um Orixá bastante cultuado no Brasil, apesar de existirem muitas confusões a respeito dele, principalmente nos sincretismos e nos cultos mais afastados do Candomblé tradicional africano como a Umbanda. A confusão começa a partir do próprio nome, já que parte dele também é igual ao nome do Orixá feminino Oxum , a senhora da água doce. Algumas correntes da Umbanda, inclusive, costumam dizer que Oxumarê é uma das diferentes formas e tipos de Oxum, mas no Candomblé tradicional tal associação é absolutamente rejeitada. São divindades distintas, inclusive quanto aos cultos e à origem.

Em relação a Oxumarê, qualquer definição mais rígida é difícil e arriscada. Não se pode nem dizer que seja um Orixá masculino ou feminino, pois ele é as duas coisas ao mesmo tempo; metade do ano é macho, a outra metade é fêmea. Por isso mesmo a dualidade é o conceito básico associado a seus mitos e a seu arquétipo.

Essa dualidade onipresente faz com que Oxumarê carregue todos os opostos e todos os antônimos básicos dentro de si: bem e mal, dia e noite, macho e fêmea, doce e amargo, etc.

Nos seis meses em que é uma divindade masculina, é representado pelo arco-íris que, segundo algumas lendas é a ponte que possibilita que as águas de Oxum sejam levadas ao castelo no céu

de Xangô. Por essa lenda, é atribuído a Oxumarê o poder de regular as chuvas e as secas, já que, enquanto o arco-íris brilha, não pode chover. Ao mesmo tempo, a própria existência do arco-íris é a prova de que a água está sendo levada para os céus em forma de vapor, onde então se aglutinará em forma de nuvem, passará por nova transformação química recuperando o estado líquido e voltará à terra sob essa forma, recomeçando tudo de novo: a evaporação da água, novas nuvens, novas chuvas, etc.

Nos seis meses subseqüentes, o Orixá assume forma feminina e se aproxima de todos os opostos do que representou no semestre anterior. É então, uma cobra, obrigado a se arrastar agilmente tanto na terra como na água, deixando as alturas para viver sempre junto ao chão, perdendo em transcendência e ganhando em materialismo. Sob essa forma, segundo alguns mitos, Oxumarê encarna sua figura mais negativa, provocando tudo que é mau e perigoso.

Uma interpretação antropológica mais cuidadosa, porém, pode questionar a validade dessas lendas. Não podemos nos esquecer de que tanto na África, como especialmente no Brasil, a população negra, que trazia consigo todos esses mitos, foi continuamente assediada pela colonização branca. Uma das formas mais utilizadas por jesuítas para convencer os negros, era a repressão física, mas para alguns, não bastava o medo de apanhar. Eles queriam a crença verdadeira e, para isso, tentaram explicar e codificar a religião do Orixás segundo pontos de vista cristãos, adaptando divindades, introduzindo a noção de que os Orixás, seriam santos como os da Igreja Católica, etc. Essa busca objetiva do sincretismo sem dúvida foi esbarrar em Oxumarê e na cobra - e não há animal mais peçonhento, perigoso e pecador do que ela na mitologia católica (recordar os mitos de Adão e Eva, a maçã, a concepção de pecado original, etc.). Por isso, não seria difícil para um jesuíta que acreditasse sinceramente nos símbolos de sua visão teológica. Reconhecer na cobra mais um sinal da presença dos símbolos católicos na religião do Orixás e nele reconhecer uma figura que só poderia trazer o mal. Essa, pelo menos, é uma das interpretações feitas por pesquisadores que compararam diferentes versões dos mesmos mitos que não encontraram uma divisão absoluta entre bem / arco-íris (ou masculino) e mal / cobra (ou feminino). Na verdade, o que se pode abstrair de contradições como as que apresenta Oxumarê é que este é o Orixá do movimento, da ação, da eterna transformação, do contínuo oscilar entre um caminho e outro que norteia a vida humana. É o Orixá da tese e da antítese. Por isso, seu domínio se estende a todos os movimentos regulares, que não podem parar, como a alternância entre chuva e bom tempo, dia e noite, positivo e negativo.

Conta-se sobre ele que, como cobra, pode ser bastante agressivo e violento, o que o leva a morder a própria cauda. Isso gera um movimento moto-contínuo pois, enquanto não largar o próprio rabo, não parará de girar, sem controle. Esse movimento representa a rotação da Terra, seu translado em torno do Sol, sempre repetitivo- todos os movimentos dos planetas e astros do universo, regulados pela força da gravidade e por princípios que fazem esses processos parecerem imutáveis, eternos, ou pelo menos muito duradouros se comparados com o tempo de vida médio da criatura humana sobre a terra, não só em termos de espécie, mas principalmente em termos da existência de uma só pessoa. Se essa ação terminasse de repente, o universo como o entendemos deixaria de existir, sendo substituído imediatamente pelo caos. Esse mesmo conceito justifica um preceito tradicional do Candomblé que diz que é necessário alimentar e

cuidar de Oxumarê muito bem pois, se ele perder suas forças e morrer, a conseqüência será nada menos que o fim da vida no mundo.

Enquanto o arco-íris traz a boa notícia do fim da tempestade, da volta do sol, da possibilidade de movimentação livre e confortável, a cobra é particularmente perigosa para uma civilização das selvas, já que ela está em seu hábitat característico, podendo realizar rápidas incertas.

Outra fonte de indefinição a respeito do Orixá vem das contradições existentes em suas lendas no Brasil e na própria África. Oxumarê é uma divindade originária da cultura do Daomé, região centro-norte da África. Há séculos tal civilização foi dominada pelos iorubas, povo mais primitivo no sentido de organização social e visão religiosa, mas, em compensação, mais poderoso em termos de organização militar. Como aconteceu com Roma e Grécia, a dominação de uma sociedade menos rica em produções culturais ou no terreno da superestrutura em geral fizeram com que os mitos dos daomeanos não fossem apenas reprimidos, pelo contrário, os iorubas não tentaram impor sua cultura ao povo dominado. Ficaram na verdade impressionados com sua cosmologia e tentaram assimilá-la, principalmente nas figuras que não fossem formas semelhantes a divindades que também possuíssem. Oxumarê foi um desses casos. O princípio da dualidade dos iorubas fazia parte dos Orixás-crianças (Ibeji) - A dualidade que eles representam, porém, é mais próxima do comportamento contraditório e irresponsável em termos ético das crianças, ainda não reprimidas pela codificação social. Já a dualidade de Oxumarê é mais abrangente e até mesmo metafísica, pois representa os ciclos que não estão ao alcance do ser humano.

Oxumarê, Iroco, Omolu, Obaluaê e Nanã, os Orixás do Daomé mais conhecidos e cultuados, castigam quando dispostos ou provocados, mas raramente se arrependem e não possuem as falhas humanas, visíveis e humanizadas das figura do panteão ioruba.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OXUMARÊ

Como é comum a todas as divindades originárias do Daomé (cultura jeje) é relativamente difícil estabelecer um arquétipo específico de comportamento associado ao Orixá, já que ele é misterioso e cheio de sombras e mitos. Os filhos de Oxumarê são bem mais difíceis de serem reconhecidos dos os guerreiros filhos de Iansã, os calmos e sábios filhos de Oxalá e os maternais e familiares filhos de Iemanjá, por exemplo. Mesmo assim, algumas características básicas podem ser listadas. Há, porém, divergências em relação às suas características ao consultarmos autores diferentes. Para o renomado pesquisador Pierre Verger, por exemplo, Oxumarê pode ser associado à riqueza: Oxumarê é o arquétipo das pessoas que desejam ser ricas; das pessoas pacientes e perseverantes nos seus empreendimentos e que não medem sacrifícios para atingir seus objetivos.

Já Monique Augras, segundo sua visão a respeito dos filhos de Oxumarê, eles costumam possuir o dom da vidência. Quando vivia na terra, Oxumarê previa tudo, adivinhava o que ia acontecer, a tal ponto que não era mais possível viver. Os deuses então decidiram mantê-lo afastado dos homens, pois a clarividência total acaba transformando-se em maldição. A Seu pedido, Oxumarê obteve a autorização de descer na terra de três em três anos.

Verger acrescenta que Oxumarê está associado ao misterioso, a tudo que implica o conceito de determinação além dos poderes dos homens, do destino, enfim: É o senhor de tudo o que é alongado. O cordão umbilical, que está sob seu controle, é enterrado geralmente com a placenta, sob uma palmeira que se torna propriedade do recém-nascido, cuja saúde dependerá da boa conservação dessa árvore .

Assim, ao arquétipo de comportamento associado à figura desse Orixá complexo está a tendência à renovação, a compulsividade à mudança. Seus filhos estão entre aquelas pessoas que, de tempos em tempos, mudam tudo em sua vida: mudam de casa, de amigos, de emprego, como se ciclos se sucedessem sempre, obrigatoriamente, exigindo e provocando rompimento com o passado e iniciando diuturnamente a busca de um novo equilíbrio que deverá persistir até num novo momento de ruptura, desintegração e substituição. Mutabilidade, reinício é seu princípio básico, aproximando-o dos mitos ocidentais referentes ao planeta Plutão, o astro da morte, da destruição, da revolução como forma de renascimento e ressurreição.

Também são apontados nos filhos de Oxumarê certos traços de orgulho e de ostentação, algo que os aproxima do clichê do novo-rico, exibicionista, quando surge um grave problema para alguém de sua amizade, e que precisa efetivamente da sua ajuda.

A androginia do Orixá, por vezes é estendida a seus filhos. Estes, segundo algumas correntes, seriam bissexuais em potencial, mas essa interpretação não é aceita universalmente.

Fisicamente, os filhos de Oxumarê tendem a se movimentar extremamente leve, pouco levantando os pés do chão. Têm em comum com a cobra a facilidade em serem silenciosos, armarem seus botes na vida sem que as pessoas em torno se apercebam disso e só atacando seus inimigos quando têm plena certeza da vitória, que a vítima está encurralada num território que não é o seu.

XANGÔ

O PERFIL DO ORIXÁ

Xangô é um Orixá bastante popular no Brasil e às vezes confundido como um Orixá com especial ascendência sobre os demais, em termos hierárquicos. Essa confusão acontece por dois motivos: em primeiro lugar, Xangô é miticamente um rei, alguém que cuida da administração, do poder e, principalmente, da justiça - representa a autoridade constituída no panteão africano. Ao mesmo tempo, há no Norte do Brasil diversos cultos que atendem pelo nome de Xangô. No Nordeste, mais especificamente em Pernambuco e Alagoas, a prática do candomblé recebeu o nome genérico de Xangô, talvez porque naquelas regiões existissem muitos filhos de Xangô entre os negros que vieram trazidos de África. Na mesma linha de uso impróprio, pode-se encontrar a expressão Xangô de caboclo , que se refere obviamente a um culto sincretizando influências do culto original (candomblé ou umbanda) com cerimônias e mitos dos indígenas da região, também chamado de candomblé de caboclo .

Na mitologia, é atribuído a Xangô (enquanto homem, ser histórico) o reinado sobre a cidade-estado de Oyó, posto que conseguiu após destronar o próprio meio-irmão Dada-Ajaká com um

golpe militar. Por isso, sempre existe uma aura de seriedade e de autoridade quando alguém se refere a Xangô.

Xangô é pesado, íntegro, indivisível, irremovível; com tudo isso, é evidente que um certo autoritarismo faça parte da sua figura e das lendas sobre suas determinações e desígnios, coisa que não é questionada pela maior parte de seus filhos, quando inquiridos.

Suas decisões são sempre consideradas sábias, ponderadas, hábeis e corretas. Ele é o Orixá que decide sobre o bem e o mal. Ele é o Orixá do raio e do trovão. Miticamente, o raio é uma de suas armas, que ele envia como castigo. Ninguém, porém, deve temer sua cólera como uma manifestação irracional.

Xangô tem a fama de agir sempre com neutralidade (a não ser em contendas pessoais suas, presentes nas lendas referentes a seus envolvimentos amorosos e congêneres). Seu raio e eventual castigo são o resultado de um quase processo judicial, onde todos os prós e os contras foram pensados e pesados exaustivamente - a famosa balança da Justiça. Seu Axé, portanto está concentrado nas formações de rochas cristalinas, nos terrenos rochosos à flor da terra, nas pedreiras, nos maciços. Suas pedras são inteiras, duras de se quebrar, fixas e inabaláveis, como o próprio Orixá.

Numa visão litúrgica um pouco mais restrita e mais apegada às lendas de origem dos Orixás, um filho de Xangô não se pode contentar apenas com uma pedra vinda de uma pedreira ou de uma montanha para guardar numa vasilha o seu assentamento.

Xangô não contesta o status de Oxalá de patriarca da Umbanda, mas existe algo de comum entre ele e Zeus, o deus principal da rica mitologia grega. O símbolo do Axé de Xangô é uma espécie de machado estilizado com duas lâminas, que indica o poder de Xangô, corta em duas direções opostas. O administrador da justiça nunca poderia olhar apenas para um lado, defender os interesses de um mesmo ponto de vista sempre. Numa disputa, seu poder pode voltar-se contra qualquer um dos contendores, sendo essa a marca de independência e de totalidade de abrangência da justiça por ele aplicada. Segundo Pierre Verger, esse símbolo se aproxima demais do símbolo de Zeus encontrado em Creta.

Outra informação de Pierre Verger especifica que esse oxé parece ser a estilização de um personagem carregando o fogo sobre a cabeça; este fogo é, ao mesmo tempo, o duplo machado, e lembra, de certa forma a cerimônia chamada ajerê , na qual os iniciados de Xangô devem carregar na cabeça uma jarra cheia de furos, dentro da qual queima um fogo vivo, demonstrando através dessa prova, que o transe não é simulado .

Xangô então, é o administrador que se curva à experiência e sabedoria do velho Oxalá, o símbolo do poder em toda sua plenitude, mas que deve ser acatado por Xangô quando em suas decisões intervir.

Xangô portanto, já é adulto o suficiente para não se empolgar pelas paixões e pelos destemperos, mas vital e capaz o suficiente para não servir apenas como consultor.

Outro dado saliente sobre a figura do senhor da justiça é seu mau relacionamento com a morte. Se Nanã é como Orixá a figura que melhor se entende e predomina sobre os espíritos de seres humanos mortos, Eguns , Xangô é que mais os detesta ou os teme. Há quem diga que, quando a morte se aproxima de um filho de Xangô, o Orixá o abandona, retirando-se de sua cabeça e de sua essência.

Deste tipo de afirmação discordam diversos babalorixás ligados ao seu culto, mas praticamente todos aceitam como preceito que um filho que seja um iniciado com o Orixá na cabeça, não deve entrar em cemitérios nem acompanhar a enterros.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE XANGÔ

Para a descrição dos arquétipos psicológico e físico das pessoas que correspondem a Xangô, deve-se ter em mente uma palavra básica: Pedra . É da rocha que eles mais se aproximam no mundo natural e todas as suas características são balizadas pela habilidade em verem os dois lados de uma questão, com isenção e firmeza granítica que apresentam em todos os sentidos.

Atribui-se ao tipo Xangô um físico forte, mas com certa quantidade de gordura e uma discreta tendência para a obesidade, que se ode manifestar menos ou mais claramente de acordo com os Ajuntós (segundo e terceiro Orixá de uma pessoa). Por outro lado, essa tendência é acompanhada quase que certamente por uma estrutura óssea bem-desenvolvida e firme como uma rocha .

Tenderá a ser um tipo atarracado, com tronco forte e largo, ombros bem desenvolvidos e claramente marcados em oposição à pequena estatura;

Por essas qualidades, é relativamente fácil para os iniciados descobrirem que tal pessoa é de Xangô , pela aparência e modo de andar, o que é mais difícil para tipos pouco mais sutis e mistos como Oxum, Oçanhe e Omolu.

A mulher que é filha de Xangô, pode ter forte tendência à falta de elegância. Não que não saiba reconhecer roupas bonitas - tem, graças à vaidade intrínseca do tipo, especial fascínio por indumentárias requintadas e caras, sabendo muito bem distinguir o que é melhor em cada caso. Mas sua melhor qualidade consiste em saber escolher as roupas numa vitrina e não em usá-las. Não se deve estranhar seu jeito meio masculino de andar e de se portar e tal fato não deve nunca ser entendido como indicador de preferências sexuais, mas, numa filha de Xangô é um processo de comportamento a ser cuidadosamente estabelecido, já que seu corpo pode aproximar-se mais dos arquétipos culturais masculinos do que femininos; ombros largos, ossatura desenvolvida, porte decidido e passos pesados, sempre lembrando sua consistência de pedra .

Em termos sexuais, Xangô é um tipo completamente mulherengo. Seus filhos, portanto, costumam trazer essa marca, sejam homens, sejam mulheres (que estão entre as mais ardentes do mundo). Os filhos de Xangô, não costumam ser conhecidos socialmente como um tipo dado a aventuras. Não são os mitos sexuais de sua sociedade e é para muito poucos amigos que confessam suas conquistas, pois não faz parte de suas necessidades se auto-afirmar através desse expediente. São honestos e sinceros em seus relacionamentos mais duradouros, porque para eles

sexo é algo vital, insubstituível, mas o objeto sexual em si não é merecedor de tanta atenção depois de satisfeito desejo.

Psicologicamente, os filhos de Xangô apresentam uma alta dose de energia e uma enorme auto-estima, uma clara consciência de que são importantes, dignos de respeito e atenção, principalmente, que sua opinião será decisiva sobre quase todos os tópicos - consciência essa um pouco egocêntrica e nada relacionada com seu real papel social. Os filhos de Xangô são sempre ouvidos; em certas ocasiões por gente mais importante que eles e até mesmo quando não são considerados especialistas num assunto ou de fato capacitados para emitir opinião. A postura pouco nobre dos filhos de Xangô e seu cultivo de hábitos considerados aristocráticos ou pouco burgueses, é resultado dessa configuração psicológica.

Porém, o senhor de engenho que habita dentro deles faz com que não aceitem o questionamento de suas atitudes pelos outros, especialmente se já tiverem considerado o assunto em discussão encerrado por uma determinação sua. Gostam portanto, de dar a última palavra em tudo, se bem que saibam ouvir. Quando contrariados porém, se tornam rapidamente violentos e incontroláveis. Nesse momento, resolvem tudo de maneira demolidora e rápida mas, feita a lei , retornam a seu comportamento mais usual.

Em síntese, o arquétipo associado a Xangô está próximo do déspota esclarecido, aquele que tem o poder, exerce-o inflexivelmente, não admite dúvidas em relação a seu direito de detê-lo, mas julga a todos segundo um conceito estrito e sólido de valores claros e pouco discutíveis. É variável no humor, mas incapaz de conscientemente cometer uma injustiça, fazer escolha movido por paixões, interesses ou amizades.

Xangô é o Orixá julgador, destruidor, inteligente, impulsivo, violento. Representa o poder transformador do fogo, é o padroeiro dos intelectuais e artistas. Seu número simbólico é o doze, assim como doze são os ministros, Obas , de Xangô.

Apesar de discordarmos da visão privilegiada do fogo como elemento de Xangô, insistimos que a pedra é seu símbolo básico, mais redutor e mais abrangente ao mesmo tempo.

EKU E AVUN

No culto dos Voduns, Eku é visto como um Deus acompanhado sempre de um avun. Essa é uma das razões que, dentro dos Templos de Voduns, a entrada desse animal é proibida. Porém, os sacerdotes reservam uma área fora dos templos, onde esses animais são criados para que sejam os guardiões das almas, impedindo-as de entrarem nos Templos além de encaminhá-las.

Os Vodunos, Bokonos, Ahougans, Sofós, Vodunsis e outros, acreditam que Vodum Ewa sempre espreita o temido Deus Eku para que esse nunca pegue ninguém desprevenido, além de sempre tentar desviá-lo de seu caminho.

Os velhos Vodunos contam-nos várias histórias para justificar a proibição de avuns em Templos Voduns. Vejamos algumas delas:

1 - Um dia, Aveheketi estava pescando e enchendo um balaio com muitos uhui, que levaria para sua aldeia, para saciar a fome dos seus. Daí, enquanto ele estava distraído em sua pescaria, os avuns vieram e sem que ele os visse, devoraram todos os uhui. Quando Aveheketi terminou sua pescaria e voltou-se para o balaio, o encontrou vazio e ainda pode avistar os avuns se afastando com seus uhui. Desse dia em diante, Aveheketi proibiu a presença de avuns em seus domínios, ato esse que foi seguido por toda a sua família que é a de Heviosso. Nos kwes de Jeje, principalmente aqueles regidos por Heviosso ou mesmo Xangô, é proibido a presença de avuns. Aveheketi diz que em Kwes que tem avuns, nenhum membro da família Heviosso comparece.

2 - Um avun roubou o fogo de Dan, de Dan Wedo, das divindades celestes ou do Grande-Espírito para trazê-lo na ponta de sua husi, e por isso, os Voduns têm pavor de avuns.

3 - A repulsa ao avun nos Templos dos Voduns, é a interdição implacável sofrida por esse animal, pelos muçulmanos, povo que muito influenciou a cultura africana. Eles fazem do avun, a imagem daquilo que a criação comporta de mais vil. O avun, devorador de oku é um animal impuro. Por essa razão também, acreditam que os deuses jamais entram em um Templo onde se encontra um avun.

Não há, sem dúvida, mitologia alguma que não tenha associado o avun à morte, aos infernos, ao mundo subterrâneo, aos impérios invisíveis regidos pelas divindades ctonianas ou selênicas.

A primeira função mítica do avun universalmente atestada, é a de guia do homem na noite da iku, após ter sido seu companheiro no dia da vida.

Vemos, em muitas culturas, o avun emprestar seu rosto a todos os grandes guias de almas. Têm por missão aprisionar ou destruir os inimigos da luz e guardar as Portas dos locais sagrados, reino dos okus, país de gelo e de trevas.

Algumas tradições chegam a criar avuns especialmente destinados a acompanhar e a guiar os okus no Além.

Atribui-se também ao avun como intercessor entre este mundo e o outro, atuando como intermediário quando os vivos querem interrogar os okus e as divindades subterrâneas do país dos okus.

Na África, o avun possui a dom da clarividência e, além de sua familiaridade com iku e com as forças invisíveis da noite, é considerado um grande feiticeiro.

É um costume africano, em seus banquetes funerários, oferecerem aos avuns a parte que caberia ao oku, após ter pronunciado estas palavras:

"A heaiye hesóa iwo ho hebo

Ébe ti eke oku sòa tiwo hoho ti bo"

"Quando vivias, eras tu mesmo quem comia.

Mas agora que estás morto, é tua alma que come!"

Também na cultura africana, encontramos feiticeiros com trajes feitos de peles curtidas de avun, o que mostra o poder divinatório outorgado a esse animal.

Em Porto Novo, Maupoil, num de seus relatos, conta que um de seus informantes, confiou-lhe o seguinte: a fim de reforçar o poder de seu oráculo divinatório, ele o deixaria enterrado durante alguns dias dentro da barriga de um avun que imolara especialmente com essa finalidade.

Enfim, seu conhecimento do mundo do Além, bem como do mundo em que vivem os seres humanos, faz do avun senhor e conquistador do fogo, sempre ligado a iku, a clarividência, a feitiçaria e as forças invisíveis.

Vocabulário:

Vodunos - sacerdotes

Bakonos - sacerdote de Fá

Ahougan - sacerdote feito de Vodum

Sofó - sacerdotisa feita de Vodum

vodunsis - feitos de Voduns (yao)

Avun - cão

Eku - Deus da Morte

Iku - morte

Husi - cauda

Uhui - peixe

Dan Wedo - Deus do arco-íris, arco-íris

Oku - cadáver, morto

O LESSAYN: O CORAÇÃO DE UM TERREIRO DE EGUN.

Na frente da mata sagrada, em meio a árvores e arbustos de várias espécies, guardada, silenciosa, misteriosa, presa e agarrada a terra como uma árvore onde seus pilares se transformam em raízes, está uma casinha singela, um pequeno templo, mas que contém entre as suas paredes e telhado um inimaginável poder e guarda, cuida, e esconde um grande segredo, o segredo de evocar os espíritos dos ancestrais e seus poderes de realização, o seu àse.

Neste templo apenas homens e anciões imponentes, compassados, silenciosos,

observadores, que se comunicam e falam apenas pelo olhar, só eles é que podem entrar, só

eles penetram neste segredo, só eles dominam este poder conservado de geração em

geração por um pacto de silêncio, pacto este firmado a muito tempo atrás em terras Yorubás.

Mas o que é este templo que faz com que tudo cresça, floreça, se desenvolva em potência e beleza ao seu redor?

Este templo é o Ilé Awo, a casa do segredo, aparentemente constitui uma edificação muito simples, a mais precária de todo o conjunto arquitetônico do terreiro, pois é a que esta sempre sofrendo modificações e ampliações, pois sempre precisa de novos espaços para comportar os novos assentos dos novos Égún à medida que os Ojés falecem e tem os seus àse fixados nestes assentos.

Constitui em uma casa feita de blocos cerâmicos aparentes, e com paredes mal aparelhadas e aprumadas cobertas com telhados ora feitos de telhas de fibrocimento ora de telhas cerâmicas artesanais (Ver Fig.01). Aparenta uma edificação sem importância e insignificante para um olhar desatento, fora deste universo cultural complexo que se baseia em outros conceitos e valores.

Todavia o Ilé Awo constitui a principal edificação do terreiro. Ela é a mais importante, é o centro de todo o terreiro, constitui o Axis mundi de todo o conjunto. Disto, num primeiro momento advêm uma questão primordial, o que é o belo para o nagô? O que é o belo para a sociedade do culto aos Égún?

Belo para o nagô, para os membros da sociedade do Omo Ilé Agboulá, é à noite que anuncia o inicio das festas de Bàbá1, o céu limpo e estrelado, que anuncia as bênçãos de Bàbá, a presença do maior número possíveis dos filhos de Bàbá, todos vistosamente vestidos, com as suas melhores roupas, as mulheres com suas batas2 exuberantes.

Belo, são as músicas que saem dos atabaques que chegam a todos os cantos de Ponta de Areia tocados pelas crianças ávidas de mostrar para a sociedade que estão evoluindo e aprendendo para satisfazer o Bàbá, para que eles não decepcionem quando este lhe pedir suas músicas prediletas.

Belo, são as flores trazidas pelos filhos da casa para dá de presente a Babá, a ornamentação caprichosa feita especialmente para a festa, com standarts, faixas, ramos, com as folhas no piso purificando o espaço do barracão.

Bàbá em Yorubá significa pai, nomeclatura também utilizada para denominar os Égún.

Endumentária especifica utilizada pela hierarquia das mulheres.

Belo, são as cantigas e as danças das mulheres de todos os postos ali juntas abrindo a festa, preparando a casa para Bàbá, e tão belo quanto, são os mais jovens e crianças acompanhando o ritmo e as letras das cantigas dos mais velhos.

Belo, são as comidas feitas especialmente para atender o gosto de cada Bàbá, para lhe satisfazer. Belo é a presença de Bàbá, entre seus filhos, todos reunidos e cantando alegres por estarem com os seus ancestrais, seus pais, e tão Belo é a felicidade de Bàbá ao estar na presença de seus filhos, a dançar e abençoar a todos os presentes, transmitido suas energias positivas.

Belo, são os seus conselhos, suas recomendações e repreensões; são suas indumentárias coloridas, cheias de apetrechos dos mais diversos, com espelhos, búzios, contas, rigorosamente e delicadamente bordadas pelas suas filhas com os emblemas mais diversos que revelam que eles eram em vida, são suas ferramentas que trazem a mão e os seus tronos esculpidos que lhes afagam.

Belo, são os respeitados sacerdotes, os Ojés, que levam os pedidos da sociedade e trazem as vontades e conselhos dos Bàbá, pois eles são os únicos que entendem os que os Bàbá falam, e tão belo, são as varas sagradas que trazem a mão, pois elas é que guiam os Bàbá, os orientam no mundo, servindo ainda para separar os mortos dos vivos.

Belo, é o abrir do barracão, o amanhecer, a aurora, o cheiro da terra molhada do orvalho, com a Casa de Sàngó, recebendo os primeiros raios do sol nascendo na soleira de sua porta; com Èsú, em sua casa, atento na entrada, montando guarda para que tudo ocorra bem, vigiando aqueles que estão indo embora, e zelando-os lá fora para que eles possam

voltar.

Belo, é o Ilé Ìyá Egbé, com as portas e janelas abertas, onde as mulheres mais velhas entram para descansar depois de fazerem as comidas, cantarem e dançarem para Bàbá.

Belo, é o contentamento, a satisfação e a harmonia de Onílè, Ògún e Ìròkò, a avistar de longe os filhos da casa que se vão após cumprirem suas obrigações com eles e os ancestrais. Belo, é o portão do terreiro que se fecha, na certeza que seus filhos voltarão para terem com seus pais, para que juntos novamente possam festejar a vida.

Portanto o belo para o nagô está atrelado a tudo aquilo que o liga, revela e manifesta a dimensão do sagrado em toda a sua carga simbólica e energética, aquilo que dinamiza a existência pela sua função utilitária sagrada de coloca-lo em contato com as divindades e os seus ancestrais. O belo é tudo o que é útil e dinâmico, ou seja, respectivamente, o que possibilita o sagrado e o desenvolve, o belo torna-se tudo cujo esforço e harmonia revela o sagrado.

Para os integrantes da sociedade de cultos aos Égún, cada galho, ramo e folha das árvores sagradas; cada assento de divindades e ancestrais; cada porta, telha, bloco de todas as edificações; cada espaço livre e fechado é individualmente belo em si mesmo, e é belo em suas inter-relações, no seu conjunto, que é o Omo Ilé Agboulá, pois ele é o que possibilita a manifestação do sagrado, que torna possível a vinda dos ancestrais, os Égún, do Òrun para o Àiyé, que faz com que o Àse, se preserve, se desenvolva e cresça para ser distribuído e usufruído por todos os seus filhos.

Assim como o Ilé Awo, todas as demais edificações do terreiro são muito simples do ponto de vista construtivo e formal para um olhar arquitetônico ocidental e erudito, mas para o nagô, e notadamente para os membros do Omo Ilé Agboulá, são todos extremamente belos, pois estão harmonicamente dispostas e equilibradas com o cosmo, pois materializam a sua concepção de mundo e é o suporte e o continente de seu sistema dinâmico.

O Ilé Awo assumi uma dimensão de importância ainda maior, central e hegemônica sobre

todo o terreiro, pois constitui na ‘’morada’’ dos Égún e é de onde eles voltam para o Àiyé, de lá é que eles advêm do Òrun para se encontrarem com seus descendentes. O Ilé Awo, a casa do segredo, chamado também de casinha ou casa de Égún, tem que ser construída na área mais reservada e privada do terreiro, por causa dos rituais secretos da sociedade. Encontra-se no Omo Ilé Agboulá atrás do da entrada dos fundos do Ilé Nlá (barracão) envolvido pela mata sagrada e pelos assentos dos Òrìsà que possuem vinculo direto com os Égún. Tem como principio fundamental e irrestrito o fato de alguns de seus espaços internos serem em piso de terra, de chão batido, para que possa se estabelecer o contato direto com o solo, a terra mãe de onde os mortos surgem do Òrun para o Àiyé .

A casa do segredo é composta de duas partes: a ante-sala e o Ìgbàlé. A ante-sala é onde se reúne o conselho dos Ojés Agbás3, compostos por nove membros (simbolizando cada espaço do Òrun) onde são discutidas as questões internas e externas referentes aos membros da sociedade, é onde todos os assuntos religiosos são discutidos e resolvidos, onde as decisões dos Ojés são tomadas, onde os iniciados, os Amuisan, são feitos Ojés e por fim onde são realizadas as cerimônias e rituais secretos de culto aos Égún acessível apenas aos Ojés, de todas as hierarquias, sendo que alguns deles ficam dias longe de suas famílias enclausurados cumprindo todas as suas obrigações litúrgicas. A ante-sala do Ilé Awo constitui, portanto a sala social dos Ojés, e só a eles é permitido o acesso, é totalmente fechado a não-iniciados e a iniciados de ritos incompletos, e as mulheres da sociedade. Dentro dela encontra-se o assento de Èsú e também o assento de Òsànyn4. O Èsú que guarda e zela a porta de entrada do Ilé Awo é um Èsú Ona, tem como função especifica, proteger os Ojés e a casa do segredo. O Èsú Ona é o supremo senhor dos caminhos podendo de acordo com a situação fecha-los ou abri-los. Abri e fecha a casa para as boas e más energias respectivamente, ele é grande controlador dos caminhos que conduzem a fortuna, as coisas boas, assim como os elementos ruins e totalmente malignos.

O Èsú Ona fiscaliza todo o fluxo de entrada e de saída, todo o tráfego. Sua função é a

mesma que na África, pois tanto lá como aqui, ele continua sendo o senhor absoluto das

São os Ojés Anciãos, os mais antigos do terreiro.

Òrìsà das plantas, ervas e folhas medicinais, fundamental para que os rituais se realizam, pois contém o segredo do àse presente nas folhas.

portas das casas, templos e palácios, e o guardião dos portões da cidade. Suas representações tanto na África como aqui na Bahia, estavam nas passagens, nas portas, também ocorriam nos caminhos que guiavam as vilas, aldeias, campos e cidades e principalmente nas encruzilhadas, notadamente as de três caminhos.

O assento de Òsànyn, que é a divindade das plantas medicinais e litúrgicas se encontra dentro da ante-sala do Ilé Awo porque nenhuma cerimônia secreta que manipula ervas sagradas pode ser feita sem a sua presença, pois ele é o detentor do àsé fixada nas folhas.

O nome das plantas, o seu emprego, manipulação e as palavras que despertam seus poderes constituem um dos elementos mais secretos da sociedade dos Égún, cuja presença fortalece e desprende o àsé das plantas para a realização dos rituais e oferendas aos ancestrais.

A segunda parte do Ilé Awo, e a mais importante desta e de todo o terreiro é o Ìgbàlé, onde estão todos os segredos fundamentais do culto aos Égún. Neste espaço estão todos os paramentos, emblemas, e indumentárias, os Òpás5 dos Égún, conforme o mito de origem do culto aos Égún:

De quatro em quatro dias (uma semana iorubana), Iku (a Morte)
vinha à cidade de Ilê-Ifé munida de um cajado (Òpá iku) e matava
indiscriminadamente as pessoas. Nem mesmo os Orixás podiam
com Iku. Um cidadão chamado AmeiyÉgún prometeu salvar as
pessoas. Para tal, confeccionou uma roupa feita com várias tiras de
pano, em diversas cores, que escondia todas as partes do seu corpo,
inclusive a própria cabeça, e fez sacrifícios apropriados. No dia em

que a Morte apareceu, ele e seus familiares vestiram as tais roupas e se esconderam no mercado.

Quando a Morte chegou, eles apareceram pulando, correndo e gritando com vozes inumanas, e ela, apavorada, fugiu deixando cair seu cajado. Desde então a Morte deixou de atacar os habitantes de Ifé. Os babalawos (adivinhos e sacerdotes de Òrunmilá) disseram a AmeiyÉgún que ele e seus familiares deveriam adorar e cultuar os mortos por todas as suas gerações, lembrando como eles venceram a Morte. Égún é a terminação do nome de AmeiyÉgún, e é como hoje são conhecidos os ancestrais do seu clã (Égún ou Égúngún).

É a vitória da vida pós-morte: como no mito em que a vida venceu a morte, da mesma forma os Égúns se apresentam, hoje, cobertos de panos e portando um cajado. (FILHO, 1986, p. 43 a 49).

Cetros, batões, varas indispensáveis nos cultos aos Égún, símbolo de ancestralidade masculina.

Somente os Ojés Agbás, entre todos os Ojés, possuem o direito e o poder de entrar no Ìgbàlé, pois são os mais antigos e devidamente preparados para lidar com os Égún e manipular os seus objetos sagrados, são os detentores dos mais profundos segredos do culto. Nele se desenvolvem todos os preparativos e ritos secretos de oferendas, adoração e invocação dos Égún.

Na África, notadamente na Nigéria e no Benin (antigo Daomé) o Ìgbàlé era considerado uma enorme clareira no âmago de uma floresta secreta de onde saiam os Égún nas festas anuais e eram habitadas pelos Àra-òrun, como revela o mito nagô da origem dos oiê (cargos) masculinos:

Havia na cidade do Oyó um fazendeiro chamado Alapini, que tinha três filhos chamados Ojéwuni, Ojésamni e Ojérinlo. Um dia Alapini foi viajar e deixou recomendações aos filhos para que colhessem os

inhames e os armazenassem, mas que não comessem um tipo especial de inhame chamado ‘ihobia’, pois ele deixava as pessoas com uma terrível sede. Seus filhos ignoraram o aviso e o comeram em demasia. Depois, beberam muita água e, um a um, acabaram todos morrendo.

Quando Alapini retornou, encontrou a desgraça em sua casa. Desesperado, correu ao babalawô, que jogou Ifá para ele. O sacerdote disse que ele se acalmasse, e que após o l7º dia fosse ao ribeirão do bosque e executasse o ritual que foi prescrito no jogo. Ele deveria escolher um galho da árvore sagrada àtòrì e fazer um bastão (assim é feito o ixan). Na margem do ribeirão, deveria bater com o bastão na terra e chamar pelos nomes dos seus filhos, que na terceira vez eles apareceriam. Mas ele também não poderia esquecer de antes fazer certos sacrifícios e oferendas. Assim ele o fez, seus filhos apareceram.

Mas eles tinham rostos e corpos estranhos, era então preciso cobrilos para que as pessoas pudessem vê-los sem se assustarem. Pediu que seus filhos ficassem na floresta e voltou à cidade. Contou o fato ao povo, e as pessoas fizeram roupas para ele vestir seus filhos. Deste dia em diante ele poderia ver e mostrar seus filhos a outras pessoas, as belas roupas que eles ganharam escondiam perfeitamente sua condição de mortos.

Alapini e seus filhos fizeram um pacto: em um buraco feito na terra pelo seu pai (ojubô), no mesmo local do primeiro encontro (igbo igbalé), ali seriam feitas as oferendas e os sacrifícios e guardadas as roupas, para que eles as vestissem quando o pai os chamasse

através do ritual do bastão. Seguindo o pacto e as instruções do babalawo, de que sempre que os filhos morressem fosse realizado o ritual após o l7º dia, pais e filhos para sempre se encontraram. E, para os filhos que ainda não tiverem roupas, é só pedir às pessoas que elas as farão com imenso prazer. (FILHO, 1986, p. 43 a 49).

No Omo Ilé Agboulá, assim como todo os demais terreiros de Égún no Brasil, o Ìgbàlé recebe a denominação de Lèsànyìn, Iilé+ésán+yin, (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.171) que é a casa de adoração de Oya Ìgbàlé (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.165), a mãe e senhora do mundo dos mortos, cujo título africano é Iyãsan, Iyá-mèsàn-òrun, (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.166), a mãe dos nove espaços do òrun (Mésàn-òrun). O Lèsànyìn, portanto, é o espaço do culto de todos os filhos de Oya (Iyãsan), os chamados Ará-òrun e os Égún.

Dentro do Lèsànyìn possui como um dos primeiros assentos fundamentais o de Oya Ìgbàlé, pois é ela que controla o mundo dos mortos, a qual em todas as festas do calendário litúrgico, oferendas e reverências lhe são prestados cujo ápice é o dia de finados no mês de novembro dedicado totalmente a ela, e a todos os seus filhos, os mortos.

Oya Ìgbàlé é no culto aos Égún a única e exclusiva Òrìsà feminina cultuada e venerada pela sociedade dos Égún, composta exclusivamente por homens que contém o segredo em comum da evocação dos Égún, e reverenciada pelos próprios Égún. Inúmeros são os mitos que estabelecem a relação de Oya Ìgbàlé com os Égún. No primeiro deles revela a origem de Égún como filho de Oya vinculando a seu tabu alimentar:

Oiá lamentava-se de não ter filhos. Esta triste situação era conseqüência da ignorância a respeito de suas proibições alimentares. Embora a carne de cabra lhe fosse recomendada, ela comia a de carneiro. Oiá consultou um babalaô, que lhe revelou o seu erro, aconselhando-a a fazer oferendas, entre as quais deveria

haver um tecido vermelho. Este pano, mais tarde, haveria de servir para confeccionar as vestimentas dos Égúngún.

Tendo comprido essa obrigação, Oiá tornou-se mãe de nove crianças, o que se exprime em ioruba pela frase: ‘’Iyá Omo mésàn’’, origem de seu nome Iansã. Assim que a roupa de Égúngún foi criada, formou-se, em torno dessa ‘’novidade’’, uma sociedade composta exclusivamente de mulheres com o objetivo de enfrentar a preponderância dos homens. Mas elas exageraram e aproveitaramse da confusão provocada pela aparição dos Égúngún, nas ruas da cidade, para enganar impunemente seus maridos. Estes, exasperados, conseguiram descobrir seu segredo, apoderaram-se da sociedade e reservaram-na aos homens, delas excluindo as mulheres para sempre. (VERGER, 2002, p. 168 a 170)

O segundo o mito também revela a origem de Égún, mas como sendo o nono filho de Oya ressaltando todo o seu poderoso poder genitor:

Oía não podia ter filhos. Procurou o conselho de um babalaô. Ele revelou-lhe que somente teria filhos quando fosse possuída por um homem com violência. Um dia Xangô a possuiu assim e dessa relação Oiá teve nove filhos. Desses filhos, oito nasceram mudos. Oiá procurou novamente o babalaô. Ele recomendou que ela fizesse oferendas. Tempo depois nasceu um filho que não era mudo, mas tinha uma voz estranha, rouca, profunda, cavernosa. Esse filho foi Égúngum, o antepassado que fundou cada família. Foi Égúngum, o ancestral que fundou cada cidade. Hoje, quando Égúngum volta para dançar entre seus descendentes, usando suas ricas máscaras e roupas coloridas, somente diante de uma mulher ele se curva.

Somente diante de Oiá se curva Égúngum. (PRANDI, 2005, p. 309).

Portanto, este mito revela porque Oya Ìgbàlé é cultuada ao lado dos Égún, pois ela é a senhora dos nove Òrun, simbolizados pelos nove filhos do mito dos quais os oitos primeiros representam os Àra-òrun, os habitantes do Òrun, e o nono representa os Égún vinculando também a sua forma de falar característica. Oya Ìgbàlé também é herdeira do principio poder feminino, o segredo da gestação, da criação da vida, pertence à esfera do sangue vermelho, do àsé, que é à base de origem de Égún.

O terceiro mito descreve como Oya Ìgbàlé cria a sociedade dos Égún, e também as origens das roupas, a forma de falar rouca e cavernosa como o do macaco marrom da Nigéria, o Ijimeré (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.183), de agir e de dominar os Égún, assim como o culto aos Égún e sua sociedade foram tomadas das mulheres pelos homens:

No começo do mundo, a mulher intimidava o homem desse tempo, e o manejava com o dedo mindinho. É por isso que Oya (conhecida mais comumente nos cultos afro-brasileiros sob o nome de Iyansan) foi a primeira a inventar o segredo ou a maçonaria dos Égúngún , sob todos os seus aspectos. Assim, quando as mulheres queriam humilhar seus maridos, reuniam-se numa encruzilhada sob a direção de Iyasa. Ela já estava ali com um macaco que tinha domado, preparado com roupas apropriadas ao pé do tronco de um igi, árvore, para ele fazer o que fosse determinado por Iyansan por meio de uma vara que ela segurava na mão, conhecida com o nome de isan.

Depois de cerimônia especial, o macaco aparecia e desempenhava seu papel seguindo as ordens de Iyasan. Isso se dava diante dos homens que fugiam aterrorizados por causa dessa aparição.

Finalmente, um dia, os homens resolveram tomar providências para

acabar com a vergonha de viverem continuamente sob o domínio das mulheres. Decidiram então ir a Òrunmilá (deus do oráculo de Ifá) a fim de consultar Ifá para saber que poderiam fazer para remediar uma tal situação.

Depois de ter consultado o oráculo, Òrunmilá lhes explicou tudo o que estava acontecendo e que eles deveriam fazer. Em seguida ele mandou Ogun fazer uma oferenda, ebo, compreendendo galos, uma roupa, uma espada, um chapéu usado, na encruzilhada, ao pé da referida árvore, antes que as mulheres se reunissem. Dito e feito, Ogun chegou bem cedo a encruzilhada e fez o preceito com os galos de acordo com o que Òrunmilá ordenou. Em seguida, ele pôs a roupa, o chapéu e pegou a espada em sua mão. Mais tarde, durante o dia, quando as mulheres chegaram e se reuniram para celebrar os ritos habituais, de repente, viram aparecer uma forma terrificante. A aparição era tão terrível que a principal das mulheres, isto é, que estava a frente, Iyasan, foi a primeira a fugir. Graças a força e poder que tinha, ela desapareceu para sempre da face da terra.

Assim, depois desta época, os homens dominaram as mulheres e são senhores absolutos do culto. Proibiram e proíbem sempre as mulheres penetrar no segredo de toda a sociedade de tipo maçônico. Mas, segundo o provérbio, é a exceção que faz a regra, os raros exemplos de sociedades secretas as quais eram autorizadas a participar em território Yorubá continuaram a existir em circunstancias especiais. Isso explica por que Iyasan-Oya é adorada e venerada por todos na qualidade de Rainha e Fundadora da Sociedade secreta dos Égúngún na terra. (SANTOS, Juana, 1998, p. 122 a 123).

Mas o cargo de detentora e senhora do mundo dos mortos e de todos os seus habitantes foi um presente dado por Obaluaê10, filho de Nanã Buruku11, e como tal o senhor original do mundo dos mortos, foi dado em sinal de gratidão a Oya pelos seus feitos durante as festas, o sirê12, dos Òrìsà, como conta os dois mitos seguintes:

Chegando de viagem a aldeia onde nascera, Obaluaê viu que estava acontecendo uma festa coma presença de todos os Orixás. Obaluaê não podia entrar na festa, devido a sua medonha aparência. Então ficou espreitando pelas fretas do terreiro. Ogum, ao perceber a angustia do Orixá, cobriu-lhe com uma roupa de palha que ocultava sua cabeça e convidou-o a entrar e aproveitar a alegria dos festejos. Apesar de envergonhado, Obaluaê entrou, mas ninguém se aproximava dele. Iansã tudo acompanhava com o rabo do olho. Ela compreendia a triste situação de Omulu e dele se compadecia. Iansã esperou que ele estivesse bem no centro do Òrìsà que trás e cura as doenças, era tido na África como o deus da varíola e das doenças contagiosas, também chamado de Omolu.

Òrìsà patrona dos pântanos, da lama, é uma das Òrìsà mais antigas entre as divindades femininas.

É a festa, a reunião dos Òrìsà, tanto no Àiye quento no Òrun. barracão. O xirê estava animado. Os Orixás dançavam alegremente com suas equedes. Iansã chegou então bem perto dele e soprou suas roupas de mariô, levantando as palhas que cobriam suas pestilência. Nesse momento de encanto e ventania, as feridas de Obaluaê pulavam para o alto, transformadas numa chuva de pipoca, que se espelharam brancas pelo barracão. Obaluaê, o deus das doenças, transformou-se em um jovem, num jovem belo e encantador. Obaluaê e Iansã Igbalé tornaram-se grandes amigos e

reinaram juntos sobre o mundo dos espíritos, partilhando o poder único de abrir e interromper as demandas dos mortos sobre os homens. (PRANDI, 2005, p. 206).

Certa vez houve uma festa com todas as divindades presentes. Obaluaê chegou vestido seu capucho de palha. Ninguém o podia reconhecer sob o disfarce e nenhuma mulher quis dançar com ele. Só Oiá, corajosa, atirou-se na dança com o Senhor da Terra. Tanto girava Oiá na sua dança que provocava o vento. E o vento de Oiá levantou as palhas e descobriu o corpo de Obaluaê. Para a surpresa de todos era um belo homem. O povo o aclamou por sua beleza. Obaluaê ficou mais que contente com a festa, ficou grato. E, em recompensa, dividiu com ela o seu reino. Fez de Oiá a rainha dos espíritos dos mortos, Rainha que é Oiá Igbalé, a condutora dos Égúns. Oiá então dançou e dançou de alegria. Para mostrar a todos seu poder sobre os mortos, quando ela dança agora, agita no ar o inruquerê, o espanta-mosca com que afasta os Égúns para o outro mundo. Rainha Oiá Igbalé, a condutora dos espíritos. Rainha que foi sempre a grande paixão de Omulu. (PRANDI, 2005, p. 308).

No Lèsànyìn encontram-se os dois elementos litúrgicos essenciais do culto: assentos individuais e específicos de cada Égún Àgbà, os Égún mais antigos, devidamente preparados para serem invocados individualmente, pois foram realizados e compridos todos os rituais de preparação para a sua invocação antes da morte do Ojé Àgbá e durante os sete anos após o falecimento deles, que será o novo Égún a ser cultuado; e o assento que é a representação coletiva dos ancestrais, de todos os mortos, os òku-òrun, o chamado Òpá-Kòko. Os assentos individuais dos Égún Àgbá do Lèsànyìn são assim descritos:

Os assentos individuais dos Égún são continentes de barro com

larga boca que contém uma mistura de barro e àse, de folhas e outros elementos, especifica para cada Égún que enche totalmente o interior, transbordando do recipiente, formando um montículo incrustados de cauris. Esses ‘’assentos’’ individuais estão dispostos sobre um banco feito de terra, baixo e estreito, chamado pepele. (SANTOS, Juana, 1998, p. 203).

Logo o elemento barro simbolizando a terra, que a morada dos Égún é a proto-matériamassa no qual os homem são moldados, feitos, pois o corpo é um pedaço de barro moldado por Obàtálá, e da qual depois de cumprirem o seu destino no Àiyé, depois de cumprir o seu ciclo devem restituir-la, é o elemento que compõem tanto o recipiente, o continente, os potes de barro de formas especiais com bocas larga como o próprio conteúdo cheio de àse diferentes para cada Égún.

Acompanhando cada assento de Égún há também o assento do seu Èsú, o chamado Èsú òjíséebo, ou Èsú Elebo, que é o transportador e patrono das oferendas, é o supremo senhor de todas as oferendas, além de ser o mensageiro e tradutor entre os Égún e os Ojés, sem eles nenhuma comunicação entre os homens e as entidades sobrenaturais seria possível.

Em frente a cada assento individual dos Égún Àgbá existe um buraco profundo feito no chão de terra batida denominado de Ojúbo (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.173), e é nele (além do próprio assento) que em todas as festas e cerimônias internas do Lèsànyìn são depositados as oferendas, os sacrifícios, e as comidas especificas de cada Égún no inicio dos rituais. Cada Ojúbo é rodeado por uma série de Isan (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.173), que são uma espécie de Òpá (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.172) que são varas, cetros e bastões sagrados usados nos rituais dispostos em volta dele formando um cone, protegendo com o seu àse a entrada do Ojúbo.

O Isan é uma vara muito fina devidamente sacralizada de cerca de um metro e meio feitas de árvores sagradas, notadamente de nervura de folhas de palmeiras, o Igi-òpe, Elacis

Guineensis (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.173) ou galhos de Àtòri, Gglyphaea Lateriflora (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.173), são utilizadas para invocar os Égún, guia-los e impedi-los de tocarem os Àra-àiye, os vivos, pois homem algum, nem mesmo os Ojés Àgbá, podem tocar nas roupas de Égún durante os rituais porque elas contêm em seus trajes a morte e energias maléficas.

Os assentos dos Égún Àgbá são cuidados e zelados por um Ojés Àgbá especifico devidamente preparado nos seus gostos prediletos, seja comida, oferendas e sacrifícios, no seu conhecimento do seu ségi ou Ké, o jeito de falar do Égún (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.183), tornando-se o seu tradutor para os vivos, ou seja, em todo o conhecimento especifico daquele Égún.

O assento coletivo dos ancestrais masculinos da sociedade que representam todos aqueles que não atingiram o grau de Ojés Àgbá e conseqüentemente não foram devidamente preparados durante a vida para que depois da morte fossem invocados como Égún, são os Òku-òrun os mortos, e são simbolicamente representados pelo Òpá-Kòko. O Òpá-Kòko constitui o elemento fundamental do culto e do terreiro Omo Ilé Agboulá, pois ele é o elemento que estabelece a ligação entre os nove espaços do Òrun entre si e entre eles e o Àiyé, simbolizando, portanto, o próprio Òpó-òrun oun àiye, o pilar e o eixo do mundo nagô. No Lèsànyìn ainda está plantado o àse da casa, que é transmitido e distribuído para cada assento de Égún, Òrìsà, Ilé Òrìsà, e cada membro do culto, do Ojé Agbá ao Amuisan, e é o portal de passagem para o Òrun de onde advêm os Òku-òrun, os mortos.

O Òpá-Kòko é um tronco preceitual, um bastão sagrado e ritual com um galho grosso da árvore sagrada nagô Akókó (SANTOS, Deoscoredes M, 1981, p.167), tão sagrada que sua folha era utilizada para consagrar reis, fincada na terra saindo de um Ojúbo no qual são feitas as oferendas a todos os Òku-òrun da casa. São os símbolos por excelência dos ancestrais masculinos. A importância do Òpá tanto na África quanto no Brasil é destacado por Deoscoredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi, que é o Alapini do culto aos Égún

no Brasil:

Na África, diante dos grandes templos, há um lugar especial onde os ancestrais são cultuados. Ali fica o Òpá, que os representa coletivamente. Os Òpá, varas bastões ou cetros rituais, são de importância vital no culto dos Égúngún. Uma cantiga entoada pelos Égúngún, na Bahia, permite-nos inferir a importância atribuída ao Òpá:

Olórun

Olórun Olóòpá

Olórun

Olórun, o supremo deus, é o senhor do Òpá. É como se Olórun tivesse delegado parte de seu poder ao Òpá.

O Ilé Awo, contendo a ante-sala e o Lèsànyìn, constitui a edificação central do terreiro e é o ponto de referencia de todas as demais, constitui num elemento condicionador de localização dos demais espaços e construções do terreiro. Constitui em si, como um todo, uma edificação detentora de somatórios de poderosas energias, de uma multiplicação de Àsé.

Sendo a própria edificação sacralizada através de ritos específicos para desempenhar esta função, assim uma telha, um bloco, uma argamassa, uma ripa sequer não pode ser retirada, substituída ou colocada sem que sejam realizados os devidos ritos de proteção, contenção e sacralização, sem que seja feito o seu fundamento, fixação de Àsé para desempenho de uma dada atividade.

O recinto de acesso do Ilé Awo, de onde saem os Égún, que compreende também a varanda dos Ojés, que é o seu espaço de socialização está voltado para o oeste, ou seja, para o poente o Ìwò-õrun, que pertence á esfera do domínio do passado, dos mortos, dos ancestrais, materializa a concepção nagô do ciclo que se fechou, do destino cumprido, da matéria restituída, da existência genérica dos Òku-òrun e da existência

individualizada constituídas no Égún.

EGUNGUN

Egungun Babá Obá Olá

EGUNGUN – Nomes, Famílias, Rituais e Orikís

No ritual de Egungun, reside um dos maiores mistérios da cultura e ritualística Yorubana e Dahomeana. O culto ao Egungun, é um culto aos antepassados das pessoas falecidas que eram iniciadas no ritual dos Orixás ou Voduns ou ainda, no próprio ritual de Egun. Este ritual não é uma propriedade africana única. No Japão, existe uma semelhança no culto aos antepassados também, e que é de prática nacional. É tão sério e popular, que consegue manter a nação unida em torno desta prática. A única diferença entre estes dois cultos é que no Japão não existe a materialização dos antepassados, enquanto que na Nigéria, no Togo, Benin e Brasil, estas "aparições" são comuns e visíveis a todos os presentes.

É também comum na Nigéria vê-se os Ojés (sacerdotes de Egungun), provocando estas materializações, quando jogam várias roupas (axós – trajes) de Egungun no chão e minutos após, estas começam a inflar e tomar formatos humanos como se corpos existissem dentro de cada uma delas. Tais fenômenos acontecem em plena luz do dia, na rua e diante dos olhos de todos. O ritual começa no Ojubó (camarinha secreta), com oferendas, local onde as roupas são abençoadas e recheadas dos "axés"(força e poder), do ritual. Posteriormente, é feita a oferenda de um "agutã"(carneiro), sobre o "gbodô (pilão) o qual será levado à praça pública e invertido no chão, ou seja, colocado de cabeça para baixo. Após tais atos o Ologbô (sumo sacerdote de Egun) manda distribuir as roupas de cada Egungun que irá se materializar, no chão separadas a cada três metros. Ato contínuo, começam as cantorias sob o rítimo frenético dos "abados" (abanadores de palha) batidos em bocas de porrões" (grandes vasos de barro com bocas largas), acompanhados por "gans e agogôs" (sinetas de metal). – Tudo isto segue uma ritualística e está rigidamente dentro de uma hierarquia milenar.

Os "cargos" (títulos sacerdotais) estão dentro de uma nominação que assim está determinada em escala ascendente: 1 Ojé – 2 Eiedun – 3 Ojé Lese Egun – 4 Ojé alagbá – 5 Alapini – 6 Alagbá e 7 Ologbô. – O ritual é masculino e só permite a entrada de mulheres que sejam filhas de Oyá (Iasan) Igbalé, Oyá Zagan, Oyá, Messe Egun, Oyá Tolú e Oyá Izô. Existe um cargo intermediário com o nome de "Ojé Lesse Orisá", que determina uma intermediação entre o Egungun e o "sirê" (toque) de Orisás ligados aos antepassados. Este cargo e ritual fica mais encravado no ritual de Geledê" da raiz Jêje.

Ritual

O ritual é complexo e exige uma iniciação demorada para aqueles que dele querem fazer parte. A Invocação chamada "Zerim" ou "Sirrum" consiste de cantigas ancestrais de louvação a cada Egun Babá e tem como base sonora os potes (porrões) de boca larga, agogôs, cabaças e "oberós" (alquidares) com água. Alguns "ilús" (tambores) também são usados e se diferenciam dos demais por serem cobertos com couro de "agutan" (carneiro). As roupas pertencentes aos Babás (pais) são confeccionadas em lantejoulas, vidrilhos, canutilhos, espelhos, cetim, telas e

uma mistura de tecidos variados contrastantes entre si. Estas roupas não têm aberturas e são totalmente fechadas da cabeça (que varia de tamanho e formato), até os pés.

O ritual começa no barracão com as chamadas e as roupas jogadas no chão ou dependendo da "casa", as roupas ficam dentro do "Ojubó" e à medida que os Babá vão chegando, estas roupas vão inflando e tomando seus formatos humanos(?), andando e falando. É comum ver-se um Babá sentar-se em um trono e gradativamente começar a desinflar até esvasiar a roupa, diante de todos os assistentes. Cada Babá tem a sua peculiaridade, sua cantiga própria, sua entonação de voz, sua roupa e sua linhagem totêmica. Também materializam presentes que deixam para seus filhos e amigos. Os Babás não devem ser tocados por mão humana e para tanto são dirigidos durante suas apresentações por Ojés que têm nas mãos os "Inxans" (vara de amoreira) que os conduzem com pequenos toques. Porém, não raro, tanto na Nigéria como no Benin ou Bahia, algumas vezes os Babás permitem que alguém lhes apertem um braço ou uma mão para que todos tenham a certeza de que não existe uma pessoa dentro daquela roupa. Os Babás gritam e falam geralmente no dialeto Yorubá Castiço ou Ewe, no que é traduzido pelo Ojé que o acompanha. Os Babás atendem a pedidos mediante a entrega de oferendas (presentes) de momento com os mesmos escritos ou falados durante a cerimônia.

BABÁS EGÚNS FAMOSOS – Nigéria – Benin – Bahia – Pernambuco

Estes são alguns dos Babás Egungun mais famosos no eixo África - Brasil.

Ojé Ladê – Opetenan – Fatunuké – MamaTeni – Atô – Arô – Ologbojô – Aguian – Baká Baká - Alapiagan – Jootolú – Obilaré – Okin – Arisojí – Ode Layielú – Oba Olá – Oyá Biyí – Lapampa – Sembé – Aparaká – Olúlu – Oyé Ati – Élewe – Alarinsó – Ajóbiéwe – Ajofoyinbó – Aiyegunlá – Alapansanpa – Elegbodó – Awuró - Ijépa – Épa – Élé Fin – Ilóró – Pepéiye – Olókótun – Nouvavou – Mazaca – Zazi Boulonin – Zantahí – Wawá – Nibho – Rataloni – Obé Erin – Ólójé – Ólóhan – Olóbá – Aládáfa – Eléfí, Babá ALAPALÁ e Babá BANBUSHÊ ADINIMÓDÓ.

Estes são os mais famosos Babás do ritual de Egungun do Brasil e na África e, que, de uma certa forma "capitaneiam" os destinos das pessoas e por quê não dizer, o destino do Brasil.

Cantigas Secretas de Egungun

Ritual Jêje – (Sirrum)

Saudação:

Do manã Avalú elo ô,

Do manã Avalú jé roissô

Nainhê jí tu sabé deinho

Do manã Avalú já roissô

Sokó Beré

Iná Sakóeré

Etú nainhê sobe deinhó

Do manan Avalú já Roinssó

Invocação:

Avalumã, shenuê e shenuê

Shenuê, shenuê e, shenuê

Avalumã shenuê ago no shokotô

Houn já fineuá e, fineuá

Fineuá fineuá

Agô no shokotô.

E azan barékessé…zan

Azan berekessé..zan

Azan bá Egun

Obé ké makundo

Kunjala, jála obé

Obé ké makundo

Egun ma houn belé

Rekanssô marruô

Houn Belé Sogbô, hounbelé

Ma houn belé rakanssô marruô

Aziri in mamú ê

Aziri in mamu á

Idabaê, Aziri in mamí á

Ritual Yorubá – (Zerin)

Invocação: Murace bí

Babá Kosé bé

BÀBÁLORIXA RODOLPHO TÍ XANGÔ. FAÇA PARTE DESTE AXÉ QUE PRIMA PELO DESENVOLVIMENTO DE FORMA RESPEITOSA E EDUCACIONAL PELOS SEUS MEMBROS. ILÊ ALAKETÚ AXÉ ILÊ ÒYÓ OBÁ ÀLÁÀFÍN BARÚ ÀWODÍ ABÍBÒLÁ. CONSULTAS ESPIRITUAIS: [13] 3021-6100 SANTOS/SP. COM BÀBÁ RAFAEL TÍ ÒRÌXÀ AKINJOLÉ
CONTRATE-NOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE TODO SEU ILÊ ASÉ ÒRÌXÁ E CURSOS ADMINISTRADOS, COM OS FUNDAMENTOS NECESSARIOSEM CADA ELEMENTO APLICADO.

Muracebi



Babe Kosé

Yá mofú inã

Yá ko izô

Yá kosé bé

Yá kota d´ele se

O murecebi Babá Kosé

Ikú to loxê Aparaká

Ikú to loxê Aparaká,

E a larê,

Ikú oló re ô

Jêje – Yorubá

Invocação: Mauá, Mauá, Mauá

Vodunci ilê Mauá

Vodunci ilá Mauá

Lése Korré zó

ORIKY EGUN

Reza secreta Yorubana

Egun ayiê Ixibó Orún Móju Baré!!!

Sún ré òkún, òrun súnré ô

Órun re o, òkún, òrun, òrun re o,

Òkú ló gvéré a ko ri i mó

Akikanjú p´arada a kò bgohun ré,

Erín wo, erin ló,

Ajànàkú subu kó lê g´óké

Eni rené ló s´ájulé órun

BÀBÁLORIXA RODOLPHO TÍ XANGÔ. FAÇA PARTE DESTE AXÉ QUE PRIMA PELO DESENVOLVIMENTO DE FORMA RESPEITOSA E EDUCACIONAL PELOS SEUS MEMBROS. ILÊ ALAKETÚ AXÉ ILÊ ÒYÓ OBÁ ÀLÁÀFÍN BARÚ ÀWODÍ ABÍBÒLÁ. CONSULTAS ESPIRITUAIS: [13] 3021-6100 SANTOS/SP. COM BÀBÁ RAFAEL TÍ ÒRÌXÀ AKINJOLÉ
CONTRATE-NOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE TODO SEU ILÊ ASÉ ÒRÌXÁ E CURSOS ADMINISTRADOS, COM OS FUNDAMENTOS NECESSARIOSEM CADA ELEMENTO APLICADO.

Sun´ré o, Éni rere sùn ré o.

Bi ikú ba ngbowó

A ba fun um l´ówó

Bi ikú si ngb´ébó

A ba ra agbó funfun nìkinkìn

A ba ni ki ikú o gbá ko s´íjú

Ko féni rere lê kó jé kó pé

Ko feni rere lê leigbá èmi ré

Sún´ré o, Éni rere sùn´ré o.

Ikú t´ó fó niká silé t´o um éni rere

Bi ikú ba maa gbó a ba bé ikú

A ba dóbálé niwajú Élédá

A ba fi fere kórin àilónka

A ba ke pe ikú ko sáánú

Ko fi omo sílé fun abiyamó

Sugbón ilú di´´tí kó gbóhùn

Sún`re o, éni rere sùnre o.

Ikú fó`jú kó riram

Ikú féni búburú silé, o um éni rere

Bi ikú ba ti de ko gbó´oógun mó

Éni kú s´ébó tán

O simi o si bó Iówó iyónu

O di ebóra fun ómó arayé

O di òken nin awón Màleká ode-orun

Sun `re o, éni rere sun´´re o,

Kíni a ba wi, kini a ba só ?

BÀBÁLORIXA RODOLPHO TÍ XANGÔ. FAÇA PARTE DESTE AXÉ QUE PRIMA PELO DESENVOLVIMENTO DE FORMA RESPEITOSA E EDUCACIONAL PELOS SEUS MEMBROS. ILÊ ALAKETÚ AXÉ ILÊ ÒYÓ OBÁ ÀLÁÀFÍN BARÚ ÀWODÍ ABÍBÒLÁ. CONSULTAS ESPIRITUAIS: [13] 3021-6100 SANTOS/SP. COM BÀBÁ RAFAEL TÍ ÒRÌXÀ AKINJOLÉ
CONTRATE-NOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE TODO SEU ILÊ ASÉ ÒRÌXÁ E CURSOS ADMINISTRADOS, COM OS FUNDAMENTOS NECESSARIOSEM CADA ELEMENTO APLICADO.

Kini a ba fi sé ètùtù nlá yi ?

Ká tu ikú l´ójú k´a ye isókun ojú

K´a ba adájó ti nda ti a kó le ri

Ikú ti nmu´ni l´ohún, mu´ni léegun ara,

O mú´ni wó iínu ilé, a kó re i imó

O mu´ni wó iyéwu ré kó padá bó

Sun´re o, Éni rere sun´´re o.

Ébu rere kója ló si apá kejí odó

Ojó wo l´a o pàdé iwó òrisá ilé ?

Nibó l´a o pàdé iwó òrisá ilé ?

O di arinnakó o di oju alá

O di okio aláwo ati ti awòrawó

O di iwáju Olódùmaré Baba,

Ki a to fojú ganni ara wa,

Sun`re o, Eni rere sun´re o.

Não se pode confundir Egun e Egungun. Eguns são todos os espíritos de pessoas falecidas. Egunguns são espíritos de sacerdotes e sacerdotisas falecidos, ou seja, pessoas que foram iniciadas no ritual do Orixá ou no próprio ritual de Egungun.

Enquanto no âmbito dos Eguns, existem obsessores, e até mesmo demônios, que viveram e que não viveram, os Egunguns são espíritos antepassados que cuidam em dar continuidade à cultura e às tradições étnicas e tribais, para que seus sucessores (os vivos) tenham a melhor condição de vida possível. Egungun não aceita a mentira e a depravação e tão pouco a corrupção dos costumes e da ritualística. Por esta razão, pouquíssimas são as “casas” de candomblé de Egungun no Brasil, estando restritas à Ilha de Itaparica, na Bahia, em locais conhecidos por “Amoreira” e “Barro Vermelho”. No final do século XX e agora no século XXI, algumas tentativas de espalhar o ritual já foram feitas. Algumas com sucesso, outras não. Há que se ressaltar a homenagem ao grande Alagbá Aliba (Eduardo Daniel de Paula) na condução do ritual de Egun em Amoreira. Também destaque para Didi (Deoscoredes dos Santos), o Alapini de Itaparica, no seu trabalho de sucessão do falecido Aliba. Apenas para demonstrar o poder do ritual de Egungun e seus sacerdotes, destacamos da lista de Egungun acima o Babá Bambuxé Adinimodó, que em 1660 foi sumo sacerdote do Quilombo dos Palmares, em Alagoas, e encarregado pelo destino (Odú) de preservar, no Brasil, através dos ensinamentos, a raiz das tradições das diversas tribos africanas, para cá trazidas durante o nefasto tráfico de escravos.

Bambuxé foi a alma , o espírito, o corpo e a mente estratégica e espiritual de Palmares, tendo como assessor o Tata Kaundê e juntos deram muito trabalho às investidas dos soldados e comandantes brancos em embates contra as tropas de Palmares. Não teríamos esta relação e este conhecimento, não fossem os ensinamentos místicos que Bambuxê nos legou através dos diversos discípulos que consagrou. Em nossa visita e vivência em Lagos, na Nigéria, fomos franquiados a constatar e assistir alguns rituais de Egungun, realizadas em pleno dia em praça pública, presenciando as materializações de vários Babás e com eles tivemos a oportunidade de conversar, e trocando idéias, concluímos que eles amam os seus descendentes no Brasil, hoje negros, mulatos, mestiços e brancos. E conforme nos falou Babá Olobogjô e Babá Alapalá não tínhamos ido à África para "catarmos axés" e sim buscar os nossos fundamentos e conhecermos os nossos ancestrais de mais de quatrocentos anos. Para tanto, nos deram roupas, comida e habitação, além de todo conhecimento possível. Com todo orgulho, portanto, criamos esta página em homenagem àqueles que nos possibilitaram existir geneticamente, mantendo o conhecimento da ancestralidade, que nos mantém VIVOS.

AVEJI DA

Ligadas as tempestades, raios, furacões, redemoinhos, ciclones, tufões, maremotos, erupções vulcânicas, aos ancestrais e a guerra, todas as Voduns guerreiras são conhecidas como Aveji da. Até mesmo Oya dos yorubanos, é assim denominada em território daometano.

Erroneamente, no Brasil, algumas pessoas feita de Oya se intitulam filhas de Vodum Jò. Digo erroneamente porque Oya é um Orixá yorubano e Vodum Jò é um ToVodum do panteão de Aveji-da, assim como Jò Massahundo também.

Aveji-da é o Deus/Deusa das tempestades e dos ventos.

Podemos encontrar as Aveji-da tanto na família Dambirà quanto na família Heviosso.

As Aveji-da, da família Dambirà estão ligadas diretamente ao cultos dos akututos, sendo que cada uma tem sua função. Algumas reinam na fronteira do djenukom com o aikungúmã, outras nos ekúchomê, outras no hou, ôtan e tódôum., outras em humahuan, outras junto com Naê Nana, outras junto aos kpame e "possuídos" - essas, "talvez", sejam as que mais trabalham (opinião minha) - outras se encarregam, junto com Exu, de levar os ebós e pedidos feitos pelo povo encarnado e desencarnados, a quem de direito e tentam trazer as soluções para cada um - normalmente conseguem. Enfim, é uma infinidade de atribuições que essas Voduns têm, todas sempre em prol daqueles que pedem e precisam do auxílio delas, sejam encarnados ou desencarnados.

Todas essas Voduns, são temidas e respeitadas por akututòs. Elas têm todos os poderes sobre o reino dos mortos e junto com Sakpata e Nae Nana, controlam a vida e a morte.

As Aveji-da da família Heviosso, estão mais ligadas aos fenômenos da natureza, como o furacão, ciclone, maremotos, erupções vulcânicas, etc. onde os eguns recém desencarnados nesses fenômeno são encaminhados imediatamente por elas as Guerreiras dos cultos de akututòs, pois Heviosso e demais Sobos não abrem suas portas para ekùs, dessa forma o trabalho delas tem que ser rápido e eficiente, para não contrariar o grande Heviosso.

Contam os velhos Vodunos e Bakonos que a fúria de Aveji-da e de Heviosso contra as heresias humanas é que provocam esses fenômeno onde muitos sucumbem. Nessas ocasiões é que devemos recorrer a Velha Vodum Guerreira que com sua sabedoria e magia sabe aplacar a fúria dos deuses e acalma-los.

Essa Velha Vodum Guerreira mora junto com as demais Yamis e todas as Aveji-da prestam culto a mesma e tomam seus conselhos e usam sua magia quando precisam. Ela é um velha Aveji-da que se esconde nas sombras e adora a noite. Os pássaros são seu encanto. Junto com Ágüe visita os kwes em sua rondam noturna e se encontrar demandas ela ai se detem nos para ajudar ou cobrar. A fúria dessa Vodum destrói os inimigos e fecha um kwe. Dificilmente um kwe fechado por ela consegue se reerguer. Somente através de Baba Egum se consegue chegar a ela para aplacar sua fúria.

As Aveji-da são mulheres muito vaidosas, gostam do belo, adoram a natureza, apreciam quando suas filhas imitam suas vaidades. São todas muito vaidosas e autoritárias, não gostam de receber ordem de ninguém principalmente dos homens, mas quando fazem suas vontades e caprichos tornam-se dócies e carinhosas. São muito maternais, perdoam com facilidade seus filhos e os defende com toda a garra de guerreiras. Gostam de disputar com os Voduns Guerreiros quem luta melhor e esses sempre acabam cedendo aos encantos dessas mulheres que os encantam com sua magia e beleza.

As Aveji-da comem cabra ou cabrito, galinha, galo, d'angola, pombo e outros bichos. Gostam de abara, acarajé, alapadá, quiabada, inhame, peixe, acarajés recheado com quiabo - existe um infinidade de comidas para elas -

Seus apetrechos são o erugim, adaga, espada de lança curta com a ponta em forma de meia lua, faca, chicote, chifre de búfalo e de boi, fogareiro de ferro, abano de palha, abano confeccionado em tecidos finos ou pena (leque), abanos confeccionados em madeira, bonecas(fetiche), maruo... Usam todas as cores em suas vestimentas. Seus colares ou fios de conta são das mais variadas cores e formato. Gostam de todos os metais, sendo que o ferro, o cobre e a prata são seus preferidos.

Vale ressaltar que a confecção de apetrechos,vestimentas e fios de contas são determinados pelas próprias Voduns, portanto não existe uma "receita" para esses itens.

As Oyas feitas dentro do culto de Voduns aderem todas as características das nativas, porém recebem também o que lhes são de direito dentro de suas origens.

Vocabulário:

djenukom - céu (orum)

aikungúmã - terra (aiye)

ekúchomê - cemitério

tódôum -rio

hou - mar

ôtan - lago, lagoa

ahuan - guerra, batalha

humahuan - campo de batalha (guerra)

kpame - doentes, enfermos

akututòs - ancestrais, egungum

ekùs - eguns

IANSÃ

O PERFIL DO ORIXÁ

Iansã é um Orixá feminino muito famoso no Brasil, sendo figura das mais populares entre os mitos da Umbanda e do Candomblé em nossa terra e também na África, onde é predominantemente cultuada sob o nome de Oyá . É um dos Orixás do Candomblé que mais penetrou no sincretismo da Umbanda, talvez por ser o único que se relaciona,, na liturgia mais tradicional africana, com os espíritos dos mortos (Eguns), que têm participação ativa na Umbanda, enquanto são afastados e pouco cultuados no Candomblé. Em termos de sincretismo, costuma ser associada à figura católica de Santa Bárbara, talvez por causa do raio, já que a santa é sempre invocada para proteger um fiel de uma tempestade. O mesmo acontece com Oyá, que deve ser saudada após os trovões, não pelo raio em si (propriedade de Xangô ao qual ela costuma ter acesso), mas principalmente porque tem sido Iansã uma das mais apaixonadas amantes de Xangô, o senhor da justiça não atingiria quem se lembrasse do nome da amada. Ao mesmo tempo, ela é a senhora do vento e, conseqüentemente, da tempestade.

Nas cerimônias da Umbanda e do Candomblé, Iansã, ela surge quando incorporada a seus filhos, como autêntica guerreira, brandindo sua espada, ameaçando os outros, prometendo a guerra, sempre guerreira e, ao mesmo tempo, feliz. Ela sabe amar, e gosta de mostrar seu amor e sua alegria contagiantes da mesma forma que desmedida com que exterioriza sua cólera.

Como a maior parte dos Orixás femininos cultuados inicialmente pelos nagôs (ou iorubas, outro nome para a mesma cultura) é a divindade de um rio conhecido internacionalmente como rio Niger, ou Oyá, pelos africanos, isso, porém, não deve ser confundido com um domínio sobre a água.

A figura de Iansã sempre guarda boa distância das outras personagens femininas centrais do panteão mitológico africano, se aproxima mais dos terrenos consagrados tradicionalmente ao homem, pois está presente tanto nos campos de batalha, onde se resolvem as grandes lutas, como nos caminhos cheios de risco e de aventura - enfim, está sempre longe do lar; Iansã não gosta dos afazeres domésticos.

É extremamente sensual, apaixona-se com freqüência e a multiplicidade de parceiros é uma constante na sua ação, raramente ao mesmo tempo, já que Iansã costuma ser íntegra em suas paixões; assim nada nela é medíocre, regular, discreto, suas zangas são terríveis, seus arrependimentos dramáticos, seus triunfos são decisivos em qualquer tema, e não quer saber de mais nada, não sendo dadas a picuinhas, pequenas traições. É o Orixá do arrebatamento, da paixão.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE IANSÃ

Arquetipicamente, Iansã é a mulher guerreira que, em vez de ficar no lar, vai à guerra. São assim os filhos de Iansã, que preferem as batalhas grandes e dramáticas ao cotidiano repetitivo.

Costumam ver guerra em tudo, sendo portanto competitivos, agressivos e dados a ataques de cólera. Ao contrário, porém, da busca de certa estratégia militar, que faz parte da maneira de ser dos filhos de Ogum, que enfrentam a guerra do dia-a-dia, os filhos de Iansã costumam ser mais individualistas, achando que com a coragem e a disposição para a batalha, vencerão todos os problemas, sendo menos sistemáticos, portanto, que os filhos de Ogum.

São quase que invariavelmente de Iansã, os personagens que transformam a vida num buscar desenfreado tanto de prazer como dos riscos. São fortemente influenciados pelo arquétipo da deusa aquelas figuras que repentinamente mudam todo o rumo da sua vida por um amor ou por um ideal. Faz parte dos filhos de Iansã a maior arte dos militantes políticos não cerebrais por excelência. Ao mesmo tempo, quando rompem com uma ideologia e abraçam outra, vão mergulhar de cabeça no novo território, repudiando a experiência anterior de forma dramática e exagerada, mal reconhecendo em si mesmos, as pessoas que lutavam por idéias tão diferentes. Talvez uma súbita conversão religiosa, fazendo com que a pessoa mude completamente de código de valores morais e até de eixo base de sua vida, pode acontecer com os filhos de Iansã num dado momento de sua vida.

Da mesma forma que o filho de Iansã revirou sua vida uma vez de pernas para o ar, poderá novamente chegar à conclusão de que estava enganado e, algum tempo depois, fazer mais uma alteração - tão ou mais radical ainda que a anterior.

O temperamento dos que têm Oyá como Orixá de cabeça, costuma ser instável, exagerado, dramático em questões que, para outras pessoas não mereceriam tanta atenção e, principalmente, tão grande dispêndio de energia.

São do tipo Iansã, aquelas pessoas que podem ter um desastroso ataque de cólera no meio de uma festa, num acontecimento social, na casa de um amigo - e, o que é mais desconcertante, momentos após extravasar uma irreprimível felicidade, fazer questão de mostrar, à todos, aspectos particulares de sua vida.

Como esse arquétipo que gera muitos fatos, é comum que pessoas de Iansã surjam freqüentemente nos noticiários. Ao mesmo tempo, é um caráter cheio de variações, de atitudes súbitas e imprevisíveis que costumam fascinar (senão aterrorizar) os que os cercam e os grandes interessados no comportamento humano.

Os Filhos de Iansã são atirados, extrovertidos e chocantemente diretos. Às vezes tentam ser maquiavélicos ou sutis, mas só detidamente. A longo prazo, um filho de Iansã sempre acaba mostrando cabalmente quais seus objetivos e pretensões. Eles têm uma tendência a desenvolver vida sexual muito irregular, pontilhada por súbitas paixões, que começam de repente e podem terminar mais inesperadamente ainda. São muito ciumentos, possessivo, muitas vezes se mostrando incapazes de perdoar qualquer traição - que não a que ele mesmo faz contra o ser amado. Ao mesmo tempo, costumam ser amigos fiéis para os poucos escolhidos ara seu círculo mais íntimo.

Um problema, porém, pode atrapalhar tudo: a inconstância com que vê sua vida amorosa; outros detalhes podem também contaminar os aspectos profissionais.

Todas essas características criam uma grande dificuldade de relacionamentos duradouros com os filhos de Iansã. Se por um lado são alegres e expansivos, por outro, podem ser muito violentos quando contrariados; se têm a tendência para a franqueza e para o estilo direto, também não podem ser considerados confiáveis, pois fatos menores provocam reações enormes e, quando possessos, não há ética que segure os filhos de Iansã, dispostos a destruir tudo com seu vento forte e arrasador.

HOHOS

O que os Yorubanos chamam de Ibeji, os Haitianos de Marasa, os Fons chamam de Hohos.

Os Hohos são divindades gêmeas protetoras de todas as crianças nascidas gêmeas.

Os Fons acreditam que as crianças gêmeas provem do Zoun (matas) e que para a mesma eles voltam após sua morte física. Tal afirmativa liga essas crianças aos abikus que também habitam o Zoun.

Existem quatro Zouns que são chamados de Owekeho (ouêkeró) e representam os quatro pontos cardeais. Cada ponto tem a sua mata fechada.

Para que as crianças gêmeas tenham um futuro melhor, é necessário consultar Fá e identificar a qual dos Zouns elas pertencem. Quando os gêmeos já souberem andar, devem ser levados ao seu Zoun para fazer oferendas e sacrifícios aos Hohos. No final desses rituais, todos se dirigem ao mercado entoando mlanmlanle (rezas) e cânticos em louvor aos Hohos. No mercado os gêmeos são apresentados a todos e recebem presentes destes. Para os Fons dar presentes a crianças gêmeas representar que essas lhes darão sorte.

Os Hohos não podem ser iniciados em ninguém e em uma casa de santo só pode ter um assentamento deles. Todos os membros da casa poderão prestar cultos e fazer oferendas e sacrifícios nesse assentamento único.

As família onde nascem crianças gêmeas dever erguer um altar para seus protetores, os Hohos e prestar-lhe culto diariamente.

Quando ocorre a morte física de um dos gêmeos, uma pequenina estatueta será esculpida representando o morto e a mãe deve mantê-la junto ao seu corpo até que o gêmeo sobrevivente

alcance uma idade de entendimento quando então receberá o pequeno fetiche que passará a ficar em seu poder e deverá cultuá-lo.

Os gêmeos meninos recebem o nome de Zens e Sagro, as meninas recebem os nomes Zinho e Dolu. Se durante o parto as crianças se apresentarem de pé, elas receberam os nomes Agosu e Agosa se for meninos e Agosi e Agohue se for meninas.

Se após o parto de gêmeos a mulher engravidar novamente, essa criança ao nascer receberá o nome de Dosu se for menino ou Dosi se for menina.

Embora os Hohos sejam divindades ligadas aos gêmeos, tornou-se popular que eles sejam também protetores de todas as crianças.

Os Toqüenos, Tobosis e Erês têm sido denominados erroneamente no Brasil como Hohos/Ibejis.

Os Toqüenos são Voduns jovens e não crianças que têm a atribuição de abrir ou preparar os caminhos dos Voduns mais velhos para que esses possam chegar em seus iniciados. Cada família de Vodum tem seus Toqüenos.

As Tobosis são Voduns meninas feitas em pessoas já iniciadas em Vodum.

Erê é a corruptela da palavra asehe (assêrê) que quer dizer “loucura mansa”, “energia mansa”. O Erê é uma divindade infantil, uma “parcela da energia” do Vodum que serve como uma mutação do próprio Vodum.Alguns seguidores de Vodum no Brasil, afirmam que na nação Jeje não existe Erê, mas eu afirmo que durante todos esses anos que tenho de iniciada no culto Vodum sempre vi em todas as casas Jeje que conheço no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador a manifestação dessa divindade. Em Salvador tive a oportunidade de ver e participar de festas de Erê no axé Bogum que é a casa mais antiga de Jeje na Bahia. Dentro do que aprendi e já pude participar, os Erês têm um importante papel nas iniciações de vodunsis.

Erê nunca vem antes do Vodum, ele precisa que esse se manifeste primeiro para que ele possa vir nos iniciados após os Voduns irem embora (desincorporar).

Embora saibamos a diferença entre essas divindades e os Hohos/Ibeji, temos notícias que tanto no Brasil como em algumas regiões do Benin o povo homenageiam todos eles no dia 27 de setembro oferecendo caruru, doces e fruta as crianças encarnadas e as próprias divindades.

OBÁ

O PERFIL DO ORIXÁ

Orixá ioruba semelhante à Oya. Orixá do rio Obá, foi a terceira das esposas de Xangô, e também mulher de Ogum. Segundo uma lenda de Ifá, Obá era muito enérgica e forte, mais que alguns orixás masculinos, vencendo na luta, Oxalá, Xangô e Orunmilá. A rivalidade surgiu entre ela e Oxum. Esta jovem e elegante. Obá mais velha e sem muita vaidade, mas com pretensão ao amor de Xangô. Sabendo o quanto este era guloso, procurava sempre surpreender os segredos da receitas de cozinha utilizada por Oxum, que irritada decidiu-se pregar-lhe uma peça, quando um dia pediu-lhe que viesse assistir a preparação de determinado prato, que, segundo Oxum,

Xangô, o esposo comum, adorava. Quando Obá chegou, Oxum, estava com a cabeça coberta com um pano que lhe escondia as orelhas, e, cozinha uma sopa na qual boiavam dois cogumelos. Oxum mostrou dizendo que havia cortado as próprias orelhas, colocando na sopa, para preparar o prato predileto de Xangô. Quando lhe foi servido, tomou com apetite e satisfação, retirando-se, todo gentil na companhia de Oxum. Na semana seguinte que era a vez de Obá cuidar de Xangô, decidiu fazer a receita predileta de Xangô, cortou uma de suas orelhas e cozinhou com a sopa. Xangô ficou repugnado e furioso com a cena. Neste momento apareceu Oxum, retirou seu lenço, onde Obá viu que as orelhas de Oxum nunca haviam sido cortadas, sendo por esta caçoada, seguiu-se violenta luta corporal, Xangô mostrou toda sua irritação e furor. Oxum e Obá, fugiram apavoradas e transformaram-se nos rios que levam seus nomes.

Motivo pelo qual, quando Obá se manifesta em alguma das suas iniciadas, leva a mão para cobrir a orelha esquerda, ou ata-se um torço (turbante), a fim de esconder uma das orelhas. Sua cor é vermelha. Sua saudação: Oba sire (Obá xirê).

QUALIDADES

Obá Gideo : Xangô, Oyá, Oxum = Iemanjá

Obá Rewá : Oyá e Xangô

ARQUÉTIPO

São pessoas valorosas e incompreendidas. Suas tendências são um pouco viril. As suas atitudes militantes e agressivas são conseqüências de experiências infelizes ou amargas por elas vividas. Os seus insucessos devem-se, freqüentemente, a um ciúme um tanto mórbido. Entretanto, encontram compensação para as frustrações sofridas em sucessos materiais, onde a sua avidez de ganho e o cuidado de nada perder dos seus bens tornam-se garantia de sucesso.

PARTICULARIDADES

DIA: quarta-feira

DATA: 30 e 31 de maio

METAL: cobre

COR: marrom rajado

PARTES DO CORPO: audição, orelha e junto com EWA, protege o consciente.

SÍMBOLO: ofangi (espada) e um escudo de cobre.

SACRIFÍCIO: = (Oyá)

ELEMENTO: fogo

FOLHAS: Candeia, negamina, folha de amendoeira.

DEUSES DA RIQUEZA

(DAOMETANOS)

Na cultura daometana, encontramos como Deuses da Riqueza, um casal de gêmeos que foram enviados à terra por Mavu e Lissa, para que ajudassem a humanidade.

Os gêmeos Da Zodji e Nyohwe Ananu foram os primeiros Voduns a nascerem e após chegarem a terra, deram origem a uma linhagem de Voduns ricos e guerreiros.

Cabe a esses Voduns guerreiros, ajudarem a todas pessoas que recorrerem a Da Zodje e a Nyohwe Ananu, a chegarem até eles, isso é, caso algum caminho ou energia do solicitante estiver atrapalhando o intercâmbio entre ele e os Deuses da Riqueza, esses Voduns mostram os ebós que deverão ser feitos para que ele alcance os Deuses gêmeos.

Quando chegaram a Terra, Da Zodji e Nyohwe Ananu habitaram o mar, onde acharam as maiores riquezas da Terra. Nyohwe Ananu, muito feminina, encantou-se com as conchas e os caramujos que encontrou e ficava extasiada ao ouvir o som do mar dentro dos caramujos. Seu irmão mandou que trouxessem todos os caramujos e conchas para o palácio deles para agradar Nyohwe Ananu.

De tanto Nyohwe insistir para que Da Zodji ouvisse o som dos caramujos esse atendeu seu apelo e também se encantou. Daí por diante, os dois passavam todo o tempo ouvindo esse som e não mais prestavam atenção aos pedidos das pessoas. Incomodados com essas atitude dos Deuses gêmeos, seus descendentes resolveram consultar um bakono.

O bakono consultou Fá e esse mandou que todos pegassem um caramujo para si e que quando quisessem falar com os Deuses da riqueza, falassem dentro do casco do caramujo, pois somente assim Da Zodji e Nyohwe Ananu os ouviriam.

Os descendentes obedeceram a Fá e passaram a falar com os Deuses dentro dos caramujos e, alguns deles, começaram a colecionar caramujos por acreditarem que quanto mais caramujos tivessem, mais poderiam conversar com eles.

Esse procedimento causou um pouco de confusão na vida dos Deuses da Riqueza pois, quando as pessoas falavam com Da Zodji a irmã também ouvia e vice-versa. Então, eles estabeleceram o seguinte: "Que cada um tivesse em seu poder dois caramujos. Um deveria ficar deitado e nesse, os pedidos à Nyohwe deveriam ser feitos e o outro caramujo deveria ficar em pé e nesse, os pedidos à Da Zodji deveriam ser feitos".

Deram também a opção de usarem os caramujos de uma maneira só e se comunicarem apenas com um dos Deuses.

VODUNS DAS ÁGUAS OCEÂNICAS

O oceano abriga uma variedade imensa de entidades, dentre estas, encontramos muitos Voduns masculinos e femininas.

Para falarmos sobre as Naês (mães) que habitam o oceano, torna-se necessário falarmos dos Voduns masculinos que moram com elas.

Para os adeptos do culto Vodum o oceano é o grande Hu-Non (ru-nom), considerado o maior de todos os Voduns.

Naete (naêtê) e seu esposo Vodum Hou (rou) são os deuses que reinam esse universo oceânico. Enquanto Naete fica nas águas calmas, Vodum Hou desbrava todas as regiões e dá a cada Vodum suas tarefas.

Naete (naêtê) - Vodum feminino do panteão do trovão que habita as águas calmas antes da arrebentação, esposa de Vodum Hou.

Hou (rou) - Vodum masculino do panteão do trovão casado com Naetê, pai de Aveheketi, trindade muito cultuada e honrada nos templos do Trovão. Sua morada são as volutas bramantes das ondas que arrebentam no litoral.

Cada Vodum habita uma região do oceano e têm uma função. Assim vamos encontrar:

Vodum Nate (natê) - Vodum do panteão do trovão que habita o mar. Adorado pelos pescadores e por todos que trabalham no mar. É o grande guardião que habita em todo o oceano, mar e praias.

Sayo (saíô) - Vodum feminina do pan-teão do trovão, irmã de Avhekete. Ha-bita as ondas do mar que fazem o nível do oceano subir. Considerada como uma sereia

Vodum Tokpodun (tópôdum) - Vodum feminina, deusa do rio. Seu frescor traz claridade para as cabeças e sua tran-qüilidade traz a paz. Símbolo de beleza, feminilidade, fertilidade, graça e caráter. Filha de Naete deusa do oce-ano, irmã de Avhekete. Foi expulsa do oceano por seus irmãos por seu caráter forte indo então, morar no rio.

Vodum Tchahe (tchárrê) - Vodum feminina do panteão do trovão, irmã de Avhekete. Habita o marulhar das ondas das águas oceânicas.

Vodum Agboê (abôê) - Vodum masculino do panteão do trovão, filho de Saho. Rea-liza tudo através de um talismã que preparou junto com seu pai. Dança com muito vigor, gira em torno de si mesmo e transforma–se na água que é Hu, o mar. Depois disso sai e pede a uma vodunsi que recolha água do mar, coloque em um ponte e a esquente. O resultado disso é o huladje, o sal.

Vodum Avehekete (averequéte) - Vodum masculino do panteão do trovão,muito agitado, habita a arrebentação marinha. É quem leva as men-sagens de seu pai, Vodum Hou, às di-vindades marítimas e aos homens. Costuma roubas as chaves de sua mãe para da-las aos homens.

Voduns gêmeos Dôtsê e Saho (dôtissê e Sarrô) - Dôtse nasceu à noite e Saho de manhã. Ela tem um olho em um lado da terra e Saho no outro lado. Considerados os Voduns que olham o mundo. Panteão do trovão, habitam sobre o mar.

Vodum Yedomekwe (iêdômêqüê) - Vodum feminina que faz chover. Habita na evaporação das águas oceânicas.

Goheji (gôrêji) - Vodum jovem muito alegre e falante, habita o encontro das águas das lagoas com o mar. Essa mãe gosta muito de passear pelas lagoas e lagos misturando-se com os patos d'água em seu bailado e fica muito aborrecida se algum caçador mata ou fere uma dessas aves. Veste roupas azul, verde água, prateado com rosa clarinho ou azul. Gosta de adornos prateados, pérolas e perfumes suave. Pertence ao panteão da terra. Quando Goreji resolve passear em águas oceânicas, os cavalos marinhos que a adoram ficam ao seu dispor para transportá-la e passear com ela. Em seu assentamento podemos colocar bonecas coloridas e outros brinquedos de menina.

Vodum Aboto - habita as águas doces profundas que desembocam no mar. É sempre confundida tanto como Oxum quanto como Yemanja. Uma das Voduns mais velha do panteão da terra. Veste branco, branco com amarelo, amarelo clarinho, suas contas são amarelo pálido. Gosta de adornos dourados e perfume. Não gosta de muito barulho perto dela. Fica fascinada com o barulho dos búzios em movimento com as águas e faz desses seu oráculo.

Os gêmeos Dazodje (dázôdjê) e Nyohuewe Ananu (niôrruêuê ananú) - habitam nas riquezas depositadas no fundo do mar e são considerados os Voduns da Riqueza. Não são feitos na cabeça de ninguém.

Erzulie (erzúliê) - Vodum feminino que habita o reino abissal, pertence ao panteão da terra. É considerada a mãe de Agué e Olokwe. Essa Vodum também é conhecida como Erzulie-Dantor, poderosa conhecedora da alta magia. Dizem os bakonos que ela se assemelha a Netuno, pois está sempre tentando levar toda a humanidade para habitar o oceano. Ela diz que todos os humanos têm a capacidade dos anfíbios e que todos se originaram do fundo do mar. Alguns acreditam que é um Vodum andrógino. Em momento de afogamento devemos chamar por Vodum Abe (abê) e Vodum Sayo para que essas convençam Erzulie que nosso lugar é na terra.

Oulisa (oulissá) - Vodum masculino que habita as águas claras e frias do oceano. Esse Vodum é sempre muito confundido com Lisa (lissá) ou Oxala. Veste branco com detalhes prateado ou dourado. É um Guerreiro dos Mares. Panteão da terra.

Abe (abê) - Vodum feminina irmã de Bade, panteão do trovão. Habita as águas revoltas do oceano. Sempre que acontece um naufrágio é ela junto com Vodum Sayo que tentam salvar os náufragos. Considerada uma das mais velhas mães do mar, sempre substitui Naete, quando essa precisa se ausentar do reino. Noche Abe é considerada a palmatória do mundo, cabe a ela mostrar as verdades e não deixar que essas sumam nas águas, dizem os antigos que o ditado "A verdade sempre anda sobre as águas, nunca afunda, um dia ela aparecerá na praia" foi dito por Abe. Assim como Erzulie, Abe é conhecedora de alta magia. Veste branco, azul muito clarinho.

Existe uma grande confusão entre o nome desta Vodum com as Voduns Abe Huno (abé runô), Abe Gelede (abé geledê), Abe Afefe (abé afêfê) que são Voduns guerreiras dos raios, tempestades e ventos.

Naê Aziri - Vodum das águas doces que muito se assemelha ao Orixa Oxum. Panteão da terra. Essa Vodum é muito confundida com a Vodum Azihi-Tobosi (aziri-tobossi) que habita o alto mar e é a protetora de todas as embarcações que navegam no oceano.

Afrekete (afrequéte) - é a mais jovem e mimada Vodum do panteão do trovão, habita em todo o oceano. Junto com Nate(natê) desempenha o papel de Legba, guardando os mares. Protege os pescadores e pune todos aqueles que insultam os deuses e habitantes do mar. Quando vê uma embarcação pirata, agita as águas para que essa naufrague e após esse, entrega todo o tesouro encontrado aos Voduns da riqueza e os mortos à Abe Gelede (abé).

Aouanga (auangá) - Vodum masculino do panteão do trovão, irmão de Avehekete. Habita as lagunas marinha. Suas águas engolem os ladrões.

Agoen (agôêm) - Vodum filho de Saho, reina na areia branca que cobre o chão das praias e oceanos.

Agwe (agüê) - Vodum feminina do panteão da terra que habita sobre as águas oceânicas. Muito afetuosa, está sempre atenta as necessidade alimentares do homem e os ajuda a prover sua mesa, usando sua arma principal, a dam (rede).

São tantos os Voduns que habitam as águas oceânicas que torna-se impraticável descrever todos aqui nesse espaço.

Temos em nosso culto uma linda cerimônia denominada GOZIN (gozim) onde fazemos oferendas à todas as divindades que habitam as águas. É um momento muito sublime, de uma energia indescritível. Quando "gritamos" Agoki-Agoka (agôqui-agôcá) podemos perceber a chegada de cada um deles.

Não poderia deixar de citar o mito do monstro marinho Mokele-Mbenbe (môquêlêbêmbê), animal do tamanho de um elefante, um pescoço longo, um único chifre e uma enorme calda envolada que ataca as embarcações. Muito temido e respeitado em todo o Dahomey até os dias de hoje.

E na Hou nule ye! (Ê ná rou nûlê iê!)

(Que os deuses do oceâno abençoem vocês!)

TOBOSSIS/NAÊS/MAMI WATA

Tobossis, Naês ou Mami Wata, são todas as Voduns femininas das ezins jeçuçu, jevivi e salobres. Aqui falaremos, especificamente ,das belas Naês das ezins doces e salobres.

Em todas as famílias de Voduns encontramos Naês, sendo que, a maioria delas, são da família Dambirá, panteão da terra.

No Brasil, convencionou-se chamar Oxum, dentro das casas Jeje, de Tobossi. Tobossis são Voduns femininos, infantis e, como elas tem muito a ver com as Naês, acredita-se que foi daí que o brasileiro passou a chamar Oxum de Tobossi.

Como a maioria dos adeptos do Candomblé sabem, Oxum é um Orixá da nação Ijexá, muito cultuada por todas as nações, inclusive o Jeje mas, temos que entender que existem Oxum e Naês. Quando, dentro da nação Jeje, uma pessoa é feita de Oxum, dizemos que ela é feita de Orixá, quando a pessoa é feita de Naê, dizemos que ela é feita de Vodum.

As Naês vivem em plena harmonia com toda e qualquer entidade que mora nas ezins. Nesse habitat não existe separação de nações.

As Naês ou Mami Watas, são mulheres vaidosas, exigentes, caridosas, algumas são guerreiras, outras caçadoras. Gostam do brilho das pedras e do ouro, adoram se enfeitar com colares, pequenas conchas e caramujos, pulseiras, pequenas penas coloridas. Normalmente, seus adornos são feitos por elas mesmas, caso alguém queira fazer para elas, essas exigem que seja feito exatamente como elas fariam.

Algumas Naês gostam de ficar a beira dos tódôum, sentindo e recebendo a energia do guhê, das atinçá, do djóom, da sum, etc.. Essas são muito falantes, gostam de dançar, cantar, caçar junto com Otolu, pescar junto com Ajaunsi, macerar folhas junto com Agué, comer amalá com Sobo, Aveheketi e Ahevessul, etc. Gostam de caminhar pelas matas, praias e lagoas, ondem residem outras Naês.

Outras Naes preferem as profundezas das ezins onde a paz reina com toda a plenitude da natureza, essas não gostam de se expor aos olhos de curiosos e são de falar muito pouco.

As Naês que moram nas ezim salobres, são as mais guerreiras, cultuam os ancestrais, lidam com eguns e a magia é seu forte. Dizem os antigos, que é nas lagoas que se escondem os grandes mistérios da magia das Naês, pois ali se encontram as duas energias, a das ezins jeçuçu e a das ezins jevivi. Fá sempre aconselha seus bakonos a irem à lagoa conversarem com as Naês quando existe a necessidade da magia ser usada.

As Naês usam roupas de várias cores sendo que, algumas delas, adoram o dourado, daí confeccionar-se roupas com tecido amarelo, o que não está totalmente correto. As roupas das Naês devem obedecer a uma série de exigências das mesmas. Podemos até fazer uma roupa amarela ou dourada, mas nunca podemos esquecer os detalhes que virão complementar a simbologia da roupa a ser usada.

Seus assentamentos podem ser feitos em louças, em bustos de madeira, argila ou cô, dependendo da Vodum que se está assentando.

Comem: bò, catraio, marreca, kôkôlo, uhui, caças, eché.

Dependendo da Naê, ela traz nas mãos: ezuzu (abebê), pena, ofá, lira, eché (de preferência vivo), cobra, espada ou adaga.

Em todos os estudos que fizemos na África, encontramos a SEREIA simbolizando as Mami Wata/Naês, tanto das água doces quanto das águas salgadas e salobre. É comum encontrarmos, em qualquer estabelecimento comercial e residencial, a figura de uma sereia cultuada (podemos

comparar com os santinhos católicos que os brasileiros cultuam aqui em pequenos altares em seus estabelecimentos).

Vocabulário

kôkôlo - galinha

bò - cabra ou cabrito

có - barro

eché - pássaro

uhui - peixe

ezim - água

atinçá - árvores, folhas

sum - lua

djóom - vento

tódoum - rio

catraio - galinha da angola

guhê - sol

jevivi - salgada

jeçuçu - doce

AS TOBOSSIS

As Tobossis são Voduns infantis, femininas, de energia mais pura que os demais Voduns. Pertenciam à nobreza africana, do antigo Dahome, atual Benin. Eram cultuadas na Casa das Minas, em S.Luiz/Maranhão, até a década de 60.

As Tobossis gostavam de brincar como todas crianças e falavam em dialeto africano, diferente dos Voduns adultos, o que dificultava muito entendê-los. Sem contar que, muitas das palavras elas falavam pela metade.

Elas vinham três vezes por ano, quando tinha festas grandes, que duravam vários dias.

A chefe das Tobossis é Nochê Naé, a grande matriarca da família Davice,ancestral da família real de Dahome, é considerada a mãe de TODOS os Voduns.

As Tobossis têm cânticos próprios,dançavam na sala grande ou no quintal, sem os tambores e, como todas as crianças, adoravam ganhar presentes e brincarem com bonecas e panelinhas.

Comiam comidas igual às nossas, junto com todos e tinham o costume de dar doces e comidas às pessoas. Sentavam-se em esteiras.

Pela manhã, tomavam banho, comiam e depois dançavam. Gostavam de dançar no quintal, em volta do pá de ginja delas.

Por serem crianças puras, tinham mais afinidade com o corpo permitindo assim, uma ligação mais direta que os Voduns, que são adultos. Não tinham falhas, não se irritavam.

Seu papel no culto era só "brincadeira". Eram espíritos perfeitos e mais elevados. Os Voduns podem ter falhas, as meninas não.

Passavam até nove dias incorporadas em suas gonjaí, diferente dos Voduns que deixavam as filhas muito cansadas.

Tinham um tratamento melhor do que o dos Voduns por serem mais delicadas, porém os Voduns são mais importantes por terem mais obrigações.

Podemos observar similaridade entre as Tobossis do Mina Jeje e os Erês dos Candomblés da Bahia e dos Xangôs de Pernambuco, pelo comportamento infantil. No entanto, os Erês apresentam-se tanto com características femininas quanto masculinas e as Tobossis são, exclusivamente, femininas, dengosas e mimadas.

FEITURA DAS TOBOSSIS

O processo de feitura das Tobossis inicia-se, normalmente, com o Vodum principal da Casa apontando um grupo de filhas, já iniciadas anteriormente, as voduncirrês, para a feitura de Tobossi.

As voduncirrês passam por uma fase de iniciação que tem a duração de quinze dias, nos quais há algumas festas. É uma feitura própria, um novo rito de passagem na graduação da iniciada no Mina Jeje.

O barco composto dessas voduncirrês é chamado de Barco das Novidades, Barco das Meninas ou Rama.

Essas voduncirrês tornam-se noviches, prontas para receberem suas Tobossis, passando a serem chamadas gonjaí. As Tobossis só são recebidas pelas voduncirrês gonjaí.

O último barco que se tem conhecimento foi realizado em 1913-1914.

No processo de iniciação, as Tobossis eram chamadas de sinhazinhas e, somente ao fim das feituras, é que davam seus nomes africanos. Também eram por nomes africanos que elas chamavam as filhas da Casa. Esses nomes eram escolhidos pelas Tobossis junto com os Voduns e esses nomes eram divulgados no dia da "Festa de dar o Nome".

Cada Tobossi só vinha em uma gonjaí e, quando esta morria, elas não vinham mais, sua missão ali se encerrava.

Desde a morte das últimas gonjaí, por volta dos anos 70, as Tobossis não vieram mais.

As Tobossis só incorporam em suas gonjaí após os Voduns terem "subido". Elas chegavam alegres, batendo palmas e acordando a Casa.

No Peji, há um lugar para as obrigações das Tobossis, que é uma feitura muito fina e especial.

VESTIMENTAS E APETRECHOS DAS TOBOSSIS

Os trajes e apetrechos das Tobossis são muito elaborados.

As Tobossis vestiam-se com saias coloridas, usavam pulseiras chamadas dalsas, feitas com búzios e coral, pano-da-costa colorido, o agadome, sobre os seios, deixando o colo e os ombros livres para o ahungelê, uma manta de miçangas coloridas, presa no pescoço, objeto de grande valor e significado. O ahungelê também era chamado de tarrafa de contas, gola das Tobossis ou manta das Tobossis, sendo considerado um distintivo étnico-cultural do Jeje. Ele conta a história particular da Tobossi vinculada ao Vodum, sua família e a iniciada, gonjaí.

As Tobossis usavam ainda, vários rosários, fios-de-contas e o cocre, colar de miçangas curto, junto ao pescoço como uma gargantilha, usado pelas Tobossis e pelas gonjaí durante o ano de feitura, cuja cores variam de acordo com seus Voduns, semelhante ao quelê dos terreiros de Candomblé.

No Carnaval, as Tobossis vestem-se com saias muito vistosas, aparecendo o agadome que envolve o colo nu e os pés são calçados em sandálias finas.

Os trajes das Tobossis são muito elaborados, de uma construção artesanal, que segue com rigor uma linguagem cromática, própria e do domínio das Tobossis.

A PARTICIPAÇÃO DAS TOBOSSIS NAS FESTAS

Quando apareciam publicamente, as Tobossis vinham cumprir certas obrigações, destacando-se a festa do Carnaval.

As Tobossis vinham três vezes por ano:

- Nas festas de Nochê Naé - em junho e no fim do ano

- No Carnaval

As grandes festas duravam vários dias.

O Carnaval é uma comemoração da qual participavam os membros do Barracão e visitantes. No Carnaval, elas ficavam desde a noite do domingo até as 14 hs da quarta-feira de cinzas. Na segunda-feira, alguns Voduns vinham visitá-las. Eram recebidos pelas outras filhas da Casa, as voduncirrês.

Era das Tobossis a tarefa de tomarem conta das frutas do arrambam, obrigação também conhecida como bancada, lembra a quitanda dos terreiros de Candomblé. As frutas ficavam no Peji para serem distribuídas na quarta-feira de cinzas.

Durante o Carnaval, as Tobossis brincavam com pó e confete mas tinham medo de bêbados e mascarados.

Na terça-feira à tarde, dançavam na grande sala e na quarta, pela manhã, dançavam em volta da cajuazeira. Distribuiam acarajé em folhas de "cuinha" e depois despachadas.

Durante as grandes festas de Nochê Naé, elas vinham durante nove dias, entre os dias de dança, nos intervalos de descanso. Ficavam durante o dia, cantavam suas cantigas próprias, dançavam na sala grande e no quintal e brincavam com seus brinquedos.

O reconhecimento de cada festa/obrigação está no vestuário e nos alimentos. O alimento é uma marca identificadora, compõe a divindade, seu papel, suas características no contexto da ligação com os deuses e estabelecendo, ainda com o alimento, uma forma de comunicação com os iniciados, visitantes e amigos do Barracão.

OXUM

"Ai Ei Eiô, Mamãe Oxum"

Oxum é o nome de um rio em Oxogbo, região da Nigéria. É ele considerado a morada mítica da Orixá. Apesar de ser comum a associação entre rios e Orixás femininos da mitologia africana, Oxum é destacada como a dona da água doce e, por extensão, de todos os rios. Portanto seu elemento é a água em discreto movimento nos rios, a água semi-parada das lagoas não pantanosas, pois as predominantemente lodosas são destinadas à Nanã e, principalmente as cachoeiras são de Oxum, onde costumam ser-lhe entregues as comidas rituais votivas e presentes de seus filhos-de-santo.

Oxum tem a ela ligado o conceito de fertilidade, e é a ela que se dirigem as mulheres que querem engravidar, sendo sua a responsabilidade de zelar tanto pelos fetos em gestação como pelas crianças recém-nascidas, até que estas aprendam a falar.

Dentro desta perspectiva, Iemanjá e Oxum dividem a maternidade. Mas há também outro forma de análise; a por faixas etárias, correspondentes a cada arquétipo básico.

Nanã é a matriarca velha, ranzinza, avó que já teve o poder sobre a família e o perdeu, sentindo-se relegada a um segundo plano. Iemanjá é a mulher adulta e madura, na sua plenitude. É a mãe das lendas – mas nelas, seus filhos são sempre adultos. Apesar de não ter a idade de Oxalá (sendo a segunda esposa do Orixá da criação, e a primeira é a idosa Nanã), não é jovem. É a que tenta manter o clã unido, a que arbitra desavenças entre personalidades contrastantes, é a que chora, pois os filhos adultos já saem debaixo de sua asa e correm os mundos, afastando-se da unidade familiar básica.

Para Oxum, então, foi reservado o posto da jovem mãe, da mulher que ainda tem algo de adolescente, coquete, maliciosa, ao mesmo tempo que é cheia de paixão e busca objetivamente

o prazer. Sua responsabilidade em ser mãe se restringe às crianças e bebês. Começa antes, até, na própria fecundação, na gênese do novo ser, mas não no seu desenvolvimento como adulto. Oxum também tem como um de seus domínios, a atividade sexual e a sensualidade em si, sendo considerada pelas lendas uma das figuras físicas mais belas do panteão mítico iorubano.

Oxum é ambiciosa; sua cor é azul-claro com raias de ouro. Segundo a tradição ioruba, seu metal é o cobre – mas a correlação com o ouro não está basicamente errada, pois, de acordo com os historiadores, o cobre era o metal mais caro conhecido naquela região. Oxum portanto, gosta das riquezas materiais, mas não numa perspectiva de usura nem uma mesquinhez de quem quer ter riquezas para escondê-las.

A iniciação (na Umbanda ou no Candomblé) é um nascimento e o poder da fecundidade tem de estar presente, pois Oxum mostrou que a menstruação, em vez de constituir motivo de vergonha e de inferioridade nas mulheres, pelo contrário proclama a realidade do poder feminino, a possibilidade de gerar filhos.

Existem 16 tipos diferentes de Oxum, das quase adolescentes até as mais velhas, sendo portanto 16 o número sagrado da mãe da água doce. Diz a lenda que as mais velhas moram nos trechos mais profundos dos rios, enquanto as mais novas nos trechos mais superficiais. Entre essas 16, três são marcadas como guerreiras (Apara, a mais violenta, Iê Iê Kerê, que usa arco e flecha, e Ié Ié Iponda, que usa espada), mas a maior parte delas é mais pacífica, não gostando de lutas e guerras, desde Oxum Obotó, muito suave e feminina, até a versão mais velha, a não menos vaidosa Oxum Abalo.

Além disso, o fluir nada fixo da água doce pelos diversos caminhos, a maneabilidade do elemento se manifestam no comportamento de Oxum. Sua busca de prazer implica sexo e também ausência de conflitos abertos – é dos poucos Orixás iorubas que absolutamente não gosta da guerra.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OXUM

O arquétipo psicológico associado a Oxum se aproxima da imagem que se tem de um rio, das águas que são seu elemento; aparência da calma que pode esconder correntes, buracos no fundo, grutas - tudo que não é nem reto nem direto, mas pouco claro em termos de forma, cheio de meandros. Os filhos de Oxum preferem contornar habilmente um obstáculo a enfrentá-lo diretamente, por isso mesmo, são muito persistentes no que buscam, tendo objetivos fortemente delineados, chegando mesmo a ser incrivelmente teimosos e obstinados.

A imagem doce, que esconde uma determinação forte e uma ambição bastante marcante, colabora a tendência que os filhos de Oxum têm para engordar; gostam da vida social, das festas e dos prazeres em geral.

O sexo é importante para os filhos de Oxum. Eles tendem a ter uma vida sexual intensa e significativa, mas diferente dos filhos de Iansã ou Ogum.

Os filhos de Oxum são mais discretos, pois, assim com apreciam o destaque social, temem os escândalos ou qualquer coisa que possa denegrir a imagem de inofensivos, bondosos, que constroem cautelosamente.

Na verdade os filhos de Oxum são narcisistas demais para gostarem muito de alguém que não eles próprios – mas sua facilidade para a doçura, sensualidade e carinho pode fazer com que pareçam os seres mais apaixonados e dedicados do mundo.

Faz parte do tipo, uma certa preguiça coquete, uma ironia persistente porém discreta e, na aparência, apenas inconseqüente. Verger define: O arquétipo de Oxum é o das mulheres graciosas e elegantes, com paixão pelas jóias, perfumes e vestimentas caras .

Até um dos defeitos mais comuns associados à superficialidade de Oxum é compreensível como manifestação mais profunda: seus filhos tendem a ser fofoqueiros, mas não pelo mero prazer de falar e contar os segredos dos outros, mas porque essa é a única maneira de terem informações em troca.

"Conto de Karê”

Certo dia Yemonjá passeava pelas matas quando avistou de longe o pequeno Logun Edé.

Ela ficou por horas admirando a beleza do pequenino. Foi até Orumilá, dizendo que queria ter um filho que fosse tão belo quanto ele. O sábio lhe disse que a criança era mágica e encantada, pois era fruto da união e do amor de seus pais.

Da mesma forma Iyemonja estava enlouquecida querendo ter um filho com tal encanto.

Orumilá lhe disse que ela deveria pegar um obi, passá-lo no ventre e logo após jogar nas águas. E assim a rainha do mar foi até as águas mais belas e límpidas, passou o obi em seu ventre, mais na hora de jogar na cachoeira, ela atirou errado e o obi caiu

em cima de uma pedra, que o dividiu ao meio, caindo metade nas águas e a outra metade no mato. E passando – se nove meses, Iyemanjá deu a luz a um casal de gêmeos, e deu- lhes o nome de Oxum Karê e Odé Karê, e ambos eram tão belos e encantados como Logun Edé.

As crianças cresceram travessas, Oxum se vestia como Odé, e Odé como Oxum, e por isso ninguém nunca sabia quem era quem. Aprendeu a arte da caça, por isso ambos levam o ofá (arco e flecha). Em sua aldeia, quando estava na temporada de caça, Oxum Karê ao invés de ficar lá com as mulheres preparando a

colheita e a lenha, ela ia para as longas caçadas com seu irmão e com os demais caçadores de sua aldeia. Odé ao invés de caçar apenas nas matas com os outros, passou a se embrenhar pelos rios e cachoeiras se tornando junto dela um ótimo pescador...

Assim o desejo de Iyemonjá se realizou, pois Orumilá lhe deu dois encantos caçadores das águas! Até hoje muitos acreditam que certa vez houve uma grande seca, acabando com os rios e

animais, e por tamanha tristeza os Karê's tornaram-se um só, juntando assim o obi novamente... Por isso os filhos de Karê são doce como Oxum e destemidos como Oxossi, por que são orixás individuais, mais quando necessário tornam – se uma só força, uma só magia, um só ENCANTO ! Okê Arô! Ieieo!

IEMANJÁ

O PERFIL DO ORIXÁ

Comparada com as outras divindades do panteão africano, o Orixá feminino ioruba Iemanjá é uma figura extremamente simples. Ela é uma das figuras mais conhecidas nos cultos brasileiros, com o nome sempre bem divulgado pela imprensa, pois suas festas anuais sempre movimentam um grande número de iniciados e simpatizantes, tanto da Umbanda como do Candomblé.

Pelo sincretismo, porém, muita água rolou. Os jesuítas portugueses, tentando forçar a aculturação dos africanos e a aceitação, por parte deles, dos rituais e mitos católicos, procuraram fazer casamentos entre santos cristãos e Orixás africanos, buscando pontos em comum nos mitos.

Para Iemanjá foi reservado o lugar de Nossa Senhora, sendo, então, artificialmente mais importante que as outras divindades femininas, o que foi assimilado em arte por muitos ramos da Umbanda.

Mesmo assim,não se nega o fato de sua popularidade ser imensa, não só por tudo isso, mas pelo caráter, de tolerância, aceitação e carinho.É uma das rainhas das águas, sendo as duas salgadas: as águas provocadas pelo choro da mãe que sofre pela vida de seus filhos, que os vê se afastarem de seu abrigo, tomando rumos independentes; e o mar, sua morada, local onde costuma receber os presentes e oferendas dos devotos.

São extremamente concorridas suas festas. É tradicional no Rio de Janeiro, em Santos (litoral de São Paulo) e nas praias de Porto Alegre a oferta ao mar de presentes a este Orixá, atirados à morada da deusa, tanto na data específica de suas festas, como na passagem do ano. São comuns no reveillon as tendas de Umbanda na praia, onde acontecem rituais e iniciados incorporam caboclos e pretos-velhos, atendendo a qualquer pessoa que se interesse.

Na África, a origem de Iemanjá também é um rio que vai desembocar no mar. De tanto chorar com o rompimento com seu filho Oxóssi, que a abandonou e foi viver escondido na mata junto com o irmão renegado Oçãnhim (Oçanhe). Iemanjá se derreteu, transformando-se num rio que foi desembocar no mar. É a mãe de quase todos os Orixás de origem ioruba (com exceção de Logunnedê), enquanto a maternidade dos Orixás Daomeanos é atribuída a Nanã.

É portanto semelhante às outras mães da água, o que é compreensível, já que as diferentes tribos e nações acabaram por desenvolver o culto a um Orixá feminino específico, que relacionavam com um rio da região. No caso de Iemanjá, as lendas africanas já a identificavam com o mar, como podemos perceber pela narrativa recolhida por Pierre Verger:

Iemanjá seria a filha de Olokum, deus (no Daomé, atual Benin) ou deusa (em Ifé) do mar. Em uma história de Ifé ela aparece casada pela primeira vez com Orunmilá , senhor das adivinhações, depois com Olofin , rei do Ifé, com o qual teve supostamente dez (10) filhos. Iemanjá, cansada de sua permanência em Ifé, foge mais tarde em direção ao oeste. Outrora, Olokum lhe havia dado, por medida de precaução, uma garrafa contendo um preparado (...) com a recomendação de quebrá-la no chão em caso de extremo perigo. E assim Iemanjá foi instalar-se no Entardecer da Terra, o Oeste .

A lenda diz que Olofin, rei de Ifé, lançou o exercito à sua procura, o que fez Iemanjá, no esconderijo, quebrar a garrafa. Teria, então, na mesma hora, se formado um rio que a tragou, levando-a para Okum, o oceano - morada de seu pai Olokum.

Apesar dos preceitos tradicionais relacionarem tanto Oxum como Iemanjá à função da maternidade, pôde estabelecer-se uma boa distinção entre esse conceitos. As duas Orixás não rivalizam (Iemanjá praticamente na rivaliza com ninguém, enquanto Oxum é famosa por suas pendências amorosas que a colocaram contra Iansã e Oba). Cada uma domina a maternidade num momento diferente.

CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE IEMANJÁ

No arquétipo psicológico, expandem-se as características insinuadas pela descrição dos mitos e lendas de Iemanjá. Também fica fácil entender os conceitos principais se mantivermos a comparação com o Orixá Oxum. Como os filhos da mãe da água doce, os de Iemanjá, também gostam de luxo, das jóias caras e dos tecidos vistosos. Gostam de viver num ambiente confortável e, mesmo quando pobres, pode-se notar uma certa sofisticação em suas casas, se comparadas com as demais da comunidade de que fazem parte.

Enquanto os filhos de Oxum são diplomatas e sinuosos, os de Iemanjá se mostram mais diretos. São capazes de fazer chantagens emocionais, mas nunca diabólicas. A força e a determinação fazem parte de seus caracteres básicos, assim como o sentido da amizade e do companheirismo.

Como são pessoas presas ao arquétipo da mãe, a família e os filhos têm grande importância na vida dos filhos de Iemanjá. A relação com eles pode ser carinhosa, mas nunca esquecendo conceitos tradicionais como respeito e principalmente hierarquia.

São pessoas que não gostam de viver sozinhas, sentem falta da tribo, inconsciente ancestral, e costumam por isso casar ou associar-se cedo. Não apreciam as viagens, detestam os hotéis, preferindo casas onde rapidamente possam repetir os mecanismos e os quase ritos que fazem do cotidiano.

Apesar do gosto pelo luxo, não são pessoas obcecadas pela própria carreira, sem grandes planos para atividades a longo prazo, a não ser quando se trata do futuro de filhos e entes próximos.

Todos esses dados nos apresentam uma figura um pouco rígida, refratária a mudanças, apreciadora do cotidiano. Ao mesmo tempo, indicam alguém doce, carinhoso, sentimentalmente envolvente e com grande capacidade de empatia com os problemas e sentimentos dos outros. Mas nem tudo são qualidades em Iemanjá, como em nenhum Orixá. Seu caráter pode levar o

filho desse Orixá a ter uma tendência a tentar concertar a vida dos que o cercam - o destino de todos estariam sob sua responsabilidade . Os filhos de Iemanjá demoram muito para confiar em alguém, bons conhecedores que são da natureza humana. Quando finalmente passam a aceitar uma pessoa no seu verdadeiro e íntimo círculo de amigos, porém, deixam de ter restrições, aceitando-a completamente e defendendo-a, seja nos erros como nos acertos, tendo grande capacidade de perdoar as pequenas falhas humanas.

Um filho de Iemanjá pode tornar-se rancoroso, remoendo questões antigas por anos e anos sem esquecê-las jamais.

MAWU-LISA

Para falarmos em Mawu-Lisa (mauú-lissa) temos que falar na religião Fon e vice-versa.

Os Fons reconhecem a existência de um único Deus supremo e criador de todas as coisas a quem eles chamam de Mawu. Segundo suas crenças, Mawu enviou os Voduns à terra para auxilia-lo a governar o mundo e dar assistência aos seres humanos.

Embora muitos pesquisadores (padres, antropólogos, sociólogos, etc.) venham usando a terminologia “deus” para definir os Voduns e outras divindades africanas, o africano de um modo geral e em especial o povo Fon consideram essas como divindades secundárias e algumas como ancestres.

Podemos observar que existem algumas divergências nos relatos dos pesquisadores sobre Mawu-Lisa, mas todos concordam que esse Deus faz parte do cotidiano dos Fons.

Para quem visita o Benin é natural ouvir a todo momento o nome de Mawu:

- Mawu we faz Vodum – “Mauu está entre nós”.
- Ku faz Mawu’zo – “Deus te pague, obrigado”.
- Mawu ni fon mi – “Durma com Deus” “Durmo com Deus”
- Mawu’fe we – “Deus nos ama.
- Mawu na biy – “Deus vai ajudar”

Anthony B. Parker, escreveu que em sua visita ao Benin observou que para o povo Fon basta dizer que “Deus criou tudo” ou “Mawu criou tudo”, eles desconhecem todas essas historias que escrevem sobre Mawu. Anthony descreve o seguinte trecho de uma entrevista:

“Um homem respondeu quando perguntei como Deus criou o mundo; - Eu só tenho 64 anos, você deve perguntar a alguém mais velho que eu”.

Sobre essas afirmativas de Anthony, discordo um pouco. A cultura oral passada pelos kpanlingans que são os contadores oficiais das historias desse povo, vem sendo escrita por profissionais respeitáveis que se dedicam ao estudo da antropologia e sociologia da África. Até concordo que alguns distorceram um pouco as historias narradas, mas encontramos trabalhos

sérios nessas áreas de pesquisas, principalmente as feitas pelos franceses que foram os colonizadores do antigo Dahomey.

Provavelmente as pessoas entrevistadas por Anthony não eram sacerdotes de Vodum ou kpanligans e por essa razão recebeu essas respostas.

Na mitologia Fon, Nana Buruku (bulucu) com a ajuda da serpente sagrada foi quem criou o mundo dando vida aos animais, a flora e aos minerais.

Após criar o mundo, Nana teve um casal de filhos gêmeos a quem batizou de Mawu-Lisa e deu a eles a incumbência de criar o homem e povoar a Terra.

Com o nascimento desses filhos, Nana criou a dualidade que daria o equilíbrio ao mundo e aos seres viventes.

Mawu é o princípio feminino, a fertilidade, a suavidade, a compreensão, a ponderação, a reconciliação e o perdão.

Lisa é o princípio masculino, o julgador, a impaciência, a força cósmica que castiga os homens errados e os corrige, a seriedade. Ele está sempre atento para que as leis de Mawu sejam cumpridas.

Nana vendo que Mawu não conseguia mudar o gênio de Lisa e que esse não atendia Mawu quando essa tentava ponderar antes que ele castigasse os homens, resolveu separa-los e deu a Mawu a supremacia no governo da Terra.

Enviou Mawu à lua para ser a luz que iluminaria a Terra no período noturno e suavizar os sofrimentos dos seres e projetar o Fé (amor) sobre o planeta.

Enviou Lisa ao sol para que esse pudesse ver com mais clareza os erros dos homens e julgasse bem antes de castiga-los. Ordenou também que Lisa uma vez por ano deveria andar na Terra para conviver com os homens e conhecer de perto suas necessidades, ajudando-os e corrigindo-os. Com essas andanças pela Terra, Lisa deixou aqui alguns descendentes que se tornaram divinizados.

Os Fons dizem que a partir dessa separação, Mawu e Lisa só se encontram quando ocorre um eclipse e nessa ocasião Eles fazem amor, gerando mais Voduns para ajudar os homens.

Antes que essa separação se concretizasse, Mawu e Lisa chamaram seu filhos e os enviaram à Terra como os primeiros habitantes e para que esses os ajudassem a governar a Terra, deram a cada um uma atribuição.

Por essa razão, os Fons acreditam que todos os homens são Voduns, sendo que só voltarão a sua condição de divindades, após a morte física do corpo.

Vodum Zodje e Nyohye Ananu (gêmeos) – riquezas – Teriam que controlar todas as riquezas da Terra e distribui-la aos homens segundo seus merecimentos. Foram habitar no reino abissal (fundo do mar)

Voduns Agbê e Naete (gêmeas) – o amor, a água – Teriam que ensinar o amor aos homens e a todos os seres viventes. Foram habitar nas águas.

Vodum Sakpata – doenças, a terra – Teria que levar as pestes e doenças que corrigirião os homens que se auto flagelavam e ao mesmo tempo trouxe consigo as fórmulas para a cura de todas as doenças, deveria dá-las aos homens. Foi habitar as profundezas da terra

Voduns Hevioso e Sobo – a justiça, o fogo – Teriam que fazer com que as leis de Mawu fossem cumpridas com justiça e cobrasse dos homens seus erros. Foram habitar nos vulcões.

Vodum Gu – a guerra – Teria que combater todos que usassem o poder para matar e explorar os mais fracos. Deveria lutar ao lado dos guerreiros que estivessem dentro das leis de Mawu e castigar os demais mesmo que para isso tivesse que mata-los.

Vodum Djó – o ar, o vento, a chuva – Teria que enviar a todos os seres o AR necessário à vida e enviar as chuvas para fertilizar a Terra. Ficou habitando o espaço celeste próximo a Mawu e Lisa. Encontramos alguns autores escrevendo a palavra dji como sendo o correto nome desse Vodum e ao mesmo tempo o identificam como Dan Hwedo. A tradução da palavra dji é chuva ou céu no sentindo de dizer chuva que vem do céu.

Vodum Age – as florestas e agricultura – Teria que saciar a fome dos homens e animais. Os pássaros e demais animais ficaram sob sua responsabildade e o abate de um desses só deveria ser permitido para aplacar a fome.

Vodum Loko – as árvores - Ficou responsável por todas as árvores e seres que a habitavam. Deveria frutificar algumas a fim de saciar a fome dos homens e animais e combater os espíritos malignos que quisessem se apoderar delas ou controla-los.

Vodum Legba – Por ser muito arteiro e aprontar muitas brincadeiras perigosas e sem limites e também por ser o preferido de Mawu, foi mantido perto dos pais. Recebeu a incumbência de ser o mensageiro entre os irmãos e Mawu-Lisa. Recebeu o dom de saber todos os idiomas e dialetos para que pudesse escutar tudo no céu e na terra e contasse para seus pais.

Embora o povo Fon cite somente o nome de Mawu como o Deus Criador, eles têm conhecimento da existência de Lisa e o consideram o lado justiceiro de Mawu.

Mawu e Lisa são conhecidos por uma infinidade de nomes, de acordo com o dialeto falado podemos encontrar:

MAWU LISA

Segbo-Mawu

Sebo-Lisa

Dada-Segbo

Dada-Segbo-Lisa, etc.

Adimoula

Mawuto

Mawu Todzi

Mahou, etc.

Na África, existem três grandes templos de Mawu-Lisa, todos fundados por Wanjele que era sacerdotisa de Lisa, esposa do rei e mãe do futuro rei Tegbesu.

Certa ocasião Tegbesu ficou muito doente, Wanjele consultou Fá e através desse, Lisa ordenou que ela erguesse um templo para ele em Abomey e trouxesse seus assentamentos. Wanjele mandou buscar o filho doente e foi para sua cidade natal (Adja) buscar seus assentamentos.

Após instalar Lisa no novo templo em Abomey, Tegbesu ficou curado.

Lisa é associado ao sagaman (ságámâm - camaleão) e ao topodun (tópôdum - crocodilo)

Algum tempo depois Wanjele fundou outros templos para Lisa, um em Ghana e outro em Ouidah.

Vejamos agora alguns Voduns filhos de Mawu-Lisa e outros somente de Lisa. São esses os Voduns cultuados ou feitos nos iniciados. A pessoa feita de Lisa é chamada inicialmente de agamavi e após seis meses de iniciação passa a sere chamada de anagônu.

Mawu não é feito na cabeça de ninguém e nem recebe oferendas como os demaisVoduns.

Lisa Agbaju (lissa abâjû) – filho de Lisa e Mawu, portador das mensagens dos pais. Veste branco.

Lisa Akazum (lissa akazum) – filho de Lisa, portador das mensagens do pai. Veste branco.

Lisa Aizu (lissa-aizu) - portador das mensagens de Mawu aos homens. Veste branco

Lisa Molu (lissa môlû) – filho de Lisa e Mawu que procura as coisas perdidas. Veste branco.

Lisa Wete (lissa uêtê) – filho de Lisa e Mawu, é um Tohousu coberto de espinhas (acnes). Não é feito na cabeça de ninguém.

*Lisa Lumeji (lissa lumeji) – filho de Lisa que vive abaixo da terra. Veste branco e usa muito metal.

Lisa Ganman (lissa gamam) –Filho de Mawu-Lisa. Vodum velho veste-se de branco.

Lisa Gwègwè (lissa güêgüê) – Filho de Lisa, tão genioso quanto o pai, jovem e guerreiro. Veste branco com detalhes azuis

Adzakpa (azapá) - Vodum masculino da linhagem de Lisa, Vodum do crocodilo. anda lado a lado com ele tanto na terra como na água. Seus adeptos têm o corpo pintado com pó branco

sagrado e usam na cabeça, a imagem de um crocodilo esculpida em madeira clara de árvore sagrada. Veste-se de branco assim como, todos os participantes do culto.

Akazun (acazum) – Uma das filhas mais velhas de Mawu-Lisa. Guardiã do armazém e do tesouro de sua mãe. Vodum velha.

Ayzun (aízum) - Outra filha de Mawu-Lisa . Junto com sua irmã Akazun, é guardiã dos armazéns e tesouros de sua mãe. Vodum velha.

Aláfia (alafia) - Vodum masculino da linhagem de Lisa. Seu templo é na cidade de Gnezedzekope. Aprecia muito o obi que é espetado em sua espada, com a qual ele combate os feitiços de seus adeptos, purificando-os. O cão é um animal muito importante para esse Vodum. E a "alma do cão" que transmite as mensagens de seus adeptos quando ultrapassam a outro mundo para destruir as forças dos feitiços. No ritual de iniciação de seus adeptos, um cachorro, após ser sacrificado é enterrado no templo, em pé, para que seu espírito acompanhe o iniciado, protegendo-o

Agoye (agôiê) - Vodum dos conselhos. Seu templo é na cidade de Ouidah, onde existe uma escultura ou assentamento desse Vodum, sentado em cima de uma espécie de cálice confeccionado com barro vermelho. Entre o cálice e a escultura existe um pano, também vermelho. Sua garganta é decorada com um colar feito de pedras tingidas de escarlate e 4 cauris pendurados. Na cabeça, leva uma coroa de plumas vermelhas que representa a primavera da vida, entremeada de oito lagartos presos pelo rabo representando seu poder e sabedoria. No centro da coroa, no ponto denominado "morra", ergue-se uma haste de metal em forma de seta onde podemos observar uma pequena lua crescente e um lagarto, ambos também de prata! À frente da imagem, existem três pequenos potes, onde, acredito, que seus adeptos depositem presentes, como moedas, em troca de bons conselhos. Não é feito na cabeça de ninguém.

Ge (gê) - Filho de Mawu-Lisa, este Vodum é um dos deuses da lua. Também considerado a divindade dos camaleões. Conta-se que foi Ge quem enviou estas criaturas como ajudante para os seres humanos expandirem a crença nos Voduns. Veste branco. Pós as tentativas de evangelizar os Fons com os dogmas do catolicismo, muitos Fons passaram a associar Mawu-Lisa-Ge com a santíssima trindade.

Adjakpa (adjápá) – filha de Mawu e Lisa. É a responsável pela água potável necessária aos seres humanos. Veste branco

Ayaba (ai abá) – filha de Mawu e Lisa. É uma divindade do lar, cuida dos alimentos dos seres humanos. É a filha mais jovem. Veste branco com panos azuis listrados ou estampados.

Oulisa (oulissá) - Vodum masculino que habita as águas claras e frias do oceano. Esse Vodum é sempre muito confundido com Lisa (lissá). Veste branco com detalhes prateado ou dourado. É um Guerreiro dos Mares. Panteão da terra. Originário da cidade de Porto Novo

Lakaya (lacaiá) - Vodum jovem da linhagem de Lisa, veste branco.

Wele – Vodum masculino, velho. Detém as chaves dos tesouros e depósitos de Lisa. Veste branco com detalhes coloridos.

Alawe – Vodum masculino, velho. Junto com seu irmão Wele guarda as chaves dos tesouros e depósitos de Lisa.

* ”Uma historia sobre Vodum Lisa Lumeji:

Conta à tradição oral que certa ocasião quando o réu de Dahomey tinha que pagar tributos ao rei de Oyo como também enviar um de seus filhos para trabalhar durante um ano em Oyo; sua esposa Wanjele pegou um obi, mandou que todos se afastassem e jogou o obi no chão invocando Lissa Lumeji, nesse momento o chão se abriu e Lumeji surgiu das profundezas da terra.

Wangele pediu a Lumeji que decidisse qual dos filhos do rei deveria ser enviado a Oyo. O Vodum ordenou que Tegbesu (filho de Wanjele) fosse enviado.

Tegbesu se revoltou e disse que a mãe tinha invocado um mau Vodum. Wangele chamou a atenção do filho e disse-lhe que confiasse no Vodum.

Antes da partida de Tegbesu para Oyo, por ordem de Lumeji, Wanjele deu a seu filho um tebe (têbê – pequeno pote) contendo água e mandou que Tegbesu encostasse apenas a boca na borda do pote para saciar sua sede e que essa água duraria três anos. Wangele deu também um alforge cheio de obi e disse ao filho que bastaria ele comer um pequeno pedaço para não sentir fome.

Tegbesu foi para Oyo levando consigo os presentes de Lumeji.

O príncipe foi colocado na lavoura e quando tinha que capinar, ele tirava os inhames e deixava as ervas daninhas.

O povo de Oyo se espantou ao ver que Tegbesu não sentia fome nem sede e que em momentos de fúria ele esfregava as mãos conversando com Lisa Lumeji, como conseqüência vinha à seca.

Temerosos com o gênio e poderes mágicos de Tegbesu resolveram envia-lo de volta a Dahomey.”

No Brasil algumas pessoas dizem que Mawu é o “Oxalá velho – Oxalufan” e que Lisa é o “Oxalá novo – Oxalaguian” . Essas afirmativas são errôneas. Primeiro porque Mawu é uma Vodum mulher e Oxalufan é um Orixá homem, Lisa é um Vodum e Oxalaguian é um Orixá.

Se quisermos fazer uma semelhança entre essas divindades, teremos que dizer que todos os Oxalás feitos no Jeje são Lisa.

Como já é do conhecimento de todos aqueles que estudam as culturas africanas, a nação Jeje cultua como divindades principais, os VODUNS, porém os ORIXÁS são recebidos também em nossos templos com todas as honras.

Quando um Oxalufan ou Oxalaguian é feito em um iniciado, essa divindade é tratada como Orixá e não como um Vodum, embora ela se enquadre nos ritos da nação.

Muitos dizem que no Brasil não "se vê" Lisa feito, mas se cada zelador passar a observar melhor seus iniciados constatará que muitos dos "Orixás" feitos em suas casas na verdade são Voduns e com certeza encontrão, quem sabe, um Lisa feito em seu kwe.

As festas ou festival de Mawu-Lisa no Brasil acontecem entre os meses de dezembro e janeiro. Esse ritual nada tem a ver com "As águas de Oxalá" feita pelos yorubanos. Nesse período os kwes estão usando a cor branca, o uso de dendê é proibido, as pessoas feitas de Oxalá ou Lisa permanecem no kwe. Muitos inhames são oferecidos às divindades e as pessoas. Os demais Voduns e Orixás participam das festividades e prestam homenagem aos "deuses" que criaram os seres humanos e os Voduns.

Nana Buruku é muitíssimo lembrada e homenageada durante essa festa que dura em torno de 15 a 20 dias.

Quando Oxalá e Lisa aparecem todos gritam:

Mawu ga Sogbolisa, kiti kata adonu wo to amesi wo asi wo afo (mauu gá, sôbôlissa, quiti cata adônú uôtô, amêssi uô assi uô afô) = Mawu-Lisa! Salve os criadores do Mundo, venham receber nossas oferendas, nos abençoe, somos seus filhos

Mawu'fe hud'ali. (Mauu cudô ali) = Mau nos ame, nos dê bons caminhos.

Mawu-Lisa e na Che nu we!

(mauu-lissa ê na tchê ne uê)

Que Mawu-Lisa nos abençoe!

OXALÁ

O PERFIL DO ORIXÁ

Orixá masculino, de origem Ioruba (nagô) bastante cultuado no Brasil, onde costuma ser considerado a divindade mais importante do panteão africano. Na África é cultuado com o nome de Obatalá . Quando porém os negros vieram para cá, como mão-de-obra escrava na agricultura, trouxeram consigo, além do nome do Orixá, uma outra forma de a ele se referirem, Orixalá , que significa, orixá dos orixás. Numa versão contraída, o nome que se acabou popularizando, é **OXALÁ**.

Esta relação de importância advém de a organização de divindades africanas ser uma maneira simbólica de se codificar as regras do comportamento. Nos preceitos, estão todas as matrizes básicas da organização familiar e tribal, das atitudes possíveis, dos diversos caminhos para uma mesma questão. Para um mesmo problema, orixás diferentes propõem respostas diferentes - e raramente há um acordo social no sentido de estabelecer uma das saídas como correta e a outra

não. A jurisprudência africana nesse sentido prefere conviver com os opostos, estabelecendo, no máximo, que, perante um impasse, Ogum faz isso, Iansã faz aquilo , por exemplo.

Assim, Oxalá não tem mais poderes que os outros nem é hierarquicamente superior, mas merece o respeito de todos por representar o patriarca, o chefe da família. Cada membro da família tem suas funções e o direito de se inter-relacionar de igual para igual com todos os outros membros, o que as lendas dos Orixás confirmam através da independência que cada um mantém em relação aos outros. Oxalá, porém, é o que traz consigo a memória de outros tempos, as soluções já encontradas no passado para casos semelhantes, merecendo, portanto, o respeito de todos numa sociedade que cultuava ativamente seus ancestrais. Ele representa o conhecimento empírico, neste caso colocado acima do conhecimento especializado que cada Orixá pode apresentar: Oçanhe, a liturgia; Oxóssi, a caça; Ogum, a metalurgia; Oxum, a maternidade; Iemanjá, a educação; Omolu, a medicina - e assim por diante.

Se por este lado, Oxalá merece mais destaque, o considerá-lo superior aos outros (o que não está implícito como poder, mas sim merecimento de respeito ao título de Orixalá) veio da colonização européia. Os jesuítas tentavam introduzir os negros nos cultos católicos, passo considerado decisivo para os mentores e ideólogos que tentavam adaptá-los à sociedade onde eram obrigados a viver, baseada em códigos a eles completamente estranhos. A repressão pura e simples era muito eficiente nestes casos, mas não bastava. Eram constantes as revoltas. Em alguns casos, perceberam que o sincretismo era a melhor saída, e tentaram convencer os negros que seus Orixás também tinham espaço na cultura branca, que as entidades eram praticamente as mesmas, apenas com outros nomes.

Alguns escravos neles acreditaram. Outros se aproveitaram da quase obrigatoriedade da prática dos cultos católicos, para, ao realizá-los, efetivarem verdadeiros cultos de Umbanda, apenas mascarados pela religião oficial do colonizador. Esclarecida esta questão, não negamos as funções únicas e importantíssimas de Oxalá perante a mitologia ioruba. É o princípio gerador em potencial, o responsável pela existência de todos os seres do céu e da terra. É o que permite a concepção no sentido masculino do termo. Sua cor é o branco, porque ela é a soma de todas as cores.

Por causa de Oxalá a cor branca esta associada ao candomblé e aos cultos afro-brasileiros em geral, e não importa qual o santo cultuado num terreiro, nem o Orixá de cabeça de cada filho de santo, é comum que se vistam de branco, prestando homenagem ao Pai de todos os Orixás e dos seres humanos. Se essa mesma, gostar e quiser usar roupas com as cores do seu ELEDÁ (primeiro Orixá de cabeça) e dos seus AJUNTÓS (adjutores auxiliares do Orixá de cabeça) não terá problema algum, apenas dependendo da orientação da cúpula espiritual dirigente do terreiro.

Segundo as lendas, Oxalá é o pai de todos os Orixás, excetuando-se Logunedé , que é filho de Oxóssi e Oxum, e Iemanjá que tem uma filiação controvertida, sendo mais citados Odudua e Olokum como seus pais, mas efetivamente Oxalá nunca foi apontado como seu pai.

AS CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OXALÁ

As características tão bem sintetizadas por Monique Augras ao descrever a dança de Oxalá (no ritual de nação) definem bem o arquétipo psicológico a ele associado. São caracteres encontrados nos arquétipos ocidentais também em relação à figura paterna.

Oxalá é o pai dos Orixás e, por extensão, de toda a humanidade. Estabelece, pois, entre si e os outros, uma aura não de temeridade (já que não é nada inseguro), mas sim de respeito e carinho. Os filhos de Oxalá, portanto, são pessoas tranqüilas, com tendência à calma, até nos momentos mais difíceis; conseguem o respeito mesmo sem que se esforcem objetivamente para obtê-lo. São amáveis e pensativos, mas nunca de maneira subserviente. Às vezes chegam a ser autoritários, mas isso acontece com os que têm Orixás guerreiros ou autoritários como adjutores (ajuntós).

Sabem argumentar bem, tendo uma queda para trabalhos que impliquem em organização. Gostam de centralizar tudo em torno de si mesmos. São reservados, mas raramente orgulhosos.

Seu defeito mais comum é a teimosia, principalmente quando têm certeza de suas convicções; será difícil convencê-los de que estão errados ou que existem outros caminhos para a resolução de um problema.

No Oxalá mais velho (OXALUFÃ) a tendência se traduz em ranzinzice e intolerância, enquanto no Oxalá novo (OXAGUIÃ) tem certo furor pelo debate e pela argumentação.

Para Oxalá, a idéia e o verbo são sempre mais importantes que a ação, não sendo raro encontrá-los em carreiras onde a linguagem (escrita ou falada) seja o ponto fundamental.

Fisicamente, os filhos de Oxalá tendem a apresentar um porte majestoso ou no mínimo digno, principalmente na maneira de andar e não na constituição física; não é alto e magro como o filho de Ogum nem tão compacto e forte como os filhos de Xangô. Às vezes, porém, essa maneira de caminhar e se postar dão lugar a alguém com tendência a ficar curvado, como se o peso de toda uma longa vida caísse sobre seus ombros, mesmo em se tratando de alguém muito jovem.

AS ÁGUAS DE OXALÁ A LENDA

Na quinta-feira à noite, antes de se iniciarem os preceitos das águas de Oxalá, das dezenove até às vinte e quatro horas, todos os filhos e filhas da casa são obrigados a fazer um bori (obrigação que se faz com a fruta chamada obi e água) para poderem carregar as águas.

Depois desse bori, vão se agasalhar, até que são despertados pela Babalorixá para iniciarem o preceito das águas. Os filhos do Axé, trajados de alvo, saem em silêncio do terreiro, em procissão, carregando potes e moringues, tendo à frente o Babalorixá tocando o seu adjá. Dirige-se para uma fonte próxima.

Hoje, essa obrigação é feita dentro do próprio terreiro. Meia hora depois, com suas vasilhas cheias d’água, aproximam-se de um lugar apropriado, todo cercado de palha, com uma oca indígena, chamado Balué, onde se colocou o assento do velho Oxalá. Ali, todos apresentam aquelas águas ao Babalorixá, que as derrama por cima do assento de Oxalá.

São feitas três viagens à fonte ou aonde está a água, e, na terceira, a água não é mais derramada, ficando todas as vasilhas cheias depositadas no Balué, sendo colocada uma cortina branca na porta e uma esteira no chão.

Cada pessoa que chega ajoelha-se sobre aquela esteira em sinal de reverência. Algumas pessoas, os que têm orixá masculino, dão Dodobalé, deitam-se de fio ao comprido, tocando a cabeça no chão. As demais dão o Iká otun iká osi, virando-se de um lado e do outro, tocando o chão com a cabeça – são as que têm o orixá feminino. Depois dessa cortesia, o Babalorixá, juntamente com todos os seus filhos e associados, começa a cantar uma saudação para Oxalá (Oriki):

Babá êpa ô

Babá êpa ô

Ará mi fo adiê

Êpa ô Ará mi ko a xekê Axekê koma do dun ô

Êpa Babá

Depois de cantada essa saudação, todas as pessoas pertencentes à Oxalá são por ele manifestadas e vão até o Balué, que é, como já se viu, onde está o assento do orixá. Fazem ali determinadas reverências e cumprimentam a todos, agradecendo o sacrifício daquele dia e rogando a Oduduá para abençoar a todos.

Por que Oxalá usa Okodide (transcrição do livro Porque Oxalá usa Ekodidé – Deoscóredes M. dos Santos-DIDI – Edição Cavaleiro da Lua – Fundação Cultural do Estado da Bahia – foi mantida a ortografia original do manuscrito)

Muito tempo depois que Oduduwa chegou em Ilê Ifé e começaram a adorar o culto das Águas de Oxalá, aconteceu que, logo no primeiro ano, quando estava perto das festas Oxalá escolheu uma senhora das mais velhas do terreiro, chamada Omon Oxum, para tomar conta de todo, ou melhor, de toda sua roupa, adornos e apetrechos, depositando com toda benevolência nas mãos dela aquele direito especial para tomar conta de tudo que lhe pertencesse, da coroa ao sapato.

Omon Oxum por nunca ter tido nenhum filho, criava uma menina. Dessa data em diante ela e a menina ficaram sendo odiadas por algumas pessoas que faziam parte nesse terreiro e que por inveja de Omon Oxum começaram a tramar novidades, procurando um meio qualquer para fazer Oxalá se zangar com ela e tomar o “Axé” entregue por Oxalá. Fizeram coisas que Deus duvida contra Omon Oxum porém nada surtia efeito. Cada vez mais Oxalá ia aumentando a amizade e dedicação para Omon Oxum. Ela era muito devotada ao cumprimento das suas obrigações e não dava margem alguma para ser por ele repreendida.

Como dizem que a água dá na pedra até que fura, aconteceu que, na véspera do dia da festa, as invejosas, já desiludidas por poderem fazer o que desejavam, de passagem pela casa de Omon Oxum se depararam com a coroa de Oxalá que ela tinha arriado e colocado no sol para secar.

Quando elas viram a coroa de Oxalá muito bonita e mais reluzente do que nunca, combinaram roubar a coroa e ir jogar no fundo do mar. E assim fizeram. Quando Omon Oxum foi apanhar a coroa para guardar, não encontrou. Ficou doida. Procura daqui procura dali, remexeram com tudo procurando em todos os cantos da casa e nada da coroa aparecer. As invejosas vendo a aflição que estava passando Omon Oxum e sua filhinha, satisfeitas pelo mal que tinham causado, riam as gaiofadas dizendo: agora sim quero ver como ela vai se atar com Oxalá amanhã quando ele procurar a coroa e não encontrar.

A essa altura Omon Oxum completamente perdida só pensava em se matar e já estava resolvida a fazer isso para não passar vergonha perante Oxalá. Foi quando a meninazinha, sua filha de criação disse: – Mamãe, porque a senhora não vai na feira amanhã de manhã bem cedinho e não compra o peixe mais bonito que tiver lá?

A coroa de Oxalá deve estar na barriga desse peixe. E assim a menina insistiu, insistiu tanto, até que Omon Oxum se decidiu a aceitar o que a menina aconselhou, dizendo:- Fique tranqüila minha filha, porque de madrugada eu vou acordar para ir à feira ver se encontro com esse peixe que você imagina ter a coroa do nosso Rei Oxalá na barriga.

A menina foi dormir tranqüila. Omon Oxum coitada, não pôde dormir toda a noite preocupada que já amanhecesse o dia para ela ir a feira ver se conseguia encontrar o dito peixe que a menina julgava ter a coroa na barriga. Quando o dia mal tinha clareado, Omon Oxum pulou da cama, se preparou e lá se foi. Quando ela chegou na feira foi diretamente no mercado de peixe e não encontrou nenhuma escama.

Ainda era muito cedo. Omon Oxum deu uma volta pela feira e já bastante impaciente voltou ao mercado onde encontrou um senhor vendendo um peixe, cujo peixe, era o único que se encontrava no mercado. Omon Oxum comprou o peixe e foi voando para casa a fim de destrincha-lo. Queria ver se sua filha tinha aconselhado bem, para ela poder obter a paz e tranqüilidade espiritual, encontrando a coroa de Oxalá. Assim que ela chegou em casa foi logo para a cozinha para abrir a barriga do peixe.

Porém não conseguiu. Quando ela estava aí se acabando de chorar e labutando para abrir a barriga do peixe, a menina acordou e foi logo perguntando: – Mamãe já comprou o peixe? A senhora deixa que eu abra a barriga dele? – Omon Oxum bastante chorosa respondeu:- Minha filha a barriga dele está muito dura. Eu não posso abrir quanto mais você.

A menina se levantou, chegou na cozinha, apanhou um cacumbú e puxou rasgando a barriga do peixe, está se abriu em bandas deixando aparecer a coroa de Oxalá ainda mais bonita do que era antes. Omon Oxum se abraçou com a menina e de tanto contentamento não sabia o que fazer com ela. Carregava, beijava, dançava, e por fim Omon Oxum olhando para a menina e em seguida voltando as vistas para o céu, disse: – Olorun, Deus que lhe abençoe.

Sua mãe está sendo perseguida, porém com a fé que tem no seu Eledá, anjo da guarda, não ha de ser vencida. Limparam muito bem limpa, a coroa, e guardaram, muito bem guardada, juntamente com o resto das coisas pertencentes a Oxalá. Em seguida Omon Oxum cozinhou o

peixe, fez um grande almoço e convidou a todos da casa para almoçar com ela dizendo que estava festejando o dia da festa do Pai Oxalá.

Ao meio dia Omon Oxum juntamente com seu, quero dizer, sua filhinha serviram o almoço acompanhado de Aluá ou Aruá, a bebida predileta de Oxalá a qual os Erê dão o nome de mijo do pai.

Depois do almoço todos foram descansar para na hora determinada dar começo a festa das Águas de Oxalá. As invejosas quando viram todo aquele movimento, Omon Oxum muito alegre como se nada tivesse acontecido a ponto de dar até um banquete em homenagem a Festa de Oxalá, ficaram malucas. Uma delas perguntou:- Será que ela encontrou a coroa? – Outra respondeu:- Eu bem disse que queimasse. – E a outra mais danada ainda dizia:- Eu disse a vocês que o melhor era cavar um buraco bem fundo e enterrar. – A primeira procurando acalmar os ânimos, disse para a outra:- Vamos esperar até a hora que ela apresentar as roupas de Oxalá com todos os armamentos.

Se a coroa estiver no meio o jeito que temos é fazer um grande ebó e colocar na cadeira onde ela vai se sentar ao lado de Oxalá. – O ebó, sacrifício, pode ser empregado para o bem ou para o mal.

Quando estava perto da hora de começar a festa, Omon Oxum apresentou a Oxalá toda a roupa com todos os armamentos deixando as invejosas mais danadas e com mais desejo de vingança, a ponto de procurarem fazer o ebó por elas idealizado e colocar na cadeira onde Omon Oxum era obrigada a sentar-se por ordem de Oxalá.

Começou a festa com a maior alegria possível. Oxalá chegou acompanhado por Omon Oxum e se sentou no trono. Omon Oxum sem saber do que estava sendo feito contra ela, também se sentou na sua cadeira ao lado de Oxalá. Quando começaram as cerimônias e que Oxalá precisou de colocar a sua coroa, virou-se para Omon Oxum e pediu para ela ir apanhar a coroa. Omon Oxum quis levantar e não pôde. Fez força para um lado, para o outro, e nada de poder levantar-se, até quando ela decidiu levantar-se de qualquer maneira.

Devido a grande dor que sentiu, olhou para a cadeira e viu que estava toda suja de sangue. Alucinada de dor, e horrorizada por saber que Oxalá de forma nenhuma podia ter nada de vermelho perto dele porque era ewó, proibição, saiu esbaforida pela porta afora, indo se esbarrar na casa de Exú. Quando Exú abriu a porta que viu Omon Oxum toda suja de vermelho, disse:- Você vindo desse jeito da casa de meu pai? Infringiu o regulamento e eu não posso lhe abrigar,- e fechou a porta. Daí ela foi para a casa de Ogun, Oxossi, de todos Orixás e sempre diziam a mesma coisa que disse Exú.

Só restava a casa de Oxum. Quando Omon Oxum chegou a casa de Oxum, esta já tinha sabido do que estava acontecendo e estava a sua espera. Omon Oxum se jogando nos pés dela disse:- Minha mãe me valha, estou perdida. Oxalá não vai me querer mais em sua casa. Oxum disse para ela que não se preocupasse, que um dia Oxalá ia buscar ela de volta. Depois Oxum, usando de sua magia, fez com que, do lugar onde sangrava em Omon Oxum saísse Ekodide, pena vermelha de papagaio da costa, até quando sare a ferida. Oxum, depois de colocar todo aquele

Ekodidé numa grande igbá, cuia, reuniu todo seu pessoal e todas as noites faziam um xirê, festa, cantando assim:

BI O TA LADÊ

BI O TA LADÊ IRÚ MALÉ

IYA OMIN TA LADÊ OTO RU ÉFAN KOBÁJA

OBIRIN IYA OMIN TA LADÊ E

Assim Oxum ricamente vestida, sentada no seu trono, com Omon Oxum ao seu lado, a cuia de Ekodidés e a vasilha para colocarem dinheiro em frente a elas, recebia as visitas de todos os Orixás que iam até lá para ver e saber porque Oxum estava fazendo aquela festa todas as noites. Todos que lá chegavam e ficavam sabendo do acontecimento, si era homem dava dodóbálé, se estirava de peito no chão para Oxum, depois apanhava um Ekodidé e colocava uma certa quantia na vasilha que estava ao lado para ser colocado o dinheiro, e se era mulher dava iká, quer dizer, se deitava no chão de um lado e do outro para Oxum e em seguida apanhava um Ekodidé e colocava também o dinheiro na referida vasilha.

Tudo aquilo que estava acontecendo no palácio de Oxum, ficou sendo muito propalado e as invejosas faziam todo possível para que Oxalá não soubesse. Um dia, elas, sem observarem que Oxalá estava por perto, começaram a comentar o caso, onde uma delas disse:- Com ela não tem quem possa, depois de tudo o que nós fizemos, depois de ter acontecido o que aconteceu aqui no palácio de Oxalá e de ter sido enjeitada por todos Orixás, vocês não estão vendo que Oxum abrigou ela? Curou, conseguindo que do lugar que sangrava saísse Ekodidé, fazendo uma grande fortuna e aumentando a sua riqueza.

Agora só nos resta é fazer com que o velho não saiba do que está acontecendo no palácio de Oxum, se não é bem capaz de querer ir até lá. Nisso o velho Oxalá pigarreou dando a entender que tinha ouvido toda a conversação. Ordenou a elas que procurassem saber a hora que começava o xirê no palácio de Oxum e que elas iam servir de companhia para ele poder ir apreciar o xirê e tomar conhecimento do que estava acontecendo. Quando elas ouviram Oxalá falar desta maneira bem pertinho delas a terra lhe faltaram nos pés e o remorso montou nos seus cangotes fazendo com que elas fugissem para nunca mais voltar ao palácio de Oxalá. A noite, depois do jantar, Oxalá cansado de esperar pelas três invejosas e não vendo nenhuma delas aparecer, disse:- Fugiram com medo de que eu castigasse pela grande injustiça que cometeram, não sabendo de que o castigo será dado pelas mesmas. Assim Oxalá se dirigiu para o palácio de Oxum afim de assistir o xirê e saber qual a causa do mesmo.

Quando Oxalá chegou no palácio de Oxum mandou anunciar a sua chegada. Oxum mais bonita do que nunca, coberta de ouro e muitas jóias dos pés a cabeça, sentada no seu rico trono, mandou que Oxalá entrasse, e continuou o xirê cantando:

BI O TA LADÊ, BI O TA LADÊ, IRÚ MALÊ, IYA OMIN TA LADÊ.

Quando Oxalá entrou ficou abismado de ver tanta riqueza e quando reparou bem para Oxum, que viu a seu lado Omon Oxum, a pessoa que cuidava dele e de todas suas coisas, a quem ele julgava ter perdido devido o que tinha acontecido, não se conteve, se jogou também no chão dando dodóbálé para Oxum, apanhando um Ekodidé e colocando bastante dinheiro na vasilha. Oxum quando viu o velho dar dodóbálé para ela, se levantou cantando:

DÓDÓ FIN DODÓBÁLÉ KÓ BINRIN IYA OMIN TA LADÊ

E foi ajudar a Oxalá se levantar do chão. Depois que Oxalá se levantou Oxum pegou Omon Oxum pela mão e entregou à Oxalá dizendo:- Aqui está a vossa zeladora, sã e salva de todo mal que desejaram e fizeram para ela para que ela ficasse odiada por vós.

Oxalá agradecendo a Oxum disse:- Oxum, em agradecimento a tudo o que fizestes de bem e para amenizar os sofrimentos de Omon Oxum eu, Oxalá, prometo levar ela de volta para o meu palácio e de hoje em diante nunca hei de me separar desta pena vermelha que é o Ekodidé e que será o único sinal desta cor que carregarei sobre o meu corpo

CURSOS DO AXÉ ÒYÓ ILÉ

1-IFÀ E ERINDINLOGUN (Jogo de Búzios)

OBJETIVOS

Transmitir ao aluno conhecimentos sobre:

- O surgimento do “Erindinlogun” (Jogo de Búzios) e os fundamentos básicos do Jogo de Búzios segundo a Tradição Africana.

-Fundamentos básicos de Ebo sobre a Interpretação do “Erindinlogun” (Jogo de búzios).

- Significado de cada “Odu” no Erindinlogun.

PROGRAMA

Parte I

- Conceito de Yorubá sobre Olodumare (Deus Supremo)

- Surgimento do “Erindinlogun” (Jogo de Búzios)

- Sistema de Adivinhação

- Odu e Destino do Homem

- Omo Odu - Qual a participação?

Parte II

- Os 16 Odus e Òrísàs

- Influência de Òrísà no Odu

- Oriki de cada Odu

Parte III

- Louvação antes do Jogo

- As caídas do Jogo de Búzios

- Influência de um odu sobre os outros

Duração do Curso: TRÊS MESES

Matrícula: R$ 200,00 - Valor do Curso: R$ 2800,00

2-ABIKU OU EMERE (OGBANJE)

OBJETIVOS

Transmitir ao aluno conhecimentos reais sobre:

- A concepção de Abiku ou Emere

- Sua Influência na prática do Culto aos Òrísàs, Magia (Oogun) e no Nascimento.

PROGRAMA

- Como Identificar um Abiku ou Emere

- Qual a influência na vida dos parentes

- Como evitar Emere ou Abiku

- Importância do nome no Culto de Abiku e seus significados

- Oferendas para Abiku

- Os Òrísàs com Abiku

- Conceito do Ifà sobre Abiku

Duração do Curso: TRÊS DIAS 2 horas de aula

Matrícula: R$ 200,00 - Valor do Curso: R$ 1800,00

Turmas reduzidas: 10 alunos

3-IYAMI OSORONGA (Os Ajes)

OBJETIVOS

Transmitir ao aluno conhecimentos sobre:

- Conceito de Iyami Osoranga, lados bom e ruim

- Seus símbolos, rezas e louvação.

- Como atrair lado bom deles

PROGRAMA

- Iyami Osoronga - O que é?

- Qual a Importância para os homens?

- Como fazer Ebo para atrair sua energia positiva

- Magia no Culto de Iyami Osoronga

- Os vários tipos de Ajes: Aje funfun, Aje pupa, Aje Dudu

- A Influência de Iyami Osoronga sobre o destino do “eniyan” (ser humano)

- Qual o impacto de Ifà no culto de Iyami Osoronga

- Qual Odu serve para acalmá-lo

- Como assentar o Iyami Osoronga (forma básica)

- Oferenda para Iyami Osoronga e Rezas

- Local para colocar Oferendas

- O que levar como Oferenda

- Kisilas de Iyami Osoronga

- Elemento de representação de Iyami

Duração do Curso: TRÊS DIAS 2 horas de aula

Matrícula: R$ 200,00 - Valor do Curso: R$ 1800,00

5-EWE (FOLHAS) / EGBO (RAÍZES)

OBJETIVOS

Transmitir ao aluno conhecimentos sobre:

- Nome das folhas e seus elementos como: egbo (raízes), seu poder e segredos nos rituais de Orisás

- Função das folhas – como preparar banhos

- Uso de folhas na preparação de amuletos e patuás

PROGRAMA

- Relação de Osanyi com as folhas, mitos e lendas

- O Poder das Folhas

- Cantigas das folhas

- Nomes das folhas mais usadas no Culto.

- Poder bioquímico das folhas

- Preparação das folhas nos rituais de Orisás

- Exposição das folhas mais importantes no Culto

- Preparação de banhos para limpeza de energia negativa

- Banhos para lavar orisá em preparação de assentamentos

- Preparação de simpatias, amuletos, patuás para proteção individual, familiar, do ambiente doméstico e profissional

Duração do Curso: TRÊS DIAS

Matrícula: R$ 200,00 - Valor do Curso: R$ 1800,00

6-OBI

OBJETIVOS

Transmitir ao aluno conhecimentos sobre:

- Obi como elemento mais utilizado no Culto de Òrísàs

- Como e quando utilizar Obi no Culto de Òrísàs

- Rezas e Louvações

- Jogo de Obi

PROGRAMA

- Mitos e Natureza da divindade de Obi

- Importância de Obi no Culto

- Tipos de Obi e uso de cada um

- Obi e Magia

- Influência de Obi no Ebo

- Jogo de Obi

- Significado de cada caída

- Rezas e invocações de Obi

Matrícula: R$ 200,00 - Valor do Curso: R$ 1800,00

7-EBO OU ETUTU

OBJETIVOS

Transmitir ao aluno conhecimentos sobre:

- Oferendas de uso no Ebo através do ensino de elementos.

- Oriki, Rezas e Cantigas.

- Influência de Ebo na vida dos homens

- Iniciação nos procedimentos fundamentais de Ebo e Magia

PROGRAMA

- Conceito de Ebo

- Distinção de Ebo e Oogun (Magia)

- A Importância de Ebo no Culto dos Òrísàs

- Os segredos dos materiais de uso no Ebo.

- Ebo para atrair boa Saúde

- Ebo para atrair bom Emprego

- Ebo para Proteção

- Ebo para atrair Prosperidade

- Ebo para Comércio

- Rezas, Invocações e Cantigas para Ebo.

Duração do Curso: três dias 2 horas de aula

Matrícula: R$ 200,00 - Valor do Curso: R$ 1800,00

Turmas reduzidas: 10 alunos

PARA SE INSCREVER EM QUALQUER DE NOSSOS CURSOS CLIQUE E ACESSE:

FORMULÁRIO DE INSCRICAO

CURSOS

PREENCHA O FORMULARIO ABAIXO.

(OBS: TODOS OS CAMPOS SAO OBRIGATORIOS)

NOME COMPLETO:

DATA DE NASC DD/MM/AAAA SEXO:

RG: CPF:

CIDADE/ESTADO:

TEL.RES.:(DDD) TEL.COML.(DDD)

TEL.CEL.:(DDD) TEL/FAX: (DDD)

ENDERECO (R.AV): NUMERO:

COMPLEMENTO: BAIRRO: CEP:

SEU E-MAIL:

ESCREVA AQUI O CURSO QUE DESEJA:

ESCREVA AQUI SUAS PERGUNTAS/DUVIDAS, ETC..

Obs.: Associados do Centro Cultural Africano AXÉ ÒYÓ ILÊ e portadores De Cartões de Crédito têm desconto na mensalidade e isenção de matrícula.